anais de história de além-mar

XIII

ANO 2012

CENTRO DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

CHAM

N.º 13, 2012

Anais de História de Além-Mar

Lisboa / Ponta Delgada

ÍNDICE

Nota de Abertura, por João Paulo Oliveira e Costa 5

THE *CODEX CASANATENSE* 1889:
OPEN QUESTIONS AND NEW PERSPECTIVES

INTRODUCTION, Ernst van den Boogaart..... 9

IDENTIFYING THE ARTIST OF *CODEX CASANATENSE* 1889, J. P. Losty 13

INFORMATION NETWORKS IN THE *ESTADO DA ÍNDIA*, A CASE STUDY: WAS GARCIA DE ORTA THE ORGANIZER OF THE *CODEX CASANATENSE* 1889?, Rui Manuel Loureiro..... 41

CIVILITY AND SIN: THE SURVEY OF THE PEOPLES, POLITIES AND RELIGIONS OF PORTUGUESE ASIA IN THE *CODEX CASANATENSE*, Ernst van den Boogaart..... 73

DA REPRESENTAÇÃO DO «OUTRO» NO *CÓDICE CASANATENSE*, OU COMO AS REPRESENTAÇÕES VISUAIS SE ALIAM A UMA CRONÍSTICA DA EXPANSÃO, Ana Paula Avelar 113

DE L'ILLUSTRATION À L'IDENTIFICATION: QUELQUES REMARQUES AU SUJET DE LA REPRÉSENTATION DES POPULATIONS TURCO-IRANIENNES DANS LE *CODEX CASANATENSE* 1889, Vasco Resende 133

"COBRAS DA ÍNDIA DE DUAS CABEÇAS NÃO FAZEM MAL". *CODEX CASANATENSE* 1889, Fl. 91, Peter Mason..... 153

O PINTOR SIMÃO RODRIGUES E A POSSE DO *CODEX CASANATENSE* EM 1628: FORTUNA, ATRIBULAÇÕES E INFLUÊNCIAS ARTÍSTICAS, Vítor Serrão..... 169

***Casanatense* Images** 199

ARTIGOS

DA CAÇA DE MONDRAGÓN À GUARDA DO ESTREITO DE GIBRALTAR (1508-1513): OS GUARDIÕES DA MEMÓRIA DE DUARTE PACHECO PEREIRA E A ECONOMIA DA MERCÊ NOS SÉCULOS XVI-XVII, Andreia Martins de Carvalho e Pedro Pinto 221

MAPAS PARA UNA GUERRA. LA *DESCRIPCIÓN DE LAS COSTAS DE PORTUGAL* DEL ALMIRANTE DON ANTÓNIO DA CUNHA E ANDRADA (1641-1661), Rafael Valladares y Antonio Sánchez Martínez 333

IN PRAISE OF THE PORTUGUESE: IMAGES OF POWER AND RELIGION IN SEVENTEENTH-CENTURY CEILÃO, Stephen C. Berkwitz 433

AS DISSENSÕES SOBRE O DOMÍNIO DA NAVEGAÇÃO NO RIO DE MAIM NO CONTEXTO DO RELACIONAMENTO LUSO-BRITÂNICO EM BOMBAIM (1716-1722), Pedro Nobre 455

Recensões 487

Notícias 529

Resumos / ***Abstracts*** 549

Procedimentos Editoriais / ***Editorial Process*** 561

Normas para elaboração e apresentação de textos / ***Guidelines for the Preparation and Submission of Manuscripts*** 565

NOTA DE ABERTURA

O leitor tem nas mãos o volume XIII dos *Anais de História de Além-Mar*. O prosseguimento deste projecto editorial, iniciado no ano 2000, é, sem dúvida, um sinal da vitalidade do Centro de História de Além-Mar como unidade de investigação, pela capacidade de obter a colaboração de numerosos investigadores e instituições. O número de candidaturas a publicação tem crescido, o que tem permitido uma selecção mais exigente e, consequentemente, o reforço da qualidade da revista, que acompanha o crescimento da visibilidade do CHAM tanto a nível nacional como internacional. Apesar de o Centro contar com perto de 200 investigadores, os *Anais* continuam a publicar maioritariamente trabalhos de autores de outras instituições, muitos deles filiados em universidades estrangeiras.

Este volume inclui o primeiro *dossier* temático dedicado a uma obra que há muito seduz inúmeros historiadores mais um público vasto e diversificado. Refiro-me ao célebre Códice Casanatense, que aqui é analisado e dissecado por sete autores, sob a coordenação de Ernst van den Boogaart. Estamos gratos a toda a equipa que produziu o dossier, bem como à Biblioteca Casanatense, que disponibilizou as imagens.

A inclusão de *dossiers* temáticos mostrou ser uma experiência interessante, que desejamos repetir no próximo número com trabalhos em torno do tema "Os Judeus e o comércio colonial (séc. XVI-XIX)" sob a coordenação de José Alberto Tavim e Maria Manuel Torrão, investigadores do Instituto de Investigação Científica Tropical.

Outro facto que merece particular destaque e que é para nós motivo de grande satisfação é o de os *Anais* terem sido indexados na SCOPUS. É uma das primeiras revistas portuguesas da área de História a ser integrada nesta prestigiada base de dados, o que mais a valoriza. Estou certo de que a equipa editorial conseguirá manter o elevado nível em que colocou a revista para que a associação dos *Anais* à SCOPUS perdure por muito tempo.

Quero, por isso, como Director do CHAM e dos *Anais* agradecer o trabalho dedicado que vem sendo realizado pelo Conselho de Redacção, com particular destaque para o labor de Tiago C. P. dos Reis Miranda e de Silvana Roque de Oliveira, sem os quais esta revista não teria atingido o patamar de excelência em que se encontra.

João Paulo Oliveira e Costa

The *Codex Casanatense* 1889: open questions and new perspectives

ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR, Vol. XIII, 2012, pp. 9-11

INTRODUCTION

by
ERNST VAN DEN BOOGAART

The simple, colorful images of the *Codex Casanatense* have an immediate appeal, even in reproduction. Since they were published by Luís de Matos in Portugal and Franco Maria Ricci in Italy, they have frequently been used in exhibitions and texts to evoke the Asian world in which the Portuguese operated. Reproduced on the cover of the third volume of Braudel's *Civilisation matérielle, économie et capitalisme*, the "Portuguese in Ormuz" forced by the heat to take a meal seated in a bathing pool became particularly famous. What the images had to tell seemed obvious: they showed the costumes and some of the customs of the Asian peoples with whom the Portuguese had established contact in the first half of the sixteenth century.

Georg Schurhammer S.J., who rediscovered the engaging collection during his research for the life of Franciscus Xaverius, believed that the images were based on eye-witness observation and thought they were very faithful. He perceived them as a kind of illustrative supplement to Duarte Barbosa's *Livro*, a view he supported with some telling examples. Matos largely shared this view, but his more extensive comparisons between the images in the codex and the descriptions by Portuguese travelers and chroniclers turned up all kinds of discrepancies. This encouraged a more complex conception of the documentary nature of the images and the narrative texts. Clearly, the images and texts evoke ways of life in sixteenth-century Asia, but the reality to which they refer remains evasive. After all, reality is a superabundance of information that humans master not merely by observation, but also by ordering the observations according to interpretative frameworks they share with others, but to which they add individual features. Sanjay Subrahmanyam brought this out in his comments on some of the religious scenes depicted in the *Codex Casanatense*. The articles in this dossier pursue the leads provided by Schurhammer, Matos and Subrahmanyam.

Schurhammer was convinced that the painter of the Asian images of the codex was Portuguese. A few commentators suggested that the style in which the paintings had been executed was Indian, without however arguing their case in detail. Jerry Losty confronts the issue head on. By careful and detailed comparisons between the *Codex Casanatense* and Indian manuscript illustrations he builds a strong case for attributing the codex to an Indian artist. The iconography the artist employed – the couples and customs formula – was, however, Western, most likely suggested by a Portuguese patron. This makes the codex into one of those hybrid works of art of which Portuguese-indigenous encounters in West Africa and Sri Lanka offer other examples.

In my contribution I analyze the use of the couples and customs formula in detail. I argue that in addition to the division into Christians, Jews, Muslims and pagans the images show a division of Portuguese Asia into three large culture areas – the Arabian-Persian orbit, the Indian subcontinent and South-East Asia. Moreover, they present Asia as a continent largely inhabited by civil people, in contrast to the more savage Africans south of the Sahara. In my view, the codex is not so much a costume book as the visualization of ethnographic classification. This is a Western reading of the images. It needs to be supplemented by a reading that gives due weight to the contributions of the Indian painter to meaning of the images.

The image with "Hispar, Visno and Brama" and the one with the two-headed cobra are of a different nature than the others. They are symbolic images, derived from Indian iconography. In the context of the codex they are at the same time classificatory images, indicating paganism. However, as Peter Mason points out, some Western viewers may have taken the image of the two-headed cobra not merely as a symbol, but also as the depiction of a real, observable animal. In the early-modern period many Westerners believed that two-headed snakes actually occurred as an animal species.

Ana Paula Avelar and Vasco Resende compare the images of the codex with interpretative frameworks and specific descriptions in texts by Portuguese travelers and chroniclers. Ana Paula Avelar points out that the Portuguese texts and the Luso-Indian codex share a geographic framework stretching from Eastern Africa to China, and a set of social topics. This does not mean that the texts and the codex deal with all the topics in precisely the same way. This is only sporadically the case. More commonly they vary, add to, transform or delete some of the shared topics. They participate in a common discourse on Asia. Focusing on the Turco-Iranian peoples,

Vasco Resende takes the same approach as Avelar. He was one of the first to suggest that some of the legends in the codex are inaccurate and that the present numbering may disagree with the original sequence of the plates. In my contribution I followed up this lead for a more extensive deconstruction and reassembling of the codex.

Only the not very likely discovery of a textual source mentioning the patron of the codex will establish his identity beyond doubt. In the meantime we will have to make do with educated guesses based on data from the codex and life histories. Rui Loureiro demonstrates how such an informed guess can be constructed and suggests Garcia da Orta as a possible patron. Cases for other people can undoubtedly be built and contribute to further profiling of the patron.

In a beautiful piece of historical detective work, Vítor Serrão reveals that the author of the pen drawing showing the disfigured baby, on the last page of the codex, may have been the painter Simão Rodrigues. The interest in the baby was inspired by the persistent millennial expectations recurring after the death of King Sebastian. That pen drawing documents that the codex circulated at the beginning of the seventeenth century among a group of Lisbon painters who were collecting depictions of Asians to be used for the Legend of Saint Francis Xavier in the sacristy of the Church of São Roque. The fortunes of codex and the Saint were linked long before Father Schurhammer's rediscovery.

Finally, I would like to thank the editors of AHAM for entrusting me with the organization of this dossier and in particular Tiago Miranda, for his unstinting support, and Rita Almeida Simões, for her meticulous editing of the texts. The authors I approached handed in substantial articles that greatly add to our appreciation of the codex. I am grateful to all of them. Finally, Nuno Vassallo e Silva (Gulbenkian Museum), Susan Stronge (Victoria and Albert Museum), Carla Alferes Pinto (CHAM) and André Murteira (CHAM) deserve to be thanked for advice given in an early stage of putting together the dossier. We all are very much obliged to the Biblioteca Casanatense for sponsoring this project.

ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR, Vol. XIII, 2012, pp. 13-40

IDENTIFYING THE ARTIST OF *CODEX CASANATENSE* 1889*

by
J. P. LOSTY**

Although the artist of Codex Casanatense 1889 (henceforth the Codex) was long thought to be a Portuguese and hence identical with the writer of the inscriptions, in recent years, as more scholars of Indian painting have become acquainted with the Codex and its style, there has become a general consensus that the artist must have been Indian. Since the paintings lie so far outside the mainstream of discussions of sixteenth century Indian painting, this has yet to be demonstrated in print. This paper will contain, first, a general survey of Indian painting styles in the sixteenth century, and then concentrate on comparing specific examples of paintings from the Codex with elements from these various styles. It will thereby be demonstrated that the artist was of Indian origin.

Georg Schurhammer in his fundamental article on the Codex was in no doubt that the artist and the writer of the captions in Portuguese must have been identical and that therefore the painter must have been Portuguese.[1] It was no doubt his deserved reputation as a great scholar that made other scholars hesitate to put forward "heterodox" opinions, although in 1989 José Manuel Garcia appears to have been one of the first to argue, albeit briefly, that the painter was Indian and – he believed – Hindu.[2] Robert Barchiesi in

* The author wishes to express his thanks to Ernst van den Boogaart for his bibliographical guidance on earlier work on the Codex and on early sixteenth century European prints of the East.

** British Library.

[1] G. SCHURHAMMER, "Desenhos orientais do tempo de S. Francisco Xavier", in his *Gesammelte Studien*, Vol. II ("Orientalia"), Lisboa, 1963, pp. 111-118. Originally in *Garcia de Orta. Revista da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar*, special number 1956, pp. 247-256.

[2] J. M. GARCIA, "O Encontro das Religiões no Códice 1889 da Biblioteca Casanatense", in his *Ao Encontro dos Descobrimentos. Temas de História da Expansão*, Lisboa, 1994, pp. 85-92. Originally a contribution to a symposium in 1989, published in *O Sagrado e as Culturas*, Lisboa, Fundação Gulbenkian, 1992, pp. 105-117.

1994 and Luís de Matos in 1985 did not publicly disagree with Schurhammer, while Maria Camacho in 1997 still subscribed to the view that the painter was Portuguese.[3] The first scholar to argue at some length that the artist was an Indian painter was Maria Manuela Mota in 2001, who advanced points of technique and style as the basis for this opinion.[4] Neither of those scholars arguing in favour of an Indian artist has cited specific illustrated manuscripts or wall paintings from the period with which the paintings could be compared.

That there were such painters in Goa in the first half of the sixteenth century is not in doubt, nor that they were exposed to European painting through their copying of scenes from Christian iconography – there are various contemporary references to scenes of the Passion of Christ and pictures of Our Lord, Our Lady and other saints being painted by "*pintores gentios*", i.e. Indian specifically Hindu artists. Indeed they were actually forbidden to paint such religious images in an edict of 1567.[5] A little later in the century, it was through the copying of such images in the engravings imported into the Mughal court that Mughal artists learned specific European techniques relating to modelling, shading, and spatial recession, which they then incorporated into their own paintings. The artist of the Codex has not studied his models in any great depth or attempted to imitate the complex compositions of Renaissance prints, but has picked up just enough technique to give a Europeanised tinge to his own indigenous style. Thus the careful layering and burnishing of brightly coloured pigments and attention to detail in the indigenous styles has been replaced with washes of mostly sombre colours laid on with a broad brush and of course there is none of the gilding which adds sparkle to any Indian painting. The heavy outlining too in the Codex is something that is found only in the less sophisticated Indian manuscripts. With regard to his compositional sources, there would already have been many Christian images in Goa's churches and mansions, but these were often versions of the venerated but antique icons in the great churches of Rome and would be of no help in composing contemporary compositions.[6] His compositions in couples, male and female types, and his concentration on customs echo those in the prints in the costume and custom books that were only just beginning to appear in Europe. This subject is too complex

---

[3] R. Barchiesi, "L'Oriente catalogato in un manoscritto pittorico del Cinquecento", *Oltremare*, 1984, pp. 283-289 – originally in *Quaderni Portoghesi*, 4, 1978, pp. 163-82; Luís de Matos (ed.), *Imagens do Oriente no Século XVI. Reprodução do Códice Português da Biblioteca Casanatense*, Lisboa, 1985; M. J. Camacho, "Olhares Cruzados", *Oceanos*, n. 32, Oct./Dec. 1997.

[4] M. M. Mota, "Codice Casanatense: an Indo-Portuguese portrait of life in 16th-century India", in J. Pereira e P. Pal (ed.), *India and Portugal: Cultural Interactions*, Mumbai, 2001, pp. 35-45.

[5] L. de Matos (ed.), op. cit., pp. 23-24.

[6] Christian influences on the slightly later Mughal school have been often explored, but for the Goan connections, see in particular G. A. Bailey, *Art on the Jesuit Missions in Asia and Latin America, 1542-1774,* Toronto, London, University of Toronto Press, 1999.

to go into here in any depth, but such couples first seem to appear in the Hans Burgkmair's long woodcut frieze *Peoples of Africa and India*, printed in Augsburg in 1508.[7] His prints were inspired by Balthasar Springer who travelled to Africa and India in 1505-06 on behalf of the Welser family of Augsburg, and who presumably brought back some sketches for Burgkmair to work on. Springer's travel account with prints by Burgkmair (sometimes varied from the individual subjects of the frieze) appeared in his *Die Merfart* (modernised *Die Meerfahrt*) of 1509 and these as well as the iconography of the frieze were used in other printed booklets and broadsheets that spread rapidly throughout Europe. Whereas the artist of the Codex does not borrow figures or scenes directly from this woodcut frieze or any of its derivatives, it does contain precisely the same kind of content of couples in costume or types and of customs that is found in the costume books and travel books that had begun to appear in mid-sixteenth century Europe. So although the Burgkmair wooodcut of 1508 and its derivatives is the only such source specifically of eastern peoples that our artist could have had access to, nonetheless he or his patron must have known something about contemporary costume and travel books for him to have absorbed their basic premises.

Extant Indian manuscript and wall paintings, 1500-1570, that can be used for comparison with the Codex

In any discussion of Indian painting before the establishment of the Mughal studio in Delhi in 1555, it must be stressed how little has survived from the two millennia before that event, when we know from literary sources how important painting was in both the religious and secular traditions, both as frescoes on walls in monasteries, temples and palaces, and also as icons on cloth. Wars, invasions and India's climate, in which only the most well kept up buildings and their contents survive for long, have deprived us of almost everything in those genres. It is for the most part only manuscript paintings that have survived. Muslim rule over much of northern India and the Deccan was firmly established by the end of the fourteenth century. The unity of the Delhi Sultanate was destroyed by Timur's invasion in 1398, and throughout the fifteenth and first half of the sixteenth centuries northern India and the Deccan were divided up into different independent Muslim Sultanates. Independent Hindu kingdoms still survived in Rajasthan and adjacent areas in western India, and also in the empire of Vijayanagara in the southern Deccan. By the early sixteenth century a variety of manuscript painting styles flourished in these various courts, while non-royal patrons were also responsible for commissioning illustrated manuscripts.

---

[7] For Burgkmair's *Peoples of Africa and India* frieze, see Mark P. McDonald, "Burgkmair's Woodcut Frieze of the Natives of Africa and India", *Print Quarterly*, XX, 2003, pp. 225-244.

It is assumed here in the first instance, on the basis of the work of the various scholars mentioned above, that the Codex dates from around the third quarter of the sixteenth century and that the inscriptions, such as the reference to the siege of Diu on fl. 44, are contemporary, although obviously added after the paintings were made, since the writer had to fit them in wherever the artist left unpainted space. Unfortunately, only a relatively small number of Indian illustrated manuscripts and wall paintings survive from before this presumed dating of the Codex, and these will now be discussed briefly so that it will be possible later to pick out parallels. As the Portuguese had established themselves earlier at Goa, Daman and Diu, the nearer and more relevant painting styles will be discussed in detail first. The kingdoms neighbouring Goa included the Deccan Sultanates of Bijapur to the east and south-east, now parts of southern Maharashtra and northern Karnataka, and of Ahmadnagar to the north-east, now western Maharashtra. Further north was the Sultanate of Gujarat based on Ahmadabad, where the Portuguese had also established themselves in two island fortresses in Daman and Diu. Finally below Bijapur was the Hindu empire of Vijayanagara. It is to Vijayanagara that the scribe refers to when mentioning *Canara* or its inhabitants, equivalent to the modern Kanara and the state of Karnataka. Removed further from the west coast were the Sultanate of Golconda in the Deccan to the east of Bijapur and the Sultanate of Mandu in south central India. North of Gujarat were the independent Hindu kingdoms of Rajasthan, while south of Vijayanagara on the Malabar coast were the little kingdoms of what is now Kerala, none of the painting styles of which seems to have exerted any influence on the artist of the Codex. The Sultanates of Delhi, Jaunpur and Bengal in the north and east are likewise of no relevance to us here.

The term Sultanate is traditionally used to define the period of Indian history between the Muslim takeover in 1193 and the Mughal period beginning in 1526 (or preferably in 1555, following Humayun's re-conquest of Delhi), and has been extended to define the painting of the period done for Muslim patrons. Illustrated Sultanate manuscripts in the fifteenth century had drawn on the traditions of Shiraz in Persia for their painting style and without colophon information are virtually indistinguishable from the productions of Shiraz itself.[8] The various Muslim Sultans ruled over Hindu majorities and though they tried to emulate the rulers of Persia in language and culture, they were largely dependent on their Hindu subjects to implement their desires. The result was that distinctly Indian idioms eventually surfaced in the architecture and painting styles of the various Sultanates.

Although, on the one hand, illustrated Sultanate manuscripts are comparatively rare, on the other hand a fairly large number of illustrated manuscripts of Jain sacred texts survive from the period 1400-1550, mostly

[8] For an analysis of this material, see R. Ettinghausen and I. Fraad, "Sultanate painting in Persian style", in *Chhavi Golden Jubilee Volume*, Banaras, Bharat Kala Bhavan, Banaras Hindu University, 1971, pp. 48-66.

from Gujarat, where the Jains flourished even under Muslim rule as merchants and administrators. The Jain style with its angular line had crystallised into a stereotyped iconography in manuscripts of these texts around 1500.[9] A very noticeable feature of this style is the way the further eye in faces in three-quarter profile projects into space, a reminder of the difficulty Indian artists experienced when attempting to turn the face in three-quarter profile derived from classical Indian painting into the full profile typical of later Indian styles. This tension also surfaces in later Sultanate paintings.

The first stirrings of change in royal patronage in Sultanate painting towards a more Indian style are found in the Sultanate of Mandu or Malwa, in south central India, in the *Ni'matnama* ("Book of Delights"), a unique manuscript of a royal recipe book datable to 1495-1505 (British Library).[10] Various types of figures are represented therein. The basic Persian style is that of Shiraz, the style of which is taken up and modified by at least two Indian artists in the *Ni'matnama*. The Sultan Ghiyath al-Din is normally shown in every painting, sometimes in three-quarter view as in Persian painting, and sometimes in full profile. Conventions differ for the depiction of the innumerable women dressed as men with whom the Sultan surrounded himself (Fig. 1). Muslim women are shown in the Persian manner, but Indian ones are shown in full profile. Note here the use of varied viewpoints, the lack of spatial depth, and the alternation of elevation and plan to depict the architecture.

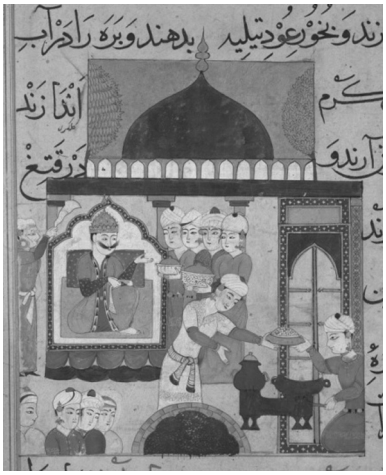


Fig. 1 – Preparing food for the Sultan of Mandu.
Folio from the *Ni'matnama, Mandu*, 1495-1505 (British Library, IO Islamic 149, fl. 8v).

[9] See M. Chandra, *Jain Miniature Painting from Western India*, Ahmedabad, 1949, for the best overview of Jain manuscript painting.

[10] R. Skelton, "The Ni'mat Nama: a landmark in Malwa painting", *Marg*, 12, 1959, pp. 44-50; N. M. Titley, *The Nimatnama Manuscript of the Sultans of Mandu*: *the Sultan's Book of Delights,* London, Routledge Curzon, 2005.

The *Ni'matnama* is a high-quality court production, but more relevant to our study here is a relatively unpolished *'Aja'ib as-Sanai* (a Persian translation by Shadiyabadi of al-Jazari's classic Arabic work on automata) datable to 1509 and also from Mandu (British Library) (Fig. 2.).[11] As in all such manuscripts, the illustrations are copied from its exemplar, but its artist also has some new ideas on figural representation that, like much else from Mandu, bore fruit later in the Deccan, and, we would suggest, with our artist of the Codex. Note here the way turbans and gowns are depicted.



Fig. 2 – Representation of male figures. From an *'Aja'ib as-Sanai* manuscript, Mandu, 1509 (British Library, Or 13718, fl. 7v, detail).

No illustrated manuscripts have been identified that come definitely from the Sultanate of Gujarat, but a manuscript from around 1500 of the *Iskandarnama* (the story of Alexander the Great told in Nizami's thirteenth century epic poem in Persian) is possibly a candidate. This manuscript was fortunately published before it vanished from scholarly sight (Fig. 3).[12] This is a fairly crude production but it has interesting parallels with the Codex, especially in its treatment of turbans, faces and especially eyes. Its broad washes of sombre colours and its heavy outlining are also relevant.

The most interesting of the Gujarati Jain manuscripts from our point of view is one containing two Jain scriptural texts, formerly in an Ahmadabad Jain library but now dispersed.[13] It was executed probably at Broach on the

---

[11] J. P. Losty, *The Art of the Book in India,* London, British Library, 1982, n. 68.

[12] K. Khandalavala, and M. Chandra, *New Documents of Indian Painting – a Reappraisal*, Bombay, Prince of Wales Museum of Western India, 1969, pp. 47-50, figs. 101-116. This remains the best summary of the relevant material known at that time, but there is much to disagree with regarding dating and place of production – see J. P. Losty, *The Art of the Book*, op. cit., pp. 37-73.

[13] K. Khandalavala and M. Chandra, op. cit., pp. 28-40, figs. 45-96.

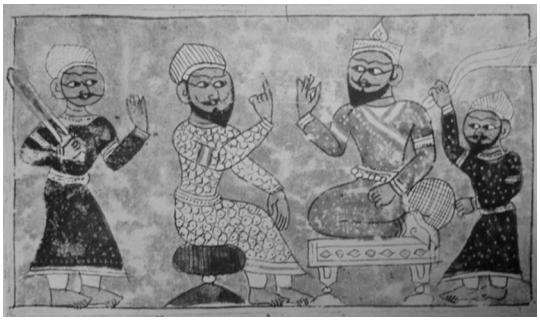


Fig. 3 –Sikandar and his advisers. Folio from a *Iskandarnama*, Sultanate, perhaps Gujarat, c. 1500 (after K. Khandalavala and M. Chandra).

coast of Gujarat around 1500. While the narrative images are richly coloured but stereotyped, with the familiar bodily distortions and the projecting further eye, the border decorations include lively figures culled from Sultanate painting. Again the treatment of the turbans strikes an accord with those in the Codex (Fig. 4).

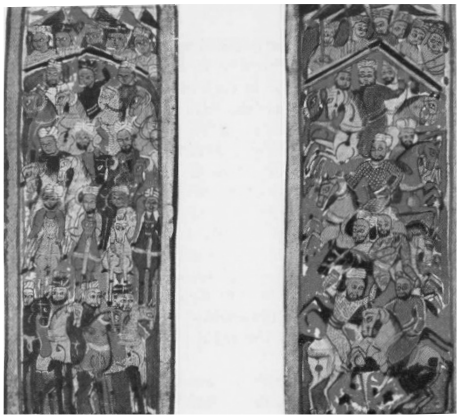


Fig. 4 – Border details illustrations. From a *Kalpasutra*, Broach, Gujarat, c. 1500 (after K. Khandalavala and M. Chandra).

Neither Persian nor Indian painting at this period was interested in the naturalistic depiction of space. In the Persian tradition, artists used the high overhead or bird's eye viewpoint to depict an expansive undifferentiated landscape closed at the top by a high horizon, making use of the convention that figures higher up the page (who would not necessarily be depicted smaller) were farther back in space. This style had been introduced into India in the fifteenth century and underpinned earlier Sultanate painting. These traditions contrasted with the typical mediaeval Indian horizontal viewpoint, in which figures are strung out in a frieze-like arrangement against a coloured ground and there is no attempt to represent depth in the painting. Part of the

charm of Sultanate painting is observing Indian artists attempting to reconcile the two traditions. In the *Ni'matnama* and *Iskandarnama* Indian artists for the first time occasionally use the high horizon more constructively, i.e. in order to suggest the spatial relationships between their figures. They were obviously not very happy about it, since wherever possible they have their figures standing on a base line or piece of architecture in order to avoid the appearance of having them float in space, as it must have seemed to them, in the Persian manner. This remained a characteristic of Indianised Sultanate painting throughout this period and it is one of the most obvious traits also of the artist of the Codex as well. Eventually the tension is resolved by having the figures firmly rooted to a base line consisting of the bottom of the painting's frame, or compartment if divided horizontally, but making use of the architecture or landscape with high horizon of the Persian tradition as a decorative backdrop. This solution is found in two later Sultanate manuscripts of the Hindi romance *Chandayana* of Maulana Da'ud, on the romance between the hero Laur and his beloved Chanda. They are both possibly also from Mandu, the earlier one about 1530-40 (CMSVS Museum, Mumbai, and dispersed) (Fig. 5), and the later one about 1560 (John Rylands University Library, Manchester).[14] By this time also the tension between the two traditions as to the rendering of the human figure, whether in three-quarter profile in the Persian manner or with the head in full profile in the Indian one, had also been resolved in favour of the latter.[15]

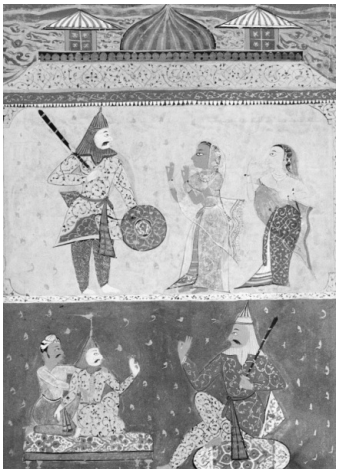


Fig. 5 – The armoured Laur with his beloved. From a manuscript of the *Chandayana* of Maulana Da'ud, possibly Mandu, 1530-40 (CMSVS Museum, Mumbai, after K. Khandalavala and M. Chandra).

[14] For these manuscripts and their literature, see ibid., pp. 91-102, figs. 156-77, and J. P. Losty, *The Art of the Book*, op. cit., ns. 45-46.

[15] For further discussion of these issues, see J. P. Losty, "Indian painting from 1500-1575", in M. C. Beach, E. Fischer, and B. N. Goswamy, *Masters of Indian Painting*, Zurich, Artibus Asiae, 2011, pp. 67-76.

We have left out discussion till now of what must have seemed the most obvious influence on an Indian painter working for the Portuguese in Goa, that from the neighbouring Deccan Sultanates, since there are no definite documents of painting earlier than the Codex. Although attempts have been made to link some of the more Persianate Sultanate manuscripts of the fifteenth century to the Deccan, the first incontrovertible evidence of such manuscript production is not found until the 1560s. The courts at Ahmadnagar, Bijapur and Golconda supported manuscript studios, but judging from their earliest evidence, artists at the first two courts had already moved away from the Persian style and adopted traits that appear specifically Hindu, derived from Vijayanagara, although Golconda nourished the Persian origins of its style until much later (Fig. 6).[16]

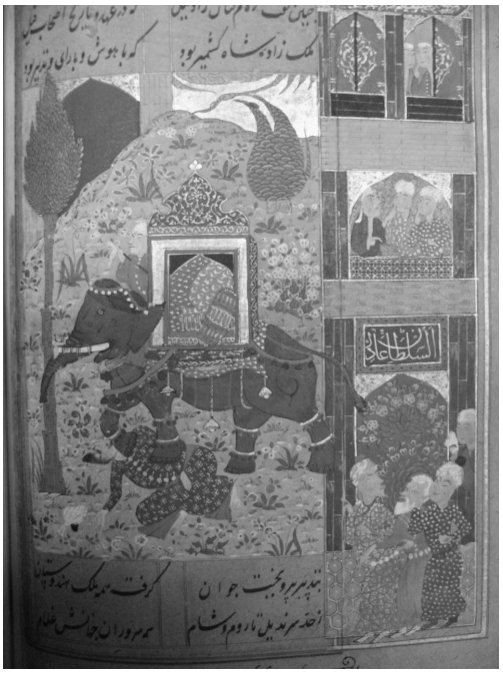


Fig. 6 – An elephant trampling a criminal to death. From the *Sindbadnama*, Golconda, c. 1570-75 (British Library, IO Islamic 3214, fl. 23v).

From the Vijayanagara empire itself almost nothing survives of its painting from before the date of the Codex, but a fair guess can be made as to its appearance from the sculptures of narrative friezes in low relief in

[16] For early Golconda painting, see R. Skelton, "Early Golconda painting", in *Indologen Tagung*, Wiesbaden, Franz Steiner, 1973, pp. 182-95, and J. P. Losty, "The development of the Golconda style", in *Indian Art & Connoisseurship: Essays in Honour of Douglas Barrett*, ed. John Guy, Ahmadabad, Mapin, and New Delhi, Indira Gandhi National Centre for the Arts, 1995, pp. 297-319.

which the figures are still mostly in three-quarter profile.[17] Murals at the Virabhadra temple in Lepakshi, south-east of the city of Vijayanagara itself and about 60 miles north of Bangalore, afford the only undisputed evidence of the sixteenth century Vijayanagara painting style and have been dated to the 1530s contemporary with the construction of the temple (Fig. 7).[18] There too the figures have been arranged in a row as in a frieze without any attempt to suggest different planes indicating depth. The faces are now being depicted in full profile although keeping the remnants of the further projecting eye, one of the characteristics of indigenous mediaeval Indian styles. Note here how these officials of Vijayanagara (and indeed the king himself) have adopted a quasi-Muslim dress with their gowns and tall caps. South Indian Hindu men including kings traditionally wore little but loincloths at this period (as reproduced in Burgkmair's woodcut frieze showing the king of Cochin), much to the consternation of visiting Muslims and Europeans.[19]



Fig. 7 – The god Siva on his bull Nandi with worshippers from the frescoes of the Virabhadra temple at Lepakshi, Vijayanagara style, 1530s (after A. Gopala Rao).

The women in the Lepakshi murals dress in the traditional south Indian way, which is just a sari wound round the waist and brought up over the shoulder to cover the otherwise naked breasts (Fig. 8).

---

[17] On the different levels of the throne platform at Vijayanagara and the walls of the Ramachandra temple. For the latter, see A. L. Dahmen-Dallapiccola, *The Ramachandra Temple at Vijayanagara,* New Delhi, Manohar, American Institute of Indian Studies, 1992. The ceiling paintings of the Virupaksha temple at Vijayanagara, once thought contemporary with its construction in the early sixteenth century, are now generally judged to be later.

[18] See A. Gopala Rao, *Lepakshi,* Hyderabad, Andhra Pradesh Lalit Kala Akademi, 1969, also R. Pachner, "Paintings in the temple of Virabhadra at Lepakshi", in A. Dallapiccola et al. (ed.), *Vijayanagara – City and Empire: New Currents of Research,* Stuttgart, Steiner Verlag Wiesbaden Gmbh, 1985, pp. 326-343.

[19] See P. B. Wagoner, "Sultan among Hindu kings: dress, titles, and the Islamicization of Hindu culture at Vijayanagara", *The Journal of Asian Studies*, Vol. 55, 1996, pp. 851-880.

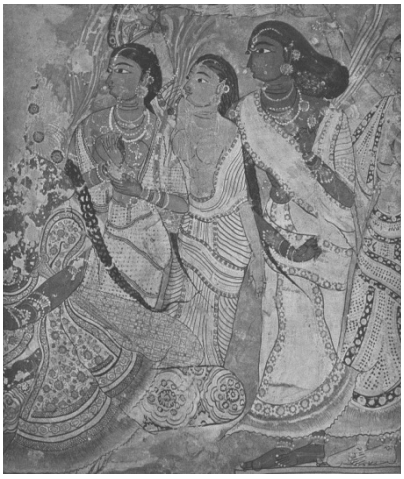


Fig. 8 – Female costume in the frescoes of the Virabhadra temple at Lepakshi, Vijayanagara style, 1530s (after A. Gopala Rao).

A historical manuscript, *Tarikh-i Husain Shah* (*c.* 1565) (in the Bharat Itihasa Samshodaka Mandala, Pune), chronicles the triumph of Sultan Husain Shah of Ahmadnagar, along with the other Deccan Sultans, over the Hindu empire of Vijayanagara at the battle of Talikota in 1565 (Fig. 9).[20] The Ahmadnagar manuscript is illustrated ironically in a style that seems derived from that of its fallen enemy Vijayanagara, adopting the same horizontal viewpoint, but has gone beyond the Lepakshi murals and turned the faces into strict profile.

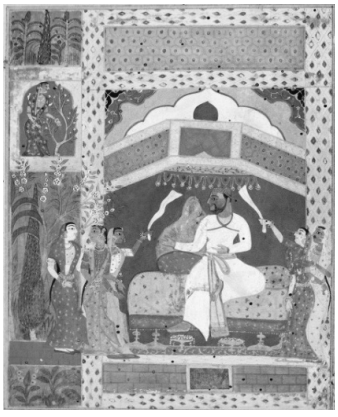


Fig. 9 – Sultan Husain Shah of Ahmadnagar with his womenfolk. From the *Tarikh-i Husain Shah*, Ahmadnagar, c. 1565 (Bharat Itihas Samshodak Mandal, Pune, after M. Zebrowski).

[20] M. Zebrowski, *Deccani Painting*, London and Los Angeles, Sotheby Publications, University of California Press, 1983, figs. 1-2; G. T. Kulkarni and M. S. Mate, *Tarif-i Husain Shah Badshah Dakhan,* Poona, Bharat Itihasa Samshodaka Mandala, 1987.

At Bijapur the earliest document, the encyclopaedic *Nujum al-'Ulum* ("Stars of the Sciences") of 1570-71 (Chester Beatty Library, Dublin), likewise seems to owe much to the same largely lost Hindu source (Fig. 10).[21]

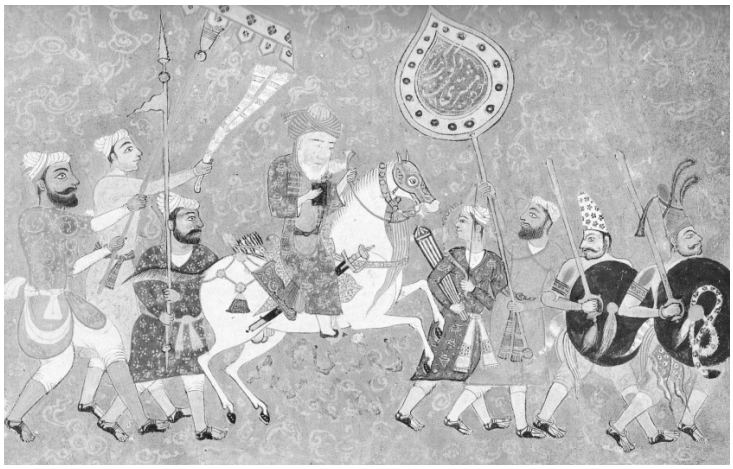


Fig. 10 – – The planet Jupiter as a heavenly king. From the *Nujum al-'Ulum*, Bijapur, 1570-71 (Chester Beatty Library, Dublin, Ind MS 2, fl. 37v, after L. Y. LEACH).

Related in date and style to the latter is a small manuscript (British Library) on the *ragas* of Indian music and hand-gestures in dance and drama (Fig. 11).[22] There were several other styles of painting current in India in the first half of the sixteenth century but these were from further afield in the north and in Bengal and are of little relevance to us here.



Fig. 11 – Representation of one of the svaras of Indian music.
From the *Javahir al-Musiqat-i Muhammadi*, Bijapur, c. 1570 (British Library, Or 12857, fl. 39, detail).

[21] L. Y. LEACH, *Mughal and Other Indian Paintings in the Chester Beatty Library,* London, Scorpion Cavendish, 1995, pp. 819-889.

[22] J. P. LOSTY, "Early Bijapuri musical paintings", in K. Khandalavala (ed.), *An Age of Splendour, Islamic Art in India*, Bombay, Marg Publications, 1983, pp. 128-131.

A comparison between stylistic features in the Codex and Indian paintings, 1500-1570

From this brief survey of the relevant Indian material, it is immediately evident how much the work of the artist of the Codex resembles what was going on contemporaneously in various court and other styles. We shall now attempt to link specific features of his style to some of these productions, being careful only to analyse features of style as opposed to similarities in figural depiction that could be caused by observation. It must first be observed, however, that even the most unskilled amateur artist from southern Europe in the middle of the sixteenth century could not but be aware of how much the rendition of space and volume in European painting had changed over the previous century, through the techniques of linear perspective to suggest a sense of space, aerial perspective to indicate depth and shading and modelling to suggest volume. While the techniques of shading and modelling in light might have been beyond such an artist, he certainly would have known how to suggest a sense of space through his placing of figures on the page and the addition of a background. The artist of the Codex seems completely unaware of such developments. The amateur sketches of most early European travellers to India, such as those published by Burgkmair in 1508 and in van Linschoten's *Itinerario* in 1596, were worked up by professional draughtsmen and engravers and the originals have disappeared, but comparison can be made here with the sketches of Peter Mundy done in India around 1630, which are perfectly able to suggest a sense of space and place.[23] We find also in the Codex that all the faces are drawn in three-quarter profile, along with their corresponding bodies, with hardly any variation towards profiles or back views as might be expected with a European artist. In comparison, Burgkmair's *Peoples of Africa and India* frieze, based on Springer's sketches, shows many variations in pose including back views. Their absence again reinforces the idea that artist of the Codex was Indian.

Turning now to one of the most obvious specific features of our artist's style, his handling of space, it is clear that he has no idea how to indicate spatial recession. On fl. 43 (Fig. C13), showing the king of Cambay on his elephant, the palm tree rises from the bottom of the page and hence right up against the picture plane yet goes the other side of the king's elephant. The three men holding the emblems of royalty over the king on top of his elephant (the parasol, fan-scarf and sword) cannot occupy those positions in reality – they are not on the elephant with the king but floating about in space. The retainers are all depicted smaller than the king, even those

[23] For van Linschoten's illustrations published in Amsterdam in 1596, see E. Boogaart, *Civil and Corrupt Asia: Image and Text in the Itinerario and the Icones of Jan Huygen van Linschoten,* Chicago and London, University of Chicago Press, 2003. Mundy's original sketches are published in Peter Mundy, *The Travels of Peter Mundy in Europe and Asia, 1608-1667...*, ed. R. C. Temple, Cambridge, 1907-1936.

nearest to the viewer. The regal procession with its train holding emblems of royalty can be profitably compared with that seen in the Bijapur manuscript of 1570 (Fig. 10).

Our artist is happiest when drawing his figures against a plain ground without depicting landscape other than a few grass and flower tufts at the base. When forced to draw a landscape, he does not place his figures in space according to any idea of European perspective or spatial recession but scatters them over the picture plane, as in Fig. C13, and, if he can, draws additional base lines for them to stand on. In one of his more elaborate compositions such as the Canarese drovers bringing grain to Goa (Fig. C17), the landscape is defined in two undulating strips of brown that run across the double page. We may note in passing the marked resemblance between the Codex's lively animals and those at Lepakshi (Fig. 7). The Pathan huntresses on fls. 41-42 (Fig. C12) ride across a similar rudimentary landscape of grass and flowers depicted in two strips at the bottom of the page. The artist places the hooves of his animals and the feet of his men more or less on the strips, signifying his reluctance when faced with the possibility of landscape to let go of the certainty of placing them on something. This is entirely typical of Sultanate artists who as pointed out above must have felt their figures to be floating about in space unless anchored to a ground of some sort.

All the figures coming to the money changer of Cambay (Fig. C15) have their feet firmly planted on similar strips of landscape, which this time descend from the upper right as if they denoted a cliff face. This is yet another indication of the artist's inability to represent spatial recession. Figures in the group lower right float about, one in front of another, without anchoring them on to any ground, as do the buildings meant to be in the background. The money changer, as the most important person in the composition, like the king on his elephant, is much larger than all the other figures, in the Indian fashion.

A different approach to space is found in the two renditions of Indian tanks.[24] The tanks in which the Portuguese dine in Ormuz (Fig. C8) and bathing ladies of Cambay disport themselves (Fig. C16) are viewed in plan while the occupants of the tanks are depicted from an overhead viewpoint. This combination of plan and elevation is typical of Indian architectural views and plans.

Contemporary examples are found in the *Nujum al 'Ulum* of 1570 showing a man within a magical enclosure viewed in plan from above (Fig. 12). Their origin would appear to be in the depiction of sacred diagrams or *mandalas* in both Buddhist and Hindu imagery. The man at the top of the Ormuz tank cleaning a flask is depicted upside down which accords with the overhead view of the tank and also with the way the subsidiary figures are

[24] In India a tank is any man-made enclosure of water, normally rectangular and with stone sides and base, that is attached most often to a temple.



Fig. C8 – Portuguese eating their dinner in the water at Ormuz.
From the Codex Casanatense 1889, fls. 29-30.

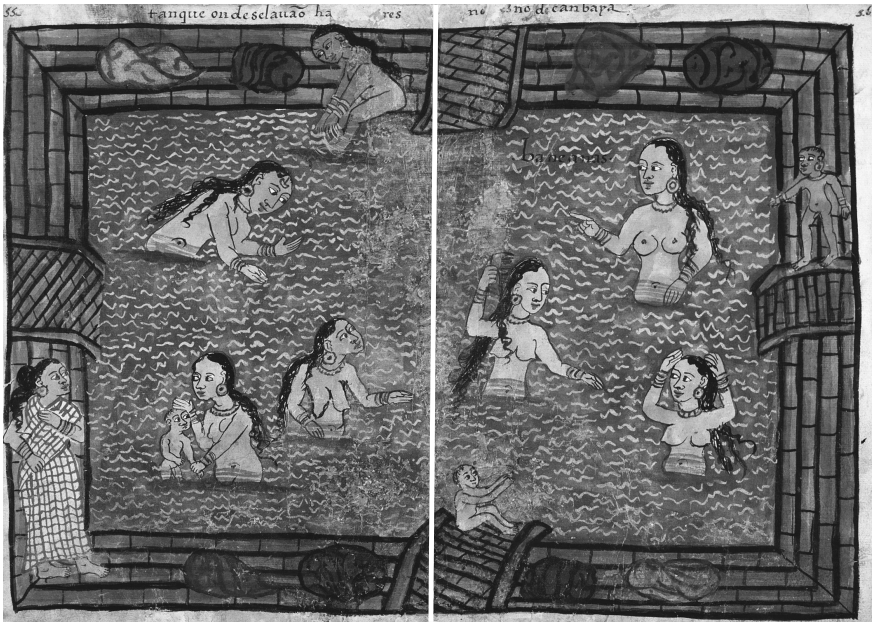


Fig. C16 – The tank in which bathe the wives of the merchants of Cambay.
From the Codex Casanatense 1889, fls. 55-56.



Fig. 12 – The sorcerer conversing with a celestial king. From the *Nujum al'Ulum*, Bijapur, 1570-71 (Chester Beatty Library, Dublin, Ind MS 2, fl. 122v, after L. Y. Leach).

depicted round *mandalas*. Both tanks have crude attempts at perspective to depict the steps leading to the water on all four sides. The lady standing on the side of the tank in Cambay wears a Deccani type of sari, apparently without a bodice, and so not known in Gujarat where they wore bodice and skirt with a transparent long veil or *odhani* over all. Portuguese sources refer to the Portuguese in Ormuz dining amidst the waters but without saying how exactly. The added inscription in the Codex simply refers to the Portuguese dining amidst the waters to keep cool. No source seems to describe the way this was done, and the artist has simply interpreted it to mean that they ate their dinner sitting in the middle of the ubiquitous Indian rectangular type of tank.

Turning to other stylistic traits in the Codex, in the triptych of drawings of the bathing women of Muscat and their guards (fls. 11, 12, 14bis), the hills on which the guards stand are formed of little conical rocks or hillocks piled up as necessary to form the shapes of hills (Fig. C4). This is a technique found in various Sultanate and Deccani manuscripts and also at Lepakshi (Fig. 13).

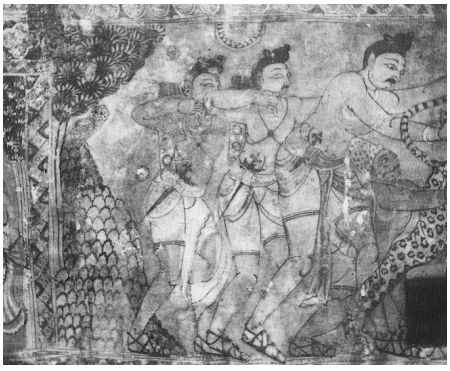


Fig. 13 – A cheetah hunt by a mountainside (detail) from the frescoes of the Virabhadra temple at Lepakshi, Vijayanagara style, 1530s (after Gopala Rao 1969).

When the artist is not attempting to depict a landscape, he just includes flowering plants (spiky green vertical leaves with a red flower) growing along the base of the page. Flowers at the base of paintings became one of the most prevalent traits of Deccani especially Bijapuri painting later in the sixteenth century and throughout the seventeenth.[25] Sometimes the artist has his little plants dot the field (Fig. C21). This is one of the most characteristic idioms in Persian and Sultanate painting, as can be seen in the Golconda *Sindbadnama* (Fig. 6) and also in the *Nujum al-'Ulum* (Fig. 14) as well as the *Ni'matnama*.[26] On other pages, tall plants rise through the height of the picture plane alongside the figures, again one of the characteristics of Sultanate painting (Figs. 6, 9), although this is also found in European travel prints depicting customs.



Fig. C21 – Merchant and his wife from the kingdom of Cambay.
From the Codex Casanatense 1889, fls. 69-70.

Where the artist has depicted not a scene but a male and female couple on facing pages, they stand characteristically with one hand extended towards the other. While the man holds something to indicate his profession, the woman sometimes holds a flower or fruit. Having one hand out is a characteristic of Persian, Sultanate and Hindu painting, as a means of showing

[25] M. Zebrowski, op. cit., ch. 4 in particular.

[26] See also N. M. Titley, op. cit., *passim,* and M. Zebrowski, op. cit., figs. 43-44.

personal interaction between characters in the absence of facial expressions (see for instance figs. 1, 3 5, 9, 11 above). A hand with first or index finger extended is normal in the first two, while in Hindu painting, and of course sculpture, a conjoined thumb and first finger indicates *vyakhyana mudra* or speech. If hands are not extended with such gestures in these Indian paintings, then invariably they are shown holding something – swords, spears or the like if they are men, a flower or the like if they are women.

Indian artists before the Mughal period did not if they could help it initiate anything themselves by drawing from the life, but always preferred a model from an earlier drawing or painting to serve as their inspiration rather than have to observe a phenomenon in nature. An artist's skill is judged not necessarily for his powers of original composition and invention but how he interpreted a traditional if well-worn theme. Of course at some stage one artist must have had the original idea for others to elaborate on, while it is evident also that our artist of the Codex must have used his powers of observation for some of his figures. Even so, the elephant in Fig. C13 has not been depicted from life but drawn from a pre-existent model of an elephant in Sultanate painting. Thus this elephant and the war elephant (fl. 76, Fig. C22) are not drawn from life but rather from the Shiraz tradition of Persian miniatures introduced into India in the fifteenth century, which can be seen in the Golconda elephant in Fig. 6. Though the Golconda elephant is slightly more naturalistic than earlier representations, its tusks still project straight out and even up a little as do the two such depictions in the Codex.

The representations of the Hindu divinities Visnu, Siva and Brahma (Fig. C28) are obviously taken from southern Indian images, as can be seen from their tall pointed *mukutas* or crowns, and elongated *dhotis* round their waists. They are depicted in *samapada,* the upright stance with feet evenly spaced, that is one of the rarer of positions for Hindu deities, who are normally depicted *tribhanga* with a pronounced curve of the hips or else seated. They bear a marked resemblance to contemporary bronzes from the Vijayanagara empire and indeed, in their upright stance and (in the case of two of them) their hands joined in *anjali mudra,* to the famous portrait bronze of the Vijayanagara king Krishnadevaraya (reg. 1509-29).[27] Some of the male figures in the Lepakshi murals have their hands similarly positioned (Fig. 7). It is debatable, however, to what extent a Hindu artist would have made such a mess of the iconography.[28] What marks them out as by an Indian artist, however, is the way their feet are depicted, in the anatomically impossible

[27] In the Srivenkatesvara temple, Tirupati. See J. C. Harle, *The Art and Architecture of the Indian Subcontinent*, Newhaven and London, Yale University Press, 1994, fig. 267.

[28] The central figure of Siva (although labelled *Visno*) in his two rear hands bears Siva's trident, badly rendered, and also his leaping deer, although this has for some reason been erased. The figure on the left is Visnu, albeit labelled *Hispar* for Isvara or Siva, and while he bears in two of his hands the expected club and conch, the third object is neither a discus nor a lotus, and the fourth hand is empty.

stance of their feet splayed out at right angles parallel to the picture plane. Among the few painted representations of images known from the sixteenth century is an image of Visnu in his Man-Lion or Narasimha avatar from the *Nujum al-'Ulum* manuscript (Fig. 14). This has the right foot splayed out. They are not of course represented this way in sculptures.



Fig. 14 – The Man-Lion incarnation of Vishnu destroying a demon. From the *Nujum al-'Ulum*, Bijapur, 1570-71 (Chester Beatty Library, Dublin, Ind MS 2, fl. 255v, after L. Y. Leach).

Finally in this stylistic comparison between the paintings of the Codex and contemporary Indian paintings we can look at the ladies dancing at the Canarese weddings (Fig. C32) and compare them with the dancing girls in a somewhat earlier Sultanate manuscript (Fig. 15), as well as one in a Bijapuri manuscript of c. 1570 (Fig. 16). The general animation in the dancing and the positions of the legs and hands is shared by all three, inherited from the way dancing is depicted in earlier Jain manuscripts, but those in the Codex very closely resemble the dancing girl in the Bijapuri manuscript. We note the almost identical costume of bodice, skirt or *dhoti,* and tight *paijama*, the gold ring round the neck and the hair worn in a large chignon on the back of the neck and adorned with white jasmine flowers. Similar dancers are found on the car festival scene on fl. 78 (Fig. C23). It seems to us that the way the dancing is depicted is peculiarly Indian, and the resemblance is conclusive in demonstrating the hand of an Indian artist.



Fig. C32 – Dancers at a Canarese wedding. From the Codex Casanatense 1889, fls. 100-101.

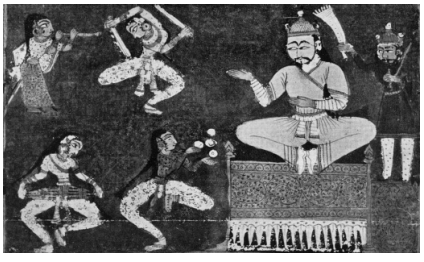


Fig. 15 – Dancers and jugglers at a royal entertainment. Folio from the *Hamzanama*, Sultanate India, fifteenth century. (Staatsbibliothek Preussischer Kulturbesitz, Berlin, Ms. Or. fl. 4181, after K. KHANDALAVALA and M. Chandra).



Fig. 16 – Dancing girl. From a manuscript of the *Javahir-i Musiqi-i Muhammadi*, Bijapur, c. 1570 (British Library, Or. 12857, fl. 171).

Costume in the Codex

So far in our comparisons we have considered stylistic features of figural representation and spatial composition, but it is now time to consider the thorny question of costume in the Codex and to what extent it represents what the artist actually saw as opposed to what he could imagine from exemplars or actually invented. It is first quite clear that our artist only tries to suggest a sense of place when he is familiar with the locale, i.e. when depicting the people to be seen in India. Elsewhere for Africa, the Arab world and Persia, and South-East Asia, he generally produces single figures without any ground, male and female facing each other, a concept he or his patron would have gathered from contemporary costume books.

The artist in fact makes use of only a small number of figural types and it will be shown that they wear mostly versions of Indian costumes unless he could have seen such foreigners in India itself. As far as we can tell from other paintings, at this time in the Middle East and Persia, men wore a long gown reaching to the ankles over loose pants with a knee length sleeved coat over all. In the Arab world the gown was put on over the head and fastened at the neck.[29] Persians sometimes wore such a garment, but the gown could also be more like a coat and fastened either in front or at the side.[30] In India the costume question is complicated by artists' tendency to imitate Persian exemplars (as in our various Sultanate manuscripts) but the fashion situation seems to have stabilised around the mid-century.[31] A gown put on over the head was largely unknown (unless worn by foreigners such as the Pathans on fls. 39, 40), and coats fastened at the side were the norm, while the second shorter sleeved coat is unknown. In the north of India, extending as far south as the northern Deccan, these coats were normally knee length but were full length further south, although these divisions were not invariable. Most of the Indian upper- and middle-class men in the Codex wear such coats. The lower classes of course wore little more than loin-cloths.

Examining the artist's clothing choices, it can readily be seen that unless they are particularly uncivilised (fls. 1, 5, etc.) his non-Indian men, beginning with the Ethiopians on fl. 3, often are depicted wearing an Indian type of coat or *jama* fastened under the armpit, along with a small turban perched on top of the head (Fig. C2).[32] The artist has these men wearing side-

---

[29] For costume in the Arab world in the pre-modern era, see a general survey of Arab painting such as R. Ettinghausen, *Arab Painting*, Genève, Skira, 1962.

[30] For costume in the Persian world in the pre-modern era, see a general survey of Persian painting such as L. Binyon, J. V. S. Wilkinson, and B. Gray, *Persian Miniature Painting*, London, Oxford University Press, 1933.

[31] For costume in India in the sixteenth century, see the references cited above for contemporary paintings.

[32] Ethiopians or Abyssinians (*habshis* or *sidis*) were of course to be seen at this time in India since the Deccani kingdoms made much use of their services in administration and in the army. For a survey of the African elites in mediaeval and early modern India, see K. X. Robbins, and J. McLeod, *African Elites in India: Habshi Amarat*, Ahmadabad, Mapin Publishing, 2006.

fastening coats descending mostly to just below the knee as was fashionable in north India (as in fls. 3, 22, 23, 25, etc.), but sometimes to the ankles, as worn in the Arab world, Persia and the Deccan (as in fls. 7, 9, 27, also 132 worn by the Moluccan). The only non-Indians in the Codex wearing what appears to be correct dress are the Arab and Persian merchants (fls. 7, 9, 31, and 33) who wear long gowns rather than coats, and open at the neck with sometimes some buttons indicated there, suggesting that the artist may have seen such men, when they came to trade on the Indian coast. This garment is replicated in a plate showing an Arab in India in Jan van Linschoten's *Itinerario* (Amsterdam, 1596), although ending at the knees.[33] The artist makes his turbans almost always fairly small, in the contemporary Indian fashion (Figs. 9 and 11, and the attendant figures in Fig. 10), very unlike the large turbans worn at this time in the Arab world and Persia. Sometimes he adds a tailpiece to the turban as on fl. 104, the man from the *terra firma* round Goa, which closely resembles the turban of our Mandu man of 1509 (Fig. 2).

Many of the non-Indian women in the Codex wear a long piece of cloth wrapped round the waist and brought up over her shoulder, i.e. the Indian sari. Sometimes the breasts are naked as with the Ethiopian woman (Fig. C2) (fls. 4, 6, 38), but other such women wear a bodice (e.g. fls. 18, 21, 126, 129, 130, 133, 134, 137). The artist has almost all his women from South-East Asia wearing the sari and bodice outfit, rather than their own traditional sarong. The sari was, in the sixteenth century, the ubiquitous costume of southern Indian women, worn with a bodice in the Deccan (Figs. 9, 11) but without one further south, in the more Hindu areas of Vijayanagara (Fig. 8). In Gujarat, Mandu and further north women wore a skirt with an ornamental waist-sash hanging in front and a short bodice with a large transparent veil draped around them (Fig. 5), a costume that does not appear in the Codex. Two of the women from the Middle East (fls. 32, 34) seem to be authentically dressed, wearing a long gown with a heavy veil over all, but these accompany the two correctly dressed Arab and Persian merchants whom we suggest the artist saw in India (fls. 31, 33).[34]

For most of the Arab and Persian women on the other hand, the artist of the Codex invents a costume of a skirt with a long blouse or tunic on top (fls. 8, 10, 20, 24, 26, 28), a costume that seems to have no basis in reality, although these women also wear a long veil draped over head and shoulders that is more realistic.[35] This fantastic female costume of a skirt and tunic is also worn by some women in India – the Pathan huntresses (fls. 41-42) and the woman hunting with the king of Cambay (Fig. C13) for instance.

---

[33] See E. Boogaart, op. cit., pl. 21.

[34] In van Linschoten's *Itinerario* the wife of the Arab in pl. 21 wears something similar (E. Boogaart, op. cit., pl. 21).

[35] This long veil has a possible exemplar in the Arab woman in *Die Merfurt* of 1509 (M. P. McDonald, op. cit., fig. 110).

Linschoten identifies this outfit of tunic and skirt as that worn by Portuguese women.[36] This costume is also worn by Christian converts in the Codex (fls. 94, 117), although the material is different.

On the page opposite to the king of Cambay (Fig. C13), the woman on a horse with a bird of prey whom the king is pointing to cannot be a wife or a queen, given the purdah arrangements in both Hindu and Muslim high ranking households. With her long blouse and skirt and fair hair she looks rather European, but is regarded as of regal or otherwise important status, since the attendant holds a parasol over her. Her hair is caught up into two coils just above the neck, a style worn by many of the women in the Codex whatever their nationality or ethnic origin. This fashion seems a stylised version of that seen also in van Linschoten's illustrations of women in Goa just mentioned. It would seem that the artist is taking costumes and hair fashions worn by women in Goa to be of more general application than can possibly be the case, which reinforces our suspicion that he did not need to leave Goa in order to draw his pictures. The only women who seem to be wearing their hair in a correct style, a large heavy chignon, are those dancing at and attending the Canarese wedding on fls. 98-101 (Fig. C32). Nowhere is there to be seen the other ubiquitous Indian style, the long braided plait.

Conclusion

We come finally to how this artist familiarised himself with the various peoples inhabiting the coasts of the Indian Ocean from what is now South Africa round to South-East Asia. For those who believed that the writer of the inscriptions and the artist was the same Portuguese, then this is not a problem, as obviously he was on ships that traversed the littoral of the Indian Ocean. If, however, as we have suggested, the artist was an Indian and based in India, and was not a personal observer of anything outside India, then he must have been dependent on written or verbal testimony or travellers' sketches. Mota, in 2001, suggested that the inscriptions were written by two learned Portuguese who knew the descriptions of Asia by writers such as Duarte Barbosa in 1516 or Tome Pires in 1511/12, or Gaspar Correia between 1512 and 1550. Only the first of these was published to be of use here, but not until 1550 and in Italian, but she suggests that manuscript versions of these works were in circulation.[37] Mota further suggests that the annotator(s) (she identifies two) read literary descriptions of places outside India to the painter who then produced his work which they then inscribed.[38] She goes further and suggests that the Indian paintings "are a

[36] See E. Boogaart, op. cit., pls. 5, 11-13.

[37] M. M. Mota, op. cit., p. 36 and n. 3.

[38] Ibid., p. 39.

true report of [the artist's] observations in his voyages between Ormuz and Goa through Cambay and in the kingdom of Bisnaga (Vijayanagara)".[39]

We would suggest on the contrary that there is nothing in the Codex that an Indian artist could not have produced without setting foot outside his home town. None of the paintings bar one includes any architectural features that indicate that the artist must have been there in order to see and depict them and the only one that does, the bathing tank in Ormuz, imposes a peculiarly Indian structure onto the barren island. The artist, we would suggest, is relying on verbal descriptions or the most amateurish sketches to guide him in the depiction of these foreign peoples and relying on his own knowledge to fill in the blanks. His depictions of foreign costumes are almost always suspect. His habitual choices of what appear to be the normal female costume and hairstyle worn by women in Goa, and the southern Indian sari for depictions of women from elsewhere, suggests that he was based there when he painted these pictures, and he would certainly seem to have seen high ranking Portuguese men and their womenfolk on occasion (fls. 97+, 97). Yet even for these representations he could be copying from pre-existing studio sketches.

The artist has introduced one change to the unvarying facial depictions found in Indian painting in the way he has done eyes. In mediaeval Indian painting, no matter whether the faces are in three-quarter profile or profile, eyes are almond or fish-shaped and drawn without any attempt at perspective. Only the farthest corner of the eye where the face is in three-quarter profile is sometimes cut off, as it disappears round the side of the face, a technique learnt from Persian painting, but not always followed by Indian artists, where sometimes they forget themselves and add the further projecting eye but then subsequently erase it as in one painting in the *Iskandarnama* of *c.* 1500 (Fig. 17).[40] The closest manuscript to the Codex in the depiction

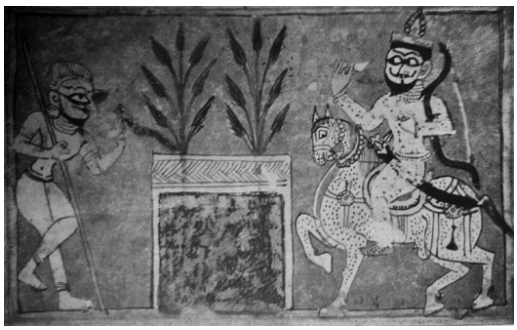


Fig. 17 – Alexander comes to the water of life. Folio from a *Iskandarnam*a, Sultanate, perhaps Gujarat, c. 1500 (after K. Khandalavala and M. Chandra).

[39] Ibid., p. 45.

[40] There are several other instances in the painting of the period of a projecting eye first being painted and then being covered up by the background colour.

of faces is indeed this same manuscript (see also Fig. 3), where the figures have their eyes in the traditional shape but with their pupils at the corner of the eye, giving direction to the gaze. This treatment is found in the Codex also, where the figures all have large eyes with the same intelligent placing of pupils, suggesting interaction between the characters where appropriate.

The artist of the Codex goes beyond this treatment and often in his more carefully drawn pictures gives three-dimensionality to his eyes by foreshortening the nearer one and having the further eye only partly visible behind the nose. He does, however, sometimes forget and draws his eyes in the traditional almond shapes especially towards the end of the Codex, where the drawing becomes generally somewhat looser. A similar technical process can be observed in the paintings of the gigantic manuscript of the *Hamzanama* created for the Mughal Emperor Akbar between 1562 and 1577, where the earlier paintings still show the traditional Persian or Sultanate almond-shaped eyes, but in the later paintings of the 1570s the eyes have become foreshortened and occupy their sockets as here (Fig. 18).[41] This is a technique learned from European exemplars. It is difficult to believe that

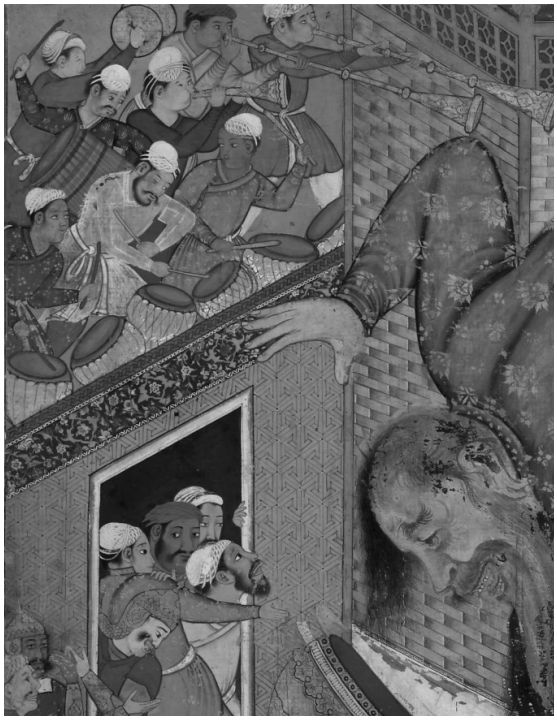


Fig. 18 – The fall of Zumurrad Shah. From the *Hamzanama*. Mughal, c. 1570-77 (British Museum, 1925.0929.0.2, detail).

[41] For the *Hamzanama*, see J. SEYLLER, *The Adventures of Hanza: Painting and Storytelling in Mughal India*, Washington, Freer and Sackler Gallery, and London, Azimuth Editions, 2002.

our lively but somewhat crude and unsophisticated artist could have discovered this naturalistic treatment of eyes by himself, but if he is dependent on Mughal example, then the date of the Codex would have to be advanced into the 1570s at the earliest. In 1575 Akbar sent an embassy to Goa under Haji Habiballah Khan, specifically to study and bring back to the Mughal court European works of art. He took with him both craftsmen and the "choicest articles of India", which presumably included both artists and examples of Mughal painting to which our artist may have had access.[42] Both our artist and writers, however, are silent about the Mughals, who would be difficult to ignore in the 1570s, by which time the "king of Cambay" was Akbar.

So if the artist of the Codex was Indian, there exists a range of possibilities for his own indigenous style. If from a Muslim Sultanate tradition in the earlier part of the sixteenth century, then he would be used to drawing his faces in three-quarter profile, but if from a mid-century Sultanate or Deccani tradition, then he would be painting them in full profile. If he came from the Canara country of Vijayanagara, then we would expect the remnants of the further eye projecting a little into space to be still occasionally visible. In any of these eventualities, he would not be at ease in attempting to depict spatial recession or volume, and would prefer if possible to place his figure's feet on some baseline. The absence of any remnant of a projecting eye rules out an artist trained in the Vijayanagara style and likewise that of faces in profile rules out other Deccani artists from the mid-century. The artist's complete reliance on faces in three-quarter profile indicates he was trained in a Sultanate studio further north, at a date earlier in the century than that of the Codex. Either Mandu or Gujarat would seem to be the most obvious candidates for where he received his training. If we are to go with the later dating, on account of what we detect to be Mughal artistic influence of the 1570s, then the Mughal sack of Mandu in 1561 and the dispersal of its artists might be taken as the date of his move to the south. His male costume has some references to what was worn in Mandu, but his normal female costume is not derived from there or Gujarat but from further south. We would suggest that he must have moved to Goa soon after his initial training in order for him to become acclimatised to the different female costumes of the Deccan and the south, so that they become a stereotyped part of his output.

Bibliography

Abu'l Fazl ibn Allami, *The Akbarnama of Abu-l-Fazl*, trans. by H. Beveridge, *Bibliotheca Indica,* Vol. 138, Calcutta, 1897-1939.

Bailey, G. A., *Art on the Jesuit Missions in Asia and Latin America, 1542-1774*, Toronto, London, University of Toronto Press, 1999.

[42] Abu'l Fazl ibn Allami, *The Akbarnama of Abu-l-Fazl*, trans. H. Beveridge, *Bibliotheca Indica,* Vol. 138, Calcutta, 1897-1939, Vol. III, p. 207.

BARCHIESI, R., "L'Oriente catalogato in un manoscritto pittorico del Cinquecento", *Oltremare*, 1984, pp. 283-289.

BINYON, L., WILKINSON, J. V. S. and GRAY, B., *Persian Miniature Painting*, London, Oxford University Press, 1933.

BOOGAART, E. van den, *Civil and Corrupt Asia: Image and Text in the Itinerario and the Icones of Jan Huygen van Linschoten*, Chicago and London, University of Chicago Press, 2003.

CAMACHO, M. J., "Olhares Cruzados", *Oceanos*, n. 32, Oct./Dec. 1997.

CHANDRA, M., *Jain Miniature Painting from Western India*, Ahmedabad, 1949.

DAHMEN-DALLAPICCOLA, A. L., *The Ramachandra Temple at Vijayanagara,* New Delhi, Manohar, American Institute of Indian Studies, 1992.

ETTINGHAUSEN, R., *Arab Painting*, Genève, Skira, 1962.

ETTINGHAUSEN, R. and FRAAD, I., "Sultanate painting in Persian style", in *Chhavi Golden Jubilee Volume*, Banaras, Bharat Kala Bhavan, Banaras Hindu University, 1971, pp. 48-66.

GARCIA, J. M., "O Encontro das Religiões no Códice 1889 da Biblioteca Casanatense", in his *Ao Encontro dos Descobrimentos. Temas de História da Expansão*, Lisboa, 1994, pp. 85-92.

GOPALA RAO, A., *Lepakshi*, Hyderabad, Andhra Pradesh Lalit Kala Akademi, 1969.

HARLE, J. C., *The Art and Architecture of the Indian Subcontinent*, Newhaven and London, Yale University Press, 1994.

KHANDALAVALA, K. and CHANDRA, M., *New Documents of Indian Painting – a Reappraisal*, Bombay, Prince of Wales Museum of Western India, 1969.

KULKARNI, G. T., and MATE, M. S., *Tarif-i Husain Shah Badshah Dakhan,* Poona, Bharat Itihasa Samshodaka Mandala, 1987.

LEACH, L. Y., *Mughal and Other Indian Paintings in the Chester Beatty Library*, London, Scorpion Cavendish, 1995.

LINSCHOTEN, Jan van, *Itinerario*, Amsterdam, 1596.

LOSTY, J. P., *The Art of the Book in India*, London, British Library, 1982.

LOSTY, J. P., "Early Bijapuri musical paintings", in K. Khandalavala (ed.), *An Age of Splendour, Islamic Art in India*, Bombay, Marg Publications, 1983, pp. 128-131.

LOSTY, J. P., "The development of the Golconda style", in *Indian Art & Connoisseurship: Essays in Honour of Douglas Barrett*, ed. John Guy, New Delhi, Mapin, Ahmadabad, and Indira Gandhi National Centre for the Arts, 1995, pp. 297-319.

LOSTY, J. P., "Indian painting from 1500-1575", in M. C. Beach, E. Fischer, and B. N. Goswamy, *Masters of Indian Painting*, Zurich, Artibus Asiae, 2011, pp. 67-76.

MATOS, Luís de (ed.), *Imagens do Oriente no Século XVI. Reprodução do Códice Português da Biblioteca Casanatense*, Lisboa, 1985.

MCDONALD, Mark P., "Burgkmair's Woodcut Frieze of the Natives of Africa and India", *Print Quarterly*, XX, 2003, pp. 225-244.

MOTA, M. M., "Codex Casanatense: an Indo-Portuguese portrait of life in 16th-century India", in J. Pereira and P. Pal (ed.), *India and Portugal: Cultural Interactions*, Mumbai, 2001, pp. 35-45.

MUNDY, Peter, *The Travels of Peter Mundy in Europe and Asia, 1608-1667...*, ed. Lt. Col. Sir Richard C. Temple (Vol. 5 ed. Sir R. C. Temple and L.M. Ansley), Cambridge, 1907-1936.

PACHNER, R., "Paintings in the temple of Virabhadra at Lepakshi", in A. Dallapiccola et al. (ed.), *Vijayanagara – City and Empire: New Currents of Research,* Stuttgart, Steiner Verlag Wiesbaden Gmbh, 1985, pp. 326-343.

ROBBINS, K. X., and MCLEOD, J., *African Elites in India: Habshi Amarat*, Ahmadabad, Mapin Publishing, 2006.

SCHURHAMMER, G., "Desenhos orientais do tempo de S. Francisco Xavier", in his *Gesammelte Studien*, Vol. II ("Orientalia"), Lisboa, 1963, pp. 111-118.

SEYLLER, J., *The Adventures of Hanza: Painting and Storytelling in Mughal India*, Washington, Freer and Sackler Gallery, and London, Azimuth Editions, 2002.

SKELTON, R., "The Ni'mat Nama: a landmark in Malwa painting", *Marg*, 12, 1959, pp. 44-50.

SKELTON, R., "Early Golconda painting" in *Indologen Tagung*, Wiesbaden, Franz Steiner, 1973, pp. 182-195.

SKELTON, R., "The Iskandar Nama of Nusrat Shah: a royal Sultanate manuscript dated 1531-32", in M. Goedhuis (ed.), *Indian Painting*, London, Colnaghi & Co., 1978, pp. 135-44.

TITLEY, N. M., *The Nimatnama Manuscript of the Sultans of Mandu*: *the Sultan's Book of Delights,* London, RoutledgeCurzon, 2005.

TOPSFIELD, A., *Court Painting at Udaipur: Art under the Patronage of the Maharanas of Mewar*, Zurich, Artibus Asiae, 2002.

WAGONER, P. B., "Sultan among Hindu kings: dress, titles, and the Islamicization of Hindu culture at Vijayanagara", *The Journal of Asian Studies*, Vol. 55, 1996, pp. 851-880.

ZEBROWSKI, M., *Deccani Painting*, London and Los Angeles, Sotheby Publications, University of California Press, 1983.

ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR, Vol. XIII, 2012, pp. 41-72

INFORMATION NETWORKS IN THE *ESTADO DA ÍNDIA*, A CASE STUDY: WAS GARCIA DE ORTA THE ORGANIZER OF THE *CODEX CASANATENSE* 1889?*

by
RUI MANUEL LOUREIRO**

The construction of the Portuguese *Estado da Índia* during the sixteenth century implied the development of more or less elaborated networks for the gathering, circulation and treatment of information, at the public as well as private levels. The Portuguese crown needed precise intelligence about the East African coast and maritime Asia, in order to establish permanent basis in the most strategic port-cities and intervene in the most profitable trade routes, overcoming all obstacles and making the necessary alliances and compromises. Early attempts to compile the available news on a portable manuscript format in the 1510s included the *Suma Oriental* of Tomé Pires and the *Livro das Coisas do Oriente* by Duarte Barbosa. But with the extraordinary growth of Portuguese presence and activities in the regions to the east of Cape of Good Hope, both treatises were soon complemented by a continuous output of textual and graphic information coming from all corners of the Orient.[1] In the meantime, private groups or individuals working within the *Estado da Índia* or on its margins had their own agendas, which were also on demand for all manner of information/documentation. Very specific needs – political, religious, commercial, cultural – gave rise to as many different projects, each with its own methods and approaches. One has to think only of the rigorous procedures adopted by the Society of Jesus to gather

* Many thanks are due to Vasco Resende, for bibliographical support, to Ernst van den Boogaart, for insightful comments on a first draft of the present text, and to Teresa Nobre de Carvalho, for lively discussions on all things concerning Garcia de Orta.

** Centro de História de Além-Mar and Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes.

[1] For a convenient synthesis, see Luís Filipe BARRETO, *Lavrar o Mar: Os Portugueses e a Ásia, c. 1480-c. 1630*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000; for a more thorough analysis of the sixteenth century printed Portuguese materials, see Donald F. LACH, *Asia in the Making of Europe*, Vols. 1-2, Chicago and London, The University of Chicago Press, 1965-1977.

information about Asia, with its elaborate system of periodic and systematic letters and reports at different levels of the organization.[2]

Several Portuguese writers working on specific cultural projects were also able to mobilize important information networks across maritime Asia. Outstanding examples, among many others, are João de Barros and Diogo do Couto, who were responsible, one after the other, for the vast textual enterprise known as *Décadas da Ásia*, dealing with the history of Portuguese political and military endeavors in the Orient in the sixteenth century. Each of them worked and wrote under diverse circumstances, using different methods and receiving dissimilar support from the Portuguese authorities. Barros never visited Asia and was active in Lisbon for half a century, between the 1520s and 1570; Couto lived most of his life in Goa, from 1559 to 1616.[3] But both were able to muster many of the official textual resources available from the *Estado da Índia*, while at the same time availing themselves of the collaboration of countless European and Asian informers, public servants, Catholic missionaries or private entrepreneurs/adventurers.[4] Among many others, the chosen case study in the present instance will be Garcia de Orta, the celebrated Portuguese physician and naturalist active in India, and mostly in Goa, between 1534 and the date of his demise, around 1568, for he offers a remarkable example of a private enterprise of information collection within the *Estado da Índia*. And, furthermore, Orta's case is particularly noteworthy in the context of a research project dealing with the renowned manuscript *Codex Casanatense 1889*, "questo grande itinerario pittorico dell'Oriente",[5] which, as will be argued further on, could have been organized or ordered by none other than the Portuguese botanist himself.[6]

Some introductory remarks about the *Codex Casanatense 1889* are perhaps in order. The present location of this celebrated collection of drawings, as it is evident, is the Roman library, established in the opening years of the eighteenth century according to the bequest of cardinal Girolamo Casa-

---

[2] On the Jesuit information enterprise, see John Correia-Afonso, *Jesuit Letters and Indian History, 1542-1773*, Bombay, Oxford University Press, 1969; and also Rui Manuel Loureiro, *Na Companhia dos Livros: Manuscritos e impressos nas missões jesuítas da Ásia Oriental, 1540-1620*, Macau, Universidade de Macau, 2007.

[3] Although there are good editions of individual *Décadas*, the only complete edition is still João de Barros and Diogo do Couto, *Da Ásia, Décadas*, ed. Nicolau Pagliarini, 24 vols., Lisboa, Livraria San Carlos, 1973-1975.

[4] For their methods of work and information networks, see: Charles R. Boxer, *João de Barros: Portuguese Humanist and Historian of Asia*, New Delhi, Concept Publishing Company, 1981; and R. M. Loureiro, *A Biblioteca de Diogo do Couto*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1998.

[5] Roberto Barchiesi, "L'Oriente catalogato in un manoscrito pittorico del Cinquecento", *Quaderni Portoghesi*, n. 4, 1978, pp. 163-182 (p. 172).

[6] I use the edition by Luís de Matos (ed.), *Imagens do Oriente no século xvi: Reprodução do códice português da Biblioteca Casanatense*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985 (who attributes the drawings to a Portuguese painter).

nate.[7] Curiously enough, studies about this fascinating figure, closely connected with the papal circles in seventeenth century Rome, do not abound, and it is rather difficult to assess how he came into possession of a manuscript prepared in faraway Goa in the middle years of the sixteenth century, as was the case of the *Album di disegni indiani* kept at the Casanatense. Apparently Casanate's curiosity about books and manuscripts was truly insatiable, since he managed to assemble a library of several thousand volumes. On the other hand, he was regularly in contact with European missionaries coming back from Asia and, actually, he had access to written materials of Asian provenance, since among many other tasks he was involved in the famous Chinese Rites controversy.[8] Any one of his acquaintances might have brought him the well-known Indo-Portuguese album from Goa, or from Lisbon. Alternatively or complementarily, the *Codex Casanatense 1889* might have belonged to other libraries. One option would be the large collection of books of Giovanni Maria Castellani – physician to pope Gregory XV, who ruled briefly between 1621 and 1623, that were also incorporated into the Biblioteca Casanatense.[9] Another option would be the library of the jurist Mattia Casanate, another bibliophile, who passed away in 1651, leaving his large collection to his son, cardinal Casanate.[10] Rome, in the sixteenth and seventeenth centuries, for a number of reasons but mainly for diplomatic/religious purposes, maintained regular contacts with Portugal and its overseas empire, and the movement of diplomatic and missionary personnel was constant. Castellani and both Casanate, father and son, might have been owners of the codex, and further researches will be necessary to establish the long itinerary of the precious manuscript, until it reached its final destination in Rome's Casanatense.[11]

The *Codex Casanatense 1889* is allegedly the "earliest extant collection of paintings of Eastern life and peoples".[12] Georg Schurhammer seems to have been the first researcher to call attention to this collection of 76 watercolor drawings, on large double sheets of paper, which were painted in India in the

---

[7] On the history of the library, see Vincenzo De Gregorio, *La Biblioteca Casanatense di Roma*, Napoli, Edizioni Scientifiche Italiane, 1993; on the cardinal, see Maria D'Angelo, *Il Cardinale Girolamo Casanate (1620-1700)*, Roma, Grafia, 1923. More recently, see Margherita Palumbo, "La 'biblioteca haeretica' del cardinale Girolamo Casanate", in Vittoria Bonani (ed.), *Dal torchio alle fiamme, Inquisizione e censura: Nuovi contributi dalla più antica Biblioteca Provinciale d'Italia*, Salerno, Biblioteca Provinciale, 2005, pp. 21-32.

[8] See references in A. M. Martins do Vale, *Entre a Cruz e o Dragão: O Padroado Português na China no Século XVIII*, Lisboa, Fundação Oriente, 2002.

[9] On Castellani's legacy, see V. De Gregorio, *Casanatense e dintorni: Saggi su biblioteche e cultura, particolarmente a Roma nel xvii secolo*, Napoli, CUEN, 1997.

[10] See Marina Panetta, *La "Libraria" di Mattia Casanate*, Roma, Bulzoni, 1988.

[11] In the meantime, for the Roman intellectual context, it will be useful to see Antonella Romano (ed.), *Rome et la science moderne: entre Renaissance et Lumières*, Roma, École Française de Rome, 2008.

[12] D. F. Lach, op. cit., Vol. 2, bk. 1, 1970, p. 64.

middle years of the sixteenth century.[13] The album was apparently sent to Lisbon from the Jesuit College of Goa in the 1620s, eventually finding its way into the Biblioteca Casanatense by still unknown means. "The majority of the watercolors show scenes of India and its various peoples, but there are also pictures of natives of Africa, Arabia, Persia, Indonesia, Indochina, Malacca, the Moluccas, and China".[14] Approximately half of the drawings represent couples in formal positions, sometimes with a child included. This group of paintings presents a sort of systematic geo-ethnographic compendium of Oriental peoples contacted by the Portuguese in the first half of the sixteenth century, following the African and the Asian coast lines, from the "cafres do cabo de [boa] esperança" (*cafres* from the Cape of Good Hope) all the way to the "Jente de tera da china" (people from the land of China).[15] The Japanese, however, are conspicuously absent from the album; but maybe this exception may be explained later on, by chronological reasons. The drawings are rather realistic, in their presentation and coloring of different types of hairstyle, facial features, clothes, shoes, ornaments, weapons, and in some cases mounts, which seems to suggest that the artist worked with real life models.

The other half of the drawings represents smaller or larger groups of Oriental people (from 3 to 39 people), engaged in all sorts of activities. Some paintings depict daily occupations, such as "plowing, sowing, harvesting, driving oxen caravans, selling water, bathing, washing clothes, and hunting birds"; others represent social or religious practices, such as "sacrifices before the gods, marriages, pilgrimages, ritual suicide, and portraits of the *trimurti* (Shiva, Vishnu, and Brama)"; and others still portray military activities, such as warriors on foot or on horseback, war elephants, "naval engage-

---

[13] Georg SCHURHAMMER, "Desenhos orientais do tempo de S. Francisco Xavier", *Garcia de Orta*, special number, 1956, pp. 247-256; republished in G. SCHURHAMMER, *Orientalia*, ed. László Szilas, Lisboa and Roma, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos and Institutum Historicum Societatis Iesu, 1963, pp. 111-118 (I use this later edition). The *Codex Casanatense 1889* includes 141 numbered pages, with most of the drawings occupying double pages. See furthermore: D. F. LACH, op. cit., Vol. 2, bk. 1, 1970, pp. 64-66; José Manuel GARCIA, *Ao Encontro dos Descobrimentos: Temas de História da Expansão*, Lisboa, Editorial Presença, 1994, pp. 85-92. I have dealt with the omnipresence of weapons in the drawings in R. M. LOUREIRO, "'As armas e os barões': aspectos bélicos da presença portuguesa no Oriente", in Joaquim Caetano, Fátima Pimenta Macedo and Jorge Caravana (ed.), *Rites of Power, Oriental Weapons: Collection of Jorge Caravana/Ritos de Poder, Armas Orientais: Colecção de Jorge Caravana*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2010, pp. 9-22. For useful comments on the *Codex*, see Ernst van den BOOGAART, *Civil and Corrupt Asia: Image and Text in the* Itinerario *and the* Icones *of Jan Huygen van Linschoten*, Chicago and London, The University of Chicago Press, 2003. See also Maria João CAMACHO, "Olhares cruzados", *Oceanos*, 32, 1997, pp. 8-9 (this number of the journal of the Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses reproduces with excellent quality all the images of the *Codex Casanatense 1889*, but the other articles included only marginally refer to the images). An excellent reproduction of the codex can be found in *Oltremare: Codice Casanatense 1889, Con Il Libro Dell'Oriente Di Duarte Barbosa*, ed. Fernand Braudel, Gianni Guadalupi, Charles R. Boxer and Roberto Barchiesi, Milano, Franco Maria Ricci, 1984.

[14] D. F. LACH, op. cit., Vol. 2, bk. 1, 1970, p. 65.

[15] L. MATOS (ed.), op. cit., pls. I and LXXVI.

ments, and duels".[16] Most of these scenes, always very detailed, appear to have been drawn on location, with live models. A note should be made that four drawings depict scenes with Portuguese people in them: first, the drawing of "Jente portuguesa de ormuz", a group of Portuguese men who are having their meal inside a pool in Hormuz; then, the drawing of "mulheres solteyras indias", Indian Christian maidens who are meeting a Portuguese man; and finally, the double drawing of the "Jente onrada portuguesa da india", a parade with a Portuguese nobleman riding a horse, while his wife (?) is being transported in a palanquin.[17]

It has been suggested that the drawings included in the manuscript codex, and representing Oriental and Portuguese characters and scenes, were produced before 1546.[18] One of the images presents the "Rey de cãbaya", the king of Cambay, and the caption mentions that he was the one who "pos çerco ha Fortaleza de dio", laid siege to the fortress of Diu. The first siege of the Portuguese fortress of Diu, in effect, took place in 1538, during the reign of sultan Mahmûd III (r. 1537-1554). Eight years later, in 1546, the same Gujarati ruler again attacked the Portuguese stronghold, and since then all Portuguese sources clearly separated the "first" from the "second" siege of Diu.[19] This dating, by the way, would explain the absence of images of Japanese. The first documented voyage of the Portuguese to Japan took place in 1543 and was accomplished by private adventurers active in the South China Sea, outside of the control of the *Estado da Índia*. News of such endeavor only slowly filtered back to Goa. And the first Japanese only arrived in Goa in 1548, by the hand of father Francis Xavier.[20]

In the meantime, all 76 watercolors appear to be from the same hand, and it has been plausibly suggested – on the basis of style and artistic conventions – that the anonymous artist was an Indian or an Indo-Portuguese.[21] Many local painters were active in Goa, in the middle years of the sixteenth century, as attested by Miguel Vaz Coutinho, general vicar of Goa, who suggested to the Portuguese monarch Dom João III in late 1545 that the

---

[16] D. F. Lach, op. cit., Vol. 2, bk. 1, 1970, p. 65.

[17] L. Matos (ed.), op. cit., pls. xviii, li and lii-liii. I don't include in this count the last drawing, which was added later. On the contents of the *Codex Casanatense*, see Ernst van den Boogaart's appendix in the present collection of essays, "Some remarks on the sequence of images, captions and general subject of the Codex Casanatense".

[18] G. Schurhammer, *Orientalia*, cit., pp. 116-117.

[19] See M. N. Pearson, *Merchants and Rulers in Gujarat: The Response to the Portuguese in the Sixteenth Century*, New Delhi, Munshiram Manoharlal Publishers, 1976.

[20] See R. M. Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins: Portugal e a China no Século xvi*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000, pp. 363-396; and Olof G. Lindin, *Tanegashima: The Arrival of Europe in Japan*, London, Routledge Curzon, 2002.

[21] See Maria Amélia Fernandes, "O Códice Casanatense: o encontro civilizacional, através de um discurso etno-antropológico em imagens", *Les Ateliers des Interprètes*, n. 4, 1992, pp. 135-153 (atributes the drawings to an Indian painter); and Maria Manuel Mota, "Códice Casanatense: An Indo-Portuguese Portrait of Life in 16th-Century India", *Marg*, Vol. 52, n. 2, 2001, pp. 34-45 (attributes the drawings to an Indian artist).

"pimtores jemtios" should only be allowed to paint Christian religious images if they actually converted to Christianity. He emphasized the activities of the "mocadao",[22] the "most important man among them, who controls what they do, very skilled in the art of painting and the best professional of them all".[23] Any one of these Indian painters could be the author of the drawings included in the *Codex Casanatense 1889*. In the meantime, the Goan territory was certainly a most cosmopolitan area, where representatives of the many peoples depicted in the collection of "disegni indiani" of the Casanatense, coming from all parts of East Africa and maritime Asia, gathered in large numbers. Also, many of the Indian scenes included in the Indo-Portuguese album could be witnessed in Goa and in neighboring places. But at least some of the images appear to have been made elsewhere, such as the ones that refer to Gujarat and to the Persian Gulf regions. And this seems to imply that the author of the drawings made some travels before or while working on its images. Did he travel on his own? Or was he accompanying the commissioner of the album? And that's the important question: who was responsible for the commission and organization of the *Codex Casanatense 1889*? The captions that explain the images are written in Portuguese and it has been assumed that the original owner of the collection of drawings was a Portuguese living in Goa at the time of composition. Most probably the Portuguese owner, and not the painter, was responsible for writing the captions.

Such collections of drawings do not abound in the Iberian world in the first half of the sixteenth century; but one outstanding example comes immediately to mind. In the late 1520s, the artist Christoph Weiditz travelled across the Iberian Peninsula in the entourage of emperor Charles V and prepared a collection of drawings of several dozens of typical figures he encountered on his journeys. The *Trachtenbuch*, as it has been styled, bears some resemblance with the *Codex Casanatense*, in its organization, its attention to dressing codes, and its depiction of exotic customs, although the style of

---

[22] *Mocadão*, from the Arabic *muqaddam*, was the Portuguese rendering of "foreman" (see José Pedro Machado, *Influência Arábica no Vocabulário Português*, 2 vols., Lisboa, Edição de Álvaro Pinto, Revista de Portugal, Vol. 2, 1958-1961, pp. 180-181).

[23] António da Silva Rego (ed.), *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente, Índia*, 12 vols., Lisboa, Agência Geral das Colónias/Agência Geral do Ultramar, 1947-1958, Vol. 3, 1950, p. 223: "homem primcipal delles e que oulha pelo que fazem, de gramde abilidade neste mester de pimtar e o mylhor oficial de todos". On Miguel Vaz, see G. Schurhammer, *Francisco Javier: Su vida y su tiempo*, trans. Félix de Areitio Ariznabarreta, Francisco Zurbano and Jesús Iturrioz, 4 vols., Pamplona, Gobierno de Navarra, Compañia de Jesús and Arzobispado de Pamplona, Vol. 2, 1992, pp. 202-208. Curiously enough, Orta mentions Miguel Vaz in his work: see Garcia de Orta, *Colóquios dos simples e drogas da Índia*, ed. count of Ficalho, 2 vols., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987 (I use this edition for all quotations, all translations being my own), Vol. 2, p. 120. For an overview of early Indo-Portuguese art, see Pedro Dias, *A Viagem das Formas*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995, pp. 185-216; and P. Dias, *Índia, Artes decorativas e iconográficas*, Lisboa, Público, 2008.

the drawings is clearly European.[24] But most certainly it had a very limited circulation. However, the compilation of the *Trachtenbuch* reveals that the practice of collecting drawings of ethnographic value and interest was in the order of the day in Portugal and Spain. And most probably this practice drew its inspiration from the appearance in Europe of customs books such as Johann Boemus' *Omnium Gentium Mores, Leges et Ritus*, published in Augsburg in 1520, which was subsequently translated into several European languages.[25] The textual enterprises of men such as Boemus, it appears, was contemporary with the idea of complementing written descriptions of alien or exotic customs with graphic supports, and there are some early sixteenth century examples of artists who never travelled to Asia, such as Hans Burgkmair and Albrecht Dürer, but produced drawings related to the Oriental world that was being contacted by the Portuguese.[26] Many such drawings representing Asian peoples, animals or artifacts circulated in manuscript form or as individual printed engravings.[27]

---

[24] See Christoph Weiditz, *Authentic Everyday Dress of the Renaissance: All 154 Plates from the "Trachtenbuch"*, ed. Theodor Hampe, New York, Dover Publications, 1994. For a stimulating analysis, see Andrea Mckenzie Satterfield, *The assimilation of the marvelous other: Reading Christoph Weiditz's Trachtenbuch (1529) as an ethnographic document*, unpublished M. A. dissertation, Tampa, Florida, University of South Florida, 2007 [accessed 27 December 2012]. Available at http://scholarcommons.usf.edu/etd/2353. Also see Marília dos Santos Lopes, "Portugueses do século xvi no *Trachtenbuch* de Christoph Weiditz", *Oceanos*, n. 26, 1996, pp. 104-107; and also Gabriele Mentges, "Pour une approche renouvelée des recueils de costumes de la Renaissance. Une cartographie vestimentaire de l'espace et du temps", *Apparence(s)*, n. 1, 2007 [accessed 8 December 2012]. Available at http://apparences.revues.org/104. There is a new edition of the *Trachtenbuch*, which I have not seen: C. Weiditz, *El Códice de Trajes*, ed. José Luis Casado Soto and Carlos Soler d'Hyver de las Deses, 2 vols., Valencia, Ediciones Grial, 2001.

[25] For such a suggestion, see A. M. Satterfield, op. cit., pp. 35-38. For an interesting, but rather neglected, approach to travel and ethnography in early modern Europe, see Justin Stagl, *A History of Curiosity: The Theory of Travel 1550-1800*, Chur (Switzerland), Harwood Academic Publishers, 1995. On Boemus, see the classical analysis by Margaret T. Hodgen, *Early Anthropology in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1971, pp. 111-161; and also Klaus A. Vogel, "Cultural Variety in a Renaissance Perspective: Johannes Boemus and 'The Manners, Laws and Customs of all People' (1520)", in Henriette Bugge and Joan Pau Rubiés (ed.), *Shifting Cultures: Interaction and Discourse in the Expansion of Europe*, Münster, LIT Verlag, 1995, pp. 17-34.

[26] For a general overview, see D. F. Lach, op. cit., Vol. 2, bk. 1, 1970, pp. 78-95. On the notion of "exotic", see Peter Mason, *Infelicities: Representations of the Exotic*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1998. On Burgkmair and Dürer there is a rich bibliography, but see respectively Stephanie Leitch, *Mapping Ethnography in Early Modern Germany: New Worlds in Print Culture*, New York, Palgrave Macmillan, 2010, and Larry Silver and Jeffrey Chipps Smith (ed.), *The Essential Dürer*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2010.

[27] On coeval printmaking and print collecting, see Mark P. McDonald, *Ferdinad Columbus: Renaissance Collector*, London, The British Museum Press, 2005. Printed collections of costume books only became popular in the 1560s, after François Desprez published his *Recueil de la diversité des habits, qui sont de present en usage, tant es pays d'Europe, Asie, Affrique & Isles sauvages, le tout fait apres le naturel* in Paris in 1562; see Isabelle Paresys, "Images de l'autre vêtu à la Renaissance: Le recueil d'habits de François Desprez (1562-1567)", *Journal de la Renaissance*, Vol. 4, 2006, pp. 25-56. This trend would culminate in the celebrated *Habiti antichi et*

The Portuguese had been collecting news about every aspect of the Oriental lands and seas they visited or heard about, since their first visits to India. Most of the information was conveyed to Europe in textual or cartographic format by civil, military and religious servants of the Portuguese ruling house or the Portuguese *Padroado*.[28] Instances of Portuguese iconographic information, although not abundant, are also known in the first half of the sixteenth century, including portraits of Portuguese viceroys or governors, fortresses and port-cities, and sailing ships.[29] Paramount examples include, on the one hand, the fortress drawings prepared by the chronicler Gaspar Correia to illustrate his *Lendas da Índia*, a monumental chronicle of the first half century of Portuguese endeavors in the Orient; and, on the other hand, the nautical drawings that enrich the three maritime rutters prepared by the famous navigator and scientist Dom João de Castro, between 1538 and 1541. And, as a matter of fact, the names of both authors have been suggested as the possible owners or commissioners of the *Codex Casanatense 1889*, although no particular arguments for such identification were advanced.[30] Both were likely candidates, of course. Gaspar Correia went to India as a young man, in the early years of the sixteenth century, and he lived there for half a century, until his death around 1563.[31] He worked within the inner circles of the *Estado da Índia* government, he collected manuscripts relating to Portuguese activities in the Orient, and he was also an amateur painter, responsible for sundry art works, such as portraits of Portuguese noblemen, depictions of the armadas of the *Carreira da Índia* and bird's-eye views of relevant Asian port-cities. Dom João de Castro lived in India inter-

---

moderni di tutte il mondo published by Cesare Vecellio at Venice in 1590, which included no less than 420 woodcuts; on this author, see Jeannine Guérin Dalle Mese, *L'occhio di Cesare Vecellio: Abiti e costume esotici nel '500*, Alessandria, Edizioni dell'Orso, 1998. On costume books, there is a wealth of literature, but see: Daniel Defert, "Un genre ethnographique profane au XVI^e^ siècle: Les livres d'habits (Essai d'ethno-iconographie)", in Britta Rupp-Eisenreich (ed.), *Histoires de l'anthropologie (XVI^e^-XIX^e^ siècles)*, Paris, Klincksieck, 1984, pp. 25-41; and Odile Blanc, "Image du monde et portraits d'habits: les recueils de costumes à la Renaissance", *Bulletin de Bibliophilie*, n. 2, 1995, pp. 221-261.

[28] For a survey of early reports, see António Alberto Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo: Panorama da Difusão, pela Europa, de Notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, 2 vols., Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972; and D. F. Lach, op. cit., Vol. 1, bks. 1-2, 1965.

[29] See D. F. Lach, op. cit., Vol. 2, bk. 1, 1970, pp. 64-77. And also Paulo Pereira, "Iconografia dos Descobrimentos", in Luís de Albuquerque and Francisco Contente Domingues (ed.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, 2 vols., Lisboa, Editorial Caminho, 1994, pp. 505-513; and M. S. Lopes, *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas: para uma iconografia dos Descobrimentos*, Lisboa, Quetzal Editores, 1998.

[30] See J. M. Garcia, op. cit., pp. 85-92.

[31] On Gaspar Correia, who is clearly understudied, see Maria João Loução de Carvalho, *Gaspar Correia e dois perfis de governador: Lopo Soares de Albergaria e Diogo Lopes de Sequeira, Em busca de uma causalidade*, unpublished M. A. dissertation, Lisboa, Universidade Aberta, 2009; and on Dom João de Castro, see Luís de Albuquerque, *Navegadores, Viajantes e Aventureiros, Séculos XV e XVI*, 2 vols., Lisboa, Editorial Caminho, Vol. 2, 1987, pp. 106-121.

mittently between 1538 and 1548, date of his demise in Goa, the last three years as governor of the *Estado da Índia*. He was a highly cultivated man, actively curious about Asian matters, and a gifted observer and painter, and there are examples of his interest in collecting Oriental manuscripts.[32] However, be that as it may, no direct link can be securely established between the organization of the *Codex Casanatense 1889* and either Gaspar Correia or Dom João de Castro.

Although both of them should be kept on hold, perhaps other likely candidates can be mustered in Portuguese Goa. The organizer or commissioner of the collection of manuscript drawings was a Portuguese man who lived in India in the middle years of the sixteenth century. He probably travelled extensively across maritime Asia. He didn't necessarily have to be linked with the official circles of the *Estado da Índia*, since the album of "disegni indiani" does not seem to be connected with a clear project of imperial propaganda. And he must have been interested in collecting information about Oriental matters, either for his own enjoyment and education or for purposes of preparing some sort of geographic/ethnographic treatise. So, besides collecting drawings, he would have been gathering European printed books, as well as manuscript reports, maps, letters and accounts. And such a man would certainly stand out, even in a cosmopolitan place such as Goa.[33] Who were the other likely candidates? At least three come to mind.

The first one is the already mentioned Duarte Barbosa, the celebrated author of the *Livro das Cousas do Oriente*.[34] This extensive geographical account, which was concluded around 1517, but subsequently corrected and enlarged, described all the oriental regions extending from the Cape of Good Hope all the way to the southern coast of China. Not much is known about Barbosa, who for many years was a scrivener at the Portuguese factory in Cannanore and who lived in India until at least 1549. He does not seem to have travelled widely, but his geographical treatise bears a curious similitude with the *Codex Casanatense 1889*, which also adopts a topographic organization from west to east, following the African and then the Asian coast lines. Furthermore, Duarte Barbosa was fluent in the Malayalam language and very familiar with the Malabar region, which is rather well represented in

---

[32] See Eugenio Asensio, "Un relato árabe recogido por D. João de Castro", in Manuel Cavaleiro de Ferreira *et al.* (ed.), *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, 2 vols., Lisboa, Imprensa de Coimbra, Vol. 1, 1959-1960, pp. 395-413.

[33] About cultural life in Goa, see Catarina Madeira Santos, *"Goa É a Chave de Toda a Índia": Perfil Político da Capital do Estado da Índia (1505-1570)*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

[34] On Duarte Barbosa, see L. F. Barreto, "Duarte Barbosa e Tomé Pires. Os Autores das Primeiras Geografias Globais do Oriente", in Berta Ares Queija and Serge Gruzinski (ed.), *Entre dos Mundos: Fronteras Culturales y Agentes Mediadores*, Sevilla, Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1997, pp. 177-192. For a critical edition of his work, see Duarte Barbosa, *O Livro de Duarte Barbosa*, ed. Maria Augusta da Veiga e Sousa, 2 vols., Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1996-2000.

the drawings of the manuscript album. But apart from these connections, no further evidences point him as the organizer of the collection of drawings. The second likely candidate is Fernão Mendes Pinto, the equally celebrated author of the *Peregrinaçam*, a prodigious "book of memories" purporting to describe its author's travels and adventures across all of Asia, from the Red Sea to Japan, in the two decades that extend from 1538 to 1558. During this long period, he repeatedly passed through Goa. And it has been determined that the account of Mendes Pinto's travels, which was posthumously published in 1613 in Lisbon, made use of a vast array of published and manuscript sources, textual as well as cartographic.[35] Could the Portuguese traveler have commissioned and used the *Codex Casanatense 1889*? It's a possibility, although unproved.[36] Against it is the fact that the majority of the Indo-Portuguese drawings refer to areas that fall outside the geographical scope of the *Peregrinaçam*, such as the Arabian Peninsula, the Persian hinterland, and certain areas of the Indian subcontinent. The third candidate is Garcia de Orta, as previously suggested.

The regular contact with the *Colóquios dos simples e drogas da Índia* for a number of years led me in different occasions[37] to ponder about two specific problems: on the one hand, the number and type of sources used by Garcia de Orta to put together his massive textual enterprise; on the other hand, the long list of informers that the Portuguese author appealed to in the course of his work as a writer. The composition of such a huge and complex book, dealing with so many and different subjects, pertaining to countless geographical regions, had to be the product of at least four different factors: a sophisticated *academic formation*, a well stocked *specialized library*, a long and accomplished *practical experience*, and an enormous *network of informers*. All these themes have been dealt with by previous researchers, and namely by the Francisco Manuel de Melo Breyner, count of Ficalho, in his classical biography of Garcia de Orta.[38]

---

[35] For relevant references to Mendes Pinto and to the sources of the *Peregrinaçam*, see R. M. Loureiro, *Nas Partes da China: Colectânea de Estudos Dispersos*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2009, pp. 151-197. For a recente edition of his work, complemented by studies and notes, see Jorge Santos Alves (ed.), *Fernão Mendes Pinto and the "Peregrinação"*, 4 vols., Lisboa, Fundação Oriente, 2010.

[36] G. Schurhammer was the first to suggest a connection between Mendes Pinto and the Codex (see *Orientalia*, cit., p. 118).

[37] R. M. Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, cit., pp. 603-608; R. M. Loureiro, "Garcia de Orta e os *Colóquios dos simples*: Observações de um viajante sedentário", in Gabriela Fragoso and Anabela Mendes (ed.), *Garcia de Orta e Alexander von Humboldt: Errâncias, Investigações e Diálogo entre Culturas*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2008, pp. 135-145.

[38] Francisco Manuel de Melo Breyner (count of Ficalho), *Garcia de Orta e o Seu Tempo*, ed. Nuno de Sampayo, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983. For recent and stimulating studies on Orta and his work, see Ines G. Županov, "Drugs, health, bodies and souls in the tropics: Medical experiments in sixteenth-century Portuguese India", *The Indian Economic and Social History Review*, Vol. 39, n. 1, 2002, pp. 1-43; Teresa Nobre de Carvalho, "*Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta: Conversas no interior da Índia", in G. Fragoso and A. Mendes

The study of the life and works of some Portuguese overseas writers of this period poses particular difficulties, for total absence of references to them in available coeval sources. More often than not almost nothing transpires from the chronicles, treatises, relations, or even official documentation, as if certain individuals, in spite of their later fame, were able to stay invisible to their contemporaries for decades on a row. Such is the case, for instance, of Fernão Mendes Pinto who, by the way, lived in Asia for an extended period during Garcia de Orta's residence in India. In order to rebuild his biographic itinerary in a more or less articulated fashion it is necessary to carefully scan the pages of his *Peregrinaçam*, with all the shortcomings that such a method entails. Garcia de Orta, just like Mendes Pinto, is one of those men that only emerges from an otherwise total anonymity thanks to the publication in Goa in 1563 of a bulky volume in dialogue form entitled *Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais da India*.[39] A typographic object, besides, that immediately assumed clearly exotic dimensions: for being one of the extremely rare non-religious works to be printed by the European printing presses then existing in Asia; for dealing with exceptionally innovative matters in the context of early modern overseas botany and medicine – or "natural and moral history of the Indies", as it would then be styled; for being one of the books with the largest number of misprints in the history of Western printing.[40] But it is mainly in the folios of one of the few surviving copies of this curious graphic/textual project – or in one of its modern editions, the most celebrated of which was prepared in the late nineteenth century by the count of Ficalho[41] – that we can look for

(ed.), *Garcia de Orta*, cit., pp. 165-174; I. G. Županov, "'The Wheel of Torments': mobility and redemption in Portuguese colonial India", in Stephen Greenblatt *et al.* (ed.), *Cultural Mobility: A Manifesto*, Cambridge, Cambridge University Press, 2009, pp. 24-74; Palmira Fontes da Costa, "Geographical expansion and the reconfiguration of medical authority: Garcia de Orta's *Colloquies on the Simples and Drugs of India* (1563)", *Studies in History and Philosophy of Science*, n. 43, 2012, pp. 74-81; and namely in Teresa Nobre de Carvalho's recent doctoral dissertation, *O mundo natural asiático aos olhos do Ocidente. Contribuição dos textos ibéricos quinhentistas para a construção de uma nova consciência europeia sobre a Ásia*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2013.

[39] There is an easily accessible facsimile of the first edition: Garcia de ORTA, *Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da India*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1963. However, it should be noted that T. N. Carvalho has found out that many of the extant copies of the first edition present important differences between each other, *O mundo natural asiático aos olhos do Ocidente*, cit., pp. 99-156. Also see T. N. Carvalho, "Invisible travelers and virtual tracks: knowledge construction in *Colóquios dos Simples e Drogas da India* (Goa, 1563)", in Antoni Roca-Rosell (ed.), *The Circulation of Science and Technology: Proceedings of the 4th International Conference of the European Society for the History of Science*, Barcelona, Societat Catalana d'Història de la Ciència i de la Tècnica, 2010, pp. 288-293.

[40] See C. R. Boxer, "Garcia de Orta", in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, 4 vols., Lisboa, Iniciativas Editoriais, Vol. 3, 1971, pp. 248-250.

[41] G. Orta, *Colóquios*, cit., *passim*. There is an English translation: G. Orta, *Colloquies on the simples and drugs of India*, ed. and trans. Clements Markham, London, Hakluyt Society, 1913.

data about the oriental itinerary, the ideas and convictions, the activities and occupations, the working methods of Garcia de Orta. Otherwise, sixteenth century sources are almost completely silent about our author. In a letter written from India in 1559, the well known Luís Fróis mentions the participation in an academic jury at the Jesuit College in Goa of "Doutor Orta, que hé hum velho já quasi decrépito, dos milhores letrados que há nestas partes".[42] Which means that several years before the publication of his treatise, Garcia de Orta had a reputation of being an accomplished scholar, perfectly capable of discussing topics included in the normal curricula of an establishment of higher education run by the Society of Jesus.

This brief depiction of "Doutor Orta" is confirmed in 1563 by several of the preliminary texts of the *Colóquios*. His friend the poet Luís de Camões styles him as "hum velho", characterizing him as "carreguado/De annos, letras, e longua experiência".[43] While the *licenciado* Dimas Bosque, his professional colleague, calls attention to the "homem, que, do principio da sua edade até autorisada velhice, nas letras e faculdade da medicina gastou seu tempo".[44] The academic titles of the former student of the universities of Alcalá and Salamanca are not called into question, rather they are constantly present in the pages of the *Colóquios*, through countless references to the lessons of university lecturers, through the confrontation of Asian realities with Western specialized knowledge and through the repeated criticism of certain learned authorities. Garcia de Orta's extensive and systematic readings of fundamental works of European scholarship, done in the years following his graduation from university and during his long residence in India, are also not in question.

Although the possible contents of Garcia de Orta's library have already been explored,[45] some brief comments may be in order. And one could wonder, for instance, if he owned all the titles quoted or mentioned throughout the *Colóquios*. Like many other men of letters of his day and age, Orta was extremely keen on scattering references to scholarly authorities in the pages of his book, either to sustain his own ideas, to exhibit his knowledge on the subjects he is dealing with, or to criticize traditional European learning. In this last instance, his famous and often quoted allegation that "se sabe mais em hum dia agora pellos Portuguezes, do que se sabia em 100 annos

---

[42] Joseph Wicki and John Gomes (ed.), *Documenta Indica*, Vol. 4, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1956 (18 vols., 1948-1988), pp. 296-297: "Doctor Orta, who is a very old and decrepit man, one of the best scholars living in these parts". On Fróis, see R. M. Loureiro, *Nas partes da China*, cit., pp. 217-232.

[43] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, p. 8: "an old person"; "loaded with years, letters, and long experience".

[44] *Idem*, Vol. 1, p. 10: "man who from his early years to his learned old age spent his time in the letters and practice of medicine".

[45] F. M. M. Breyner, op. cit., pp. 284-300; and T. N. Carvalho, *O mundo natural asiático*, cit., pp. 225-270.

pellos Romanos" may be invoked.[46] It is then highly likely that many of his quotations are second hand. As it is also probable that a part of the works cited had been handled during the years he spent at the university in Spain. Perhaps this is the case with the works of Theoprastus, Marcellus Empiricus, Hermolaus Barbarus, and some others.[47] Certain titles, on the other hand, certainly belonged to other Portuguese residents of Goa or even to local religious institutions. Such would be the case of the works of Saint Augustine, the *Dictionarium latino-hispanicum* of Antonio de Lebrija or the *Apologia* of Giovanni Pico de la Mirandola that existed in the convent libraries of Goa; or the copy of *De vitis pontificum historia* by Bartolomeo Platina, which belonged to Orta's friend Martim Afonso de Sousa.

Anyway, information collected in the pages of the *Colóquios* seems to prove that the experienced physician possessed a considerable library, filled not only with specialized works dealing with the natural world, but also with books on other areas of expertise or of a more general type. In the marginal notes to Orta's treatise a wealth of references can be found, with mentions to specific textual places within the works of such authors as Pliny, Dioscorides, Avicenna, Galen, Serapion and Matthaeus Silvaticus, testifying to an elaborate knowledge of Western medical and botanical literature. Our author certainly had copies of the works of all these authorities, which were repeatedly published by European printing presses since the closing decades of the fifteenth century. Garcia de Orta, mastering a vast erudition, also quotes in a correct and informed fashion several modern works which certainly existed in his personal library. Among other titles, some can be pointed out, such as the *Itinerario* by Ludovico di Varthema, perhaps in the 1520 Seville edition, the *Sumario de la natural y general istoria de las Indias* by Gonzalo Fernandez de Oviedo, first printed in Toledo in 1526, and the *Chorographia de alguns logares* by Gaspar Barreiros, a work published as recently as 1561 in Coimbra, just two years before the edition of the *Colóquios*. On the basis of the *Colóquios dos simples*, then, it is possible to outline a consistent *academic formation* and a large *specialized library*. But what can be said about other contributions, namely Orta's *practical experience* and his *network of informers*?

In 1534 Garcia de Orta boarded in Lisbon the Goa bound ship *Rainha*, as personal physician to Martim Afonso de Sousa, a *fidalgo* who had been appointed by the Portuguese crown as captain major of the "seas of India".[48] In the course of the following four years, he accompanied his protector and mentor in sundry expeditions along the western coast of Indostan. Portu-

---

[46] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, p. 210: "nowadays more his known in one day through the Portuguese, than it was known in 100 years through the Romans".

[47] F. M. M. Breyner, op. cit., pp. 288-291.

[48] On the career of this Portuguese *fidalgo*, see Alexandra Pelúcia, *Martim Afonso de Sousa e a Sua Linhagem: Trajectórias de Uma Elite no Império de D. João III e de D. Sebastião*, Lisboa, Centro de História de Além-Mar, 2009.

guese sixteenth century chroniclers document in detail the travels and campaigns of Martim Afonso in such a fashion that it is possible to follow with great precision the movements of Garcia de Orta during his first years in Asia. Some brief examples will suffice to document the development of Orta's working methods. No sooner had he reached Goa, the physician immediately embarked on an expedition to Cambay. While passing through Bombay, he visited the celebrated Elephanta Caves, which he will later describe in one of his colloquies.[49] This means that Garcia de Orta, since the beginning of his oriental residence, was an interested, attentive and inquisitive observer, who tried to take the best advantage of every opportunity to gather information and widen his experience. In late 1534 the physician was present at the signing of the contract between the representatives of the *Estado da Índia* and the sultan of Gujarat through which the Portuguese came into possession of Bassein, meeting on the occasion the Persian interpreter "Coja Perculim", whom will later be referred to repeatedly in the *Colóquios*.[50] And this was another permanent feature of our man, who took advantage of any meetings with cultivated and well informed people, regardless of their origins, to gather information on Asian realities.

If we look at Ruano, one of the main characters in the *Colóquios*, as a sort of younger avatar of Garcia de Orta,[51] we can picture him as early as 1534 incessantly taking notes about all aspects of the exotic environment he was immersed in, and later confronting these annotations with the lessons of European scholarly works, where he had learned to read the world in a manner that would have seemed more limited and misleading at each passing day. And, while we are at it, why not picture the young Portuguese physician sketching people, plants, animals, weapons, ships, buildings, or collecting drawings about the Oriental world he was exploring so intensely? Western natural history, after all, frequently used visual depictions.[52] Besides, in the first colloquium, through the voice of Ruano, a complete research program is presented, one that would have guided Orta's steps for many years:

> tenho grande desejo de saber das drogas medicinais (…) e destoutras mezinhas simples, que qua há, ou fruitas todas, e da pimenta, das quais cousas queria saber os nomes em todas as línguas, assi das terras donde nascem e dos

---

[49] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 2, pp. 341-342.

[50] On this interesting character, see Luís Filipe Thomaz, "Ḫʷāje Pīr Qolī et sa *Brève relation de la Perse*", *Eurasian Studies*, Vol. V, ns. 1-2, 2006, pp. 357-369.

[51] Cf. G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, p. 21. Harold J. Cook suggested that the character "Ruano" could be an allusion to Jean de la Ruelle (Orta's "Ruelio"), who prepared a Latin annotated version of the work of Dioscorides (*Matters of Exchange: Commerce, Medicine, and Science in the Dutch Golden Age*, New Haven, Yale University Press, 2007, p. 22). Could the Portuguese word *matarruano*, synonymous of "simpleton", have anything to do with Ruano's naming? On the other hand, we could look at Ruano as Orta's heteronym.

[52] See Bryan W. Ogilvie, *The Science of Describing: Natural History in Renaissance Europe*, Chicago, The University of Chicago Press, 2006.

> arvores ou prantas que as crião, e assi queria saber dalgumas outras plantas e frutos desta terra, ainda que não sejão medicinais, e assi dalguns custumes desta terra, ou cousas que nella acontecerão.[53]

Garcia de Orta continued his wanderings across northern Indostan in 1535, visiting Chaul and again Bassein. That same year he was in Diu, where he witnessed the construction of the Portuguese fortress in a piece of land offered by sultan Bahadur, who wanted to use the protection of the *Estado da Índia* against the advances of the Mughals, who were threatening his hegemony over Gujarat. Later on he will recall, confirming his normal operational procedure, that he used his leisure moments to wander through the Diu bazaar observing local products, acquiring samples, and questioning Vania merchants about indigenous names, properties and practical uses.[54] Still in 1535 Orta went with Martim Afonso de Sousa on an expedition through the hinterland of Gujarat, to the outskirts of the city of Ahmedabad, which had recently been occupied by the Mughal ruler Humayun. This was a unique and rare opportunity to become acquainted with a region that was seldom visited by Europeans, and Orta will later mention in his *Colóquios* the repeated conversations he had with sultan Bahadur.[55]

The following years, always in the company of Martim Afonso, the Portuguese physician sailed along the India coast, and also to Ceylon, witnessing or participating in several military and naval campaigns. In 1538, when his protector returned to Portugal after the end of his naval tour of duty, Garcia de Orta, for unknown reasons, decided to settle in Goa as a physician. And from then on, in the words of Dimas Bosque, he would live in the "partes da Asia (…) por espaço de trinta annos, curando muyta diversidade de gentes (…) na companhia dos viso-reys e governadores desta oriental Índia".[56] So far, there is nothing unusual in this story. Garcia de Orta was just another subject of the Portuguese crown that, once relieved from his official duties, decided to establish residence in India, either because he feared the long homeward maritime journey, because some reason prevented

---

[53] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, p. 19: "I have a great desire to learn about medicinal drugs (…) and other remedies that are found here, and all the fruits, and about pepper, of which products I want to know the designations in all languages, and were they grow and about the trees and plants that produce them, and I also want to know about other plants and fruits from these lands, even if they are not medicinal, and also about some customs of these parts, and events that have occurred here".

[54] *Idem*, Vol. 2, p. 329.

[55] For an approach to the interactions of the Portuguese in Gujarat in this period, see Muzaffar Alam and Sanjay Subrahmanyam, "Letters from a Sinking Sultan", in Luís Filipe F. R. Thomaz (ed.), *Aquém e Além da Taprobana: Estudos Luso-Orientais à Memória de Jean Aubin e Denys Lombard*, Lisboa, Centro de História de Além-Mar, 2002, pp. 239-269; and Dejanirah Couto, "Em Torno da Concessão e da Fortaleza de Baçaim", *Mare Liberum*, n. 9, 1995, pp. 117-132.

[56] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, pp. 10-11: "in the parts of Asia (…) for a period of thirty years, curing a large array of people (…) in the company of the viceroys and governors of these Eastern Indies".

him from returning to Portugal (his Jewish descent?), or because he had been converted by the "fumos orientais" (or "oriental fumes", as the saying went). After all the Portuguese physician had professional skills that allowed him to settle easily in the cosmopolitan metropolis of Goa, enjoying a comfortable way of life. In time he would become one of the wealthiest *casados* of Goa, even owning his own ship(s). Information about further expeditions undertaken by Orta does not abound, and one would suspect that for most of the rest of his life, until his demise around 1568, the physician lived in Goa, as a *sedentary traveler*.

In the meantime, Garcia de Orta stands out in the Portuguese overseas cosmopolitan milieu for at least two reasons. On the one hand, not limiting himself to the exercise of a purely Western clinical practice in the aristocratic manors and crown hospitals of the Goan territory, the Portuguese physician – in the words of Dimas Bosque – struggled to "saber e descobrir a verdade das medeçinas simples, que nesta terra naçem", communicating with "medicos e pessoas curiosas", in Goa as well as in "algumas cortes de reis mouros e gentios".[57] That is, Orta, unlike his more conservative colleagues, was open to and curious about Oriental practices, completely assuming an acculturation process that parted radically from the conventional medicine practiced in the Iberian Peninsula. On the other hand, from a given moment, that we can with some degree of certainty situate in the 1530s, Orta began to gather extensive notes about the Asian natural and cultural worlds, having in mind the composition of a treatise dedicated not only to "materia medicinal", but also to "algumas cousas que esta terra tem dinas de serem sabidas".[58] The final result of these procedures, that lasted for about three decades, was a book printed in the Goan presses of Joannes de Endem in 1563, written in a conventional dialogue form,[59] but truly revolutionary in its contents.

The information gathered in the pages of the *Colóquios* pertains to natural products, social and cultural practices, political events, relevant characters, and geographical settings. A part of it can be related to the first period of Orta's life in India, when he was travelling in the company of Martim Afonso de Sousa to places located between the Gulf of Cambay and the island of Ceylon. Other news compiled in the treatise may be traced to a visit (or visits) that he made to the court of the ruler of Ahmadnagar in the Indian hinterland in (an) uncertain date(s). In effect Orta mentions repeatedly the friendly relations he maintained with the "Nizamoxa" (or Nizam Shah), such as when he writes about "hum rey no Balagate, cujo pay curei muitas vezes, e ao filho algumas; de quem, por vezes, recebi mais de doze mil

---

[57] *Idem*, Vol. 1, pp. 10-11: "learn the truth about medicinal products that grow in these parts"; "physicians and inquisitive people"; "some courts of Muslim and Heathen kings".

[58] *Idem*, Vol. 1, p. 11: "medical matters"; "some other things that are worth knowing in these parts".

[59] On the dialogue form, see Consolación Baranda Leturio, "Formas del discurso científico en el Renacimiento: tratados y diálogos", *Sudia Aurea*, n. 5, 2001, pp. 1-21.

pardáos".[60] Burhan Nizam Shah ruled between 1509 and 1553, but it is not completely established when, in what circumstances and how many times Garcia de Orta made the long voyage from Goa to Ahmadnagar, that was done from the Portuguese territories of Chaul or Bassein. What is certain is that the physician styles him as "meu amigo".[61] And that he stresses, about mangoes, that it was in the "partes do Balagate em que as provei melhores", namely in "Chacana e Quindur, e Amadanager e Dultabado (cidades principais do Nizamoxa)".[62] But the references scattered through the *Colóquios* are somehow repetitive (he mentions at least three times having cured *Nizamoxa* of his tremors), suggesting that he was talking about a limited number of visits, perhaps only one, to Ahmadnagar. And in one of the last colloquies of his work, Orta mentions that as soon as he arrived in India for the first time, "dahi a alguns dias foy ver o Nizamoxa",[63] meaning perhaps that his journey to the hinterland of Deccan could be placed in 1534-1535. Another mystery relates to his association with the second residence of Martim Afonso de Sousa in India, between 1542 and 1545. Did Garcia de Orta join the new, and frequently bellicose, travels of his old protector along the coasts of Indostan, and namely to the south of India, in the ill-fated expedition to the Tirupati temple complex? The physician mentions passing through the "ilha das Vacas, (que he alem do cabo de Comorim)", where he witnessed the slaughtering of many goats to supply the Portuguese fleet.[64] But this visit could also have taken place in 1537, during the first expedition of Martin Afonso to those southern regions.[65]

But the geographic context of the *Colóquios* goes significantly beyond the limited parts of Indostan that Garcia de Orta may have visited, stretching into sundry African and Asian regions unknown to the Portuguese physician, from the Mediterranean in the west to the farthest shores of the Indonesian archipelago in the east, including Ethiopia and Arabia, the caravan routes of Central Asia, the ports of the Arabic-Persian and Bengal Gulfs, the Malayan Peninsula, and the remotest areas of China and Indochina. Orta himself, at a given point, claims: "eu nam posso andar todas as terras".[66] So, the textual

---

[60] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, p. 119: "a king in *Balagate* [Balaghat] whose father I cured many times, and the son quite a few; from whom, sometimes, I received more than twelve thousand *pardaos*".

[61] *Idem*, Vol. 1, p. 122: "my friend".

[62] *Idem*, Vol. 2, p. 101: "parts of *Balagate* [Balaghat] where I tasted the better"; "*Chacana* and *Quindur*, and *Amadanager* [Ahmadnagar] and *Dultabado* [Daulatabad] (main cities of the Nizam Shah)".

[63] *Idem*, Vol. 2, p. 393: "a few days later went to see Nizam Shah".

[64] *Idem*, Vol. 2, p. 232: "Island of the Cows (which is beyond cape Comorim)".

[65] On Martim Afonso's expedition to Tirupati, see S. Subrahmanyam, *Penumbral Visions: Making Politics in Early Modern South India*, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 2001, pp. 22-60, who calls attention to the testimony of the *Codex Casanatense 1889* about the Hindu religious practices at the temple complex (pp. 30-31).

[66] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, p. 151: "I cannot travel through all these lands".

enterprise of the *Colóquios*, besides using the physician's own practical experience, had to make use of an enormous network of contacts and informers that supplied, directly in Goa or from all corners of the world – from Europe, Africa, Asia and even the Americas –, the necessary working data, in the form of oral information, manuscript reports, complete or fractional specimens of plants and animals, printed books, drawings and maps. All this vast material amassed during years at Orta's residence in Goa was slowly and methodically incorporated into the manuscript of the *Colóquios*, which was built as a truly *natural and moral* encyclopedia of the Oriental world.

An interesting exercise of simulation can be attempted through a listing of some of the European writers who coincided chronologically with Garcia de Orta in the East, men who as a rule were cultivated and informed, who travelled extensively across East Africa and maritime Asia, and who may have at some point crossed paths with the Portuguese physician. Such is the case of António Galvão, the celebrated captain of the Maluku islands, with whom Orta traveled in one of his expeditions to Malabar in 1536, and whose *Tratado dos Descobrimentos* would be posthumously published in Lisbon in 1563; Diogo do Couto, the well-know chronicler of Oriental matters, who arrived in India in 1559 and lived most of his life in Goa until his demise in 1616; Duarte Barbosa, already mentioned, who lived in India until at least 1549; Fernão Lopes de Castanheda, who lived in Asia for a decade, between 1528 and 1538, accompanying the Portuguese governor Nuno da Cunha, and who would later publish in Coimbra his *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*; the great traveler and writer Fernão Mendes Pinto, also mentioned above, who repeatedly passed through Goa during his two decades of Oriental adventures; the Jesuit father Francisco Xavier, who coincided in Goa repeatedly with Garcia de Orta, between 1542 and 1552; the chronicler Gaspar Correia, also referred to, who lived in Asia, and mainly in Goa, between 1512 and about 1563; the Dominican friar Gaspar da Cruz, who also resided in the capital of the *Estado da Índia* in the 1550s and whose *Tratado das cousas da China* was later published in Évora in 1570; Dom João de Castro, who, as underlined before, passed away in Goa in 1548; Luís de Camões, the celebrated Portuguese poet, who was a personal friend of Orta in Goa; Martim Afonso de Sousa, the physician's protector, who was also a man of letters, responsible, namely, for an autobiographic text; or Dom Gaspar de Leão, archbishop of Goa, who also used Joannes de Endem's printing press, namely to publish in 1573 his treatise on anti-Islamic polemics *Desengano de Perdidos*.[67]

---

[67] References to Diogo do Couto, Duarte Barbosa, Fernão Lopes de Castanheda, Fernão Mendes Pinto, Gaspar Correia, Dom João de Castro and Martim Afonso de Sousa have already been quoted. On António Galvão, see R. M. Loureiro, "António Galvão e os seus tratados histórico-geográficos", in Roberto Carneiro and Artur Teodoro de Matos (ed.), *D. João III e o Império: Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Seu Nascimento*, Lisboa, Centro de História de Além-Mar and Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2004,

These men, and several others that have to go unmentioned, were part of a limited circle of orientalist intellectuals, though some of them were also men of action, who could be – directly through their experiences or indirectly through their writings – at the origin of some of the news and information transmitted by Garcia de Orta. Because if European men of letters were not aplenty in the parts of Asia, they certainly looked for each other's company when they happened to coincide in some Portuguese controlled town, fortress or factory, to swap life stories, manuscript information, printed books, unusual or precious objects. Some of these names, such Francis Xavier or Dom João de Castro, are repeatedly mentioned in the pages of the *Colóquios*, while others, such as Dimas Bosque or Luís de Camões, appear in the preliminary pieces of the book.[68] Others are not mentioned at all. But, on the other hand, the list of Orta's European informers less celebrated is rather long, because at each moment – and almost in each page – there is a note about someone who gave the physician a piece of information, or offered him a book, or mentioned a special natural product, or brought some commodity. Let us look at some examples.

His friend Diogo Pereira, a well known *fidalgo* in India, gave him precious news about China, which he knew well, namely about the sale of ambergris in those parts.[69] Some curious and illustrated men who lived in Hormuz brought Orta some information about Uzbekistan.[70] Another Portuguese merchant coming from Cambay praised asafetida before the physician.[71] A Portuguese who made business in Vijayanagar talked to him about some medicine used there to cure horses.[72] An old factor of the Portuguese king in Ceylon gave Orta information about cardamom.[73] A Portuguese man who is not identified spoke about the Maldives, a group of islands that he knew very well.[74] Other Portuguese men who had lived for a long time in Java mentioned cubebs.[75] An Italian who had visited Pegu transmitted details about the hunt for elephants in those regions, also mentioning the

---

pp. 85-102; on Francisco Xavier, see G. Schurhammer, *Francisco Javier*, cit.; on Gaspar da Cruz, see R. M. Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, cit., pp. 617-645; on Luís de Camões, see the references in R. M. Loureiro, *Nas partes da China*, cit., pp. 129-150; on Gaspar de Leão, see Ricardo Ventura, *D. Gaspar de Leão e o "Desengano de Perdidos": Estudo histórico-cultural*, unpublished M. A. dissertation, Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2005.

[68] On Dimas Bosque, see Jaime Walter, "Dimas Bosque, físico-mór da Índia e as Sereias", *Studia*, n. 12, 1963, pp. 261-271.

[69] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, p. 52. On Diogo Pereira and his large network of contacts, see J. S. Alves, "Fernão Mendes Pinto and the Portuguese commercial networks in maritime Asia (1530-1550)", in J. S. Alves (ed.), *Fernão Mendes Pinto…*, cit., Vol. 1, pp. 89-119.

[70] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, p. 77.

[71] *Idem*, Vol. 1, p. 80.

[72] *Idem*, Vol. 1, p. 81.

[73] *Idem*, Vol. 1, p. 181.

[74] *Idem*, Vol. 1, p. 243.

[75] *Idem*, Vol. 1, p. 288.

characteristics of lacquer.[76] And some Venetian residents of Goa described a fruit similar to plums.[77] An old Portuguese with long years of Indian experience revealed to Orta the secret of local medicines against diarrhea.[78] The friars of the Convent of Saint Francis, in a given moment, sent him a basket filled with roses and medicinal herbs.[79] From an anonymous Portuguese who lived in Malacca the physician received a parcel with jambolans.[80] Someone brought him a jar of preserved ginger from Bengal.[81] A "fidalgo onrado e descreto" who came from Portugal gave Orta news about a Portuguese that was using a medicine based on opium to fight diarrhea after spending some time in Asia.[82] Another regular collaborator of our author was one Jorge Gonçalves, "hum mercador discreto, e grande enqueredor das verdades, e de muyto bom saber".[83] A trustworthy Franciscan friar provided information about snake-wood.[84] And another trustworthy Portuguese, who had been a factor in the island of Hormuz mentioned the bezoar stone to Orta.[85] Finally, his colleague Dimas Bosque was the source of sundry news about local remedies.[86]

But the list of Garcia de Orta's informers also included many non Europeans. One of these men was "Coje Perculim", an already mentioned Persian interpreter, "bom letrado a sua guisa, estante em Goa",[87] who supplied data about aloes and manna.[88] Another was "um rey dos mais grandes do Decam, chamado o Nizamaluco", that the Portuguese physician knew well, the previously mentioned Nizam Shah of Ahmadnagar. Orta repeatedly cleared his doubts about local drugs and medicines with the Persian and Turkish physicians of this Indian ruler.[89] To some Jews who claimed to be residents of Jerusalem, the Portuguese author asked questions about the existence of aloes in that holy city.[90] When he needed information about amomum, Orta questioned "hum boticayro, espanhol na língua e judeo na falsa religião".[91] He learned details about camphor from a Vania who was his friend.[92]

---

[76] *Idem*, Vol. 1, p. 312.
[77] *Idem*, Vol. 1, p. 333.
[78] *Idem*, Vol. 2, p. 17.
[79] *Idem*, Vol. 2, p. 17.
[80] *Idem*, Vol. 2, p. 24.
[81] *Idem*, Vol. 2, p. 9.
[82] *Idem*, Vol. 2, p. 16: "an honoured and discreet *fidalgo*".
[83] *Idem*, Vol. 2, p. 93: "a discreet merchant, and great seeker of truths, and very learned".
[84] *Idem*, Vol. 2, p. 182.
[85] *Idem*, Vol. 2, p. 234.
[86] *Idem*, Vol. 2, p. 186.
[87] *Idem*, Vol. 1, p. 26: "a good scholar in his guise, resident of Goa".
[88] *Idem*, Vol. 1, pp. 77-78.
[89] *Idem*, Vol. 1, p. 26: "one of the greatest kings of Deccan, called *Nizamaluco*".
[90] *Idem*, Vol. 1, p. 34.
[91] *Idem*, Vol. 1, p. 60: "an apothecary, Spanish in the language, Jewish in the false religion".
[92] *Idem*, Vol. 1, p. 155.

With a Jewish merchant from Turkey, whom he met at Cochim (Kochi), he exchanged opinions about cardamom.[93] And he asked a physician of Shah Thamasp about costus.[94] Some physicians from Cairo and Damascus that he befriended told him about *folio indico*.[95] And sultan Tabarija of Ternate, who for a spell lived in Goa, gave Orta precious information about cloves.[96] Another of his informers was the celebrated Isaac do Cairo, "homem discreto e sabedor de muytas lingoas",[97] that supplied among other details etymologies of Arabic words and stories about Ceylon.[98]

Of course, some of these informers – and many others that go unmentioned – might have supplied Garcia de Orta with manuscript reports besides oral information. But so far no concrete evidence has been found as to the manuscript sources of the *Colóquios*. It has been suggested that the Portuguese physician might have had some sort of connection with the so-called *Livro que trata das cousas da Índia e do Japão*, a manuscript codex collected in India in the middle years of the sixteenth century, that includes a large variety of reports about sundry oriental matters, written by as many European and Oriental authors.[99] The compilation of the codex has been attributed to several influent Portuguese who where then active in Asia, such as Garcia de Sá, who was governor of the *Estado da Índia* between 1548 and 1549. A closer look at the compilation seems to suggest that Orta most certainly used the *Livro que trata das cousas* while working on his own book. The first text of the compilation was written by António Pessoa, who had been a royal factor in Ceylon, and it opens with the phrase "Vosa senhorya me mamdou que lhe dese emformação dalgũas cousas de Ceylão"; he could be addressing Orta, who mentions in the *Colóquios* that he received information about the island from a "feitor de elrey".[100] Another report bears the title "Emformação que me deu Jam de Magualhães das cousas de Cambaya"; Orta identifies one Portuguese merchant trading in Cambay who supplied

---

[93] *Idem*, Vol. 1, p. 181.

[94] *Idem*, Vol. 1, p. 257.

[95] *Idem*, Vol. 1, p. 346.

[96] *Idem*, Vol. 1, p. 362. On Tabarija, see G. Schurhammer, *Francisco Javier*, cit., Vol. 2, pp. 319-327.

[97] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 2, p. 85: "a discreet man who knows many languages". On this cosmopolitan character, see José Alberto Rodrigues da Silva Tavim, "Os Judeus e a Expansão Portuguesa na Índia no Século XVI. O Exemplo de Isaac do Cairo: Espião, 'Língua' e 'Judeu de Cochim de Cima'", *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, Vol. 33, 1994, pp. 137-261.

[98] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 2, p. 204.

[99] Adelino de Almeida Calado, "Livro que trata das cousas da Índia e do Japão", *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Vol. XXIV, 1960, pp. 1-138. For the suggestion, see R. M. Loureiro, *Animais Orientais: Fauna Exótica no Tempo dos Descobrimentos*, Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2008, p. 58.

[100] *Idem*, pp. 36-39: "Your lordship instructed me to give you information of certain things concerning Ceylon"; G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, p. 181: "king's factor".

him with some information.[101] Other two texts were produced by Bastião Lopes Lobato, who had been a factor in Hormuz; Orta claims that one of his friends and informers was "hum feitor de Ormuz".[102] One of the longer reports is entitled "Emformação que me deu Symão Allvarez, buticayro mor del rei noso senhor" and the recipient could have been our own Garcia de Orta, since the report is filled with details about the natural world of Asia;[103] also, the author of the *Colóquios* mentions implicitly this "boticairo", with whom he had a dispute about the nature of pepper.[104] The last report in the compilation, about Persia, was prepared by "Coja Perquolim", whom Orta mentions repeatedly.[105] And so on. Perhaps, then, Garcia de Orta had his hand on the compilation of these reports.

On the same note, perhaps some sort of connection can be established between Garcia de Orta and the already mentioned *Codex Casanatense 1889*. The Portuguese physician was an extremely curious man about all things exotic and, as we have seen, was involved in the collection of all sorts of reports about the physical and natural world of Asia and also about the cultural and social practices of its inhabitants. It would not be surprising if he tried to enrich his collections with drawings such as those included in the celebrated Indo-Portuguese compilation. Significantly, Orta was familiar with customs books, and namely with the celebrated work of Boemus, which he read in the Spanish translation – one should rather say version, in view of the additions to the original – prepared by Francisco de Támara and published in Antwerp in 1556. In fact, *El Libro de las Costumbres de todas las Gentes del Mundo* is quoted on at least two different occasions in the *Colóquios*, both times in a dissenting tone.[106] The Portuguese botanist, on the other hand, was extremely keen on collecting information about social and cultural practices of the Oriental peoples, as well as significant legends and lore, whether they were connected to the natural world or not. Outstanding examples include the colloquies dedicated to the "arvore triste" (or *Nycthantes arbor-tristis* L.), the "pao da cobra" (*Rawolfia serpentine*

---

[101] A. A. Calado, op. cit., pp. 57-60: "Information that João de Magalhães gave me about Cambay"; G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, p. 80.

[102] A. A. Calado, op. cit., pp. 117-120 and 128-130; G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 2, p. 234: "a factor in Hormuz". On Lobato, see Vítor Luís Gaspar Rodrigues, "Sebastião Lopes Lobato: Um Exemplo de Ascensão Social na Índia Portuguesa de Quinhentos", *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. XXXVI, 1991, pp. 375-388.

[103] A. A. Calado, op. cit., pp. 50-57: "Information given by Simão Álvares, apothecary of the king our lord". On Álvares, see Jaime Walter, "Simão Álvares e o seu rol das drogas da Índia", *Studia*, n. 10, 1962, pp. 117-149.

[104] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 2, p. 248. Cf. A. A. Calado, op. cit., pp. 27-29.

[105] A. A. Calado, op. cit., pp. 132-133; G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, pp. 26, 38, 77.

[106] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, pp. 213-214, Vol. 2, p. 201. On the Spanish translator, see Victoria Pineda, "El arte de traducir en el Renacimiento (La obra de Francisco de Támara)", *Criticón*, n. 73, 1998, pp. 23-35.

Benth), and the "pedra bezar" or bezoar stone.[107] But many others could be mentioned. And it would make perfect sense to envisage Orta, in his Goan manor, debating with friends and acquaintances the customs of Oriental peoples and lands, while showing them colored drawings such as those included in the *Codex Casanatense 1889*.[108]

Looking at the contents of the *Codex Casanatense*, it is possible to devise a direct link between episodes of Orta's life in Asia and many of the drawings of Oriental figures, landscapes and scenes. Several plates refer to Cambay,[109] where the Portuguese physician travelled extensively in his early years in India. Other plates contemplate inhabitants and scenes of the Indian west coast, from Goa to Malabar, regions that where well known to him. But more concrete examples can be given, such as the plate that depicts the "paguode que chamão tremel", which was visited by Martim Afonso de Sousa in 1543;[110] as referred above, Orta probably went with the governor of the *Estado da Índia* on this expedition. Four other plates also represent scenes of ritual sacrifices probably witnessed by our author at the Tirupati temple complex.[111] Other drawings included in the *Codex Casanatense* may be related to the text of the *Colóquios*, as for instance the plate that represents the "rresbutos" or Rajputs, describing these bellicose men as robbers; in fact, Orta's text claims that "os Reisbutos, vivem de roubos e furtos o dia de oje".[112] Or the plate that shows two Indian yogis, with the captions "Jogues jintios" and "calandares jintios", concluding "estes sam os que qua chamão peregrinos";[113] at a given point of the *Colóquios*, Garcia de Orta writes about those to whom the "Gentios chamam jogues" and those that the "Mouros chamam calandares", concluding that "todos estes sam peregrinos".[114] These coincidences are rather striking and suggest a possible relation of ownership. Meanwhile, it should be noted that several of the drawings in the *Codex* related to geographical areas not directly visited by Orta include details,

---

[107] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, pp. 69-74, Vol. 2, pp. 181-193 and pp. 231-239. On the first, see T. N. Carvalho, "No rasto da Árvore-triste (*Nychantes arbor-tristis* L.) nos textos botânicos dos séculos xvi e xvii", 2008 (accessed 10 March 2013). Available at http://www2.iict.pt/archive/doc/T_Carvalho_wrkshp_plts_ medic.pdf; on the second, see Albano Pereira Júnior, "Garcia de Orta pioneiro da Farmacognosia", *Garcia de Orta*, Vol. 11, 1963, pp. 723-753; and on the third, see Jorge M. dos Santos Alves, "A pedra-bezoar, realidade e mito em torno de um antídoto", in Jorge M. dos Santos Alves, Claude Guillot and Roderich Ptak (ed.), *Mirabilia Asiatica*, 2 vols., Wiesbaden, Harrassowitz Verlag and Fundação Oriente, Vol. 1, 2003-2005, pp. 121-134.

[108] See T. N. Carvalho, "*Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta", cit., pp. 165-174.

[109] L. Matos (ed.), op. cit., pls. xxv-xxviii, xxx-xxxiii, xxxvii-xxxviii.

[110] *Idem*, pl. xxix: "pagoda that they call *Tremel*".

[111] *Idem*, pls. xliii, xliv, xlvii and xlviii.

[112] *Idem*, pl. xxxiii; G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, p. 119: "even to this day the Rajputs live from stealing and robbing".

[113] L. Matos (ed.), op. cit., pl. xlvi: "Heathen yogis"; "Heathen *calandares*"; "in these parts they consider them as pilgrims".

[114] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 2, p. 363: the "Heathens call them Yogis"; the "Muslims call them *calandares*"; "all are pilgrims".

textual or iconographic, about the natural world. Thus, from Sumatra comes "aguila e sandalo e bejuim", from the islands of Maluku, "o cravo", and from Banda, "a noz moscada e a maça".[115] Another interesting point worth mentioning is the striking similarity between the Portuguese nobleman represented in the *Codex Casanatense*, riding a horse and holding a falcon in his hand,[116] and the portrait of governor Martim Afonso de Sousa as depicted in the *Livro de Lisuarte de Abreu*, another collection of drawings of ships and viceroys/governors of the *Estado da Índia*, also prepared in India in the early 1560s.[117] This may well be a coincidence. But it is also possible, if Garcia de Orta was in some way connected with the organization of the *Codex Casanatense*, that he was careful enough to include a depiction of his patron.[118]

The identification of Garcia de Orta as the organizer of the *Codex Casanatense 1889* is certainly worth further investigation. For who more than anybody else in Goa in the late 1540s would be interested in collecting such an ethnographic album, naturally with the assistance of a local painter, if not the author of the *Colóquios dos simples e drogas da Índia*, in the context of his huge enterprise of knowledge gathering? And a minor detail must be stressed here: just as it happens in the album of "disegni indiani", there is no mention of Japan in the work of Garcia de Orta! The Land of the Rising Sun was visited by the Portuguese two full decades before the publication of Orta's treatise. In the meantime, regular voyages to the southern islands of Japan were organized from Goa every year, at least since 1555, under the captaincy of a Portuguese nobleman. Many Europeans, among whom eminent personalities such as Francis Xavier and Fernão Mendes Pinto, visited Japan and returned to India. And Garcia de Orta, undisputedly, had access to information about the archipelago, if not otherwise, then through his Jesuit acquaintances in Goa and through the accounts included in the *Livro que trata das cousas da Índia e do Japão*. And yet nothing transpires in the *Colóquios dos simples* about those distant lands. One reason can explain Orta's apparently awkward silence. Japan soon became famous as the source of huge quantities of silver – the "prata fina", or fine silver, which would be

---

[115] L. Matos (ed.), op. cit., pl. LXXI: "eagle-wood and sandal and benzoin"; pl. LXXII: "cloves"; pl. LLIV: "nutmeg and mace".

[116] *Idem*, pl. LII.

[117] See Luís de Albuquerque and Maria Luísa Esteves (ed.), *Livro de Lisuarte de Abreu*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992.

[118] Note that José Manuel Garcia tentatively identifies this nobleman with Jorge Cabral, a governor of the *Estado da Índia* (1549-1550) who took his wife with him to Goa (*Ao Encontro dos Descobrimentos*, cit., p. 86, n. 8). Georg Schurhammer had already called attention to the type of hat worn by the Portuguese nobleman in the *Codex*, remarking its similarity with the hats worn by Martim Afonso de Sousa (governor, 1542-1545) and Garcia de Sá (governor, 1548) – and only by this two – in the drawings included in the *Lendas da Índia* by Gaspar Correia (*Orientalia*, cit., p. 117). See Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, ed. Manuel Lopes de Almeida, 4 vols., Porto, Lello & Irmão, Vol. 4, 1975, pp. 232-233 (portrait of Martim Afonso de Sousa) and pp. 660-661 (portrait of Garcia de Sá).

later celebrated by Luís de Camões[119] –, but available information did not identify valuable natural products useful in matters of medicine. It seemed that no notable drugs or spices came from the Japanese islands, which were yet to explore thoroughly, thus making its mention in a work such as the *Colóquios dos simples* rather irrelevant.

The *Livro que trata das cousas* and the *Codex Casanatense 1889* are just two possible examples of the materials collected by Garcia de Orta during the extended period while he was preparing his massive work. Samples of the Portuguese physician's writing have not yet been found, so preventing a comparison with the several hands found in both of the manuscripts. And the long paths followed by these two manuscripts until they ended up at their present locations – respectively the Biblioteca Municipal de Elvas and the Biblioteca Casanatense – are almost impossible to track down. Thus the only working method to establish the sources of the *Colóquios* will be a comparison between the contents of Orta's work and other printed or manuscript materials (texts, images, maps) available in India before 1563. The sources identified, in turn, will lead the way to the configuration and composition of the physician's network of information, which, due to his many professional connections, intersected several different areas of activity, in the fields of culture, religion, politics and commerce.

Finally it will be worthwhile noticing that the text of the *Colóquios*, in all probability, was slowly constructed throughout three decades, benefiting from a long period of redaction and evolution that would allow not only for a more polished style but also for a more consolidated documentation. Apparently, however, some of Orta's objectives were sabotaged by an inexperienced typographer, as suggested by Dimas Bosque in his introductory piece: "Teve na empresam alguns erros por faltar o principal empresor e ficar a obra em mãos de hum homem seu companheiro, que não era ainda mui destro na arte de emprimir, e pouco corrente no negocio da empresam".[120] Anyway, it is possible to observe that Garcia de Orta's immense textual enterprise rests above all in a wide network of informal contacts, spread all over the Orient and built up of people from all walks of life, namely merchants, physicians, scholars, missionaries, adventurers, Asian as well as European. The genius and the ability of Garcia de Orta, evidently, are at the foundation of the success of the *Colóquios* as a project of coming to terms with the Oriental natural and moral world. But this innovative scheme would not be feasible without a vast network of solidarities and complicities, that explains how a sedentary traveller such as the Portuguese physician, from his base in Goa, was able to collect so many drugs and simples, fruits and plants,

---

[119] Luís de Camões, *Os Lusíadas*, ed. Álvaro Júlio da Costa Pimpão and Aníbal Pinto de Castro, Lisboa, Instituto Camões, 2000, p. 279 (X, 131.7).

[120] G. Orta, *Colóquios*, cit., Vol. 1, p. 11: "Some errors occurred during the printing because the main typographer was absent and the work was in the hands of one of his colleagues, who was not yet very experienced in the business of printing".

stories and anecdotes, so many material evidences and experimental proofs, so many books and manuscripts, and – why not – also so many maps and drawings. The *Colóquios dos simples e drogas da Índia*, although replete with lapses, blunders and slips, with its dense networks of references pointing to all corners of the early modern world, are, in a way, a sort of birth certificate of the first globalization, made possible by the joint contribution of the Portuguese and Spanish with their huge and so different imperial constructions. This globalization process implied the devising of new methods of collecting, circulating and treating information, thanks to the building of wide-ranging networks of informers, from strategic places such as Goa.[121]

Bibliografia

Alam, Muzaffar and Subrahmanyam, Sanjay, "Letters from a Sinking Sultan", in Luís Filipe F. R. Thomaz (ed.), *Aquém e Além da Taprobana: Estudos Luso-Orientais à Memória de Jean Aubin e Denys Lombard*, Lisboa, Centro de História de Além-Mar, 2002, pp. 239-269.

Albuquerque, Luís de, *Navegadores, Viajantes e Aventureiros, Séculos xv e xvi*, 2 vols., Lisboa, Editorial Caminho, 1987.

Albuquerque, Luís de and Esteves, Maria Luísa (ed.), *Livro de Lisuarte de Abreu*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992.

Alves, Jorge M. dos Santos, "A pedra-bezoar, realidade e mito em torno de um antídoto", in Jorge M. dos Santos Alves, Claude Guillot and Roderich Ptak (ed.), *Mirabilia Asiatica*, 2 vols., Wiesbaden, Harrassowitz Verlag and Fundação Oriente, Vol. 1, 2003-2005, pp. 121-134.

Alves, Jorge Santos, "Fernão Mendes Pinto and the Portuguese commercial networks in maritime Asia (1530-1550)", in Jorge Santos Alves (ed.), *Fernão Mendes Pinto and the "Peregrinação"*, 4 vols., Lisboa, Fundação Oriente, Vol. 1, 2010, pp. 89-119.

Alves, Jorge Santos (ed.), *Fernão Mendes Pinto and the "Peregrinação"*, 4 vols., Lisboa, Fundação Oriente, 2010.

Andrade, António Alberto Banha de, *Mundos Novos do Mundo: Panorama da Difusão, pela Europa, de Notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, 2 vols., Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972.

D'Angelo, Maria, *Il Cardinale Girolamo Casanate (1620-1700)*, Roma, Grafia, 1923.

Asensio, Eugenio, "Un relato árabe recogido por D. João de Castro", in Manuel Cavaleiro de Ferreira *et al.* (ed.), *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, 2 vols., Lisboa, Imprensa de Coimbra, Vol. 1, 1959-1960, pp. 395-413.

[121] On this process, see Serge Gruzinski's fascinating synthesis, *Les quatres parties du monde: Histoire d'une mondialisation*, Paris, Éditions de La Martinière, 2004.

AVELAR, Ana Paula, *Fernão Lopes de Castanheda: Historiador dos Portugueses na Índia ou Cronista do Governo de Nuno da Cunha?*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997.

BARANDA LETURIO, Consolación, "Formas del discurso científico en el Renacimiento: tratados y diálogos", *Sudia Aurea*, n. 5, 2001, pp. 1-21.

BARBOSA, Duarte, *O Livro de Duarte Barbosa*, ed. Maria Augusta da Veiga e Sousa, 2 vols., Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1996-2000.

BARCHIESI, Roberto, "L'Oriente catalogato in un manoscrito pittorico del Cinquecento", *Quaderni Portoghesi*, n. 4, 1978, pp. 163-182.

BARRETO, Luís Filipe, "Duarte Barbosa e Tomé Pires. Os Autores das Primeiras Geografias Globais do Oriente", in Berta Ares Queija and Serge Gruzinski (ed.), *Entre dos Mundos: Fronteras Culturales y Agentes Mediadores*, Sevilla, Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1997, pp. 177-192.

BARRETO, Luís Filipe, *Lavrar o Mar: Os Portugueses e a Ásia, c. 1480-c. 1630*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

BARROS, João de and COUTO, Diogo do, *Da Ásia, Décadas*, ed. Nicolau Pagliarini, 24 vols., Lisboa, Livraria San Carlos, 1973-1975.

BLANC, Odile, "Image du monde et portraits d'habits: les recueils de costumes à la Renaissance", *Bulletin de Bibliophilie*, n. 2, 1995, pp. 221-261.

BOOGAART, Ernst van den, *Civil and Corrupt Asia: Image and Text in the* Itinerario *and the* Icones *of Jan Huygen van Linschoten*, Chicago and London, The University of Chicago Press, 2003.

BOXER, Charles R., "Garcia de Orta", in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, 4 vols., Lisboa, Iniciativas Editoriais, Vol. 3, 1971, pp. 248-250.

BOXER, Charles R., *João de Barros: Portuguese Humanist and Historian of Asia*, New Delhi, Concept Publishing Company, 1981.

BREYNER, Francisco Manuel de Melo (count of Ficalho), *Garcia de Orta e o Seu Tempo*, ed. Nuno de Sampayo, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

CALADO, Adelino de Almeida, "Livro que trata das cousas da Índia e do Japão", *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Vol. XXIV, 1960, pp. 1-138.

CAMACHO, Maria João, "Olhares cruzados", *Oceanos*, n. 32, 1997, pp. 8-9.

CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*, ed. Álvaro Júlio da Costa Pimpão and Aníbal Pinto de Castro, Lisboa, Instituto Camões, 2000.

CARVALHO, Maria João Loução de, *Gaspar Correia e dois perfis de governador: Lopo Soares de Albergaria e Diogo Lopes de Sequeira, Em busca de uma causalidade*, unpublished M.A. dissertation, Lisboa, Universidade Aberta, 2009.

CARVALHO, Teresa Nobre de, "*Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta: Conversas no interior da Índia", in G. Fragoso and A. Mendes (ed.), *Garcia de Orta, e Alexander von Humboldt: Errâncias, Investigações e Diálogo entre Culturas*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2008, pp. 165-174.

Carvalho, Teresa Nobre de, "No rasto da Árvore-triste (*Nychantes arbor-tristis* L.) nos textos botânicos dos séculos xvi e xvii", 2008 [accessed 10 March 2013]. Available at: http://www2.iict.pt/archive/doc/T_Carvalho_wrkshp_plts_medic.pdf.

Carvalho, Teresa Nobre de, "Invisible travelers and virtual tracks: knowledge construction in *Colóquios dos Simples e Drogas da India* (Goa, 1563)", in Antoni Roca-Rosell (ed.), *The Circulation of Science and Technology: Proceedings of the 4th International Conference of the European Society for the History of Science*, Barcelona, Societat Catalana d'Història de la Ciència i de la Tècnica, 2010, pp. 288-293.

Carvalho, Teresa Nobre de, *O mundo natural asiático aos olhos do Ocidente. Contribuição dos textos ibéricos quinhentistas para a construção de uma nova consciência europeia sobre a Ásia*, unpublished doctoral dissertation, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2013.

Cook, Harold J., *Matters of Exchange: Commerce, Medicine, and Science in the Dutch Golden Age*, New Haven, Yale University Press, 2007.

Correia, Gaspar, *Lendas da Índia*, ed. Manuel Lopes de Almeida, 4 vols., Porto, Lello & Irmão, 1975.

Correia-Afonso, John, *Jesuit Letters and Indian History, 1542-1773*, Bombay, Oxford University Press, 1969.

Costa, Palmira Fontes da, "Geographical expansion and the reconfiguration of medical authority: Garcia de Orta's *Colloquies on the Simples and Drugs of India* (1563)", *Studies in History and Philosophy of Science*, n. 43, 2012, pp. 74-81.

Couto, Dejanirah Couto, "Em Torno da Concessão e da Fortaleza de Baçaim", *Mare Liberum*, n. 9, 1995, pp. 117-132.

De Gregorio, Vincenzo, *La Biblioteca Casanatense di Roma*, Napoli, Edizioni Scientifiche Italiane, 1993.

De Gregorio, Vincenzo, *Casanatense e dintorni: Saggi su biblioteche e cultura, particolarmente a Roma nel xvii secolo*, Napoli, CUEN, 1997.

Defert, Daniel, "Un genre ethnographique profane au xvie siècle: Les livres d'habits (Essai d'ethno-iconographie)", in Britta Rupp-Eisenreich (ed.), *Histoires de l'anthropologie (xvie-xixe siècles)*, Paris, Klincksieck, 1984, pp. 25-41.

Dias, Pedro, *A Viagem das Formas*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995.

Dias, Pedro, *Índia, Artes decorativas e iconográficas*, Lisboa, Público, 2008.

Fernandes, Maria Amélia, "O Códice Casanatense: o encontro civilizacional, através de um discurso etno-antropológico em imagens", *Les Ateliers des Interprètes*, n. 4, 1992, pp. 135-153.

Garcia, José Manuel, *Ao Encontro dos Descobrimentos: Temas de História da Expansão*, Lisboa, Editorial Presença, 1994.

Gruzinski, Serge, *Les quatres parties du monde: Histoire d'une mondialisation*, Paris, Éditions de La Martinière, 2004.

Guerin Dalle Mese, Jeannini, *L'occhio di Cesare Vecellio: Abiti e costume esotici nel '500*, Alessandria, Edizioni dell'Orso, 1998.

HODGEN, Margaret T., *Early Anthropology in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1971.

LACH, Donald F., *Asia in the Making of Europe*, vols. 1-2, Chicago, The University of Chicago Press, 1965-1977.

LEITCH, Stephanie, *Mapping Ethnography in Early Modern Germany: New Worlds in Print Culture*, New York, Palgrave Macmillan, 2010.

LINDIN, Olof G., *Tanegashima: The Arrival of Europe in Japan*, London, Routledge Curzon, 2002.

LOPES, Marília dos Santos, "Portugueses do século XVI no *Trachtenbuch* de Christoph Weiditz", *Oceanos*, n. 26, 1996, pp. 104-107.

LOPES, Marília dos Santos, *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas: para uma iconografia dos Descobrimentos*, Lisboa, Quetzal Editores, 1998.

LOUREIRO, Rui Manuel, *A Biblioteca de Diogo do Couto*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1998.

LOUREIRO, Rui Manuel, *Fidalgo, Missionários e Mandarins: Portugal e a China no Século XVI*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000.

LOUREIRO, Rui Manuel, "António Galvão e os seus tratados histórico-geográficos", in Roberto Carneiro and Artur Teodoro de Matos (ed.), *D. João III e o Império: Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Seu Nascimento*, Lisboa, Centro de História de Além-Mar and Centros de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2004, pp. 85-102.

LOUREIRO, Rui Manuel, *Na Companhia dos Livros: Manuscritos e impressos nas missões jesuítas da Ásia Oriental, 1540-1620*, Macau, Universidade de Macau, 2007.

LOUREIRO, Rui Manuel, "Garcia de Orta e os Colóquios dos simples: Observações de um viajante sedentário", in Gabriela Fragoso and Anabela Mendes (ed.), *Garcia de Orta e Alexander von Humboldt: Errâncias, Investigações e Diálogo entre Culturas*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2008, pp. 135-145.

LOUREIRO, Rui Manuel, *Animais Orientais: Fauna Exótica no Tempo dos Descobrimentos*, Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2008.

LOUREIRO, Rui Manuel, *Nas Partes da China: Colectânea de Estudos Dispersos*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2009.

LOUREIRO, Rui Manuel, "'As armas e os barões': aspectos bélicos da presença portuguesa no Oriente", in Joaquim Caetano, Fátima Pimenta Macedo e Jorge Caravana (ed.), *Rites of Power, Oriental Weapons: Collection of Jorge Caravana/Ritos de Poder, Armas Orientais: Colecção de Jorge Caravana*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2010, pp. 9-22.

MACHADO, José Pedro, *Influência Arábica no Vocabulário Português*, 2 vols., Lisboa, Edição de Álvaro Pinto, Revista de Portugal, 1958-1961.

MASON, Peter, *Infelicities: Representations of the Exotic*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1998.

MATOS, Luís de (ed.), *Imagens do Oriente no século XVI: Reprodução do códice português da Biblioteca Casanatense*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

McDonald, Mark P., *Ferdinad Columbus: Renaissance Collector*, London, The British Museum Press, 2005.

Mentges, Gabriele, "Pour une approche renouvelée des recueils de costumes de la Renaissance. Une cartographie vestimentaire de l'espace et du temps", *Apparence(s)*, n. 1, 2007 [accessed 8 December 2012]. Available at http://apparences.revues.org/104.

Mota, Maria Manuel, "Códice Casanatense: An Indo-Portuguese Portrait of Life in 16th-Century India", *Marg*, Vol. 52, n. 2, 2001, pp. 34-45.

Ogilvie, Bryan W., *The Science of Describing: Natural History in Renaissance Europe*, Chicago, The University of Chicago Press, 2006.

Oltremare: Codice Casanatense 1889, Con Il Libro Dell'Oriente Di Duarte Barbosa, ed. Fernand Braudel, Gianni Guadalupi, Charles R. Boxer and Roberto Barchiesi, Milano, Franco Maria Ricci, 1984.

Orta, Garcia de, *Colloquies on the simples and drugs of India*, ed. and trans. Clements Markham, London, Hakluyt Society, 1913.

Orta, Garcia de, *Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da India*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1963.

Orta, Garcia de, *Colóquios dos simples e drogas da Índia*, ed. count of Ficalho, 2 vols., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

Palumbo, Margherita Palumbo, "La 'biblioteca haeretica' del cardinale Girolamo Casanate", in Vittoria Bonani (ed.), *Dal torchio alle fiamme, Inquisizione e censura: Nuovi contributi dalla più antica Biblioteca Provinciale d'Italia*, Salerno, Biblioteca Provinciale, 2005, pp. 21-32.

Panetta, Marina, *La "Libraria" di Mattia Casanate*, Roma, Bulzoni, 1988.

Paresys, Isabelle, "Images de l'autre vêtu à la Renaissance: Le recueil d'habits de François Desprez (1562-1567)", *Journal de la Renaissance*, Vol. 4, 2006, pp. 25-56.

Pearson, M. N., *Merchants and Rulers in Gujarat: The Response to the Portuguese in the Sixteenth Century*, New Delhi, Munshiram Manoharlal Publishers, 1976.

Pelúcia, Alexandra, *Martim Afonso de Sousa e a Sua Linhagem: Trajectórias de Uma Elite no Império de D. João III e de D. Sebastião*, Lisboa, Centro de História de Além-Mar, 2009.

Pereira, Paulo, "Iconografia dos Descobrimentos", in Luís de Albuquerque and Francisco Contente Domingues (ed.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, 2 vols., Lisboa, Editorial Caminho, 1994, pp. 505-513.

Pereira Júnior, Albano, "Garcia de Orta pioneiro da Farmacognosia", *Garcia de Orta*, Vol. 11, 1963, pp. 723-753.

Pineda, Victoria, "El arte de traducer en el Renacimiento (La obra de Francisco de Támara)", *Criticón*, n. 73, 1998, pp. 23-35.

Rego, António da Silva (ed.), *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente, Índia*, 12 vols., Lisboa, Agência Geral das Colónias/Agência Geral do Ulltramar, 1947-1958.

RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar, "Sebastião Lopes Lobato: Um Exemplo de Ascensão Social na Índia Portuguesa de Quinhentos", *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. XXXVI, 1991, pp. 375-388.

ROMANO, Antonella (ed.), *Rome et la science moderne: entre Renaissance et Lumières*, Roma, École Française de Rome, 2008.

SANTOS, Catarina Madeira, *"Goa É a Chave de Toda a Índia": Perfil Político da Capital do Estado da Índia (1505-1570)*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

SATTERFIELD, Andrea Mckenzie, *The assimilation of the marvelous other: Reading Christoph Weiditz's Trachtenbuch (1529) as an ethnographic document*, unpublished M.A. dissertation, Tampa, Florida, University of South Florida, 2007 [accessed 27 December 2012]. Available at http://scholarcommons.usf.edu/etd/2353.

SCHURHAMMER, Georg, "Desenhos orientais do tempo de S. Francisco Xavier", *Garcia de Orta*, special number, 1956, pp. 247-256.

SCHURHAMMER, Georg, *Orientalia*, ed. László Szilas, Lisboa and Roma, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos and Institutum Historicum Societatis Iesu, 1963.

SCHURHAMMER, Georg, *Francisco Javier: Su vida y su tiempo*, trans. Félix de Areitio Arizna-barreta, Francisco Zurbano and Jesús Iturrioz, 4 vols., Pamplona, Gobierno de Navarra, Compañia de Jesús and Arzobispado de Pamplona, 1992.

SILVER, Larry, and SMITH, Jeffrey Chipps (ed.), *The Essential Dürer*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2010.

STAGL, Justin, *A History of Curiosity: The Theory of Travel 1550-1800*, Chur (Switzerland), Harwood Academic Publishers, 1995.

SUBRAHMANYAM, Sanjay, *Penumbral Visions: Making Politics in Early Modern South India*, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 2001.

TAVIM, José Alberto Rodrigues da Silva, "Os Judeus e a Expansão Portuguesa na Índia no Século XVI. O Exemplo de Isaac do Cairo: Espião, 'Língua' e 'Judeu de Cochim de Cima'", *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, Vol. 33, 1994, pp. 137-261.

THOMAZ, Luís Filipe, "Ḫʷāje Pīr Qolī et sa *Brève relation de la Perse*", *Eurasian Studies*, Vol. V, ns. 1-2, 2006, pp. 357-369.

VALE, A. M. Martins do, *Entre a Cruz e o Dragão: O Padroado Português na China no Século XVIII*, Lisboa, Fundação Oriente, 2002.

VENTURA, Ricardo, *D. Gaspar de Leão e o "Desengano de Perdidos": Estudo histórico-cultural*, unpublished M.A. dissertation, Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2005.

VOGEL, Klaus A., "Cultural Variety in a Renaissance Perspective: Johannes Boemus and 'The Manners, Laws and Customs of all People' (1520)", in Henriette Bugge and Joan Pau Rubiés (ed.), *Shifting Cultures: Interaction and Discourse in the Expansion of Europe*, Münster, LIT Verlag, 1995, pp. 17-34.

WALTER, Jaime, "Simão Álvares e o seu rol das drogas da Índia", *Studia*, n. 10, 1962, pp. 117-149.

WALTER, Jaime, "Dimas Bosque, físico-mór da Índia e as Sereias", *Studia*, n. 12, 1963, pp. 261-271.

WEIDITZ, Christoph, *Authentic Everyday Dress of the Renaissance: All 154 Plates from the "Trachtenbuch"*, ed. Theodor Hampe, New York, Dover Publications, 1994.

WEIDITZ, Christoph, *El Códice de Trajes*, ed. José Luis Casado Soto and Carlos Soler d'Hyver de las Deses, 2 vols., Valencia, Ediciones Grial, 2001.

WICKI, Joseph and GOMES, John (ed.), *Documenta Indica*, 18 vols., Roma, Institutum Histo-ricum Societatis Iesu, 1948-1988.

ŽUPANOV, Ines G., "Drugs, health, bodies and souls in the tropics: Medical experiments in sixteenth-century Portuguese India", *The Indian Economic and Social History Review*, Vol. 39, n. 1, 2002, pp. 1-43.

ŽUPANOV, Ines G., "'The Wheel of Torments': mobility and redemption in Portuguese colonial India", in Stephen Greenblatt *et al.* (ed.), *Cultural Mobility: A Manifesto*, Cambridge, Cambridge University Press, 2009, pp. 24-74.

ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR, Vol. XIII, 2012, pp. 73-111

CIVILITY AND SIN: THE SURVEY OF THE PEOPLES, POLITIES AND RELIGIONS OF PORTUGUESE ASIA IN THE *CODEX CASANATENSE*

by
ERNST VAN DEN BOOGAART *

The *Codex Casanatense*, painted in Goa ca. 1550, presents a survey of more than twenty peoples of Portuguese Asia. With the exception of two symbolic images, the painter used exclusively images of a man and a woman and scenes with many figures depicting a particular custom to construct the survey. Earlier, Hans Burgkmair applied this pictorial formula to illustrate the report by the German Balthasar Sprenger of his voyage to Asia.[1] At the end of the sixteenth century, John White used the same concept in his paintings of the natives of Virginia, as did Duarte Lopes and Filippo Pigafetta in their description of the kingdom of Kongo, published in Rome. In his *Itinerario*, the book that launched the Dutch Asian enterprise, Jan Huygen van Linschoten introduced the formula in the Northern Netherlands.[2] After that it continued to be applied in the illustration of travel books and in ethnographic paintings, particularly within the Dutch sphere.[3] The couples and customs formula was a device to translate ethnographic descriptions by sixteenth-century Europeans into a series of images.

The authors of these ethnographic descriptions were concerned with a few broad topics. They reported on the skills strangers applied to make a

* Independent scholar, Amsterdam.

[1] Mark P. MCDONALD, "Burgkmair's Woodcut Frieze of the Natives of Africa and India", *Print Quarterly*, 20, 2003, pp. 227-244.

[2] Ernst van den BOOGAART, *Civil and Corrupt Asia. Image and Text in the Itinerario and the Icones of Jan Huygen van Linschoten*, Chicago, University of Chicago Press, 2003.

[3] E. BOOGAART, "De Bry's Africa", in Susanna Burghartz (ed.), *Inszenierte Welten. Die west- und ostindischen Reisen der Verleger de Bry, 1590-1630*, Basel, Schwabe, 2004, pp. 95-155; ID., "Black slavery and the 'mulatto escape hatch' in the Brazilian ensembles of Frans Post and Albert Eckhout", in Elizabeth McGrath and Jean Michel Massing (ed.), *The Slave in European Art. From Renaissance Trophy to Abolitionist Emblem* (Warburg Institute Colloquia nr. 20), London, 2012, pp. 217-251.

living, on their mastery of nature. Another concern was the ability of strangers to cooperate in the defence against enemies and to maintain peace amongst themselves, to organise mastery over humans. Stable, long-term cooperation in turn was believed to depend on self-mastery, on restraint in the pursuit of self-interest and due concern for others. Good behaviour did not come naturally to human beings, but had to be instilled by religious authority. To gauge the extent of mastery over nature, ethnographers observed the variety of instruments, the degree of occupational specialisation, the number and size of cities and the outward signs of wealth. To establish the success achieved in mastery over humans, they explored the size of the territories and the number of people under the authority of a ruler, the ancientness of dynasties and the power and respect attributed to different social groups. To get an idea of the self-restraint imposed by the prevailing morals, they paid attention to the composition of households, age of marriage and public peace and security. When human societies possessed a great variety of technical skills, large cities, many well-fed and well-clothed people, ancient dynasties ruling over extended, hierarchically stratified and peaceful polities, they demonstrated a high degree of civility. The written information collected on these topics was translated into images by means of the couples and customs formula. The formula deals with civility in foreign lands.[4]

---

[4] "Civility", "civil", "to civilize", "civilization" are broad terms with psychological, political and economic connotations. During the sixteenth century in Italy and Northwestern Europe, civility gradually became an equivalent of *cortesia*, *courtoisie*, *courtesy*, *Höflichkeit*. In sixteenth-century Portuguese, *civilidade*, *civil*, *civilizar* do not yet seem to have gained currency. The equivalent term was *polícia*, *polido*, or *cortesia* and *cortês*. *Polícia* did have similar connotations as civility. See, for examples, footnotes 11 and 47 to this article. The early history of the term in English, French, German and Italian has been studied from various viewpoints in: Corrado Vivanti, "Alle origini dell'idea di civiltà. Le scoperte geografiche e gli scritti de Henri de la Popelinière", *Rivista Storica Italiana*, 74, 1962, pp. 225-249; George Huppert, "The Idea of Civilization in the 16th Century", in Anthony Molho and John Tedeschi (ed.), *Renaissance Studies in Honor of Hans Baron*, Dekalb, Illinois, G. C. Sansoni, 1971, pp. 759-769. Siegfried Elwitz, *Civil und Civility. Eine wortgeschichtliche Untersuchung zweier Höflichkeitsbezeichnungen,* diss., Bonn, 1973, esp. pp. 17-26; Jörg Fisch, "Zivilisation, Kultur", in Otto Brunner, Werner Conze and Reinhart Koselleck (ed.), *Geschichtliche Grundbegriffe* (8 vols., 1972-1997), Stuttgart, Vol. 7, 1991, pp. 679-705; Jean Starobinski, "Le mot *civilization*", *Temps de la réflexion*, 4, 1983, pp. 13-51; Bruce Mazlish, *Civilization and its Contents*, Stanford, CA, 2004; Sandro Chignola, "Civis, civitas, civilitas. Translations in Modern Italian and Conceptual Change", *Contributions to the History of Concepts*, 3, 2007, pp. 234-253; Timothy Fitzgerald, *Discourse on Civility and Barbarity. A critical history of religion and related categories*, Oxford, Oxford University Press, 2007, esp. chap. 4. As far as I am aware, there is no comparable study of the Portuguese *polícia*. On the use of terms in the literature of travel: Joan-Pau Rubiés, "Christianity and Civilization in Sixteenth Century Ethnological Discourse", in Henriette Bugge and Joan-Pau Rubiés (ed.), *Shifting Cultures. Interaction and Discourse in the Expansion of Europe*, Münster, LIT, 1995, pp. 35-60; see also his "Imagen mental e imagen artistica en la representación de los pueblos no Europeos: salvajes y civilizados 1500-1650", in Joan-Lluis Palos e Diana Carrio Invernizzi (ed.), *La historia imaginada. Construcciones visuales del pasado en la edad moderna*, Madrid, Centro de Estudios Europa Hispanica, 2008, pp. 327-357. Civility became a controversial term, because it was used to justify class dominance and Western imperialism. In his theory of socio-cultural

Sixteenth-century European ethnographers were keen to describe the various ways of life in foreign lands. They noted that different peoples cultivated different plants and animals, ate different foods and dressed differently. They paid attention to the various ways in which government was organised, to the diversity of religious cults and the multiformity of morals. It did not escape them that in foreign lands, as in their own, humans often made others suffer and treated them unjustly. They informed their readers about the variety of customs and the omnipresence of sin. These topics could also be depicted by means of the couples and customs formula.

In contradistinction to earlier and later examples of the couples and customs formula, the *Codex Casanatense* does not contain an accompanying ethnographic text. The hand-written captions constitute the most obvious key to the peoples represented and the customs they practice.[5] In the images of couples they frequently give the names of the peoples represented, the geographical locations and polities to which they belong and their religion. When the couples stand for a social group within a population, the captions mention their profession or caste name. In the custom scenes the captions briefly name or describe the custom. This is not done in an entirely systematic way. Moreover, a few captions seem incorrect. Where information is lacking or problematic, the sixteenth-century viewer could take recourse to written or printed texts, but more likely he was supposed to solve the problems by his own wit or the consultation of others.

In the sixteenth century, viewing the codex was probably not a solitary activity, but a form of instructive entertainment shared with others. The

---

development that linked the spread of "good manners" to state formation and economic development, Norbert Elias attempted to emancipate the term from the embrace of ideology. See the review of Mazlish by Johan Goudsblom, "Civilization: the Career of a Controversial Concept", *History and Theory* 45, 2006, pp. 288-297. Elias' theory of human history as socio-cultural evolution would lead one to expect that the concept of civility is not particularly Western, but would have equivalents in the cultures of other urban-agrarian societies. This does seem to be the case. See e.g. André Miquel, *La géographie humaine du monde musulman jusq'au milieu du 11e siècle,* 4 vols., Paris/The Hague, Mouton, 1967-1988, Vol. II, pp. 82-85, 114-126. Developing Elias' comparative approach: Benet davetian, *Civility. A cultural history*, Toronto, Toronto University Press, 2009. See also his website: www.bdavetian.com. See also www.norberteliasfoundation.nl.

[5] Luís de Matos (ed.), *Imagens do Oriente no Século XVI. Reprodução do Códice Português da Biblioteca Casanatense,* Lisboa, INCM, 1985, pp. 11-15. Matos explored diverse Portuguese texts on Asia to elucidate the paintings of the codex. He was primarily interested in finding correspondences between descriptions of clothes and their depictions in order to establish verisimilitude. In this he was not too successful. To me this indicates that the paintings should not primarily be studied as naturalistic images, but as representations of ethnographic types and concepts. As textual sources, Matos used the geographic surveys of Tomé Pires and Duarte Barbosa, and some of the history writers. Much more could be done with these texts, especially if one pays attention to the anthropological concepts used in the ethnographic descriptions. There is a substantial literature on these texts that could be mined for this purpose. See in addition to the references in the footnotes of this article, publications by e.g. Donald Lach, José da Silva Horta, Ana Paula Avelar. My use of Barbosa and João de Barros in this article is indicative of this approach rather than an exhaustive demonstration of its possibilities.

viewer would take a folded sheet out of the box, open it, study and discuss it with the company present, fold it again, put it aside and take the next one. There is reason to believe that the paintings were originally unnumbered and without captions.[6] During previous viewings the original sequence of the sheets might have become disturbed, as seems to be the case with the order in which they are at present. To make sense of the series, one might have had to do some preliminary rearranging. To facilitate the analysis this has been done here as well. Viewing the paintings is perhaps best thought of as a parlour game with an instructive purpose, an occasion to acquaint oneself with the Asian world and test or show off one's knowledge.

The *Codex Casanatense* was most likely the product of cooperation between an Indian painter based in Goa and a Portuguese patron.[7] The patron probably explained which peoples and customs he thought ought to be represented and how this could be done by combining images of a man and a woman with custom scenes that included many figures. The input of the artist trained in Indian style and techniques clearly shows in how the couples and the custom scenes are painted. He may have contributed to the content of the series as well. Here however, an assessment of the input by the Indian painter is a matter that has to be left for another occasion. What follows is an analysis of the codex *as if* it was constructed with exclusively European concepts and concerns in mind.

Couples and customs

The images of couples consist of an adult male and female, usually standing up and shown in a three-quarter position. Occasionally another couple, servants or other figures, but only once a child, are added, increasing the number of figures to three or four. The women usually take up a position to the left hand side of the men; in a few cases these positions are reversed (Figs. C1, C2). Men and women are dressed in a variety of clothes, covering their bodies fully or only barely (Figs. C3, C33). Some just wrap themselves in a piece of cloth, long or short, plain or patterned, simple or expensive. Others wear stitched garments: shirts, jackets, skirts or trousers. The men and women engage in eye contact, gesture at each other or exchange gifts. The men usually carry weapons, the women do not. Sometimes the men and women are shown riding or sitting down. At the beginning of the series one or two birds are fluttering around the figures or a domesticated one sits quietly on the outstretched hand of a woman; later on this motive has disappeared. There is no background to the couples, but under the feet of most figures small flowering plants raise their heads and shoot up waist high

[6] See Appendix.

[7] See Jerry Losty in this dossier.

at their sides. In a few images dealing with Malabar, Sri Lanka and the Maldives the painter added a coconut tree. The images of couples primarily present inhabitants of Portuguese Asia as human beings in relation to each other and hardly in relation to a natural or man-made environment.

The clothes shown by the couples correspond only approximately to what was actually worn in the different countries. The same goes for the weapons. The painter used couples, clothes, weapons, gestures and gift exchanges less to suggest full verisimilitude in particular cases, than to draw attention to general group characteristics and encourage comparison between social groups. To show peoples belonging to specific geopolitical units as parts of a series was to demonstrate that they differed from each other, but also shared characteristics. If some couples seem a copy of others that is not because of a lack of creativity on the part of the designers, but to draw attention to similarities and to group similar cases together. Through comparison of units and groupings, the viewers would become aware of distinctions and similarities within and between peoples. The images of couples are primarily classificatory, not naturalistic images.

Through the study of the outward appearance of the figures, the viewers could group the images of couples into three large clusters and two small ones. All the men and women of the first large cluster exclusively wear stitched clothes. The men cover their heads with turbans or tall caps and are shown with beards or moustaches. The wealthier figures, i.e. the figures with much clothing, also wear some kind of footwear; the figure representing poorer strata do not. In the second large cluster the figures generally cover themselves with a combination of stitched clothes and wraps, or just wraps. The men carry turbans, hats or not particularly tall caps; some are bare-headed, but have tied their hair into particular shapes. All are shown with beards or moustaches, just as in the first cluster. Here however not only poor people, but also some high status figures like Brahmins may go barefooted. In the third large cluster men and women also sport stitched clothes and wraps, but all go barefooted. In addition the men have shaven off all facial hair and wear head bands instead of turbans, hats or caps, with the two exceptions of the man from Maluco (a turban) and the Botachina man (hair tied in a knot). The three large groups distinguished by outward appearance correspond to three regions: the Arabo-Persian region, South Asia and Southeast Asia.[8]

---

[8] "Southeast Asia" seems to be a post-World War II term. Its modern meaning is discussed in David Joel Steinberg (ed.), *In Search of Southeast Asia*, New York, Praeger, 1971, pp. 5-7, and Anthony Reid, *Southeast Asia in the Age of Commerce, 1450-1680*, Vol. 1: *the lands below the Winds*, New Haven, Yale University Press, 1988, pp. 1-10. As the codex shows, there seems to be a case for arguing that in the West the concept is older. Westerners may have borrowed the concept from Indians, Persians, Arabs and Malays, who named the area "the land below the Winds", according to Reid not just a geographic term, but the designation of a maritime trading network in the Eastern Indian Ocean linked by common practices. For reasons yet to be established, the role of Muslim traders in constructing this network has not been

The two small clusters of images deal with regions in the margin of this panorama. East Africa is represented by three images of couples, and China by one. In East Africa the figures wear stitched clothes and wraps. Most go barefooted. The men are clean shaven. The Chinese couple wears exclusively stitched clothes, both have shoes and the man sports a well-trimmed moustache and beard.

The captions to the couples frequently mention religious distinctions: Christian, Muslim, Jew or pagan. In the images, religious affiliation is less apparent. On forehead and cheeks the Abyssinians display brand marks in the shape of a cross, as do the Nubians and one of the female converts in Goa (Fig. C29). A cross is also shown in the background of Thomas Christians. The Portuguese lack any obvious Christian sign, nor is a religious sign attached to the Malabar Jews. The Banyan merchant from Cambaia, probably Jain, does not carry a weapon, presumably because of his religiously inspired aversion to killing living creatures. The holy men from Vijayanagar wander around unarmed, probably for similar reasons.

The captions label all figures in the Arabo-Persian region, and consequently all the polities they represent, as Muslim. South-Asia offers a more complex picture. Some polities had Muslim rulers and a majority of pagan subjects. Others like Vijayanagar were exclusively pagan. In Goa, Christians and pagans lived together; on the Malabar coast Christians, Jews, Muslims and pagans. In Southeast Asia all figures are labeled pagan. In the marginal regions of the panorama, the religious situation is also simple. In the southern part of East Africa lived pagans, in the northern part Christians and in China pagans. Clearly the makers of the codex conceived these regions not merely as geographical units, but – since costume is custom – also as culture areas. As indicated by the overlaps in clothing, other attributes and religion they thought of these cultures as entities open to outside influences, not as monads.

Within the large culture areas, further distinctions are suggested by clothing and other outward signs. In the first area, the Arabo-Persian region, a majority of the Arabian women wears trousers and the lower class women carry a bowl with fruit on their head, while Persian women all wear a skirt or gown and none of them carries anything on their head. In South Asia four sub-regions are suggested. In the Muslim-pagan North, women wear combinations of a stitched bodice and a sari; in the pagan South (Vijayanagar) they cover the upper part of the body merely with the end-piece of the sari. In Goa, the Portuguese and the Christianized, indigenous women stand out by the stitched clothes of Western design. On the Malabar coast

---

recognized in the captions of the codex. A Muslim focus might lead one to see Southeast Asia as a regional variation within a culture area encompassing the entire Indian Ocean. André WINK, "From the Mediterranean to the Indian Ocean: Medieval History in Geographic Perspective", *Comparative Studies in Society and History*, 44, 2002, pp. 416-445. The codex expresses a similar view, but by playing down the Muslim influence east of Cape Comorin.

people have a considerably darker skin than in the other regions and the men carry round shields and peculiarly shaped swords, with the exception of the Thomas Christians. They share these characteristics with the people of Sri Lanka, while the light skinned men on the East coast of India also carry round shields, but normal swords. In South-East Asia the men from Maluco, Banda and Halmaheira distinguish themselves by their rectangular shields and peculiarly shaped swords from the men of Pegu, Malacca, Sumatra and Java, who go without shields and wear krises. Further distinctions within the subregions can be noticed. Although it does not look so at first sight, all the couples differ from each other in one way or another. All these distinctions are designed to impress the reader with the variety of culture in Portuguese Asia.

The attributes and gestures of the couples suggest a general characteristic of human groups, present in all cultures. They evidently refer to power relations. Men, even lower class men, usually carry a weapon: bows and arrows, swords and shields of various shapes, daggers, or pikes. The men frequently display aggressive attitudes. They point an arrow or even the iron tiger claw (the wagnak) at the women (Fig. C24). Some fiercely brandish their unsheathed swords. The attitudes of other men are more restrained. The merchant and Bedouin man from Arabia, the man from Sindh, the mercenary from Cambaia, the man from Malacca, and the Chinese keep their weapons sheathed and merely point an index finger at their companion or gesture with the full hand. Nevertheless, they represent male dominance over their unarmed female companions.

The subordination of women is also indicated by their position to the left, the less honourable side, of the men.[9] However, the women are not submissive. Some look the aggressive males straight in the eye and gesture back with their right index finger, or an open hand. Others take a softer approach to countering male overbearingness. They offer their companions flowers or fruit. These females demonstrate flower power. Sometimes the typical gender roles are reversed. The men from Sindh, Pegu and Java present the women with a flower or fruit. The Banyan couple from Cambaia mutually exchanges gifts, the man offering a well-filled purse, the woman a flower (Fig. C21). In a few cases, for reasons still to be established, the woman stands to the right of the man.[10] The images of couples do not depict a general war of the sexes, nor irreversible gender roles. Rather they suggest ambivalent power relations between men and women, delicate balances

---

[9] Robert Hertz, *Death and the Right Hand*, trans. Claudia and Rodney Needham, London, Free Press, 1960.

[10] This reversal of position is a rare variant in the couples and customs iconography. It occurs once in the Linschoten series with the Chinese couple. In that case, it signifies a breaking of the rules for decent behavior among the sexes. Inappropriately the woman takes the lead, by making advances. There are no obvious indications in the images or the captions that this is also the case in the codex. E. Boogaart, *Civil and Corrupt Asia*, cit., p. 13.

between hard and soft power. What goes for the sexes goes for other groups within a population and for entire populations. The couples show that internally and externally human societies have to cope with ambivalent and unstable power relations. Some societies manage these better than others and preserve internal and external peace for a long time. Other societies get easily and frequently involved in conflicts with neighbours or in civil wars.

The images of couples and the captions often allude in other ways to classification of human groups, according to political and economic power. The captions frequently identify the couples as subjects of a king. Even where this is not explicitly mentioned, the weapons carried by the men may indicate that the people in question live under some kind of political authority. A king necessarily implies a social hierarchy. Most commonly it consists of ruling warriors supported by priests and subject merchants, artisans and agricultural labourers. In the codex it is usually shown as a hierarchy of wealth, indicated by clothes. In Arabia, for example, the Fartaquis warriors and the merchants are more elaborately dressed than the barefooted sailors and the *labradores*, the Bedouin.

Differences in clothing may also point to a hierarchy of political and economic power existing between polities. All Arabians are quite civilly attired compared to the Sri Lankese, who wear a mere loin skirt or loin cloth. In turn, the Persians seem to be more expensively dressed than the Arabs. The weapons of the males may have a similar function. The cafre in East Africa displays a simple bow and arrow, made of wood and vegetal fibres. Most of the other males have more expensive weapons, such as swords or lances made of iron. The Gizari man from the Gulf of Basra even carries a fire arm (Fig. C7).

The hierarchies of political and economic power within and between polities were believed to be related to differences in practical and theoretical skills, political acumen and moral rectitude. In sixteenth-century Italy and North-western Europe these differences were subsumed under the general concept of civility; the Portuguese equivalent was *polícia*. The varying costumes, attributes and gestures of the couples thus indicate gradations and variations of civility within and between the polities of the culture areas.[11]

---

[11] In his description of Cambaia, Barbosa uses a formulation that beautifully brings out the connection between *polido* and "good" clothes: "gente muito polida e bem custumada e de muitos bons trajos." He then continues the sentence with a formulation that expresses the link between civility and sin, the main theme of the present analysis: "e de vida viçosa, e dados a muitos prazeres e jogos." Duarte Barbosa, *O Livro de Duarte Barbosa*, ed. Maria Augusta da Veiga e Sousa, Lisboa, IICT, 1996, Vol. I, p. 209. A formulation used by João de Barros about the Ethiopians brings out the technological connotation in *polícia*: the blacks showed "mais polícia na mecânica das coisas" than the Ethiopians. Cited in António Borges Coelho, "A África na *Ásia* de João de Barros", in his *O Tempo e os Homens. Questionar a História III*, Lisboa, Caminho, 1996, p. 216. Another Barros phrase shows the connotation of moral order created by (the true) religion: "nós (Portuguese) criados na polícia da Igreja Romana." Cited in A. B. Coelho, op. cit., p. 187. For convenience sake, I have used "civility" and "civil" to render *polícia*/*polido* and *cortesia*/*cortês*.

Skin colour is never mentioned in the captions, but is obviously another attribute of the couples that encourages classification. The colours run from white, through brownish, to black. No clear correlation between degrees of darkness and proximity to the equator is suggested. The white Abyssinians live at more or less the same latitude as the dark skinned Nubians. Equally, the couple from Sindh is considerably darker than the Banyan couple from Cambaia. The people from Malabar are very dark, as are the Sri Lankese, in contrast to the light skinned Badagas on the Indian East Coast. The peoples from the Indonesian archipelago are shown in slightly different hues, with the Bandanese on the dark side, and the Botachinas from Halmaheira unnaturally white. The lack of correspondence between latitude and skin colour suggests that the designers of the codex did not believe that a dark skin could be explained by the exposure to strong sun light, a theory common in sixteenth-century ethnographies. The other current explanation was that a dark skin was God's punishment for incessant transgressions of basic moral and rational rules, a "badge of hell".[12] However, if we take the amount of clothing as a sign of civility, there is no indication in the codex that the makers invariably associated a dark skin with incorrigible mental and moral deficiencies, with an inherent incapacity to achieve a civil way of life. The dark skinned inhabitants of the Malabar Coast are fully dressed and thus rather civil, while the white skinned people from Halmaheira just wear loincloths and thereby show a low degree of civility.

The images of costumed couples should not be thought of as categorically different from the images of customs represented by scenes with many figures. After all, costumes were a matter of custom. The custom scenes elaborate on the classifications and rankings suggested by the costumes. In the series an almost equal number of images is devoted to customs as to couples.

Four societies of Portuguese Asia were selected for an elaborate treatment in which images of couples were combined with images of customs: Ormuz, Cambaia, Goa and Vijayanagar. The treatment of Cambaia, Goa and Vijayanagar was particularly extensive. Thirty-three sheets, almost half of the total series, are devoted to these three societies. Positioned in the middle of the series, these images constitute the centre of the geographical framework that gives the overall coherence to the series. East Africa and the Arabo-Persian region occupy the western flank and the countries East of Cape Comorin the eastern flank. Goa, at the centre of the centre, was singled out by other means. Three custom scenes – the Canarim wedding, the procession of an "honourable" Portuguese man and woman and the agricultural labourers at work[13] – are fold-outs of two and three sheets, an extraordinary size that signals the importance attributed to the capital of Portuguese Asia (Figs.

[12] Winthrop D. Jordan, *White Over Black. American Attitudes Toward the Negro, 1550-1812*, Baltimore, Penguin Books, 1969, pp. 11-20.

[13] See Appendix.

C30-31, C32). The fold-outs reveal that the viewers are offered a Goa-centred or at least a Luso-Indian perspective on Portuguese Asia.

The custom scenes of Cambaia and Goa show predominantly political and economic activities that elaborate the hierarchies of political and economic power and of civility. In each of these cases only a single custom scene deals with religious distinctions. However, Vijayanagar is provided with a sequence of eight scenes showing pagan rituals and religious symbols. This cluster is followed by the cluster on Malabar, where the couples represent the full range of religions distinguished at the time by the Portuguese: Christianity, Judaism, Islam, paganism. This strategically placed emphasis reminded the viewer that for purposes of classification and evaluation, he should not merely compare the political and economic power of the societies in Portuguese Asia, but pay due attention to the moral order instilled by the various religions.

The couples and the customs scenes demonstrate that some characteristics of outward appearance and public behaviour were not confined to a region, but were present all across Portuguese Asia, and might even be characteristic for all human beings. Saris and turbans might be Asian, but covering the private parts, exchanging gifts and communicating by threatening or conciliatory gestures occurred all over the world. In Asia as in other continents people lived in households, the model for the larger social units, and polities could thus be represented by couples of adult males and females. These were not the only universals assumed by the makers of the codex. At the heart of the couples and customs formula lie some other convictions about universal human qualities derived from classical anthropology and Christian theology.[14]

According to a notion derived from classical anthropology, humans are by nature social beings, because they are born and raised in a household

---

[14] The notions of which thumbnail sketches are given in the next two paragraphs have been treated extensively either in texts dealing with the history of anthropology and ethnology, or in texts about the literature of travel and the images of non-European peoples and lands. The first type of texts are generally studies in the history of ideas and doctrines, as propounded by seminal thinkers. The second type of texts are studies in the history of mentalities based on a broader range of sources, mostly written or printed, more rarely pictorial like the *Codex Casanatense*. They may be called "image" – studies with titles such as "The Aztec Image in Western Thought", or "The Image of the Black in Western Art". Selected titles that I found helpful are: Roger Trigg, *Ideas of Human Nature: an historical introduction*, Oxford, Blackwell, 1999; Peter Hulme and Tim Youngs (ed.), *The Cambridge Companion to Travel Writing*, Cambridge, Cambridge University Press, 2002; Wilfried Nippel, *Griechen, Barbaren und "Wilde". Alte Geschichte und Sozialanthropologie*, Frankfurt a.M., Tischer Taschenbuck, 1990; Margaret T. Hodgen, *Early Anthropology in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1964; Anthony Pagden, *The Fall of Natural Man. The American Indian and the origins of comparative ethnology*, Cambridge, Cambridge University Press, 1982; Id. (ed.), *Facing Each Other. The World's perception of Europe and Europe's perception of the World,* 2 vols., Aldershot, Ashgate, 2000; Michael Harbsmeier, *Wilde Völkerkunde. Andere Welten in deutschen Reiseberichten der Frühen Neuzeit,* Frankfurt/New York, Campus, 1994.

governed by parents, with the father in the leading role. There they learn to cooperate with and obey other people within and outside the household. They are taught how to make tools and acquire knowledge that gives them mastery over nature. Cooperating human groups are threatened by violence from inside and outside, a condition referred to by the ambivalent relationship between males and females depicted in the couples. Hence the necessity to extend the authority of the father to rulers – kings, warriors and priests –, who are supposed to establish safety, peace, just order, and a measure of prosperity among their subjects. Through political and religious cooperation, human beings create collective mastery over themselves. Humans learn to restrain their passions and guide themselves by reason. They develop a civil way of living. Some peoples are more successful at this than others. That goes for social groups within a population as well. Civility never totally excludes abuses of power, outbursts of aggression and dissolute morals. Internal and external conflicts blight every society, causing widespread suffering.

In Christian anthropology, not man's capacity for civil living, but human suffering had become the central concern. The theologians argued that the tormented human beings develop a disgust for life on earth and a longing for salvation in the other world. According to the teachings of the church, they could only achieve the final escape from pain and death through God's grace, made available to the believers through sacraments dispensed by priests. Humans may by nature be social, tool-making and rational beings, and in these respects superior to animals, they are – more relevantly according to the theologians – essentially sinful and irremediably miserable beings, dependent on God.[15]

A combination of these Greco-Roman and Christian notions about the human condition is encapsulated in the images of the clothed, arms bearing, gesturing men and women, and in the scenes in which they practice their customs. Originally, these ideas were developed by learned Christians in late Antiquity and the Middle Ages. By 1550, they had become widely embedded in Western culture. The couples in the codex are ethnographic symbols and at the same time avatars of Adam and Eve. They represent the unity and diversity of civil and sinful mankind as it manifests itself in Portuguese Asia.

---

[15] Georges Minois, *Les origines du mal. Une histoire du péché originel,* Paris, Fayard, 2002. Edmund Leach, *Genesis as Myth and Other Essays*, London, Cape, 1969. Paula Fredriksen, *Sin: the Early History of an Idea,* Princeton, Princeton University Press, 2012. Isabel Moreira, *Heaven's Purge: Purgatory in Late Antiquity,* Oxford, Oxford University Press, 2010. The last two books are reviewed by Peter Brown, in the *New York Review of Books*, Vol. LIX, n. 20, 2012/13, pp. 70-76.

Muslim and pagan Cambaia

The kingdom of Cambaia, as the polity of Gujarat is called in the captions, was one of the major competitors of the Portuguese in the trade and politics of the Indian Ocean.[16] Its merchants dominated the Asian maritime trade in colourful textiles, such as those worn by many figures in the codex. Through its economic strength Cambaia was also a power to be reckoned with in the politics of the seafaring communities around the western Indian Ocean and in the struggles between the land-based polities in the North of the subcontinent. Even when Gujarat and the Portuguese state were at loggerheads, cooperation on a private level between traders continued, as did the migration of mercenaries to Goa. At least some Portuguese, such as the anonymous author of the *Crónica do Guzerate*, were very well informed of the Machiavellian power struggles and intrigues between and within the polities of Northern India.[17]

Cambaia had been ruled by various Muslim lords since the eleventh century, but a large part of its population had remained what the Portuguese referred to as pagan. Earlier Hindu rulers, the Rajputs had retreated to the less accessible parts of the country. A more serious threat came from the Islamic Moghul Empire, to the North and East. In 1534, under attack from Moghul Humayun, the sultan of Cambaia had called upon the Portuguese for assistance. In recognition, he ceded to them the southern port of Bassein and allowed them to build a fort in the port of Diu, on the Western side of the Bay of Cambaia. When Humayun's empire was taken over by Pathan from Afghanistan (1539-1555), the sultan of Gujarat regretted the concession and laid siege to Diu to get it back. Twice, in 1538 and 1546, the Portuguese succeeded in repelling him. Around 1550, the two parties had achieved a *modus vivendi* that left the Portuguese in possession of Diu and the port of Daman, on the eastern side of the Bay of Cambaia. This history left its traces in the images of the codex.

In the codex, the king of Cambaia is represented as an established and wealthy ruler. He rides an elephant (Fig. C13). One servant holds the royal parasol, another carries the king's sword and a third waves a piece of cloth to relieve the heat. The noble woman on horse keeps a bird of prey on her right hand. The servants in the lower part of the image walk hunting dogs on leashes. The caption identifies the sultan as the one who laid siege to Portuguese Diu, painted "after life". He must be Mahmud III, who reigned between 1537 and 1554. The painting however depicts him not as a warrior, but as a man displaying aristocratic magnificence. Nor does the image refer

---

[16] Michael N. Pearson, *Merchants and Rulers in Gujarat. The Response to the Portuguese in the Sixteenth Century*, Berkeley, University of California Press, 1976.

[17] Sanjay Subrahmanyam, "A Crónica dos Reis de Bisnaga e a Crónica do Guzerate: Dois Textos Indo-Portugueses do Século XVI", in *Os Construtores do Oriente Português*, Lisboa, CNCDP, 1998, pp. 133, 152.

to any despotic qualities such as were attributed to his predecessor, Bahadur, by the author of the *Crónica do Guzerate*. His life-style seems to be civil, or *cortês*. On the other hand, Western viewers might have opined that by parading himself on an elephant, the king of Cambaia was flashing his wealth and authority a bit too ostentatiously.

Military power in Cambaia appears in the shape of the mercenary soldier and his female companion, the Lascaris (Fig. C20). Their religious affiliation is not identified; they may well have been Muslim. Both are well-dressed. The man holds a lance in his right hand, but demonstrates a restrained demeanour. The woman offers him a flower, a courteous gesture. This is quite different from the Lascari couple that later appears in Linschoten's *Itinerario*. There the mercenary soldier is shown as a scarcely-clad, aggressive thug accompanied by a woman of ill repute. In the codex, the Lascaris are respectable people, though perhaps too strongly inclined to worldly display.

The image showing a covered coach "in which women are transported in Cambaia" may refer to a custom attributed by Barbosa to Muslim merchants.[18] According to him, the Muslims were great spenders. By allowing polygamy their religion condoned loose living. In spite of that, the Muslim merchants were extremely jealous. They kept their women out of the public eye and only allowed them to cross public space in covered coaches. Two armed men on horse and a servant on foot accompany the coach. Clearly, the jealous Muslim husbands did not take half measures.

The paintings of the *xarafo*, the moneychanger, and the Banyan merchants refer to the commercial power of the pagan population in Cambaia (Fig. C15). The white stroke on the forehead of the *xarafo* identifies him as a pagan.[19] Although clearly a wealthy man, he sits on the floor of a stone pavilion, legs folded. The pavilion is covered with tiles, open on all sides, and is situated in an urban environment. The tiled houses and the buildings with towers (temples, mosques?), on the right hand side of the sheet, are the only explicit evocation of a city in the series. The *xarafo* is surrounded by the attributes of his trade: a small pair of scales, a coffer, and artfully arranged piles of coins. Between the thumb and index finger of his left hand, he holds a gold coin and shows it to the crowd that approaches him. Men and women, Europeans and Asians, light- and dark-skinned people want to do business with him. Some proudly present a coin, others eagerly stretch their hands in the direction of the piles in the pavilion. The moneychanger is probably a moneylender as well. At the time the morality of charging rent on a loan

---

[18] D. Barbosa, *The Book of Duarte Barbosa*, trans. and ed. Mansel Longworth Dames, 2 vols. (Works issued by the Hakluyt Society; 2nd series nr. 44, 49), London, Hakluyt Society, 1918, 1921, Vol. I, p. 121. Cited hereafter as D. Barbosa, *The Book*.

[19] According to Schurhammer, the white stroke is the sign of a Shiva worshipper. G. Schurhammer, *Franz Xaver: sein Leben und seine Zeit*, 4 vols., Freiburg, Herder, 1955-1973, Vol. II, bk. 1, p. 190.

was fiercely discussed among Christians.[20] The inhabitants of Cambaia do not seem to be bothered by it. The scene irresistibly calls to mind the saying "Money makes the world go round."

The Banyan, identified in the caption as pagan, were prosperous merchants, as is shown by their outward appearance (Fig. C21). The man is richly dressed and wears pointed slippers, the woman goes barefoot, probably more by custom than because of poverty. She is the only woman in the series with ankle-, wrist-, neck- and ear-ornaments and she is richly attired. The merchant offers her a sack of coins, and she presents him a flower. He is one of the very few men in the series without a weapon. This is to be explained by his religious convictions. As Barbosa recorded, Banyan observe a rule that forbids them to kill any living being, however small or obnoxious. The respect for life was a virtuous quality, even if the Banyan took it to irrational extremes. His devotion to virtue in some matters did not prevent the Banyan from being sharp, even deceitful businessmen, according to Barbosa.

The Banyan women receive more extensive treatment in two custom scenes, that probably belong together. In one scene these spouses of wealthy men are shown collecting water from a fountain, normally a task for servants. If one assumes that they collected water for the bathing tank shown in the other scene and that they had to complete the task themselves to assure the purity of the water, the bathing scene might represent not merely a bath to clean the body, but a ritual of purification (Fig. C16). Support for this interpretation can be found in Barbosa. According to him, the Banyan were convinced that by bathing they washed away their sins.[21] The painting contains perhaps a slight mockery of this belief: during the purifying ablutions the women keep their jewellery on; they did not wash away an inveterate worldliness.

In addition to members of the ruling and commercial strata, a lower class group was selected for the depiction of the Cambaian social hierarchy.[22] The Pacaes, water sellers, bring large skins filled with water to town, carried by oxen and camels. They perform a public service, in contradistinction to the Banyan women, who fetched water for personal ends. They are more simply clad than the Muslim rulers and the pagan money lender and merchant. Were these humble people selected for representation because they performed tasks that were essential, especially in a tropical climate, and gave little opportunity for abuse of power, deceit or quasi-atonement? This would fit in with a Christian tribute to the nobility of the poor.

The social hierarchy depicted by means of couples and custom scenes was of course far from complete. Informed viewers of the codex may have remarked that they missed the Brahmins, already mentioned by Barbosa,

---

[20] Benjamin Nelson, *The Idea of Usury. From tribal brotherhood to universal otherhood*, Chicago, University of Chicago Press, 1969.

[21] D. Barbosa, *The Book*, cit., Vol. I, p. 113.

[22] See L. Matos (ed.), op. cit., pl. XXXII.

and the artisans in the textile industry that gave Cambaia its economic power. But the simplified representation of a more complicated reality served its purpose. It showed a professional specialisation complex enough for Cambaia to qualify as a civilised society. Though admirable because of its wealth and power, this polity was morally tainted. The Muslim rulers, mercenaries and merchants pursued life's pleasures without much restraint, whereas – by Christian and European standards – the pagan Banyan were excessively strict in their avoidance of bloodshed and held grossly superstitious beliefs about the purifying effects of bathing. The pagan *xarafo* was depicted as the puppet player who through his wealth held everybody else on a string, a man encouraging the capital sin of greed. The simple water sellers, also pagan, were perhaps to be looked upon as the more virtuous members of this doubly unchristian society.

Christian and pagan Goa

When the codex was painted, ca. 1550, Goa had been Portuguese for forty years.[23] It had formerly been the main port of the sultanate of Bijapur, a town ca. 275 km to the North-East. Bijapur was the most western of the Deccan sultanates, the string of polities that separated the Muslim dominated North of the subcontinent from the South dominated by the Hindu rulers of the vast empire of Vijayanagar. Portuguese Goa consisted of the large main island and the smaller neighbouring islands Chorão, Divar, and Jua. Three districts on the mainland – Bardez, Ponda, and Salcete – had close relations with the port city. For a long time they were contested, but in 1546 the sultan of Bijapur had ceded them to the Portuguese. Nevertheless, Goa can hardly be called a territorial colony. It remained an enclave in the Bijapur sultanate. The Portuguese historiographers frequently mention the dealings with Bijapur, but no Portuguese ever produced an extensive description of the country.[24] Equally, it makes only a fleeting appearance in the codex, despite its economic and political importance to Goa.

Since 1530 Goa had become the unrivalled centre of the Portuguese sea-borne empire in Asia, overtaking Cochin, on the Malabar Coast. It was the residence of the viceroy or governor of the *Estado da Índia*, as well as of the bishop, later archbishop. From here the representatives of the Portuguese crown organised the military sorties in the Indian Ocean, the yearly fleets to Lisbon and the licensed trades to Coromandel, Malacca, the Moluccas and Banda, and later China and Japan. Particularly under viceroy João de Castro (1545-1548), the rulers took more care to suitably impress important visi-

[23] There's an extensive description of the town in the 1540s in G. SCHURHAMMER, *Franz Xaver*, cit., Vol. II, bk. 1, pp. 174-193; and M. N. PEARSON, "Goa during the first century of Portuguese rule", *Itinerario*, 8, 1984, pp. 36-57.

[24] S. SUBRAHMANYAM, "A Crónica dos Reis de Bisnaga", cit., p. 135.

tors from other polities. The viceroy moved from the former residence of the Bijapur governor to the fort, built by the Portuguese, overlooking the waterfront. A series of portraits of all the previous governors was commissioned to decorate the reception room, as was a series of paintings of all the fleets that had been sent to Asia since Vasco da Gama. The governors' portraits were painted by an indigenous painter. It was in this more self-assured Goa that someone commissioned the *Codex Casanatense*.[25]

Although its format is more modest and its purpose private rather than public, this survey of Portuguese Asia seems to fit in with the spirit of stock-taking and with the effort to redefine the Asian enterprise, present in the decorative series showing the expansion of Portuguese power. This shift in official self-fashioning expressed the feeling of achievement experienced by the ruling elite who themselves or whose family members had made substantial contributions to the building of a maritime empire. It was also related to a cultural shift in Portugal. At the court of João III, counter-reformatory leanings gained the upper hand over the Erasmian humanist mentality inherited from the court of Dom Manuel. The new cast of mind came to Asia with Franciscus Xaverius and his fellow Jesuits, and later the Inquisition. The Christianisation of the heathen, the resistance to Islamic expansion, and the imposition of the new orthodoxy were pursued with increased vigour.

Goa had a heterogeneous population.[26] At the time of the conquest, the Portuguese had slaughtered most of the Muslim inhabitants, and destroyed their grave stones and mosques. A few thousand Muslims continued living in the countryside. Later on, Muslim traders from Arabia, Persia, Cambaia and Muslims states on the Indian West Coast were allowed back in. They could live in the port city, but not practise their religion. The indigenous Hindu population, called Canaris by the Portuguese, had stayed on after the conquest. They were to be found in villages on the main island, the minor islands and the coastal mainland as well as in the fortified Portuguese town. Shortly after the conquest, Afonso de Albuquerque had forbidden the life cremation or burial of widows together with their dead husbands. In most other respects, Hindus had been allowed to practice their "pagan" religion as before. But just at the time when the codex was painted, the policy of toler-

---

[25] Pedro Dias, "The Palace of the Viceroys in Goa", in Nuno Vassalo e Silva and Jorge Flores (ed.), *Goa and the Great Mughal*, Lisboa, Calouste Gulbenkian Museum, 2004, pp. 68-97. Jan Werquet, "Zwischen Aufbruch und Erinnerung. Architektonische Herrschaftsrepresentation und politische Ikonografie in Goa des 16. und frühen 17. Jahrhunderts", in Michael Kraus and Hans Ottomeyer (ed.), *Novos Mundos-Neue Welten. Portugal und das Zeitalter der Entdeckungen*, exhibition catalogue, Berlin, Deutsches Historisches Museum/Sandstein, 2007, pp. 143-149. Catarina Madeira Santos, *"Goa é a chave de toda Índia". Perfil político da capital da Índia (1505-1570)*, Lisboa, CNCDP, 1999.

[26] Luís Filipe F. R. Thomaz, "Goa: uma sociedade luso-indiana", in his *De Ceuta a Timor*, Oeiras, Difel, 1994, pp. 245-289, esp. pp. 245-257. Ângela Barreto Xavier, "Katholischer Orientalismus: Wege des Wissens im Goa der Frühen Neuzeit", in Michael Kraus and Hans Ottomeyer (ed.), *Novos Mundos-Neue Welten*, cit., pp. 129-141.

ance had begun to change. Hindu shrines and temples were destroyed and replaced by chapels and churches. Rents that had been paid by the villagers to coreligionists for the upkeep of the temples and for the organisation of religious feasts and ceremonies were inventoried in a land register, and made available to a Portuguese brotherhood for the propagation of Christianity. Most of the villagers – estimated at 40.000 in the 1540s – however remained "pagan."

In the port city lived 3.000 to 4.000 Portuguese – predominantly male: soldiers, royal officials, secular and regular clergy – who stayed only for a few years and then returned to Europe. The 1.800 self-employed *casados* were Portuguese settlers who had married indigenous wives, the core of a growing mestizo and nominally Christian population. Even within the city the Christians were in a minority, surpassed by larger numbers of Muslim and Hindu merchants, artisans, labourers, and slaves. The total city population may have amounted to 15.000-20.000.[27] Remarkably, the Goa cluster of the codex comprises only two images of Portuguese and eight of Canaris. This roughly equals their share in the total population. The Portuguese nobleman on horse and the noble woman being carried in a litter are prominently displayed in a fold out. However, the Canari wedding is shown in an even larger fold out. Clearly, the codex presents Goa not as an Asian Lisbon, but as an ethnically and religiously mixed society similar to Cambaia. At the same time its position in the middle of the series recognises that the town was the centre of Portuguese monarchical rule and Roman Christianity in Asia, the vantage point from where its spheres of activity were surveyed.

In Goa the Portuguese were the lords of the land. The procession of the "honourable Portuguese" couple does display some imperial grandeur, in accordance with the self-confidence of the 1540s (Figs. C30 and C31). The man on horseback is followed by a retinue of indigenous and European male servants. An indigenous servant carries a parasol, another has thrown a cloth over his shoulder and holds something in his hands. The nobleman keeps a bird of prey on his left hand. The white or perhaps mestizo lady in the litter is accompanied by European and indigenous, male and female servants.[28] Compared to the king of Cambia and his wife, this procession is a modest affair. The nobleman wears a hat like those worn by Martim Afonso de Sousa and Garcia de Sá (1548-1549) and by none of the others in the vice regal portrait series.[29] He represents not only a high administrator, but also a military commander. This seems to be indicated by the servant carrying a large,

---

[27] The population figures are derived from the texts by Schurhammer and Pearson cited in note 23.

[28] Schurhammer believes the lady is a mestiza. G. SCHURHAMMER, *Franz Xaver*, cit., Vol. II, bk. 1, p. 191.

[29] G. SCHURHAMMER, "Desenhos orientais do tempo de S. Francisco Xavier", *Gesammelte Studien*, Roma/Lisboa, 1963, Vol. II, p. 117.

ceremonial sword. Contrary to custom he carries it on his right side, obviously to display it properly to the viewer.[30]

In another image a Portuguese man on foot, accompanied by an indigenous servant with parasol, approaches two women, described in the caption as "single Indian women. Christians" (Fig. C29). The man carries a sword on his left side, as is proper, but he has conquests of another nature on his mind. The women are also accompanied by indigenous male servants with parasols. One of them is light skinned. The other is darker and has the Christian brand marks, earlier encountered in Ethiopia and Socotra, on her forehead and cheeks. Both wear a Western costume and shoes. This looks like a courting scene, the prelude to a marriage, in agreement with the policy of miscegenation started by Afonso de Albuquerque. The two images suggest that under Portuguese rule Christianisation progressed through mixed marriages and the increase of people of mixed Portuguese-Indian descent. In the 1540s, however, observers like Franciscus Xaverius found that the married converts and their children knew very little about Christian doctrine and observed their religious duties poorly, not to speak of the moral degeneracy caused by miscegenation outside marriage.[31]

Portuguese rule was supported by a military force made up of both European and indigenous troops. The "Canari soldiers from the Goa mainland", either from the coastal districts or from Bijapur, were probably hired troops.[32] The Portuguese also employed Lascaris from Cambaia, mentioned above. These were dressed more expensively than the mercenaries from the Goa mainland, just as the sultan of Cambaia displayed greater magnificence than the Portuguese nobleman. Just like the Honourable Portuguese, these members of the warrior strata are represented as keeping a low profile.

The goldsmith may be the highest ranking representative of the indigenous social hierarchy to be selected for an appearance in the codex.[33] According to the caption he is a Brahmin. He is extensively dressed, and his hair is covered by a turban. This makes him rather different from the other representations of Brahmin, who are shown as ascetics wearing only a dhoti, the bare breast covered merely by the Brahmin cord, the long hair hanging loose at the back. The goldsmith sits on a mat under a wooden shelter covered with straw. He has blown oxygen into a small fire and waits, like the assistant next to him, for the metal to become ready for treatment. Two other assistants in front are hammering away on anvils. The codex may originally have revealed more about the Brahmin goldsmith. The present scene covers only half a sheet, the other half may be missing. The more simply dressed

---

[30] Compare the display of an outsized sword by the Portuguese nobleman in one of Linschoten's engravings. E. Boogaart, *Civil and Corrupt Asia*, cit., p. 73. The sultan of Cambaia is also depicted with a ceremonial sword (Fig. C13).

[31] G. Schurhammer, *Franz Xaver*, cit., Vol. II, bk. 1, pp. 207-219.

[32] See L. Matos (ed.), op. cit., pl. LVIII.

[33] Ibid., pl. XLI. There may be reason to doubt the correctness of the caption.

iron smith and his assistants are shown in an almost identical setting performing the same tasks as the goldsmith, this time on a full sheet.[34]

The Almocreves, the grain merchants who brought in wheat from the neighbouring state of "Balagate", i.e. Bijapur, were selected to represent the commercial strata of Goa (Fig. C17). They transported their loads on oxen. They recall the Pacaes from Cambaia, but may have been engaged in more capital-intensive and lucrative affairs. However, they are not dressed as wealthy merchants. The selection from the lower strata of Goa consists of the *mainatos*[35], "who wash clothes for money", and the agricultural labourers who plough the land, sow grain and later harvest it (Fig. C19). In these scenes men and women work together, in contradistinction to the scenes with the more prestigious grain merchants and the smiths. The efforts of the agricultural labourers do not suffice to feed the population of the city, as is made clear by the scene with the Almocreve merchants. Nevertheless, they and the other pagan groups certainly contributed to the common wealth, as the Portuguese could observe every day in the port city. They also paid their dues to the upkeep of the moral order, as the Portuguese could deduct from the reports on the financial dealings of the pagan temples in the countryside. The accounts mentioned washers and smiths in addition to Brahmins, barbers, painters, and shoemakers.[36] This relative indigenous autonomy had ceased with the destruction of the pagan temples and shrines. The recent transfer of the temple contributions to a newly founded Catholic brotherhood meant that the pagans now paid for their potential Christianisation.

The caption to the largest image in the Goa cluster, the Canari marriage, does not mention the social stratum to which the bride and groom belong (Fig. C32). Their feast was a grand affair: many guests bring presents, many well-wishers give *acte de presence*, and a band of male musicians and female dancers enlivens the occasion. It looks like a wedding of wealthy people, perhaps rather Brahmin than Almocreve. Nothing in the image seems to refer to this pagan wedding as a religious ceremony. For the Christian viewers, however, this may have been self-evident, in consideration of what they knew about the position of married women from the pagan upper strata. They would have been aware that the marriage ceremony tied the couple into a sacred, monogamous bond. Before Portuguese rule, widows had been encouraged to accompany the deceased husbands to their last destination. Paganism – the viewers would have realised – determined the composition of the elementary social unit, the household, and the mutual obligations between its members.

---

[34] Ibid., pl. XL.

[35] L. Matos, op. cit., pl. XXXIX.

[36] G. Schurhammer, *Franz Xaver*, cit., Vol. II, bk. 1, pp. 188-189, 283. S. Subrahmanyam, "Crónica dos Reis de Bisnaga", cit., pp. 136-137. Joan-Pau Rubiés, *Travel and Ethnology in the Renaissance. South India through European eyes, 1250-1625*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000, esp. chaps. 5-7.

With that in mind, Christian viewers may have been tempted to link the image of the Canari wedding to the scenes of the Christian Indian women being approached by a Portuguese man and the life burial of a pagan widow in the next cluster on Vijayanagar. Conversion to Christianity and marriage to a Portuguese must be attractive options for pagan women, Christian viewers may have thought. When converted women became widows, they would be allowed to remarry. They could no longer be forced into ritual suicide out of respect for a deceased husband. The Christian viewers may also have pondered the complicated distinctions between "us" and "them", in which the Portuguese in Asia were involved *vis-à-vis* their pagan and Muslim neighbours. They might recall and discuss the quite different customs shaping the elementary nucleus of society. Christians and pagans both valued monogamy, unlike the Moors, but pagans on the one hand and Christians and Moors on the other were strongly divided by their views on the ultimate obligations of wives towards husbands.

As was the case with Cambaia, the couples and the custom scenes of Goa reveal a social hierarchy consisting of martial rulers, merchants, representatives of diverse trades and agricultural labourers, an occupational specialisation characteristic of a civilised society. How Western viewers may have evaluated the moral order in Goa as presented in the images is more puzzling. As regards the pagans, they may have harboured some reserves towards the luxury trade of the goldsmith, but the activities of the grain traders, iron smiths, *mainatos* and agricultural labourers would have given little occasion for moral criticism. They may have known or assumed that unholy pagan rituals, prominently shown in the section on Vijayanagar, were banned by the Christian rulers.

Western viewers would have found little justification in the images for strong criticism of the Portuguese expansion in Asia. The enterprise was not depicted as excessively aggressive in the pursuit of economic, political or Christian goals. In that respect it was quite unlike some contemporary depictions of the Spanish expansion in America. But there were other concerns. Miscegenation may have been frowned upon. Was it a way towards the gradual and peaceful Christianisation of the indigenous population or did it drag the Portuguese down into paganism? To Western viewers, the defects of the moral order of Christian-pagan Goa may have been less obvious than those of Muslim-pagan Cambaia. The codex certainly does not depict Goa as an immoral cesspit and the demonstrative Catholicism of the Portuguese as a sham, as the illustrations in Linschoten would do. On the other hand, Western viewers would not have found justification for a triumphalist view either. Goa was not depicted as an outstanding example of superior civility, or as the starting-point for a triumph of the Church Militant over the Muslim and pagan Orient. They were just represented as a small group of Western Christians amidst an overwhelming majority of Asian Muslims and pagans, most of whom had attained a comparable level of civility.

Pagan Vijayanagar

The main power to the South of Goa was the Hindu empire of Vijayanagar. In the fourteenth century, its rulers had conquered most of Southern India, eventually becoming the overlords of a territory that stretched from the river Krishna to Cape Comorin and from the Western Gaths to the Coromandel coast. In the fifteenth century, they extended their power to the Kanara Coast. Along this stretch of 375 km, the Western Ghats come close to the ocean. Steep cliffs covered with trees alternate with bays. Ports are few. However, with the conquest of Bhatkal, Vijayanagar gained direct access to the maritime trade of the Western Indian Ocean. Expansion to the North was blocked by the Deccan sultanates. Under Krisnadeva Raja (1509-29), Vijayanagar combined political prominence with cultural efflorescence. The capital of the same name, a few hundred kilometres to the South-East of Goa, had grown into a very large city of perhaps 300.000 inhabitants, with impressive palaces and temples. Many poets, musicians and artists were drawn to this centre of Hindu power, received patronage and engaged in creative competition.[37]

The official relations between the Portuguese and the king of Vijayanagar varied between an active search on both sides to establish a military alliance and mutual negligence or even short-lived hostility. At the beginning of the sixteenth century, they had sought alliances against the Muslim sultanates of the Deccan. In 1515-1545, official contacts were few. Animosity was caused by hostilities from Vijayanagar against Christian communities on the Kanara coast, and the plunder of the temple complex of Tirupati/Tirumala, near the Coromandel coast, by the Portuguese governor Martim Afonso de Sousa (1542-1545). In 1548, viceroy João de Castro made an effort to restore friendly relations by sending Tristão de Paiva on a diplomatic mission. At the same time economic contacts, largely conducted by private traders, were continuous and mutually profitable. Vijayanagar valued the imports of Persian horses and European firearms for its army, while the Portuguese bought rice and precious stones.[38] Through the private traders and military experts, some of whom stayed for long periods of time in the capital, the Portuguese in Goa were well informed about Vijayanagar. Diogo Paes wrote an extensive description of the country (ca. 1518), and Fernão Nunes composed a historical chronicle from the first dynasty up to 1535, based on indigenous oral history supplemented by Portuguese information about events during the last decades.[39] Both dwelt on the power of its rulers and the splendour of its capital, but also reported on horrifying pagan practices.

---

[37] G. Schurhammer, *Franz Xaver*, cit., Vol. II, bk. 1, pp. 233-234.

[38] Maria Augusta Lima Cruz, "Notes on Portuguese Relations with Vijayanagara, 1500-1565", in Sanjay Subrahmanyam, *Sinners and Saints. The successors of Vasco da Gama*, Delhi, Oxford University Press, 1998, pp. 13-39.

[39] S. Subrahmanyam, "Crónica dos Reis de Bisnaga", cit., pp. 138-144. Robert Sewell (ed. and trans.), *A Forgotten Empire: Vijayanagar*, London, Swan Sonnenschein & Co. 1900.

One would expect that the codex would primarily call attention to the political and economic power of Vijayanagar, as it had done with Cambaia and Goa. However, the social hierarchy depicted in this cluster is of quite a different nature and prioritizes religious rituals over political or economic activities.

Three images refer to the military power of Vijayanagar's rulers. No king mounted on an elephant or on horseback is shown, as the informed viewer might expect. But a somewhat similar image is offered instead: a war elephant, watched by two women and two men standing on top of small rocky elevations (Fig. C22). This is a clear reference to the massive mounted troops that the king could field. According to Barbosa, he had "always more than nine hundred elephants, which he purchases for one thousand five hundred and for two thousand cruzados each. They are of great size and beauty, and he ever takes them with him for reasons of state as well as for war."[40] The men and women watching the war elephant, presumably representing the civil population, seem full of admiration for this display of wealth and power. Another image of a couple, titled simply, "Canaras Jintios", shows the martial spirit of at least the male part of the population. With his right hand, the man brandishes an unsheathed sword, while threatening the woman with the iron hand, or tiger claw (wagnak) in his left hand (Fig. C24). The woman may be duly impressed, but her floral gift demonstrates a belief in flower power. In a third image, the man of the Badaga couple, from the South-eastern part of the empire, also impersonates a battle attitude. His woman keeps him in check by a simple gesture of the hand. The viewer could conclude that in Vijayanagar, just as in Cambaia and Goa, military virtues were practiced and honoured, but they were balanced by the countervailing soft power of restraint and friendly behaviour. The images represent Vijayanagar as a civilised society, at least in the political sphere.

The other figures making up the social hierarchy of this cluster constitute a cast not shown before in the codex. Priests, pilgrims, roaming holy men, ordinary believers and widows walk on stage instead of merchants, artisans and agricultural labourers. The actions they engage in refer not to economic or political needs, but to a worldview that values radical renunciation of earthly existence. This value orientation was well-known to the Western viewer. Asceticism had been part of Christianity for a long time. Hermits had withdrawn from the world into the isolation of the desert, men and women had retreated into cloisters, priests lived in celibacy. Christ had sacrificed himself on the cross for the salvation of mankind. The codex shows similar kinds of behaviour that were however utterly abhorrent to Christians

Four custom images show ritual suicide performed by a Brahmin or executed under his guidance. Unlike the gold smith in Goa, the Brahmin appears here in a priestly capacity. He is ascetically dressed in a dhoti, the

[40] D. Barbosa, *The Book*, cit., Vol. I, p. 210.

distinctive cord arranged over his bare chest, his very long hair hanging loose over his back. In one scene a man cuts off his own head, and the Brahmin brings it on a plate to the temple, according to the caption.[41] In another scene, one Brahmin has hooked a colleague onto a lever and pulled him up (Fig. C26). From on high, the hanging figure cuts pieces of flesh out of his body, puts them on arrows and shoots them into the air. The caption states that believers present at the scene, here two women and a man, collect the pieces and keep them as relics. The hanging figure continues the procedure until his death. The Brahmin in Tirumala, a famous destination for pilgrims, ends his life by throwing himself off a rock, a scene that is maybe repeated on another half sheet.[42]

Laymen follow the example of the priests. The only image in the codex of a couple consisting of two men, instead of a man and a woman, features two lay world renouncers (Fig. C25). A yogi imitates and surpasses Brahmin asceticism by living a life of poverty and self-castigation. The "calendar" has given up family and community, roams through the country clad in a tiger skin and lives from alms. Another layman has himself strangled by a contraption, put on a platform in front of a *pagoda*, a pagan church as the caption explains. Other laymen throw themselves in front of the wheels of a large wagon carrying dozens of merry worshippers, participating in a procession (Fig. C23). The suicidal deeds are not exclusively performed by men. Women engage in similar behaviour. A widow voluntarily joins her deceased husband in the grave. She sits quietly next to him and puts her arm around his shoulders, while other men enthusiastically close off the grave with large stones (Fig. C18).

The viewers of the codex must have asked themselves why these pagans committed ritual suicide. In his description of the yogis and roaming pilgrims, Barbosa offered an answer that must have looked self-evident to Christians: the pagans did penance for their sins. The self-murderers of Vijayanagar clearly took violations of the moral code much more seriously than the Banyan women from Cambaia who thought they could wash away their sins by ritual bathing.

Two other images, the only images in the codex that show neither a couple nor a custom scene, suggest that the pagan and the Christian ideas about the power of God and the origin of sin might not be all that different, albeit expressed by different visual symbols. One image represents the unity of Vishnu, Shiva and Brahma (Fig. C28). Sixteenth-century Portuguese associated this theme with the religion of the Brahmins; they did not yet have a conception of Hinduism (or Buddhism for that matter). Already Barbosa had mentioned that the Brahmins had a conception of God – Creator, Destroyer and Saviour in one – that was similar to the Christian

[41] L. Matos, op. cit., pl. XLVII.

[42] Ibid., pl. XXIX.

idea of the Trinity.[43] The other image shows, in the upper part, a banana tree flanked by two hooded cobras "who are very poisonous. A person who is bitten by them dies" (Fig. C27). Garcia d'Orta had suggested that the banana might have been the delicious fruit by which Adam and Eve were seduced to disobey Gods command.[44] A Christian viewer aware of this opinion could have interpreted this part of the image as a pagan version of the depiction of the Original Sin. Once attuned to a symbolic reading of the image, the Christian viewer might have interpreted the lower part in a similar vein. Underneath the tree, a snake with a head on the front and the back is depicted. This is a snake "that does no harm." The Christian viewer could take it as a symbol of Eternal Life, a state of being in which looking backwards and forwards could not be distinguished, in which past and future were experienced as one enduring moment. In this interpretation the images suggest that Indian paganism shared some basic notions and practices with Christianity, although in distorted forms. Behind the polytheism, idolatry and extreme asceticism a shimmer of other-worldly monotheism, a veritable awareness of man's sinfulness and a striving for salvation could be discovered.

The similarities between paganism and Christianity were deeply disturbing to a Christian. In his view ritual suicide was a grievous sin. By trying to atone for their minor sins the pagans committed an even greater one. Wilfully seeking death implied the usurpation of a competence belonging to God. Only the Creator should decide on when and how a human life had reached its end. Committing suicide meant rejecting the hope of salvation, a rejection of Christ's self-sacrifice on the cross. The pagans of Vijayanagar might be rather civilised in their political and economic dealings and their religious doctrines might show similarities to Christian teaching, but their religious rituals however violated a fundamental rule that God had imposed on man. In the codex, Portuguese and pagans are depicted as *frères ennemis*, perhaps more so than Portuguese and Muslims.

Portuguese Asia: a collection of civilised sinners

In the *Codex Casanatense*, the societies of Cambaia, Goa and Vijayanagar are represented as relatively civilised, as can be deduced from the images of their complex social hierarchy and of the dresses worn by the different social groups. The same goes for the societies of the Middle East, the Malabar coast, Sri Lanka, the Maldives, the East Coast of India and South-East Asia where clothes are the main indicator of civility, because

[43] D. Barbosa, *The Book*, cit., Vol. I, p. 115.

[44] Garcia da Orta, *Colloques des simples et des drogues de l'Inde*, trans. Sylvie Messinger Ramos, António Ramos and Françoise Marchand-Sauvagnargues, Lisboa/Paris, Fundação Oriente/Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

these societies are represented exclusively or predominantly by couples.[45] Only a few societies can be suspected of being considerably less civilised than the rest. In the cases of Socotra and Sindh the evidence is mixed. The men wear merely a loin skirt and go barefooted, but cover their heads with a turban. The women however have wrapped a broad piece of cloth around the lower part of the body and cover their breasts with the remaining part. These people are not extremely poor and show a sense of modesty. The men and women of Sri Lanka wear only a loin skirt, go barefooted, do without turbans, caps or hats, and the women do not cover their breasts. The Maldiveans were clad equally poorly. However, in contemporary ethnographic descriptions these peoples are not classified as particularly uncivilized. Maybe at least the Sri Lankese were deliberately downgraded in the codex to prevent Portuguese military involvement in the region.[46] This leaves the loin skirt wearing, white Botachinas of Halmaheira, in the Indonesian archipelago, as the only Asian people to which the codex attributes a low level of civility, a quality they share with the African cafres. The vast majority of the Asians in the codex are elaborately dressed, some more than others, but these are matters of degree, not of differences that establish a contrast between civility and barbarity.[47]

---

[45] In this interpretation, sixteenth-century Portuguese placed "Asia" more or less on the same level of civility as "Europe". At least they did not notice a "great divergence" in economic development posited by theorists of European exceptionalism since the early Middle Ages. See e.g. Jack Goody, *Capitalism and Modernity. The great debate*, Cambridge and Malden MA, Blackwell Publishing/Polity Press, 2004; Id., *The Eurasian Miracle*, Cambridge, Polity Press, 2010; Alan MacFarlane, *The Riddle of the Modern World. Of liberty, wealth and equality,* New York, Palgrave Macmillan, 2000. See also www.alanmacfarlane.com.When sixteenth-century Portuguese did proclaim Europe's superiority over the other continents, as did Camões, it is difficult to entangle how much they attributed this to God's grace, i.e. Europe's Christianity, and how much to the ingenuity demonstrated by Europeans in the course of history. To the extent that they did have a notion of history as a civilizing process it was part of a providential, not a secular view of history.

[46] See for the views on Sri Lanka: Zoltán Biedermann, "Krieg und Frieden im Garten Eden: die Portugiesen in Sri Lanka (1506-1658)", in Michael Kraus and Hans Ottomeyer (ed.), *Novos Mundos-Neuen Welten,* cit., p. 151; Id., "Perceptions and Representations of Sri Lankan Space in Sixteenth-Century Portuguese Texts and Maps", in Jorge Flores (ed.), *Re-exploring the Links. History and Constructed Histories between Portugal and Sri Lanka,* Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 2007, pp. 235-260; Alan Strathern, *Kingship and Conversion in Sixteenth-Century Sri Lanka. Portuguese Imperialism in a Buddhist Land*, Cambridge, Cambridge University Press, 2007, pp. 120-124. Chandra R. de Silva, "Beyond the Cape: the Portuguese encounter with the peoples of South Asia", in Stuart B. Schwartz (ed.), *Implicit Understandings. Observing, reporting, and reflecting on the encounters between Europeans and other peoples in the Early Modern Era,* Cambridge, Cambridge University Press, 1994, pp. 295-322, esp. pp. 308-322; Id. (ed.), *Portuguese Encounters with Sri Lanka and the Maldives. Translated Texts from the Age of Discoveries*, Farnham, Ashgate, 2009.

[47] Pagan societies with limited technical skills could still be civil if they included many people, cities, occupational specialization and an enduring political order. Barros recognized this when he wrote of the inhabitants of Monomotapa: "em alguma maneira parece que seguem razão de boa polícia segundo a barbárie deles." Cited in A. B. Coelho, op. cit., p. 187.

At most, one might argue that the clothes attributed to the peoples of Portuguese Asia indicate a gradual and limited diminishing level of civility when one crosses the Indian Ocean from West to East, or from Muslim and Muslim-dominated regions to pagan regions.[48] In Arabia and Persia, all ranks of society wear stitched cloths and only the lower classes go barefoot. In South and South-East Asia, a combination of stitched pieces of clothing and pieces of textile of various length wrapped around the body prevails, in some cases replaced by wrapped clothing only. On the Indian subcontinent bare footedness increases, while in South-East Asia all the peoples are represented as doing without footwear. Only the Chinese in the Far East are shown fully dressed in stitched clothing and wearing shoes again, a return to the Persian level of civility.[49]

Civility as demonstrated by clothes primarily refers to the ability to create material well-being through technical and economic skills. The other connotations of the concept – political skill and self-restraint – are represented by the gestures of the couples and the occasional duplication of pairs. Men brandishing swords or making other aggressive gestures signal less political skill than armed men who show composure. In many cases the gestures of the women seem to indicate a moderating force in society. Only among the Pathan the women play along with the aggressive men. The duplication of couples in the images of the Pathan and Sri Lankans possibly refers to particularly fissiparous politics. But the despotic power play for which Ormuz was famous is not depicted. Only the predatory regimes of the Noutaques and Rajputs who are shown at war with themselves may be represented as beyond the pale of normal politics, but then as cases of anarchy rather than oriental despotism. In the codex most societies seem to practice politics in a relatively civil manner, keeping a delicate balance between hard and soft power.

While the codex represents Portuguese Asia as a rather civil world that showed no "great divergence" with Europe, the introductory image of the cafres raises the question if a contrast in civility between Asia and sub-Saharan Africa could have been in the mind of the painter and his patron. The poorly clad, aggressively gesticulating blacks in a barren land could be perceived as the opposite of the generally well-dressed peoples – white, brownish and dark – that the Portuguese had come into contact with in the Asian lands of flowers. The images of transport on wheels in Cambaia and ploughing with oxen in Goa recall other features used by Jack Goody in a

---

[48] The sixteenth-century Portuguese vision of Asia was probably not entirely self-created. It may well have been developed from views current among Muslim traders. A. Miquel, op. cit., Vol. II, pp. 82-85, 114-126; Vol. IV, pp. 264-279.

[49] See Appendix. The Chinese are shown as aristocratic landlords, the Far Eastern equivalent of the couple from Shiraz. Linschoten showed them as literati and servants of a state bureaucracy. The makers of the codex may not have been aware of the existence of mandarins. Rui Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000, pp. 443-462.

modern construction of this contrast.[50] Sixteenth-century Portuguese did not necessarily envisage sub-Saharan Africa as a land of uniform, deep barbarity. But even when they took a more nuanced view, they were aware of some data that put "Africa" on a considerably lower level than "Asia". In the representations of the Four Parts of the World, later in the sixteenth century, it became quite common to contrast civil Europe and Asia with savage Africa and America.[51] In the codex, this distinction seems to be emerging.

As some custom scenes suggest, flaws could be detected in the moral order of all Asian societies. These were not so much related to poor economic and political skills as to misleading religious beliefs and morals. Islam was not strict enough in its marriage rules, indicated – I suggest – by the Muscat bathing scene, a reference to polygamy. The pagans of India were monogamous, but had pushed monogamy to extremes (the life burial of widows). The Muslim lords of Persia and Cambia enjoyed the display of worldly goods, while the pagan Brahmin cultivated asceticism and rejection of the world (the ritual suicides of the Brahmins and their followers). The Brahmins did not respect life and its Creator enough, the Banyan who could not even kill a fly too much. The Banyan women took an extremely light-hearted attitude towards penance for one's sins (the Banyan bathing scene), the pagan laymen of Vijayanagar punished themselves for their sins in the most cruel ways. In Western Asia, pagans and Muslims sinned by the rejection of the golden mean. The moral deficiencies in Malabar, Sri Lanka, South-East Asia and China are not depicted. They are at most hinted at by the greater occurrence of the deviant positioning of females in the images of couples. In Western Asia, only the Rumi woman was placed to the right of the man, in Eastern Asia this occurs in Pegu, Aceh and Java. The viewers of the codex would probably have had no difficulty coming up with anecdotes about appropriate sins commonly practised by these peoples.

Compared to the grievous sins of Muslims and pagans the moral flaws of the Portuguese seem to be mere peccadillos. In the Ormuz dining scene they demonstrate a love of wine that might easily slide into intemperance. On the other hand, the scene shows that the Portuguese found ways to cope with the heat of the Tropics. They did not succumb to tropical derangement.

---

[50] For an evaluation of Goody's theories: David R. Olson and Michael Cole (ed.), *Technology, Literacy, and The Evolution of Society. Implications of the work of Jack Goody*, Mahwah, New Jersey, Routledge, 2006.

[51] João de Barros for example put the Ethiopians on a lower level of civility than some of the African blacks who knew cities. He commented on the use of the hoe in sub-Saharan agriculture instead of the plough: A. B. Coelho, op. cit., p. 207. E. Boogaart, "The Empress Europe and her three sisters. The symbolic representation of Europe's superiority claim in the Low Countries, 1570-1655", in Paul Vandenbroeck (ed.), *America, Bride of the Sun. Five Hundred Years Latin America and the Low Countries*, exh. cat., Antwerp, Royal Museum of Fine Arts, 1992, pp. 121-128. Elizabeth McGrath, "Humanism, Allegorical Invention and the Personification of the Continents", in Hans Vlieghe et al. (ed.), *Concept, Design, Execution in Flemish Painting, 1500-1700*, Turnhout, Brepols Publishers, 2000, pp. 43-71.

The image of the Portuguese bachelor approaching the two converted, single Indian women might hint at the greater threat of moral derailment through marriage of indigenous women. The Portuguese husbands might lose their bearings in Christian culture and become Asianised and semi-pagan. On the other hand, the image might also indicate that Christianity was advancing in Asia through mixed marriages.

In the codex, the Portuguese are not represented as imperialists set on territorial conquests in order to bring Christian civilisation to savage societies under the spell of demonic powers. They appear in a considerably more modest role. They are shown as the lords of Goa. At most the codex refers to the Portuguese in Goa as a political force trying to obtain prominence in the maritime trading world of Southwest Asia. The images of Safavid Persia, the kingdom of Ormuz and Cambaia suggest that not all Muslims were mortal enemies and that alliances with these powers might benefit the Portuguese in the struggle against the Ottoman and the Arabs.[52] But even in the maritime sphere the Portuguese ambitions are depicted as limited. The Portuguese presence in Malacca and Ternate was not shown in the paintings and – equally astonishing – is not even mentioned in the captions. To the makers of the codex, the activities in Southeast Asia and the Far East were faraway sideshows.

The representation of the Portuguese missionary enterprise is harder to decipher. The central position given to the paganism of Vijayanagar might be interpreted as a call to root it out, if not by violent action then at least by an intense and prolonged missionary effort.[53] On the other hand, the images depicting similarities in doctrine between Christianity and Indian paganism might indicate a belief that common ground could easily be found and that in the course of time the pagans would join the true faith. The Goan codex does not seem to share the counter-reformatory enthusiasm that was gaining the upper hand at the Lisbon Court, but rather to favour the golden mean between activism and *laissez-faire* in the propagation of Christianity.

Like all representational constructions, the *Codex Casanatense* is a polysemic work. The meanings attributed to its images can be simple or complex. In the sixteenth century, Portuguese and other Western viewers might

---

[52] João Teles e Cunha, "The eye of the beholder: the creation of a Portuguese discourse on Safavid Iran", in Rudi Matthee and Jorge Flores (ed.), *Portugal, the Persian Gulf and Safavid Persia*, Leuven, Peeters/Iran Heritage Foundation/Freer Gallery of Art & Arthur M. Sackler Gallery, Smithsonian Institution, 2011, pp. 11-50. See also the contribution by Vasco Resende in this dossier. The Portuguese contacts with the Ormuz region are discussed in Dejanirah Couto and Rui Manuel Loureiro (ed.), *Revisiting Hormuz. Portuguese interactions in the Persian Gulf region in the Early Modern Period*, Wiesbaden, Calouste Gulbenkian Foudation, 2008. These studies build on the work of Jean Aubin. Jean Aubin, "Le Royaume d'Ormuz au début du XVI^{e} siècle", in Françoise Aubin and Geneviève Bouchon (ed.), *Le Latin et L'Astrolabe II*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 287-376.

[53] S. Subrahmanyam, "O Gentio Indiano Visto pelos Portugueses no Século XVI", *Oceanos*, nrs. 19/20, sept.-dec. 1994, pp. 190-196.

consult the codex to check their knowledge of the peoples of Asia, recalling their names, geographic location, religious affiliation and the economic and political power they represented. They could go on to deliberate about the Portuguese enterprise in the East and discuss which of the Asian peoples were confirmed enemies of the Portuguese and which might become allies. They might systematically compare Arabs, Persians, different kinds of Indians and Southeast Asians, and classify them according to civility. They could point out similarities and differences between the way of life in Europe, Asia and Africa. They might indulge in malicious gossip about some of the awful customs caused by Islam and paganism, or start an open minded discussion about the civilising qualities these religions shared with Christianity. Spurred on by the discussion they would look at the images more carefully than when they started. The brightly coloured paintings would come alive and inspire an animated exchange of opinions. They invited the viewers to use their eyes and wits.

Appendix

Some remarks on the sequence of images, captions and general subject of the Codex Casanatense

Looking at the published editions of the *Codex Casanatense*, it is easy to get a wrong impression of what it actually consists of. The viewer might assume that the paintings are bound into an album, comparable to the bound volume he is holding in his hands. In fact, the codex consists of 71 unbound sheets of European paper measuring 31 × 44 cm, and three sheets measuring 31 × 22 cm. At present, these sheets are kept in a box, as they might well have been from the start.

The large sheets have been folded in two parts of 31 × 22 cm, each half of the painted side usually receiving a separate number. The small sheets numbered 51-52 and 75 could be the remaining halves of a large sheet of which the other half has disappeared, as the numbering 51-52 suggests. In that case, the series in its present condition would be incomplete.[54]

The painted sides of a sheet have been numbered, but not in a consistent way. The painted halves of the first 25 large sheets each are separately numbered, uneven numbers on the left side and even on the right side. This gives a total of 50 numbered half sheets. There are small irregularities because three half sheets have paintings on both sides (see below), but this does effect the total numbers being given. The folio numbered 51-52 is a single, small sheet, but is numbered as if it were a large sheet. The following sheets are numbered as before: one number for each painted half sheet. This continues up to and including folio 74. By then 36 large sheets and one

[54] This description is based on G. Schurhammer, "Desenhos", cit., pp. 11-114, and on notes taken during a brief inspection of the codex some years ago. At that time I did not plan to make a full codicological description. I hope some loose ends can be tied up in the future. The paintings of the codex can be viewed online: www.casanatense.it.

small sheet have been numbered. Folio 74 is followed by another single small sheet showing the Brahmin goldsmiths of Goa, but this time it is given a single number 75. Hereafter the painted left halves of a large sheet carry an even number and the right halves an uneven number. This goes on up to and including folio 95. A change occurs with the fold-out consisting of two large sheets showing the "Honorable Portuguese". Here the halves received the numbers 96-96+ and 97+-97. This is continued on the three-sheet fold-out showing the Canarin wedding. The first two sheets are numbered 98-98+ and 99-99+, but on the third sheet numbered 100-101 the previous method, two different numbers for each half sheet, is taken up again. At that stage, 51 large sheets and two small sheets have been numbered. There are no other changes in method until the end of the series with painted figures from Portuguese Asia at folio 141. By then, 71 large sheets and two small ones have been numbered. If each half sheet had received a different number, the last number would have been 144. It is three numbers less, because four sheets of the fold-outs have received a single number and one small sheet two. The last (third) small sheet with the pen-drawing of the monstrous baby from Lisbon is unnumbered. The inconsistent numbering suggests that it was done a considerable time after the series had been finished and may not correspond with the original sequence of the images.

Another type of anomaly constitutes an additional indication that the original order has been disturbed. Most of the 71 folded folios and the two single half sheets have been painted only on one side. The other side is usually left blank. To this there are three exceptions. The backside of folio 26 with the Gizari woman has the picture of a large plant with flowers. On the backside of folio 14, numbered 14bis, two men on a rock are depicted. Another folded sheet has the female dancer from Syria on the right side (this half sheet is numbered 20) and on the unnumbered left side two female servants. The reverse of the unnumbered half sheet is numbered 19 and contains another painting of two men on a rock. The reasons for the paintings on two sides are puzzling. The unnumbered painting on the backside of folio 26, the single plant with flowers, might be just a whimsical decoration, or is perhaps meant as a separation between the Arabian and the Persian section of the series. In order to make sense of the two images of men on a rock, one may connect them with the scene of the bathing women from Muscat on folded sheet 11-12. If the folios were placed in a different order than indicated by the numbers, a triptych would show up of which the bathing women would be the centre part flanked on both sides by the scenes with men on a rock. The men could then be interpreted as guardians of the bathing women.

For this supposition to appear plausible one has to imagine how the viewer consulted the codex. He would start with a pile of folded folios. To see an image, he would have to open the folio by turning one half to the left, just as he would go through the pages of a book. After studying the image he would close the folio and put it to the left side of the pile. Imagine further 14bis coming before folios 11-12 and 19 immediately thereafter. The viewer would first see the two men a rock on fl. 14bis, when he put the closed folio 13-14 on the side. When he opened folio 11-12, he would see the bathing scene. This would allow him to make a connection. A discovery that would be repeated when he came to image 19 (Fig. 1). If one accepts this interpretation, it would mean that the numbers were put on the images when at least these three folios were not in the right place.



Fig. 1 – *Codex Casanatense* 1889, fls. 14bis, 11-12 and 19.

There are more indications that the present numbering does not always square with what seems to have been the original sequence. One of the guiding ideas behind the original sequence, still largely recognizable in the present order, was geographic. The series starts in East Africa, follows the Arabian and Persian coasts, continues along the West coast of India to reach Sri Lanka and the Maldives, then goes up the East coast of India, up to Bengal, from there east to Pegu, Malacca and the Indonesian archipelago, to end with China. The most glaring inconsistency with this sequence are the images of Hindu rituals and religious symbols on fls. 78-93. They belong to a section dealing with Canara coast and Vijayanagar. According to the present numbering, they are in the middle of a section dealing with Goa, while they ought to come after Goa. The same goes for the images dealing with Sri Lanka (fls. 106-109), that ought to follow the images dealing with the Malabar coast (fls. 110-117) instead of preceding them. Smaller deviations from the geographic order occur in other places. In the reordering presented in the table below the geographical sequence has been consistently followed.

Another characteristic of the series may have determined the sequence of the images. The units that were placed in geographical order represent societies organized as hierarchical polities. The justification for this description of the units is to be found in the captions. They frequently describe the figures in the images as belonging to a specific geographic location and a "reino", a hierarchically organized polity, e.g. "labradores do reino de Cambaia". These polities were not modern states with populations of several million people and highly centralized military, judicial, fiscal and administrative powers. They were rather multilayered lordships, large and small, more often than not made up of several ethnic groups adhering to various religions. Many polities are represented by the single image of a couple, a few by several images of couples and of customs. In the last case, the images were probably ordered in such a way as to demonstrate the social hierarchy of a particular society. This meant that the king or other members of the ruling group came first followed by other groups according to their social power, wealth and prestige. In the table below images referring to the same polity have been ordered according to this criterion.

Not all captions give a reliable description of the subject depicted in the images. Some group identifications seem incorrect. One of the two couples of Arabian mariners represents probably an Arabian social group unknown to the caption writer. There is also reason to believe that he mixed up the Gizares and the Rumi (see the

contribution by Vasco Resende). Another problem is raised by the caption "Labradores canaris que semeam arroz e trigo". It seems to have been written without a proper look at the image, that unmistakably shows people harvesting. The caption only begins to make sense if the image is united with the other scene of sowing agricultural labourers "from Cambaia", as has been done in the table below. The subjects of the two scenes fit perfectly together. The images would then constitute a fold-out and fit into the Goa cluster that has more fold-outs. The caption with "Roman" lettering mentioning the Canaris (from Goa) could have been written first when the two scenes were connected; the caption in "Italic" mentioning Cambaia could have written later, when the scenes were separated and had landed in different parts of the pile.[55] A third discrepancy between caption and images concerns the religious situation in Southeast Asia. According to the captions all the peoples east of Cape Comorin were pagan. That does not fit the actual situation as already observed by Tomé Pires and Duarte Barbosa, who were fully aware of the expansion of Islam in this region. It is also at odds with the depiction of the Bengali man and the man from Maluco, whose turbans and long gowns clearly relate them to the Indian North governed by Muslim rulers, and thus refers to the coexistence of Islam and paganism.

In spite of these discrepancies there is no reason to doubt the accuracy of all the captions. They satisfactorily define the general subject of the codex as a survey of the peoples, polities and religions of Portuguese Asia ca. 1550, geographically divided into five culture areas with some overlapping traits and many internal variations.

A reordered sequence of the images of the *Codex Casanatense*

Eastern Africa: pagans

I couple of cafres from Cape of Good Hope

Abyssinia and Socotra: Christians

II couple of Abyssinians "who live near the Strait of Mecca, on the Ethiopian side"[56]

III couple of Nubians, perhaps the dark Christians from Socotra[57]

---

[55] It has been noted previously that the captions were written by at least two hands, here described as Roman and Italic. These are terms of convenience. A specialist in sixteenth-century Portuguese paleography could certainly improve on that. On fls. 1-18 the hand writing is exclusively "Roman", on fls. 19-20 "Roman", with what looks like an addition in "Italic". On fls. 21-36, "Roman" again. Between fl. 37 and fl. 101, clusters with "Roman" and "Italic" captions alternate; some images have captions in both styles. Fls. 102-141 have captions in "Italic", perhaps a third hand.

[56] The facial scarification indicates that the Abyssinians are Christians. Giuseppe MARCOCCI, "Prism of empire: the shifting image of Ethiopia in Renaissance Portugal (1500-1570)", in Maria Berbara and Karl A. E. Enenkel (ed.), *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*, Leiden, Brill, 2012, pp. 447-465.

[57] The dark skinned Nubians show the same facial scarification as the Abyssinians. They must be Christians, probably from Socotra. Duarte Barbosa had described the inhabitants of Socotra as Christians, dark skinned, more poorly clad than the Ethiopians and remarkable for the assertiveness of their women. This seems to fit the image. D. BARBOSA, *The Book*, cit., Vol. I, p. 60.

Kingdom of Aden: Muslims[58]

V couple of Fartaquis
IV couple of Arabian merchants
IX couple of labourers, Boduis
X couple of Arabian seamen
VII Couple of Arabian seamen

Muscat on the Arabian coast, but part of the Kingdom of Ormuz

VIII two men on rock without caption, on the backside of VII (addition to VI, on the left side)
VI custom scene of bathing women in Muscat, "subject to the King of Ormuz"[59]
XI two men on rock without caption, on the front side of XII (addition to VI, on the right side)

The Ottoman Empire: Muslims

XII couple of female dancer and servants from the Kingdom of Syria, subject to *xeque* Ismael[60]
XIII couple of Rumes living on the Strait of Mecca and the Gulf of Basra
XV couple of Gizares, from islands in the Gulf of Basra[61]
XVI flower on backside of XV, no caption

Safavid Persia: Muslims

XIV couple of Turquimões, subjects of *xeque* Ismael
XX couple from Shiraz, subjects of *xeque* Ismael
XIX couple from Khorason, subjects of *xeque* Ismael

Kingdom of Ormuz: Christians and Muslims

XVII couple of Persians from the Kingdom of Ormuz
XVIII custom scene of Portuguese dining in Ormuz

Between Persia and Cambaia: pagans and Muslims

XXI custom scene of Noutaques (pagan)
XXII couple from Sindh (Muslim)
XXXIII double couple of Rajputs (pagan)

---

[58] The Fartaquis lived on the Southern coast of Arabia. The mariners seem to indicate that the polity to which these people belong was a maritime trading center. The kingdom of Aden seems to fit the bill best.

[59] According to Barbosa, wealthy people from the island of Ormuz kept retreats in Muscat to escape the heat. Muscat was also famed for its fisheries and pearl diving. This seems to fit what is shown in the plate. D. Barbosa, *The Book*, cit., Vol. I, p. 73.

[60] In the captions *xeque* Ismael refers not merely to the founder of the Safavid dynasty who was dead ca. 1550, but it had become a title of the rulers of Persia also alluding to the special branch of Islam favored by the founder of the dynasty. João de Barros attempted a description of the differences between Sunni and Shia Islam. J. T. **Cunha**, art. cit., p. 33.

[61] Vasco Resende argues that the Gizares and the Rumi were mixed up in the captions. See his contribution in this dossier. The Rumi represent the Ottoman Empire.

Cambaia: Muslims and pagans
XXV couple of the king of Cambaia and wife (Muslim)
XXXVII couple of Lascarin and wife[62] (Muslim)
XXVIII custom scene of *xarafo*, money changer (pagan)
XXXVIII couple of Banyan merchants, pagan
XXX custom scene of Banyan women fetching water
XXXI custom scene Banyan women bathing
XXVI custom scene of coach for women (Muslim)
XXXII custom scene of Pacaes, water sellers (pagan?)

Northern India: Muslims
XXIII double couple of Pathan: the men
XXIV double couple of Pathan: the women

Goa: Christians and pagans
LII-LIII custom scene of Portuguese nobleman on horse and noble woman being carried in litter
LI couple of Portuguese man and single Christian women from India
LVIII couple of Canarin warrior and wife, from the mainland of Goa
XLI custom scene of Brahmin goldsmith
XL custom scene of Canarin iron smiths
LXV-LVI custom scene of Canarin marriage
XXXIV custom scene of Canarin Almocreves, grain merchants
XXVII custom scene of agricultural labourers ploughing and sowing "from Cambaia"
XXXVI custom scene of Canarin agricultural labourers "who sow rice and wheat
XXXIX custom scene Canarin *mainatos* "who wash clothes for money"

Canara-Vijayanagara: pagans
XLV couple from the Canara coast
XLIII custom scene with juggernaut
XXXV custom scene of (Almocreve?) widow being buried alive with her dead husband
XLII custom scene of war elephant
XLVI couple of Jogue and Calandar
XLVII custom scene of Brahmin sacrifice, beheading
XLVIII custom scene of Brahmin sacrifice, hook swinging
XXIX custom scene of Brahmin ritual suicide in Tremel (Tirumala)
XLIV custom scene of self-sacrifice in front of *pagoda*
XLIX custom scene of Brahmin on rock and two symbolic images with cobra
L symbolic image of Hispar, Visnu, Brama
LXVIII couple of Badagas (on the East coast of the subcontinent)

Malabar: Christians, Muslims, Jews and pagans
LXIV couple of Saint Thomas Christian

---

[62] In the present sequence, the Lascarin and the Banyan couples are part of the Goa cluster. That could be fitting because there were indeed mercenaries and merchants from Cambaia living in Goa. Nevertheless, in accordance with captions, the images have here been transferred to Cambaia.

LXI couple of Malabar Muslims
LVII couple of Naitias, Muslim[63]
LXII couple of Jews
LXIII couple of Naires, pagan

Sri Lanka, Maldives: pagans
LIX double couple from Sri Lanka: the men
LX double couple from Sri Lanka: the women
LXV couple from the Maldives

East Coast India: pagans
LXVII couple from the Kingdom of Uriá (Orissa)
LXVIII couple from the Kingdom of Bengal

Southeast Asia: pagans
LXIX couple from the Kingdom of Pegu
LXX couple from the Kingdom of Malacca
LXXI couple from Aceh, Sumatra
LXXIII couple from the Kingdom of Java
LXXII couple from Maluco (Ternate)
LXXIV couple from Banda
LXXV couple from Halmaheira, Botachinas

China: pagans
LXXVI couple from China

Hors série
Unnumbered last sheet with monstrous baby

Bibliography

AUBIN, Jean, "Le Royaume d'Ormuz au début du XVI[e] siècle", in Françoise Aubin and Geneviève Bouchon (ed.), *Le Latin et L'Astrolabe*, Vol. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 287-376.

BARBOSA, Duarte, *The Book of Duarte Barbosa*, trans. and ed. Mansel Longworth Dames, 2 vols. (Works issued by the Hakluyt Society, 2nd series nr. 44, 49), London, Hakluyt Society, 1918, 1921.

BARBOSA, Duarte, *O Livro de Duarte Barbosa*, ed. Maria Augusta da Veiga e Sousa, Lisboa, IICT, 1996.

BIEDERMANN, Zoltán, "Krieg und Frieden im Garten Eden: die Portugiesen in Sri Lanka (1506-1658)", in Michael Kraus and Hans Ottomeyer (ed.), *Novos Mundos/Neuen Welten*, exhibition catalogue, Berlin, Deutsches Historisches Museum/Sandstein, 2007, pp. 151-161.

BIEDERMANN, Zoltán, "Perceptions and Representations of Sri Lankan Space in Sixteenth-Century Portuguese Texts and Maps", in Jorge Flores (ed.), *Re-exploring the Links.*

[63] This image could also be placed in the Goa or Canara cluster.

History and Constructed Histories between Portugal and Sri Lanka, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 2007, pp. 235-260.

Boogaart, Ernst van den, "The Empress Europe and her three sisters. The symbolic representation of Europe's superiority claim in the Low Countries, 1570-1655", in Paul Vandenbroeck (ed.), *America, Bride of the Sun. Five Hundred Years Latin America and the Low Countries*, exh. cat., Antwerp, Royal Museum of Fine Arts, 1992, pp. 121-128.

Boogaart, Ernst van den, *Civil and Corrupt Asia. Image and Text in the Itinerario and the Icones of Jan Huygen van Linschoten*, Chicago, University of Chicago Press, 2003.

Boogaart, Ernst van den, "De Bry's Africa", in Susanna Burghartz (ed.), *Inszenierte Welten. Die west- und ostindischen Reisen der Verleger de Bry, 1590-1630*, Basel, Schwabe, 2004, pp. 95-155.

Boogaart, Ernst van den, "Black slavery and the 'mulatto escape hatch' in the Brazilian ensembles of Frans Post and Albert Eckhout", in Elizabeth McGrath and Jean Michel Massing (ed.), *The Slave in European Art. From Renaissance Trophy to Abolitionist Emblem* (Warburg Institute Colloquia nr. 20), London/Torino, The Warburg Institut/ Nino Aragno Editore, 2012, pp. 217-251.

Brown, Peter, "The Risks of Being Christian", *The New York Review of Books*, Vol. LIX, n. 20, 2012/13, pp. 70-76.

Chandra, Richard de Silva, "Beyond the Cape: the Portuguese encounter with the peoples of South Asia", in Stuart B. Schwartz (ed.), *Implicit Understandings. Observing, reporting, and reflecting on the encounters between Europeans and other peoples in the Early Modern Era,* Cambridge, Cambridge University Press, 1994, pp. 295-322.

Chandra, Richard de Silva (ed.), *Portuguese Encounters with Sri Lanka and the Maldives. Translated Texts from the Age of Discoveries*, Farnham, Ashgate, 2009.

Chignola, Sandro, "Civis, civitas, civilitas. Translations in Modern Italian and Conceptual Change", *Contributions to the History of Concepts*, 3, 2007, pp. 234-253.

Coelho, António Borges, "A África na *Ásia* de João de Barros", in *O Tempo e os Homens. Questionar a História III*, Lisboa, Caminho, 1996, pp. 181-219. Couto, Dejanirah, and Rui Manuel Loureiro (ed.), *Revisiting Hormuz. Portuguese interactions in the Persian Gulf region in the Early Modern Period*, Wiesbaden, Calouste Gulbenkian Foudation, 2008.

Cruz, Maria Augusta Lima, "Notes on Portuguese Relations with Vijayanagara, 1500-1565", in Sanjay Subrahmanyam, *Sinners and Saints. The successors of Vasco da Gama*, Delhi, Oxford University Press, 1998, pp. 13-39.

Cunha, João Teles e, "The eye of the beholder: the creation of a Portuguese discourse on Safavid Iran", in Rudi Matthee and Jorge Flores (ed.), *Portugal, the Persian Gulf and Safavid Persia*, Leuven, Peeters/Iran Heritage Foundation/Freer Gallery of Art & Arthur M. Sackler Gallery, Smithsonian Institution, 2011, pp. 11-50

Davetian, Benet, *Civility. A cultural history*, Toronto, University of Toronto Press, 2009.

Dias, Pedro, "The Palace of the Viceroys in Goa", in Nuno Vassalo e Silva and Jorge Flores (ed.), *Goa and the Great Mughal*, Lisboa, Calouste Gulbenkian Museum, 2004, pp. 68-97.

Elwitz, Siegfried, *Civil und Civility. Eine wortgeschichtliche Untersuchung zweier Höflichkeitsbezeichnungen,* diss., Bonn, 1973.

FISCH, Jörg, "Zivilisation, Kultur", in Otto Brunner, Werner Conze and Reinhart Koselleck (ed.), *Geschichtliche Grundbegriffe* (8 vols., 1972-1997), Vol. 7, Stuttgart, 1991, pp. 679-705.

FITZGERALD, Timothy, *Discourse on Civility and Barbarity. A critical history of religion and related categories*, Oxford, Oxford University Press, 2007.

FREDRIKSEN, Paula, *Sin: the Early History of an Idea,* Princeton, Princeton University Press, 2012.

GOODY, Jack, *Capitalism and Modernity. The great debate*, Cambridge and Malden MA, Blackwell Publishing/Polity Press, 2004.

GOODY, Jack, *The Eurasian Miracle*, Cambridge, Polity Press, 2010.

GOUDSBLOM, Johan, "Civilization: the Career of a Controversial Concept", *History and Theory*, 45, 2006, pp. 288-297.

HARBSMEIER, Michael, *Wilde Völkerkunde. Andere Welten in deutschen Reiseberichten der Frühen Neuzeit,* Frankfurt/New York, Campus, 1994.

HERTZ, Robert, *Death and the Right Hand*, trans. Claudia and Rodney Needham, London, Free Press, 1960.

HODGEN, Margaret T., *Early Anthropology in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1964.

HULME, Peter, and Tim YOUNGS (ed.), *The Cambridge Companion to Travel Writing*, Cambridge, Cambridge University Press, 2002.

HUPPERT, George, "The Idea of Civilization in the 16th Century", in Anthony Molho and John Tedeschi (ed.), *Renaissance Studies in Honor of Hans Baron*, DeKalb, Illinois, G. C. Sansoni, 1971, pp. 759-769.

JORDAN, Winthrop D., *White Over Black. American Attitudes Toward the Negro, 1550-1812*, Baltimore, Penguin Books, 1969.

KRAUS, Michael, and Hans OTTOMEYER (ed.), *Novos Mundos/Neue Welten. Portugal und das Zeitalter der Entdeckungen*, exhibition catalogue, Berlin, Deutsches Historisches Museum/Sandstein, 2007.

LEACH, Edmund, *Genesis as Myth and Other Essays*, London, Cape, 1969.

LOUREIRO, Rui, *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000.MACFARLANE, Alan, *The Riddle of the Modern World. Of liberty, wealth, and equality,* New York, Palgrave Macmillan, 2000.

MARCOCCI, Giuseppe, "Prism of empire: the shifting image of Ethiopia in Renaissance Portugal (1500-1570)", in Maria Berbara and Karl A. E. Enenkel (ed.), *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*, Leiden, Brill, 2012.

MATOS, Luís de (ed.), *Imagens do Oriente no Século XVI. Reprodução do Códice Português da Biblioteca Casanatense,* Lisboa, INCM, 1985.

MAZLISH, Bruce, *Civilization and its Contents*, Stanford, CA, 2004.

MCDONALD, Mark P., "Burgkmair's Woodcut Frieze of the Natives of Africa and India", *Print Quarterly*, 20, 2003, pp. 227-244.

MCGRATH, Elizabeth, "Humanism, Allegorical Invention and the Personification of the Continents", in Hans Vlieghe et al. (ed.), *Concept, Design, Execution in Flemish Painting, 1500-1700*, Turnhout, Brepols Publishers, 2000, pp. 43-71.

MINOIS, Georges, *Les origines du mal. Une histoire du péché originel,* Paris, Fayard, 2002.

MIQUEL, André, *La géographie humaine du monde musulman jusqu'au milieu du 11e siècle,* 4 vols., Paris/The Hague, Mouton, 1967-1988.

MOREIRA, Isabel, *Heaven's Purge: Purgatory in Late Antiquity,* Oxford, Oxford University Press, 2010.

NELSON, Benjamin, *The Idea of Usury. From tribal brotherhood to universal otherhood*, Chicago, University of Chicago Press, 1969.

NIPPEL, Wilfried, *Griechen, Barbaren und "Wilde". Alte Geschichte und Sozialanthropologie*, Frankfurt a.M., Tischer Taschenbuck, 1990.

OLSON, David R., and Michael COLE (ed.), *Technology, Literacy, and the Evolution of Society. Implications of the work of Jack Goody*, Mahwah, New Jersey, Routledge, 2006.

ORTA, Garcia da, *Colloques des simples et des drogues de l'Inde*, trans. Sylvie Messinger Ramos, António Ramos and Françoise Marchand-Sauvagnargues, Lisboa/Paris, Fundação Oriente/Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

PAGDEN, Anthony, *The Fall of Natural Man. The American Indian and the origins of comparative ethnology*, Cambridge, Cambridge University Press, 1982.

PAGDEN, Anthony, *Facing Each Other. The World's perception of Europe and Europe's perception of the World,* 2 vols., Aldershot, Ashgate, 2000.

PEARSON, Michael N., *Merchants and Rulers in Gujarat. The Response to the Portuguese in the Sixteenth Century*, Berkeley, University of California Press, 1976.

PEARSON, Michael N., "Goa during the first century of Portuguese rule", *Itinerario*, 8, 1984, pp. 36-57.

REID, Anthony, *Southeast Asia in the Age of Commerce, 1450-1680, Vol. 1: the lands below the Winds*, New Haven, Yale University Press, 1988

RUBIÉS, Joan-Pau, "Christianity and Civilization in Sixteenth Century Ethnological Discourse", in Henriette Bugge and Joan Pau Rubiés (ed.), *Shifting Cultures. Interaction and Discourse in the Expansion of Europe*, Münster, LIT, 1995, pp. 35-60.

RUBIÉS, Joan-Pau, *Travel and Ethnology in the Renaissance. South India through European eyes, 1250-1625*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000.

RUBIÉS, Joan-Pau, "Imagen mental e imagen artistica en la representación de los pueblos no Europeos: salvajes y civilizados 1500-1650", in Joan-Lluis Palos e Diana Carrio Invernizzi (ed.), *La historia imaginada. Construcciones visuales del pasado en la edad moderna*, Madrid, Centro de Estudios Europa Hispanica, 2008, pp. 327-357.

SANTOS, Catarina Madeira, *"Goa é a chave de toda Índia". Perfil político da capital da Índia (1505-1570)*, Lisboa, CNCDP, 1999.

SCHURHAMMER, Georg, *Franz Xaver: sein Leben und seine Zeit*, 4 vols., Freiburg, Herder, 1955-1973.

SCHURHAMMER, Georg, "Desenhos orientais do tempo de S. Francisco Xavier", *Gesammelte Studien*, Roma/Lisboa, 1963.

SEWELL, Robert (ed. and trans.), *A Forgotten Empire: Vijayanagar*, London, Swan Sonnenschein & Co., 1900.

STAROBINSKI, Jean, "Le mot *civilisation*", *Temps de la réflexion*, 4, 1983, pp. 13-51.

STEINBERG, Joel (ed.), David Joel, *In Search of Southeast Asia*, New York, Praeger, 1971.

STRATHERN, Alan, *Kingship and Conversion in Sixteenth-Century Sri Lanka. Portuguese Imperialism in a Buddhist Land*, Cambridge, Cambridge University Press, 2007.

SUBRAHMANYAM, Sanjay, "O Gentio Indiano visto pelos Portugueses no século XVI", in *Oceanos*, nrs. 19/20, sept.-dec. 1994, pp. 190-196.

SUBRAHMANYAM, Sanjay, "A Crónica dos Reis de Bisnaga e a Crónica do Guzerate: dois textos Indo-Portugueses do Século XVI", in *Os Construtores do Oriente Português*, Lisboa, CNCDP, 1998, pp. 131-153.

THOMAZ, Luís Filipe F. R., "Goa: uma sociedade luso-indiana", in *De Ceuta a Timor*, Oeiras, Difel, 1994, pp. 245-289

TRIGG, Roger, *Ideas of Human Nature: an historical introduction*, Oxford, Blackwell, 1999.

VIVANTI, Corrado, "Alle origini dell'idea di civiltà. Le scoperte geografiche e gli scritti de Henri de la Popelinière", *Rivista Storica Italiana,* 74, 1962, pp. 225-249.

WERQUET, Jan, "Zwischen Aufbruch und Erinnerung. Architektonische Herrschaftsrepresentation und politische Ikonografie in Goa des 16. und frühen 17. Jahrhunderts", in Michael Kraus and Hans Ottomeyer (ed.), *Novos Mundos/Neue Welten*, exhibition catalogue, Berlin, Deutsches Historisches Museum/Sandstein, 2007, pp. 143-149.

WINK, André, "From the Mediterranean to the Indian Ocean: Medieval History in Geographic Perspective", *Comparative Studies in Society and History,* 44, 2002, pp. 416-445.

XAVIER, Ângela Barreto, "Katholischer Orientalismus: Wege des Wissens im Goa der Frühen Neuzeit", in Michael Kraus and Hans Ottomeyer (ed.), *Novos Mundos/Neue Welten*, exhibition catalogue, Berlin, Deutsches Historisches Museum/Sandstein, 2007, pp. 129-141.

ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR, Vol. XIII, 2012, pp. 113-132

DA REPRESENTAÇÃO DO «OUTRO» NO *CÓDICE CASANATENSE*, OU COMO AS REPRESENTAÇÕES VISUAIS SE ALIAM A UMA CRONÍSTICA DA EXPANSÃO

por
Ana Paula Avelar *

A história e o contexto da produção dos vários desenhos que constituem o códice n.º 1889 guardado na Biblioteca Casanatense de Roma foram meticulosamente traçados por Luís de Matos, quando este, em 1985, concretizou a sua intenção de publicar na íntegra as imagens policromadas que o constituem. Todavia, o seu estudo continua em aberto, merecendo da comunidade académica uma particular atenção, pela importância de que se reveste. O cuidadoso «estado da arte» que Luís de Matos nos ofereceu deve ser o ponto de partida para esta análise do modo como o Outro é figurado neste manuscrito.

Na introdução deste historiador à reprodução do códice são assinalados exaustivamente os vários estudos parciais que, à data, tinham sido elaborados[1], e referenciada a reprodução parcial do códice. O autor destas imagens policromadas teria sido possivelmente um indiano ou um «asiatizado», que efectuaria em Goa e em Cambaia os desenhos que posteriormente chegariam a Lisboa[2]. A par destas notas, Luís de Matos traça sinteticamente o quadro

* Universidade Aberta/CHAM.

[1] Confrontem-se as extensas notas de rodapé em que se assinalam os trabalhos de: Georg Schurhammer, «Desenhos orientais do tempo de S. Francisco Xavier», in *Garcia da Orta,* Lisboa, Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar (número especial dedicado à Índia portuguesa e integrado nas comemorações do quarto centenário da introdução da imprensa em Goa), [1956], pp. 247-255: Roberto Barchiesi, «L'Oriente catalogato in un manoscritto pittorico del Cinquecento», *Quaderni portoghesi,* 4, Pisa, 1978, pp. 163-182; Fernand Braudel, Gianni Guadalupi, R. Barchiesi, Duarte Barbosa, *Oltremare: Codice casanatense 1889: con il Libro dell'Oriente di Duarte Barbosa*, Franco Maria Ricci, 1984 [obra editada em 1987 em língua portuguesa pela Bertrand].

[2] Cf. Luís de Matos, *Imagens do Oriente no Século XVI – Reprodução do códice português da Biblioteca Casanatense,* Lisboa, INCM, 1985, p. 51.

cultural em que, em seu entender, o códice teria sido produzido e comenta cada um dos desenhos policromados, afirmando:

> O que nos propomos fazer nos comentários que se seguem acerca de cada um dos desenhos não é mais do que uma contribuição para o estudo do álbum: mostrar a sua veracidade, o seu realismo, recorrendo à literatura histórico-geográfica portuguesa do Renascimento, sem receio de transcrever passos mais ou menos longos e sem necessidade de chamar sistematicamente a atenção para a concordância entre os textos citados e os desenhos; concluir-se-á que o pintor viu na generalidade as diferentes populações africanas e orientais do mesmo modo que os seus contemporâneos[3].

A ideia que subjaz ao seu texto é a de reforçar o facto de, ao longo do século XVI, se encontrar uma série de dados que comprovam que o desenho e a pintura eram uma prática comum entre os portugueses que visitavam ou permaneciam nos espaços orientais[4]. Contudo, considero que, diferentemente do que Luís de Matos assinala, o desenho não é uma prática isolada de quem transmite o que de novo regista sobre os espaços extra-europeus. Com efeito, defendo que ele faz parte da narração, complementando as descrições narrativas de Quinhentos. Subscrevo John Dixon Hunt, quando, ao sistematizar os processos de interacção entre o uso da palavra nas artes visuais ao longo dos séculos, defende que uma das estratégias possíveis é a da colaboração, em que «[…] the verbal and visual emphatically rely upon the other's presence, even perhaps ape or affect the other's strategies to the extent that the removal of one from the whole ensures a loss […]»[5].

Esta é a estratégia recorrentemente utilizada na escrita quinhentista produzida em Portugal. Veja-se, por exemplo, o caso de Gaspar Correia, que nas suas *Lendas da Índia*[6] incluiu desenhos que representam os governadores e vice-reis da Índia e alguns dos lugares onde os portugueses se fixaram. Conhecemos, até à data, os esquissos de Afonso de Albuquerque, Diogo Lopes Sequeira, Vasco da Gama, Pêro de Mascarenhas, Lopo Vaz de Sampaio, Nuno da Cunha, D. Garcia de Noronha, D. Estevão da Gama, Martim Afonso de Sousa, D. João de Castro, Garcia de Sá e Jorge Cabral dos lugares de Malaca, Calecute, Adem, Coulão, Ormuz, Judá, Ceilão, Cananor, Chalé, Baçaim e Diu.

---

[3] L. de Matos, op. cit., p. 53.

[4] Cf. L. de Matos, op. cit., pp. 23-30.

[5] John Dixon Hunt, David Lomas, Michael Corris, *Art, Word and Image – Two thousand years of Visual/Textual Interaction*, London, Reaktion Books, 2010, p. 18.

[6] Atente-se no facto de as *Lendas da Índia* só serem impressas no século XIX, a partir dos manuscritos que teriam chegado a Portugal em 1583 pelas mãos de D. Miguel da Gama. Gaspar Correia morreu na Índia na segunda metade do século XVI, sem ter tido notícias da impressão da sua obra. Para conhecer brevemente o percurso deste cronista da Expansão, cf. Ana Paula Avelar, «Gaspar Correia», in *Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa*. [Consultado a 26 de Novembro de 2012] Disponível em http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve.

Nestes últimos, sinalizam-se as fortificações e detalha-se a descrição topográfica dos espaços, projectando-se neles a visão *aérea* do mar para terra[7], usando, como Pedro de Aboim Inglez Cid sinaliza, uma notação em que o observador deveria estar colocado em altura, ainda que tivessem sido recolhidas informações a nível do solo. Gaspar Correia combina os efeitos da perspectiva axonométrica e dos traçados com ponto de fuga, dominando no desenho das fortalezas certos mecanismos de representação espacial de base abstracta[8], detalhando na narração os elementos que precisariam o discurso, como os torreões soterrados, o andar das ameias, ou a subtil ponte de madeira delgada erigida a partir de um pequeno postigo localizado num muro sobre a barroca[9].



Fig. 1 – Diu nas *Lendas da Índia* de Gaspar Correia

O processo de fixação de Portugal no espaço asiático inicia-se com a construção de feitorias – fortalezas onde se foram estabelecendo comuni-

---

[7] Cf. a título de exemplo, a descrição de Gaspar Correia de Diu, explicitando que: «[…] o muro se fez pola frontaria da parte da cidade, porque da banda do mar era penedia de grandes piçarras muy altas. Do panno do muro se fizerão cinqo cubelos redondos, entulhados até o andar das amêas, ficando a porta pêra cidade junto da borda do rio, sobre que se fez huma torre sobradada, de que cahia huma grossa porta d'alçapão. E outra torre quadrada se fez no outro cabo do muro sobre a barroqua, onde auia hum pequeno postigo, com huma sotil ponte de madeira delgada [sinalizada na Fig. 1] que atrauessa a outra banda da cidade, como n'este papel parece». Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, Porto, Lello & Irmão, Vol. IV, 1975, p. 625.

[8] Ao confrontar os desenhos de Duarte de Armas no *Livro das Fortalezas* e de Gaspar Correia nas *Lendas da Índia*, Pedro de Aboim Inglez Cid afirma que Gaspar Correia: «[…] utilizou uma notação menos directa, mais codificada, que supunha o observador colocado "em altura" (não dispensando, tal como é lógico, a tomada de apontamentos preparatórios a nível do solo). Nestes termos, a profusão de pormenores nas ilustrações das *Lendas da Índia* não nos deve impedir de reconhecer o domínio que o seu autor teria dos mecanismos de representação espacial de base abstracta; percebe-se de resto que Gaspar Correia combinava com apreciável à-vontade, num mesmo desenho, efeitos de perspectiva axonométrica e dos traçados com pontos de fuga.» Pedro de Aboim Inglez Cid, «As Fortalezas Manuelinas do Índico: Características e Antecedentes», *Anais de História de Além-Mar*, n.º 12, 2011, p. 11.

[9] Cf. nota 7.

dades portuguesas, base de uma estrutura político-administrativa da Coroa que assentou, como vários historiadores têm demonstrado, num domínio marítimo em que a comunicação entre os dispersos colonatos portugueses situados no litoral era assegurada pelo transporte por mar e não por terra[10]. A partir de 1505, a permanência de um governador ou vice-rei que representaria o monarca e dirigiria o oficialato português, teria como objecto fortalecer a permanência imperial. No momento em que o segundo governador, Afonso de Albuquerque (1509-1515) morreu, o Estado Português da Índia tinha já, em termos gerais, a sua configuração estratégica definida, a qual permaneceria até 1620.

Após o governo de Albuquerque, a malha da presença portuguesa continuou a fortalecer-se, celebrando-se acordos com diferentes potentados locais, aproveitando-se disputas, construindo-se um empório comercial onde estrategicamente se cartografavam as costas com presença portuguesa. Através de avanços e retrocessos, a Coroa procuraria monopolizar os vários tratos, dando maior ou menor liberdade aos particulares portugueses, «asiatizados» ou asiáticos, que negociavam nas várias praças sob domínio do monarca português[11].

Os desenhos inclusos por Gaspar Correia nas suas *Lendas da Índia* complementam a narrativa de uma crónica da Expansão, expondo o desenho, o quadro geral de um espaço então ocupado pela Coroa portuguesa, e a narração, o detalhe da sua construção e ocupação. Recorde-se, aliás, como António Bocarro, ao preparar, a pedido de Filipe IV, o seu *Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*, se socorre igualmente de plantas de Pedro Barreto de Resende, deste modo completando as descrições das praças portuguesas com os respectivos desenhos[12].

Para além de incluir na sua crónica da Expansão portuguesa os desenhos já assinalados, Gaspar Correia refere que D. João de Castro, devido ao seu conhecimento da arte de desenhar, o teria chamado para que: «[…] trabalhasse por lhe debuxar per natural todos os Gouernadores»[13]. O domínio desta arte permitiu-lhe dar as indicações ao pintor da galeria dos governadores e vice-reis, orientando-o no esboço dos traços fisionómicos dos

---

[10] Cf., a título de exemplo, a recente síntese de Anthony John R. Russell-Wood, «Padrões de Colonização no Império Português, 1400-1800», in Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto (dir.), *A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800,* Lisboa, Edições 70, 2010, pp. 171-206.

[11] O estado da arte relativo à configuração do «Estado da Índia» foi ainda recentemente realizado por Francisco Bethencourt, «Configurações Políticas e Poderes Locais» in Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto (dir.), op. cit., pp. 211-233. Para uma sistematização do quadro geral da presença portuguesa no espaço asiático, nomeadamente no período a que nos referimos, cf. Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, *História da Expansão Portuguesa*, Vol. 1 («A Formação do Império, 1415-1570»), [Lisboa], Círculo dos Leitores, 1998.

[12] Cf. Isabel Cid, «Introdução» in António Bocarro, *O Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, cidades e povoações da Índia Oriental,* Lisboa, INCM, Vol. 1, 1992, pp. 9-35.

[13] G. Correia, op. cit., Vol. IV, p. 596.

retratados, visto tê-los conhecido pessoalmente. É ainda Gaspar Correia quem evoca a pintura como testemunho da veracidade dos factos que relata, nomeadamente quando descreve a partida de Lisboa da armada de Vasco da Gama, em 1497:

> E sendo dia de Nossa Senhora de Março, todos ouvirão Missa, e logo s'embarcarão, e derão à vela, e sahirão do rio indo ElRey no seu batel os acompanhando, e fallando a todos com bênções, e boas horas se despedio delles, ficando sobre o remo até desaparecerem, como parece desta pintura da cidade de Lisboa[14].

Esta aliança entre o desenho e a escrita percorre o Portugal de Quinhentos, podendo ser evocados outros exemplos, como o de D. João de Castro, Gabriel Rebelo ou Jerónimo Corte Real. O primeiro destes autores, nos seus roteiros de Goa a Diu (1538-1539) e do mar Roxo (1540)[15], integra desenhos aguarelados de portos, baixios e aguadas na descrição das viagens[16]. Por seu turno, Gabriel Rebelo, na sua *Historia das Ilhas de Maluco escripta no anno de 1561*, introduz cinco desenhos aguarelados que reproduzem desde uma embarcação cora-cora simples, uma outra com vela e outra real, e animais cuja representação pode ser considerada naturalista, recorrendo o pintor ao uso da sombra, de modo a criar o efeito da verosimilhança e realismo[17], passando pela fauna malucense até ao guerreiro armado de escudo e adaga[18].

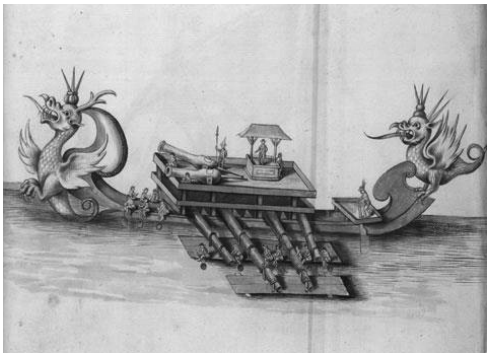


Fig. 2 – «Cora-Cora», embarcação típica das Molucas[19]

[14] G. Correia, op. cit., Vol. I, p. 15.

[15] Cf. Armando Cortesão e Luís de Albuquerque (ed.), *Obras Completas de D. João de Castro*, 4 vols., Coimbra, Academia Internacional de Cultura, 1976.

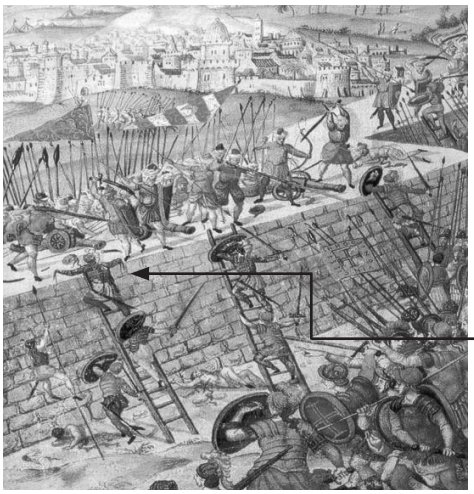
[16] Tenha-se em atenção que chegaram até nós cerca de 29 tábuas, cópias espalhadas pela Biblioteca Nacional de Portugal, British Library e Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

[17] Cf. Palmira Fontes da Costa, «Secrecy, Ostentation, and the Illustration of Exotic Animals Sixteenth-Century Portugal», *Annals of Science*, vol. 66, n. 1, Jan. 2009, pp. 59-82.

[18] Manuscrito que se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal. Cf. http://purl.pt/102/1/representacao/exotica/representacao_exotica_zoom_1.html [consultado a 26 de Novembro de 2012].

[19] Ibidem.

Jerónimo Corte Real, no seu poema épico sobre o S*ucesso do Segundo Cerco de Diu* (1574), explica logo no prólogo: «E porque a leitura he grãde, debuxei de minhas mãos os combates, os socorros, & tudo o mais que no descurso deste trabalhoso cerco socedérão, para que a invẽção da pintura satisfaça á rudeza do verso[20].» Tal exercício é uma constante nesta obra, o verso e a pintura tecem a descrição de um momento, como acontece, por exemplo, quando Jerónimo Corte Real poetiza uma das saídas de D. João de Mascarenhas para defender a fortaleza de Diu:



Sae dom Ioão Mazcarenhas, & acomete
Co a força dos soldados que leuaua
O muro dos imigos. Os fidalgos
Que vam na dianteira correm rijo,
E postas as escadas com gram pressa
Na muralha dos mouros, vão sobindo
Cubertos dos escudos ao mais alto.
Os dous desafiados procuráram
Por ser ali primeiros: também foram
Os que nestas paredes, com feridas
Espantosas, primeiro foram mortos.
Hia o grande Manoel já quasi em cima,
Quando um Turco chegou, vendo que alcança
Co a mão direita o alto da parede,
Levanta o braço, & dalhe hum fero golpe:
Apartandolhe a mão do braço, ficam
Correndo em fio as veas ruiuo sangue[21].

Fig. 3 – Detalhe do segundo cerco de Diu em Jerónimo Corte-Real

A complementaridade entre o desenho e a escrita presente nas diferentes obras citadas é declaradamente assumida pelos autores como uma das suas estratégias de narração. Contudo, tal não acontece com Tomé Pires e Duarte Barbosa, considerados por vários historiadores como autores dos textos a que se destinariam os desenhos do *Códice Casanatense*[22]. Luís de Matos afirma que este é, em si mesmo, um documento histórico-cultural, não servindo como ilustração complementar a nenhuma escrita, e que só poderia ter sido elaborado por quem tivesse vivido nos espaços asiáticos:

> […] ao contrário do que tem sido dito, não deve insistir-se nas suas fontes escritas, isto é, as obras de Tomé Pires e de Duarte Barbosa, nem admitir que o álbum se destinava a ilustrá-las. O pintor não tinha necessidade delas e nem se poderá provar que as tivesse conhecido. Os desenhos são, pelo menos em grande parte, o resultado da sua observação directa[23].

---

[20] M. Lopes de Almeida, *Obras de Jerónimo Corte Real*, Porto, Lello & Irmão, 1979, p. 19.

[21] Ibidem, pp. 307-308.

[22] Recorde-se como Fernand Braudel, Gianni Guadalupi, Roberto Barchiesi editam a obra de Duarte Barbosa a par do estudo deste códice n.º 1889. Cf. nota 1.

[23] L. de Matos, op. cit., p. 52.

Mas, se tal interpretação é validada pelo detalhe colocado nos desenhos de traço simples do códice, outros vectores explicam a coerência do percurso visual entrevisto. Estes seguem as matrizes construtoras do modo como se descreve e transmite a imagem do Outro no Portugal de Quinhentos e comummente empregues por Tomé Pires, Duarte Barbosa, Gaspar Correia, Fernão Lopes de Castanheda e João de Barros. Estes três últimos autores, cronistas da história da presença portuguesa pelos espaços asiáticos, escreveram na primeira metade de Quinhentos, respectivamente, as *Lendas da Índia*, a *História dos Descobrimentos e Conquista da Índia pelos Portugueses*, e a *Ásia – Dos Feitos Que os Portugueses Fizeram no Descobrimento e Conquista dos Mares e Terras do Oriente*[24]. Recorde-se que apenas quatro fólios do *Códice Casanatense*[25] não representam homens ou mulheres em diferentes ocupações.

Nestes desenhos encontramos sinalizados vários espaços nucleares no percurso marítimo de penetração no Índico, inaugurado pelos portugueses a partir da primeira viagem de Vasco da Gama. Contudo, dever-se-á ter em atenção, como adverte Ernst van den Boogaart, que estes desenhos aguarelados não foram concebidos enquanto um conjunto estruturado, como indiciam várias inconsistências, sistematizadas por este historiador. Segundo ele, a actual sequência não terá sido a original, ainda que seja mais ou menos consensual que a ordenação original tenha sido geográfica. A série iniciar-se-ia no espaço da África Oriental, seguindo as costas arábica e persa. Os desenhos assinalariam, de seguida, a costa ocidental indiana, passando pelo Sri Lanka e pelas Maldivas. A partir deste espaço, seria mostrada a costa oriental da Índia, até Bengala, passando por Pegu, Malaca e pelo arquipélago indonésio, terminando na China[26].

Tomando a actual numeração, os dois primeiros fólios[27] representam os cafres do cabo de Esperança, a que se seguem os «abexins» (representados

---

[24] Como já referi, as *Lendas da Índia* correm manuscritas no século XVI, só sendo impressas no século XIX. A *História do Descobrimentos e Conquista da Índia pelos Portugueses* de Fernão Lopes de Castanheda é impressa a partir de 1551 e a *Ásia* de João de Barros, a partir de 1552. Cf. A. P. AVELAR, *Figurações da Alteridade na Cronística da Expansão*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003, pp. 23-31.

[25] Os quatro fólios são: n.º XVI.26V, sem legenda [uma flor]; n.º XLIX. 91, «Estas cobras que há na Índia são muito peçonhentas; a pessoa que mordem logo morre. Cobras na índia de duas cabeças não fazem mal»; n.º XLIV. 81, Igreja do pagode; n.º L.92-93, «Hispar.Visno. Brama. Estes são deoses dos Gintios, a que eles chamam pagodes». Cf. L. de Matos, op. cit., pp. 65, 93, 99, 100.

[26] Como Ernst van den Boogaart assinala no artigo publicado nesta revista. O autor baseia-se seja na descrição que Georg Schurhammer elaborou no seu artigo sobre os desenhos orientais do tempo de São Francisco Xavier anteriormente citado, seja na sua observação dos mesmos.

[27] Seguimos a referência aos desenhos proposta por Luís de Matos na obra citada, isto é, a numeração romana que atribuiu seguida da árabe que se encontra no original: «A dimensão de cada um dos fólios é considerável – 31 cm × 44 cm –, o que quer dizer que a presente reprodução fac-similada não corresponde ao formato original; numerados de 1-141 (dois números

pelos fólios II.3-4) e os núbios (III.5-6) que habitam no estreito de Meca, da banda da Etiópia, os mercadores (IV.7-8) do mesmo estreito, mas da banda arábica, e, ainda nessa costa, os fartaques (V.9-10), que, segundo a legenda, seriam bons cavaleiros e muito belicosos[28].

Os restantes desenhos que percorrem os espaços da Península Arábica referenciam Mascate, nos fólios VI.11-12, então sujeita a el-rei de Ormuz. No desenho de Mascate representam-se homens e mulheres a banharem-se nas águas, os marinheiros arábicos (VII.13-14 e X.17-18), dois homens num penedo sobranceiro ao mar (VIII.14bis e XI.19) e os lavradores da costa da Arábia, a que chamam «boduis» (beduínos), ou mouros (IX.15-16). O pintor representa igualmente as mulheres «xiraoas»[29], muito formosas e grandes dançantes, que são do reino da Síria, cujo senhor é o xeque Ismael (XII.19v-20); os rumes, que habitam no estreito de Meca e de Baçorá (XIII. 21-22), a gente que habita na Pérsia, que chamam «turquimões» (turcomanos) (XIV.23-24), considerados, na legenda do desenho, cavaleiros muito valentes e grandes frecheiros cujo rei é o mesmo xeque Ismael, o qual conquistou o *Turco*.

A referência ao Ismail Shah, fundador da dinastia safávida, que reinou na Pérsia de 1501 a 1524, denuncia como os poderes em presença nos espaços representados são importantes para o pintor e para o conhecimento de um espaço cuja realidade se pretende transmitir. O avanço de Ismail contra o Império Otomano é sinalizado, subentendendo-se aquela que foi a sua vitória em Sharur, a ocupação de Tabris e o uso do título de xá (imperador)[30].

O pintor referencia igualmente algumas fronteiras do domínio do xá, ecoando as lutas entre os domínios otomano, mameluco e safávida que ensombram os impérios europeus, nomeadamente o português nos alvores de Quinhentos. Para além dos fólios já referidos, depara-se-nos a representação da gente a que chamavam «coraçones»[31] (XIX.31-32) e de alguns dos espaços de actuação do xá. A própria Xiraz (XX.33-34), importante centro deste império, é indicada pelo pintor do nosso códice, que sinaliza os mouros

---

árabes por fólio) apomos a cada um deles a numeração romana de 1 a LXXVI.» L. de Matos, op. cit., pp. 18-19.

[28] Atente-se igualmente no facto, enfatizado por Ernst van den Boogaart, de as próprias legendas terem sido redigidas por, pelo menos, duas mãos.

[29] Pode-se igualmente ler «xirazas» e confrontar-se com o desenho xx.33-34. Cf. L. de Matos, op. cit., p. 68.

[30] Cf. Alexander Mikaberidze (ed.), *Conflict and Conquest in the Islamic World: A Historical Encyclopedia,* Santa Barbara, ABC-Clio, 2011, I, p. 431. Importa ter em atenção, como assinalou Ernst van den Boogaart, que a referência ao xeque Ismael, fundador da dinastia safávida que morreu por volta de 1550, ultrapassa a acção deste governante, pois esta titulação passou a ser tomada pelos governantes da Pérsia, aludindo igualmente aos que, no Islão, foram favorecidos pelo fundador da mesma dinastia.

[31] Khurasan, região do Nordeste do planalto iraniano. Cf. Diogo do Couto, *Década Quarta da Ásia,* Vol. II, Lisboa, CNCDP, Fundação Oriente e INCM, 1999, pp. 99-100.

que aí habitam. No fólio seguinte, surgem os «noutaques»[32] (XXI.35-36), corsários mouros estabelecidos no litoral entre Ormuz e o cabo Jasque.

As qualidades guerreiras são sistematicamente assinaladas, nomeadamente através das legendas que acompanham alguns desenhos, sendo pintadas as armas usadas pelos habitantes representados. Refiram-se apenas alguns exemplos. Nos fólios XV.25-26 representam-se os gizares que habitam umas ilhas no estreito de Baçorá, igualmente considerados muito valentes e grandes espingardeiros. Já os resbutos (XXXIII.59-60), casta indiana que habita nos matos dos reinos de Cambaia, mantêm-se, segundo a legenda, do roubo; embora sejam valentes, grandes cavalgadores e frecheiros, a sua lei é de gentios. Por seu turno, as gentes que se chamam patanes[33] são muito belicosas, porque as mulheres vão com os homens à guerra a pelejar (XXIII. 39-40 e XXIV.40-41). A par destas representações, surge ainda o elefante de guerra (XLII.76-77).

O percurso topográfico do conjunto de desenhos vai prosseguindo, detendo-se o pintor em Ormuz. Aí representa a «gente parsi»[34] (XVII.27-28) e os portugueses, pintados numa terra que seria muito calmosa (XVIII.29-30). Refira-se que estes só serão de novo representados depois de o pintor se ter debruçado brevemente sobre a gente de Sinde (XXII.37-38), província que se estendia de Cambaia a Bengala; e longamente sobre Cambaia (XXV.43-44 a XXXVIII.69-79) e o espaço do Malabar e de Goa, em particular. Os portugueses são aí nomeados, como assinala a legenda, como «gente honrada da Índia» (LII.96 e LIII.67). Participam agora de um espaço cujas gentes o pintor continua a representar, assinalando Canará (XLIII.78-79 e XLV. 82-83),Ceilão (LIX.106-107 e LX.108-109), Maldivas (LXV.118-119), Orissa (LXVII.122-123), Bengala (LXVIII.124-125), Pegu (LXIX.126-127), Malaca (LXX.128-129), Samatra (LXXI.130-131), Molucas (LXXII.131-132), Java (LXXIII.134-135), Banda (LXXIV.136-137) e China (LXXV.138-139 e LXXVI. 140-141).

Outras reordenações podem ser sistematizadas, como a proposta por Ernst van den Boogaart, o qual, face a este conjunto de desenhos, reorganiza geográfico-tematicamente os vários fólios em 17 núcleos, marcados pela caracterização religiosa[35]. Mas, tomando o códice no seu conjunto,

---

[32] Também referenciados como «naitaques» ou «nautaques», nome depreciativo dado aos balúchis, isto é os originários do Baluchistão.

[33] Espaço de Patna, entre Deli e Bengala, cuja cidade de Patane foi tomada pelos portugueses em 1532.

[34] Membros de uma seita monoteísta de origem zoroastrista, descendendo dos persas.

[35] A saber: a) África Oriental: pagãos (I. 1-2); b) Abissínia e Socotorá: cristãos (II.3-4 e III.5-6); c) reino de Adém (V.9-10; IV.7-8; IX.15-16; X.17-18; VII.13-14); d) Mascate, na costa da Arábia, no espaço pertencente ao reino de Ormuz: muçulmanos sunitas (VIII.14 bis; VI.11-12; XI.19); e) o Império Otomano: muçulmanos sunitas (XII.19v-20; XIII.21-22; XV.25-26; XVI.26v); f) Pérsia safávita: muçulmanos xiitas (XIV.23-24; XX.33-34; XIX.31-32); g) reino de Ormuz: cristãos e muçulmanos (XVII.27-28; XVIII. 29-30); h) entre a Pérsia e Cambaia: pagãos e muçulmanos (XXI.35-36; XXII.37-38; XXXIII.59-60); i) Cambaia: muçulmanos e pagãos (XXV.43-44;

importa ter em atenção que este percurso pictórico-topográfico explora fundamentalmente os litorais do Índico, com particular incidência nas costas do Indostão, pois vários são os desenhos que se debruçam sobre as actividades aí desenvolvidas. Subscreve-se a digressão matricial dos textos que, no século XVI, se debruçaram sobre a presença portuguesa nos espaços asiáticos, nomeadamente os que se servem do tópico da viagem para narrar as novidades agora entrevistas. É o espaço das rotas, que tem o Índico e as suas costas como destino, o descrito tanto por Tomé Pires como Duarte Barbosa, logo nos anos 1512-1515.

Estes autores são consultados pelos cronistas da Expansão portuguesa, que deles se servem para confrontar as informações que compilam nas suas histórias da presença portuguesa no Oriente, na primeira metade do século XVI. As suas escritas valorizam a permanência por terras asiáticas. Tanto Fernão Lopes de Castanheda como Gaspar Correia ficaram durante alguns anos na Índia, ao serviço da Coroa portuguesa[36]. Ainda que João de Barros não tenha estado nos espaços asiáticos, recolheu testemunhos dos que aí tinham vivido[37]. O detalhe pictórico presente neste códice valida a ideia de que o seu pintor conhecia os ambientes representados.

As fontes matriciais da cronística da Expansão foram as obras escritas por Tomé Pires e Duarte Barbosa, cujos percursos narrativo-topográficos se repercutem igualmente no *Códice Casanatense*. As suas permanências no Malabar, logo no início de Quinhentos, transmitem as primeiras vivências sobre esses espaços, agora dominados pela Coroa portuguesa. Recorde-se que Tomé Pires embarcou em 1511 na armada de D. Garcia de Noronha, na nau de D. Aires da Gama ou na de Cristóvão de Brito, aportando em Cananor, onde supervisionaria a aquisição e escolha das drogas enviadas para o reino, de modo a garantir a sua qualidade. Na Índia passaria igualmente por Cochim, tendo permanecido mais tempo em Malaca. O seu olhar

---

XXXVII.67-68; XXVIII.49-50; XXXVIII.69-70; XXX.53-54; XXXI.55-56; XXVI.45-46; XXXII.57-58); j) Índia do Norte: muçulmanos (XXIII.39-40; XXIV.41-42); l) Goa: cristãos e pagãos (LII.96; LIII.97; LI.94-95; LVIII.104-105; XLI.75; XL.73-74; LXV.118-119; LVI.100-101; XXXIV.61.62; XXVII.47-48; XXXVI.65-66; XXXIX.71-72); m) Canará, Viyajanagara: pagãos (XLV.82-83; XLIII.78-79; XXXV.63-64; XLII.76-77; XLVI.84-85; XLVII.86-87; XLVIII.88-89; XXIX.51-52; XLIV.80-81; XLIX.90-91; L.92-93; LXVIII.124-125); n) Malabar: cristãos, muçulmanos, judeus e pagãos (LXIV.116-117; LXI.110-111; LVII.102-103; LXII.112-113; LXIII.114-115); o) Sri Lanka, Maldivas: pagãos (LIX.106-107; LX.108-109; LXV.82-83); p) costa oriental da Índia: pagãos (LXVII.122-123; LXVIII.124-125); q) Sudeste Asiático [expressão usada após a Segunda Guerra Mundial]: pagãos (LXIX.126-127; LXX.128-129; LXXI.130-131; LXXIII.134-135; LXXII.132-133; LXXIV.136-137; LXXV.138-139); r) China: pagãos (LXXVI.140-141); s) fora de série e não numerado aparece a representação de um bebé monstruoso.

[36] Fernão Lopes de Castanheda permanece durante cerca de 10 anos no Oriente, ao serviço do governador Nuno da Cunha, e Gaspar Correia permanecerá na Índia durante cerca de 50 anos. Cf. A. P. AVELAR, «Fernão Lopes de Castanheda» in *Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa*. [Consultado a 26 de Novembro de 2012] Disponível em http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/, e A. P. AVELAR, «Gaspar Correia», cit.

[37] Cf. A. P. AVELAR, *Figurações*, op. cit., pp. 24-25.

seria construído a partir desses espaços[38]. Em 1515, Pires projectou regressar ao reino, porém a chegada do governador da Índia Lopo Soares de Albergaria fá-lo-ia adiar tal decisão. Integraria, então, a armada de Fernão Peres de Andrade, que, em 1516, partiu para a China. Não regressaria dessa viagem[39], mas a sua *Suma Oriental* foi enviada para Portugal[40].

A partir das cópias que conhecemos dessa obra, nomeadamente do manuscrito de Paris, podemos reconstruir o percurso descritivo de Pires, o qual se debruça sobre seis complexos geográficos que organizou em livros: o primeiro descreve o espaço do Egipto a Cambaia; o segundo, de Cambaia a Goa; o terceiro, de Bengala à Indochina; o quarto, da China ao Bornéu e às Filipinas; o quinto é dedicado a Samatra e o sexto, a Malaca.

A importância estratégica deste último porto é amplamente descrita, nomeadamente no que diz respeito ao intenso trato comercial. Sediado nesta praça, Tomé Pires elabora a sua história, expondo as relações económicas que ao longo dos tempos foram sendo estabelecidas pelos soberanos locais, e aduzindo ao longo do seu discurso particularidades observadas no quotidiano[41]. Os costumes são minuciosamente apresentados, evidenciando um cuidadoso olhar e atenção que facilitariam ao leitor a compreensão daqueles hábitos.

Tomé Pires distingue as informações recolhidas pelo seu testemunho directo das que lhe chegaram indirectamente. Contudo, a valoração das imagens transmitidas no seu discurso pode ser aferida quando confrontamos Pires com Duarte Barbosa, cuja biografia levanta toda uma série de dúvidas[42]. Presumivelmente, o autor[43] teria acompanhado seu tio Gonçalo Gil Barbosa à Índia, onde serviria como «língua» (tradutor) na feitoria de Cananor, regressando ao reino por volta de 1506. Em 1511, o rei ofereceu-

---

[38] Não me vou aqui ater às questões em torno dos dois manuscritos conhecidos da sua obra *Suma Oriental*, mas apenas assinalar o excelente trabalho sobre o texto elaborado por Armando Cortesão, que editou a cópia de Paris, profusamente completado pelo incontornável trabalho de Rui Loureiro, efectuado aquando da impressão do manuscrito de Lisboa. Cf. Rui Manuel Loureiro, *O Manuscrito de Lisboa da «Suma Oriental» de Tomé Pires – Contribuição para Uma Edição Crítica*, Macau, Instituto Português do Oriente, 1996, e Armando Cortesão, *Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1978.

[39] Cf. R. M. Loureiro, op. cit., pp. 14-26.

[40] Importa ter em atenção que Andrea Navagero, emissário de Gian Battista Ramusio, se deslocou, entre os anos de 1525 e 1528, a Lisboa, onde adquiriu uma cópia deste texto, sendo tal manuscrito traduzido para italiano e impresso em 1550 na obra de Ramusio *Navigationi et Viaggi*.

[41] Atente-se, por exemplo, no facto de as mulheres de Malaca, segundo Tomé Pires, folgarem muito com a vinda dos pegus a terra, pois a eles seriam muito afeiçoadas, crendo o nosso boticário que a causa de tal situação seria, como escreve, a sua doce harmonia, mansidão e boa ventura. Cf. R. M. Loureiro, op. cit., p. 134.

[42] Cf. Maria Augusta da Veiga e Sousa, *O Livro de Duarte Barbosa (edição crítica e anotada)*, 2 vols., Lisboa, MCT-IICT, 1996, pp. 11-18.

[43] Nesta breve digressão biográfica seguimos o estudo de Maria Augusta da Veiga e Sousa.

-lhe um lugar em Cananor e ele partiu de novo para a Índia na armada de D. Garcia de Noronha, na nau *Piedade*, capitaneada por D. Aires da Gama. Seria em Cananor que Duarte Barbosa se cruzaria com Tomé Pires[44].

Barbosa regressaria ao reino por volta de 1516, partindo de Lisboa no ano seguinte para ocupar um lugar na feitoria de Calecute. Em 1518 teria participado, ou pelo menos assistido, à conquista de Zeila, comandada por Lopo Soares de Albergaria, servindo ainda nesse mesmo ano na feitoria de Cananor. Em 1529, foi intérprete nas negociações levadas a cabo pelo governador Nuno Cunha junto do samorim. Morreu por volta de 1546-1547.

A proximidade a esse governante indicia igualmente o encontro que terá ocorrido entre Duarte Barbosa e Fernão Lopes de Castanheda, visto o autor da *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses* ter permanecido entre 1528 e 1538 na Índia, ao serviço do governador Nuno da Cunha[45].

Entretanto, o manuscrito de Duarte Barbosa foi enviado para Lisboa, onde foi arquivado. Martin Cinturion recebeu uma cópia do texto, traduzindo-o para castelhano com o auxílio do piloto português Diogo Ribeiro. Tal cópia deveu-se às negociações que se desenvolviam entre as coroas ibéricas sobre a posse das Molucas[46].

À semelhança de Tomé Pires, também Duarte Barbosa[47] descreve o seu percurso de viagem por terras asiáticas, sequenciando os mesmos espaços por aquele enunciados. O espaço de Bengala à China é igualmente descrito pela pena de Barbosa, sendo a apreensão do visto aquilo que transparece na sua narrativa. Por seu turno, a narrativa da história de Malaca não aparece em Barbosa como em Tomé Pires. Em Barbosa, é a permanência nas praças portuguesas nas costas ocidentais do Indostão que pontifica. O autor elabora uma descrição pormenorizada dos costumes de Narsinga (Vijayanagar) e do Malabar e enuncia minuciosamente as 18 leis dos gentios, como escreve. Tal como no nosso *Códice Casanatense*, também aqui transparece o enfoque nas costas de Cambaia e do Malabar, nos espaços revisitados ou dominados pela Coroa portuguesa. É o testemunho cuidado de uma vivência quotidiana.

---

[44] Conclui-se este dado pelo percurso que se consegue traçar através dos documentos referenciados por Rui Loureiro. Contudo, este possível encontro é, por mim, aqui pela primeira vez avançado.

[45] Dado aqui facultado pela primeira vez. Sobre a biografia de Fernão Lopes de Castanheda cf. A. P. Avelar, *Fernão Lopes de Castanheda – Historiador dos Portugueses na Índia ou Cronista do Governo de Nuno da Cunha?*, Lisboa, Cosmos, 1997, pp. 13-67.

[46] O texto de Barbosa serviria, como outros testemunhos que seriam arrolados para o efeito, para provar a precedência do domínio português das Molucas sobre o espanhol. Este texto seria impresso em italiano, no ano de 1550 por Ramusio nas *Navigationi et Viaggi.*

[47] O facto de tanto a narrativa de Duarte Barbosa como a de Tomé Pires terem corrido manuscritas exige que se sigam os trabalhos de hermenêutica textual de Maria Augusta da Veiga e Sousa, para o texto de Barbosa, e o de Rui Loureiro, relativamente ao manuscrito de Lisboa da *Suma Oriental*, de Tomé Pires, sem deixar de ter em atenção, no caso de Tomé Pires, o estudo de Armando Cortesão da leitura e das notas do manuscrito de Paris da *Suma Oriental.*

Importa ter em atenção que Duarte Barbosa e Tomé Pires seguem o mesmo processo de descrição, isto é, traçam o quadro físico e social das várias regiões por onde os portugueses passavam e se estabeleciam. O percurso do Egipto à China, de Tomé Pires, ou do cabo de São Sebastião (Moçambique) aos Léquios (ilhas do arquipélago Ryu-Kyu, que actualmente integra o Japão), de Barbosa, será revisitado pelos cronistas da Expansão que, logo em Quinhentos, transmitem a passagem e permanência da Coroa portuguesa nos diferentes espaços asiáticos. Segue-se, deste modo, o percurso da viagem, o das costas do Índico até aos mares da China.

Perpetua-se em Fernão Lopes de Castanheda e João de Barros o mesmo esquema descritivo, ainda que sejam introduzidas informações que completam ou corrigem os discursos matriciais de Barbosa e Pires, confrontando-os com a vivência que posteriores testemunhos aduzem às descrições, aferindo e aprofundando as imagens transmitidas. No caso de Gaspar Correia, o autor remete o leitor explicitamente para Duarte Barbosa, afirmando, logo na sua primeira *Lenda*, que não escreverá: «[…] nada das terras, gente, e trato, porque houve alguns que n'isso se occuparão, de que vi alguns volumes e mormente um liuro que d'isso fez Duarte Barboza escrivão da feitoria de Cananor […]»[48].

Tanto em Pires como em Barbosa se expõem fundamentalmente as redes comerciais e os Outros/orientais, sendo representados, através da exposição das suas qualidades sociais, as quais facilitam a manutenção de um contacto económico mais ou menos permanente. As comunidades locais são descritas como grupos que representam um todo passível de ser conhecido. Por seu turno, a consulta destes textos por autores coevos, nomeadamente por Fernão Lopes de Castanheda ou João de Barros, é determinada pelo propósito que preside a cada um dos discursos, nos quais esses autores palimpsesticamente intervêm[49].

Importa, por isso, desocultar os nexos interdiscursivos que podem ser estabelecidos entre estas narrativas e os desenhos do *Códice Casanatense*, naqueles que são os vários processos de transmissão da imagem do(s) Outro(s). Entenda-se, por imagem, algo que se assemelha a qualquer coisa construída, no caso do discurso narrativo, como metáfora verbal. Imagem é, assim, intuída como representação, i.e., signo analógico, visto que a semelhança é o seu princípio de funcionamento[50]. O facto de o discurso narrativo ser repetidamente (re)utilizado, através de sucessivas recomposições, leva a que as imagens nele contidas sejam incorporadas em novos contextos, tomando por isso mesmo novas funções, corporizando-se noutros signos analógicos, cuja função importa (re)analisar.

---

[48] G. Correia, op cit., Vol. I, p. 2.

[49] Tomamos aqui a noção de palimpsesto como ferramenta que, no campo da interdisciplinaridade, possibilita compreender desde os processos de construção de um texto aos processos de transmissão cultural. Cf. Sarah Dillon, *The Palimpsest. Literature, Criticism, Theory*, London and New York, Continuum, 2007, p. 2.

[50] Cf. Martine Joly, *Introdução à Análise da Imagem,* Lisboa, Edições 70, 1994, p. 39.

A descrição do(s) Outro(s) segue nestes discursos quinhentistas, os das crónicas da Expansão, a mesma modalidade descritiva, i.e., da impressão do conjunto passa-se para a exposição das particularidades, explicando-se o diferente, recorrendo-se ao que se conhece e é inteligível ao público ouvinte ou leitor[51]. Da matriz textual de Pires e Barbosa são tomados os traços gerais que caracterizam as comunidades e as suas actividades económicas, adequando-se a informação ao propósito específico das diferentes crónicas da Expansão, escritas na primeira metade do século XVI. Estas visam descrever o domínio e a permanência da Coroa de Portugal no espaço asiático.

Assinale-se que também no *Códice Casanatense* este domínio português é evocado. Importa recordar que os portugueses figuram explicitamente em dois momentos. Num primeiro momento, quando é referido o espaço de Ormuz, explicitando a legenda que «esta gente portuguesa» está a comer dentro de água, por ser a terra tão calmosa (Fig. C8). Num segundo momento, quando, após o conjunto de desenhos aguarelados dedicados aos brâmanes e às mulheres solteiras índias cristãs, surge a representação de «gente portuguesa honrada da Índia» (Fig. C30).

O pintor documenta instantes de um quotidiano, o tomar de uma refeição ou a deslocação num espaço público, que não encontramos precisamente descritos nem nos textos matriciais de Tomé Pires ou Duarte Barbosa, nem na nossa cronística da Expansão. A par desta representação do quotidiano, a expressão do domínio português é explicita e epocalmente sinalizada pelo pintor quando referencia Cambaia (Fig. C13). A legenda que acompanha os fólios 43 e 44 identifica-o: «Rei de Cambaia. Este rei de Cambaia é o que pôs cerco à fortaleza de Diu e está tirado pelo natural[52].» Esta referência é, aliás, recorrentemente utilizada para datar a elaboração do códice[53].

A expressão belicista de Cambaia é descrita pelos textos que descrevem a presença portuguesa no espaço do Indostão. Contudo, essa aguarela é o signo analógico que complementa visualmente o texto matricial de Duarte Barbosa. Este, anos antes, na primeira década de Quinhentos, tinha afirmado que:

> El rei de Cambaia é mui grão senhor de rendas e tesouros; tem muita terra e mui rica. […] traz mui grã corte de gente d'armas de cavalo, os quaes muito há no renho; tem muitos alifantes, que lhe trazem a vender a seu renho de Ceilão, com os quaes faz a guerra aos gentios […]. Trazem em cima destes alifantes castelos de madeira em que cabem quatro homens e, com frechas e espingardas pelejam com os imigos. […] Cada um trás duas espadas, ũa adaga e um arco turquesco com mui boas frexas […]. [Usam] ricos panos de ouro, seda e algodão e de chamalotes; trazem suas tocas nas cabeças; suas ropas são compridas como camissas mouriscas, e as seroulas com borseguins até o

[51] Cf. A. P. AVELAR, *Representações de Um «Novo Mundo» no Portugal de Quinhentos*, Chamusca, Cosmos, 2011, pp. 117-192.

[52] Cf. L. de MATOS, op. cit., p. 72.

[53] Cf. L. de MATOS, op. cit., p. 29.

> joelho, de mui grosso cordovão, lavrados de mui subtis lassos de dentro e de fora da pontilha. […] Tem mui fremosas e alvas molheres mui bem ataviadas[54].

Tal complementaridade não se verifica quando observamos a *Suma Oriental* de Tomé Pires, ou as crónicas da Expansão[55]. Na Índia, as costas do Malabar e Cambaia são objecto de uma ampla atenção por parte dos escritores portugueses. A elas aportaram as naus de Portugal, para concretizar o domínio procurado pelos desígnios manuelinos. Observe-se como, servindo-se de Tomé Pires e de Duarte Barbosa, Fernão Lopes de Castanheda e João de Barros manipulam o mesmo processo de descrição do espaço de chegada «às terras da Índia», isto é, anotam as envolvências físicas e os quadros sociais, incorporando a partir da fonte, que funciona como matriz do discurso, a vivência do testemunho, para corrigir e adicionar dados à informação inicial/matricial[56].

A tipologia descritiva usada na exposição do Outro nos alvores de Quinhentos repete-se mimeticamente nestes textos portugueses que expõem a permanência portuguesa por terras da Índia, sendo, no entanto, possível definir modelações interpretativas do diferente e os vários processos de transmissão usados. Parte-se do geral para o particular, assinalando-se a impressão colhida sobre o conjunto e indicando-se os homens e as mulheres. O observador descreve unicamente o que vê, como elemento exterior ao grupo social. Referenciam-se, assim, a cor da pele e a estatura, veiculando-se a impressão imediata. Afirma-se, por exemplo, serem os habitantes agradáveis ou desagradáveis, as mulheres mais ou menos bonitas e graciosas, os costumes mais ou menos *livres*.

Nestes discursos explicitam-se os comportamentos de grupo, traçando-se os vários quadros de costumes, e relatando-se, para além de práticas nupciais ou funerárias, vários tipos de recepções. Expõe-se a estratificação social observada no novo espaço de permanência portuguesa. Descrevem-se o sistema de castas, o modo de vida dos brâmanes, naires e panicais, os quais, recorde-se, são igualmente representados pelo nosso pintor do *Códice Casanatense*.

---

[54] Cf. M. A. V. e Sousa, op. cit., Vol. I, pp. 187-188 e 191.

[55] Tomé Pires referencia a economia do espaço e as qualidades militares, sem entrar em pormenores. Cf. A. Cortesão, op. cit., p. 163. Também Fernão Lopes de Castanheda assinala Cambaia, apresentando em traços gerais este reino, e descrevendo topograficamente os vários espaços, que servem de enquadramento geral aos acontecimentos. Cf. Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, Vol. I, Porto, Lello & Irmão, 1979, p. 387. Este é igualmente o processo descritivo de João de Barros. Cf. João de Barros, *Ásia – Dos Feitos Que os Portugueses Fizeram no Descobrimento e Conquista dos Mares e Terras do Oriente – Segunda Década*, Lisboa, INCM, 1988, p. 125. No caso de Gaspar Correia, os momentos descritos são os que contextualizam as diferentes refregas, como acontece durante o governo de D. Francisco de Almeida e a questão de Diu. Cf., por exemplo, G. Correia, op. cit., Vol. I, p. 746.

[56] Gaspar Correia, o terceiro cronista da Expansão que escreve na primeira metade de Quinhentos, envia o seu leitor para o livro escrito por Duarte Barbosa. Cf. nota 46.

Mas exemplifiquemos um pouco melhor, tomando a descrição dos naires na exposição do espaço do Malabar. Confronte-se como, pela «palavra» de Tomé Pires e de Duarte Barbosa, se traduz uma imagem cuja representação integrada no códice visualiza elementos caracterizadores de um grupo. Para Pires:

> A gente do Malavar hé preta e baça e parda, sam todos os reis gemtios bramanes ou de casta de seus saçerdotes. A linguajem hé toda hũa, asi como em Italia, defere se pouca cousa. [...] Averá neste Malavar duzemtos mill naires, homens de peleja d'espada e adarga e frecheiros. São homens que adoram o seu rei [...] Sam estes naires homens leais e nam tredos. [...] Nenhum naire nam tem pai nem filho. Não casam as nairas, quantos mais amigos tem tamto/ hé mais honrada. [...] Tambem há naires que vemdem azeites e peixe [e] mantimentos. [Muitos] sam ofiçiais macanicos. Nenhua virtude sabem as nairas do Malavar, nem exercição de cozer nem de lavrar, somemte comer e folgar[57].

Aos traços exteriores, gerais e lineares de um Tomé Pires, que procura expor um quadro de «encontro», contrapõe-se a digressão narrativa de Duarte Barbosa, que historia «um estar», «uma permanência». Assim:

> Nos renhos do Malavar ha muitas leis de gente, [...] entre os quaes os naires que são os mais honrados e limpos que são fidalgos e não teem outro oficio senam pelejar onde quer que são necessarios. E continuamente trazem suas armas e hão-o por honra e galantaria, a saber, deles espadas nuas nas mãos e adargas e outros arcos e frechas e outras lanças [...][58].

Ainda que apresente as mesmas informações que Tomé Pires, como a referência ao estatuto social, os quadros descritivos de Duarte Barbosa são minuciosos e procuram a precisão do detalhe:

> Este naires el-rei não tem poder pera os fazer se não são de linhagem. São homens mui limpos e isentos em sua fidalguia. Servem e guardam mui bem o rei e senhor com quem vivem [...]. Estes não são casados nem teem filhos certos senão os filhos de suas irmãs são seus herdeiros. [...] as nairas são todas isentas em fazerem de si o que quiserem com naires e bramanes e não com gente baxa, sob pena de morte [...]. [Os naires] se mete neles o diabo que é um dos seus deuses em que eles creem [...]. E o naire em que entra vem, com a espada na mão, tremendo e bradando como doudo e dando cutiladas pela cabeça, [...] entra em casa do rei, sem lhe fazer nhsũ acatamento e diz: eu sou tal deos e venho-te dizer que façaes guerra a tal rei, e, às vezes lhe manda outra cousa que nom seja muito serviço de Deos[59].

Deste modo, na *Suma Oriental*, Tomé Pires evoca os naires no contexto do Malabar, ou seja, num contexto grupal, assinalando características gerais. Por seu turno, Duarte Barbosa, ao desenvolver o seu discurso sobre

---

[57] R. M. Loureiro, op. cit., pp. 104-105 e 109-110.

[58] M. A. V. e Sousa, op. cit., pp. 164 e segs.

[59] M. A. V. e Sousa, op. cit., pp. 164 e segs.

o espaço do Malabar e sobre as envolvências sociais, menciona os costumes, que narra com relativo detalhe. Para além dos traços distintivos do grupo, Duarte Barbosa apura as características deste, explicitando as suas crenças.

Quando comparamos estes dois textos com a representação visual dos naires integrada no códice, constatamos a importância que assume o gesto bélico de bramir a espada. Já ao confrontarmos estes textos matriciais com os que deles se servem, nos primórdios do século XVI, como as crónicas da Expansão, identificamos uma ampliação dos quadros descritivos. Estes servem como sistema referencial e contextualizador dos espaços sociais então esboçados. Tanto Fernão Lopes de Castanheda como João de Barros descrevem esta casta dos brâmanes. Estes cronistas da Expansão são os que expõem explicitamente os costumes dos povos, nomeadamente das «terras da Índia», ao contrário de Gaspar Correia, que, como acima afirmei, remete explicitamente o leitor para a obra de Duarte Barbosa. Segundo Fernão Lopes de Castanheda,

Naires, q̃ sam todos fidalgos, & não tem outro officio se não pelejar quando he necessario, & sam gentios: trazẽ continuamente as armas com q̃ pelejão que sam arcos, frechas, lãças, agomias & escudos, & tem que andão coelas muyto hõrrados & galãtes: porem andão nus sómente com hũs panos dalgodão pintados q̃ os cobrem da cinta ate ho giolho: & descalços com toucas nas cabeças. Viuem todos com el rey ou com senhores de terra que tem moradia (...). Nem os reys podẽ fazer Naires se não forẽ de linhagẽ de Naires (...). Estes per ley do reyno não podẽ casar, & por isso não tẽ filhos certos, porque os que tem sam de mancebas com que dormẽ tres & quatro (...) Estas molheres ham de ser nairas porq̃ nãm podẽ dormir cõ vilaãs, & estas tambẽ não casam...



Fig. C33
Gentios malabares que chamam naires

O detalhe descritivo é comum a Fernão Lopes de Castanheda e ao nosso pintor. Por seu turno, os transes visionários a que os naires se expõem, e que foram sinalizados por Duarte Barbosa, são igualmente assinalados pelo autor da *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*. Escreve Castanheda: «[…] ho naire em q̃ ho diabo entra vaise cõ a espada nua diãte del rey tremendo todo, & dando cutiladas em si, & diz. Eu sou tal deos & venho te dizer q̃ faças tal cousa, & isto bradãdo como doudo»[61].

Enfim, a narração impressiva e intensamente visual das roupas e o traçar esquemático dos ritos locais não deixam de ser notados por este cronista, o qual imprime ao texto uma tonalidade descritiva tão eficaz como a que transparece no fólio 114 do *Códice Casanatense*. Este «testemunho de vista», corporizado no uso da primeira pessoa, não aparece em João de

[60] Fernão Lopes de Castanheda, *Historia do descobrimento e conquista da India pelos Portugueses…* Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1551, p. 43.

[61] F. L. de CASTANHEDA, op. cit., p. 45.

Barros, ainda que este exponha minuciosamente os quadros sociais e que, à semelhança de Castanheda, referencie o espaço do Malabar, assinalando na titulação do capítulo os costumes locais e destacando a maneira como vivem os naires. Diz o autor das *Décadas da Ásia*:

> De todas estas gerações a mais belicósa é a gente dos Naires por terẽ profissam de serem hómeẽs de guerra: os quáes sendo do mais nóbre sangue de todo o gẽtio na opiniam delles, podense chamar filhos de vulgo: cá nam lhe sabẽ certo pay, por as molheres dos Naires serẽ comũas aos de sua dignidáde. Porem esta ley nam se guárda acerca dos muy nóbres, sómẽte entre o póuo deles [...] hũa molher deste sangue dos Naires [...] póde dar entráda em sua cása a quantos Naires quiser [...] E sam elles & ellas tam liures deste vinclo cõjugal, [...] daquy vem nenhũ delles auer por filho o párto da molher [...] seus verdadeiros herdeiros sam os sobrinhos filhos das jrmãs[62].

Contudo, a escrita de Barros compensa o eu da vivência autoral no espaço asiático, pela ampla cultura livresca que apura os quadros informativos transmitidos sobre os costumes. Veja-se como se aplica o signo do conhecido ao que agora se conhece. O naire é «armado cavaleiro», à semelhança do que ocorre na Europa de Quinhentos:

> Este nóme Naire ajnda que seja do sangue delles, nam o póde algũ ter senam depois que é armádo caualeiro, & porem góza dos priuilégios de sua nobreza [...] E acertãdo o seu rey ou senhor que seruem de morrer na batálha, & elle se nam achou naq̃lle lugar pera morrer com elle: ajnda que seja em reyno estranho, la vam demandar sua mórte [...][63].

A exposição da novidade passa na escrita de João de Barros pelo precisar minucioso dos usos conhecidos em Portugal. As gentes do Malabar praticam várias artes de adivinhação, as quais são rigorosamente enunciadas pelo nosso cronista, que completa, assim, a informação dada por Duarte Barbosa a esse respeito. Escreve Barros:

> [...] é gẽte tã supersticiósa q̃ nã mouérã o pé sem eleição da óra; [...] Todo o gentio daquellas pártes per astrologia, geomãcia, pyromancia, hydromancia, onomancia, & outras especias destas ártes que elles referem ao curso do ceo & planetas: mas ajnda todo o genero de agouros per alymarias áues & outras feiticerias em q̃ mostram serẽ mais doctrinádos, ou melhor dizer mais familiáres do demónio do q̃ forã nesta párte os Grégos & romanos segundo as cousas q̃ fazem de q̃ tem muytos liuros[64].

Em suma, quando analisamos a figuração do Outro nos textos matriciais de Tomé Pires e de Duarte Barbosa, encontramos similitudes descritivas, ainda que as vozes autorais se distingam. Processo idêntico é usado

---

[62] J. de Barros, *Ásia – Dos Feitos Que os Portugueses Fizeram no Descobrimento e Conquista dos Mares e Terras do Oriente – Primeira Década*, Lisboa, INCM, 1988, p. 355.

[63] Ibid., p. 356.

[64] Ibid., p. 357.

por Fernão Lopes de Castanheda e por João de Barros. A erudição de quem não vivenciou o espaço e que o observa, ou melhor, o transmite através de outros olhares que o experienciaram, é tanto mais evidente quanto se confronta o texto de Barros com os daqueles que visitaram e permaneceram nos espaços asiáticos: pense-se na explicitação das artes divinatórias que Barros aduz ao discurso matricial. O experienciado evidencia-se em Castanheda, por exemplo, no modo como este assinala seja os panos pintados que cobrem os naires da cintura aos joelhos, seja o facto de estes andarem descalços com toucas na cabeça, plasmando-se no seu discurso a visualidade, denotada nos desenhos aguarelados do *Códice Casanatense*, em que, apesar do simples traço, transparecem instantes de um longínquo quotidiano, identificador de um tempo em que, através da representação da palavra, os *discursos* narrativo e pictórico se descodificam.

Assiste-se, deste modo, nos textos por nós analisados, a uma mais ou menos constante analogia entre signos pictóricos e narrativos, cujos nexos interdiscursivos importa compreender na sua plenitude, pois os mesmos formaram em Quinhentos o discurso da Expansão e da permanência portuguesa noutras terras e noutros mares.

Bibliografia

Almeida, M. Lopes de (ed.), *Obras de Jerónimo Corte Real*, Porto, Lello & Irmão, 1979, p. 19.

Avelar, Ana Paula, «Fernão Lopes de Castanheda», in *Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa*. [Consultado a 26 de Novembro de 2012] Disponível em http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve.

Avelar, Ana Paula, «Gaspar Correia», in *Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa*. [Consultado a 26 de Novembro de 2012]. Disponível em http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve.

Avelar, Ana Paula, *Fernão Lopes de Castanheda – Historiador dos Portugueses na Índia ou Cronista do Governo de Nuno da Cunha?*, Lisboa, Cosmos, 1997.

Avelar, Ana Paula, *Figurações da Alteridade na Cronística da Expansão*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003.

Avelar, Ana Paula, *Representações de Um «Novo Mundo» no Portugal de Quinhentos*, Chamusca, Cosmos, 2011.

Barchiesi, Roberto, «L'Oriente catalogato in un manoscritto pittorico del Cinquecento», *Quaderni portoghesi,* 4, Pisa, 1978, pp. 163-182.

Barros, João de, *Ásia – Dos Feitos Que os Portugueses Fizeram no Descobrimento e Conquista dos Mares e Terras do Oriente – Primeira Década*, Lisboa, INCM, 1988.

Bethencourt, Francisco, «Configurações Políticas e Poderes Locais», in Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto (dir.), *A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800,* Lisboa, Edições 70, 2010, pp. 211-233.

Bethencourt, Francisco e Chaudhuri, Kirti (dir.)*, História da Expansão Portuguesa*, Vol. 1 («A Formação do Império, 1415-1570»), [Lisboa], Círculo dos Leitores, 1998.

Bocarro, António, *O Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povoações da Índia Oriental,* 3 vols., Lisboa, INCM, 1992.

Braudel, Fernand, Guadalupi, Gianni, Barchiesi, Roberto e Barbosa, Duarte, *Oltremare: Codice casanatense 1889: con il Libro dell'riente di Duarte Barbosa*, Franco Maria Ricci, 1984.

Castanheda, Fernão Lopes de, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses,* 2 vols., Porto, Lello & Irmão, 1979.

Cid, Isabel, «Introdução», in António Bocarro, *O Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povoações da Índia Oriental,* Vol. 1, Lisboa, INCM, 1992, pp. 9-35.

Cid, Pedro de Aboim Inglez, «As Fortalezas Manuelinas do Índico: Características e Antecedentes», *O Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povoações da Índia Oriental*, n.º 12, 2011, pp. 9-42.

Correia, Gaspar, *Lendas da Índia*, 4 vols., Porto, Lello & Irmão, 1975.

Cortesão, Armando, *Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1978.

Cortesão, Armando e Albuquerque, Luís de (ed.), *Obras Completas de D. João de Castro,* 4 vols., Coimbra, Academia Internacional de Cultura, 1976.

Costa, Palmira Fontes da, «Secrecy, Ostentation, and the Illustration of Exotic Animals Sixteenth-Century Portugal», *Annals of Science*, Vol. 66, n. 1, Jan. 2009, pp. 59-82.

Couto Diogo do, *Década Quarta da Ásia*, 2 vols., Lisboa, CNCDP, Fundação Oriente e INCM, 1999.

Dillon, Sarah, *The Palimpsest. Literature, Criticism, Theory*, London and New York, Continuum, 2007.

Hunt, John Dixon, Lomas, David e Corris Michael, *Art, Word and Image – Two thousand years of Visual/Textual Interaction*, London, Reaktion Books, 2010.

Joly, Martine, *Introdução à Análise da Imagem*, Lisboa, Edições 70, 1994.

Loureiro, Rui Manuel, *O Manuscrito de Lisboa da «Suma Oriental» de Tomé Pires – Contribuição para Uma Edição Crítica,* Macau, Instituto Português do Oriente, 1996.

Matos, Luís de (ed.), *Imagens do Oriente no Século XVI – Reprodução do Códice Português da Biblioteca Casanatense,* Lisboa, INCM, 1985.

Mikaberidze, Alexander (ed.), *Conflict and Conquest in the Islamic World: A Historical Encyclopedia,* Santa Barbara, ABC-Clio, 2011.

Russell-Wood, Anthony John R., «Padrões de Colonização no Império Português, 1400--1800» in Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto (dir.), *A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800*, Lisboa, Edições 70, 2010, pp. 171-206.

Schurhammer, Georg, «Desenhos orientais do tempo de S. Francisco Xavier», in *Garcia da Orta,* Lisboa, Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar (número especial dedicado à Índia portuguesa e integrado nas comemorações do quarto centenário da introdução da imprensa em Goa), [1956], pp. 247-255.

Sousa, Maria Augusta da Veiga e, *O Livro de Duarte Barbosa (edição crítica e anotada)*, 2 vols., Lisboa, MCT-IICT, 1996.

ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR, Vol. XIII, 2012, pp. 133-152

DE L'ILLUSTRATION À L'IDENTIFICATION: QUELQUES REMARQUES AU SUJET DE LA REPRÉSENTATION DES POPULATIONS TURCO-IRANIENNES DANS LE *CODEX CASANATENSE* 1889 *

par
VASCO RESENDE **

Ayant souvent servi à illustrer des ouvrages sur les peuples de l'océan Indien à l'époque de l'expansion portugaise, la série d'images qui constituent le *Codex Casanatense* 1889 fut déjà l'objet de plusieurs études[1]. Il représente diverses populations asiatiques – la plupart du temps des couples –, leur tenue vestimentaire, certaines activités auxquelles elles se consacrent ou des éléments visuels qui renforcent leur identité. Certaines pages échappant à ce schéma thématique dépeignent aussi des scènes de la vie quotidienne de ces mêmes populations. La datation de l'oeuvre reste incertaine et suscite des désaccords entre auteurs, mais nous pouvons néanmoins affirmer que les dessins furent réalisés à la fin de la première moitié du XVI^e^ siècle. L'artiste qui les conçut demeure inconnu, tout comme l'auteur des légendes qui les accompagnent. Le style pictural semble nettement inspiré de l'art oriental et ne peut en tout cas être rapproché de celui caractéristique des écoles de peinture qui se développaient à cette époque au Portugal et dans le reste de l'Europe, même si le fait de représenter des couples et leurs

* Pour la transcription des mots de l'alphabet arabe, nous nous sommes inspirés du système adopté par le Deutsches Institut für Normung.

** Chercheur du CHAM.

[1] Georg SCHURHAMMER, *Orientalia*, Roma/Lisboa, Institutum Historicum Societatis Iesu/Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963, pp. 111-118 ; Donald LACH, *Asia in the Making of Europe*, 3 vols. en 9 tomes, Chicago, University of Chicago Press, 1965-1993, Vol. II, Tome 1, pp. 64-65 ; Luís de MATOS (ed.), *Imagens do Oriente no Século XVI: Reprodução do Códice Português da Biblioteca Casanatense*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985 ; *Além-Mar: Códice Casanatense 1889 com o Livro do Oriente de Duarte Barbosa*, introd. Fernand Braudel, Lisboa/Milano, Bertrand/Franco Maria Ricci, 1984 ; Pedro DIAS, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822): O Espaço do Índico*, [S.l.], Círculo de Leitores, 1998, pp. 218-219 ; Maria Manuela MOTA, «Códice Casanatense: An Indo-Portuguese Portrait of Life in 16th-Century India», *in* José Pereira et Pratapaditya Pal (ed.), *India & Portugal: Cultural Interactions*, Mumbai, Marg Publications, 2001, pp. 35-45.

coutumes est essentiellement une caractéristique des récits de voyages occidentaux. En revanche, les textes des légendes sont certainement dûs à la plume d'un Portugais. En ce sens, et du fait que ces images nous renvoient à des sujets asiatiques, on peut conclure que ce codex se révèle indéniablement un pur produit de la société luso-orientale constituée au sein de l'*Estado da Índia*, peut-être une commande à l'attention du public portugais du milieu du XVI^e^ siècle, et ayant requis les services d'un peintre indien.

Nous nous proposons, dans ce bref article, de revenir sur une partie des planches de cet ensemble afin d'en questionner les éléments, d'observer et d'en interpréter quelques-unes illustrant des personnages issus du monde turco-iranien[2] ; c'est-à-dire, les différentes populations de confession musulmane prévalant sur la vaste étendue comprise entre l'Anatolie et le Turkestan, territoire dont l'unité civilisationnelle est relativement admise[3]. A l'instar d'Ernst van den Boogaart[4], nous sommes d'avis que les divergences entre les descriptions présentées par quelques légendes et les données recueillies dans la documentation de l'époque suggèrent que les dessins et les légendes ne sont pas de la main d'une seule et même personne. Il est probable que les aquarelles aient été réalisées en premier et les notices descriptives ultérieurement, dans la mesure où l'auteur de ces dernières paraît avoir attribué à certaines images des identifications qui soulèvent un certain nombre de doutes. Mais comme nous allons le voir ci-dessous, la discussion autour de l'élaboration de cette oeuvre suscite beaucoup de questions auxquelles nous n'avons toujours pas de réponses définitives.

La façon dont les aquarelles furent exécutées rappelle singulièrement les livres de costumes ou recueils d'habits, sorte d'inventaires systématiques de l'apparence physique des différentes populations du globe, leurs vêtements et leurs ornements et qui connurent une grande popularité dans l'Europe de la seconde moitié du XVI^e^ siècle[5]. Bien plus que la simple présentation d'une accumulation sériée d'articles de mode vestimentaire, ces ouvrages expri-

---

[2] Notons que notre étude repose essentiellement sur les éléments masculins des couples. Les femmes du groupe turco-iranien sont représentées d'une façon bien plus homogène, ce qui rend difficile une interprétation différenciée.

[3] Voir, par exemple, Robert Canfield (ed.), *Turko-Persia in Historical Perspective*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

[4] Nous remercions Ernst van den Boogaart pour avoir partagé avec nous une partie de ses observations et conclusions sur les aquarelles du *Codex*.

[5] Daniel Defert, « Un genre ethnographique au XVI^e^ siècle : Les livres d'habits », *in* Britta Rupp-Eisenreich (ed.), *Histoires de l'anthropologie (XVI^e^-XIX^e^ siècles) : Colloque La Pratique de l'anthropologie aujourd'hui, 19-21 novembre 1981, Sèvres*, Paris, Klincksieck, 1984, pp. 25-41 ; Odile Blanc, « Images du monde et portraits d'habits: les recueils de costumes à la Renaissance », *Bulletin du Bibliophile*, 1995, pp. 221-261 ; Idem, « Ethnologie et merveille dans quelques livres de costumes français », *in* Marie Viallon (ed.), *Paraître et se vêtir au XVI^e^ siècle: Actes du XIII^e^ Colloque du Puy-en-Velay*, Saint-Etienne, Publications de l'Université de Saint-Etienne, 2006, pp. 77-93 ; Ulrike Ilg, « The Cultural Significance of Costume Books in Sixteenth-Century Europe », *in* Catherine Richardson (ed.), *Clothing Culture, 1350-1650*, Aldershot, Ashgate, 2004, pp. 29-47.

ment une vision identitaire des différentes « nations » du globe, la garde-robe chacune d'elles révélant au lecteur la personnalité et la mentalité d'un peuple par le biais de l'illustration codifiée. Pour reprendre l'expression de Daniel Defert, ils proposent une « grille d'interprétation » de la diversité humaine[6]. Comme pour les cabinets de curiosités qui se multiplient en Europe tout au long des XVI^e^-XVII^e^ siècles, on pourrait lire dans la popularité des recueils d'habits le signe d'un esprit qui aspirait à consigner la totalité et à inventorier de manière exhaustive le rare, l'exotique et le « curieux »[7]. A une époque où l'on cherchait à classer systématiquement information et objets, les livres de costumes trouvaient toute leur place à côté des collections de curiosités naturelles (coquillages, os animaliers, plantes insolites, minéraux), antiquités, armes, artefacts, estampes et peintures diverses. Par ailleurs, les livres de costumes prétendaient assumer une fonction semblable à celle occupée par les cosmographies, quant à leur rôle d'illustration du monde, ce qui explique le fait que des plans et vues des *Civitates orbis terrarum*, de Georg Braun et Franz Hogenberg, soient accompagnés de miniatures représentant des personnages habillés selon la région évoquée. A l'instar de l'information contenue dans les récits de voyage de la Renaissance, les recueils d'habits permettent de porter un regard sur les populations de la planète, afin de mieux comprendre la variété humaine et de la classifier.

Les aquarelles du *Codex Casanatense* suscitent de nombreuses questions autour de l'interprétation des éléments ethnographiques qu'elles abordent. On peut logiquement comparer, en premier lieu, la réalité traduite par les images avec ce que l'on connaît des peuples de l'océan Indien au XVI^e^ siècle, réflexe naturel si l'on cherche à établir la vraisemblance de l'oeuvre picturale. Au-delà de toute considération d'ordre artistique, il faut se demander quels auraient été pour l'auteur de ces images les éléments constitutifs d'une identité ethnographique donnée ; ou en d'autres termes, ce à quoi on devait se fier pour arriver à identifier les figures représentées.

Malheureusement, et contrairement à d'autres collections d'images portant sur l'apparence physique des populations – comme les illustrations de l'*Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil* de Jean de Léry ou celles de l'*Itinerario* de Jan Huyghen van Linschoten –, les aquarelles du *Codex Casanatense* n'ont pas de lien direct avec une quelconque source écrite. Mais l'absence de récit servant de support explicatif n'empêche pas pour autant une lecture anthropologique des images. L'existence d'un certain modèle stylistique pour représenter les sujets, au moins dans la partie initiale du *Codex*, est une évidence qui se passe de justification d'ordre textuel. Pour chacun des personnages, le peintre renvoie, dans la simplicité de ses traits, à des éléments identificateurs fondamentaux, comme la couleur de peau,

[6] D. DEFERT, art. cit., p. 26.

[7] Krzysztof POMIAN, *Collectionneurs, amateurs et curieux. Paris, Venise : XVI^e^-XVII^e^ siècle*, Paris, Gallimard, 1987, pp. 61 et ss. Cf. U. ILG, art. cit., pp. 34-35.

l'habit et les accessoires qui suggèrent un certain type de profession. Contrairement à d'autres images du *Codex*, celles illustrant le monde turco-iranien n'évoquent pas, en dehors du port d'armes et d'autres éléments accessoires, des activités quotidiennes précises. On laisserait donc aux lecteurs l'impression que ces populations n'étaient employées que pour la guerre. Ce constat peut être interprété selon deux points de vue différents : soit les images correspondent à des épisodes mobilisant des individus se consacrant uniquement à la guerre, soit l'artiste expose le monde turco-iranien sous un prisme belliqueux par méconnaissance des traits sociétaux qui le caractérisent ou simplement par choix conscient.

La répétition des conventions picturales constitue ainsi un facteur important dans l'identification des différents groupes ethniques, et il est évident que les similitudes en termes de garde-robe ou de traits physionomiques visent à intégrer les personnages dans un ensemble. Cet aspect semble d'une grande importance, dans la mesure où l'organisation interne de la collection d'aquarelles n'obéit pas seulement à une logique d'ordre géographique. Les similitudes entre certains personnages nous mènent vers la constitution de groupes culturels regroupant chacun des membres porteurs de mêmes caractéristiques visuelles.

Toutefois, à l'instar des recueils d'habits, on doit analyser ces ressemblances avec une certaine distance critique, surtout si l'on se souvient que l'existence d'une tenue vestimentaire normative susceptible d'identifier essentiellement un groupe ethnique reste la plupart du temps un concept assez improbable[8]. Un des principes liés à l'élaboration des livres de costumes est celui de l'émulation, c'est-à-dire l'établissement de similitudes ignorant les frontières géographiques et les barrières sociales[9]. Les modes de représentations ne sont pas exclusives d'une nation donnée, et l'on retrouve fréquemment des caractéristiques iconographiques au niveau de la physionomie, de la tenue vestimentaire ou des ornements des populations appartenant à des aires civilisationnelles diverses[10]. Quoi qu'il en soit et pour ce qui nous concerne, notons que les différences vestimentaires pour les hommes à travers une grande partie du Moyen-Orient semblent avoir été minimes, sauf dans des régions en dehors de l'influence ottomane comme le Maroc ou dans celles habitées par les Bédouins d'Arabie. Cet état de fait peut s'expliquer par la grande mobilité des populations masculines à travers le *Dār al-islām*, mobilité bien plus réduite en ce qui concerne les femmes[11].

---

[8] Cf. U. Ilg, art. cit., pp. 42-43.

[9] Cf. D. Defert, art. cit., p. 34.

[10] « La conscience de la diversité des mondes et des hommes n'amène pas forcément leur observation systématique et des modes de représentation différents. Ainsi les types physiques sont-ils très peu distingués dans nos images. [...] Les Turcs arborent toujours des moustaches ou de longues barbes à l'instar des peuples de Russie, et les Maures ne sont pas toujours individualisés par la couleur de leur peau et des traits négroïdes » (O. Blanc, « Images », cit., p. 245).

[11] Yedida Kalfon Stillman, *Arab Dress: From the Dawn of Islam to Modern Times: A Short History*, 2e éd. rev., Leiden, Brill, 2003, pp. 84-85 ; Idem, «Libās», *Encyclopaedia of Islam*, 2e éd.,

Les similitudes entre les figures des hommes turkmènes (*Turquimões*, Fig. C6) et ğazā'irīs (*Jizares*, Fig. C7) sont saisissantes. Dans ces deux cas, si le premier est représenté à cheval, portant un arc ainsi qu'une lance tandis que le second reste à pied, une arquebuse à l'épaule, les deux individus n'en restent pas moins dessinés de la même façon et leurs vêtements apparaissent pratiquement identiques, hormis les couleurs et les éléments décoratifs. La disposition des personnages dans le portrait des Turkmènes présente, par ailleurs, de grandes ressemblances avec celui censé dépeindre les Persans du royaume d'Ormuz – l'homme à cheval, la femme sur un chameau, la présence de deux autres figures derrière chacun d'eux[12]. Mais, comme nous allons le voir, nous pouvons trouver d'autres éléments iconographiques capables de structurer la variété anthropologique des aquarelles, du moins en ce qui concerne les populations de l'axe turco-iranien.

Puisqu'il n'existe aucun document connu susceptible de nous éclairer sur le processus d'élaboration des images du *Codex*, nous sommes obligés d'établir un cadre de références visuelles capable de déterminer les marqueurs d'identité qui ont inspiré l'auteur des aquarelles. Les hommes représentés semblent de toute évidence se diviser en deux groupes principaux : d'un côté, ceux qui ont des moustaches et le crâne rasé, portent des manteaux (*aqbiya*, pl. de *qabā*, qui sera à l'origine du mot portugais *cabaia*, probablement par le biais de sa variante arabe *qabāya*)[13] jusqu'aux genoux, des bonnets et des bottes, et de l'autre ceux vêtus de pardessus plus longs (jusqu'aux chevilles), munis de chaussures et coiffés de turbans (*dūlband* ou *mandīl*)

Vol. V, Leiden, Brill, 1986, p. 739. Cf. Hermann Goetz, «Persians and Persian Costumes in Dutch Painting of the Seventeenth Century», *The Art Bulletin*, Vol. 20, n.º 3, 1938, p. 284.

[12] L. de Matos, op. cit., planches xiv et xvii.

[13] «[...] huma vestidura, a que elles chamam cabaia, que commummente os Mouros usam naquellas partes, comprida de mangas, cingida, e aberta por diante com huma aba sobre outra ao modo do trajo dos Venezeanos» (João Barros, *Da Ásia*, 4 vols. en 8 tomes, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1777, Déc. II, Tome 2, Liv. v, Chap. 2, p. 448). Dans ce cas précis, il s'agit d'une *ḫil'a* ou *ḫal'a*, une *qabā* qui était offerte par un seigneur à son vassal en reconnaissance de ses services ou comme signe de distinction. Cf. Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, 2 vols., Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1919-1921, Vol. I, p. 158 ; José Pedro Machado, *Influência arábica no vocabulário português*, 2 vols., Lisboa, Álvaro Pinto («Revista de Portugal»), 1958, Vol. II, p. 35 ; R. Dozy, *Dictionnaire détaillé des noms des vêtements chez les Arabes*, Amsterdam, Jean Müller, 1845, pp. 352-362 ; Idem et W. H. Engelmann, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*, 2e éd. rev. et augm., Leiden, Brill, 1869, p. 244 ; Henry Yule et A. C. Burnell, *Hobson-Jobson: A Glossary of Anglo-Indian Colloquial Words and Phrases, and of Kindred Terms*, nouv. éd., London, John Murray, 1903, pp. 137-138. Cf. Willem Floor, *The Persian Textile Industry in Historical Perspective, 1500-1925*, Paris, Société d'Histoire de l'Orient/L'Harmattan, 1999, pp. 213-214, 226.

A propos des habits des Moghols, qu'il compare à ceux des Persans, Barros écrit la chose suivante : «A maneira de seus vestidos he semelhante á dos Persas, que são saios compridos abertos por diante, de pouca fralda, cingidos por cima, como se cingem os Venecianos» (J. de Barros, op. cit. Déc. IV, Tome 2, Liv. VI, Chap. 2, p. 12). Fernão Lopes de Castanheda mentionne les «cabaias, & roupões de seda, ou de pano» (Ferrão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 2 vols., introd. M. Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmão, 1979, Vol. II, Liv. viii, Chap. 83, p. 705).

blancs à plusieurs plis. Si ces différences traduisent réellement l'intention de l'artiste de regrouper les individus selon une identité ethnique distincte, il reste peu de doutes quant à l'identification de ces deux groupes : les premiers représentent les Turcs (dans l'acception linguistico-culturelle la plus vaste, allant des peuples d'Asie centrale jusqu'aux rives de la Méditerranée) et les seconds les Persans (comprenant les ethnies d'expression iranienne d'Afghanistan et de la Transoxiane).

Si nous partons du principe que les aquarelles furent exécutées par un artiste autre que l'auteur des légendes, le problème des conditions d'élaboration de l'oeuvre et du possible recours à des sources de seconde main se pose doublement. Luís de Matos est d'avis que les dessins et les légendes furent conçus par la même personne, et ne prend pas en considération l'hypothèse d'une probable utilisation d'ouvrages comme source d'inspiration, les aquarelles étant selon lui le résultat de l'observation directe des sujets[14]. Toutefois, cette affirmation ne tient pas compte des détails iconographiques liés à la vraisemblance de certains éléments reproduits par les planches.

Prenons un exemple. Une des images les plus intéressantes de l'univers turco-iranien est celle se rapportant, selon les légendes, aux Turkmènes sous l'obédience du souverain safavide (Fig. C6)[15]. Les traits physiques et la garderobe de l'homme correspondent au groupe des ethnies turques ; mais le fait que la légende assimile ce personnage au šāh persan peut en effet soulever un doute. Luís de Matos avait associé le port du bonnet rouge de ce personnage aux descriptions que les voyageurs portugais avaient faites des troupes *qizilbāš* (« têtes rouges »), les guerriers turkmènes qui suivirent la doctrine pseudo-šīʿite du fondateur de la dynastie safavide et qui l'aidèrent dans sa conquête militaire de la Perse[16]. Il n'est donc pas étonnant que le personnage du *Codex* soit représenté comme un Turc. Les cavaliers issus des troupes tribales safavides (*qurčī*s)[17] ne rompirent pas avec leurs coutumes ethniques et conservèrent la moustache[18]. En outre, la langue turque était beaucoup employée à la cour safavide (surtout par l'élite militaire), ce qui favorisa très probablement le recrutement, parmi les nomades turkmènes, des Qizilbāš

---

[14] L. de Matos, op. cit., pp. 18 et 52.

[15] L'expression « Xeque Ismael » ne désigne pas nécessairement la figure historique d'Ismāʿīl Ier (r. 1501-1524), mais acquiert tout au long du XVIe siècle et même au-delà une signification plus large, se référant sans distinction à l'ensemble des souverains de la dynastie safavide.

[16] R. M. Savory, « Ḳızıl-Bāsh-», *Encyclopaedia of Islam*, 2e éd., Vol. V, Leiden, Brill, 1986, pp. 243-245 ; Hans Robert Roemer, «The Safavid Period», *in* Peter Jackson et Laurence Lockhart (ed.), *The Cambridge History of Iran*, Vol. 6 («The Timurid and Safavid Periods»), Cambridge, Cambridge University Press, 1986, pp. 205 et ss. ; Idem, «The Qizilbash Turcomans: Founders and Victims of the Safavid Theocracy», *in* Michel Mazzaoui et Vera Moreen (ed.), *Intellectual Studies on Islam: Essays Written in Honor of Martin B. Dickson*, Salt Lake City, University of Utah Press, 1990, pp. 27-39.

[17] «Corchīs» (F. L. de Castanheda, op. cit., Vol. I, Liv. III, Chap. 143, p. 840).

[18] *Tadhkirat Al-Mulūk: A Manual of Ṣafavid Administration (*circa *1137/1725)*, trad. et annot. V. Minorsky, Cambridge, Gibb Memorial Trust, 1943, p. 321.

par Šāh Ismāʿīl[19], lui-même auteur de compositions poétiques dans le même idiome sous le pseudonyme Ḫatā'ī.

Toutefois, il y a dans cette planche du *Codex Casanatense* un détail qui nous intrigue au sujet du bonnet rouge. Nous savons, d'après les éléments iconographiques safavides de l'époque, que le couvre-chef en question (généralement appelé *tāǧ-i Ḥaydarī* ou *tāǧ-i Ṣafāwī*) n'avait pas du tout la forme que nous voyons dans l'aquarelle. En effet, le *tāǧ* se caractérisait par un bonnet (*kulāh*) dont la longue extrémité cylindrique en feutre rouge était divisée en douze facettes verticales (pour les douze imāms šīʿites) et autour duquel on enveloppait ensuite un turban blanc[20]. Mais les récits portugais contemporains demeurent peu détaillés quant à la coiffe en question, ne mentionnant la plupart du temps qu'un «bonnet rouge à douze plis» sans parler concrètement du turban[21]. D'une certaine manière, le couvre-chef de l'homme du royaume d'Ormuz, illustré par la planche XVII, semble plus proche du *tāǧ-i Ḥaydarī*, sauf qu'il paraît représenter une sorte de plume ou aigrette accrochée au turban au lieu de la pointe d'un bonnet.

Quoi qu'il en soit, il ne faut pas chercher à établir des comparaisons d'une justesse clinique entre les représentations du *Codex* et les individus auxquels elles se réfèrent. Tout comme pour les recueils de costumes du XVI^e^ siècle, le plus important n'est pas le réalisme du portrait exécuté mais plutôt la signification qu'on lui attache et que celui-ci dégage. Dans le cas des

---

[19] Peter B. GOLDEN, *An Introduction to the History of the Turkic Peoples: Ethnogenesis and State-Formation in Medieval and Early Modern Eurasia and the Middle East*, Wiesbaden, Harrassowitz, 1992, p. 375.

[20] Cf. Barbara SCHMITZ, «On a Special Hat Introduced During the Reign of Shah ʿAbbās the Great», *Iran: Journal of the British Institute of Persian Studies*, 22, 1984, p. 104 ; Layla S. DIBA, «Clothing, x. In the Safavid and Qajar periods», *Encyclopaedia Iranica*, publ. décembre 1992, actual. octobre 2011, disponible sur http://www.iranicaonline.org/articles/clothing-x ; W. FLOOR, op. cit., pp. 277 et ss. ; A. HOUTUM-SCHINDLER, «Shāh Ismaʿīl», *Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, 1897, pp. 114-117.

Certains ouvrages européens du XVI^e^ siècle reproduisent, depuis le livre de Nicolas de Nicolay, le *tāǧ* associé à la tenue vestimentaire des Persans, qui sont toujours représentés de la même façon, une main tenant une lance et l'autre appuyée sur la ceinture: Nicolas de NICOLAY, *Les quatre premiers livres des pérégrinations orientales*, Lyon, Guillaume Roville, 1568, Liv. IV, Chap. 6, p. 132b ; Abraham DE BRUYN, *Omnium poene gentium imagines*... Köln, egit impensam I. Rutus, 1577, planche 43 ; Jost AMMAN et Hans WEIGEL, *Habitus praecipuorum populorum*..., Nuremberg, Hans Weigel, 1577, planche CLXXIII ; Pietro BERTELLI, *Diversarum nationum habitus*... Tome III. Padova, apud A. Alcia et P. Bertellium, Patavii, 1597, planche 93. La gravure de Vecellio échappe quelque peu à cette tradition iconographique: Cesare VECELLIO, *De gli habiti antichi, e moderni di diverse parti del mondo*, Venezia, Presso Damian Zenaro, 1590, Liv. II, fl. 453v.

[21] Rui LOUREIRO, *O manuscrito de Lisboa da* Suma Oriental: *Contribuição para uma edição crítica*, [S.l.], Instituto Português do Oriente, 1996, p. 73 ; Duarte BARBOSA, *Livro do que viu e ouvio no Oriente*, Lisboa, Alfa, 1989, p. 25 ; António TENREIRO, *Itinerario de Antonio Tenrreyro, que da India veyo per terra a este Reyno de Portugal*... 2^nde^ éd., Coimbra, João de Barreira, 1565, Chap. V, fols. 13^r^-14^v^ ; F.L. de CASTANHEDA, op. cit., Vol. I, Liv. III, Chap. 143, p. 839 ; J. de BARROS, op. cit., Déc. II, Tome 2, Liv. X, Chap. 6, p. 465 ; Mestre AFONSO, «Ytinerario», *in* António Baião (ed.), *Itinerários da Índia a Portugal por terra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923, p. 142.

Turkmènes, et en admettant que la planche XIV illustre un guerrier qizilbāš, le public auquel se destinaient les aquarelles était censé l'identifier immédiatement en tant que tel, même si l'image ne reproduisait pas fidèlement le *tāğ-i Ḥaydarī*. Si l'artiste des aquarelles avait pu observer directement les Qizilbāš portant le *tāğ*, il aurait certainement peint celui-ci de façon plus conforme à la réalité. Si, par contre, il dépendait d'une information de seconde main (par voie écrite ou orale), sa représentation des bonnets safavides restait naturellement plus subjective.

L'aquarelle représentant les Ǧazā'irīs (*Jizares*, les « Arabes des marais » du bas Irak, Fig. C7) est également étonnante et soulève d'autres problèmes au niveau de l'identification des personnages. L'artiste peint ces derniers avec une arquebuse, la légende de la figure énonçant qu'ils « sont de grands tireurs ». Mais rien ne nous indique que les Ǧazā'irīs possédaient alors un nombre considérable d'armes à feu ou qu'ils excellaient dans l'utilisation de l'arquebuse. João de Barros, dans sa description des troupes de Ǧazā'irīs lors du conflit avec le souverain Muntafiq en 1529, dit simplement qu'ils comptaient environ 12 000 guerriers dont la plupart étaient archers, mais ne mentionne pas la présence de soldats munis d'armes à feu. Par contre, l'armée de Baṣra détenait dans ses rangs 600 *espingardeiros*[22]. En outre, même après la conquête turque de Baṣra, les « Arabes des marais », dont l'armement n'avait pas connu de grands changements, ne jouissaient pas d'une grande réputation dans le maniement des armes à feu[23], même si un document portugais de l'époque fait état d'un nombre incroyable d'*espingardeiros* parmi les forces Ǧazā'irīs[24].

---

[22] J. de BARROS, op. cit., Déc. IV, Tome 1, Liv. III, Chap. 14, p. 344. Cf. Cristóvão de Mendonça à João III, Ormuz, 11.VII.1528, in *Gavetas da Torre do Tombo*, 12 vols., Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960-1977, Vol. V, pp. 115-116.

[23] Même s'ils étaient mal armés – ils possédaient surtout des arcs et des lances, et très peu d'arquebuses et d'artillerie –, les Ǧazā'irīs pratiquaient un type de guerre tout à fait adapté aux conditions marécageuses du Šaṭṭ al-'Arab. Ils s'y déplaçaient au moyen de radeaux ou de vessies remplies d'air qui les aidaient à échapper aux tirs des canons venus des forteresses ottomanes. En 1566, ils réussirent à obtenir des Turcs des armes à feu et assiégèrent Baṣra avec vingt mille guerriers, essayant d'affamer les habitants à l'intérieur des murs. L'approche de renforts venus de Syrie décida finalement les Ǧazā'irīs à lever le siège, en 1567. Cf. George William Frederick STRIPLING, *The Ottoman Turks and the Arabs, 1511-1574*, Urbana, University of Illinois Press, 1942, pp. 83-84.

[24] Le capitaine d'Ormuz, D. Manuel de Lima, rapporte en décembre 1547 au vice-roi que les Ǧazā'irīs comptaient dans leurs troupes 30 000 *espingardeiros*! (D. Manuel de Lima à D. João de Castro, Ormuz, 3.XII.1547, in *Obras Completas de D. João de Castro*, éd. Armando Cortesão et Luís de Albuquerque, 4 vols., Coimbra, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1968-1982, Vol. III, p. 481). Selon Lima, cette information lui aurait été transmise par une lettre de Domingos Barbudo, un agent portugais en mission à Baṣra à ce moment. Mais ce dernier évoque en réalité un renfort de près de 20 000 guerriers turkmènes envoyés par le souverain safavide, Šāh Ṭahmāsp, auquel s'ajoutaient 500 *danacos* (petites embarcations fluviales) des Ǧazā'irīs «com artilharia e com muitos espimguardeiros e freçheiros e jemte de cavalo» (Domingos Barbudo à D. Manuel de Lima, Baṣra, 5.XI.1547, in ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO [ANTT], *Cartas a D. João de Castro*, Liv. 1 «Cartas de Ormuz», fl. 131r).

A partir de ces informations, il convient donc d'interroger la justesse des observations d'ordre ethnique exposées dans les légendes. Ainsi peut-on se demander si la figure se rapportant aux Ğazā'irīs dans le *Codex* ne ferait pas plutôt référence aux Rūmīs (*Rumes*, Fig. C5), dont la pratique de l'artillerie et la manipulation des armes à feu étaient reconnues à travers le Moyen-Orient[25]. Pourtant, l'arquebuse n'apparaît pas dans les aquarelles représentant les *Rumes* et leur armement, ce qui nous semble assez singulier[26]. Or, si nous partons du principe que la planche des *Jizares* ne représente personne d'autre que les *Rumes*, à quelle population fait référence l'aquarelle renvoyant, selon sa légende, à ces mêmes *Rumes* ? Sachant que la figure de l'homme représente un individu appartenant clairement au groupe que nous avons identifié comme étant celui des Turcs (exception faite de son turban), l'image représente peut-être des Baṣrīs.

Les couples incarnant les Ḫurāsānīs (*Coraçones*, Fig. C9) et les Šīrāzīs (*Xirazes*, Fig. C10) constituent un autre cas problématique de l'ensemble des aquarelles, en raison notamment des similitudes qui les associent l'un à l'autre. Les hommes portent le même type de vêtement – manteau long, ceinture, chaussures et turban –, ont la même pose – la main gauche appuyée sur la garde de l'épée, la droite au niveau de la ceinture –, la même apparence physique – tous deux arborent une barbe. Les deux femmes sont aussi dépeintes selon de nombreux traits communs : même coiffure, même vêtement, mêmes chaussures et même posture, offrant toutes deux une fleur à l'homme[27]. Cependant, l'introduction d'un groupe décrit comme étant des Ḫurāsānīs reste un choix curieux (même si Tomé Pires cite le Ḫurāsān

---

[25] Voir, par exemple, Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, 4 vols., introd. M. Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmão, 1975, Vol. III, p. 870. Cf. Halil İnalcik, «The Socio-Political Effects of the Diffusion of Fire-arms in the Middle East», *in* Vernon J. Parry et Malcolm Yapp (ed.), *War, Technology and Society in the Middle East*, London, Oxford University Press, 1975, pp. 195-217 ; Gábor Ágoston, *Guns for the Sultan: Military Power and the Weapons Industry in the Ottoman Empire*, Cambridge, Cambridge University Press, 2005, p. 194.

[26] Ajoutons que, dans les livres de costumes du XVI^e^ siècle, les seuls personnages issus du monde turco-iranien représentés avec une arquebuse à l'épaule sont les Janissaires. Cf. N. de Nicolay, op. cit., Liv. III, Chap. 3, p. 86 ; A. de Bruyn, op. cit., planche 38 ; J. Amman et H. Weigel, op. cit., planche CXCIII ; P. Bertelli, op. cit., planche 88 ; C. Vecellio, op. cit., Liv. I, fl. 386r.

[27] L'image qui montre une femme en train d'offrir une fleur à son compagnon n'est pas inhabituelle dans ce genre d'ouvrage. Dans les *Icones Habitus Getusque Indorum* de Linschoten, les gravures illustrant les couples malais et chinois reproduisent la même action. Selon Van den Boogaart, ce type de mise en scène iconographique est évocatif d'un contexte de séduction et constitue une démonstration d'intérêt sexuel de la part des personnages (Ernst van den Boogaart, *Civil and Corrupt Asia: Image and Text in the Itinerario and the Icones of Jan Huygen van Linschoten*, Chicago, University of Chicago Press, 2003, pp. 12-13). Dans un des recueils d'habits de la fin du XVI^e^ siècle, la planche intitulée « *Maura virgo algeriana* » montre une femme en train d'offrir une fleur à son compagnon (« *Maurus algerianum mancipatus* »). Dans ce cas précis, le caractère prénuptial des individus ne laisse pas de doutes quant à la signification de l'offrande (P. Bertelli, op. cit., planche 92). Cette image est nettement inspirée d'une composition publiée dans A. de Bruyn, op. cit., planche 49.

comme l'une des provinces de la Perse safavide)[28], et pose un défi à notre compréhension au regard de la cohérence géographique de l'ensemble.

Les populations sont présentées, du moins d'après les légendes, selon la logique qui anime les premières descriptions de l'océan Indien par Duarte Barbosa et Tomé Pires et qui correspondent d'une façon générale aux territoires sous l'influence de l'*Estado da Índia*. De ce point de vue, le couple du Ḫurāsān peut paraître hors sujet, dans la mesure où les Portugais non seulement n'ont jamais voyagé au XVI^e^ siècle dans cette région de l'Asie centrale, mais n'ont pas noué de relations commerciales directes avec ses habitants. Toutefois, ces derniers sont mentionnés dans les descriptions des troupes au service des armées de Cambay et de Bijapur[29], ainsi que dans les listes de commerçants présents au Gujarat et au Bengale[30]. Ce détail constitue un argument de poids venant soutenir l'origine gujarati des aquarelles, même si l'on ne connaît que très peu de choses sur la vie des Ḫurāsānīs à Cambay. Mais une fois encore la question émerge : pourquoi ferait-on confiance à l'information livrée par la légende si aucun trait du portrait ne permet d'identifier de façon précise l'origine ethnique du couple concerné ?

Détail encore plus curieux, le fait que, selon une logique géographique et sachant que l'inventaire des images se fait *grosso modo* d'Ouest en Est, l'ordre des deux planches semble inversé. Normalement, l'image des Šīrāzīs devrait précéder celle des Ḫurāsānīs. Toutefois, cette particularité du *Codex* peut s'expliquer d'une autre façon, si l'on tient compte d'un détail commun aux deux aquarelles. Dans l'image censée représenter le couple Ḫurāsānī, la femme a été peinte en train d'offrir une fleur à l'homme. Or, en lisant la *Década II* de João de Barros, nous découvrons que la ville de Herāt, haut lieu de la province Ḫurāsānī, était connue pour ses belles roses[31], raison pour laquelle on l'appelait *šahr gulzār*, « ville-jardin de roses » :

> [...] cidade Heric, ou Here [Herāt] Metropoli do Reyno Horaçon, a qual estava assentada em huma comarca mui graciosa, e fértil, por ser regada per espaço de trinta leguas de hum rio, ao qual por não ter nome proprio, que á nossa noticia viesse, per nome commum dizem o rio de Heric[32]. E por a fertilidade della os Persas lhe chamam Xar Gulzar, que quer dizer Cidade de rosas; porque na verdade por as muitas que nella ha quando he no tempo, costumam

[28] R. Loureiro, op. cit., p. 65.

[29] R. Loureiro, op. cit., p. 77 ; F. L. de Castanheda, op. cit., Vol. I, Liv. III, Chap. 130, p. 808 et Chap. 66, p. 659 et Chap. 67, p. 660 ; D. Barbosa, op. cit., 38 ; G. Correia, op. cit., Vol. IV, p. 569 ; Jacinto Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro, Quarto Viso-Rey da India*, éd. Fr. Francisco de S. Luiz, Lisboae, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1835, p. 460.

[30] R. Loureiro, op. cit., pp. 83 et 87 ; F. L. de Castanheda, op. cit., Vol. I, Liv. IIII, Chap. 37, p. 930.

[31] La région de Herāt était en effet très fertile et ses nombreux vergers et jardins (dont un nombre significatif de roses) jouissaient, selon un traité agricole du début du XVI^e^ siècle, d'une certaine réputation. Cf. Maria E. Subtelny, *Timurids in Transition: Turko-Persian Politics and Acculturation in Medieval Iran*, Leiden, Brill, 2007, pp. 117-118.

[32] Il s'agit du Harī Rūd.

> andarem pelas ruas cargas dellas, e alugam quantas querem, pera os mimosos, e viçosos as lançarem na cama, e depois as tornam a seu dono; o que tambem costumam em Xiraz huma Cidade junto de Ormuz, onde ha muitas[33].

Les correspondances picturales entre les deux planches et le fait que le chroniqueur associe ces deux régions en parlant de la renommée de leurs roses ne sont peut-être pas fortuits. Si nous partons du principe que l'artisteayant réalisé les aquarelles du *Codex Casanatense* n'est pas responsable des légendes qui l'accompagnent, l'identification des personnages suscite des doutes. Il se peut que l'auteur des légendes, n'étant pas tout à fait certain de reconnaître les couples représentés, ait eu recours à une source écrite. La *Década II* de Barros fut publiée pour la première fois en 1553 à Lisbonne et connut une diffusion relativement rapide, jusqu'à apparaître dans une traduction italienne (conjointement avec la *Década I*) neuf ans plus tard. Il n'est donc pas improbable que le responsable des légendes ait eu vent de cette partie du texte de la chronique en essayant d'identifier les deux couples, même si la femme šīrāzī semble offrir ce qui semble être un fruit à son compagnon et non une fleur.

Cette hypothèse nous paraît la seule capable d'identifier et d'expliquer les représentations de ces deux planches. Si l'on ne peut établir un cadre de références visuelles en fonction de l'appartenance religieuse des individus figurés – ou les *Turquimões* auraient été peints de façon semblable aux autres Persans de confession šī'ite –, seul le texte de Barros, en revanche, fournit une clé explicative. Le fait que les couples *Coraçones* et *Xirazes* soient représentés de façon très similaire et selon un code pictural qui nous amène à les considérer comme des Persans, reste un facteur essentiel ; surtout quand on sait que le Ḫurāsān fut, pendant tout le XVI^e^ siècle, une province disputée entre puissances régionales et que le contrôle du territoire passa à plusieurs reprises des mains des Safavides à celles des Ouzbeks, qui regroupaient des populations de souche turco-moghole. Cette question de la distinction ethnique entre groupes partageant le même pays nous conduit à un dernier commentaire au sujet des aquarelles du *Codex Casanatense* relatives au monde turco-iranien.

Les deux planches censées représenter les *Patanes* (Fig. C11) et les *Patanas* (Fig. C10) montrent des personnages à cheval en train de manier l'arc. Les premiers sont habillés de façon identique aux *Xirazes* et *Coraçones* mais arborent un turban différent de celui des planches précédentes, d'une plus grande taille et avec les deux extrémités du tissu s'échappant au niveau de la nuque. Les *Patanas* sont, quant à elles, représentées de manière distincte des figures féminines précédentes et ne peuvent être comparées qu'à celle illustrée dans la planche sur le roi de Cambay (Fig. C13). Le fait que la légende indique qu'il s'agit d'une « gent très belliqueuse » est souligné par la posture martiale des cavaliers : leur arme est très probablement un arc

[33] J. de Barros, op. cit., Déc. II, Tome 2, Liv. X, Chap. 6, pp. 467-468.

composite[34], originaire d'Asie centrale et introduit au sein des troupes des dynasties musulmanes de l'Inde septentrionale à partir du XI^e siècle, alors que les guerriers indiens utilisaient l'arc simple constitué d'une pièce unique de bois[35]. Cela renvoie clairement au binôme cavalier-archer qui fut l'apanage des guerriers des steppes et qui révolutionna l'art de la guerre non seulement dans le monde turco-iranien mais aussi en Hindūstān. D'un point de vue purement thématique, nous pouvons aisément rapprocher cette image de celle désignant les Turkmènes, même si les vêtements et l'apparence physique des deux guerriers ne sont pas visuellement identiques.

La planche des *Patanes* ne concerne pas uniquement les habitants de Patna, comme l'a cru Luís de Matos, mais plutôt le groupe ethnique de souche iranienne connu sous la désignation de Paštūn (ou Paḫtūn), l'ethnonyme Paṭhān étant la désignation adoptée dans le sous-continent indien[36]. En effet, la mention des *Patanes* reste rare dans les sources portugaises du XVI^e siècle, et s'insère dans le contexte de leurs conflits avec les Moghols, de l'interrègne marqué par l'échec d'Humāyūn et par l'ascension de Šīr Šāh (le *Xercansor* [Šēr Ḫān Sūr] ou *Xircan* des sources portugaises), et de la campagne de ce dernier contre le Bengale en 1535. Par contre, ce que la légende des deux planches indique rappelle la description de Castanheda des armées mogholes.

> El Rey dos Mogores despois que determinou de pelejar com elrey de Cãbaya, partio de suas terras com duzentos mil de caualo, os cincoenta mil acubertados, & estes eram Mogores, os outros de caualos ligeiros, Tartaros, Tarquimães, Coraçones, & Delis, & cadahũ destes acubertados leuaua hũ moço de tras de si cõ hũ zaguncho, & alforge cõ mantimẽto, [...] e assi hião neste campo muytas molheres solteyras todas a caualo & com arcos & frechas com que tirauão.[37]

Le mélange ethnique caractérisant les grandes confédérations tribales de l'Asie centrale n'était pas inconnu des chroniqueurs portugais, qui insistent sur la mosaïque de peuples qui composaient les forces de Bābur, un ensemble qualifié de Moghol, même si seule une partie de ces guerriers pouvait être véritablement considérée comme tel[38]. Ironie de l'Histoire, Bābur,

---

[34] Construit à partir d'un assemblage de bois, de corne et de nerfs de cervidés ou de bovidés.

[35] Cf. Jos GOMMANS, «Warhorse and gunpowder in India, c. 1000-1850», *in* Jeremy Black (ed.), *War in the Early Modern World, 1450-1815*, London, UCL Press, 1999, p. 110 ; IDEM, *Mughal Warfare*, London, Routledge, 2002, p. 118.

[36] H.W. BELLEW, *The Races of Afghanistan, Being a brief account of the principal nations inhabiting that country*, Calcutta, Thacker, Pink & Co., 1880, pp. 56-57 ; Olaf CAROE, *The Pathans, 550 B.C – A.D. 1957*, London/New York, Macmillan/St. Martin's Press, 1958, p. XV.

[37] F. L. de CASTANHEDA, op. cit., vol. II, liv. VIII, chap. 95, pp. 724-725.

[38] F. L. de CASTANHEDA, op. cit., Vol. II, Liv. VIII, Chap. 83, p. 706. Cf. J. de BARROS, op. cit., Déc. IV, Tome 2, Liv. VI, Chap. 2, p. 15. Cf. António Pinto PEREIRA, *História da Índia no tempo em que a governou o visoRey Dom Luís de Ataíde*, introd. Manuel Marques Duarte, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, Liv. I, Chap. 5, p. 28.

qui n'appréciait guère les Moghols (« Mongols »)[39] et qui avait pâti de leur couardise lors de l'offensive des Ouzbeks à Samarqand en 1501[40], fonda un empire dans le nord de l'Hindūstān que la postérité qualifiera de moghol au lieu d'indo-tīmūride, désignation pourtant plus appropriée[41]. En fait, le vocable « moghol » désignait souvent en Inde une réalité sociologique et non une appartenance ethnique, un peu comme l'emploi indistinct de « turk » en Asie centrale et de « tartar » en Europe : ce sont des termes très vagues qui renvoient à des populations vivant dans les steppes eurasiennes et dont le mode de vie restait essentiellement nomade[42]. Comme elles qualifiaient des gens qui se situaient en marge de la civilisation, ces désignations portaient une signification assez péjorative. Il faut ajouter que l'élément identitaire en Asie centrale renvoie essentiellement au partage d'un même *modus vivendi* plutôt qu'à une affinité linguistico-culturelle ou à une origine géographique commune[43].

D'ailleurs, João de Barros établit, dans sa *Década IV*, un lien direct entre les Moghols et les Paṭhāns, soulignant la rivalité constante entre ces deux peuples pour la domination de la passe de Khyber et la conquête du royaume de Delhi[44]. Le chroniqueur portugais ne dresse aucune description des

---

[39] Le mot « Moghol » dérive du persan *Muġūl* («Mongol») et c'est sous cette dénomination que les troupes de Bābur se sont fait connaître en Occident.

[40] « L'armée mongole qui nous était venue en renfort n'avait plus la force de combattre. Ils abandonnèrent le combat et se mirent aussitôt à dépouiller et à démonter nos gens. Ce ne fut pas seulement cette fois-là qu'ils agirent ainsi ; telle est toujours la façon de faire de ces misérables Mongols. S'ils vainquent, ils prennent du butin. S'ils sont vaincus, ils dépouillent leurs propres gens, les démontent et prennent du butin » (Bābur, *Le livre de Babur: Mémoires de Zahiruddin Muhammad Babur, de 494 à 1529,* trad et annot. Jean-Louis Bacqué-Grammont, Paris, Publications Orientalistes de France, 1980, p. 127). Dans un des manuscrits contenant l'autobiographie de Bābur, un quatrain en persan a été ajouté à la marge dans lequel son auteur (peut-être Humāyūn lui-même) se réfère aux Mongols comme étant une race détestable (Idem, *The Bābur-nāma in English (Memoirs of Bābur)*, trad. Annette S. Beveridge, 2 vols., London, Luzac & Co., 1922, Vol. I, pp. 140-141, n. 2). Cette animosité envers les Mongols est aussi attestée par les sources portugaises. Cf. J. de Barros, op. cit., Déc. IV, Tome 2, Liv. VI, Chap. 1, p. 2 ; Antonio Monserrate, *The Commentary of Father Monserrate, S.J. on his journey to the court of Akbar*, trad. J. S. Hoyland et annot. S. N. Banerjee, London, Humphrey Milford/Oxford University Press, 1922, pp. vi-vii.

[41] Marshall G. S. Hodgson, *The Venture of Islam: Consequence and History in a World Civilization*, Vol. III («The Gunpowder Empires and Modern Times»), Chicago, University of Chicago Press, 1977, p. 62, n. 2. Cf. Annette Beveridge, *in* Bābur, *The Bābur-nāma*, op. cit., Vol. I, p. 320, n. 2.

[42] Cf. N. Elias, «Introduction», *in* Muḥammad Ḥaydar Mīrzā Duġlāt, *The Tarikh-i-Rashidi: A History of the Moghuls of Central Asia*, trad. E. Denison Ross, London, Sampson Low, Marston & Co., 1895, pp. 83 et ss. Cf. Peter Jackson, *The Delhi Sultanate: A Political and Military History*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999, p. 326 ; Idem, *The Mongols and the West, 1221-1410*, Harlow, Pearson/Longman, 2005, p. 41.

[43] Les habitants de l'Asie centrale se divisaient entre une population sédentaire agricole et des nomades éleveurs, l'histoire de la région s'étant toujours faite autour de l'interaction entre ces deux systèmes politico-économiques (Peter B. Golden, op. cit., pp. 1 et ss. ; Idem, *Central Asia in World History*, Oxford, Oxford University Press, 2011, p. 1).

[44] J. de Barros, op. cit., Déc. IV, Tome 2, Liv. VI, Chap. 1.

Paṭhāns et de leurs armées, mais le fait de les associer d'une façon tellement marquée aux Moghols indique déjà à quel point les deux ethnies étaient dans son esprit assez semblables. D'autre part, et ce qui nous paraît plus important de noter dans l'analyse de la planche des *Patanes*, Barros remarque la grande habileté des Moghols au tir à l'arc :

> [...] arcos, e fréchas, que he a sua natural arma para pelejar; e tirando os Tartaros Uzbeques de Camarcant [Samarqand], e da Provincia Caxcar [Kāšġar], e dahi para cima, té contra o Norte, nenhuma nação que á nossa noticia viesse, chega aos arcos, e ao modo de tirar dos Mogoles; e quanta vantagem, os Persas fazem nestes arcos aos Turcos de Grecia, e da Natolia nossos vizinhos, tanta fazem os Mogoles aos Persas.[45]

Les deux planches identifiées comme représentant des Paṭhāns pourraient-elles donc dépeindre à l'origine une autre population telle que les Moghols? Si l'on considère la façon dont ces derniers sont décrits par Barros et Castanheda et les rares références documentaires sur l'ethnonyme *Patanes* dans les récits portugais de l'époque, cette hypothèse nous paraît plausible ; surtout si nous acceptons le fait que les légendes furent postérieures à la réalisation des aquarelles dans le *Codex*.

La désignation de *Patanes* par l'auteur des légendes ne renvoie peut-être qu'à une représentation des populations d'Afghanistan et du nord de l'Hindūstān, recoupant non seulement les Paṭhāns mais aussi d'autres ethnies afghanes et les groupes turco-moghols d'Asie centrale associés aux Moghols. Le sultanat de Delhi, une puissance régionale qui connut plusieurs dynasties, fut d'abord l'oeuvre de Turcs puis d'Afghans[46]. L'arrivée des armées de Bābur ne représenta qu'une nouvelle phase de la domination turco-iranienne dans le nord du sous-continent, cette fois-ci sous l'emprise d'un souverain de la lignée tīmūride. Etant donné que la dernière dynastie sur le trône de Delhi était d'origine afghane – les Lōdīs (1451-1526) –, l'artiste a pu avoir à l'esprit le modèle des guerriers de Delhi en réalisant la planche censée représenter les Paṭhāns.

La domination politique de l'Hindūstān resta entre les mains des envahisseurs étrangers pendant plusieurs siècles, et l'identité ethnique des différentes dynasties en place n'est pas toujours clairement définie. En fait, avec l'arrivée des Ġaznavides dans le nord de l'Inde au Xe siècle, les troupes turques s'associèrent aux guerriers des tribus afghanes, et bien que n'appartenant pas à la même famille linguistique, ces derniers finirent par se mélanger au cours des siècles suivants avec les Turcs, Moghols et autres populations issues d'Asie centrale[47]. Parmi elles figuraient les Ḫalağīs (ou

---

[45] J. de Barros, op. cit., Déc. IV, tome 2, liv. VI, chap. 2, p. 14. Cf. F. L. de Castanheda, op. cit., vol. II, liv. VIII, chap. 83, p. 706.

[46] Sur le sultanat de Delhi, l'ouvrage de référence est P. Jackson, *The Delhi Sultanate*, cit.

[47] André Wink, *Al-Hind: The Making of the Indo-Islamic World*, Vol. II («The Slave Kings and the Islamic Conquest, 11th-13th Centuries»), Leiden, Brill, 1996, p. 116.

Ḫalǧīs), un groupe ethnique d'origine méconnue mais turquicisée qui adoptera plus tard le persan, résultat de ses contacts continus avec les Afghans. A la fin du XIIIe siècle, une partie d'entre eux réussirent à prendre le pouvoir à Delhi, donnant leur nom à la dynastie qui perdurera jusqu'en 1320, tandis qu'un autre groupe restera dominant dans le royaume de Mālwā, de 1436 jusqu'à son annexion par le Gujarat en 1531[48]. Lorsque Tomé Pires se réfère aux femmes de *Mandou* (Māndū, le chef-lieu de Mālwā) et à leur coutume consistant à chasser à cheval comme les hommes[49], il ne parle pas d'un autre peuple que celui des Ḫalaǧīs afghanisés.

La poussée moghole vers l'Hindūstān et la conquête du sultanat de Delhi en 1526 par Bābur, suivie de la reconquête menée par son fils Humāyūn en 1556, entraînèrent la fuite des populations afghanes du nord-ouest du sous-continent, en direction du Bihār et du Bengale. Les Paṭhāns furent dorénavant associés à cette région orientale et y régnèrent en maîtres jusqu'à son absorption dans l'Empire moghol en 1574[50]. Même en sachant que l'ordre des planches du *Codex* ne suit probablement qu'imparfaitement l'enchaînement géographique des différents peuples représentés, le fait d'inclure le portrait des *Patanes* entre celui des Sindhīs et celui des habitants du royaume de Cambay révèle que la présentation de cette planche ne concerne sans doute pas les tribus afghanes du Bengale et de Bihār. Si tel avait été le cas, l'image du couple serait certainement insérée dans une autre partie de cet ensemble, non loin de la planche qui dresse le portrait des Bengalīs[51]. Mais en réalité, les *Patanes* et *Patanas* sont implicitement identifiés comme des habitants du nord-ouest de l'Inde, ce qui, partant du principe que le choix ne ciblerait que les peuples détenant un certain pouvoir à l'échelle régionale, placerait la rédaction du texte des légendes dans une fourchette chronologique précise : entre 1540 – moment de la défaite d'Humāyūn – et 1556 – date de la reprise de Delhi par le même souverain moghol. Ceci n'invalide pas le fait que l'objet initial de l'artiste responsable des aquarelles était peut-être autre que les Paṭhāns.

Beaucoup de questions soulevées par les aquarelles du *Codex Casanatense* restent sans réponse définitive. Nous avons cherché, dans ce bref article, à relancer le débat sur les rapports entre certaines images et les légendes qui les expliquent, à partir d'un groupe limité d'aquarelles – celles appartenant à l'axe civilisationnel turco-iranien – et en essayant de maintenir un esprit ouvert quant à la possible utilisation de sources écrites dans l'éla-

---

48 Voir K. S. Lal, *History of the Khaljis (1290-1320)*, Allahabad, Indian Press Ltd., 1950 ; Upendra Nath Day, *Medieval Malwa: A Political and Cultural History, 1401-1562*, Delhi, Munshiram Manoharlal, 1965.

49 R. Loureiro, op. cit., p. 89.

50 Richard M. Eaton, *The Rise of Islam and the Bengal Frontier, 1204-1760*, Berkeley, University of California Press, 1993, pp. 140-142.

51 L. de Matos, op. cit., planche LXVIII.

boration de l'oeuvre. Nous avons ainsi pu détecter un cas où la consultation de João de Barros a peut-être poussé l'auteur des légendes à des choix d'identification discutables, comme nous avons également questionné, par ailleurs, la cohérence de certains autres ethnonymes par rapport aux éléments picturaux des différentes planches. Au-delà de toute ambition réaliste dans la représentation artistique des personnages, il nous semble plus important de souligner le caractère de « mécanique de reconnaissance » que les aquarelles peuvent avoir sur l'esprit du lecteur, dans la mesure où certains éléments iconographiques sont probablement destinés à regrouper les individus selon une appartenance ethnique. En effet, nous pensons que les images donnent la clé pour identifier les populations représentées selon une logique de classement entre deux grandes familles linguistico-culturelles: les Turcs et les Persans. Naturellement, cette distinction ne suffit pas à établir des identités plus précises, et étant donné la diversité ethnique des populations du monde turco-iranien, nous pouvons toujours trouver des interprétations qui mettent en cause le jugement de l'auteur des légendes du *Codex*.

Sources Manuscrites

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO [ANTT]
Cartas a D. João de Castro, Liv. 1 «Cartas de Ormuz», fl. 131r.

Bibliographie

Afonso, Mestre, «Ytinerario», in António Baião (ed.), *Itinerários da Índia a Portugal por terra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923.

Ágoston, Gábor, *Guns for the Sultan: Military Power and the Weapons Industry in the Ottoman Empire*, Cambridge, Cambridge University Press, 2005.

Além-Mar: Códice Casanatense 1889 com o Livro do Oriente de Duarte Barbosa, introd. Fernand Braudel, Lisboa/Milano, Bertrand/Franco Maria Ricci, 1984.

Amman, Jost & Hans Weigel, *Habitus praecipuorum populorum...*, Nuremberg, Hans Weigel, 1577.

Andrade, Jacinto Freire de, *Vida de D. João de Castro, Quarto Viso-Rey da India*, éd. Fr. Francisco de S. Luiz, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1835.

Bābur, *The Bābur-nāma in English (Memoirs of Bābur)*, trad. Annette S. Beveridge, 2 vols., London, Luzac & Co., 1922.

Bābur, *Le livre de Babur: Mémoires de Zahiruddin Muhammad Babur, de 494 à 1529,* trad. & annot. Jean-Louis Bacqué-Grammont, Paris, Publications Orientalistes de France, 1980.

Barbosa, Duarte, *Livro do que viu e ouvio no Oriente*, Lisboa, Alfa, 1989.

Barros, João de, *Da Asia*, 4 vols. en 8 tomes, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1777.

BELLEW, H. W., *The Races of Afghanistan, Being a brief account of the principal nations inhabiting that country*, Calcutta, Thacker, Pink & Co., 1880.

BERTELLI, Pietro, *Diversarum nationum habitus...,* Tome III, Padova, apud A. Alcia et P. Bertellium, Patavii, 1597.

BLANC, Odile, « Images du monde et portraits d'habits: les recueils de costumes à la Renaissance », *Bulletin du Bibliophile*, 1995, pp. 221-261.

BLANC, Odile, « Ethnologie et merveille dans quelques livres de costumes français », in Marie Viallon (ed.), *Paraître et se vêtir au XVIe siècle: Actes du XIIIe Colloque du Puy-en-Velay*, Saint-Etienne, Publications de l'Université de Saint-Etienne, 2006, pp. 77-93.

BOOGAART, Ernst van den, *Civil and Corrupt Asia: Image and Text in the Itinerario and the Icones of Jan Huygen van Linschoten*, Chicago, University of Chicago Press, 2003.

CANFIELD, Robert (ed.), *Turko-Persia in Historical Perspective*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

CAROE, Olaf, *The Pathans, 550 B.C-A.D. 1957*, London/New York, Macmillan/St. Martin's Press, 1958.

CASTANHEDA, Ferrão Lopes de, *História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses*, 2 vols., introd. M. Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmão, 1979.

CORREIA, Gaspar, *Lendas da Índia*, 4 vols., introd. M. Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmão, 1975.

DALGADO, Sebastião Rodolfo, *Glossário Luso-Asiático*, 2 vols., Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1919-1921.

DAY, Upendra Nath, *Medieval Malwa: A Political and Cultural History, 1401-1562*, Delhi, Munshiram Manoharlal, 1965.

DE BRUYN, Abraham, *Omnium poene gentium imagines...* Cologne, egit impensam I. Rutus, 1577.

DEFERT, Daniel, « Un genre ethnographique au XVIe siècle: Les livres d'habits », in Britta Rupp-Eisenreich (ed.), *Histoires de l'anthropologie (XVIe-XIXe siècles): Colloque La Pratique de l'anthropologie aujourd'hui, 19-21 novembre 1981, Sèvres*, Paris, Klincksieck, 1984, pp. 25-41.

DIAS, Pedro, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822): O Espaço do Índico*, [S.l.], Círculo de Leitores, 1998.

DIBA, Layla S., «Clothing, x. In the Safavid and Qajar periods», *Encyclopaedia Iranica*, publ. décembre 1992, actual. octobre 2011, disponible sur http://www.iranicaonline.org/articles/clothing-x

DOZY, R., *Dictionnaire détaillé des noms des vêtements chez les Arabes*, Amsterdam, Jean Müller, 1845.

DOZY, R. & W. H. ENGELMANN, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*, 2e éd. rev. et augm., Leiden, Brill, 1869.

EATON, Richard M., *The Rise of Islam and the Bengal Frontier, 1204-1760*, Berkeley, University of California Press, 1993.

ELIAS, N., «Introduction», in Muḥammad Ḥaydar Mīrzā Duġlāt, *The Tarikh-i-Rashidi: A History of the Moghuls of Central Asia*, trad. E. Denison Ross, London, Sampson Low, Marston & Co., 1895.

FLOOR, Willem, *The Persian Textile Industry in Historical Perspective, 1500-1925*, Paris, Société d'Histoire de l'Orient/L'Harmattan, 1999.

Gavetas da Torre do Tombo, 12 vols., Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960-1977.

GOETZ, Hermann, «Persians and Persian Costumes in Dutch Painting of the Seventeenth Century», *The Art Bulletin*, Vol. 20, n° 3 (1938), pp. 280-290.

GOLDEN, Peter B., *An Introduction to the History of the Turkic Peoples: Ethnogenesis and State-Formation in Medieval and Early Modern Eurasia and the Middle East*, Wiesbaden, Harrassowitz, 1992.

GOLDEN, Peter B., *Central Asia in World History*, Oxford, Oxford University Press, 2011.

GOMMANS, Jos, *Mughal Warfare*, London, Routledge, 2002.

GOMMANS, Jos, «Warhorse and gunpowder in India, c. 1000-1850», in Jeremy Black (ed.), *War in the Early Modern World, 1450-1815*, London, UCL Press, 1999, pp. 105-127.

HODGSON, Marshall G.S., *The Venture of Islam: Consequence and History in a World Civilization*, vol. III («The Gunpowder Empires and Modern Times»), Chicago, University of Chicago Press, 1977

HOUTUM-SCHINDLER, A., «Shāh Ismaʿīl», *Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, 1897, pp. 114-117.

ILG, Ulrike, «The Cultural Significance of Costume Books in Sixteenth-Century Europe», in Catherine Richardson (ed.), *Clothing Culture, 1350-1650*, Aldershot, Ashgate, 2004, pp. 29-47.

İNALCIK, Halil, «The Socio-Political Effects of the Diffusion of Fire-arms in the Middle East», in Vernon J. Parry & Malcolm Yapp (eds.), *War, Technology and Society in the Middle East*, London, Oxford University Press, 1975, pp. 195-217.

JACKSON, Peter, *The Delhi Sultanate: A Political and Military History*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999.

JACKSON, Peter, *The Mongols and the West, 1221-1410*, Harlow, Pearson/Longman, 2005.

LACH, Donald F., *Asia in the Making of Europe*, 3 vols. en 9 tomes, Chicago, University of Chicago Press, 1965-1993.

LAL, K. S., *History of the Khaljis (1290-1320)*, Allahabad, Indian Press Ltd., 1950.

LOUREIRO, Rui, *O manuscrito de Lisboa da* Suma Oriental: *Contribuição para uma edição crítica*, [S.l.], Instituto Português do Oriente, 1996.

MACHADO, José Pedro, *Influência arábica no vocabulário português*, 2 vols., Lisboa, Edição de Álvaro Pinto («Revista de Portugal»), 1958.

MATOS, Luís de (ed.), *Imagens do Oriente no Século XVI: Reprodução do Códice Português da Biblioteca Casanatense*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

MONSERRATE, Antonio, *The Commentary of Father Monserrate, S.J. on his journey to the court of Akbar*, trad. J. S. Hoyland & annot. S. N. Banerjee, London, Humphrey Milford/Oxford University Press, 1922.

MOTA, Maria Manuela, «Códice Casanatense: An Indo-Portuguese Portrait of Life in 16th-Century India», in José Pereira & Pratapaditya Pal (eds.), *India & Portugal: Cultural Interactions*, Mumbai, Marg Publications, 2001, pp. 35-45.

NICOLAY, Nicolas de, *Les quatre premiers livres des pérégrinations orientales*, Lyon, Guillaume Roville, 1568.

Obras Completas de D. João de Castro, éd. Armando Cortesão & Luís de Albuquerque, 4 vols., Coimba, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1968-1982.

PEREIRA, António Pinto, *História da Índia no tempo em que a governou o visoRey Dom Luís de Ataíde*, introd. Manuel Marques Duarte, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

POMIAN, Krzysztof, *Collectionneurs, amateurs et curieux. Paris, Venise: XVIe-XVIIe siècle*, Paris, Gallimard, 1987.

ROEMER, Hans Robert, «The Qizilbash Turcomans: Founders and Victims of the Safavid Theocracy», in Michel Mazzaoui & Vera Moreen (eds.), *Intellectual Studies on Islam: Essays Written in Honor of Martin B. Dickson*, Salt Lake City, University of Utah Press, 1990, pp. 27-39.

ROEMER, Hans Robert, «The Safavid Period», in Peter Jackson & Laurence Lockhart (eds.), *The Cambridge History of Iran*, Vol. 6 («The Timurid and Safavid Periods»), Cambridge, Cambridge University Press, 1986, pp. 189-350.

SAVORY, R. M., «Ḳızıl-Bāsh», *Encyclopaedia of Islam*, 2e éd., Vol. V, Leiden, Brill, 1986, pp. 243-245.

SCHMITZ, Barbara, «On a Special Hat Introduced During the Reign of Shah ʿAbbās the Great», *Iran: Journal of the British Institute of Persian Studies*, 22 (1984), pp. 103-112.

SCHURHAMMER, Georg, *Orientalia*, Roma/Lisboa, Institutum Historicum Societatis Iesu/ Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963.

STILLMAN, Yedida Kalfon, *Arab Dress: From the Dawn of Islam to Modern Times: A Short History*, 2e éd. rev., Leiden, Brill, 2003.

STILLMAN, Yedida Kalfon *et al.*, «Libās», *Encyclopaedia of Islam*, 2e éd., Vol. V, Leiden, Brill, 1986, pp. 732-753.

STRIPLING, George William Frederick, *The Ottoman Turks and the Arabs, 1511-1574*, Urbana, University of Illinois Press, 1942.

SUBTELNY, Maria E., *Timurids in Transition: Turko-Persian Politics and Acculturation in Medieval Iran*, Leiden, Brill, 2007.

*Tadhkirat Al-Mulūk: A Manual of Ṣafavid Administration (*circa *1137/1725)*, trad. & annot. V. Minorsky, Cambridge, Gibb Memorial Trust, 1943.

TENREIRO, António, *Itinerario de Antonio Tenrreyro, que da India veyo per terra a este Reyno de Portugal...*, 2e éd., Coimbra, João de Barreira, 1565.

VECELLIO, Cesare, *De gli habiti antichi, e moderni di diverse parti del mondo*, Venezia, Presso Damian Zenaro, 1590.

WINK, André, *Al-Hind: The Making of the Indo-Islamic World*, vol. II («The Slave Kings and the Islamic Conquest, 11th-13th Centuries»), Leiden, Brill, 1996.

YULE, Henry & BURNELL, A. C., *Hobson-Jobson: A Glossary of Anglo-Indian Colloquial Words and Phrases, and of Kindred Terms*. Nouv. éd., London, John Murray, 1903.

ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR, Vol. XIII, 2012, pp. 153-168

"COBRAS DA ÍNDIA DE DUAS CABEÇAS NÃO FAZEM MAL" *CODEX CASANATENSE* 1889, Fl. 91

by
PETER MASON*

Più non si vanti Libia con sua rena;
ché se chelidri, iaculi e faree
produce, e cencri con anfisibena

DANTE, *Inferno*, XXIV, 85-87.

In describing what has come to be known as the juggernaut, the chariot bearing a Hindu idol that was carried in procession and was said to crush devotees under its wheels, the author of *The Travels of Sir John Mandeville* drew an explicit parallel with the world of Christianity, which was, in his view, in urgent need of moral reform: "And truly they suffer so much pain and mortification of their bodies for love of that idol that hardly would any Christian man suffer the half – nay, not a tenth – for love of Our Lord Jesus Christ".[1] Several folios of the *Codex Casanatense* depict various forms of human sacrifice too, including not only the juggernaut (fl. 78) but also a Brahman carrying a decapitated head on a platter that is reminiscent of the fate of St John the Baptist (fl. 86).[2] Between such scenes and one showing three multiple-armed deities (fl. 92), we find a half-sheet (fl. 91) showing a Brahman climbing a mountain and another half-sheet (fl. 92) with a tree, perhaps a banana tree, and three snakes. Clearly these sheets do not belong together, as the presence of a loose arm on the left-hand sheet indicates, but if they were originally in this position in the codex, a European viewer might be forgiven for having wished to read them in the light of such parallels with

* Independent scholar. Rome.

[1] J. MANDEVILLE, *The Travels of Sir John Mandeville*, trad. C. W. R. D. Moseley, Harmondsworth, Penguin, 1983, p. 126.

[2] BIBLIOTECA CASANATENSE, Rome, Ms. 1889 (Figurae variae cum hominum, tum animalium Asiae et Africae in lingua Lusitana).

Christianity too. After all, a serpent and a tree (or rather, two trees) feature in the oldest story of the Christian Bible; if the tree is to be identified as a banana tree, its scientific name *Musa sapientium* alludes to its identity with the Tree of Wisdom and its fruit is associated with the forbidden fruit that Eve offered to Adam.[3]

However, while there was a *tree* of the knowledge of good and evil in the Garden of Eden, we are here confronted by *serpents* of opposing qualities, as one is harmless and the other two are deadly.[4] Moreover, the serpent at the bottom of the picture is not biting its own tail, as in the classical symbol of eternal life, but is outstretched horizontally and has a head at each end of its body. We shall therefore find ourselves on firmer ground if we leave the position of folio 91 within the codex (its syntagmatic aspect) out of account for present purposes, and concentrate on earlier and later representations of the two-headed serpent (the paradigmatic aspect). The existence of such a creature has been called into question on many occasions. An examination of some of these will help to establish the credibility of the visual evidence presented in this folio, which in turn reflects on the credibility of the images contained in the rest of the codex.

Folio 91 of the *Codex Casanatense* shows two hooded rattlesnakes on either side of a plant or tree (Fig. C27). Below it, in between the tree and some vegetation with red flowers that frequently occurs on the other folios, is a snake labelled as follows: "cobras da india de duas cabeças não fazem mal". There is a very pointed contrast between the venomous rattlesnakes and the innocuous two-headed serpent. Indeed, the symmetry of the composition as a whole suggests an origin in heraldry rather than direct observation of the natural world, and its claims to verisimilitude have been called into question. In what follows I shall suggest a different reading.

In a very useful article on the illustration of exotic animals in sixteenth-century Portugal, Palmira Fontes da Costa concludes that the inclusion of this creature in the codex "testifies to the fact that not all representations were based on direct observation" and adds: "Moreover, the rare and the unexpected was still associated with the East".[5] It is easy to understand the reluctance of a scholar writing in the twenty-first century to accept the possibility of the existence of such a creature, and therefore to accept that the illustration of one might be based on direct observation. Indeed, doubts about the possibility of the existence of such a creature were already raised many centuries earlier. On the other hand, there is a long, if uneven, history

---

[3] P. Wagener, "O mundo das plantas nos quadros de Eckhout", in E. de Vries (ed.), *Albert Eckhout volta ao Brasil 1644-2002, Simpósio Internacional de Especialistas*, São Paulo, 2002, pp. 105-115.

[4] The first mention of the deadly bite of the hooded rattlesnake by a Portuguese writer is in the *Suma oriental* of the royal apothecary Tomé Pires, written between 1512 and 1515.

[5] P. Fontes da Costa, "Secrecy, Ostentation, and the Illustration of Exotic Animals in Sixteenth-Century Portugal", *Annals of Science*, Vol. 66, n. 1, 2009, pp. 59-82, here p. 66.

of alleged sightings of serpents with a head at each end of their body – known in the ancient world as *amphisbaenae*[6] – that extends down to a surprisingly late date. So in order to assess the credibility of the illustrator of the *Codex Casanatense*, we have to consider the fact that he was not alone in representing what seems to be an impossible being.

Consideration of alleged imaginary beings in a sixteenth-century codex has to start from an examination of what was taken to belong to the realms of possibility at the time, irrespective of present-day beliefs, claims or prejudices upheld by scientists or others.[7] In a volume of essays that may be said to mark a turning-point in the study of natural history, William Ashworth Jr. has written:

> Natural history in the Renaissance was an area of study that bore little resemblance to our modern notions of the discipline. Renaissance natural historians had reasons for studying nature and ways of writing about nature that contrast strongly with our own. The Renaissance approach is well worth understanding, since it sheds a great deal of light on Renaissance culture as a whole, but to appreciate it properly we must put aside all preconceptions of what natural history should be and allow ourselves to encounter Renaissance natural history on its own terms. We need to forget everything we know about zoology and comparative anatomy and taxonomy and be willing to entertain approaches that seem to venture far beyond the pale of what we consider science. If we can manage this, however, we will be richly rewarded. The Renaissance view of the natural world was more densely layered and more intricately interwoven than ours, and it can be a great pleasure to reconstruct that view and perhaps dwell within its sight for a brief while.[8]

To clear one matter aside, we are not here concerned with serpents with multiple heads as such. For instance, the author of a *Liber Monstrorum*, probably dating from the eighth century, included in his treatment of serpents a category of Indian serpents with two or three heads.[9] The Herculean Hydra is merely a multi-headed version of the same typology. Indeed, Thomas Browne found such a multiplicity of heads at one end of the body easier to accept than the existence of heads at opposite ends of the body: "And therefore this duplicity was ill contrived to place one head at both extreams, and had been

---

[6] The first mention in Greek literature is in the fifth-century BC *Agamemnon* of Aeschylus, line 1233, where it is used for comparison with the monstrous nature of Clytemnestra for her role in the murder of her husband Agamemnon.

[7] Cf. P. Mason, "Dos o tres cosas que sé acerca de los animales llamados imaginarios", in *Historia Naturalis De Quadrupedibus de Johannes Jonstonus. Estudios y traducción de la edición facsimilar*, Burgos, Ediciones Siloé, 2013, pp. 131-151.

[8] W. Ashworth Jr, "Emblematic natural history of the Renaissance", in N. Jardine, J. A. Secord and E. C. Spary (ed.), *Cultures of Natural History*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996, pp. 17-37, here p. 17.

[9] F. Porsia, *Liber Monstrorum (Secolo IX)*, Napoli, Liguori Editore, 2012, pp. 338-339 (though note the author's concluding words: "Among the serpents that I have described here, some are authentic, others are far from every truth", Ibid., pp. 374-375).

more tolerable to have setled three or four at one. And therefore also Poets have been more reasonable then Philosophers, and *Geryon* or *Cerberus* less monstrous than *Amphisbæna*".[10] For the most salient feature of the *amphisbaena* is the presence of a head *at each extremity of the body*. The Greek etymology of the word refers to the capacity to *move* (*bainein*) in two (opposite) directions, hence the most striking feature of the *amphisbaena* is its peculiar mode of locomotion. Claudius Aelianus, a Roman who wrote seventeen books *On the Characteristics of Animals* in Greek in the second century AD, resolved the problem in the following manner (IX, 23): "When it advances, as need for a forward movement impels it, it leaves one end behind to serve as tail, while the other it uses as a head. Then again if it wants to move backwards, it uses the two heads in exactly the opposite manner from what it did before". The sixteenth-century Bolognese polymath Ulisse Aldrovandi even mentions a serpent from Ceylon with no less than four heads that is capable of moving in the direction of all four points of the compass.[11]

A very early reference to a double-headed serpent can be found in an ancient Near Eastern text relating to Esarhaddon's march through the desert to Egypt in 671 BC, though, as Stephanie West has pointed out, it is not clear whether the reptile's two heads are both at the same end or each at one. She adds that the sand-boa, whose distribution extends to India, is often exhibited as a snake with a head at each end of its body by snake-charmers, although the existence of a second head is spurious; belief in it is facilitated by the existence of a very short, thick and blunt tail, which, if carefully manipulated, might be mistaken for a second head.[12]

The Spanish-born poet Marcus Annaeus Lucanus mentions that a trade in Egyptian reptiles developed between Egypt and Italy in his own time – the first century AD –,[13] and no doubt a growing interest in and familiarity with such exotic imports lies behind the catalogue of deadly snakes that attacked the army of Gnaeus Pompeius Magnus as it marched through Libya to be found in the ninth book of Lucanus' *Pharsalia*. This is the context in which Lucanus refers to the *amphisbaena*: according to his account – which Walter Benjamin singled out as one of the "scenes of horror" in the poem[14] –, it was one of the snakes born from Medusa's blood that dripped onto the Libyan desert as Perseus flew through the air carrying the Gorgon's head.[15]

---

[10] Thomas Browne, *Pseudodoxia Epidemica*, London, [1646], 6th ed. 1672, III.xv.

[11] U. Aldrovandi, *Serpentum, et draconum historiae libri duo*, Bologna, 1640, p. 239. The work was published posthumously.

[12] S. West, "The amphisbaena's antecedents", *The Classical Quarterly (New Series)*, Vol. 56, n. 1, 2006, pp. 290-291.

[13] M. A. Lucanus, *Pharsalia*, IX, 706-707; see L. Bodson, "A Python, *Python sebae* (Gmelin, 1789), for the King: The Third Century B.C. Herpetological Expedition to Aithiopia", *Bonner zoologische Beiträge*, Vol. 52, n. 3-4, 2004, pp. 181-191.

[14] W. Benjamin, *The Arcades Project*, trans. H. Eiland and K. McLaughlin, Cambridge and London, Belknap Press, 1999, p. 324.

[15] "[…] et grauis in geminum uergens caput *amphisbaena*», Lucanus, op. cit., IX, 719.

To these poetic sources we can add the testimony of Plinius and other prose writers, some of whom add that its eyes shine like lanterns.[16] Later works like the illustrated *Hortus Sanitatis*, published by Jacob Meydenbach in Mainz in 1491, essentially echo the same ancient and medieval sources (Fig. 1).[17]



The persistence in the sixteenth century of medieval models from the bestiaries can be seen in an illustration of a two-headed *amphisbaena* among the miniatures of animals added at some time in the century to an earlier manuscript *De omnium animalium naturis atque formis* by Pietro Candido Decembrio.[18] But it is in the same sixteenth century – when our codex was produced – that the age of geographical explorations brings with it fresh reports of the *amphisbaena*. The naturalist Pierre Belon, who in the course of his travels through the Middle East in the middle of the century had the opportunity to dissect the serpents of Lemnos, noted the persistence of the ancient Greek term to refer to a type of serpent found on the island.[19] But

---

[16] For a survey of the ancient and medieval *literary* sources, see Cl. Lecouteux, *Les monstres dans la littérature allemande du moyen âge*, Göppingen, Kümmerle, Vol. II, 1982, p. 167; for the medieval *visual* sources, see W. George and B. Yapp, *The Naming of the Beasts. Natural History in the Medieval Bestiary*, London, Duckworth, 1991, pp. 199-200.

[17] The amphisbaena is illustrated and described in this work in chapter ix of the *Liber de Animalibus*.

[18] BIBLIOTECA APOSTOLICA VATICANA, Cod. Urb. Lat. 276. The original manuscript was dedicated to Ludovico II Gonzaga. The *amphisbaena* is reproduced in *Einhorn und Nachtigall. Die 200 schönsten Miniaturen aus dem Tierbuch des Petrus Candidus,* Stuttgart and Zürich, Belser, 1993, p. 74.

[19] P. Belon, *Les observations de plusieurs singularitez et choses memorables…*, Paris, 1588, fl. 71. There is a modern edition: *Voyage au Levant (1553). Les Observations de Pierre Belon du*

it is above all the new world of the Americas that provides startling new evidence for the existence of the *amphisbaena* based on direct observation.

A word of caution is due at this point. On the American continent we have to deal with the fact that several Mexican and Andean cultures featured bicephalous beings in their mythologies. One of the most famous Mesoamerican items in the British Museum is a ceremonial object consisting of a turquoise mosaic of a serpent with a head at either end of its body,[20] its twin heads perhaps stemming from the ambiguity of the Nahuatl term *coatl*, which may refer to both serpent and twin.[21] Serpents with their double heads facing in opposite directions are also to be found as bracelets and anklets on the monumental sculpture of the goddess Coyolxauhqui from the Templo Mayor in Mexico City.[22] Bicephalous serpents with a head at each end of their body also feature in pre-Columbian ceramics such as Moche ceramics from the coastal plains of Peru, where they are associated with the rainbow,[23] and in ceramics from the Valle Santa María (1000-1470 AD) in North-West Argentina (Fig. 2). There is thus a risk that mythological beings might end up as imports in or influences on the natural historical record.

However, the most striking aspect of reports of *amphisbaenae* from the Americas in the sixteenth and seventeenth centuries is the emphasis on the veracity of the account and, when accompanied by an image, of the image



Mans, ed. A. Merle, Paris, Chandeigne, 2001, in which the *amphisbaenae* of Lemnos appear on p. 128.

[20] C. McEwan, *Ancient Mexico in the British Museum*, London, The British Museum, 1994, p. 80.

[21] C. McEwan and L. López Luján (ed.), *Moctezuma Aztec Ruler*, London, The British Museum, 2009, p. 239.

[22] Ibid., p. 37.

[23] M. López-Baralt, "The *Yana K'uychi* or Black Rainbow in Atawallpa's Elegy: a look at the Andean metaphor of liminality in a cultural context", in E. Magaña and P. Mason (ed.), *Myth and the Imaginary in the New World*, Amsterdam, CEDLA, 1986, pp. 261-303, here p. 267.

too. Thus after referring to Plinius and Galenus, Ulisse Aldrovandi refers to a Jesuit authority writing from Brazil in 1560 about the existence of a crab-like serpent in Brazil with two heads of unequal sizes, though he does not illustrate the creature.[24] A contemporary, Pêro de Magalhães Gândavo, mentions the deadly bite of the two-headed *hebijara* in his *História da Província de Santa Cruz*.[25] During the same period, fray Bernardino de Sahagún shut himself up in the Colegio de Santa Cruz in Tlatelolco, to enrich his *Historia General* with information from local informants and experts.[26] He reported the existence of a Mexican *amphisbaena* with a head and a mouth at each end of its body and four black stripes on its back.[27] Reports from Brazil of the seventeenth and eighteenth centuries continue to attest to the presence of two-headed serpents there.[28]

An important eye-witness is the Dominican Pietro de Aloaysa, a native of Lima, who had written a book about the activities of his order in the Americas and with whom the Lincean Johannes Faber had several delightful conversations in Rome in the year 1626.[29] The most striking of these for present purposes is Faber's account of the reaction of the friar when the German physician showed him a picture of an *amphisbaena*:

> That serpent which I saw among us in 1623 was not very different from this, it is a snake with two heads, while the rest of its body is marked with blackened and red scales. It is so terrible that there is no cure for its bite.[30]

It would be hard to overestimate the importance of the first-hand testimony that such persons brought with them from the Americas to Rome. Not only could they corroborate or refute reports that circulated in Europe on the basis of their own experience, but we may suppose that they were an important channel through which local, native knowledge about the New World

---

[24] U. Aldrovandi, op. cit., p. 239.

[25] Pêro de Magalhães Gândavo, *Tratado da Terra do Brasil. História da Província de Santa Cruz*, Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/ EDUSP, 1980, p. 60.

[26] See especially J. Pardo Tomás, "Conversion medicine: communication and circulation of knowledge in the Franciscan convent and college of Tlatelolco, 1527-1577", *Quaderni storici*, 142, Vol. XLVIII, n. 1, 2013, pp. 21-42.

[27] B. de Sahagún, *Historia General*, XI, 79; cf. M. de Asúa and R. French, *A New World of Animals. Early Modern Europeans on the Creatures of Iberian America* Aldershot, Ashgate, 2005, p. 46.

[28] For the seventeenth century, see Fr. Vicente do Salvador, *História do Brasil*, Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1980, p. 72. The *ibijara* is among the six types of *cobra* mentioned by the Jesuit Anselm Eckart in the eighteenth century, see N. Papavero *et al*., "As notas do Padre Anselm Eckhart, S.J., sobre alguns animais do Estado do Grão-Pará e Maranhão (1785)", *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Humanas,* Vol. 6, n. 3, 2011, pp. 593-609, here p. 603 and n. 83.

[29] *Rerum Medicarum Novae Hispaniae Thesaurus*, Roma, 1651, p. 695. See especially G. Gabriele, *Contributi alla storia della Accademia dei Lincei*, Rome, Accademia Nazionale dei Lincei, 1989, pp. 1567-1576.

[30] *Rerum Medicarum Novae Hispaniae Thesaurus*, op. cit., p. 799.

was transmitted to the Old World. Faber and other Linceans could evidently be expected to take advantage of the presence of such expert knowledge in Rome in and immediately after the Holy Year of 1625 to fill the gaps in their own knowledge.

Faber tells in detail how his ideas on one particular creature were shaken by a stop press arrival. That creature, introduced to Faber through the mediation of Cassiano dal Pozzo, was an *amphisbaena*. Faber was writing his explanatory comments on the woodcut of a *Maquiztetzauhuatl* or *Amphisbaena mexicana* (Fig. 3).



Although the creature in the illustration has only one head, he plunges into a lengthy discussion of both the fear and the veneration of serpents in antiquity and on their venom, before moving on to the question of whether it is possible for creatures with two heads to exist:

> For what exceeds the bounds of nature and the order of created things more than to paint, or even to draw, let alone to observe a living animal with two heads, not in one place, as is often seen in monsters, but one where the head is naturally placed, and the other where the tail is accustomed to be [...]?[31]

The question was to plague Nieremberg in the same decade, when he tried to decide whether, if the soul was located in the head, an *amphisbaena* could be considered to have two souls or one.[32] Faber's ruminations were of a more down-to-earth kind. After citing a host of ancient and medieval authorities, some credulous and some critical, he raises doubts of a more logico-medical kind about the impossibility of the organ by which food is digested coinciding with the organ by which it is expelled from the body, and

[31] Ibid., p. 792.

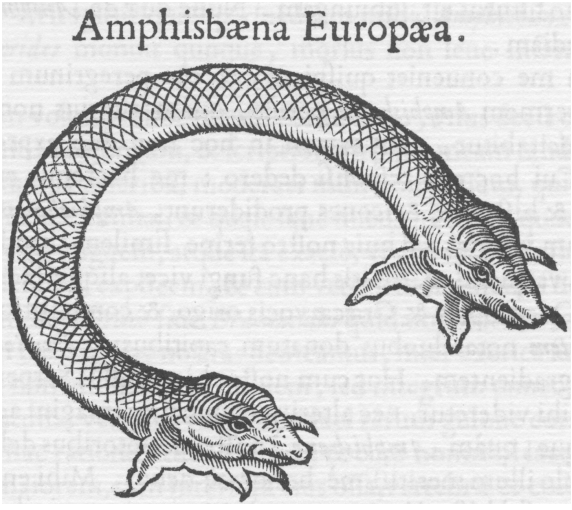
[32] J. R. Marcaida López, *Juan Eusebio Nieremberg y la ciencia del Barroco. Conocimiento y representación de la naturaleza en la España del siglo XVII*, diss. Ph. D., Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2011, p. 56.

about the possibility of the creature's being driven in two opposite directions at the same time. This in turn leads him into the intricacies of vertebrate and invertebrate motion.[33]

At this point he receives a revelation:

> Completely unexpected and contrary to my opinion, the illustrious Cavaliere Cassiano dal Pozzo, one of our Lyncei, showed me a most accurate image of an Amphisbaena rendered in its proper colours. He declared that, in this very week in which I had entrusted the above pages to the typesetter for printing, it had been brought to Paris, and that a representation had been made from the animal itself by a certain friend of his with a great curiosity in exotic things, and sent to him.[34]

Both exhilarated and embarrassed, Faber recants. He launches into a disquisition on the necessity of having the humility to change one's mind when faced with the limitless possibilities of the divine creation. If the Creator chooses to create an *Amphisbaena*, so be it. Even though the German physician has never seen a head like it on any live or dead serpent, nor in any drawing or painting of one, he instructs the engraver to make a woodcut of Cassiano's image for publication in the *Mexican Thesaurus* (Fig. 4).[35]



Both Faber and Cesi were well aware of the shortcomings of the technique of woodcut illustration, and they regretted the obstacles, particularly of an economic kind, which barred them access to the higher quality of

[33] *Rerum Medicarum Novae Hispaniae Thesaurus,* op. cit., pp. 793-795.

[34] Ibid., p. 796. Cassiano had already commissioned an illustration of a "serpe stravagantissimo", in Paris in the previous year; see G. Gabriele, *Il carteggio linceo*, Roma, Accademia Nazionale dei Lincei, 1996, p. 1061 [Dal Pozzo to Faber, August 1625].

[35] *Rerum Medicarum Novae Hispaniae Thesaurus,* op. cit., p. 797.

printmakers on the other side of the Alps.[36] It is therefore difficult to deduce from the rather rudimentary woodcut of the *Amphisbaena europaea* what the drawing made for Cassiano will have looked like. Incidentally, the fairly close parallel between this woodcut and the image of an *amphisbaena* on folio 234 of the *Fish Book* of the Dutch beachcomber Adriaen Coenen, written between 1577 and 1579, suggests that Faber's woodcut goes back to a sixteenth-century original, possibly deriving, like many of Coenen's images, from a popular pamphlet of the time.[37] At all events, given the combined scientific and aesthetic interests of the Cavaliere and the high quality of the images preserved in his *Paper Museum*, it may be assumed that the original drawing was of a sufficiently high and convincing quality for Cassiano to have been prepared to pass it on to a trained physician.[38] Cassiano's drawing must have seemed to confirm the Dominican's eye-witness testimony.[39]

We can securely place the artist Pieter Paul Rubens in the same circle of learned friends. He and Johannes Faber had both arrived in Italy from the North in 1600. As Faber tells us in the *Mexican Treasure*, he had cured Rubens of a serious pleurisy during the latter's stay in Rome. As a token of gratitude, the Flemish painter had given him a portrait and a painting of a cock inscribed with the words "For my [recovered] health, to the illustrious doctor Johannes Faber, my Aesculapius, I – once condemned – willingly pay my debt of gratitude".[40] The learned allusion contained in these words to the dying words of Socrates ("Kriton, we owe a cock to Asclepius; please pay it and don't let it pass") as recorded by Plato in the *Phaidon,*[41] is evidence not only of the close ties of friendship between the two men, but also of the

---

[36] I. Baçldriga, *L'occhio della lince. I primi Lincei tra arte, scienza e collezionismo (1603-1630)*, Roma, Accademia Nazionale dei Lincei, 2002, pp. 235-237.

[37] On Adriaen Coenen and his writings, see F. Egmond and P. Mason, *The Mammoth and the Mouse. Microhistory and Morphology*, Baltimore and London, Johns Hopkins University Press, 1997; and Idem (ed.), *The Whale Book of Adriaen Coenen, 1585,* London, Reaktion, 2003.

[38] A completely different, but unconvincing, interpretation of this episode is offered in D. Freedberg, *The Eye of the Lynx*, Chicago, Chicago University Press, 2002, pp. 361-365.

[39] For a fuller discussion of this episode, see P. Mason, *Before Disenchantment. Images of exotic animals and plants in the early modern world,* London, Reaktion, 2009, Chapter 5.

[40] "PRO SALUTE V C. Ioanni Fabro M.D. Aesculapio meo, olim damnatus L. M. votum solvo", *Rerum Medicarum Novae Hispaniae Thesaurus*, op. cit., p. 831. A large painting of a cock, *The Rooster and the Jewel*, in the Städtisches Suermondt-Ludwig-Museum in Aachen, has been brought into connection with this anecdote, although it lacks the dedication; see P. C. Sutton, cat. entry n. 118, in P. C. Sutton *et al*., *The Age of Rubens*, Ghent, Ludion, 1993, p. 560; G. Gabriele, *Contributi,* op. cit., Vol. II, p. 1579.

[41] Interpretation of Socrates' words as recorded by Plato has, not surprisingly, provoked scholarly dissent. For a review of the different lines of approach and the suggestion that they refer to Plato's recovery from illness, see G. W. Most, "A Cock for Asclepius", *The Classical Quarterly (New Series)*, Vol. 43, n. 1, 1993, pp. 96-111. For their general interpretation in a spiritual sense in the Renaissance, see E. McGrath, "'The Drunken Alcibiades': Rubens's picture of Plato's *Symposium*", *Journal of the Courtauld and Warburg Institutes*, Vol. 46, 1983, pp. 228-235, especially note 39.

interest in Neo-Stoicism – and thus reverence for Seneca – that they shared with Philip Rubens and other members of the Lincei.[42]

This close connection between the German physician and the Flemish painter explains the presence of Faber's second *amphisbaena* (the one based on a drawing provided by Cassiano dal Pozzo) in the mythological painting *The Head of Medusa* that has been in the Kunsthistorisches Museum Vienna since 1876.[43] Some of the other reptiles in the painting have been identified as lifelike renderings of European species, such as the fire salamander and the grass snakes or water snakes of Medusa's hair,[44] and it is known that Rubens purchased the volumes of Ulisse Aldrovandi's works of natural history as they came out to make sure that his biological knowledge was abreast of his times.[45]

In attempting to account for the presence of the *amphisbaena* among such company, some critics have taken it to mark a retreat to the mythical past, rather than to be a sign of an interest in the observable phenomena of the natural world. Peter Sutton, for instance, has written about *The Head of Medusa*: "Thus hand in glove with the rigorous empirical observation that imbued naturalistic animal painting with its outward realism was a continuing recognition of the uncritical scientific theories of classical antiquity".[46] That we find an American *amphisbaena* and European reptiles in a scene purporting to be the *Libyan* desert will not have been regarded as an obstacle by a painter in search of scientifically reliable images of exotic fauna with which to populate the foreground of a painting with a mythological subject. After the sale of *The Head of Medusa* in Antwerp in 1648 had made it available

---

[42] As Baldriga points out (*L'occhio*, op. cit., p. 154, n. 12), the first scholar to have emphasised the importance of this influence was Giuseppe Olmi; see the chapter "In essercitio universale di contemplatione, e prattica": Federico Cesi e l'Accademia dei Lincei", in G. Olmi, *L'inventario del mondo. Catalogazione della natura e luoghi del sapere nella prima età moderna*, Bologna, Il Mulino, 1992, p. 356 n. 161. However, S. E. Renzi, "Un linceo alla sapienza: la natura del fuoco e dei metalli in un'orazione di Johannes Faber", in A. Battistini, G. de Angelis and G. Olmi (ed.), *All'origine della scienza moderna: Federico Cesi e l'Accademia dei Lincei*, Bologna, Il Mulino, 2007, pp. 271-316, questions the total hegemony of Neo-Stoic thought in Rome during this period and mentions Faber's critique of the Neo-Stoics in his oration of 1622.

[43] S. Ferino-Pagden, *I cinque sensi nell'arte. Immagini del sentire*, [Cremona], 1996, p. 56. The identity of the painter or painters is not without controversy: while the traditional and earliest attribution is to Peter Paul Rubens and Frans Snyders, Rubens' assistant has also been variously identified as Jan Brueghel the Elder or Paulus de Vos; and the possibility that Rubens was quite capable of painting the canvas without any assistance at all has also been raised. For discussion of the various theses see A. T. Woollett and A. van Suchtelen, *Rubens & Brueghel. A Working Friendship*, Los Angeles, J. Paul Getty Museum, 2006, catalogue entry n. 24.

[44] P. C. Sutton, op. cit., identifications by Dr José Rosado of the Museum of Comparative Zoology, Harvard University.

[45] J. M. Muller, "Rubens's Collection in History", in K. L. Belkin and F. Healy (ed.), *A House of Art. Rubens as Collector*, Antwerp, Rubenshuis, 2004, pp. 10-85, here p. 33.

[46] P. C. Sutton, op. cit. The *amphisbaena* was already spotted by A. BALIS, "Facetten van de Vlaamse dierenschilderkunst van de 15de tot de 17de eeuw", in *Het aards paradijs. Dierenvoorstellingen in de Nederlanden van de 16de en de 17de eeuw*, Antwerp Zoo, Antwerp, 1982, p. 45.

for other artists to copy, we find the same *amphisbaena* in the lateral panel "Angola" of *Asia* by Jan van Kessel the Elder, painted around 1664-1666, while other creatures from *The Head of Medusa* are recycled in the panel representing "Arkhangelsk" in the same painting.[47] By now the geographical references in these panels have clearly become entirely aleatory.[48] As we have seen, the literary source that connects an *amphisbaena* with the head of Medusa is the *Pharsalia* by Marcus Annaeus Lucanus, on which Dante also drew.[49] Always eager to display his classical erudition, Rubens will have hoped that at least some viewers of the painting would recognise the allusion to a recondite source, since the detail of the *amphisbaena* is not to be found in the more familiar Ovidian account of the myth.[50] The *amphisbaena* appears in other works by Rubens' contemporaries, such as *The Cabinet of a Collector* (1617) by Frans Francken the Younger,[51] where it is certainly one among a number of curiosities, but that does not make it mythical. The same artist included an *amphisbaena* lurking in the grass beside a stone bearing his signature in his *The Adoration of the Kings* (1632).[52]

More than a century later, in 1774, in the era of the so-called Age of Enlightenment, Gerónimo Matorras, governor of the province of Tucumán in Argentina, set out to explore the territory of Gran Chaco, to pacify the indigenous population, and to settle them in *reducciones*. His chronicler, Blas Joaquín Brizuela, produced what has been called both an official report and a first-hand testimony of the events.[53] Some of the data contained in the "official" sections are derived from the *Descripción Corográfica del Gran Chaco Gualamba* (1733) by the Jesuit Pedro Lozano, but everything in Brizuela's account of the sighting of a serpent with a head at either end of its body points to first-hand observation:

---

[47] D. Martins Teixeira, *Brasil Holandês. A "Alegoria dos continentes" de Jan van Kessel "o Velho" (1626-1679)*, Rio de Janeiro, Petrobras, s.d., pp. 47 and 39 resp; M. B. Mena Marqués (ed.), *La Belleza encerrada*, Madrid, Museo Nacional del Prado, 2013, p. 264. "Angola" was also reproduced in C. Luz, *Das exotische Tier in der europäischen Kunst*, Stuttgart, Cantz, 1987, p. 175.

[48] On the concept of the exotic genre see P. Mason, *Infelicities. Representations of the Exotic,* Baltimore and London, Johns Hopkins University Press, 1998, pp. 16-41.

[49] "[…] et grauis in geminum uergens caput amphisbaena", Lucanus, op. cit., IX, 719; S. Koslow, "'How looked the Gorgon then…' The Science and Poetics of 'The Head of Medusa' by Rubens and Snyders", in C. P. Schneider, A. I. Davies and W. W. Robinson (ed.), *Shop Talk: Studies in Honor of Seymour Slive*, New York, Arthur Schwartz, 1995, pp. 147-149.

[50] Nicolas Poussin's practice of preferring to refer to recondite sources was similar; see P. Mason, "The letter as deferred presence. Nicolas Poussin to Paul Fréart de Chantelou, 28 April 1639" in F. Bethencourt and F. Egmond (ed.), *Correspondence and Cultural Exchange in Europe, 1400-1700*, Cambridge, Cambridge University Press, 2007, pp. 163-186.

[51] C. White, *The Later Flemish Pictures in the Collection of Her Majesty the Queen,* London, Royal Collection, 2007, n. 32.

[52] *Frans II. Francken. Die Anbetung der Könige und andere Entdeckungen*, Petersberg, Michael Imhof, 2009.

[53] M. Penhos, *Ver, conocer, dominar. Imágenes de Sudamérica a fines del siglo xviii,* Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2005, p. 37.

> El Sargento Mayor, D. Agustín López, sujeto muy formal, dijo haber visto otra [víbora] de figura particular; pues en cada extremo de ella se hallaba una cabeza; y cuando la espantaban de un lado retrocedía sin volver el cuerpo. Se mando á un soldado por ella, y traida á nuestro real, hallamos la verdad del Sargento Mayor, de que no quedamos poco admirados.[54]

The precise identification of the sergeant major, the emphasis on his reliability ("muy formal") and the verification carried out to confirm that reliability, all take us far from the province of invention and imagination. We know that Aldrovandi's *Serpentum et Draconum Historiae* was in the collection of the Jesuit Colegio Máximo in Córdoba,[55] which might have triggered interest in the *amphisbaena*, but everything in Brizuela's account suggests (or is meant to suggest) direct observation of the reptile in question.

This survey has ranged over a highly diverse range of persons and types of source material to show that military commanders, members of religious orders, intellectuals, artists and others all showed a lively interest in documenting the existence of the *amphisbaena*. For them it was not beyond the pale of what they considered science. If we are to respect the specificity of the cultural context of each of the instances that has been considered in this short contribution, it will be necessary to abandon the real/imaginary dichotomy. "Fantastic" or "imaginary" are epithets that are applied to objects which, in the opinion of the person passing judgement at that moment in time, do not correspond to his or her vision of the world.[56] The imaginary is in the eye of the observer. The historian's task, then, is to investigate the cultural context that supports or sustains belief in the existence of creatures that are considered imaginary by others (by ourselves or by the members of other cultures). Instead of attempting to purge the pages of the past of "imaginary" *Fremdkörpern*, it will be more faithful to the object of study to contemplate them in their entirety. This in turn requires a long apprenticeship in the study of the forms of representing the natural world. Seen in this light, there is nothing exceptionable about the folio of the *Codex Casanatense* under consideration, nor any need to assume that it is not the record of direct observation, however naïve its artistic interpretation may be.

---

[54] "Diario de Matorras", in P. de Angelis, *Colección de obras y documentos relativa a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata,* Vol. V, Buenos Aires, Lajouanne, 1910, p. 151, cited by M. Penhos, op. cit., p. 59.

[55] Ibid., p. 59, n. 85.

[56] P. Li Causi, *Sulle tracce del manticora. La zoologia dei confini del mondo in Grecia e a Roma*, Palermo, Palumbo, 2003, pp. 9-12, 134-135.

Bibliography

Manuscript sources

BIBLIOTECA APOSTOLICA VATICANA

Cod. Urb. Lat. 276.

BIBLIOTECA CASANATENSE

Roma, Ms. 1889.

Printed sources

"Diario de Matorras", in P. de Angelis, *Colección de obras y documentos relativa a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata,* Vol. V, Buenos Aires, Lajouanne, 1910.

Aelianus, Claudius, *On the Characteristics of Animals*.

Aldrovandi, U., *Serpentum, et draconum historiae libri duo*, Bologna, 1640.

Ashworth Jr, W., "Emblematic natural history of the Renaissance", in N. Jardine, J. A. Secord and E. C. Spary (ed.), *Cultures of Natural History*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

Asúa, M. de and R. French, *A New World of Animals. Early Modern Europeans on the Creatures of Iberian America,* Aldershot, Ashgate, 2005.

Baldriga, I., *L'occhio della lince. I primi Lincei tra arte, scienza e collezionismo (1603-1630)*, Roma, Accademia Nazionale dei Lincei, 2002.

Balis, A., "Facetten van de Vlaamse dierenschilderkunst van de 15de tot de 17de eeuw", in *Het aards paradijs. Dierenvoorstellingen in de Nederlanden van de 16de en de 17de eeuw*, Antwerp Zoo, Antwerp, 1982.

Belon, P., *Les observations de plusieurs singularitez et choses memorables…*, Paris, 1588.

Belon, P., *Voyage au Levant (1553). Les Observations de Pierre Belon du Mans*, ed. A. Merle, Paris, Chandeigne, 2001.

Benjamin, W., *The Arcades Project*, trans. H. Eiland and K. McLaughlin, Cambridge and London, Belknap Press, 1999.

Bodson, L., "A Python, *Python sebae* (Gmelin, 1789), for the King: The Third Century B.C. Herpetological Expedition to Aithiopia", *Bonner zoologische Beiträge*, Vol. 52, n. 3-4, 2004.

Browne, T., *Pseudodoxia Epidemica*, London, [1646], 6th ed. 1672.

Costa, P. Fontes da, "Secrecy, Ostentation, and the Illustration of Exotic Animals in Sixteenth-Century Portugal", *Annals of Science*, Vol. 66, n. 1, 2009.

Egmond, F. and P. Mason (ed.), *The Whale Book of Adriaen Coenen, 1585,* London, Reaktion, 2003.

Egmond, F. and P. Mason, *The Mammoth and the Mouse. Microhistory and Morphology*, Baltimore and London, Johns Hopkins University Press, 1997.

Einhorn und Nachtigall. Die 200 schönsten Miniaturen aus dem Tierbuch des Petrus Candidus, Stuttgart and Zürich, Belser, 1993.

Ferino-Pagden, S., *I cinque sensi nell'arte. Immagini del sentire*, [Cremona], 1996.

Frans II. Francken. Die Anbetung der Könige und andere Entdeckungen, Petersberg, Michael Imhof, 2009.

Freedberg, D., *The Eye of the Lynx*, Chicago, Chicago University Press, 2002.

Gabriele, G., *Contributi alla storia della Accademia dei Lincei*, Rome, Accademia Nazionale dei Lincei, 1989.

Gabriele, G., *Il carteggio linceo*, Roma, Accademia Nazionale dei Lincei, 1996.

Gândavo, Pêro de Magalhães, *Tratado da Terra do Brasil. História da Província de Santa Cruz*, Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/ EDUSP, 1980.

George, W. and B. Yapp, *The Naming of the Beasts. Natural History in the Medieval Bestiary*, London, Duckworth, 1991.

Koslow, S., "'How looked the Gorgon then…' The Science and Poetics of 'The Head of Medusa' by Rubens and Snyders", in C. P. Schneider, A. I. Davies and W. W. Robinson (ed.), *Shop Talk: Studies in Honor of Seymour Slive*, New York, Arthur Schwartz, 1995.

Li Causi, P., *Sulle tracce del manticora. La zoologia dei confini del mondo in Grecia e a Roma*, Palermo, Palumbo, 2003.

López-Baralt, M., "The *Yana K'uychi* or Black Rainbow in Atawallpa's Elegy: a look at the Andean metaphor of liminality in a cultural context", in E. Magaña and P. Mason (ed.), *Myth and the Imaginary in the New World*, Amsterdam, CEDLA, 1986.

Lucanus, M. A., *Pharsalia*.

Mandeville, J., *The Travels of Sir John Mandeville*, trad. C. W. R. D. Moseley, Harmondsworth, Penguin, 1983.

Marcaida López, J. R., *Juan Eusebio Nieremberg y la ciencia del Barroco. Conocimiento y representación de la naturaleza en la España del siglo XVII*, diss. Ph.D., Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2011.

Mason, P., *Infelicities. Representations of the Exotic,* Baltimore and London, Johns Hopkins University Press, 1998.

Mason, P., "The letter as deferred presence. Nicolas Poussin to Paul Fréart de Chantelou, 28 April 1639" in F. Bethencourt and F. Egmond (ed.), *Correspondence and Cultural Exchange in Europe, 1400-1700*, Cambridge, Cambridge University Press, 2007.

Mason, P., *Before Disenchantment. Images of exotic animals and plants in the early modern world,* London, Reaktion, 2009.

Mason, P., "Dos o tres cosas que sé acerca de los animales llamados imaginarios", in *Historia Naturalis De Quadrupedibus de Johannes Jonstonus. Estudios y traducción de la edición facsimilar*, Burgos, Ediciones Siloé, 2013.

McEwan, C., *Ancient Mexico in the British Museum*, London, The British Museum, 1994.

McEwan, C. and L. López Luján (ed.), *Moctezuma Aztec Ruler*, London, The British Museum, 2009.

McGrath, E., "'The Drunken Alcibiades': Rubens's picture of Plato's *Symposium*", *Journal of the Courtauld and Warburg Institutes*, Vol. 46, 1983.

Mena Marqués, M. B. (ed.), *La Belleza encerrada*, Madrid, Museo Nacional del Prado, 2013.

Most, G. W., "A Cock for Asclepius", *The Classical Quarterly (New Series)*, Vol. 43, n. 1, 1993.

Muller, J. M., "Rubens's Collection in History", in K. L. Belkin and F. Healy (ed.), *A House of Art. Rubens as Collector*, Antwerp, Rubenshuis, 2004.

Olmi, G., *L'inventario del mondo. Catalogazione della natura e luoghi del sapere nella prima età moderna*, Bologna, Il Mulino, 1992.

Papavero, N. *et al*., "As notas do Padre Anselm Eckhart, S.J., sobre alguns animais do Estado do Grão-Pará e Maranhão (1785)", *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Humanas,* Vol. 6, n. 3, 2011.

Pardo Tomás, J., "Conversion medicine: communication and circulation of knowledge in the Franciscan convent and college of Tlatelolco, 1527-1577", *Quaderni storici*, 142, Vol. XLVIII, n. 1, 2013.

Penhos, M., *Ver, conocer, dominar. Imágenes de Sudamérica a fines del siglo XVIII,* Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2005.

Porsia, F., *Liber Monstrorum (Secolo IX)*, Napoli, Liguori Editore, 2012.

Renzi, S. E., "Un linceo alla sapienza: la natura del fuoco e dei metalli in un'orazione di Johannes Faber", in A. Battistini, G. de Angelis and G. Olmi (ed.), *All'origine della scienza moderna: Federico Cesi e l'Accademia dei Lincei*, Bologna, Il Mulino, 2007.

Rerum Medicarum Novae Hispaniae Thesaurus, Roma, 1651.

Sahagún, B. de, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Mexico City, Porrúa, 4 vols., 1977

Salvador, Fr. Vicente do, *História do Brasil*, Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1980.

Sutton, P. C. *et al*., *The Age of Rubens*, Ghent, Ludion, 1993.

Teixeira, D. Martins, *Brasil Holandês. A "Alegoria dos continentes" de Jan van Kessel "o Velho" (1626-1679)*, Rio de Janeiro, Petrobras, s.d.

Wagener, P., "O mundo das plantas nos quadros de Eckhout", in E. de Vries (ed.), *Albert Eckhout volta ao Brasil 1644-2002, Simpósio Internacional de Especialistas*, São Paulo, 2002.

West, S., "The amphisbaena's antecedents", *The Classical Quarterly (New Series)*, Vol. 56, n. 1, 2006.

White, C., *The Later Flemish Pictures in the Collection of Her Majesty the Queen,* London, Royal Collection, 2007.

Woollett, A. T., and A. van Suchtelen, *Rubens & Brueghel. A Working Friendship*, Los Angeles, J. Paul Getty Museum, 2006.

ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR, Vol. XIII, 2012, pp. 169-197

O PINTOR SIMÃO RODRIGUES E A POSSE DO *CODEX CASANATENSE* EM 1628: FORTUNA, ATRIBULAÇÕES E INFLUÊNCIAS ARTÍSTICAS*

por
VÍTOR SERRÃO**

A visibilidade do códice nos círculos da Lisboa anticastelhana

O nascimento de uma criança monstruosa no bairro da Mouraria, em Abril de 1628, permite saber alguma coisa sobre a posse do célebre códice iluminado existente na Biblioteca Casanatense de Roma (Ms. 1889). Esse prodígio foi visto pelos testemunhos lisboetas da época, com relevo para o escritor sebastianista Pedro Rodrigues Soares[1], como sinal da crise dos tempos e aviso divino com impacto nos círculos de resistência à governação tardo-filipina que reverenciavam os sucessos do império ultramarino no contexto das relações com os outros povos e que, em cores de nostalgia, assistiam ao desgoverno do Reino.

O memorialista Soares era figura respeitada nesses círculos e o seu escrito dava voz a surdos protestos contra o destino a que os portugueses haviam sido votados. Outra personalidade com estatuto social relevante era o idoso pintor maneirista Simão Rodrigues, cujos passos finais de vida se cruzam com as vicissitudes e quiçá com a posse do códice. Ao atestar-se que foi este pintor quem acrescentou o desenho do fólio em que se representa a criança monstruosa[2], podem tecer-se novas e pertinentes considera-

* Agradecimentos: a Tiago Miranda, Ernst van den Boogaart, Hugo Crespo, João Francisco Marques, Juan Gil, Maria Helena Mendes Pinto, Luís Filipe Barreto, Nuno Vassallo e Silva, Teotónio R. de Souza, Luís Urbano Afonso, José da Silva Horta, Paulo Varela Gomes, Francisco Lameira, João Teles e Cunha e Maria Adelina Amorim.

** Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

[1] Manuel Lopes de ALMEIDA, *Memorial de Pero Roiz Soares. I. Leitura e Revisão*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1953, pp. 495-496.

[2] Adriano de GUSMÃO, *Simão Rodrigues e seus colaboradores*, Lisboa, Realizações Artis, 1957, p. 12; Vítor SERRÃO, *A lenda de São Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*, Lisboa, Quetzal, 1993, p. 90, e V. SERRÃO, «"Pittura senza tempo" em Coimbra cerca de 1600: as tábuas

ções sobre a propriedade de um livro com tantas e preciosas imagens coloridas dos povos e das vivências proporcionadas pela presença portuguesa em terras asiáticas. Produto de recuperação de um «saco» (saque) – algum dos ataques ocorridos quiçá em viagem entre a Ásia e a capital portuguesa, mas sobre o qual infelizmente tudo é nebuloso[3] –, o códice era seguramente matéria de admiração na Lisboa do primeiro terço do século XVII, circulando entre mãos de padres jesuítas, depois de ter integrado a biblioteca do Colégio de São Paulo em Goa, e constituindo fonte inspiradora (como adiante veremos, em telas de André Reinoso e do próprio Simão Rodrigues) de várias representações artísticas e encomendas pictóricas do tempo, em que o rigor face às peculiaridades do exotismo oriental era justamente reclamado, pelo recurso tanto a testemunhos *de visu* como a fontes iconográficas disponíveis.

Neste círculo lisboeta em que o *codex* de certeza circulou, era acontecimento marcante, também, a força com que o culto de São Francisco Xavier começava a desenvolver-se, antecedendo a sua canonização em 1622, através de uma série de representações hagiológicas que inevitavelmente se abriam à sedução pelo Oriente. A presença das imagens do livro não deixava, assim, de esclarecer tipologias de trajes, costumes e gestos e de servir de indicador iconográfico: o mundo exótico dessa Ásia integrada no Estado português da Índia, visto como «guia e luz» da presença portuguesa e exemplo para «as mais partes da Europa», só podia mesmo ser visível numa sociedade em crise, ávida de acentuar os sucessos da sua expansão e dominação colonial[4]. Por isso, a história do menino deformado nascido na Mouraria em 1628, exposto à curiosidade das pessoas nos breves quatro a cinco dias que viveu, constituiu à luz da situação sociopolítica, uma espécie de atestado dos «sinais dos céus», e foi sob essa perspectiva que a sua memorização pôde ter todo o sentido junto aos 75 desenhos coloridos de povos e costumes do grande império português, lembrando as façanhas de um passado grandioso em paragona com a «vil tristeza» dos tempos presentes. Integrado nas muitas e exaltantes imagens dos povos do Oriente tocados pela civilização portuguesa, o menino-prodígio era passível de ser visto como signo do destino providencial da nação portuguesa no mundo – algo que nos condicionalismos dos anos 20 do século XVII só podia mesmo ter uma significação política precisa…

---

de Simão Rodrigues e Domingos Vieira Serrão na Sacristia da Igreja do Carmo», *Monumentos*, n.º 25, 2006, pp. 98-107.

[3] Agradeço a Hugo Crespo este esclarecimento, não sendo possível, contudo, presumir-se a que recuperação de saque de navio se poderá aludir.

[4] Hugo Crespo, «"Guia e luz das mais partes da Europa": merchants, booksellers, goldsmiths and lapidaries in Renaissance Lisbon, the "eyes" of Europe», in Laura Fernández e Annemarie Jordan (ed.), *Court and Spaces of Power in Early Modern Lisbon, 1580-1620*, London, Brill, 2013.

Um breve *status quaestionis* sobre o códice

O famoso códice da Biblioteca Casanatense de Roma (Ms. 1889) é um livro que desenvolve, ao longo de 76 fólios de papel paginados de 1 a 143 com iluminuras policromas, medindo 310 × 440 mm, uma surpreendente representação dos povos do Oriente tocados pela Expansão. Obra de artista indiano, como está hoje esclarecido[5], remonta à segunda metade de Quinhentos e tem como título, segundo o catálogo antigo dessa biblioteca, o seguinte: «Figurae variae cum hominum tum animalium Asiae et Africae a quodam lusitano viatore delineatae et depictae saeculo ut videtur XVI, in folio cum breuibus descriptionibus in língua lusitana.»

Trata-se de peça-chave para o estudo de várias civilizações da Ásia e da África do século XVI e constitui, por isso, um dos mais notáveis testemunhos artísticos que remanescem nos nossos dias sobre a vivência das populações autóctones com quem na era dos Descobrimentos portugueses decorreram contactos, desde a Índia ao Irão, de Ceilão à Indonésia e à China, de Moçambique à Arábia, através de uma linguagem exótica e rigorosamente descritivista[6]. O pintor, considerado um artista indiano com formação no Mandu e no Gujarate e receptivo a influências do mundo mogol e do *modus faciendi* luso-goês, apresenta imagens representativas desses povos, seguindo, de certa maneira, uma ordem topográfica que se tenta explicar através das breves legendas apostas, em português, por mais de um proprietário. Os desenhos destacam os traços fisionómicos de homens e mulheres do Oriente, as suas vestimentas, singelas ou de luxo, os cultos e rituais gentílicos, as profissões dominantes (soldados, marinheiros, agricultores, ourives, cambistas, almocreves, ferreiros, alvenéis, mercadores, corsários), bem como cenas de combate e caça, casamentos, procissões, costumes dos portugueses de Goa e Ormuz, etc., tudo exposto num registo minucioso sobre as vivências e organizado em termos de representação de usos e costumes, que denuncia um conhecimento directo dessas civilizações.

Foi o jesuíta Georg Schurhammer quem deu a conhecer, em 1956, a existência do *codex* na biblioteca de Roma fundada em 1698 pelo cardeal Girolamo Casanate, destacando a sua excepcional valia histórico-iconográfica, posto que menos acentuada no plano artístico, no seu parecer, e tecendo

---

[5] J. P. Losty, «Indian paintings from 1500-1575», in M. C. Beach, E. Fischer, B. N. Goswamy, *Masters of Indian Painting*, Zurich, Artibus, Asiae, 2011, pp. 67-76.

[6] A mais completa descrição do códice, com reprodução fac-similada, deve-se a Luís de Matos, ao tempo director da Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian: Luís de Matos (ed.), *Imagens do Oriente no Século XVI: reprodução do códice português da Biblioteca Casanatense*, Lisboa, INCM, 1985. Também Franco Maria Ricci (Franco Maria Ricci, *Oltremare. Códice Casanatense 1889. Viaggi, avventure, conquiste dei Portoghesi nelle Indie*, Milano, 1984) foi responsável por uma edição fac-similada do códice. A autoria indiana foi sugerida pela primeira vez por Maria Manuela Mota, «Codex Casanatense: an Indo-Portuguese portrait of life in 16th century India», in J. Pereira e J. Pal (ed.), *India and Portugal: Cultural Interactions*, Mumbai, Mag Publications, 2001, pp. 35-45. O último acerto cronológico, com fixação da origem autoral indiana por um artista indígena fixado em Goa, deve-se a Jerry P. Losty (art. cit., pp. 67-76).

considerações sobre uma alegada influência dos desenhos no capítulo 160 da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto[7]. Outro autor, Roberto Barchiesi, considerou o códice, pelas qualidades intrínsecas das composições, «um grande itinerário pictórico do Oriente», em que o artista, posto que de desenho muitas vezes displicente (no que coincide com o parecer do jesuíta alemão), se mostra bom conhecedor, afinal, de regras de simetria na estruturação dos fólios, com domínio naturalista no tratamento dos subtemas de fauna e flora, e revelando-se senhor de uma paleta vibrante no sentimento colorido dos vários registos de povos[8].

O facto de as legendas das cenas pintadas serem escritas em português levou Luís de Matos, em 1985, a considerá-lo obra de um reinol de Goa, cerca de 1540-1550, sendo determinantes para essa proposta cronológica do *codex* a ausência, entre as dezenas de povos representados na obra, dos japoneses (os quais só em 1548 aportaram a Goa e a Malaca) e a alusão numa legenda a um cerco de Diu, o que Luís de Matos interpretou com sendo o sultão de Cambaia Mamude III (nascido cerca de 1520 e falecido em 1554), o qual estaria representado em figura «tirada pelo natural» e aparentando cerca de 25 anos[9]. Todavia, a análise realizada por J. P. Losty a partir dos aspectos formais, estilísticos e compositivos do códice remete para cronologia mais avançada, cerca de 1570, e para uma autoria indiana, possivelmente um artista de formação ecléctica, oriundo do Decão, hábil na pintura de costumes a partir da observação directa e já com influências quer da arte mogol, quer dos testemunhos cristãos disponíveis ao olhar em Goa[10]. O representado «sultão de Cambaia» pode identificar-se, aliás, com o próprio Akbar e com a presença de embaixadas mogóis em Goa nesse decénio. Enfim, é de notar que a legendagem portuguesa dos fólios aponta também para tal cronologia, sugerindo vários momentos de utilização[11].

O *codex* integra-se, assim, num vasto rol de livros ilustrados com imagens do Oriente que circulavam na época como fonte de informação fidedigna, tanto goesas como, também, portuguesas. Tal era o caso, entre outras, das *Lendas da Índia,* álbum do cronista-pintor Gaspar Correia, que se sabe ter debuxado cidades e fortalezas[12]. Num ou outro caso de retoma de fontes

---

[7] Georg Schurhammer (S.J.), «Desenhos orientais do tempo de S. Francisco Xavier», *Garcia de Orta*, Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar (1956), pp. 247-255.

[8] Roberto Barchiesi, «L'Oriente catalogato in un manoscrito pittorico del Cinquecento», *Quaderni portoghesi,* n.º 4, 1978, pp. 163-182.

[9] L. de Matos, op. cit., p. 15.

[10] J. P. Losty, art. cit., pp. 67-76.

[11] Segundo nos assinalou Hugo Crespo, as legendas são pelo menos de três mãos, uma delas em humanística redonda e caligráfica, mais antiga, a que se aduzem duas outras em itálico semicursivo, que atestam notas aditivas apostas numa segunda fase. Em fólios como, por exemplo, os 85 e 93, são nítidos os dois tipos de letra, apostos como espécie de clarificação subsequente, o que se explica bem numa obra que passou por vários proprietários.

[12] L. de Matos, op. cit., pp. 25-27; sobre pintores activos em Goa na segunda metade do século xvi e início do xvii, tanto reinóis como canarins, cf. V. Serrão, «Pintura e Devoção

disponíveis, o autor não teria necessidade de sair de Goa para realizar os desenhos, sabendo-se que aí acorriam «cafres, arábicos, abexins, guzerates e outros povos ao serviço dos portugueses na Índia», bem como «mercadores das mais diversas nações do Oriente»[13]. O livro de desenhos da biblioteca romana insere-se numa categoria de obras que, ao tempo, tinham impacto entre os dignitários do poder, os funcionários, membros das embaixadas, comerciantes, mercadores, os círculos da Igreja e, de um modo geral, os agentes da governação, já que esclareciam os desfrutadores sobre a vida quotidiana dos povos contactados pelos portugueses[14]. O *Códice Casanatense* constitui, assim, um raríssimo testemunho de um género literário-artístico que conheceu certa fortuna durante o século XVI, o que atesta a sua valia excepcional e o interesse que continuava a suscitar na centúria seguinte.

A respeito daquele que parece ter sido o seu possuidor no início do século XVII, um padre jesuíta de nome João da Costa, estante no Colégio de São Paulo em Goa, é oportuno apurar se se trata do homónimo que, segundo assevera Antonio de León Pinelo, escreveu um manuscrito intitulado *Relação dos Reynos, e Senhorios da Índia, quais são de Mouros, quais de Gentios, e de seus costumes*[15]. Essa obra, desaparecida, tinha forçosamente um útil caudal informativo (senão também iconográfico), pois mereceu ser passada a castelhano em 1624, segundo nos diz Diogo Barbosa Machado, com a atestação de que o referido João da Costa era conhecedor dos povos e costumes de toda a Ásia tocada pelos portugueses. Imaginá-lo na posse do *Códice Casanatense* é, por mais esta razão, tentador.

A posse do códice em Lisboa no início do século XVII

Mais espessas continuam a ser as nebulosas sobre a fortuna histórica do *codex* até ele chegar a mãos dos dominicanos de Roma e ser integrado na Biblioteca Casanatense, mas o penúltimo fólio do livro traz-nos alguns dados

em Goa no Tempo dos Filipes: o Mosteiro de Santa Mónica no "Monte Santo" (c. 1606-1639) e os seus artistas» («Painting and worship in Goa during the period of iberian union: the Santa Mónica monastery at "Monte Santo" (c. 1606-1639) and its artists»), *Oriente*, n.º 20, 2011, pp. 11-50.

[13] L. de MATOS, op. cit., p. 51.

[14] Todavia, apenas se assinalam, mais tardios, os manuscritos com desenhos da Biblioteca Nacional de Portugal (cota FG 607), do Museu Gulbenkian e da Biblioteca Municipal do Porto. Cf. a este propósito Flávio GONÇALVES, «A iconografia da arte hindu estudada por um português do século XVIII», *Colóquio – revista de artes e letras*, n.º 32, 1965, pp. 9-13, e L. de MATOS, op. cit., p. 30.

[15] Esta obra manuscrita vem citada no *Epítemo* de Antonio de León Pinelo e, assevera Diogo Barbosa Machado, foi traduzida para castelhano em 1624: «João da Costa cuja patria, e estado de vida se ignora, e somente se sabe pela noticia relatada em a Bibl. Orient. de Antonio de Leão modernamente addicionada Tom. I Tit. 3. col. 58. que escrevera – Relação dos Reynos, e Senhorios da Índia, quais são de Mouros, quais de Gentios, e de seus custumes. Ms. Foi traduzida em Castelhano no anno de 1624» (Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana...*, Coimbra, Atlântida, 1965-67, Vol. II, p. 640).

preciosos de esclarecimento a esse respeito, que importa analisar melhor, pois nos revelam elementos sobre o padre João da Costa, que o possuiu, e sugerem quem foram dois outros presumíveis possidentes. Aliás, é muito provável que, na ordenação primitiva alterada com a encadernação hodierna que o livro sofreu, esse fólio constituísse a folha de rosto, razão maior para se explicarem as anotações nele apostas, na abertura do códice.

De facto, verificaram-se no primeiro terço do século XVII duas reutilizações do *codex*. Uma delas ocorreu no momento em que se integrou naquele que é, na encadernação actual, o derradeiro fólio (e que na origem teria constituído fólio de abertura): um desenho da criança monstruosa nascida e prematuramente falecida no bairro lisboeta da Mouraria em Abril de 1628, o que deixa inferir que o livro estava em uso, nessa data, nas mãos de alguém que julgou interessante acoplar-lhe o registo visual desse acontecimento tido como sobrenatural. A outra anotação indica-nos que o famoso livro estivera, em data incerta (ou pouco antes dos acontecimentos da Mouraria, ou logo de seguida) na posse do padre João da Costa, um jesuíta do Colégio de São Paulo de Goa (considerada uma verdadeira universidade em todo o Oriente).

De seguida, o códice passou para certo proprietário de Lisboa que bem pode ter sido, como adiante se defende, um padre jesuíta de nome Diogo



Fig. C36 – O menino-monstro da Mouraria no debuxo de 1628 que ilustra o último fólio do *Códice Casanatense*, da autoria do pintor Simão Rodrigues (ou segundo uma versão de um perdido desenho desse artista).

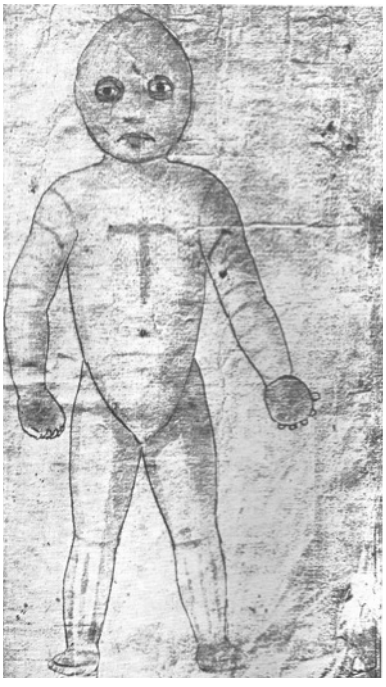


Fig. 1 – O menino-monstro da Mouraria, em desenho de 1628 integrado no *Memorial* de Pedro Rodrigues Soares e a ele atribuível.

de Areda (ou Arede), de quem são conhecidos contactos artísticos com o pintor Simão Rodrigues, artista de grande consideração na cidade. A este respeito, também, uma das legendas apostas ao *codex* esclarece a existência da obra como estante no Colégio de Goa, em mãos do jesuíta João da Costa, tendo sido enviada para Lisboa em momento não determinado e recuperada em condições misteriosas após um «saco», como despojo de guerra, sem indicação clara do destinatário[16]. A legenda diz o seguinte: «Ao Irmão João da Costa no Colégio de Goa/[E, em letra diferente, e de data posterior:] Este livro ficou do saco e não lhe sei o dono. Está aqui; quem no souber, dar-lho-ão.»

Só este facto de o *codex* se ter preservado intacto em mãos jesuítas e de circular entre intelectuais e artistas constitui um dado valioso para aferição da sua influência em alvores de Seiscentos, o que explica que por essa altura lhe tenha sido aduzido o último desenho respeitante ao «monstro». Tratava-se de uma criança que nasceu com corpo coberto de escamas e mostrando uma cruz vermelha gravada no peito, que viveu apenas quatro a cinco dias e foi, de seguida, mandada desenterrar a fim de ser registada a memória física do menino deformado. A abertura do túmulo na Igreja de São Sebastião da Mouraria é narrada por um contemporâneo, o escritor Pedro Rodrigues Soares. Este diz-nos que o desenterramento foi ordenado pelo arcebispo D. Afonso Furtado de Mendonça (1626-1630), que fora anteriormente bispo da Guarda, bispo-conde de Coimbra, conde de Arganil e, ainda, vice-rei de Portugal. Por pressão das comunidades, foram nessa ocasião enviados a essa igreja o corregedor do Reino, Gabriel Pereira de Castro[17], para oficializar a abertura da campa, e um pintor conceituado para retratar o fenómeno. Na realidade, o surgimento do «prodígio», visto pelas comunidades como sinal de Deus em anos de tantas perturbações sociais internas, criara um lastro de emoções em todo o Reino e nos espaços ultramarinos e era preciso guardar testemunho probatório do caso[18].

Tais factos levaram o proprietário lisboeta do *codex* – certamente visto ao tempo como um riquíssimo mostruário de exotismos – a integrar esse desenho de pretensas dimensões proféticas na abertura do álbum, quiçá no desejo de valorizar através de um prodígio os aspectos grandiosos da

---

[16] L. de Matos, op. cit., pp. 13-14. Sobre o padre João da Costa, cf. o que se sugeriu a propósito de uma citação de D. B. Machado, op. cit., Vol. II, p. 640, e o que mais nos diz Célia Tavares sobre a vida e actividade cultural no Colégio de São Paulo de Goa (Célia Tavares, *Jesuítas e inquisidores em Goa: a cristandade insular (1540-1682)*, Lisboa, Roma Editora, 2004, pp. 214 e segs.). A respeito do escândalo do assassinato do padre António de Andrade, célebre missionário no Tibete, ocorrido no colégio jesuítico de Goa, em 1634, o padre João da Costa foi referido no processo, junto ao padre Diogo de Arede II (id., p. 231). Mas também é possível que se trate de um caso de homonímia.

[17] É interessante o envolvimento neste processo de Gabriel Pereira de Castro (1571-1632), tratando-se de um notável jurisconsulto e, também, escritor de mérito, autor da *Ulisseia, ou Lisboa Edificada* (saída postumamente em Lisboa, em 1636).

[18] M. L. de Almeida, op. cit., pp. 495-496.

História portuguesa num momento em que o sentimento de perda se agudizava face à crise geral do Reino. Não será exagero imaginar-se que, sendo tal a importância do sinal profético revelado através do «monstro» da Mouraria, não se desdenharia integrar o registo da sua breve existência nos desenhos exóticos de tantas civilizações asiáticas e africanas que haviam feito a grandeza do Portugal ultramarino, enfatizando-se assim uma identidade histórica abalada, segundo Pedro Rodrigues Soares, pela «vil tristeza» dos tempos. Portanto, não é nada improvável que o *codex* integrasse à data destes acontecimentos a colecção do velho pintor Simão Rodrigues, precisamente o artista chamado pelo arcebispo para retratar o «menino monstruoso», tal como aparece desenhado no derradeiro fólio do *Códice Casanatense* – um facto até hoje considerado casuístico, por alegadamente nada existir a relacioná-lo com as restantes imagens pintadas no livro…

Tudo se esclarece melhor se seguirmos com atenção a actividade desse mestre pintor tardo-maneirista[19], muito ligado a encomendas da Companhia de Jesus e que, um ano antes dos acontecimentos da Mouraria, ainda estava a pintar um elogiado painel com destino à igreja da Companhia de Jesus de Luanda, em Angola, segundo expressa citação coetânea de António de Oliveira de Cadornega[20], assim como uma série de pinturas para a Igreja de Santo Estêvão de Alfama, nesse caso submetidas a um «rascunho» definido pelo padre jesuíta Diogo de Areda. O pintor morreu em 1629, poucos meses volvidos sobre o desenho do «*monstro*» e sobre estes acontecimentos[21], depois de uma longa actividade profissional que transcendeu com frequência o espaço metropolitano e em que contou com numerosos discípulos, um deles Jerónimo de Mendonça (o qual, travestido de falsa identidade de monge franciscano, com nome de frei Jerónimo do Espírito Santo, chegou a actuar como pintor em Olinda, no Recife e em Luanda, sendo depois preso e relaxado pelo Santo Ofício com acusação de vida dissoluta e de bigamia…)[22].

Ignoramos de todo o que se passou com o *codex* a seguir a 1628, mas parece depreender-se do que foi dito que se conservaria em mãos jesuíticas, afinal os círculos em que se movia o pintor Simão Rodrigues nos últimos anos da sua existência. É certo, por exemplo, que em 1629 o padre Areda partia para Goa, onde estadearia vários anos no Colégio de São Paulo, alargando os contactos entre as duas casas professas. Pode-se presumir que o

---

[19] Cf. A. Gusmão, op. cit., e V. Serrão, «"Pittura senza tempo"», cit., pp. 98-107.

[20] Cf. António de Oliveira de Cadornega, *História geral das guerras angolanas* (c. 1680), ed. de José Matias Delgado, Vol. 3, Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1972. Agradeço a Francisco Lameira (Universidade do Algarve) a indicação deste dado constante do manuscrito de 1580 sobre Simão Rodrigues e a sua actividade em 1627 para os jesuítas de Luanda.

[21] ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO [ANTT], *Registos Paroquiais de Lisboa*, L.º 1.º de Óbitos da Freguesia do Socorro, 1610-1657, fls. 212v e 213.

[22] Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, «Frei Jerónimo do Espírito Santo (1566(?)-1600): um pintor desconhecido», *Artis – Revista do Instituto de História da Arte*, n.º 3, 2004, pp. 199-210.

livro tivesse sido guardado em livraria inaciana de Lisboa e muito admirado no contexto do nacionalismo efervescente dos anos da Restauração portuguesa, ávido de acentuar valores de orgulho e identidade. Pensa-se, enfim, que o *Códice Casanatense* teria seguido, décadas mais tarde, para Roma e sido ofertado à novel biblioteca, mas a respeito desta última etapa viageira do livro das imagens do Oriente falecem-nos de todo os dados concretos.

O pintor Simão Rodrigues, a «criança monstruosa» da Mouraria e o desenho de 1628 aposto ao códice

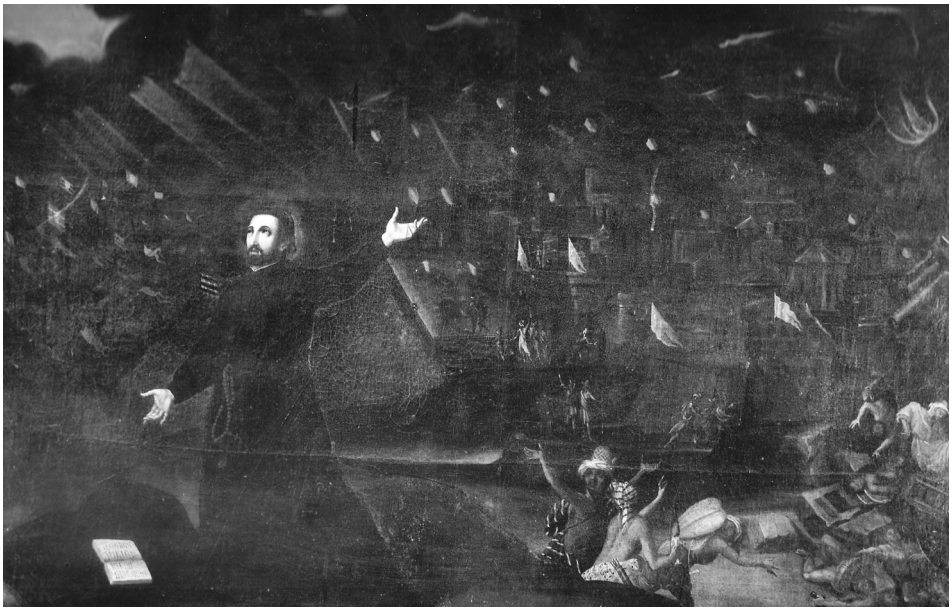


Fig. 2 – Simão Rodrigues e André Reinoso, *São Francisco Xavier imprecando os invasores badegás em Comorim (ou os paravás em Travancore)*, pormenor, c. 1619 (Lisboa, sacristia da Igreja de São Roque).

É de presumir que Simão Rodrigues (Alcácer do Sal, c. 1555-Lisboa, 1629), um dos nomes artísticos mais considerados na Lisboa filipina, tivesse tido posse do *codex* num determinado momento entre a vinda do livro de Goa e a sua devolução aos padres da Companhia de Jesus. Melhor: o álbum estaria então em mãos de um inflamado pregador antifilipino, o padre jesuíta Diogo de Areda[23], para quem Simão Rodrigues havia trabalhado em 1627, e por essa via se gizaria a adição do desenho e a colaboração do citado autor.

[23] Cf., sobre os dois jesuítas de nome Diogo de Areda (tio e sobrinho), João Francisco Marques, *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de História da Universidade do Porto, 1986, pp. 158, 172, 178, 198, 337, 356 e 357.

Assim se explica que, de sua lavra ou por sugestão inaciana, o pintor Simão Rodrigues acrescentasse um desenho no fólio de abertura do famoso códice (a crer numa disposição diversa do mesmo, antes da encadernação): o facto de suceder um acontecimento pleno de revelações e aberto a interpretações prodigiosas levaria o pintor, manifestando respeito pelo testemunho exótico do álbum e pelo seu sentido repertorial sobre a dimensão portuguesa no mundo, a conferir-lhe uma dimensão contemporânea, destacando o menino monstruoso da Mouraria.

Simão Rodrigues era um homem culto e respeitado, com formação nos cânones da *Bella Maniera* da geração precedente, mas que gradualmente se tornara um típico artista da ortodoxia contra-reformada, com uma actividade oficinal intensa, não só para todo o espaço metropolitano mas, também, para Macau e para Angola, para onde pintou obras. Simão Rodrigues teve ensejo de passar no tempo de Sisto V pela Cidade Eterna, onde foi sensibilizado pela pintura tardo-maneirista romana de artistas como Cesare Nebbia, Niccolò Pomarancio e outros pintores então no apogeu das carreiras[24]. De regresso ao Reino, realizou um conjunto de painéis para retábulos bem-sucedidos (em São Domingos de Elvas, na Sé de Leiria, na Capela da Universidade de Coimbra, no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, nas igrejas de Marvila e da Misericórdia de Santarém, nos mosteiros do Carmo da Vidigueira e de Lisboa, para os dominicanos de Vila Real, os cistercienses de Alcobaça, os jesuítas de São Roque, etc.)[25], obras que lhe trouxeram prestígio nos círculos de encomenda marcados pelos valores didascálicos dominantes, convertidos ao gosto de uma arte catequética *senza tempo*[26]. Vimos já que Simão Rodrigues teve muitos colaboradores, como o pintor régio Domingos Vieira Serrão, e vários discípulos, sendo o mais importante destes André Reinoso, que todavia divergiu da linha estética do mestre e enveredou cedo por um gosto «ao moderno», tal como se fazia em Sevilha, e se tornou a curto prazo o pintor mais destacado da renovação naturalista protobarroca.

Estamos, em resumo, perante um homem de grande religiosidade, ligado aos jesuítas em múltiplas ocasiões, tal como aos carmelitas de Coimbra, de Lisboa e da Vidigueira, a confrarias poderosas como a dos mercadores de São Luís dos Franceses, e ao aparelho do Santo Ofício, para quem trabalhou. É de sublinhar, à luz do que era esta sociedade contra-reformista portuguesa levada a empolar o seu papel no fenómeno de europeização dos novos espaços que a Expansão viera proporcionar, aquilo que se poderia entender então por *civilização material*, baseada no nosso caso num conheci-

---

[24] V. Serrão, «Simão Rodrigues em Roma. A influência do Oratório del Crocifisso na pintura maneirista portuguesa», *Promontoria – Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, n.º 1, 2003, pp. 95-114.

[25] A primeira biografia e avaliação crítica da obra de Simão Rodrigues deve-se ao historiador de arte Adriano de Gusmão, op. cit.

[26] Federico Zeri, *Pittura e Controriforma. La «pittura senza tempo» di Scipione Pulzone da Gaeta,* Torino, 1957.

mento alargado das realidades do espaço do império. Parece útil seguir aqui o postulado utilizado por Fernand Braudel a respeito da vivência elementar básica das comunidades e o seu quotidiano marcado por rotinas de comportamento mas, também, por um sistema de acontecimentos quotidianos da esfera do *inexplicável*, como os sinais, as profecias, os prodígios, os *miracula,* as visões sobrenaturais e as *mirabilia*, campo por excelência da história do quotidiano[27], fundamentais para caracterizar as crenças e os traumas, as tradições arreigadas e as linhas transmemoriais de inconsciente, que tornam menos ininteligíveis as evoluções, rupturas e continuidades (e que, no caso nacional, faziam sentir as interferências de uma realidade miscigenada e pluricultural).

Viviam-se épocas conturbadas, de grande incerteza no futuro, propícias à interpretação plural de todos os presságios e sinais percebíveis. É neste corpo civilizacional que se situam o fenómeno do nascimento, em 1628, do «monstro» da Mouraria e os sucessos envolvendo esse acontecimento único, que depois de canonicamente avaliado pelas autoridades religiosas passou a ser visto como sinal de intervenção divina para consciencializar as pessoas e alterar o curso normal dos acontecimentos, com alegadas aplicações à situação sociopolítica. Os círculos de oposição anticastelhana, em que se incluía o sebastianista Pedro Rodrigues Soares, que narra detalhadamente o prodigioso acontecimento da Mouraria, viam nesta sucessão de *mirabilia* e sinais a prova cabal de que, face ao desgoverno do Reino sob tutela de Filipe III, existia legitimação divina para se pensar numa nova solução alternativa de tónus nacionalista. Aliás, Portugal não era caso isolado no contexto da época em termos de credulidade popular e de influência destas *mirabilia* e *oracula,* sabendo-se como noutros espaços coetâneos europeus mais flagelados pelas lutas entre católicos e protestantes e, também, em terrenos imperiais como o Estado da Índia, tantos outros acontecimentos da esfera do sobrenatural assinalam as fontes disponíveis[28].

---

[27] Cf. Fernand Braudel, *Civilisation matérielle, économie et capitalisme, XV^e^-XVIII^e^ siècle,* Vol. 1 («Les Structures du Quotidien»), Paris, Librairie Armand Colin, 1979, p. 23. A esse propósito, cf. Francisco Bethencourt, «Astrologia e Sociedade no Século XVI», *Revista de História Económica e Social*, n.º 8, 1981, pp. 43-67; Lorraine Daston e Katherine Park, *Wonders and the Order of Nature*, New York, 1998 (com visão sobre o modo como tais fenómenos inexplicáveis, como tais monstros biológicos e naturais, reais e ficcionados, eram comentados e explicados à luz da expressão da natureza e da vontade divina), além da visão de conjunto apresentada por Maria Adelina Amorim sobre as *mirabilia* (Maria Adelina Amorim, «Viagem e *Mirabilia*. Monstros, Espantos e Prodígios», in Fernando Cristóvão (dir.), *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens – Estudos e Bibliografias*, Lisboa, CLEPUL e Cosmos, 1999, pp. 127-181.

[28] Cf., entre outros, Jean Delumeau, *Rassurer et protéger. Le sentiment de securité dans l'Occident d'autrefois*, Paris, Fayard, 1989, pp. 189-210 (vários exemplos em França entre 1620 e 1670); Rudolf Wittkower, *Allegory and the Migration of Symbols*, London, 1977 (os efeitos de prodígios, sinais, astros e outros *miracula* durante a Reforma protestante nas reacções populares); Jean Céard, *La nature et les prodiges. L'insolite au XVIe siècle, en France*, Genève, Librairie Droz, 1977; F. Bethencourt, op. cit., pp. 43-67; L. Daston e K. Park, op. cit.; e João Teles e Cunha, «O inusitado no quotidiano de Goa: O mosteiro de Santa Mónica e o milagre da Cruz em

Eram acontecimentos como este que agitavam as massas e serviam tanto à parenética paroquial, como à inflamada parenética de intuitos políticos para interpretarem avisos e manifestações da esfera do divino[29]. Os prodígios de que Pedro Rodrigues Soares nos dá abundante testemunho podiam ser entendidos como protestos contra a dissolução de costumes, contra os desvios à boa prática católica e contra a menor vigilância dos cristãos-novos e dos protestantes, pelo que estes «sinais de expressão de protecção divina» serviam tanto para acessos de religiosidade exacerbada como de legitimadores de repressão de minorias. Em termos políticos, o descontentamento contra a governação pró-castelhana levava, também, as pessoas a verem nesses sinais avisos de acontecimentos funestos, mobilizando as comunidades para a defesa dos seus interesses.

Pensamos, assim, que em Abril de 1628 Simão Rodrigues terá desenhado o fólio do *codex* que continha a dedicatória a abrir o livro, integrando-o algo profeticamente num livro de imagens do Oriente, ao mesmo tempo que pintava, a mando do arcebispo, um desaparecido quadrinho destinado a ser visto pelo rei na corte de Madrid. Tratou-se de um uso intencional e não casuístico, tendo em conta a importância do álbum que tinha em mãos e que imaginava vir a ter peso, de seguida, em círculos influentes. Por isso se fez recurso de legenda explicativa envolvendo a bordadura do desenho do códice, onde corre o seguinte: «Naceo este monstro em Lxª no Ano de 1628./ Durou sinco dias (destruído)…/foi enterrado em são Sebastião da mouraria avendo o/de o enterrarem o mandou retratar o sr Arcebpº. Seu Paj hum estrangrº, sua Mãi Portuguesa.» À imagem de uma história custodial precisa, associou-se no imaginário popular uma força mais vasta e significante, que acolhia um outro universo de referências: tal como as imagens exaltantes dos povos asiáticos passíveis de cristianização por virtude da presença portuguesa no Oriente, também o menino-prodígio não podia ser visto só como uma aberração contranatura, mas era, sobretudo, passível de ser admirado como signo do destino providencial do império português no mundo.

Voltemos aos acontecimentos da Mouraria e ao artista envolvido, à luz daquilo que, com toda a certeza, se sabe. Os passos de Simão Rodrigues junto aos jesuítas não se esgotaram na pintura de algumas telas da sacristia de São Roque, já que, além de ter realizado outros quadros para dependências desse templo inaciano, o idoso pintor foi envolvido, em Abril de 1628 (a poucos meses da sua morte, ocorrida em Janeiro seguinte), neste caso prodigioso e de signo teratológico que fez furor no bairro da Mouraria e na

---

1636», *bHL* (blogue de História Lusófona), Instituto de Investigação Científica e Tropical, ano VI, Agosto 2011 (este último, sobre dois «milagres» de Goa alvo de grandes surtos devocionais: o de Santa Cruz da Boa Vista, em 1619, e o do Crucifixo do Mosteiro de Santa Mónica, em 1636). Agradeço as informações recebidas do Prof. João Marques e do Prof. João Teles e Cunha a este propósito.

[29] J. F. Marques, *A Parenética Portuguesa e a Restauração, 1640-1668*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de História da Universidade do Porto, 1989, pp. 109--111 e 122-125, entre outras referências parenéticas a «eventos miraculosos».

generalidade da Lisboa do tempo, passando para os espaços do império em relatos mais ou menos exagerados.

O pintor foi envolvido no nascimento da criança monstruosa, que nasceu com cruz vermelha no peito e com tamanha deformidade que justificou ser mandada desenterrar, a fim de se pintar a imagem para que restasse memória do fenómeno. A criança era filha de um lapidário «estrangeiro», chamado Gaspar da Costa (é interessante observar que o *Memorial* de Pedro Rodrigues Soares perpassa essa origem paterna como um dado suspeitoso). A mãe era uma formosa jovem de 18 anos, que repudiou o filho em desespero de causa, dando-o a alimentar a umas amas moradoras na Rua Suja, junto ao Colégio dos Meninos Órfãos, onde o menino demonstrou um grande apetite durante os quatro a cinco dias que viveu. Coube a Simão Rodrigues cumprir a tarefa do retrato, a mando do arcebispo, pintando um desaparecido quadro que se destinava a ser levado à corte de Madrid. Mas também se fizeram outros desenhos do «monstro», um deles ilustrativo do próprio *Memorial* de Pedro Rodrigues Soares, debuxo este de débil execução, acaso da autoria de Soares, que fez outros desenhos ao longo do seu manuscrito. Além deste, existe apenas o desenho que, com maior qualidade plástica que o precedente, integra aquele que é actualmente o último fólio ilustrado do *Codex Casanatense*[30].

É o escritor sebastianista Pedro Rodrigues Soares, na sua minuciosa colecção de memórias do Reino que foi escrevendo pacientemente de 1565 a 1628, quem nos dá o mais fidedigno relato dos prodigiosos acontecimentos ocorridos com o menino de formas monstruosas nascido na Mouraria, nos seguintes termos:

> Relassão verdadeira do menino que naçeo.
> Este menino adiante retratado naçeo huma segunda fr[a] aos dez do mes dabril de 628 as três oras e meã dante menham o qual pario a molher de hum lapidairo que chamão Gaspar da Costa que mora a porta do ouro qual he mossa de dezoito annos muito bem paresida e o marido o mesmo, durou este minino vivo quatro dias chorando e mamando como menino de mor ydade, tinha a boca grande, a cabessa era feita em huma concha aguda em sima no meyo como capassete e tudo o mais de sseu corpo em conchas duras da grossura de hum patacão e se a querião quebrar era dura, e tinha no peito huma Crus vermelha muito bem feita e grande, tinha nas pernas do joelho pêra baixo ao comprido humas vergas vermelhas em conchas muito duras e inchadas e as pontinhas dos dedos fora mto pequeninas e os pees da mesma maneira os riscos dos braços vermelhos e em conchas atravesadas pelos braços, os olhos mto vermelhos por fora e por dentro craros, e por a mai o não ver o mandou o pai criar na Rua Suja alem dos meninos órfãos onde moreo e foi enterado em sam Sebastião, e sabido tudo pello Arcebispo o mandou dessenterar pello Coregedor da corte graviell pireira de castro e que tirasse larga enformassão de testemunhas para que conforme ao que achassem o mandarem Retratar para

[30] Reproduzido também em G. Schurhammer (S.J.), *Gesammelte Studien II*, *Orientalia*, Roma-Lisboa, Instituto Histórico da Societas Iesu e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963, pp. 111-112.

> o mandarem a elRey como de feito tirou muitas testemunhas que o virão e o amo que o teve em casa e as molheres que lhe deram de mamar e a parteira e o mesmo pay, e achando ser assim tudo o asima dito o mandarão Retratar por Simão Roiz pintor e depois de retratado para mais serteficassão o mandou ho Arcebispo dezenterar pello dito Corregedor e pello dito pintor e o dezenterrarão avendo quinze dias que estava enterado e o acharão ainda com todos os sinais e desta maneira o mandou o Arçebispo retratar pêra o mandarem a elRey como mandaram e da mesma Relação que com Retrato foi se tirou esta na verdadeira verdade, sendo de todos tido por hum grande prodígio de maneira que por todas as vias tudo erão Sinais e prodígios esperandosse delles seus efeitos permitindo Ds sejam para bem da cristandade e deste aflegido Reino e a figura do menino he a que ao diante se segue retratada bem e verdadeiramente da mesma maneira que foi a elRey[31].

Adepto fervoroso da causa do Prior do Crato e não escondendo nunca a sua postura antifilipina e a sua fé sebastianista, o velho Pedro Rodrigues Soares referencia nas notícias finais do seu longo *Memorial* outros acontecimentos anómalos, coevos do «monstro» da Mouraria, lidos como sinais de Deus aos portugueses. Diz que «neste mesmo tempo e noutras partes do Reno nacerão outros mostros [*sic*] e tangeo o sino de velilha e ouue todo este ano em lix[a] muitas mortes e muitos cazos atrozes e dezastrados», dando exemplo de estranhos sinais aparecidos nos céus e citando o nascimento de dois meninos siameses no lugar de Chãos, no termo da cidade de Leiria, também estes mandados pintar pelo bispo de Leiria num quadro que foi enviado ao arcebispo de Lisboa e governador do Reino[32].

A notícia do nascimento do menino aparece referida também no muito difundido livro *Curiosa Filosophia y Tesoro de Maravillas de la Naturaleza* do padre jesuíta Juan Eusébio Nieremberg i Otin (1595-1658), dado à estampa em Madrid em 1630 e muitas vezes reeditado, em que este escritor sacro nos transmite outros pormenores a respeito da criança da Mouraria. O padre Nieremberg era espanhol com origens alemãs, foi confessor da duquesa de Mântua D. Margarida de Sabóia (vice-rainha de Portugal de 1634 até à Restauração), e esse vínculo levou-o seguramente a conhecer testemunhos dos acontecimentos da Mouraria, além de que teria podido contemplar o painel enviado para a corte madrilena com representação da criança. Na parte terceira do seu livro, chamada «De la animación y especificación de los monstruos», o padre Nieremberg dá-nos outros pormenores sobre o caso, alargando a informação dada no *Memorial* de Soares. No Capítulo V, especulando sobre o «encuentro casual de las estrellas», escreve o seguinte:

> Recientes exemplos tenemos desto, no mas lexos que del año de 1628, uno que nació en Portugal con una espada en el braço derecho y la letra S, en

---

[31] M. L. de Almeida, op. cit., pp. 495-496.

[32] M. L. de Almeida, op. cit., pp. 496-497. Também neste caso Pedro Rodrigues Soares integrou um desenho no seu *Memorial,* respeitante aos gémeos de Chãos, de idêntica factura ingénua.

> el pie tambien derecho, y un ojo solo en la frente, Outro também que nació en Lisboa, com su morrión en la cabeça de las mismas laminas, y una cruz colorada en el pecho; las laminas eran como conchas unas sobre otras, eran blancas y de color de ladrillo quemado»[33].

E, no Capítulo XXVIII (que se intitula precisamente «Una importante advertencia cerca de un monstruo de Lisboa»), ao discutir sobre o «bautismo de los monstruos dudosos… que tienen probablemente alma humana», cita de novo o menino nascido na Mouraria em 1628, sobre o qual

> hubo duda si le bautizarian, resolviuse con rasón que sí; murió luego, y enterralonle. Llegò la nueva al Virrey, y Arçobispo, que era de Lisboa juntamente, mãdò que se tornasse a ver para hazerse información de aquel espectáculo: abrieran la sepultura, tomaranle de la mano armada para sacarle fuera, y el que lo hizo se salio con la manopla entera, como si le huviera quitado un guante, quedãndose el niño con su mano formada, y limpia, que tenia debaxo de las laminas. Si el agua del bautismo cayò solamente sobre las laminas descontinuas, y no sobre el rostro que tenia desnudo, no quedaria bautizado. Falta concluir lo restante desta disputa, quanto à lo particular de algunos monstros insignes, que con vida, y costumbres de bestias, alcanzaron rostro human, y esta dificultad ayudará a la disputación de la imaginación, porque si semblante de hombre puede estar sin su alma, tambien su alma podra estar sin su bulto entero.

Testemunhos como os de Soares e de Nieremberg atestam o alcance do sucesso da Mouraria e a razão que levou as autoridades a mandar pintar o retrato do menino monstruoso. O desenho do *Códice Casanatense* é, ao contrário do que desatentamente se tem afirmado, obra de valor artístico, debuxada com intenção de valorizar as deformações e de acentuar os «sinais prodigiosos», e deve corresponder ao modelo do quadro que foi pintado por Simão Rodrigues[34]. Será, com toda a probabilidade, obra do próprio Simão, e o facto de ter sido integrado no final do *Codex Casanatense* tem forçosamente de ser considerado algo de não casuístico, mas muito significativo no contexto de uma civilização material ávida de interpretar signos, prodígios,

---

[33] Juan Eusébio Nieremberg (S.J.), *Curiosa Filosophia y Tesoro de Maravillas de la Naturaleza,* ed. **Pedro Lacaballería, Barcelona, 1644, fls. 67v, 76 e 87-88. Utiliza-se a edição de Barce**lona de 1644, saída dos prelos de Pedro Lacavallería e dedicada ao cardeal Mazarino. Agradeço ao Doutor Tiago Miranda esta informação precisa. A respeito desta fonte espanhola que referencia o alvoroço causado pelo «sucesso da criança da Mouraria» se referem, em breves citações, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno: Diccionário Geográphico, Estatístico, Chorográphico, Heráldico, Archeológico, Histórico, Biográphico & Etymológico de Todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal...*, Tomo IV, Lisboa, 1873, p. 373, e Luís Pastor de Macedo, na introdução e notas de Júlio de Castilho, *A Ribeira de Lisboa. Descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre de Deus a Santos-o-Velho*, 4.ª ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1981, pp. 191-192.

[34] Segundo L. de Matos, op. cit., pp. 18 e 29-30, «um último [fólio], que não tem, aliás, qualquer valor artístico [*sic*], é posterior e não está de maneira nenhuma relacionado com o assunto, e daí que seja excluído desta edição»...

deformidades e sinais como espécie de oráculos reveladores dos sentidos morais do quotidiano.

A presença deste desenho integrado no último fólio do famoso códice quinhentista (mas que supomos constituísse o do frontispício) abre, assim, uma série de questões pertinentes, não só a respeito da sua posse em círculos da Companhia de Jesus, mais de 50 anos volvidos sobre a sua execução, mas também a propósito da real influência tida pelos seus fólios pintados com figuras orientais na arte e no imaginário português de alvores de Seiscentos. Assim, o menino deformado da Mouraria era visto, mais que uma fonte de curiosidade, como um «sinal dos céus», e sob esse prisma benigno de revelação ganhava sentido a sua integração junto de uma série de desenhos coloridos das gentes relacionadas com o grande império português na Ásia, e na costa oriental africana, onde se documentavam representantes desses povos, das festas gentias, dos pagodes brâmanes, dos sacrifícios aos deuses, do comércio e das relações familiares, das artes da guerra, das expressões de fé e outras manifestações de religiosidade que eram completamente estranhas aos cristãos europeus. Não custa a imaginar o impacto dessas imagens perante quem teve oportunidade de admirar os fólios do códice na Lisboa do primeiro terço do século XVII.

Vemos quão acentuada foi a influência das tipologias figuradas numa obra como é o *codex* quando admiramos algumas figuras pintadas por André Reinoso e por Simão Rodrigues na série de telas *Vida de São Francisco Xavier*, sobre os arcazes da sacristia da igreja da casa professa de São Roque, entre outras obras marcantes da pintura portuguesa da época. Por certo, o conhecimento desses fólios iluminados com personagens de Goa, de Cambaia, de Malaca, de Cochim, de Ormuz e de outras possessões do Oriente fez-se sentir na realização de muitas obras de arte, descrições literárias e relatos de viagens dessa época, e as telas da sacristia de São Roque, como se pode ver, não fugiram à regra.

Possíveis influências do *codex* em pinturas de encomenda jesuítica

Os acontecimentos do prodígio de 1628 foram directamente evocados no *Códice Casanatense* com a inclusão do desenho (possivelmente como ilustração do próprio frontispício)[35], mas será interessante recuarmos a 1619 e, fazendo fé de que o *codex* já então se encontrava na capital portuguesa, vindo de Goa, avaliar as suas possíveis influências no mundo artístico nacional.

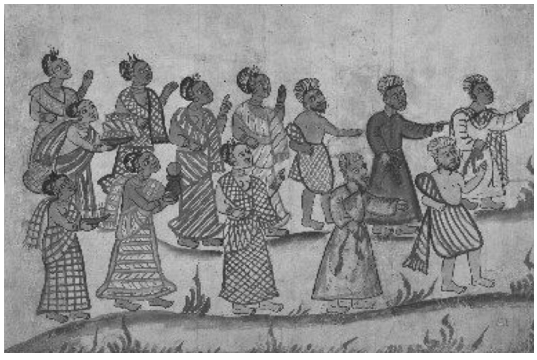
Nessa data, como se sabe, os padres jesuítas de Lisboa mandaram pintar um conjunto de 20 telas com passos da vida e milagres do beato Fran-

[35] A encadernação moderna do códice na Biblioteca Casanatense não infirma esta possibilidade, pois é notório que houve alterações na sua organização. Pensamos que o fólio que inclui o desenho do menino, o da indicação de propriedade e o que representa uma composição vegetalista simples formavam o corpo inicial do *codex* na altura em que ele circulou em Lisboa a seguir aos acontecimentos da Mouraria.

cisco Xavier, destinado a decorar os espaldares do duplo arcaz de exóticas madeiras na sacristia nova da sua Igreja de São Roque[36]. Essas telas, que preparavam por assim dizer o processo de santificação do célebre apóstolo das Índias (o qual seria levado a bom porto três anos volvidos), foram dadas a pintar aos dois melhores artistas da cidade, representantes das correntes estéticas que, antagónicas embora, dominavam o gosto dos mercados artísticos. Os padres jesuítas contrataram, assim, o já muito referido pintor Simão Rodrigues, que representava a tradição do Maneirismo contra-reformado já então em decadência, e um artista mais jovem, o seu discípulo André Reinoso (c. 1590-1650), provavelmente acabado de retornar de Sevilha e que se assumia como a estrela ascendente do novo naturalismo de ressaibos italianizantes, corrente triunfante no decurso das décadas seguintes[37].

O resultado da colaboração entre os dois pintores foi excepcional: trata-se, como é unanimemente reconhecido pela História da Arte portuguesa, de uma das melhores obras, senão a melhor, de pintura religiosa do século XVII, pela qualidade do desenho, pelo exotismo das composições, pelo forte gosto naturalista que exala da maioria das cenas e pelo conhecimento que revela ter das vivências, usos e costumes asiáticos, a denunciar boas fontes de inspiração. De facto, é com Reinoso (espécie de Zurbarán português) que essa dimensão naturalista-tenebrista da *Vida de São Francisco Xavier* melhor se desenvolve, mostrando nas telas da parte direita da sacristia jesuítica a sólida influência sevilhana do pintor, a superar o inicial aprendizado junto de Simão Rodrigues, cuja prestação em algumas telas do arcaz esquerdo mostra sintomas de esgotamento de modelos plásticos, inspirados na *Contra-Maniera* do século precedente e sem a mesma chama naturalista. Mas o que é mais singular nessas pinturas é a impressão que o programa artístico nos revela sobre uma base de conhecimento das civilizações da Ásia, mostrando



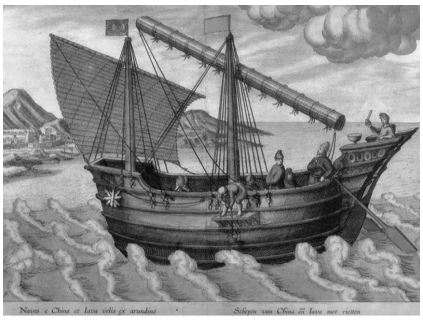


Figs. 3 e 4 – André Reinoso, *Prégação de São Francisco Xavier em Goa*, pormenor, c. 1619 (Lisboa, sacristia da Igreja de São Roque), e fl. 98 do *Codex Casanatense*, com festa de casamento de canarins em Goa.

[36] V. SERRÃO, *A lenda de São Francisco Xavier*, cit.

[37] Id.

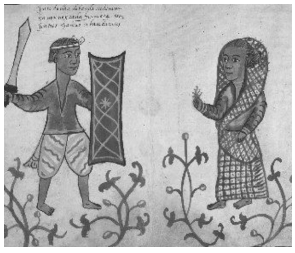




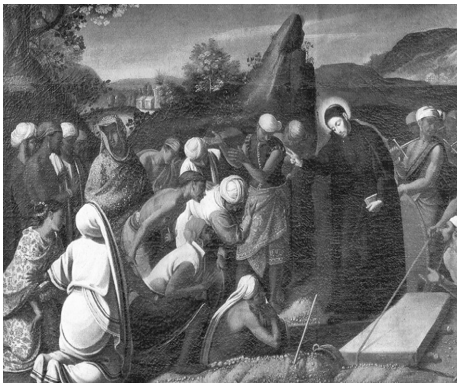
Figs. 5 e 6 – André Reinoso, *São Francisco Xavier aplacando a sede dos companheiros de viagem* (Lisboa, sacristia da Igreja de São Roque), e gravura da edição do *Itinerario* de Jan Huygen van Linschoten, 1595.







Figs. 7, 8 e 9 – André Reinoso, *São Francisco Xavier instituindo o símbolo da Cruz na Índia*, c. 1619(Lisboa, sacristia da Igreja de São Roque), e desenhos do *Códice Casanatense*, fls. 135 (figuras das ilhas de Maluco) e 138 (cena de gentios da Ilha de Banda).





Figs. 10 e 11 – André Reinoso, *São Francisco Xavier ressuscitando um chefe de casta em Ceilão em 1541*, pormenor (Lisboa, sacristia da Igreja de São Roque), e imagem do *Códice Casanatense*, fl. 99 (cena de casamento de canarins).





Figs. 12 e 13 – Simão Rodrigues e Domingos Vieira Serrão*, A Rainha Santa Helena e o Milagre do Reconhecimento da Vera Cruz*, c. 1605 (painel do antigo retábulo do Mosteiro de Santa Cruzde Coimbra, hoje na sacristia da Igreja do Carmo de Coimbra), e gravura de Giovan Battista Cavalieri segundo modelo de Livio Agresti, 1569 (Roma).

um repertório de formas e adereços que mostram inspiração nos exotismos antropológicos disponíveis ao conhecimento dos artistas portugueses, que sabiam de cor não só as narrações do livro do padre João de Lucena e outros panegíricos do apostolado de São Francisco Xavier, mas também as informações imagéticas trazidas através de livros ilustrados, como era certamente o caso do álbum de Linschoten e do *Códice Casanatense*, este último, como se presume, em mãos de altos responsáveis da Companhia de Jesus no Colégio de São Roque. Essa marca tem evidências que o cotejo artístico permite seguir, a partir da análise das telas, com maior ou menor clareza. Em algumas das telas da sacristia da casa professa de Lisboa, como seja no painel que representa *Milagre de Francisco Xavier ressuscitando um chefe de casta em Ceilão em 1541,* ou no quadro *Milagre de Francisco Xavier aplacando a sede aos compa-nheiros de viagem,* ou ainda na *Prégação em Goa* e na *Ressurreição de um chefe de casta* – todos integralmente pintados por André Reinoso –, ou ainda na tela *Francisco Xavier imprecando os invasores badegás em Comorim (ou os paravás em Travancore) levando-os à derrota,* esta da autoria de Simão Rodrigues e de um anónimo colaborador, pressente-se uma certa influência de figuras e pormenores do *codex,* seja nas poses e trajes exóticos de personagens, como num estudado e assimilado orientalismo, que só se percebe

se os artistas conhecessem bem essas e outras fontes de inspiração oriundas dos confins asiáticos do império[38]… As figuras asiáticas pintadas nas telas de São Roque atestam um conhecimento de fontes recomendadas, indicações específicas de modelos e adereços, que só se entende por um desenvolvido esforço dos comanditários junto dos artistas para digerirem informação iconográfica precisa. Livros de imagens, como era o caso do *codex*, contam-se com toda a certeza entre as fontes seguidas numa obra que se pretendia que funcionasse como *série-protótipo*.

Os cuidados exactos com que este ciclo xavieriano integrou, com intenções de discurso policénico, representações de figuras asiáticas, com seus trajes, armas, tapetes e adereços, documentando costumes e arquitecturas do Oriente, cores e padrões de tecidos e até formas vestimentares específicas, mostram a grande exigência dos seus programadores. O resultado pictórico atingiu nível superior (como já devidamente se fez notar, e é unanimemente reconhecido), pelo que tiveram forçosamente de existir um ou mais programadores da obra (um deles, o padre jesuíta Diogo de Areda I, ilustre sermonista, também com relações com os padres do Colégio de Goa através do seu sobrinho homónimo), bem como compilações de imagens (do tipo das do *Itinerario* de Linschoten e de livros ilustrados ou imagens soltas que corriam à época em Lisboa, sem esquecer o impacto das que ilustram o *codex,* então em mãos de jesuítas). Assim, podemos afirmar que muitas dessas fontes serviram para informação cabal dos artistas escolhidos pelos padres da Companhia de Jesus.

Estes aspectos de acentuado rigorismo de observação notam-se com especial acuidade nas telas do arcaz direito, mas também nas do arcaz da esquerda, que são, na sua maioria, mais convencionais de concepção, dentro de um tónus tradicional que segue receitas tardo-maneiristas, não deixando embora de integrar referências orientais cuidadosamente entrevistas.

No seu conjunto, o ciclo de 20 telas da sacristia de São Roque contribuiu, pelo seu efeito de exotismo, para valorizar o conhecimento do tempo sobre as vivências da diáspora portuguesa, ao mesmo tempo que inaugurava uma iconografia xavieriana credível, servindo propósitos de santificação, e

---

[38] V. Serrão, «A série seiscentista da "Vida de São Francisco Xavier" do antigo Colégio do Espírito Santo de Évora: a iconografia xavieriana à luz de uma singular narração policénica», *Oriente*, n.º 13, 2006, pp. 110-130. Sugerem-se neste ensaio várias relações artísticas de cotejo para cabal explicação do que foram os singulares processos de composição e de escolha de modelos seguidos por André Reinoso, por Simão Rodrigues e pelos demais colaboradores nas 20 telas da sacristia de São Roque, pintadas cerca de 1619, segundo um programa policénico que preparava terreno para a canonização do santo e que teve provável direcção iconográfica do padre Diogo de Areda I e, bem assim, grandes cuidados de enaltecimento para a eficiência de uma «história milagrosa» que se pretendia solidificada a partir dessa base de veracidade. A verdade é que várias outras séries de pinturas com iconografia xavieriana pintadas nos séculos xvii e xviii (Ponta Delgada, Angra do Heroísmo, Bragança, Coimbra, Évora, Goa…) seguiram, com menor qualidade embora, os modelos e os exotismos das telas de Reinoso para comporem as mesmas histórias...

se propunha tomá-la como modelo noutros espaços e centros cultuais do império (vejam-se muitas outras séries xavierianas pintadas de seguida em igrejas jesuíticas, de Coimbra, a Évora, aos Açores, à Índia e ao Brasil, todas elas inspiradas na série da sacristia de São Roque[39]). Apesar de opiniões em sentido contrário, o programa iconológico do ciclo xavieriano de São Roque não se inspirou em gravuras, pois é em absoluto original, tendo sido elaborado em estrita orientação de fontes viageiras e de textos jesuíticos em prol da canonização do apóstolo das Índias (a qual, de resto, antecede e prepara, pois esta só ocorrerá em 1622).

O facto de as telas oferecerem aos olhares dos visitantes uma imagem singular de *encontro de culturas,* de miscigenação e confronto de vivências, como testemunho esclarecido de práticas e exotismos, foi certamente estudado em detalhe pelos mentores da encomenda e constituiu, desde sempre, uma das razões maiores do seu fascínio como narração artística evocadora da miscigenação religiosa e cultural dos portugueses com outros povos. A representação fidelizada de trajes, por exemplo, foi já alvo de estudo minucioso de autores como Maria Helena Mendes Pinto e atesta o rigor com que os comanditários jesuítas visualizaram esta obra de prestígio enquanto fonte de informação imagética sobre o Oriente português[40].

O interesse deste ciclo extraordinário de telas pintadas em 1619-1620 em São Roque não se restringe, assim, ao atestado de potencialidades do jovem André Reinoso, pintor «mui naturalista» no dizer de Félix da Costa Meesen, dada a sua «maneira italiana, vaga e doce», termo que explica as raízes de inspiração castelhanas e sevilhanas das suas obras em sólida derivação barroca italianizante. Acresce outro nível de interesse: o de revelar, através da iconografia utilizada, um nível elevado de conhecimento das civilizações asiáticas (e da costa africana), que terão sido sedimentados a partir de fontes concretas, tanto o *Itinerario* de Jan Huygen van Linschoten[41], como parece ter sido também o caso dos desenhos do *Codex Casanatense,* entre outras fontes, relatos e debuxos que podiam oferecer-se à inspiração de clientes e artistas mais actualizados.

Sabemos hoje que o partido iconográfico seguido nas telas de São Roque foi profundamente discutido nas esferas influentes dos padres da Companhia de Jesus, que buscavam produzir obra de referência, com um programa-protótipo que pudesse ser fonte de inspiração para outros ciclos xavierianos (como veio na realidade a suceder). Coube ao culto ideó-

---

[39] Sobre essas séries xavierianas, muitas delas de secundário merecimento artístico, cf. V. Serrão, «A série seiscentista», cit., pp. 110-130.

[40] Sobre os têxteis indianos e a sua influência nas artes decorativas portuguesas, cf., por exemplo, Maria Fernanda Passos Leite, «Têxteis indo-portugueses», in Teotónio R. de Souza e José Manuel Garcia (org.), *Vasco da Gama e a Índia: história religiosa, cultural e artística*, Vol. 3, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, pp. 361-368, e Maria Helena Mendes Pinto, «Ways of being seated in Goa», in J. Pereira e P. Pal (ed.), op. cit., pp. 124-137.

[41] Cf. Ernst van der Boogaart, *Het verheven en verdorven Azie, Woord en beeld in het Itinerario en de Icones van Jan Huygen van Lischoten*, Amsterdam, 2000.

logo jesuíta, o padre Diogo de Areda (primeiro deste nome), ter um papel inspirador neste e noutros conjuntos de pintura da época. Sabemos, por exemplo, que este padre inaciano foi responsável, em 1627, pelo programa eucarístico que deveria nortear as pinturas de um aparatoso ciclo decorativo destinado a ornamentar o coro da Igreja de Santo Estêvão em Alfama, dado a fazer ao velho mestre Simão Rodrigues e a dois dos seus colaboradores de oficina, Agostinho de Aguiar e Sebastião Antunes, com decorações de brutesco e outras simbologias envolvendo nove «histórias do Santíssimo Sacramento» pintadas a óleo e um ciclo de emblemas eucarísticos, tudo gizado e alvo de parecer do referido Diogo de Areda I (1568-1641), um notável da Companhia de Jesus[42]. Esse tipo de «precisões iconográficas» eram comuns no tempo e seguidas a preceito, e incluíam a sugestão de uso de determinadas gravuras, como é o caso das de Giovan Battista Cavalieri, seguidas por Simão Rodrigues nas composições retabulares para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Se também era um entendido em matéria de iconografia sacra, Diogo de Areda II era sobretudo um escritor dotado na arte da parenética e da sermonária e, tal como seu tio homónimo, um orador de recursos, além de um homem para quem as civilizações do Oriente não eram em absoluto estranhas. O padre Diogo de Areda era, em suma, um sermonista respeitado e orador de talento, programador de decorações artísticas, que viveu muitos anos no Colégio de São Paulo de Goa, o que faz admitir ter tido posse e feito transacção de textos e imagens das vivências, usos e costumes da gentilidade, e atesta, pelo menos, que era pessoa com bons conhecimentos do que se passava no Estado da Índia e das suas gentes. Era sobrinho do padre Diogo de Areda I, formado em Direito canónico e civil, autor de sermões com significado político-parenético, como o que pregou na Capela Real, em 1624, pelo bom sucesso da armada portuguesa que foi em socorro do Brasil atacado pelos holandeses, ou o que pregou em 1630, na Igreja de Santa Justa, sobre o desagravo causado pelos acontecimentos de Santa Engrácia, admoestando então o povo de Lisboa pelos excessos cometidos contra os cristãos-novos; sabe-se, também, que foi reprimido em 1637 por apoiar as razões dos motins de Évora e protestar contra a intenção de Madrid de transformar Portugal numa mera província de Espanha[43]. Ao falecer, diz-nos Barbosa Machado, o padre Areda «deixou huma copiosa livraria à Casa professa de S. Roque»[44]. Mais uma vez é tentador imaginar-se que o *codex* pudesse ter seguido este percurso…

---

[42] ARQUIVO HISTÓRICO DO PATRIARCADO DE LISBOA [AHPL], *Maço de Contas das Irmandades extintas da igreja de Santo Estêvão de Alfama* (sécs. XVII-XIX), contrato de 24 de Março de 1626 e recibos de 27 de Agosto de 1626, referido em V. SERRÃO, «"Pittura senza tempo"», cit., pp. 98-107.

[43] J. F. MARQUES, *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, cit., pp. 158, 172, 178, 198, 337, 356 e 357.

[44] D. B. MACHADO, op. cit., Tomo I, pp. 633-634.

Mas é o percurso do sobrinho homónimo, o padre Diogo de Areda II (1599-1671)[45], que aqui mais nos interessa acompanhar. Natural de Arraiolos, tal como seu tio, terá tido papel relevante na intrincada teia que envolveu a presença do códice em Lisboa em 1628. Destinado desde cedo para missões na Índia, este jesuíta embarcou em 1629 para Goa, ido da Casa Professa de São Roque de Lisboa, precisamente no momento em que tinha cabal conhecimento do prodígio da Mouraria e da panóplia de comentários por ele gerados. O facto de em 1627 poder estar associado a Simão Rodrigues reforça a presunção de que acompanhasse a realização do desenho da criança. Esteve até 1545 na Índia, como professor de Teologia no Colégio de São Paulo de Goa e confessor do vice-rei D. Pedro da Silva (1635-1639), fundando o Colégio de Chaul, e tendo missões no interior. Volta à Europa por um triénio (1637--1640) em vésperas da Restauração, mas estava de novo em Goa no fim do Verão do ano seguinte, sendo vice-rei D. João da Silva Telo de Meneses (1640--1645), já que prega a 14 de Setembro de 1641 na Igreja de São Paulo de Goa o sermão gratulatório da aclamação de D. João IV, que deu justificado brado. A sua biografia prossegue com o regresso definitivo a Portugal em 1645, e vemo-lo a 21 de Dezembro de 1645 a pregar na Capela Real o «Sermão de São Tomé», patrono da Índia, em que exalta as valências cristãs do império português, e que mereceu ser de seguida impresso. Reside na casa professa de São Roque até 1655, data em que é incumbido da fundação do Colégio de São Francisco Xavier em Setúbal. O padre Diogo de Areda II foi o primeiro reitor dessa casa, que assegurava apoio às missões jesuíticas no Alentejo e na costa litoral do Algarve, e é nesse âmbito que, em 1660, se encontra em Portimão para fundar o Colégio de São Francisco Xavier, que será erguido com traças do arquitecto padre Bartolomeu Duarte e com fundos legados por um nobre regressado da Índia, Diogo Gonçalves, outra pessoa que, certamente, não era um estranho para o padre Areda[46]. Estante em Goa tantos anos, lá teria forçosamente de conhecer, também, o padre João da Costa, nome que, como vimos, é associado à posse do *codex* no Colégio de Goa[47].

Assim, é este segundo Diogo de Areda, figura com papel relevante na inflamada parenética anticastelhana fundamental para o triunfo da Restauração portuguesa, quem tem ligação directa à posse do *codex*. Neste contexto, fazia todo o sentido e actualidade a presença de um códice de desenhos que

---

[45] J. F. Marques, *A Parenética Portuguesa e a Restauração*, cit., Vol. II, pp. 334-335; Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, T. III, Vol. 2, Porto, Livraria do Apostolado da Imprensa, 1944, pp. 24, 30-36, 140-141 e 367-368.

[46] O Doutor João Francisco Marques fez-nos notar que, desde 1660, também se encontrava em Portimão, junto ao padre Areda, outro jesuíta seu conhecido de Goa, o padre João da Costa, a fim de promover as obras do dito Colégio.

[47] Cf. C. Tavares, op. cit., pp. 214, 230 e segs. O padre Diogo de Areda II aparece referido, junto ao padre João da Costa, no inquérito aberto em Goa, em 1634, por ocasião do envenenamento mortal do missionário padre António de Andrade. Por curiosidade, observa-se que alguém afirmou no inquérito que o padre Areda II era um bom conhecedor de poções (id., p. 231). Deve tratar-se do mesmo João da Costa que foi possuidor do códice.

incluísse a representação de muitos dos povos do Oriente submetidos e cristianizados pelos portugueses, ou tão-só contactados no âmbito da expansão – espécie de bons pergaminhos de uma identidade que se impunha enaltecer.

Ainda a respeito dos dois padres Areda, tio e sobrinho, e face ao que se conhece, podem ser sugeridas duas hipóteses de trabalho interessantes para a *fortuna histórica* do códice. A primeira, que Diogo de Areda tio, personalidade respeitada do Colégio de São Roque e nome ilustre da sermonária antifilipina, tenha sido proprietário do códice no momento em que decorreram os acontecimentos da Mouraria e quando nele se incluiu o desenho do menino monstruoso. A sua vinculação familiar, e no seio da Companhia, a Diogo de Areda sobrinho (cujas relações de trabalho com o pintor Simão Rodrigues estão documentadas) leva a crer que, dada a sua ida para Goa logo em 1629, com presença no Colégio de São Paulo, onde se relacionou com o padre João da Costa, tivesse tido responsabilidade nas peripécias por que passou o códice, entre Goa, Lisboa e quiçá, de novo, a capital do Estado português da Índia. Seja como for, pode assacar-se ao padre Areda II o envio de obras indianas para Lisboa com destino a seu tio e aos círculos da Companhia de Jesus, contribuindo assim para a influência de um exotismo asiático através de informações transmitidas sobre as artes, os costumes e as civilizações com que contactou. Futuras investigações poderão aclarar aquilo que, nesta fase dos nossos conhecimentos, se configura como um conjunto de hipóteses apetecíveis.

Algumas conclusões

Os desenhos policromos do *Códice Casanatense* são, pela qualidade do registo visual e pela atenta descrição de usos e costumes das possessões do Oriente e dos espaços contactados pelos portugueses, um documento histórico-artístico de incontestável valia. As provas da sua veracidade e realismo, com conexões directas com a literatura de viagens e a cronística geográfica do século XVI, foram já comprovadas pelos estudos de Schurhammer, de Luís de Matos, de Manuela Mota, de Barchiesi, de Losty e de outros autores, todos eles atestando que se trata certamente de obra de um único artista, elaborada ao longo de uns poucos anos sucessivos (para Losty, cerca de 1570) e provavelmente deixada inacabada face à maior displicência com que os derradeiros fólios foram tratados e ao facto de outros terem sido deixados por debuxar e colorir. Aliás, também o tipo mais displicente da decoração floral que surge nos últimos fólios, sem a minúcia de outras folhas do *codex*, justifica essa dedução[48].

[48] É interessante ver como este tipo de vegetação simplificada e convencional (meandros floríferos e arbustos compactos) se repete em algumas decorações murais de pintura do fim do século XVI e da primeira metade do século XVII em igrejas goesas (Mosteiro de Santa Mónica e a

Estudámos aqui a nebulosa posse do livro em Lisboa no primeiro terço do século XVII. No contexto de uma situação de crise como a que se viveu no Portugal do último rei Filipe, a presença comprovada do álbum em Lisboa no ano de 1628 ganha novos sentidos. Sabemos algumas coisas certas: que foi enviado de Goa pelos jesuítas, que até aí o possuíam, registando-se o nome do padre João da Costa como seu proprietário em certo momento (tratava-se não apenas do responsável pela Livraria do Colégio de São Paulo, mas também, ao que sugerimos atrás, do autor de um manuscrito intitulado *Relação dos Reynos, e Senhorios da Índia, quais são de Mouros, quais de Gentios, e de seus custumes,* álbum possivelmente ilustrado), tendo passado entretanto pelas circunstâncias atribuladas de um saque atribuível a piratas no curso da Carreira da Índia; da sua nebulosa recuperação, sabemos que estava em Lisboa em 1628, onde algum destinatário desconhecido lhe reivindicaria a posse (acaso o padre Diogo de Areda I), passando, finalmente, pelas mãos de um pintor de recursos (Simão Rodrigues) a quem coube a misteriosa tarefa de lhe acrescentar, nesse ano, um último desenho, destinado à folha de rosto, e de seguida para a posse de um outro religioso (o padre Diogo de Areda II) prestes a embarcar para Goa no ano seguinte.

Este é o percurso adivinhável do *Códice Casanatense* segundo os magros dados disponíveis. Ao mesmo tempo que desenhámos este trajecto, procurámos explorar hipóteses e explicações para a adição imagética, operada em 1628, da imagem da criança deformada, interligando-o com os sentimentos e o contexto de uma época politicamente conturbada, atreita a tudo o que fossem sinais divinos e prodígios, e aberta à exaltação do Oriente, como testemunho da expansão portuguesa, que fizera a grandeza do Reino e que, nos lamentos de um Rodrigues Soares e outros antigos partidários antonianistas, a governação castelhana delapidava...

O interesse revelado por esta inusual *fortuna histórica* deve-se não só à utilização seiscentista do livro – por certo não casuística –, mas também à influência que as tipologias de figuras, usos e costumes etnográficos, com tanta eficiência tratados no *codex*, passaram para obras de pintura desses conturbados alvores do século XVII, sujeitas a novas orientações estéticas avessas à linha tardo-maneirista que imperava. Por isso o olhar para estes desenhos, à distância de meio século, não podia deixar de ser de deslumbramento, na busca de citações verosímeis, que a experiência *de visu* numa metrópole tão cosmopolita como era a Lisboa de *circa* 1620 também alimentava, com a presença constante de todas as raças e credos. E a verdade é que tal se demonstra pelas provas multiplicadas de exotismo na arte portuguesa do tempo, com um singular apego à orientalização dos costumes representados, bastando ver-se, como exemplo maior, o conjunto de telas dedicadas a São Francisco Xavier na sacristia da Igreja de São Roque.

Sé de Velha Goa, por exemplo), mostrando coincidências de gosto e de simbólica nos repertórios artísticos usados. Talvez o pintor do *Códice Casanatense* fosse, afinal de contas, um artista especializado na pintura mural e habituado a servir tanto clientelas cristãs como hindus e mogóis.

Em tudo isto sobressai o peso dos padres da Companhia de Jesus na implementação de um *gosto português de escala mundializada*, que se mostrava esclarecido face à necessidade de reformular *imagens de eficácia, catequização e propaganda*, contrariando a crescente banalização que a propaganda através das *imagens sagradas* havia tomado, e usando o investimento no culto de São Francisco Xavier como uma janela com vastas possibilidades. Por isso, o bom desenho, os detalhismos exóticos, a abertura a estranhas atmosferas asiáticas, a ricas *vedute*, a efeitos de cromatismo cálido, vaporoso e sensível exploração da *luz*, estão patentes em obras como as que André Reinoso pintou na sacristia de São Roque, ainda associado ao seu mestre Simão Rodrigues, tomando os bons modelos de *conhecimento* sobre a vida na diáspora asiática a que podia ter acesso através, por exemplo, dos fólios policromados do códice.Estas hipóteses de trabalho alargam, por um lado, o interesse cultural do manuscrito da Biblioteca Casanatense, mostrando que no primeiro terço do século XVII o códice permanecia uma fonte actualizada, e solidarizam, por outro lado, o olhar dos estudiosos com outras componentes de *verdade* que se ocultam nas corporalidades de uma obra de arte tão complexa como é esta.

Fontes manuscritas

ARQUIVO HISTÓRICO DO PATRIARCADO DE LISBOA [AHPL] (Mosteiro de São Vicente de Fora)

Livros de Devassas do Arcebispado de Lisboa, 1627-1628

Maço de Contas das Irmandades extintas da igreja de Santo Estêvão de Alfama (séculos XVII-XIX)

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO [ANTT]

Registos Paroquiais de Lisboa, L.º 1.º de Óbitos da Freguesia do Socorro, 1610-1657, fls. 212v e 213

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL [BNP]

Fundo Geral de Manuscritos, *cód. 938*: «Memorial que contem todos os cazos dinos de memoria acontesidos nesta Insigne Cidade de Lisboa … comesados desde a era de mil e quinhentos e sesenta e cinco por diante os quais me pus a escrever…» [por] Pero Roiz Soares, 505 fls.

Bibliografia: fontes impressas e estudos

ALMEIDA, Manuel Lopes de, *Memorial de Pero Roiz Soares. I. Leitura e Revisão*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1953.

AMORIM, Maria Adelina, «Viagem e *Mirabilia*. Monstros, Espantos e Prodígios», in Fernando Cristóvão (dir.), *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens – Estudos e Bibliografias*, Lisboa, CLEPUL e Cosmos, 1999, pp. 127-181 (reimpr. Coimbra, Almedina, 2003).

ARIÉS, Philippe e DUBY, George, *Histoire de la vie privée*, 5 vols., Paris, Seuil, 1985-1987.

BARCHIESI, Roberto, «L'Oriente catalogato in un manoscrito pittorico del Cinquecento», *Quaderni portoghesi*, n.º 4, 1978, pp. 163-182.

BETHENCOURT, Francisco, «Astrologia e Sociedade no Século XVI», *Revista de História Económica e Social*, n.º 8, 1981, pp. 43-67.

BOOGAART, Ernst van der, *Het verheven en verdorven Azie, Woord en beeld in het Itinerario en de Icones van Jan Huygen van Linschoten*, Amsterdam, 2000.

BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond, «Frei Jerónimo do Espírito Santo (1566(?)-1600): um pintor desconhecido», *Artis – Revista do Instituto de História da Arte*, n.º 3, 2004, pp. 199-210.

BRAUDEL, Fernand, *Civilisation matérielle, économie et capitalisme, XVe-XVIIIe siècle,* Vol. 1 («Les Structures du Quotidien»), Paris, Librairie Armand Colin, 1979 (trad. inglesa: *Civilization and Capitalism 15th-18th Century*, Vol. I («The Structures of Everyday Life. The Limits of Possible»), New York, Harper & Row, 1985).

CADORNEGA, António de Oliveira de, *História geral das guerras angolanas* (c. 1680), ed. de José Matias Delgado, 3 vols., Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1972.

CASTILHO, Júlio de, *A Ribeira de Lisboa. Descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre de Deus a Santos-o-Velho,* anot. Luís Pastor de Macedo, 4.ª ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1981.

CÉARD, Jean, *La nature et les prodiges. L'insolite au XVIe siècle, en France*, Genève, Librairie Droz, 1977.

CRESPO, Hugo, «"Guia e luz das mais partes da Europa": merchants, booksellers, goldsmiths and lapidaries in Renaissance Lisbon, the "eyes" of Europe», in Laura Fernández e Annemarie Jordan (ed.), *Court and Spaces of Power in Early Modern Lisbon, 1580-1620*, London, Brill, 2013.

DASTON, Lorraine e PARK, Katherine, *Wonders and the Order of Nature*, New York, 1998.

DELUMEAU, Jean, *Le péché et la peur. La culpabilization en Occident (XIIIe-XVIIIe siècles)*, Paris, Fayard, 1983.

DELUMEAU, Jean, *Rassurer et protéger. Le sentiment de securité dans l'Occident d'autrefois*, Paris, Fayard, 1989.

GARCIA, José Manuel, *Ao Encontro dos Descobrimentos. Temas de História da Expansão*, Lisboa, 1994 (Cap. «O encontro das religiões no códice 1889 da Biblioteca Casanatense», pp. 85-92).

GONÇALVES, Flávio, «A iconografia da arte hindu estudada por um português do século XVIII», *Colóquio – revista de artes e letras*, n.º 32, 1965, pp. 9-13.

GUSMÃO, Adriano de, *Simão Rodrigues e seus colaboradores*, Lisboa, Realizações Artis, 1957.

LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno: Diccionário Geográphico, Estatístico, Chorográphico, Heráldico, Archeológico, Histórico, Biográphico & Etymológico de Todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal...*, T. IV, Lisboa, 1873.

LEITE, Maria Fernanda Passos, «Têxteis indo-portugueses», in Teotónio R. de Souza e José Manuel Garcia (org.), *Vasco da Gama e a Índia: história religiosa, cultural e artística*, Vol. 3, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, pp. 361-368.

LINSCHOTEN, Jan Huygen van, *Itinerário, viagem ou navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índia Orientais ou Portuguesas*, ed. Arie Poos e Rui Manuel Loureiro, Lisboa, CNCDP, 1997.

LOSTY, J. P., «Indian paintings from 1500-1575», in M. C. Beach, E. Fischer, B. N. Goswamy, *Masters of Indian Painting*, Zurich, Artibus, Asiae, 2011, pp. 67-76.

MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana...,* Vol. I, Lisboa, 1741, Vol. II, Lisboa, 1747 (ed. Atlântida, Coimbra, 1965-1967).

MARQUES, João Francisco, *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de História da Universidade do Porto, 1986.

MARQUES, João Francisco, *A Parenética Portuguesa e a Restauração, 1640-1668,* Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de História da Universidade do Porto, 1989.

MATOS, Artur Teodoro de, e THOMAZ, Luís Filipe F. Reis (org.), «As relações entre a Índias portuguesa, a Ásia do Sueste e o Extremo Oriente», *Actas do VI Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa,* Macau, Fundação Oriente, XXXI, 1993.

MATOS, Luís de (ed.), *Imagens do Oriente no Século XVI: reprodução do códice português da Biblioteca Casanatense*, Lisboa, INCM, 1985.

MATOS, Maria de Jesus dos Mártires Lopes Teodoro de, *Goa setecentista. Tradição e modernidade (1750-1800*), Lisboa, Universidade Católica, 1996.

MATTOSO, José, *História da vida privada em Portugal*, 4 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 2011.

MICHEL, A., «Miracle», in A. Vacant, E. Mangenot e É. Amann (dir.), *Dictionnaire de Théologie Catholique contenant l'exposé des doctrines de théologie catholique leurs preuves et leur histoire*, T. X, 2.ª parte («Messe-Mystique»), Paris, Librairie Letouzey et Ané, 1929, cols. 1798-1859.

MOTA, Maria Manuela, «Codex Casanatense: an Indo-Portuguese portrait of life in 16th century India», in J. Pereira e J. Pal (ed.), *India and Portugal: Cultural Interactions*, Mumbai, Mag Publications, 2001, pp. 35-45.

NIEREMBERG, Juan Eusébio, S.J., *Curiosa Filosophia y Tesoro de Maravillas de la Naturaleza,* ed. Pedro Lacaballería, Barcelona, 1644.

PINTO, Maria Helena Mendes, «Ways of being seated in Goa», in J. Pereira e P. Pal (ed.), *India & Portugal: Cultural Interactions,* Mumbai, Mag Publications, 2001, pp. 124-137.

RICCI, Franco Maria, *Oltremare. Códice Casanatense 1889. Viaggi, avventure, conquiste dei Portoghesi nelle Indie*, Milano, 1984.

RODRIGUES, Francisco, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, T. III, Vol. 2, Porto, Livraria do Apostolado da Imprensa, 1944.

SCHURHAMMER, Georg, S.J., «Desenhos orientais do tempo de S. Francisco Xavier», *Garcia de Orta*, Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar, 1956, pp. 247-255.

SCHURHAMMER, Georg, S.J., *Gesammelte Studien II*, *Orientalia,* Roma-Lisboa, Instituto Histórico da Societas Iesu e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963.

SERRÃO, Vítor, «"Pittura senza tempo" em Coimbra cerca de 1600: as tábuas de Simão Rodrigues e Domingos Vieira Serrão na Sacristia da Igreja do Carmo», *Monumentos*, n.º 25, 2006, pp. 98-107.

SERRÃO, Vítor, «A série seiscentista da "Vida de São Francisco Xavier" do antigo Colégio do Espírito Santo de Évora: a iconografia xavieriana à luz de uma singular narração policénica», *Oriente*, n.º 13, Dez. 2006, pp. 110-130.

SERRÃO, Vítor, «La vida ejemplar de Álvaro Nogueira, un pintor portugués en la Roma de Sixto V (1585-1590)», *Reales Sitios – Revista del Patrimonio Nacional*, año XL, n.º 157, 2003, pp. 32-47.

SERRÃO, Vítor, «Pintura e Devoção em Goa no Tempo dos Filipes: o Mosteiro de Santa Mónica no "Monte Santo" (c. 1606-1639) e os seus artistas» («Painting and worship in Goa during the period of iberian union: the Santa Mónica monastery at "Monte Santo" (c. 1606-1639) and its artists»), *Oriente*, n.º 20, 2011, pp. 11-50.

SERRÃO, Vítor, «Simão Rodrigues em Roma. A influência do Oratório del Crocifisso na pintura maneirista portuguesa», *Promontoria – Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, ano I, n.º 1, 2003, pp. 95-114.

SERRÃO, Vítor, *A lenda de São Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*, Lisboa, Quetzal, 1993 (2.ª ed. rev., Bertrand, 2005).

SOUZA, Teotónio R. de, *Goa medieval: a cidade e o interior no século XVII*, 2 vols., Lisboa, Estampa, 1994.

TAVARES, Célia, *Jesuítas e inquisidores em Goa: a cristandade insular (1540-1682)*, Lisboa, Roma Editora, 2004.

TELES E CUNHA, João, «O inusitado no quotidiano de Goa: O mosteiro de Santa Mónica e o milagre da Cruz em 1636», *bHL* (blogue de História Lusófona), Instituto de Investigação Científica e Tropical, ano VI, Ago. 2011.

WARD, Benedicta, *Miracles and the Medieval Mind. Theory, Record and Event, 1000-1250*, Wildwood House, Scholar Press, 1987.

WITTKOWER, Rudolf, *Allegory and the Migration of Symbols*, London, 1977.

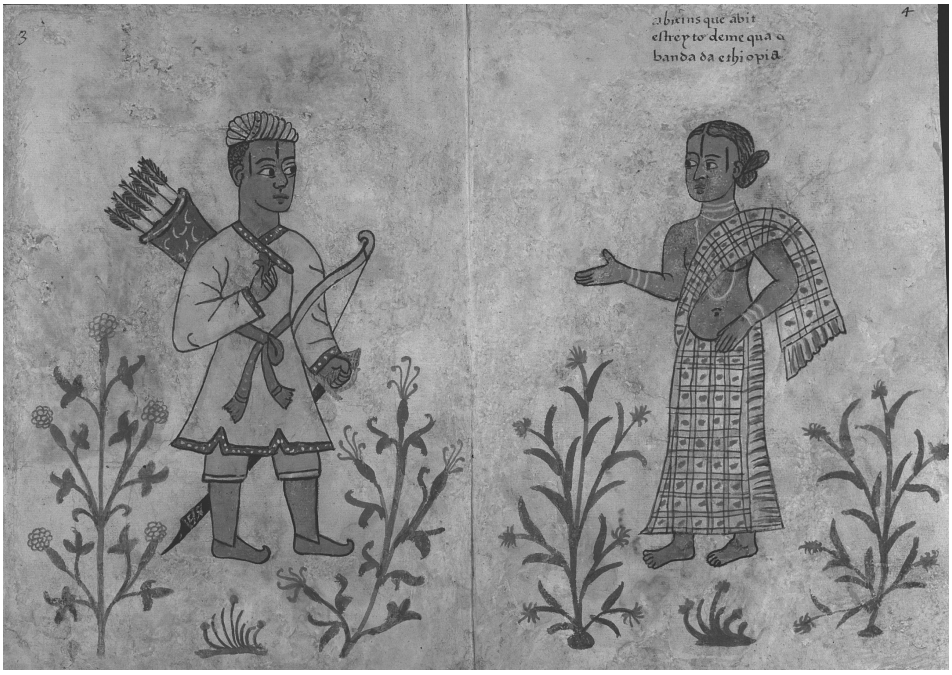
ZERI, Federico, *Pittura e Controriforma. La «pittura senza tempo» di Scipione Pulzone da Gaeta,* Torino, 1957.

Casanatense Images*

* Captions by Ernst van den Boogaart.



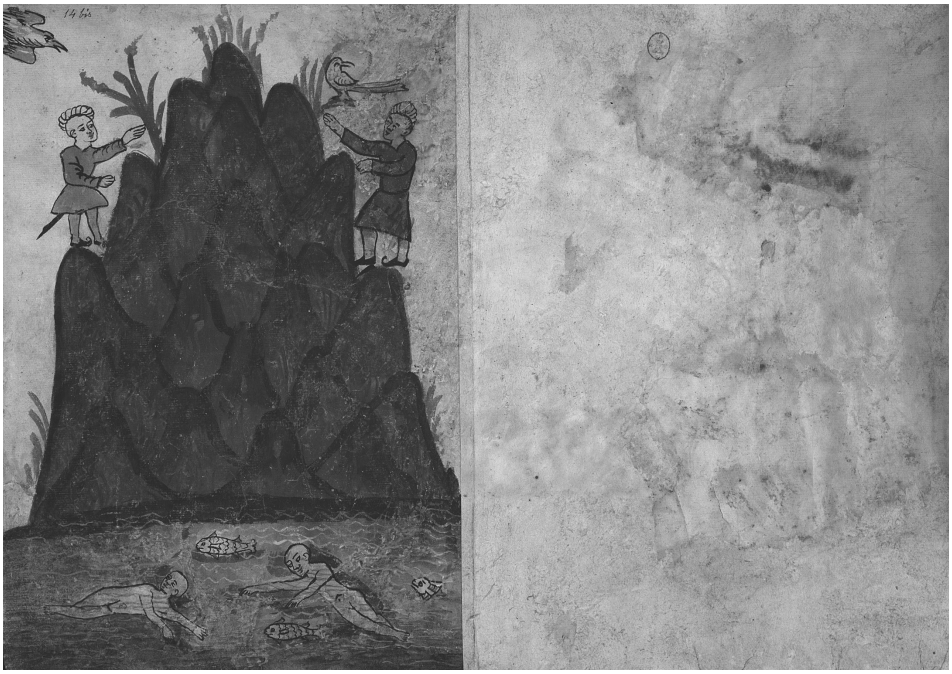
C1 – Couple of "cafres" from Cape of Good Hope.



C2 – Couple of Abyssinians "who live near the Strait of Mecca, on the Ethiopian side".



C3 – Couple of Fartaquis.



C4 – Two men on rock (without caption).



C5 – Couple of Rumes living on the Strait of Mecca and the Gulf of Basra.



C6 – Couple of Turquimões, subjects of Xeque Ismael.



C7 – Couple of Gizares, from islands in the Gulf of Basra.



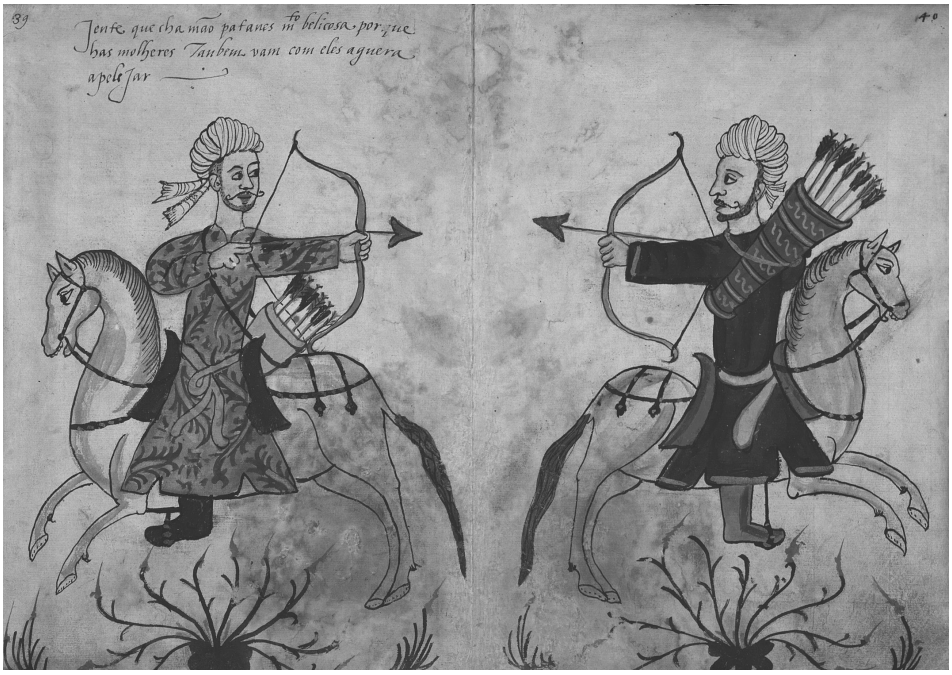
C8 – Custom scene of Portuguese dining in Ormuz.



C9 – Couple from Khorason, subjects of *Xeque* Ismael.



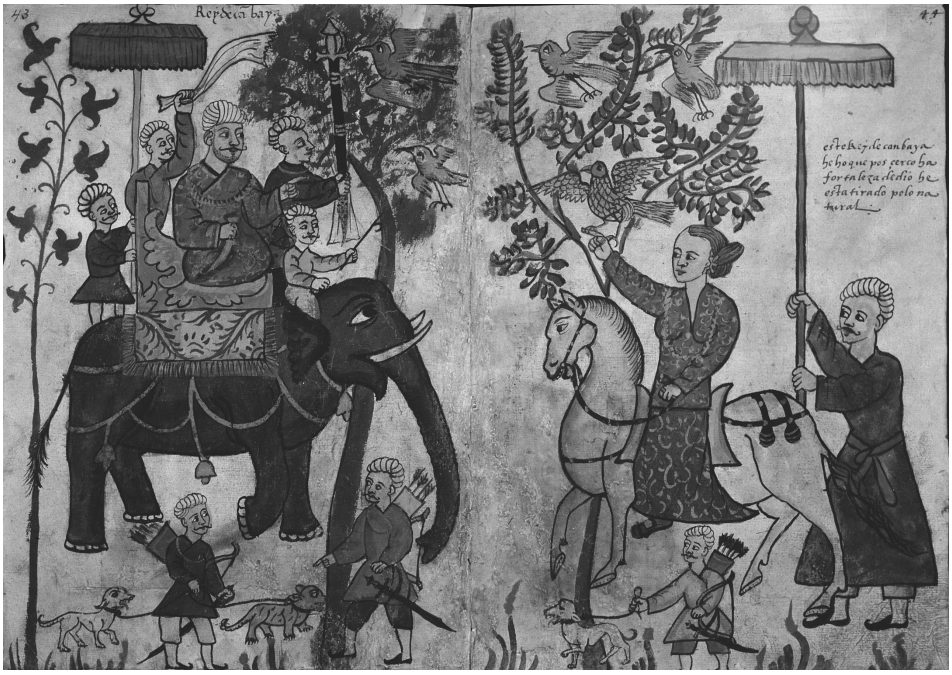
C10 – Couple from Shiraz, subjects of *Xeque* Ismael.



C11 – Double couple of Pathan: the men.



C12 – Double couple of Pathan: the women.



C13 – Couple of the King of Cambaia and wife (Muslim).



C14 – Custom scene of agricultural labourers ploughing and sowing "from Cambaia".



C15 – Custom scene of Xarafo, money changer (pagan).



C16 – Custom scene Banyan women bathing.



C17 – Custom scene of Canarin Almocreves, grain merchants.



C18 – Custom scene of (Almocreve?) widow being buried alive with her dead husband.



C19 – Custom scene of Canarin agricultural labourers "who sow rice and wheat".



C20 – Couple of Lascarin and wife (Muslim).



C21 – Couple of Banyan merchants, pagan.



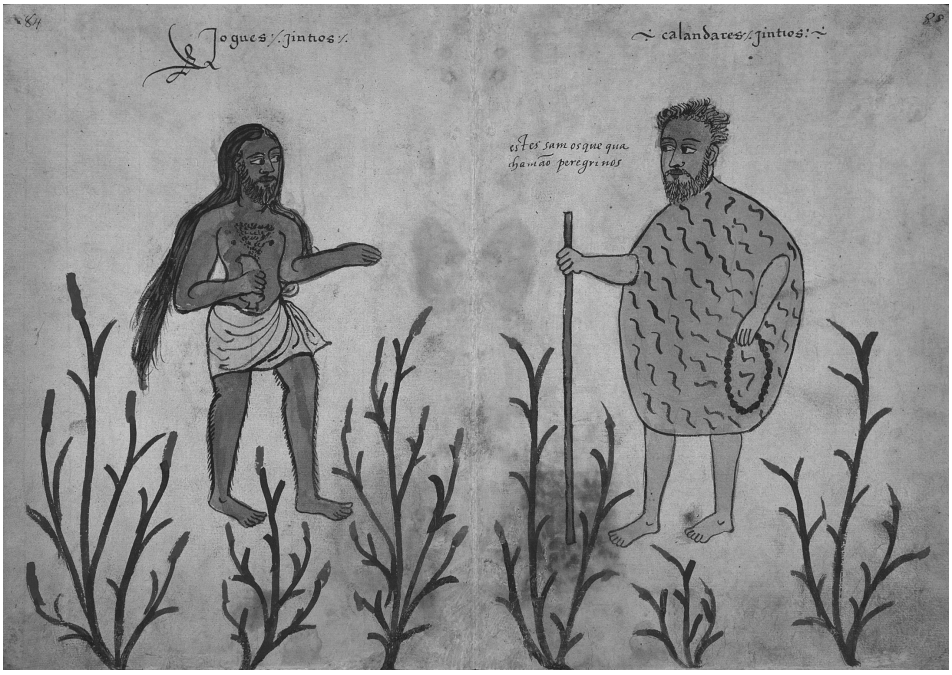
C22 – Custom scene war elephant.



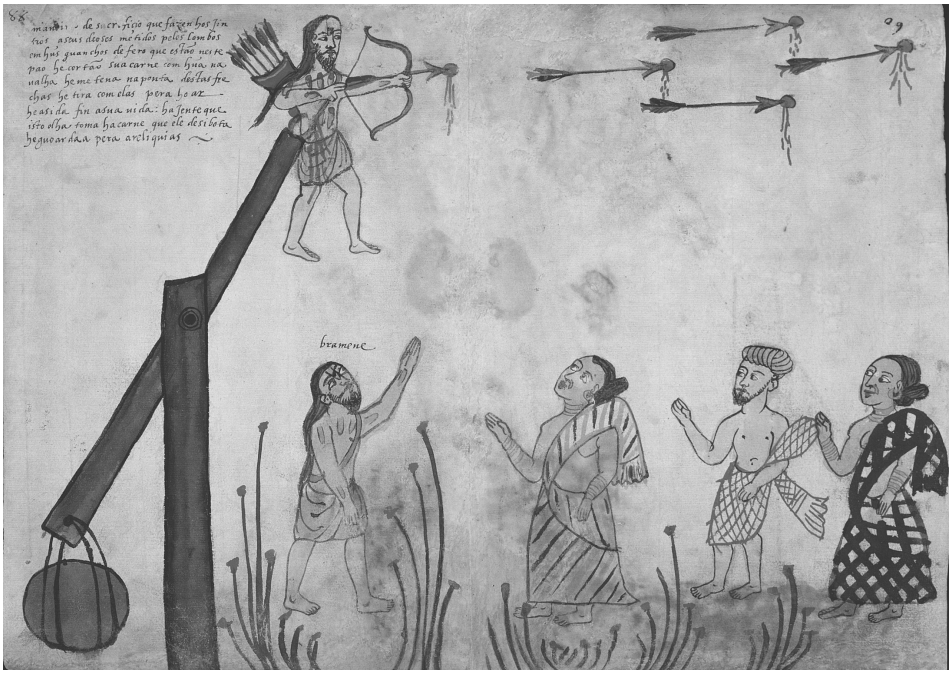
C23 – Juggernaut.



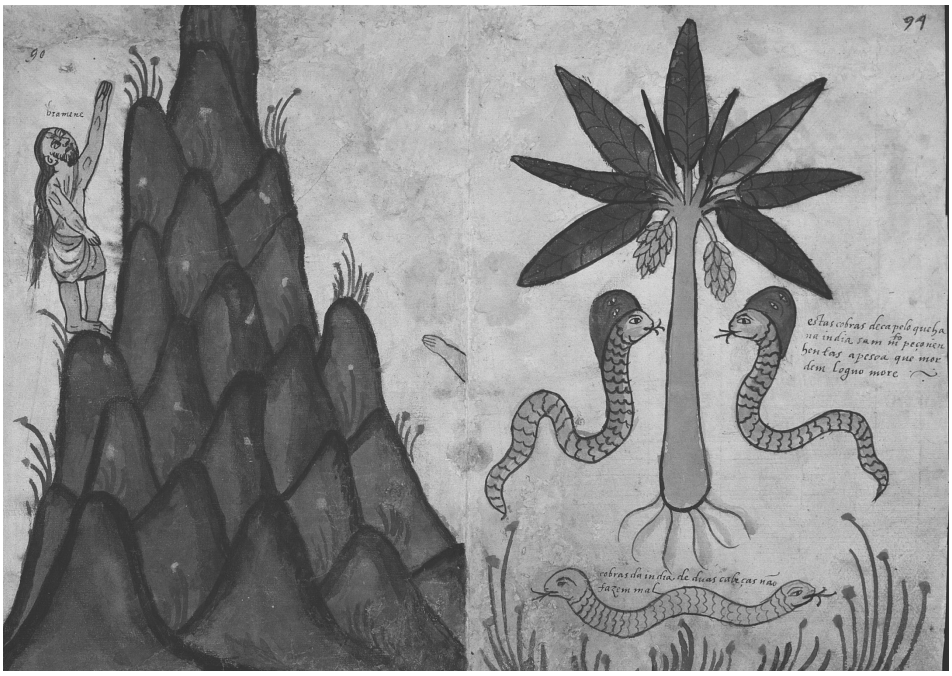
C24 – Couple from the Canara coast.



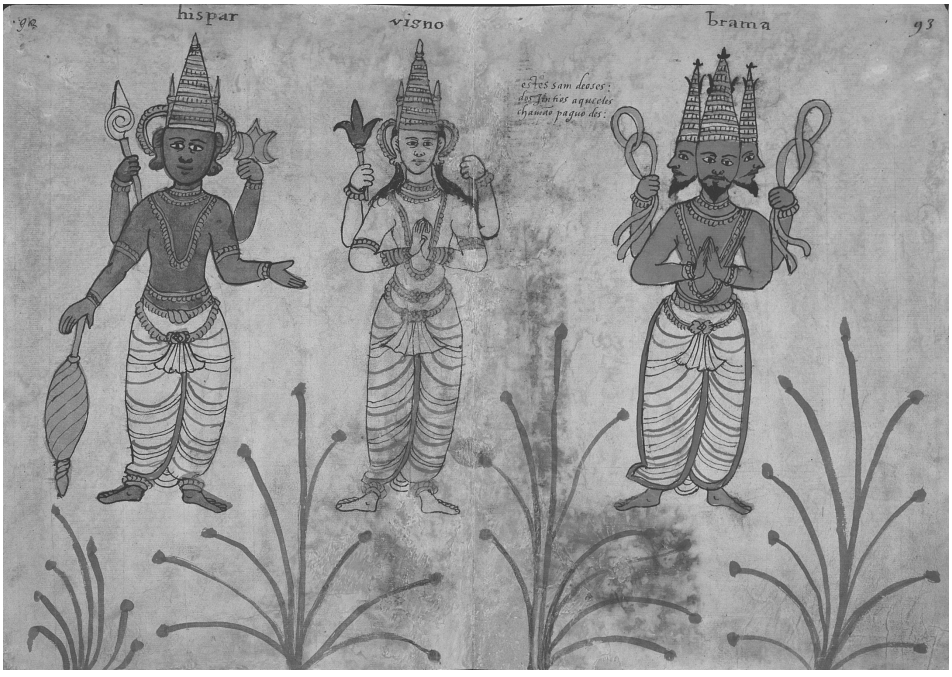
C25 – Couple of Jogue and Calandar.



C26 – Custom scene of Brahmin sacrifice, hook swinging.



C27 – Custom scene of Brahmin on rock and two symbolic images with cobras.



C28 – Symbolic image of Hispar, Visnu, Brama.



C29 – Couple of Portuguese man and single Christian women from India.



C30 – Custom scene of Portuguese nobleman on horse.



C31 – Custom scene of Portuguese noble woman being carried in litter.



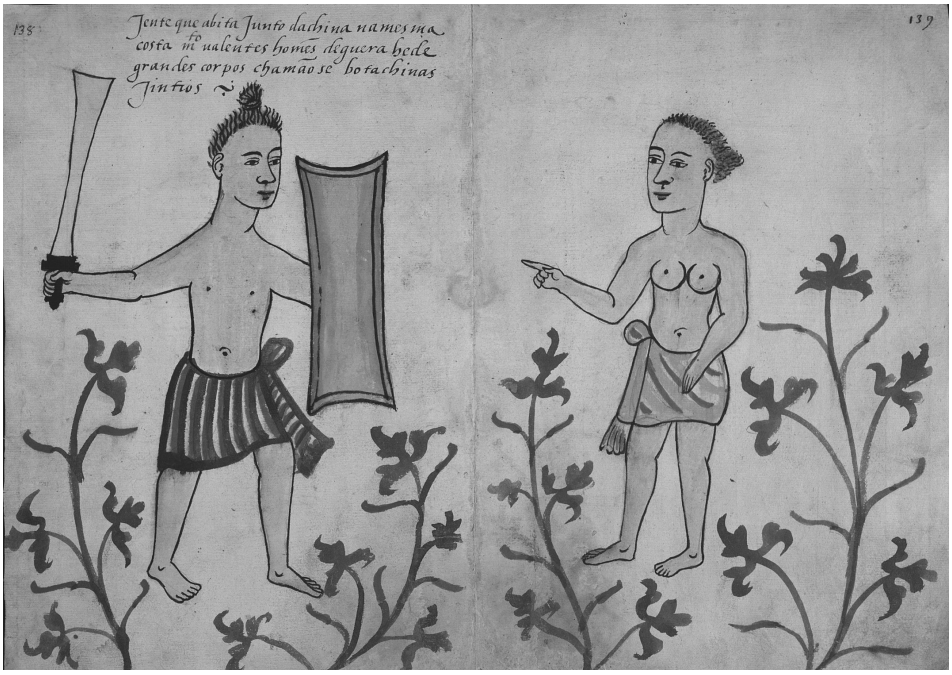
C32 – Custom scene of Canarin marriage.



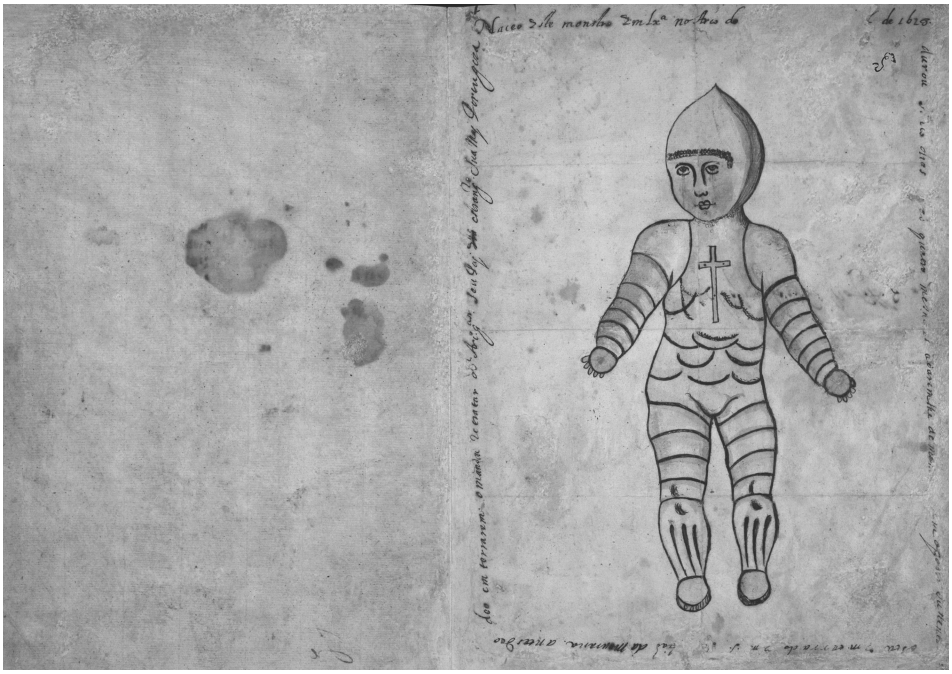
C33 – Couple of Naires, pagan.



C34 – Couple from the Kingdom of Java.



C35 – Couple from Halmaheira, Botachinas.



C36 – Unnumbered last sheet with monstrous baby.

Artigos

ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR, Vol. XIII, 2012, pp. 221-332

DA CAÇA DE MONDRAGÓN À GUARDA DO ESTREITO DE GIBRALTAR (1508-1513): OS GUARDIÕES DA MEMÓRIA DE DUARTE PACHECO PEREIRA E A ECONOMIA DA MERCÊ NOS SÉCULOS XVI-XVII*

por
Andreia Martins de Carvalho**
Pedro Pinto***

A figura de Duarte Pacheco Pereira tem sido alvo de diversos estudos ao longo dos anos[1]. Não abundando a documentação relacionada com o navegador, Avelino Teixeira da Mota reuniu, em 1990, todas as referências documentais do autor do *Esmeraldo de Situ Orbis*, que podemos genericamente dividir em quatro períodos: o primeiro, até ao seu regresso da Índia (seis docs.), o segundo, envolvendo a liderança da armada que vigiava o estreito de Gibraltar (sete docs.), o terceiro, a capitania de São Jorge da Mina (40 docs., sobretudo recibos e mandados), e o último, o seu distanciamento de D. João III (quatro docs.). Restam ainda dez documentos relacionados com o seu casamento e o pagamento de tenças. Daí que a recente descoberta na Biblioteca Nacional de cerca de 40 cartas originais de D. Manuel I dirigidas ao navegador seja um importante contributo para o estudo detalhado do período menos conhecido da sua vida, a saber, o da perseguição e captura do pirata Mondragón, bem como o período da capitania da armada que patrulhava o estreito de Gibraltar, já que o acervo documental descoberto abrange os anos de 1509 a 1513.

---

* Os autores agradecem a André Murteira, Cristina Pedroso Ferreira, Enrique Torija Rodríguez, Fernanda Olival, Manuel Abranches de Soveral, Marta Lobo Araújo e Rodrigo Dominguez, pela colaboração prestada.

** PhD candidate no King's College London e investigadora do Centro de História de Além-Mar.

*** Investigador do Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.

[1] Rafael Eduardo de Azevedo Basto (ed.), *Esmeraldo de situ orbis por Duarte Pacheco Pereira*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892 [Consultado a 12/11/2012]. Disponível em http://archive.org/details/esmeraldodesitu00peregoog; Francisco Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portu-*

O conjunto documental em causa, do qual publicamos em anexo todas as peças relevantes para a compreensão da construção da figura e da memória de Duarte Pacheco Pereira, encontra-se no fundo conhecido como Arquivo Almada Lencastre Basto [AALB], depositado na Biblioteca Nacional de Portugal[2].

A dita documentação constitui uma unidade orgânica coesa, articulada em torno de três questões históricas fundamentais, as quais poderão, à primeira vista, parecer desconexas. Em primeiro lugar, a documentação ilumina uma fase desconhecida da vida de Duarte Pacheco e refere episódios concretos. No entanto, para além do nível individual, a actuação do navegador não pode deixar de ser enquadrada na política manuelina. Esta nova documentação contribuirá para uma melhor definição da natureza da relação de Duarte Pacheco Pereira com o rei D. Manuel I, esclarecendo algumas questões de interesse militar e naval numa cronologia em que predominavam as lacunas documentais. Por fim, cremos que o interesse particular dessa documentação reside precisamente na utilização que dela fizeram os descendentes do navegador, que ao longo do tempo foram cimentando a reputação e a memória de Duarte Pacheco Pereira, aspecto que não poderá deixar de ser também aqui analisado. Essa dinâmica, não sendo certamente original

---

guezes nos Seculos XVI e XVII. Parte I: Marinharia, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1898, pp. 237-242; Luciano Pereira da Silva, «Duarte Pacheco Pereira precursor de Cabral», in Carlos Malheiro Dias (dir.), *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, Vol. I, Porto, 1921, pp. 231-259; Duarte Leite, *Descobridores do Brasil,* Porto, Livraria Lello, 1931, pp. 7-27; Luís Filipe Barreto, «A filosofia experimental de Duarte Pacheco Pereira», *História*, n.º 8, 1979, pp. 57-61; Joaquim Barradas de Carvalho, *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no* «Esmeraldo de Situ Orbis», São Paulo, 1967; *Idem*, *À la recherche de la specificité de la renaissance portugaise: l'«*Esmeraldo de situ orbis» *de Duarte Pacheco Pereira et la littérature portugaise de voyages à l'époque des grandes découvertes: contribution à l'étude des origines de la pensée moderne*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1983; Damião Peres (introd. e anot.), *Esmeraldo de Situ Orbis por Duarte Pacheco Pereira*, 3.ª ed., Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1988, pp. xiii-xxix; Jean Aubin, «L'Apprentissage de l'Inde: Cochin 1503-1504», *Moyen-Orient & Océan Indien*, Vol. IV, 1988, pp. 1-130; *Idem*, «Les frustrations de Duarte Pacheco Pereira», *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. XXXVI, 1991, pp. 183-204; Avelino Teixeira da Mota, «Duarte Pacheco Pereira, capitão e governador de S. Jorge da Mina», *Mare Liberum*, Vol. 1, 1990, pp. 1-27; Luís de Albuquerque, «PEREIRA, DUARTE PACHECO», in Luís de Albuquerque (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, Lisboa, Caminho, 1994, pp. 880-883; Suzanne Daveau, «A propósito das "pinturas" do litoral marroquino incluídas no Esmeraldo de Situ Orbis», *Mare Liberum*, Vols. 18-19, 2000, pp. 79-132; André Murteira, «A carreira de Duarte Pacheco Pereira», in João Paulo Oliveira e Costa (coord.), *Descobridores do Brasil: Exploradores do Atlântico e Construtores do Estado da Índia*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 2000, pp. 299-329; Francisco Contente Domingues, «Passando além a grandeza do mar oceano: a viagem de Duarte Pacheco Pereira em 1498», *Stvdia*, Vols. 58-59, 2001-2002, pp. 113-130; *Idem*, *A Travessia do Mar Oceano: A Viagem de Duarte Pacheco Pereira ao Brasil em 1498*, Lisboa, Tribuna da História, 2012.

[2] Pedro Pinto, «O Arquivo da Família Almada Lencastre Basto (Casa de Souto de El-Rei e Casa da Feira) na Biblioteca Nacional: propostas de exploração no âmbito da elaboração de um catálogo», in Maria de Lurdes Rosa (org.), *Arquivos de família, séculos xiii-xx: Que presente, que futuro?*, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais/Centro de História de Além-Mar/Caminhos Romanos, 2012, pp. 307-342.

no contexto da sociedade portuguesa da época moderna, ilustra de forma exemplar as crescentes dificuldades do poder político em recompensar material e financeiramente a nobreza de serviço.

Duarte Pacheco Pereira e a política manuelina: do Atlântico ao Índico

Desde a descoberta e publicação do manuscrito *Esmeraldo de Situ Orbis*, muito se escreveu já sobre Duarte Pacheco Pereira, pelo que nos limitaremos a evidenciar alguns momentos-chave da sua longa carreira, a qual decorreu durante o período de afirmação de Portugal nos mares Atlântico e Índico, o que levou Barradas de Carvalho a considerá-lo justamente uma «personagem-síntese»[3].

Nascido depois de 1455, Duarte Pacheco Pereira pertencia ao que podemos chamar uma nobreza de serviço, com ligações distantes a linhagens antigas mas cujas glórias teriam conhecido melhores dias. O seu pai, que tudo indica ter sido filho ilegítimo de Gonçalo Pacheco, tesoureiro da Casa de Ceuta, tinha participado activamente no combate aos muçulmanos, quer em armadas, quer em combate no Norte de África, onde viria a perecer. É de crer que Duarte Pacheco Pereira tivesse sido, por conseguinte, educado pelo avô, a quem provavelmente se deverá a sua inclusão nos círculos de D. João II, onde conviveu com futuros capitães como Afonso de Albuquerque, com quem serviu na guarda pessoal do rei.

É inegável o papel desempenhado por Duarte Pacheco Pereira na exploração do Atlântico Sul sob o impulso do *Príncipe Perfeito*, mais tarde rei D. João II, juntamente com um contingente de cavaleiros e membros da Casa Real, entre as décadas de 1480 e 1500. No seu regresso após a dobragem do cabo da Boa Esperança, Bartolomeu Dias cruzou-se com Duarte Pacheco Pereira na ilha do Príncipe, em 1488, onde este último recuperava de uma doença. A sua experiência e o seu conhecimento cosmográfico foram aproveitados por D. João II aquando das negociações do Tratado de Tordesilhas, em que surgiu como um dos especialistas do lado português e, embora não tenhamos mais dados concretos, a documentação mostra que terá navegado pelo Atlântico Sul e que terá passado pela fortaleza de São Jorge da Mina no âmbito de missões exploratórias e/ou comerciais algures entre 1495 e 1499.

Após a sua participação nas negociações com Castela, Duarte Pacheco Pereira teria já razões para requerer satisfação dos seus serviços, uma vez que, apesar de sabermos que era cavaleiro da Casa de D. João II, ainda não auferia uma tença. Será provavelmente nesse contexto que podemos situar a inquirição que Duarte Pacheco Pereira fez, em Abril de 1497, certamente para requerer algum pagamento junto do rei D. Manuel I, antes da sua partida em direcção a terras brasileiras. Pela análise deste instrumento se

[3] J. B. Carvalho, *As fontes*, cit.

percebe que, em 1517, Duarte Pacheco tinha feito um treslado em pergaminho do documento de 1497, pois, como ele próprio diz: «as couzas em elle Conteudas Releuauão muito a sua omrra». Pacheco Pereira evidenciava preocupação em estabelecer a sua ascendência e filiação, e insistia na pertença a algumas das linhagens mais ilustres do reino, uma vez que «Cumpre fazer çerto a sua alteza»[4]. O pedido de reconhecimento da sua filiação obteve parecer satisfatório. Pacheco Pereira reivindicou pertença, pelo lado da mãe, às linhagens dos Vasconcelos, Berredos, Pereiras e Correias e citou como suas testemunhas personagens ligadas à sua família e a si, das quais destacamos Jorge Correia, comendador de Pinheiro. Este último tinha sido um homem próximo de D. João II, fazendo parte da hoste do príncipe na Batalha de Toro, em 1476[5]. Não parece haver dúvidas de que Jorge Correia era um homem da convivência de Duarte Pacheco Pereira e que os dois provavelmente se cruzaram nas explorações da costa africana[6].

---

[4] BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL [BNP], *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 542-542v. Prestaram depoimento na inquirição Gonçalo do Vale, escudeiro fidalgo, morador em Lisboa, que testemunhou que João Fernandes, pai de Duarte Pacheco, era «mui bom fidalgo e mui bom cavaleiro», e que fora filho de Gonçalo Pacheco, a testemunha conhecendo-o por honrado fidalgo; Inês Ferreira, moradora em São Mamede; Isabel Dias, viúva, moradora na mesma freguesia; Pero Vaz, morador em Santa Justa, que fora criado de Gonçalo Pacheco, o avô de Duarte Pacheco; João Lobato, fidalgo da Casa Real, morador em São Francisco; Mécia Mendes, moradora na Ponte de Carros (termo de Lisboa), ama de Duarte Pacheco Pereira, a qual confirmava ser ele filho de D. Isabel Pereira, filha de Martim Gonçalves Pereira e D. Violante de Vasconcelos; Fernão Gonçalves, bedel do Estudo de Lisboa, morador em Lisboa; Inês Manuel, moradora em Valverde (termo de Lisboa); Francisco Correia, cavaleiro fidalgo, natural de Trás-os-Montes; Pero Vaz de Almeida, fidalgo da Casa Real, morador em Lisboa, «parente», o qual acrescentou ter João Pacheco falecido em Tânger muito antes de seu pai, Gonçalo Pacheco; e, por fim, Jorge Correia, fidalgo da Casa Real, e comendador do Pinheiro. Note-se que se encontra um sumário do mesmo documento, extraído da colecção de manuscritos de Severim de Faria, em R. E. A. Basto, op. cit., Doc. IV, p. xvii.

[5] Rui de Pina, «Crónica do Senhor rey D. Afonso V», in Rui de Pina, *Crónicas: D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Dinis, D. Afonso IV, D. Duarte, D. Afonso V, D. João II*, Porto, Lello & Irmão, 1977, Cap. CXCI.

[6] R. Pina, op. cit., Cap. CCVIII. Antes de 1480, o príncipe D. João tinha enviado à Mina uma ou duas armadas comandadas por Jorge Correia, comendador de Pinheiro, e por Mem Palha, «homens honrados e bons cavaleiros», que tinham capturado a armada castelhana, a qual seria libertada com as negociações do Tratado das Alcáçovas. Estas armadas foram preparadas para coarctar as pretensões dos *Reis Católicos* à Mina. Cf. J. Bato'ora Ballong-Wen-Mewuda, *São Jorge da Mina, 1482-1637: la vie d'un comptoir portugais en Afrique occidentale*, Vol. 1, Lisbonne-Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1993, pp. 53-54. Jorge Correia era comendador de Pinheiro, na Ordem de Cristo, e participou em 1503 no capítulo da Ordem reunido em 1503 por D. Manuel I. Cf. Manuel da Silva Castelo Branco, «Pedro Álvares Cabral numa crónica inédita de 1503», *Miscelânea Histórica*, Vol. IV, 1984, pp. 33-60. A comenda de Pinheiro situava-se na zona de Santarém, região que, como veremos, estará intimamente ligada à família de Duarte Pacheco Pereira. ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO [ANTT], *Chancelaria de D. Afonso V*, Liv. 28, fl. 3: Doação de bens e direitos a Jorge Correia, escudeiro, fidalgo da casa régia, de um casal situado em Azinhaga (Santarém), a 28 de Fevereiro de 1468; *Idem*, Liv. 26, fl. 32: D. Afonso V privilegia Jorge Correia, cavaleiro da casa régia, comendador da comenda do Pinheiro, concedendo-lhe carta de fidalgo para a comarca e correição da Estremadura, a 10 de Agosto de 1481.

O tempo que decorreu entre a inquirição sobre a sua ascendência, em 1497, e a sua inclusão na armada da Carreira da Índia, em 1503, fora, até tempos recentes, um mistério decorrente do silêncio documental. Uma das passagens do *Esmeraldo* constitui a origem de inúmeros artigos e conjecturas sobre a descoberta do território brasileiro. Recentemente, a ida de Duarte Pacheco Pereira ao Brasil em 1498[7] e a sua participação na armada de 1500 de Pedro Álvares Cabral parecem consensuais[8].

A ida de Pacheco Pereira em 1503 para a Índia, integrado na armada de Francisco de Albuquerque, constituiu o auge da sua carreira militar e proporcionou-lhe alguma fama contemporânea, a qual os seus descendentes se esforçaram por capitalizar, como veremos adiante. Os esforços na defesa de Cochim em 1504, onde uma pequena força de portugueses, auxiliados por tropas do rei de Cochim, derrotou uma força significativamente maior de militares enviados pelo samorim de Calecute para expulsar os Portugueses daquele entreposto, foi um episódio decisivo no estabelecimento dos Portugueses na Índia[9]. Não nos debruçaremos aqui sobre os detalhes da batalha ou da participação de Duarte Pacheco Pereira. Salientamos, porém, que os esforços portugueses foram recompensados pelo rei de Cochim, que entregou a Duarte Pacheco uma encomiástica carta destinada ao rei de Portugal, atribuindo-lhe uma carta de armas novas e agraciando-o com o título de «Dom». A importância atribuída pelo capitão e seus descendentes a este momento, materializado na concessão da carta de armas, será descrita mais adiante.

O regresso a Portugal com Lopo Soares no final de 1504 não terá tido, contudo, os efeitos desejados por Duarte Pacheco Pereira. O que se seguiu na década de 1510 tem sido interpretado, até aqui, como uma época de grandes frustrações, em que Duarte Pacheco Pereira se viu relegado para uma posição subalterna, definitivamente inferior às suas expectativas. É certo que se casou, provavelmente em 1512, com D. Antónia de Albuquerque, filha de Jorge Garcês, escrivão do rei D. Manuel I e que, como tal, se movia nos círculos da corte, como o próprio Duarte Pacheco. O pagamento de verbas régias por ocasião do seu casamento foi tardio, mas essa era uma ocorrência comum nos pagamentos da chancelaria da corte[10].

---

[7] F. C. Domingues, «Passando além a grandeza do mar oceano: a viagem de Duarte Pacheco Pereira em 1498», *Stvdia*, Vols. 58-59, 2001-2002, pp. 113-130; *Idem*, *A Travessia do Mar Oceano: A Viagem de Duarte Pacheco Pereira ao Brasil em 1498*, Lisboa, Tribuna da História, 2012.

[8] A. Murteira, op. cit., p. 303; João Paulo Oliveira e Costa, «Leonel Coutinho, um dos primeiros veteranos da Carreira da Índia», in *A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos: Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, Angra do Heroísmo, s. n., 1998, pp. 634-635.

[9] J. Aubin, «L'Apprentissage de l'Inde», cit.

[10] O pagamento das mil coroas concedida por mercê de D. Manuel I foi feito, entre 1513 e 1515, pela sisa da fruta de Lisboa e pela sisa do trigo. Cf. Doc. IX (15 de Junho de 1513) in R. E. A. Basto, op. cit., p. xx; cf. ANTT, *Corpo Cronológico*, II-45-192, datado de 23 de Março de 1514, in A. T. Mota, art. cit., Doc. 11, p. 3; cf. ANTT, *Corpo Cronológico*, I-18-6: Caderno da sisa do trigo de 1515, publicado por A. B. Freire, «Os cadernos dos assentamentos», *Archivo*

A documentação confirma Duarte Pacheco como membro da Casa Real manuelina, arrolado como cavaleiro fidalgo e recebendo 1700 reais de moradia mensal[11]. É de notar que D. Manuel I o distinguiu como cavaleiro-fidalgo do Conselho, algures entre Setembro de 1516 e 1518, com a mesma moradia[12]. Pelo exposto, temos manifestamente dificuldade em encontrar um distanciamento entre D. Manuel I e Duarte Pacheco Pereira, sobretudo face à nova documentação apresentada. A prova de como D. Manuel I ainda tinha Pacheco Pereira em consideração, encontramo-la na sua nomeação para a capitania da fortaleza de São Jorge da Mina, cargo que exerceu pelo menos de Janeiro de 1519 a Novembro de 1521[13]. A capitania da Mina era já nessa época considerada um cargo de grande prestígio para onde, devido à sua função central no sistema financeiro da Coroa, eram enviados homens da confiança do rei. Além disso, no cômputo geral dos cargos imperiais, a capitania era dos mais bem pagos[14].

A subida ao trono de D. João III trouxe amarguras para várias figuras mais ligadas à política imperial manuelina, entre elas Duarte Pacheco. No entanto, terá sido provavelmente esse rei a agraciá-lo com uma tença de 50 000 reais, com o hábito de Cristo[15].

Parece-nos que a verdadeira frustração de Duarte Pacheco Pereira ocorreu precisamente com D. João III. O rei não só iniciou um processo de inquirição ao governo de Pacheco Pereira da fortaleza de São Jorge da Mina, procedimento que se tornaria habitual, mas também reteve alguma da sua fazenda[16]. É sabido como D. João III limitou as expectativas de não poucas figuras próximas de seu pai, e tal terá sido o descontentamento, que, em 1523 e 1524, já sexagenário, Duarte Pacheco Pereira terá chegado a manifestar desejo de servir o imperador Carlos V, algo que, contudo, nunca concretizou[17]. Como veremos mais adiante, a ambição de Pacheco Pereira de

---

Historico Portuguez, VIII, 1910, p. 75; finalmente, o último terço foi pago em 1516: cf. ANTT, *Corpo Cronológico*, II-68-47, de 2 de Fevereiro de 1517: Mandado para o recebedor da sisa do trigo pagar 56 000 reais; referido in A. T. Mota, Doc. 15, p. 3.

[11] Duarte Pacheco Pereira recebia esse valor em 1517, como se pode comprovar pelo mandado de pagamento de moradia publicado por R. E. A. Basto, op. cit., Doc. XIII, p. xxi.

[12] Veja-se o Livro de Moradores de D. Manuel, do primeiro quartel de 1518, publicado por António Caetano de SOUSA, *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo II, Lisboa, Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1742, p. 357. No ano seguinte, está registado com a mesma moradia: cf. R. E. A. Basto, op. cit., Doc. XIV, p. xxii.

[13] A. T. Mota, art. cit.

[14] A título de comparação, em 1536, o vencimento do capitão da fortaleza era de 800 000 reais. Cf. J. B. Ballong-Wen-Mewuda, op. cit., Vol. 2, Doc. XI. Na primeira década da presença portuguesa na Ásia, o valor para uma capitania-mor da Carreira da Índia rondava os 100 000 reais. Cf. Luciano Ribeiro (ed.), *Registo da Casa da Índia*, Vol. I, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1954, p. 19.

[15] Estava assentado no livro das tenças de 1523. Cf. A. T. Mota, art. cit., p. 21.

[16] Foi só em 1525-1526 que recebeu 300 cruzados de D. João III, respeitantes a jóias que tinha trazido da Mina. Cf. R. E. A. Basto, Doc. XIX, p. xxiii.

[17] A. T. Mota, art. cit., p. 22.

ver reconhecidos os seus serviços e assegurar o reconhecimento social e o conforto económico da sua prole não abrandariam até à sua morte, ocorrida em 1532.

Esforços tripartidos: as praças marroquinas, o Tratado de Sintra e o ataque de Mondragón: de 1508 a 1513

O grosso da documentação publicada no Apêndice Documental diz respeito às actividades de Duarte Pacheco Pereira enquanto capitão-mor de várias armadas enviadas por D. Manuel I ao estreito de Gibraltar entre 1509 e 1512, e colmata assim a lacuna documental existente. Por ela se mostra como Duarte Pacheco Pereira se manteve sempre activo militarmente, na primeira metade da década de 1510. É nosso propósito enquadrarmos a sua actuação no contexto da política manuelina desses anos.

Jean Aubin e João Paulo Oliveira e Costa mostraram a dinâmica de rivalidade e cooperação existente entre D. Manuel I e os seus sogros Fernando e Isabel, no que respeitava à política dos dois reinos peninsulares, quer a nível europeu quer nos territórios extra-europeus. A constante medição de forças entre D. Manuel I e D. Fernando denota-se na correspondência entre a corte portuguesa e a corte dos *Reis Católicos*, mas era nos mares que se esgrimia verdadeiramente o poderio das duas Coroas[18]. Desde o Mediterrâneo, onde o poder aragonês dominaria ainda por longo tempo, aos longínquos horizontes da costa atlântica, o mar foi ponto de encontro de navios castelhanos, caravelas dos súbditos de D. Manuel I e corsários oriundos de quase todos os portos europeus, desde a Galiza à Grã-Bretanha, passando pela Biscaia. A tentativa de D. Manuel I de sair da sombra de Castela e Aragão e participar como importante peça de xadrez no teatro da política europeia inicia-se mais decisivamente com a armada de D. João de Meneses, que, em 1501, foi em auxílio aos venezianos. Ora, como sabemos, essa armada tinha outro objectivo para além do político, o qual passava pela protecção dos interesses dos Portugueses nas praças de Marrocos, sobretudo na zona de Ceuta, onde se concentravam também as preocupações castelhanas. D. Manuel I pretendia assim inaugurar uma nova etapa na presença portuguesa em Marrocos[19]. A política manuelina procurava assegurar o direito da Coroa portuguesa à conquista do reino de Fez, espaço geográfico reservado tradicionalmente à Coroa de Castela. Apesar do acordo de Tordesilhas, os Castelhanos continuavam veladamente a actuar na zona designada a Portugal. Por seu turno, D. Manuel I, especialmente na primeira década do século XVI, procurou reforçar a presença portuguesa na costa marroquina atlântica, através de

[18] J. P. O. e Costa, *D. Manuel I: 1469-1521. Um Príncipe do Renascimento*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, *maxime* pp. 180-195.

[19] Vasco Resende, «A Armada de Socorro aos Venezianos (1501) e o interesse português pelo Mediterrâneo no princípio do século XVI», *Clio*, Vol. X, 2004, pp. 65-79.

uma cadeia de fortalezas que se estendia de Ceuta a Santa Cruz do cabo de Gué[20]. A construção de Mogador em 1505, por Diogo de Azambuja, um veterano da expansão atlântica, é outro sinal da determinação de D. Manuel I de dominar o espaço marroquino. O domínio efectivo de Safim, em 1508, pelo mesmo Azambuja revigorou a presença portuguesa em Doukkala (a Duquela portuguesa), zona central de Marrocos, com o objectivo de pressionar Marraquexe[21].

A política de D. Manuel I deve ser vista como uma continuação da de D. João II. O Tratado de Tordesilhas estipulava não só a demarcação do direito de conquista marítima entre Portugal e Castela[22], mas também os direitos de pescaria entre a zona do cabo Bojador e o rio do Ouro e as actividades e áreas de influência no Norte de África, nomeadamente o direito da conquista do reino de Fez[23].

Concomitante à rivalidade luso-castelhana, existia uma dinâmica de colaboração entre Portugal e os *Reis Católicos*, nomeadamente quando se tratava de constituir uma frente unida contra outras potências estrangeiras que ameaçassem a política de *mare clausum*. Um dos eixos que reflectiam essa colaboração era precisamente o controlo da costa da Península Ibérica – nomeadamente no que respeitava à pirataria, flagelo antigo. Tanto Fernando, *o Católico*, como D. Manuel I tentaram combater essa ameaça à sua hegemonia e, sobretudo, às suas finanças.

Um dos principais focos da actividade corsária encontrava-se no Norte da Península Ibérica. A Cantábria era um importante centro de actividade marítima, com actividade piscatória e rotas de comércio internacional, controladas pelas «Quatro Vilas». Até 1514, essa unidade fiscal e jurisdicional representava o grosso do comércio na zona e tinha laços fortíssimos com

---

[20] J. Aubin, «Le Maroc: les fondations manuélines», in *Le latin et l'astrolabe: études inédites sur le règne de D. Manuel 1495-1521*, Vol. III, Lisbonne-Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2006, pp. 149-187.

[21] Para o estudo da presença portuguesa na região, vejam-se as actividades levadas a cabo pelo CHAM no âmbito do projecto «Patrimoine Maroco-Lusitanien dan la région Doukkala-Abda»: http://www.cham.fcsh.unl.pt/arqueologia/marrocos.html [consultado a 20/12/2012].

[22] O texto do tratado sobre a divisão marítima entre as duas Coroas das terras a descobrir foi assinado em Tordesilhas, a 7 de Julho de 1494, e encontra-se em ANTT, *Gavetas*, XVII-2-24. A versão digital está disponível em http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4186002 [consultado a 20/12/2012]. O texto foi reproduzido em várias publicações. Vejam-se, *inter alia*, António da Silva Rego (ed.), *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. VI, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967, pp. 648-660; COMISSÃO NACIONAL PARA OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES (coord.), *Tratado de Tordesilhas: Fac-símile do MS. Gavetas 17, Maço 4, n.º 17, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, Lisboa, Ed. Inapa, 1991; e José Manuel Garcia (ed.), *Tratado de Tordesilhas*, Lisboa, Banco Bilbao Viscaya, 1994. Para a contextualização do tratado, vejam-se Luís Adão da Fonseca e José Manuel Ruiz Asencio, *Corpus documental del Tratado de Tordesillas*, Valladolid, Sociedad V Centenario del Tratado de Tordesillas/CNCDP, 1995 e ainda Luís Adão da Fonseca, *D. João II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.

[23] ANTT, *Gavetas*, XVII-4-17, assinado em Tordesilhas a 2 de Julho de 1494. Versão digital em http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4186009 [consultado a 20/12/2012]. O texto encontra-se reproduzido em A. S. Rego (ed.), *As Gavetas*, cit., Vol. VII, pp. 90-102.

Bilbau e Bermeo, importantes portos biscainhos[24]. O senhorio da Biscaia, embora fizesse parte da Coroa de Castela, regia-se por foros e jurisdições locais, confirmados pelos reis castelhanos, pelo que também o almirante de Castela não tinha jurisdição naquele território, embora tivesse tentado estender a sua autoridade ali sem sucesso. Os direitos marítimos eram exercidos pelas autoridades locais e os oficiais régios tinham alguma dificuldade em fazer valer os seus direitos[25].

Como se sabe, o falecimento da rainha D. Isabel em 1504 fragilizou a posição política de D. Fernando no reino castelhano. A transição de poder entre o rei D. Fernando e a sua filha D. Joana e seu genro foi complexa e demorada. Apesar de ter sido confirmada rainha nas Cortes de Valladolid de 1506, foram notórias as dificuldades de governação de D. Joana e a ânsia do seu consorte em tomar as rédeas da política castelhana, obviando assim o poder e influência de D. Fernando. Contudo, a morte de D. Filipe, *o Belo*, em Setembro de 1506, colocou *de facto* D. Fernando na rédea da Coroa de Castela, chamado pelo Conselho encabeçado pelo cardeal Cisneros.

Foi no contexto da instabilidade face à grande aristocracia do reino de Castela que D. Fernando negociou com D. Manuel as capitulações entre as duas cortes, a respeito dos limites de Fez e das suas áreas de influência, durante os anos de 1508 e 1509, com a mediação de Ochoa Isasaga, vindo de Castela com a rainha D. Maria[26]. Convém relembrar que as negociações para a resolução do conflito assentaram mais concretamente na zona a sul do dito reino marroquino, com implicações práticas na política de implantação portuguesa a sul da Duquela, e na contestação castelhana dessa política, sobretudo por parte dos colonos das Canárias, que protestavam contra a presença portuguesa no chamado «Mar Pequeno»[27]. Aubin mostrou detalhadamente como essas negociações ocorreram nos meses de Novembro e Dezembro de 1508, precisamente quando Pedro de Mondragón (ou Mondragão) circulava nos mares da Península e Arzila sofria um ataque do rei de Fez[28].

---

[24] Eram San Vicente de la Barquera, Santander, Laredo e Castro Urdiales. Cf. «Una aproximación a las Cofradías de Mareantes del Corregimiento de las cuatro villas de la Costa», *Rudimentos legales: Revista de historia del derecho*, Vol. 5, 2003, pp. 299-348 [Consultado a 12/01/2013]. Disponível em http://www.udg.edu/portals/156/articles/article_73.pdf.

[25] José Manuel Calderón Ortega, *El Almirantazgo de Castilla: historia de una institución conflictiva (1250-1560)*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, Servicio de Publicaciones, 2003, pp. 171-176.

[26] J. Aubin, «Le Maroc», cit., pp. 149-187.

[27] Assim designado nas fontes, refere-se à zona entre as ilhas Canárias e a costa africana, a sul de Santa Cruz do cabo de Gué.

[28] Recorremos neste trecho à análise de J. Aubin, «Le Maroc», cit., *maxime* pp. 158-164; as demarcações foram ratificadas pelos dois monarcas em Setembro de 1509. Vejam-se as capitulações entre Portugal e Castela sobre África, incluindo os poderes de D. Joana em Valladolid, de 22 de Março de 1509, e de D. Manuel em Évora, a 20 de Maio de 1509, e confirmação final de D. Joana em Valladolid, a 18 de Setembro de 1509. Cf. *Documentos sobre relaciones internacionales de los Reyes Católicos*, Vol. III, Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, 1963, pp. 160-176.

Job Queimado tinha ido para a Índia na sua própria nau, integrado na armada de 1506. A armada, composta por 16 navios e comandada por Tristão da Cunha, saíra do Tejo a 4 de Junho de 1506[29]. Como se sabe, uma parte dessas naus pertencia a armadores e estava fretada pelo rei[30]. A armada de torna-viagem, na qual se incluía a embarcação de Job Queimado, a qual podemos confirmar chamar-se *Sant'Ana*[31], era composta por cinco naus e partira de Cananor a 7 de Dezembro de 1507[32]. Três naus chegaram a Lisboa em Julho de 1508, deixando para trás as naus de Job Queimado e João da Veiga, forçados a invernar em Moçambique, pelo que vieram desacompanhadas desde o oceano Índico até à costa portuguesa.

O ano de 1508 foi o primeiro em que um navio português da Carreira da Índia foi tomado por europeus. Talvez no dia 18 de Novembro, Pedro de Mondragón capturou, em circunstâncias desconhecidas, a nau de Job Queimado, à chegada desta à Europa[33]. O ataque terá ocorrido perto do cabo de São Vicente e o capitão terá sofrido a derradeira humilhação de ter sido abandonado em terra, «em camisa», segundo chegou aos ouvidos de um oficial régio na longínqua ilha de Moçambique pouco tempo depois[34].

Antes de nos debruçarmos sobre as consequências deste episódio, no percurso quer de Duarte Pacheco Pereira quer no de Job Queimado, será tempo de analisar algumas questões sobre a identificação de Mondragón na cronística e na historiografia portuguesa. O que até aqui se escreveu sobre Mondragón baseia-se em duas passagens da crónica de Damião Góis, repetidas por autores subsequentes, que contêm incorrecções. A primeira menção identifica Mondragón como súbdito francês[35]. No entanto, as fontes contem-

---

[29] Paulo Guinote *et al.*, *As armadas da Índia: 1497-1835*, Lisboa, CNCDP, 2002, p. 88; Andreia Martins de Carvalho, «Tristão da Cunha e a expansão manuelina», in Vítor Rodrigues e João Paulo Oliveira e Costa (ed.). *A alta nobreza e a fundação do Estado da Índia*, Lisboa, CHAM-UNL, 2004, pp. 199-226.

[30] Fernão Lopes de Castanheda, *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*, ed. de M. Lopes de Almeida, Vol. 1, Porto, Lello & Irmão, 1979, Cap. XXX, p. 278.

[31] Informação recolhida no pleito de Martín de Arrieta e do rei de Portugal sobre a pimenta roubada por Pedro de Mondragón. Cf. nota 121 *infra*.

[32] F. L. Castanheda, op. cit., Vol. 1, Cap. LXV, p. 361.

[33] Segundo a carta que escreve o moço de Bartolomeu Marchionni a Pedro Panciatichi publicada em Carmen Radulet e Luís Filipe Thomaz (ed.), *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513): fontes italianas para a sua história: o Códice Riccardiano 1910 de Florença*, Lisboa, CNCDP, 2002, p. 289; A. T. Mota, art. cit., pp. 4-5.

[34] Carta de Diogo Vaz, feitor de Moçambique, para Estêvão Vaz, provedor das Casas da Índia e Guiné, 4 de Setembro de 1509, publicada em A. S. Rego (ed.), *Documentos sobre os Portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*, Vol. II, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963, pp. 372-376. As fontes do pleito judicial que utilizamos neste artigo referem frequentemente que a captura ocorreu próximo da Galiza, embora talvez tenha sido aí que Mondragón tenha libertado a tripulação que não lhe interessava manter. Cf. ARCHIVO DE LA REAL CHANCILLERÍA DE VALLADOLID [ARCHV], *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fls. 18-18v.

[35] Damião de Góis, *Crónica do felicíssimo rei D. Manuel*, Vol. 2, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1949, Cap. XXIV: «E dalli [Tristão da Cunha] se fez a vela pera ho Regno, onde

porâneas não hesitam em chamar-lhe biscainho[36]. Um aturado inquérito nas fontes espanholas e francesas e a existência de uma inquirição contra o dito indivíduo, que veremos mais adiante, permitiram-nos descartar definitivamente Mondragón como súbdito da Coroa francesa. A segunda passagem da crónica de D. Manuel I, concluída em 1567, refere a captura de Mondragón por parte de Duarte Pacheco Pereira, a 18 de Janeiro de 1509[37]. Ora, como veremos mais adiante, Mondragón nunca chegou a ser capturado pelas autoridades portuguesas. Não podemos deixar de notar como os regimentos dados por D. Manuel I a Duarte Pacheco, que reproduzimos, datam precisamente dos dias 17 e 18 de Janeiro[38], um dia antes da data avançada por Góis. Assim, teria o cronista conhecimento deste regimento e confundido a data de emissão deste com a da captura de Mondragón? Num momento de rivalidade luso-francesa sobre o domínio dos mares, quando a França contestava abertamente a política de *mare clausum* praticada pelas Coroas portuguesa e castelhana[39], a atribuição da nacionalidade francesa a Mondragón por parte de Góis terá sido um mero lapso ou uma forma de contornar susceptibilidades?

Foi então no meio desta azáfama que se terá sabido na corte do ataque de Mondragón. A notícia da captura e perda da nau de Job Queimado, ocorrida em Novembro de 1508, não poderia ter vindo em pior altura para D. Manuel I. A 26 de Outubro desse mesmo ano chegaram notícias à corte portuguesa, então estante em Évora, do cerco do rei de Fez a Arzila, a 15 de Outubro de 1508. A gravidade do cerco fez com que D. Manuel, que então estava em Évora, se deslocasse a Tavira. Entretanto, o capitão da praça de Arzila, o conde de Borba, D. Vasco Coutinho, foi socorrido pelo seu cunhado D. João de Meneses, que tinha ido com uma grande armada ao Norte de África, tentando, em vão, conquistar Azamor em Agosto de 1508[40]. Terão sido as forças de Meneses e o auxílio, vindo de Castela, da armada comandada por D. Pedro Navarro que permitiram aos Portugueses segurar Arzila, perante a pressão das forças de Fez, cujas tropas se retiraram a 30 de Outubro, escassos dias após ser conhecida em Évora a notícia do cerco. Perante a iminência da queda da praça portuguesa, o monarca, como relata

---

chegou a saluamento, no mes de Iulho do mesmo anno de Mil, & quinhentos, & oito, sem Iob Queimado, nem Ioam da Veiga, & ha causa de nam virem com elle, foi nam chegarem a Moçambique se nam depois delle partido, no qual porto passaram ho inuerno, & chegarão ambos a Lisboa no anno de Mil; & quinhentos, & noue, Ioam da Veiga com sua carga, & Iob Queimado sem ella, porq*ue* ho roubou hum corsairo Frances, a q*ue* chamauão Mondragón.»

[36] Cf. nota 34 *supra*.

[37] D. Góis, op. cit., Vol. 2, Cap. XLII.

[38] Vejam-se os Docs. 2, 4 e 5 transcritos no Apêndice Documental.

[39] Ana Maria Pereira Ferreira, *Problemas marítimos entre Portugal e a França na primeira metade do século xvi*, Cascais, Patrimonia, 1995.

[40] Segundo Bernardo Rodrigues, a armada de D. João de Meneses levava 75 navios e mais de 4000 homens. D. João de Meneses era irmão do conde de Cantanhede e da condessa de Borba. Cf. Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila: crónica inédita do século xvi*, ed. David Lopes, Vol. I, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1915, Cap. II.

Góis, insistiu em ir em pessoa ao seu socorro, do que foi dissuadido pelos membros do Conselho Régio[41]. O rei, resignado, regressou em seguida a Évora, provavelmente na segunda metade do mês de Novembro[42]. Perante a importância do socorro a Arzila e a provável pouca disponibilidade de arranjar embarcações – lembremos que a armada de D. João de Meneses tinha agregado cerca de 75 velas –, o rei optou por enviar apenas um navio, comandado por João Serrão, um experiente marinheiro[43], emitindo o seu regimento a 14 de Dezembro de 1508[44]. Dada a missão, a caravela destinada tinha apenas 30 tonéis, levando apenas oito berços e um falcão, uma vez que a baixa tonelagem tornava-a muitíssimo mais veloz[45]. No reino vizinho, o rei de Castela e Aragão fora informado de anteriores actividades corsárias de Mondragón na costa da Galiza, onde também atacara interesses franceses[46].

Escassos 30 dias separam a nomeação de Serrão da de Duarte Pacheco Pereira, o tempo necessário para organizar uma armada com mais navios, dado que o socorro à praça de Arzila estava já garantido[47]. A historiografia tradicional põe Duarte Pacheco Pereira a finalizar a escrita do *Esmeraldo de Situ Orbis* no final do ano de 1508[48]. O mais provável, e aparentemente confirmado pela documentação apresentada em anexo, era que Pacheco Pereira estivesse envolvido nas actividades do porto de Lisboa, pois, na primeira carta publicada em anexo, D. Manuel I a ele se dirigiu logo no dia 3 de Janeiro de 1509 referindo-se a cartas anteriores respeitantes às actividades de Gabriel Afonso[49]. Duarte Pacheco Pereira estaria decerto dentro das actividades marítimas da ribeira lisboeta. A urgência em capturar Mondragón decretou a partida apressada de Duarte Pacheco Pereira a 17 de Janeiro de 1509, mesmo antes de se saberem notícias concretas do paradeiro

---

41 D. Góis, op. cit., Vol. 2, Cap. XXVIII.

42 B. Rodrigues, op. cit., Vol. I, Cap. III; D. Góis, op. cit., Vol. 2, Caps. XXVII-XXVIII. Ver J. Aubin, «Le Maroc», cit., p. 159.

43 João Serrão era um marinheiro experiente, especializado em navios de baixa tonelagem e facilmente manobráveis. Tinha já ido à Índia na armada de D. Francisco de Almeida, em 1505, e regressaria à Ásia em missões de exploração, a primeira vez em 1510 com destino à ilha de São Lourenço e a segunda vez em 1514, incumbido de explorar a zona do mar Vermelho até ao Suez. Cf. Teresa Lacerda, *Os capitães das armadas da Índia no reinado de D. Manuel I: uma análise social*, dissertação de mestrado, Lisboa, FCSH-UNL, 2006, p. 249.

44 Publicado em A. S. Rego, *Documentos*, cit., Vol. II, pp. 314-320.

45 José Vergílio Amaro Pissarra, *A Armada da Índia. Cômputo, Tipologia e Funcionalidade das* Armadas *de Guerra no Oriente (1501-1510)*, dissertação de mestrado, Lisboa, FLUL-UL, 2001, p. 231.

46 Carta de D. Fernando de 30 de Outubro de 1508 ao seu embaixador em França, instruindo-o a informar a Coroa francesa de que Mondragón também atacava os súbditos castelhanos, tendo sido dadas ordens para o capturar. Cf. Antonio Rodríguez Villa (ed.), «Un Cedulario del Rey Catolico», *Boletin de la Real Academia de la Historia*, Vol. LV, 1909, pp. 198-200.

47 Cf. Apêndice Documental, Doc. 2.

48 A generalidade dos autores aponta 1508 como o ano final da redacção da obra. Cf., por todos, J. B. de Carvalho, *As fontes*, cit., p. 146, enquanto Jean Aubin se inclina para 1507 (J. Aubin, «Les frustrations», cit., pp. 188-189).

49 Cf. Apêndice Documental, Doc. 1.

do primeiro. O rei ordenou ao português que andasse ao redor do cabo de São Vicente e procurasse saber notícias da localização de Mondragón[50]. As ordens manuelinas foram contraditórias, pois, no mesmo dia, o rei ordenou a Duarte Pacheco Pereira que fosse antes em socorro das praças africanas[51]. Poucos dias depois, a 24 de Janeiro, conheceram-se notícias da localização de Mondragón, pelo que D. Manuel I reorientou a armada novamente no seu encalço. Uma semana mais tarde, porém, nova inflexão do monarca mandatou o capitão para o auxílio norte-africano. A verdade é que tais mudanças de ideias não chegaram a ser avaliadas por Pacheco, que recebeu o conjunto dessas missivas e regimentos apenas em Março de 1509, quando estava em Tânger[52].

A posição de D. Manuel I face a Mondragón foi certamente ambígua, pois, como vimos, a notícia do saque chegou em plenas negociações do Tratado de Sintra[53]. Foi talvez por isso que D. Manuel se mostrou inicialmente disposto a contemporizar com o «corsário», propondo-lhe mesmo satisfação monetária em troca do retorno do botim[54]. Porém, num segundo momento, o rei mostrou-se mais determinado – como aliás, se pode ver pela adição, na carta de instruções a Duarte Pacheco Pereira, que indicava que Mondragón fosse enforcado[55]. A missão de Duarte Pacheco teve objectivos pragmáticos, punitivos e dissuasores, pois qualquer tentativa de interferência com as naus da Carreira da Índia seria duramente punida. As decisões sobre o caso, como se pode comprovar pelos anexos, foram tomadas num curto espaço de tempo, em Évora, para onde D. Manuel I tinha regressado depois de ter visitado Tavira. Aubin mostrou no seu artigo como a situação política portuguesa era então debatida num núcleo restrito, que incluía a rainha (intermediando com o conselheiro Isasaga), o vedor da Fazenda D. Martinho de Castelo Branco, o escrivão da puridade D. António de Noronha e o secretário António Carneiro. As cartas agora apresentadas reforçam essa ideia de que, dada a urgência em agir, as decisões eram tomadas no círculo da câmara do rei. As cartas de Janeiro e Fevereiro de 1509 são assinadas quer pelo escrivão da puridade D. António de Noronha, quer pelo secretário António Carneiro, quer ainda por diversos escrivães relacionados com as actividades da fazenda ou da câmara e guarda-roupa do rei[56].

---

[50] Cf. Apêndice Documental, Doc. 2.

[51] Cf. Apêndice Documental, Doc. 3.

[52] Cf. Apêndice Documental, Doc. 2.

[53] J. Aubin, «Le Maroc», cit., *maxime* pp. 158-164; J. P. O. Costa, op. cit., p. 194, e ainda Jesus Porro Gutierrez, «Un episodio de la question africana en las relaciones entre Castilla y Portugal. El Tratado de 1509 entre Doña Juana y D. Manuel», in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a Sua Época: Actas*, Vol. I, Porto, Universidade do Porto/CNCDP, 1989, pp. 377-385.

[54] Cf. Apêndice Documental, Doc. 4.

[55] Cf. Apêndice Documental, Doc. 2.

[56] Vejam-se as notas sobre o percurso dos escrivães envolvidos na redacção dos regimentos no Apêndice Documental.

Após cumprido o auxílio às praças africanas e sem avistamento de Mondragón, a armada terá provavelmente regressado ao reino para corregimento. Para o regresso terá contribuído certamente a notícia da grande armada em preparação, havia meses, pelo cardeal Cisneros, a qual depois largaria de Cartagena, a 16 de Maio de 1509, complementando na prática a protecção às praças portuguesas, nomeadamente Tânger, Ceuta e Arzila[57].

No mesmo mês de Maio, Duarte Pacheco comandou uma segunda armada, da qual possuímos um regimento do dia 10, claramente diferente do primeiro em termos de objectivos e de área geográfica. Estamos em crer que esta armada não pode ser enquadrada nas «armadas que vão ao estreito», pois em nenhuma parte do regimento se faz essa referência. O objectivo era capturar outro corsário, que o rei designava como «parceiro de Mondragón», pelo que Duarte Pacheco deveria percorrer a costa portuguesa até ao cabo Ferrol, durante dois meses[58]. Na verdade, esta será talvez uma das primeiras armadas de defesa e patrulhamento da costa portuguesa – as cartas de D. Manuel I alertavam inclusivamente para a necessidade de controlar os movimentos de uma nau francesa que teria aparecido perto do cabo (provavelmente o de São Vicente), com legítimos receios de que ela fizesse parte de um grupo maior de embarcações francesas. O rei ordenou que a nau fosse afastada por meio de violência se necessário[59]. A armada, que terá partido logo após o regimento dado a 10 de Maio de 1509, permaneceu no mar mais de cinco meses, até pelo menos final do mês de Setembro desse ano[60]. Em contacto constante com Lisboa através da caravela de apoio de António Fróis[61], Pacheco Pereira foi recebendo reabastecimentos de homens, artilharia e mantimentos[62].

A presença na costa portuguesa de naus e embarcações de outras nações não era certamente um acontecimento novo. Note-se como desde

---

[57] Pedro de Navarro era o segundo no comando desta armada, que era composta por mais de 33 naus, 22 caravelas e demais navios de pequeno porte, não contando com os navios armados por personalidades da Andaluzia que também participaram na expedição. Cf. Cesáreo Fernández Duro, *Armada española desde la unión de los reinos de Castilla y de León*, Tomo I, Madrid, Est. Tipográfico «Sucesores de Rivadeneyra», 1895, pp. 65-75 [Consultado a 18/11/2012]. Disponível em http://archive.org/details/armadaespaolade01durogoog.

[58] Cf. Apêndice Documental, Doc. 15. Note-se como em letra posterior quinhentista se reconhece tratar-se de facto de uma segunda armada de 1509.

[59] Cf. Apêndice Documental, Docs. 15 e 16.

[60] Cf. Apêndice Documental, Doc. 20. A carta em questão, redigida por D. Manuel I em Sintra, dá a entender que Duarte Pacheco estava em fase de desmantelamento quando tinham chegado notícias sobre um corsário, pelo que o rei lhe ordenava que partisse o mais depressa que pudesse, com a tripulação e artilharia mínima. Não sabemos se a armada chegou a sair novamente do porto.

[61] Cf. Apêndice Documental, Doc. 18.

[62] Cf. Apêndice Documental, Docs. 18-20. Sobre os abastecimentos, veja-se ANTT, *Corpo Cronológico*, II-17-92: mandado de 35 quintais de biscoito de Jorge de Vasconcelos, datado de 22 de Maio de 1509, para «esta armada em que vay Duarte Pacheco» adicionada àquela já entregue por el-rei ter decidido mandar mais 40 homens nessa armada, publicado em A. T. Mota, op. cit., p. 2.

inícios do século XVI, devido às tensões constantes entre Fernando, o *Católico* e o rei francês Luís XII, também as esquadras francesas pululavam as costas da Península, calcorreando a costa desde o golfo da Biscaia, onde efectuavam diversas depredações, e contornando depois o estreito de Gibraltar, em direcção aos portos franceses e italianos. Não é, pois, de estranhar que a costa portuguesa fosse frequentada habitualmente por mareantes franceses, que nela se abasteceriam de vitualhas e obteriam notícias[63]. D. Manuel I não apoiava as actividades francesas, pois tal seria considerado uma afronta ao sogro, mas certamente também não as dissuadia em público[64]. Em privado, não obstante, mantinha os concorrentes franceses sob vigilância, como se depreende das suas missivas a Duarte Pacheco Pereira[65].

A ocupação de Duarte Pacheco Pereira nas armadas manuelinas continuaria no ano de 1510, quando, já em pleno Verão, recebeu novas instruções para partir como capitão-mor de uma armada, desta vez para a zona do estreito de Gibraltar, com a missão específica de ir ao porto de Santa Maria, perto de Cádis, carregar pão e, em seguida, rumar directamente a Arzila, para procurar «fustas de mouros no estreito» (capturou, efectivamente, quatro fustas de forma violenta)[66]; caso não as encontrasse, a armada deveria regressar a Arzila e prestar apoio logístico e militar à praça[67].

D. Manuel I tornou a nomear Duarte Pacheco em Maio de 1511, para andar como capitão-mor de uma armada.[68] Às preocupações e às responsabilidades, acresciam notícias de naus francesas que tinham tomado uma nau castelhana junto a Albufeira. Preparada, como de rotina, à volta do mês de Maio de 1511[69], a armada percorreu várias praças marroquinas. Em primeiro lugar, Duarte Pacheco terá ido a Ceuta. Um fragmento, já mencionado

---

[63] O cabo de São Vicente era um ponto nevrálgico para as frotas marítimas que circulavam no estreito. Em 1507, uma embarcação francesa fora de rota rondava aí em busca de notícias da sua esquadra. Jehan d'Auton, *Chroniques de Louis XII*, ed. de René Maulde-La-Clavière, Vol. 4, Paris, Librairie Renouard, H. Laurens, 1889, p. 407 [Consultado a 12/01/2013]. Disponível em http://archive.org/details/chroniquesdeloui04autouoft.

[64] Em 1509, João Mendes de Vasconcelos, embaixador português em Castela, relatava o desagrado de D. Fernando com a presença das embarcações francesas na costa portuguesa (cf. J. P. O. e Costa, «Portugal e França no século XVI. Aliados tácticos na Europa e rivais discretos no Atlântico», in Avelino de Freitas de Meneses e João Paulo Oliveira e Costa (ed.), *O reino, as ilhas e o mar oceano: Estudos em homenagem a Artur Teodoro de Matos*, Vol. 2, Lisboa, Ponta Delgada, 2007, p. 439.

[65] Cf. Apêndice Documental, Docs. 15 e 16.

[66] Cf. Apêndice Documental, Doc. 24. Veja-se ANTT, *Núcleo Antigo*, 707, fls. 50-52v. Nota de recebimento, datada de 28 de Setembro de 1510, de Nuno Ribeiro referindo ter socorrido os feridos da armada de Duarte Pacheco, a quem teria entregue mantimentos; uma das suas embarcações era a taforeia de Álvaro Rafael, que necessitou de corregimento, segundo nota de 15 de Novembro de 1520 no mesmo documento. Cf. A. T. Mota, art. cit., p. 2.

[67] Cf. Apêndice Documental, Docs. 21 e 22. Nesta, D. Manuel I refere que a armada devia durar dois meses. Cf. Apêndice Documental, Doc. 23.

[68] Cf. Apêndice Documental, Docs. 26 e 27.

[69] Cf. Apêndice Documental, Doc. 27.

por Teixeira da Mota, mostra o capitão naquela praça no Dia do Corpo de Deus[70], quando se soube em Ceuta que duas fustas de mouros de Tarifa andavam nas imediações, o que causava grande ansiedade à guarnição da praça portuguesa. Na carta se refere como a armada de Duarte Pacheco Pereira tinha acompanhado dois bergantis, comandados pelos filhos do capitão Rui Barba. As novas chegaram a D. Iñigo Manrique, alcaide de Málaga e então capitão-mor da armada de Gibraltar, o qual despachou subsequentemente 11 navios para Ceuta, com o intuito de capturar as ditas naus[71]. A presença da armada castelhana[72] terá permitido a ida de Duarte Pacheco Pereira para Arzila, então sob pressão das forças militares de Fez[73] (e onde Pacheco Pereira se deteve pelo menos nos meses de Julho e Agosto[74]) e para a praça

---

[70] Que, em 1511, caiu a 11 de Junho. A. Capelli, *Cronologia, Cronografia e Calendario Perpetuo dal principio dell'Era Cristiana al giorni nostri*, Milan, Ulrico Hoepli, 1930, pp. 70-71.

[71] ANTT, *Fragmentos*, Cx. 9, Mç. 3, Doc. 44, fls. 1v-2. Fragmento de carta, provavelmente escrita por Rui Barba, capitão em exercício de Ceuta, na qual contava como tinha sido apoiado por Duarte Pacheco Pereira quando se soubera das notícias das embarcações muçulmanas. O capitão menciona que, à data de redacção, Duarte Pacheco Pereira já estaria entretanto no reino, onde teria informado D. Manuel I do sucedido. Aqui transcrevemos o excerto: «E estando Senhor asy açertou de estar dom ynhiguo manrriqe com ha armada de castela em gibaltar donde mamdou aquy huma galeota com huma carta pera mym em que me pedia que lhe mandase nova que tinha dos navjos de tetuam de terga e de belez quamtos eram e omde estavam ou se eram entrados a alguma parte e asy doutra quallquer nova que tivesse, ao quall Senhor Respondy E mandey aquela que tinha que me o djto cativo dera, E logo Senhor tanto que lhe este Recado foy dado se veeo Senhor a esta cydade com onze navjos de Remo que traz muy bem armados onde esteue tres djas nos quaes Senhor me vieram novas de tetuam por hum estevam gentill mercador estante em fez E outro Jenoes E alguns castelhanos he certas carav[elas] trouveram que me confirmaram a nova que me o dicto cativo dera he majs me diseram Senhor he certeficaram como [.....] navjos Jaa prestes e aparelhados pera sair aquela noyte ou a outra segujnte E entam Senhor com esta nova conçertamos este ardjll que eu armase dous navjos .s. huma fusta Senhor que agora conprey de treze pera ter com os dous bragantijs que tenho e hum dos bragantjs, he que estes fosem de djante tomar a ponta de tetuam he lançar Jente asaltar as guardas que os mouros ahy contjnoadamente tem onde chamam hatalaya alta pera que as esbarrejasem he corresem pera que fosem dar nova como os meus navjos eram aly entrados a saltear por ver se lhe queriam os djtos mouros sayr e eles ficarem escondidos a la mar E assy Senhor se fez jnteiramente e se pos por obra que a dicta armada [.....] ficou tam escondjda que numqua foy descuberta (...).» Note-se que o documento estava anteriormente em ANTT, *Fragmentos*, *Cartas para el-Rei*, n. 14, e assim aparece referenciado por Teixeira da Mota (A. T. Mota, op. cit., Doc. 9, pp. 2-3).

[72] Iñigo Manrique foi um activo participante das armadas castelhanas, a maior parte das vezes em conjunção com D. Iñigo López de Mendonza, conde de Tendilla e capitão-geral do reino de Granada. Cf. José Smolka Clares, «Ceuta en el Registro de correspondencia del conde de Tendilla. Unos datos sobre el gobernador Pedro de Meneses, segundo conde de Alcoutim», *Transfretana. Revista del Instituto de Estudios Ceuties*, Vol. 6, 1994, pp. 137-153; José Enrique López de Coca Castañer, «Mamelucos, otomanos y caída del reino de Granada», *En la España medieval*, Vol. 28, 2005, pp. 229-258 [Consultado a 25/01/2013]. Disponível em http://revistas.ucm.es/index.php/ELEM/article/view/23010; Emilio Meneses García (ed.), *Correspondencia del Conde de Tendilla*, Madrid, Real Academia de la Historia, 1973.

[73] D. Góis, op. cit., Vol. III, Cap. VIII.

[74] Cf. Apêndice Documental, Docs. 29, 31 e 33.

de Tânger[75]. Duarte Pacheco Pereira terá cumprido eficazmente o seu papel de capitão-mor da armada, apesar de a preparação desta, como reconheceu D. Manuel I, ter sido extremamente deficiente[76].

Após a liderança sistemática da defesa da costa marítima, Duarte Pacheco Pereira terá tido finalmente um ano de repouso em 1512 (que aproveitou, eventualmente, para contrair matrimónio). Contudo, o descanso seria breve, pois as actividades dos corsários franceses ditaram nova ausência, como capitão-mor de uma armada de quatro embarcações leves e bem fornecidas de artilharia. Não conhecemos o desfecho dessa missão[77].

As «armadas do estreito»

Pelas cartas agora publicadas, sabemos que Duarte Pacheco Pereira foi sucessivamente capitão de duas armadas no ano de 1509, uma armada no ano de 1510, outra no ano de 1511 e finalmente outra em 1513. A adição destas cartas ao conjunto do que já se conhece sobre as armadas enviadas ao estreito permite-nos fazer uma reavaliação da natureza e funcionalidade dessas armadas. Para estudar o enquadramento jurídico-institucional das armadas, nos inícios do reinado de D. Manuel I, é fundamental recorrer a documentação, que, dispersa por várias colectâneas, muitas vezes dá uma versão diferente do relato oficial cronístico. A participação concreta de Duarte Pacheco Pereira, e do seu comando, nas designadas «armadas do estreito» será analisada tendo em consideração dois elementos fundamentais: os objectivos e actuação das armadas, e a componente jurídica e a terminologia da documentação agora apresentada face à já conhecida. Ambas as linhas de crítica se desenvolvem por confrontação e comparação com armadas semelhantes, concitando algumas reflexões no que respeita à análise do fenómeno na longa duração.

Na linha do que já sugeriu José Pissarra, cremos poder reforçar o argumento de que a armada do estreito não era uma entidade institucionalizada[78]. É inegável a existência de armadas preparadas por D. Manuel I com o objectivo de patrulhar o estreito e responder aos pedidos das praças marroquinas. Contrariamente ao que propõe Rui Godinho[79], a análise da documentação permite-nos reforçar o que Pissarra intuíra: é difícil designar

---

[75] Cf. Apêndice Documental, Doc. 34. Esta carta está em consonância com a carta de confirmação régia outorgada a Fernão Velho a 20 de Maio de 1514, após Duarte Pacheco Pereira o ter armado cavaleiro pelas suas acções durante o cerco de Tânger (publicada em F. S. Viterbo, op. cit., p. 238).

[76] Cf. Apêndice Documental, Doc. 33.

[77] Cf. Apêndice Documental, Docs. 35, 36 e 38.

[78] J. V. A. Pissarra, op. cit.

[79] Rui Landeiro Godinho, «A armada do estreito de Gibraltar no século xvi», in Francisco Contente Domingues e Jorge Semedo de Matos (ed.), *A guerra naval no Norte de África (séculos xv-xix)*, Lisboa, Ed. Culturais da Marinha, 2003, pp. 117-137.

a «armada do estreito» como instituição. Com efeito, nos cinco momentos em que Duarte Pacheco Pereira foi seu capitão-mor, as instruções e os regimentos foram precisos e observaram necessidades imediatas e concretas: cercos de praças (Arzila e Tânger); actividades corsárias (Mondragón, francesas e muçulmanas); fornecimento de víveres. A patrulha do estreito de Gibraltar era inerente à natureza de qualquer armada enviada pela Coroa, como o próprio D. Manuel I referiu: «porque nom he nosa temçam de vos emviar com nosa armada saluo pera a garda do estreyto»[80].

Na linha do que já apontou Pissarra, o que argumentamos aqui é que as armadas que começam a surgir, na primeira década do século XVI, para acorrer a problemas práticos que exigiam resolução, partem depois com mais frequência, face à prevalência de mouros, corsários e outros. A crítica não deve passar apenas por um cômputo das embarcações e análise das missões que elas desempenharam. Para uma melhor compreensão do processo, uma parte da análise deve centrar-se na análise textual dos documentos. Após a análise sistemática da terminologia utilizada no conjunto da documentação, não vislumbramos o que se classifica comummente como «regimento» (tomado no sentido de «instrução) generalizado, tal como havia para as armadas que seguiam para a Índia. Existem, de facto, várias cartas que regulam a actuação das armadas que «andam no estreito». Estes regimentos de armadas são casuísticos, ou seja, regem casos específicos e não têm aplicação genérica, o que não quer dizer que não haja uma institucionalização da sua maior frequência e uma aparente ou provável anuidade, com ocorrência na Primavera-Verão.

O que nos atrevemos a afirmar é que, a partir das armadas de Duarte Pacheco Pereira, «a armada que ora vai ao estreito» se vai tornando mais regular, mas não poderemos nunca definir com exactidão o ano em que ela é institucionalizada, pois foi um recurso posto em prática desde, pelo menos, 1505, com o envio de Garcia de Melo, cujo regimento dizia respeito à conjuntura muito específica de Safim nessa ocasião)[81]. Como vimos, o mesmo acontecia com as armadas comandadas por Duarte Pacheco Pereira. Cada armada era acompanhada de um regimento, munido de instruções específicas, tal como aconteceu em 1517, com Diogo Lopes de Sequeira. Tanto Duarte Pacheco como Diogo Lopes de Sequeira receberam instruções detalhadas sobre a direcção e rota da armada, bem como sobre o apoio logístico a prestar às praças do Norte de África. No caso de Diogo Lopes, acresceu a indicação específica de ir socorrer D. Pedro de Meneses, conde de Alcoutim e capitão de Azamor[82]. O socorro às praças era essencial para a «armada do

---

[80] Cf. Apêndice Documental, Doc. 27.

[81] ANTT, *Corpo Cronológico*, I-5-28: regimento dado a Garcia de Melo na ida da armada a Safim, de 30 de Junho de 1505, publicado em António BAIÃO, *Documentos do corpo chronologico relativos a Marrocos, (1488 a 1514)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, pp. 20-23.

[82] Como se verifica no sobrescrito do regimento: «Regimento de Diogo Lopes que há-de ir ao conde de Alcoutim». Cf. ANTT, *Gavetas*, XV-1-44. Dado em Lisboa, a 4 de Junho de 1502, e

estreito». No ano de 1519, também a armada comandada por Pero Botelho partiu com a missão específica de perseguir uma fusta moura que rondava Arzila[83].

Em 1520, partiu, também destinada ao estreito, a armada de D. Pedro Mascarenhas, depois seguida das duas caravelas comandadas por Vasco Fernandes César. Segundo Bernardo Rodrigues, a caravela de César constituiu a «primeira que no Estreito andou servindo aos lugares»[84], pelo que a historiografia tende a ver aí o início da institucionalização da armada do estreito. Contudo, como sabemos, também a armada de duas caravelas comandada por César não foi uma armada extraordinária[85]. A caravela prestava apoio às praças, como aliás se veio a verificar no ano seguinte, pois César juntou-se, com a mesma missão, à armada comandada por Simão da Cunha[86]. Como salienta Pissarra, não existem provas que sustentem ou que refutem definitivamente a hipótese da institucionalização da «armada do estreito»[87], ou das «armadas ordinárias», como lhes chamou Godinho. Mas a verdade é que a presente documentação vem reforçar a ideia de que as armadas eram preparadas *ad hoc*. Quando existiam, eram constituídas por duas a quatro embarcações preparadas directamente pela Coroa, e, por vezes, depois engrossadas com navios mais pequenos, a maior parte deles oriundos da costa algarvia. Essas embarcações eram na sua maioria capi-

---

publicado por A. S. Rego (ed.), *As Gavetas*, cit., Vol. IV, pp. 56-63. O regimento de Diogo Lopes assemelha-se aos Docs. 14, 22 e 27 do nosso Apêndice Documental.

[83] ANTT, *Corpo Cronológico*, II-86-146: mandado do governador de Arzila para o almoxarife dar a Pero Botelho, capitão da armada que andou no estreito, pregos e outras coisas para a sua fusta, 20 de Dezembro de 1519.

[84] B. Rodrigues, op. cit., Vol. I, Cap. LXII, p. 286.

[85] Veja-se o regimento em ANTT, *Núcleo Antigo*, 16, fls. 163v-165: «Regimento que levou vasco fernandez que foy pera andar d armada em huma caravela». Aí se constata que uma das missões era «vos enviar aos lugares de castela polas mercadaryas que ha d hyr comprar o scprivam», além de «que nos syruães no dito navyo no aCareto do pam d amdaluzia pera eses lugares fazey o asy com toda diligemçya», tendo atenção a que «nos portos de castela Jres e estares sempre a todo bom Recado fazemdo por estar fora do dito navyo em lugares de sospeyta o menos que poder ser por evytar os Emcomvenientes que se poder aqueçer e aqueçem estamdo os Capitães fora de seus navjos de que tem obrigaçam de daar comta espyçyalmemte camdo vam armados e cheos d artelharia que sam cobiçosos». De facto, a caravela agia como navio logístico, levando instruções régias: «Nos temos defeso que nas nosas villas d arzilla allcaçer e cidades de çepta tamger nenhuuma pessoa nam possa meter prata pera vender nem Resgatar nem panos da Jmdia de seda nem d algodam nem alaquequas nem alaquar preto nem vermelho nem bordatos de toda sorte sob penna de quem as ditas cousas meter as perder a metade pera nos e a outra pera quem as acusar, teres cargo de vigyar se se metem alguumas dela contra esta nosa defesa e toma las eys e Requereres que se exuquete esta nosa defesa e porque em allcaçere cepta tamger nam era aJmda noteficada esta defesa leuares cartas nosas pera os comtadores e oficiães deles a noteficarem e dhy em diamte se comprira e dara a dita penna a execuçam.»

[86] ANTT, *Corpo Cronológico*, II-98-125: mandado de Simão da Cunha, capitão-mor da «armada que anda no estreito», para o feitor de Andaluzia, Sebastião Álvares, entregar a Pero Gonçalves, feitor da dita armada, 100 ducados para sua despesa, 8 de Novembro de 1521.

[87] J. V. A. Pissarra, op. cit., pp. 239-240.

taneadas pelos seus armadores, que esperavam receber em troca algum reconhecimento régio[88].

Caso não tivesse motivos para o fazer, será que D. Manuel I prepararia uma armada todos os anos para patrulhar a costa? Não podemos dar uma resposta definitiva. Contudo, notamos que já em 1512 se questionava num documento a preparação de uma armada para o ano seguinte, sem certezas definitivas[89], o que indica que a preparação ainda não seria ocorrência regular. O esforço de uma armada regular requeria capital e recursos humanos, duas coisas de que D. Manuel I tinha escassez[90].

Uma segunda vertente da análise passa por analisar a jurisdição pertencente às «armadas que andam no estreito» plasmada nos seus regimentos. Os regimentos de Duarte Pacheco Pereira que se publicam no Apêndice Documental mostram como as alçadas cível e criminal pertenciam à Coroa[91]. Duarte Pacheco Pereira tinha apenas a alçada ordinária, a qual incluía o poder de açoutar e degredar a tripulação e mandar prender os fidalgos[92]. Neste contexto, as armadas de Duarte Pacheco Pereira inseriam-se numa tradição que remontava à origem do almirantado português, com a jurisdição consagrada nas Ordenações Afonsinas. No final do século XV, o almirantado tinha já a jurisdição de «mero e misto império»[93]. De facto, apenas os regimentos das armadas de D. Francisco de Almeida para a Índia, em 1505[94], e a armada de D. Jaime, duque de Bragança, em 1513[95], concediam a possibilidade de o capitão-mor aplicar a pena de morte.

---

[88] Veja-se a carta de João Gonçalves, armador, oferecendo dois navios seus, por seu frete, para a armada do estreito, contanto que fosse com eles, e em que se mostrava pronto a servir o rei, Tavira, 20 de Fevereiro de 1517 (ANTT, *Corpo Cronológico*, I-21-42).

[89] Carta de Pedro Barba, capitão de Ceuta, de 9 de Maio de 1512, em que dizia que enviava Tomé Martins, o qual esperava servir na armada do estreito «e se este ano senhor nom entrar fique resgardado pera ho ano que emboora vira sse Vosa Alteza ha de fazer armadas». Cf. A. Baião, op. cit., pp. 43-44.

[90] Cf. Apêndice Documental, Docs. 26, 35 e 36.

[91] Cf. Apêndice Documental, Docs. 5 e 28.

[92] Cf. Apêndice Documental, Doc. 5.

[93] António de Vasconcelos Saldanha, *O almirante de Portugal: estatuto quatrocentista e quinhentista de um cargo medieval*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1988, p. 13.

[94] De 27 de Fevereiro de 1505, publicada em Raimundo António Bulhão Pato, *Cartas de Affonso de Albuquerque, seguidas de documentos que as elucidam*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1884, Tomo II, pp. 269-272 [Consultado a 07/01/2013]. Disponível em https://ia600306.us.archive.org/19/items/cartasdeaffonso00patogoog/cartasdeaffonso00patogoog.pdf.

[95] ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I, Doações,* Liv. 42, fl. 87v. Carta régia ao duque de Bragança, sobrinho do rei, capitão-mor da armada que vai para Azamor, mercê da capitania-mor e geral de toda a armada com a qual haverá todo o poder e alçada sobre toda a gente da armada e exército, de qualquer estado e condição, com a jurisdição cível e crime até morte natural, sem dele haver outra apelação ou agravo, nas matérias de guerra, de mar ou de terra, 3 de Agosto de 1513.

A recuperação do botim da nau de Job Queimado

As represálias entre súbditos portugueses e castelhanos têm uma longa história, que remonta à Idade Média. Após um período de estabilidade que se seguiu ao início da dinastia de Avis, no contexto das pazes consagradas no Tratado de Almeirim (1431), as hostilidades marítimas recrudesceram com o envolvimento de D. Afonso V na disputa sucessória castelhana[96]. No contexto desse conflito, Isabel e Fernando legalizaram e encorajaram em particular o corso na Biscaia, estratégia que seria reproduzida pelos Portugueses. Os *Reis Católicos* utilizaram o corso e a pirataria como duas das principais armas da sua política de afirmação contra a Coroa portuguesa, tanto a nível interno, obviando as pretensões portuguesas na Península Ibérica, como na política externa, contestando as explorações portuguesas no Atlântico e na costa africana[97]. O fim da guerra entre Portugal e Castela repôs a tranquilidade nas relações marítimas entre as duas Coroas, que se esforçaram por a confirmar no Tratado de Alcáçovas-Toledo (1479)[98]. Além de o tratado reafirmar os anteriores capítulos do de Almeirim e reconhecer a legitimidade da conquista portuguesa de território marroquino, um dos seus capí-

[96] Para o estudo das represálias, veja-se a obra seminal de Rui de Albuquerque, *As represálias: estudo de história do direito português: sécs. XV e XVI*, Lisboa, edição do autor, 1972. Para a contextualização do corso na bibliografia espanhola, veja-se o estudo clássico de José Luis de Azcárraga y de Bustamante, *El corso marítimo, concepto, justificación e historia*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Francisco de Vitoria, 1950; Isidro Pérez y Oliva, *Presas marítimas*, Madrid, Tipografía de Manuel G. Hernández, 1887 [Consultado a 11/04/2013]. Disponível em http://fama2.us.es/fde/presasMaritimas.pdf. Para uma perspectiva global do fenómeno do corso e da pirataria, veja-se Luís Ramalhosa Guerreiro, *O grande livro da pirataria e do corso*, Lisboa, Temas e Debates, 1997.

[97] Juan Manuel Bello León, «Apuntes para el estudio de la influencia del corso y la piratería en la política exterior de los Reyes Católicos», in *Historia, instituciones, documentos*, n.º 23, 1996, pp. 63-98 [Consultado a 30/11/2012]. Disponível em http:// dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/58329.pdf; Pablo García Cañón e Violeta Medrano Fernández, «Piratería vizcaína contra navíos portugueses en el siglo XV: el caso de Juan de Bermeo», *Iacobus: revista de estudios jacobeos y medievales*, Vol. 21, 2006, pp. 307-326.

[98] Um dos artigos sobre as medidas a aplicar em caso de ataques marítimos estipulava o seguinte: «E si porventura os tales malfechores non podieren ser tomados e conprehendidos e aportaren e ancoraren on qualquier de los puertos de cada uno de los otros reynos que aquel rey e las justicias donde asi ancoraren e fueren echados sean temidos e obligados de los tomaren e prendieren costandoles por evidencia de la cosa o enquisicion o en otra qualquier manera. E asi los remitiran seyendo requeridos al rey o a sus justicias contra cuyos subditos e naturales tal daño e maleficio cometteren para yscroydos con su derecho e punidos segunt las las [*sic*] leyes e ordenanças del dicho reyno a que ofenderan como dicho es e seran remitidos con las cosas tomadas o sin ellas si las ya non tovieren o se non pudieren aver porque puesto que non sean aliados en el qual caso se someten por los primeros tratos se remitan los tales pero sus personas seran en toda manera remitidas aunque con las dichas cosas robadas non sean fallados como dicho es e qualesquier cosas suyas que le pudieren ser fallados fasta la contia del daño sean secrestadas non dando a ello fiança bastante para se satisfaser a los dichos danificados conplidamente.» Cf. ANTT, *Gavetas*, XVII-6-16. Contrato de paz feito entre D. Afonso V, rei de Portugal, e os reis de Espanha, ratificado pelos últimos em Toledo, a 6 de Março de 1480, in A. S. Rego, *As Gavetas*, cit., Vol. VII, pp. 313-314.

tulos incidiu especificamente sobre o corso, determinando a captura e prisão dos envolvidos[99].

No contexto desta história, deve destacar-se o papel dos biscainhos, os quais tinham nas actividades marítimas o seu principal sustento económico, no corso uma legítima actividade lucrativa, e na pirataria um complemento do seu rendimento. A conflitualidade entre Portugueses e Biscainhos e a história das represálias entre os mareantes de ambos os lados eram assim longas, e, como releva Córdoba de la Llave, «todo navegante tenía la possibilidad de ser pirata y vítima»[100].

A recuperação do botim da nau de Job Queimado foi longa e complexa, envolvendo múltiplos agentes, tanto reais como particulares. O rei português enviou missivas ao rei Fernando, o qual também se mostrou importunado com as actividades de Mondragón. Não se conhece a total extensão das actividades danosas de Mondragón, mas é certo que já tinham chegado notícias da sua pirataria à corte de Valladolid ainda antes da captura da nau de Queimado. D. Fernando tinha inclusivamente escrito ao seu embaixador em França, Jaime de Albion, dizendo que recebera muitas queixas da costa da Galiza, e que Mondragón «es un cossario que tambien face dano a los subditos destos reinos como a otros estraños, y no osa estar en ningun puerto dellos, ni tiene bienes algunos en estes reinos, ni armo en ellos sus naos, antes furto la que armo, y como quiera que se dixo que en la nao que tomo que iban cosas vedadas, se ha procurado de le prender y se han fecho y facen sobrello muchas diligencias, segun parecerá por las provisiones que se han dado»[101]. No entanto, só com a notícia da captura da nau de Queimado é que D. Fernando foi forçado a agir decisivamente, com o envio de missivas, no final do mês de Dezembro de 1508, a vários governadores das províncias costeiras, ordenando a prisão imediata de Mondragón[102].

Pedro de Mondragón era efectivamente um pirata. Pelas cartas emitidas por D. Fernando se mostra claramente que Mondragón actuava à margem da lei, posto embora tanto a documentação portuguesa como a castelhana o designem por «corsário». Aparentemente, o início da sua senda marginal iniciou-se em Cádis, em 1508, quando assaltou e tomou posse de uma nau

---

[99] Para o contexto da sua aplicação vejam-se P. Garcia Cañón e V. Medrano Fernández, art. cit.

[100] Ricardo Córdoba de la Llave, «Violencia por conflictos comerciales entre Castilla y Portugal (1475-1495)», in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a Sua Época: Actas*, III, Porto, Universidade do Porto – CNCDP, 1989, p. 181. Para o papel da actividade corsária na região biscainha no período moderno, veja-se Ana María Rivera Medina, «Estado, negocio y corsarismo: Vizcaya desde el Medievo a la Modernidad», *Itsas memoria: revista de estudios marítimos del País Vasco*, Vol. 5, 2006, pp. 117-133.

[101] Carta de D. Fernando a Jaime de Albion, seu embaixador em França, 30 de Outubro de 1508. Cf. A. Rodríguez Villa (ed.), art. cit., pp. 198-200.

[102] Carta de D. Fernando ao governador da Galiza, com despachos iguais para o corregedor das Astúrias, Quatro Vilas, Guipúzcoa, Biscaia e Portugalete, ordenando que Mondragón fosse preso, 28 de Dezembro de 1508. Cf. A. Rodríguez Villa (ed.), art. cit., p. 220.

genovesa, roubando mercadorias no valor de 1500 ducados[103]. Terá sido, provavelmente, essa a nau que Mondragón e seus companheiros utilizaram para abordar a nau portuguesa capitaneada por Job Queimado[104]. Se, em termos jurídicos, os dois termos – pirata e corsário – e as correspondentes práticas estivessem já devidamente estabelecidos e diferenciados, é certo que, como notou já Michel Mollat, neste período a terminologia era muitas vezes empregue indistintamente[105].

A Coroa de Castela, mostrando-se sensível à causa do soberano português, designou um dos seus oficiais com jurisdição sobre as Astúrias, Biscaia e Galiza para acompanhar o procurador português. No entanto, a evidente dimensão do saque de Mondragón, saque que D. Fernando receava ter sido espalhado e vendido por toda a costa da Cantábria, levou ao reforço dos poderes do representante castelhano, dando-lhe autoridade para tratar da inquirição contra Mondragón em todo o território do reino de Castela[106]. D. Fernando permaneceu a par do negócio, e, sabendo da venda de mercadorias da nau de Queimado em Pamplona, enviou uma missiva ao rei de Navarra para que também aí as autoridades agissem de forma célere[107].

As populações da costa cantábrica não eram avessas à compra de mercadorias obtidas de forma ilegítima e até um mosteiro da região não tivera pejo em fazê-lo[108], o que obrigou D. Fernando a emitir uma carta geral de perdão a qualquer pessoa que tivesse comprado mercadorias a Mondragón[109], uma vez que só assim se conseguiriam efectuar as diligências necessárias à recuperação da carga. O controlo directo da inquirição pelas autoridades reais sobrepôs-se assim às autoridades do senhorio da Biscaia[110] e foi

---

[103] ARCHIVO GENERAL DE SIMANCAS, *Camara de Castilla*, *Cedulario* 7, fl. 216. Carta do rei concedendo autorização a Francisco de Marín, genovês, para cobrar as mercadorias tomadas por Mondragón em Cádis cerca de três anos antes e devolvê-las ao dono da embarcação, Pantaleón Italián, 3 de Abril de 1510.

[104] É de relevar que várias testemunhas inquiridas no âmbito do pleito em Bermeo atestaram a chegada àquelas paragens de duas naus em simultâneo, sob o comando de Mondragón, uma portuguesa e uma genovesa. Cf. ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fls. 73v-74.

[105] Michel MOLLAT, *Guerre de course et piraterie à la fin du Moyen Age: Aspects économiques et sociaux: Position de problèmes*, Köln, Wien, Böhlau Verlag, 1972, p. 3.

[106] O primeiro oficial foi Pedro Gaytan, nomeado a 25 de Março de 1509 [cf. A. RODRÍGUEZ VILLA (ed.), art. cit., pp. 265-266], sendo substituído por Rodríguez Bolívar a 4 de Maio de 1509 (*Idem*, pp. 350-351), o qual recebeu depois uma extensão dos seus poderes a todo o reino, em Junho de 1509 (*Idem*, p. 380).

[107] Carta do rei D. Fernando ao rei de Navarra ordenando a restituição da especiaria roubada por Pedro de Mondragón que se encontrava na posse de mercadores de Pamplona, 11 de Maio de 1509 (*Idem*, p. 352).

[108] Carta do rei D. Fernando ao mosteiro da ilha de Ízaro (Bermeo), dizendo saber que aí havia especiarias portuguesas tomadas por Mondragón e ordenando que fossem restituídas (*Idem*, p. 351).

[109] Carta do rei D. Fernando perdoando a quem estivesse na posse de bens comprados a Mondragón, para que «se cobrem lo más breve y enteramente que ser pudiere», os ditos bens devendo ser restituídos e entregues a Pedro Gaytan, 3 de Abril de 1509 (*Idem*, p. 538).

[110] Sobre a conflitualidade entre os *Reis Católicos* e a oligarquia da Biscaia, veja-se Jesús Ángel SOLÓRZANO TELECHEA, «Violencia y conflictividad política en el siglo XV: el delito al servicio

nesse contexto que, em Maio de 1509, Juan Rodríguez Bolívar, juiz executor, iniciou a recuperação do botim[111].

Consciente das dificuldades de recuperar o botim da nau, os dois lesados, Job Queimado e D. Manuel I, iniciaram o processo de recuperação da carga, que era constituída maioritariamente por pimenta, cravo, lacre e bens móveis (pedras preciosas, aljôfar)[112]. O rei português enviou Aires Botelho como seu procurador a Biscaia e, ao mesmo tempo, solicitou a agentes seus que inquirissem sobre o caso noutras localidades, nomeadamente nos portos franceses de Saint-Jean-de-Luz e Bayonne (portos que mantinham intensas e seculares ligações comerciais com os biscainhos), para onde enviou Pero Colaço[113]. A esses portos se terá dirigido Mondragón directamente, após a captura da nau[114]. A missão nos portos franceses revelou-se demorada – na Biscaia, um dos procuradores chegou a pedir um adiamento aos tribunais, para que se pudessem terminar as inquirições em França e Navarra[115]. Além de demorado, o processo foi extremamente custoso para a Fazenda Real, como relatou Pero Colaço numa carta a D. Manuel em 1510, um ano e meio depois de Mondragón ter vendido o botim[116].

---

de la élite en las Cuatro Villas de la Costa de la Mar», *Anuario de estudios medievales*, Vol. 35, 2005, pp. 159-184, *maxime* 183-184 [consultado a 15/01/2013]. Disponível em http://estudiosmedievales.revistas.csic.es/index.php/estudiosmedievales/article/view/138/140.

111 Cf. nota 106.

112 Veja-se o processo de Martín de Arrieta referido, *infra*, na nota 117, e ANTT, *Corpo Cronológico*, I-8-101: carta de Job Queimado, estando em Bilbau, a D. Manuel I, sobre a venda da pimenta e inquirição que tinha tirado das pessoas que tinham em seu poder pimenta e cravo e sobre o que tinha feito depois de Aires Botelho ter regressado a Portugal. Viera da Bretanha e tinha estado em Bordéus, 25 de Março de 1510. Este documento foi publicado por José Pereira da Costa, «A família Mondragão na sociedade madeirense do século XVI», *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. II, Funchal, Governo Regional da Madeira, 1989, pp. 1121-1122.

113 ANTT, *Corpo Cronológico*, I-8-97. Carta de Pero Colaço, estando em Bordéus, a D. Manuel I, queixando-se da lentidão da justiça em lhe ser devolvida a pimenta, a maioria da qual pertencia a Job Queimado, dado que as autoridades francesas exigiam ouvir todas as testemunhas. Refere nessa carta ter passado pela corte castelhana e que Jerónimo de Cavanillas, mestre-sala do rei D. Fernando, prometera interceder junto daquele rei a favor dos portugueses. Pero Colaço já estava em França desde pelo menos Novembro de ano anterior, pois escrevera de Nantes uma carta ao rei D. Manuel I sobre a tomada de um navio por parte de uns bretões, 13 de Março de 1510 (publicada em J. P. Costa, «A família Mondragão na sociedade madeirense do século XVI», *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. II, Funchal, Governo Regional da Madeira, 1989, pp. 1119-1120). Sobre a relação dos portos franceses e biscainhos, em declínio já em meados do século XVI, ver Luis María Bilbao e Ramón Lanza García, «Entre Castilla y Francia: Comercio y comerciantes en Bilbao a mediados del siglo XVI», *Revista de Historia Económica*, Vol. 27, n.º 1, 2009, pp. 103-139.

114 Vejam-se as cédulas reais a corregedores e governadores em Bayonne e Saint-Jean-de-Luz para prender Mondragón, 5 de Fevereiro de 1509. Cf. Real Academia de la Historia, *Colleción Vargas Ponce*, Leg. 1, n.º 37, resumido em C. Fernandez Duro, op. cit., Tomo 1, p. 399.

115 ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fl. 21.

116 ANTT, *Corpo Cronológico*, I-9-59. Carta de Pero Colaço, estando em Bordéus, a D. Manuel I, 2 de Setembro de 1510. Dava parte da sentença que alcançara contra Perocho,

A actuação do procurador Aires Botelho por terras biscainhas é conhecida com mais pormenor graças a um pleito entre um dos marinheiros da nau de Job Queimado, Martín de Arrieta, e o rei de Portugal. Era aquele mareante de origem biscainha, razão pela qual Pedro de Mondragón o terá mantido na nau, a despeito de ter expulsado o resto da tripulação[117]. Pelo pleito se percebe que a nau de Job Queimado tinha sido capturada algures no cabo de São Vicente e que a maior parte dos tripulantes e oficiais tinha sido abandonada em terra, provavelmente junto da Galiza. Pedro de Mondragón levou consigo alguns mareantes biscainhos e, depois de ter vendido em França parte das mercadorias, dirigiu-se com as duas naus (a sua e a de Queimado) a Bermeo, aportando junto ao cabo de Machichaco[118], de onde era originário o seu parceiro Juan de Salcedo[119]. Aí permaneceu algum tempo, possivelmente a desaparelhar os navios. Apesar de sabermos que o *prestamero* de Bermeo, Martín de Zarate[120], se dirigiu ao local e confiscou o que restava do saque, a documentação não nos revela o imediato destino de Mondragón, mas apenas que terá libertado os marinheiros que mantinha consigo.

Aires Botelho passou assim uma parte significativa da sua missão em Bermeo, principal localidade biscainha, a tentar recuperar a carga régia que aí estava. Foi por isso que se viu envolvido na inquirição que determinaria a pertença legítima da pimenta que Martín de Arrieta reclamava como sua[121]. Martín de Arrieta era um dos marinheiros da nau *Sant'Ana* de Job Queimado[122].

---

devido a 105 quintais de pimenta: «esta he por que vossa alteza ssayba o que faço e o que tenho feyto eu ouve huma sentença de çento e cynquo qujntays de pimenta contra perocho e adame d ortubre mays a delybrança da pimenta que eu tynha nesta vyla [Bayonne] a quall estava embargada por o almjralho por as despesas que seus ofiçiays avjam feyto em segujr a mondragom e apontamos honde demandaua iiij^{c} ducados lhe dey çento e quarenta (...)». Mencionava alguma da pimenta que esperava obter e ainda gastos que tinha tido com as demandas junto da justiça francesa.

[117] ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004. O documento tem cerca de 200 fólios no total.

[118] A fonte refere-se ao local como «posadero de Machasaco».

[119] ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fls. 53-54v. Segundo um outro pleito relacionado com o mesmo acontecimento, seria Ochoa de Salcedo, a que acresceria um terceiro elemento destacado desta companhia, um Ochoa de Ochanduri. Cf. ARCHV, *Sala de Vizcaya*, 427-9.

[120] Cargo similar ao de meirinho, em Biscaia o *prestamero* estava encarregue de exercer a justiça. Cf. M. Soledad Tena García, «Ámbitos jurisdiccionales en el Pais Vasco durante la Baja Edad Media. Panorámica de un territorio diverso y fragmentado», in Maria Helena da Cruz Coelho *et al.* (org.), *Pueblos, naciones y estados en la Historia*, Universidad de Salamanca, 1994, pp. 44-45.

[121] Bermeo era a principal cidade do condado de Biscaia. No século xiv, o senhorio era da Casa de Trastâmara e, com a chegada destes à Coroa de Castela, o rei de Castela tornou-se por inerência senhor do condado de Biscaia, com a condição de fazer cumprir os seus foros e jurisdições.

[122] ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fls. 131-132v.

Martín de Arrieta queixava-se às autoridades do senhorio da Biscaia de Mondragón lhe ter sonegado dez quintais de pimenta, devidos ao marinheiro como paga dos seus serviços, e que o pirata, depois de o ter maltratado e retido contra a sua vontade, invocou que, visto Arrieta ser vizinho de Bilbau, o libertaria quando aí chegassem[123]. Dada a falta de homens sentida pelo pirata, Arrieta seria obviamente uma mais-valia na manobra do navio.

Como proprietário da maior parte da carga que vinha na nau de Job Queimado, D. Manuel era um dos principais interessados no processo[124]. O rei aproveitou assim o pleito de Arrieta para fazer valer os seus direitos como proprietário da carga da nau, recorrendo aos acordos de paz firmados com a Coroa de Castela. Para não deixar margem de dúvidas, o procurador Aires Botelho foi munido de uma cópia dos mesmos acordos[125].

A preocupação central de Aires Botelho pode deduzir-se das perguntas por si arroladas para os interrogatórios em Bermeo. Na lista de oito perguntas a que as testemunhas responderam ali, a 5 de Maio de 1509, duas foram centrais para a estratégia portuguesa[126].

Em primeiro lugar, o procurador pretendia que as testemunhas admitissem que na Biscaia (e em toda a costa castelhana) se sabia que a nau pertencia ao rei de Portugal e, dessa forma, admitissem que a compra de mercadorias de Queimado constituía um crime. Em segundo lugar, Aires Botelho pretendia que as testemunhas confirmassem saber que «el rey de Portugal tiene prohibido comerciar con pimienta y especias sin permiso del propio rey de Portugal y sus oficiales de una Casa que está creada por él, y que todos los maestres y mercaderes que vienen de Calicut se lo deben de vender al rey y por lo tanto todo lo que viene de la India es en nombre y propiedad del rey de Portugal y así es costumbre en el reino de Portugal»[127]. Como se pode ver deste último item, D. Manuel I procurava, acima de tudo, afirmar o seu direito de monopólio.

---

123 Confirmado em ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fl. 24.

124 O partido do meio constituía um dos modos de investimento na compra da pimenta para venda em Lisboa. Cada tripulante – fosse marinheiro, mestre ou piloto – tinha direito a levar dinheiro para comprar certa quantia de pimenta, consoante a sua condição, a qual era taxada à chegada a Lisboa (existindo ainda duas formas de taxação, a 25% e a 5%). Os marinheiros tinham direito a três quintaladas e os oficiais mais graduados tinham direito a câmaras, para além das quintaladas. Contudo, era possível ainda levar dinheiro (seu ou de outrem que quisesse investir) para comprar mais pimenta. Este sistema era geralmente taxado ao «partido do meio», ou seja, 50% revertiam para a Coroa em Lisboa, o que na prática correspondia a uma taxa. Para o funcionamento do sistema de cargas, cf. Maria do Rosário de Sampaio Temudo Barata de Azevedo Cruz, *O sistema de distribuição das cargas nas Armadas da India*, Lisboa, INIC, 1988. Apenas a 7 de Julho de 1509 o *Venturoso* regulamentou o funcionamento da Casa da Índia e Mina, bem como os pagamentos de todas as pessoas envolvidas nas armadas. D. Peres (ed.), *Regimento das Cazas das Indias e Mina*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1947.

125 Carta de D. Manuel I, em espanhol, contendo os artigos dos acordos e pazes firmados com Castela relacionados com julgamentos, presas e represálias, 13 de Maio de 1510. Cf. ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fls. 1-8v.

126 ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fls. 55-59.

127 ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fls. 53-54v.

Arrieta pretendia, pelo contrário, não só assegurar o seu soldo e o seu quinhão das quintaladas que tinha trazido da Índia, mas também manter as quintaladas que tinha comprado a vários marinheiros (portugueses e biscainhos) que faziam parte da tripulação do navio[128]. Segundo Arrieta, o total a que tinha direito ascendia a 700 ducados de ouro[129]. Segundo as leis marítimas, os marinheiros, tal como os restantes oficiais do navio, perdiam direito ao seu botim, salvo se o corsário que os capturasse lhes quisesse dar soldo em troca do trabalho. Ora, Arrieta tinha, efectivamente, prestado serviço a Mondragón, que o declarara bom marinheiro e que, como tal, tinha permitido a Diego de Arrieta, filho de Martín e abade de Lequerica, levar da nau dez quintais de pimenta. O pleito prolongou-se pelo ano seguinte, sendo necessárias, a pedido das autoridades régias castelhanas, inquirições de testemunhas portuguesas: foi assim que, durante o mês de Agosto de 1510, se interrogaram várias pessoas que tinham responsabilidades no trato das naus da Índia em Cochim, nomeadamente Lourenço Moreno, André Dias, feitor de Cochim, e Gaspar Pereira, secretário da Índia[130]. Todos eles confir-

[128] Arrieta tinha comprado o soldo dos marinheiros Afonso Mexia, natural de Silves, bem como os de Bartolomé González, natural de Sevilla, Juan Gallego, Juan Fernández, e uns Aparicio, Juanote e Gonzalo.

[129] Este valor totalizaria o seu soldo. Cf. ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fl. 31v.

[130] Inquirição feita pelo corregedor de Lisboa, Brás Afonso Correia, tendo as testemunhas sido ouvidas a 31 de Agosto de 1510, em Santarém. A primeira testemunha foi Gaspar Pereira, fidalgo da Casa Real, o qual «vyue com o dito Senhor Rey e que he senoriado e cortesaão e amda na corte e nam vyue em nenhuum lugar». Confirmou que era prática os marinheiros levarem na sua posse dinheiro de Lisboa e que o entregavam ao feitor da nau em que iam, para poderem comprar pimenta à chegada à Índia. Por seu turno, o feitor da nau entregava a soma desse dinheiro ao feitor da feitoria na Índia, sendo tudo registado. Confirmou ter estado na Índia por secretário quando Job Queimado requereu autorização a D. Francisco de Almeida para carregar a sua nau, sendo que este dera ordens nesse sentido a André Dias e Lourenço Moreno. Acrescentava que, pela sua experiência, apesar de os marinheiros só terem direito a três quintaladas, às quais se aplicava a taxa de 25% e 5%, sabia que por vezes levavam dinheiro para trazer mais pimenta. A segunda testemunha foi André Dias, escudeiro da Casa Real, o qual confirmou que a nau de Queimado trazia a pimenta segundo o sistema do partido do meio, tendo para esse efeito o capitão entregado na Índia 200 000 reais. A terceira testemunha, Diogo Figueira, também ele cavaleiro da Casa Real, deu por certo a entrega dessa dita quantia aos oficiais régios. No mesmo dia, na Sala da Rainha, nos Paços de Santarém, onde então funcionavam os Contos da Corte, Simão de Miranda, fidalgo da Casa Real, apresentou uma certidão assinada por Álvaro da Maia, contador da Casa Real, e por João Mendes Cicioso, cavaleiro da Casa Real e provedor dos Contos. Por essa certidão se mostrava que Lourenço Moreno, feitor em Cochim em 1507, tinha verificado os livros da carregação das naus desse ano, tendo neles encontrado referência à entrega de 224 274 reais pagos em pimenta para a meia carga do rei na nau de Queimado, a mando do vice-rei e também uma verba de 3126 reais que recebera de mestre Gamito, barbeiro da dita nau, para a sua quintalada. Moreno afirmava não ter recebido mais nenhuma verba de outrem respeitante à dita nau para quintaladas. Duas semanas depois, em Lisboa, no adro da Igreja de São Nicolau, actuando Mestre Gamito como representante de Queimado, e junto com o inquiridor Cristóvão Jorge e o escrivão Pero Dias, compareceu Lopo de Paiva, cavaleiro da Casa Real. Estivera três anos na Índia e carregara com Lourenço Moreno a carga da nau de Queimado, pelo que sabia que Martín de Arrieta não entregara dinheiro ao feitor do rei para carregar pimenta na dita nau, embora tivesse ouvido dizer lá que Arrieta levara dinheiro, e que

maram que Job Queimado tinha ido para a Índia e que por lá deveria andar por dois anos com o objectivo de capturar presas. Caso não conseguisse botim, regressaria ao reino com a nau carregada com o partido do meio[131].

As consequências deste episódio foram várias. As inquirições sobre os botins acarretaram certamente ainda mais pressão sobre as relações, já de si tensas, entre os oficiais biscainhos e as autoridades centrais castelhanas e, neste caso, o representante do rei de Portugal. Os agentes portugueses pretendiam fazer valer os direitos do seu soberano, mas ao mesmo tempo necessitavam de manter boas relações comerciais na Biscaia, onde, por exemplo, se abasteciam de material militar destinado às suas armadas[132].

Este pleito daria, inclusive, origem a pelo menos outra demanda judicial a que tivemos acesso. Este caso, recentemente analisado, envolveu Aires Botelho e Pedro Miñes de Agurto, um escrivão biscainho, e só se resolveu com a intervenção do oficial régio Juán Rodríguez de Bolívar[133]. A justiça tardou em emitir uma decisão sobre ambos os pleitos.

---

os rumores eram de que ia rico e que queria empregar esse dinheiro na compra de pimenta. Paiva refutou, contudo, tal rumor, uma vez que a nau, por ordenança do rei, ia à Índia para andar dois anos de armada com declaração de que fizesse presas pelas quais se pudesse carregar, e não as fazendo o rei se obrigava a lhe dar carga ao meio à sua custa, o que acabara por acontecer – mantendo igualmente os marinheiros a sua quintalada. A outra testemunha foi Rui de Galão, carpinteiro da Ribeira, que seguira na nau de Queimado. Apenas disse que os marinheiros tinham carregado a pimenta conforme o regimento, com excepção de mestre Gamito. Apesar de ter ouvido dizer que Arrieta comprara soldo a um marinheiro que ia na nau e ficara na Índia, e que ajudara a outro marinheiro a comprar outro soldo, não sabia qual era o seu valor. Por fim, mencionou que Job Queimado carregara a sua câmara com cravo e que os restantes tripulantes vinham com as quintaladas em regime do partido ao meio (ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fls. 126v-132v). Vejam-se, sobre algumas destas personagens: Alexandra Pelúcia, «Lourenço Moreno, uma eminência parda em Cochim», in *Descobridores do Brasil. Exploradores do Atlântico e Construtores da Índia*, João Paulo Oliveira e Costa (coord.), Lisboa, SHIP, 2000, pp. 279-297; Vítor Rodrigues e Inácio Rodrigues, «O "grupo de Cochim" e a oposição a Afonso de Albuquerque», *Stvdia*, Vol. 51, 1992, pp. 119-144.

131 M. R. T. B. Cruz, op. cit.

132 ANTT, *Corpo Cronológico*, I-7-105. Carta de Cristóvão Lopes a D. Manuel I dando conta das suas diligências e das de Estêvão Vaz, em Bilbau e noutras localidades, para adquirir capacetes, couraças, lanças e outras armas, 6 de Abril de 1509, publicada em Manuel Henrique Côrte-Real, *A feitoria portuguesa na Andaluzia (1500-1532)*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1967, pp. 91-94.

133 Cf. ARCHV, *Sala de Vizcaya*, 427-9. Trata-se de um processo entre o procurador português Aires Botelho e o escrivão biscainho, o último afirmando ter entregado a Aires Botelho certa quantidade de pimenta confiscada a Mondragón, facto que o primeiro nega, acusando por sua vez o escrivão de lhe roubar pimenta que pertencia ao rei de Portugal. Note-se que o autor não enquadra correctamente o contexto da captura da nau de Job Queimado, dizendo que iria provavelmente para a Flandres, ao passo que erra ainda na data do episódio (diz ter ocorrido em Janeiro de 1508) e na identificação do procurador Aires Botelho como «Arias Botello». Cf. Gonçalo Graça, «Portugueses na Biscaia nos finais da Idade Média», in Flávio Miranda e Joana Sequeira (org.), *Incipit 1: Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2009-10*, Porto, Grupo Informal de História Medieval/CITCEM, 2012, pp. 89-98 [Consultado a 14/01/2013]. Disponível em http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9940.pdf.

O epílogo deu-se apenas em 1516, com uma decisão de apelação sobre a propriedade legítima da pimenta reclamada pelas duas partes (ou seja, D. Manuel I e Martín de Arrieta), a qual teve lugar na Audiencia de Valladolid, o tribunal superior de Castela[134]. Os auditores analisaram o caso inicial, conduzido por Juan Rodríguez de Bolívar. Arrieta pretendia que o rei de Portugal lhe pagasse os soldos devidos da sua ida à Índia, além das quintaladas que tinha comprado aos seus companheiros marinheiros, argumentação que foi contestada pelos procuradores de D. Manuel I. Com respeito ao seu soldo e quintalada, Arrieta mostrara já na demanda inicial que tinha sido mantido sob coacção por Mondragón e que, no total, tinha direito a 31 meses de soldo, a que teriam de ser adicionados os soldos entretanto comprados[135]. Arrieta recorreu da decisão inicial de Bolívar, reclamando para si metade da especiaria[136], a qual tinha sido entregue por Zarate, o *prestamero* de Bermeo[137], a Francisco Yáñez de Villaescusa, representante de Job Queimado[138].

A 29 de Fevereiro de 1516, os juízes da Audiencia decidiram finalmente declarar Arrieta como legítimo proprietário da pimenta, sentença confirmada pouco depois pela rainha, a 12 de Março do mesmo ano. É interessante notar como os auditores exprimiram alguma desconfiança dos testemunhos portugueses integrados no processo, os quais não estariam na devida forma[139]. Ao entregar a pimenta a Arrieta, os juízes consideraram implicitamente que Mondragón tinha agido como «corsário» e não como «pirata», fora da lei. Assim, embora a Coroa de Castela manifestasse publicamente o seu apoio a D. Manuel I e às suas exigências, não podia deixar de atender ao pedido de um natural seu, minando efectivamente o direito ao monopólio régio praticado pelo rei português.

As diligências tomadas pelas autoridades portuguesas incluíram percorrer os principais portos e cidades de piratas e mercadores (de Bordéus a Nantes, Saint-Jean-de-Luz, Bilbau, Bermeo e Pamplona), com consideráveis custos para a fazenda régia, que tinha de suportar as despesas não só dos seus agentes, mas também dos processos locais. Job Queimado passou uma

---

134 Carta executória sobre o pleito entre Martín de Arrieta, vizinho de Biscaia, e o rei de Portugal sobre o roubo de uma nau portuguesa carregada de pimenta e outras especiarias e a legítima posse das mesmas, 12 de Março de 1516. ARCHV, *Registro de Ejecutorias*, Caja 308,32.

135 O que corresponderia ao tempo que tinha estado na nau de Job Queimado, que saíra de Lisboa a 4 de Junho de 1506, até Dezembro de 1508 ou Janeiro de 1509, data em que presumivelmente Mondragón teria aportado perto de Bermeo.

136 Por este pleito, ficamos a saber que, após o confisco inicial da pimenta por parte do juiz Rodríguez Bolívar, a especiaria tinha sido entregue a três homens vizinhos de Bermeo. Note-se que os seis quintais de pimenta correspondiam a 10 quintais de pimenta pelo peso de Castela, o que, aquando da pesagem por Bolívar, seriam 440 libras. Cf. ARCHV, *Registro de Ejecutorias*, Caja 308,32.

137 ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fls. 59-61.

138 ARCHV, *Registro de Ejecutorias*, Caja 308,32.

139 Veja-se no pleito original, ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fls. 124v-143.

grande parte de 1509 e de 1510 viajando pelos portos espanhóis e franceses, em busca da carga da sua nau, com pouco sucesso. Terá provavelmente regressado a Portugal em 1510, para novamente se dirigir a Castela, munido de carta de poder do rei, cuja patente seria confirmada no mês de Maio de 1510, durante a sua estada em Valladolid na corte castelhana[140].

Mas Queimado não foi o único lesado nesta batalha judicial. Na realidade, D. Manuel I foi o maior prejudicado, pois perdeu nessa acção uma carga que ascendia a 100 000 ducados de ouro[141]. Ironicamente, o famoso capitão Mondragón foi quem parece ter sofrido menos. Ao que tudo indica, vivia ainda em Bilbau em 1511, onde era vizinho[142]. Porém, não será essa a última vez que Mondragón aparece na história[143]. O botim, ao que parece, deixara-o rico e, com o dinheiro, Pedro de Mondragón ter-se-á refugiado em Navarra. A fuga permitiu assim a Mondragón evitar as autoridades régias e a pena de morte. Com a guerra entre o reino de Navarra e o reino de Castela e Aragão, Mondragón fugiu novamente, sendo que o seu destino final parece ter sido a França, cujos portos tão bem conhecia[144].

Apesar de não ter capturado o «corsário Mondragón», Duarte Pacheco Pereira desempenhou o seu papel de capitão-mor de armadas de forma eficaz, no que disse respeito tanto às praças marroquinas como às missões de patrulha do estreito de Gibraltar. Fê-lo de tal forma, que acabou por desempenhar o mesmo cargo em cinco ocasiões diferentes (duas vezes em 1509,

---

[140] Carta de poder dada por D. Manuel I a Job Queimado para poder recolher pimenta e mercadoria que quaisquer pessoas tivessem comprado a Mondragón, de 16 de Abril de 1510, tresladada em Valladolid a 13 de Maio de 1510. Cf. ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fls. 9-9v. Quanto a Job Queimado, serviu a Coroa em Arzila, em 1520, sendo destacado para supervisionar os abastecimentos daquela praça, viajando com Vasco Fernandes César, nomeado nesse ano para capitanear a armada que iria ao estreito (ANTT, *Núcleo Antigo*, 16, fls. 163v-165). Cf. Virgínia Rau, «Feitores e feitorias "instrumentos" do comércio internacional português no século XVI», in *Estudos sobre História Económica e Social do Antigo Regime*, Lisboa, Presença, 1984, pp. 184-186 e 194-196. Em Junho de 1524, uma outra nau que armara, proveniente da Índia, foi roubada, desta feita por corsários franceses. Alfredo Pimenta, *Liuro dos roubos q os françeses fezeram aos moradores desta vila de Guimarães e seu termo*, Guimarães, Arquivo Municipal, 1940, p. VIII. No reinado de D. João III, foi nomeado tesoureiro da Casa da Moeda, a 13 de Fevereiro de 1527. Foi substituído pelo seu filho, Martim Queimado, em 1537, pois estava bastante doente, tendo falecido pouco antes de 9 de Novembro de 1538. *Apontamentos para a História da Moeda em Portugal*, Lisboa, Casa da Moeda e Papel Sellado, 1878, pp. 12 e 32.

[141] ARCHV, *Sala de Vizcaya*, Caja 4899.0004, fls. 9-9v.

[142] Designado como capitão Mondragón, residia na Calle Barrencalle la Segunda, de acordo com o recenseamento feito pelo regedor Francisco Peres de Vargas. Javier Enríquez Fernández *et al*. (ed.), *Foguera-Vecindario de las Villas de Vizcaya de 1511*, Donostia, Eusko Ikaskuntza, 1997 [Consultado a 13/01/2013]. Disponível em http://www.euskomedia.org/PDF Anlt/fuentes/docs78.pdf.

[143] Iñaki Bazán Díaz, «"Degollaron a todos los dichos treynta e tres yngleses e asy degollados dis que los lançaron en la mar": las hermandades vascas y la lucha contra la piratería en la Baja Edad Media», *Itsas memoria: revista de estudios marítimos del País Vasco*, Vol. 5, 2006, p. 84.

[144] O percurso de Mondragón é mencionado por Fernández Duro, sem contudo citar fontes. Cf. C. Fernández Duro, op. cit., Vol. 1, pp. 59-60.

e em 1510, 1511 e 1513) e a sua acção ajudou a garantir a segurança das praças marroquinas nesses turbulentos anos. Já o episódio de Job Queimado abriu as hostilidades nos mares quinhentistas. A partir desse momento, e como bem demonstrou Ana Maria Ferreira para o reinado de D. João III, os processos judiciais em torno de represálias e reparações das actividades do corso e da pirataria seriam cada vez mais complexos, longos e custosos.

Estratégias de rentabilidade face à Coroa: a sucessão de Duarte Pacheco Pereira

As tendências historiográficas mais recentes, nomeadamente as teorias postuladas no denominado «*archival turn*», têm chamado a atenção para a importância da compreensão das orgânicas de criação dos arquivos familiares como lugares privilegiados de construção da memória histórica, individual e colectiva, incorporando metodologias históricas e antropológicas. Os arquivos familiares, tal como outro tipo de arquivos (estatais, senhoriais, corporativos, etc.), devem ser «lidos» nos seus vários níveis, começando mesmo antes de chegar à mesa do arquivista. Um dos principais teóricos da nova ciência arquivística, Eric Ketelaar, mostra como a motivação genealógica (de conhecimento e perpetuação da linhagem) está por detrás da maior parte dos arquivos familiares que chegaram aos nossos dias. A conservação do conjunto documental relacionado com Duarte Pacheco Pereira foi fundamental para a estratégia familiar dos seus descendentes, e a sua preservação enquadra-se na estratégia de construção da memória de Duarte Pacheco Pereira e da rentabilidade da sua figura, acções e fama pelos seus descendentes. Na senda dos trabalhos teóricos de Foucault e Derrida, tanto Ketelaar como Terry Cook e outros autores oriundos da ciência arquivística têm recentemente insistido no facto de o arquivo (apesar da tradicional resistência dos arquivistas) ser uma construção social. Noutras palavras, o «arquivo» não é um objecto neutro, ele constitui em si mesmo uma narrativa, reflectindo e criando relações de poder, reproduzindo significados e concretizando decisões sobre o que é lembrado em detrimento do que é esquecido e ignorado. Procuraremos reconstituir aqui os passos que conduziram à criação e preservação do conjunto documental que analisámos[145].

---

[145] Recentes estudos em Portugal têm vindo a realçar a importância dos arquivos de família: P. Pinto, op. cit.; Maria de Lurdes Rosa, «Arquivos de família: para um roteiro de temas e problemas», in Maria de Lurdes Rosa (org.), *Arquivos de família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?*, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais/Centro de História de Além-Mar/Caminhos Romanos, 2012, pp. 15-30. O «*archival turn*» tem produzido abundante bibliografia na última década, sobretudo através de publicações periódicas como a *Archivaria* e a *Archival Science*, da qual destacamos os seguintes artigos: Eric Ketelaar, «Tacit narratives: the meanings of archives», *Archival Science*, Vol. 1, n.º 2, 2001, pp. 131-141; Joan M. Schwartz e Terry Cook, «Archives, records, and power: The making of modern memory», *Archival Science*, Vol. 2, n.º 1-2, 2002, pp. 1-19; E. Ketelaar, «The genealogical gaze: family identities and family archives in

Da descendência de Duarte Pacheco Pereira resultante do seu enlace com D. Antónia de Albuquerque, relevamos os casos dos filhos varões sobre cujo percurso ao serviço da Coroa temos dados, a saber João Fernandes Pacheco, o mais velho, Jerónimo Pacheco Pereira e Pero Pacheco[146].

Estando atestada documentalmente a insatisfação de Duarte Pacheco Pereira com D. João III, de quem esperava maiores mercês do que as que recebeu, a narrativa de Damião de Góis, que apresenta a sua mulher e filho João Fernandes Pacheco a levar uma vida remediada, sem grandes recursos e à mercê das esmolas de pessoas honradas, não corresponde à realidade dos factos. A reavaliação da fortuna da família foi já feita por Damião Peres e Luís de Albuquerque, cuja apreciação sai reforçada depois de termos conseguido reconstituir uma parte do percurso da mulher de Duarte Pacheco Pereira e de alguns dos seus filhos e descendentes próximos destes, que, graças aos seus serviços individuais, bem como ao valor quase inesgotável dos serviços de Duarte Pacheco Pereira, conseguiram obter sucessivas graças régias ao longo de várias gerações, numa verdadeira rentabilização da economia da mercê[147].

A mulher de Duarte Pacheco Pereira, D. Antónia de Albuquerque, sobreviveu ao marido, falecido em 1532[148], e administrava a Quinta do Vigário[149],

---

the fourteenth to seventeenth centuries», *Libraries & the Cultural Record*, Vol. 44, n.º 1, 2009, pp. 9-28; E. Ketelaar, «Ten years of archival science», *Archival Science*, Vol. 10, n.º 4, 2010, pp. 345-352.

146 D. Antónia de Albuquerque era filha de Jorge Garcês, secretário de D. Manuel I, e de D. Isabel Galvão, filha de Duarte Galvão, secretário de D. João II. Cf. R. E. A. Basto, op. cit., p. x; F. S. Viterbo, *Duarte Galvão e a sua família: elementos para um estudo biographico*, Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1905. Segundo Felgueiras Gayo, foram ainda seus filhos D. Maria de Albuquerque, D. Isabel, Grácia Pacheco, Gaspar Pacheco e Duarte Pacheco (Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, 3.ª ed., Vol. VIII, Braga, Ed. Carvalhos de Basto, 1992, pp. 17-18), embora não refira Pero Pacheco. Uma lista de moradores da Casa Real, provavelmente anterior a 1540, arrola ainda um Fernão Pacheco, filho de Duarte Pacheco, no título de escudeiros-fidalgos (A. C. de Sousa, *Provas*, cit., p. 832).

147 D. Peres, op. cit., pp. xiii-xxix; L. Albuquerque, art. cit., p. 883; Fernanda Olival, *As Ordens Militares e o Estado Moderno. Honra, Mercê e Venalidade em Portugal (1641-1789)*, Lisboa, Estar, 2001, pp. 15-38. Um vestígio do desagrado de D. João III circulou em forma de dito. Cf. José Hermano Saraiva (ed.), *Ditos portugueses dignos de memória: História íntima do século xvi anotada e comentada*, Mem Martins, Publicações Europa-América, s. d., p. 285.

148 Segundo o registo lavrado no *Livro dos Mortos da Casa Real*, de acordo com uma certidão do Registo de Mercês de 14 de Maio de 1600. Cf. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fl. 540.

149 Terá sido nessa quinta que se introduziu um Luís Fernandes, juiz ordinário em Santarém no ano de 1546, fugido da justiça por certas malfeitorias que cometera no exercício de funções, no preciso momento em que D. Antónia estava «com humas contas nas mãos». Como ela albergou o fugitivo e resistiu às diligências dos juízes da vila, duvidando da legalidade do mandado de prisão, instando-os que apenas entregaria o fugitivo ao corregedor de Santarém, foi-lhe tomada menagem, ou seja, por ser pessoa nobre, não foi encarcerada mas confinada à sua residência. Como, entretanto, o fugitivo obteve alvarás de fiança para se livrar solto perante o corregedor, D. Antónia, considerando-se vexada pelos juízes, dirigiu-se à corte em Lisboa para obter carta de perdão por, sem intenção, ter perturbado a justiça régia. Com esse acto, infringiu

uma propriedade em Muge, perto de Santa Marta de Monção, hoje Benfica do Ribatejo (Santarém), foreira à Ordem de Cristo, da qual era a segunda vida (a primeira fora de Jorge Garcês, seu pai). Por volta de 1590, como veremos mais adiante, essa propriedade foi arrendada a rendeiros por cerca de 100 000 reais por ano, o que permite supor, com certo grau de segurança, que, ao tempo em que D. Antónia era foreira, o rendimento não seria muito inferior[150].

É sabido como o monarca D. João III, em 1533, outorgou a João Fernandes Pacheco, filho do navegador, na altura ainda moço fidalgo, uma tença de 20 000 reais por ano[151]. Parece que também a sua mãe, D. Antónia de Albuquerque, foi agraciada com uma tença, pois há registo de que, em 1547, recebeu 50 000 reais de tença herdada do marido, como se pode constatar por uma procuração emitida na sua quinta, a seu filho João Fernandes Pacheco, a 6 de Setembro desse ano, para que cobrasse aquela quantia de Garcia Nunes, pagador das tenças em Lisboa[152]. Aliás, uma certidão do Registo de Mercês de 1600 refere como D. Antónia de Albuquerque recebeu uma tença de 20 000 reais a 1 de Abril de 1560[153].

Sabemos um pouco mais sobre os bens que D. Antónia de Albuquerque administrava a partir do seu testamento, redigido quando vivia em Lisboa, a 10 de Abril de 1559. Para lá da Quinta do Vigário, em Muge, que deixou nomeada enquanto terceira vida no seu foro a seu filho João Fernandes Pacheco, tinha ainda uma quinta no Montijo e um casal em Vila Verde. Legou este último, que estimava em 20 000 reais, a uma Isabel, colaça de um outro filho, Jerónimo Pacheco[154]. D. Antónia terá falecido no início de 1565,

---

a menagem que lhe fora tomada, algo que alegou desconhecer «por ser molher viuva e não saber se niso a quebrava», cuidando que, indo ter com o rei, o podia fazer, segundo reza a carta de perdão emitida a 12 de Julho de 1549. O rei aplicou-lhe uma pena de 8000 reais, a serem pagos para a Arca da Piedade. Cf. ANTT, *Chancelaria de D. João III, Perdões*, Liv. 1, fls. 266v-267, pub. in F. S. Viterbo, op. cit. pp. 239-241.

[150] ANTT, *Gavetas*, XX-15-91. O topónimo «Vigário» está atestado no numeramento de 1527-32. Cf. Mário Viana, «A evolução do povoamento em Santarém na Idade Média e a sua relação com a área periurbana», in *Paisagens Rurais e Urbanas. Fontes, Metodologias, Problemáticas*, Vol. III, Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2007, pp. 83-108.

[151] Carta de 19 de Junho de 1533, in ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Liv. 7, fl. 5v, pub. in R. E. A. Basto, op. cit., p. xxxi.

[152] Segundo constava no primeiro livro do tabelião de Santarém Francisco de Resende, hoje desaparecido. Os resumos desse e demais livros notariais quinhentistas, seiscentistas e setecentistas disponíveis na vila de Santarém foram elaborados no século xviii pelo presbítero escalabitano Luís Montez Matoso. O copista grafou Pero como nome do filho, em vez de João. Cf. BNP, *Colecção Pombalina*, 106, fl. 2.

[153] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fl. 540, cf. nota 148.

[154] A sua terça ficava comprometida ao dote de D. Maria de Albuquerque, sua filha, quando casara com João da Silva, alcaide-mor e comendador de Soure, já falecido, pela qual se satisfaria conforme ao contrato, deixando o remanescente à sua capela no Mosteiro de Nossa Senhora da Serra de São Domingos em Almeirim, perto da sua quinta, onde desejava ser sepultada. Teria, pelo menos, quatro criados, alforriando um naire da Índia, Diogo, a quem orde-

dado que seu filho João Fernandes tomou posse da quinta a 16 de Julho de 1565[155].

De outro dos seus filhos, Pero Pacheco, que foi moço da câmara, sabemos apenas ter sido nomeado para escrivão da feitoria do castelo de Arguim, a 30 de Junho de 1556, «avemdo Respeito aos serujços de duarte pachequo Caualeyro fidallguo que foy de mjnha casa», desconhecendo-se se chegou a exercer o ofício[156].

Já Jerónimo Pacheco Pereira, fidalgo da Casa Real, recebeu de D. João III, em Junho de 1550, a graça de poder servir na guerra em Tânger, para obter uma das comendas novas da Ordem de Cristo que o papa Leão X concedera a D. Manuel I para as dar aos cavaleiros que servissem na guerra, neste caso por dois anos à sua própria custa e despesa sem haver moradia, nem receber valor algum da ordenança daquela cidade. Jerónimo apresentou-se em Tânger a 5 de Novembro de 1550, armado e a cavalo, servindo com dois homens seus até 25 de Março de 1552, quando morreu num recontro com o inimigo, segundo certidão emitida pelo capitão local, João Álvares de Azevedo[157].

Mas foi o mais velho dos filhos de Duarte Pacheco Pereira quem se destacou ao serviço da Coroa e mais beneficiou da «aução» de seu pai, acabando por herdar os seus papéis. Nascido em data incerta, mas por volta de 1512-1513, a primeira informação registada acerca de João Fernandes Pacheco ocorre após o falecimento do pai, que, como vimos, ocorreu no ano de 1532[158]. D. João III outorgou-lhe, como referido, uma tença graciosa de 20 000 reais por ano, dos 50 000 vagos pelo óbito do pai, pagos a partir de 1 de Janeiro de 1534[159]. Entretanto, João Fernandes Pacheco fora servir o rei em Safim, acabando a tença por ser recebida no ano de 1535 por sua mãe,

---

nava fosse dado um rocim para seu sustento. Deixava a uma sua criada 7000 reais e roupas. As dívidas quantificadas não atingem os 12 000 reais. Foram testemunhas o Dr. Rui Lopes, físico do rei, e Francisco Ferreira, fidalgo da Casa Real e seu parente (BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fls. 238-242). Não encontrámos documentação relacionada com D. Antónia no fundo do Mosteiro de Almeirim incorporado no ANTT, muito lacunar para o século XVI.

155 BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fls. 242v-244v (Instrumento de tomada de posse da Quinta do Vigário por João Fernandes de Mesquita, procurador de João Fernandes Pacheco, 16 de Julho de 1565).

156 ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Liv. 54, fls. 114v-115, ref. in A. T. Mota, art. cit., p. 24.

157 BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fls. 538-539v. Sobre as comendas novas, cf. Isabel Morgado de Sousa e Silva, «A Igreja e a Ordem de Cristo no primeiro quartel do século XVI: a criação das comendas novas», in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Vol. II, Porto, FLUP, 2006, pp. 249-261 [Consultado a 17/11/2012]. Disponível em http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4858.pdf; Fernanda Olival, «Norte de África ou Índia? Ordens Militares e Serviços (Século XVI)», in *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria na Construção do Mundo Ocidental – Actas do IV Encontro sobre Ordens Militares*, Lisboa, Edições Colibri/C. M. Palmela, 2005, pp. 769-795.

158 BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fl. 540.

159 Carta de 19 de Junho de 1533, in ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Liv. 7, fl. 5v, pub. in R. E. A. Basto, op. cit., p. XXXI; cf. BIBLIOTECA DA AJUDA [BA], 49-XII-14, fl. 113, Tenças e Moradias da Casa Real em 1534.

tendo João Fernandes talvez acorrido ali em função do cerco de 1534 ou com o serviço de uma comenda nova, como veremos[160].

Terá sido nesse período que contraiu casamento, numa relação que se revelaria conturbada do início ao final. Casou-se com D. Maria de Eça, filha de D. Vasco de Eça e D. Guiomar da Silva, que não deram o consentimento, pelo que D. Maria acabou por ser deserdada. Apesar de ser filho de Duarte Pacheco Pereira, a realidade é que, naquela época, João Fernandes não tinha ainda grandes rendimentos, e é provável que aí residisse o desagrado dos sogros[161]. Esses Eças descendiam do infante D. João, filho do rei D. Pedro I e de D. Inês de Castro. No final do século XIV, destacaram-se dois ramos ligados a netos desse infante, D. Fernando de Eça, alcaide-mor de Vila Viçosa, e D. Garcia de Eça, alcaide-mor de Muge. O sogro de João Fernandes Pacheco era neto do alcaide-mor de Vila Viçosa, mas terá sido provavelmente aquando da sua presença em Muge, na propriedade administrada por sua mãe, que João Fernandes se terá relacionado com o ramo dos Eças de Muge, e daí estendido a sua ligação ao ramo de Vila Viçosa[162].

Apesar dos serviços em África e do valor da «aução» de seu pai, João Fernandes prosseguiu na defesa do seu estatuto e na sua demanda de obter honrarias adicionais que, expectavelmente, conduzissem a proventos adicionais, pois a tença que recebia da Coroa, no valor de 20 000 reais, era agora, após o casamento, inadequada às suas aspirações sociais. Sair novamente do reino foi a opção mais óbvia para o primogénito de Duarte Pacheco Pereira, que ainda tinha, pelo menos, dois outros irmãos vivos à data, Fernão e Jerónimo[163].

Sabemos que o ambiente entre o casal e os Eças se desanuviou pouco tempo antes de João Fernandes cogitar a sua partida para a Índia, pois os sogros aceitaram que a filha ficasse ao seu cuidado na ausência do marido, numa casa apartada, com seus criados e uma ama (pois da relação nascera entretanto uma filha, que poucos anos terá vivido e da qual se desconhece

---

160 ANTT, *Corpo Cronológico*, I-53-23, pub. in R. E. A. Basto, op. cit., p. XXIV; Durval R. Pires de Lima, *História da dominação portuguêsa em Çafim (1506-1542)*, Lisboa, 1930, pp. 89-93.

161 BNP, *AALB*, *Encarnação*, Pac. 9, Mç. 113, Cx. 9, *olim* Mç. 21, n.º 11, Sentença da Relação do Porto no pleito entre João Fernandes Pacheco e D. Luísa do Rego acerca do dote de D. Guiomar da Silva, 20 de Junho de 1559.

162 Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana (Nobiliário de Famílias de Portugal)*, Tomo V, Porto, Livraria Fernando Machado, 1946, pp. 271-280; A. C. Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo XI, Lisboa, Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1745, pp. 365-462; Nuno Vila-Santa, «A trajectória de D. Duarte de Eça: de capitão deposto a capitão de Goa», in *Congresso Internacional Pequena Nobreza nos Impérios Ibéricos de Antigo Regime*, Lisboa, IICT e CHAM, 2011, pp. 2-3, disponível em http://www.iict.pt/pequenanobreza/arquivo/Doc/t9s1-01.pdf.

163 Cf. Mafalda Soares da Cunha, «Portuguese nobility and overseas government: The return to Portugal (16th and 17th centuries)», in Ernst van Veen e Leonard Blussé (ed.), *Rivalry and Conflict: European Traders and Asian Trading Networks in the 16th and 17th Centuries*, Leiden, Leiden University, 2005, pp. 35-38, 43.

o nome)[164]. Para acudir às despesas, D. Vasco de Eça adquiriu por 190 000 reais a um Afonso Manhoz, em 1541, uns terrenos junto do Chafariz do Andaluz, em Lisboa, foreiros ao Cabido da Sé de Lisboa e que confinavam com outras propriedades suas, arrendando-os por cerca de 8000 reais por ano, para possibilitar à filha a percepção regular de rendimentos, ao passo que João Fernandes deixou à mulher sua tença e moradia, durante a ausência[165].

João Fernandes Pacheco partiu em Abril de 1538 na armada capitaneada pelo vice-rei D. Garcia de Noronha[166]. Entre os mais de 800 fidalgos, cavaleiros e homens da Casa Real, seguia também Jorge Garcês, tio de João Fernandes, bem como dois cunhados seus, D. Duarte de Eça e D. João de Eça, e mais oito membros do clã dos Eças, quase todos do ramo de Muge[167].

Na Ásia, João Fernandes destacou-se na jornada que o governador da Índia, D. Estêvão da Gama, fez ao mar Vermelho para atacar a armada turca no Suez, no âmbito da qual foi por ele armado cavaleiro[168], a 21 de Abril de

---

[164] Isto segundo uma narrativa que João Fernandes apresentaria décadas mais tarde, com claro interesse pessoal, a propósito de um pleito que teve com a segunda mulher de seu sogro e com uma avultada quantia em jogo, o dote de sua sogra, que, na ausência de mais pretendentes, João Fernandes queria que revertesse para si. Dizia que sua sogra mudara de ideias e revogara a deserdação de sua filha, concedendo-lhe a terça de seus bens (BNP, *AALB*, *Encarnação*, Pac. 9, Mç. 113, Cx. 9, *olim* Mç. 21, n.º 11, cf. nota 161).

[165] Segundo os róis de moradores da Casa Real, em finais da década de 1530, João Fernandes estava alistado entre os cavaleiros fidalgos, auferindo 1800 reais por mês. No âmbito de um pleito entre genro e sogro, apenas resolvido em 1555, João Fernandes estima em 50 000 reais por ano o valor conjunto da sua tença e moradia anuais. Cf. BNP, *AALB*, *Encarnação*, Pac. 1, Mç. 59, Cx. 1, 6.ª capilha, doc. s. n.º: Sentença régia num pleito de D. Vasco de Eça e D. Luísa do Rego, sua segunda mulher, contra João Fernandes Pacheco, 1 de Julho de 1555; BNP, *Fundo Geral*, Cód. 1107, fls. 660-660v (Gaspar Álvares de Lousada, *Sumários da Torre do Tombo*); A. C. Sousa, *Provas*, cit., Tomo II, p. 800).

[166] Coincidentalmente ou não, D. Garcia de Noronha estivera em Safim a partir de meados de 1534 por ocasião do cerco que o rei de Fez montou àquela praça, podendo bem João Fernandes ter servido com ele nessa ocasião. Cf. Joaquim Figanier, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir) 1505-1541*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1945, p. 172.

[167] Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, introd. e rev. de M. Lopes de Almeida, Vol. 4, Porto, Lello & Irmão, 1975, pp. 10-11; Anselmo Braamcamp Freire (ed.), *Emmenta da Casa da India*, Lisboa, Sociedade de Geographia de Lisboa, 1907, pp. 36-41.

[168] A prática de conceder tal estatuto remonta ao reinado de D. João II, mas é com D. Manuel I que se generaliza como remuneração dos serviços prestados à Coroa no Norte de África e na Ásia. Após o agraciado se destacar pelos seus feitos, um capitão, governador ou vice-rei emite um alvará através do qual regista a concessão do estatuto, sendo o alvará posteriormente apresentado na Chancelaria para confirmação da sua autenticidade e dos privilégios de cavaleiro. Estão identificadas sete cartas desta tipologia concedidas por D. João II, 656 por D. Manuel I e 2117 por D. João III (Pedro de Brito, «As cartas de cavaleiro e escudeiro nos séculos xv e xvi», *Revista Lusófona de Genealogia e Heráldica*, Vol. 1, 2006, pp. 207-230). Uma aproximação mais informal à graça régia neste período em que o circuito da economia da mercê não estava ainda bem definido passava por uma carta redigida pelo pretendente apresentando o seu percurso ao serviço da Coroa e procurando obter a devida recompensa. Cf. Luís de Albuquerque e José Pereira da Costa, «Cartas de "serviços" da Índia (1500-1550)», *Mare Liberum*, Vol. 1, 1990, pp. 309-396.

1541, no Mosteiro de Santa Catarina do monte Sinai, após incursões militares em Suaquem, Alcocer e Tor[169].

Porém, foi durante a sua permanência na Índia que surgiram novos problemas, que se provariam irresolúveis, no seio familiar. Sua mulher, D. Maria de Eça, teve uma relação extraconjugal com Gaspar Maldonado, da qual resultou um filho ilegítimo. Não sabemos quando João Fernandes soube do sucedido, mas, em 1542, ano em que regressou, D. Maria foi viver para casa de sua tia, D. Guiomar de Eça, mulher de Lopo Vaz de Sampaio, ex-governador da Índia (1526-1529). João Fernandes não assassinou a mulher, nem o adúltero, o que a lei lhe permitia fazer (embora perdesse a possibilidade de ficar com os bens da mulher). As relações de Pacheco com a família de sua mulher deterioraram-se decisivamente e foi pela via judicial que obteve «vingança», travando longas, mas lucrativas, batalhas na década de 1550 e 1560 com seu sogro e, após a morte deste, com a sua segunda mulher, D. Luísa do Rego. Um dos processos que o sogro moveu ao genro respeitava à propriedade da Quinta do Andaluz e rapidamente resvalou para um terçar de argumentos sobre as despesas que ambos alegavam ter tido com D. Maria de Eça durante os anos que João Fernandes estivera na Índia. Após a morte de D. Vasco, D. Luísa do Rego ficou na posse da quinta, retendo-a enquanto João Fernandes não lhe entregou o dinheiro pago na sua aquisição. No acerto final de contas, em meados de 1555, D. Luísa teve ainda de pagar a João Fernandes 204 555 reais, passando ele a fruir da quinta. Arrendou-a então a um Frutuoso Gonçalves, que lhe assegurou um rendimento anual, estimado, para a década de 1580, em cerca de 36 000 reais[170].

---

[169] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fls. 479-480, transcrito no n.º 39 do Apêndice Documental. Sobre os relatos disponíveis sobre a jornada do governador ao Suez, cf. L. Albuquerque (ed.), *Obras Completas de D. João de Castro*, Vol. III, Coimbra, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1976, pp. 31-41; D. João de Castro, *Roteiro do Mar Roxo de Dom João de Castro*: *Ms. Cott. Tib. Dix da British Library*, introd. de Luís de Albuquerque, Lisboa, Inapa, 1991; G. Correia, op. cit., Vol. 4, pp. 161-206; Diogo do Couto, *Da Asia. Década Quinta, Parte Segunda*, Lisboa, na Regia Officina Typografica, 1780, Liv. VII, Caps. VI-VII, pp. 113-137; A. S. Rego (ed.), *As Gavetas*, cit., Vol. VIII, pp. 535-544; Elaine Sanceau, «Uma narrativa da expedição portuguesa de 1541 ao Mar Roxo», *Studia*, Vol. 9, 1962, pp. 199-234. Diogo do Couto, depois de referir como o governador armara cavaleiros na capela do Mosteiro de Santa Catarina no monte Sinai, identifica uma das fontes do seu relato, um alvará certamente em tudo igual ao concedido a João Fernandes, apenas mudando o nome do agraciado: «e hoje em nosso poder está ainda o proprio Alvará de Cavalleiro, que o Governador alli passou a hum João Camello, que relata esta jornada muito por extenso» (D. Couto, op. cit., p. 138).

[170] O pai afiançara que, para sustentar a filha, despendia 80 000 a 100 000 reais por ano, contrapondo o genro que ela tinha apenas duas criadas, a ama servira apenas dois anos, e ele deixara sua moradia e tença no valor de 50 000 reais, a que se acrescentaria o que lhe mandava da Índia. Aliás, aduziu o genro, D. Vasco, apesar de ter uma comenda da Ordem de Cristo que lhe rendia cerca de 80 000 a 90 000 reais, não via os seus rendimentos anuais passar de 170 000 reais, um valor que, sem a ajuda do dinheiro que o genro lhe mandava, não lhe chegaria para lidar com as despesas tidas com mais de 20 servidores, além da mulher e uma amante que lhe gastava muito dinheiro, a que acrescia o vício do jogo (BNP, *AALB*, *Encarnação*, Pac. 1, Mç. 59, Cx. 1, 6.ª capilha, doc. s. n.º, cf. nota 165; BNP, *Av. Roma*, Pac. 113, n.º 184, *olim* Doc. 21, Sen-

Um segundo processo envolveu o dote que Duarte de Azevedo deu a D. Vasco de Eça, aquando do casamento com sua filha D. Guiomar, sogra de João Fernandes. Esse dote, avaliado em 10 000 dobras de 120 reais a dobra, foi pago na sua quase totalidade, exceptuando cerca de 25 000 reais. Com a morte de ambos os cônjuges e de seus dois filhos varões na Índia, D. Maria de Eça, mulher de João Fernandes, seria herdeira desse valor, segundo a lei. Mas D. Luísa do Rego, a segunda mulher de D. Vasco de Eça, que ficou na posse da fazenda de seu marido, reteve o valor consigo, argumentando que a filha fora deserdada antes de o genro ir à Índia. João Fernandes invocou que o dote não fora afectado por deserdações e que, inclusivamente, a sua sogra revogara tal instrução, conseguindo, por fim, obter sentença favorável, o que lhe rendeu 787 200 reais e obrigou D. Luísa do Rego a vender uma quinta em Monchique e outros bens para financiar o pagamento. Este processo apenas se concluiu nos alvores de 1564[171].

Esta riqueza acumulada por João Fernandes, contudo, provinha sobretudo de decisões judiciais que ele teve a fortuna e o ensejo de vencer, pois os rendimentos fixos de sua tença, moradia e rendas da Quinta do Andaluz, em Lisboa, não totalizavam certamente mais de 90 000 reais por ano em meados do século XVI, e João Fernandes ambicionava mais. Como já referimos, João Fernandes Pacheco serviu em Safim e mui provavelmente no âmbito de uma comenda nova (tal como o irmão Jerónimo morto em Tânger, em 1552), pois é referido como comendador do Banho[172], no termo de Barcelos, a partir

---

tença de D. Guiomar de Meneses contra Diogo Mendes de Brito e D. Maior de Noronha sobre a posse da Quinta do Andaluz, 13 de Março de 1598). Se João Fernandes, como marido traído, tivesse matado a mulher, não poderia ficar com os bens que ela houvesse por sucessão, doação ou herança (*Ordenaçoens do Senhor Rey D. Manuel. Livro V*, Coimbra, Na Real Imprensa da Universidade, 1797, pp. 59-61).

171 BNP, *AALB*, *Encarnação*, Pac. 9, Mç. 113, Cx. 9, *olim* Mç. 21 n.º 11, cf. nota 161; BNP, *Av. Roma*, Pac. 81, n.º 91, doc. s. n.º, Instrumento de acerto de contas dos pleitos em que intervinha João Fernandes Pacheco, 31 de Dezembro de 1563. A lei dispunha que, em caso de não haver outro herdeiro, a filha errante poderia herdar os bens de seus pais (*Ordenaçoens do Senhor Rey D. Manuel. Livro IIII*, cit., pp. 183-184).

172 A data precisa da fundação do antigo mosteiro agostinho de São Salvador do Banho é incerta, mas anterior a 1156-1169, surgindo nas inquirições régias sobre os bens das ordens religiosas realizadas em 1220 com bens de razoável valor e dimensão espacial. Possuía direitos de padroado sobre três igrejas: Santa Eulália de Banho, São João de Paços e São Miguel de Gemeses. Em 1431, o mosteiro não tinha já comunidade, apenas um prior comendatário, Pedro Lourenço, em virtude da escassez dos rendimentos da instituição. A morte deste prior conduziu à extinção do mosteiro a 1 de Maio de 1441 e consequente redução a igreja paroquial, embora continuasse a ser comummente designado como mosteiro na documentação posterior. Foi empossado seu prior comendatário João Fernandes, bacharel em degredos e vigário-geral, que viu o seu benefício confirmado pelo papa Nicolau V a 21 de Abril de 1453. Cf. Mário BARROCA *et al.*, «O Mosteiro do Banho – Vila Cova (Barcelos)», *Arqueologia*, Vol. 5, 1982, pp. 76-79; José MARQUES, *A Arquidiocese de Braga no Séc. XV*, Lisboa, INCM, 1988, pp. 726-727; Alberto Antunes de ABREU, *Vila Cova: A Terra e o Homem*, Barcelos, 1989, pp. 40-57, 79; Aires Gomes FERNANDES, *Os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho no Norte de Portugal em Finais da Idade Média: Dos Alvores de Trezentos à Congregação de Santa Cruz*, tese de doutoramento, Coimbra, FLUC, 2011, pp. 31, 70, 128-130, 257, 412-413.

de 1556. Temos assim dois irmãos recebendo a oportunidade de granjear a distinção da comenda, bem como o usufruto garantido de rendimentos substanciais, embora para esse efeito tivessem de investir, cada um, como está estimado, cerca de 100 000 reais no seu sustento nas terras de «Além», o palco por excelência para a obtenção de tal distinção e onde a tradição cruzadística peninsular o impunha[173].

Quanto à comenda do Banho em particular, as rendas da igreja paroquial de São Salvador do Banho tinham sido apropriadas para a constituição da respectiva comenda nova a 24 de Maio de 1515, sendo taxadas em 190 ducados de ouro. As terras ficariam a cargo do comendador, que receberia os dízimos eclesiásticos e demais rendas e foros em seu proveito, os quais eram substanciais, e era obrigado à sustentação do reitor e a suportar outros encargos associados ao culto religioso, consignando-lhes 60 cruzados por ano[174]. Por volta de 1528, a comenda do Banho rendia 120 000 reais anualmente[175], sendo o primeiro comendador que se conhece D. Jorge de Noronha, provavelmente filho de D. Afonso de Noronha e neto de D. Fernando de Noronha, alcaide-mor de Salir. O seu óbito é referido na carta régia de 27 de Março de 1539, através da qual D. João III concede a dita comenda a Fernando Álvares Cabral, atendendo aos seus serviços e por ter servido em África uma comenda nova de dois anos à sua custa[176]. Cabral seguiu como capitão-mor de uma armada de cinco naus para a Índia em 1553, mas

---

[173] F. Oliveira, art. cit., pp. 779-781.

[174] Em 1515, a sua situação financeira era assinalável, pois apenas 11 dos 55 mosteiros e igrejas de Entre-Douro e Minho cujos réditos e frutos foram aplicados às novas comendas foram taxados em valor superior ao seu. Cf. I. M. S. e Silva, *A Ordem de Cristo (1417-1521)*, Vol. III, tese de doutoramento, Porto, FLUP, 1998, pp. 136-137; I. M. S. e Silva, «As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre Douro e Minho: alguns aspectos de vivência religiosa», in *I Congresso sobre a Diocese do Porto. Tempos e Lugares de Memória. Homenagem a D. Domingos Pinho Brandão*, Vol. II, Porto, 2002, pp. 43-71. Do ainda chamado «Mosteiro do Banho» tomou posse D. Henrique, arcebispo eleito de Braga, a 17 de Junho de 1535, e não em 1587 como refere o *Guia das Ordens Religiosas*. Cf. ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA [ADB], *Cabido da Sé de Braga*, *Documentos do Livro dos Prazos que pertencem à Gaveta das Religiões e Mosteiros*, Liv. 14, fls. 22v-25; Bernardo Vasconcelos e Sousa, *Ordens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento – Guia Histórico*, 2.ª ed., Lisboa, Horizonte, 2006, p. 202.

[175] BNP, *Colecção Pombalina*, 117, fl. 93v; cf. Avelino da Costa, *O Bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*, 2.ª ed. refundida e ampliada, Vol. II, Braga, Irmandade de São Pedro da Porta Aberta, 1997-2000, pp. 184 e 524. Costa datou criticamente os dados de um códice entretanto desaparecido do ADB, mas refere a existência de cópias coevas e posteriores, como a da Colecção Pombalina, que usamos aqui. Veja-se, ainda, apesar de algumas lacunas de informação para a comenda do Banho, Silvestre M. da Costa, «Comendas da Ordem de Cristo do concelho de Barcelos», *Barcelos Revista*, 2.ª Série, Vol. 9-10, 1998, pp. 133-138.

[176] D. Jorge de Noronha era primo co-irmão de Fernando Álvares Cabral, o seu sucessor na comenda. A mãe deste último era D. Isabel de Castro, filha de D. Fernando de Noronha. Cf. ANTT, *Chancelaria de D. João III*, *Doações*, Liv. 26, fl. 84; Luiz de Mello Vaz de Sampayo, *Subsídios para uma biografia de Pedro Álvares Cabral*, sep. da *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. XXIV, 1971, p. ccii; Manuel Abranches de Soveral, *Sangue Real. As nossas ascendências à Casa Real Portuguesa*, Porto, 1998, pp. 25-27.

naufragou na viagem de regresso a 23 de Abril de 1554, na terra de Natal, perdendo a vida a 2 de Junho, ao atravessar o rio de Santa Luzia[177].

A notícia do seu falecimento deve ter demorado alguns meses a chegar à Corte, o que se compagina com a informação recolhida no *Livro das Comendas da Ordem de Cristo*[178], segundo o qual, em 1556, a comenda do Banho pertencia já a João Fernandes Pacheco, com um rendimento de 102 400 reais[179]. É, portanto, legítimo deduzir, na ausência de documento régio que o enuncie categoricamente, que foi na sequência do passamento de Fernando Álvares Cabral que D. João III concedeu a comenda do Banho ao filho de Duarte Pacheco Pereira, mas após Abril de 1555[180].

Quando redigiu o seu testamento, algumas décadas mais tarde, João Fernandes identificou a concessão régia da comenda como a única satisfação que recebera pelos seus serviços e pelos de seu pai, Duarte Pacheco Pereira: «dos mujtos Ceruisos que meu pay que este em glorrya e eu fizemos na ymdia e como deste Reino Nenhuma outra satisfasão ouue Mais que esta comemda que aquelle tempo podia Remder dozemtos Mil Reis dos quais seruisos Não ha outros papeis de Certidois estromentos Mais que aquillo que se ve nas Coronicas deste Reinno e llyvros da ymdia Como se por elles pode ver Comvem a saber no liuro primeiro folhas semto e huma e nas Maes

---

[177] O cavaleiro Fernando Álvares Cabral, filho do navegador Pedro Álvares Cabral, foi embaixador de D. João III a França em 1544 e acabaria nomeado para o Conselho do Rei em 1551. Cf. L. M. V. Sampayo, op. cit., pp. cclviii-cclxi.

[178] Iniciado por frei Pedro Álvares Seco em Dezembro de 1560 e concluído em Julho de 1563, no âmbito de uma iniciativa régia de sistematização, compilação e leitura nova da documentação mais importante da Ordem de Cristo. M. S. Castelo Branco, «Pedro Álvares Seco, doutor "honoris causa" em Direito Civil pela Universidade de Coimbra e o primeiro cronista da Ordem de Cristo», *Miscelânea Histórica*, Vol. II, 1982, pp. 31-52.

[179] BNP, *Fundo Geral*, Cód. 226, fl. 47. Segundo outro registo das comendas, o valor exacto seria 102 462 reais (BNP, *Fundo Geral*, Cód. 412, fl. 34). João Fernandes Pacheco esteve presente no capítulo privado da Ordem de Cristo que se reuniu em Lisboa, no Hospital de Todos os Santos, em 1558, presidido pelo prior-geral do Convento de Tomar, na menoridade de D. Sebastião. Cf. Jerónimo Román, «História das Ínclitas Cavalarias de Cristo, Santiago e Avis», in *Militarium Ordinum Analecta: Fontes para o Estudo das Ordens Religioso-Militares*, Vol. 10, 2008, p. 153 [Consultado a 17/11/2012]. Disponível em http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/ordem%20de%20cristo%20-%20vol.6_final.pdf; Fernanda Olival e Luís Filipe Oliveira, «CRISTO, Ordem de», in José Eduardo Franco (dir.), *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*, Lisboa, Gradiva, 2010, p. 569 [Consultado a 29/11/2012]. Disponível em http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2572/1/OLIVAL%20OliveiraST%20Dic2010.pdf.

[180] Pois o seu nome não consta na lista de várias pessoas que solicitavam comendas por serviços prestados, preparada depois de 25 de Abril de 1555 (ANTT, *Gavetas*, II-9-14). Aliás, dois dias antes dessa data, João Fernandes Pacheco denunciara à Inquisição um Francisco Lopes, meio cristão-novo, bacharel em leis, porque este lhe dissera não ousar abrir os profetas na Bíblia por serem contra a fé católica, mas não é identificado como comendador, o que já ocorre na próxima menção nos livros de denúncias, quando Jerónimo Carreiro denuncia, a 6 de Setembro de 1561, as conversas luteranas que André Ferreira, vigário do Mosteiro do Salvador do Banho, tivera consigo perante o comendador João Fernandes. António BAIÃO, «A Inquisição em Portugal e no Brazil: Subsidios para a sua historia», *Archivo Historico Portuguez,* VII, 1909, pp. 5 e 141.

adiamte e mujtos outros luguares dos ditos llivros Como se maes particullarmemte apomtara a seu tempo semdo nesesareo». A reputação dos serviços do *Aquiles Lusitano* dispensaria, a seu ver, a tramitação normal que seguiam todos os pedidos de mercês régias, pois os feitos do pai se encontravam plasmados e imortalizados nas crónicas dos feitos portugueses na Ásia. Na realidade, se Pacheco Pereira não tivesse guardado a documentação que ora transcrevemos e apresentamos em apêndice a este artigo, seria improvável que seus descendentes conseguissem realmente tirar proventos desse passado ao serviço da Coroa[181].

Alguns anos mais tarde, os rendimentos de João Fernandes voltaram a crescer, pois, sucedeu, em meados de 1565, como terceira vida no aforamento da Quinta do Vigário, em Muge, por falecimento de sua mãe, D. Antónia de Albuquerque[182].

Não se sabe muito sobre a vida do comendador durante a década seguinte[183]. Terá vivido então nas suas casas em Banho, gerindo os rendimentos, não só os granjeados no âmbito de vários processos judiciais, como referimos, mas também os da comenda, os da Quinta do Vigário e os da Quinta do Andaluz, em Lisboa[184].

Contudo, os seus esforços para a constituição de sua casa e perpetuação da memória familiar estavam gravemente condicionados pela falta de descendência do seu casamento com D. Maria de Eça e pela precariedade da riqueza acumulada[185]. Foi em meados da década de 1560 que João Fernandes conheceu Catarina Álvares, da freguesia de Vila Cova, no termo de Barcelos, vizinha do Banho, com quem manteve uma relação extraconjugal. Dessa relação resultaram duas filhas, D. Antónia de Albuquerque e D. Guiomar de Meneses, ambas legitimadas em 1573 pelo comendador, que solicitou confirmação ao rei, invocando precisamente a falta de descendência produzida pelo seu casamento com D. Maria de Eça e o facto de estar apartado dela já por longos anos. Obteve despacho favorável a 7 de Maio de 1574[186].

---

[181] BNP, *AALB*, *Encarnação*, Pac. 46, Mç. 170, Cx. 46-B, 2.ª capilha, doc. s. n.º (Verbas do testamento de João Fernandes Pacheco, traslado de 9 de Março de 1591).

[182] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fls. 242v-244v. Cf. nota 155.

[183] Apenas sobrevivem fragmentos de um tombo da comenda de finais do século XVII (ANTT, *MCO, TC* 81). Documentámos a actividade do seu comendador em 1566, emprazando propriedades na vila de Barcelos e no seu termo, em Vila Chã (freguesia de São Paio do Carvalhal), e em Ribeiro (freguesia de São Paio de Principais), confirmada por D. Sebastião em Março de 1567 (ANTT, *Chancelaria Antiga da Ordem de Cristo*, Liv. 1, fls. 266-267v, 275v-277).

[184] Em 1578, uma sentença favorável a João Fernandes Pacheco contra Gaspar Gonçalves e António Pires, cavaleiros da Casa Real, e filhos de Gonçalo Eanes, morador em Santarém, revela que os últimos eram fiadores de uma dívida de seu pai ao comendador no valor de 518 906 reais, bem como um rocim. Como pagaram apenas 200 000 reais, o comendador teve de recorrer à via judicial para forçar a execução da dívida em atraso (BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 86, n.º 105, doc. s. n.º; cf. ANTT, *Gavetas*, XX-15-91).

[185] Cf. M. S. CUNHA, art. cit., p. 40.

[186] ANTT, *Chancelaria de D. Sebastião, Perdões*, Liv. 12, fls. 8-8v; M. J. C. F. GAYO, op. cit., Vol. I, p. 563. A mulher de João Fernandes, D. Maria de Eça aguardaria pela morte do marido,

Tinha agora João Fernandes duas filhas legitimadas a quem poderia legar, não só os seus bens, mas também o tangível e apreciável valor dos serviços de seu pai[187]. Diligenciou, por isso, João Fernandes a confirmação da tença concedida a seu pai no valor de 20 000 reais, a 13 de Janeiro de 1575, que era paga na Alfândega de Lisboa, o que lhe foi concedido por D. Sebastião, «havendo respeito aos serviços que lhe tem feitos e espera ao diante»[188]. Obteve ainda, como satisfação dos seus serviços, a mercê de uma capitania de uma nau da Índia, a qual renunciou em Luís Ferreira Furtado de Mendonça, a 11 de Fevereiro de 1579[189]. Continuou empenhado em vários processos judiciais no início da década de 1580[190].

Quanto à comenda do Banho, em Agosto de 1581, estava avaliada em 260 000 reais[191], tendo o seu valor aumentado para 440 000 reais em 1593[192].

---

em 1590, para solicitar, a 4 de Maio de 1593, a legitimação do filho, Fernão da Silva, havido fora do casamento, aquando da estada de João Fernandes Pacheco na Índia (*Índex das Notas de Vários Tabeliães de Lisboa (Séculos XVI-XVIII)*, Tomo 4, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1949, p. 144), obtendo carta régia de legitimação vinte dias depois, alegando ser viúva velha e não ter herdeiro legítimo a quem deixar seus bens, embora não indicasse o nome do pai do filho (ANTT, *Chancelaria de D. Filipe I, Perdões e Legitimações*, Liv. 14, fl. 185v). A *Pedatura Lusitana* identifica o adúltero como Gaspar Maldonado, moço fidalgo da casa real, filho de Fernão Maldonado e Filipa Pires de Altero, e o nome do legitimado confere com o registo tabeliónico: Fernão da Silva Maldonado (C. A. Morais, op. cit., Tomo IV, Vol. 2, p. 363). Este Fernão da Silva, fidalgo da Casa Real, vivia em Estremoz e estava casado com D. Luísa de Figueiró em 1586 (ANTT, *Cartório Notarial de Lisboa*, 2.º Cartório, Liv. 16, fls. 130-130v, procuração de Fernão da Silva a Gaspar Maldonado, 25 de Setembro de 1586).

[187] Parece que sua filha D. Antónia terá falecido pouco tempo depois, pois a outra filha, D. Guiomar, é referida como a sua única herdeira no testamento que João Fernandes fez antes de falecer, em 1590.

[188] Estava, contudo, em atraso a quantia correspondente aos anos de 1570, 1571 e 1572, concedendo-lhe o monarca, a 7 de Outubro de 1576, serem pagos os 60 000 reais pelo tesoureiro-mor (ANTT, *Confirmações Gerais* Liv. 3, fls. 145v-146, ref. in A. T. Mota, art. cit., p. 23; ANTT, *Núcleo Antigo*, 123, fl. 159v, publicado em R. E. A. Basto, op. cit., p. xxiv.

[189] ANTT, *Chancelaria de D. Filipe II, Doações*, Liv. 30, fl. 101v.

[190] A 31 de Agosto de 1581, fez em Ponte de Banho, termo de Esposende, uma procuração ao licenciado Baltasar Pacheco, capelão do Rei e promotor das ordens militares, para requerer por si em várias causas. A primeira contra D. Antónia Henriques, familiar da sua esposa (casada com Gaspar de Sampaio, segundo filho de Lopo Vaz de Sampaio e de D. Guiomar de Eça, em cuja casa se albergou D. Maria de Eça, a mulher do comendador). Uma segunda causa seria dirimida com o licenciado Manuel Rodrigues, morador em Lisboa e ainda uma terceira com D. Maria de Aiala, filha de D. Pedro de Castro, Conde de Monsanto, mulher que fora do Governador da Casa do Cível, D. Fernando de Castro, que tinha uma propriedade confinante com a Quinta do Andaluz administrada pelo comendador (ADB, *Cartório Notarial de Esposende*, Liv. 149, fls. 26v-27v; cf. C. A. Morais, op. cit., Tomo II, Vol. 2, p. 68, e Tomo III, Vol. 2, p. p. 80).

[191] BA, 49-IV-31, fl. 85 (Relação de todas as comendas das Ordens de Cristo, Santiago, e Avis, no Reino de Portugal e Conquistas).

[192] Contudo, o próprio comendador, no seu testamento, afiançava ela apenas valer 150 000, talvez numa atitude de desvalorização do valor de seus bens, dado que a comenda era considerada nos róis como a melhor de seu tamanho por se arrecadar de quatro caseiros. Em 1613, a comenda, então na posse do Conde do Redondo, foi avaliada em mais de 700 000 reais (BA, 49-IV-31, fl. 85; BA, 49-IV-32, fl. 17; cf. BNP, *AALB*, *Encarnação*, Pac. 46, Mç. 170, Cx. 46-B, 2.ª capilha, doc. s. n.º (cf. nota 181); Fernanda Olival, *Para uma análise sociológica das ordens*

Se tivesse tido descendência masculina, talvez João Fernandes pudesse ter ambicionado deixar-lhe a comenda, em «sucessão», mas, no último quartel do século XVI, essa possibilidade era fortemente combatida pela Coroa, pois limitava a sua capacidade de distribuir tais recursos e, forçosamente, fazer decrescer a prestação dos serviços em África, uma das motivações essenciais para a manutenção das praças naquela região[193].

Dado que o valor anual do rendimento da comenda estava, à partida, condenado a desaparecer, num último esforço de valorização do futuro património da sua única filha ainda viva e menor de idade, João Fernandes Pacheco, no seu derradeiro dia de vida, a 31 de Outubro de 1590, fez lavrar uma escritura através da qual renovava nela o prazo da Quinta do Vigário, em Muge, trespassando-lhe o direito que afirmava possuir para a sua exploração. Contudo, sendo foreiro à Ordem de Cristo, da qual era mestre o rei, seria necessária a aprovação régia da renovação do prazo que poderia render 100 000 reais por ano à sua única descendente, pelo que João Fernandes Pacheco solicitou «por merce a ell Rej noso senhor aJa Jsto asim por bem e consinta nesta nomeasão e trespasasão que asim fazia a dita sua filha por [mujtos] serujços que lhe tinha fejtos nas partes da Jndia duarte pachequo seu paj e elle», acenando novamente com a bandeira dos serviços e «aução» de seu pai, embora, desta feita, como veremos, sem sucesso[194].

O comendador morreu nas suas casas em Banho precisamente nesse dia[195], sendo o seu testamento aberto a 5 de Março de 1591[196]. Deste sobreviveram apenas duas verbas, uma delas incompleta, apresentadas perante o

---

militares no Portugal de Antigo Regime (1581-1621), Vol. II, dissertação de mestrado, Lisboa, FLUL, 1988, pp. 456 e 487).

193 F. Olival, «Norte de África», cit., pp. 781-782, 786-795.

194 Um pleito de 1598 entre D. Guiomar e D. Maria de Eça indica que o comendador trespassara também na filha os seus direitos sobre a Quinta do Andaluz, em Lisboa, que ganhara na década de 1560 aos Eças (BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 113, n.º 184, *olim* Doc. 12, Instrumento de inovação da Quinta do Vigário de João Fernandes Pacheco em favor de D. Guiomar de Meneses, 31 de Outubro de 1590, e Doc. 21, cf. nota 170).

195 A. C. Sousa, *Historia*, cit., Tomo XII, Parte I, p. 280. Existe no Museu Arqueológico de Barcelos uma tampa da sepultura do comendador, constituída por um bloco rectangular fragmentado nas extremidades e decorado com a heráldica dos Pachecos (Artur da Nóbrega, *Pedras e Armas Tumulares do Distrito de Braga*, Vol. V, Braga, Junta Distrital de Braga, 1975, pp. 17-18; Carlos Alberto de Almeida, *Catálogo do Museu Arqueológico de Barcelos*, Barcelos, C. M. Barcelos, 2007, pp. 122-123). Segundo informação recolhida em 1929 por Bernardino dos Santos Portela, prior de Apúlia, a pedra de João Fernandes teria estado na capela-mor da igreja (Teotónio da Fonseca, *O concelho de Barcelos aquém e além-Cávado*, Vol. I, Barcelos, 1948, pp. 414-418). O Arquivo da Paróquia de Vila Cova, para onde transitara o resto do espólio da Igreja do Banho continha, no segundo quartel do século XX, apenas documentação a partir de 1860 (José Rios Novais, «Sobre Vila Cova. Em 26 anos o meu depoimento...», *Diário do Minho*, Ano XXXV, n.º 10348, 2 Out. 1952, p. 3).

196 Os seus testamenteiros foram Francisco Ferreira Furtado, morador em Santo Emilião de Mariz, e Simão de Sousa, abade de Creixomil (BNP, *AALB*, *Encarnação*, Pac. 52, Mç. 152, macete 1, doc. s. n.º, Instrumento de execução do testamento de João Fernandes Pacheco, [1590-1591]).

licenciado Francisco Veloso, juiz do cível de Lisboa, a 9 de Março de 1591, por Cristóvão de Reboredo, juntamente com a carta régia de 19 de Junho de 1533 que conferia a João Fernandes 20 000 dos 50 000 reais da tença que seu pai recebia. Este Cristóvão de Reboredo era um criado do comendador, morador em Vila Cova, que, após a morte do seu senhor, foi a Lisboa, em representação da filha deste, tratar na Corte de 80 000 reais em atraso da tença do comendador, bem como representá-la em diversas demandas judiciais[197].

Na primeira verba trasladada do testamento, somos informados de que D. Guiomar estava no Mosteiro de Vairão[198]. Estando legalmente legitimada, seu pai constituía-a por sua herdeira universal. Contudo, por ser mulher e menor de 25 anos, e não poder assim proceder à execução de negócios, o comendador fez seus testamenteiros Francisco Ferreira Furtado de Mendonça e Simão de Sousa, abade de Santiago de Creixomil[199]. D. Guiomar ingressou, em data incerta, no Mosteiro de Vairão com um dote de 260 000 reais, com ressalva de que este seria devolvido, descontados os alimentos do tempo que lá estivesse, se ela não tomasse votos, como não veio a tomar, por se ter casado com o filho de seu tutor[200].

Pouco tempo depois do passamento do comendador João Fernandes, entra em cena D. Luís de Lencastre, segundo comendador-mor de Avis e neto de D. Jorge, duque de Coimbra[201], que requereu ao rei D. Filipe I o foro da Quinta do Vigário em Muge (vago por morte de João Fernandes, que, recordamos, era a terceira vida desse prazo), em troca de 20 moios de trigo que tinham vagado por morte de Martim Afonso de Melo, de que o rei fizera primeiramente mercê a D. Luís de Lencastre. Entretanto, o tutor de

---

[197] Era Cristóvão de Reboredo quem cobrava as dívidas dos caseiros ao comendador. Recebeu, neste período, cerca de 10 000 reais das dívidas respeitantes a 1589-1590, os quais entregaria a Luís Ferreira Furtado de Mendonça, depois de se casar com D. Guiomar (BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fls. 250 e 253v, Testamento de Luís Ferreira Furtado de Mendonça, 28 de Outubro de 1600; Idem, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fls. 482-485, Instrumento de justificação de testemunhas a respeito dos herdeiros de João Fernandes Pacheco, 21 de Maio de 1591; Idem, *Av. Roma*, Pac. 113, n.º 184, *olim* Doc. 12, cf. nota 194; Idem, *Encarnação*, Pac. 46, Mç. 170, Cx. 46-B, 2.ª capilha, doc. s. n.º, cf. nota 181). Reboredo arrendara, junto com Jerónimo Pinheiro, ao comendador Bernardim Ribeiro Pacheco, senhor do morgado das Cachoeiras, em fins de 1583, a comenda de Santa Maria de Vila Cova, termo de Barcelos, por 200 000 reais e 300 varas de pano. *Índex das Notas*, cit., p. 330.

[198] Não encontrámos documentação relacionada com ela nos fundos do Mosteiro de Vairão na Torre do Tombo, nem no Arquivo Distrital do Porto.

[199] Sabemos também, pelo testamento do futuro marido de D. Guiomar, feito em 1600, que Francisco Ferreira ficou por administrador da fazenda do defunto João Fernandes, obrigando-se o genro a pagar suas eventuais dívidas que, nesse ano de 1600, se resumiam a 100 000 reais. Cf. BNP, *AALB*, *Encarnação*, Pac. 46, Mç. 170, Cx. 46-B, 2.ª capilha, doc. s. n.º, cf. nota 181; BNP, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fl. 250, cf. nota 197.

[200] Em 1600, a quantia ainda não havia sido devolvida na sua totalidade. Cf. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fl. 251, cf. nota 197.

[201] Fernando Canedo, *A Descendência Portuguesa de El-Rei D. João II*, Vol. I, Lisboa, Ed. Gama, 1945, p. 110.

D. Guiomar, Francisco Ferreira Furtado, nomeara, no início de Novembro, um procurador, Bento Botelho, para tomar posse da dita quinta, em nome de D. Guiomar, pois esta estava ainda encerrada no Mosteiro de Vairão[202]. O monarca escreveu ao cardeal-arquiduque Alberto de Áustria, vice-rei de Portugal, interrogando-o sobre a questão, a 18 de Fevereiro do ano seguinte, 1591[203]. Os oficiais régios desenvolveram então diligências no terreno, com vista a estabelecer o rendimento da quinta, bem como as possibilidades da transmissão do foro a D. Luís de Lencastre. A 6 de Junho, o desembargador Cosme Rangel obteve informações acerca da valia da quinta e concluiu que, apesar de ser foreiro da Ordem de Cristo, João Fernandes Pacheco já por muitos anos que não pagava os sete a oito moios de foro estipulados no contrato, mas arrendara ultimamente a Quinta por cerca de 100 000 reais[204].

Entretanto, D. Guiomar de Meneses, ainda menor de 25 anos, tentou fazer valer os seus direitos, através de uns embargos apresentados à Mesa da Consciência e Ordens e à Mesa da Fazenda, apelando ao rei para que não anuísse à petição de D. Luís de Lencastre e solicitando adicionalmente a renovação do prazo na sua pessoa, alegando as muitas benfeitorias realizadas na quinta.

No início de Agosto de 1591, o Dr. António de Almeida reuniu mais informações, encaminhando para Madrid o seu parecer, em que argumentava que, apesar de a quinta ser da Ordem de Cristo, o rei podia dela dispor em favor de D. Luís de Lencastre, mesmo que este não tivesse o hábito da Ordem de Cristo, pois, apesar do breve papal de Pio V proibindo que os bens das ordens militares fossem dados sem hábito, nunca ele fora guardado nos bens dados por título de emprazamento[205]. Pendendo ainda o requerimento de D. Guiomar, D. Filipe I concedeu a quinta a D. Luís de Lencastre, a 21 de Janeiro de 1592, em sua vida, e de sua mulher, D. Filipa de Meneses[206]. D. Guiomar não desistiu dos seus intentos e submeteu uma nova petição, com o argumento sobejamente usado de ser órfã e «fidalga muito pobre». Este último estertor não teve efeito, pois o prazo permaneceu na posse do comendador-mor da Ordem de Avis, sendo confirmada a segunda vida a sua mulher, após a sua morte, a 10 de Junho de 1614, o que constituiu um primeiro golpe nas expectativas de D. Guiomar de obtenção de rendimentos[207].

Contudo, também a comenda do Banho mudaria de mãos. Por falecimento de João Fernandes Pacheco, e atendendo aos merecimentos de D. João

---

[202] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 113, n.º 184, *olim* Docs. 12 e 21, cf. nota 194.

[203] ANTT, *Corpo Cronológico*, I-112-74.

[204] Apenas um dos louvados inquiridos se arriscou a estimar um valor para a aquisição da quinta, que cifrou em 5000 cruzados. Cf. ANTT, *Gavetas*, XX-15-91; Manuel Borges Carneiro, *Resumo chronologico das leis mais uteis no foro e uso da vida civil publicadas até o presente anno de 1818*, Tomo I, Lisboa, 1818, p. 286.

[205] ANTT, *Gavetas*, XX-15-92.

[206] ANTT, *Casa de Abrantes*, Liv. 6, Doc. 75.

[207] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 81, n.º 91, doc. s. n.º; ANTT, *Casa de Abrantes*, Liv. 6, Doc. 75.

Coutinho, conde do Redondo, por ter estado em Alcácer Quibir, e ainda aos serviços de seu pai, D. Luís Coutinho, morto na mesma praça, D. Filipe I concedeu-lhe a comenda do Banho a 23 de Outubro de 1593[208].

Tendo perdido a administração da Quinta do Vigário, em Muge, bem como os rendimentos que a comenda do Banho providenciava a seu pai, D. Guiomar lutou judicialmente, nos anos seguintes, pelos seus direitos com D. Maria de Eça, a ainda sobrevivente mulher de seu pai, com vista a herdar os bens anteriormente geridos por ele, embora não sejamos inteiramente conhecedores desses bens, devido às lacunas documentais. Assim, por exemplo, um Álvaro Dias Lindo, de Vila de Conde, perdeu um pleito com João Fernandes Pacheco concernente a certos moios de pão e pitanças em dívida da renda de quatro anos de um casal não nomeado, e recusou-se, após a morte de João Fernandes, a liquidar a dívida, obtendo a sua filha melhor sorte, pois em finais de 1592, uma ordem judicial de execução rendeu-lhe a quantia de 480 000 reais[209].

Já a Quinta de Andaluz, que João Fernandes administrara por mais de 30 anos, foi alvo de uma tentativa de usurpação da entretanto viúva D. Maria de Eça, ao passo que o hortelão a quem João Fernandes Pacheco arrendara a propriedade aproveitou o seu óbito para se esquivar ao pagamento da renda. D. Maria de Eça embargou a tomada de posse da quinta por D. Guiomar, alegando que o pai, D. Vasco de Eça, a comprara para si, chegando a conseguir ganhar o feito em primeira instância. Contrapôs D. Guiomar que, na realidade, quem sempre administrara a propriedade e recebera as rendas fora seu pai, e que D. Maria de Eça tinha abandonado o lar décadas antes até à morte de seu pai, não podendo assim invocar que a quinta sempre ficara na posse do casal. Estes factos revelaram-se decisivos na sua apelação e valeram-lhe a reversão da sentença a 29 de Maio de 1593[210].

Contudo, uma outra demanda corria paralelamente sobre a mesma quinta, pois D. Maria de Eça, desconhecendo que no seu último dia de vida João Fernandes trespassara os seus direitos sobre a Quinta do Andaluz à filha legitimada, tomou forçadamente posse da Quinta e deu-a a sua sobrinha D. Beatriz, filha menor de Diogo Mendes de Brito e D. Maior de

---

[208] Com a condição de largar primeiro a comenda de Vila de Rei, no bispado da Guarda. Cf. ANTT, *Chancelaria Antiga da Ordem de Cristo*, Liv. 11, fls. 364-365; *OC/CT* 25, fl. 27v. A comenda do Banho, que ficaria na Casa dos Condes do Redondo durante o século XVII, foi avaliada em 1595 em 400 000 reais (BNP, *Fundo Geral*, Cód. 412, fl. 3v) e, em 1622, em 444 000 reais (BNP, *Fundo Geral*, Cód. 8568, fl. 13). No Minho, no primeiro quartel do século XIX, era ainda uma das comendas com maior rendimento líquido. Já descontados os encargos, atingia a cifra de 1 264 168 reis. Cf. Daniel Ribeiro ALVES, *Os Dízimos no Final do Antigo Regime: Aspectos Económicos e Sociais (Minho, 1820-1834)*, dissertação de mestrado, Lisboa, FCSH-UNL, 2001, p. 130 [Consultado a 08/12/2012]. Disponível em http://hdl.handle.net/10362/4657.

[209] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 113, n.º 184, *olim* Doc. 14, Sentença de habilitação de D. Guiomar de Meneses contra Álvaro Dias Lindo de Vila do Conde, 17 de Dezembro de 1592.

[210] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 113, n.º 184, *olim* Doc. 15, Sentença de D. Guiomar de Meneses contra D. Maria de Eça sobre a Quinta de Andaluz que fora de D. Vasco de Eça, 29 de Maio de 1593.

Noronha, mantendo-se como usufrutuária. A quinta era um apetecível fruto, avaliado em 700 000 reais e com um rendimento anual de 36 000 reais, mas D. Maria de Eça perderia também esse pleito, agora na Relação do Porto, tendo de restituir a quinta à filha bastarda de seu falecido marido em Março de 1598[211]. Mais tarde, Diogo Mendes de Brito devolveria ao marido de D. Guiomar 210 000 reais do rendimento da dita quinta apropriado indevidamente[212].

D. Guiomar era assim, na década de 1590, uma órfã sob a guarda de um tutor, Francisco Ferreira Furtado de Mendonça, confinada ao Mosteiro de Vairão durante a sua menoridade, mas com um razoável património financeiro acumulado por seu pai e um considerável potencial económico consubstanciado no sangue de Duarte Pacheco Pereira, dado ser a única herdeira da sua «ação»[213].

O tutor de D. Guiomar era filho de Rui Ferreira Furtado e de D. Filipa de Ataíde, estando a fortuna de seu pai estimada, por volta de 1585, em 1 800 000 reais. O filho de Francisco Ferreira, Luís Ferreira Furtado de Mendonça, senhor dos morgados de Fajozes (Vila do Conde) e Argemil (Barcelos)[214], após a morte de seu pai, agregou um terceiro, o de Canidelo (Gaia), quando se casou com a herdeira desse morgado, D. Antónia de Sousa, por volta de 1565[215].

Confiara João Fernandes Pacheco a sua única filha sobrevivente a um tutor com quem ela poderia ter laços sanguíneos de parentesco? Em 1559, aquando da elaboração do testamento da mãe, D. Antónia de Albuquerque,

---

[211] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 113, n.º 184, *olim* Doc. 21, cf. nota 194.

[212] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fl. 253, cf. nota 197.

[213] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fl. 252, cf. nota 197; cf. M. S. Cunha, art. cit., p. 43.

[214] Rui Ferreira Furtado, fidalgo da Casa Real, era filho de Aires Ferreira e D. Margarida de Mendonça, e D. Filipa de Ataíde era filha de Martim Lopes de Azevedo e D. Isabel de Ataíde. Cf. M. A. Soveral, *Ensaio sobre a origem dos Ferreira*, 2005 [Consultado a 08/11/2012]. Disponível em http://www.soveral.info/mas/Ferreira.htm; C. A. Morais, op. cit., Tomo IV, Vol. 1, p. 201, e Vol. 2, p. 107. De todos os seus filhos, Rui Ferreira preferia Álvaro Ferreira de Mendonça, a quem deixou a sua terça no testamento que redigiu a 16 de Março de 1577. Entrou em conflito com o primogénito Francisco Ferreira e maltratava a mulher, que testou a 25 de Março de 1564 às escondidas do marido. A informação respigada nesses testamentos é consonante com a narrativa registada por Felgueiras Gayo e dramatizada por Camilo Castelo Branco, segundo a qual Rui Ferreira, estando na Índia, e tendo recebido uma carta de seu pai, Aires Ferreira, lamentando a sua solidão e como fora despeitado pelo abade de Creixomil, de imediato procurou regressar ao reino, sendo mandado prender pelo vice-rei até que as naus que se dirigiam a Lisboa tivessem saído do porto. Como estas se delongaram ao largo, aguardando a monção, Rui Ferreira teria então nadado até elas, conseguindo assim chegar ao reino. Seguiu para Creixomil, onde terçou espadas com o abade, matando-o por fim. Cf. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fls. 205-223; M. J. C. F. Gayo, op. cit., Vol. XIV, pp. 40-41; Camilo Castelo Branco, «Voltas do Mundo», *Noites de insomnia, offerecidas a quem não póde dormir*, Porto, Ernesto Chardron, 1874, n.º 3, pp. 33-38.

[215] D. Antónia era filha de Fernão Ribeiro de Sousa e Maria Nunes Pinta. Cf. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fls. 224-225, Testamento de D. Antónia de Sousa, 28 de Junho de 1595; C. A. Morais, op. cit., Tomo IV, Vol. 2, p. 43.

uma das testemunhas foi Francisco Ferreira, fidalgo da Casa Real e seu «parente», que poderia bem ser este Francisco Ferreira Furtado de Mendonça, embora não tenha sido possível esclarecer a natureza do vínculo nem pela consulta da documentação remanescente, nem pelos nobiliários[216]. A despeito dessa impossibilidade, Francisco Ferreira e D. Guiomar eram, à luz das evidências, muito próximos, não somente porque as paróquias de João Fernandes e Francisco Ferreira, Banho e Mariz, distavam entre si apenas cinco quilómetros, mas também porque essa relação já devia recuar à década de 1570, quando João Fernandes passou a estanciar mais tempo nas suas casas do Banho. João Fernandes nomeou assim Francisco Ferreira como seu testamenteiro e tutor de sua filha, mas o enlace entre os filhos de ambos terá sido certamente ponderado e, até mesmo, acordado previamente, o que explicaria a razão pela qual, em 1579, na infância de D. Guiomar, seu pai cedeu a mercê que D. Sebastião lhe concedera de uma capitania de uma nau para a Índia precisamente ao filho de Francisco Ferreira, Luís Ferreira.

Como tutor de D. Guiomar de Meneses, Francisco Ferreira procurou novamente rentabilizar junto da Coroa os serviços de Duarte Pacheco Pereira, bem como os de João Fernandes, apresentando as cartas régias de D. Manuel I e outros documentos que transcrevemos no Apêndice Documental. D. Guiomar recebeu, por essa via, a 22 de Outubro de 1593, uma tença anual de 30 000 reais, a ser paga a partir da outorga da mercê, a 22 de Setembro de 1592, que seu tutor aceitou, por ela estar ainda no Mosteiro de Vairão[217].

O tutor acolheu-a depois em sua casa, quando D. Guiomar saiu do mosteiro, como narrou Francisco Ferreira no seu testamento, redigido a 16 de Fevereiro de 1596. Ter-lhe-á emprestado muito dinheiro, provavelmente para cobrir as diversas despesas e custas judiciais em que incorreu para fazer valer os direitos dela, bem como o sustento de sua pessoa e condição[218]. Em 1597, dar-se-ia, por fim, o casamento entre Luís Ferreira Furtado de Mendonça e D. Guiomar de Meneses, que teve lugar na paróquia de Santo Emilião de Mariz, certamente logo depois de 30 de Julho[219].

Contudo, D. Guiomar não viveu muito tempo mais. Segundo contou o seu único filho, anos mais tarde, a mãe recebera apenas 90 000 reais antes de morrer, o que corresponde a três anos da mercê régia[220]. A data precisa

---

[216] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fls. 238-242, cf. nota 154.

[217] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fls. 481-481v e 540, cf. nota 148.

[218] O tutor declara ter ficado por administrador de sua fazenda, da qual recebera 180 000 reais, pagando aos criados de João Fernandes Pacheco seu serviço. Cf. BNP, *AALB*, *Encarnação*, Pac. 17, n.º 94, 2.ª capilha, doc. s. n.º.

[219] Data da dispensa nupcial que obtiveram. Os nubentes tinham suplicado ao papa Clemente VIII um breve, em virtude de Luís Ferreira ter conhecido carnalmente uma Justa, filha de Domingas Álvares, irmã da Catarina Álvares que dera à luz D. Guiomar. À luz das normas vigentes, os nubentes eram, assim, cunhados em segundo grau. D. Guiomar alegou ser órfã de pai, pois vivia ainda sua mãe, sem dote competente para poder casar-se e encontrar um marido da sua qualidade fora dos parentes chegados, conseguindo assim que o breve fosse concedido. Cf. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 79, n.º 85, doc. s. n.º.

[220] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fls. 481-481v e 540, cf. nota 148.

do óbito não é conhecida, mas em Junho de 1600 já o pai faz habilitar o filho para prosseguir uma causa cível que a mãe terçava com D. Antónia Henriques[221].

Ao casar-se com D. Guiomar, Luís Ferreira herdou os pleitos judiciais da mulher e do sogro, que se arrastavam há anos a fio. No seu testamento, redigido a 28 de Outubro de 1600, Luís Ferreira recordou a demanda que terçava com a Coroa sobre uma quinta em Santarém (presumivelmente a Quinta do Vigário, cujo foro vimos ter sido cedido por D. Filipe I a D. Luís de Lencastre), o que indica uma tenacidade assinalável na defesa das pretensões de sua falecida esposa. Além disso, Luís Ferreira tinha outro pleito com o provedor das Capelas sobre a fazenda de D. Antónia Henriques, no âmbito, provavelmente, da causa cível que seu falecido sogro já dirimira com ela em 1581[222].

É provável que Luís Ferreira tenha estado envolvido no pedido de remuneração de serviços que seu pai elaborou, na qualidade de tutor de D. Guiomar, e que conduziu à tença outorgada por D. Filipe I em 1592, e que D. Guiomar usufruiu por pouco tempo. Foi após o falecimento de D. Guiomar que Luís Ferreira começou a diligenciar um novo pedido de remuneração de serviços, a ser submetido pelo filho ainda na infância, um processo que se mostrou demorado, como veremos. Uma vez que tinha vários documentos em latim e cartas de apresentação do *Venturoso* dirigidas ao papa e a outros soberanos da Europa, Luís Ferreira conseguiu autorização para que um notário apostólico os traduzisse para português, a 12 de Maio de 1600, em Lisboa[223]. É interessante que, entre os documentos, se encontrava a «carta Junta que el Rey de chochim deu a seu bisauo duarte pachequo pereira», em que constava «parte dos seruicos que fes a sua magestade nas partes da imdia», mas, evidentemente, não houve quem a traduzisse do idioma nativo[224]. A 7 de Junho desse mesmo ano, Luís Ferreira tratou de

---

[221] A razão de D. Guiomar apenas ter recebido por três ocasiões a tença prender-se-á com os proverbiais atrasos no pagamento destes estipêndios pela Coroa, pois é evidente que, tendo começado a receber em 1592, a Coroa ainda lhe deveria alguns anos da tença. D. Guiomar faleceu após doença prolongada, em Canidelo, nas casas do morgado do seu cunhado Rui Ferreira Furtado de Mendonça. Ali acudiu por 18 vezes o Dr. Rodrigo de Meireles, vindo de Vila do Conde, para a tentar curar. Cf. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fl. 246).

[222] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fl. 485; BNP, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fls. 247-253v, cf. nota 197; C. A. Morais, op. cit., Tomo IV, Vol. 2, p. 108.

[223] Cf. Apêndice Documental, Docs. 8-14. João Serrão recebera apenas a tradução em latim da carta patente de capitania da caravela que conduziria em perseguição do corsário Mondragón, a 14 de Dezembro de 1508. Cf. A. S. Rego (ed.), *Documentos*, cit., Vol. II, p. 318.

[224] O trabalho foi concluído em 17 dias, Luís Ferreira recebendo as cartas das mãos do notário a 29 de Maio de 1600. Cf. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fls. 427-429, 502-502v. Luís Ferreira lembrou o seu irmão Rui Ferreira, ao redigir o testamento, em 1600, de que tinha nas suas casas em Lisboa, provavelmente na Quinta do Andaluz, propriedade de sua primeira mulher D. Guiomar, «hum Brazão d armas que El Rey de cochin deu a duarte pacheco de que lhe deu humas armas E o dom que ora lhe comfirma El Rey nosso senhor o qual ey de mandar a meu yrmão pera que o guoarde E delle dara conta». Cf. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fl. 252. Sobre a problemática destas armas novas, cf. Armando

habilitar o filho na causa cível que seu avô João Fernandes Pacheco trouxera com D. Antónia Henriques, e na qual primeiramente se habilitou sua mãe, D. Guiomar de Meneses[225].

Antes de partir com o governador Diogo Botelho para o Brasil com uma companhia de infantaria, em finais de 1600, Luís Ferreira elaborou o seu testamento, incumbindo seu irmão mais velho, Rui Ferreira, de cuidar de seu filho caso falecesse na viagem[226]. Isso não aconteceu e, no regresso, Luís Ferreira cuidou da alteração do nome do filho. Nascera como Francisco Pacheco de Mendonça e mudaria, por ocasião do crisma, para Duarte Pacheco Pereira, nome pelo qual seria filhado como moço fidalgo a 28 de Novembro de 1602, uma mudança que não seria inocente na tentativa de associação imediata da figura heróica de Duarte Pacheco Pereira ao bisneto homónimo, na ocasião com cerca de quatro ou cinco anos de idade[227].

Serviu Luís Ferreira depois como capitão de uma das companhias de um dos terços da cidade de Lisboa, tendo sido armado cavaleiro da Ordem de Cristo a 17 de Maio de 1610. Nesse ano, partiu do reino com António Pereira de Berredo, general da armada da Coroa de Portugal. No ano seguinte, 1611, na companhia de Feliciano Coelho de Carvalho, capitaneou um dos navios que foram ao Brasil buscar a fazenda da nau *Nossa Senhora de Jesus* que ali aportou vinda da Índia[228].

Chegou então a ocasião de Luís Ferreira usufruir da capitania de uma nau da Índia cedida pelo seu falecido sogro. A 20 de Julho de 1612, obteve confirmação régia dessa capitania, mas na vagante dos providos antes de 11 de Fevereiro de 1579, data da renúncia, o que lhe permitiu servir a capitania à frente de todos os agraciados a partir dessa data, contanto que não tivessem ressalva de uma vacatura mais antiga. Partiu em Abril de 1613, mas arribou ao reino em fins de Agosto, repetindo a tentativa no ano seguinte, como veremos[229].

---

de Matos, «As armas-novas de Duarte Pacheco Pereira», *Biblos*, Vol. XII, 1936, pp. 255-307. Que estas armas e o título de «dom» foram de facto concedidos pelo rei de Cochim é confirmado por um documento até agora nunca referido historiograficamente, uma ementa coeva de assuntos a serem apresentados ao rei de Portugal, da mão do secretário António Carneiro, entre os quais se encontrava «item duarte pachequo as armas e dom que lhe deu el Rey de cochy». Cf. ANTT, *Fragmentos*, Cx. 3, Mç. 3, Doc. 70.

225 BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fls. 485-486.

226 BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fls. 247-253v, cf. nota 197.

227 BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fls. 485 e 541 (Certidão do Registo de Mercês, 31 de Dezembro de 1603). Após o falecimento de D. Guiomar, Luís Ferreira viria a casar-se segunda vez, desta feita com D. Francisca Correia da Silva, filha de Pero da Silva, chanceler-mor da Índia, e de D. Mécia Ferreira.

228 A 17 de Março de 1612, D. Filipe II outorga-lhe a mercê de haver por servida uma comenda de 150 000 reais, com declaração de que, quando fosse provido, largasse os 20 000 de tença que tinha, com o hábito da Ordem de Cristo, por ter servido nas duas citadas armadas. Cf. M. J. C. F. Gayo, op. cit., Vol. I, p. 539; BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fls. 427-429; minuta do regimento em BA, 51-VII-11, fls. 96-96v.

229 ANTT, *Chancelaria de D. Filipe II, Doações*, Liv. 30, fl. 101v; Maria Hermínia Maldonado (leit. e anot.), *Relação das Náos e Armadas da India Com os successos dellas que se puderam*

Entretanto, Luís Ferreira ainda veria seu filho ser bem-sucedido em fazer valer novamente os préstimos do *Aquiles Lusitano* em seu proveito. O processo de apresentação da documentação fez-se apenas quando o bisneto homónimo do navegador atingiu a maioridade. Tendo nascido provavelmente em 1598, no ano imediato ao casamento de seus pais, teria cerca de 14 anos em 1612, ano em que foi agraciado pela primeira vez pelo monarca com uma mercê.

As cartas originais de D. Manuel I que ficaram na posse de João Fernandes Pacheco, que já tinham sido usadas para um primeiro pedido de mercê de D. Guiomar de Meneses, no início da década de 1590, e que patenteiam uma numeração original evidenciadora de uma arrumação anterior das espécies documentais, foram então organizadas segundo novos critérios e receberam uma nova numeração, resultante de um novo esquema apresentado pelo suplicante Duarte Pacheco Pereira. Como se infere deste processo, a documentação foi sujeita a diversas intervenções e mediações. O primeiro momento de selecção ocorreu ainda em vida de Duarte Pacheco Pereira, mas quer a mulher quer os filhos deste tinham a noção de que a correspondência constituía um património valioso – simbólico, certamente, mas passível de ser convertido em património material –, pois a documentação foi imediatamente utilizada pelos descendentes directos para obter mercês. Ou seja, é provável a existência de mais documentação, a qual terá sido descartada em vários momentos, uma vez que não era necessária nos processos de litigância da família, típicos da sociedade moderna. Não é de estranhar, portanto, que este caso se repita noutros núcleos documentais respeitantes a outras famílias cujos patrimónios documentais entroncaram no Arquivo da Família Almada Lencastre Basto.

Em primeiro lugar, apresentaram-se as certidões que comprovavam que o bisneto homónimo era o único herdeiro de Duarte Pacheco Pereira[230]. Depois, os documentos que destacavam melhor as qualidades do «grande E emVençiuel capittão Duarte pacheco pereira, que tamtos seruiços fez na india E nestes Reinnos a Vossa magestade De que as caronicas Da Jndia Estão Bem çheas». À cabeça, estão os «muitos annos nas Armadas Da costa d africa aonde peleiou com os mouros E lhes tomou quoatro fustas E foi desserquar tamgere»[231], seguidos do regimento que comprovava ter ido Duarte Pacheco Pereira «por capittão mor d armada Buscar ao cosario

saber, Para Noticia e instrucção dos curiozos, e amantes Da Historia da India (British Library, Códice Add. 20902), Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1985, pp. 125-126.

[230] Inquirição de testemunhas em Santarém certificando que D. Guiomar de Meneses era a única herdeira de João Fernandes Pacheco, de 21 de Maio de 1591; e certidão do Juízo do Cível informando que Duarte Pacheco Pereira se habilitara como o único filho de D. Guiomar de Meneses e Luís Ferreira Furtado de Mendonça, de 7 de Junho de 1600, ambos os documentos trasladados por Mateus Ferreira da Costa, tabelião público em Lisboa, nas casas de Luís Ferreira Furtado de Mendonça, a 27 de Outubro de 1611. Cf. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fls. 482-486.

[231] Cf. Apêndice Documental, Docs. 24 e 34.

momdragam que tomou a nao Da india ao capittão Job queimado com toda a fazenda que trazia»[232], precedendo um conjunto de cartas em latim que D. Manuel I «esCreueo ao padre sancto E ao Rei de inglaterra e de França, E ao grão mestre e prinçepe E Duque De ueneza E ao De saBoya»[233]. Aduzem-se ainda seis regimentos de capitão-mor[234] e mais de «uinte E huma cartas D el Rei em que por algumas o mandaua Em seu seruiço como por outras lhe daua os agardecimentos dos que lhe fazia e tinha feitos tratando o nelas com aquela comfiança que De tal capittão se esperaua»[235]. Não bastando estes serviços, acrescentaram-se ainda certidões respeitantes a um dos outros filhos de Duarte Pacheco Pereira, Jerónimo Pacheco Pereira, que tombou em combate em Tânger, ao servir uma comenda nova, em 1552[236]. O bisneto Duarte Pacheco Pereira explicou ainda na sua petição como sua mãe, D. Guiomar de Meneses, por todos esses serviços apenas fora respondida com 30 000 reais de tença em cada ano. Ora, tendo sua mãe falecido poucos anos depois, e não logrando mais de três anos de tença, com um custo para a Fazenda Real de apenas 90 000 reais, a que se acrescentariam mais 20 000 reais, que sua bisavó, D. Antónia de Albuquerque, recebera de mercê no tesoureiro António de Teive, o bisneto sublinhou como todo o património de serviços de seu bisavô deveria render muito mais[237]. Não inovando na retórica peticionária, afiançou ser pobre, sem outros proventos de que vivesse, salvo as mercês que o rei lhe viesse a outorgar pelos ditos serviços, levando em consideração a sua qualidade. De facto, seu pai era o segundo na linha de sucessão de Rui Ferreira Furtado de Mendonça e as perspectivas não eram, assim, muito luzidias. Duarte Pacheco Pereira pediu uma comenda de 2000 cruzados e, não havendo vaga, de outro tanto de tença até ser provido nela «com Effeitto pellos Dittos seruiços que estão oie uiuos na memoria de todos sem auer Delles satisfação». Para o bisneto, o cargo de escrivão da feitoria de Arguim dada a Pero Pacheco, a tença régia concedida a D. Antónia de Albuquerque, a tença de João Fernandes, a comenda do Banho e uma viagem da Índia a seu avô, não eram ainda a materialização suficiente do valor ímpar dos serviços de seu bisavô à Coroa[238].

---

[232] Cf. Apêndice Documental, Doc. 2.

[233] Cf. Apêndice Documental, Docs. 8-14.

[234] Que incluem alguns relacionados com a captura de Mondragón. Cf. Apêndice Documental, Docs. 2, 4-5, 15, 22 e 27.

[235] São 22 cartas. Cf. Apêndice Documental, Docs. 1, 3, 6-7, 16-21, 23, 25-26, 29-33, 35-38.

[236] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fls. 539-539v.

[237] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fl. 481.

[238] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fls. 481-481v. A finalizar o processo, consta uma primeira certidão do Registo de Mercês, de 14 de Maio de 1600, incidindo sobre as tenças régias concedidas a D. Antónia de Albuquerque em 1560 e a D. Guiomar de Meneses em 1592-1593, ao passo que a segunda certidão, de 31 de Dezembro de 1603, regista o filhamento de Duarte Pacheco Pereira como moço fidalgo a 28 de Novembro de 1602. Cf. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fls. 540-541.

Todas as cartas e regimentos de D. Manuel I guardados por Duarte Pacheco Pereira contêm diversos apontamentos no verso, alguns evidentemente do navegador, assinalando ocasionalmente a data ou o local em que recebeu esses documentos, mas outras mãos se encontram sistematicamente nessas cartas e regimentos. Destaque-se a letra que nas transcrições do Apêndice Documental designámos «Letra B». A informação registada por essa mão consubstancia resumos relativamente precisos de cada documento, com a respectiva data, cujo objectivo é organizar internamente a informação e facilitar o trabalho de avaliação dos funcionários régios encarregues da sua apreciação, bem como conduzir o pensamento destes por via da adjectivação contida nesses sumários. Como a letra do peticionário Duarte Pacheco Pereira é muito diferente desta, cremos que poderá ser a letra de seu pai, que terá redigido esses sumários provavelmente aquando da primeira apresentação dos documentos por sua mulher[239].

As últimas certidões a serem apensas ao processo em que a família requereu a recompensa dos serviços de Duarte Pacheco Pereira têm a data de 27 de Outubro de 1611. O processo foi depois remetido para avaliação na Secretaria das Mercês. A resposta foi expedita. A 17 de Fevereiro de 1612, D. Filipe II decidiu, «avendo Respeito aos serujços grandes e estremados serujços que duarte pachequo pereira que foy fidalgo fez nas partes da jndia a Coroa destes Rejnos e aos de seu filho João fernandez pachequo e pertençer a aução delles a duarte pachequo pereira fidalgo de mjnha casa por mejo de sua may dona gujomar de meneses a quem pertencjão por ser filha do dito joão fernandez e neta do dito duarte pachequo e erdeira vnjuersal de ambos», nomear Duarte Pacheco Pereira capitão da fortaleza de Diu, pelo tempo costumeiro de três anos, na vagante dos providos antes dessa data, contanto que embarcasse para a Índia em 1613. O ordenado seria de 600 000 reais por ano, além dos demais próis e percalços associados ao exercício do posto. Afinal de contas, essa fortaleza era uma das mais apetecíveis, pois controlava as rotas comerciais para a costa de Melinde, estreito de Meca e enseada de Cambaia. Adicionalmente, o capitão de Diu podia enviar os seus patachos carregados de algodão a Melinde, bem como comerciar ouro e marfim em Cananor, para lá da enriquecedora venda de cartazes para as embarcações destinadas ao mar Vermelho[240].

Duarte Pacheco Pereira pediu uma comenda de 2000 cruzados e recebeu uma posição numa longa lista de espera para um dos mais desejados postos na Ásia. O busílis destas nomeações consistia na reduzida possibilidade de

---

[239] O sumário da certidão dos serviços de Jerónimo Pacheco Pereira, da mão de Luís Ferreira, tem uma emenda da mão de seu filho Duarte. Cf. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fl. 539.

[240] A carta foi expedida da chancelaria a 15 de Março de 1613. Cf. ANTT, *Chancelaria de D. Filipe II, Doações*, Liv. 32, fl. 61; Maria Manuela Sobral Blanco, *Relação de todo o dinheiro que se fez na venda dos cargos e fortalezas que se venderão por ordem de Sua Magestade neste Estado da India (1639), feita por Gregório de Pinna: Documento inédito com um estudo histórico*, tese complementar de doutoramento, Lisboa, FLUL, 1992, pp. 14-15.

realmente as cumprir, tendo em vista quer as listas de anteriores nomeados com precedência, quer a mortalidade que sobrevinha àqueles que atravessavam os oceanos para chegar à Índia, onde poderiam aguardar pelo provimento durante décadas em perigosos palcos de combate, quer ainda a possibilidade de ocorrerem cessões e vendas dos cargos, se a nomeação contivesse tal licença régia, alterando a ordem das listas de provimento. Contudo, apesar da crescente dificuldade de resposta da monarquia hispânica, a perspectiva de obtenção de recompensas régias continuava a motivar os oficiais e servidores da Coroa[241].

Durante o reinado de D. Filipe II contaram-se 24 cartas de mercê da capitania da praça de Diu[242] com data de vacatura anterior à de Duarte Pacheco Pereira, algumas recuando à década de 1580[243]. Já no reinado de D. Filipe III, foram pelo menos dois os agraciados que obtiveram datas de vacatura anteriores à de Duarte Pacheco Pereira[244]. Assim, a flutuação da lista de pessoas a prover era constante e agravada pela possibilidade de transmissão hereditária dos postos, se a graça régia assim o permitisse. Para

---

[241] A primeira venda de geral de cargos para acudir às necessidades financeiras do Estado da Índia ocorreu em 1615-1616 e a segunda em 1653, preterindo os que meritoriamente aguardavam nas longas listas para tomar posse dos cargos em favor dos abonados que os compraram. Vendas ocasionais podiam ocorrer quando um oficial morria antes de terminar o seu triénio, sendo esse período em falta dado a quem por ele mais dinheiro desse: em 1634, Fernão de Miranda comprou por dez contos (35 000 xerafins) a capitania de Diu, após o falecimento de Francisco da Silveira de Meneses. M. M. S. Blanco, op. cit., pp. 1-4, 25. Cf. F. Olival, «Mercês, serviços e circuitos documentais no Império Português», in Maria Emília Madeira Santos e Manuel Lobato (coord.), *O domínio da distância*, Lisboa, IICT, 2006, p. 64; F. Olival, «Mercado de hábitos e serviços em Portugal (séculos xvii-xviii)», *Análise Social*, Vol. XXXVIII, 2003, pp. 743-769.

[242] Segundo os registos disponíveis nas chancelarias régias, contabilizaram-se 11 nomeações para a capitania de Diu no reinado de D. João III, dez no de D. Sebastião, 20 no de D. Filipe I, 30 no de D. Filipe II e 21 no de D. Filipe III. Cf. Luís Fernando de Carvalho Dias, «O Ultramar Português nas Chancelarias Régias (D. Manuel I à Restauração)», *Anais. Estudos de História da Geografia da Expansão Portuguesa*, Vol. XI, Tomo I, 1956, pp. 78, 132, 153, 172-173, 203.

[243] ANTT, *Chancelaria de D. Filipe II, Doações*, Liv. 6, fls. 186, 220v; Liv. 7, fl. 117v; Liv. 10, fls. 122v, 126, 213, 320v; Liv. 12, fls. 33, 200; Liv. 14, fls. 107v, 138, 187, 328v; Liv. 16, fls. 121v, 183, 185-185v; Liv. 17, fl. 117; Liv. 18, fl. 262; Liv. 20, fl. 314v; Liv. 23, fls. 130, 168v, 251v; Liv. 29, fl. 67v; Liv. 32, fls. 11v, 53v.

[244] D. Francisco de Lima renunciou a 28 de Junho de 1622 a sua vacatura em António de Moura (ANTT, *Chancelaria de D. Filipe III, Doações*, Liv. 9, fl. 159), a quem encontrámos efectivamente servindo a capitania em 1626, após um conflito de precedências com António Teles, que tinha comprado a capitania a D. Miguel de Almeida com licença do vice-rei e apenas serviria em 1627. Cf. Artur Teodoro de MATOS (dir.), *Documentos Remetidos da Índia ou Livros das Monções* (*1625-1627),* Vol. I, Lisboa, CNCDP, 2000, pp. 59, 107, 169, 374. Domingos da Câmara de Noronha foi agraciado em 1628 com a capitania na vagante dos providos antes de 9 de Março de 1606 (ANTT, *Chancelaria de D. Filipe III, Doações*, Liv. 22, fl. 178v): encontramo-lo em 1636 na Índia, interpondo recurso nos tribunais contra a decisão do conde de Linhares, vice-rei da Índia, de nomear o claveiro Francisco da Silveira à sua frente, que comprara a capitania por espaço de dois anos, após a destituição de Fernão de Miranda. Cf. ANTT, *Documentos Remetidos da Índia*, Liv. 36, fl. 119, Carta de D. Filipe III ao vice-rei da Índia Pero da Silva, 11 de Fevereiro de 1636; M. M. S. Blanco, op. cit., pp. 4 e 25.

se ter uma noção do tempo envolvido e de como um agraciado poderia não servir em sua vida o posto, veja-se o caso de Miguel de Sousa Pimentel, que recebeu a capitania de Diu a 2 de Fevereiro de 1603 na vagante dos providos de 11 de Julho de 1601. Um averbamento na Chancelaria indica, a 8 de Fevereiro de 1686, na mesma vagante de 1601, que a mercê passara a sua neta D. Inês de Castro, o posto pertencendo à pessoa que com ela se casasse[245].

Duarte Pacheco Pereira não rumou à Ásia nesse ano, tendo provavelmente obtido licença régia com vista à prorrogação do prazo da viagem. Documentamo-lo na armada comandada por D. Manuel Coutinho que saiu de Lisboa a 10 de Abril de 1614 e em que seu pai, Luís Ferreira Furtado de Mendonça, era capitão de uma das naus, a *São Boaventura*. Funesta seria essa jornada, pois seu pai adoeceu fatalmente na costa da Guiné, fazendo de Duarte Pacheco Pereira órfão, na chegada à Índia[246].

A documentação disponível para o período refere como a Coroa considerava crucial que as fortalezas de Diu, Malaca, Mascate e Moçambique recebessem capitães experimentados, o que não era o caso de Duarte Pacheco Pereira, que à data tinha apenas 15 ou 16 anos. A venda das nomeações ou a cedência de direitos a parentes era comum e proporcional à dimensão dos litígios judiciais sobre as intrâncias nas capitanias, o que dificultava a tarefa dos responsáveis pela governação da Índia de assegurar que nas praças servissem os que melhor defendessem os interesses régios[247]. Além disso, muitos renunciavam às mercês na Índia, quer porque considerassem que a graça não se adequava aos serviços que tinham feito à Coroa e apresentassem nova petição, quer porque, entretanto, tivessem outras fontes de rendimento que não envolviam o risco associado ao exercício de um posto belicoso nas fronteiras do Estado. Outros motivos de ordem pessoal poderiam ainda ser aduzidos para a renúncia a dada mercê. Além disso, era necessário

---

[245] ANTT, *Chancelaria de D. Filipe II, Doações*, Liv. 10, fl. 213.

[246] Auferia então Duarte Pacheco Pereira 1000 reais de moradia por mês. Cf. BNP, *Colecção Pombalina*, 123, fl. 382 (Ementa dos moradores da Casa Real que seguiram para a Índia nos séculos XVI-XVII); M. H. MALDONADO, op. cit., pp. 125-126; António BOCARRO, *Decada 13 da Historia da India*, Parte I, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1876, pp. 324-325, 367; R. A. B. PATO, *Documentos Remettidos da India ou Livros das Monções*, Tomo III, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1885, p. 32.

[247] Em 1630, falecendo o capitão Rui Dias de Sampaio, foi dada posse da capitania pelo conde de Linhares a D. Pedro Mascarenhas e não a Francisco da Silva de Meneses, que tinha precedência, porque a ameaça holandesa assim o exigia, por ser este demasiado moço e de pouca experiência. Contudo, após recurso judicial, Meneses seria empossado pelo vice-rei, para desagrado de D. Filipe III (ANTT, *Documentos Remetidos da Índia*, Liv. 30, fl. 29, Carta de D. Filipe III ao vice-rei da Índia D. Miguel de Noronha, 3 de Março de 1632). O conde aceitou a repreensão mas pretendia que o monarca emitisse uma lei mais clara que fosse registada nos tribunais e lhe permitisse obstar à intrância de indivíduos que julgasse incompetentes para servir em tais postos, mas D. Filipe III não o satisfez, declarando que lhe bastava a sua prerrogativa de confirmação ou não de tais provimentos. Na realidade, tal decisão poderia pôr em causa um dos pilares da economia da mercê, pois sujeitaria a graça régia à arbitrariedade e «paixões» do vice-rei da Índia (ANTT, *Documentos Remetidos da Índia*, Liv. 31, fl. 99, Carta de D. Filipe III ao vice-rei da Índia D. Miguel de Noronha, 10 de Dezembro de 1633).

que o agraciado tivesse, de facto, partido para a Índia e se encontrasse disponível para exercer o posto quando a sua hora chegasse[248]. O que sabemos é que Duarte Pacheco Pereira nunca chegou a exercer o posto. Contudo, a honra de ter sido despachado com tal mercê era algo prezado, tanto que foi inscrita na sua lápide sepulcral em Goa.

Duarte Pacheco Pereira casou-se, entretanto, com D. Maria de Lima, filha de Duarte Brandão de Lima e D. Beatriz de Sousa, recebendo por dote duas aldeias na ilha de Salcete. Desse casamento, na Índia, resultou uma filha, D. Beatriz Pacheca, que iria consorciar-se com um D. Francisco Coutinho[249].

A passagem de Duarte Pacheco Pereira pela Índia não deixou muito rasto na documentação oficial e apenas o detectámos ao serviço do rei no início de 1616, acompanhando a D. Bernardo de Noronha, capitão-mor do Malabar, na carga de madeira, pimenta e mantimentos para a cidade de Goa[250].

Entretanto, em 1619, por morte do tio, Rui Ferreira Furtado de Mendonça[251], Duarte Pacheco Pereira herdou os morgados que aquele administrava. Contudo, como residia na Índia, teve de chegar a um acordo com a tia, a viúva D. Juliana Pereira, que desistiu das benfeitorias realizadas na Quinta de Argemil, avaliadas em 5000 cruzados, e o dote e arras prometidas por seu marido Rui Ferreira, mas recebeu em troca os caídos de todos os anos que granjeara do morgado desde a morte do marido até 1622, continuando a residir na quinta em sua vida. Os rendimentos dos morgados, cerca de 600 000 reais por ano, passaram a ser geridos pelos procuradores de Duarte Pacheco Pereira, que lhe enviavam o dinheiro de que precisava para a Índia[252].

Duarte Pacheco Pereira faleceu em Goa, a 19 de Outubro de 1635, já viúvo, depois de testar. Sendo irmão da Santa Casa da Misericórdia de Goa, fez ingressar no Mosteiro do Recolhimento de Nossa Senhora da Serra[253] a

---

[248] Vejam-se as muitas renúncias lavradas no verso das cartas régias enviadas ao vice-rei ou governador da Índia que continham as listas dos nomeados na Índia para as décadas de 1620 a 1640. Cf. ANTT, *Documentos Remetidos da Índia*, Liv. 62, *passim*.

[249] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fls. 265-269v, Testamento de Duarte Pacheco Pereira, 19 de Outubro de 1635; cf. M. J. C. F. Gayo, op. cit., Vol. I, p. 170.

[250] A. Bocarro, op. cit., Parte II, p. 469.

[251] Que, sendo casado com D. Juliana Pereira, não teve filhos legítimos, apesar de uma numerosa prole de ilegítimos. Legou a sucessão dos morgados ao sobrinho em testamento lavrado a 19 de Dezembro de 1618. Cf. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fls. 227-231; C. A. Morais, op. cit., Tomo IV, Vol. 2, p. 108.

[252] ANTT, *Chancelaria de D. Filipe III*, *Doações*, Liv. 15, fl. 280v; BNP, *AALB*, *Encarnação*, Pac. 17, n.º 94, 1.ª capilha, doc. s. n.º, Instrumento de composição, transacção e amigável concórdia e desistimento de demandas entre Francisco Ferreira Furtado de Mendonça e D. Juliana Pereira, 8 de Agosto de 1637. Por exemplo, em Fevereiro de 1636, frei Jerónimo de Azevedo, abade do Mosteiro de Paço de Sousa, e Pero Carvalho, estante na Quinta de Canidelo, entregaram 120 000 reais dos rendimentos dos morgados de Argemil, Canidelo, Alvite e Fajozes a João de Almada de Melo, fidalgo da Casa Real e morador em Lisboa, para os enviar para a Índia, segundo instruções previamente expedidas de Baçaim por Duarte Pacheco Pereira a 15 de Janeiro de 1634 (*Idem*, *Av. Roma*, Pac. 108, n.º 169, doc. s. n.º).

[253] O Recolhimento, ligado à Igreja de Nossa Senhora da Serra, foi fundado sob a égide de D. Frei Aleixo de Meneses, para serem ali instruídas e educadas as órfãs nobres. Sob admi-

sua única filha, D. Beatriz Pacheca, a quem constituiu herdeira universal, mas que também faleceu pouco tempo depois[254]. Seu genro, D. Francisco Coutinho, mandou fazer uma campa para o sogro onde foi lavrada uma inscrição panegírica e alusiva, não só a um dos morgados que titulava, mas também à mercê que recebera da capitania de Diu, que não gozara, e que lhe fora atribuída em virtude dos méritos de seu bisavô[255].

Sem ainda saber do falecimento de seu meio-irmão nas paragens asiáticas, Francisco Ferreira Furtado de Mendonça iniciou uma petição junto da Coroa, arguindo que, embora fosse fidalgo honrado e sempre pronto a servir nas armadas, não tinha com que se sustentar, enquanto Duarte Pacheco Pereira se encontrava na Índia, «muito rico e despachado com a fortaleza de Diu», possuindo morgados na comarca do Porto e Barcelos que lhe rendiam 600 000 reais por ano. O rei permitiu, a 6 de Setembro de 1636, que, face à anuência dos procuradores de Duarte Pacheco, lhe fossem adstritos 50 000 reais dessas rendas por um período máximo de três anos[256].

Contudo, Francisco Ferreira não esperou muito tempo até a sua situação se reverter. Em Agosto de 1637, a notícia da morte do meio-irmão já era conhecida em Argemil. Como o seu meio-irmão teve apenas uma filha, D. Beatriz, que faleceu logo a seguir ao pai e sem geração, e sendo o morgado de sucessão masculina, Francisco Ferreira, filho do segundo casamento de seu pai, tomou posse dos morgados da família a 30 de Março de 1638[257].

Note-se que Francisco Ferreira fora filhado como moço fidalgo da Casa Real a 8 de Fevereiro de 1624, prometendo então ir à Índia nesse ano. Contudo, ficou no reino, tanto nessa ocasião como em 1627, ano em que obteve prorrogação da viagem. Afiançou novamente ir em 1628, mas não sabemos se concretizou tal viagem. Estes dados contradizem, aparentemente, a argumentação da petição que apresentou ao rei oito anos depois, como expusemos atrás. Francisco Ferreira casou-se por volta de 1641 com

---

nistração da Santa Casa da Misericórdia de Goa, depois de temporariamente instalado no Convento da Graça, foi mudado para novas instalações a 2 de Julho de 1605, e, mais tarde, albergaria também viúvas, mulheres, filhas e sobrinhas daqueles que tivessem de partir de Goa em incursões militares em paragens longínquas. Cf. Carla Alferes Pinto, «Notas para o estudo do mecenato de D. Frei Aleixo de Meneses: os Recolhimentos da Misericórdia em Goa», *Anais de História de Além-Mar*, VII, 2006, pp. 295-306; Timothy J. Coates, *Degredados e Órfãs: colonização dirigida pela coroa no império português. 1550-1755*, Lisboa, CNCDP, 1998, pp. 236-243.

254 BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fls. 265-266, cf. nota 249.

255 Dizia: «Sepultura de Duarte Pacheco Pereira Morgado de Fajozes que foi despachado com a fortaleza de Dio por Sua Magestade em memoria das façanhas do grande Duarte Pacheco Pereira seu bisavô.» Cf. Ricardo Michael Telles, «Brasões e epitáfios do Museu de S. Francisco de Assis», *O Oriente Português*, Vol. 30, n.os 12-13, 1936, p. 277.

256 Dentro do qual período citaria o irmão por via ordinária para lhos dar. ANTT, *Chancelaria de D. Filipe III, Doações*, Liv. 40, fls. 81-81v.

257 BNP, *AALB*, *Encarnação*, Pac. 17, n.º 94, 5.ª capilha, doc. s. n.º, *olim* Mç. 88, n.º 4, Instrumento de Justificação de Francisco Ferreira Furtado de Mendonça nos morgados de Duarte Pacheco Pereira, 30 de Janeiro de 1638. M. J. C. F. Gayo, op. cit., Vol. I, pp. 539, 563, 608-609.

D. Maria de Mendonça, filha de Gaspar dos Reis Dantas e D. Leonor Correia de Mendonça[258].

O processo de solicitação de remuneração de serviços à Coroa recomeçou algumas décadas depois, pela última vez, nesta família, e com desfecho desconhecido. A 20 de Dezembro de 1647, Francisco Ferreira Furtado de Mendonça solicitou uma certidão dos serviços de Duarte Pacheco Pereira, seu meio-irmão, bem como dos de Pero Furtado de Mendonça[259] e Estêvão Furtado de Mendonça[260], seus irmãos inteiros, entretanto finados, que tinham ido servir para a Índia em 1624. Só temos dados sobre o custo dessa certidão e não sobre o seu conteúdo, não tendo sido encontrada na Chancelaria de D. João IV qualquer carta de mercê outorgada a Francisco Ferreira em resposta a tal eventual solicitação de remuneração de mercês[261].

Francisco Ferreira Furtado de Mendonça veio a falecer em 1653, deixando órfão seu filho, Luís Carlos, com cerca de sete anos, pois a mãe sucumbira, dois anos antes, a um surto de bexigas[262].

Luís Carlos Furtado de Mendonça Dantas não deixou geração legítima[263], sucedendo-lhe sua irmã D. Francisca Luísa Ferreira Furtado de Mendonça[264], que se casou com D. João Manuel de Meneses, terceiro filho de D. Afonso de Meneses, senhor de Ponte da Barca, o qual tomou posse dos morgados por ser cabeça de sua mulher, não havendo, aparentemente, nenhum parente de sua mulher disposto ou capaz de contestar judicialmente a sucessão. Umas gerações mais tarde, corria o ano de 1772, a mulher de D. Tristão de Meneses, vedor da Casa da Rainha e senhor de Ponte da Barca, D. Mariana Luísa de Meneses, bisneta de D. Francisca Luísa de Mendonça, ordenou a encadernação, em bojudos volumes, dos papéis mais importantes

---

[258] D. Leonor Correia fez testamento a 7 de Janeiro de 1644, já viúva de Gaspar dos Reis Dantas, em que menciona ter dotado seu genro Francisco Ferreira Furtado de Mendonça para se casar com a filha D. Maria de Mendonça na quantia de 15 000 cruzados. Faleceu em Janeiro de 1645. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Testamentos, fls. 189v-191; BNP, *Av. Roma*, Pac. 111, n.º 176, Livro de Razão de Francisco Ferreira Furtado, fl. 94v.

[259] Recebeu da Coroa 30 000 reais de ajudas de custo para a viagem, uma prática comum para fomentar a partida de homens válidos para a Ásia. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fls. 431-431v, Certidão do Registo de Mercês, 18 de Junho de 1640; *Colecção Pombalina*, 123, fl. 416; cf. M. S. Cunha, art. cit., p. 38.

[260] Em 1624, após nele terem renunciado mãe e irmãos sua parte na «aução» de seu pai, requereu uma mercê pelos serviços dele, recebendo uma tença anual de 20 000 reais pagos na Índia e o hábito da Ordem de Cristo, uma vez que seguiria nesse ano para lá. BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fl. 430, Despacho de Rui Dias de Meneses, 10 de Março de 1625.

[261] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 106, n.º 65, 5.ª capilha, doc. s. n.º, Custos da certidão requerida por Francisco Ferreira Furtado respeitante aos serviços de seus três irmãos, 20 de Dezembro de 1647.

[262] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 111, n.º 176, Livro de Razão de Francisco Ferreira Furtado, fl. 94v; *Colecção Pombalina*, 123, fl. 416.

[263] Apenas um bastardo homónimo (BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 58, Livro de Mercês, fl. 437; C. A. Morais, op. cit., Tomo IV, Vol. 2, p. 108).

[264] BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Pac. 111, n.º 176, Livro de Razão de Francisco Ferreira Furtado, fls. 91v-92.

respeitantes a todas as famílias cujas vidas tinham confluído naquela casa, finalizando assim a sua vida útil e convertendo-os definitivamente em peças de «memória-arquivo» dos quais a família se apropriou, sabendo preservá--los e reutilizá-los de acordo com as diferentes circunstâncias políticas. Para lá da simples materialidade, era desta forma reconhecido o poder político e simbólico dos documentos[265].

Podemos, em conclusão, resumir sucintamente as estratégias de interacção social dos principais elementos das gerações que sucederam ao navegador Duarte Pacheco Pereira. João Fernandes Pacheco, após o falecimento dos demais irmãos, optou por, em primeiro lugar, servir no Norte de África, provavelmente no âmbito de uma comenda nova. Mais tarde, casou-se na fidalguia, na família dos Eças, em que corria o sangue real, ainda que contra a vontade dos sogros. Após assegurar descendência, zarpou para a Índia para granjear mais honra e serviços durante quatro anos. Contudo, arriscou muito ao viajar apenas com uma filha recém-nascida, dada a elevada taxa de mortalidade infantil da época, aumentando assim as possibilidades de extinção da sua linhagem, muito embora se deva levar em consideração que seu irmão Jerónimo ainda vivia[266]. Foi com o adultério de sua mulher que João Fernandes enriqueceu, tendo, por via judicial, conseguido obter avultadas quantias e bens imóveis da família dos Eças, dado que a mulher era a única herdeira deles. Por volta de 1556, João Fernandes recebeu, graças aos seus serviços, mas também aos de seu pai, uma comenda nova, que, juntamente com os bens que herdara de sua falecida mãe e os que obtivera dos Eças, tornou o seu património assinalável. O falecimento em tenra idade da sua única filha fez perigar a transmissão, não somente dos bens acumulados, mas também do elevado valor, simbólico e simultaneamente tangível, dos serviços de Duarte Pacheco Pereira, pois por essa altura seu irmão, Jerónimo Pacheco Pereira, tinha já tombado em Tânger.

A legitimação de duas filhas de João Fernandes fruto de uma relação extraconjugal relançou as esperanças de perpetuação do nome da família e da continuidade da linhagem. Falecendo uma, a sobrevivente, D. Guiomar, concentrou em si as riquezas da família, e foi inicialmente confiada pelo pai a um mosteiro, com um generoso dote a ser devolvido quando se casasse, o que de facto veio a suceder. D. Guiomar entrou na família dos Ferreiras Furtados de Mendonças, senhores de vários morgados na zona do Porto e

---

[265] Divididos em quatro grandes apartados temáticos – «Mercês», «Testamentos», «Inventários e Partilhas», e «Escrituras, Dotes e Doações» –, esses volumes ocultam um precioso manancial de informação concernente aos membros das famílias que, ao longo de séculos, vieram a entroncar na Casa nesse tempo (BNP, *AALB*, *Av. Roma*, Cxs. 58, 58-A, 59, 59-A, 60 e 60-A): P. Pinto, op. cit. Como salienta Randolph Head, «The deployment of documents in political life also depended critically on how the storage of documents was organized, because archival management (...) transformed "documents" into acessible "records"»: cf. Randolph Head, «Knowing Like a State: The Transformation of Political Knowledge in Swiss Archives, 1450-1770», *The Journal of Modern History*, Vol. 75, n.º 4, 2003, p. 749.

[266] Cf. M. S. Cunha, art. cit., pp. 37, 43.

Barcelos, por via do casamento, em 1597, com o filho do tutor que seu pai nomeara para si, Luís Ferreira Furtado de Mendonça. O casamento estaria acertado há muito, pois o pai de D. Guiomar, João Fernandes Pacheco, cedera a Luís Ferreira uma viagem da Carreira da Índia em 1579. Herdeira da «aução» de Duarte Pacheco Pereira, D. Guiomar recebeu uma tença de 30 000 reais por ano, mas a sua morte prematura, em 1600, não permitiu grande acumulação de riqueza.

O único filho deste casamento, Francisco Pacheco de Mendonça, crismado com o nome de Duarte Pacheco Pereira, com evidentes propósitos estratégicos, foi então a esperança de seu pai para obter uma remuneração mais adequada ao valor dos serviços do *Aquiles Lusitano*. Luís Ferreira não era o primeiro na linha de sucessão dos morgados da família, por isso, para além de preparar o futuro de seu filho ao organizar a documentação necessária relativa ao seu homónimo bisavô, para que quando a idade apropriada chegasse seu filho pudesse dela tirar dividendos, também serviu por várias vezes em armadas ao serviço da Coroa, até que obteve a confirmação régia da capitania de uma nau da Carreira da Índia em 1612. Funestamente, em 1613 a sua nau teve de regressar a Lisboa. Como filho segundogénito, Luís Ferreira enveredou pelo serviço da Coroa na Índia, como faria o seu filho. Quando embarcou novamente, em 1614, acompanhado de seu filho, que conseguira obter uma nova remuneração decorrente do valor dos serviços de Duarte Pacheco Pereira prestados no reinado de D. Manuel I, faleceu ao cruzar o golfo da Guiné[267].

Agora órfão de pai e mãe, Duarte Pacheco Pereira foi agraciado pelas leis biológicas da natureza, pois seu tio, Rui Ferreira, senhor de quatro morgados, não conseguiu assegurar descendência legítima, criando uma inesperada inflexão na lógica sucessória. Em 1619, Duarte Pacheco Pereira não só era o herdeiro em linha directa da honra, fama e proveito de seu bisavô, como auferia um rendimento de 600 000 reais por ano, proveniente dos morgados que herdara. Porém, a sucessão nos morgados dependia da necessidade imperiosa de produzir descendência masculina. Duarte Pacheco Pereira teve apenas uma filha, que também não deixou descendência, e a administração dos morgados passou a um seu meio-irmão, Francisco Ferreira Furtado de Mendonça.

Francisco Ferreira permaneceu no reino, aparentemente protegendo-se dos imponderáveis perigos associados à jornada para a Índia, até porque já tinha para lá visto partir, e morrer, os seus dois irmãos inteiros e o meio-irmão, para além de sua sobrinha. Essa decisão, consciente ou não, reverteu a seu favor, em termos de uma lógica de acumulação de bens, perpetuação

---

[267] Cf. M. S. Cunha, art. cit., pp. 38, 40. Sobre o sucesso destas armadas de 1613 e 1614, cf. Alexandre Monteiro, *O naufrágio da nau da Carreira da Índia Nossa Senhora da Luz (1615): caracterização histórico-arqueológica, Relatório de prospecção*, Horta, Instituto Português de Arqueologia/Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática, 1999.

da Casa e benefícios advindos das «auções» dos parentes mortos na Índia, sobremaneira exemplificados no morgado que herdou de seu meio-irmão.

Se, depois da Restauração, não mais foi invocada no âmbito da economia de mercê, a memória dos serviços do *Aquiles Lusitano* foi cuidadosamente preservada pelas gerações e linhagens sucessivas. O intrínseco valor dessa «memória-arquivo», consubstanciada na documentação que aqui se analisou, foi crucial para a união da descendência de Duarte Pacheco Pereira aos Ferreiras Furtados de Mendonças. Estes, senhores dos morgados de Argemil, Fajozes, Alvite e Canidelo, seriam mais tarde agregados por casamento à Casa de Ponte da Barca, na segunda metade do século XVII, e mais tarde, no início do século XIX, à Casa da Feira da segunda titulatura. Por fim, e por falta de descendência masculina do conde da Feira, a administração dos morgados passou a sua irmã, que, por via do seu enlace com o visconde de Vila Nova de Souto de El-Rei, levou para esta Casa todo esse património. Tanto a Casa de Ponte da Barca, como a da Feira e, finalmente, a Casa de Vila Nova de Souto de El-Rei se viram assim representantes e beneficiárias, por diferentes períodos de tempo, de um «capital de memórias e serviços que originalmente não lhe pertenciam» e consubstanciados nos rendimentos associados aos referidos morgados[268].

[268] Cf. M. S. CUNHA, art. cit., p. 49.

APÊNDICE DOCUMENTAL [269]

Doc. 1

Évora, 03/01/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 519-519v

duarte pachequo Nos el Rey vos emujamos mujto saudar

vymos a carta que nos emujastes,. ssobre a naão de graujell afomso[270] pareçe nos bem o que em ela nos sprevestes e agardecemos vo lo e com esta emuyamos outra a JorJe de vascomcellos[271] que a faça logo fazer prestes,. e o majs que acerqua disso avemos por bem que se faça,. a elle o Requerey e compri lo ha

sprita em euora a iij duas de Janeiro andre pirez[272] a fez de 1509

a) Rey

a) dom antonio[273]

Reposta a duarte pachequo,/[fl. 519v]

Por el Rey

A duarte pachequo, fidalguo de sua cassa,.

[274]1509 a 3 de Janeiro

---

[269] Seguimos os critérios de transcrição da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, exceptuando a assinalação do desenvolvimento de abreviaturas (João José Alves Dias, A. H. de Oliveira Marques e Teresa F. Rodrigues, *Álbum de Paleografia,* Lisboa, Editorial Estampa, 1987).

[270] Conhecido também como mestre Gabriel Afonso, envolvido no tráfego marítimo desde finais do século XV. Em 1496, trabalhava para os irmãos Lomellini, levando uma caravela da Madeira a Quios. Em 1501, circulava com uma nau entre o reino e o Norte de África. Cf. Vitorino Magalhães Godinho, *Os Descobrimentos e a economia mundial*, 2.ª ed., Vol. IV, Lisboa, Presença, 1982, p. 86; ANTT, *Corpo Cronológico*, I-3-44.

[271] Era fidalgo da Casa Real, provedor da construção e aviamento das naus e navios do trato da Guiné e Índia, nomeado a 27 de Novembro de 1501 (ANTT, *Chancelaria de D. Manuel*, Liv. 1, fl. 64v). Para a sua actuação, cf. J. V. A. Pissarra, op. cit., pp. 217-223. Exerceu o cargo até à morte, em 1525. Cf. A. B. Freire, *Vida e Obras de Gil Vicente «Trovador, Mestre da Balança»*, Lisboa, Edição da Revista «Ocidente», 1944, pp. 143-145.

[272] Escrivão de D. Manuel I, estava adstrito à Fazenda Real desde o final do reinado de D. João II, tendo transitado na década de 1510 para a escrivaninha da guarda-roupa do rei. A 26 de Abril de 1516, foi nomeado escrivão das moradias, sendo já cavaleiro da Casa Real. Em 1517, acumulou ainda o cargo de alcaide da Casa da Moeda e o de escrivão da fazenda da infanta D. Isabel. Continuou ao serviço de D. João III, nas funções de escrivão da câmara. Cf. Agostinho Ferreira Gambetta, «André Pires: seu mistério, sua vida e obras (1475-1549)», *Anais da Academia Portuguesa de História*, II Série, Vol. 21, 1972, pp. 261-288; ANTT, *Núcleo Antigo* 122, fl. 2; ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I, Doações,* Liv. 10, fl. 55v.

[273] D. António de Noronha, escrivão da puridade de D. Manuel I, irmão de D. Fernando de Meneses, marquês de Vila Real, primeiro conde de Linhares por mercê de D. João III em 1532. Cf. J. Aubin, «Vieille noblesse et temps nouveaux. Les amertumes du 2e Marquis de Vila Real», in *Le latin et l'astrolabe: études inédites sur le règne de D. Manuel 1495-1521*, III, Lisbonne-Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2006, pp. 61-101.

[274] Adição da mão A.

Doc. 2

Évora, 17/01/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 498-501v

[275]<Regimento de como foi duarte pacheco pereira por capitão mor da armada que el Rei mandou no seguimento do mondrgão [*sic*] que tomou a nao da jndia de Job queimado>

Nos el Rey fazeemos saber A vos duarte pacheco fidalguo de nossa casa que ora emviamos por capitam moõr d armada que emviamos comtra o cossairo que tomou o navio de yob queymado que este he o Regimeemto que vos mandamos que Cumpraees e gardees nesta viagem em que hys com a dita nossa armada em busca do dicto cosajro,,

Jtem porquamto aJmda ate agora nom he vimdo Recado do camjnho que fez o dito cosairo vos mandamos que tamto que em boõa ora fordes prestes., pera partir vos partãees e vos vades direitamemte ao cabo de sam viçemte honde pollos navios que hy achardes ou que hy vierem teer pareeçe que poderees aver nouas do dito cosairo E tomarees della toda emformaçam da Rota e caminho que faz se por allguũs dos ditos navios foy achado E achando por elles noua verdadeira do caminho que faz segirees vosa viagem em pos elle asy per alleuante como pera ponente pera quallquer das partes pera onde achardes que elle vay e trabalharees de o topar e topando farees toda vosa posebillidade de o tomar no que comfiamos de vos que nos servirees muuy beem e com todo esforço cujdado dilligençia peroo se antes de sayrdes de lixboa viese Recado do dito cosairo da paragem onde amda e caminho que faz pello Recado que disso vos deer esteuam vaãz[276] nosso feytor da casa das Jndias/[fl. 498v] e da mina farees vosso caminho em busca delle sem mais Jrdes demandar o dito cabo salluo se por hy ouuesees de neçesidade fazer voso caminho e em tall casso hindo por hy nom leixarees de saber hy delle Recado E se pella ventura partisees de llixboa sem Recado delle e depois de vosa partida viesse ser vos ha emviado ao cabo, onde avees d Jr como dito he,,.

Jtem por qualquer das partes por omde o dicto cosairo fordes buscar asy de ponemte como de lleuante corerees todollos portos pera saberdes se esta em allguũ delles nom lejxando nenhũ que por vos com a armada que leuaees ou por quallquer outra maneira que vos melhor pareçeer nom sseJa visto e corjdo nom vos detemdo

---

[275] Adição da mão B, provavelmente de Luís Ferreira Furtado de Mendonça, genro de João Fernandes Pacheco, filho de Duarte Pacheco Pereira.

[276] Cavaleiro da Casa real, foi secretário da embaixada que negociou o Tratado de Tordesilhas e outras matérias de interesse comum às duas Coroas ibéricas. Esteve antes em 1487 em Tânger, negociando o resgate do seu capitão, D. João de Meneses, e em 1488 recebeu a mercê de escrivão do tesouro e feitoria dos tratos e resgates da Guiné. A 3 de Julho de 1510, estava na corte castelhana, em Granada, diligenciando o provimento das praças marroquinas. Cf. Antonio Rumeu de Armas, «La Mision Diplomática del Secretario de Estado Estêvão Vaz em España Solicitando Aclaraciones y Rectificaciones a Los Tratados, Recien Firmados, de Tordesillas (1495)», in Maria do Rosário Themudo Barata *et al.* (org.), *Amar, Sentir e Viver a História: Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*, Vol. I, Lisboa, Edições Colibri, 1995, pp. 183-198; P. Pinto, «Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo», *Anais de História de Além-Mar*, XI, 2010, pp. 280, 299, 300; ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I, Doações,* Liv. 13, fl. 37v.

nysso mais tenpo que aquelle que de neçesidade nam poderdes escusar E se segumdo o Recado que do dito cosairo leuaseejs vos pareçese que nom era neçesareo corerdes os ditos portos e soomemte tirardes direito em sua busca segumdo o caminho que elle lleua fazee nisso o que mais proueitoso vos pareeçeer e que melhor seJa pera mais çedo o topardes E pera os ditos portos todos asy de lleuamte como de ponemte melhor saberdes tomarees hy na çidade emformaçam dos pillotos e mareamtes que os ssaybam assy de hũa parte como da outra pera Jrdes disso beem avissado e emformado,,.

Jteem em qualquer dos ditos portos onde emtrardes/[fl. 499] vos Mandamos que posto que o dicto cosario hy nom açhees Notefiquees as Justiças da tera como vos emviamos em busca do dito cosairo com nosa armada pollo dano e roubo que Nos fez no dicto nauyo E que vos mamdamos que o segaaees ate o achardes e tomardes E que lhe Requerees pella obrigaçam que teem a Justiça que vimdo hy ao tall porto ho prendam a elle e aos que com elle andam e lhe tomem a mercadarya que leuar e a ssocrestem e enbargem E nam comsemtam que na terra se lhe conpre cousa allguuma e que queem lha Conprar seJa obrigado a no lla Satisffazer e pagar fazendo Sobre yso todos E quaeesquer protestos e tomamdo diso os estormemtos que neçesareos foreem pera no llos trazerdes e com elles se fazer o que conprJr por nosso seruiço E achando o desarmado em cada huum dos ditos portos Requerees que ho premdam e vo llo entregeem e asy toda a fazenda que hy teueer assy da nossa que Roubou como qualquer outra sua de quallquer ssorte que sseJa e farees Açerqua deello todo o que neçesareo vos pareeçer E nom satisfazendo ao que lhe Requererdes farees vosos protestos em forma djujda pera com direito nos podermos satisfazer por aqueles Naturãees da terra omde se nom ssatisfezer a vossos Requerimemtos como per direito e Justiça ssam obrigados...

E pera que nisto melhor possãees aproveytar achamdo o dito cossairo em allguum porto aJnda armado ou Ja desarmado em terra vos damos lugar que possaees prometer e dar aos governadores e Justiças da terra se[277] vo llo emtregareem e assy toda nosa mercadarya ate myll cruzados,, cruzados [*sic*] E nam vos/[fl. 499v] entregando a mercadarya E entregando vos sua pessoa ssoomente lhe poderees dar por sua pessoa quinhemtos[278] Cruzados e ssobre as mercadaryas farees poreem vossos protestos como dicto he,,.

Jtem se pella ventura o dicto Cosairo achasees[279] em allguum porto aJmda armado e com todos seus navios., poher vos es em tall ordeem com vosa armada que elle se nom possa Sayr do dito porto Seem vos o tomardes E primeiro que outra Coussa façãees Mandarees Recado as Justiças e governadores da terra como ssoees noso capitam e hys em busca do dicto cossairo pollo Roubo e furto que lleua e que por o achardes no dicto porto vos nom quiserees lloguo trabalhar de ho tomar E que lhes Requerees que elles vos fauoreçam e deem todo fauor e aJuda pera ordenadamemte por Justiça o prenderdes e averdes todo o nosso que por nom quebramtardes seu porto lhe querees fazer primeiro o dicto Requirimemto, teemdo gramde avissamemto que emtramemtes o dito cosairo nom faça de sy nenhuma cousa E querendo elle ssayr sse do porto vos trabalharees de o tomar E assy seus naujos e nom vos ssatisfazemdo as ditas Justiças e governadores a vossos Requirimemtos como theudos e

---

277 Riscado: «m».

278 Em tinta diferente, escrito depois da primeira redacção do regimento.

279 Emendado. Riscou um «e».

obrigados sam per direito., em tall casso vos mandamos que pelleJees com o dicto cossairo deentro no tall porto E vos trabalhees de o tomar e seus navjos com todo o que leua E no porto honde asy o açhasejs Averemos por beem dardes a soma que atras vos fica decllarado a quem vo llo entregar e deer a maão com nosa mercadarya e nom vos dando somemte pessoa Sua, a copia que atras dizeemos,,/[fl. 300]

E sse fosse caso que o dicto cosairo estamdo Ja desarmado quisesse comvosco fazer allguum partido pareçemdo uos que nom averya hi outro melhor Remedio Neste casso avereemos por bem que vos comçertees com elle dando lhe atee çinquo mjll[280] cruzados emtregamdo nos elle toda a mercadaria que tomou e que lhe outorguees perdam liurememte de seu caso pollo poder nosso e vertude delle que leuaees., peroo ysto nom farees salluo quamdo vissees que outro Remedio nam avia E temdo elle gastada allguuma mercadarya daque assy tomou no dito navio em tall casso emtam lhe farees o partido por Respeito do que Ja teueer gastado de menos do que vos mandamos que lhe dees entregando vos tudo e fa llo ees asy como mais nosso seruiço vos pareeçer,,.

E sse Neste modo vos comçertaseys com elle emtam vos emformarees por elle da mercadarja que gastou vendeo e deu e quamta de cada Sorte e omde pera nos emviardes loguo disso Recado ou trazerdes pera proueremos na Recadaçam diso Como for mais nosso seruiço,,.

Jtem em todos os portos onde fordes achando o dicto cossairo ou nom o achando apresemtares a carta patente nosa que leuaaes as Justiças e farees por vertude della vossos protestos como atras fica decllarado e as cartas que leuaãees pera as pessoas particullares., lhe darees e com ellas farees e Requererees o que conprir por noso seruiço asy pera a entrega do dito cossairo e mercadarias Como pera quallquer outra dilligençia que Cunpra por nosso seruiço,,./[fl. 500v]

Jtem açhando Nova do dicto cosayro que amda aJmda armado peroo que todo o que tomou ho teem Ja vendido., em tall casso vos mamdamos que ho ssygaees atee o topardes e o tomardes E achando Recado que he desarmado e a mercadaria gastada de modo que nom aJa nisso Remedio entam vos mamdamos que vos tornees E teendo esperança de o topardes por aJnda andar armado posto que a mercadarya tena desbaratada e vendida., onde quer que souberdes que ha vendeo sse for terra de christaãos Jrees fazer os protestos neçesareos pera se vos entregar o nosso e nom vo llo entregando protestarees pera nos ho avermos como atras vos fica dito per os naturaees daquela terra onde nisso vos nom for feito comprimemto de direito E feito asy segirees ho dito cossairo ate o topardes e trabalharees topamdo por ho tomar e semdo gastado o proujmemto que leuaaees pera o tempo que vos foy ordenado entam vos forneçerees de mamtimemtos pera ho mais tempo que vos conprir do dinheiro da lletra que pera iso leuaãees nom pagando laa solldos nenhuuns porque ca se pagaram,, <E na casa da mina uos mandamos emtregar trezentos cruzados pera leuardes na maão e nom vos sendo necesareos os tornardes a emtregar quando veerdes,.>[281]

Jtem tomando o dicto Cosairo e seus navios e geente que nelles trouxer como esperamos em nosso Senhor que sseJa vos mamdamos que <emforques ao dito Cosairo momdragam e com elle ate dez ou doze dos primcupaes que trouxera em seus nauios,,.>[282]/[fl. 501]

---

[280] Em tinta diferente, escrito depois da primeira redacção do regimento.

[281] Em tinta diferente, escrito depois da primeira redacção do regimento.

[282] Em tinta diferente, escrito depois da primeira redacção do regimento.

Poreem vos Mandamos que este Regimemto Cumpraees e guardees e nisto nos servãees Asy bem como de vos comfyamos
ffecto em euora a xbij dias do mes de Janeiro de myll b^{c} e noue.,. ·

a) Rey

E se pella vemtura ao cabo ou em qualquer outra paraJem dhy preto achasejs tall Recado dos nosos lugares d alem que vos parecese que deuyes por noso seruico la acodyr Em tall caso leixares de hyr em busca do dito cosairo e acodires aos ditos lugares com ha mayor presteza e diligençia que poderdes,,.

a) Rey

E se no cabo nom achardes Recado nenhuum do dito cosairo ou vos nam for hy de lixboa pello qual porem nam esperares no dito cabo mais que tanto que a elle cheguardes e ouuerdes emformaçam dos nauios que hy achares, vos partyres loguo caminho do estreyo e vesytares os nosos lugares se ha mester de vos alguua cousa e hy esperares o Recado que vos ha de ser emviado de lixboa de qualquer noua que do dito cosairo se ouuer,,. ou avemdo dele Recado no estreyto posto que vos nam vaa emtam ho seguires nam avemdo nos ditos nossos lugares necesidade tal de vos per que vos pareça que compre muyto a noso seruico nam vos yrdes dhy

a) Rey

Regymemto de duarte pachequo/[fl. 501v]

Regymemto pera dar a dom martinho[283] que ha d hyr a JorJe de bascomcellos pera dar a duarte pachequo

[284]a tres de março sabado me deram este Regimemto com outras cartas d el Rej noso senhor em tangere
[285]Regymemto no[u]o de duarte pacheco d armada primeyra pera momdragam de se [*sic*]
[286]Duarte Pacheco

[283] D. Martinho de Castelo Branco, vedor da Fazenda de D. Manuel I, mais tarde conde de Vila Nova de Portimão. Cf. Maria Leonor Garcia da Cruz, *A governação de D. João III: a fazenda real e os seus vedores*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2001.

[284] Em letra de Duarte Pacheco Pereira.

[285] Adição posterior quinhentista, desconhecida.

[286] Em letra setecentista.

Doc. 3

Évora, 17/01/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 531-531v

duarte pachequo Nos el Rey vos emviamos muyto saudar

porque nos chegou agora recado certo que el Rey de ffez[287] vinha to[da]via ssobre a nossa vila d arzi[lla],. pello qual avemos por bem que com a mor presa que for posyuel vos despaches e vos vadees loguo ora do estreyto e amdees em paraJem dos nossos lugares d alem emquamto vos pareçer que compre a nosso seruiço e os nossos capitaaes dos ditos lugares vos Requererem em tamto que hy nom ffordes necessario e vos hires e sseguires a Rota ssegundo vos mamdarmos per nosso Regimemto que vos logo hira apos esta,

scprita em e[uor]a a xbij dias de Janeiro gaspar rrodrjguez[288] a ffez 1509 ·

a) Rey

a duarte pachequo <que sse despache e sse va ao estr[eito]/[fl. 531v]

Por el Rey
A duarte pachequo pereira fydalgo de sua casa

[289][carta] na qoall lhe mamdava se [despacha]se ffose so [*sic*] armada [.....] ao estrejto no ano [de] 1509 a 16 de Janeiro

Doc. 4

Évora, 18/01/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 510-510v

[290]<procuracam pera poder contratar com mondragão sobre a nao que tomou de Job q[ueimado]>

DOM Manuell per graça de deus Rey de purtuguall e dos algarues d aquem e d alem maar em africa Senhor [*de guine*] E da conquista nauegaçam e comerçio d etiopia arabia perssia e da Jndia Por esta presemte carta damos no[*sso*] Comprido poder a duarte pachequo fidalguo de nosa cassa que ora vay por nosso capitam moor d[*a arma*]da que emviamos em busca de momdraguam cossairo que tomou o nauio de que vinha por capitam [*Job*] q[*ueyma*]do da Jmdia, que elle se posa comçertar com o dito momdraguam sobre a dita tomadia naquelle mo[*do e*] maneira que por nosso

---

[287] Mawlay Muhammad el-Bortukali, reinou de 1501 a 1526.

[288] Escrivão da fazenda activo desde o início do reinado de D. Manuel I. Em 1504, aparece adstrito ao pagamento das tenças da Casa Real e, em 1508, assinava documentação relacionada com as praças marroquinas. Cf., *inter alia*, ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I, Doações,* Liv. 5, fl. 3v, Carta régia de quitação a Nuno Gato de obras em Arzila e Ceuta, 10 de Fevereiro de 1508. Passou para as contas do almoxarifado já em 1510. Cf. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I, Doações,* Liv. 2, fl. 3, Carta régia 14 de Fevereiro de 1510.

[289] Adição da mão A. O suporte foi remendado com tiras de papel, o que dificulta a leitura.

[290] Adição da mão B.

seruiço lhe pareçer e todo aquello que por elle nisso ffor ffeito Nos praz aver por b[*em*] ffirme e valiosso como sse por nos e em nosa presemça se ffezera E asy o compriremos e mamd[*are*]mos Comprir Jmteirameмte e sem mimgoamemto alguum Outrosy comçertamdo sse com [*elle lhe*] damos poder que elle possa dar perdam e liurememte perdoar ao dito mondragam [*e a todos de sua*] Companhia ou aquelas pessoas em espiçiall que com elle comçertar toda a penna çiuell e [*crime* .....] que poll[*o*] dito caso Nos fforom obriguados E queremos e nos praz que valha o dito pe[*rdam* .....] como se por Nos ffose asinado e assellado do nosso sello E todo prometemos e [*damos nossa*] ffee reall de assy comprir e mamter E por çertidam dello mandamos passar [*esta nossa carta*] por nos asynada E assellada do nosso ssello Redomdo das nosas armas

dada [*em a cidade d e*]vora aos xbiij dias do mes de Janeiro aluoro fernamdez[291] a fez anño de nosso Senhor Jesuu [*christo de mil j b^{c} ix*]

a) El Rey

poder pera o comcerto e pera dar perdam que leua duarte pachequo

[292]pera dar a duarte pacheco pera poder contratar e perdoar mondragam e todolos os que com ele andam

[293]no ano de 1509 a 18 de Janeiro
[294]primeiro

Doc. 5

Évora, [18]/01/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 511-511v

[295]<Regimento [de como] foi no seguimento do Cosairo mo[ndr]agam[296]>

Dom Manuell per graça de deus Rey de purtuguall e dos algarues d aquem e d alem mar em afriq[*ua Senhor de guine*] E da comquista nauegaçam e comerçio d etiopia arabia perssia e da Jmdia ffazemos saber a v[*os capitães*] das naaos e nauios que ora emviamos N armada que mamdamos armar Comtra momdrag[*am Cossai*] ro que tomou o nauyo em que vinha por capitam da Jmdia Job queymado ffidalguos caualeiros esc[*udeiros*] mestres pillotos Meirinhos marinheiros bombardeiros besteiros omems d armas e todas [*outras pessoas*] e companha que hijs na dita armada que nos por a muita comfiamça que temos de du[*arte pachequo*] ffidalgo de <nosa> cassa o emcaregamos da capitania moõr da dita armada P[*orem vo lo no*]tefficamos asy

---

[291] Escrivão da área da fazenda desde o início do reinado de D. Manuel I, encontramo-lo em 1515 como escrivão dos contos. Veja-se ANTT, *Corpo Cronológico*, II-54-58, provisão para lhe pagar seu mantimento, 10 de Janeiro de 1515.

[292] Riscado: «carta patente pera os Rejs [...]».

[293] Adição da mão A.

[294] Adição posterior quinhentista, desconhecida.

[295] Adição da mão B.

[296] Riscado ilegível.

e vos mandamos a todos em guerall E a cada hum de vos em espiç[*ial que em todo o que por*] elle vos ffor Requerido e da nosa parte mamdado, cumpraaes e ffacaes [*imteiramemte*] Seus Requerimemtos e mandados asy e tam Jmteiramemte e com aquela d[*iligemçia e boom*] cuidado que de todos e cada hum de vos o comfiamos e o ffaryes se por nos em [*pesoa vos fose dito*] e mamdado porque asy o avemos por bem e noso seruiço E aquelles que asy o [*fezerdes e com*]prirdes como deuees nos ffares muito seruiço e os que o comtrairo que nam esperam[*os nos desserujram*] e lhe daremos por ello aquelles castiguos que por taaes cassos mereçerem

Outrosy [*porque as cousas*] de nosso seruuiço sseJam guardadas e ffeitas como deuem em ssemelhamte [*armada lhe damos todo*] nosso ymteiro poder e alçada .s. nos casos crimees que elle possa mandar açoutar e d[*egradar*] piaães e que seus Juizos e mandados se dem ymteiramemte nestas penas nos sobreditos a eix[*ecuçam*] sem mais outra apelaçam Nem agrauo porque comffiamos delle que ho ffara como deue E quam[*to*] aos ffidalguos caualeiros escudeiros mestres pillotos, Estes fazemdo cassos por que deuam ser presos os premdera e trara presos a nos e em todo boom Recado com os autos d[*e*] suas culpas pera ca os Mamdarmos ver e se ffazer comprimemto de Justiça E quamto ao çi[*uel*] em todo lhe damos poder e alçada ate comthia de Cinquo mil reaes E nesta comth[*ia*] Nam avera dello Apelaçam nem agrauo

E Porem lhe mamdamos dar esta car[*ta por*] Nos asinada E asellada do ssello de nossas armas polla quall do poder e alçada q[*ue per ela*] lhe damos vssara como nella ffor Comtheudo

dada em a nosa cidade d eu[*ora*] aos x[*biij*] dias do mes de yaneiro aluoro ffernandez a ffez anño de nosso Senhor Jesuu christo de mill quinhemtos e Noue Annos

a) el Rey

Poder que leua duarte pacheco/[fl. 511v]

[297][.....] poder de duarte [*pacheco pereira* .....] Justica e mando dest armada[298][*ar*]mada [...]

[299][*du*]arte [...]
[300][...] dyas de Janeiro do anno [de 1509]

Doc. 6

Lavradio, 24/01/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 526-526v

duarte pachequo Nos el Rey vos emviamos muyto saudar

Nos ouuemos Recado que ho Cosayro momdragam que vos mamdamos buscar amda aJmda na costa velha, pello qual vos mamdamos que segundo ho Recado que

---

297 O suporte foi remendado com tiras de papel, o que dificulta a leitura.

298 O suporte foi remendado com tiras de papel, o que dificulta a leitura e identificação da mão.

299 O suporte foi remendado com tiras de papel, o que dificulta a leitura e identificação da mão.

300 Adição da mão A.

vos mamdar JorJe de vasconcellos vaades em busca do dito Cosairo porque asy o aveemos por noso seruiço e faze o com aquela diligencia e cuydado que de vos comfyamos

scprita Em o lauradio a xxiiij dias de Janeiro o secretario[301] a fez 1509 ·

a) Rey

pera duarte pachequo que vaa[y em] busca do cosairo segumdo ho Recado que lhe mandar JorJe de vas[comcel]los/[fl. 526v]

Por el Rey
A duarte pachequo fidalgo de sua casa e capitam moõr da sua armada

[302]dada a xj d oitubro do ano de b[c] xj a xxiij de março em lyxboa ma deu Jorge de vascocelos

[303]1509 a 24 de Janeiro

Doc. 7

Lavradio, 03/02/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 529-529v

duarte pacheco nos el Rey vos emviamos muyto saudar

Nos vos teemos scprito e mamdado que avemdo necesidade nos nosos lugares d aallem ou em cada hum delles do cerquo porque se esperaua ou outra per que comvenha lhe acodirdes, lhe acudaães e Nam Cures d hijr em busca do cosairo E agora asy vo llo mamdamos por esta e faze o com aquela diligençia e cuidado que compre por Noso seruiço e como de vos comfiamos que ho façaes em cousa que tanto Releua E emquanto a necesidade durar nam facaes outra cousa E como la Nam fordes mester emtam vos vijmde dereytamemte a cascaes homde vos seram dados mais bombardeiros e mais artelharia e asy dinheiro e credito pera o averdes e como hy fordes avisares a JorJe de vascomcelos e a esteuam vaaz pera vos mandarem o que lhe teemos mandado e asy vos avisar o dito JorJe de vascomcellos do caminho que daly aJaes de fazer em busca do dito cosairo porque teemos ca Recado que elle amda aJmda pella costa velha de bizcaya, pero se vos ouuerdes la recado certo que elle he emtrado pello estreyto e Nam teemdo de vos necesidade os lugares e sabendo que elle vay de maneira pera o poderdes com segurança cometer e o tomar, emtam o seguy e

---

[301] António Carneiro, antigo servidor de D. João II, que se destacou como secretário de D. Manuel I, de quem recebeu inúmeras mercês, incluindo a mercê da ilha do Príncipe. Seus filhos, Francisco Carneiro e Pero de Alcáçova Carneiro, também serviram como secretários régios. Cf. Pero de Alcáçova Carneiro, *Relações de Pero de Alcáçova Carneiro, conde da Idanha: do tempo que êle e seu pai, António Carneiro, serviram de secretários (1515 a 1568)*, ed. Ernesto Campos de Andrada, Lisboa, Imprensa Nacional, 1937.

[302] Em letra de Duarte Pacheco Pereira.

[303] Adição da mão A.

trabalhay por fazer o que por noso Regimemto que este vos leua vos mandamos e asy beem como comfyamos de vos que ho farees

scprita em o lauradio a iij dias de feuereyro 1509 ·

a) Rey

pera duarte pachequo/[fl. 529v]

Por el Rey
A duarte pachequo fydalgo de sua casa e capitam mor de sua armada

[304]sabado tres de <marco>[305] ma deram em tangere
[306]b[c] ix
[307]1509 a 3 de ffivereyro

Doc. 8

Lisboa, 12/05/1600

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 502-502v

[308]<cartas D el Rei dom manoel que mandaua ao gram mestre E ao padre santo E aos mais Reis e princepes Cristãos sobre o cosairo mondragão>

Diz francisco pachequo de mendonca filho ligitimo de luis ferreira de mendonca E de dona guiomar de albuquerque sua molher filho de Jam fernandez pachequo o qual Jam fernandez pachequo seu auo era filho ligitimo de duarte pachequo pereira bisauo do suplicante E como seu ligitimo desemdente quer Reque [*sic*] ante sua magestade a satisfacam dos grandes E notaues seruicos asim de seu auo Jam fernandez pachequo como de seu bisauo duarte pachequo pereira E de seu filho Jeronimo pachequo que moReo em africa que fiseram aos Reis deste Reyno asim nas partes da imdia africa mina franca imgalaterra E nas armadas da costa deste Reyno com cosairos E outros muitos dignos de grandes onRas E merces E porque parte delles consta das cartas Juntas d el Rey dom manoel scriptas ao padRe santo E aos Reis de franca imgalaterra E a outros principes E asim da carta Junta que el Rey de chochim[309] deu a seu bisauo duarte pachequo pereira consta parte dos seruicos que fes a sua magestade nas partes da imdia E em huas E outras se uem os seruicos que tem feito pede que pera milhor se decretarem nos tribunaes dar de [*sic*] pertemde Requerer [310]/[fl. 502v] se lhe tresladem de latim Em liguoagem [*sic*] pera que se ueião seus meresimentos se uem dinas de grande premio E Recebera merse

+

---

[304] Em letra de Duarte Pacheco Pereira.
[305] Riscado: «Janeiro».
[306] Adição quinhentista, desconhecida.
[307] Adição da mão A.
[308] Adição da mão de Duarte Pacheco Pereira, filho de Luís Ferreira Furtado de Mendonça.
[309] Rajá Unni Goda Varma.
[310] Riscado: «lhe».

aprezente Estes papeis Em latim E torne

a) Collaço [?]

[*sinal*]

O Escriuam a que for treslade os papeis que se lhe aprezentar em portuges como requere E os Em latim de a traduzir em portuges a quem os emtenda E os concerte com hum notario appostolico, que saiba o que os papeis dizem
Lixboa a 12 de Maio de 600

a) Collaço

[*sinal*]

Doc. 9

Évora, 13/02/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 503-503v

Ao serenissimo E poderosissimo Principe Henrique[311] per graça de Deos Rey de Jnglaterra, E de França Jrmão e parente confederado charissimo. Manoel pella mesma graça Rey de Portugual e dos Algarues, d aquem e d alem mar em Africa, Senhor de Guine, E da conquista, nauegação, E comerçio de Ethiopia Arabia, Persia, E da Jndia. Muyta saude E continuo aumento de prosperidade. O estreito uinculo de amor que ha entre nos fas que com maes confiança peçamos a Vossa Magestade o que grandemente dezeiamos de alcansar. Tornando pera o reino huma nao nossa, da qual uinha por Capitão Job queimado soldado e familiar de nossa Caza, carreguada de pimenta, e de outras especiarias da Jndia, E mercadorias preciosas, e uindo se acercando Junto a Costa de Galliza (não longe das nossas praias) lhe sahio Mondrago Cossairo, e a tomou, E leuou com todo, lançando em terra muy cruelmente roubados marinheiros, e passageiros, e tambem loguo ao Capitão E escriuão da mesma nao sem consideração alguma de Justiça diuina nem humana sem temor de castiguo, ou medo das penas que as leis impoem aos delictos desta sorte. Pello que nos pera auermos Vingança E satisfação desta ribaldia [*sic*] mandamos a Duarte Pacheco Varão nobre amigo/[fl. 503v] Nosso E soldado da ordem de Christo, fiados em seu esforço E lealdade, por Capitão de huns poucos nauios E General da Armada pera que busque pello rasto ao mesmo cossairo o qual negoçio lhe encomendamos muy especialmente, E o deliberamos a Vossa Magestade à qual emcareçidamente pedimos attente nisto: E assi por nosso respeito, como pello comum e Justo direito das gentes mande receber este cortez E humanamente, E em nosso nome sem ser mouido fazer lhe Justiça (a que naturalmente os Reys estamos mais obrigados) E tambem restituir a nao, mercadorias, E todos os furtos; E ao mesmo malissimo cossairo com todos os soçios do comisso mande castiguar legitimamente por tam graue crime, ou prezo ser entregue ao nosso Capitão. E se (como esperamos E conuem) Vossa Serenidade satis-

[311] Trata-se de Henrique VII, já então no final do seu reinado. Foi o primeiro monarca da dinastia Tudor, rei de Inglaterra de 22 de Agosto de 1485 a 21de Abril de 1509.

fizer a tam igual dezeio, cobrara dello grande louuor, E a nos ia de longe affeiçoados a Vossas couzas obrigarà maes depposito. Serenissimo E Poderosissimo Principe Deos, optimo, maximo, haja por bem de conseruar e acreçentar Vossa pessoa E estado por muitos anos e com muita felicidade da nossa Cidade Euora a 13 de feuereiro de 1509

Certefico eu luis d oliueira publico Notario apostolico Nesta cidade e arcebispado de Lisboa que eu concertey e este tresllado atras hasima hescrito da propria carta que que [*sic*] Luis ferreyra de mendonca tornou a leuar E de como a Recebeo E tornou a leuar asinou aquy a quall concorda com a propria en tudo sem duuida allguma de que passey este termo de iustificação que correborey e conciney de meu publico E acostumado sinall en lisboa en uinte e Noue de maio de mill E seiscentos

Concertado comigo notario Luis d oliueyra

[*sinal*]

a) luis ferreira de mendonça

a) [...]

Doc. 10

Évora, 13/02/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 504-504v

Ao santissimo em Christo Padre, E beatissimo Senhor Julio Segundo[312] nosso senhor per diuina prouidençia Summo Pontifice deuotissimo da Santa Jgreia Romana Manoel filho per graça de Deos Rey de Portugual E dos Algarues, d aquem e d alem mar em Africa, Senhor de Guine, e da conquista, nauegação, E commerçio de Ethiopia, Arabia, Persia, E da Jndia da os muy humildes osculos dos beatos pes. Digna couza he Padre Beatissimo que requeiramos a Vossa Santidade aquillo que em Justiça tem seu fundamento. Tornando pera o reino huma nossa nao, da qual era Capitão Job queimado soldado E amigo nosso, carreguada de pimenta, e de outras especiarias da Jndia, E mercadorias preciosas, e como se uiesse chegando Junto a Costa de Galliza perto de nossa praia, a cometeo Mondrago cossairo, e tomou, e leuou com todo, lançando muy torpemente em terra despoiados marinheiros, e passageiros, E loguo tambem ao Capitão E escriuão da mesma nao sem consideração alguma de Justiça diuina nem humana, sem temor de castiguo, nem medo das penas que as leis determinão a taes crimes. Pello que nos pera auermos uingança e satisfação desta afronta mandamos a Duarte Pacheco uarão nobre familiar de nossa Caza E soldado da ordem de Christo, fiados em seu esforço e lealdade, por Capitam/[fl. 504v] de huma armada pera que busque o cossairo, e achado o destrua e catiue (se por a uentura de guerra lhe for licito) e iuntamente como bastante procurador nosso nesta causa o deputamos a Vossa Santidade a qual efficaz E humildemente rogamos E oramos que ponha os olhos em tam feia, cruel, E nefanda maldade, e assi por nosso respeito Como pello commum (a que naturalmente todos estamos obrigados) mande reçeber este cortez e benignamente, e Em nosso nome fazer lhe Justiça, e tambem restituir a nao, mercadorias e todos os furtos, E ao crudelissimo cossairo com todos os companheiros da maldade mande castiguar sufficientemente ou prezo entrega lo

[312] Giuliano della Rovere ascendeu ao papado, com o nome de Júlio II, a 1 de Novembro de 1503, e faleceu a 21 de Fevereiro de 1513.

ao nosso Capitão, pera que contra elle se proçeda como for Justica. E se, como esperamos e conuem, Vossa Santidade satisfizer a tam arezoado dezeio, alem da grande gloria de Justo que daqui alcansara a nos Ja ha muito tempo dedicados a Vossa Santidade E a suas couzas por isto nos attara mais fortemente a, offereçendo sse tornar as graças desta proxima. Santo em Christo Padre Deos, optimo, maximo conserue E aumente Vossa Santidade E estado por largos dias com muita prosperidade da nossa Cidade Euora a 13 de feuereiro de 1509

O qual tresllado eu luis d oliueyra Publico Notario appostolico aprouado nesta çidade E arcebispado de lisboa concertey com a propria carta donde manou [*sic*] e que luis ferreyra de mendonca tornou a leuar e de como a Recebeo asinou aquy a quall en tudo concorda com a propria sem cousa que duuida faca de que passey esta certidão de iustificação que correborey de meu publico acostumado sinall em lisboa en uinte e Noue de maio de mill E seiscentos

Concertado comigo notario Luis d oliueyra

[*sinal*]

a) Luis ferreira de mendonÇa

a) [...]

Doc. 11

Évora, 13/02/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 504-A-504-Av

Ao Jllustre E Poderoso Principe Duque de Veneza[313] amigo Charissimo. Manoel per graça de Deos Rey de Portugual E dos Algarues, d aquem E d alem mar em Africa Senhor de Guine E da Conquista nauegação, E comercio de Ethiopia, Arabia Persia E da Jndia. Muyta saude[314] com muita prosperidade. Rezão he que de melhor uontade peçamos a Vossa Dominançia aquillo que na Justiça se funda Tornando pera o Reino huma nao nossa, da qual uinha por Capitão Job queimado soldado e familiar de nossa caza, carregada de pimenta e de outras mercadorias preciosas, e especiarias da Jndia, E uindo sse chegando Junto a Costa de galliza perto de nossas praias lhe sahio Mondrago cossairo E a tomou e leuou com todo lançando torpemente em terra roubados marinheiros e passageiros, e tambem loguo ao Capitão E escriuão da mesma nao sem consideração alguma de Justiça diuina ou humana sem medo de castiguo, nem temor das penas que as leis dão aos taes delictos. pella qual rezão nos pera auermos uingança e satisfação desta ribaldia [*sic*] fizemos capitão de huma armada a Duarte Pacheco uarão nobre amigo nosso E soldado da ordem de Christo fiados em seu esforço e lealdade pera que busque o cossairo; E achado o destrua E catiue, se/[fl. 504-A v] por a uentura de guerra lhe for licito, E Juntamente o deputamos a Vossa Dominançia a qual muito rogamos considere tam inorme maldade E assi por nossa causa como pella commua mande receber este cortez e humanamente E em nosso nome fazer lhe Justica, E tambem restituir lhe a nao, mercadorias, e todos os furtos, E ao mesmo crudelissimo cossairo com todos os socios da maldade

---

313 O doge de Veneza nesta época era Leonardo Loredan, eleito a 2 de Outubro de 1501. No ano seguinte, seria padrinho de baptismo do príncipe D. João, mais tarde D. João III.

314 Palavra emendada. Primeiro escreveu: «saudade».

mande castigar legitimamente por tão feio delicto E se, como esperamos E conuem Vossa Dominançia satisfizer a tam rezoado dezeio, alem de louuor grande de Justo que daqui alcansara, a nos ia de longe affeicoados a Vossas couzas maes fortemente attara a tornar desta as graças em semelhante Jllustre e Potente Principe O altissimo conserue Vossa pessoa E estado por muito tempo e com muita prosperidade. Da nossa Cidade Euora a 13 de feuereiro de 1509

O quall tresllado eu luis d oliueyra Publico Notario apostolico aprouado Nesta cidade e arcebispado de lisboa Concertey da propria carta que Luis ferreyra de mendonça tornou a leuar E de como a Recebeo asinou aqui a quall comCorda com a propria en tudo sem duuida Alguma com o riscado que dis saude de que passey esta certidam de Justificação que Correborey e Conciney de meu publico E Acostumado sinall em lisboa em uinte e Noue de maio de mill E seiscentos

Concertado Comigo Notario Luis d oliueyra

[*sinal*]

a) luis ferreira de mendonça

a) [...]

Doc. 12

Évora, 13/02/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 505-505v

Ao Magnifico E Potente Magno E general mestre[315] da Ordem de Sam Joam hierosolymitano amigo charissimo. Manoel per graca de Deos Rey de Portugual E dos Algarues d aquem E d alem[316] mar em Africa, Senhor de Guine, E da conqista, nauegação, commerçio de Ethiopia, Arabia Persia, E da Jndia. muita saude E prosperos soçessos cada dia contra os infieis. A equidade da cousa E Vossa humanidade fazem que lhe peçamos com maes atreuimento o que muito dezeiamos alcansar. Tornando pera o Reino huma nossa nao, da qual uinha por Capitão Job queimado soldado E amigo de nossa caza, carregada de pimenta, E de outras especiarias da Jndia E mercadorias ricas, E uindo iunto a Costa de Galliza não longe de nossas barras, a cometeo Mondrago cossairo E tomou E leuou com todo lançando em terra deshumanamente despoiados marinheiros e passageiros E iuntamente o Capitão E escriuão da mesma nao sem consideração algua de Justiça diuina nem humana, sem temor de Castiguo, nem meda [*sic*] das penas que as leis dao a delictos desta sorte. pello que nos pera que ajamos uingança e satisfação desta ribaldia fizemos Capitão de huma armada a Duarte Pacheco uarão nobre amigo de nossa caza E soldado da ordem de Christo a quem mandamos (e em especial lhe/[fl. 505v] emcomendamos este negocio) pera que busque o Cossairo e o catiue, E o deputamos a Vossa Magnificencia a qual pedimos emcarecidamente attente nisto E assi por nosso respeito [317] como pello commum e iusto direito das gentes mande receber este cortezmente, E em nosso nome fazer lhe Justica a que todos naturalmente estamos obrigados, E tambem restituir lhe a nao

---

[315] O rei dirige-se à Ordem de São João de Rodes, cujo mestre era o francês Émery d'Amboise, desde 10 de Julho de 1503, tendo falecido a 13 de Novembro de 1512.

[316] Emendado. Primeiro escreveu: «d aquem E d aque».

[317] Riscado: «pello».

mercadorias e todos os roubos, E ao mesmo cossairo author de tanta maldade com todos os commpanheiros mande Castiguar legitimamente, ou prezo entrega lo ao nosso capitam pera que contra elle se proceda como for Justica. E se (como esperamos E conuem Vossa humanidade satisfizer a tam Justo dezeio, cobrara dello grande louuor E a nos ia de longe affeicoados a Vossas couzas maes de proposito obrigara a tornar iguaes graças em semelhantes occazioens. Dada na nossa Cidade Euora a 13 de Feuereiro de 1509

O quall tresllado eu luis d oliueyra Publico Notario apostolico aprouado Nesta cidade e arcebispado de lisboa Concertey com a propria carta que Luis ferreyra de mendonca tornou a leuar E de como a Recebeo assinou aqui a quall Concorda en tudo Com a propria sem cousa que duuida faca com os Riscados que disem d aquem, pello de que passey esta certidam de Justificaçao que correborey e Conciney de Meu publico e acostumado sinall em lixboa em uinte e Noue de maio de mill E seiscentos

Concertado Comigo Notario Luis d oliueyra

[*sinal*]

a) luis ferreira de mendonça

a) [...]

Doc. 13

Évora, 13/02/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 506-506v

Ao Jllustre e Potente Principe Duque de Sabaudia[318] amigo Charissimo. muita saude com igual delicidade. Manoel per graça de Deos Rey de Portugual e dos Algarues d aquem E d alem mar em Africa, Senhor de Guine, e da conquista, nauegação, comerçio de Ethiopia, Arabia Persia e da Jndia. A rezão nos obrigua a que peçamos de melhor uontade a Vossa Dominançia aquellas cousas que nella consistem. Tornando pera o Reino huma nossa nao, da qual era capitão Job queimado, soldado e amigo de nossa Caza, carreguada de pimenta e de outras espeçiarias da Jndia, e mercadorias preciosas, E uindo se acercado Junto a Costa de Galliza, não longe de nossas praias, lhe sahio Mondrago cossairo e a tomou e leuou com todo, lançando cruelmente em terra despoiados marinheiros e passageiros, E loguo tambem ao capitão E escriuão da mesma nao sem consideracão alguma de Justiça diuina nem humana, sem temor de castiguo, nem medo das penas que as leis dam a taes crimes. pella qual rezão nos pera auermos uingança E satisfação deste agrauo fizemos Capitão de huma armada a Duarte Pacheco Varão nobre amigo nosso soldado da ordem de Christo fiados em seu esforço e lealdade pera que busque o Cossairo e achado o destrua e catiue (se por a uentura de guerra lhe for licito) e iuntamente como legitimo procurador nosso neste negocio o mandamos a Vossa Dominancia a qual instantemente rogamos que considere tam grande maldade/[fl. 506v] E assi por nosso respeito como pello das gentes, a que naturalmente todos estamos obrigados, mande receber este benignamente, E em nosso nome fazer lhe Justica, E tambem restituir lhe a nao, mercadorias e todos

[318] Nascido em 1486, Carlo II (por vezes chamado III) de Sabóia foi duque de Sabóia e príncipe do Piemonte, entre outros títulos, de 1504 a 1553. Viria a casar-se em 1521 com a infanta D. Beatriz, filha de D. Manuel I.

os roubos, e ao mesmo cossairo torpissimo com todos os commpanheiros da maldade mande castiguar sufficientemente por tam graue delicto ou prezo entrega lo ao nosso capitão pera que proçeda contra elle como for Justiça. E se (como esperamos, e conuem) Vossa Dominancia satisfizer a tão Justo dezeio, alem do louuor de Justo que daqui lhe ficara, a nos ia de longe affeiçoados a Vossas couzas por esta maes forçosamente obrigara a pagarmos na mesma moeda offerecendo occasião. Jllustre E Poderoso principe uossa pessoa E estado por muito tempo conserue o muy alto. Da nossa Cidade Euora a 13 de Feuereiro de 1509

O quall tresllado Eu Luis d oliueyra Publico Notario apostolico aprouado Nesta cidade E arcebispado de Lisboa Concertey com a propria carta que Luis ferreyra de mendonça tornou a leuar e de como a Recebeo assinou aquy que concorda com a propria en todo sem cousa que duuida faça de que passey esta certidam de Justificação que Correborey e Conciney de meu publico e acostumado sinall em lixboa em uinte e Noue de maio de mill E seiscentos

Concertado Comigo Notario Luis d oliueyra

[*sinal*]

a) luis ferreira de mendonça

a) [...]

Doc. 14

Évora, 13/02/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 507-508v

Ao Christianissimo e Poderosissimo Principe Luis[319], per graça de Deos Rey de França Etc Jrmão E parente em Armas nosso Charissimo. Manoel pella mesma graça Rey de Portugual E dos Algarues d aquem e d alem mar em Africa, Senhor de guine e da conquista, nauegação, e comercio de Ethiopia, Arabia, Persia e da Jndia. muita saude E prosperos soçessos aos dezeios. O apertado nó e antiguo direito de amizade que nacido dos passados ate nos se foy criando e creçendo nos dam esperança de impetrar de Vossa grandeza alguma couza mormente se a tal se estribar em Justiça que assi como rainha da maes uirtudes, assi he maes deçente aos Reys que aos outros homems, e em Especial a Vossa Magestade a qual não somente com summa uirtude e gloria de heroicos feitos uos conseruou este nome de Christianissimo (conueniente por direita linha a Vos Reys de França, mas tambem uo lo acrecentou. Vindo pera o Reino huma nossa nao, da qual era Capitão Job queimado familiar e soldado de nossa Caza, carregada de pimenta, e de outras especiarias da Jndia e mercadorias preciosas, E auizinhando sse Junto a Costa de galliza não longe de nossa praia, lhe sahio Mondrago Cossairo, e a tomou e leuou com todo, lançando em terra deshumanamente roubados marinheiros, e passageiros e logo tãobem ao Capitão e escriuão da mesma nao sem consideracão alguma de Justiça diuina nem humana, sem temor de castigo, nem medo das penas que as leis dão a taes delictos. Pello que nos pera auermos/[fl. 507v] uingança desta obra fizemos Capitão a Duarte Pacheco Varão nobre amigo nosso e soldado da ordem <de> Christo, de huma armada pera que busque o cossairo e o castigue e iuntamente o mandamos a Vossa Magestade a qual

[319] Luís XII foi rei de França entre 7 de Abril de 1498 e 1 de Janeiro de 1515.

muito pedimos ueya isto e assi por nossa causa como pella commua mande reçeber este cortez e humanamente, E em nosso nome fazer lhe Justica, a que naturalmente os Reys estamos obrigados, E tambem restituir a nao, mercadorias, e todos os furtos, E ao turpissimo cossairo com todos os socios da maldade mande castiguar legitimamente ou prezo entrega lo ao nosso capitão pera que contra elle se proçeda como for Justiça. E se como esperamos e conuem, Vossa Serenidade satisfizer a tam bom dezejo aqui uira grande gloria de Justica E mais firmemente nos obrigara a tornar em semelhante occazião os <a>gradecimentos desta. Christianissimo E Poderosissimo Principe Deos optimo. maximo. conserue E aumente Vossa pessoa E estado por muitos tempos e com muita felicidade da nossa Cidade Euora a 13 de feuereiro de 1509

Eu Afonso d oliueyra declaro pello Juramento dos Santos Euangelhos que eu traduzi estas seis cartas de lingua Latina na nossa Portugueza bem E Verdadeiramente sem acreçentar nem diminuir couza alguma da substançia dellas E por uerdade assinei aqui em Lisboa a 25 de Mayo de 1600

a) Afonso d oliueyra

O quall tresllado eu Luis d oliueyra Publico Notario apostolico aprouado Nesta cidade E arcebispado de lisboa Concertey Com a propria que luis ferreyra/[fl. 508] de Mendonca tornou a leuar e de como a Recebeo asinou aquy as quais cartas eu dito Notario me reporto en todo o quall concorda com a propria sem duuida algua de que passey esta Certidam de Justificação que correborey e Conciney de Meu publico E acostumado sinall em lisboa a uinte e Noue de maio de mill E seiscentos

Concertado Comigo Notario

a) Luis d oliueyra

[*sinal*]

a) luis ferreira de mendonça

a) [...]

Doc. 15

Évora, 10/05/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 493-494v

[320]<Regimento de capitão mor d armada da Costa>

duarte pachequo o que vos mamdamos que ffaçaes nesta hida omde vos emviamos porj [*sic*] capitam dos navios que mamdamos armar he o sseguimte

Jteem porquamto temos nova que hum cossairo parceiro de momdragam amda ao cabo de ffysterra yr vos es la em busca dele e nom no achamdo hy nem novas delle o hires pella costa de galiza tee fferrol ou per hy de redor E achaamdo vos trabalhares quamto poderdes de o tomar e tomamdo o o trares a lixboa a boo Recado e hy

[320] Adição da mão B.

o emtregares a nosas Justicas com os mestres pylotos e sua conpanha pera sse deles ffazer o que ffor Justiça,,.

Jteem seemdo caso que hy nom aches novas nem Recado delle vos vijres embora aas berlemgas corremdo a costa e nessa paraJem amdares a guardamdo as naaos que esperamos em nosso Senhor que venham da Jmdia e sse as achardes vos vijres co elas aconpanhamdo as tee cascaes e daly vos tornares a correr a costa outra vez do cabo de sam vycemte tee o cabo de fisterra e quamdo pasardes pola paraJem de cascaes sempre tocares hy pera dardes qualquer nova que trouxerdes e asy serdes avisado do que comprir a nosso seruiço e avemos por bem que amdes asy d armada dous meses,. e amte que desarmes No llo ffares primeiro saber/[fl. 493v]

Jteem emquamto assy amdardes vos trabalhaees de saberdes novas por quaesquer navios que topardes homde amda o dito armado e sse tornou outra vez aos portos de galiza ou em alguuma parte outra que sseJa em lugar que Nosas naaos e navios posam Receber dano hy lo es todavia buscar ffazemdo todo esto com aquelle cuidado e deligemçia que de vos comfiamos porque esta armada ffazemos primcipalmemte ssobr elle pera o averdes de tomar sse poderdes e portamto vos emcomemdamos que trabalhes de nos nisso seruirdes quamto em vos ffor

sprito em euora a x dias de mayo gaspar rrodriguez o ffez de b^{c} ix

a) Rey

a) o baram[321]

Regimemto a duarte pachequo/[fl. 494v]

Por el Rey
a duarte pachequo fydalgo de sua casa

[322]domjmgo tres de Junho say de Restello de foz em fora

[323]Regymemto de duarte pacheco da segumda armada em qe o el Rej mamdou <de b^{c} ix>

Doc. 16

Évora, 14/06/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 533-533v

duarte pachequo Nos el Rey vos emuiamos muyto ssaudar

vimos a carta que me espreuestes ssobre a nnao [*sic*] de framça que esta ao caboo que segumdo pareeçe deue de ser d armada emcomemdamos uos que tamto que vos esta foor dada e serujr o tempo facajs na volta do caboo e sse vos pareeçer que he armada com que possais ya demamdar e precurar de ssabeer quem he e fares aqujllo que compre a nosso serujço com todo boom rresguardo como de vos

---

321 João Fernandes da Silveira, primeiro barão de Alvito, vedor da Fazenda. Cf. M. L. G. Cruz, op. cit.

322 Em letra de Duarte Pacheco Pereira.

323 Adição quinhentista, desconhecida.

comfiamos e de o asy fazerdes com booa deligemçia vo llo agradeceremos e teremos em serujço

esprita em euora a xiiij^{o} dias de Junho rruy de figueiredo[324] a fez anno de 1509 ·

E rrequereres a dita nnaão [*sic*] que sse vaa da nossa costa e não no queremdo fazer ha esbombarda lla es E toma lla es sse poderdes com todo boom rresgardo que conpryr

a) Rey

a) O baram

Reposta a duarte pachequo ssobre a nna[*ao de França*] que estaua no cabo/ [fl. 533v]

Por el Rey

A duarte pachequo fidalguo de sua casa capitao d armada do que ora amda no estrejto

[325]1509 a 14 de Junho

Doc. 17

Évora, 15/06/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 521-521v

duarte pachequo Nos el Rey vos emviamos muyto saudar

nos vos tynhamos stprito que topando aquele cosairo que nos he dito que amda nesta costa, nam lhe fezesseijs maes que lamca llo fora da dita costa Segundo que por Nosa carta compridamemte teres visto E porque despois soubeemos que elle tomara huum barquo castelhano aveemos por bem sem embarguo do que vos teemos spryto que topamdo vos trabalhes de ho tomar se com seguramca vos parecer que ho podees fazer porem vo llo Notefycamos asy pera asy o comprijrdes

scprita em euora a xb dias de Junho o secretario a fez 1509

a) Rey

pera duarte pacheco sobre ho cosayro/[fl. 521v]

Por el Rey

A duarte pachequo fydalgo de sua casa e capitam de sua armada

[326]de 1509 a 15 de Junho

---

[324] Fidalgo da Casa Real e escrivão da Fazenda Real desde, pelo menos, 30 de Outubro de 1504. L. Albuquerque (dir.), *Portugaliae Monumenta Africana*, Vol. III, Lisboa, CNCDP, 2000, p. 402.

[325] Adição da mão A.

[326] Adição da mão A.

Doc. 18

Sintra, 30/08/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 512-512v

duarte pachequo Nos el Rey vos emviamos muyto saudar

emviamos a vos amtonio ffroez[327] nosso moco da camara pera amdar por capitão na caravela pequena que comvosco amda do aviso mamdamos vos que lhe emtregues, pera nos nisso seruir quamdo o por por [*sic*] nosso seruico mamdardes

sprita em sintra a xxx d agosto gaspar rrodrjguez a fez 1509

a) Rey

a) de castel branco[328]

a duarte pacheco como vaj amtonio froez per amdar na caravela pequena do aviso/[fl. 512v]

Por el Rey

A duarte pacheco fydalgo de sua casa etc

[329]1509 [330] a 30 d agosto

Doc. 19

São João, 07/09/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 518-518v

duarte pachequo Nos el Rey vos emviamos muyto saudar

vimos a carta que nos spreuestes e gradecemos uos todo o que por ella nos fezestes saber e voso boom cuidade e quanto a geente pera acabardes d aparelhar e fazer prestes esa naao nos mamdamos pella carta que com esta vos vay a yoham aluarez que vos dee toda a que for necesaria pera as cousas que apomtaes e asy vos dee todo outro aviamemto necesareo e a esteuam paaez que vos dee e entregue toda a artelharia que nos spreuestes e emcomemdamos uos que toda diligencia vos facaes prestes e ponhaaes avee lla e como ho fordes no llo fazee saber pera vos mandarmos o que aJaaes de fazer E emtretamto procuray de saber todas as novas deses armados [*sic*] e nos avisay E emcomemdamos uos que dees toda presteza a voso despacho

sprita em sam Joham a bij dias de setembro o secretario a fez 1509

a) Rey

---

[327] Era morador em Lagos, mestre do navio *São Sebastião*, e levou cavalos e gente da Madeira para Safim. Cf. António Dias Farinha, «A Madeira e o Norte de África nos séculos xv e xvi», in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. 1, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura e Emigração – DRAC, 1989, p. 371.

[328] D. Martinho de Castelo Branco, cf. nota *supra*.

[329] Adição da mão A.

[330] Riscado: «A 31».

Reposta a duarte pachequo etc/[fl. 518v]

Por el Rey
A duarte pachequo pereira fidalgo de sua casa

[331]que se ffasa prestes espere reqado no ano de 1509 a 7 de setembro

Doc. 20

Sintra, 12/09/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 515-515v

duarte pacheco,. Nos el Rey vos emuiamos muyto saudar,
vimos a carta que nos emuiastes E avemos por bem que a naao sam Jeronimo a alargees pera o senhorjo della poderem fazer dela o que lhe bem vier E asy avemos por bem que vos vos façaees prestes, metemdo nos nauios os mantimemtos armas artelharja e cousas neçesarias e estes asy sem partirdes te verdes outro noso Recado porque per ventura neste meo tempo,. vira alguma noua do cosayro E espidires os marinheyros ficamdo soomente aqueles que forem necesarjos pera guarda dos nauios E pagar lhes hum mes de soldo sendo lhe deuydo
sprita de syntraa xij dias de setembro de 1509
E quamto ao que apontães de Jorge de Jorge de leuãees [*sic*] fazee nyso o que vos pareçer que he mais noso seruyço,. acerca de ficar ele na naao,. e assy spreuemos aos ofiçiães do noso almazem que o façom e nom curees de tomar nenhuma Jente d armas nem de nauegar somente os marinheiros pera guarda dos naujos como em çima dizemos

a) Rey

a) de castel branco

[*pera d*]uarte pacheco[332] Resposta sobre armada, e este asy e se faca prestes e nom parta ate aver outro voso Recado e que alarge a naao sam geronjmo,./[fl. 515v]

Por el Rey
A duarte pachequo fidalgo de sua casa

[333]1509 a 12 de setembro
[334]<Ha d apresentar Cartas das merces de duarte pacheco e como he sua herdeira>
[335]<satisfez>

---

331 Adição da mão A.
332 Riscado: «que».
333 Adição da mão A.
334 Em letra quinhentista tardia.
335 Despacho em letra quinhentista tardia diferente da antecedente.

Doc. 21

Évora, 04/08/1510

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 532-532v

duarte pacheco nos el Rey vos emviamos muyto saudar,

mamdamos uos que loguo nos spreuaaes quamdo vos parece que podees seer prestes pera partijr e emcomemdamos uos que dees gramde presa a vos despachar e partijr porque compre asy muito a noso Seruiço

scprita em almeirim a [336] iiij dias d agosto o secretario a fez 1510 ·

a) Rey

pera duarte pachequo/[fl. 532v]

Por el Rey
A duarte pachequo fidalgo de sua casa

[337]Recebeo este em 1510

[338]no ano de 1510 que saber delle qoamdo seja prestes soa armada a 4 d agosto

Doc. 22

Almeirim, 02/09/1510

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 495-497v

[339]<Regimento de capitão mor d armada da Costa>

duarte pachequo a maneira que terees nesta armada onde uos ora emviamos he esta

Jteem tanto que fordes despachado em lixboa porquanto temos nouas que andam fustas de mouros no estreito, vos uos hirees direitamente a arzila e tomarees hy quaeesquer nouas delas que poderdes auer e achando as hirees em busca delas onde quer que souberdes que estam per eses lugares do estreito e em caso que em arzila nom achees rrecado delas yso mesmo hires adiante te saber em certo se as ay e onde som E parecendo uos que podes niso fazer cousa de noso seruiço achando as e que a vosa armada bastara pera yso.,. trabalhar uos ees quanto em vos for de as tomardes ou lhe fazerdes qualquer dano que poderdes/[fl. 495v]

Jteem se poruentura hy nom ouuer as ditas fustas ou esteuerem em tal para-Jem que nom deuaees dar nellas nem lhe posãees fazer dano entam vos tornarees a arzila E se pera alguum socorro ou necesidade na dita vila ou em cada huum deses lugares comprir a noso seruiço vos estando hy e nos servirdes em elles asy o fazee E nom auemdo hy necesidade de vos,. hir uos ees ao porto de santa maria onde esta

---

[336] Riscado: «x».

[337] Adição da mão C (?).

[338] Adição da mão A.

[339] Adição da mão B.

nuno Ribeiro[340] a que temos mandado que conpre huuma soma de pam pera os ditos lugares e fazee carregar dele eses navios que leuãees e se leuara a arzila onde cremos que ora aa mais necesidade de pam E leuada a primeira viaJem entam o dito nuno Ribeiro podera mandar o mais pam que a d ir aos ditos lugares a cada hum deles/ [fl. 496] E com voso fauor e andada hy poderom hir os nauios mais seguros E quamdo prouemtura teuerem rremo e nom poderem hir sem vos pera seguranca do dito pam vos hirees com elles e trabalharees quanto poderdes porque nestes dias do veraão emquanto la andardes se leue o dito pam aos ditos lugares E nas carauelas que que leuãees hira todo o que poder E per o dito Nuno rribeiro serees avisado e vos concertarees com elle ao tempo que podera ter o pam prestes pera hirdes em companhia dos nauios que o leuarem ou pera o vos mesmo leuardes se conprir

E se agora nesta primeira viaJem que auees d ir ao porto de santa maria o dito Nuno rribeiro nom teuer tanto pam prestes que posãees carregar eses nauyos, leuarees o que poderdes nesa naao e se hy mais ouuer hira nos ditos nauios outros/[fl. 496v]

Jteem se poruemtura ouuerdes vista das ditas fustas trabalhay quanto poderdes de desimular e mostrar que nom sõees nauios d armada pera que aJa hy Rezam de uos nom fogirem ou vos vijrem demandar com toda outra seJaria e desemulacom de guerra que poderdes e vos bem parecer pera nos mjlhor poderdes servir como de vos comfiamos

Jteem vos vos hirees logo a lixboa e trabalharees quanto poderdes per voso cabo de uos despachardes e aJudardes ao aviamento da dita armada quanto em vos for pera poderdes partir o mais cedo que ser posa E vos hijs forneçido por tenpo de dous meses este tenpo andarees la E mais dez ou doze dias se uos pareceer necesario e que conpre a noso seruiço e o tenpo do Jnuerno vos der lugar a yso e entam uos vijrees a lixboa desarmar

sprita em almeerim a jj de setembro 1510

E Jorge de uasconcelos leua rrecado noso dos naujos e Jente que auees de leuar e a maneira em que am d ir aparelhados

duarte pachequo

a) de castel [branco]/[fl. 497]

parece nos que o tenpo que no estreito andardes nom deuees trazer nenhuas bandeiras e que deuees de tirar os menos tiros que poderdes pera que nom se conheca que sõees naujos d armada e asy o fazee., saluo quamdo esteuerdes em porto poderees meter as ditas bandeiras

Jteem auemos por bem que leuees nas carauelas cinquo bonbardas grosas e dous falcões e vinte tiros meudos E na naao aqueles tiros que uos a vos e a Jorge de uasconçelos bem parecer E a pauesada que conuosco e com elle falamos, Requere o pera se asy auer de fazer E a vosso despacho day toda presa que posiuel for

a) Rey/[fl. 497v]

---

[340] Nuno Ribeiro está documentado como feitor na Andaluzia de 20 de Setembro de 1509 a 5 de Outubro de 1519, movimentando-se frequentemente entre Cádis e o porto de Santa Maria. Cf. Manuel Henrique Côrte-Real, «Feitores e escrivães na Andaluzia durante o reinado de D. João III», *Do Tempo e da História*, I, 1965, p. 141.

Por el Rey
A duarte pachequo fidalguo de sua casa

[341]de quamdo tomej as fustas
[342]1510 a 2 de setembro
[343]Regymemto

Doc. 23

Almeirim, 07/09/1509

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 528-528v

duarte pacheco Nos El Rey vos emuyamos muyto saudar
vimos vossa Carta e a comta que Nos per ella daueis e avemos por bem que facãees vosa viagem por omde vos bem que pareçer e for mais Nosso sseruiço sem embarguo do Regymemto e ouuemos prazer de estardes tam apercebido como dizeis pera partir e encomemdamos vos que deis a mais trigamça que vos possyuel ffor A vosa partida e scprevey nos os nauios e gemte que leuaees e como a llevaees Repartida por elles, e asy mesmo os bombardeiros que hy vam
scprita em almeirim aos bij dias de setembro afomso mexia[344] a fez de 1510 ·
e asy a artelharia que cada hum nauio leua e a gramdura de que he cada hum, Nauyo,

a) Rey

Reposta a duarte pacheco,/[fl. 528v]

Por el Rey
A duarte pacheco fidalguo de sua casa que hora vay por capitam da sua armada

[345]1510 a 7 de setembro

---

[341] Em letra de Duarte Pacheco Pereira.

[342] Adição da mão A.

[343] Adição quinhentista, desconhecida.

[344] Escrivão da câmara e da fazenda de D. Manuel I e D. João III. Foi feitor de São Jorge da Mina de 1511 a 1513 e, mais tarde, vedor da fazenda da Índia, para onde foi com D. Vasco da Gama em 1524, regressando em 1531. Cf. Sara de Menezes Loureiro, *Afonso Mexia, escrivão da câmara e da fazenda de D. Manuel I e de D. João III. Reconstituição e análise da sua actividade como redactor e escrivão de diplomas régios*, dissertação de mestrado, Lisboa, FLUL, 2006.

[345] Adição da mão A.

Doc. 24

Almeirim, 02/10/1510

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 488-489v

[346]<de como tomou coatro fustas de mouros>

duarte pachequo nos el Rey vos emviamos muyto saudar

nos soubeemos dos quatro navios dos mouros que tomastes e posto que o nam teenhamos sabido por vosa carta, ouuemos por beem vos spreuer que teemos Reçebido com Jso prazer e vo lo gradecemos e esperamos em nosso Senhor que a tam boom começo dara milhor fim pera elle ser muyto seruido e Nos comtemte e beem creemos que Nam faleçera por mimgoa de vosso boom cuidado E porque Nos ouueemos recado do comde de borba[347] que el Rey de feez estaua perto dos Nosos lugares Emcomemdamos uos que o teempo que la avees d amdar, os corrães todos pera saberdes a necesidade que cada huum teem e acodirdes ao que compryr a noso seruiço e pera o que ouuerdes de fazer nam aveemos por necesario vos dar leembrança nemhuuma porque sabemos que o avees de fazer asy Jmteiramente como seJamos mais seruido, pero <de> corerdes os ditos lugares teemde gramde cujdado

sprita em almeirim a ij dias d outubro o secretario a fez 1510

<e sse caso for que venha cerquo a allguum deses lugares a gente que mais ouuerdes mester alem da que trazees pedi a a nuno Ribeiro, ao qual por esta mamdamos que vo la dee,,.>

a) Rey

pera duarte pachequo/[fl. 489v]

Por el Rey

A duarte pachequo fidalgo de sua casa que anda com sua armada no estreyto

[348]das fustas que tomej

[349]terceyra

[350]agradecjmentos das ffustas que tomou ha aos mouros no a de de [*sic*] 1510 a 2 d outubro

---

[346] Adição da mão B.

[347] D. Vasco Coutinho, capitão de Arzila de 1490 a 1514, faleceu em 1522. Cf. Maria Rosalina Bento Semião, *D. Vasco Coutinho conde de Borba e capitão de Arzila*, dissertação de mestrado, Lisboa, FLUL, 2002.

[348] Em letra de Duarte Pacheco Pereira.

[349] Adição quinhentista, desconhecida.

[350] Adição da mão A.

Doc. 25

Almeirim, 26/10/1510

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 520-520v

duarte pacheco nos el Rey vos emviamos muyto saudar

vimos vosa carta que nos spreuestes pella quall nos fezestes saber o aviamemto que nuno Ribeiro tynha dado ao pam pera os nosos lugares d aalleem e vos como trazijes os nauios e o fumdamemto de vosa amdada segumdo a nova que teueseijs alleem da que tijnheijs, e gradecemos uos de asy tudo nos spreuerdes e beem creemos que ha mymgoa de voso boom Cuidado Nam ficara por fazer nemhuuma cousa de noso seruico E o que aveemos por Noso seruiço que facaes he que teemdo vos Nova de cerquo sobre cada huum deses lugares amdees laa atee quimze ou vijnte dias do mes de Noueembro que ora veem e se atee este tempo nam for vijmdo Çerquo como esperamos em noso senhor vymde uos desarmar porque asy o aveemos por bem e vijmdo cerquo, segundo o rrecado que disso ouuermos vos avisareemos do que facaaes E vosa armada seJa sobre esses lugares e nam vos sayaaes dhy pera outra parte por que vosa amdada hy prouee a todasas cousas Como em vosa carta nos apomtaaes e corre andando os ditos lugares segundo o tempo pera yso vos serujr., por que acudaaes ao que teuer neçesidade e seruy uos nesto asy beem e com tall cuidado e diligençia como de vos comfiamos

scprita em almeirym a xxbj dias d outubro o secretario a fez 1510

a) Rey

Reposta a duarte pacheco e o que lhe vos alteza manda que faça/[fl. 520v]

Por el Rey

A duarte pacheco fidalguo de sua casa e capitam da sua armada que amda no estrejto

[351]1510 a 26 d outubro

Doc. 26

Lisboa, 18/05/1511

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 513-514v

duarte pachequo avemos por bem que vos posaaes leuar quaaesquer degradados,. que comvosco quiserem hijr nesta armada em que vos ora emvjamos,. ao srteyto [*sic*] Semdo Seus degredos pera os luguares d alem,. e todo o tempo que comvosco andarem queremos que lhe seJa leuado por serujdo como se esteuera no lugar pera honde lhe era posto seu degredo,. e quamdo quer que embora vos vjerdes os leixares nos lugares pera homde sam degradados com certidam vosa do tempo que comvosco serujrom e trelado deste noso aluara per vos asynado, e per ele mamdamos que lhe aJom o tempo que per a dita vosa certidam mostrar que comvosco serujo[352] por

[351] Adição da mão A.

[352] Riscado: «em a».

serujdo,. E mamdamos vos que asy o cumpraaes,. e que Recebaes quaaesquer dos ditos degradados que se asy quyserem hijr., e o cunpraes asy e na maneira que dito he, e per este mamdamos,. ao noso gouernador da casa do ciuell que vo los mamde emtreguar, pera os asy leuardes

sprita em lixboa a xbiij dias de maio andre pirez o fez de 1511

e o tempo que comvosco andarem nom averam nenhuum soldo,

a) Rey

a) dom antonio

pera duarte pachequo leuar na armada os degradados,. que forem pera os lugares d alem que com ele quiserem hjr e os trazer e o tempo que com ele serujrem[353] lhe seJa comtado por serujdo e quando se vjer os leixe a cada hum no lugar pera honde foy degradado,

Doc. 27
Lisboa, 28/05/1511

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 491-492v

[354]<Regimento de capitão mor d armada>

duarte pachequo este he o Regimemto que vos mamdamos que <guardes> nesta yda homde vos ora emviamos por noso capitam moõr da armada que Leuães pera o estreito

Jteem vos mamdamos que como prazeemdo a deus daquy partirdes vos vaades ao dito estreito e nelle e nos outros lugares em que tocardes primeiro de nelle emtrardes vos trabalhay de saber nouas se os mouros teem armada de seus nauios fora e seemdo fora omde sam e Nam seemdo fora se armam e omde E quamtos sam e como armados E tomada disso toda emformacam e o mais em çerto que poderdes trabalhares por os topar e os tomardes e lhe fazerdes todo mal e dano que poderdes e esperamos em noso senhor que vos dara pera yso sua aJuda,.

Jteem se loguo nom achaseijs Noua certa d armada de mouros, asy de nam seer fora nemhuuma como de nam se fazer amdares no dito estreito coremdo e veemdo os lugares dhomde podem sayr e esperand os segumdo o tempo vos serujr, em tal maneira que nam posam sayr que os Nam topes E se soubesseijs que estauam algumas fustas ou galiotas ou barquos em alguum porto omde seguramemte com eles podesseijs emtrar e os tomar ou queymar fa lo es asy beem como de vos o comfiamos

Jteem vos mamdamos que vos nam sayães de fora do estreito porque asy o aveemos por noso seruico

Jteem seemdo caso que nosso Senhor nam mamde que o/[fl. 491v] ouuesseijs recado que a cada huum dos nosos lugares era vijmdo Cerquo e disso teuesseijs noua certa, mamdamos uos que acudaães e socorraaes a quallquer dos ditos Lugares que

---

[353] Riscado: «se».

[354] Em letra de Duarte Pacheco Pereira.

semelhamte necesidade teuer e fazey em tal caso todo aquello que pello capitam do tal lugar de uossa parte vos for Requerydo que por noso seruiço facães e pera ysto milhor poderdes saber seempre visytares e coreres os ditos lugares como ho teempo vos serujr E em tal maneira ho fazee que nam percaes tempo alguum pera o que avees de fazer em huuma cousa e a outra e beem creemos que se Nam ha de perder cousa alguuma a mymgoa de voso cujdado,,.

Jteem porquamto frramcysco d arazyno[355] que teem careguo das obras dos nosos lugares d aalleem ha de trazer muytos nauios ocupados no careto e maneo das cousas necesarias pera as ditas obras, asy de call como peedra e todas outras necesidades aveemos por beem que quamdo for necesario acompanhees os ditos nauios que leuarem as ditas cousas das obras e mamtymemtos pera a gemte dellas e lhe dees toda aJuda e fauor em tal maneira que posam hijr e vijr seguros e sem Receo dos nauios dos mouros porque Nos teemos a yso obrigacam por beem do comtrauto que comnosquo teem fecto,

Jteem Aveemos por beem que nam vos embarates de tomar Roupa defessa que pase pera berberya posto que achees Nem Roupa de mouros posto que achees em Naaos de Christaaos porque nom he nosa temçam de vos emviar com nosa armada saluo pera a garda do estreyto/[fl. 492] trabalhamdo por nos serujrdes assy beem e com tal diligemcia e cuidado como de vos ho comfiamos e em todo vsar do poder que leuaaes por nos asynado

stprito em Lixboa a xxbiij dias de maio o secretario o fez j [mil] b^{c} xj

<Jteem porque nos foy certeficado agora a vosa partida que nesta paragem da costa do algarue amdauam dous nauios d armada de framceses e que Jumto d albufeira tomaram huum barquo castelhano e que se dizia que vinham Com fumdamemto de nesta Costa fazerem alguuas cousas de noso desseruiço vos mamdamos que loguo em saymdo daqui vos trabalhes de saber nouas destes Naujos pregumtamdo por eles a todos os nauyos que topardes e achamdo deles nouas que amdam nesta parageem da costa aveemos por bem que os vaades buscar homde quer que ouuerdes noua que amdam e os podes topar e seemdo taes nauios com que vos pareça que seguramemte podes peleJar os cometee e trabalhay por os tomar e tomand os como esperamos em noso Sennhor vos yres com eles a laguos e hy emtregares os ditos nauios com todas as cousas que nelles tomardees ao noso almoxaryfe da dita villa, as quaes fares sobre elle caregar em rrecepta a seu spryuam em seu liuro e em tudo poemde boom Recado e a pesoa do capitam ou capitaes mestres e toda a companha emtregares aos Juizes da dicta villa que os tenham pressos e a todo boom Recado pera se delles fazer comprijmemto de direito e amtes de com eles peleJardes lhe fazey vosos Requerymemtos a costumados pera se nam poder seguyr dano alguum a gente e de como os tomaaes e do auto em que os achastes fazee autos com o spriuam da armada e no los emviares cerrados e aselados e nos avisares por vosa carta de todo o quamto fezestes e semdo asy tudo leixado em laguos seguy vosa viagem em boõa ora pera que hijs ordenado.,,. e assy o fares nam avemdo deles nouas certas pera os deuerdes d hijr buscar.,,

---

[355] Tinha a seu cargo as obras nas praças do Norte de África. Cf. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I, Doações*, Liv. 41, fl. 41v, Carta régia de confirmação de cavaleiro a Rodrigo de São Felizes, vizinho da vila de Escalante, do reino de Castela, parente de Francisco de Anzino, que tem cargo das obras dos lugares de Além, pela apresentação de um alvará de D. Duarte de Meneses, do Conselho do Rei e capitão de Tânger, 14 de Julho de 1511.

Regimemto de duarte pacheco/[fl. 492v]

Jteem porque o aveemos asy por mais noso seruiço e aJmda proueito das partes e tambeem porque se nam perqua teempo pera o que avees de fazer aveemos por beem que fazemdo algumas pressas de mouros veenhaaes entregar todas as cousas dellas a nuno Ribeiro noso feitor que estaa em casteella as quaaes cousas todas lhe entregares por emvemtairo e cobrares delle seu conheçymemto em pubrico e elle veemdera todas as cousas das ditas presas o milhor que poder e do dinheiro da veemda dellas se Recadara o noso quimto e a nosa metade e a outra meetade que damos pera as partes se Repartira como em este noso Regimemto he comtijudo E vos no tempo em que as presas fezerdes olhay e vigiay que se nom faca nemhuum mao recado e que tudo venha a boõa rrecadaçam e o stpriuam da vosa naao fara de tudo liuro em que todo aseemtara e vos faze o asy bem e com aquela fieldade que de vos comfiamos

Jteem tomamdo alguum nauio de mouros gramde e tal que vos pareça que sera noso seruiço nam se vemder Nam se vemdera e estara asy atee Nos fazerdes saber a gramdura e feicam dele pera mamdarmos a maneira que com elle se tenha

a) Rey

a) dom antonio

Regimemto de duarte pachequo

[356]a 28 de majo de 1511

Doc. 28

Lisboa, 30/05/1511

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 509-509v

Dom manoel per graça de deus Rey de portugual e dos alguarues d aquem e d alem mar em africa Senhor de guine e da comquista navegaçam comerçio d etiopia arabia persia e da imdia, ffazemos saber a vos capitães dos nauios e armada em que mamdamos por noso Capitão moor ao estreito duarte pachequo fidalguo de nosa casa fidalguos, caualeyros escudeiros mestres pilotos meirjnhos marinheiros bombardeiros besteiros homems d armas e todas outras pessoas e companha que hijs na dita armada., que nos por a muita comfiamça que temos do dito duarte pachequo ho emcareguamos da capitania mor da dita armada., porem vo lo notificamos asy, e vos mamdamos a todos em gerall e a cada hum em espiçial que em todo ho que por ele vos for Requerido e da nosa parte mamdado Cumpraes e façaes imteiramemte seus Requerymemtos e mamdados asy e tam imteiramemte e com aquela diligemçia e boom cuidado que de todos e de cada hum de vos ho comfiamos e ho farieis se por nos em pesoa vos fose dito e mamdado porque asy ho avemos por bem e noso seruiço e aqueles que asy ho fezerdes e comprirdes como deuees nos farees muito seruiço, e os que ho comtrairo que nom esperamos nos desserujram e lhes daremos por elo [357]aqueles castiguos que por taes casos mereçerem,,

---

[356] Adição da mão A.

[357] Riscado: «a».

Outrosy porque as cousas de noso seruiço seJam guardadas e feitas como devem em semelhamte armada lhe damos todo noso Jmteyro comprido poder e alçada .s. nos casos crimes que ele posa mamdar açoutar e degradar piaees e que seus Juizos e mamdados se dem Jmteiramemte nestas penas nos sobreditos ha execuçam sem outra mais apelaçam nem agrauo porque comfiamos dele que ho fara como deue e quamto aos fidalguos caualeyros escudeyros mestres pilotos, estes fazemdo, casos por que deuam ser presos os premdera e trara presos a nos e em todo boom Recado com os autos de suas culpas pera qua os mamdarmos ver e se fazer comprimemto de Justiça., e quamto ao çiuel lhe damos poder e alçada ate comtia de çimquo mil reaes e nesta comtia nom avera dele apelaçam nem agrauo

Porem lhe mamdamos dar esta carta por nos asynada e aselada do selo de nosas armas pela qual do poder e alçada que per ela lhe damos vsara como nela for comtheudo,

dada em ha nosa çidade de lixboa a xxx dias do mes de maio amtonyo fernamdez[358] a fez anno de noso Senhor Jesu christo de j [mil] b^{c} xj

Poder de duarte pachequo/[fl. 509v]

Poder pera duarte pachequo do çerco de tamgere [359]<no ano de 1511 a 30 de majo>

Doc. 29

Lisboa, 20/08/1511

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fl. 534-535v

duarte pachequo nos el Rey vos emviamos muyto saudar

vimos a carta que nos emviastes de quatorze dias deste mes d agosto, de dentro d arzilla e como estaueijs hy por causa do Cerquo que afyrmaaes aveer hy pello que dito teemdes visto e sabido E ouueemos muyto prazer com vos açertardes hy e aveemos por muy certo que em tudo fares ymteiramemte o que comprijr a noso seruiço E acerqua disto e do mais desta vosa carta nam comveem outra mais reposta nos mamdamos prouer nas Cousas do socoro como nos parece que pello presente comveem atee aveermos outros recados e Segundo o que mais for., asy mamdaremos prouer Cesamdo a necesidade hy como esperamos em Noso Senhor que seera e aveemdo em allgum deses outros lugares, Acody a qualquer delles omde ha ouuer como vo llo teemos mamdado e comprijr por noso seruiço

scprita em lixboa a xx dias d agosto o secretario a fez 1511 ·

a) Rey

Reposta a duarte pacheco/[fl. 535v]

Por el Rey

A duarte pachequo fydalguo de sua casa e capitam da sua armada do estreyto ·

[360]1511 a 20 d agosto

---

[358] Em 1516, era escrivão do secretário António Carneiro. Cf. Venâncio Deslandes, *Documentos para a história da tipografia nos séculos XVI e XVII*, 2.ª ed., Lisboa, INCM, 1988, p. 9.

[359] Adição da mão A.

[360] Adição da mão A.

Doc. 30

Lisboa, 09/09/1511

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 522-523v

duarte pachequo nos el Rey vos emviamos muyto saudar

vimos a carta que nos spreuestes d arzilla de xxij dias de Julho E ouueemos prazer com todo o que por ella nos fezestes saber e vo llo gradecemos E quamto ao negocio pera que vos ofereçees Nos creemos que pera todas as cousas de noso seruiço teemdes tam booa vomtade que pera este vos Nam faleceria e asy a obra e gradecemos vos tudo o que acerqua diso nos dizees, pero Nos aveemos por escusado pello presente emtenderdes nyso, noso senhor dara pera yso tenpo e lugar

Jteem acerqua de vosa amdada la, aveemos por noso seruiço que amdes aJmda la com esa armada atee per todo o mes d outubro que ora veem e atee emtam averes noso Recado do que ouuermos por noso seruiço que mais façaes E neeste teempo vos emcomemdamos e mamdamos que trabalhees por nos serujr e fazer o que de vos comfiamos e primcipalmente em acodijrdes a quallquer deses lugares em que ouuer alguuma neçesidade defenida se vier ou outra <cousa> que noso senhor defeemda e faze o com aquele cuidado que de vos esperamos

scprita em lixboa a ix dias de Setembro o Secretario a fez 1511 ·

a) Rey

Reposta a duarte pachequo/[fl. 523v]

Por el Rey

A duarte pachequo fydalguo de sua casa e capitam mor de sua armada do estreyto

[361]Reposta da carta que lhe screuj sobre tomar larache

[362]1511 a 9 de setembro

Doc. 31

Lisboa, 11/09/1511

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 536-536v

duarte pacheco Nos el Rey vos emviamos muito saudar

o conde de borba nos espreueo ora como tinha nouas de o çercarem, polo qual conpre muito a noso seruiço como vos Ja per outra espreuemos de vos vegiardes e vesitardes eses lugares emquanto la andardes e de acodirdes onde virdes e souberdes que conpre com toda presa e deleJencia que ser posa como pera tal caso he necesario

sprita em lixboa a xj dias de setembro 1511 ·

a) Rey

[361] Em letra de Duarte Pacheco Pereira.

[362] Adição da mão A.

a) o baram

[pera duar]te pacheco que vegite aqueles lugares e acuda/[fl. 536v]

Por el Rey
A duarte pacheco fidalgo de sua casa e capitam da sua armada que ora amda no estreyto

[363]gilygye [?] omde cerco nos llogares d allem pera sse acodjr no ano de 1511 a 11 de setembro

Doc. 32

Lisboa, 10/10/1511

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 516-516v

duarte pachequo nos el Rey vos emuyamos mujto saudar
nos soubemos ora que Joham coelho[364] noso moço da camara estaua mal semtido, e porque avemos por bem que ele se venha quando quiser vos emcomemdamos e mamdamos que ho leixeis yr e niso lhe nom ponhaes peJo
sprita em lixboa a x d oytubro amdre pirez a fez de 1511
E Jsto sendo do mall syntydo como nos emujou djzer

a) Rey

pera duarte pachequo,. leixar yr Joham coelho,/[fl. 516v]

Por el Rey
A duarte pachequo fidalgo de sua casa, capitam moõr d armada do estrejto

[365]desta nam tenho nesecydade
[366]no ano de 1511 a 10 d outubro

Doc. 33

Lisboa, 11/10/1511

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 524-525v

duarte pacheco nos el Rey vos emviamos muyto saudar
vimos a carta que nos emviastes E quamto a vosa amdada la, Amtes desta vos tynhamos respomdido a outras cartas vosas que ouuemos e por ellas vos mamdaua-

---

363 Adição da mão A.

364 Poderá ser o homónimo que mais tarde, em 1518, foi alcaide-mor de Tânger. Cf. B. Rodrigues, op. cit., I, p. 271.

365 Adição da mão A.

366 Adição da mão A.

mos que amdaseijs la atee per todo o mes d outubro porque asy o aviamos por noso seruiço, Agora asy vos mamdamos que o façaes e neste teempo Nos seruy asy beem como de vos comfyamos acudjmdo a qualquer desses lugares que de vos teuer neçesidade vijmdo lhe cerquo que noso Senhor defemda ou quallquer outra necesidade per que lhe deuaaes <acodir> e faze o com aquele cuidado e dyligencia que de vos esperamos E porque este tempo de vosa amdada e estada la he tam pouco, ouuemos por escusado vos mamdar proueer das amarras e cousas outras que Nos stpreuees, Com o que teemdes vos Remediay ho milhor que poderdes, E Acerqua do que fezestes em allcaçer no castiguo das pessoas em vosa carta apomtadas Aveemo lo por beemm porque comfiamos de vos que o farjees como deuyes e que de tudo o que fezerdes nos darees de vos boõa Rezam sprita em lixboa a xj dias d outubro o Secretario a fez 1511

a) Rey

Reposta a duarte pachequo/[fl. 525v]

Por el Rey
A duarte pacheco fidalgo de sua casa e capitam mõr d armada do estreyto

[367]dada a xj d oitubro do ano de b[c] xj
[368]no ano [369]de 1511 a 11 d outubro

Doc. 34

Lisboa, 03/11/1511

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 490-490v

[370]<do que fez no cerquo de tangere>

duarte pachequo nos el Rey vos emviamos muyto saudar
teemos sabido quamto nos temdes seruido no cerquo da cidade de tamger e quamto niso trabalhastes e Recebemos muyto prazer de tambem ho fazerdes e asy vo lo gradecemos nem o esperauamos meenos de vos E porque nos parece que nam seres Ja mais necesario nem ha armada que leuastes serue nem pode aproueitar por o tenpo seer Ja tam metido no ymverno vos mamdamos que vos veenhaaes em boõa ora e trazee a armada que leuastes e vos vymde desarmar porque asy o avemos por noso seruiço
sprita em lixboa a iij dias de novembro o secretario a fez j [mil] b[c] xj

[a) *Rey*]

a duarte [*pachequo que loguo v*]enha com ha ar[*mada*]/[fl. 490v]

---

[367] Adição quinhentista, desconhecida.
[368] Adição da mão A.
[369] Riscado: «de 1501».
[370] Adição da mão B.

Por el Rey
A duarte pachequo fydalgo de sua casa e capitam moõr da sua armada do estreyto

[371]quoarto
[372]do cerco de tamgere agradecjmentos que lh espreve no ano de 1511 a 3 de novembro

Doc. 35

Évora, 06/01/1513

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 517-517v

duarte pachequo Nos el Rey vos emv[iamos] muyto saudar,
nos mamdamos a yorge de vascomcellos que loguo faca armada de quatro nauyos .s. huum de CL toneladas E outro de lxxx e os dous de bombardas grosas e que todos vaao muy bem artilhados asy de bombardas grosas como myudas e muy bem armados e apomtados e asy como comvem por noso seruiço E pella comfiamca que de vos teemos, ordenamos de Na dita armada nos serujrdes por capitam primcipall E asy o spreueemos ao dito JorJe de vascomcellos e que vos lhe Requereres e Solicitares o que vos parecer necesario e tanbem que vos der cujdado de quallquer cousa que vos poderdes aviar, porque quereemos que a gramde presa se faça esta armada pera loguo com ella sayrdes,. Noteficamos vo llo asy E vos emcomemdamos que com aquela boõa vomtade com que sempre nos servys,. o facães agora nesto que tanto compre por noso seruiço E Requere ao dito JorJe de vascomcelos e elle vos mostrara a carta que lhe spreueemos e vos fazemos saber qualquer cousa que por noso seruico sobre este caso vos pareçer E encomemdamos uos que por vosa parte dees qualquer boom aviamemto que vos for posyuel porque queryamos que loguo vos partissejs porque temos Recado que no estreito amdam nauyos d armada de framcesses e que fazem muyto dano
sprita em Euora a bj dias de Janeiro o secretario a fez 1513
e assy nos fazee saber os nauios que estam no porto desa cidade que nosso posam serujr

a) Rey

a duarte pacheco, como vos alteza se quer serujr dele nesta armada que manda fazer/[fl. 517v]

Por el Rey
A duarte pachequ[*o*] fidalgo de sua casa

[373]a biij de Janeyro
[374]que va servjr de capitão mor d armada no ano de 1513

---

[371] Adição quinhentista, desconhecida.
[372] Adição da mão A.
[373] Adição da mão A.
[374] Adição da mão A.

Doc. 36

Évora, 20/01/1513

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 527-527v

Duarte pacheco Nos el Rey vos emviamos muito saudar

vimos uosa carta,. E auemos por bem que se armem soomente a galocha E o grifo de huma carauela e que vaão bem forneçidas d artelharia e de bonbardeiros E asy auemos por bem que vaã por capitam Ruy garçia[375] que nos spreuestes de hum destes nauios.,. E do outro hira a pesoa que uos e Jorge de uasconcelos pera yso buscardes e escolherdes que seJa pera yso pertencente E emcomendamos uos que ao despacho e aujamento desta armada dees toda presa que poderdes a qual armada mandamos forneçer por tempo de dous meses e que se pague d antemaão soldo de hum mes segumdo mais largamemte o espreuemos ao dito Jorge de uasconçelos com que todo praticarees,.

o rregimento da maneira que Nisto avees de teer vos emviamos com esta,.

E asy vos emviamos mandado noso pera da nosa mea camara vos acodirem agora com dozentos cruzados

sprita em euora a xx dias de Janeiro 1513 ·

<e se o patrom quiser hjr por capitam da galocha ele yra e nom Ruy garçia e nos avemos por bem que vaa a naão nova que se ora lança e nom o gryfo Requeree lo hes a JorJe de vasconcelos e vos dara todo avjamemto ·>

a) Rey

a) o baram

[*per*]a duarte pacheco/[fl. 527v]

Por el Rey
A duarte pacheco fidalgo de sua casa,

[376]1509

[377]os navjos que se armem [*sic*] no ano de 1513 a 20 de Janeiro

Doc. 37

Évora, 04/03/1513

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 537-537v

duarte pacheco nos el Rey vos emviamos muyto saudar

vimos a carta que Nos emviastes de gadaramel fecta a xij dias de Julho pella qual nos deestes comta de todo o que ate emtam tijnheijs fecto e ouueemos prazer de

---

375 Rui Garcia estabeleceu-se depois em Azamor. Foi nomeado escrivão da feitoria, almoxarifado e alfândega daquela praça a 21 de Junho de 1520. Cf. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I, Doações*, Liv. 35, fl. 110.

376 Adição da mão A.

377 Adição da mão A.

asy myudamemte nos dardes de tudo comta e vo llo gradecemos e beem creemos que se Nam ha de perder nada a mimgoa de voso cuidado e diligemcia E quamto ao que toca ao que teem pasado aluaro Rafaell[378] e o que por suas culpas teemdes mamdado Nos teemos comfiamca de vos que Nam farees senam todo o que devaães E por yso nam comveem acerqua diso outra mais Reposta Soomemte que com este fundamemto da comfiamca que de vos teemos que Nam farees cousa Jmdyuyda, aveemos por beem o que açerqua do dito aluaro rafael teemdes fecto

scprita em lixboa a xxj dias d agosto o secretario a fez 1511 ·

a) Rey

a) dom antonio

Reposta a duarte pacheco, [*so*]bre o que toca a aluaro rrafael/[fl. 537v]

Por el Rey

A duarte pachequo fidalguo de sua casa e capitam mõr da sua armada do estreyto

[379]1511 a 21 d agosto

Doc. 38

Évora, 04/03/1513

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 530-530v

duarte pacheco nos el Rey vos emviamos muyto saudar

nos comsyramos sobre a armada em que vos mamdamos pera garda da costa e parece nos que he muyto mais proueytosa e menos custosa seer, de quatro carauellas de bombarda, com, ho barynel nouo,. do que leuardes a naao noua gramde que pera yso tynhamos hordenada, nom se leixando porem de fazer prestes a dita nao noua avee lla pera niso serujr se comprijr e aJmda alleem de nos parecer milhor a dita armada das quatro carauellas e barynel, nos parece que se podera nais asynha fazer prestes pera mais cedo poderdes Sayr com ella E spreueemos a JorJe de vascomcellos que nesta maneira faça a dita armada e com toda breuidade emteemda niso E a vos ho noteficamos pera saberdes o que niso mamdamos e aveemos por noso seruiço, fallay loguo com ho dito JorJe de vascomcellos e elle vos dira largamemte o que lhe

---

[378] Álvaro Rafael era filho de Pero Rafael, casado com Beatriz Nunes. Era provavelmente oriundo de Lagos, mas morava em Lisboa (ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I, Doações*, Liv. 15, fl. 54). Era cavaleiro da Casa Real e até 1513 servia como meirinho do paço (ANTT, *Leitura Nova*, *Odiana*, 7, fls. 69-70). Trocou esse cargo pela alcaidaria-mor de Azamor, para a qual foi nomeado a 30 de Agosto de 1513, recebendo uma tença de 12 000 reais enquanto aí servisse, paga pelo almoxarifado de Azamor (ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I, Doações*, Liv. 15, fl. 53). Aí esteve a servir, pelo menos, desde 19 de Agosto de 1514 a 21 de Janeiro de 1522 (ANTT, *Corpo Cronológico*, II-50-177, Recibo de tença de Álvaro Rafael em Azamor; e *Idem*, I-27-98, Alvará régio para pagamento de ordenado a Álvaro Rafael).

[379] Adição da mão A.

spreueemos e vos trabalhay quanto poderdes no que comprijr pera mais cedo serdes despachado e gradecer uo lo emos

scprita em euora a iiij dias de marco o secretario a fez 1513 ·

a) Rey

pera duarte pacheco, noteficacam da maneira em que vos allteza manda fazer a armada pera a garda da costa/[fl. 530v]

Por el Rey

A duarte pachequo fidalgo de sua casa

[380]dado tres de [381]<marco>
[382]1513 a 4 de marco
[383]no ano de 1513 em qe mamda notyffycar lhe armada qe a de llevar pera goarda da costa

Doc. 39

Cochim, 29/12/1541

BNP, *Arquivo Almada Lencastre Basto*, *Av. Roma*, Pac. 58, Liv. 1, fls. 479-480

Dom esteuão da gama[384] capitão gerall e governador da Jmdia etc faco ssaber aos que este virem que eu me fiz prestes na Jmdia com noue galeõees E quatro naaos E huma Carauella E tres galeotas E ssesemta quatro fustas e Catures com dous mill homens, com a qual armada e homens party da cidade de goa o prymeiro de Janeiro de de quinhemtos quaremta huum pera emtrar o estreito e com os navios de Remo hir a suez queimar as galles e armada do turqo que a Jmdia veio que em suez estaua., E chegamdo a maçua me fez prestes em oito dias com toda armada de Remo, e m embarquey em huuma das galeotas e me party com armada de Remo em quue hião mill trezemtos homens com mamtimemto pera dous messes por os navios nam poderem leuar mamtimemto pera mais, E a mais gemte leixey nos galeõees e naaos com manuel da gama por capitão moor deles e party a dezoito de feuereiro E aos vimte mamdey dom christouão da gama meu Jrmão meu yrmão diamte com doze catures que ffose cercar a ylha e çidade de çoaquem pera que nam podese nimguem sair dela e quamdo Jaa chegou avia tres ou quatro dias que el Rey a despeJara por ter nouas de mim que lhe el Rey de maçua mandou por teRa em que lhe fez saber de minha yda, E todauia nam se pode tamto despeJar que não fficase nella gramde camtidade de triguo milho mamteiga e outros mamtimemtos e muitas mercadorias marfim calaim e crauo e outras e depois os portuguesses cauaram as cassas homde se

[380] Em letra de Duarte Pacheco Pereira.
[381] Riscado por Duarte Pacheco Pereira: «Janeiro».
[382] Adição da mão A.
[383] Adição da mão A.
[384] D. Estêvão da Gama foi governador da Índia de 1540 a 1542.

achou muito ouro e prata e ouue homems alguums de quatro e cimqo mill cruzados cada hum e muitos de quinhemtos trezemtos, E depois de eu laa chegar com toda a outra armada que ffoy depois de meu yrmão sete dias estiue oito dias com el Rey que dizia que me queria dar pilotos, e asy A metade do Remdimemto d alfamdega para el Rey noso senhor que he o que daua ao turqo por asemtar pazes com elle, e lhe não destroir a çidade, E por estarem com elle muytos turqos lh impidirão nam ousar de o fazer, e temdo eu Jaa hum piloto, E por/[fl. 479v] el Rey não comprir comigo dessembarquey na terra ffirme e fuy huuma legoa por ela omde o dito Rey estaua com o seu aRayall e turcos asemtado e o desbaratey e desemparou o aRayall com todo o fato que nelle tinha e mamtimemtos e o mamdey queimar e a cidade e po la por terra quasy toda, E ao outro dia me party ha Cuez que forão dez de março e no caminho achey tamtos vemtos comtrairos Restimgas e baixos huma legoa, e a tiro d espimgarda hums dos outros que em dezoito dias não pude amdar mais de vimte legoas, E por me pareçer e a todolos pilotos e gemte d armada que em nenhuuma maneira podia hir avamte por Rezão dos tempos e do mamtimemto serem Jaa gastados trimta seis dias me party em dezasseis fustas e catures os mais Remeiros d armada com dozemtos cimqoemta homems pera que a força de Remo comtra todo o vemto pudesse chegar a çuez, E dahy torney a mamdar a outra armada a macua omde deixey os galeõees, E a quatorze d abrill cheguey a alcoçer porto do senhorio do turqo cimquo dias de caminho do cairo e vimdo a vista delle me comecarão a tirar as bombardadas e espimgardadas estamdo nelle turqos e gemte de caualo e eu com toda a gemte que comigo hia dessembarquey nelle e o tomey sem me ffazerem nenhuum dano e mamdey queimar com huma tamanha camtidade de mamtimemtos que nele estauão como podia aver em cezilia por ser escala de mamtimemtos pera Judaa, adem, e coaquem e pera todolos outros lugares do estreito, e a çidade fficou toda per terra, e no mar lhe mamdey queimar huma naao e hum galeão de turqo de quatrocemtos toneis pregadico como os nossos e muitas queluas caRegadas de mam timemtos, e dahy me party a dezoito d abrill, E chegamdo a vista do toro por saber que nelle estauão christãos com fumdamemto de tomar limgoa pera saber como estaua Çuez e ser por todo turqo quatro Jornadas do cairo escala de todo o estreito e me virem Receber a praya dozemtos turqos tiramdo muitas bombardadas e espimgardadas, e parecemdo na cidade e campo dela muita emfimda gemte de sua companhia me armey e mamdey armar a gemte de minha armada e desem/barquey [fl. 480] em terra omde as lamçadas e cutiladas lhe tomey a cidade e forão mortos vimte cimqo ou trimta Rumes E toda a mais gemte se Recolheo a seRa e me ferirão tres ou quatro homems de pequenas fferidas, e mamdamdo eu queimar a çidade por ser populosa e amdamdo a Roubamdo a gemte d armada me trouxe tristão d ataide dous ffrades de ssamta caterina de momte ssinay que demtro na çidade estauão a este tempo com outros em hum mosteiro da mesma emvocacão de ssamta caterina, E por me eles chorarem e pidirem da parte de deus e de samta caterina que não mamdasse queimar a çidade e porque queimamdo se as casas dos mouros se queimarião as dos christaãos e asy o mosteiro de samta caterina e outro mosteiro que na çidade estaua, E por me pareçer seruiço de deus, e por omRa de samta caterina que naquela terra padeçeo e oJe em dia estaa sepultada no momte synay que sobre a çidade., e a vista dela estaa huuma Jornada de caminho e por acreçemtar em ffee dos christaãos que naquela abitão e vsar com elles de caridade nam comssemty que queimasem a çidade nem casas posto que ffose do turco, E porquue Joham fernamdez pachequo se achou neste ffeito e nos atras e o fez como bom caualeiro eu a seu Requerimemto

o fiz caualeiro demtro no mosteiro de samta caterina com a cerimonia custumada a vimte hum d abril e lhe mamdey passar este pera sua guarda per elo que Noteffiquo a todalas Justiças e offiçiãees d el Rey nosso senhor pera que lhe guardem suas omRas e liberdades

ffeito em cochim a xxix dias de dezembro diogo fardilhão o fez de mil b^{c} Rj

a) dom esteuam da gama

Bibliografia

Fontes manuscritas

ARCHIVO GENERAL DE SIMANCAS

Camara de Castilla, *Cedulario*, 7.

ARCHIVO REAL DE LA CHANCILLERÍA DE VALLADOLID

Registro de Ejecutorias, Caja 0308.0032.

Sala de Vizcaya, Caja 0427.0009; Caja 4899.0004.

ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA

Cabido da Sé de Braga, *Documentos do Livro dos Prazos que pertencem à Gaveta das Religiões e Mosteiros*, Liv. 14.

Cartório Notarial de Esposende, Liv. 149.

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO

Cartório Notarial de Lisboa, 2.º Cartório, Liv. 16.

Casa de Abrantes, Liv. 6, Doc. 75.

Chancelaria Antiga da Ordem de Cristo, Livs. 1, 11.

Chancelaria de D. Afonso V, Livs. 26, 28.

Chancelaria de D. Filipe I, Perdões e Legitimações, Liv. 14.

Chancelaria de D. Filipe II, Doações, Livs. 6, 7, 10, 12, 14, 16, 17, 18, 20, 23, 29, 30, 32.

Chancelaria de D. Filipe III, Doações, Livs. 9, 15, 22, 40.

Chancelaria de D. João III, Doações, Livs. 26, 34.

Chancelaria de D. Manuel I, Doações, Livs. 1, 2, 10, 13, 15, 35, 41, 42.

Chancelaria de D. Sebastião, Perdões, Livs. 12, 19.

Corpo Cronológico, Parte I, Mç. 3, Doc. 44; Mç. 21, Doc. 42; Mç. 27, Doc. 98; Mç. 44, Doc. 67; Mç. 45, Docs. 22 e 122; Mç. 112, Doc. 74; Parte II, Mç. 50, Doc. 177; Mç. 98, Doc. 125.

Documentos Remetidos da Índia, Livs. 30, 31, 36, 62.

Fragmentos, Cx. 3, Mç. 3, Doc. 70; Cx. 9, Mç. 3, Doc. 44.

Gavetas, II-9-14; XVII-2-24; XVII-4-17; XX-15-91, XX-15-92.

Leitura Nova, Odiana, Liv. 7.

MCO, TC, 81.

Núcleo Antigo 16, 122.

OC/CT 25.

BIBLIOTECA DA AJUDA

49-IV-31; 49-IV-32; 49-XII-14; 51-VII-11.

BIBLIOTECA NACIONAL

Arquivo Almada Lencastre Basto, Av. Roma, Pac. 58, Livro de Mercês; Livro de Testamentos; Pac. 79, n.º 85; Pac. 81, n.º 91; Pac. 86, n.º 105; Pac. 106, n.º 165; Pac. 108, n.º 169; Pac. 113, n.º 184.

Arquivo Almada Lencastre Basto, Encarnação, Pac. 1, Mç. 59; Pac. 9, Mç. 113; Pac. 17, n.º 94; Pac. 43, Mç. 127; Pac. 44, Mç. 136; Pac. 46, Mç. 170; Pac. 52, Mç. 152.

Colecção Pombalina, 106, 117, 123.

Fundo Geral, Códs. 226, 412, 1107, 8568.

Fontes Impressas

Albuquerque, Luís de (ed.), *Obras Completas de D. João de Castro*, Vol. III, Coimbra, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1976.

Albuquerque, Luís de (dir.), *Portugaliae Monumenta Africana*, Vol. III, Lisboa, CNCDP, 2000.

Apontamentos para a História da Moeda em Portugal, Lisboa, Casa da Moeda e Papel Sellado, 1878.

Auton, Jehan d', *Chroniques de Louis XII*, ed. de René Maulde-La-Clavière, Paris, Librairie Renouard, H. Laurens, 1889 [Consultado a 12/01/2013]. Disponível em http://archive.org/details/chroniquesdeloui04autouoft.

Baião, António, «A Inquisição em Portugal e no Brazil: Subsidios para a sua historia», *Archivo Historico Portuguez*, Vol. VII, 1909, pp. 1-16, 140-160.

Baião, António, *Documentos do corpo chronologico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925.

Basto, Rafael Eduardo de Azevedo (ed.), *Esmeraldo de situ orbis por Duarte Pacheco Pereira*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892 [Consultado a 12/11/2012]. Disponível em http://archive.org/details/esmeraldodesitu00peregoog.

Bocarro, António, *Decada 13 da Historia da India*, Parte I, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1876 [Consultado a 16/12/2012]. Disponível em http://memoria-africa.ua.pt/DesktopModules/MABDImg/ShowImage.aspx?q=/Oriente-Historia/Historia-DaIndia-V1&p=1.

Carneiro, Pero de Alcáçova, *Relações de Pero de Alcáçova Carneiro, conde da Idanha: do tempo que êle e seu pai, António Carneiro, serviram de secretários (1515 a 1568)*, ed. Ernesto Campos de Andrada, Lisboa, Imprensa Nacional, 1937.

Castanheda, Fernão Lopes de, *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*, ed. de M. Lopes de Almeida, Vol. 1, Porto, Lello & Irmão, 1979.

Castro, D. João de, *Roteiro do Mar Roxo de Dom João de Castro*: *Ms. Cott. Tib. Dix da British Library*, introd. de Luís de Albuquerque, Lisboa, Inapa, 1991.

COMISSÃO NACIONAL PARA OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES (coord.), *Tratado de Tordesilhas: Fac-símile do MS. Gavetas 17, Maço 4, n.º 17, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, Lisboa, Ed. Inapa, 1991.

CORREIA, Gaspar, *Lendas da Índia*, introd. e rev. de M. Lopes de Almeida, Vol. 4, Porto, Lello & Irmão, 1975.

COUTO, Diogo do, *Da Asia: Década Quinta, Parte Segunda*, Lisboa, na Regia Officina Typografica, 1780 [Consultado a 01/12/2012]. Disponível em http://purl.pt/7030.

DESLANDES, Venâncio (ed.), *Documentos para a história da tipografia nos séculos XVI e XVII*, 2.ª ed., Lisboa, INCM, 1988.

ENRÍQUEZ FERNÁNDEZ, Javier *et al.* (ed.), *Foguera-Vecindario de las Villas de Vizcaya de 1511*, Donostia, Eusko Ikaskuntza, 1997 [Consultado a 13/01/2013]. Disponível em http://www.euskomedia.org/PDFAnlt/fuentes/docs78.pdf

FONSECA, Luís Adão da e RUIZ ASENCIO, José Manuel (ed.), *Corpus documental del Tratado de Tordesillas*, Valladolid, Sociedad V Centenario del Tratado de Tordesillas/CNCDP, 1995.

FREIRE, Anselmo Braamcamp (ed.), *Emmenta da Casa da India*, Lisboa, Sociedade de Geographia de Lisboa, 1907.

FREIRE, Anselmo Braamcamp (ed.), «Os cadernos dos assentamentos», *Archivo Historico Portuguez*, Vol. VIII, 1910, pp. 70-79, Vol. X, 1916, pp. 60-208.

GARCIA, José Manuel (ed.), *Tratado de Tordesilhas*, Lisboa, Banco Bilbao Viscaya, 1994.

GÓIS, Damião de, *Crónica do felicíssimo rei D. Manuel*, Vol. 2, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1949.

Índex das Notas de Vários Tabeliães de Lisboa (Séculos XVI-XVIII), Lisboa, Biblioteca Nacional, 1949 [Consultado a 09/12/2012]. Disponível em http://purl.pt/319.

LA TORRE, Antonio de (ed.), *Documentos sobre relaciones internacionales de los Reyes Católicos*, Vol. III, Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, 1963.

MALDONADO, Maria Hermínia (leit. e anot.), *Relação das Náos e Armadas da India Com os successos dellas que se puderam saber, Para Noticia e instrucção dos curiozos, e amantes Da Historia da India (British Library, Códice Add. 20902)*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1985.

MATOS, Artur Teodoro de (dir.), *Documentos Remetidos da Índia ou Livros das Monções (1625-1627)*, Vol. I, Lisboa, CNCDP, 2000.

Ordenaçoens do Senhor Rey D. Manuel, Coimbra, Na Real Imprensa da Universidade, 1797 [Consultado a 07/01/2013]. Disponível em http://www.ci.uc.pt/ihti/proj/manuelinas.

PATO, Raimundo António Bulhão (ed.), *Cartas de Affonso de Albuquerque, seguidas de documentos que as elucidam*, Tomo II, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1884 [Consultado a 07/01/2013]. Disponível em https://ia600306.us.archive.org/19/items/cartasdeaffonso00patogoog/cartasdeaffonso00patogoog.pdf.

PATO, Raimundo António Bulhão (ed.), *Documentos Remettidos da India ou Livros das Monções*, Tomo III, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1885.

PERES, Damião (introd. e anot.), *Esmeraldo de Situ Orbis por Duarte Pacheco Pereira*, 3.ª ed., Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1988.

PERES, Damião (ed.), *Regimento das Cazas das Indias e Mina*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1947.

PINA, Rui de, «Crónica do Senhor rey D. Afonso V», in Rui de Pina, *Crónicas: D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Dinis, D. Afonso IV, D. Duarte, D. Afonso V, D. João II*, Porto, Lello & Irmão, 1977.

RADULET, Carmen, e Luís Filipe THOMAZ, *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513): fontes italianas para a sua história: o Códice Riccardiano 1910 de Florença*, Lisboa, CNCDP, 2002.

REGO, António da Silva (ed.), *Documentos sobre os Portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*, Vol. II, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963.

REGO, António da Silva (ed.), *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vols. IV, VI-VIII, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1964, 1967-1970.

RIBEIRO, Luciano (ed.), *Registo da Casa da Índia*, Vol. I, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1954.

RODRIGUES, Bernardo, *Anais de Arzila: crónica inédita do século XVI*, ed. David Lopes, Vol. I, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1915.

RODRÍGUEZ VILLA, Antonio (ed.), «Un Cedulario del Rey Catolico», *Boletin de la Real Academia de la Historia*, LIV, 1909, pp. 373-412, 518-525, LV, 1909, pp. 137-272, 325-352, 369-406.

ROMÁN, Jerónimo, «História das Ínclitas Cavalarias de Cristo, Santiago e Avis», in *Militarium Ordinum Analecta: Fontes para o Estudo das Ordens Religioso-Militares*, 10, 2008, pp. 7-311 [Consultado a 17/11/2012]. Disponível em http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/ordem%20de%20cristo%20-%20vol.6_final.pdf.

SARAIVA, José Hermano (ed.), *Ditos portugueses dignos de memória: História íntima do século XVI anotada e comentada*, Mem Martins, Publicações Europa-América, s.d.

SOUSA, António Caetano de, *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomos II e IV, Lisboa, Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1742.

SOUSA, António Caetano de, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomos XI-XII, Lisboa, Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1745-1747 [Consultado a 09/12/2012]. Disponível em http://purl.pt/776.

TELLES, Ricardo Michael, «Brasões e epitáfios do Museu de S. Francisco de Assis», *O Oriente Português*, Vol. 30, n.os 12-13, 1936, pp. 269-307.

Bibliografia

ABREU, Alberto Antunes de, *Vila Cova: A Terra e o Homem*, Barcelos, 1989.

ALBUQUERQUE, Luís de e José Pereira da COSTA, «Cartas de "serviços" da Índia (1500-1550)», *Mare Liberum*, Vol. 1, 1990, pp. 309-396.

ALBUQUERQUE, Luís de, e José Pereira da COSTA, «PEREIRA, DUARTE PACHECO», in Luís de Albuquerque (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, Lisboa, Caminho, 1994, pp. 880-883.

ALBUQUERQUE, Rui de, *As represálias: estudo de história do direito português: sécs. XV e XVI*, Lisboa, Ed. do Autor, 1972.

ALMEIDA, Carlos Alberto de, *Catálogo do Museu Arqueológico de Barcelos*, Barcelos, C. M. Barcelos, 2007.

ALVES, Daniel Ribeiro, *Os Dízimos no Final do Antigo Regime: Aspectos Económicos e Sociais (Minho, 1820-1834)*, dissertação de mestrado, Lisboa, FCSH-UNL, 2001 [Consultado a 08/12/2012]. Disponível em http://hdl.handle.net/10362/4657.

AUBIN, Jean, «L'Apprentissage de l'Inde: Cochin 1503-1504», *Moyen-Orient & Océan Indien*, Vol. IV, 1988, pp. 1-130.

AUBIN, Jean, «Les frustrations de Duarte Pacheco Pereira», *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. XXXVI, 1991, pp. 183-204.

AUBIN, Jean, «Vieille noblesse et temps nouveaux. Les amertumes du 2e Marquis de Vila Real», in *Le latin et l'astrolabe: études inédites sur le règne de D. Manuel 1495-1521*, III, Lisbonne-Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2006, pp. 61-101.

AUBIN, Jean, «Le Maroc: les fondations manuélines», in *Le latin et l'astrolabe: études inédites sur le règne de D. Manuel 1495-1521*, Vol. III, Lisbonne-Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2006, pp. 149-187.

AZCÁRRAGA Y DE BUSTAMANTE, José Luis de, *El corso marítimo, concepto, justificación e historia*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Francisco de Vitoria, 1950.

BALLONG-WEN-MEWUDA, J. Bato'ora, *São Jorge da Mina, 1482-1637 : la vie d'un comptoir portugais en Afrique occidentale*, Lisbonne-Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1993.

BARRETO, Luís Filipe, «A filosofia experimental de Duarte Pacheco Pereira», *História*, n.º 8, 1979, pp. 57-61.

BARROCA, Mário *et al.*, «O Mosteiro do Banho – Vila Cova (Barcelos)», *Arqueologia*, Vol. 5, 1982, pp. 76-79.

BÁZAN, Iñaki, «"Degollaron a todos los dichos treynta e tres yngleses e asy degollados dis que los lançaron en la mar": Las hermandades vascas y la lucha contra la piratería en la Baja Edad Media"», *Itsas Memoria. Revista de Estudios Marítimos del País Vasco*, Vol. 5, 2006, pp. 69-93.

BELLO LEÓN, Juan Manuel, «Apuntes para el estudio de la influencia del corso y la piratería en la política exterior de los Reyes Católicos», *Historia, instituciones, documentos*, n.º 23, 1996, pp. 63-98 [Consultado a 30/11/2012]. Disponível em http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/58329.pdf.

BILBAO, Luis María, e Ramón LANZA GARCÍA, «Entre Castilla y Francia: Comercio y comerciantes en Bilbao a mediados del siglo XVI», *Revista de Historia Económica*, Vol. 27, n.º 1, 2009, pp. 103-139.

BLANCO, Maria Manuela Sobral, *Relação de todo o dinheiro que se fez na venda dos cargos e fortalezas que se venderão por ordem de Sua Magestade neste Estado da India (1639), feita por Gregório de Pinna: Documento inédito com um estudo histórico*, tese complementar de doutoramento, Lisboa, FLUL, 1992.

BRITO, Pedro de, «As cartas de cavaleiro e escudeiro nos séculos XV e XVI», *Revista Lusófona de Genealogia e Heráldica*, Vol. 1, 2006, pp. 207-230.

CALDERÓN ORTEGA, José Manuel, *El Almirantazgo de Castilla: historia de una institución conflictiva (1250-1560)*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, Servicio de Publicaciones, 2003.

CANEDO, Fernando, *A Descendência Portuguesa de El-Rei D. João II*, Lisboa, Ed. Gama, 1945.

CAPELLI, A. *Cronologia, Cronografia e Calendario Perpetuo Dal principio dell'Era Cristiana al giorni nostri*, Milan, Ulrico Hoepli, 1930.

CARNEIRO, Manuel Borges, *Resumo chronologico das leis mais uteis no foro e uso da vida civil publicadas até o presente anno de 1818*, Lisboa, 1818 [Consultado a 01/12/2012]. Disponível em http://www.iuslusitaniae.fcsh.unl.pt/verlivro.php?id_parte=129&id_obra=81.

CARVALHO, Andreia Martins de, «Tristão da Cunha e a expansão manuelina», Vítor Rodrigues e João Paulo Oliveira e Costa (ed.), *A alta nobreza e a fundação do Estado da Índia*, Lisboa, CHAM-UNL, 2004, pp. 199-226.

CARVALHO, Joaquim Barradas de, *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no* «Esmeraldo de Situ Orbis», Lisboa, INCM, 1982.

CARVALHO, Joaquim Barradas de, *À la recherche de la spécificité de la renaissance portugaise: l'*«Esmeraldo de situ orbis» *de Duarte Pacheco Pereira et la littérature portugaise de voyages à l'époque des grandes découvertes: contribution à l'étude des origines de la pensée moderne*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian – Centre Culturel Portugais, 1983.

CASTELO BRANCO, Camilo, «Voltas do Mundo», *Noites de insomnia, offerecidas a quem não póde dormir*, n.º 3, Porto, Ernesto Chardron, 1874, pp. 33-38.

CASTELO BRANCO, Manuel da Silva, «Pedro Álvares Seco, doutor "honoris causa" em Direito Civil pela Universidade de Coimbra e o primeiro cronista da Ordem de Cristo», *Miscelânea Histórica*, Vol. II, 1982, pp. 31-52.

ASTELO BRANCO, Manuel da Silva, «Pedro Álvares Cabral numa crónica inédita de 1503», *Miscelânea Histórica*, Vol. IV, 1984, pp. 33-60.

COATES, Timothy J., *Degredados e Órfãs: colonização dirigida pela coroa no império português. 1550-1755*, Lisboa, CNCDP, 1998.

COCA CASTAÑER, José Enrique López de, «Mamelucos, otomanos y caída del reino de Granada», *En la España medieval*, n.º 28, 2005, pp. 229-258 [Consultado a 25/01/2013]. Disponível em http://revistas.ucm.es/index.php/ELEM/article/view/23010.

CÓRDOBA DE LA LLAVE, Ricardo, «Violencia por conflictos comerciales entre Castilla y Portugal (1475-1495)», in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a Sua Época: Actas*, Vol. III, Porto, Universidade do Porto/CNCDP, 1989, pp. 177-195.

CÔRTE-REAL, Manuel Henrique, «Feitores e escrivães na Andaluzia durante o reinado de D. João III», *Do Tempo e da História*, I, 1965, pp. 135-160.

CÔRTE-REAL, Manuel Henrique, *A feitoria portuguesa na Andaluzia (1500-1532)*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1967.

COSTA, Avelino da, *O Bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*, 2.ª ed. refundida e ampliada, Braga, Irmandade de São Pedro da Porta Aberta, 1997-2000.

COSTA, João Paulo Oliveira e, «Leonel Coutinho, um dos primeiros veteranos da Carreira da Índia», in *A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos: Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, Angra do Heroísmo, s.n., 1998, pp. 627-666.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *D. Manuel I: 1469-1521. Um Príncipe do Renascimento*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.

COSTA, João Paulo Oliveira e, «Portugal e França no século XVI. Aliados tácticos na Europa e rivais discretos no Atlântico», in Avelino de Freitas de Meneses, e João Paulo Oliveira e Costa (ed.), *O reino, as ilhas e o mar oceano: Estudos em homenagem a Artur Teodoro de Matos*, Vol. 2, Lisboa, Ponta Delgada, 2007, pp. 425-436.

COSTA, José Pereira da, «A família Mondragão na sociedade madeirense do século XVI», in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. II, Funchal, Governo Regional da Madeira, 1990, pp. 1090-1211.

COSTA, Silvestre M. da, «Comendas da Ordem de Cristo do concelho de Barcelos», *Barcelos Revista*, 2.ª Série, Vol. 9-10, 1998, pp. 133-138.

CRUZ, Maria Leonor Garcia da, *A governação de D. João III: a fazenda real e os seus vedores*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2001.

CRUZ, Maria do Rosário de Sampaio Temudo Barata de Azevedo, *O sistema de distribuição das cargas nas Armadas da India*, Lisboa, INIC, 1988.

CUNHA, Mafalda Soares da, «Portuguese nobility and overseas government: The return to Portugal (16th and 17th centuries)», in Ernst Van Veen e Leonard Blussé (ed.), *Rivalry and Conflict: European Traders and Asian Trading Networks in the 16th and 17th Centuries*, Leiden, Leiden University, 2005, pp. 35-54.

DAVEAU, Suzanne, «A propósito das "pinturas" do litoral marroquino incluídas no Esmeraldo de Situ Orbis», *Mare Liberum*, Vols. 18-19, 2000, pp. 79-132.

DIAS, Fernando de Carvalho, «O Ultramar Português nas Chancelarias Régias (D. Manuel I à Restauração)», *Anais: Estudos de História da Geografia da Expansão Portuguesa*, Vol. XI, Tomo I, 1956.

DIAS, João José Alves, A. H. de Oliveira MARQUES e Teresa F. RODRIGUES, *Álbum de Paleografia,* Lisboa, Editorial Estampa, 1987.

DOMINGUES, Francisco Contente, «Passando além a grandeza do mar oceano: a viagem de Duarte Pacheco Pereira em 1498», *Stvdia*, Vols. 58-59, 2001-2002, pp. 113-130.

DOMINGUES, Francisco Contente, *A Travessia do Mar Oceano: A Viagem de Duarte Pacheco Pereira ao Brasil em 1498*, Lisboa, Tribuna da História, 2012.

FARINHA, António Dias, «A Madeira e o Norte de África nos séculos XV e XVI», in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. 1, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura e Emigração – DRAC, 1989, pp. 360-377.

FERNANDES, Aires Gomes, *Os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho no Norte de Portugal em Finais da Idade Média: Dos Alvores de Trezentos à Congregação de Santa Cruz*, tese de doutoramento, Coimbra, FLUC, 2011.

FERNÁNDEZ DURO, Cesáreo, *Armada española desde la unión de los reinos de Castilla y de León*, Tomo I, Madrid, Est. Tipográfico «Sucesores de Rivadeneyra», 1895 [Consultado a 18/11/2012]. Disponível em http://archive.org/details/armadaespaolade01durogoog.

FERREIRA, Ana Maria Pereira, *Problemas marítimos entre Portugal e a França na primeira metade do século XVI*, Cascais, Patrimonia, 1995.

FIGANIER, Joaquim, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir) 1505-1541*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1945.

FONSECA, Luís Adão da, *D. João II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.

FONSECA, Teotónio da, *O concelho de Barcelos aquém e além-Cávado*, Barcelos, 1948.

FREIRE, Anselmo Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, 3.ª ed., Lisboa, INCM, 1996.

FREIRE, Anselmo Braamcamp, *Vida e Obras de Gil Vicente «Trovador, Mestre da Balança»*, Lisboa, Edição da Revista «Ocidente», 1944.

GAMBETTA, Agostinho Ferreira, «André Pires: seu mistério, sua vida e obras (1475-1549)», *Anais da Academia Portuguesa de História*, II Série, Vol. 21, 1972, pp. 261-288.

GARCÍA CAÑÓN, Pablo e Violeta MEDRANO FERNÁNDEZ, «Piratería vizcaína contra navíos portugueses en el siglo XV: el caso de Juan de Bermeo», *Iacobus: revista de estudios jacobeos y medievales*, Vol. 21, 2006, pp. 307-326.

GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, 3.ª ed., Braga, Ed. Carvalhos de Basto, 1992 [Consultado a 12/11/2012]. Disponível em http://purl.pt/12151.

GODINHO, Rui Landeiro, «A armada do estreito de Gibraltar no século XVI», in Francisco Contente Domingues e Jorge Semedo de Matos (ed.), *A guerra naval no Norte de África (séculos XV-XIX)*, Lisboa, Ed. Culturais da Marinha, 2003, pp. 117-137.

GODINHO, Vitorino Magalhães, *Os Descobrimentos e a economia mundial*, 2.ª ed., Vol. IV, Lisboa, Presença, 1982.

GRAÇA, Gonçalo, «Portugueses na Biscaia nos finais da Idade Média», in Flávio Miranda e Joana Sequeira (org.), *Incipit 1: Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2009-10*, Porto, Grupo Informal de História Medieval – CITCEM, 2012, pp. 89-98 [Consultado a 14/01/2013]. Disponível em http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9940.pdf.

GUERREIRO, Luís Ramalhosa, *O grande livro da pirataria e do corso*, Lisboa, Temas e Debates, 1997.

GUINOTE, Paulo *et al*., *As armadas da Índia: 1497-1835*, Lisboa, CNCDP, 2002.

HEAD, Randolph, «Knowing Like a State: The Transformation of Political Knowledge in Swiss Archives, 1450-1770», *The Journal of Modern History*, Vol. 75, n.º 4, 2003, pp. 745-782.

KETELAAR, Eric, «Tacit narratives: the meanings of archives», *Archival Science*, Vol. 1, n.º 2, 2001, pp. 131-141.

KETELAAR, Eric, «Ten years of archival science», *Archival Science*, Vol. 10, n.º 4, 2010, pp. 345-352.

LACERDA, Teresa, *Os capitães das armadas da Índia no reinado de D. Manuel I: uma análise social*, dissertação de mestrado, Lisboa, FCSH-UNL, 2006.

LEITE, Duarte, *Descobridores do Brasil,* Porto, Livraria Lello, 1931.

LIMA, Durval R. Pires de, *História da dominação portuguêsa em Çafim (1506-1542)*, Lisboa, 1930.

LOUREIRO, Sara de Menezes, *Afonso Mexia, escrivão da câmara e da fazenda de D. Manuel I e de D. João III. Reconstituição e análise da sua actividade como redactor e escrivão de diplomas régios*, dissertação de mestrado, Lisboa, FLUL, 2006.

MARQUES, José, *A Arquidiocese de Braga no Séc. XV*, Lisboa, INCM, 1988.

MATOS, Armando de, «As armas-novas de Duarte Pacheco Pereira», *Biblos*, Vol. XII, 1936, pp. 255-307.

MOLLAT, Michel, *Guerre de course et piraterie à la fin du Moyen Age: Aspects économiques et sociaux: Position de problèmes*, Köln, Wien, Böhlau Verlag, 1972.

MONTEIRO, Alexandre, *O naufrágio da nau da Carreira da Índia Nossa Senhora da Luz (1615): caracterização histórico-arqueológica, Relatório de prospecção*, Horta, Instituto Português de Arqueologia/Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática, 1999.

MORAIS, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana (Nobiliário de Famílias de Portugal)*, Porto, Livraria Fernando Machado, 1946.

MOTA, Avelino Teixeira da, «Duarte Pacheco Pereira, capitão e governador de S. Jorge da Mina», *Mare Liberum*, Vol. 1, 1990, pp. 1-27.

MURTEIRA, André, «A carreira de Duarte Pacheco Pereira», in João Paulo Oliveira e Costa (coord.), *Descobridores do Brasil: Exploradores do Atlântico e Construtores do Estado da Índia*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 2000, pp. 299-329.

NÓBREGA, Artur da, *Pedras e Armas Tumulares do Distrito de Braga*, Vol. V, Braga, Junta Distrital de Braga, 1975.

NOVAIS, José Rios, «Sobre Vila Cova. Em 26 anos o meu depoimento...», *Diário do Minho*, Ano XXXV, n.º 10348, 2 Out. 1952, p. 3.

OLIVAL, Fernanda, *Para uma análise sociológica das ordens militares no Portugal de Antigo Regime (1581-1621)*, dissertação de mestrado, Lisboa, FLUL, 1988.

OLIVAL, Fernanda, *As Ordens Militares e o Estado Moderno. Honra, Mercê e Venalidade em Portugal (1641-1789)*, Lisboa, Estar, 2001.

OLIVAL, Fernanda, «Mercado de hábitos e serviços em Portugal (séculos XVII-XVIII)», *Análise Social*, Vol. XXXVIII, 2003, pp. 743-769.

OLIVAL, Fernanda, «Norte de África ou Índia? Ordens Militares e Serviços (Século XVI)», in *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria na Construção do Mundo Ocidental – Actas do IV Encontro sobre Ordens Militares*, Lisboa, Edições Colibri/C. M. Palmela, 2005, pp. 769-795.

OLIVAL, Fernanda, «Mercês, serviços e circuitos documentais no Império Português», in Maria Emília Madeira Santos e Manuel Lobato (coord.), *O domínio da distância*, Lisboa, IICT, 2006, pp. 59-70 [Consultado a 02/01/2013]. Disponível em http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2125/1/olival_cartografia.PDF.

OLIVAL, Fernanda e Luís Filipe OLIVEIRA, «CRISTO, Ordem de», in José Eduardo Franco (dir.), *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*, Lisboa, Gradiva, 2010, pp. 564-574 [Consultado a 29/11/2012]. Disponível em http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2572/1/OLIVAL%20OliveiraST%20Dic2010.pdf.

PELÚCIA, Alexandra, «Lourenço Moreno, uma eminência parda em Cochim», in *Descobridores do Brasil. Exploradores do Atlântico e Construtores da Índia*, João Paulo Oliveira e Costa (coord.), Lisboa, SHIP, 2000, pp. 279-297.

PÉREZ Y OLIVA, Isidro, *Presas marítimas*, Madrid, Tipografía de Manuel G. Hernández, 1887 [Consultado a 11/04/2013]. Disponível em http://fama2.us.es/fde/presasMaritimas.pdf.

PIMENTA, Alfredo, *Liuro dos roubos q os françeses fezeram aos moradores desta vila de Guimarãees e seu termo*, Guimarães, Arquivo Municipal, 1940.

PINTO, Carla Alferes, «Notas para o estudo do mecenato de D. Frei Aleixo de Meneses: os Recolhimentos da Misericórdia em Goa», *Anais de História de Além-Mar*, Vol. VII, 2006, pp. 279-309.

PINTO, Pedro, «Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo», *Anais de História de Além-Mar*, XI, 2010, pp. 249-380.

PINTO, Pedro, «O Arquivo da Família Almada Lencastre Basto (Casa de Souto de El-Rei e Casa da Feira) na Biblioteca Nacional: propostas de exploração no âmbito da elaboração de um catálogo», in Maria de Lurdes Rosa (org.), *Arquivos de família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?*, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais/Centro de História de Além-Mar/Caminhos Romanos, 2012, pp. 307-342.

PISSARRA, José Virgílio Amaro, *A Armada da Índia. Cômputo, Tipologia e Funcionalidade das* Armadas *de Guerra no Oriente (1501-1510)*, dissertação de mestrado, Lisboa, FCSH-UNL, 2001.

PISSARRA, José Virgílio Amaro, «Vasco Fernandes César, capitão da armada do Estreito», in Francisco Contente Domingues e Jorge Semedo de Matos (ed.), *A guerra naval no Norte de África (séculos XV-XIX)*, Lisboa, Ed. Culturais da Marinha, 2003, pp. 139-156.

PORRO GUTIERREZ, Jesus, «Un episodio de la question africana en las relaciones entre Castilla y Portugal. El Tratado de 1509 entre Doña Juana y D. Manuel», in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a Sua Época: Actas*, Vol. I, Porto, Universidade do Porto-CNCDP, 1989, pp. 377-385.

RAU, Virgínia, «Feitores e feitorias "instrumentos" do comércio internacional português no século XVI», in *Estudos sobre História Económica e Social do Antigo Regime*, Lisboa, Presença, 1984, pp. 141-199.

RESENDE, Vasco, «Os portugueses e a guerra no mar no princípio do século XVI», in Francisco Contente Domingues e Jorge Semedo de Matos (ed.), *A guerra naval no Norte de África (séculos XV-XIX)*, Lisboa, Ed. Culturais da Marinha, 2003, pp. 101-115.

RESENDE, Vasco, «A Armada de Socorro aos Venezianos (1501) e o interesse português pelo Mediterrâneo no princípio do século XVI», *Clio*, Vol. X, 2004, pp. 65-79.

RIVERA MEDINA, Ana María, «Estado, negocio y corsarismo: Vizcaya desde el Medievo a la Modernidad», *Itsas memoria: revista de estudios marítimos del País Vasco*, 5, 2006, pp. 117-133.

RODRIGUES, Vítor, e Inácio RODRIGUES, «O "grupo de Cochim" e a oposição a Afonso de Albuquerque» *Studia*, Vol. 51, 1992, pp. 119-144.

ROSA, Maria de Lurdes, «Arquivos de família: para um roteiro de temas e problemas», in Maria de Lurdes Rosa (org.), *Arquivos de família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?*, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais/Centro de História de Além-Mar/Caminhos Romanos, 2012, pp. 15-30.

RUMEU DE ARMAS, Antonio, «La Mision Diplomática del Secretario de Estado Estêvão Vaz em España Solicitando Aclaraciones y Rectificaciones a Los Tratados, Recien Firmados, de Tordesillas (1495)», Maria do Rosário Themudo Barata *et al.* (org.), in *Amar, Sentir e Viver a História: Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*, Vol. I, Lisboa, Edições Colibri, 1995, pp. 183-198.

SALDANHA, António Vasconcelos de, *O almirante de Portugal: estatuto quatrocentista e quinhentista de um cargo medieval*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1988.

SAMPAYO, Luiz de Mello Vaz de, *Subsídios para uma biografia de Pedro Álvares Cabral*, sep. da *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. XXIV, 1971.

SANCEAU, Elaine, «Uma narrativa da expedição portuguesa de 1541 ao Mar Roxo», *Studia*, Vol. 9, 1962, pp. 199-234.

SCHWARTZ, Joan M., e Terry COOK, «Archives, records, and power: The making of modern memory», *Archival Science*, Vol. 2, n.os 1-2, 2002, pp. 1-19.

SEMIÃO, Maria Rosalina Bento, *D. Vasco Coutinho, conde de Borba e capitão de Arzila*, dissertação de mestrado, Lisboa, FLUL, 2002.

SERNA VALLEJO, Margarita, «Una aproximación a las Cofradías de Mareantes del Corregimiento de las cuatro villas de la Costa», *Rudimentos legales: Revista de historia del derecho*, Vol. 5, 2003, pp. 299-348 [Consultado a 12/01/2013]. Disponível em http://www.udg.edu/portals/156/articles/article_73.pdf.

SILVA, Isabel Morgado de Sousa e, *A Ordem de Cristo (1417-1521)*, Vol. III, tese de doutoramento, Porto, FLUP, 1998.

SILVA, Isabel Morgado de Sousa e, «As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre Douro e Minho: alguns aspectos de vivência religiosa», in *I Congresso sobre a Diocese do Porto. Tempos e Lugares de Memória. Homenagem a D. Domingos Pinho Brandão*, Vol. II, Porto, 2002, pp. 43-71.

Silva, Isabel Morgado de Sousa e, «A Igreja e a Ordem de Cristo no primeiro quartel do século xvi: a criação das comendas novas», in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Porto, FLUP, 2006, pp. 249-261 [Consultado a 17/11/2012]. Disponível em http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4858.pdf.

Silva, Luciano Pereira da, «Duarte Pacheco Pereira precursor de Cabral», in Carlos Malheiro Dias (dir.), *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, Vol. I, Porto, 1921, pp. 231-259.

Smolka Clares, José, «Ceuta en el Registro de correspondencia del conde de Tendilla. Unos datos sobre el gobernador Pedro de Meneses, segundo conde de Alcoutim», *Transfretana. Revista del Instituto de Estudios Ceuties*, Vol. 6, 1994, pp. 137-153.

Solórzano Telechea, Jesús Ángel, «Violencia y conflictividad política en el siglo xv: el delito al servicio de la élite en las Cuatro Villas de la Costa de la Mar», *Anuario de estudios medievales*, Vol. 35, 2005, pp. 159-184, *maxime* 183-184 [consultado a 15/01/2013]. Disponível em http://estudiosmedievales.revistas.csic.es/index.php/estudiosmedievales/article/view/138/140.

Sousa, Bernardo Vasconcelos e, *Ordens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento – Guia Histórico*, 2.ª ed., Lisboa, Horizonte, 2006.

Soveral, Manuel Abranches de, *Sangue Real. As nossas ascendências à Casa Real Portuguesa*, Porto, 1998.

Soveral, Manuel Abranches de, *Ensaio sobre a origem dos Ferreira*, 2005 [Consultado a 08/11/2012]. Disponível em http://www.soveral.info/mas/Ferreira.htm.

Tena García, M. Soledad, «Ámbitos jurisdiccionales en el Pais Vasco durante la Baja Edad Media. Panorámica de un territorio diverso y fragmentado», in Maria Helena da Cruz Coelho *et al.* (org.), *Pueblos, naciones y estados en la Historia*, Universidad de Salamanca, 1994, pp. 29-55.

Viana, Mário, «A evolução do povoamento em Santarém na Idade Média e a sua relação com a área periurbana», in *Paisagens Rurais e Urbanas. Fontes, Metodologias, Problemáticas*, Vol. III, Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2007, pp. 83-108.

Vila-Santa, Nuno, «A trajectória de D. Duarte de Eça: de capitão deposto a capitão de Goa», in *Congresso Internacional Pequena Nobreza nos Impérios Ibéricos de Antigo Regime*, Lisboa, IICT e CHAM, 2011. Disponível em http://www.iict.pt/pequenanobreza/arquivo/Doc/t9s1-01.pdf.

Viterbo, Francisco Sousa, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos xvi e xvii. Parte I: Marinharia*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1898.

Viterbo, Francisco Sousa, *Duarte Galvão e a sua família: elementos para um estudo biographico*, Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1905.

ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR, Vol. XIII, 2012, pp. 333-431

MAPAS PARA UNA GUERRA. LA *DESCRIPCIÓN DE LAS COSTAS DE PORTUGAL* DEL ALMIRANTE DON ANTÓNIO DA CUNHA E ANDRADA (1641-1661)*

por
RAFAEL VALLADARES**
ANTONIO SÁNCHEZ MARTÍNEZ***

Introducción: mapas que duermen

Existe en la Biblioteca Nacional de Madrid un conjunto de mapas de valor histórico y cartográfico muy notable. Se trata del manuscrito n.º 1422, que lleva por título *Descripción de las Costas de Portugal desde Galicia a Ayamonte*, obra del almirante portugués António da Cunha e Andrada. Encuadernado en pergamino «con restos de cintas de la época», consta de «42 fols. + 3 hojas de guardas (2+1)», y sus medidas son –en milímetros– 355 × 230, según reza el volumen IV del *Inventario general de manuscritos de la Biblioteca Nacional* en su edición de Madrid de 1958, página 291[1]. Fechado

* Este estudio no habría sido posible sin la inestimable y generosa ayuda de João Carlos García, profesor del Departamento de Geografía de la Universidad de Oporto. Su afecto y sabio rigor han convertido en realidad un viejo sueño nacido 20 años atrás. Pedro Cardim y João Paulo Costa han brindado todo su entusiasmo para que nuestro trabajo viera la luz. Asimismo, María Luisa Martín-Merás, del Instituto de Historia y Cultura Naval de Madrid, Joaquina Feijão, de la Biblioteca Nacional de Portugal, Fernanda Olival, de la Universidad de Évora, Belén Rosa de Gea, de la Universidad de Murcia, Werner Thomas, de la Universidad Católica de Lovaina, y Ángel Alloza Aparicio, del Consejo Superior de Investigaciones Científicas de Madrid, nos han regalado su apoyo cuantas veces lo solicitamos. El personal del Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa nos llevó de la mano hasta nuestro objetivo con una precisión y profesionalidad admirables. La Biblioteca Nacional de España nos ha facilitado en todo momento la tarea de dar a conocer el manuscrito del almirante Andrada. Por último, estamos muy agradecidos a los evaluadores de la revista por sus valiosas correcciones y sugerencias. La primera parte de este artículo –*El año 1641 en la Monarquía Hispánica*– corresponde a Rafael Valladares; la segunda –*Andrada en la cartografía ibérica del Siglo de Oro*–, a Antonio Sánchez.

** Científico titular del Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid.

*** Investigador titular posdoctoral del Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, Universidade de Lisboa.

[1] Puede consultarse en línea en *Europeana* y en la *Biblioteca Digital Hispánica* de la Biblioteca Nacional de España [BNE].

originalmente en 1641, fue retocado 20 años después e incluye una colección de 13 mapas «en colores, de pliego entero», que abarcan todo el litoral luso desde Galicia hasta el Algarbe. Cada uno de estos mapas va acompañado de una descripción de las particularidades geográficas, económicas y militares del área recogida, ya que la finalidad de este atlas náutico era la de servir de guía para llevar a cabo el bloqueo marítimo y comercial de Portugal, reino incorporado a la monarquía hispánica por Felipe II en 1580 pero en estado de rebelión desde el 1 de diciembre de 1640.

Una obra tan excepcional de la cartografía hispánica merece darse a conocer más allá de la descripción[2]. De hecho, en los últimos años se ha producido un avance muy considerable en el descubrimiento y recuperación del olvidado patrimonio cartográfico hispano de la Edad Moderna y, muy especialmente, del siglo XVII. La publicación en el año 2000 de la serie dedicada a las islas Canarias del capitán general del archipiélago y miembro del Consejo de Guerra, don Iñigo de Brizuela, a la que siguió en 2002 la del fabuloso atlas de Pedro Teixeira dedicado a Felipe IV en 1634, hoy conservado en Viena, y la edición, entre 2003 y 2004, del riquísimo acervo de mapas reunido por don Gaspar de Haro, marqués del Carpio y de Heliche, entre 1650 y 1655, testimonian una vitalidad cartográfica bajo los Austrias que aún podría arrojar nuevas sorpresas[3]. Comienza a aflorar también la existencia de un coleccionismo cartográfico de índole meramente intelectual a manos de humanistas alejados de la corte, un fenómeno en principio diferente a la adquisición compulsiva de mapas –o a su creación– a instancias de la corona y de la aristocracia áulica por motivos prácticos o de boato. Por fortuna, los *mapas dormidos* son cada vez menos[4].

---

[2] Antonio T. Reguera Rodríguez, *Los geógrafos del rey*, León, Universidad de León, 2010, pp. 489-494.

[3] Juan Tous Meliá (ed.), *Visita de las Yslas y Reyno de la Gran Canaria Hecha por don Iñigo De Briçuela Hurbina, con la asistencia de Próspero Casola*, Santa Cruz de Tenerife, Museo Militar Regional del Centro de Historia y Cultura Militar de Canarias, 2000; los mapas originales se conservan en The New York Public Library; Felipe Pereda y Fernando Marías (ed.), *El Atlas del Rey Planeta. La «Descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos» de Pedro Texeira*, Hondarribia, Nerea, 2002; e Isabel Testón, Carlos Sánchez Rubio y Raquel Sánchez Rubio (ed.), *Planos, Guerra y Frontera. La Raya Luso-Extremeña en el Archivo Militar de Estocolmo*, Mérida, Gabinete de Iniciativas Transfronterizas, 2003; e Idem, *Imágenes de un imperio perdido. El Atlas del Marqués de Heliche*, Mérida, Junta de Extremadura, 2004. Los mapas, realizados por el pintor boloñés Leonardo de Ferrari, y una parte de los libros y manuscritos del marqués del Carpio y de Heliche, llegaron a Suecia a fines del siglo XVII de manos del representante de Carlos XI en España, Juan Gabriel Sparwenfeld, como resultado de la almoneda de estos documentos en el Madrid de 1689-1690. El atlas editado se conserva en el Archivo Militar de Suecia (Krigsarkivet); el resto de la colección documental está repartida entre la Biblioteca Real de Estocolmo y la de la Universidad de Uppsala.

[4] Véase Agustín Hernando, *Coleccionismo cartográfico en el siglo XVII. Ejemplares reunidos por Vicencio Juan de Lastanosa (1607-1681) y su significado*, Huesca, Instituto de Estudios Altoaragoneses, 2007, en especial pp. 16-17 y 62-74. El estudio se basa en el catálogo de los mapas de Lastanosa elaborado entre 1633 y 1658 y también conservado en la Biblioteca Real de Estocolmo.

El ejemplo que aquí se presenta carece, sin duda, de la vistosidad de los casos citados. Sin embargo, su relevancia deriva de otros factores no menos atractivos, tales como su carácter inédito, su rareza como atlas náutico completo, su rigurosa técnica de elaboración y su vocación ineludible de instrumento militar vinculado a un acontecimiento clave del siglo XVII: la crisis hispano-portuguesa de 1640 y la disolución del imperio luso-español a que aquélla dio lugar. Por así decirlo, los mapas de Andrada constituyen una muestra más de esa sabiduría cartográfica ibérica que, nuevamente a cargo de un portugués, brilló durante aquella centuria de un modo que hasta hace nada apenas cabía imaginar.

1. El año 1641 en la monarquía hispánica

El día después al hundimiento general con el que se cerró 1640 situó al gobierno de Felipe IV ante la más negra tesitura de todo su reinado: en guerra con Francia desde mayo de 1635 y tras la derrota naval frente a las Provincias Unidas en octubre de 1639, la rebelión de Cataluña en junio de 1640 y la de Portugal en diciembre del mismo año sólo permitían hablar de colapso. Tanto fue así, que ello dio motivo para que el 3 de febrero de 1641 el antiguo embajador del duque de Módena en Madrid, Fulvio Testi, firmara un *Parere intorno la rivoluzione del Portogallo* para su señor en el que desgranaba una serie de reflexiones acerca del ya declarado como imparable declive de España. Aunque centrado sobre todo en las consecuencias de las revueltas peninsulares, el escrito en realidad sumaba análisis que iban desde la crisis hispánica a la europea y colonial, y desde la visión a corto plazo a un balance de conjunto sobre la etapa de hegemonía española que parecía cerrarse[5]. Nada tenía de extraño que fuera un extranjero el autor de un documento de esta naturaleza, dado el enorme impacto de los acontecimientos que desmenuzaba; más llamativo, sin embargo, resulta que los archivos no hayan revelado hasta hoy un informe de la hondura del de Testi redactado por un servidor de Felipe IV también en 1641. Todo apunta a que la profunda impresión causada por aquella sacudida no dio margen para reaccionar hasta un tiempo después.

No cabe duda de que Testi dio muestras de una admirable sensibilidad histórica ante la coyuntura que más carga emocional y política soportó la monarquía española en aquella década. El juicioso embajador modenés abrió con ello un camino aún no del todo explorado por la historiografía, en el sentido de que muy probablemente su ensayo auguraba la necesidad de no lanzar la mirada sobre el impacto de 1640 sólo a largo plazo, sino también de acercar los ojos al tiempo corto y al terreno de las respuestas que clama-

[5] Publicado por Giovanni de CASTRO, *Fulvio Testi e le corti italiane nella prima metà del XVII secolo*, Milano, N. Battezzati, 1875, pp. 220-226.

ban inmediatez. Pues, paradójicamente, el testimonio del italiano, rebosante de visiones de conjunto, nació de la urgencia de responder a las miles de preguntas que el abrupto derrumbe de España planteaba a los europeos. Tal fue, en esencia, la singular naturaleza política del año 1641: una mezcla exasperante de sorpresas que exigían calma con desafíos titánicos que clamaban por una pronta solución. Un tiempo complejo, si no imposible.

El consenso existente entre los historiadores sobre la innegable gravedad del ciclo que abrió la crisis de 1640 no ha tenido su correlato en un interés parejo por desentrañar el significado del año 1641, generalmente engullido en el arco temporal que va de las rebeliones de aquella primera fecha a la destitución de don Gaspar de Guzmán, conde-duque de Olivares, en enero de 1643. Fueron apenas 30 meses en los que pareció ventilarse el destino no ya de un régimen, encarnado por el conde-duque, sino el de la *nación española* que gobernaba la monarquía. La «caída del tirano», a su vez, clavó el siguiente hito desde el cual recomenzó la cronología de algo similar a un segundo reinado de Felipe IV, esta vez bajo la supuesta sombra de la mera conservación patrimonial más que del reformismo y el triunfo sobre los émulos[6]. De este modo, el lapso entre la debacle de 1640 y la ruina política del valido suele contemplarse como el heraldo de su fin ministerial. Pero, entre ambos acontecimientos, el año 1641 se alzó con un protagonismo específico al heredar nuevas conjuras en Lisboa –a favor de Felipe IV, si bien fracasada– y en Andalucía –a cargo del duque de Medina Sidonia–, mientras la posibilidad de llegar a algún tipo de acuerdo con los catalanes se reducía a cero[7]. Quienes vivieron aquellos 12 meses de pesadilla sintieron que las semanas se arrastraban con desespero e intuían un futuro irremediablemente comprometido. Todo se percibía como inmediato en mitad de una casi parálisis donde no terminaba de asomar un orden claro de actuación. Sin duda el primer debate que había que zanjar consistía en el establecimiento de prioridades dentro de la península, en el sentido de si Cataluña debía anteceder a Portugal, o viceversa, a la hora de acabar con las «guerras de España». De este modo, 1641 se cerró para Felipe IV con la sensación de no haber logrado nada consistente ni haber sabido superar la impotencia[8].

---

[6] Véase Pablo Fernández Albaladejo, *La crisis de la Monarquía,* Madrid, Marcial Pons-Crítica, 2009, pp. 192-208.

[7] Sobre los hechos referidos, Rafael Valladares, *La rebelión de Portugal. Guerra, conflicto y poderes en la Monarquía Hispánica, 1640-1680*, Valladolid, Junta de Castilla y León, 1998, pp. 37-45; Leonor Freire Costa y Mafalda Soares da Cunha, *D. João IV*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006, pp. 114-128; Mafalda de Noronha Wagner, *A Casa de Vila Real e a Conspiração de 1641 contra D. João IV,* Lisboa, Edições Colibri, 2007; y Luis Salas Almela, *Medina Sidonia. El poder de la aristocracia, 1580-1670,* Madrid, Marcial Pons, 2008, pp. 349 y ss.

[8] Para una visión general del año 1641, John H. Elliott, *El Conde-Duque de Olivares,* Barcelona, Crítica, 1990, pp. 582-606.

1.1. La rebelión

«Al principio, como es lógico, unos y otros se atribuían la victoria.»
Heródoto, *Historia*, Libro I

No obstante, el problema radicó en la incapacidad para coordinar y ejecutar lo que se acordaba más que en la carencia de iniciativas. Referente a Portugal, apenas iniciado 1641 un torrente de órdenes y decretos inundó las secretarías de los consejos con el objetivo de articular medidas que guardaban una coherencia, al menos teórica, en varios de aquellos campos donde se jugaba la partida, como el comercial y el diplomático. Así, el 10 de enero se cerró la frontera hispano-portuguesa y se prohibió cualquier tráfico entre los súbditos de Felipe IV con Portugal y sus colonias, a fin de estrangular la economía lusa, e igualmente se advirtió a los países amigos de que se abstuvieran de tratos con Portugal so pena de sufrir represalias[9]. No obstante, la falta de una respuesta militar inmediata tras la reciente aclamación del duque de Braganza como rey de los portugueses supuso un error sin paliativos. Como acertadamente ha escrito Elliott, el régimen Braganza

> aún era excepcionalmente frágil y es difícil prever cómo hubiera podido sobrevivir en caso de una invasión inmediata por parte de España […]. Visto desde la actualidad, el hecho de que no se asestara a Portugal ningún golpe durante los meses de enero y febrero de 1641 constituyó, a lo que parece, un error fatal del conde-duque y sus colegas. Pero la decisión de dar prioridad a Cataluña resultaba lógica, teniendo en cuenta el peligro de que se produjera una invasión francesa hasta el corazón de la propia España desde el principado[10].

Aunque pronto pudo verse que el temor a una embestida franco-catalana hasta Castilla resultaba infundado, la derrota sufrida por el ejército austracista a las puertas de Barcelona el 26 de enero de 1641 consagró un tipo de racionalidad que desde entonces siempre logró anteponer Cataluña a Portugal[11]. Hasta diciembre de 1642, cuando está documentada la última gran discusión sobre qué frente debía preferirse, la realidad fue que la implicación de Francia en la rebelión catalana eliminó casi cualquier otro camino que no fuera el de concentrar la guerra ofensiva en el este y la defensiva en el oeste[12]. El gran acontecimiento militar de 1641, si es que aquel año

---

[9] Rafael VALLADARES, *Felipe IV y la Restauración de Portugal*, Málaga, Algazara, 1994, pp. 95-123. Con todo, Madrid otorgó durante la guerra licencias especiales para pasar a Portugal a quienes las solicitaban previa justificación.

[10] J. H. ELLIOTT, op. cit., p. 591.

[11] Véase Núria FLORENSA I SOLER, «La derrota del ejército hispánico en Barcelona: la batalla de Montjuic. Antecedentes y desarrollo de la guerra», in José Alcalá-Zamora y Ernest Belenguer (ed.), *Calderón y la España del Barroco*, Madrid, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2001, pp. 189-206.

[12] ARCHIVO GENERAL DE SIMANCAS [AGS], Estado, leg. 2666, Consejo de Estado, 22 de diciembre de 1642, que incluye el decisivo voto del conde de Oñate. Analiza con detalle

tuvo algo de memorable para las fuerzas austracistas, consistió en la superación del asedio al que Tarragona fue sometida por los franco-catalanes, lo que obligó a posponer cualquier otra operación en la península hasta finalizado el verano[13]. Si bien Felipe IV acariciaba probar fortuna en Portugal tras dos campañas deprimentes en la raya aragonesa, era imposible sustraerse al argumento de que el principado supuraba una guerra más peligrosa que la abierta al oeste de Castilla. Pero hasta entonces, y en especial a lo largo de 1641, existió la esperanza de poder controlar los acontecimientos. Como alguien escribió desde Ciudad Rodrigo aquel mes de julio: «Si esto de Cataluña se acabara, podría venir la mayor parte de la gente que allí está ocupada y entrar en Portugal[14].» Pasado el verano, el retraso en acabar con las dos rebeliones peninsulares hizo ver con claridad al embajador imperial en Madrid que la monarquía no sería capaz de atender sus compromisos europeos, lo que abriría una nueva era en la política continental. «Me parece», sentenció, «que el daño de la dilación no será recuperable[15].»

A primeros de 1641 el rey había asignado a la nobleza con posesiones en la frontera luso-española los «partidos» respectivos de los que debían hacerse cargo en coordinación con Badajoz, principal plaza de armas y sede de la capitanía general. Los otros dos puntos básicos de apoyo eran Tuy, en Galicia, y Ciudad Rodrigo, en Castilla, seguidos a distancia por Ayamonte, en Andalucía. En esencia, se trataba de un dispositivo militar clásico adaptado a una frontera terrestre de 1200 kilómetros y que ya había sido ensayado con éxito durante la crisis de anexión portuguesa de 1580. Muy pronto, sin embargo, la corona se percató de que los tiempos eran otros[16]. No sólo la táctica aprobada ahora seguía una pauta defensiva en vez de ofensiva, sino que además el gobierno Braganza demostró saber aprovechar muy bien la espera que involuntariamente le concedió Felipe IV. Mediante tratados con Francia, las Provincias Unidas e Inglaterra, Lisboa se avino a pagar las asistencias –o, en su caso, una menor beligerancia– a unos aliados sin los que su destino habría resultado más que incierto. Por su parte, los propios vasa-

---

este debate Raquel Camarero Pascual, «La Guerra de Recuperación de Cataluña y la necesidad de establecer prioridades en la Monarquía Hispánica (1640-1643)», en Enrique García Hernán y Davide Maffi, *Guerra y sociedad en la Monarquía Hispánica: política, estrategia y cultura en la Europa Moderna (1500-1700)*, 1, Madrid, Laberinto-Fundación Mapfre, 2006, pp. 323-357.

[13] Véase Manel Güell, *El Setge de Tarragona de 1641*, Tarragona, Arola Editors, 2003. El control de esta plaza suponía para Felipe IV evitar que la rebelión catalana se propagara al reino de Valencia, de ahí su importancia.

[14] Reproducido en Omer van der Vyver, «Lettres de J.-Ch. della Faille S.I., cosmographe du roi a Madrid, a M. F. van Langren, cosmographe du roi a Bruxelles», *Archivum Historicum Societatis Iesu*, XLVI, 1977, pp. 73-183, 160.

[15] OSTERREICHISCHES STAATSARCHIV [OS], Viena, Spanien, Diplomatische Korrespondenz, karton 24, n.º 11, fl. 118, Francesco Carreto, marqués de Grana, al emperador Fernando III, Madrid, 20 de octubre de 1641.

[16] Véase David García Hernán, «La nobleza castellana y el servicio militar: permanencias y cambios en los siglos xvi y xvii a partir de los conflictos con Portugal», in E. García Hernán y D. Maffi, op. cit., 2, pp. 97-133.

llos del Rey Católico se negaron a obedecer el cierre comercial impuesto a comienzos de 1641 y se dieron al contrabando mediante el recurso a la marina mercante de países terceros. Las reiteradas llamadas al orden por parte del rey en 1644, 1645, 1647, 1650, 1661, 1662 y 1663 sólo evidenciaron la inutilidad de una prohibición que, nacida para ser provisional, aspiró heroicamente a perpetuar un bloqueo impracticable[17].

Quizás 1641 no fue el año más oscuro de la monarquía española, pero sí, indudablemente, el más próximo al anuncio de su declive. Parece que a medida que llegaban noticias del rápido alineamiento de las colonias de Portugal con su metrópoli –a excepción de Ceuta y Tánger, que optaron por Felipe IV–, el desánimo cundió en el gobierno de Madrid. Ahora el objetivo no se circunscribiría a abatir a Lisboa, ni siquiera al Portugal continental, sino que abarcaba las «cuatro partes de la Tierra», como entonces solían glosar los vates de Lusitania. Las islas Azores, de gran valor estratégico, el Brasil o las plazas costeras del dilatado *Estado da Índia* se hallaban ahora más lejos que nunca y sus habitantes esperanzados de inaugurar bajo los Braganzas un nuevo pacto que revigorizara su tradicional autonomía, erosionada durante 60 años por el autoritarismo de los Austrias. Este nuevo revés se entendió en Madrid como un argumento más para dirigir las fuerzas disponibles hacia una Cataluña más *pequeña* y apoyada por una Francia poderosa pero, también, más vulnerable desde Flandes e Italia. Portugal se distanciaba en 1641 a más velocidad de la imaginada.

Las tentativas, sin embargo, no dejaron de sucederse hasta que se despejaron todas las incógnitas. Las primeras, tras el citado cierre del comercio, trataron de los preparativos militares para atacar Portugal en cuanto acabase el invierno. Además del envío de Manuel de Acevedo y Zúñiga, conde de Monterrey y cuñado de Olivares, como capitán general a Badajoz, Felipe IV ordenó en secreto al duque de Alba, que se hallaba en sus tierras de Ciudad Rodrigo, que procurase «introducir inteligencias» en Portugal, «ofreciendo a las personas que mataren a los cabezas de la sedición en los lugares de esa vecindad, cuando tengan aviso y orden mía para ello, que, además de hacerles las mercedes que se tuvieren por justas, se les darán las haciendas de los cabezas del levantamiento; y para que se asegure el efecto procuraréis tener noticias de los sujetos que han sido motores del levantamiento»[18]. La entrada en escena del asesinato político por mandato directo del monarca mostraba la verdadera naturaleza de lo que se cocía en Portugal, que no era un problema primordialmente social ni económico sino que, aunque atravesado por los conflictos de rivalidad intranobiliaria y el malestar por la creciente carga fiscal, consistía en un desafío sin vuelta atrás por parte de un grupo de privilegiados para derribar el autoritarismo rampante de los

[17] R. Valladares, op. cit., p. 117.

[18] ARCHIVO DE LOS DUQUES DE ALBA [ADA], Madrid, Cj. 13, Doc. 102, Felipe IV al duque de Alba, Madrid, 16 de febrero de 1641.

Austrias. En este sentido, la posibilidad de dar al conflicto luso una solución también *política* (la eliminación de esas «cabezas del levantamiento») probablemente empujó al gobierno de Felipe IV a intentar una vía tan expeditiva como el crimen selectivo en vez de la vía militar, mucho más lenta y costosa en términos generales. De hecho, la impronta popular de la rebelión catalana le otorgaba a ésta una dimensión numérica incontrolable para esta clase de atajos, a diferencia de Portugal, donde todos los observadores coincidían en que la población había secundado el golpe con una pasividad complaciente, pero sin responsabilidad directa en su planeamiento ni en su ejecución. Al tratarse de una conjura minoritaria, pues, se suponía que la eliminación de sus jefes daría al traste con la masa informe que sólo *a posteriori* había manifestado entusiasmo. Como, en definitiva, la motivación política popular se entendía en Madrid como el elemento más vulnerable del golpe de Lisboa, el rey procedió en abril a conceder a Alba «la facultad necesaria para que podáis ofrecerles [a los portugueses sublevados] el perdón de la culpa que hubieren tenido en las rebeliones de aquellas comunidades» fronterizas a sus tierras[19]. Diez días más tarde el monarca subió el listón de su oferta al añadir como señuelo «hacerles libres de todos los tributos que pagaban antes de las alteraciones del reino»[20]. El fracaso de estas maniobras a causa, entre otras cosas, de la escasa credibilidad que a aquellas alturas podía tener la palabra de Felipe IV, llevó en mayo a que el propio monarca asumiera la necesidad de combinar el verbo con la fuerza, «teniendo entendido que las acciones mayores para la reducción de Portugal se han de encaminar con la negociación ayudándola con las armas y dando terror»[21]. El cambio en la valoración de la crisis y en el modo de atajarlo resultaba palpable.

Semejante riada de órdenes sólo podía comprenderse a la luz de lo que sucedía en Madrid desde comienzos de año. Aunque en la corte la directriz general se resumió en una actuación simultánea sobre los campos político y militar, los escasos recursos obligaron a postergar el frente portugués respecto del catalán. Pero no sólo esto, sino también la fracasada política de Olivares y el aluvión de críticas que desató ejerció presión sobre el rey a favor de una iniciativa negociadora que, como mínimo, lograra apaciguar los ánimos de aquellos lusos poco comprometidos con el régimen bragancista y animara a quienes estaban dispuestos a devolver la obediencia a Madrid. El modelo, obviamente, remitía a 1580, cuando Felipe II había incorporado Portugal mediante una mezcla poco sofisticada de ofertas y amenazas, ejemplo que 60 años después volvió a ser considerado el mejor por casi todos los que opinaron sobre aquella materia, en particular porque se pensaba erróneamente (o interesaba hacer creer) que gracias a los pactos previos a

[19] ADA, Cj. 13, Doc. 117, Felipe IV al duque de Alba, Madrid, 6 de abril de 1641.

[20] ADA, Cj. 13, Doc. 121, Felipe IV al duque de Alba, Madrid, 16 de abril de 1641.

[21] ADA, Cj. 13, Doc. 125, Felipe IV al duque de Alba, Madrid, 10 de mayo de 1641.

1580 el ejército del *Prudente* no había «disparado un arcabuz» hasta llegar a Lisboa[22]. El remedio, pues, se presentaba eficaz y, además, barato, ya que a la vista de la imposibilidad de aplicar el «terror», sólo quedaba recurrir a los pactos. Así, en enero de 1641 la Junta de Ejecución –controlada por el conde-duque– aconsejó al rey que levantase un imponente edificio de juntas integradas por los *fidalgos* portugueses que se hallaban en Madrid con el fin de generar en ellos una confianza ya por entonces bastante escasa, al tiempo que tal muestra de apego serviría para desestabilizar en Portugal a la nobleza proclive a los Braganzas. La medida debió inspirarse en un experimento similar practicado desde 1640 con los catalanes leales a Felipe IV[23]. Naturalmente, el carácter ficticio de estos organismos se daba por descontado, «supuesto que lo principal de lo que se hubiere de ejecutar se ha de reservar y alterar en las resoluciones que Vuestra Majestad hubiere de tomar, de manera que no vengan a entender lo que convenga ocultar». De esta propuesta salieron, finalmente, ocho juntas aprobadas por el rey: la de Portugal, para tratar de las *conquistas* (o colonias) de esta corona; dos de Guerra, la primera centrada en el distrito del norte y una segunda para el de Extremadura y Andalucía; la de Interpresas, dedicada a recabar información detrás de la raya; la de Hacienda, como instrumento para mantener la titularidad habsburga de las rentas de la corona lusa; la de Mesa de Conciencia, encargada de la provisión de puestos eclesiásticos (y que, como la anterior, serviría para reivindicar la exclusiva legitimidad de los Austrias como protectores de la Iglesia portuguesa); la Ordinaria de Portugal, destinada a tratar asuntos generales en primera instancia; y la de Inteligencias, la más relevante de todas, que se ocuparía de supervisar las consultas de la Junta Ordinaria y, en realidad, de todas las demás. Teniendo en cuenta que el autoritarismo de Olivares había suprimido el Consejo de Portugal en 1639 para sustituirlo por dos juntas que operaban de la mano en Madrid y Lisboa, el nuevo organigrama surgido de la crisis de 1640 suponía un gesto de calculada simpatía hacia quienes clamaban por participar en la dirección política del reino[24]. Un paso más en esta dirección de primar la política sin olvidar la fuerza fue la orden regia emitida en marzo para que el secretario de Estado, don Fernando Ruiz de Contreras, y los portugueses Francisco Leitão y Diogo Soares, ambos estrechos olivaristas, redactasen sendas listas de *fidalgos*

---

[22] Erasmo Buceta, «Informe del Duque de Villahermosa a Felipe IV sobre la recuperación de Portugal», *Boletín de la Academia de la Historia*, CIII, 1933, pp. 716-736. Aunque el documento no está fechado, es muy probable que date de 1641. Por lo demás, Carlos de Borja y Aragón, duque de Villahermosa, pertenecía a una familia emparentada con nobles portugueses que constituía una facción enemiga de Olivares. Para una revisión del papel jugado por la fuerza militar en la incorporación de Portugal, véase R. Valladares, *La conquista de Lisboa. Violencia militar y comunidad política en Portugal, 1578-1583*, Madrid, Marcial Pons, 2008.

[23] Véase Jon Arrieta Alberdi, «La "Junta para las Materias Políticas e Inteligencias de Cataluña" (1640-1642)», *Actes del Primer Congrés d'Història Moderna de Catalunya*, 2, Barcelona, Universidad de Barcelona, 1984, pp. 141-148.

[24] AGS, Guerra Antigua, leg. 1374, Junta de Ejecución, 11 de enero de 1641.

susceptibles de ser enviados a la raya desde Madrid para entablar «inteligencias» y organizar, acto seguido, una pequeña invasión que sería camuflada como una huida de tropas lusas desde Castilla. Nada de esto se llevó a cabo[25].

La mediación fue otra de las vías contempladas, al menos sobre el papel. La razonable inquietud de la corte de Viena por la situación creada en España llevó al emperador Fernando III a ordenar a su embajador en Madrid, el marqués de Grana, a que mostrase su disposición a interceder entre Felipe IV y sus súbditos rebelados con la vista puesta en acelerar algún tipo de acuerdo. La iniciativa consistía en un medio más que en un fin, ya que el auténtico objetivo cesáreo era cerrar los conflictos peninsulares para que el Rey Católico no interrumpiera su flujo financiero y militar a las fuerzas imperiales en un momento crucial de la Guerra de los Treinta Años. La oferta de Viena debió llegar temprano, ya que en marzo de 1641 Grana recibió la respuesta de un Felipe IV poco entusiasta ya que, de alguna manera, la mediación del *pariente menor* de la familia Habsburgo deslucía la autoridad suprema que la rama de Madrid tendía a recordar a Viena siempre que la ocasión se presentaba[26]. Lo más interesante del documento remitido al emperador era el ejercicio de pedagogía que realizaba el gobierno de Olivares para explicar el origen de las revueltas ibéricas y fijar los cauces institucionales por los que debían transcurrir los posibles contactos. Por supuesto, el texto no reflejaba lo que en verdad pensaban ni Felipe IV ni su círculo de ministros, sino que representaba la versión que ambos pretendían imponer, lo que aún lo hace más atractivo. Lo primero era distinguir con nitidez entre uno y otro conflicto. «Las sublevaciones del reino de Portugal y la rebelión del duque de Braganza», arrancaba, «son producidas de la aprensión de algunos hombres que viven retirados en los rincones de aquel reino sin más noticias del mundo. Guiados de su pasión e ignorancia por la memoria de sus reyes pasados, procuran levantar nuevos siglos idolatrando en las personas de la sangre real y, particularmente, del duque de Braganza.» La descalificación hacia los autores del golpe de 1640 nacía de negarles cualquier capacidad para desempeñar un papel político crítico y constructivo, pues los reducía desdeñosamente a un grupo de provincianos desprovistos de sentido de la realidad y llevados por un irracional sentido de amor al pasado sin visión de futuro. La *despolitización* del adversario –si por tal se entiende la negación a reconocer en él la facultad de disentir con argumentos razonables y de proponer un programa alternativo– era la premisa básica, si no la única, que la corona española hacía ondear para esconder la envergadura

---

[25] AGS, Guerra Antigua, leg. 1374, Francisco Leitão y Diogo Soares a Felipe IV, 22 de marzo de 1641, y AGS, Guerra Antigua, leg. 1373, don Fernando Ruiz de Contreras a Felipe IV, 1 de abril de 1641. Los nombres de cada una de las listas se hallan en R. VALLADARES, op. cit., p. 169, nota 8.

[26] OS, Spanien, Varia, karton 12, a, fls. 87-89, *Papel sobre lo que se ha preguntado de parte del emperador de cómo se podía interponer por medio de su embajador entre Portugal y Cataluña*, marzo de 1641.

del problema luso. Peor aún: en el caso de iniciar conversaciones, los portugueses no ofrecían una interlocución factible ni, por tanto, fiable. «No hay estados juntos en aquel reino» seguía el informe, «dietas ni personas unidas con quien se puede tratar, porque en las cortes, que es el parlamento de aquel reino, no se puede juntar, conforme a la ley, sino con orden de su rey, obrar con su presencia y consulta, y siempre que falta esta cabeza queda deshecho el vigor de la unión de los tres brazos. Y así, ni en Portugal hay a quien escribir ni con quien tratar, sino con la multitud de gente junta en alguna parte y, particularmente, de nobleza, que es la que predomina con grande ventaja y respeto de aquellos pueblos.» El gesto comprensible, pero del todo irreal, de ignorar al que ya era (al menos para algunos) el nuevo rey de Portugal, convertía en inútil la afirmación de que los portugueses (rebeldes) carecían de una cabeza o de un mínimo cauce institucional de naturaleza *representativa* de cara a negociar un acuerdo. La paradoja revestía mayor gravedad habida cuenta de que Juan IV ya había convocado sus primeras cortes para abril de 1641, pero la repugnancia de Felipe IV a considerar siquiera el hecho de reconocer un ápice de legitimidad a aquella asamblea impedía cualquier intervención de Viena. La descripción, tan interesada, de la «dieta» de Portugal como un organismo absolutamente inoperante y dividido (sin «vigor») en ausencia del monarca, chocaba, además, con precedentes históricos, pero cumplía la misión de poner ante Fernando III uno de sus peores fantasmas en su relación con el Sacro Imperio. Obviamente, para Madrid el único acuerdo que podría derivar de la mediación imperial debía consistir en un perdón regio concedido a título individual a aquellos «prelados, señores fidalgos y demás pueblos buenos vasallos» que lo solicitaran por intercesión del embajador Grana, con el compromiso añadido de «echar a los rebeldes». Era lo mismo que responder al emperador con un no.

¿Y Cataluña? «En el principado son diferentes las razones porque vienen los tres estados del reino, a que llaman estamentos eclesiástico, militar y real, los cuales tienen siempre formada una junta que llaman diputación para conservación de los privilegios.» De hecho, la rebelión de 1640 había nacido de considerar hollados algunos de éstos, por lo que se había sumado a la protesta el Consejo de Ciento de la ciudad de Barcelona. A juicio de Felipe IV, Grana podía ofrecer sus servicios de mediador tanto a los estamentos como al Consejo barcelonés, instituciones a las que, a diferencia de lo considerado en Portugal, a Madrid le resultaba posible y hasta deseable concederles carácter representativo –esto es, negociador. Desde luego, la solidez histórica de la *diputaciò* y la arraigada tradición reivindicativa del *Consell* no contaban, a ojos de los castellanos, con un peso equiparable en Portugal, pero fue la ausencia de un *rey propio* catalán, que hubiera suplantado la soberanía original de Felipe IV, lo que sin duda facilitó las cosas. En este sentido, la incorporación del principado a Francia a través de Luis XIII no parece que fuera tomada muy en serio por el Rey Católico a efectos de mantener contactos con los sublevados catalanes. Con todo, al margen de las

dos instituciones citadas, también en Cataluña, como en Portugal, Felipe IV autorizó a Grana a tratar con «otras personas, juntas o separadas, de cualquier grado y condición que sean de la misma provincia, cuando conviniere». Si con ello se alcanzaba la obediencia al rey, éste otorgaría el perdón.

Todo indica que el emperador comprendió la reticencia de su pariente español a facilitar esta mediación que, según parece, no avanzó. Con escasa esperanza, pues, en la solución política, en la primavera de 1641 el entorno del rey abrigaba también serias dudas de que pudiera lanzarse un ataque contra los bragancistas. La pésima situación de Felipe IV ante un panorama inimaginable sólo unos meses antes, con dos frentes de guerra abiertos en la península, era bien visible en las declaraciones que el napolitano Francesco Maria Carrafa Castrioto e Gonzaga, duque de Nochera, realizó ante el fiscal que instruía su proceso por haber sido destituido como virrey de Aragón en julio de aquel año:

> Que los tiempos estaban tan ceñidos y la materia del estado de las cosas podía hacer reparo, viéndose la tiranía del duque de Berganza y lo que pasaba en Cataluña, si era más conveniente acudir por entonces al remedio de estos males o a los de Portugal, pudiendo el reino de Aragón defenderse mientras se castigaba el delito tiránico de Portugal, y sobre esto se podía discurrir y aun ejecutar por más conveniencia el remedio de Portugal, dejando en la fidelidad de Aragón el peso de lo de Cataluña, todo en orden a que se aprestasen de suerte que en el conflicto más ceñido no se hallasen sin defensa[27].

La caída en desgracia del napolitano Nochera se había debido a su oposición a la política de Olivares en el principado, a la que hacía responsable de haber enajenado los ánimos de los catalanes con los alojamientos y otros contrafueros y de haber puesto en riesgo la lealtad de los aragoneses[28]. Desde su prisión en el madrileño castillo de Pinto, se mantuvo firme en rechazar las acusaciones de haber infundido el derrotismo entre los aragoneses con la idea de abandonar Fraga y de no haber querido pelear ante un posible ataque procedente de Cataluña. Sin embargo, más allá de la irritación ofuscada del conde-duque por la desobediencia de un subordinado, lo que preocupaba a la corona era la connivencia fuerista que al parecer Nochera había sembrado deliberadamente entre los aragoneses con el fin, seguramente, de evitar en Zaragoza una crisis similar al Corpus de Sangre barcelonés que había costado la vida a su colega, el virrey Santa Coloma, en junio de 1640. Su política de acercamiento al pueblo se había concretado en la propuesta de repartir a los zaragozanos entre 600 y 700 armas guardadas en la Aljafería con el fin de que defendieran la ciudad de un posible saco

---

[27] REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA [RAH], Madrid, Salazar y Castro, n.º 53, fls. 100v-101r, interrogatorio del fiscal, Gabino Penducho Carta, al duque de Nochera (sin fecha, pero de 1641).

[28] Véase Enrique Solano Camón, «Coste político de una discrepancia: la caída del duque de Nochera», *Actes del Primer Congrés d'Història Moderna de Catalunya*, 2, cit., pp. 79-88.

franco-catalán, medida que sonaba muy peligrosa en plena histeria insurreccional después de lo ocurrido en Barcelona y Lisboa. ¿Podía esperarse que Madrid dejara en su cargo a un napolitano que armaba a la plebe heredera de las alteraciones de 1591, la misma que lo vitoreó «públicamente dos días antes de su partida», tras ser destituido[29]? La muerte en prisión del duque en el verano de 1642 respondía claramente a esta pregunta, de igual manera que su comportamiento tuvo mucho que ver con el rechazo a asumir la defensa en solitario de Aragón si el gobierno sacrificaba la prioridad del frente de Cataluña a la apertura del de Portugal.

Al enquistarse la rebelión catalana y tras lo ocurrido con Nochera en Aragón, Felipe IV no dudó mucho en preferir el frente del este para la campaña de 1641. Finalmente se abandonó cualquier iniciativa en Portugal y los mejores efectivos –que tampoco eran demasiados– se concentraron en Aragón. A fin de cuentas, en la raya luso-española no existía ningún territorio foral de la calidad y condición del aragonés, lo que suponía un alivio relativo, mientras que una crisis como la habida con el virrey italiano no podría volver a repetirse. Entre otras cosas, esta elección obligó a que desde el año siguiente y hasta 1646 el mismo rey tuviera que residir en Zaragoza durante cada campaña militar –con la mira puesta también en negociar socorros con su exigente concejo, que demostró saber aprovechar la ocasión[30]–, mientras que con Portugal no se consideró preciso actuar de un modo siquiera parecido. Desde luego, Badajoz no era Zaragoza, como bien comprobaron los capitanes generales que se sucedieron allí después de Monterrey[31]. Sólo cuando las armas pudieron girar hacia el oeste, lo que vino a ocurrir casi 20 años después, lo más parecido a Felipe IV que vio la frontera de Extremadura fue a su valido, don Luis Méndez de Haro, entre agosto de 1658 y enero de 1659, y luego a su bastardo, don Juan José de Austria, entre marzo de 1660 y el verano de 1663.

De haberlo sabido, nada de esto habría consolado a los mandos que se hallaban destacados en la raya de Portugal en el verano de 1641. Desde Ayamonte, donde las tierras andaluzas del duque de Medina Sidonia confluían con las de los rebeldes, se creía que éstos atacarían en cualquier momento «considerando que nos hallamos tan solos y tan faltos de gente» –exactamente, con 260 hombres y 20 caballos[32]. Todo indica que a mitad del estío ya era evidente que el gobierno había optado por reservar la pre-

---

[29] RAH, Salazar y Castro, n.º 53, fls. 41-47v, *Informe del fiscal de Su Majestad* (sin fecha), y fls. 51-59v, *Memorial* del duque de Nochera.

[30] Al respecto, Encarna Jarque Martínez, *Zaragoza en la Monarquía de los Austrias. La política de los ciudadanos honrados (1540-1650)*, Zaragoza, Instituto Fernando el Católico, 2007, pp. 312 y ss.

[31] Sobre la carga que soportó Badajoz durante el conflicto con Portugal, véase Fernando Cortés Cortés, *Alojamientos de soldados en la Extremadura del siglo xvii*, Mérida, Editora Regional de Extremadura, 1996.

[32] AGS, Guerra Antigua, leg. 1417, don Leonardo de Soria a Felipe IV, Ayamonte, 17 de agosto de 1641.

sión militar para Cataluña y seguir confiando en la iniciativa política de las «inteligencias» para recuperar Portugal. En realidad, esta había sido la única apuesta que no había conocido altibajos desde comienzos de año, seguramente porque no quedaba otra alternativa. La amplitud de la conjura austracista abortada en Lisboa en julio y castigada con varias penas de muerte por un Juan IV dispuesto a hacerse respetar, daba la razón a quienes habían creído factible la idea de hundir el régimen bragancista tan rápida y violentamente como éste había hecho con el de Felipe IV seis meses atrás. Pero su cruento fracaso también devolvió el problema al punto de partida, lo que hablaba de la incómoda necesidad de atacar militarmente a los portugueses y del riesgo que había corrido la corona al delegar en los nobles del lado español de la frontera la misión de «hacer inteligencias» en Portugal, como a su vez mostró la conspiración de don Gaspar Pérez de Guzmán, nono duque de Medina Sidonia, y su pariente, don Francisco Antonio de Guzmán y Zúñiga, sexto marqués de Ayamonte, descubierta a fines de agosto. Si el objetivo del duque, cuñado de Juan IV, consistió en coronarse rey de Andalucía o en liderar un plante de los grandes ante Olivares, ya casi era lo de menos[33]. La débil reacción de un Felipe IV al que le bastó con desterrar al duque de sus estados rebeló, a la vista de la actitud mucho más enérgica de Juan IV unas semanas antes en Lisboa, la impotencia que gripaba a la corona a la hora de ejercer su autoridad. En otoño, el duque de Alba recibió la orden de disponer nuevos alojamientos en Salamanca para un elevado número de tropas no especificado. «Las prevenciones [mandó el rey sin citar ya las «inteligencias»] las habéis de hacer para la guerra ofensiva[34].» Lo que en verdad significaba este cambio de planes era que, si finalmente se llevaba a cabo, el ataque tendría que ejecutarse a costa de las finanzas privadas de señores como Alba antes que gracias a las pobres transferencias de una hacienda real exhausta y desbordada; en otras palabras, tampoco en 1642 habría guerra con Portugal. Rendido a la evidencia, es comprensible que en diciembre de este año Felipe IV acordase que no volvería a mirar hacia el oeste hasta haber vencido en Cataluña.

1.2. El almirante

> Son los Cosmógrafos y Mapistas como los Pintores. Muchas veces tienen los Mapas lugares con notas de Aldeas que son Ciudades, y otros con notas de Ciudades que son Aldeas. Si escriben y delinean habiendo peregrinado y visto, dan más alta razón de lo que les ha agradado que de lo que debían. De donde han estado más de asiento, han dejado más noticias. Lo que han visto de paso lo han tratado superficialmente. Por diligente que sea el retrato, no es igual al original.
>
> Antonio Fuertes y Biota, *Vida de Moysén*, Bruselas, 1657, p. 157.

[33] Sobre estos hechos, L. Salas Almela, op. cit., pp. 349 y ss.

[34] ADA, Cj. 13, Doc. 145, Felipe IV al duque de Alba, 22 de octubre de 1641.

En cierto modo el primer año de la guerra con Portugal podía considerarse una coyuntura excelente para elevar propuestas a un gobierno sumido en la desorientación. Así lo vio al menos el almirante luso António de Acunha e Andrada (o Andrade). El 12 de noviembre de 1641 firmó la dedicatoria de sus *Discursos y advertencias de la Costa de Portugal* dirigidos al conde-duque de Olivares. Se trataba de un modesto cuaderno de pergamino que incluía 13 mapas del litoral portugués numerados con las letras que van de la A a la N, salvo el primero de ellos que, además, abarcaba toda la costa del país, mientras los 12 restantes reproducían cada una de sus partes. Precedía a cada mapa una somera descripción de las características náuticas y de las actividades económicas del área respectiva, tras la cual sugería las medidas de presión más pertinentes para cada zona a fin de que Portugal volviera a la obediencia de Felipe IV. De norte a sur, Andrada fraccionó la costa portuguesa en una serie de distritos litorales –12 en total– al estilo de lo que Felipe IV había dictaminado para la frontera terrestre. Pero consciente, como debía de serlo a fines de 1641, de que Portugal había sido condenado al limbo de un frente defensivo, ideó un plan intermedio entre la mera pasividad y el ataque invasor, consistente sobre todo en intimidar al comercio luso mediante un dispositivo naval de perfil bajo que, como el corso, hiciera desistir a los rebeldes.

Las razones por las que Andrada decidió presentar su proyecto a Olivares y, 20 años más tarde, a Antonio Sancho Dávila y Toledo, tercer marqués de Velada (1590-1666), no las conocemos explícitamente, aunque no es arriesgado imaginar algunas de ellas. Naturalmente, si creemos sus propias palabras, se trató de un servicio de lealtad y vasallaje a cambio del cual el almirante esperaba alcanzar el derecho a recibir más de una merced. Pero, más allá de este elemental mecanismo, es obvio que las preguntas que un proyecto como el de Andrada plantea son más, seguramente, que las respuestas que a fecha de hoy podemos satisfacer.

Los datos dispersos que sobre Andrada tenía registrados la historiografía fueron agrupados por vez primera –y última, al menos que sepamos– por el abogado y erudito portugués João Cunha da Silveira (1909-1967). Su artículo sobre Andrade –así prefirió denominarlo– constituye toda una rareza producto de su interés por algunas de las más ilustres familias azorianas, incluida la suya[35]. Publicado en Amberes en 1953, se entiende la escasa difusión que ha conocido[36]. Sin embargo, y no obstante tratarse de una pesquisa no profesional, debe considerarse la referencia obligada para adentrarse en la figura del almirante a causa de sus valiosas aportaciones documentales. Gracias a Silveira sabemos, por ejemplo, que Andrada nació

[35] Véase João Cunha da SILVEIRA, «Cunhas da Silveira: contribuição para a história duma família açoriana», *Insulana*, 10, 1954, 56 pp. Citamos por la separata.

[36] J. C. da SILVEIRA, «L'Amiral Antonio da Cunha e Andrade», *Annales de l'Academie de Marine de Belgique* (Amberes), VII, 1953, pp. 91-112. En adelante, salvo otra indicación, seguimos los datos incluidos en este trabajo.

en Ambrões, localidad perteneciente al actual municipio de Marco de Canaveses, al norte de Portugal, en una fecha incierta que debemos situar entre fines del siglo XVI y primeros del XVII. Su padre fue Fernando (o Fernão) da Cunha, natural de Oporto, y su madre doña Helena Carneiro, originaria de Torre de Moncorvo, también al norte, en el distrito de Braganza. El grado para-nobiliario de sus progenitores se ha deducido del feliz matrimonio que Andrada efectuó con doña Joana de Silveira, perteneciente a una de las familias más conspicuas de la isla azoriana de Fayal.

De hecho, la fortuna de Andrada comenzó a despuntar desde su llegada a este archipiélago, probablemente hacia 1630. El enclave de las Azores resultaba entonces vital para las navegaciones luso-españolas de signo militar y comercial, de modo que nada tuvo de extraño que un joven capitán de barco como Andrada decidiera convertir su actividad naval en instrumento de ascenso profesional a la vez que en fuente de enriquecimiento. Era habitual ofrecer a los demás la protección que brindaba un navío propio y sus armas –cañones– a cambio de peculio, así como aprovechar el tráfico del archipiélago para lucrarse con él. Su enlace, pues, con una Silveira se encuadra en este tipo de relaciones simbióticas que establecían las familias locales con los servidores del rey bien situados procedentes del Portugal continental. Su dedicación a la marina, centrada en auxiliar a las embarcaciones en peligro hacia o desde el Brasil y la India, se combinaba con el aprovisionamiento a estos enclaves y a los del norte de África, por lo general rentables. Nada más normal que en julio de 1635 el Consejo de Hacienda luso tratara sobre el ofrecimiento realizado por el capitán António de Acunha desde las Azores para llevar, en calidad de socorro a Pernambuco, 200 *molhos* de harina almacenados allí[37]. Era esta clase de disponibilidad lo que abría la puerta a las mercedes regias, como probó que en 1636 Andrada fuera nombrado comandante de la fortaleza de Santa Cruz en Horta, la principal villa de Fayal. Resultó sólo un peldaño de la escalera que Andrada esperaba subir, para lo cual en 1637 suministró nuevos envíos a la plaza norteafricana de Tánger. Dos años más tarde, el 16 de mayo de 1639, llegó el esperado reconocimiento: a cambio de integrarse en la gran expedición que Felipe IV organizaba para expulsar a los holandeses del Brasil, Andrada recibió el grado de almirante, el título de caballero y comendador de la orden de Cristo en Portugal y la dignidad de gentilhombre-caballero de la casa real portuguesa[38].

---

[37] ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO [AHU], Lisboa, Conselho Ultramarino, Brasil-Pernambuco, Cj. 3, Doc. 197, *Parecer do Conselho da Fazenda sobre a oferta de provimento de trigo para a capitania de Pernambuco feita pelo capitão António da Cunha*, Lisboa, 10 de julio de 1635.

[38] El nombramiento de almirante en ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO [ANTT], Lisboa, *Chancelaria de Filipo III*, *Doações*, Libro 28, fl. 230v, Lisboa, 16 de mayo de 1639 – donde su nombre figura como «António de Acunha de Andrade». Sobre su vínculo con la orden de Cristo no he logrado encontrar ningún expediente o documento correspondiente a Andrada, salvo un memorial suyo de 1659 localizado en BNE, Porcones, 1-25. Estoy en deuda con mi amiga y colega Fernanda Olival por ayudarme a confirmar la inexistencia de su expe-

Todo era poco para una corona deseosa de movilizar cualquier recurso disponible y así acabar con la pesadilla de un Pernambuco invadido desde 1630. Y de esta necesidad, súbditos como el joven y ambicioso Andrada supieron sacar partido. En su caso, ofreciendo primero un navío de 350 toneladas y 24 piezas de artillería, además de pólvora, picas y mosquetes. Al final acabaría por comandar una flota de siete barcos auxiliares y mil hombres a bordo de una leva llevada a cabo por D. Diogo Lobo reunida en las Azores.

La fuerza expedicionaria («socorro») que D. Fernando Mascarenhas, primer conde da Torre, llevó hasta Bahía entre el verano de 1639 y enero de 1640 supuso el último intento de la administración del conde-duque de Olivares para restaurar la integridad brasileña[39]. Andrada, por tanto, supo engancharse a tiempo para vender a precio de oro su colaboración, por modesta que fuera. Antes de su partida hacia América, el nuevo almirante había tenido que demostrar en Lisboa su capacidad como gestor a la hora de obtener fondos para el apresto de su nave, lo que no resultó sencillo. Si bien Andrada actuaba en nombre de la entonces virreina de Portugal, Margarita de Saboya, la inesperada quiebra del prestamista flamenco Nicolau Bouray (o Borais) le privó de los 3350 cruzados que éste debía entregarle para comprar suministros. Andrada solicitó a la virreina que se procediera al embargo de los bienes del banquero con el fin de obtener de ellos la cantidad citada. No obstante que la mayoría del Conselho da Fazenda de Lisboa consideró que lo adecuado en estos casos era poner el asunto en manos de la justicia ordinaria –pues los acreedores sumaban más de uno–, Margarita optó por seguir la opinión minoritaria consistente en nombrar a un corregidor para que acelerase el embargo –una vía expeditiva que, obviamente, beneficiaba al almirante[40]. En mayo de 1639 todo estaba listo para que Andrada partiera al Brasil. La virreina volvió a mostrar su buena disposición hacia el almirante con el envío al conde da Torre de una orden que especificaba que el navío de Andrada –y otro también de su propiedad que seguramente había llegado a Bahía el año anterior con el grueso de la armada–, debían quedar

diente de caballero en los fondos del ANTT. Tampoco han dado fruto las pesquisas llevadas a cabo en el ARCHIVO HISTÓRICO NACIONAL, MADRID (AHN) ni en el AGS, donde se guardan la mayoría de los expedientes de hábitos de caballero relativos a los portugueses que después de 1640 optaron por quedarse con Felipe IV. Sobre este valioso acervo, véase Francisco Manuel ALVES, *Catálogo dos manuscritos de Simancas respeitantes à história portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933, pp. 136 y ss. Respecto a la merced de gentilhombre-caballero de la casa real, J. C. da SILVEIRA, art. cit., p. 94, nota 11, cita una carta de nobleza de 1639 conservada en el archivo de la Cámara Municipal de Horta, libro 9.º, pp. 222 y ss.

[39] Al respecto, R. VALLADARES, «Las dos guerras de Pernambuco. La armada del conde da Torre y la crisis del Portugal hispánico (1638-1641)», *in* José Manuel Santos Pérez y George F. Cabral de Souza (ed.), *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 2006, pp. 33-66.

[40] AHU, Conselho Ultramarino, Brasil-Pernambuco, Cj. 4, Doc. 304, *Consulta do Conselho da Fazenda ao rey Filipe III sobre o requerimento de Antonio da Cunha de Andrada, despachado para a guerra da capitania de Pernambuco, em que solicita a penhora e execução dos bens de Nicolau Borais para que possa prosseguir no serviço real*, Lisboa, 26 de febrero de 1639. La consulta está resuelta por la virreina Margarita.

libres en cuanto entregasen su carga en Brasil para dirigirse adonde quisieran, y además sin tener que regresar necesariamente a Lisboa. En la práctica, este dictamen equivalía a un permiso encubierto para que Andrada pudiera redondear su periplo americano con alguna operación comercial en premio a su colaboración[41].

Pero esta vez las cosas no salieron como se esperaba. La guerra con el holandés exigía reunir el mayor número posible de efectivos, de modo que el exigente y poco correoso conde da Torre parece que, una vez todos en Bahía, impidió al recién llegado almirante que dispusiera de sus naves. Como sabemos, Andrada contaba con experiencia en servir a la corona mediante socorros navales que, pese a algunos problemas, a la larga rentaban beneficios. Tanto que, probablemente por ello, Da Torre no tuvo escrúpulos en retenerlo a él y a sus naves al menos para aquella ocasión que se pensó sería decisiva a efectos de infligir al holandés una derrota memorable. En cualquier caso, Andrada se halló al frente de siete navíos auxiliares «de Azores y de Brasil» en la formación que protagonizó la conocida «batalla de los seis días» –trascurrida ante el litoral pernambucano entre el 12 y el 17 de enero de 1640–, y que acabó con la dispersión de la armada luso-castellana[42]. Significativamente, en vísperas del encuentro el almirante participó en la reunión que tuvo lugar a bordo de la capitana real y en la que todos los mandos –el también almirante Francisco Dias Pimenta, el teniente general Gaspar Pinheiro Lobo, João Rodrigues de Vasconcelos e Sousa, segundo conde de Castelo Melhor, Lourenço de Brito Correia y el general don Juan de Vega Bazán, entre otros–, dieron su parecer sobre el mejor modo de conducirse ante la inminente batalla por Recife[43]. La integración *militar* de Andrada en la empresa de Pernambuco era, pues, un hecho consumado y esto, pese a los riesgos que pudiera implicar en comparación con sus antiguas y más tranquilas ocupaciones de suministro y mercadeo en las Azores, le abría también nuevas oportunidades. Es posible que años después el almirante recordara aquel encuentro donde muchos de sus participantes quizás se vieron por última vez antes de que el golpe de 1640 separara sus vidas para siempre. Dias Pimenta, por ejemplo, optó como Andrada por seguir bajo Felipe IV, mientras Castel Melhor, después de ver frustrado su intento de poner Cartagena de Indias a la obediencia de Juan IV en agosto 1641, sirvió colmado de triunfos en Portugal, donde su hijo se convirtió en valido del segundo rey Braganza, Alfonso VI, entre 1662 y 1667[44].

---

[41] Véanse J. P. Salvado y S. M. Miranda (ed.), *Cartas do 1.º Conde da Torre*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 3 vols., 3, 2003, pp. 37-38, la virreina Margarita al conde da Torre, Lisboa, 22 de mayo de 1639.

[42] Jaime Cortesão, «Colonização dos Portugueses no Brasil (1557-1640)», in Damião Peres (dir.), *História de Portugal*, 5, Barcelos, Portucalense Editora, 1932, p. 435.

[43] J. P. Salvado y S. M. Miranda (ed.), op. cit., 1, pp. 334-343, 8 de enero de 1640; el voto de Andrada en p. 338.

[44] La figura de Pimenta requiere una investigación actualizada; por ahora, véanse J. Wangüemert y J. Poggio, *El Almirante don Francisco Díaz Pimienta y su época*, Madrid, Tipo-

La «batalla de los seis días» conllevó no sólo la derrota hispano-lusa, sino además la captura del propio Andrada a manos de los holandeses. El 14 de enero, a la altura de la fortaleza de Cabedelo, en Paraíba, el almirante lanzó su buque *Chagas* contra el navío *De Swaen* (*El cisne*), sin que al final pudiera evitar verse rodeado por otras unidades holandesas que le obligaron a llevar la nave hasta la costa. A partir de aquí los testimonios se dividen, pues mientras el cronista bátavo Kaspar van Baerle cuenta que Andrada resistió hasta el final, el célebre militar portugués André Vidal de Negreiros le acusó de haberse entregado al enemigo para salvar el dinero y los otros bienes que transportaba en el *Chagas* –y que, entre monedas, objetos de plata y joyas, Van Baerle estimó en 30 000 florines[45]. Desde luego, para Negreiros no había duda de que Andrada –a quien se refiere como «capitán» por ignorar, tal vez, su nuevo grado de almirante o para rebajarlo por la indignidad que le achacaba–, había negociado con los holandeses para salvar su tesoro. «Antonio da Cunha tocou na ponta do Lucen e logo saltou en terra», denunció Negreiros; «disserão lhe os moradores que me avizasse que eu o iria logo buscar, dizem que elle disera se não queria ariscar a o degolaren com a jente que trazia, tratou logo de consertos com o framengo e se lhe entregou com a infantaria que trazia; e coando o eu quis remedear ja não pude. O navio ficou aos framengos com tudo o que trazia, salvo algũ dinheiro que Antonio da Cunha livrou[46].» Esta imagen de un Andrada animoso en la persecución de buques enemigos pero también aprensivo y calculador cuando había que salvar vida y fortuna tras la derrota, resulta tan paradójica como creíble. Curtido durante años en tareas de auxilio bien remuneradas, el nuevo almirante podía mostrarse escurridizo y práctico a la hora de administrar un infortunio como aquél. De pronto, el marino victorioso que había sido en las Azores se hallaba a punto de perderlo casi todo nada más participar en una guerra de veras. Si, como parece, pensó en arrancar alguna comprensión de su interés por recuperar parte de su dinero a cambio de ahorrar la vida de las tropas a su cargo, se equivocó, pero tal actitud, caso de verificarse, caía en lo previsible: se trataba de un militar que era, al mismo tiempo, un hombre de

---

grafía de la Revista de Archivos, 1905, y las abundantes noticias que sobre él aporta el estudio de Fernando Serrano Mangas, *Armadas y flotas de la plata (1620-1648)*, Madrid, Banco de España, 1989, *passim*. Sobre el designio de Castelo Melhor en Cartagena, Stuart B. Schwartz, «Panic in the Indies: The Portuguese Threat to the Spanish Empire, 1640-1650», in Werner Thomas y Bart de Groof (ed.), *Rebelión y Resistencia en el Mundo Hispánico del Siglo xvii*, Lovaina, Leuven University Press, 1992, pp. 205-226.

45 Casparis Barlaei, *Rerum per octennium in Brasilia et alibi nuper gestarum sub praefectura illustrissimi Comitis I. Mauriti Nassoviae*, Amsterdam, 1647, pp. 168 y ss. Sobre la figura de Negreiros (1606-1680) contamos con un ensayo reciente a cargo de Ângelo Emílio da Silva Pessoa, «Vidal de Negreiros: um homem do Atlântico no século xvii», in C. M. S. Oliveira, M. V. Menezes y R. C. Gonçalves (ed.), *Ensáios sobre a América Portuguesa*, João Pessoa, UFPB, 2009, pp. 53-65.

46 J. P. Salvado y S. M. Miranda (ed.), op. cit., 1, pp. 495-496, André Vidal de Negreiros a Fernando Mascarenhas, primer conde da Torre, Lagoa do Sul (Brasil), 29 de marzo de 1640.

negocios. Las fuentes conservadas, por lo demás, contraponían dos lógicas narrativas harto razonables, pues mientras Van Baerle necesitaba presentar a un gran almirante capturado con esfuerzo por sus compatriotas (Andrada es descrito en su obra como «prudente virum et civilis ingenii»), el militar brasileño quizás aspiraba a justificar su retraso en acudir en ayuda de Andrada y así haber evitado su capitulación. Fuera cual fuese el motivo de aquel grave incidente, lo que ofrece poca discusión es que la honra militar del almirante sufrió una merma considerable.

Las autoridades holandesas de Pernambuco enviaron a su nuevo prisionero a las Provincias Unidas. Esta medida no era tan excepcional como hoy podría parecer. Lejos del Brasil, el cautivo solía negociar su libertad a cambio de comprometerse a permanecer en Europa –algo que, más que una renuncia por parte del prisionero, a veces coincidía con su voluntad. Según Van Baerle, Andrada ya estaba en un fortín de La Haya en agosto de 1640, desde donde elevó su petición de libertad junto con otros marinos españoles capturados en la batalla de Las Dunas (ocurrida el 21 de octubre de 1639). En octubre de 1640 Andrada aún seguía encarcelado, aunque ya contaba con el permiso del gobierno para abandonar los Países Bajos con la condición de no dirigirse ni a España ni a Portugal, sino a las Azores[47]. Aquí se pierde el rastro de Andrada hasta poder certificar su reaparición en Madrid en noviembre de 1641.

Ignoramos dónde se encontraba Andrada cuando se produjo la Restauración o, por decir mejor, cuando le alcanzó su noticia. Quizás había regresado ya a las Azores para, acto seguido, pasar a España después del golpe en Lisboa del 1 de diciembre de 1640. O bien seguía en Holanda cuando éste se produjo y desde allí cruzó al Flandes español o viajó directamente a Madrid. Lo único que cabe deducir con relativa seguridad es que, si tras la Restauración tuvo dudas, allí donde se hallara las resolvió muy pronto en el sentido de permanecer del lado de Felipe IV, como prueba la dedicatoria a Olivares en su *Descripción de las Costas de Portugal* fechada en Madrid el 12 de noviembre de 1641. Teniendo en cuenta el tiempo que le llevaría la elaboración de los mapas y sus comentarios, su presencia en Madrid o en alguno de los dominios de Felipe IV debe datarse al menos unas semanas antes. Desde luego, su opción resultaba coherente con la situación alcanzada en el año y medio anterior. Como almirante con mando en la más poderosa flota que hasta entonces los Austrias habían logrado llevar hasta Brasil, sus expectativas miraban a repetir fortuna en alguna empresa similar en vez de plegarse a la realeza incierta de un duque de Braganza recién entronizado. Pese al embarazoso asunto de su captura (o rendición), el ascenso militar y social de Andrada en la década de 1630 lo situaba demasiado ligado a la administración filipina como para sustituir sin más unos vínculos ya segu-

[47] J. C. da Silveira, art. cit., p. 101, donde cita documentos de los archivos de La Haya que confirman estas fechas.

ros por otros propios de un régimen sin estabilizar. La apuesta de Andrada quedó así definida, tanto como sentenciado su futuro: en Portugal se supo muy pronto por qué bando había tomado partido, hasta el punto de que en septiembre de 1641 el gobierno de la Restauración pretendió castigarle mediante la confiscación de sus bienes tanto en las Azores como en otras partes. La permanencia de su esposa y sus dos hijos en las islas parece que salvó a los Andrada de esta medida, que era la generalmente aplicada a los portugueses austracistas[48].

No obstante, es posible –aunque no probable– que su elección hubiera sido otra, como sugiere lo ocurrido con su homónimo y contemporáneo el militar António de Acunha. Ligado –igual que Andrada– al servicio real pero como simple soldado, su humilde condición lo dejaba aparentemente en una tierra de nadie a la hora de escoger nuevo amo, pero en realidad fuertemente condicionado por sus expectativas de respirar futuro. Que su elección se inclinara por los Braganzas dice mucho de su propia personalidad aunque más, seguramente, de los entresijos sociales sobre los que se levantó el régimen de la Restauración cuando éste devino en un océano de oportunidades para quienes no habían podido, o querido, ligarse a los Felipes. Entre 1643 y 1647 este otro Acunha peleó por Juan IV en la frontera del Alentejo, la más activa y peligrosa; en 1648 pasó al Brasil para combatir al holandés. Capturado y detenido en Recife, obtuvo la libertad en 1650, cuando entró a servir en el presidio de Marañón hasta 1656. Entre 1661 y 1668 volvió a la guerra contra Felipe IV en Portugal, esta vez desde la mucho más tranquila frontera luso-gallega. De nuevo en América entre 1670 y 1674 –esta vez en Pernambuco–, culminó su carrera como capitán de la fortaleza angoleña de Massangano –fuente segura de ingresos inconfesables–, donde puede aventurarse que falleciera razonablemente satisfecho por el camino andado[49].

El almirante Andrada, por su parte, escogió el bando contrario pero con idéntico objetivo que el soldado Acunha. La comparación de ambas trayectorias ilustra a la perfección sobre el modo en que la cesura de 1640 afectó a los portugueses y sobre la manera en que cada uno trató de encajar su vivencia personal en ella. Con todo, la marea de incertidumbres que asoló a estos personajes levanta un muro de preguntas que ningún historiador puede responder con absoluta seguridad. De la misma manera que resulta imposible establecer los motivos exactos por los que el soldado Acunha decidió seguir a Juan IV, no pueden fijarse tampoco las razones precisas que guiaron

---

[48] *Ibidem*, pp. 102 y 108. Los hijos de Andrada fueron António da Cunha e Silveira, teólogo por la Universidad de Coimbra en 1660, y Helena da Silveira, que casó con Jorge Cardoso Pereira, gobernador de las islas de Fayal y Pico en 1680. La división familiar ante la crisis de 1640 resultó una práctica habitual entonces para proteger al grupo de un compromiso demasiado arriesgado como hubiera sido el alineamiento con un solo bando.

[49] Todo en AHU, Conselho Ultramarino, Serviço de Partes, Cj. 1, Doc. 98 (sin fecha, pero posterior a 1656); Cj. 2, Doc. 304 (sin fecha, posterior a 1674); y Cj. 3, Doc. 363 (sin fecha, posterior a 1680).

al almirante Andrada a permanecer bajo Felipe de Austria pues, junto al innegable interés individual, podían contar también factores morales y afectivos, ambos no mensurables, pero sí muy reales. En el caso de Andrada, como en la mayoría de los lusos austracistas, debió influir una combinación de cálculos personales y de razones políticas en la medida en que, aunque pudieran sentir desapego e incluso aversión por el autoritarismo de Olivares, deploraban aún más que un aristócrata como el duque de Braganza aprovechara el malestar general contra los Austrias para instaurar su fortuna biográfica rodeado de un puñado de clientes oportunistas y a costa, sobre todo, de interrumpir las estrategias ajenas ya en marcha. Convencidos de que el destino acabaría por bendecir al que parecía más fuerte, Andrada y otros como él dibujaron la opción por Felipe IV como un magnífico recurso para conservar, reiniciar o acelerar, según cada caso, el medro particular disfrazado de obediencia, como una oportunidad que no siempre estaría ahí y que urgía abrazar antes de que la lealtad al Rey Católico dejara de cotizar.

No sabemos cuáles fueron los contactos que el almirante estableció en Madrid con sus compatriotas, los exiliados que iniciaban en la corte una vivencia realmente atípica y, en muchos casos, desvalida de protectores y rentas[50]. En una situación así, la corona suponía casi el único asidero al que todos debían recurrir, bien para solicitar pensiones y *socorros*, bien para ofrecer lo que cada uno pudiera o supiera que podía interesar al rey; Andrada correspondía más bien a la segunda categoría, hasta el punto de que su *Descripción* cobra pleno sentido a la luz de este peculiar mercado de oferta y demanda que la rebelión de 1640 creó entre los lusos de Madrid. Pues lo que brindó a Felipe IV aquel almirante frustrado justo ahora cuando su estrella había empezado a brillar, era un Portugal reducido a un conjunto de mapas cuyo primer embrujo consistía, precisamente, en crear la ilusión que más necesitaba entonces el gobierno: la de no haber perdido aquel reino o no, al menos, del todo y, además, la de poder recobrarlo a pesar de hallarse la monarquía en su año más *ceñido*.

Andrada se había convertido contra su voluntad en un exiliado, cuando lo que él seguramente más deseaba era contemplarse como héroe de una exitosa carrera militar y tal vez política. Su manuscrito puesto en manos de Olivares resumía todo un proyecto de vida ahora arruinado a causa del destino impuesto a su país por un duque hecho rey y a quien, por cierto, algunos en Madrid no daban mucho tiempo en el trono. Si Andrada, y quienes compartían con él el objetivo de acabar con la Restauración, lograban transformar el nuevo régimen Braganza en una efímera interrupción del Portugal de los Austrias, entonces sus aspiraciones de mejora al calor de Felipe IV tornarían a reencauzarse como si nada hubiera sucedido. No es improbable, en definitiva, que alguien o muchos animaran a Andrada a componer su obra, ni que alguna o varias de las facciones en que pronto se

[50] Al respecto, R. VALLADARES, op. cit., pp. 87-96.

dividió el exilio en Madrid tratara de instrumentalizarlo. Porque, al margen de la familiaridad con que los vasallos elevaban a la corona arbitrios de toda índole, los mapas que el almirante portugués dirigió al valido contenían o expresaban algo diferente a una propuesta más o menos novedosa y superaban, con mucho, una lectura en clave individual: suponían una demanda colectiva dirigida al gobierno para que en modo alguno los demás frentes de la monarquía enterraran la urgencia de ver *restaurado* Portugal. Lo que parece indudable es que Olivares recibió la obra, pues, según confesó el propio almirante, el ejemplar que en 1661 envió a Velada era una copia del de 1641, prueba de que el trabajo original pasó de Andrada a manos del valido o, cuando menos, entró en su despacho –hasta el punto de que el autor no lo recuperó. Lo que ocurrió después nos es desconocido, aunque la ausencia de documentación al respecto (por ejemplo, entre las consultas del Consejo de Guerra y de Estado depositadas en el archivo de Simancas) indica que muy probablemente el proyecto ni siquiera fuera sometido a discusión. Sí es posible, en cambio, que la información que suministraba se aprovechase para tomar otro tipo de medidas, como las relativas al bloqueo del comercio con Portugal o facilitar el cabotaje y el corso en el litoral «rebelde».

La prioridad otorgada al frente catalán en la agenda de Felipe IV decidió, pues, la mala fortuna del *proyecto Andrada* y, en general, de toda propuesta que desviara demasiado la atención hacia Portugal. A la altura de 1644 no había duda de que la política instalada en el gobierno iba a obligar a que Andrada imprimiera un giro a su carrera. Así, en julio de este año Felipe IV firmó su nombramiento como almirante de la armada de Dunquerque, el principal puerto de los Países Bajos españoles y base naval de una flota especializada en el corso. El nuevo destino del almirante portugués (aunque tal vez se hallara en Flandes antes de este nombramiento) no sólo respondía a su probada capacidad como marino, sino que encajaba perfectamente con la intención del gobierno de buscar ocupaciones prácticas a los exiliados lusos que andaban en la corte con el fin de ahorrar dinero a la hacienda real y reducir las críticas que esta política de favor había despertado entre los demás súbditos. El mismo decreto real explicitaba que su sueldo se elevaría a «cien escudos al mes en mi armada de Dunquerque, cesándole esta misma cantidad que se le daba aquí por vía de alimentos como a otros caballeros portugueses»[51]. De hecho, precisamente en abril de 1644 el Consejo de Estado había propuesto –y el rey lo aprobó– que a los portugueses acogidos en Madrid que fueran «personas de experiencia militar, de letras y de juicio relevante que se hallen con más noticias de lo que conviene», se les denegara el pasaporte que en ocasiones pedían para ir a Portugal a resolver asuntos particulares[52]. Un documento como la *Descripción de las Costas de Portugal* prueba que Andrada pertenecía a esta última categoría. Su marcha

[51] BNE, Porcones, 1-25, copia impresa del decreto de Felipe IV dirigido a Francisco de Melo, gobernador de los Países Bajos, Fraga, 1 de julio de 1644.

[52] AGS, Estado, leg. 2668, Consejo de Estado, 7 de abril de 1644.

a Flandes, pues, serviría para reducir gastos en Castilla, aplacar voces contrarias y evitar, en la medida de lo posible, que un experto en asuntos navales se pasara al enemigo. Tanto si el almirante solicitó irse a Dunquerque como si fue una orden recibida a disgusto, el caso es que en 1644 comenzó allí una larga etapa de servicio que sólo acabaría en 1659.

No sabemos mucho de la trayectoria seguida por Andrada en los Países Bajos, aunque es seguro que una búsqueda sistemática en los archivos belgas arrojaría luz al respecto. Lo que conocemos se debe sobre todo a una parte de la documentación que generó el pleito que sostuvo con el castellano del presidio de Amberes por conflictos de jurisdicción entre 1653 y 1660[53]. Éste y todo tipo de enfrentamientos entre las autoridades navales flamencas y *españolas* respondían a una deprimente periodicidad que a menudo exasperaba a quienes desde Madrid tenían que intervenir para cortar la escalada. Las «diferencias culturales» entre ambas naciones, el «choque entre dos tradiciones distintas: la de la administración y la del asiento» y la inspección de las naves –a veces inusitadamente puntillosa– solían motivar el grueso de los problemas[54]. Pero además también era posible que hubiera debates animados entre miembros de una misma *nación* –la *española*–, que fue, al parecer, lo que le sucedió a Andrada, cuya trifulca con la máxima autoridad del castillo de Amberes desembocó en el regreso del almirante a Madrid.

Según la versión de éste, todo arrancó en 1653, cuando Andrada recibió de manos del archiduque Leopoldo-Guillermo, gobernador de los Países Bajos, el cargo de «almirante de la armada de la rivera de Amberes». El haber pasado de Dunquerque, su destino original, a este otro puerto debió de ser consecuencia de los avatares de la guerra, ya que entre septiembre de 1647 y septiembre de 1652 los franceses se habían posesionado de Dunquerque, lo que obligó a que la mayoría de los efectivos navales concentrados aquí tuvieran que trasladarse a Amberes. Hasta entonces podemos imaginarnos a Andrada ocupado en numerosas operaciones de corso contra navíos franceses y holandeses –al menos hasta la paz hispano-holandesa de 1648. Cuando el portugués llegó a la ciudad del Escalda se negó a obedecer las órdenes que emanaban del castillo que la defendía, bajo el argumento de que sus mandos no tenían jurisdicción sobre él. En 1654 el gobernador (o castellano) de la fortaleza, don Baltasar Mercader, advirtió a Andrada de que cambiara «de estilo o le pondré en parte que con toda humildad me trate como debe para salir de ella; y si se imagina Neptuno de esos mares, considéreme Júpiter que le librará rayos que le confundan»[55]. La tensión se arrastró hasta

---

[53] El término *castellano* alude, en este contexto, a la persona que tenía a su cargo el gobierno del castillo o fortaleza de Amberes, no al origen de nacimiento de quien ostentaba este puesto.

[54] Robert S. Stradling, *La armada de Flandes. Política naval española y guerra europea, 1568-1668*, Madrid, Cátedra, 1992, pp. 209-210. El libro no incluye ninguna referencia al almirante Andrada.

[55] Citado por José Alcalá-Zamora y Queipo de Llano, «Documentos curiosos sobre cuestiones de jurisdicción de dos altos funcionarios españoles en el Flandes del archiduque

1657, año en que don Juan José de Austria, gobernador de los Países Bajos, puso el asunto en manos del superintendente de la justicia militar, quien dictaminó a favor del almirante dada «la independencia de su dicho puesto de los castellanos de Amberes y la novedad que tenía su pretensión». El castellano recurrió la sentencia, alegación que el superintendente, a su vez, pasó a don Juan José; éste decidió remitir el pleito a Madrid para que lo resolviera el rey. En tanto, una fuerza anglo-francesa había tomado Dunquerque en junio de 1658, lo que obligó a Andrada a despedirse de un posible regreso allí.

Cuando se estaba a la espera de la resolución de la corte, entró como nuevo castellano de Amberes Juan Pacheco Ossorio, marqués de Cerralbo, a quien Andrada acusó de querer «hacer justicia por su mano». En octubre de 1658 el portugués se hallaba ya en Bruselas con la debida licencia para acudir a Madrid en defensa de su causa. Entonces, la presión de Cerralbo sobre don Juan José dio como fruto la destitución del almirante «por inobediente» el 27 de febrero de 1659, al tiempo que el marqués ordenó al personal del almirantazgo de Amberes que «no obedeciesen las [órdenes] del Almirante ni le reconociesen por tal», y le embargó el sueldo. Don Juan José, a quien acudían todos con sus memoriales, decidió que hasta no haber pronunciamiento claro de lo que disponía Madrid, Andrada debía regresar a Amberes y ponerse a las órdenes de Cerralbo. El portugués obedeció, pero su presencia allí encendió la hoguera previsible. El 17 de diciembre, don Juan José exigió el regreso del almirante a Bruselas, donde le amonestó para que acatase las órdenes del castellano y de su teniente «y que, no lo queriendo hacer así, dejase el puesto». Andrada adujo que la disputa no era «sobre la jurisdicción del almirantazgo, sino solamente sobre recibir órdenes del castellano y teniente», de manera que sus oponentes «confundían lo uno con lo otro». Este ardid camuflado de sutileza jurídica acabó con la paciencia de don Juan José, que el 2 de enero de 1659 le transmitió un ultimátum: o se incorporaba a su puesto con las condiciones establecidas, o debía renunciar a él. Pero esta vez Andrada no se plegó, por lo que legalmente quedó «suspendido de su puesto». De inmediato recibió la orden de no regresar a Amberes y embarcarse hacia España. Cerralbo usó esta victoria para requisar los bienes de Andrada, lo que éste aprovechó para declararse insolvente y, por tanto, incapacitado para viajar a Madrid. Era obvio que el almirante no estaba dispuesto a terminar su carrera naval en Flandes con una expulsión ignominiosa.

La impotencia del gobernador de los Países Bajos también era manifiesta. En medio del marasmo general, con una guerra simultánea contra Francia y la república inglesa, don Juan José seguramente no podía dar crédito a que algunos de sus más conspicuos almirantes y oficiales andu-

---

Leopoldo», *Cuadernos de Investigación Histórica*, 1, 1977, pp. 177-182, 181, Mercader a Andrada, Amberes, 18 de noviembre de 1654. Este artículo recoge seis billetes cruzados entre Mercader y Andrada conservados en AGS, Secretarías Provinciales, leg. 2571.

vieran a la greña por asuntos tan nimios. Harto, volvió a ordenar a Andrada «que fuese luego a Amberes y que, sin más ceremonias, declarase estaba a la obediencia del castellano y su teniente, con que se desembargaría su ropa y se pondrían las cosas como estaban antes, y que si no se conformaba con esto, dejase el puesto para no embarazar más con memoriales y representaciones, faltando el tiempo para cosas de mayor importancia». Andrada respondió que obedecería en cuanto se le librase algún dinero para satisfacer a sus acreedores de Bruselas, lo que don Juan José interpretó como la enésima excusa del portugués para no bajar la cabeza ante Cerralbo. El segundo ultimátum del gobernador a Andrada para que acatase lo ordenado en un plazo de cuatro días lleva fecha del 31 de enero de 1659; en consecuencia, debió de ser en febrero de 1659 cuando don Juan José firmó la destitución de Andrada. «Su Alteza, sin más causa, proveyó el oficio, a título de inobediencia, dándolo al capitán don Jaime Hortensio López.»

La llegada a Bruselas de don Luis de Carrillo y Toledo, marqués de Caracena, como nuevo gobernador de Flandes, detuvo al almirante cuando estaba a punto de partir a España. La esperanza de recuperar su puesto la concretó en un memorial del 27 de marzo en el que solicitaba ser reintegrado al cargo de almirante de la armada de Amberes, pero Caracena, perro viejo en tales menesteres –su experiencia procedía, entre otras cosas, de varios años en el gobierno de Milán–, respondió secamente que «acudiese por justicia adonde conviniese». Aquello supuso una nueva torsión en el pleito. Andrada, pues, recurrió al Consejo Privado de los Países Bajos, órgano que, a su vez, remitió la causa al superintendente de la justicia militar: todo volvía a estar en el punto de partida. En mayo de 1659 la situación se hallaba bloqueada, ya que, mientras en Bruselas continuaban a la espera de lo que resolviese Madrid, Caracena determinó que hasta no haber sentencia del superintendente, Andrada debía contentarse con su antiguo sueldo de almirante de la armada de Dunquerque –un Dunquerque, por lo demás, ya en manos inglesas. De este modo al menos contaría con algunos ingresos en tanto se resolvía la cuestión de su puesto y sueldo como almirante de la armada de Amberes. En la última de sus alegaciones conocida, Andrada se quejaba lastimosamente de «habérsele quitado dicho puesto sin causa ni razón alguna, no habiendo dado ocasión», a la vez que repudiaba la tacha de «inobediente» y pedía conservar el puesto de almirante en la armada de Amberes «con la independencia de dichos castellanos y tenientes». La firmeza granítica de Andrada se mantuvo retadora hasta el final[56].

La familiaridad que los historiadores solemos atribuir a la «cultura del pleito» en nuestros antepasados no debería hacernos perder de vista lo que éste, en concreto, pudo tener de singular. Al margen de la rivalidad entre Dunquerque y Amberes, de las habituales disputas por jurisdicción o de los inevitables desencuentros humanos, en el caso del almirante Andrada quizás

[56] Todo en BNE, Porcones, 1-25, cartas y memoriales de Antonio de Cuña y Andrada, documento impreso, Bruselas, 1659.

se sumó también un componente *político* relacionado con su naturaleza de portugués. Aunque los ejércitos y armadas de los Austrias se componían de múltiples naciones, también sabemos que esto no equivalía a ausencia de problemas entre ellas ni a la inexistencia de una jerarquía poco disimulada que tendía a favorecer a los españoles, en general, y a los castellanos, en particular. Después de 1640 los portugueses fueron víctimas de esta tensión, hasta el punto de que, ya fuera por sospechas sobre su fidelidad, ya por inquina u oportunismo, los ataques y discriminaciones que sufrieron por parte de los españoles no escasearon. En relación a los Países Bajos, hay noticias de un ejemplo ocurrido en 1654. De los tres candidatos que el Consejo de Estado examinaba para proveer el puesto de gobernador de Ostende, el más idóneo parecía ser el luso Francisco Deza. Había militado en el ejército de Felipe IV desde hacía más de 30 años «con mucho crédito y reputación», por lo que «si no le embarazare el ser portugués, podría servirse Vuestra Majestad de hacerle merced de este gobierno». ¿Fue este «embarazo» lo que llevó al rey a nombrar a Bernabé de Vargas, presumiblemente un castellano[57]? Hubo más situaciones de este cariz por toda la monarquía, incluida América; lo interesante aquí es destacar el ambiente al que Andrada y sus compatriotas tuvieron que enfrentarse mientras buscaban su lugar bajo el sol.

Tal vez en el pleito del almirante con los sucesivos castellanos de Amberes no hubiera nada que objetivamente guardara relación con su origen portugués, aunque cuesta creer que este aspecto no se cruzara en algún momento por la mente de quienes lo protagonizaron y que, incluso, no lo contaminara. Y a la inversa: también es factible imaginar que el hecho de ser portugués ayudara a Andrada al triunfo que finalmente obtuvo cuando, el 28 de agosto de 1660, el Consejo de Estado votó a favor de restituirle en su puesto de almirante de la armada de Amberes[58]. La reciente paz con Francia e Inglaterra iba a permitir la ansiada apertura de la guerra con Portugal y, para «el primer negocio de la Monarquía» –como entonces se bautizó a la empresa– se necesitaban todos los brazos y, muy especialmente, los de los portugueses. Además, si bien es cierto que la esperanza de ver reincorporado Portugal en un plazo razonable volvió a desatar pasiones y rencores a duras penas contenidos durante 20 años, también lo es que en todas las instancias del gobierno surgió un interés lógico por recabar planes tácticos y propuestas de actuación. Visto así, la rehabilitación de Andrada en medio de esta coyuntura de inicio de hostilidades con Portugal muy probablemente explica por qué el 7 de marzo de 1661 el almirante se sintió lo bastante animado como para recuperar su viejo proyecto y ponerlo, precisamente, ante un marqués de Velada que, a la sazón presidente del Consejo de Flandes, quizás había favorecido sus pretensiones antes de que el Consejo de Estado dictara su

[57] AGS, Estado, leg. 2083, Consejo de Estado, 5 de abril de 1654. Agradezco esta información a mi amigo y colega el profesor Manuel Herrero Sánchez.

[58] AGS, Estado, leg. 2823, Consejo de Estado, 28 de agosto de 1660.

definitiva reparación. Para Andrada, en todo caso, se brindaba una oportunidad de oro para intentar borrar su conflictiva etapa en los Países Bajos.

Pero, ¿por qué en 1641 el almirante optó por dirigir su proyecto a la cabeza del gobierno –nada menos que al valido, Olivares– y dos décadas después no repitió suerte con quien era su sustituto, don Luis de Haro? La razón más plausible apunta a que Andrada confiaba más en alguien que muy posiblemente lo conocía. En un mundo de clientelas y patronazgos omnipresentes, el portugués debía haber aprendido la lección de que ninguna propuesta, por brillante y cautivadora que fuera, llegaba muy lejos sin la protección de un amo poderoso. Su relación con Velada nos es desconocida, pero el dato de que el marqués ocupó el cargo de «capitán general de las plazas de Dunquerque y de la armada de Flandes» con mando supremo «sobre el personal del Almirantazgo» entre noviembre de 1639 y marzo de 1640, supone una pista nada desdeñable. Velada, que se hallaba en los Países Bajos junto al cardenal infante don Fernando de Austria desde 1634, había sido nombrado con anterioridad para participar en sendas expediciones de socorro destinadas a recuperar de manos holandesas los dominios portugueses de Elmina, en África, y Pernambuco, en Brasil, si bien tales operaciones no tuvieron lugar[59]. Estas circunstancias, así como su posterior y ya mencionada promoción como presidente del Consejo de Flandes, sin duda contribuyeron a que el almirante creyera encontrar en Velada a un militar familiarizado o, cuando menos, sensibilizado con el mundo luso y las artes navales que él propugnaba o, en cualquier caso, alguna especie de complicidad personal o profesional inencontrable en Haro[60]. Andrada, obviamente, deseaba no repetir la mala fortuna cosechada con Olivares en 1641. Pero el destino fue cruel con su persona: cuando llegó la ocasión de resucitar el manuscrito, el almirante descubrió que el nuevo mando recién nombrado para la conquista de Portugal era el mismo general que sólo dos años antes lo había destituido de su cargo en Flandes por «inobediencia»: don Juan José de Austria. Tampoco esta vez Andrada tendría mucha suerte. En fecha desconocida, pero que no debió de ser muy posterior a este segundo fracaso por hacerse oír en Madrid, Andrada se reincorporó a la base de Amberes como almirante. En abril de 1673, sin embargo, es casi seguro que el «Antonio de Acuña» citado por un portugués anónimo en un escrito confidencial dirigido a la regente Mariana no fuera otro sino Andrada. Por entonces, los

---

[59] El nombre del cargo que Velada ocupó en Dunquerque, así como algunos de los otros datos, en Feliciano Barrios, *El Consejo de Estado de la monarquía española, 1521-1812*, Madrid, Consejo de Estado, 1984, p. 377; sobre la breve actividad desarrollada por el marqués al frente del Almirantazgo, R. S. Stradling, op. cit., p. 152.

[60] Carecemos aún de una biografía rigurosa sobre la importante figura del tercer marqués de Velada. Baste con señalar que su carrera político-militar comenzó como gobernador de Orán entre 1625 y 1628, que tras su paso por Flandes y la gobernación de Milán (de 1643 a 1646) volvió a Madrid, donde culminó su andadura como consejero de Estado en 1647, presidente del Consejo de Órdenes en 1653, del de Italia en 1660 y del de Flandes en 1661, que ocupó hasta su muerte en 1666. Algunas de estas fechas necesitan verificación.

enemigos del príncipe D. Pedro –que había depuesto a su hermano el rey Alfonso VI para después recluirlo en las Azores–, buscaban la ayuda de Madrid. Uno de los planes barajados hablaba de la necesidad de traer desde Amberes a la corte española a los lusos «Antonio de Acuña y Hernando de Mendoza» –casi sin duda, António de Acunha y Francisco Furtado de Mendonça– a causa, sobre todo, de sus importantes conexiones azorianas. ¿Se pensó, pues, en el almirante como una de las cabezas que, en nombre de los alfonsistas y respaldado por Mariana de Austria, tendría que haber liberado a Alfonso VI para llevarlo a Lisboa? Es muy probable, pues tanto sus orígenes familiares como su valiosa trayectoria como marino lo pintaban con los colores idóneos de cara a una misión de este tipo. Su contacto en la isla Tercera habría sido el franciscano Estevão da Purificação, a quien debía haber entregado unas cartas firmadas –nada más y nada menos– que por D. Francisco Manuel de Moura Corte-Real, tercer marqués de Castel Rodrigo, uno de los exiliados portugueses austracistas más destacados para el gobierno español. En todo caso, el descubrimiento de la conjura en septiembre de aquel año echó por tierra –una vez más– cualquier sueño de protagonismo que pudiera haber abrigado Andrada[61]. El almirante debió de permanecer en Amberes por casi diez años más, donde falleció el 23 de mayo de 1682. Fue enterrado en la iglesia del convento de los carmelitas descalzos de esta ciudad bajo una lápida donde figuraban las armas de sus apellidos junto a una inscripción en castellano que rezaba así: «Aqui iace D. ANTH. DACUNA Y ANDRADE, Cavellº del Habito de Chro y Admirante de la Ribera de Amberes.» El convento y la tumba fueron destruidos por los ocupantes franceses durante las guerras ocasionadas por la Revolución de 1789[62].

1.3. El proyecto

> «Los Mappas Geográphicos le servían a Alexandro de pena, porque veía lo que no tenía.»
>
> Esteban de Aguilar y Zúñiga,
> *Estatua y árbol con voz política*, Madrid, 1661, p. 257.

---

[61] Sobre la conjura de 1673, R. Valladares, op. cit. , pp. 272-283. El documento que muy probablemente se refiere a Andrada se halla en AGS, Estado, leg. 4027, *Parecer del portugués que vino de Lisboa*, 19 de abril de 1673. Lo cita David Martín Marcos, *Las incertezas de la Restauración. Portugal y España, 1668-1715* (*2.º Premio de Investigación histórica para Jóvenes Investigadores*, Instituto de Historia Simancas, año 2012; texto inédito). El tercer marqués de Castel Rodrigo era el nieto del célebre Cristóbal de Moura, primer titular de este marquesado, artífice de la negociación con los privilegiados lusos entre 1578 y 1580 para facilitar la incorporación de Portugal a la Monarquía de Felipe II. Respecto de Furtado de Mendonça, a la sazón capitán general de la plaza norteafricana de Mazagán, huyó a tiempo para librarse de la condena a muerte por delito de traición.

[62] J. C. da Silveira, art. cit., pp. 106-107. La inscripción y el dibujo de la lápida se han conservado gracias a que fueron reproducidas en la obra *Inscriptions Funéraires et Monumentales de la Province d'Anvers*, 5, Amberes, 1873, p. 370.

Ignoramos si el documento que el marino portugués puso en manos de Velada en 1661 era una copia exacta (un «duplicado», como él señaló) del que recibió el conde-duque 20 años atrás. Según palabras del almirante, él simplemente se habría limitado a añadir alguna nota (como en efecto puede comprobarse) al texto original con el fin de actualizar la información. Pero en verdad resulta imposible saber –a menos que diéramos con la primera versión– si Andrada manipuló el contenido en más aspectos, sospecha razonable si tenemos en cuenta su insistencia en resaltar la importancia de involucrar a la armada de Dunquerque en ataques corsarios sobre Portugal. Después de casi dos décadas de servicio en ella, nada tenía de extraño que el experimentado marino pusiera semejante empeño en la promoción de un instrumento que tanto protagonismo podía otorgarle.

Pero, ¿qué función cumplían los mapas de Andrada? Dejando a un lado su papel obvio dentro de un plan general para estrangular el comercio luso, también resulta lógico avistar una cierta dosis de oportunismo cartográfico en la oferta del almirante. Según algunas fuentes coetáneas, la rebelión de 1640 situó al gobierno de Felipe IV ante el grave problema de una supuesta carencia de mapas sobre Portugal. Dado que, además, la prioridad concedida a la guerra de Cataluña otorgó al frente luso estatuto de largo plazo, disponer de información adecuada sobre las tierras del rebelde se convirtió en una necesidad. Según Matías de Novoa, testigo ocular del impacto causado en el Alcázar madrileño por la Restauración, nada más saberse lo ocurrido en Lisboa Felipe IV exigió ver «la carta de la descripción de Portugal de Tejeira, y por allí comenzaron a reconocer el Reino, como si no lo hubieran tenido»[63]. La verdad, sin embargo, era que *sí lo habían tenido* –en el sentido de que la corona había desarrollado una política específica sobre Portugal. Además, quizás no resultara meramente anecdótico recordar que tanto el rey como el conde-duque conocían Lisboa en persona, donde ambos habían estado durante la visita girada allí por Felipe III en 1619[64]. En todo caso, lo más probable es que Novoa –enemigo de Olivares y, en consecuencia, incapacitado para opinar sin pasión sobre su política lusa–, se refiriera bien al mapa del litoral peninsular elaborado por el cartógrafo luso Pedro Teixeira entre las décadas de 1620 y 1630, bien a otro mapa general de Portugal obra también de Pedro y su hermano João Teixeira[65]. De Pedro también sabemos que se ocupó durante los 20 años siguientes en trabajos cartográficos de carácter militar en Cataluña y Aragón –durante 1648– y en Valencia –en 1650–, además de dibujar el plano más conocido de la corte española[66]. En todo caso, el gobierno de Felipe IV no abandonó su preocu-

[63] Matías de Novoa, «Memorias», *Colección de Documentos Inéditos para la Historia de España*, 80, Madrid, Miguel Ginesta, 1883, p. 396.

[64] J. H. Elliott, op. cit., p. 63.

[65] Véase A. Blázquez, «Descripción de las costas y puertos de España de Pedro Texeira Albernas», *Boletín de la Real Sociedad Geográfica*, LII, 1910, pp. 36-138 y 180-233.

[66] Javier Ortega Vidal, «Los planos históricos de Madrid y su fiabilidad topográfica», *Catastro*, julio de 2000, pp. 65-85, sobre todo pp. 72-74.

pación por disponer de una *carta* portuguesa que estuviera a la altura de lo que estaba en juego, como prueba que en 1662 el grabador Marcos Orozco produjera un soberbio mapa de Portugal (de 75 × 105 cm) gracias al genio –una vez más– de Teixeira, que superó al editado en Roma en 1561 por el luso Fernando Alvares Seco[67]. Según opinión del ministro ilustrado Pedro Rodríguez Campomanes, este mapa de 1662 tuvo su origen en la necesidad de facilitar las campañas de invasión de Portugal encomendadas en 1660 a don Juan José de Austria como capitán general de aquella conquista[68].

Pero, al parecer, en el ambiente circulaba la creencia de que el poderoso rey de España no disponía de mapas adecuados para cuando llegara su cita con Portugal, ni siquiera para instituir la guerra defensiva en cada uno de los distritos en que se había fraccionado la raya. Así cabría interpretar las contundentes quejas que el cosmógrafo flamenco J.-Ch. della Faille dirigió a su colega y compatriota M. F. van Langren, en Bruselas. Destacado en Ciudad Rodrigo en 1641 como ayudante del duque de Alba, Della Faille rogaba a van Langren que le enviara desde los Países Bajos cualquier mapa nuevo que pudiera ayudar a mejorar los ya antiguos de Abraham Ortelio y Gerardo Mercator, del siglo XVI. También hablaba de buscar «descripciones», es decir, textos que explicaran la geografía representada (no por casualidad, este será el género escogido por nuestro almirante), pues las disponibles de los autores citados eran «muy cortas». Entre el verano de 1641 y el invierno de 1642 el problema de la falta de mapas de precisión se agravó por dos motivos: de un lado, la guerra tomaba un cariz defensivo que se sospechaba iba a perdurar; de otro, y seguramente de resultas de lo anterior, Felipe IV decidió refundir varios de los distritos militares para simplificar y coordinar mejor el mando de las operaciones –y, probablemente también, para disminuir gastos. Así, cuando en febrero de 1642 Alba recibió la orden de absorber los partidos hasta entonces asignados al conde de Alba de Liste y al de Benavente, Della Faille se tomó muy en serio acudir a su señor lo mejor posible, pero la ignorancia sobre el nuevo distrito ampliado le llenaba de preocupación. «El duque de Alba», escribió a van Langren, «gobierna ahora las armas desde Villamiel, que cae al principio de Extremadura, hasta La Puebla de Sanabria, que llega a Galicia. Está toda esta tierra poco conocida y no hay mapas ni descripciones de ella; y las dos tablas que he visto de Portugal van muy erradas y no tienen en la raya lugar ninguno de Castilla.

---

[67] Sobre Alvares Seco, véase Joaquim Romero MAGALHÃES, «As descrições geográficas de Portugal: 1500-1650. Esboço de problemas», *Revista de Histórica Económica e Social*, 5, 1980, pp. 15-56. Y, por supuesto, Suzanne DAVEAU, *Um antigo mapa corográfico de Portugal (ca. 1525): reconstituição a partir do Códice de Hamburgo*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 2010. Uno de los varios ejemplares que se conservan del mapa de Orozco se halla en la BNE. Sobre su originalidad en comparación con el de Seco, véanse Carmen LÍTER MAYAYO, María Luisa MARTÍN MERÁS y Francisca SANCHÍS BALLESTER (ed.), *Tesoros de la Cartografía Española*, Madrid, Biblioteca Nacional, 2001, pp. 105-108.

[68] Pedro RODRÍGUEZ DE CAMPOMANES, *Noticia geográfica del Reino y caminos de Portugal*, Madrid, Joaquín Ibarra, 1762, Prólogo (sin paginar).

Yo he comenzado a hacer una de lo que he andado, pero el tiempo era tan malo que apenas podíamos levantar los ojos para ver ni descubrir cosa ninguna.» Hasta su partida a Madrid en 1644, Della Faille debió padecer considerablemente por el «menosprecio» que, a juicio suyo, sufría en su entorno «el ingenio y la ciencia», hasta el punto de que atribuía los éxitos militares portugueses a su mayor conocimiento de la geografía fronteriza[69].

La credibilidad que *a priori* merece la opinión de todo un cosmógrafo real como el jesuita Della Faille ha sido razonablemente asumida por la historiografía[70]. Pero estos juicios no prueban de modo irrefutable que los atribulados ministros de Felipe IV no dispusieran en Madrid de una colección de mapas lo suficientemente actualizados (o perfectibles) como para servir con acierto al objetivo de herir de muerte a Portugal. Cuando en el verano de 1641 dio comienzo la reagrupación de los partidos en la frontera, el conde de Villamediana remitió desde la localidad extremeña de Alburquerque la lista completa de los lugares que se le habían asignado la primera vez. En Madrid, una mano anónima anotó encima de esta relación «*Que se ponga con el mapa*», señal de que los consejeros de guerra procesaban aquellos datos sobre una base cartográfica que hoy desconocemos. Esta nota, además, fue añadida el 22 de agosto de 1641, exactamente la misma fecha en que el jesuita realizó su demanda a van Langren de mapas más modernos sobre Portugal[71]. La pesadumbre cartográfica de Della Faille (que, por lo demás, muchos podían compartir en la corte), da la impresión, por tanto, de que tenía más que ver con las exigencias de un experto llegado de un área pionera en este campo y deseoso de aplicarlas a una escala regional, que con la inexistencia auténtica de mapas realmente útiles. El deseo de complacer a su poderoso amo hizo el resto. Quizás a causa de la célebre «política de sigilo» con que los Austrias manejaron habitualmente el conocimiento cartográfico de sus dominios, o tal vez porque apenas comenzada la rebelión fue el camino político, más que el militar, al que más se aplicó la corona, es posible imaginar que incluso al propio gobierno le resultara beneficioso el rumor sobre su falta de información respecto del país vecino. El resultado de esta combinación de objetivos estaba servido: el interés de la corona por los mapas como un instrumento primordialmente destinado a la «conservación del imperio» ayudó también a «socavar la independencia de la cartografía. Aquí radica la originalidad de la cartografía española a lo largo del

---

[69] O. van der Vyver, «Lettres de J.-Ch. Della Faille», Della Faille a van Langren, pp. 161, 164-165, 168 y 172; cartas de Della Faille a van Langren, Ciudad Rodrigo, 22 de agosto de 1641, 17 de octubre de 1641, 21 de febrero de 1642 y 19 de octubre de 1642, respectivamente.

[70] Véase Geoffrey Parker, «Maps and Ministers: The Spanish Habsburgs», in David Buisseret (ed.), *Monarchs, Ministers and Maps. The Emergence of Cartography as a Tool of Government in Early Modern Europe*, Chicago, University of Chicago Press, 1992, pp. 124-152, en especial pp. 124 y 146 (nota 1).

[71] AGS, Guerra Antigua, leg. 1417, el conde de Villamediana a Felipe IV (y anotación al margen), Albuquerque, 22 de agosto de 1641.

siglo XVII»[72]. Por todo ello, el estado actual de nuestro conocimiento no permite emitir un juicio concluyente sobre la hipotética penuria cartográfica que tanto acusó Della Faille. Desde luego, todo indica –como ya expusimos hace 20 años[73]– que hubo algo parecido a una ausencia de cartografía específicamente ligada a la guerra de Portugal, o proporcional, al menos, a lo que este conflicto representó para Madrid (y Lisboa), pero esto pudo deberse a que los mapas disponibles entonces resultaron más operativos de lo que las ácidas palabras de Novoa, o los lamentos de un profesional tan exigente como Della Faille, permiten hoy suponer.

Tanto si resultó cierto este déficit cartográfico de Madrid como si no, lo más probable es que Andrada se hiciera eco de él y que buscara, mediante su *Descripción*, suministrar al gobierno justamente lo que el creyó que demandaba. Su práctica como cartógrafo (o pintor), conviene añadir, no se limitó a Portugal, pues, aunque en fecha desconocida, está documentado que realizó «un cuadro de Pernambuco», hoy por localizar o destruido[74]. Si esta obra fue llevada a cabo antes de la *Descripción*, lo más razonable es creer que su factura le sería confiada a raíz de su experiencia en las armadas de socorro al Brasil en la década de 1630; si fue posterior a estos años, entonces tal vez fue la fama cosechada por su atlas de 1641 la responsable de que recibiera el cometido.

La finalidad intrínseca de su *Descripción* miraba a hacer la guerra marítima contra Portugal en el campo comercial, no militar. Tampoco se ocupaba de cubrir la «guerra terrestre», aunque sin demasiada modestia Andrada se ofrecía –en la versión presentada en 1661– a tratar de ella si así lo tenía a bien su receptor, el marqués de Velada. Se trató de un nuevo guiño de oportunismo, sabedor Andrada de que a estas alturas Felipe IV se disponía a atacar a Portugal sin las ataduras de 1641. Sin embargo, al acotar el autor su discurso al espacio marítimo y ligarlo a la práctica del corso, sin duda lo hacía más atractivo en la medida en que su propuesta aparecía como una táctica complementaria de los considerables preparativos que Madrid disponía por mar y tierra. Dado que el plan de conquista de Portugal buscaba repetir el seguido por don Fernando Álvarez de Toledo, tercer duque de Alba, y don Álvaro de Bazán, marqués de Santa Cruz, en el verano de 1580 –lanzar una tenaza anfibia con un brazo terrestre desde Extremadura y otro naval contra Lisboa–, la sencilla presión corsaria que Andrada defendía se adaptaba respetuosamente a la prioridad concedida al operativo de invasión y lo favorecía en tanto hubiera que esperar a reunir los hombres y barcos necesarios y contribuyera a minar, gracias al bloqueo del litoral luso, la capacidad de

---

[72] Richard KAGAN, «La cultura cartográfica en la corte de Felipe IV», in I. Testón, C. Sánchez Rubio y R. Sánchez Rubio (ed.), op. cit., pp. 91-103; la cita en p. 91.

[73] R. VALLADARES, «Portugal y el fin de la hegemonía hispánica», *Hispania*, LVI, 1996, pp. 517-539, en especial pp. 530-532.

[74] AHN, Madrid, Universidades (Complutense), Colección Miscelánea, Libro 1190, fl. 155.

abastecerse del enemigo. De alguna manera, si en 1641 el corso –la llamada «guerra de los pobres»– había encontrado su razón de ser ante un Portugal en espera, en 1661 volvía a cobrar sentido desde el momento en que la debilidad de Madrid impedía repetir ahora, con las mismas condiciones, la fortuna de Alba de 80 años atrás. Era por este resquicio por donde un plan como el de Andrada podía aspirar a cautivar al auditorio.

En principio su propuesta cubría tres objetivos: uno de carácter informativo –sin duda el más importante– concretado en la descripción de las condiciones del litoral portugués y en el comercio practicado por y desde sus puertos más importantes; un segundo objetivo de naturaleza naval-militar consistente en exponer cuántos barcos y de qué tipo deberían aplicarse al corso según el sector de la costa en que navegasen; y un último objetivo de orden político basado en lograr que los portugueses reconocieran de nuevo a Felipe IV si se les presionaba con relativa benevolencia. De los tres objetivos señalados, este último era el que ocupaba menos espacio en el texto y, en las pocas ocasiones en que Andrada lo incluyó, más bien lo contemplaba como una consecuencia de la presión corsaria.

¿Cuál era el valor real de toda esta información? En general, tanto por lo que se refiere a los datos náuticos y navales como a los del régimen comercial de los puertos lusos, la *Descripción* no parece que aportase nada especialmente novedoso más allá de lo que los diferentes organismos del gobierno de Felipe IV ya conocían, como se desprende de la consulta de los fondos del Consejo de Guerra y de Estado depositados en el archivo de Simancas Sin embargo, la verdadera oferta de Andrada consistió en que, por primera vez que sepamos, se redactó un plan coherente de política corsaria contra la integridad de Portugal. Y el corso fue, precisamente, uno de los instrumentos más regularmente usados para asfixiar la economía rebelde. Sus logros cabe decir que no fueron del todo inútiles, al menos en determinadas etapas y en áreas definidas –como, por ejemplo, la costa del Algarbe y sobre todo el litoral próximo a Bayona, Vigo y La Coruña en la década de 1660. Pero, a causa de la prioridad que hasta entonces Madrid había otorgado al Mar del Norte, al Cantábrico y al Mediterráneo occidental (cuya base era Mallorca), la actividad corsaria no sólo brilló poco en Portugal (y menos aún en virtud de un plan ordenado como el que firmó Andrada), sino que además hubo ocasiones en que originó serios problemas de coordinación o de legalidad –como cuando los corsarios, tanto españoles como extranjeros, se servían de sus patentes para practicar el contrabando con la América hispana o atacaban buques de países amigos. Éstos, mientras violaban sus tratados con Felipe IV al suministrar toda clase de asistencias a los portugueses, a la vez inundaban el Consejo de Guerra con sus pleitos sobre presas tomadas supuestamente sin justificación. Esto no impidió que el objetivo de las fuerzas corsarias desde 1660 concentradas en el Atlántico sur –y que incluían, como quería Andrada, marinos dunquerqueses llegados para este fin a España– mirase a cerrar «lo más que puedan la barra de Lisboa»,

puerto por donde los lusos recibían el grueso de la asistencia militar de sus aliados[75]. Seguramente Felipe IV no perdió de vista el ideal de poder rodear la costa portuguesa con una flota corsaria dotada de una estrategia definida como la diseñada por Andrada, pero todo lleva a pensar que la improvisación dictada por la urgencia, el recelo nunca superado de que el corso acabara por suplir la noble acción de la armada de Mar Océano y, no menos importante, la política de apaciguamiento con las Provincias Unidas, Francia y Gran Bretaña, impidieron al corso contra los Braganzas superar un aprobado escaso. La falta de una marina de guerra en condiciones hizo el resto[76].

Para el historiador de hoy y, muy especialmente para el interesado en el comercio, los datos de la *Descripción* de Andrada tampoco revelan nada sorprendente; más bien, confirman la radiografía establecida por la literatura disponible sobre un país cuyo principal motor de riqueza descansaba en la articulación más o menos armoniosa del tráfico interior del reino con el de sus colonias y Europa[77]. Que Portugal necesitaba importar grano de Francia (igual que Castilla) o hierro (de las ferrerías de Vizcaya); que la gente menuda del litoral vivía de la pesca; que la exportación de sal –especialmente de Setúbal– reportaba altos beneficios y, finalmente, que el tráfico del reino con Brasil y, en menor medida, con Asia, alimentaba buena parte de las rentas de la corona y de los particulares del país, era, por citar sólo un puñado de elementos, un lugar común para los coetáneos y un dato confirmado por los investigadores de hoy. Pero Andrada, al destacarlo, señaló además cuál era el cuello del sistema sobre el que había que presionar para cortarle la respiración y dejar sin sangre sus arterias. Por si esto no bastara, el almirante ponía el dedo en la llaga en la medida en que mientras ni la política de inteligencias diera fruto ni la invasión militar pudiera aplicarse, no habría más remedio que confiar en la asfixia naval del reino para, sobre todo, doblegar al pueblo llano, al que más afectaría el corso. En este aspecto Andrada disentía o, cuando menos, ofrecía una alternativa a la vía de las «inteligencias» orquestada desde Madrid para captar a la aristocracia, a la que él apenas citó en dos momentos –1641 y 1661– en que obsesionaba al Rey Católico. Lo más alto a que apuntó el almirante fue a que se ganaran algunos frailes francis-

---

[75] Enrique Otero Lana, *Los corsarios españoles durante la decadencia de los Austrias. El corso español del Atlántico peninsular en el siglo xvii (1621-1697)*, Madrid, Ministerio de Defensa, 1992, pp. 63-65 y 308-315. Sobre los avatares de la Escuadra de Galicia bajo Felipe IV –prácticamente disuelta hacia 1640–, véase Manuel María de Artaza Moreno, «Representación política y guerra naval en Galicia», *Anuario de Historia del Derecho Español*, LXVI, 1996, pp. 445-483, sobre todo pp. 480-482.

[76] Sobre las carencias navales españolas frente a Portugal, R. Valladares, «La dimensión marítima de la Empresa de Portugal. Limitación de recursos y estrategia naval en el declive de la Monarquía Hispánica (1640-1668)», *Revista de Historia Naval*, 51, 1995, pp. 19-31.

[77] Para una visión general, José Vicente Serrão, «O quadro económico. Configurações estruturais e tendências de evolução», in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, 4, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, en especial pp. 97 y ss; y Leonor Freire Costa, *Império e Grupos Mercantis. Entre o Oriente e o Atlântico (Século XVII)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2002.

canos de Camiña y Viana para, por su mediación, someter a sus respectivas poblaciones, incluida la nobleza[78]. En este asunto mostró más intuición que realismo, pues si bien la ascendencia del clero luso sobre el estrato popular está bien documentada, sin embargo su rechazo a los Austrias resultó proverbial antes y después de 1640[79]. La preferencia de Andrada por atraer al pechero antes que a los patricios es muy significativa y probablemente delataba en él un origen social no demasiado elevado. En todo caso, evidenció que su mundo nunca dejó de ser el del armador y comerciante que había vivido la edad dorada del Brasil hispano. Si la coreografía de las fragatas de Dunquerque, unidas a las pinazas y bergantines vascos y a alguna galera mediterránea lograba lo que otros medios no habían conseguido, entonces Andrada obtendría su primera gran victoria como estratega, como marino y como portugués leal a Felipe IV pero, y no había por qué ocultarlo, también como negociante.

De momento, sin embargo, el plano militar debía sobreponerse a cualquier otro. En este sentido, la propuesta de Andrada no se diferenciaba en sustancia de los demás planes de invasión que manejó Felipe IV, consistentes en apoderarse del «reducto general» de Lisboa a la mayor velocidad posible. La gran ciudad de en torno a cien mil habitantes era reconocida como el centro del sistema, el punto neurálgico cuya toma arrastraría la de su imperio continental y ultramarino. Las islas Azores y Madeira pertenecían a este otro mundo, y por eso no figuran en el atlas. Andrada, pues, pedía realizar aquí un esfuerzo que, además de implicar el consabido bloqueo de los navíos entrantes y salientes, podía incluir también la ocupación estable de algún lugar próximo a Lisboa, una propuesta militar atípica en el conjunto de su *Descripción*. Semejante idea no equivalía a sacrificar el hostigamiento corsario del resto del litoral, sino someterlo a una jerarquía que lo rentabilizara. En cambio, el almirante mostró mayor inventiva al sugerir el inicio de la invasión de Portugal con la toma de los puertos algarbianos de Faro, Tavira y Castro Marim –fortificando antes los islotes situados en sus barras. Aducía «particulares razones para que Su Majestad se sirva mandar empezar por este Reino [del Algarbe] la Restauración del de Portugal», tales como la dependencia de esta región respecto de las importaciones andaluzas –que recrecía su vulnerabilidad– y el peligro potencial que esta proximidad enemiga abrigaba para las flotas españolas de Indias. Aunque el temor a que los portugueses y sus aliados capturasen el tesoro americano pervivió durante toda la guerra, lo cierto es que tal ataque sólo estuvo cerca de producirse en el verano de 1641 a raíz de un acuerdo suscrito en junio entre Lisboa, París y La Haya para repartirse la plata española[80]. De hecho, en las palabras de Andrada (si en efecto datan de 1641 y no fueron añadidas 20 años después)

[78] Véase, en la *Descripción* de Andrada, el epígrafe A.

[79] João Francisco Marques, *A Parenética e a Restauração (1640-1668). Revolta e Mentalidade*, 2 vols., Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.

[80] R. Valladares, op. cit., pp. 41-42.

parece resonar el eco de la fallida conjura de Medina Sidonia y Ayamonte, ambos detenidos y obligados a confesar en septiembre de 1641. Si bien el fin de la conspiración permanece neblinoso, en cambio mucho más real fue la presencia de las armadas francesa y holandesa durante varios días de aquel mes a la vista de Cádiz, lo que convirtió en una pesadilla la simple idea de asumir que Portugal se había transformado en un refugio seguro para acuchillar a Felipe IV por la espalda. Andrada parece atendía a neutralizar este peligro, lo que venía a justificar su original apuesta por adueñarse del Algarbe antes que de Lisboa.

En comparación con la conquista de Portugal de 1580, ejemplo casi inamovible de los estrategas austracistas, este *desvío* no podía asimilarse a la operación naval que el marqués de Santa Cruz efectuó en aquel entonces por el sur portugués. La diferencia estribaba en que aquel año el ataque marítimo había discurrido paralelo al arrollador avance de Alba desde Extremadura y ahora, casi un siglo después, Felipe IV no disponía ni de un gran ejército terrestre ni, menos aún, de una verdadera armada. Abogar, pues, como hizo Andrada, por asentar cabezas de puente en el Algarbe puede interpretarse como una opción realista que buscó adaptar la fuerza disponible a unos objetivos también más modestos y que exigirían un avance más gradual; sin embargo, chocó con los planes que Madrid manejó siempre sobre la conquista portuguesa. Aunque algún intento hubo de atacar desde Castilla y relegar Badajoz, con todo nunca dejó de anteponerse a cualquier otro horizonte la obsesión por apresar a Lisboa de un solo zarpazo. El reducto general seguía ahí para tentar a la razón[81].

*
* *

¿Cuál fue el destino del atlas de Andrada después de la paz hispano-portuguesa de 1668? La noticia de su andadura revelaría muchos detalles sobre la «percepción peninsular» de las élites ibéricas ligadas a sus respectivos gobiernos. De hecho, está por escribir una historia de las relaciones luso-españolas a partir de la curiosidad cartográfica que ambos países se dedicaron en el siglo XVIII, como sin duda revelan los mapas de Portugal con los que Tomás López homenajeó a don Pedro Campomanes en 1762 –el año en que Carlos III invadió a los portugueses– y a don José Moñino, conde de Floridablanca, en 1778[82]. El rastro de la *Descripción* de Andrada se pierde

[81] Sobre el intento de trasladar a Castilla la iniciativa de la guerra en 1664, R. VALLADARES, art. cit., pp. 535-537. A raíz del fracaso cosechado por don Juan José de Austria desde Extremadura en la primavera de 1663, los mandos destacados en Ciudad Rodrigo, con don Gaspar Téllez Girón, duque de Osuna, a la cabeza, exigieron tener su oportunidad. La derrota de Osuna en Castel Rodrigo el 7 de julio de 1664 selló también esta alternativa.

[82] Carmen LÍTER MAYAYO y Francisca SANCHÍS BALLESTER, *La obra de Tomás López. Imagen cartográfica del siglo XVIII*, Madrid, Biblioteca Nacional, 2002, pp. 388-391.

hasta 1865, cuando, gracias a la publicación del *Catálogo de la biblioteca del Excelentísimo Señor Don Pedro Caro y Sureda, Marqués de la Romana*, los investigadores tuvieron noticia de que en tan espléndida colección aparecía bajo el epígrafe de «Obras manuscritas», apartado «Libros in folio», la entrada «CUÑA Y ANDRADA, Descripción de la costa de Portugal, desde Galicia a Ayamonte, con mapas». La Romana, palmesano nacido en 1761, perdió la vida en la localidad portuguesa de Cartaxo en 1811, en plena ofensiva contra el ejército napoleónico. La biblioteca del héroe de la Guerra de la Independencia acababa de ser traída a Madrid desde Palma de Mallorca para su inmediata subasta[83]. Fue esta feliz circunstancia lo que posibilitó el ingreso del texto de Andrada en la Biblioteca Nacional de España, donde hoy sigue. Lo notable, claro es, consistiría en averiguar si durante tan largo y aparente silencio el atlas del almirante portugués fue objeto de algo más que de afán coleccionista; en otras palabras, si su contenido sirvió para elaborar mapas o incluso planes militares sobre el país vecino. No debe sorprender que un documento tan singular como la *Descripción* de Andrada mantuviera su vigencia durante un siglo y medio. Algunos de los mapas del célebre cartógrafo Tomás López citaban como fuentes obras del siglo XVII, como las *Relaciones* del cronista de Felipe IV Rodrigo Mendes Silva –un portugués–, o el plano de Madrid del –también luso– Pedro Teixeira, aparecido en 1656 y, en general, también sabemos que en lo referente a su método y técnica López antepuso los *antiguos* a los *modernos*[84]. En fin, al no haber llegado hasta nosotros el inventario completo de los manuscritos que López amontonó en su biblioteca particular, nada puede afirmarse con rigor[85]. Pero, al margen de especulaciones, no pudo ser casual que un militar del genio del marqués de la Romana poseyera entre sus manuscritos el atlas de Andrada al que, desde luego, debió admirar por su antigüedad y belleza pero, quizás también, como instrumento de información. De ser así, el Proyecto Andrada habría logrado al fin cumplir parte de su cometido y atravesar la barrera del tiempo para seducir con su cartografía, engañosamente dormida, a los estrategas de siglo XVIII e incluso a sus herederos.

---

[83] *Catálogo de la biblioteca del Excelentísimo Señor Don Pedro Caro y Sureda, Marqués de la Romana, Capitán General del Ejército y General en jefe, que fue, de las tropas Españolas en Dinamarca el año de 1807*, Madrid, Imprenta de Francisco Roig, 1865, p. 194. El aviso de que el atlas de Andrada procede de esta biblioteca aparece en el volumen 4 del *Inventario general de manuscritos de la Biblioteca Nacional*, Madrid, Biblioteca Nacional, 1958, p. 291.

[84] C. Líter Mayayo y F. Sanchís Ballester, op. cit., pp. 117 y 307. Se trata de un mapa de Castilla y otro de Madrid, de 1756 y 1785, respectivamente. Sobre la técnica de López, véanse João Carlos Garcia y Luís Miguel Moreira, «"El geógrafo trabaja en su casa": espaços portugueses na produção cartográfica de Tomás López», *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 5, 2008, pp. 103-125, en especial pp. 110-113, donde se analizan las fuentes usadas por el cartógrafo, tanto las que hizo públicas como las que conservaba en su biblioteca.

[85] Felicidad Patier, *La biblioteca de Tomás López. Seguida de la relación de los mapas impresos, con sus cobres, y de los libros del caudal de venta que quedaron a su fallecimiento en Madrid en 1802*, Madrid, El Museo Universal, 1992, pp. 33-47. En el inventario de manuscritos sólo se identificaron tres de ellos, aunque ninguno es el de Andrada.

2. Andrada en la cartografía ibérica del Siglo de Oro

Tanto en el pensamiento político del florentino Nicolás Maquiavelo como del murciano Diego de Saavedra y Fajardo, tanto en *El Príncipe* (1532) de uno como en las *Empresas Políticas* (1640) del otro, encontramos los dos ingredientes básicos que caracterizan el contexto histórico, político y científico en el que nace la obra que nos ocupa: mapas y guerra. El filósofo italiano, de quien la mayoría de las potencias europeas aprendió el arte de la guerra, advertía en su tratado que el buen príncipe:

> Jamás deberá apartar su pensamiento del adiestramiento militar, y en época de paz se habrá de emplear en ello con más intensidad que durante la guerra […] debe ir siempre de caza para acostumbrar el cuerpo a los inconvenientes y al mismo tiempo para aprender la naturaleza de los lugares y conocer cómo se alzan las montañas, cómo se abran los valles, cómo se extienden las llanuras, estudiando la naturaleza de los ríos y de los pantanos, y poniendo en todo ello una extraordinaria atención. El conocimiento de todos estos puntos es útil por dos razones: en primer lugar, aprende así a conocer su territorio, con lo cual podrá atender en mejores condiciones a su defensa; pero, por otra parte, gracias al conocimiento y a su familiaridad con aquellos lugares, podrá comprender con facilidad cualquier otro nuevo lugar con el que se encuentre en la necesidad de familiarizarse […] El príncipe que carece de esta habilidad, carece del primer requisito que ha de cumplir un jefe militar, porque esa habilidad enseña a encontrar al enemigo, acampar en los lugares apropiados, conducir el ejército, disponer el orden de batalla y asediar las ciudades con ventaja[86].

El guiño que Maquiavelo hace a la cartografía y, más concretamente, a la topografía no deja lugar a dudas, pues si el príncipe desconoce el arte de hacer mapas tanto más difícil le será desarrollar con éxito el arte de la guerra. Un mero golpe de vista ofrecía ventajas que en ocasiones no facilitaban ni los desplazamientos a caballo ni las descripciones de la costa a bordo de un navío.

En 1640, un año antes de la primera versión de la *Descripción* de Andrada, el pensador político y diplomático Diego de Saavedra y Fajardo escribía en la cuarta empresa (*Non solum armis*) de su *Idea de un Príncipe político christiano* –una obra dirigida al príncipe Baltasar Carlos de Austria, heredero de la monarquía hispánica– lo siguiente:

> Para que entienda [el Príncipe] lo práctico de la geografía y cosmografía (ciencias tan importantes, que sin ellas es ciega la razón de Estado), estén en los tapices de sus cámaras labrados los mapas generales de las cuatro partes de la tierra y las provincias principales, no con la confusión de todos los lugares, sino con los ríos y montes y con algunas ciudades y puestos notables. Dispo-

[86] Nicolás MAQUIAVELO, *El Príncipe*, Madrid, Alianza, 2000, p. 93. *El Príncipe* fue redactado en 1513 y publicado póstumamente en 1532.

> niendo también de tal suerte los estanques, que en ellos, como en una carta de marear, reconozca (cuando entre a pasearse) la situación del mar, imitados en sus costas los puertos, y dentro las islas. En los globos y esferas vea la colocación del uno y otro hemisferio, los movimientos del cielo, los caminos del sol, y las diferencias de los días y de las noches, no con demostraciones científicas, sino por vía de narración y entretenimiento[87].

No le faltaba razón a Saavedra, pero a estas alturas resultaba una lección casi trivial tratándose de un Austria, pues desde sus inicios la corona española no fue ajena al poder que la cartografía atesoraba de cara a la exploración, explotación y mantenimiento de su gran imperio. En este contexto de admiración por la geografía, el príncipe Baltasar Carlos dejó atónita a la corte cuando el 20 de agosto de 1641 ofreció una «lección» en honor del *residente* de Dinamarca acerca de sus conocimientos particulares y generales sobre la esfera, la descripción del mundo y las tierras de su futura herencia con tan sólo 12 años de edad[88]. La cartografía, entendida como una ciencia al servicio de los intereses y necesidades imperiales de los Habsburgo, y los mapas universales (cosmográficos), hidrográficos y regionales (corográficos) ejercieron una influencia ineludible en la confección de una monarquía que se pensaba universal y católica.

En términos institucionales, la importancia que la monarquía española otorgó a la ciencia de los mapas en la época de los descubrimientos geográficos no se hizo esperar. Dos años después de la unión de coronas entre España y Portugal en 1582 fue fundada la Academia de Matemáticas de Felipe II como complemento teórico de la Casa de la Contratación de Sevilla (1503) y del Real y Supremo Consejo de Indias (1524) en la difícil tarea de

---

[87] Diego de Saavedra y Fajardo, *Empresas políticas*, Barcelona, Planeta, 1988, p. 46. Saavedra y Fajardo podría estar pensando en el Salón del Trono, en la Sala de los Mapas y en el Salón Dorado de los palacios de El Escorial, el Pardo y el Alcázar de Madrid respectivamente, decorados con mapas, tapices y cuadros que representaban la retórica del poder monárquico mediante imágenes cartográficas y acontecimientos bélicos. A partir de la edición de 1642 la cita de Saavedra y Fajardo formaría parte de la quinta empresa, *Deleitando enseña*.

[88] La formación del príncipe había corrido a cargo de don Juan de Isasi Idiáquez, conde de Pie-Concha. El día anterior a la prueba, un lunes, «hizo pasar su Alteza los globos, la esfera y los libros que necesitaba para el certamen, desde el museo hasta el salón grande, hallándose presente a todo y disponiendo la mesa de su estudio y las otras para los instrumentos matemáticos». Al día siguiente, el martes: «Todas las pruebas fueron felicísimas; no hubo experiencia que no fuese airosa […] dio razón de los principios de la esfera y astronomía. Describió con admirable claridad el globo terrestre […]. Dio razón de sus zonas, climas, paralelos, de las longitudes y latitudes.» La lección fue muy aplaudida por los asistentes y el maestro del príncipe tituló la sesión: «Copia de la abundancia.» Véase Juan Francisco Andrés de Uztárroz, *Obelisco histórico y honorario que la imperial ciudad de Zaragoza erigió a la inmortal memoria del Serenísimo Señor Don Balthasar Carlos de Austria, Príncipe de las Españas*, Zaragoza, Hospital R. i G. de Nuestra Señora de Gracia, 1646, pp. 31-38. BNE, 2/65227. La opinión que el embajador de Florencia en Madrid transmitió al gran duque de Toscana resultó igualmente elogiosa hacia el príncipe. Recogida en R. Valladares, art. cit., pp. 517-539, 530, nota 42. Es probable que la causa de celebrar esta exhibición fuera la despedida del *residente* de Dinamarca, que había acudido a Madrid a negociar un tratado de comercio firmado el 20 de marzo del mismo año.

dominar el mundo Atlántico y el Nuevo Mundo, pero también como un fiel reflejo de un imperio construido sobre la estructura de las matemáticas aplicadas, la cartografía, la navegación y, por supuesto, la guerra[89].

Refiriéndose a la Academia del Rey Prudente y a su fiebre bélica, el pintor italiano Vicenzo Carducho escribía en su *Diálogos de la pintura* de 1633 que de esta escuela salían cada día lúcidos discípulos que «harán mucho fruto en la Geografía, Cosmografía, y Astronomía, y serán de grandísima importancia para la navegación, y para todo género de guerras», incluidas –le faltó afirmar– las guerras corsarias con países vecinos[90].

Uno de los alumnos más aventajados de la Academia, el matemático Luis Carducho, sobrino del mencionado pintor, se llenaba de elogios hacia el lugar que fue su segunda casa, y afirmaba:

> Los profesores y literatos, después de haber compuesto tratados de Aritmética, Geometría, Cosmografía, Geografía, Esfera y Perspectiva, publicaron con entusiasmo otros de disciplina militar, fortificación, artillería, táctica, hidrografía, náutica y demás ciencias y artes útiles [...]. De todas tenemos libros apreciables, que ya son raros entre nosotros, por haberse acabado las impresiones, o por haber pasado a otros reinos donde se hizo aprecio de ellos, traduciendo algunos, extractando otros, y publicando sus doctrinas y pensamientos como nuevos, aunque con diferente orden y estilo, pero dimanados de la Academia de Ciencias de Madrid[91].

Sin duda alguna, la Academia ofreció a la monarquía el sustento cognoscitivo de aquellas ciencias aplicadas que estaban vinculadas, directa o indirectamente, a la guerra. En un escenario sujeto a incesantes metamorfosis científico-técnicas, también los cambios en el arte de la guerra supusieron inexorablemente transformaciones en el arte de hacer mapas. La cartografía se hizo, con el transcurrir de los acontecimientos, subsidiaria de los intereses bélicos contemporáneos. El papel que ocuparon disciplinas como la astronomía, la cosmografía, la cartografía o la navegación en esta simbiosis, y el protagonismo destacado que cobraron sus productos –mapas universales o regionales, cartas náuticas e hidrográficas y regimientos náuticos– resulta obvia. Sin embargo, no parece tan claro que estas representaciones y sus artífices fueran, en cierta manera, los constructores de la monarquía

---

[89] María Isabel Vicente y Mariano Esteban, *Aspectos de la ciencia aplicada en la España del Siglo de Oro*, Salamanca, Junta de Castilla y León, 2006. Véase también Antonio Sánchez, «La institucionalización de la cosmografía americana: la Casa de la Contratación de Sevilla, el Real y Supremo Consejo de Indias y la Academia de Matemáticas de Felipe II», *Revista de Indias*, LXX, 250, 2010, pp. 715-748.

[90] Vicente Carducho, *Diálogos de la pintura*, Madrid, 1633, fl. 148r. Véase también Juan de Herrera, *Institución de la Academia Real Matemática*, Madrid, Instituto de Estudios Madrileños, 1995.

[91] Citado en Julio F. Guillén Tato, *La cartografía en el tiempo de Felipe II*, Madrid, 1963, p. 353. También en Mariano Cuesta Domingo (coord.), *Descubrimientos y cartografía en la época de Felipe II*, Valladolid, Seminario Iberoamericano de Descubrimientos y Cartografía, 1999, p. 55.

universal. Unos como artefactos y otros como artesanos crearon una idea de imperio basada en imágenes para una guerra.

El arte de hacer mapas, descripciones o pinturas fue también una ciencia elemental para el mantenimiento del imperio, un imperio situado bajo el marco de un régimen de autoritarismo monárquico centralizado –caracterizado por factores estructurales como una administración jerarquizada, la hacienda, la diplomacia y el ejército– donde aún no había lugar para la igualdad jurídica, la representatividad política y la figura del ciudadano. El conocimiento cartográfico fue promovido por una corona que no dejó escapar la posibilidad de construir un imperio con imágenes, una vía pragmática, práctica y útil de acceso y apropiación del mundo.

2.1. En busca de un mapa de Portugal

Sin obviar el contexto histórico, todos y cada uno de estos testimonios, contemporáneos a la época en que Andrada trabajó para el bando austracista, junto con los ideales bélico-científicos de la Academia de Matemáticas de Felipe II –donde bien pudo haberse formado nuestro almirante– constituyen un inmejorable caldo de cultivo sobre el que preparar un *cuaderno de discursos y mapas de la costa de Portugal y la del Algarve con todas sus barras, desde Bayona, última ría de Galicia, hasta Ayamonte, principio de Andalucía*.

Sin embargo, a pesar de la importancia que parece ocupar tanto la guerra como la cartografía en la dinastía de los Habsburgos y, aún más, la relación estrecha que debieron mantener para la creación de la grandeza de sus propias monarquías, el jesuita flamenco Jean-Charles della Faille ofrecía un testimonio demasiado pesimista acerca de la inexistencia de mapas adecuados sobre Portugal[92]. Della Faille era un matemático nacido en Amberes que vino a España –como hombre de confianza de su discípulo el príncipe Juan José de Austria– para ocupar la nueva Cátedra de Matemáticas del Colegio Imperial de San Isidro, uno de los cargos más destacados dentro de los Estudios Mayores de la institución madrileña[93]. La autoridad científica de Della Faille no acababa aquí, pues también fue cosmógrafo real y consejero militar de Felipe IV.

Desde la pequeña población salmantina de Ciudad Rodrigo, Della Faille escribía a su amigo y homólogo en los Países Bajos españoles, el cosmógrafo real M. F. van Langren, el 22 de agosto de 1641: «[Me hará merced de avisarme de ello] También si, fuera del mapa del reino de Portugal que está en Abraham Ortelius y en *Atlas mayor* de Gerardo Mercator por Judoco

---

[92] G. Parker, art. cit., pp. 124-152, p. 124. J. H. Elliott, «Prólogo», in I. Testón, C. Sánchez Rubio y R. Sánchez Rubio (ed.), op. cit., p. 15.

[93] José María López Piñero, *Ciencia y técnica en la sociedad española de los siglos xvi y xvii*, Barcelona, Labor, 1979, p. 444, y José Simón Díaz, *Historia del Colegio Imperial de Madrid*, Madrid, Instituto de Estudios Madrileños, 1992 [1952], p. 210.

Hondio, hay algún nuevo de todo el reino o de alguna de sus partes»[94]. El 17 de octubre del mismo año, Della Faille volvía a recordarle a su colega la petición solicitada en agosto: «Ya he suplicado a vuestra merced que, cuando tuviere alguna noticia de las cosas que pasan entre Portugal y nuestros enemigos, como son los holandeses y ahora también los franceses […], de avisarme de ellas […] Las cartas y descripciones del reino de Portugal que se hallan en Ortelius y en el Atlas mayor son muy cortas. No sé si Guillermo Blaeu ha sacado algunas mejores y más particulares[95].» En efecto, Guillermo Blaeu, también conocido como Willem Janszoon Blaeu, editor de atlas y cartógrafo holandés, era una buena intuición y una pista a seguir. No sabemos si los mapas de Blaeu, como sospecha Della Faille, fueron mejores, pero sí sabemos que, además de existir mapas de Blaeu sobre Portugal, fueron *más particulares*, esto es, más específicos, más detallados. A nuestro juicio, los mapas de Blaeu sobre Portugal ocuparon un papel fundamental en la confección de las cartas de Andrada[96].

Los mapas de Ortelius de los que tanto se lamentaba Della Faille eran copias –como también lo fueron los mapas de Gerard de Jode o Mercator–, a veces con pequeñas variaciones, del mapa de Portugal del cartógrafo portugués Fernando Álvares Seco, realizado presumiblemente en los años 30 del siglo XVI, aunque editado en Roma y Amberes en 1561 y 1565 respectivamente[97]. Paradójicamente, el mapa de Seco coincide en gran parte, salvo en el

---

[94] O. van der VYVER, art. cit., pp. 73-183, 161.

[95] O. van der VYVER, art. cit., pp. 164 y 165.

[96] Los mapas de Blaeu no fueron las únicas representaciones de Portugal. Para las distintas imágenes de Portugal, incluídas las de Blaeu, a lo largo de los siglos XVI y XVII desde un punto de vista peninsular, continental, urbanístico o del litoral, véanse Maria Fernanda ALEGRIA y João Carlos GARCIA, «Imagens de Portugal na Cartografia dos Séculos XVI e XVII: leituras de uma exposição», in Maria Teresa RESENDE (coord.), *Cartografia Impressa dos Séculos XVI e XVII: Imagens de Portugal e Ilhas Atlanticas*. Exposição, Porto, CNCDP, 1994. También Ernesto de VASCONCELLOS, *Subsídios para a História da Cartografia Portuguesa nos Séculos XVI, XVII e XVIII*, Lisboa, Typ. Universal, 1916; J. R. MAGALHÃES, «As descrições geográficas de Portugal: 1500--1650», cit.; del mismo autor, véanse «O enquadramento do espaço nacional», in José Mattoso (dir.), *História de Portugal: no alvorecer da Modernidade (1480-1620)*, Vol. III, Lisboa, Estampa, 1994, pp. 13-59; y Suzanne DAVEAU y Orlando RIBEIRO, «Conhecimento Actual da História da Geografia em Portugal», *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*, 2, Lisboa, Academia das Ciências, 1986, pp. 1041-1060. Acerca de las representaciones locales y regionales de Portugal en el siglo XVI, véase S. DAVEAU, «Conhecimento Actual da Representação Corográfica de Portugal no Século XVI», in António Campar *et al*., *Olhar o Mundo, Ler o Território. Uma viagem pelos mapas*, Coimbra, IEG, CEG, FLUC, 2003, pp. 33-37.

[97] En la Real Biblioteca de Madrid se encuentra uno de los pocos originales de este mapa de la edición de 1561. Véanse las sucesivas aportaciones de Alves FERREIRA, Custódio de MORAIS, Joaquim da SILVEIRA e Amorim GIRÃO, «O mais antigo mapa de Portugal», *Boletim do Centro de Estudos Geográficos,* II, 12 y 13, 1956, pp. 1-66; Fernando CASTELO-BRANCO, «Algumas notas sobre o mapa de Álvaro Seco», *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* 98, 1-3 y 4-6, 1980, pp. 112-123; M. F. ALEGRIA, «O povoamento a sul do Tejo nos séculos XVI e XVII (Análise comparativa entre dois mapas e outras fontes históricas)», *Revista da Faculdade de Letras – Geografia,* II, 1986, pp. 179-208; y S. DAVEAU, «A rede hidrográfica no mapa de Portugal de Fernando Álvaro Seco (1560)», *Finisterra,* XXXV, 69, 2000, pp. 11-38.

caso de algunos aspectos toponímicos, con el mapa de Portugal del llamado *Atlas de El Escorial* (*ca*.1540), un trabajo de autor desconocido que siguió la tradición iniciada en 1517 por Hernando Colón en sus itinerarios[98].

El 21 de febrero de 1642, Della Faille continuaba lamentándose y enviaba una nueva carta a Van Langren donde le comunicaba que «está toda esta tierra poco conocida [desde Villamiel, que cae en el principio de Extremadura, hasta La Puebla de Sanabria, que llega a Galicia], y no hay mapas ni descripciones de ella; y las dos tablas que he visto de Portugal van muy erradas, y no tienen en la raya lugar ninguno de Castilla»[99]. Ocho meses más tarde, el 19 de octubre de 1642, y como consecuencia de la falta de respuestas, el matemático flamenco volvía a recordar a Van Langren la escasez de mapas sobre Portugal que había en la península, al tiempo que dejaba entrever la poca confianza que él mismo tenía en que aparecieran dichos mapas en España.

> Nosotros también estamos aquí en guerra viva […] Pero, por ser la guerra tan nueva, no tenemos aún las cosas tan asentadas que nos podamos sustentar en tierra del enemigo.
>
> […] Si en Flandes se sacare algún mapa de Portugal o de Cataluña, sírvase vuestra merced de avisármelo, para que me le mande traer, porque [222v] están aquí estas tierras muy poco conocidas, y yo veo que los mapas de Ortelius van muy errados en lo de Portugal y en sus fronteras. Yo no me espanto que nuestros enemigos, con menos fuerzas, nos hagan ventaja, porque veo que el ingenio y la ciencia se menosprecia, que en materias de guerra no valen menos que las mismas fuerzas[100].

El carácter secreto y cauteloso de la *Descripción de las Costas de Portugal* del almirante portugués António de Acunha e Andrada hizo, probablemente, que Della Faille desconociera su atlas náutico o que de lo contrario, de haberlo conocido, no le transmitiera demasiada fiabilidad. Por otra parte, también es cierto que los lamentos de Della Faille iban dirigidos especialmente a la cartografía terrestre sobre la frontera y no tanto a los puertos y el litoral. De cualquier forma, existían en España algunos mapas sobre Portugal en los tiempos en que Della Faille mantuvo correspondencia con Van Langren. La *Descripción* de Andrada no fue la única, pero sí parece haber sido la última en aparecer y tal vez la primera en responder a las quejas de Della Faille.

---

[98] Antonio Crespo Sanz, «El Atlas de El Escorial, un mapa olvidado», *Boletín de la Real Sociedad Geográfica,* 145, 2009, pp. 117-142, 119. Para un estudio más amplio, ver la tesis doctoral inédita del mismo autor, *El Atlas de El Escorial*, Universidad de Valladolid, 2008. También Gonzalo de Reparaz-Ruiz, «La cartographie terrestre dans la Péninsule Ibérique au XVI[e] et au XVII[e] siècle et l'oeuvre des cartographes portugais en Espagne», *Revue de Géographie des Pyrénées et du Sud-Ouest,Toulouse,* XI, 3-4, 1940, pp. 167-202.

[99] O. van der Vyver, art. cit., p. 168.

[100] O. van der Vyver, art. cit., pp. 171 y 172.

A diferencia de un trabajo realizado por encargo, como en efecto lo fue la *Descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos* (1634) de Pedro Teixeira o la *Visita de las Yslas y Reyno de la Gran Canaria hecha por Don Yñigo de Briçuela Hurbina* (*ca*. 1635), entre otros, la *Descripción de las Costas de Portugal* de António de Acunha e Andrada fue más bien el fruto de una iniciativa privada motivada por las necesidades de información cartográfica y marítima del litoral portugués que, al parecer, Felipe IV venía acusando[101].

Mucho se ha hablado de la «cartografía oficial» española durante los siglos XVI y XVII, una ciencia que trabajará únicamente para los intereses del poder regio. Los mapas oficiales europeos estaban patrocinados por el gobierno y eran necesarios para la emergencia y mantenimiento del mismo, ya fueran construidos por geógrafos oficiales o por cartógrafos comerciantes y viajeros, siempre y cuando contribuyeran a la propagación de los regímenes políticos para los que servían y estuvieran estrechamente vinculados a la categoría política de soberanía territorial. Sin embargo, no parece que el manuscrito de Andrada respondiera a estos parámetros, sino más bien a un caso de «cartografía extraoficial», una idea interesada, oficiosa y oportunista ejecutada por cuenta propia sin el amparo institucional de instancia alguna, salvo su rango de almirante y la confianza en las mercedes que su lealtad y vasallaje le depararían. Así lo reconocía Andrada con sus propias palabras cuando se dirigía al conde-duque de Olivares el 12 de noviembre de 1641: «El que me ha puesto en este atrevimiento», afirmaba Andrada, «no es otro que de decir a vuestra excelencia, en cada una de dichas barras, lo que se me ofrece en orden a la restauración de Portugal»[102].

La propuesta de Andrada poco tenía que ver con el atlas del Rey Planeta confeccionado por Teixeira siete años antes, pues la finalidad de uno y otro respondían a necesidades bien distintas, y no sólo porque uno se centrara en representaciones terrestres y otro en representaciones hidrográficas. La intención del documento cartográfico de Andrada estuvo más próxima a los mapas –publicados hace relativamente poco tiempo– de la raya luso-extremeña dibujados por Ambrosio Borsano, Leonardo de Ferrari y João Nunes Tinoco entre 1640 y 1668 como consecuencia del desarrollo del conflicto bélico o, incluso, del *Atlas del Marqués de Heliche*, compuesto también por el pintor boloñés Ferrari, un encargo de comienzos de la década de 1650 realizado por don Gaspar de Haro y Guzmán, marqués del Carpio y de Heliche, hijo primogénito de don Luis Méndez de Haro, valido del rey Felipe IV. No en balde, nuestro almirante presentaba su obra «con la ocasión de la

---

[101] F. Pereda y F. Marías (ed.), op. cit.; J. Tous Meliá (ed.), op. cit.

[102] Andrada utiliza la palabra «barra» para referirse a la boca o embocadura de los ríos, rías y riachuelos del litoral de Portugal que se aprecian en los mapas de su atlas náutico, un accidente geográfico que obliga a tomar ciertas medidas dada la dificultad de navegar por estas zonas. BNE, Ms. 1422, fl. 1a. En portugués «barra» significa igualmente embocadura de un río e implica también la navegación en ese espacio.

rebelión de aquel reino, pareciéndole», alegaba, «que no ayudaría poco para encaminar los medios que cuanto antes se debían aplicar para que no pasase adelante»[103].

Si bien los mapas de Andrada iban destinados a hacer la guerra marítima contra su país de origen en el campo comercial, los planos de la frontera entre Extremadura y Portugal fueron levantados para cubrir las necesidades militares surgidas a raíz de la crisis hispano-portuguesa de 1640. Igualmente, los planos de plazas fuertes, vistas y descripciones de asedios y batallas de Heliche trataron de representar las fronteras territoriales y marítimas de la monarquía hispánica con un carácter también militar[104]. Unos por mar y otros por tierra, estos dos conjuntos de mapas tenían en común un único asunto: la guerra. Sin los enfrentamientos propiciados por el contexto bélico estos dos atlas no hubieran existido.

Los Habsburgos, como los Valois y los Tudors, sabían que asediar y cercar la naturaleza mediante mapas era una manera de tener potestad sobre el mundo. El arte de trazar mapas fue siempre una ciencia mercenaria que vendió sus derechos al mejor postor: el discurso político preocupado por la adquisición y mantenimiento del poder. Fueron varios los contextos en los que se produjeron este tipo de prácticas. En innumerables ocasiones,

---

[103] BNE, Ms. 1422, fl. 1a.

[104] De acuerdo con Cortesão y Teixeira da Mota tanto en tiempos de la ocupación de Portugal por parte de Felipe II como en tiempos de la restauración de la independencia en 1640 era necesario mejorar los sistemas de fortificación en el litoral de cara a la protección frente a los españoles. El uso que arquitectos e ingenieros hicieron de esquemas topográficos ya existentes pone en evidencia que la cartografía portuguesa metropolitana del siglo XVII estaba íntimamente relacionada con la ingeniería militar, aunque también dificulta la determinación del valor cartográfico que poseían los distintos diseños de fortificación, como en el caso del francés Nicolau de Langres. Armando Cortesão y Avelino Teixeira da Mota, *Portugaliae Monumenta Cartographica,* Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1960, Vol. V, Apéndice III, p. 141. Sobre fortificaciones en la frontera y acerca de la intensa relación que mantuvieron la cartografía y la fortificación, véanse Luiz Serrão Pimentel, *Methodo Lusitanico de desenhar as fortificaçõens das praças regulares e irregulares*, Lisboa, na impressaõ de Antonio Craesbeeck de Mello impressor de S. Alteza, 1680; Gastão de Mello de Matos, *Nicolau de Langres e a sua obra em Portugal*, Lisboa, [s.n.], 1941; Francisco Marques de Sousa Viterbo, *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores portuguezes ou serviço de Portugal* Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988; Edwin Parr, «As Influências Holandesas na Arquitectura Militar em Portugal no Século XVII: As Cidades Alentejanas», *Arquivo de Beja*, Séries III, VII-VIII, 1998, pp. 177-190; Margarida Tavares Conceição, «A Praça de Guerra. Aprendizagens entre a Aula do Paço e a Aula de Fortificação», *Oceanos,* 41, 2000, pp. 25-38; de la misma autora véase «Configurando a praça de guerra: o espaço urbano no sistema defensivo da fronteira portuguesa (primeiras impressões para os séculos XVII e XVIII)», *Colectânea de Estudos Universo Urbanístico Português 1415-1822*, Lisboa, CNCDP, 2001, pp. 825-839; Miguel Conceição Silva Soromenho, «A Fortificação Moderna, 1659-1737», *Monumentos*, 12, 2000, pp. 19-23; I. testón, C. Sánchez Rubio y R. Sánchez Rubio (ed.), op. cit., pp. 11 y 16; y de los mismos autores véase *Imágenes de un imperio perdido*, cit.; Raúl García Girón, *Las fortificaciones de la frontera de Castilla tras la secesión portuguesa (1640)*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 2009. Sobre un mapa fronterizo entre Portugal y España, entre la parte de Alentejo central y Extremadura –*Carta da Fronteira do Alentejo*– atribuído a João Teixeira Albernaz I, véase João Carlos Garcia, «O Alentejo c. 1644. Comentário a um mapa», *Arquivo de Beja*, Série III, X, 1999, pp. 29-47.

los mapas legitimaron el mantenimiento del *status quo* de un determinado poder político ejecutando su función de elemento retórico, comunicativo y propagandístico que elogiaba las bondades de su amo –a veces reforzado por la sucesión de imágenes análogas en forma de atlas. Sólo así se prolongaba y preservaba un imperio. Y, en última instancia, fueron los cartógrafos –vasallos y artesanos– quienes a través de sus habilidades manufacturaron el poder imperial, quienes se apropiaron del mundo, lo disciplinaron y lo normalizaron en forma de imágenes[105]. El mundo de los intereses rodeó al mapa tanto como el mapa abrazó el mundo[106].

El atlas náutico de Andrada debe situarse en esta panorámica, un fresco dominado por las relaciones de poder, mecenazgo y credibilidad en el desarrollo de saberes científicos como la cartografía, la navegación o el arte de la guerra en una etapa histórica donde la cultura aristocrática y principesca ejercería su influencia a la hora de contribuir a la legitimación cognitiva de determinadas prácticas científicas, un escenario donde comenzaba a prepararse el terreno a los artífices de estas prácticas y a otorgarse un estatus epistemológico a sus habilidades. Ahora bien, ¿cómo reaccionaron las elites gobernantes ante el empuje cartográfico que, en cierto modo, ellas mismas parecían hilvanar gracias a la pericia de sus cartógrafos? ¿Hasta qué punto hicieron suya la nueva conciencia cartográfica las influyentes cortes europeas, entre ellas la corte española de los Austrias? A sabiendas del uso estratégico de los mapas en campañas militares, lo cual significaba, de alguna forma, la anticipación o consumación del imperio, ¿a través de qué elementos podemos analizar las relaciones entre el mundo de la guerra y el mundo de la ciencia, entre una actividad militar y la cartografía?

Dada la eficacia de los mapas para disciplinar el mundo y manufacturar el poder, los soberanos españoles, desde los Reyes Católicos a Carlos II, depositaron su confianza en la cartografía, pues los mapas, como imágenes autoritarias, constituían una «ficción controlada» para los monarcas más ambiciosos y los almirantes más audaces[107]. La cartografía ibérica del Siglo de Oro, como lo había sido desde el célebre mapa de Juan de la Cosa, se presentó ante lo político como un instrumento eficaz de apropiación y ocupación del espacio náutico, terrestre, e incluso, celeste.

---

[105] John B. Harley, *The New Nature of Maps*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 2001, pp. 165 y 166.

[106] Denis Wood, *The Power of Maps*, London, The Guilford Press, 1993; y David Turnbull, *Maps are Territories*, Chicago, University Chicago Press, 1993. Véase también David Buisseret, *The Mapmakers' Quest: Depicting New Worlds in Renaissance Europe*, Oxford, Oxford University Press, 2003.

[107] J. B. Harley, op. cit., p. 107. Para un estudio sobre las relaciones entre cartografía e imperio véase D. Buisseret, *Tools of Empire*, Chicago, University Chicago Press, 1986; D. Buisseret (ed.), *Monarchs,* op. cit.

2.2. Cartografía en prosa

Dadas las características del tratado de Andrada, resulta difícil clasificarlo dentro de un tipo particular de atlas u otro documento cartográfico. De forma aproximada, su *Descripción* responde, con algunas variantes, al género de atlas náutico que corría por Europa desde hacía varias décadas. El atlas de Andrada es un ejemplar completo, manuscrito e inédito con una combinación equilibrada entre texto e imágenes. Está compuesto por 17 folios de texto y 13 mapas que ocupan 14 folios, pues el primero de ellos representa en dos folios todo el litoral portugués desde el espacio comprendido entre las desembocaduras del río Duero y el río Miño hasta el Algarve. Este mapa general de Portugal constituye la carta de presentación de los 12 mapas corográficos que le siguen. En tanto que una guía para ejecutar una campaña marítima de bloqueo sobre el comercio lusitano y como un instrumento militar que sigue las leyes de la guerra del corso, la *Descripción* de nuestro almirante no sólo debe ser clasificada como un atlas náutico, sino también como un atlas náutico «corsario», un documento cartográfico con una gran cantidad de texto que lo hace diferente de otros atlas dedicados a la colección de cartas marítimas. No todos los atlas náuticos tuvieron un objetivo bélico y mucho menos corsario, pero sí es cierto que muchos de ellos han sido utilizados con este fin.

En un intento por clasificar el atlas náutico corsario de Andrada dentro de la prolífica historia de la cartografía europea sería legítimo situarlo en la tradición de las nutridas colecciones de portulanos en forma de libros que existen sobre el Mediterráneo y sus costas del sur de Europa y norte de África. En la cronología de la producción de atlas marítimos y costeros, el atlas *De Spieghel der Zeevaerdt* (*Espejo de navegantes*) de Lucas Janszoon Waghenaer, publicado en Leiden entre 1584 y 1585, ocupó un papel central gracias a su efectiva integración de dos viejos modelos náuticos, a saber, las instrucciones náuticas en forma de texto o libros de pilotos –regimientos y manuales de navegación– y las cartas náuticas. El atlas de Lucas Janszoon constituiría un modelo para los atlas náuticos del siglo XVII[108].

Desde el primer cuarto del siglo XVI hasta bien entrado el siglo XVII, las instrucciones náuticas o libros de pilotos en forma de regimientos, sumas, espejos, artes de navegación, tratados y cosmografías gozaron de un éxito sin precedentes. Los diversos ejemplares de este género literario eran libros de referencia dirigidos al provecho y utilidad que de ellos pudieran obtener los navegantes. En el Quinientos, España y Portugal generaron una prolífica oleada de manuales de navegación y cosmografía que provocó, en la historiografía de la primera mitad del siglo XX, el entusiasmo patriótico de quienes pensaron que «Europa aprendió a navegar en libros españoles»[109].

---

[108] James R. Akerman, *On the Shoulders of a Titan: Viewing the World of the Past in Atlas Structure*, Philadelphia, Universidad de Pennsylvania, 1991, p. 147 (tesis doctoral inédita).

[109] J. F. Guillén Tato, *Europa aprendió a navegar en libros españoles*, Barcelona, Instituto de Marina, 1943.

Estas instrucciones a pilotos entrarían dentro de lo que hemos denominado –siguiendo a Cuesta Domingo– «cartografía en prosa», esto es, aquellos manuales y regimientos redactados pocas décadas después del descubrimiento de América, una vez conocidos cuáles eran los problemas náuticos y cosmográficos que atormentaban a los pilotos en la carrera de Indias, especialmente en sus rutas por el océano Atlántico[110]. Este fue un nuevo género literario compuesto para la formación, guía y asistencia de los pilotos en el arte de su oficio. Estos tratados de navegación, cosmografía y cartografía estaban dirigidos a la resolución de problemas prácticos concretos, como por ejemplo la determinación de la latitud y la longitud, la declinación magnética o, incluso, explicaciones sobre cómo *echar el punto* (conocer la localización de la nave) sobre la *carta de marear* (carta náutica). Algunos ejemplares de este género se encuentran a su vez muy próximos a lo que Margarita Zamora ha denominado «cartografía textual», esto es, una noción bajo la que el mapa y el texto no sólo se complementan, sino que además resultan modalidades indispensables para la articulación de la experiencia del descubrimiento. Los mapas y los textos geográficos mantenían una conexión de reciprocidad informativa, donde ambos contribuían a la definición del otro[111].

De nada sirve aquí reivindicar que Europa aprendió a navegar en libros españoles. Sólo en el siglo XVII, como apuntó Francisco de Seixas y Lobera en su *Descripción hidrográfica y derrotero de la región austral Magallánica* (1690), pudo tener algún sentido proclamar y demandar el papel de los tratadistas españoles «para que más bien se conozca que nuestros españoles han sido los primeros que han enseñado a las Naciones la Geografía y la Navegación»[112]. Estas palabras pierden inmediatamente su razón de ser cuando advertimos que parte de la historiografía de otros países, entre ellos Portugal, han mantenido durante décadas el mismo discurso elogioso y heroico de reconocimiento hacia sus compatriotas. Sin embargo, de lo que no cabe la menor duda es de que la publicación de las obras de autores como Pedro Nunes, Martín Cortés y Pedro de Medina constituyen un antes y un después a la hora de intentar resolver cuestiones de cosmografía náutica. En la década de los 80 del siglo XVI, el cartógrafo holandés Lucas Janszoon Waghenaer unió a esta tradición de libros de navegación las cartas náuticas para conformar así un revolucionario atlas náutico.

El arte de navegar del siglo XVII y, en consecuencia, su producción en prosa fue iniciada muy tempranamente por Pedro de Syria y su *Arte de la verdadera navegación* (1602), por Diego Pérez de Mesa y su *Tratado del arte*

---

[110] M. Cuesta Domingo, «La cartografía en "prosa" durante la época de los grandes descubrimientos americanos», *Actas del Congreso de Historia del Descubrimiento* 2, Madrid, Real Academia de la Historia, 1992, pp. 279-300.

[111] Margarita Zamora, *Reading Columbus*, Berkeley, University of California Press, 1993, p. 114.

[112] Citado en María Luisa Martín-Merás, *Cartografía marítima hispana: la imagen de América*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, 1993, p. 136.

de navegar (1603) y por Andrés García de Céspedes a través de su *Regimiento de navegación* y su *Hydrographia*, ambas publicadas en un mismo volumen en 1606. Estos cuatro tratados pueden considerarse una prolongación de las obras náuticas del siglo XVI. Sin embargo, tratados como el *Arte de navegar* (1621) de Juan Bautista Gallo, la *Navegación especulativa y práctica* (1628) de Antonio de Nájera, el *Reparo a errores de la navegación española* (1634) de Pedro Porter y Casanate, el *Arte de navegar: navegación astronómica* (1673) de Lázaro de Flores, el célebre *Teatro naval hidrographico* (1688) de Francisco Seijas y Lobera, o el *Norte de navegación* (1692) de Antonio de Gaztañeda –el texto más sobresaliente que surgió de la primera producción escrita del Colegio de San Telmo, continuador de la Casa de la Contratación de Sevilla[113]– constituyen obras de un nuevo siglo con nuevas exigencias[114].

De acuerdo a los documentos que han llegado hasta nuestros días, la España del siglo XVII, al contrario de lo que ocurrió en el siglo XVI, no brilló por la fama de sus cartógrafos ni por el desarrollo de una producción cartográfica prolífica, en comparación al siglo precedente y a los trabajos que se realizaron en Portugal o en el norte de Europa. Durante la centuria, la corona española recurrió a cartógrafos portugueses, grandes creadores de mapas que habían conservado e incluso perfeccionado el rigor matemático de los cosmógrafos del Quinientos. A lo largo del Seiscientos, el material cartográfico confeccionado por españoles fue escaso y se centró en buena medida en los mapas administrativos parciales, casi siempre de la corona de Aragón, entre los que destaca el mapa o *Descripción del Reino de Aragón* levantado por el cosmógrafo portugués João Batista Lavanha en 1619[115]. Otros mapas administrativos de la época fueron los del Reino de Navarra, realizados por Sansón D'Abbeville en 1652 y por Jean Lanssony en 1662 respectivamente, el mapa del principado de Cataluña confeccionado por Ambrosio Borsano Quarteri en 1687 o el mapa del reino de Valencia trazado por el jesuita Francisco Antonio Cassaus en 1693. A diferencia de Aragón y lejos del interés civil y eclesiástico, los mapas de la corona de Castilla tuvieron un carácter preferentemente militar[116].

Si en España la cartografía topográfica, a pesar de los trabajos peninsulares del autor o autores del *Atlas de El Escorial*, de João Batista Lavanha y de Pedro Teixeira, no brillaría hasta el siglo XVIII con Tomás López, en la cartografía náutica, sin embargo, los éxitos llegaron mucho antes, aunque no sería hasta 1656 cuando se hizo en Sevilla la primera carta grabada, obra del

---

113 J. M. López Piñero, op. cit., p. 455.

114 José Antonio González-Aller Hierro, *Obras clásicas de náutica y navegación*, Madrid, 1998 (en formato CD-ROM).

115 Véase A. Hernando, *La imagen de un país: Juan Bautista Labaña y su mapa de Aragón (1610-1620)*, Zaragoza, Institución Fernando el Católico, 1996, pp. 11-16 y 49-65.

116 Eduardo Garrigos Pico, «La política cartográfica en España (siglos XVI-XVIII)», *Historia de la cartografía española*, Madrid, Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, 1982, pp. 35-44, p. 39-41.

pintor arquitecto, cosmógrafo, matemático y piloto de la Casa de la Contratación Sebastián de Ruesta, también aficionado al dibujo y a las bellas artes[117]. A partir de la aparición de esta carta de mediados del siglo XVII cambió el panorama cartográfico sevillano, ya que la producción del número de mapas se vio incrementado notablemente, al tiempo que avanzaba la ciencia cartográfica en general. Estos progresos se materializaron en el aumento y sofisticación de nuevos métodos de medición de arcos de meridiano, en el empleo de procedimientos de mayor exactitud para la determinación matemática de longitudes y latitudes, en la utilización e innovación de modernas proyecciones cartográficas, en la presentación detallada de los accidentes de las costas, en las nuevas indicaciones y símbolos sobre profundidades y, en ocasiones, en la complementación de las cartas náuticas con un texto sobre el perfil de la costa. A partir de la segunda mitad del siglo XVII, la cartografía española tomó un rumbo menos empírico, pero que a su vez alcanzaría un mayor grado de difusión hacia la segunda mitad del siglo XVIII con Tomás López, cartógrafo, copista y comerciante de mapas de Carlos III y, por qué no decirlo, probablemente conocedor del atlas de Andrada, como de tantos otros trabajos cartográficos del Setecientos.

2.3. Un atlas «corsario»

No sin algunas salvedades, es en esta tradición donde debe ubicarse el documento de Andrada, una tradición de cartografía en prosa marcada por la conjunción entre libros de navegación y cartas náuticas, entre texto e imagen. El manuscrito 1422 de la Biblioteca Nacional de España es un cuaderno en piel con 13 mapas del borde marítimo de Portugal, pero con objetivos bien definidos y nada desdeñables, a saber, una descripción textual y visual de las condiciones físicas y comerciales –de importación y exportación– de Portugal centrada en sus puertos marítimos y fluviales más relevantes, desde la barra de Camiña hasta la barra de Ayamonte, pasando por el puerto de Viana, las barras de Vila do Conde, de Oporto, de Aveiro, la del río Mondego, el puerto de Atouguia, la ensenada de Cascais, la barra de Lisboa, la barra de Setúbal, el cabo de San Vicente y el cabo de Santa María; y una exposición de estrategia corsaria acerca del número y características de las embarcaciones que debían ser empleadas para asfixiar a Portugal desde cada uno de estos puntos del litoral. Estos objetivos servirían para la finalidad última por la que Andrada realizó su atlas de las costas de Portugal: conseguir, entre el pueblo luso, el reconocimiento de Felipe IV como rey de Portugal.

---

[117] Citado en Germán LATORRE, *La cartografía colonial americana: cartas geográficas más antiguas referentes al Nuevo Mundo contenidas en el Archivo General de Indias de Sevilla*, Sevilla, Guía Oficial, 1916, p. 11. Véase ARCHIVO GENERAL DE ÍNDIAS [AGI], Indiferente, 438, L.18, F.98r-87v; AGI, Indiferente, 438, L.18, F.110v-111; AGI, Indiferente, 438, L.18, F.99; AGI, Indiferente, 438, L.18, F.114v-114r. Estos documentos del AGI de Sevilla informan sobre los trabajos cartográficos realizados por Sebastián de Ruesta a mediados del siglo XVII.

En conjunto, el breve tratado de Andrada era una herramienta de táctica y maniobra de carácter corsario sustentado en mapas, lo que hacía de él un documento peligroso y de alto secreto. No es de extrañar que permaneciera sin publicar, pues no fue confeccionado con la idea de llevarlo a la imprenta y difundirlo. Su naturaleza corsaria de bloqueo comercial y económico del reino de Portugal hace pensar que el tratado de nuestro almirante pudo ser una solicitud para conseguir una patente presentada previamente al conde-duque de Olivares, a sabiendas de que éste fue uno de los pocos validos del siglo XVII interesados en el corso[118]. Sin embargo, nada sabemos al respecto. El mismo Andrada afirma en el último párrafo de su atlas que Su Majestad debía, según su opinión, dar *corso libre* en las costas de la península:

> Y para que Su Majestad tenga en las costas de España cantidad de fragatas que espontáneamente envíen sus dueños a ellas, sería yo de parecer que Su Majestad hiciese merced de darlos corso libre en las dichas costas de España por los años que fuere servido.

¿Qué es esto si no una solicitud de patente de corso? De acuerdo al ya clásico estudio de José Luis de Azcárraga, el corso era «la empresa naval de un particular (gobierno, poder, reino, etc.) contra los enemigos de su Estado, realizada con el permiso y bajo la autoridad de la potencia beligerante, con el exclusivo objeto de causar pérdidas al comercio enemigo y entorpecer al neutral que se relacione con dichos enemigos»[119]. En España, el Consejo de Guerra, creado en 1586 por Felipe II, y su Secretaría de Mar eran los organismos consultivos del monarca encargados de los asuntos relativos al corso[120]. Andrada sabía como pocos, desde la concesión de patentes de Felipe III a marinos, casi siempre guipuzcoanos, que los monarcas españoles complementaron la fuerza de armadas y galeras con actividades corsarias, fomentando así su desarrollo, pues era una práctica barata con la que defender las costas y con la que sacar provecho del comercio del enemigo[121]. La aplicación al corso que la monarquía dio a la poderosa flota española en el Atlántico fue una constante desde los primeros años del siglo XVII, cuando una escuadra fue dividida para cubrir tres áreas de la costa atlántica: Lisboa, Cádiz y Vizcaya-Coruña. La primera se encargaba de patrullar el litoral peninsular desde Finisterre hasta el cabo de San Vicente y de escoltar desde las Azores a las embarcaciones procedentes de Indias. La segunda tenía por

---

[118] E. Otero Lana, op. cit., p. 70.

[119] José Luis de Azcárraga, *El corso marítimo: (concepto, justificación e historia),* Madrid, Diana, 1950, p. 27.

[120] E. Otero Lana, op. cit., p. 70. Véase Gonçal López Nadal, «The Majorcan privateers and the Catalan revolt», *The Mariner's Mirror,* 69, 3, 1983, pp. 291-299; y del mismo autor, *El corsarisme mallorquí a la Mediterrània occidental, 1652-1697: un comerç forçat*, Barcelona, Direcció General de Cultura, 1986.

[121] David Goodman, *El poderío naval español: historia de la armada española del siglo XVII*, Barcelona, Península, 2001, pp. 34 y 35.

objeto defender el estrecho de Gibraltar. Y la tercera debía proteger la costa norte de los franceses, ingleses y holandeses[122].

Andrada introdujo mapas del litoral portugués no sólo para facilitar las labores del corso en caso de que el derecho a practicarlo le fuera concedido, sino también para persuadir a los evaluadores de su propuesta. Más allá de servir como fuente para el pensamiento corsario del siglo XVII, el texto de la *Descripción* queda claramente subordinado al valor visual de sus mapas. En ellos vemos el trabajo de una autoridad marítima, de un historiador y de un geógrafo interesado en presentar el escenario físico de la vida comercial de Portugal, pero también percibimos la labor de un político y de un corsario comprometido con su gobierno. Andrada tuvo la astucia de incorporar 13 cartas con la intención de inyectar mayor poder de convicción a su manuscrito.

La *Descripción* de Andrada debe entenderse entonces como una guía práctica y actualizada, con imágenes, que intentaba iluminar el camino de los *armadores*, *capitanes de corso* o *corsistas*, tal y como se conocía en la España del siglo XVII a los individuos que ejercían el corso. Sin duda alguna, uno de los atractivos de este documento descansa en la aportación de una descripción cartográfica sobre la dependencia que la economía lusitana tenía de sus puertos marítimos, lo que dota al texto en su conjunto de cierta originalidad y distinción con respecto a otros atlas ibéricos del siglo XVII, no así del atlas que Pedro Teixeira realizó algunos años antes de los puertos de la península. Como subrayó Jaime Cortesão, Pedro Teixeira ya había hecho una descripción náutica y geográfica de dichos puertos, así como de su actividad comercial e importancia económica[123]. Sin embargo, la novedad de Andrada y, por ende, la diferencia con respecto al trabajo de Teixeira reside en interpretar y hacer un uso diferente –corsario y oportunista– de la dependencia portuaria portuguesa, pues Andrada ve en ella una oportunidad para llevar a cabo una guerra económica, una guerra –sugiere Andrada– que debía iniciarse por el Algarve. En definitiva, la *Descripción* de Andrada es tanto un tratado sobre guerra corsaria apoyado en mapas como un atlas náutico de costas.

A Andrada le faltó reconocer que había realizado su cuaderno gracias a los trabajos previos de Ortelius, Lucas Janszoon Waghenaer, Alonso de Santa Cruz, Rodrigo Zamorano, Mercator, Antonio de Melgossas, Juan Bautista Gallo, Bartolomé Carreño –autor de una *Descripción de la Bermuda y sus*

---

[122] Rocío SÁNCHEZ RUBIO, Isabel TESTÓN NÚÑEZ y Carlos M. SÁNCHEZ RUBIO, «Las imágenes del atlas en su contexto histórico», in I. Testón, C. Sánchez Rubio y R. Sánchez Rubio (ed.), op. cit., pp. 39-75, 66.

[123] J. CORTESÃO, *Teoria geral dos descobrimentos portugueses: a geografia e a economia da Restauração* (Comunicações apresentadas ao Congresso do Mundo Português), Lisboa, Seara Nova, 1940, pp. 55-81. En este texto Jaime Cortesão mantiene que la transformación geográfica y económica que supuso el paso de un imperio portugués oriental o índico –que llegó hasta el fin de la monarquía de Avis– a un imperio occidental y atlántico –que ya estaba plenamente implantado en 1640– representa el fundamento económico esencial de la Restauración.

puertos y de las islas y bajos circunvecinos a ella–, Alonso Álvarez de Toledo, Juan Escalante de Mendoza, Juan Lorenzo, Juan González, Basco Rius, Alonso González, Antonio Fernández, Antonio de Herrera, João Teixeira Albernaz I (el Viejo) o Luiz Serrão Pimentel, entre otros[124]. Salvando las distancias, todos ellos fueron autores de tratados de navegación que compartían un cierto aire de familia. Tanto Andrada como Ortelius, Janszoon o Carreño jugaron en los títulos de sus obras con la metáfora de la representación y del conocimiento, con la idea de la imagen y del mapa como espejo de la naturaleza, como artefacto de dominio, control y desvelamiento del mundo. En el contexto de la ciencia moderna, conceptos tan «representativos» y constitutivos del conocimiento ilimitado de la naturaleza como *luz*, *espejo*, *teatro* o *descripción* contribuyeron a legitimar lo que detrás de ellos se escondía, un apoyo incondicional a la corona española y, en definitiva, a la creación, desarrollo y mantenimiento de una monarquía global.

El término «descripción» utilizado por Andrada en el título de su atlas y relacionado con conceptos como traza y dibujo, en ocasiones fue considerado sinónimo de teatro, espejo o atlas, esto es, discursos visuales[125]. Así entendida, la «descripción» fue utilizada para evocar lugares hermosos a través de la palabra o la imagen de forma verosímil, esto es, escribir sobre un área geográfica o representarla sin exageración y con un exacto grado de verosimilitud[126]. La descripción tenía la virtud de adaptarse tanto a la forma gráfica como verbal de una narración. De acuerdo con la historiadora del arte Svetlana Alpers, «la cartografía supone una combinación de formato pictórico e información descriptiva, y en ese sentido sirve de vínculo entre ciertas formas artísticas de paisaje y vista urbana y las ramas de la geografía que describen la tierra en mapas y vistas topográficas. En sentido lato, podemos llamar cartográfica a la tendencia a documentar o describir la tierra en imágenes que en la época fue compartida por topógrafos, artistas, impresores y público en general en los Países Bajos»[127].

---

[124] No estamos sugiriendo con ello que Andrada debió reconocer a todos estos autores el legado que le prestaron, pues se trataba de una práctica –la del reconocimiento– poco habitual en la época de Andrada. A pesar de que Andrada utiliza el vocablo «discurso» en el cuerpo del documento es el término «descripción» el que cobra aquí especial importancia en términos cartográficos. No obstante, Andrada presenta su atlas como una serie de *Discursos y Advertencias*, como un modo de proceder dedicado a la descripción geográfica de las costas de Portugal y, en definitiva, como una exposición híbrida –textual y visual– realizada con la intención de dar a conocer, de enseñar y de persuadir a su receptor. Véase Sebastián de Covarrubias, *Tesoro de la lengua castellana*, Madrid, 1611, fl. 322a.

[125] A. Hernando, «Poder, cartografía y política del sigilo en la España del siglo xvii», in F. Pereda y F. Marías (ed.), op. cit., pp. 71-97, 87.

[126] R. Kagan, «*Urbs* and *Civitas* in Sixteenth- and Seventeenth-Century Spain», in David Buisseret (ed.), *Envisioning the City: Six Studies in Urban Cartography*, Chicago, University Chicago Press, 1998, pp. 75-108, p. 76.

[127] Svetlana Alpers, *El arte de describir: el arte holandés en el siglo xvii*, Madrid, Hermann Blume, 1987, p. 212.

Desconocemos si en el intento de Andrada por controlar, dominar y cercar Portugal finalmente los mapas ocuparon un papel central y de *facto*, pero no cabe duda de que la función de esos mapas fue la de hacer visible el plan general de estrangulación del comercio luso. Si entendemos que la guerra marítima contra el país vecino fue en esencia una guerra comercial, el uso de mapas, o mejor, de un libro de mapas para tal fin responde a una cartografía corsaria basada en representaciones tanto hidrográficas como corográficas.

Desde el Renacimiento y a lo largo de la Edad Moderna, la representación cartográfica en su sentido proyectivo y representacional podía ser, según las premisas ptolemaicas de la *Geographia*, de dos formas genéricas bien diferenciadas: una representación cosmográfica o una representación corográfica. Tanto una como otra, dependiendo de qué parte física de la tierra representaran, podían ser representaciones hidrográficas o topográficas, incluso celestes. A mediados del siglo XVI, el cosmógrafo español Alonso de Santa Cruz, uno de los mayores seguidores de Ptolomeo en la península, aportó en su célebre *Islario* una clara explicación sobre los rasgos definitorios de ambos tipos de representación. Según Santa Cruz, la cosmografía era, en términos cartográficos, la descripción visual del mundo y la corografía la descripción particular de una provincia o parte de la tierra:

> La cosmografía es descripción del mundo por que coraphia es lo mismo que pintura y cosmos que mundo, y así trata esta ciencia de la descripción del mundo superior e inferior […]. Geografía vale tanto como descripción o pintura de la tierra, por que geos quiere decir tierra y graphia descripción o pintura, por que en ella se trata de la correspondencia que tienen las partes del cielo a las de la tierra poniendo los grados de altura y su mayor y menor día […]. Corografía quiere tanto decir como particular descripción de alguna provincia o parte de la tierra […] también podríamos añadir otro término a lo que llamamos topografía, que es la pintura muy precisa de alguna cosa, y de esta usa mas el pintor queriendo pintar una ciudad[128].

Si esto es así, los mapas de Andrada son representaciones a la vez corográficas e hidrográficas, pues si bien describen pequeñas partes del litoral portugués, también lo hacen de las aguas de aquel país, esto es, las costas, los puertos marítimos y las desembocaduras de los ríos con sus respectivas profundidades. Entre los tratadistas modernos que incorporaban a sus trabajos mapas parciales o universales era una práctica habitual abrir la obra con un mapa general donde se representara la totalidad del espacio a tratar. El almirante Andrada siguió este modelo. De la misma forma que Ortelius inauguró su *Theatrum* con un mapa universal del mundo titulado *Typus orbis terrarum* o al igual que el Cronista Mayor de Indias Antonio de Herrera y Tordesillas comenzaba su *Descripción de las Indias Occidentales* (1601) con

[128] Alonso de SANTA CRUZ, *Islario General de todas las islas del mundo*, Madrid, Imprenta del Patronato de Huérfanos de Intendencia, 1918 [*ca.* 1542], pp. 24 y 25.

un mapa del Nuevo Mundo, Andrada empezaba su *Descripción* –como era habitual entre los cartógrafos más reputados– con un mapa que abarcaba toda la costa de Portugal, una hidrografía completa del litoral lusitano que luego trataría con detenimiento en los 12 mapas restantes a través de los cuales, afirma Andrada, «se ve clara y distintamente los fondos y disposición de cada una de ellas [las barras] y de sus dependencias»[129]. Como veremos más adelante, el mismo procedimiento utilizó João Teixeira –el cartógrafo más notable de la primera mitad del siglo XVII– en su *Atlas de la costa de Portugal*, del cual se conocen cuatro ejemplares originales de 1648 y una copia de 1669.

Los mapas de Andrada no fueron realizados por un pintor como Ferrari ni por un cartógrafo de profesión como Pedro Teixeira, algo que sí ocurrió con otras colecciones de mapas coetáneos, como el *Atlas del Marqués de Heliche* realizado a comienzos de la década de 1650. En este sentido, conviene recordar el objetivo de Andrada en estas cartas, ya que nuestro almirante no intentó representar con exactitud el litoral occidental de la Península Ibérica, sino describir visualmente sus puntos marítimo-comerciales más destacados para darlos a conocer al conde-duque de Olivares primero (1641) y al marqués de Velada después (1661) y, tal vez, en determinados círculos de la corte. Si bien podemos afirmar que los mapas de Andrada no gozaron de gran precisión, adecuación y conformidad también cabe asumir que no fueron pobres producciones y representaciones defectuosas en técnica e información, pues, al margen de la equilibrada simbiosis que mantienen el aspecto textual y visual, sugerimos que estos mapas fueron copias menos exactas y bellas del litoral de Portugal que los mapas realizados por los editores de atlas del norte de Europa, como por ejemplo Lucas Janszoon Waghenaer y Willem Blaeu, dos reputados cartógrafos holandeses[130]. A pesar de que las tres imágenes que se muestran a continuación difieren sustancialmente, los valores de las profundidades son idénticos.

En esta tradición y contexto cartográfico, el atlas de Andrada se antoja un documento peculiar y los mapas que contiene constituyen testimonios gráficos de un inestimable valor histórico. No podemos aseverar que el propio

---

[129] BNE, Ms. 1422, fl. 5a.

[130] Sobre la representación cartográfica de Portugal en la Edad Moderna véanse los ya citados S. DAVEAU y O. RIBEIRO, art. cit.; y M. F. ALEGRIA y J. C. GARCIA, art. cit., pp. 21-22 y 100-107. Sobre la representación cartográfica de Portugal a manos de cartógrafos holandeses, véanse D. GERNEZ, «L'influence Portugaise sur la Cartographie Nautique Néerlandaise du XVI^e Siècle», *Annales de Géographie,* 259, 1937, pp. 1-9; H. Gabriel MENDES, *Lucas Jansz. Waghenaer e o Conhecimento Náutico das Costas de Portugal no Século XVI*, Lisboa, Coimbra, **Junta de Investigações** do Ultramar, 1969; y Maria Helena DIAS y Maria Fernanda ALEGRIA, «Lisboa na Produção Cartográfica Portuguesa e Holandesa dos Séculos XVI e XVII: o Espaço e o Intercâmbio», *Penélope*, 13, 1994, pp. 55-69. Sobre Waghenaer en particular, véanse Cornelis KOEMAN, «Lucas Janszoon Waghenaer: a Sixteenth Century Marine Cartographer», *The Geographical Journal,* 13, 2, 1965, pp. 202-217; y Maria Helena DIAS, «Antigas Configurações das Barras do Tejo e do Sado. Cartografia e Realidade», *Revista da Faculdade de Letras* (Lisboa), 16/17, 1994, pp. 235-249.

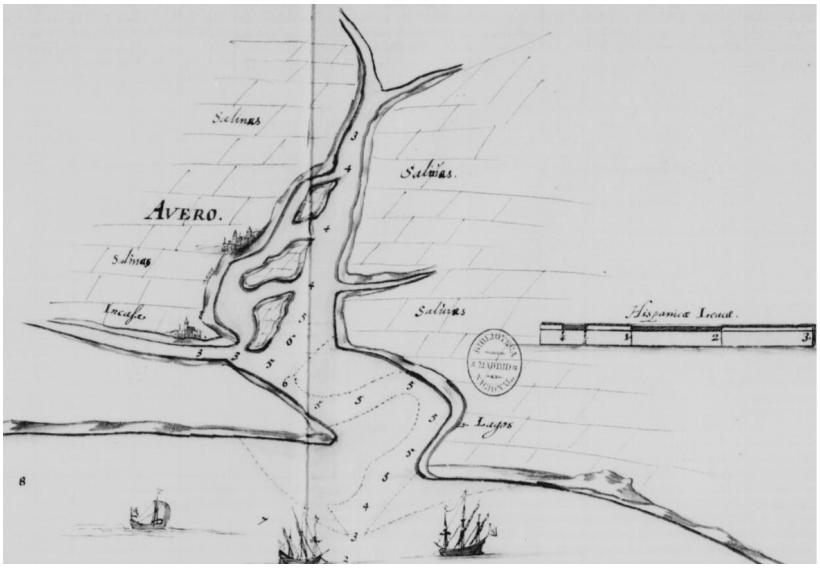


Fig. 1 – Detalle del mapa de Andrada de la costa de Aveiro, donde se ve el río Voga con los valores de las profundidades marítimas y fluviales y con las imágenes cuadriculadas de las salinas. BNE, Ms. 1422, fls. 19r-20a. (Reproducido con el permiso de la BNE, Madrid.)

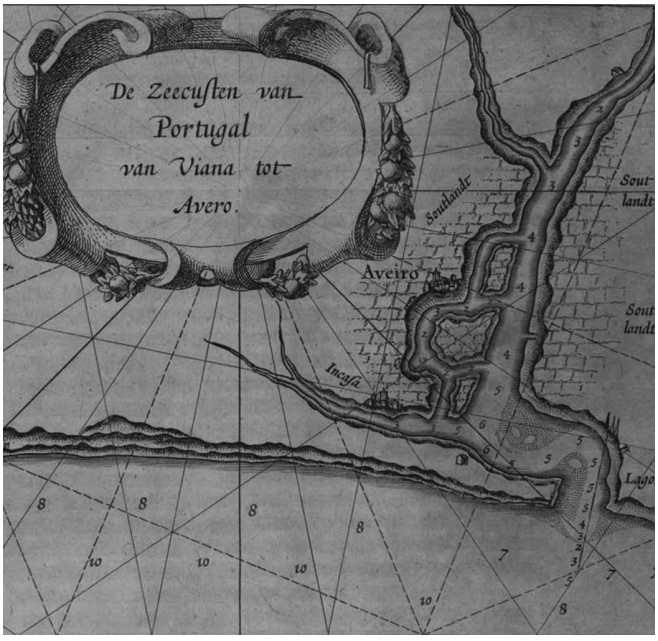


Fig. 2 – Detalle de la costa de Aveiro en una carta de Lucas Janszoon Waghenaer de 1583 publicada en Leiden, en su *Spiegel der Zeevaerdt*, en 1584. Edición de 1588. BNE, GMS 1025/mapar, fl. 16r. (Reproducido con el permiso de la BNE, Madrid.)

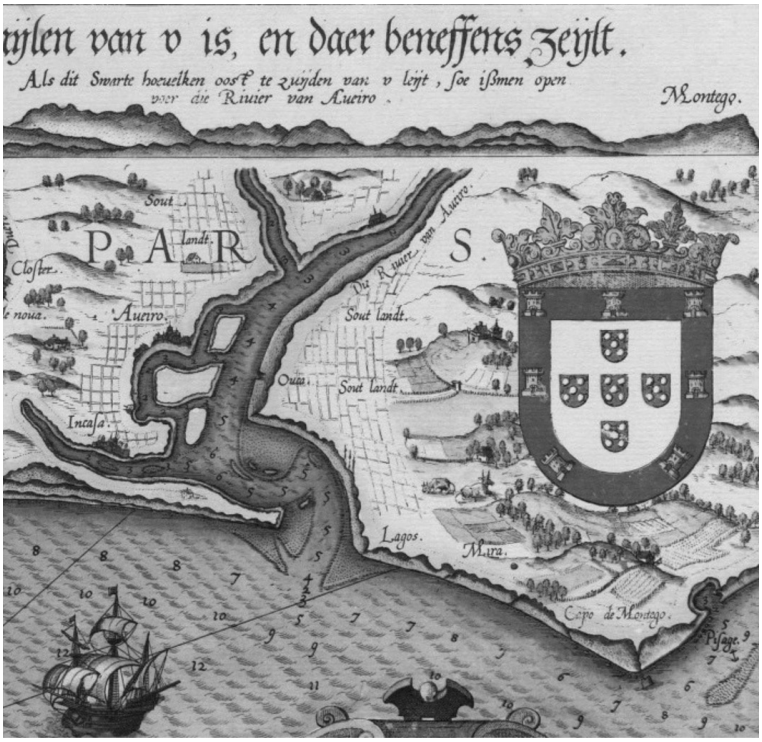


Fig. 3 – Detalle de la costa de Aveiro y del estuario del Voga en una carta de Willem Blaeu publicada en su *Der Zeespiegel*, en 1623. Edición de 1631. BNE, GMC/531 (versión digital), mapa 97. (Reproducido con el permiso de la BNE, Madrid.)

almirante fuera el autor de las cartas, pues no hay noticia de ello en el manuscrito. Ni siquiera somos capaces de evidenciar si Andrada atesoraba una dilatada experiencia como dibujante de mapas, aunque sin embargo sí sabemos que el oficial portugués realizó un mapa de Pernambuco por encargo expreso de la corona[131].

A pesar del parecido con algunas cartas de las costas de Brasil que João Teixeira Albernaz incorpora a sus *Atlas do Brasil* de 1627 –por ejemplo, la octava carta–, de 1631, de 1640 o de 1642, los mapas de la *Descripción de las costas de Portugal* poco tienen que ver con las series de mapas manuscritos realizados por los cartógrafos portugueses más conocidos, como pueden ser Manuel Godinho de Erédia, Pedro Teixeira, su hermano João Teixeira Albernaz I o el nieto de éste, João Teixeira Albernaz II. Los mapas de Andrada tampoco parecen derivados de otros mapas individuales de Portugal, ya fueran de las costas, corográficos o topográficos, como por ejemplo el mapa de Portugal de João Teixeira (Albernaz I) –también llamado João Teixeira

[131] Véase la primera parte de este artículo dedicada al proyecto de Andrada.

el Viejo– de *ca*.1640, conocido como el «Gulbenkian Map»[132]. Aun tratándose de los mismos espacios representados, los mapas de Andrada tampoco tienen ninguna relación con las 16 cartas de la *Descripçaõ dos portos maritimos do Reino de Portugal* o *Atlas da Costa de Portugal* de João Teixeira Albernaz I, publicado en 1648[133]. El único parecido reside en el título de la obra, pues aunque en ambos casos las distintas cartas van precedidas de pequeños textos acerca de las características geográficas de las regiones del litoral, en el caso de Andrada los mapas –más simples y menos detallados en los espacios terrestres– están destinados a ofrecer instrucciones náuticas para aquellos que se dispusieran a entrar en Portugal por las rutas marítimas y fluviales. Por el contrario, en el caso de João Teixeira Albernaz I, sus pretensiones fueron ofrecer una imagen de conjunto de la costa, más descriptiva y detallada en el interior, pero menos preocupada por los valores y requisitos de la navegación. Se trata de dos representaciones contemporáneas del litoral portugués con intenciones totalmente dispares.

Sin embargo, sorprende el parentesco que los mapas de Andrada comparten con las 15 cartas del ilustre cosmógrafo-mayor Luiz Serrão Pimentel –y en menor medida con los mapas de las costas de Portugal del *Regimiento de Pilotos* (1642) de António de Mariz Carneiro, copiados muy probablemente del *Spieghel der Zeevaerdt* (1584) de Lucas Janszoon Waghenaer[134]– incorporadas en la segunda parte de su *Prática da arte de navegar*, una obra presumiblemente confeccionada por un discípulo de Pimentel en 1673[135]. Si bien el tratado de Pimentel representa un nuevo regimiento de navegación con una última parte dedicada a los tradicionales *roteiros*, el manuscrito de Andrada conforma un atlas náutico corsario donde se ofrece información que supera los límites de la mera descripción geográfica. A pesar de no compartir la intencionalidad con la que ambos trabajos fueron confeccionados, la confluencia simbiótica entre texto e imagen tanto en un tratado como en el otro puede dar lugar a ciertas comparaciones, aun a sabiendas de que la información de uno iba dirigida a la enseñanza de los pilotos –virtud en la que destacaba Serrão Pimentel– y la información del otro estaba destinada a la realización del corso sobre Portugal. En la *Descripción* de Andrada, así como en la *Prática* de Pimentel, la forma de la representación del litoral portugués y los valores hidrográficos de las profundidades son en la mayoría de los casos bastante semejantes.

---

[132] A. Cortesão, «An Early Chorographic Map of Portugal», *Imago Mundi*, 19, 1965, pp. 111-112. Del mismo autor, «A mais antiga carta corográfica de Portugal manuscrita de que há conhecimento», *Ethnos,* IV, 1965, pp. 95-99. Véase también G. de Reparaz-Ruiz, «Une Carte Topographique du Portugal au xvi Siècle», *Mélanges d'Études Portugaises offerts à G. Le Gentil*, Chartres, Durand, 1949, pp. 271-313.

[133] A. Cortesão y A. Teixeira da Mota, op. cit., Vol. IV, pp. 141-144.

[134] Véase M. H. Dias, art. cit., pp. 238-240.

[135] L. S. Pimentel, *Prática da arte de navegar*, ed. A. Fontoura da Costa, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1960 [1681]. Serrão Pimentel dirigió desde su creación en 1647 una institución fuertemente ligada a la cartografía, a saber, el Aula de Fortificação e Arquitectura Militar.

Al margen de la autoría, los supuestos mapas de Andrada son más bien copias o variantes manuscritas, con algunas alteraciones, de representaciones de cartografía náutica gravada y publicada por editores del norte de Europa, aunque con menos elementos decorativos y muy poco colorido, ya que el atlas de Andrada no fue pensado para ser comercializado, sino todo lo contrario. Los mapas de la barra y puerto de Viana (mapa III), de la barra de Villa de Conde (mapa IV), de la barra de Oporto (mapa V) y de la barra de Aveiro (mapa VI) están basados, casi con total probabilidad, en el *De Zeecusten van Portugal van Viana tot Aveiro* publicado en *Der Zeespiegel* (Amsterdam, 1623) de Willem Blaeu, a su vez fundado en el *Thresoor der Zeevaerdt* o *Tesoro de la navegación* (1592) de Lucas Janszoon Waghenaer, buen conocedor de las costas de Portugal y autor de algunas de las cartas más antiguas sobre el litoral portugués[136]. El parecido y coincidencia entre unos mapas y otros no viene dado tan sólo por la disposición y configuración de la costa, sino también por las instrucciones precisas de navegación o por los valores de las profundidades marítimas y fluviales, pues son semejantes, como también lo son las imágenes cuadriculadas de las salinas de Aveiro o las líneas de puntos que indican bancos de arena, áreas rocosas, de piedras o de baja profundidad. La similitud notable entre los mapas de Andrada y el *De custen van Portugael tusschen Avero en Roxent* de Blaeu (1623) se puede apreciar en la imagen de la desembocadura del río Mondego (mapa VII) y en la de la barra de Atouguia, así como en la del archipiélago de las Berlengas y Peniche (mapa VIII). En definitiva, la imagen de conjunto del litoral portugués refleja la herencia cartográfica de Waghenaer y Blaeu. Sin embargo, no son estos los aspectos más destacados de la obra, sino la intencionalidad del conjunto cartográfico.

La *Descripción* de Andrada se complementa con la historia de la crisis hispano-portuguesa, un conjunto narrativo que representa en los planos teórico y visual un cuadro de lo que significaba Portugal para los militares austracistas desde el horizonte mental que supuso 1580 hasta mediados del siglo XVII. Andrada ofrece un panorama bélico a través de la perspectiva de un oficial general de la armada, cuyo conocimiento estaba basado en la simplicidad de la representación con el fin de mostrar una imagen menos confusa de la que en ocasiones brindaron los cartógrafos modernos. En las cartas dibujadas presumiblemente por Andrada, los intereses políticos de la corona anulan casi por completo las preocupaciones científicas de matemáticos como Della Faille. Ya no se trata de aportar soluciones a problemas matemáticos concretos, sino de describir, con las herramientas disponibles, cómo devolver Portugal a Felipe IV.

---

[136] Para un estudio en profundidad sobre la relación que Waghenaer mantuvo con Portugal véase la nota 130. Además de las obras allí citadas, véanse S. DAVEAU, art. cit., pp. 33-37; y J. C. GARCIA, «As Fronteiras da Lusitânia nos Finais do Século XVI», in Rákoczi István y Mundus Magyar Egyetemi Kiadó (ed.), *Miscellanea Rosae. Tanulmányok Rózsa Zoltán 65. szuletésnapjára/ Estudos em homenagem de Zoltán Rózsa*, Budapest, Mundus Magyar Egyetemi Kiadó, 1995, pp. 137-153.

Andrada dividió el documento en 12 epígrafes que van desde la letra A hasta la letra N –sin contar las letras J y K, ya que el autor salta de la I a la L– en función de los 12 mapas particulares en que el almirante distribuye las costas de Portugal[137]. Por lo general, en cada uno de estos pequeños capítulos, Andrada ofrece una descripción físico-geográfica y una descripción social, económica o comercial del espacio para concluir con una explicación sobre la forma más eficaz de sofocar la actividad cotidiana del pueblo portugués. En esta dirección, Andrada concluyó su tratado corsista brindando un plan de actuación inmediato que, en definitiva, relata claramente las intenciones de nuestro almirante-cartógrafo. Andrada aconsejaba practicar el corso general y, por tanto, el inicio de la restauración de Portugal, comenzando por el reino del Algarve, y esto:

> por la facilidad que habrá de reducirlo por la pobreza de los moradores y dependencia grande que tienen con Andalucía para vender y navegar sus cosechas, como también por la utilidad que se seguirá de esto a la navegación de las Indias, estando los puertos de estos reinos debajo de la obediencia de Su Majestad para que sus flotas se puedan valer de esta costa cuando por alguna ocasión les sea necesario[138].

Desde la unión de 1580, los Austrias ejercieron el control de las costas del Algarve. Esta zona, situada en la parte suroeste de la península, constituía un enclave geoestratégico de gran interés. Su valor económico y militar se complementaba con el dominio del litoral del norte de África[139]. Por su posición geográfica, el Algarve era el principal testigo de la entrada y salida al Mediterráneo, de la actividad mercantil de la carrera de Indias y, en consecuencia, del lucrativo negocio del mundo Atlántico. Sin embargo, el bienestar económico de España, sustentado en la defensa de una extensísima línea de costa, entrañaba ciertos riesgos, sobre todo procedentes de los ataques exteriores. Andrada debió ser consciente de estas circunstancias.

El oficial portugués comenzó cada uno de los epígrafes arriba citados con una descripción física de la barra o costa cartografiada, subrayando así

---

[137] Desconocemos el motivo exacto por el cual Andrada pasa directamente de la letra I a la L, dejando fuera las letras J y K. Sabemos, sin embargo, que durante mucho tiempo hubo dudas acerca del uso de la J en portugués. Hasta el siglo XVIII, para la mayoría de los gramáticos, no era más que la I con función de consonante. La K nunca fue generalmente utilizada en portugués, hasta el reciente *Acordo Ortográfico* (acuerdo ortográfico) de 1990. Véase Maria Filomena GONÇALVES, *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII: para uma História da Ortografia Portuguesa*, Lisboa, Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992. Y también de la misma autora véase *As ideias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911),* Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003. Los autores expresan aquí su agradecimiento a los editores de la revista por haber llamado su atención sobre este punto.

[138] BNE, Ms. 1422, fl. 39a.

[139] Joaquim Alberto IRIA, *Da importância geo-política do Algarve, na defesa marítima de Portugal, nos séculos XV a XVIII,* Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1976.

la desembocadura de los ríos –Miño, Lima, Duero, Tajo, Mondego, Guadiana o Sado, pues todos ellos eran navegables– las islas, las salinas de Aveiro, las isletas con sus edificaciones –monasterios, castillos o fortalezas–, las playas, las ensenadas o partes del mar que entraban en la tierra y los núcleos urbanos, al tiempo que apuntaba la distancia que había entre una barra y la costa contigua. De la barra de Oporto afirma Andrada que es «peligrosísima, así por la continua alteración que hay allí de los mares, como por ser muy estrecha y llena de piedras». En esta descripción del litoral, Andrada hace alusión también a la navegabilidad de los ríos en función del calado de los buques cuando navegaban por sus aguas y de la estación del año. Dadas sus condiciones favorables para la navegación, los ríos portugueses permitían a quienes los navegaban llegar muy al interior.

Una vez expuestas las características geográficas del área representada, Andrada atendió a las profundidades de la barra e incluso de río adentro –marcadas con número sobre los mapas–, las cuales mide en brazas con el fin de determinar qué tipo de embarcaciones podían o no maniobrar en estas aguas[140]. Dada la poca profundidad de algunas costas, como aquellas que se encontraban en torno a la barra de Viana, los navíos no podían entrar cargados a los puertos y se veían obligados a descargar su mercancía a una legua de la costa[141]. En otras zonas, como la barra de Oporto, podían entrar «navíos de mucho porte» o gran tonelaje.

Tras los valores de las profundidades, Andrada explicaba de qué vivían los moradores y qué tipo de comercio predominaba en la comarca, con el fin de conocer así su punto débil y pensar en el modo de hacer «el mayor daño y molestia», según palabras del propio almirante[142]. Debido a que la mayoría de estas regiones costeras se dedicaba a la pesca –Lisboa y su comarca a la sardina y el Algarve al atún, por ejemplo–, pero también a la fábrica de navíos pequeños (la barra de Vila do Conde o la barra de Aveiro), al transporte de madera a otras zonas del litoral (la barra del río Mondego) o a la confección del armazón de las almadrabas (en el Reino del Algarve),

> el mayor daño y molestia que se puede hacer a aquellos moradores es impedirles este trato, en que consiste toda su ganancia. Y viendo que ésta les falta, podrán, de apretados y obligados de la necesidad, reconocer el gran perjuicio que se les sigue de haber faltado a la obediencia de Su Majestad, Dios le guarde, y, arrepentidos, reducirse otra vez a ella, deseando volver a la quietud en que antes vivían[143].

---

[140] La braza era una medida utilizada en la marina y que equivalía a 2 varas o a 1,6718 metros. La vara se utilizaba en algunas partes de España, aunque con valores diferentes que podían oscilar entre 76,8 y 91,2 centímetros.

[141] La legua castellana era una medida utilizada por los navegantes y equivalía a 5,5 kilómetros aproximadamente.

[142] Véase nota siguiente.

[143] BNE, Ms. 1422, fl. 5a. En el texto figura «prejuicio» por «perjuicio», que hemos corregido en la cita.

Por algunas de las barras *pintadas* por Andrada en su atlas entraba y salía el comercio hacia Galicia, Vizcaya, Brasil, Inglaterra, Francia, Holanda o Hamburgo. Por los puertos portugueses entraba en las comarcas del reino hierro, bacalao, sal, cal, madera, cebada y trigo –ya que algunas provincias eran muy estériles y estaban faltas de pan–, productos con los que sustentar a la región y preparar el matalotaje –provisiones de viaje– de las embarcaciones que partían hacia el Nuevo Mundo. Resulta difícil imaginar, afirmaba Andrada, que estos productos pudieran venir por tierra. Asimismo, los barcos extranjeros también se llevaban a su vez productos portugueses «que la tierra tiene de su cosecha», como manzanillas de laurel, pasa de higo y uva, almendras, aceites, loza, arcos de pipas y vinos[144]. Con esta información privilegiada es fácil sospechar «que el mayor aprieto a que pueden llegar los vecinos de estos lugares será cuando se les quite este comercio, obligándoles por semejante camino a que de puro apretados se reduzgan»[145].

Con una buena disposición de las embarcaciones descritas por Andrada para hacer el corso –buques o bajeles (de guerra), pinazas (de Vizcaya, de las de Berbería), fragatas (de Dunquerque), galeras (del Mediterráneo), bergantines, barcolongos y tartanas[146]– pareciera que se podían «enflaquecer los intentos de perseverar en su rebeldía» al reino de Portugal[147]. Con el mismo esfuerzo con el que se impediría el comercio luso, continuaba Andrada, «se pondrá también freno a los enemigos de Su Majestad y a sus aliados en que no se introduzcan en el reino de Portugal ningunos géneros prohibidos como armas, municiones, mantenimientos, fábrica de navíos o cualesquiera otras cosas pertenecientes a la guerra»[148]. Sólo así se pondría fin «a todo género de socorro o comercio que les venga de fuera»[149]. Las fragatas españolas estaban en su derecho de apresar a los navíos enemigos y confiscar sus pertenencias, pues así había actuado el rey de Inglaterra en guerras pasadas, atestigua Andrada. Para tal fin, el mayor servidor del conde-duque de Olivares y del marqués de Velada ofrecía información de primera mano acerca del tipo de material náutico que era necesario. «El medio más fácil y más a propósito que para conseguir este efecto se me representa», desvela Andrada, «es que de Santander, Laredo o Bilbao se traigan allí seis [o] hasta ocho pinazas

144 BNE, Ms. 1422, fl. 16a.

145 BNE, Ms. 1422, fl. 9r.

146 Las embarcaciones del corso español durante el siglo XVII fueron buques de guerra o bajeles armados de corto radio. Las pinazas eran embarcaciones pequeñas, estrechas y ligeras movidas por remos y velas. Las fragatas de guerra eran buques ligeros de fácil manejo con tres palos y con dos baterías o espacios donde se colocaban los cañones, uno en la cubierta y el otro entre los puentes. Las galeras eran embarcaciones impulsadas por velas o por la fuerza de los remos. Los bergantines eran buques de dos mástiles con velas cuadradas o redondas. Los barcolongos eran navíos de vela, largos y estrechos. Las tartanas eran barcos menores de vela latina con un solo mástil en el centro de la embarcación y perpendicular a la quilla.

147 BNE, Ms. 1422, fl. 16r.

148 BNE, Ms. 1422, fl. 9r.

149 BNE, Ms. 1422, fl. 33a.

de las que llaman besugueras, en que bogan veinte remos y llevan sesenta hombres. Y se pueden mandar tripular con alguna infantería[150].» Con estas palabras, Andrada no sólo hacía hincapié en la utilidad de las embarcaciones y en lo práctico que serían para los españoles, sino también del «grande embarazo» que esto ocasionaría a los portugueses[151].

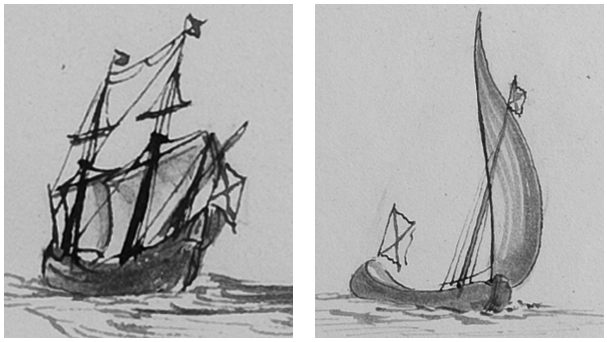


Fig. 4a e **4b** – Detalle de dos embarcaciones extraído de los mapas de Lisboa (fls. 28r-29a) y la costa del Algarve (fls. 41r-42a).

Entretanto, el almirante advertía de las habilidades que debían poseer los responsables de estas embarcaciones, casi siempre personas prácticas, experimentadas, de confianza y, si se trataba de los tripulantes de las fragatas de Dunquerque –que el mismo Andrada representaba–, podían ser incluso «gente extranjera que hablan diversas lenguas –que podrían, por este medio, usar de ardides y echar (cuando convenga) banderas de los confederados de Portugal para que, juzgándolos los pescadores por amigos, no recelen llegar a ellos»[152]. Era igualmente conveniente encontrar mediadores entre los corsistas y los habitantes de la zona representada en el mapa. Refiriéndose Andrada al corso de un monasterio franciscano situado en una isla de la barra de Camiña, explicaba:

> El cabo que las gobernare [las naves] conviene que sea persona práctica y experimentada, y de quien se puede fiar el comunicarse (si le pareciere) con los frailes de la isleta para alcanzar de ellos lo que se pasa en Camiña y la disposición de los ánimos de los moradores, por tener los dichos religiosos en aquella villa otro convento con el que se comunican todos los días. Y quizás se podrá topar con tal sujeto que sea liberal de las noticias de todo lo que le fuere preguntando, y que aún se alargue a tomar sobre sí la diligencia de disponer los ánimos y voluntades de los dichos moradores de aquel lugar para que en ellos vuelva otra vez a introducirse, sin fuerza de armas, la lealtad perdida y obediencia que han negado a Su Majestad, quedando extinta la que hoy tan injustamente reconocen al duque[153].

[150] BNE, Ms. 1422, fl. 5r.
[151] BNE, Ms. 1422, fl. 6a.
[152] BNE, Ms. 1422, fl. 39r.
[153] BNE, Ms. 1422, fl. 6a.

Este testimonio pone de manifiesto la alta formación bélica y corsaria de Andrada. No en balde, como buen estratega, António de Acunha e Andrada estudió meticulosamente cada uno de los detalles del corso, incluso las fechas concretas que debía pasar la armada española en la ribera portuguesa para conseguir su propósito, a saber, datos relacionados con los viajes de ida y vuelta a las Indias.

A pesar de su destreza en asuntos de guerra, nuestro almirante no era partidario de utilizar la violencia –«sin fuerza de armas», apunta–, pero tampoco la piedad, la misericordia o la compasión, sino la firmeza, la severidad, la rigidez y la tenacidad, pues la presión ejercida por los vasallos de un monarca contra los súbditos del enemigo en sus propias aguas no siempre incluía la lucha sangrienta[154]. El axioma principal del corso queda resumido en una frase del servidor portugués: «que no entrara ni saliera cosa alguna. Cuando de el buen tratamiento que se les hiciere no se consiga utilidad alguna», concluía, «persistiendo en su contumacia, se les hará toda la molestia que fuere posible para que consiga el rigor lo que no pudiere la clemencia»[155].

La mayor dureza e inflexibilidad de esta actividad corsaria debía ser practicada en la ensenada de Cascais y la barra de Lisboa (véase el mapa IX), pues era el puerto cardinal de todo el reino y «ha de estar aquí», advertía Andrada, «toda la armada que el Tirano [Juan IV de Portugal] pudiere juntar para hacernos oposición»[156]. En definitiva, cada uno de estos elementos estaba destinado a asfixiar el comercio y la navegación, dos aspectos que, tratándose de Portugal, mantenían un fuerte vínculo de reciprocidad. En consecuencia, Lisboa, el centro neurálgico de la economía lusitana y un núcleo estratégico natural dada la estrechez de la boca del Tajo, se vería fuertemente dañada, pero también gran parte del reino.

No en vano, lejos de aludir a los mapas utilizados por los piratas, nos referimos a mapas corsarios porque todos y cada uno de los factores subrayados por Andrada en el texto quedan incorporados a los mapas de su atlas, a los que él hace alusión con frecuencia –«como se ve de el mapa»–, un atlas planificado de principio a fin para el bloqueo económico de Portugal y la subsecuente rendición de los rebeldes[157]. Además, cuando se analizan los mapas de Andrada en su conjunto, al margen del texto, resulta fácil advertir que se trata o bien de una cartografía diseñada para hacer el corso, o bien de un plan de invasión de Portugal desde la costa. Si, después de todo, los mapas fueron dibujados o encargados por un almirante portugués que trabajaba para la corona española entre 1640 y 1660, el juicio es concluyente. De haber aparecido sueltos, los mapas también podrían haber respondido a un encargo o capricho particular motivado por el conocimiento del litoral

154 *Ibidem*.

155 BNE, Ms. 1422, fl. 5r.

156 BNE, Ms. 1422, fl. 27a.

157 BNE, Ms. 1422, fl. 5a.

peninsular. Desconocemos si a Andrada le fue atribuida finalmente la patente para hacer el corso que parecía solicitar, pero lo que sí sabemos hoy es que las aguas que bañaban al país vecino fueron presa de una ferviente actividad corsaria española tras la rebelión de 1640, una práctica que alcanzó su apogeo 20 años después, exactamente los dos períodos en los que nuestro almirante entregó su manuscrito al conde-duque de Olivares y al marqués de Velada, respectivamente[158].

En el marco del valor estratégico de los mapas de la *Descripción de las costas de Portugal* el más destacado es el mapa de la ensenada de Cascais y la barra de Lisboa. Ahogar económicamente a la capital del reino significaba en la práctica una victoria casi segura. Si, por otro lado, pretendemos evaluar el contenido de los mapas, el juicio resulta un tanto desigual. El primer mapa es un mapa general de todo el litoral que sirve como carta de presentación. Este mapa está realizado a una escala menor que el resto de los mapas. Los 13 mapas están dibujados a pluma por quien, además de no ser un matemático ni un cartógrafo de profesión, es sabedor de que el valor de la representación no descansaba en la exactitud del trazado, sino en su capacidad para mostrar al observador las características principales de la línea de costa portuguesa.

Ninguno de estos mapas está levantado de acuerdo a proyecciones cartográficas, ni siquiera poseen una red de líneas de rumbos. Al contrario que otras cartas náuticas, los mapas de Andrada carecen de rosas de los vientos y de escalas de latitudes. Sólo aportan tres datos destacables: los valores de las profundidades marítimas y fluviales, los troncos de leguas y los símbolos de orientación. Los primeros, aparecen dibujados en todos los mapas y oscilan entre las 2 –el valor mínimo– y las 35 brazas – su valor máximo. En algunos casos, junto a los valores numéricos de la sonda se pueden observar tres tipos de símbolos, unas anclas de barco, unas pequeñas cruces y unas líneas de puntos que quieren advertir de la posibilidad o imposibilidad respectivamente de echar anclas en esas zonas, dada la mayor o menor profundidad de sus aguas o por tratarse de una zona con muchas piedras. Las medidas de las escalas utilizadas y representadas mediante los troncos de leguas –castellanas– están pintados en todos los mapas del atlas y era el sistema con el que se debía hacer la graduación del mapa, esto es, la escala de la representación con el que realizar la conversión de los grados a leguas y poder

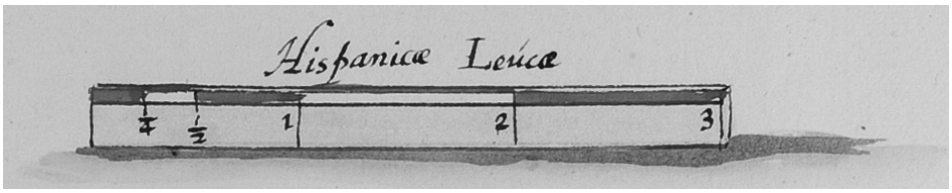


Fig. 5 – Tronco de leguas del mapa de Oporto, fls. 16r-17a.

[158] E. Otero Lana, op. cit., p. 63.

así calcular distancias. Las rosas de los vientos se pueden ver igualmente en la parte inferior de cada uno de los mapas. Se trata de un símbolo igual en todos los casos, unas circunferencias divididas en cuatro partes iguales por dos diámetros perpendiculares que simulan una brújula simple. Ésta indica siempre el norte que, a ojos del espectador, se encuentra hacia la parte izquierda del mapa, salvo en los tres últimos, dedicados al Algarve, donde la flecha del norte señala hacia arriba. Por otra parte, tanto la caligrafía sobre el mapa como la toponimia responden a estilos contemporáneos.

*
* *

Mucho se ha escrito sobre la llamada política de sigilo –y en general sobre la falsificación y tergiversación de información cartográfica– que al parecer también caracterizó el mundo de los mapas en época de Felipe II. En estrecha relación con la ocultación, pero también con la supuesta realización y divulgación de información cartográfica falsa, la política cosmográfica de Felipe II en torno a sus posesiones estuvo dominada por medidas de control que se han considerado de silencio o de secreto, una actividad sistemática y deliberada ejecutada con el fin de aventajar al rival[159]. En la estructura administrativa de la monarquía hispánica, el silencio cosmográfico entendido como secreto de estado formaba parte del conocimiento estratégico, defensivo y económico de la corona. Los mapas eran un tesoro que debía ser silenciado y ocultado frente a la posibilidad de que fuera aprovechado por otras potencias enemigas. El conocimiento cartográfico era susceptible de ser robado, manipulado y comercializado[160]. Los mapas, las cartas náuticas o los tratados de cosmografía eran documentos *arcana imperii*, esto es, materiales clasificados como secretos –del imperio– que sólo podían consultar oficiales autorizados[161]. El Prudente adoptaría la medida del sigilo para dejar manuscritas varias obras españolas sobre cosmografía, como así hizo muchas veces con el controvertido Padrón Real, el mapa modelo de la Casa de la Contratación. Algunos tratadistas escribieron una

[159] Francisco Contente Domingues realizó en los años 90 una crítica a la llamada «política de sigilo» portuguesa –aplicable también al caso español– con estudios que demostraban nuevas interpretaciones a este respecto. Según el profesor Contente Domingues si bien existieron medidas de sigilo en algunas materias, no cabe hablar de política de sigilo, sino de determinadas decisiones que fueron adoptadas en circunstancias particulares. En la mayoría de los casos se produjo todo lo contrario, esto es, la publicación abierta de los resultados de los viajes de descubrimiento. Francisco Contente DOMINGUES, «Colombo e a Política de Sigilo na Historiografia Portuguesa», *Mare Liberum,* 1, 1990, pp. 105-116.

[160] María M. PORTUONDO, *Secret Science: Spanish Cosmography and the New World*, The Johns Hopkins University, 2005, pp. 5 y ss. Tesis doctoral publicada recientemente como M. M. PORTUONDO, *Secret Science: Spanish Cosmography and the New World*, Chicago, University Chicago Press, 2009.

[161] R. L. KAGAN, «Arcana Imperii: mapas, ciencia y poder en la corte de Felipe IV», in F. Pereda y F. Marías (ed.), op. cit., pp. 49-70.

sola obra y en ocasiones tuvieron serias dificultades para poder llevarlas a la imprenta. Con anterioridad a la unión ibérica de coronas y en el contexto de la rivalidad luso-castellana por su supremacía en el mundo, la omisión estratégica, la censura y el secreto geográfico en los mapas debió representar una forma propia de conocimiento basada en tomar ventaja en cuestiones expansionistas[162]. Después de todo, la política del silencio resultaría ineficaz[163].

Las medidas de control puestas en marcha por Felipe II también pudieron afectar en dos sentidos a la producción cartográfica del reinado de Felipe III y Felipe IV, en especial en los contextos de crisis, tensión y rebelión política. Por un lado, los mapas podían no sólo ser escondidos y protegidos por su valor estratégico, sino también la información que contenían. Esta información podía ser silenciada dejando áreas del mapa en blanco. Por otro lado, el sigilo permitía idear ciertas artimañas de apariencia, engaño y confusión, métodos lícitos y legítimos en el arte de la guerra y del buen gobierno, según las lecciones magistrales de Maquiavelo. En un ambiente dominado por los intereses políticos donde estaba en juego la pérdida de Portugal, no resulta descabellado pensar que el gobierno de Felipe IV sembrara el rumor y el lamento acerca de la carencia cartográfica que España tenía sobre la geografía portuguesa. Este plan no haría que Portugal temiera menos a Felipe IV, pero, como bien anunciaba Andrada, sí permitiría sorprender a los rebeldes desde la costa.

Parece obvio que los mapas de Andrada cumplieron una función pragmática en el intento hipotético del almirante por bloquear el comercio y la economía portugueses. Además, esta colección de mapas nos hace pensar en que quisiera decirnos algo más, pues las fechas en que los mapas fueron trazados y revisados no fue fortuita ni sus intenciones un mero gesto de lealtad a Felipe IV. En un contexto dominado por el comercio global, las empresas expansionistas y las relaciones de patronazgo y clientelismo, donde el mundo de la política y el universo de la ciencia estaban conectados mediante los valores del estatus social, la credibilidad y el espacio de legitimación del conocimiento era lógico, incluso recomendable, construir y establecer un imperio con imágenes. Se trata, en otras palabras, de hacer visible un escenario instituido por el mecenazgo en la cultura del absolutismo político[164]. Este fresco era el teatro perfecto para que Andrada ofreciera al rey

---

[162] Antonio Sánchez, «De la "cartografía oficial" a la "cartografía jurídica": la querella de las Molucas reconsiderada, 1479-1529», *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2009. Disponible en http://nuevomundo.revues.org/index56899.html. Véanse pp. 9-10.

[163] Jaime Cortesão fue el primer autor en proponer la tesis de la «política do sigilo». J. Cortesão, *Do sigilo nacional sobre os Descobrimentos*, Lisboa, 1924 (separata de *Lusitania*); y Maria Fernanda Alegria, Suzanne Daveau, João Carlos Garcia y Francesc Relaño, «Portuguese Cartography in the Renaissance», in David Woodward (ed.), *The History of Cartography*, Vol. 3, T. 1, Chicago, University Chicago Press, 2007, pp. 975-1068, 1005 y 1007. Véase, en un sentido diferente, J. B. Harley, «Silences and Secrecy: The Hidden Agenda of Cartography in Early Modern Europe», *Imago Mundi*, 40, 1988, pp. 57-76.

[164] Mario Biagioli, *Galileo cortesano: la práctica de la ciencia en la cultura del absolutismo*, Buenos Aires, Katz, 2008 [1993].

aquello que le pudiera interesar. El almirante portugués debía saber que desde las primeras décadas del reinado de Felipe II los cartógrafos, como los militares, habían logrado un importante ascenso social en la escala cortesana gracias a su reputación, obteniendo así no sólo prestigio científico, sino también social. Los cosmógrafos, aún por mandato real, estuvieron siempre envueltos en la resolución de complejas disputas políticas. Como los mejores y más fieles cartógrafos de la monarquía hispánica, el leal Andrada contribuyó con un plan de corso marítimo doblemente atractivo. Por un lado, los mapas respondían al aparente déficit cartográfico de Madrid. Aunque esto no debió contentar a aquellos que necesitaban disponer de adecuados mapas de Portugal, pues las cartas de Andrada eran tan sólo parciales. Por otro lado, el atlas en su conjunto ofrecía un nuevo medio económico –en la forma y en el contenido– de hostigar al país vecino, una alternativa frente a otros planes de actuación hasta ahora ineficaces y poco rentables, como pudo ser el atlas corográfico de 1641 de Luis Carducho para la navegación del Tajo entre Aranjuez y Lisboa.

A pesar de ser coetáneos en sus trabajos, Carducho y Andrada tenían objetivos bien distintos. Con el pretexto de averiguar si el río Tajo era navegable desde Toledo a Alcántara –pues en realidad, como bien apunta Carducho, desde Alcántara hasta Lisboa se venía navegando hacía mucho tiempo[165]–, el atlas de Carducho respondía al interés militar de enviar municiones para la guerra que se había encendido en Portugal en 1640[166]. Si bien tanto Carducho como Andrada hicieron uso de la representación de fenómenos hidrográficos para llegar a Lisboa –recursos marítimos y fluviales, las barras atlánticas del litoral y el río Tajo; si bien ambos cobraban sentido en un contexto bélico donde los mapas fueron tan sólo un medio para conseguir un fin– de ahí las comprensibles licencias que ambos autores se tomaron a la hora de representar tanto las costas de Portugal como el cauce del Tajo; y si bien detrás de ambos proyectos parecía estar el conde-duque, la finalidad de un proyecto cartográfico y el otro fue muy diferente. Ambas formas de cartografiar su objeto fueron necesariamente simples y esquemáticas, no sólo porque ambos no fueran cartógrafos de profesión, sino porque los mapas no fueron un fin en sí mismo, sino guías visuales que permitían abrir nuevas formas de comunicación en el caso de Carducho y fuentes legítimas de hostigamiento corsario en el caso de Andrada.

En definitiva, esta fue la maniobra política y vital de un estratega llamado António de Acunha e Andrada, un vasallo de la cartografía y de la guerra contra su país natal que besó la mano de Felipe IV. Sin duda, una elección desafortunada.

---

[165] Huelga anotar la voluntad que el conde-duque de Olivares tenía de que la navegación llegara hasta la Casa de Campo de Madrid. Véanse los preliminares del atlas, que estaban dirigidos al rey Felipe IV.

[166] Luis Carducho, *Chorographia del Rio Tajo*, Toledo, Ayuntamiento de Toledo, 2008, pp. 29 y ss. Antonio López Gómez, *La navegación por el Tajo: el reconocimiento de Carduchi en 1641 y otros proyectos*, Madrid, Real Academia de la Historia, 1998, pp. 11 y 49-113.

IDENTIFICACIÓN DEL DOCUMENTO Y NORMAS DE TRANSCRIPCIÓN

El texto e imágenes que siguen corresponden a una transcripción y, en su caso, reproducción, del manuscrito n.º 1422 conservado en la Biblioteca Nacional de España, y cuya cubierta lleva por título *Descripción de las Costas de Portugal*. Contiene 42 folios, de los cuales 17 son de texto y 14 incluyen mapas, aunque éstos son 13. Posee también «3 hojas de guardas» y todo él está encuadernado en pergamino. Después de cada mapa se sucede un folio en blanco – excepto entre los folios 17 y 18[167].

Se trata del ejemplar que su autor, el almirante portugués don António de Acunha e Andrada, entregó a don Antonio Sancho Dávila de Toledo, tercer marqués de Velada –por entonces presidente del Consejo de Flandes– en marzo de 1661. El ejemplar que Andrada puso en manos de Velada no era el único. Como mínimo debió existir otro que fue el que el almirante confesó haber entregado a Olivares 20 años antes, en noviembre de 1641. Sin embargo, hasta la fecha no parecen haberse encontrado más ejemplares en otros archivos o bibliotecas, ni en los catálogos hay constancia de que los haya habido. Dado que una parte considerable de la biblioteca y papeles del conde-duque pasó por herencia a la Casa de Alba, es posible que el ejemplar de 1641 pereciera en alguno de los dos incendios que, en 1795 y 1796, asolaron sus fondos, entonces conservados en el palacio de Buenavista de Madrid.

En cuanto a la transcripción, se ha optado por respetar el texto en su integridad, salvo pequeñas modificaciones. La mayoría de éstas se refieren a la puntuación y, sobre todo, a la acentuación, que ha sido completamente actualizada.

Excelentísimo Señor Marqués de Velada

Otro cuaderno como éste de discursos y mapas de la costa de Portugal puse en manos del señor Conde-Duque en 12 de noviembre de 1641 con la ocasión de la rebelión de aquel reino, pareciéndome que no ayudaría poco para encaminar los medios que cuanto antes se debían aplicar para que no pasase adelante; y aunque [desde] entonces no se ha usado de ellos por hallarse las armas de Su Majestad, y el cuidado de su excelencia, con otros mayores embarazos y guerras que instaban en varias partes de Europa, no he dejado de conseguir el fruto de mi desvelo habiéndome quedado este duplicado para dedicar a vuestra excelencia en tiempo que tan de veras se trata ya de la conquista de Portugal. Suplico a vuestra excelencia se sirva de honrarme con admitir este obsequio de mi obligación, examinando con su grande celo si puede ser de alguna conveniencia para el servicio de Su Majestad y, en caso que mis proposiciones, que sólo se encaminan a este fin, merezcan la aprobación y apoyo de vuestra excelencia y vuestra excelencia me diere licencia para alterar y añadir según el diferente estado en que hoy se hallan las cosas de

[167] Los datos catalográficos en *Inventario general de manuscritos de la Biblioteca Nacional*, Vol. 4, Madrid, Biblioteca Nacional, 1958, p. 291.

aquel reino, con la dilación de tantos años, obedeceré a vuestra excelencia con hacerlo, y también pasaré a discurrir en la forma que se debe observar en la guerra terrestre; y, en tanto, me parece conveniente el suspenderlo por no embarazar intempestivamente el tiempo a vuestra excelencia, de que tanto necesita para sus muchas ocupaciones.

La excelentísima persona de vuestra excelencia guarde Dios como sus servidores y criados deseamos y hemos menester.

Madrid, a 7 de marzo de 1661.

Excelentísimo Señor
B[esa] L[a] M[ano] a vuestra excelencia
su menor criado y mayor servidor,
don Antonio de Cuña y Andrada

Excelentísimo Señor Conde Duque

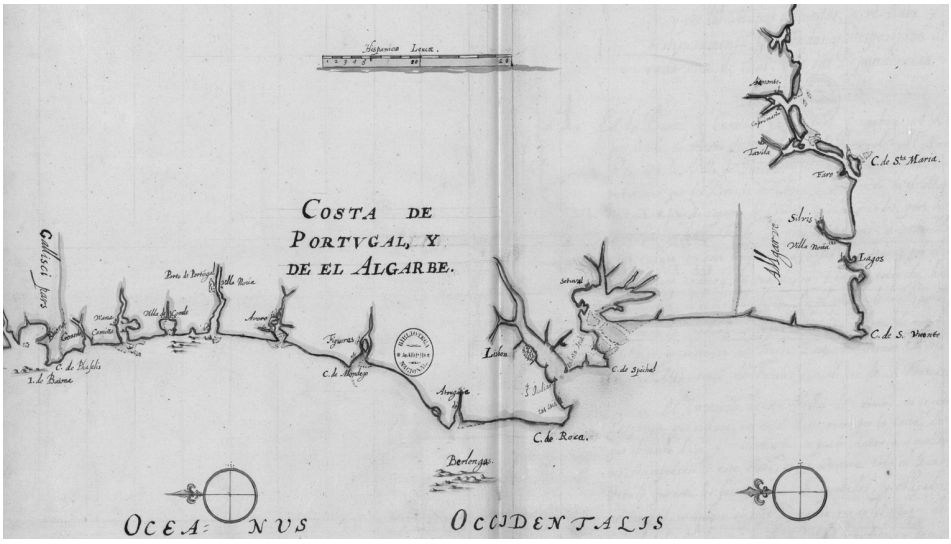
Con la humildad que debo propongo a vuestra excelencia en este cuaderno de mapas la costa de Portugal y la del Algarbe con todas sus barras, desde Bayona, última ría de Galicia, hasta Ayamonte, principio de Andalucía, no ignorando que estará vuestra excelencia ya cansado de ver otros muchos más dignos de sus manos, pero quizá que ninguno haya llegado a ellas con más honrados impulsos ni con motivos más dignos de la generosa atención de vuestra excelencia. El que me ha puesto en este atrevimiento no es otro que de decir a vuestra excelencia, en cada una de dichas barras, lo que se me ofrece en orden a la restauración de Portugal, porque si bien vuestra excelencia, con más acertados discursos, habrá premeditado todos los medios que puede haber para ella, no debo yo, por entenderlo así, satisfacer a los desvelos de mi lealtad ni sosegar las ansias con que procuro ostentar los mayores deseos del servicio de Su Majestad y de vuestra excelencia, a quien humildemente suplico me haga merced de querer honrar estos *Discursos* como honra a su dueño con la atención de un breve rato, para conocer, cuando no para admitirlos, que quien de celoso llega a desvanecerse y a cansar a vuestra excelencia con ellos, también sabrá para ayudar a ejecutarlos, exponerse a las mayores ocasiones y peligros y acreditar con la sangre y vida la grande voluntad que tiene de servir a Su Majestad mejor que decirlo con la pluma.

Guarde Dios a vuestra excelencia muchos años como sus servidores y criados deseamos y hemos menester.

Madrid, a 12 de noviembre de 1641.

B[esa] L[a] M[ano] a vuestra excelencia
su menor criado y mayor servidor,
don Antonio de Cuña y Andrada

MAPA I
(COSTA DE PORTUGAL)



Discursos y advertencias de la costa de Portugal y de todas sus barras y puertos, desde Bayona, última ría de Galicia, hasta Ayamonte, principio de Andalucía; por donde, y por todos los mapas adjuntos, se ve clara y distintamente los fondos y disposición de cada una de ellas y de sus dependencias.

A. Es la barra de Camiña, por la cual desemboca el río Miño, que divide el reino de Galicia del de Portugal. Al norte de este río está la villa de Guarda, y al sur, la de Camiña. En la barra no hay más que dos brazas de agua (como se ve de el mapa) y por esta razón no es capaz de embarcaciones grandes; pero más adentro en el río se halla fondo de tres, seis, nueve y doce brazas y, continuando en esta conformidad, hasta dos leguas por él arriba. Es su mayor anchura de una legua y lo más estrecho, hasta donde es navegable, de cuarto de legua. En el medio de la barra (que casi tiene la anchura de legua) hay una isleta de cuarto de legua de largo y distante de tierra firme, un tercio. En esta isleta hay un monasterio de frailes recoletos de San Francisco.

El comercio de esta villa de Camiña no es otro que la pesquería que se hace, así en el río como por la costa, de manera que el mayor daño y molestia que se puede hacer a aquellos moradores es impedirles este trato, en que consiste toda su ganancia. Y viendo que ésta les falta, podrán, de apretados y obligados de la necesidad, reconocer el gran prejuicio[168] que se les sigue de haber faltado a la obediencia de Su Majestad, Dios le guarde, y, arrepentidos, reducirse otra vez a ella, deseando volver a la quietud en que antes vivían; si bien primero convendrá hacerse, así en este puerto como en los demás, buen pasaje a los pescadores, encargándose mucho a los cabos que no consientan ofenderlos en cosa alguna, que, siendo hallados con pescado, no se les tome más que el diezmo que es de Su Majestad para ver si con esto los podemos disponer y aficionar a la perdida obediencia de Su Majestad. Demás que, no haciéndoseles prejuicio[169], continuarán en su ejercicio de

[168] Por *perjuicio*.
[169] Por *perjuicio*.

la pesquería, con lo cual se podrán alcanzar de ellos con facilidad y a menudo muchas y particulares noticias de aquel reino. Y cuando de el buen tratamiento que se les hiciere no se consiga utilidad alguna, persistiendo en su contumacia, se les hará toda la molestia que fuere posible para que consiga el rigor lo que no pudiere la clemencia.

El medio más fácil y más a propósito que para conseguir este efecto se me representa es que de Santander, Laredo o Bilbao se traigan allí seis [o] hasta ocho pinazas de las que llaman besugueras, en que bogan veinte remos y llevan sesenta hombres, que cada una de ellas, puesta a la vela, costará en Sarraos[170] (donde se fabrican) cuando mucho ciento y sesenta hasta ciento y ochenta ducados de vellón, y se pueden mandar tripular con alguna infantería, que será de mucha conveniencia para el servicio y efecto de ellas.

En la proa de cada una de estas pinazas, para que vayan bien armadas, será preciso ponerse un berzo[171] de bronce o de hierro, que se podrán hacer muy buenos en Liérganes, por ser extremado el hierro de allí[172]. La chusma se hará con facilidad en Bayona (adonde es fuerza que estas pinazas se traigan de Vizcaya), porque como los gallegos pescadores carecen hoy del trato que antes tenían en la costa de Portugal con la sardina, de muy buena gana se acomodarán a ser remeros pagándoles su trabajo, mayormente por viaje tan breve como es de Bayona a Camiña, que no hay más que tres leguas. Y es indubitado que este género de embarcaciones será de muchísima importancia para el dicho efecto y de grande embarazo a los portugueses, así en este puerto de Camiña como en los demás circunvecinos de esta calidad, que adelante se irán apuntando.

El cabo que las gobernare conviene que sea persona práctica y experimentada, y de quien se puede fiar el comunicarse (si le pareciere) con los frailes de la isleta para alcanzar de ellos lo que se pasa en Camiña y la disposición de los ánimos de los moradores, por tener los dichos religiosos en aquella villa otro convento con quien[173] se comunican todos los días. Y quizás se podrá topar con tal sujeto que sea liberal de las noticias de todo lo que le fuere preguntando, y que aún se alargue a tomar sobre sí la diligencia de disponer los ánimos y voluntades de los dichos moradores de aquel lugar para que en ellos vuelva otra vez a introducirse, sin fuerza de armas, la lealtad perdida y obediencia que han negado a Su Majestad, quedando extinta la que hoy tan injustamente reconocen al duque[174].

Podrán también de aquí resultar consecuencias de mayor importancia en la villa de Viana, que como en ella hay dos casas de los mismos religiosos, podrá el prelado de la isleta tratarlo y disponerlo con ellos y obrar mucho por este camino en servicio de Su Majestad, siendo de grande eficacia para obligarle que se le escriba carta en nombre de Su Majestad en que se le prometa[175] honras y mercedes para algún pariente o parienta, de cuyos intereses y provechos suele ser esta gente demasiadamente cuidadosa. Y una vez que se deje obligar de estos respetos no hay duda que mediante su industria se conseguirán efectos de muchísima consideración, por tener estos religiosos mucha mano, autoridad y séquito con la nobleza y mayor parte de los moradores de aquellos lugares. Y por esta vía se alcanzará también qué confidentes tenga allí Su Majestad a su servicio para poder escribirles y decirles cuánto les agradece el cuidado con que desean acudir a sus obligaciones, asegurándoles que lo tendrá siempre presente para hacerles honras y mercedes y guardarles sus privilegios antiguos, y lo que más Su Majestad fuere servido decirles.

---

170 Lugar no identificado. Es posible que se refiera a Zarautz, en el País Vasco español.

171 Palabra sin identificar.

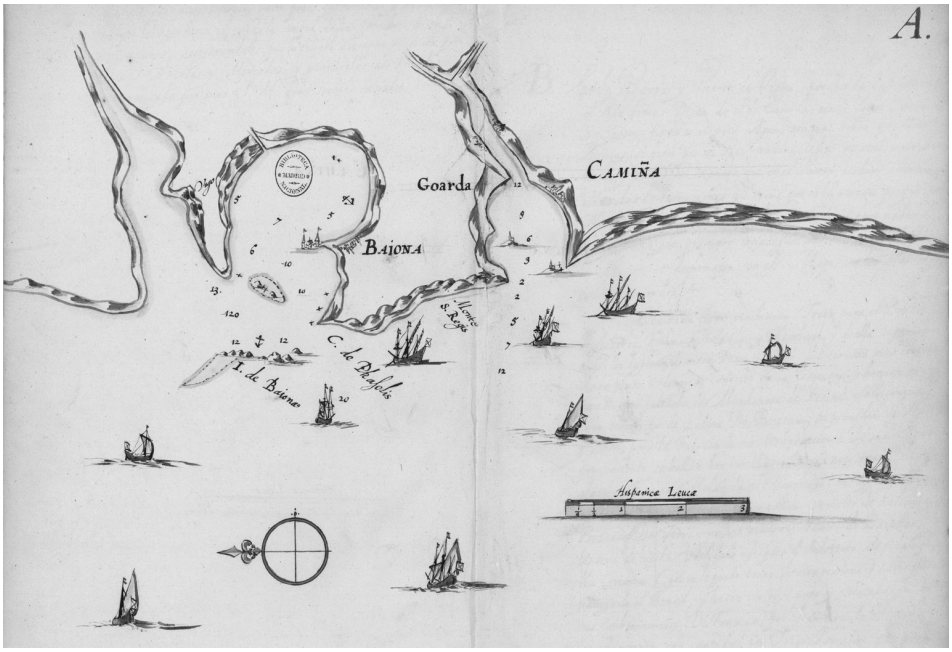
172 Sobre las fundiciones creadas por la corona en este lugar santanderino, véase J. Alcalá-Zamora y Queipo de Llano, *Historia de una empresa siderúrgica española: los altos hornos de Liérganes y La Cavada, 1622-1834*, Santander, Institución Cultural de Cantabria, 1974.

173 Debe decir *con el que*.

174 Se refiere al duque de Braganza, aclamado como rey de Portugal con el nombre de Juan IV el 1 de diciembre de 1640.

175 Debe decir *prometan*.

MAPA II
(BAYONA-CAMIÑA)



B. Es la barra y puerto de Viana por donde desemboca el río Lima. Dista de la de Camiña cinco leguas hacia el susueste[176]. Es de muy poco agua, sin más fondo que de dos brazas (si bien por el río arriba le[177] hay de seis, siete, ocho, nueve y diez), de manera que en el puerto quedan a bajamar las embarcaciones en seco, que es la razón porque los navíos de porte no entran allí cargados. Y para haber de entrar, descargan primero una legua al mar, adonde llaman la Cala, que se demonstra[178] en el mapa con los navíos que están ancorados.

Esta villa tiene muchísimo trato para el Brasil[179], Inglaterra, Francia, Holanda y Hamburgh[180], y de ella se proveen todos los lugares de entre Duero y Miño. El ejercicio más continuo de la gente ordinaria consiste en la pesquería, y hoy con más razón por faltarles la abundancia de pescado seco con que eran socorridos de Galicia. De Vizcaya se proveía de hierro y brea para la fábrica de sus embarcaciones, de suerte que precisamente se hallan hoy con dependencia necesaria de Inglaterra, Francia, Holanda y Hamburgh[181] por esperar de estas partes los géneros sobredichos, que solían venirles de Galicia y Vizcaya.

---

176 Por *sureste*.

177 Por *lo*.

178 Por *demuestra*.

179 En efecto: véase Manuel António Fernandes Moreira, *Os Mercadores de Viana e o Comércio do Açúcar Brasileiro no Século xvii*, Viana do Castelo, Câmara Municipal, 1990.

180 Por *Hamburgo*.

181 Por *Hamburgo*.

De Terranova les vendrán navíos de bacallao[182] y les será de mucha utilidad, así para el sustento de toda aquella comarca (que no le[183] puede tener de otra manera) como para navegarle[184] al Brasil y hacer con él carga y matalotage[185] a sus embarcaciones. De Francia, por estar cerca la Bretaña, los socorrerán con cantidad de trigo, provisión tan precisa y urgente para aquella provincia que, faltándoles estas asistencias de fuera, perecerá de hambre por ser muy estéril y falta de pan.

De aquí se echa de ver que el mayor aprieto a que pueden llegar los vecinos de este lugar será cuando se les quite este comercio, obligándoles por semejante camino a que de puro apretados se reduzgan[186] y busquen perdón en la real clemencia de Su Majestad. Será, pues, conveniente para poder lograrse este intento, que en la dicha Cala de Viana estén dados fondo desde abril hasta octubre tres o cuatro fragatas de Dunquerque guarnecidas de buena infantería y, pudiendo excusarse alguna galera de las del mar Mediterráneo, se podría también juntar con estas fragatas para que mejor se consiga el buen suceso, añadiéndose más cuatro pinazas[187] de Vizcaya, de las que arriba tengo apuntado, en la misma conformidad que las otras. Y a falta de galeras se podría usar de bergantines que, si bien los holandeses no se han servido jamás de este medio para infestar aquellos puertos, era por no tener adonde recogerse ni ampararse de cualquiera tempestad que podría sobrevenir como nosotros tenemos en Galicia y Vizcaya, en cuyas rías y puertos nos podremos meter cuando se ofrezca algún accidente que obligue a ello.

Por esta vía, además de que se les impedirá el comercio (con cuya falta se verán en la mayor necesidad que pueda ser), se pondrá también freno a los enemigos de Su Majestad y a sus aliados en que no se introduzgan[188] en el reino de Portugal ningunos géneros prohibidos como armas, municiones, mantenimientos, fábrica de navíos o cualesquiera otras cosas pertenecientes a la guerra, porque las dichas fragatas podrán apresar los navíos enemigos que intenten entrar en algunos de los puertos de dicho reino y visitar los de los aliados y, hallándolos cualesquiera de las cosas referidas, se las confiscarán, y juntamente los navíos, juzgando lo uno y lo otro de buena presa, como es costumbre. Así lo hacía el rey de Inglaterra en las guerras pasadas que tuvo con estos reinos teniendo bajeles en el río de Hamburgh[189], que visitaban a cuantos salían de allí para nuestros puertos, confiscando los que hallaban con alguno de los dichos géneros prohibidos. Y en la mesma[190] conformidad lo podrá Su Majestad también mandar hacer como queda dicho sin que con esto se haga sombra de agravio a los reyes o príncipes amigos.

También se les impide con esto la entrada de la sal, cal y madera, que de todo carece aquella comarca. La sal le viene de Aveiro en carabelas; la cal para sus edificios y la madera para la fábrica de los navíos, de el Mondego.

---

182 Por *bacalao*; se trata de un claro lusismo (*bacalhão*, en portugués).

183 Por *lo*.

184 Por *navegarlo*.

185 Por *matalotaje*: alimentos que se cargaban para los viajes.

186 Por *reduzcan*.

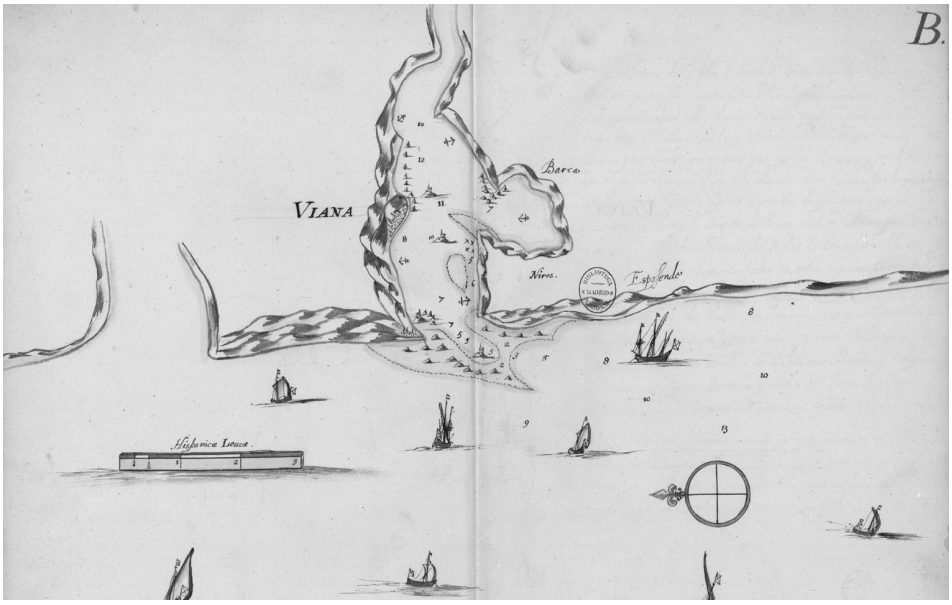
187 Lusismo; la construcción correcta en español sería *cuatro pinazas más*.

188 Por *introduzcan*.

189 Por *Hamburgo*.

190 Por *misma*.

MAPA III
(VIANA)



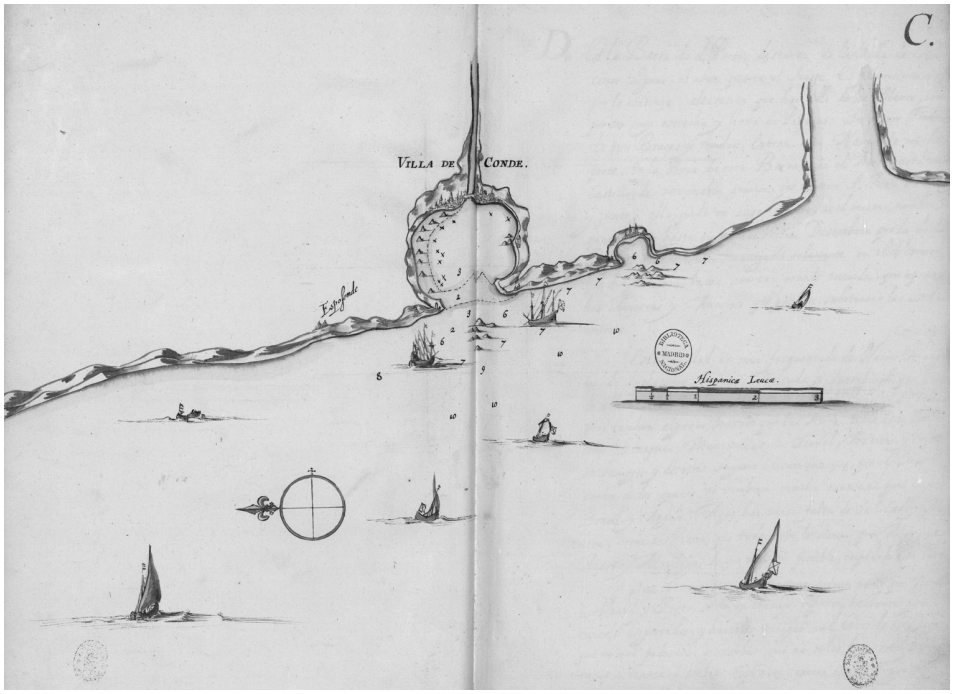
C. Es la barra de Vila do Conde. Dista de la de Viana cinco leguas al sur, cuarta al sueste[191]. Esta villa depende muchísimo de la pesquería. Fabrícanse también allí algunos navíos pequeños para cuya fábrica no tiene otra madera que la que viene de el Mondego. Esta barra es de tan poco fondo que no tiene más que dos brazas y por el río arriba hay tres. En el mismo río está Azurara, cuyos vecinos por la mayor parte son pescadores. Tiene algunas carabelas de poco porte que antes de el[192] rebelión de Portugal servían de llevar sal de Aveiro para Galicia y de ir a cargar a las Asturias de duelas[193] de pipas para Viana y el Porto[194], de que hay muchísima falta en estos lugares. Entre Vila do Conde y el Porto[195] hay un río que sale al mar una legua cerca del Porto[196], adonde hay dos pueblos que llaman Lesa[197] y Matosiños, cuyos moradores, la mayor parte o casi toda, es gente marítima. Este río no es navegable y al mar, de[198] él, hay unos bajíos que llaman las piedras de Leixões, entre los cuales y la tierra hay fondo de seis a siete brazas, distante de tierra un cuarto de legua.

En esta barra bastará que esté solamente una fragata con dos o tres pinazas de las de Berbería, que como de aquí a Viana hay tan poca distancia, pueden darse fácilmente las manos (cuando sea necesario) con las que estuvieren en la Cala de Viana.

---

191 Por *sureste*.
192 Debe decir *la*.
193 Cada una de las tablas con las que se construye una pipa.
194 Por *Oporto*.
195 Por *Oporto*.
196 Por *Oporto*.
197 La actual Lesa da Palmeira.
198 Debe decir *desde*.

MAPA IV
(VILA DO CONDE)



D. Es la barra de el Porto[199] distante de la Vila do Conde cinco leguas al sur, cuarta al sueste[200]. Es peligrosísima, así por la continua alteración que hay allí de los mares, como por ser muy estrecha y llena de piedras[201]. Su menor fondo es de tres brazas y media. Entran aquí navíos de mucho porte. En la boca de esta barra, hacia el norte, está un castillo de razonable grandor que llaman São João da Foz, y junto a ella queda un lugar abierto del mesmo[202] nombre de cuatrocientos hasta quinientos vecinos. Desemboca por la dicha barra el río Duero, navegable solamente en el verano, que de invierno baja con tan grande avenida que apenas hay amarras y áncoras que puedan sustentar las embarcaciones.

Esta ciudad es muy frecuentada de navíos extranjeros de Inglaterra, Francia, Holanda y Hamburgh[203], que llevan allí no solamente las mercaderías del Brasil y Santo Tomé, pero también algunos géneros que la tierra tiene de su cosecha, como zumaque,

---

199 Por *Oporto*.

200 Por *sureste*.

201 En efecto: tan arriesgada era la navegación por la ría de Oporto que en 1584 se creó «el primer cuerpo oficial de pilotos de la barra» con el fin de reducir los accidentes; también se mejoró el sistema de balizas a lo largo del Duero. Amândio Barros, *História* do Porto, vol. 6 («O tempo dos Filipes: a cidade e a construção do mundo global»), Matosinhos, Quidnovi, 2010, pp. 51-53.

202 Por *mismo*.

203 Por *Hamburgo*.

manzanillas de laurel, aceites y vinos de Lamego, y de otros lugares circunvecinos, por el Duero arriba, de los cuales va también mucha cantidad para Lisboa, Brasil y Angola. Aquí hay tanta falta de sal, cal y madera como en Viana, que todo esto le viene por mar de Aveiro y Mondego, lo que no será posible impedido este puerto.

Que pensar que estos géneros podrán venir por tierra a Viana y Porto[204] será un trabajo infinito, bastante para tenerlos disgustados y hacerlos renegar mil veces del duque, que no será poderoso a estorbar que no se les haga este daño, ni se atreverá a enviar escuadra contra estas fragatas, así por tener pocos navíos y haberlos menester para la barra de Lisboa, como porque no querrá arriesgarlos a naufragar en las costas de Galicia, Vizcaya y Francia con cualquiera tempestad que, aunque sea en verano, se deben siempre temer y prevenir las variedades y mudanzas de los tiempos; visto que no pueden valerse de los puertos de Galicia y Vizcaya como nosotros lo podremos hacer con puntualidad, por no haber de Viana a Bayona más que ocho leguas y, de el Porto[205], dieciocho.

La navegación y comercio de que tiene precisa dependencia esta ciudad de el Porto[206] se le podrá impedir con cinco o seis fragatas de Dunquerque, con dos galeras o bergantines bien armados y algunas pinazas para correr la orilla de la costa inquietando los pescadores. Y además del prejuicio[207] que en este puerto harán estas fragatas, como en los demás, es particular y de muchísima consideración el que de esto se sigue a todo el reino de Portugal para enflaquecer los intentos de perseverar en su rebeldía porque, impedida esta barra, no le podrá entrar la madera que le viene del Mondego para la fábrica de los galeones que allí se hacen, y son los mejores de España, ni los que estuvieren hechos podrán salir para Lisboa, donde suelen armar y poner a la vela, porque de allí no salen sino en bando, y aun así es menester aguardar las mayores aguas, que son en mayo y agosto, y es el tiempo que han de asistir allí las dichas fragatas, con que aquel reino quedará imposibilitado para poder hacer armadas.

---

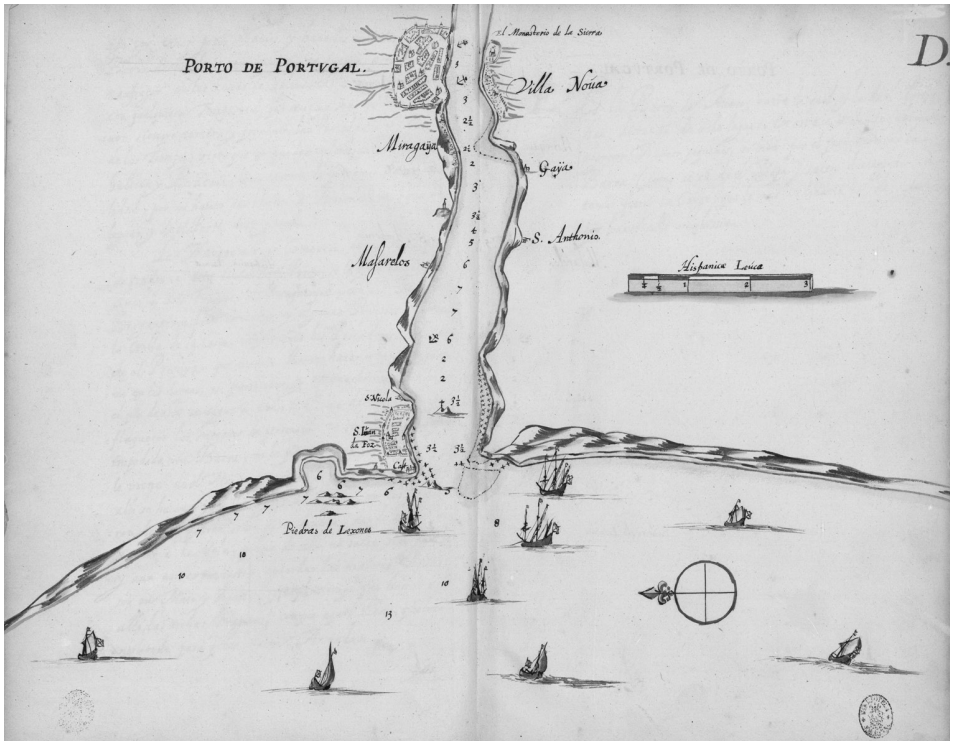
[204] Por *Oporto*.

[205] Por *Oporto*.

[206] Por *Oporto*.

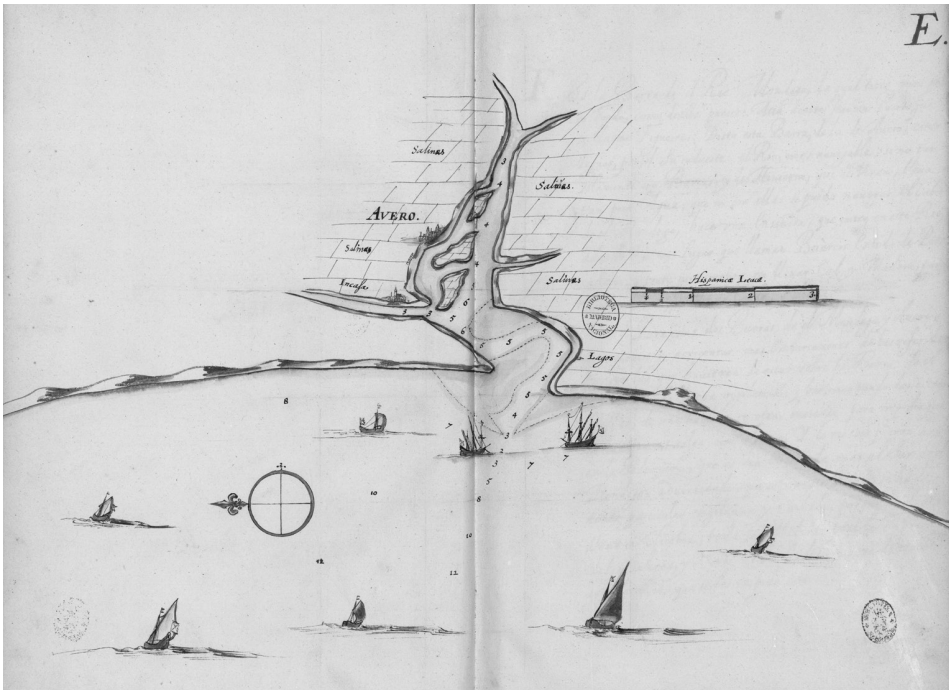
[207] Debe decir *perjuicio*.

MAPA V
(OPORTO)



E. Es la barra de Aveiro, entre la cual y la hay distancia de ocho leguas. En esta villa algunos navíos pequeños, si bien por el poco barra (como se ve de el mapa) salen de tomar fuera la carga, que la más ordinaria es por haber allí muchísima.

MAPA VI
(AVEIRO)



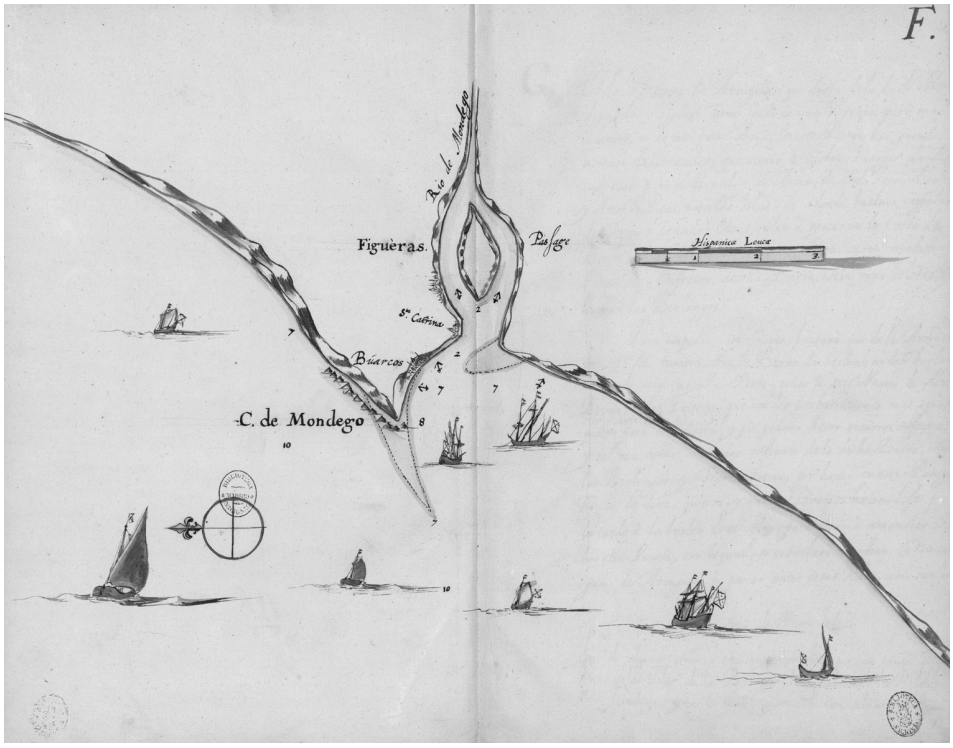
F. Es la barra de el río Mondego, la cual tiene muy poco fondo, como de ella parece. Hacia dentro hay un puerto que se llama Figueiras. Dista esta barra de la de Aveiro cinco leguas por el susudueste[208]. El río no es navegable, sino tan solamente con barcas y de invierno, que de verano lleva tan pocas aguas que ni con ellas se puede navegar. El cabo de el Mondego hace una ensenada que entra en este río, adonde hay un lugar que llaman Buarcos; es todo de pescadores y trata juntamente en llevar cal y madera para Aveiro, Porto[209], Vila do Conde y Viana.

Para estas dos barras de el Mondego y Aveiro no es menester acrecentar más embarcaciones de las referidas, porque las que hubieren de estar sobre la barra de el Porto[210], teniendo buena vigilancia y barloventando dos o tres de ellas de una vuelta en otra, bastarán para impedir que no les entre ni salga cosa alguna. Y lo mismo podrán hacer en la Pedernera, que es una ensenada más al sur de el Mondego, advirtiendo que sobre este puerto se ha de tener particular vigilancia y cuidado, porque de él se lleva a Lisboa toda la madera para la fábrica de las galeras y naos de la India, y será de muchísima consideración que se les impida esto.

---

208 Por *sureste*.
209 Por *Oporto*.
210 Por *Oporto*.

MAPA VII
(FIGUEIRA)



G. Es la barra de Atouguia, que dista de la de el Mondego diez leguas. Tiene fondo de cinco brazas, pero más adentro es de muy poco agua. En este puerto hay grande número de carabelas que vienen a Lisboa a cargar de mercaderías para el Brasil y a Aveiro de sal, loza, aceites y arcos de pipas para las islas, de adonde[211] vuelven cargadas de trigo y cebada. Otras salen a pescar en la costa de Berbería y castillo de Arguim[212], de que sacan muchísimos provechos. En frente de esta barra están unas isletas que llaman Berlengas[213].

Para impedir este puerto bastará que de la armada que Su Majestad tiene sobre la barra de Lisboa anden barloventando hacia aquella parte cinco o seis navíos de alto bordo y dos galeras, que son las embarcaciones más a propósito para esta costa y que podrán hacer mayores efectos, y tal vez estar ancorados en frente de la dicha barra entre las Berlengas y tierra firme por haber en este paraje fondo de diez, quince y veinte brazas, haciéndose por la tarde a la vuelta de el mar para venir a amanecer sobre este puerto, con lo cual se estorbará también que no salgan de Atouguia a pescar entre estas islas, como suelen.

---

[211] Debe decir *donde*.

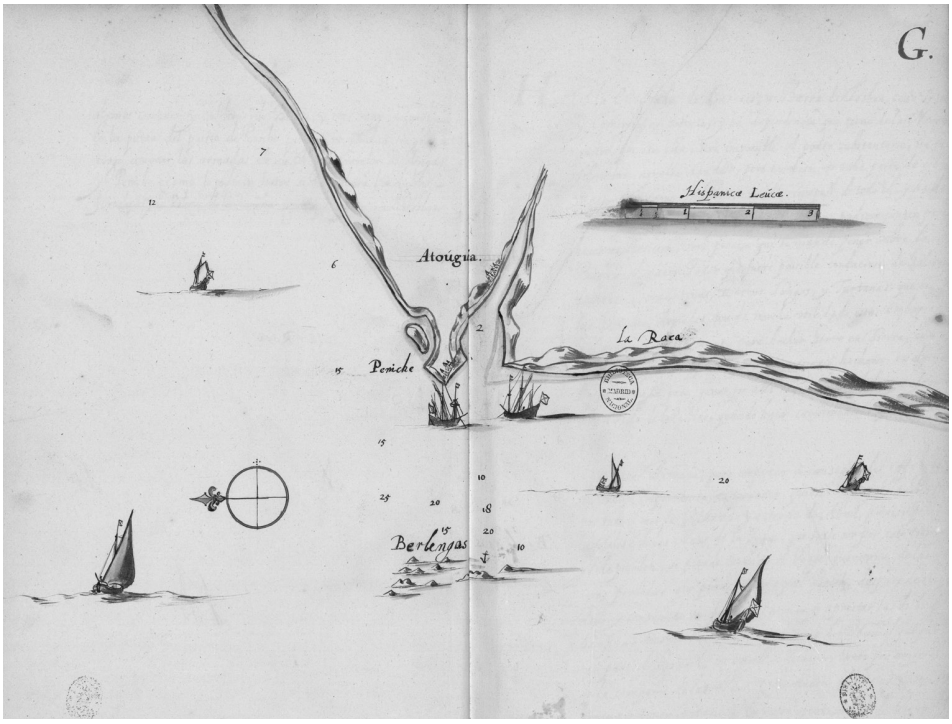
[212] Se trata de la isla de Arguim, situada en la costa oeste de Mauritania. Portuguesa desde mediados del siglo XV, cayó en manos de los holandeses en 1633.

[213] El archipiélago de las Berlengas está formado por tres grupos de islotes situados a unos diez kilómetros de la costa de Portugal, frente a Peniche.

Añádese en 7 de marzo de 1661

Que de algunos años a esta parte se dice por cosa cierta que en una de las islas de las Berlengas han fabricado los rebeldes una fortaleza, y que la tienen guarnecida con ochenta soldados, algunos cañones y culebrinas de bronce, y otra muy razonable en la punta del puerto de Peniche para que no puedan, sin grande riesgo, ancorar las armadas de Su Majestad entre las Berlengas y Peniche (como lo podrían hacer si no hubiera las dichas fortalezas), ni valerse de la mucho agua que hay en aquellas islas[214].

MAPA VIII
(ATOUGUIA-PENICHE-BERLENGAS)



H. Es la ensenada de Cascais y barra de Lisboa, cuyo trato y comercio es notorio y la dependencia que tiene de la navegación, que sin ella será imposible el poder sustentarse, no tan solamente aquella ciudad, pero también mucha parte de el reino. Y como este

[214] En 1666 las islas fueron ocupadas por la armada de Felipe IV al mando del duque de Aveiro.

puerto es el principal de todo él, y ha de estar aquí toda la armada que el Tirano[215] pudiere juntar para hacernos oposición, será preciso que se mande poner sobre la barra el mayor poder que fuere posible conducirse de galeones, galeras, bergantines, barcolongos[216] y tartanas, que en las grandes armadas son de mucha utilidad estas embarcaciones pequeñas, mayormente para echar gente en tierra, como tal vez se puede ofrecer que sea necesario echarse en alguna playa cómoda para ganar por allí algún lugar de los que están a la orilla de la mar cuando haya conveniencias que obliguen a ello.

Esta armada, para empezar a conseguir los efectos de mayor importancia, es menester que esté en aquella barra por todo el mes de marzo y entrada de abril para impedir la salida de las naos de la India, que suele ser por este tiempo, y si le[217] pierden, se pierde también el viaje, que es una de las mayores pérdidas que puede tener aquel reino después de empeñado y consumido en fabricar, armar y aprestar las dichas naos. Lo mesmo[218] sucederá también a los navíos que parten para el Brasil en aquella ocasión, tanto por ampararse de la compañía de las naos (que hacen el mesmo[219] camino) como por tener entonces la mejor oportunidad de vientos para aquellas partes.

En la mesma[220] conformidad se impedirá la entrada a las que vienen de la India y se aguardan en Portugal por todo el mes de mayo hasta septiembre. Y esta acción es de tanta importancia al servicio de Su Majestad y de tan grande prejuicio[221] para aquel reino, que no sólo se deben aguardar las dichas naos en la costa, sino que conviene despachar para este efecto a las islas una escuadra de siete u ocho bajeles de fuerza en que entre una o dos fragatas de Dunquerque, por ser ligeras y capaces para poder embarazarlas y detenerlas cuando se tope con ellas, para que no se amparen de algún puerto de aquellas islas. Y ganadas estas naos quedarán los rebeldes desanimados, pues el mayor caudal con que pensarán hacernos oposición no hay duda que es el que esperan de la India y sus dependencias.

---

[215] Se trata de Juan IV de Portugal. Entre los partidarios de Felipe IV, fue lugar común referirse al rey de Portugal como el *Tirano*, término de notable carga política con el que los enemigos del nuevo régimen luso hacían referencia a su naturaleza supuestamente usurpadora o *tiránica*.

[216] Navío de vela, largo y estrecho.

[217] Debe decir *lo*.

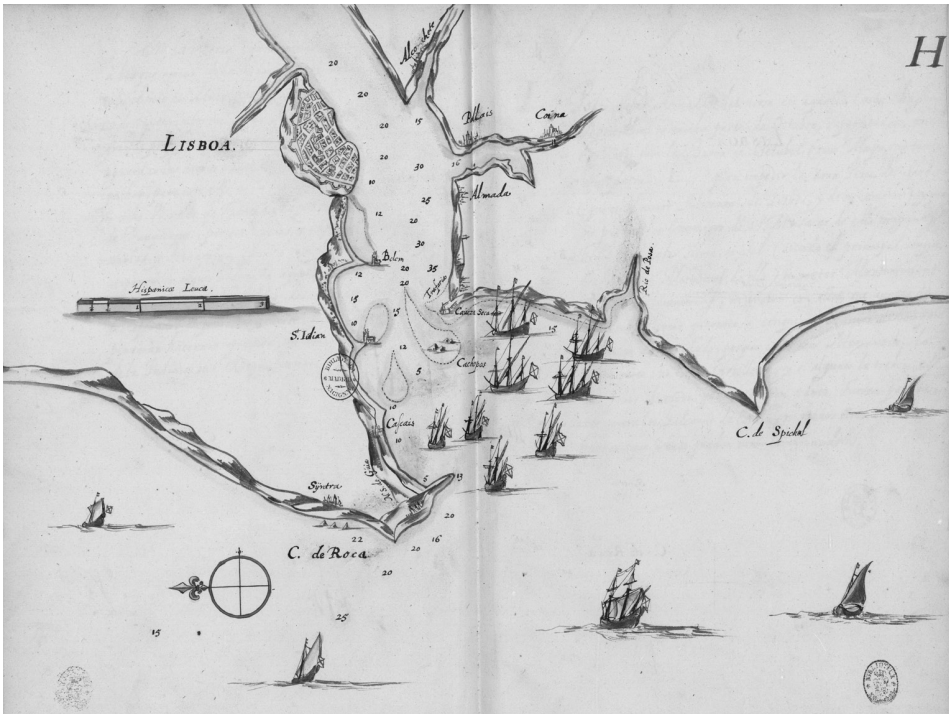
[218] Debe decir *mismo*.

[219] Debe decir *mismo*.

[220] Debe decir *misma*.

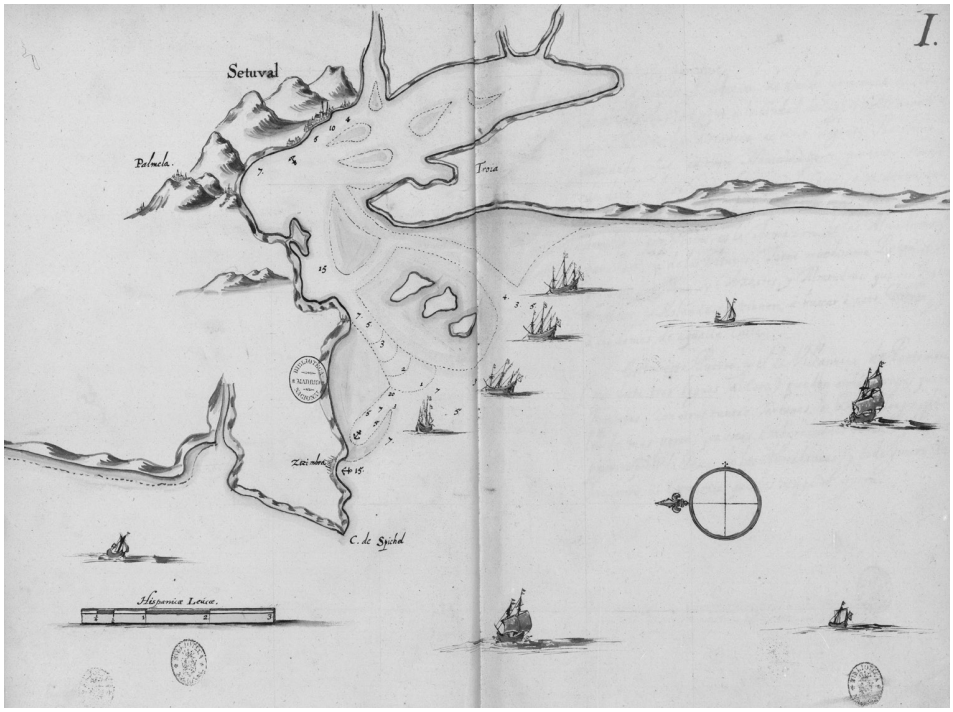
[221] Debe decir *perjuicio*.

MAPA IX
(LISBOA)



I. Podrá esta armada detenerse en aquella costa hasta septiembre y mucha parte de octubre, repartiéndose una escuadra para la barra de Setubal (cuyo mapa va también aquí, letra I) para impedir la gran pesca de sardinas (que es el mayor sustento de Lisboa y de su comarca) y que no pueden los enemigos de Su Majestad sacar de allí ningunos frutos, ni de la tierra, ni sal (siendo el principal con que trafican los moradores de ella), ni meter mantenimientos, armas y municiones, ni tratar con ellos que, aunque tal vez suelen venir cuarenta o cincuenta navíos de compañía, no pueden dar cuidado porque, como son mercantiles, la mayor parte no tiene artillería, y si algunos la traen, es muy poca, de modo que no tendrán tanta fuerza para resistir contra los galeones de España, ni menos otros bajeles de guerra que acaso pueden venir convoyándolos.

MAPA X
(SETÚBAL)



L. Es el cabo de San Vicente, de donde comienza el Reino de el Algarbe[222]. De aquí a la ciudad de Lagos, metrópoli de aquel reino, hay distancia de cinco leguas. Hace una ensenada en que ancoran navíos de porte por tener fondo de diez y doce brazas. Junto a la costa hacia dentro hay un río que con mar baja queda seco. El trato más considerable de este reino es la armazón de las almadrabas para la pesca de los atunes. Tiene muchísima pasa de higo y de uva, vinos y aceites y almendras, que los ingleses, franceses y holandeses vienen a buscar a este puerto y a los demás de aquella costa[223].

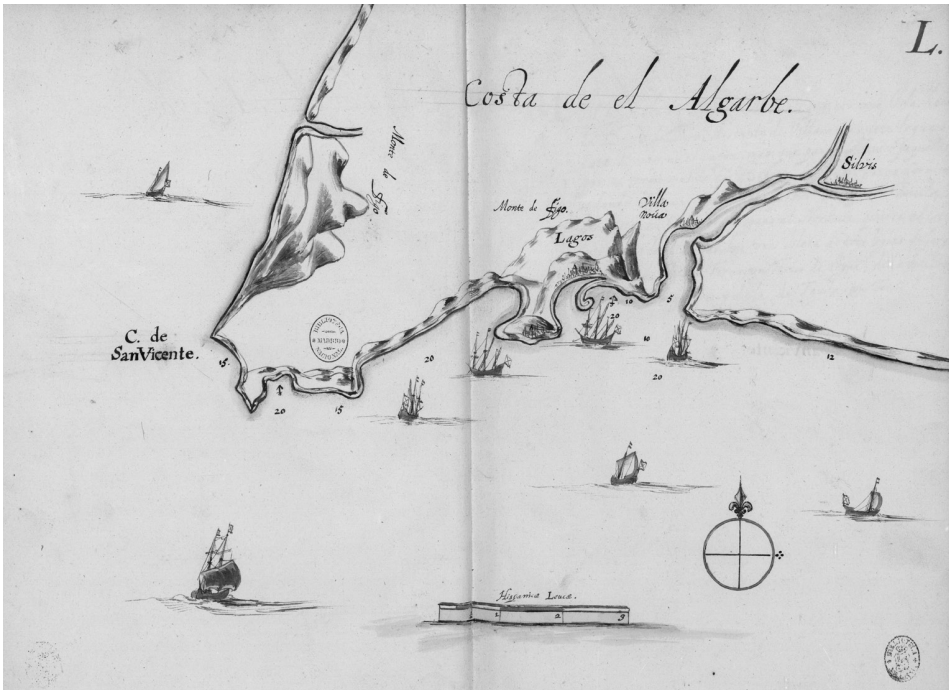
Entre este puerto y el de Vilanova de Portimão (que dista tres leguas al este) pueden andar tres o cuatro fragatas con otras tantas tartanas o barcolongos de los de más porte, que estas embarcaciones serán bastantes para impedir la pesca de las almadrabas y todo género de socorro o comercio que les venga de fuera.

---

[222] El término Algarbe deriva del árabe *al-garbl* (*el oeste*), en alusión a la parte más occidental de la antigua al-Ándalus.

[223] Sobre estos y otros aspectos, resulta imprescindible J. R. MAGALHÃES, *O Algarve económico, 1600-1773*, Lisboa, Estampa, 1988.

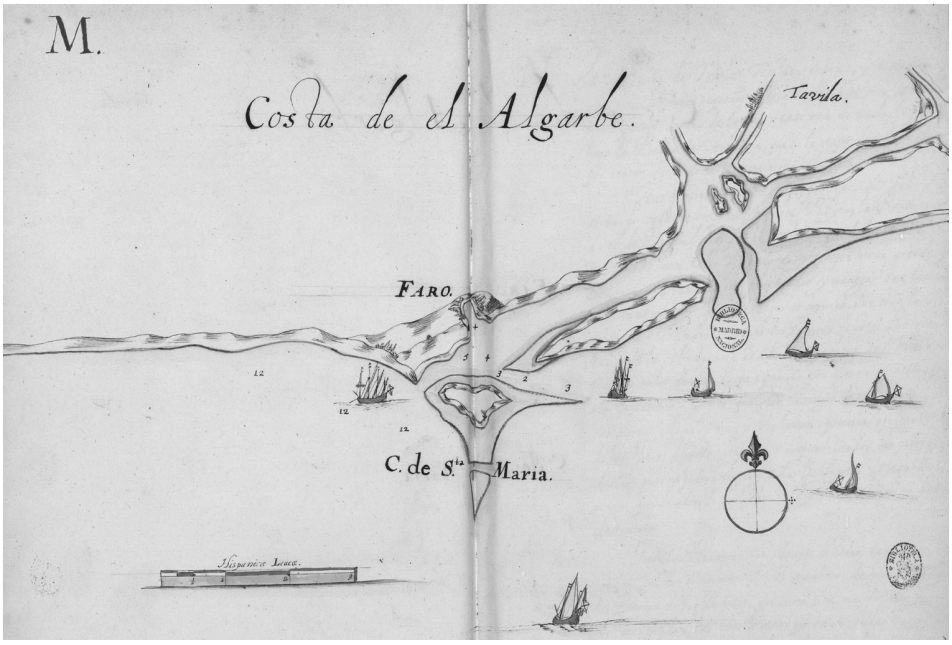
MAPA XI
(LAGOS)



M. Es el cabo de Santa María que, con una isla, hace la barra de Faro, distante de Vilanova [de Portimão] siete leguas. Esta barra no es capaz más que para navíos pequeños por no tener más de dos brazas de fondo y más adentro, adonde ancoran, tres, hasta cuatro. De aquí a Tavira hay distancia de cuatro leguas al nordeste[224], cuarta al este. Entre estas dos barras hay una isleta de tres leguas de largo distante de tierra firme un tercio de legua; de la de la barra de Faro, un cuarto; y de la de Tavira, un tercio.

224 Debe decir *noreste*.

MAPA XII
(FARO)



N. Es la barra de Tavira. También es baja y no sirve más que para navíos pequeños. Cerca de ella está otra isla que tiene cuatro leguas de largo y casi una de ancho, la cual hace la barra de Ayamonte, que es la mejor de todo el Algarbe por tener fondo de tres, hasta cinco brazas.

Hay particulares razones para que Su Majestad se sirva de mandar empezar por este Reino la Restauración de el de Portugal, así por la facilidad que habrá de reducirlo por la pobreza de los moradores y dependencia grande que tienen con Andalucía para vender y navegar sus cosechas, como también por la utilidad que se seguirá de esto a la navegación de las Indias, estando los puertos de estos reinos debajo de la obediencia de Su Majestad para que sus flotas se puedan valer de esta costa cuando por alguna ocasión les sea necesario. Con lo cual los enemigos de esta corona, que con tanta ansia, deseo y vigilancia procurar apoderarse de dichas flotas, se verán atajados e imposibilitados de poder aguardarlas, pues no podrán impedir todos los puertos de aquella costa menos que dividiendo su poder y fuerzas, que sería su total destrucción.

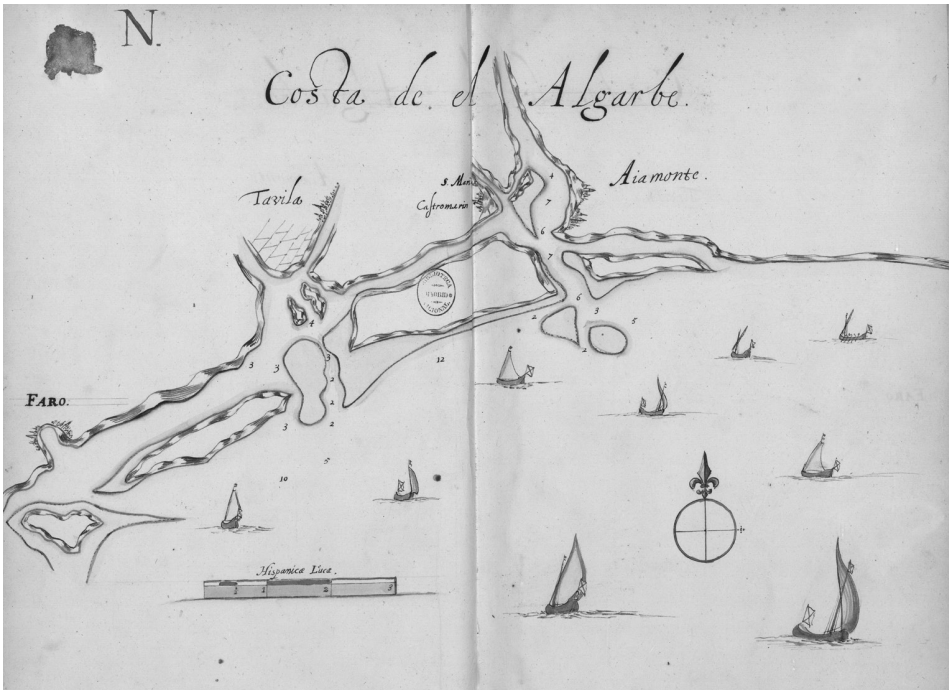
Para la recuperación de este reino me parece convendría mucho se sirviese Su Majestad también de mandar impedir las barras de sus puertos, que sería cosa muy factible y conseguible ocupándose las tres isletas que están en las barras de Faro, Tavira y Ayamonte y haciéndose en cada una de ellas una fortaleza que señoree dichas barras a fin que no pueda entrar por ellas cosa alguna. Y por aquí se podrá ir entrando en el reino de el Algarbe y poner sitio a Castro Marim, porque hay grande dificultad de podérseles enviar a su tiempo socorros de Lisboa, pues está de allí sesenta leguas, quedando por otra parte muy próximos de nosotros, por las costas de Cádiz y Sanlúcar, de donde podrán ser socorridos a menudo en barcolongos y otras embarcaciones ligeras, como así mismo las fortalezas y gente que ocupare dichas isletas.

La razón que tengo y la que me motiva a hacer en este papel particular mención de las fragatas de Dunquerque para las facciones que represento se podrán hacer en la costa de Portugal, es porque, además de ser este género de embarcaciones más a propósito que otras para correr las costas andando de una parte a otra y para doblar cualquier cabo por ser ligeras, les ayuda mucho a ello el ser la gente de ellas extranjera y haber entre ellos muchos que hablan diversas lenguas y que podrían, por este medio, usar de ardides y echar (cuando convenga) banderas de los confederados de Portugal para que, juzgándolos los pescadores por amigos, no recelen llegar a ellos, con lo cual se podrán también alcanzar las noticias que se quisieren de aquel reino y principiar la disposición que se ha de procurar introducir en los ánimos de él con el buen tratamiento que se les hará primeramente, en la conformidad que arriba queda apuntado.

Y para que Su Majestad tenga en las costas de España cantidad de fragatas que espontáneamente envíen sus dueños a ellas, sería yo de parecer que Su Majestad hiciese merced de darlos[225] corso libre en las dichas costas de España por los años que fuere servido, porque con esto se animarán los mercaderes y armadores de Flandes (aunque fuese empeñándose) a fabricar muchas fragatas por los intereses que han de sacar de el dicho corso libre, siendo cierto que por esta vía, y según esto, entrando en el puerto de Ostende muchas embarcaciones, hallándose hoy gastado, como no teniendo mucho fondo que le hace incapaz de entrar en él bajeles de gran porte, se pondrá en estado de recibirlos de todos géneros de grandor y se fabricarán en él gran número. Y además de las considerables operaciones que harán estas fragatas en las costas de Portugal (como queda dicho), infundirán nuevo temor en los enemigos de Su Majestad y harán que no se atrevan a otra cosa más que a cuidar de sus navíos de guerra para escoltar los de su comercio, y que no traten de embarazarse en procurar socorrer al Tirano, con esperanzas más ciertas de perdición que de provecho. Y con esto confío en Dios que, mediante su divino favor, tendrán las católicas armas de Su Majestad muy presto en aquel reino los felices sucesos que todos los fieles vasallos de Su Majestad deseamos.

[225] Debe decir *darles*.

MAPA XIII
(TAVIRA-AYAMONTE)



Fuentes impresas

ARCHIVO DE LOS DUQUES DE ALBA [ADA], Madrid

Cajas, n.º 13, Docs. 102, 117, 121, 125, 145.

ARCHIVO GENERAL DE INDIAS [AGI], Sevilla

Indiferente General, legajo 438.

ARCHIVO GENERAL DE SIMANCAS [AGS]

Estado, legajos n.º 2083, 2666, 2668, 2823.
Guerra Antigua, legajos n.º 1373, 1374, 1417.

ARCHIVO HISTÓRICO NACIONAL [AHN], Madrid

Universidades, Complutense, Colección Miscelánea, Libro 1190, fl. 155.

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO [AHU], Lisboa

Conselho Ultramarino, Brasil-Pernambuco, Cj. 3, Doc. 197, Cj. 4, Doc. 304.
Conselho Ultramarino, Serviço de Partes, Cj. 1, Doc. 98, Cj. 2, Doc. 304.

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO [ANTT], Lisboa

Chancelaria de Filipe III, Doações, Libro 28.

BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA [BNE]

Manuscritos, n.º 1422.
Porcones, n.º 1-25.

OSTERREICHISCHES STAATSARCHIV [OS], Viena

Spanien, Diplomatische Korrespondenz, Varia, karton 12, 24.

REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA [RAH], Madrid

Salazar y Castro, n.º 53.

Bibliografía

AKERMAN, James R., *On the Shoulders of a Titan: Viewing the World of the Past in Atlas Structure*, Philadelphia, University of Pennsylvania, 1991 (tesis doctoral inédita).

ALCALÁ-ZAMORA Y QUEIPO DE LLANO, José, *Historia de una empresa siderúrgica española: los altos hornos de Liérganes y La Cavada, 1622-1834*, Santander, Institución Cultural de Cantabria, 1974.

ALCALÁ-ZAMORA Y QUEIPO DE LLANO, José, «Documentos curiosos sobre cuestiones de jurisdicción de dos altos funcionarios españoles en el Flandes del archiduque Leopoldo», *Cuadernos de Investigación Histórica*, 1, 1977, pp. 177-182.

ALEGRIA, Maria Fernanda, «O povoamento a sul do Tejo nos séculos XVI e XVII (Análise comparativa entre dois mapas e outras fontes históricas)», *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, II, 1986, pp. 179-208.

ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos y RELAÑO, Francesc, «Portuguese Cartography in the Renaissance», in David Woodward (ed.), *The History of Cartography*, Vol. 3, T. 1, Chicago, University Chicago Press, 2007, pp. 975-1068.

ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos, y RELAÑO, Francesc, *História da Cartografia Portuguesa*, Porto, Fio da Palavra, 2012.

ALEGRIA, Maria Fernanda y GARCIA, João Carlos, «Imagens de Portugal na Cartografia dos Séculos XVI e XVII: leituras de uma exposição», in Maria Teresa Resende (coord.), *Cartografia Impressa dos Séculos XVI e XVII: Imagens de Portugal e Ilhas Atlânticas. Exposição*, Porto, CNCDP, 1994, pp. 9-25.

ALPERS, Svetlana, *El arte de describir: el arte holandés en el siglo XVII*, Madrid, Hermann Blume, 1987.

ALVES, Francisco Manuel, *Catálogo dos manuscritos de Simancas respeitantes à história portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

ARRIETA ALBERDI, Jon, «La Junta para las Materias Políticas e Inteligencias de Cataluña (1640-1642)», in *Actes del Primer Congrés d'Història Moderna de Catalunya*, 2 vols., 2, Barcelona, Universidad de Barcelona, 1984, pp. 141-148.

ARROYO BERRONES, Enrique, «El plan diseñado por la Junta de Guerra de Ayamonte para invadir el Algarve (año 1641)», in Enrique Arroyo Berrones, Juan Luis Carriazo Rubio y Víctor Núñez García (ed.), *IX Jornadas de Historia de Ayamonte*, Ayamonte, Ayuntamiento de Ayamonte, 2005, pp. 187-205.

ARTAZA MORENO, Manuel María, «Representación política y guerra naval en Galicia», *Anuario de Historia del Derecho Español*, LXVI, 1996, pp. 445-483.

AZCÁRRAGA, José Luis de, *El corso marítimo: (concepto, justificación e historia)*, Madrid, Diana, 1950.

BARLAEI, Casparis, *Rerum per octennium in Brasilia et alibi nuper gestarum sub praefectura illustrissimi Comitis I. Mauriti Nassoviae*, Amsterdam, 1647.

BARRIOS, Feliciano, *El Consejo de Estado de la monarquía española, 1521-1812*, Madrid, Consejo de Estado, 1984.

BARROS, Amândio, *História do Porto*, vol. 6 («O tempo dos Filipes: a cidade e a construção do mundo global»), Matosinhos, Quidnovi, 2010.

BIAGIOLI, Mario, *Galileo cortesano. La práctica de la ciencia en la cultura del absolutismo*, Buenos Aires, Katz, 2008 [1993].

BLÁZQUEZ, A., «Descripción de las costas y puertos de España de Pedro Texeira Albernas», *Boletín de la Real Sociedad Geográfica*, LII, 1910, pp. 36-138 y 180-233.

BUCETA, Erasmo, «Informe del Duque de Villahermosa a Felipe IV sobre la recuperación de Portugal», *Boletín de la Academia de la Historia*, CIII, 1933, pp. 716-733.

BUISSERET, David, *Tools of Empire*, Chicago, University Chicago Press, 1986.

BUISSERET, David (ed.), *Monarchs, Ministers and Maps. The Emergence of Cartography as a Tool of Government in Early Modern Europe*, Chicago, University Chicago Press, 1992.

BUISSERET, David, *Mapmakers' Quest: Depicting New Worlds in Renaissance Europe*. Oxford, Oxford University Press, 2003.

CAMARERO PASCUAL, Raquel, «La Guerra de Recuperación de Cataluña y la necesidad de establecer prioridades en la Monarquía Hispánica (1640-1643)», in Enrique García Hernán y Davide Maffi (ed.), *Guerra y sociedad en la Monarquía Hispánica: política, estrategia y cultura en la Europa Moderna 81500-1700)*, 2 vols., 1, Madrid, Laberinto-Fundación Mapfre, 2006, pp. 323-357.

CARDUCHO, Luis, *Chorographia del Rio Tajo*, Toledo, Ayuntamiento de Toledo, 2008.

CARDUCHO, Vicente, *Diálogos de la pintura*, Madrid, 1633.

CASTELO-BRANCO, Fernando, «Algumas notas sobre o mapa de Alvaro Seco», *Boletim da Sociedade Geográfica de Lisboa*, 98, 1-3 y 4-6, 1980, pp. 112-123.

CASTRO, Giovanni de, *Fulvio Testi e le Corti italiane nella prima metà del XVII secolo*, Milano, N. Battezzati, 1875.

Catálogo de la biblioteca del Excelentísimo Señor Don Pedro Caro y Sureda, Marqués de la Romana, Capitán General del Ejército y General en jefe, que fue, de las tropas Españolas en Dinamarca el año de 1807, Madrid, Imprenta de Francisco Roig, 1865.

CONCEIÇÃO, Margarida Tavares, «A Praça de Guerra. Aprendizagens entre a Aula do Paço e a Aula de Fortificação», *Oceanos*, 41, 2000, pp. 25-38.

CONCEIÇÃO, Margarida Tavares, «Configurando a praça de guerra: o espaço urbano no sistema defensivo da fronteira portuguesa (primeiras impressões para os séculos XVII e XVIII)», *Colectânea de Estudos Universo Urbanístico Português 1415-1822*, Lisboa, CNCDP, 2001, pp. 825-839.

CORTÉS CORTÉS, Fernando, *Alojamientos de soldados en la Extremadura del siglo XVII*, Mérida, Editora Regional de Extremadura, 1996.

CORTESÃO, Armando y MOTA, Avelino Teixeira da, *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Vols. IV y V, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1960.

CORTESÃO, Armando, «A mais antiga carta corográfica de Portugal manuscrita de que há conhecimento», *Ethos*, IV, 1965, pp. 95-99.

CORTESÃO, Armando, «An Early Chorographic Map of Portugal», *Imago Mundi*, 19, 1965, pp. 111-112.

CORTESÃO, Jaime, *Do sigilo nacional sobre os Descobrimentos*, Lisboa, 1924 (separata de *Lusitania*).

CORTESÃO, Jaime, «Colonização dos Portugueses no Brasil (1557-1640)», in Damião Peres (dir.), *História de Portugal*, 5, Barcelos, Editora Portucalense, 1932, pp. 410-435.

CORTESÃO, Jaime, *Teoria geral dos descobrimentos portugueses: a geografia e a economia da Restauração* (Comunicações apresentadas ao Congresso do Mundo Português), Lisboa, Seara Nova, 1940.

COSTA, Leonor Freire, *Império e Grupos Mercantis. Entre o Oriente e o Atlântico (Século XVII)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2002.

COSTA, Leonor Freire y CUNHA, Mafalda Soares da, *D. João IV*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006.

COVARRUBIAS, Sebastián de, *Tesoro de la lengua castellana*, Madrid, 1611.

CRESPO SANZ, Antonio, *El Atlas de El Escorial*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 2008 (tesis doctoral inédita).

CRESPO SANZ, Antonio, «El Atlas de El Escorial, un mapa olvidado», *Boletín de la Real Sociedad Geográfica*, 145, 2009, pp. 117-142.

CUESTA DOMINGO, Mariano, «La "cartografía en prosa" durante el período de fundación de la Monarquía Indiana», *Congreso Internacional de Historia del I. P. G. H.* [Instituto Panamericano de Geografía e Historia], Quito, 1988, pp. 114-145.

CUESTA DOMINGO, Mariano, «La cartografía en "prosa" durante la época de los grandes descubrimientos americanos», *Actas del Congreso de Historia del Descubrimiento*, 2, Madrid, Real Academia de la Historia, 1992, pp. 279-300.

CUESTA DOMINGO, Mariano (coord.), *Descubrimientos y cartografía en la época de Felipe II*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1999.

DAVEAU, Suzanne, «A rede hidrográfica no mapa de Portugal de Fernando Álvaro Seco (1560)», *Finisterra*, XXXV, 69, 2000, pp. 11-38.

DAVEAU, Suzanne, «Conhecimento Actual da Representação Corográfica de Portugal no Século XVI», in António Campar *et al*., *Olhar o Mundo. Ler o Território. Uma viagem pelos mapas*, Coimbra, IEG, CEG, FLUC, 2003, pp. 33-37.

DAVEAU, Suzanne, *Um antigo mapa corográfico de Portugal (ca. 1525): reconstituição a partir do Códice de Hamburgo*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 2010.

DAVEAU, Suzanne y RIBEIRO, Orlando, «Conhecimento Actual da História da Geografia em Portugal», *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*, 2 vols., 2, Lisboa, Academia das Ciências, 1986, pp. 1041-1060.

DIAS, Maria Helena, «Antigas Configurações das Barras do Tejo e do Sado. Cartografia e Realidade», *Revista da Faculdade de Letras* (Lisboa), 16/17, 1994, pp. 235-249.

DIAS, Maria Helena y ALEGRIA, Maria Fernanda, «Lisboa na Produção Cartográfica Portuguesa e Holandesa dos Séculos XVI e XVII: o Espaço e o Intercâmbio», *Penélope*, 13, 1994, pp. 55-69.

DOMINGUES, Francisco Contente, «Colombo e a Política de Sigilo na Historiografia Portuguesa», *Mare Liberum*, 1, 1990, pp. 105-106.

ELLIOTT, John H., *El Conde-Duque de Olivares*, Barcelona, Crítica, 1990.

ELLIOTT, John H., «Prólogo», in Isabel Testón, Carlos Sánchez Rubio y Raquel Sánchez Rubio (ed.), *Imágenes de un imperio perdido. El Atlas del Marqués de Heliche*, Mérida, Junta de Extremadura, 2004, pp. 10-15.

FERNÁNDEZ ALBALADEJO, Pablo, *La crisis de la Monarquía*, Madrid, Marcial Pons-Crítica, 2009.

FERREIRA, Alves; MORAIS, Custódio de; SILVEIRA, Joaquim da y GIRÃO, Amorim, «O mais antigo mapa de Portugal», *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, II, 12-13, 1956, pp. 1-66.

FLORENSA I SOLER, Núria, «La derrota del ejército hispánico en Barcelona: la batalla de Montjuic. Antecedentes y desarrollo de la guerra», in José Alcalá-Zamora y Ernest Belenguer (ed.), *Calderón y la España del Barroco*, Madrid, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2001, pp. 189-206.

GARCIA, João Carlos, «As Fronteiras da Lusitânia nos Finais do Século XVI», in Rákoczi István y Mundus Magyar Egyetemi Kiadó (ed.), *Miscellanea Rosae. Tanulmányok Rósza Zoltán 65. születésnapjára/Estudos em homenagem de Zoltán Rósza*, Budapest, Mundus Magyar Egyetemi Kiadó, 1995, pp. 137-153.

GARCIA, João Carlos, «O Alentejo c. 1644. Comentário a um mapa», *Arquivo de Beja*, Série III, X, 1999, pp. 29-47.

GARCIA, João Carlos y MOREIRA, Luís Miguel, «"El geógrafo trabaja en su casa": espaços portugueses na produção cartográfica de Tomás López», *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 5, 2008, pp. 103-125.

GARCÍA GIRÓN, Raúl, *Las fortificaciones de la frontera de Castilla tras la secesión portuguesa (1640)*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 2009.

GARCÍA HERNÁN, David, «La nobleza castellana y el servicio militar: permanencias y cambios en los siglos XVI y XVII a partir de los conflictos con Portugal», in Enrique García Hernán y Davide Maffi, *Guerra y sociedad en la Monarquía Hispánica: política, estrategia y cultura en la Europa Moderna*, 2 vols., 2, Madrid, Laberinto-Fundación Mapfre, 2006, pp. 97-133.

GARRIGOS PICO, Eduardo, «La política cartográfica en España (siglos XVI-XVIII)», *Historia de la cartografía española*, Madrid, Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, 1982, pp. 35-44.

GERNEZ, D., «L'influence Portugaise sur la Cartographie Nautique Néerlandaise du XVI^{e} Siècle», *Annales de Geographie*, 259, 1937, pp. 1-9.

GONÇALVES, Maria Filomena, *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII: para uma História da Ortografia Portuguesa*, Lisboa, Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, ICALP, 1992.

GONÇALVES, Maria Filomena, *As ideias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

GONZÁLEZ-ALLER HIERRO, José Antonio, *Obras clásicas de náutica y navegación*, Madrid, 1998 (en formato CD-ROM).

GOODMAN, David, *El poderío naval español: historia de la armada española del siglo XVII*, Barcelona, Península, 2001.

GÜELL, Manel, *El Setge de Tarragona de 1641*, Tarragona, Arola Editors, 2003.

GUILLÉN TATO, Julio F., *Europa aprendió a navegar en libros españoles*, Barcelona, Instituto de la Marina, 1943.

GUILLÉN TATO, Julio F., *La cartografía en el tiempo de Felipe II*, Madrid, 1963.

HARLEY, John B., «Silences and Secrecy: The Hidden Agenda of Cartography in Early Modern Europe», *Imago Mundi*, 40, 1988, pp. 57-76.

HARLEY, John B., *The New Nature of Maps*, Baltimore, The John Hopkins University, 2000.

HERNANDO, Agustín, *La imagen de un país: Juan Bautista Labaña y su mapa de Aragón (1610-1620)*, Zaragoza, Institución Fernando el Católico, 1996.

HERNANDO, Agustín, «Poder, cartografía y política del sigilo en la España del siglo XVII», in Felipe Pereda y Fernando Marías (ed.), *El Atlas del Rey Planeta*, Hondarribia, 2002, pp. 71-97.

HERNANDO, Agustín, *Coleccionismo cartográfico en el siglo XVII. Ejemplares reunidos por Vicencio Juan de Lastanosa (1607-1681) y su significado*, Huesca, Instituto de Estudios Altoaragoneses, 2007.

HERRERA, Juan de, *Institución de la Academia Real Mathemática*, Madrid, Instituto de Estudios Madrileños, 1995 [1584].

IRIA, Joaquim Alberto, *Da importância geo-política do Algarve na defesa marítima de Portugal nos séculos XV a XVIII*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1976.

Inventario general de manuscritos de la Biblioteca Nacional, Madrid, Biblioteca Nacional, 1958.

JARQUE MARTÍNEZ, Encarna, *Zaragoza en la Monarquía de los Austrias. La política de los ciudadanos honrados (1540-1650)*, Zaragoza, Instituto Fernando el Católico, 2007.

KAGAN, Richard, «*Urbs* and *Civitas* in Sixteenth- and Seventeenth-Century Spain», in David Buisseret (ed.), *Envisioning the City: Six Studies in Urban Cartography*, Chicago, University Chicago Press, 1998, pp. 75-108.

KAGAN, Richard, «Arcana Imperii: mapas, ciencia y poder en la corte de Felipe IV», in Felipe Pereda y Fernando Marías, *El Atlas del Rey Planeta*, Hondarribia, Nerea, 2002, pp. 49-70.

KAGAN, Richard, «La cultura cartográfica en la corte de Felipe IV», in Isabel Testón, Carlos Sánchez Rubio y Raquel Sánchez Rubio (ed.), *Imágenes de un imperio perdido. El Atlas del Marqués de Heliche*, Mérida, Junta de Extremadura, 2004, pp. 91-103.

KOEMAN, Cornelis, «Lucas Janszoon Waghenaer: a Sixteenth Century Marine Cartographer», *The Geographical Journal*, 13, 2, 1965, pp. 202-217.

LATORRE, Germán, *La cartografía colonial americana: cartas geográficas más antiguas referentes al Nuevo Mundo contenidas en el Archivo General de Indias de Sevilla*, Sevilla, Guía Oficial, 1916.

LÍTER MAYAYO, Carmen; MARTÍN-MERÁS, María Luisa y SANCHÍS BALLESTER, Francisca (ed.), *Tesoros de la Cartografía Española*, Madrid, Biblioteca Nacional, 2002.

LÍTER MAYAYO, Carmen y SANCHÍS BALLESTER, Francisca, *La obra de Tomás López. Imagen cartográfica del siglo XVIII*, Madrid, Biblioteca Nacional, 2002.

LÓPEZ GÓMEZ, Antonio, *La navegación por el Tajo: el reconocimiento de Carduchi en 1641 y otros proyectos*, Madrid, Real Academia de la Historia, 1998.

LÓPEZ NADAL, Gonçal, «The Majorcan privateers and the Catalan revolt», *The Mariner's Mirror*, 69, 3, 1983, pp. 291-299.

LÓPEZ NADAL, Gonçal, *El corsarisme mallorquí a la Mediterrània occidental, 1652-1697: un comerç forçat*, Palma de Mallorca, Direcció General de Cultura, 1986.

LÓPEZ PIÑERO, José María, *Ciencia y técnica en la sociedad española de los siglos XVI y XVII*, Barcelona, Labor, 1979.

MAGALHÃES, Joaquim Romero, «As descrições geográficas de Portugal: 1500-1650. Esboço de problemas», *Revista de História Económica e Social*, 5, 1980, pp. 15-56.

MAGALHÃES, Joaquim Romero, *O Algarve económico, 1600-1773*, Lisboa, Estampa, 1988.

MAGALHÃES, Joaquim Romero, «O enquadramento do espaço nacional», in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, 3, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 13-59.

MAQUIAVELO, Nicolás, *El príncipe*, Madrid, Espasa-Calpe, 2000 [1513].

MARQUES, João Francisco, *A Parenética e a Restauração (1640-1668). Revolta e Mentalidade*, 2 vols., Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.

MARTÍN-MERÁS, María Luisa, *Cartografía marítima hispana. La imagen de América*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, 1993.

MATOS, Gastão de Mello de, *Nicolau de Langres e a sua obra em Portugal*, Lisboa, [s.n.], 1941.

MENDES, H. Gabriel, *Lucas Jansz. Waghenaer e o Conhecimento Náutico das Costas de Portugal no Século XVI*, Lisboa, Coimbra, Junta de Investigações de Ultramar, 1969.

MOREIRA, Manuel António Fernandes, *Os Mercadores de Viana e o Comércio do Açúcar Brasileiro no Século xvii*, Viana do Castelo, Câmara Municipal, 1990.

NOVOA, Matías de, «Historia de Felipe IV, rey de España», *Colección de Documentos Inéditos para la Historia de España*, Vols. 69, 77, 80 y 86, Madrid, Miguel Ginesta, 1876-1886.

NOVOA, Matías de, «Memorias», *Colección de Documentos Inéditos para la Historia de España*, 80, Madrid, Miguel Ginesta, 1883.

ORTEGA VIDAL, Javier, «Los planos históricos de Madrid y su fiabilidad topográfica», *Catastro*, junio 2000, pp. 65-85.

OTERO LANA, Enrique, *Los corsarios españoles durante la decadencia de los Austrias. El corso español del Atlántico peninsular en el siglo XVII (1621-1697)*, Madrid, Ministerio de Defensa, 1992.

PARKER, Geoffrey, «Maps and Ministers: The Spanish Habsburgs», in David Buisseret (ed.), *Monarchs, Ministers and Maps. The Emergence of Cartography as a Tool of Government in Early Modern Europe*, Chicago, University Chicago Press, 1992, pp. 124-152.

PARR, Edwin, «As Influências Holandesas na Arquitectura Militar em Portugal no Século XVII: As Cidades Alentejanas», *Arquivo de Beja*, Séries III, VII-VIII, 1998, pp. 177-190.

PATIER, Felicidad, *La biblioteca de Tomás López. Seguida de la relación de los mapas impresos, con sus cobres, y de los libros del caudal de venta que quedaron a su fallecimiento en Madrid en 1802*, Madrid, El Museo Universal, 1992.

PEREDA, Felipe y MARÍAS, Fernando (ed.), *El Atlas del Rey Planeta. La «Descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos» de Pedro Texeira*, Hondarribia, Nerea, 2002.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva, «Vidal de Negreiros: um homem do Atlântico no século XVII», in Carla Mary S. Oliveira, Mozart Vergetti Menezes y Regina Célia Gonçalves (ed.), *Ensáios sobre a América Portuguesa*, João Pessoa, UFPB, 2009, pp. 53-65.

PIMENTEL, Luiz Serrão, *Methodo Lusitanico de desenhar as fortificações das praças regulares e irregulares*, Lisboa, na impressaõ de Antonio Craesbeeck de Mello impressor de S. Alteza, 1680.

PIMENTEL, Luiz Serrão, *Prática da arte de navegar*, ed. A. Fontoura da Costa, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1960 [1681].

PORTUONDO, María M., *Secret Science. Spanish Cosmography and the New World*, Chicago, University Chicago Press, 2009.

REGUERA RODRÍGUEZ, Antonio T., *Los geógrafos del rey*, León, Universidad de León, 2010.

REPARAZ-RUIZ, Gonzalo de, «La cartographie terrestre dans la Péninsule Ibérique au XVI^e^ et au XVII^e^ siècle et l'oeuvre des cartographes portugais en Espagne», *Revue de Geographie des Pyrénées at du Sud-Ouest* (Toulouse), XI, 3-4, 1940, pp. 167-202.

REPARAZ-RUIZ, Gonzalo de, «Une Carta Topographique du Portugal au XVI Siècle», *Mélanges d'Études Portugaises offerts à G. Le Gentil*, Chartres, Durand, 1949, pp. 271-313.

RODRÍGUEZ DE CAMPOMANES, Pedro, *Noticia geográfica del Reino y caminos de Portugal*, Madrid, 1762.

SAAVEDRA FAJARDO, Diego de, *Empresas políticas*, Barcelona, Planeta, 1988 [1640].

SALAS ALMELA, Luis, *Medina Sidonia. El poder de la aristocracia, 1580-1670*, Madrid, Marcial Pons, 2008.

SALVADO, João Paulo y MIRANDA, Susana Münch (ed.), *Cartas do 1.º Conde da Torre*, 3 vols., Lisboa, Comissão Nacional para Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 2003.

SÁNCHEZ, Antonio y VALLADARES, Rafael, «Making War from a Map: Andrada's Atlas for Privateers (1641-1661)», *Imago Mundi*, 64, 2, 2012, pp. 201-215.

SÁNCHEZ, Antonio, «De la "cartografía oficial" a la "cartografía jurídica": la querella de las Molucas reconsiderada, 1479-1529», *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2009. Disponible en http://nuevomundo.revues.org/index56899.html.

SÁNCHEZ, Antonio, «La institucionalización de la cosmografía americana: la Casa de la Contratación de Sevilla, el Real y Supremo Consejo de Indias y la Academia de Matemáticas de Felipe II», *Revista de Indias*, LXX, 2010, pp. 715-748.

SANTA CRUZ, Alonso de, *Islario General de todas las islas del mundo*, Madrid, Imprenta del Patronato de Huérfanos de Intendencia, 1918 [*ca.* 1542].

SCHWARTZ, Stuart B., «Panic in the Indies. The Portuguese Threat to the Spanish Empire, 1640-1650», in Werner Thomas y Bart de Groof (ed.), *Rebelión y Resistencia en el Mundo Hispánico del Siglo XVII*, Lovaina, Leuven University Press, 1992, pp. 205-226.

SERRANO MANGAS, Fernando, *Armadas y flotas de la plata (1620-1648)*, Madrid, Banco de España, 1989.

SERRÃO, José Vicente, «O quadro económico. Configurações estruturais e tendências de evolução», in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, 4, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 71-117.

SILVEIRA, João Cunha da, «L'Amiral Antonio da Cunha e Andrade», *Annales de l'Academie de Marine de Belgique* (Amberes), VII, 1953, pp. 91-112.

SILVEIRA, João Cunha da, «Cunhas da Silveira: contribuição para a história duma família açoriana», *Insulana*, 10, 1954 (separata).

SIMÓN DÍAZ, José, *Historia del Colegio Imperial de Madrid*, Madrid, Instituto de Estudios Madrileños, 1992 [1952].

SOLANO CAMÓN, Enrique, «Coste político de una discrepancia: la caída del duque de Nochera», *Actes del Primer Congrés d'Història Moderna de Catalunya*, 2 vols., 2, Barcelona, Universidad de Barcelona, 1984, pp. 79-88.

SOROMENHO, Miguel Conceição Silva, «A Fortificação Moderna 1659-1737», *Monumentos*, 12, 2000, pp. 19-23.

STRADLING, Robert S., *La armada de Flandes. Política naval española y guerra europea, 1568-1668*, Madrid, Cátedra, 1992.

TESTÓN, Isabel; SÁNCHEZ RUBIO, Carlos y SÁNCHEZ RUBIO, Raquel (ed.), *Planos, Guerra y Frontera. La Raya Luso-Extremeña en el Archivo Militar de Estocolmo*, Mérida, Junta de Extremadura, 2003.

TESTÓN, Isabel; SÁNCHEZ RUBIO, Carlos y SÁNCHEZ RUBIO, Raquel (ed.), *Imágenes de un imperio perdido. El Atlas del Marqués de Heliche*, Mérida, Junta de Extremadura, 2004.

TOUS MELIÁ, Juan (ed.), *Visita de las Yslas y Reino de la Gran Canaria Hecha por don Iñigo De Briçuela Hurbina, con la asistencia de Próspero Casola*, Santa Cruz de Tenerife, Museo Militar Regional del Centro de Historia y Cultura Militar de Canarias, 2000.

TURNBULL, David, *Maps are Territories*, Chicago, University Chicago Press, 1993.

UZTÁRROZ, Juan Francisco Andrés de, *Obelisco histórico y honorario que la imperial ciudad de Zaragoza erigió a la inmortal memoria del Serenísimo Señor Don Balthasar Carlos de Austria, Príncipe de las Españas*, Zaragoza, Hospital R. i G. de Nuestra Señora de Gracia, 1646.

VALLADARES, Rafael, *Felipe IV y la Restauración de Portugal*, Málaga, Algazara, 1994.

VALLADARES, Rafael, «La dimensión marítima de la Empresa de Portugal. Limitación de recursos y estrategia naval en el declive de la Monarquía Hispánia (1640-1668)», *Revista de Historia Naval*, 51, 1995, pp. 19-31.

VALLADARES, Rafael, «Portugal y el fin de la hegemonía hispánica», *Hispania*, LVI, 1996, pp. 517-539.

VALLADARES, Rafael, *La rebelión de Portugal (1640-1680). Guerra, conflicto y poderes en la Monarquía Hispánica*, Valladolid, Junta de Castilla y León, 1998.

VALLADARES, Rafael, «Las dos guerras de Pernambuco. La armada del conde da Torre y la crisis del Portugal hispánico (1638-1641)», in José Manuel Santos Pérez y George F. Cabral (ed.), *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 2006, pp. 33-66.

VALLADARES, Rafael, *La conquista de Lisboa. Violencia militar y comunidad política en Portugal, 1578-1583*, Madrid, Marcial Pons, 2008.

VASCONCELLOS, Ernesto de, *Subsídios para a História da Cartografia Portuguesa nos Séculos XVI, XVII e XVIII*, Lisboa, Typ. Universal, 1916.

VICENTE, María Isabel y ESTEBAN, Mariano, *Aspectos de la ciencia aplicada en la España del Siglo de Oro*, Salamanca, Junta de Castilla y León, 2006.

VITERBO, Francisco Marques de Sousa, *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores portugueses ou a serviço de Portugal,* 3 vols. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988 [1899].

VYVER, Omer van der, «Lettres de J.-Ch. della Faille S.I., cosmographe du roi a Madrid, a M. F. van Langren, cosmographe du roi a Bruxelles», *Archivum Historicum Societatis Iesu*, XLVI, 1977, pp. 73-183.

WAGNER, Mafalda de Noronha, *A Casa de Vila Real e a Conspiração de 1641 contra D. João IV*, Lisboa, Edições Colibri, 2004.

WANGÜEMERT Y POGGIO, J., *El Almirante don Francisco Díaz Pimienta y su época*, Madrid, Tipografía de la Revista de Archivos, 1905.

WOOD, Denis, *The Power of Maps*, London, The Guilford Press, 1993.

ZAMORA, Margarita, *Reading Columbus*, Berkeley, University of California Press, 1993.

ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR, Vol. XIII, 2012, pp. 433-454

IN PRAISE OF THE PORTUGUESE: IMAGES OF POWER AND RELIGION IN SEVENTEENTH-CENTURY CEILÃO

by
STEPHEN C. BERKWITZ *

Sometime around 1619 in Sri Lanka – known then as Ceilão by Portuguese colonialists –, a Sinhala poet called Alagiyavanna Mukaveṭi composed a lengthy poem in praise of Constantino de Sá de Noronha, the newly-appointed *capitão-geral* in the island.[1] The work was called *Kustantīnu Haṭana* (The War of Constantino), and it embodies some of the tensions and contradictions inherent in early modern Buddhist responses to the disruptive effects of colonial power. The work consists of around 189 quatrains in the poetic language of Sinhala, and it employs a style that draws heavily from classical poetic conventions developed in Buddhist literature during previous centuries.[2] A complex text by any measure, *Kustantīnu Haṭana*

* Professor of Religious Studies at Missouri State University (USA). He has published widely on the religious history of Sri Lanka, including the authored books *Buddhist History in the Vernacular: The Power of the Past in Late Medieval Sri Lanka* (Brill, 2004) and *Buddhist Poetry and Colonialism: Alagiyavanna and the Portuguese in Sri Lanka* (Oxford University Press, 2013). E-mail: sberkwitz@missouristate.edu

[1] There has been some scholarly debate over whether Alagiyavanna was in fact the author of *Kustantīnu Haṭana*. In the early twentieth century, S. G. Perera presented a detailed argument supporting the attribution of this text to Alagiyavanna based on numerous stylistic similarities between this work and his earlier compositions. See S. G. PERERA and M. E. FERNANDO (ed.), *Alagiyawanna's Kustantinu Haṭana (The Campaign of Don Constantine)*, Colombo, Catholic Press, 1932, pp. XIV-XXV. Several other scholars of Sinhala literature have concurred with Perera's assessment. See, for example, Martin WICKREMASINGHE, *Sinhalese Literature*, trans. E. R. Sarathchandra, Colombo, M. D. Gunasena & Co., 1949, p. 197; and Puñci Bandara SANNASGALA, *Siṅhala Sāhityavaṃśaya,* 2nd ed., Colombo, Cultural Affairs Department, 1994, p. 354. There are, however, others who dispute this attribution, claiming that *Kustantīnu Haṭana* was written by some other, anonymous, author. See, for instance, Rohini PARANAVITANA, "Sinhalese War Poems and the Portuguese", in Jorge Flores (ed.), *Re-Exploring the Links: History and Constructed Histories between Portugal and Sri Lanka*, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2007, p. 53. However, given what is known about Alagiyavanna's close relationships with the Portuguese and the striking stylistic similarities pointed out by Perera, it stands to reason that Alagiyavanna was likely the author of this work.

[2] Sinhala poetry, like many other forms of premodern South Asian poetic literature, was consciously modeled after the conventions and ideology of Sanskrit court poetry (*kāvya*). The

celebrates the person and acts of Sá de Noronha, who suppressed a large-scale Sinhala rebellion against Portuguese rule around 1618-1619. Alagiyavanna's decision to compose a poetic work in Sinhala extolling Sá de Noronha makes sense in the context of the genre called *praśasti* poetry, wherein the rulers of South Asian kingdoms were often made into the subjects of extensive and ornate praise. And yet the poet's use of local literary forms to praise a Portuguese general remains significant for the insights it yields into how a colonial subject depicted the colonizer and his religion in Ceilão.[3] The text borrows a variety of Indic cultural tropes while praising certain aspects of Catholicism, resulting in hybrid forms of literary and religious expression. A consideration of *Kustantīnu Haṭana* invites further reflection upon the subjects of hybridity and conversion within the colonial encounter between Portuguese Catholics and Sinhala Buddhists in the early seventeenth century. This work is indicative of a more nuanced native response to colonial power in early modern Sri Lanka.

The events that led up to the composition of this work are fascinating, but too detailed to present fully here.[4] It will have to suffice to say that Alagiyavanna, who was a Buddhist court poet during the latter decades of the sixteenth century, eventually converted to Catholicism around 1612 and went to work for the Portuguese *vedor da fazenda* Antão Vaz Freire on the *tombo,* or register of lands, compiled initially between 1614 and 1615. His conversion coincided with the extension of Portuguese colonial rule and the concurrent spread of Jesuit and Franciscan missionary activities in the island under the Padroado.[5] As the Portuguese brought more of the island under their rule, it became desirable to survey the revenues earned in those lands to assess the dues that they were owed. The efforts to compile a record of land revenues in Ceilão depended heavily on the assistance of local Sinhala officials like Alagiyavanna, who could consult local records written in Sinhala and could interpret and evaluate the verbal testimonies of local chieftains. It is likely that Alagiyavanna's conversion and service under Portuguese officials allowed him to retain something of his social status and ownership of land that he enjoyed under the previous Sinhala Buddhist king

---

impact of Sanskrit *kāvya* on vernacular literature is thoroughly examined in Sheldon Pollock, *The Language of the Gods in the World of Men: Sanskrit, Culture, and Power in Premodern India,* Berkeley, University of California Press, 2006.

[3] A better-known Buddhist figure who converted to Catholicism under Portuguese influence is Fukan Fabian, a Japanese jesuit who eventually abandoned the Christian religion and wrote a polemical tract in 1620 criticizing it. For an overview of Fukan's views, see Monika Schrimpf, "The Pro- and Anti-Christian Writings of Fukan Fabian (1565-1621)", *Japanese Religions,* Vol. 33, Nos. 1&2, 2008, pp. 35-54.

[4] A fuller treatment of Alagiyavanna's life and works is found in Stephen C. Berkwitz, *Buddhist Poetry and Colonialism: Alagiyavanna and the Portuguese in Sri Lanka*, Oxford, Oxford University Press, 2013.

[5] A fine discussion of this historical period is found in Tikiri Abeysinghe, *Portuguese Rule in Ceylon, 1594-1612*, Colombo, Lake House, 1966.

Rājasiṃha I. Ângela Barreto Xavier's remarks upon how members of the higher social groups in sixteenth-century Goa often converted pragmatically to retain their social supremacy are pertinent to Alagiyavanna as well.[6] He too stood to gain by embracing the Catholicism of the Portuguese overlords. However, sometime during the tenure of Nuno Álvares Pereira, the capitão-geral in Ceilão from 1616 to 1618, Alagiyavanna was stripped of his lands and his title, leading the old poet to appeal directly to king Phillip III of Portugal asking for their restoration. There are reasons to believe that Alagiyavanna's lands and position were eventually returned to him, due in part to the mention of his name in a 1622 *tombo* and the existence of lands owned by his descendents in the region to this day.[7]

It seems likely that Alagiyavanna composed *Kustantīnu Haṭana* to win the favor of the energetic and effective Sá de Noronha. Praise poetry is usually composed with the expectation of a reward, although it also offers substantial benefits to the recipient of such praise. Composed in the poetic form of the Sinhala language, the work could hardly have been fully understandable or appreciated by Sá de Noronha. However, this praise poem could still have been useful as a gesture of esteem for the Portuguese capitão-geral and as a testimony of the poet's relationship with the colonizers (either real or ideal) to other Sinhala subjects. Despite the apparent self-interest behind the work, it would be improper to dismiss the possibility that Alagiyavanna came to feel some sort of attachment to Portuguese officials and their Catholic faith. The main narrative that forms the structure of the poem concerns the Portuguese-led army's defeat of a rebel force led by António Barreto, a former Sinhala convert who turned against the Portuguese. Having fought a series of skirmishes with Barreto's sizable force, Sá de Noronha's troops led the rebels into a trap, decimating their army and capturing their leaders. Alagiyavanna recounts this battle in the form of a *haṭana*, or "war poem," a colonial-era genre of Sinhala poetry that usually combines lavish praise for a king with a descriptive account of the battle that he won. As such, this genre is often said to be both derivative of other poetic works, while being judged as stylistically inferior due to the turbulent, colonial conditions in which most such works were produced.[8] *Kustantīnu Haṭana* appears to have been the second such war poem composed in Sinhala, but it remains distinctive for its positive attitude toward the Portuguese in the island.

---

[6] Ângela Barreto Xavier, *A Invenção de Goa: Poder Imperial e Conversões Culturais nos Séculos xvi e xvii*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2008, pp. 24-25.

[7] Alagiyavanna's descendents in the region are mentioned in a short biographical note appearing in Gonahene Jotipala (ed.), *1981 Rājya Sāhitya Utsavaya Käragala: Siyaṇä-Lēkhakayō*, Colombo, Cultural Affairs Ministry, 1981, p. 5. Further, in 2006, I met with a number of his descendents, all of whom retain "Alagiyawanna" as their surname, in the Gampaha region of Sri Lanka. They claim to have inherited lands that were originally owned by Alagiyavanna in the seventeenth century.

[8] Ambagaspitiye Vimala, *Sinhala Haṭan (Kavi) Sāhitya Vimarśanaya*, Colombo, S. Godage and Brothers, 1998, pp. 42-44.

One of the most interesting aspects about *Kustantīnu Haṭana* is the fact that it articulates the impressions of a colonial subject within a Buddhist literary framework. The relatively few scholars who have discussed this text have usually cited its "accommodationist" approach to the Portuguese colonial presence, whereby the culture of the colonizer is "harmonized" with local traditions.[9] Such an interpretation, however, overlooks the work's politico-aesthetic negotiation of power, as well as its subversive expression of double loyalties to both native and colonial sources of authority.[10] *Kustantīnu Haṭana* extols the glory of Sá de Noronha and the Portuguese in general, but it expresses distinctively hybrid interests and sensibilities in terms of religion and culture. Although the author acknowledges the political and religious authority of the Portuguese, he reasserts the value and potency of local cultural forms by utilizing poetic conventions of the Sinhala language and by appealing to select Buddhist ideas. To this end, I find the concept of "hybridity" popularized by postcolonial theorists like Homi Bhabha to be useful in interpreting this work. Colonized peoples, it has been shown, have often retained some ability to respond to the evangelizing and so-called "civilizing" efforts of European powers by adapting the religions, cultures, and languages of the colonizers to indigenous practices and traditions, resulting in hybrid forms. *Kustantīnu Haṭana* may thus be viewed as an example of religious and cultural hybridity – a literary work that adapts elements of Portuguese hegemony into a local cultural frame, effectively celebrating the culture of the colonizer while still validating the Buddhist tradition.

While some Sinhalese Catholic scholars have argued that the text reveals a "harmonization" of the two religions, this view neglects the fact that Portuguese-sponsored missionaries in early seventeenth-century Ceilão were dedicated to rejecting and replacing the local religion with Catholicism. To the extent that they understood the local Buddhist tradition, Portuguese missionaries and colonial agents tended to dismiss the religion as comprising "fables and nonsense" (*fábulas e disparates*) linked to the influences of the Devil himself.[11] Buddhist monks could likewise be described as "teachers

---

[9] See, for example, W. L. A. Don Peter, "Portuguese Influence on a Sinhalese Poet", *Aquinas Journal,* Vol. 6, No. 1, 1989, pp. 19-20; Chandra R. de Silva, "Algumas reflexões sobre o impacto português na religião entre os singaleses durante os séculos xvi e xvii", *Oceanos,* Vol. 34, 1998, p. 111; Alan Strathern, *Kingship and Conversion in Sixteenth-Century Sri Lanka: Portuguese Imperialism in a Buddhist Land,* Cambridge, Cambridge University Press, 2007, p. 199.

[10] Likewise, the accommodationist approaches of some Jesuit missionaries in East Asia were at times seen to have compromised Christian assertions of the unique, universal nature of the "True Faith." The disputes between Jesuits and Dominicans over the so-called Chinese rites controversy are an important example of this. See, for example, Eugenio Menegon, "European and Chinese Controversies over Rituals: A Seventeenth-Century Genealogy of Chinese Religion", in Bruno Boute and Thomas Småberg (ed.), *Devising Order: Socio-religious Models of Rituals and the Performativity of Practice*, Leiden, Brill, 2013, pp. 204-206.

[11] António da Silva Rego (ed.), *Documentação Ultramarina Portuguesa*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960, pp. 251-254. On the issue of early Portuguese incu-

of cruelty" (*mestres da maldade*) whose ignorance did not prevent them from arrogantly holding fast to their mistaken opinions.[12] Their duty, it was once written, was to teach their superstitions to people and placate the demons with sacrifices and prayers.[13] Meanwhile, Buddhists were often described as "infidels" (*infiéis*) and "gentiles" (*gentios*) to be blamed and pitied for their adherence to a false doctrine out of blindness and ignorance. Over time, as Portuguese writers gradually developed a clearer understanding of the Buddhist religion, their polemical attacks on its convictions and practices would become even sharper. Seventeenth-century authors like Fernão de Queirós and Constantino de Sá de Miranda left deeply unflattering accounts of the Buddhist religion, describing it as a diabolical corruption of the true religion of God, wherein the diversity of gods, repugnant images, and ridiculous ceremonies are all the work of the Devil.[14] In such an environment, any attempt to retain and affirm Buddhist ideas must be viewed as a direct challenge to the religious authority of the Portuguese Padroado.

Similarly, from the Buddhist side, there is evidence that many Sinhalas possessed and promoted negative views of the Christian religion of the Portuguese. Historical evidence for this hostility appears in accounts of churches being burned and friars being murdered, maimed, or caused to flee.[15] In an *Apology of the Friars Minor* written in 1602 to defend the missionary efforts of the Franciscans in Ceilão, an account is given of the destruction of churches and the killing of friars "in hatred of the Faith."[16] Of course, such violence may have been motivated as much, if not more, by enmity for the Portuguese as colonialists than as Christians *per se*, and at times they may have been committed out of revenge for the destruction of Buddhist temples and the killing of Buddhist monks.[17] Nevertheless, a general resentment and antagonism felt by Sinhala Buddhists toward the Portuguese is seen also in some of the few surviving Sinhala texts from the seventeenth century. Aside from *Kustantīnu Haṭana*, which portrays the Portuguese in praiseworthy

---

riosity of Buddhism, see Alan Strathern, "Re-Reading Queirós: Some Neglected Aspects of the *Conquista*", *Sri Lanka Journal of the Humanities,* Vol. 26, Nos. 1-2, 2000, p. 12.

[12] Fr. Paulo da Trindade, *Conquista Espiritual do Oriente*, Vol. III, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962, p. 31.

[13] *Idem*, p. 33.

[14] See Alan Strathern, "Representations of Eastern Religion: Queyroz and Gonzaga on the First Catholic-Buddhist Disputation in Sri Lanka", *Journal of the Royal Asiatic Society of Sri Lanka,* new series, Vol. 43, 1998, p. 56; and Jorge Manuel Flores, *Os Olhos do Rei: Desenhos e Descrições Portuguesas da Ilha de Ceilão (1624, 1638)*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, p. 53.

[15] See, for instance, Fernando Félix Lopes, *A Evangelização de Ceilão desde 1552 a 1602,* Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967, p. 52.

[16] V. Perniola (ed.), *The Catholic Church in Sri Lanka: The Portuguese Period*, Vol. II ("1566 to 1619"), Dehiwala, Sri Lanka, Tisara Prakasakayo, 1991, p. 212.

[17] A Jesuit annual letter from 1617 observes that two Fathers were killed in revenge for the execution of three Buddhist monks by the Portuguese for agitating the people against the Jesuits and criticizing conversions to Christianity. See V. Perniola, op. cit., pp. 133-134.

terms, the other Sinhala War poems from this era typically denigrate the Portuguese. These poems describe the Portuguese as "carrion-eating jackals" and "demons," disparaging the foreigners in overwhelmingly negative terms.[18] Portuguese missionaries would have thus been closely associated with these negative portrayals, and the religion that they promoted, supplanting Buddhism in terms ranging from individual conversions, the granting of temple lands to Christian orders, and the building of churches over the ruins of destroyed temples, must have made an attractive target for Sinhala hostility. The enduring enmity of at least some Sinhala Buddhists toward the Christianity of the Portuguese is witnessed in an eighteenth-century text that describes Jesus as a "Carpenter-Heretic" who was expelled from Portugal as a thief and charlatan, who eventually settled in India, where he and his disciples pretended to be monks, stealing cows and goats to slaughter and eat, before he was arrested and hung for his crimes.[19] These expressions of anti-Christian sentiments would have made it difficult for anyone but a convert to Catholicism to find anything praiseworthy about the religion of the Portuguese.

Poetic images of power

In this context of mutual enmity and interreligious polemics, Alagiyavanna's *Kustantīnu Haṭana* offered a conventional depiction of political power while articulating a new approach to religious identity in seventeenth-century Ceilão. This poetic work presents a distinctly Sinhala vision of Portuguese expressions of power and religion. Since these two spheres are intimately related and mutually constitutive, it makes sense to focus on how Alagiyavanna praises and effectively undermines Portuguese authority therein. The text, once again, is heavily informed by the eulogistic conventions linked to the *praśasti* genre of poetry, which typically extols certain leading men in expressive verse. The use of poetry to describe and enhance the fame of kings has a long history in South Asian literary cultures, as seen in the numerous examples of acclaim and hyperbole used to extol rulers in panegyric verses composed in Sanskrit, Tamil, and other Indic languages.[20] Alagiyavanna extends these older traditions of panegyric verse to celebrate Portuguese leaders at home and abroad. This work transforms Sá de

---

[18] Michael Roberts, *Sinhala Consciousness in the Kandyan Period, 1590s to 1815,* Colombo, Vijitha Yapa, 2004, p. 125.

[19] R. F. Young and G. S. B. Senanayaka, *The Carpenter-Heretic: A Collection of Buddhist Stories about Christianity from 18th-Century Sri Lanka,* Colombo, Karunaratne & Sons, 1998, pp. 88-91.

[20] Daniel H. H. Ingalls (trans.), *Sanskrit Poetry: From Vidyākara's Treasury*, Cambridge, Harvard University Press, 1965, p. 211; A. K. Ramanujan (trans.), *Poems of Love and War: From the Eight Anthologies and the Ten Long Poems of Classical Tamil*, New York, Columbia University Press, 1985, pp. 287-89. One should note, however, that patterns of poetic patronage could be complex and subject to competition over position and influence. On the symmetrical and, at

Noronha into a kingly, quasi-divine figure comparable to previous Buddhist rulers who were likewise celebrated in Sinhala verse. "Righteous Lord" (*himi dähäm-in*), "Lord of Men" (*naraniňdu*), and "king" (*raju*) are among the titles with which Sá de Noronha is described and praised.[21] Elsewhere in the work he is said to possess glory, splendor, and an extensive retinue, which are just a few of the traditional attributes of kingship expressed in Sinhala poetry.

The poetic praise of Sá de Noronha imitates eulogies to kings found in earlier Sinhala poems, such as the fifteenth-century *praśasti* poem called *Pärakumbā Sirita* (The Account of King Parākramabāhu VI). Written by an unknown courtier, this poetic work reflects a Sinhala version of the type of Sanskrit panegyric poetry that combined power and aesthetics to form a political consciousness for ruling elites across premodern Southern Asia.[22] A verse from this work may suffice to illustrate the superlative qualities attributed to this ruler, whose greatness is repeatedly compared to deities and other Indic mythological imagery.

> Like Natha, Ananta, and Śakra in terms of supporting the earth and clouds,
> Having beauty and fame like the faultless moon that has risen in autumn,
> Stirring the ocean of battle with the Mandarā Mountain of the arrogant enemy kings,
> And like Śakra in terms of devotion to the Buddha, may noble King Parākrama live long![23]

The associations drawn between the Sinhala Buddhist king and various Indic deities serve to aggrandize the qualities of the former, making him appear more powerful and praiseworthy than any other human ruler. The power he is said to possess borders upon the divine, as he even imitates the gods who in Hindu lore are said to have taken the Mandarā Mountain and stirred the ocean to create the nectar of immortality. Possessing extraordinary fame, beauty, might, and piety, this king is fashioned into a deserving recipient of praise and loyalty.

One finds in *Kustantīnu Haṭana* many of the same virtues of might, fame, beauty, merit, and wealth, which are conceptually linked in Buddhist thought, associated here with Portuguese leaders. One's fitness to rule, whether one is a Sinhala Buddhist or a Portuguese Catholic, is tradition-

---

times, uneasy relationship between poets and their royal patrons, see David Shulman, "Poets and Patrons in Tamil Literature and Literary Legend", in Barbara Stoler Miller (ed.), *The Powers of Art: Patronage in Indian Culture*, Delhi, Oxford University Press, 1992, pp. 89-92.

[21] Cf. M. E. Fernando (ed.), *Alagiyavanna Mukaveṭitumā visin viracita Kustantīnu Haṭana*, Galle, Sri Lanka, St. Aloysius' College, 1933, vv. 102, 127, 141.

[22] S. Pollock, op. cit., p. 14.

[23] D. G. Abhayagunaratna (ed.), *Pärakumbā Sirita*, Colombo, Madhyama Saňskṛtika Aramudala, 1997, v. 119:

sabaňda	*deraṇa gana därumehi nata paṇipati pun*	*darā*
sa ra da	*samaya udita nimala himakara yasäti sun*	*darā*
sa mada	*vayiri raja samara jalanidi matana man*	*darā*
sä ra da	*pavara pärakumbuja raja munipuda puran*	*darā.*

ally measured in Sinhala society by the good fortune and good qualities that one possesses. Moral greatness is typically rewarded with enhanced beauty, health and power through the workings of *karma*. Good conduct is seen to produce its own rewards, and thus attractive and powerful kings embody the virtues that are held to have earned them their elevated position. Accordingly, after setting the backdrop of the rebellion, the narrator of *Kustantīnu Haṭana* portrays the Portuguese viceroy in Goa as inviting and praising Sá de Noronha before sending him off to Ceilão to subdue the rebels.

> If one considered your strength,
> The tall Meru Mountain is like an anthill.
> The great ocean is like a pond.
> And this Dambadiva [*i.e.* India] is like a courtyard for your door.
>
> If one were to compare you with something else,
> You are like the Meru Mountain to the ocean of battle.
> And a very strong diamond rampart,
> Protecting our many great armies.[24]

Putting such words into the mouth of the viceroy, Alagiyavanna begins the process of refashioning Sá de Noronha into a powerful ruler reminiscent of a Sinhala Buddhist king. This portrayal of the Portuguese *capitão-geral* as a figure that mimics a Buddhist king makes him more respectable and remarkable, as he comes to resemble what Sinhalas expect to see in a ruler. Poetry transforms the Portuguese general into a ruler worthy of esteem, but it also changes the terms by which he can rule and receive the support of the local populace. Alagiyavanna attributes divine-like qualities to Sá de Noronha, comparing him to powerful gods like Śakra and Viṣṇu. The comparisons drawn between kings and gods was not new to the seventeenth century, as numerous Sinhala and Pāli texts dating back several centuries often asserted or implied that a given Sri Lankan king possessed godlike powers and attributes.[25] In *Kustantīnu Haṭana*, Alagiyavanna extends the same courtesy and respect to Sá de Noronha, eulogizing him in terms of deities worshipped by the local inhabitants of the island.

---

[24] M. E. Fernando (ed.), op. cit., vv. 48-49:

me topa situvot vä *ra*
tumbaseka tuňgu sunera gi *ra*
kiňdaleka mahasayu *ra*
medambadiva miduleka taman do *ra*

me topa sari kaḷasa *ka*
raṇa samuduraṭa sunera *ka*
apa mahasen no ye *ka*
rakina tarasara viduru pavure *ka.*

[25] M. Roberts, op. cit., pp. 44-45. Note also comparisons made between king Parākramabāhu VI and the gods Rāma, Viṣṇu, and Anaṅga, among others, in *Pärakumbā Sirita*. For example, see D. G. Abhayagunaratna (ed.), op. cit., vv. 41, 42, 70, 81, 83, 99, 123, 124.

Entering the middle of the battle without fear,
Displaying strength and courage,
Like Skandakumara and Viṣṇu,
I will display my might before you.[26]

Despite the unlikelihood of the Portuguese captain-general styling himself after the gods Skandakumara – the warrior son of Śiva, and Viṣṇu – the heroic king of Hindu dharma, this verse illustrates how the new ruler was associated with gods who were recognizable symbols of martial and royal power. Such use of mythological metaphors should not be simply explained away in terms of the author's formulaic adherence to poetic conventions.[27] The literary trope of the king embodying a quasi-divine identity speaks to a broader conviction that the king truly is a powerful figure that is more capable of asserting his will in the world than any other human being.

There are many other verses that serve to cast Portuguese power in a Sinhala idiom. One exemplary model of local kingship revolves around the ruler's erotic interests and appeal. Sinhala poetry has a long tradition of associating great kings with erotic exploits and the voyeuristic gaze upon beautiful female forms.[28] Accordingly, Alagiyavanna transfers such erotic associations over to the Portuguese ruler in order to complete his transformation into the image of a Sinhala king. Some verses deal with eroticized descriptions of female bathers, who are watched by Sá de Noronha and his army on the way to battle.

Because the young women play [in the water] while facing upward,
Being endowed with brilliant eyebrows, eyes, faces, and full breasts,
Although there are no [actual] rows of bees, blue lotuses, lotuses or swans,
It was as if there were rivers [containing these] everywhere.

Exhibiting the manner of lusty youth desiring love-play,
The women were splashing each other with very cold water,
Making their lips white and their blue eyes red,
And water lilies fell from their ears while they rubbed their large breasts.[29]

---

[26] M. E. Fernando (ed.), op. cit., v. 80:

pā̄ vikum di	*ri*	*yē*
raṇamäda väda nobi	*ri*	*yē*
kaňda uviňdu sa	*ri*	*yē*
vikum pāneṁ top idi	*ri*	*yē.*

[27] For an example of how the images of Indic deities represent merely the local "literary and cultural heritage" overlaid upon sincere Christian convictions, see W. L. A. D. Peter, art. cit., pp. 22-24.

[28] S. C. Berkwitz, "An Ugly King and the Mother Tongue: Notes on Kusa Jātaka in Sinhala Language and Culture", *parallax,* Vol. 18, No. 3, 2012, pp. 60-61.

[29] M. E. Fernando (ed.), op. cit., vv. 114-115:

pä hä na da	*bäma net vuvanat pirita*	*na*
yu tu ḷa ňda	*uḍukuru vemin keḷinu ye*	*na*
bi ňgu roda	*nilupul siyapat tisaru*	*na*
nä ti va da	*ätimen viya gaňga hämätä*	*na*

In this way, Alagiyavanna's poem works to enhance the stature of the *capitão-geral* by including erotic verses that depict beautiful women at play in his presence. Such images serve two key functions. On the one hand, they fulfill the expectations of Sinhala connoisseurs of poetry by including sexually suggestive descriptions that trigger the erotic sentiment (*śṛṇgāra rasa*) in the minds of listeners. Erotically charged verses are commonplace in the refined styles of court poetry in Sinhala and other forms of South Asian literature. On the other hand, erotic imagery also functions to illustrate the power of virile kings, men whose influence and sway extends over women as well as other, lesser rulers. Likewise, in *Kustantīnu Haṭana*, women reveal their beauty and the Portuguese ruler revels in it. Such is one telltale sign of a potent king in Sinhala Buddhist culture, a poetic trope that preceded the colonial encounter but was retained and extended in the period of Portuguese lowland rule.

The eulogistic tone throughout *Kustantīnu Haṭana* reinforces the image of a Sinhala poet who cast his lot with Portuguese authorities and who attempted to solidify this relationship through the traditional medium of poetry. The decision to employ Sinhala poetic verse and imagery to celebrate the Portuguese ruler is an unmistakable sign of the adaptation of Sinhala literature to translate colonial power into familiar, more manageable, terms. In this way, *Kustantīnu Haṭana* works to enhance the power and status of Sá de Noronha, while at the same time encoding Sinhala ideas of kingship into the representation of Portuguese power.[30] In this way, the poet's praise of Portuguese leaders is qualified and conditional upon their resemblance to "native" forms of cultural power. Such a representation redeems traditional Sinhala culture despite the contempt shown to it by contemporary Portuguese writers. Importantly, it also renders Portuguese rulers subject to the expectations and demands of the Sinhalas with regard to those empowered to act as kings. The latter point is nicely illustrated by Alagiyavanna's portrayal of Sá de Noronha as giving much wealth, land, and titles to their soldiers following their victory in battle.

> Awarding hereditary rights for lands and villages,
> In accordance with each one's rank,
> To the army that won the battle,
> He gave and tied honorary bands of an officer around them.[31]

---

su du van *käradara ratu kara netu ni* *l*
he ḷa min *kanupul pirimäda tana tu* *l*
un un un *aṅganō isi diya sihilä* *l*
sa le ḷun *siripaḷa kara ratikeḷa lo* *l.*

[30] Cf. Vicente L. Rafael, *Contracting Colonialism: Translation and Christian Conversion in Tagalog Society under Early Spanish Rule,* Durahm, NC, Duke University Press, 1993, pp. 21-22. Rafael's theories and terminology found in his discussion of the deflection of Spanish power through the use of the vernacular Tagalog in the Philippines seem particularly apt here.

[31] M. E. Fernando (ed.), op. cit., v. 181:
yuda dinū senaṅga *ṭa*

More generally, however, such a portrayal also served to represent Portuguese power in terms consistent with the Sinhala Buddhist virtue of generosity, which is foremost in the traditional list of "Ten Kingly Virtues" (*dasarājādhammā*) as found in Sri Lankan Buddhist texts.[32] Although generosity is one of the most respected moral virtues in Buddhist thought, its association with rulers in particular signifies the prosperity that is believed to come as a result of one's moral righteousness and fitness to rule. The willingness to part with some of one's wealth illustrates a wholesome regard for the welfare of others, gratitude for their actions done for one's own sake, and a realization that one is wealthy enough to afford to give an abundance of gifts away to others.[33] Depicting Sá de Noronha as a generous ruler may also be seen as an attempt to coax him to be similarly generous with his Sinhala subjects and, particularly, the poet who enhances his fame and power with skillfully composed, eulogistic verse.

Hybrid images of religion

When it comes to the issue of religion, we see that *Kustantīnu Haṭana* similarly renders the Portuguese faith into a hybrid Catholic-Buddhist formation. Rather than discarding concepts and practices associated with the Buddha that had been recognized and formative for the culture in Sri Lanka for over 1500 years, Alagiyavanna retained at least some of them in his depiction of the religion that he adopted and adapted from the Portuguese. In doing so, he effectively, if also unintentionally, destabilized the hegemonic Portuguese Christian culture by recasting it in Sinhala Buddhist terms. Although there is little evidence that he directly sought to undermine the legitimacy of the Christian religion, Alagiyavanna refused to denounce or devalue the Buddhist religion of his upbringing. The resulting hybrid religious formation that appears in his work appears to pattern Christian concepts after more familiar Buddhist ones. His *Kustantīnu Haṭana* alters the Sinhala poetic convention of opening a literary work by dedicating

---

unuun tarātarama *ṭa*
gambim paveṇi ko *ṭa*
duniya baňdavā garu ämatipa *ṭa.*

[32] For a list of all ten virtues, see V. Fausbøll (ed.), *The Jātaka: Together with Its Commentary*, Vol. III, Oxford, Pali Text Society, 1990 [1st ed., 1883], p. 274. An English translation of this passage is found in E. B. Cowell (ed.), *The Jātaka: Or Stories of the Buddha's Former Births,* Vols. III-IV, Delhi, Motilal Banarsidass, 1994 [1st ed., 1895], p. 174. Reference to the Ten Kingly Virtues is also made in *Pärakumbā Sirita*, wherein king Parākramabāhu VI is praised for embodying them and giving rise to royal splendor that delights all beings. See D. G. Abhayagunaratna, op. cit., v. 55.

[33] Similarly, the captains of Sá de Noronha's army, Filipe de Oliveira and Luís Teixeira, are also portrayed in the work as giving various kinds of wealth and honors to their respective soldiers. See M. E. Fernando (ed.), op. cit., vv. 182-183.

verses honoring the Buddha, his Teaching, and the Monkhood – the so-called "Triple Gem" of Buddhism – by substituting verses of praise for the Trinity, Jesus Christ, and the Virgin Mary.

> I venerate with reverence the one God who is of three kinds,
> Namely the Father, Son, and Spirit,
> Who exists without expression and division,
> Like the word, the letter, and the meaning.
>
> I venerate the noble Lord Jesus Christ,
> Who is a treasure full with the virtue of loving-kindness,
> And who bestowed the lotuses of his resplendent feet,
> To the heads of the beings of the entire world.
>
> I venerate with devotion the noble lord who issued forth,
> From the womb of the Virgin Mary,
> In the manner of the fiery flames that issue forth,
> From the sunlight stone.[34]

By opening his work with verses of praise for the Christian God, Alagiyavanna signals a different focus for veneration than what is found in his earlier Buddhist-themed poetry. Whereas his older works were dedicated to the Buddhist Triple Gem, he now attributes his literary endeavors to his devotion to the holy figures of the Portuguese religion.

However, this substitution does not mean that Alagiyavanna wholly abandoned his previous attachment to Buddhism, nor does it mean that the poet internalized the Catholic faith solely in Portuguese terms. It would be equally inaccurate to interpret these verses simply as a sign of the poet's "accommodationist" stance to assimilate the faith of the colonial overlords. Alagiyavanna, in fact, challenges and undermines the Christian religion by

---

[34] M. E. Fernando (ed.), op. cit., vv. 1-3:

basakara aruta me *na*
venasa noma pā pavati *na*
piti put vīdi ya *na*
tevak eksura vaňdiṁ adari *na*

sav lev sat mu *du n*
siya siripā kamala *du n*
met guṇa piri na *du n*
vaňdiṁ yēsus kristu suriňdun

rivikän pahaṇaki *na*
nikut nalasiḷu vilasi *na*
kanni mari kusaye *na*
pahaḷa suriňdun vaňdiṇ bätiye *na.*

W. L. A. Don Peter explains the mythological symbolism of the "sun-stone" as an example of an Indic symbol used as a simile to portray Christ's virgin birth in W. L. A. D. Peter, art. cit., p. 21.

reinterpreting some of its basic beliefs in broadly Buddhist terms. This claim is not meant to question the validity of his conversion to Catholicism. Other scholars have taken this stance, suggesting that Alagiyavanna's conversion and service under the Portuguese was done solely out of practical motives, such as his need to obtain food to eat.[35] It seems more reasonable, however, to posit that Alagiyavanna's conversion did not follow the model of a complete, unilateral process whereby the old religion is wholly replaced by a new one, but was instead more consistent with what Kenneth Mills and Anthony Grafton describe as the intended messages of the missionaries either failing to be transmitted or being effectively transformed by those who received them.[36] It is likely that Alagiyavanna embraced the Catholicism of the Portuguese in a partial and qualified manner, viewing its tenets and practices more as extensions of more familiar Buddhist ones than as a distinctly superior and uniquely true religion. Indeed, it would seem that from the poet's point of view, the Portuguese religion would be enriched and improved by its association with Buddhism.

For example, *Kustantīnu Haṭana* makes several references to the Christian God and to expressions of Christian piety in stock poetic ways, evoking Buddhist ideas and imagery in the process. The figure of Christ is extolled in verse two for his virtue of loving-kindness and his lotus-like feet, qualities that mirror those of the Buddha. Such a description evokes the praise for the Buddha in the opening verse in one of Alagiyavanna's earlier works, *Subhāṣitaya* (Well-Spoken Words). In that verse, the audience is told to "venerate the lotus-feet of the Buddha," who "has loving-kindness that has arrived for all beings."[37] Another verse in *Kustantīnu Haṭana* credits Lord Jesus (*yēsu devi*) with helping Sá de Noronha travel safely to Ceilão, although it also notes the positive effects of the general's own merit (*piṅ*) in this instance.[38] Given that Sri Lankan Buddhist culture incorporated various *bodhisattva*s and Hindu deities beginning from around the fourteenth century, the previous description of Jesus resembles these divine figures that were venerated by Buddhists to satisfy human needs in the current world.[39] Such deities and *bodhisattvas* borrowed from the Mahāyāna Buddhist tradition became popular figures of veneration in the fifteenth century, and Nātha (or Avalokiteśvara) became especially prominent as a being that offered pro-

---

[35] Cf. C. E. Godakumbura, *Sinhalese Literature*, Colombo, Colombo Apothecaries Co., 1955, p. 226.

[36] Kenneth Mills and Anthony Grafton (ed.), *Conversion: Old Worlds and New,* Rochester, New York, University of Rochester Press, 2003, pp. xi-xii.

[37] Kumaratunga Munidasa (ed.), *Subhāṣitaya*, Colombo, M. D. Gunasena, 2001 [1st ed., 1952], v. 1.

[38] M. E. Fernando (ed.), op. cit., v. 60.

[39] For more on the historical appropriation of *bodhisattva*s and deities in late medieval Sri Lanka, see John Clifford Holt, *Buddha in the Crown: Avalokiteśvara in the Buddhist Traditions of Sri Lanka*, New York, Oxford University Press, 1991.

tection and compassion to his devotees.[40] It should be noted that in the Sri Lankan Theravāda Buddhist tradition, the Buddha is normally seen to have passed away into the blissful, otherworldly state of nirvana, and thus he is no longer able to intervene and assist the beings of this world. However, *bodhisattvas* and deities could represent powerful, divine beings to whom Buddhists could appeal for blessings and protection in the present, while still venerating and following the Buddha to achieve higher, otherworldly goals of positive rebirths and liberation from *saṃsāra*.

This separation of duties, whereby Buddhas help people to obtain good rebirths and liberation, while *bodhisattva*s and other heavenly beings offer assistance with this-worldly goals is instructive for reading Alagiyavanna's work. Indeed, the picture of Jesus in *Kustantīnu Haṭana* appears much like a heavenly *bodhisattva* who looks after people's needs in the world of repeated births and deaths, or *saṃsāra*. If the Buddha was viewed as having transcended *saṃsāra,* then *bodhisattvas* like Nātha who remained within this cycle could offer direct, supernatural aid to people who sought it out. It is in this context that the figure of Jesus should be viewed in this seventeenth-century poem. In addition to the text's assertion of the safe passage he provided in the voyage from Goa to Ceilão, Jesus is portrayed as a compassionate being who looks after people in the world.

> Who is great in terms of virtue,
> Who is engaged in the protection of the world,
> And who possesses wondrous, supernatural powers,
> May the Lord Jesus Christ protect us![41]

The image of Jesus in this work thus fits nicely within the framework of a *bodhisattva* in the Sri Lankan Buddhist tradition. Alagiyavanna makes no mention of Jesus's sacrifice and consequent removal of sin, nor is he praised for being the way to heaven and eternal life. Instead, Jesus is said to offer protection and prosperity to his devotees. He is called the "eye of the three worlds" (*tun lova äsa*), which is an epithet commonly used with reference to the Buddha.[42] In a Buddhist context, the Buddha, as the Fully Awakened One, is said to possess unobstructed knowledge of the world of desire (*kāma-loka*), the world of form (*rūpa-loka*), and the formless world (*arūpa-loka*),

---

[40] H. B. M. Ilangasinha, *Buddhism in Medieval Sri Lanka*, Delhi, Sri Satguru Publications, 1992, pp. 190-193. For more general observations about the cults of *bodhisattvas* and deities in medieval Sri Lanka, see S. C. Berkwitz, *South Asian Buddhism: A Survey*, London, Routledge, 2009, pp. 151-153.

[41] M. E. Fernando (ed.), op. cit., v. 186:
guṇayen maha t tu
lova räkumehi niyu t tu
asiri iduma t tu
rakī sura yesus kiri s tu.

[42] *Idem*, v. 188.

which together comprise the Buddhist universe. Indeed, Alagiyavanna uses the same epithet in some of his earlier works to praise the *bodhisattva* who is destined to become the Buddha.[43] Collectively these remarks show how the poet goes beyond simply using local figures of speech to express Christian sentiments. The view favoring Alagiyavanna's harmonization of Christian faith with the local Sinhala culture fails to recognize his transformation of that faith into a form that differs markedly from what Portuguese missionaries promoted.[44] Alagiyavanna re-envisions Jesus Christ as a kind of *bodhisattva* who can assist his devotees while they are subject to suffering and death in *saṃsāra*. He answers the needs of people in this world, but there are scant signs in this work of how Jesus can help them in the next world. Envisioned more as a protector and one who bestows blessings and wealth than as a personal savior who redeems sinners from sin and hell, Jesus is praised in largely Buddhist terms as a supernatural force who is able to assist people with their immediate concerns and needs.

This blending of Christian and Buddhist notions of divine power represents one crucial expression of the hybrid religious vision of *Kustantīnu Haṭana*. One need not question the sincerity of Alagiyavanna's conversion to posit that he was either unable or unwilling to part with select Buddhist ideas and values when he composed this work in the later years of his life. The religiosity he promotes is transgressive in that it undermines more orthodox formulations of both Catholicism and Buddhism. To paraphrase Homi Bhabha, the hybrid representation of religion in *Kustantīnu Haṭana* disturbs the hegemonic, discriminatory forms of knowledge belonging to the colonial authorities, making it dependent on local or "native" forms of knowledge for their expression.[45] In other words, the authority and status attributed to Christianity by the Portuguese cannot be justified on its own terms. Alagiyavanna's text embraces certain features of Christian thought and symbolism but recasts such features in terms of Buddhist notions, a move that actually subverts the authority and integrity of the Portuguese faith. The "religion of the Lord" (*devi samaya*), which was already undermined by the apostasy of the rebel António Barreto, is again – albeit unwittingly – compromised by Alagiyavanna's poetically inflected depiction of Christianity from the perspective of local Sinhala Buddhist culture.[46] The Catholicism celebrated by in *Kustantīnu Haṭana* appears more hybrid and heterodox next to the faith generally promoted by Portuguese missionaries in Ceilão. Indeed, writing in an annual letter from 1610, the Jesuit author describes how one of the

---

[43] Väliviṭiyē, Sorata (ed.), *Alagiyavanna Mukaveṭituman visin viracita Dahamsoṅḍa Kava,* Colombo, Jinālaṅkāra Yantrālaya, 1934, v. 57. In his *Kusa Jātaka Kāvya*, Alagiyavanna refers to the Buddha with the epithet of the "Sage who is the Eye of the World". See D. M. Samarasinghe (ed.), *Sitiyaṁ sahita Kusajātaka Kāvya*, Colombo, Śrī Laṅkā Prakāśaka Samāgama, 1964, v. 69.

[44] See, for instance, W. L. A. D. Peter, art. cit., p. 20.

[45] Homi K. Bhabha, *The Location of Culture,* London, Routledge, 1994, p. 164.

[46] M. E. Fernando (ed.), op. cit., vv. 11-12.

Fathers in the island occupies himself with the study of the "Chingala" language in order to converse with the local monks and to refute their "errors and figments" so as to bring some of them to "abandon their false religion" and accept the truth of the Gospel.[47] Even though Alagiyavanna was converted by these same Jesuits, he shows little sign in his last poetic work of having abandoned his affiliations with Buddhism.

Aside from his reinterpretation of Christian divinity in terms of a compassionate *bodhisattva*, Alagiyavanna also employs specifically Buddhist concepts in the narrative of his work. The Buddhist idea of merit (*piṅ*) appears in several places in *Kustantīnu Haṭana* and is presented as an uncontroversial fact. Buddhist traditions have long extolled merit as a kind of positive force likened to the un-ripened effects of good deeds, which condition a more enjoyable and pleasurable existence in the future. Earning merit thus represents a valued Buddhist goal that may be likened to building up a store of intangible seeds that will one day bear pleasant and fortunate fruits in this life or in a subsequent rebirth.[48] Engaging in morally wholesome deeds such as giving alms to monks or showing reverence to the Buddha have long been identified as practices that may generate merit, which will in turn lead to good effects for the practitioner later on. The notion of merit has been central to Sri Lankan Buddhist practice and Buddhist literature for as long as the tradition has been found in the island.

This same concept appears early on in *Kustantīnu Haṭana*, when Alagiyavanna explains how the king of the Kandyan Kingdom in the upcountry escaped from the rebel Barreto's treachery "by the power of the Triple Gem, by the influence of the great gods, and by the power of the merit of that king."[49] The implication of this assertion is that the good deeds performed by that Buddhist king earned him merit that allowed him to escape from Barreto's offensive against Kandy. In other words, for Alagiyavanna the convert to Catholicism and servant of the Portuguese Crown, merit engenders real, beneficial effects in the world. Such a position runs counter to typical Portuguese claims from the sixteenth and seventeenth centuries that Buddhist beliefs are simply nonsense and diabolically inspired superstitions.[50] Alagiyavanna, in contrast, recognizes the validity and efficacy of the

---

[47] V. Perniola, op. cit., p. 303.

[48] Rupert Gethin, *The Foundations of Buddhism*, Oxford, Oxford University Press, 1998, p. 101. For remarks on the contemporary relevance of merit in Buddhism, see S. C. Berkwitz, *South Asian Buddhism*, cit., p. 202.

[49] M. E. Fernando (ed.), op. cit., v. 22:

teruvan mahimenu	*t*
suravaran anuhasinu	*t*
e raju pin belenu	*t*
uvadurak noma vemin maňdaku	*t.*

[50] João de Barros and Diogo do Couto, *The History of Ceylon from the Earliest Times to 1600 AD,* trans. Donald Ferguson, New Delhi, Navrang, 1993 [1st ed., 1909], pp. 110-113. For additional examples of Portuguese critiques of Buddhism in the seventeenth century, see

Buddha's teachings in this work, even after his conversion. Furthermore, the idea of merit is presented in a matter-of-fact way, suggesting that the author felt no need to explain or defend the idea to its potential detractors.[51] We have already noted how the work attributes Sá de Noronha's safe journey to Sri Lanka to merit along with the divine assistance of Jesus. The assertion of Sá de Noronha's merit is noteworthy since it not only demonstrates the validity of the concept itself, but it also reinforces the idea that the *capitão-geral* is worthy of reverence and respect like other beings who have earned merit by performing good deeds.[52] Such an idea reflects a conviction widespread in Sinhala Buddhist culture that held that powerful rulers enjoyed great majesty and fame as a result of having performed many good deeds in the past. Their current stature and success would thus be viewed as evidence of the great amount of merit they have previously earned and currently enjoy.

By employing Buddhist ideas and imagery in his praise of the Portuguese, Alagiyavanna reveals how notions of religion and power in early seventeenth-century Ceilão were fashioned in hybrid terms, even in one of the most celebrated Sinhala converts to the faith. The French traveler Jean-Baptiste Tavernier wrote an account of Alagiyavanna's conversion in 1648 based on the reports of Jesuits in Goa, who were familiar with and evidently proud of this particular event. Calling Alagiyavanna a "very accomplished man and good native philosopher," Tavernier explains how the Sinhala poet was converted by Jesuit Fathers, studied and memorized the New Testament, received baptism, and worked zealously for the conversion of other "idolaters."[53] Such an account, coming only about one or two generations after the events of which it speaks, surely exaggerates Alagiyavanna's conversion experience. Indeed, even Portuguese writers such as Fernão de Queirós recognized that Sinhalas were not always sincere in their conversions and needed stronger encouragement and incentives to follow the Catholic faith. For example, Queirós's account of the Portuguese experience in Ceilão often stresses the "infidelity" and "blindness" of the Sinhalas, making them difficult targets for conversion to Christianity.

A. Strathern, "Representations of Eastern Religion", cit., pp. 56-57. Interesting Portuguese condemnations of Buddhism may also be found in J. M. Flores, op. cit., pp. 53-54, 181.

[51] Although it seems unlikely that Portuguese observers had a clear understanding of Buddhist notions of *karma* and *merit*, the disdain with which they wrote about native rites would have ensured a skeptical and dismissive attitude toward whatever exposure they had to these ideas. See, for example, Diogo do Couto's description of how pilgrims to "Adam's Peak" in Ceilão would perform ceremonies to make them believe that they have purified themselves. J. Barros and D. Couto, op. cit., pp. 109-110.

[52] Cf. Alagiyavanna's words in *Subhāṣitaya*: "Knowledgeable beings make offerings to one having great merit." The assumption at work in this statement is that meritorious beings have developed great virtue and justifiably enjoy the fruits of their good conduct. Cf. K. Munidasa, op. cit., v. 97.

[53] V. Ball (trans.), *Travels in India by Jean Baptiste Tavernier*, Vol. II, London, Macmillan and Co., 1889, pp. 188-189.

> The conversion of the Chingalâs was beset with greater difficulties than that of any other nation of the East free from the Mahometan dominion, because left to their natural bent they are proud, presumptuous, variable, and inconstant, and therefore they make religion a matter of convenience. So long as it served their purpose to live with the Portuguese they received the Faith of Christ and either pretended or were in reality Christians; when an occasion offered to throw off the Portuguese domination and they took up arms, with the same facility they abandoned the Faith of Christ (…).[54]

It is not surprising to see a seventeenth-century Portuguese chronicler highlight the gulf between sincere and opportunistic conversions and, by extension, between Christian and Buddhist identity. The numerous rebellions that the Portuguese faced in the island, often by former converts to Christianity like António Barreto, surely bred mistrust and contempt for Sinhalas who professed the Catholic faith. Yet Alagiyavanna did not rebel against the Portuguese, nor is there is any good evidence that would cast doubt on his affinity for his new faith. Nevertheless, Tavernier's description seems to overplay Alagiyavanna's conversion while maintaining the same strict distinction between Christian and Buddhist identity that Queirós posited. Neither the optimism of Tavernier nor the pessimism of Queirós suffices to explain the religious interests or commitments of a figure like Alagiyavanna. From the standpoint of their antagonistic perspectives on religious identity, Alagiyavanna's hybrid religious views must be explained away either by questioning the sincerity of his conversion or by dismissing the Buddhist elements in *Kustantīnu Haṭana* as merely stereotypical literary conventions. Many modern Sinhala scholars have likewise been constrained by modern views of religion in their assessments of Alagiyavanna as *either* a crypto-Buddhist *or* a sincere Catholic.[55] The possibility that he borrowed elements from both Buddhism and Christianity in a manner reminiscent of the pluralistic religious culture of medieval Sri Lanka, whereupon Buddhist and Hindu forms were often practiced jointly, has not been adequately recognized.[56]

It would be more accurate to state that *Kustantīnu Haṭana* represents a hybrid approach to religious identity, wherein Portuguese and Sinhala cultural elements co-exist and even inform one another. One does not find

---

[54] Fernão de Queyroz, *The Temporal and Spiritual Conquest of Ceylon*, Vol. II, trans. S. G. Perera, New Delhi, Asian Educational Services, 1992 [1st ed., 1930], p. 699.

[55] Among those who have considered the question of Alagiyavanna's actual religious identity, one side maintains that he was Christian "only in name," and maintained his true Buddhist orientation privately. See, for example, E. Wimalasuriya Gunapala, *Kavīndra Alagiyavanna Mukaveṭi Caritaya*, Sri Lanka, s.n., 1927, p. 33. The other opinion states that Alagiyavanna became a true Christian believer and that his references to Indic mythology in *Kustantīnu Haṭana* were simply consistent with cultural norms. See W. L. A. D. Peter, art. cit., pp. 22-24.

[56] It is important to note here that although some notable Jesuits who worked in other parts of Asia – such as Roberto de Nobili and Matteo Ricci – sometimes advocated adapting local cultural expressions for propagating the Christian Gospel, there is scant evidence of such a missionary method undertaken in Portuguese Ceilão.

a wholesale rejection of Buddhism in this work, and yet there seems to be a genuine embrace of certain Catholic ideas and religious piety as well. There is a deep attachment to some Buddhist ideas alongside the pronouncements and descriptions of Christian devotion. Scholars who have contended that the work demonstrates either Christian or Buddhist adherence have allowed themselves to be constrained by modern views of religious identity that typically overemphasize the distinctions and boundaries between traditions. However, this early seventeenth-century poem illustrates the possibilities by which a Buddhist subject of the Portuguese empire could appropriate elements from various religions to produce a hybrid tradition that allowed him to traverse different fields of power in the island. The retention of classical poetic forms and conventions, coupled with appeals to powerful ideas of local kingship and Buddhist morality, would in theory help Alagiyavanna make a case for reclaiming his status as an excellent poet who is entitled to royal patronage and social recognition. Yet it also reflects his efforts to praise the Portuguese *capitão-geral*, enhancing the latter's power and status as a "king" fit for veneration and worthy successor to line of Sinhala Buddhist kings who preceded him in the island.

Hybrid images of power and religion do not necessarily involve the "harmonization" of different traditions. Within the context of early modern Catholicism and Buddhism, there were numerous aspects in both that would have been objectionable to the other. Indeed, the discourse on Buddhism as found in the writings of Portuguese-sponsored missionaries throughout early-modern Asia is overwhelmingly critical and dismissive of the religion's practices and beliefs. And there is sporadic evidence of negative caricatures of the Portuguese and their Christian faith in a handful of Sinhala Buddhist works from the sixteenth-eighteenth centuries.[57] Alagiyavanna's work celebrating Constantino de Sá de Noronha could have hardly been designed to bring about a rapprochement between these two sides. Instead, by considering *Kustantīnu Haṭana* as a poetic response to Portuguese colonialism in Sri Lanka, we may acknowledge that its hybridity represented a challenge to the notion of fixed religious and cultural identities, as well as the idea of the disparateness of the other.[58] This work demonstrates that hybridity could be subversive even without the intention of undermining the authority of religious and political elites. Alagiyavanna sought to buttress the power of the Portuguese in Ceilão, and yet his poetic descriptions borrowed heavily from Sinhala Buddhist notions and literary values. Such a vision that appropriated aspects of both religions and cultures could not succeed in reconciling the two traditions, which had already staked out claims to their respective

[57] See, for example, M. Roberts, op. cit., and R. F. Young and G. S. B. Senanayaka, op. cit., for traces of some of the negative portrayals of Portuguese colonialists in early-modern Sri Lanka.

[58] Robert J. C. Young, *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race*, London, Routledge, 1995, p. 4.

truth and particularity. When seen in the light of his entire body of work, Alagiyavanna's *Kustantīnu Haṭana* appears as a creative synthesis of rival religious ideals to represent anew the traditional political-aesthetic order and restore the status and privileges of poets in Sri Lankan society. The religion and power of the Portuguese could be deemed worthy of praise, but evidently not on terms that were uniquely their own. The written praise of a laudable Sinhala subject and convert demonstrates that even some of the most celebrated conversions by Portuguese Jesuits remained far from complete and could engender new, hybrid discourses that destabilized colonial and missionary claims of bringing the local population under the control of the Church and the Crown.

Bibliography

Abeysinghe, Tikiri, *Portuguese Rule in Ceylon, 1594-1612*, Colombo, Lake House, 1966.

Abhayagunaratna, D. G. (ed.), *Pärakumbā Sirita,* Colombo, Madhyama Saṅskṛtika Aramudala, 1997.

Ball, V. (trans.), *Travels in India by Jean Baptiste Tavernier*, Vol. II, London, Macmillan and Co., 1889.

Barros, João de and Diogo do Couto, *The History of Ceylon from the Earliest Times to 1600 AD,* trans. Donald Ferguson, New Delhi, Navrang, 1993 [1st ed., 1909].

Berkwitz, Stephen C., *South Asian Buddhism: A Survey*, London, Routledge, 2009.

Berkwitz, Stephen C., "An Ugly King and the Mother Tongue: Notes on Kusa Jātaka in Sinhala Language and Culture", *parallax,* Vol. 18, No. 3, 2012, pp. 56-70.

Berkwitz, Stephen C., *Buddhist Poetry and Colonialism: Alagiyavanna and the Portuguese in Sri Lanka*, Oxford, Oxford University Press, 2013.

Bhabha, Homi K., *The Location of Culture,* London, Routledge, 1994.

Cowell, E. B. (ed.), *The Jātaka: Or Stories of the Buddha's Former Births,* Vols. III-IV, Delhi, Motilal Banarsidass, 1994 [1st ed., 1895].

Fausbøll, V. (ed.), *The Jātaka: Together with Its Commentary*, Vol. III, Oxford, Pali Text Society, 1990 [1st ed., 1883].

Fernando, M. E. (ed.), *Alagiyavanna Mukaveṭitumā visin viracita Kustantīnu Haṭana,* Galle, Sri Lanka, St. Aloysius' College, 1933.

Flores, Jorge Manuel, *Os Olhos do Rei: Desenhos e Descrições Portuguesas da Ilha de Ceilão (1624, 1638)*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.

Gethin, Rupert, *The Foundations of Buddhism*, Oxford, Oxford University Press, 1998.

Godakumbura, C. E., *Sinhalese Literature*, Colombo, Colombo Apothecaries Co., 1955.

GUNAPALA, E., Wimalasuriya, *Kavīndra Alagiyavanna Mukaveṭi Caritaya*, Sri Lanka, s.n., 1927.

HOLT, John Clifford, *Buddha in the Crown: Avalokiteśvara in the Buddhist Traditions of Sri Lanka*, New York, Oxford University Press, 1991.

ILANGASINHA, H. B. M., *Buddhism in Medieval Sri Lanka*, Delhi, Sri Satguru Publications, 1992.

INGALLS, Daniel H. H. (trans.), *Sanskrit Poetry: From Vidyākara's Treasury*, Cambridge, Harvard University Press, 1965.

JOTIPALA, Gonahene (ed.), *1981 Rājya Sāhitya Utsavaya Käragala: Siyaṇē-Lēkhakayō*, Colombo, Cultural Affairs Ministry, 1981.

LOPES, Fernando Félix, *A Evangelização de Ceilão desde 1552 a 1602,* Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967.

MENEGON, Eugenio, "European and Chinese Controversies over Rituals: A Seventeenth-Century Genealogy of Chinese Religion", in Bruno Boute and Thomas Småberg (ed.), *Devising Order: Socio-religious Models of Rituals and the Performativity of Practice*, Leiden, Brill, 2013, pp. 193-222.

MILLS, Kenneth and Anthony GRAFTON (ed.), *Conversion: Old Worlds and New,* Rochester, New York, University of Rochester Press, 2003.

MUNIDASA, Kumaratunga (ed.), *Subhāṣitaya*, Colombo, M. D. Gunasena, 2001 [1st ed., 1952].

PARANAVITANA, Rohini, "Sinhalese War Poems and the Portuguese", in Jorge Flores (ed.), *Re-Exploring the Links: History and Constructed Histories between Portugal and Sri Lanka*, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2007, pp. 49-61.

PERERA, S. G. and M. E. FERNANDO (ed.), *Alagiyawanna's Kustantinu Haṭana (The Campaign of Don Constantine)*, Colombo, Catholic Press, 1932.

PERNIOLA, V. (ed.), *The Catholic Church in Sri Lanka: The Portuguese Period*, Vol. II ("1566 to 1619"), Dehiwala, Sri Lanka, Tisara Prakasakayo, 1991.

PETER, W. L. A. Don, "Portuguese Influence on a Sinhalese Poet," *Aquinas Journal,* Vol. 6, No. 1, 1989, pp. 9-26.

POLLOCK, Sheldon, *The Language of the Gods in the World of Men: Sanskrit, Culture, and Power in Premodern India,* Berkeley, University of California Press, 2006.

QUEYROZ, Fernão de, *The Temporal and Spiritual Conquest of Ceylon*, Vol. II, trans. S. G. Perera, New Delhi, Asian Educational Services, 1992 [1st ed., 1930].

RAFAEL, Vicente L., *Contracting Colonialism: Translation and Christian Conversion in Tagalog Society under Early Spanish Rule,* Durahm, NC, Duke University Press, 1993.

RAMANUJAN, A. K. (trans.), *Poems of Love and War: From the Eight Anthologies and the Ten Long Poems of Classical Tamil*, New York, Columbia University Press, 1985.

REGO, António da Silva (ed.), *Documentação Ultramarina Portuguesa*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960.

ROBERTS, Michael, *Sinhala Consciousness in the Kandyan Period, 1590s to 1815,* Colombo, Vijitha Yapa, 2004.

SAMARASINGHE, D. M. (ed.), *Sitiyaṅ sahita Kusajātaka Kāvya*, Colombo, Śrī Laṅkā Prakāśaka Samāgama, 1964.

SANNASGALA, Puñci Bandara, *Siṅhala Sāhityavaṃśaya,* 2nd ed., Colombo, Cultural Affairs Department, 1994.

SCHRIMPF, Monika, "The Pro- and Anti-Christian Writings of Fukan Fabian (1565-1621)", *Japanese Religions,* Vol. 33, Nos. 1&2, 2008, pp. 35-54.

SHULMAN, David, "Poets and Patrons in Tamil Literature and Literary Legend", in Barbara Stoler Miller (ed.), *The Powers of Art: Patronage in Indian Culture*, Delhi, Oxford University Press, 1992, pp. 89-119.

SILVA, Chandra R. de, "Algumas reflexões sobre o impacto português na religião entre os singaleses durante os séculos XVI e XVII", *Oceanos,* Vol. 34, 1998, pp. 104-116.

SORATA, Väliviṭiyē (ed.), *Alagiyavanna Mukaveṭituman visin viracita Dahamsoṅḍa Kava,* Colombo, Jinālaṅkāra Yantrālaya, 1934.

STRATHERN, Alan, *Kingship and Conversion in Sixteenth-Century Sri Lanka: Portuguese Imperialism in a Buddhist Land,* Cambridge, Cambridge University Press, 2007.

STRATHERN, Alan, "Representations of Eastern Religion: Queyroz and Gonzaga on the First Catholic-Buddhist Disputation in Sri Lanka", *Journal of the Royal Asiatic Society of Sri Lanka,* new series, Vol. 43, 1998, pp. 39-70.

STRATHERN, Alan, "Re-Reading Queirós: Some Neglected Aspects of the *Conquista*", *Sri Lanka Journal of the Humanities,* Vol. 26, Nos. 1-2, 2000, pp. 1-28.

TRINDADE, Fr. Paulo da, *Conquista Espiritual do Oriente*, Vol. III, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962.

VIMALA, Ambagaspitiye, *Sinhala Haṭan (Kavi) Sāhitya Vimarśanaya*, Colombo, S. Godage and Brothers, 1998.

WICKREMASINGHE, Martin, *Sinhalese Literature*, trans. E. R. Sarathchandra, Colombo, M. D. Gunasena & Co., 1949.

XAVIER, Ângela Barreto, *A Invenção de Goa: Poder Imperial e Conversões Culturais nos Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

YOUNG, R. F. and G. S. B. SENANAYAKA, *The Carpenter-Heretic: A Collection of Buddhist Stories about Christianity from 18th-Century Sri Lanka,* Colombo, Karunaratne & Sons, 1998.

YOUNG, Robert J. C., *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race*, London, Routledge, 1995.

ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR, Vol. XIII, 2012, pp. 455-486

AS DISSENSÕES SOBRE O DOMÍNIO DA NAVEGAÇÃO NO RIO DE MAIM NO CONTEXTO DO RELACIONAMENTO LUSO-BRITÂNICO EM BOMBAIM (1716-1722)*

por
PEDRO NOBRE**

A entrega efectiva da ilha de Bombaim à Inglaterra em 1665, no seguimento do que havia sido acordado no tratado de aliança de 1661, produziu variadas mudanças na vivência do Estado da Índia e, em particular, da Província do Norte. O acordo estipulava que o Estado da Índia entregasse uma parcela do seu território ultramarino a uma entidade europeia, o que significava uma mudança no seu paradigma de actuação. De facto, o Estado da Índia passava a ter no subcontinente indiano um vizinho europeu, «consentido» e aliado, com quem partilhava fronteiras comuns. A isto acrescia o facto de a população de Bombaim, com uma importante comunidade de grandes e pequenos foreiros portugueses, assim como uma forte presença das ordens franciscana e jesuíta[1] (estes também grandes foreiros), passar a

* Optámos por usar o termo «britânico» de uma forma flexível, dadas as características particulares da realidade interna e ultramarina inglesa nos séculos XVII e XVIII. Na Europa, e de forma particular na Ásia, a East India Company (EIC), sediada em Londres, era constituída por uma mescla de indivíduos oriundos das várias regiões da velha *Albion*: Ingleses, Galeses, Irlandeses ou Escoceses. Neste sentido, pareceu-nos mais prático utilizar o termo «britânico» como conceito operativo, de modo a simplificar a caracterização de um grupo heterogéneo como era o dos súbditos da EIC na região do Índico.

** Bolseiro de doutoramento em Historia da Expansão Portuguesa na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Assistente de Investigação do CHAM. E-mail: padnobre@gmail.com.

[1] Glenn Ames defende que os aspectos religiosos desempenharam um papel crucial, não só no processo de transferência da ilha, mas também na consolidação de Bombaim, entre os anos de 1661 e 1687. Para além disso, defende que a política de liberdade religiosa adoptada, no geral, pelos Ingleses foi fulcral no confronto com os Portugueses na Ásia e na ascensão inglesa no comércio indiano, dado que atraiu para os estabelecimentos ingleses mercadores indígenas e católicos. Veja-se Glenn J. AMES, «The Role of Religion in the Transfer and Rise of Bombay, c.1661-1687», *The Historical Journal*, Vol. 46, n.º 2, Jun. 2002, pp. 317-340. Sobre o papel das ordens jesuíta e franciscana no distrito de Baçaim, mais concretamente em Salsete e Bombaim,

estar sujeita aos ditames da Coroa inglesa. Todos estes aspectos constituíram uma novidade para o Estado da Índia e para os seus súbditos e exigiram uma adaptação do modo de interacção com tão próximo vizinho. O mesmo se terá passado com os oficiais britânicos, quer da Coroa, numa primeira fase (1665-1668), quer da East India Company, a partir de 1668, para quem o domínio territorial no espaço asiático constituía uma experiência nova, se exceptuarmos o controlo exercido no Forte de St. George, em Madrasta, a partir de 1639[2].

Numa outra perspectiva, esta realidade tão próxima entre os dois poderes europeus concorreu necessariamente para a eclosão de problemas e tensões entre as duas estruturas de poder. Tal facto não constituiu surpresa, dado que o processo de entrega da ilha de Bombaim não foi pacífico, tendo durado três anos, que, marcados por tensões várias (das quais as cortes europeias se mantiveram à margem, conservando uma posição única e firme de entrega imediata da ilha) entre os representantes da Coroa inglesa e os oficiais do Estado da Índia, culminaram no Auto de Entrega de 1665[3]. Este compromisso, celebrado pelas estruturas de poder regional (o vice-rei português e o indigitado governador britânico), constituiu apenas um momentâneo e tácito entendimento que, do ponto de vista prático, permitiu desbloquear o impasse da entrega da ilha, sem pôr cobro às divergências que separavam as duas potências, nomeadamente em termos territoriais[4].

A presença portuguesa em Bombaim remontava a 1534, data da celebração do acordo de concessão, em Dezembro desse ano[5], entre o sultão de Guzerate, Bahâdur Shâh, e o governador português, Nuno da Cunha, que garantiu a incorporação no Estado da Índia de uma vasta franja territorial, como era o distrito de Baçaim. Este território, juntamente com as terras do distrito de Damão, incorporadas em 1559, constituía a «Província do Norte»[6], espaço que dotava o Estado da Índia de uma considerável extensão terri-

---

veja-se também André Teixeira, *Baçaim e o Seu Território: Política e Economia (1536-1661)*, tese de doutoramento (policop.), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2010, pp. 162-186).

[2] Madrasta foi adquirida em 1639, por Francis Day, ao naique hindu Darmala Venkatappa. Os Britânicos não possuíam, contudo, total soberania sobre o local, administrando o território como *diwan* e entregando metade das receitas àquele e, a partir de 1658, directamente ao sultanato de Golconda. Veja-se D. K. Basset, «Early English Trade and Settlement in Asia, 1602-1690», in J. S. Bromley (ed.), *Britain and the Netherlands in Europe and Asia*, London, Macmillan, 1968, pp. 97-98.

[3] Pedro Nobre, *A Entrega de Bombaim ao Reino Unido (1661-1668) – um processo político-diplomático*, dissertação de mestrado (policop.), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2008, pp. 64-95.

[4] *Idem*, pp. 96-97.

[5] Rodrigo José de Lima Felner (ed.), *Subsídios para a História da Índia Portuguesa*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1868, pp. 134-138.

[6] Dejanirah Couto, «Em Torno da Concessão e da Fortaleza de Baçaim (1529-1546)», *Mare Liberum*, n.º 9, Lisboa, CNCDP, 1995, p. 118.

torial com direitos de exploração fundiária[7], em contraste com a restante presença portuguesa no espaço asiático.

O acordo de 1534 inseriu-se no contexto da dupla pressão militar exercida por Portugueses e Mogóis contra o sultanato guzerate. Bahâdur Shâh ambicionava, por um lado, suster as pretensões do Estado da Índia sobre a importante praça de Diu – onde os Portugueses iriam edificar uma fortaleza no ano seguinte –, entregando grande parte do território que havia sido palco das investidas portuguesas; por outro lado, a forte pressão das forças mogóis de Humâyûn aconselhava a um entendimento com os Portugueses, até que a situação político-militar no interior da Índia fosse mais favorável. O sultanato encontrava-se bastante pressionado pelas forças mogóis, sendo nesse quadro que Bahâdur Shâh redireccionou a sua política para o interior do território indiano e projectou atacar as cidades imperiais de Deli e Agra. Contudo, novas derrotas condicionaram a sua acção e permitiram a instalação portuguesa em Diu, em 1535[8].

A entrada sistemática de Britânicos na costa ocidental indiana começou a esboçar-se em 1613, quando lhes foram concedidas protecção e permissão para comerciar em Surrate. Em 1616, foi ali edificada uma feitoria, símbolo de uma penetração progressiva que gerou, sem consequências, forte oposição portuguesa. A partir de Surrate, foram erigidas feitorias nas zonas comerciais do reino de Guzerate e nas cidades do Norte do subcontinente indiano, como Lahore e Agra. Esta presença britânica na região do Índico provocou naturais desconfortos ao Estado da Índia, o que originou diversas querelas nas décadas seguintes[9], de certa forma apaziguadas com a Convenção de Goa de 1635[10]. Mais tarde, a penetração britânica intensificou-se, nomeadamente com o estabelecimento de feitorias em Rajapur (1637), Carvar (1659), Porokad (1662), Calecute (1664) e Bijapur (1664)[11].

O interesse dos Britânicos por Bombaim remontava à década de 1620, quando, em 1626, em conjunto com as forças neerlandesas, atacaram aquele

---

[7] Tal como em Ceilão, Moçambique (mais tarde) e Goa, se bem que nesta última a escala fosse menor.

[8] A. Teixeira, op. cit., p. 33; D. Couto, art. cit., pp. 119-120.

[9] Destaca-se, naturalmente, a colaboração britânica na expulsão dos Portugueses da praça de Ormuz (1622), mas também outros antagonismos, como a constante concorrência comercial em Surrate e em Jask (Pérsia), ou a colaboração com os Neerlandeses no bloqueio a Goa e Moçambique (1621-1623) e no ataque a Bombaim (1626).

[10] Veja-se P. Nobre, «Convenção de Goa», in *Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa*, Centro de História de Além-Mar [Consultado a 20 de Fevereiro de 2012]. Disponível em http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/.

[11] Vejam-se D. K. Basset, art. cit., pp. 83-109; H. H. Dodwell (ed.), «The British India, 1487-1858», in *The Cambridge History of India*, Vol. V, Cambridge, Cambridge University Press, 1929; P. J. Marshall, «The English in Asia to 1700», in Nicholas Canny (ed.), *The Oxford History of the British Empire*, Vol. 1 («The Origins of the Empire»), Oxford, Oxford University Press, 1998, pp. 264-285.

porto. Nas décadas seguintes, os oficiais da EIC (East India Company) fizeram várias propostas[12] à Coroa inglesa e à República de Cromwell, vincando a necessidade de deter um local fortificado e com boa posição estratégica, que pudesse minimizar e combater os avanços neerlandeses e proporcionar o florescimento do comércio naquelas paragens, por via da independência dos poderes locais[13].

Para além das presenças portuguesa e britânica, a costa ocidental indiana – nomeadamente a região litoral do Concão – tinha como protagonistas os Maratas, os Sidis de Janjira, os Angriás, os Omanitas e, também, os Neerlandeses, estes últimos com uma presença mais demarcada a sul, na região do Malabar. Estes poderes locais de matriz marítima, com excepção dos Maratas, beneficiaram do desinteresse das grandes potências do interior da Índia, nomeadamente do império mogol, sobre a região costeira do Concão, dado que as características da sua presença política e os seus proveitos não advinham do comércio marítimo[14].

Os Maratas foram uma presença sentida de forma progressiva ao longo do Concão, a partir da segunda metade do século XVII, sendo que aí o seu domínio foi crescente, disputado sempre no contexto do antagonismo com o império mogol e beneficiando de forma decisiva da crescente desintegração deste após a morte de Aurangzeb[15].

Canoji Angriá, que fora vice-almirante da marinha marata, afastou-se do poder durante o conflito com Aurangzeb (1690-1707) que enfraqueceu o governo central marata. Esta conjuntura possibilitou que Canoji se rebelasse e actuasse à margem do controlo marata, fundando um principado de grande extensão, entre o porto de Bombaim e Vingurlá. Os Angriás eram comummente designados como piratas ou rebeldes pelas potências europeias, por atacarem e saquearem as embarcações mercantis mogóis, portuguesas e britânicas. As acções de Canoji Angriá tornaram-no o pirata mais temido da costa ocidental indiana até à data da sua morte, em 1729. Os seus descendentes continuaram, nas décadas seguintes, as actividades piratas,

---

[12] Cf. NATIONAL ARCHIVES [NA], *East Indies*, IV, n.º 7, citado por Shafaat Ahmad KHAN, *Anglo Portuguese Negotiations relating to Bombay, 1660-1667*, London, Humphrey Milford, 1940, pp. 425-426; John BRUCE, *Annals of the Honourable East India Company, from their establishment by the charter of Queen Elizabeth, 1600, to the union of the London and English East-India Companies, 1707-08*, Vol. 1, s.l., Black, Parry and Kingsbury, 1810, p. 336.

[13] Para além de Bombaim, outros locais foram sugeridos como alternativas para o estabelecimento britânico, como Baçaim, Danda Rajapur, Carapatão, Versová e a costa de Moçambique. Cf. NA, *East Indies*, VII, n.º 92, citado por S. A. KHAN, op. cit., p. 430; William FOSTER, *The English Factories in India 1655-60*, Oxford, Clarendon Press, 1923, p. 151; J. GENSE, *How Bombay was ceded*, Mumbai, D. B. Taraporevala Sons & Co., 1940, pp. 8-9.

[14] Vejam-se A. TEIXEIRA, op. cit., pp. 209-217, e Stewart GORDON, *The Marathas, 1600-1818*, in *The New Cambridge History of India*, Vol. II-4, Cambridge, Cambridge University Press, 1993, pp. 64-65.

[15] Veja-se S. GORDON, op. cit.

se bem que com menor eficácia e impacto, tanto que, em 1655, a acção conjunta anglo-marata eliminou definitivamente a sua ameaça[16].

Os Sidis de Janjira, que, tal como os Angriás, actuavam em zonas que estavam fora do controlo do poder que os abonou, possuíam na região do Concão algumas fortalezas portuárias e vastas parcelas de terreno a estas adjacentes. Actuando como almirantes da marinha mogol, estavam incumbidos de defender as embarcações dos peregrinos com destino a Meca. A sua zona de interesse e actuação circunscrevia-se à costa ocidental indiana, entre Damão e o Norte de Goa[17], o que chocava, naturalmente, com a presença do Angriá, e do próprio poder marata, com quem mantiveram uma forte conflitualidade ao longo dos tempos.

Por fim, os Omanitas, oriundos da Pérsia, foram desde meados do século XVII os principais opositores do Estado da Índia, até à ascensão decisiva do perigo marata na década de 1720. Empreendendo sistemáticos ataques às embarcações e portos portugueses ao longo da costa ocidental indiana, desorganizaram o comércio marítimo e tornaram mais perigosa a navegação no Índico[18].

Deve também referir-se que o antagonismo entre os Sidis e os Maratas teve uma dupla implicação para os interesses europeus: por um lado, foi benéfico, dado que as tensões militares entre esses dois poderes aliviavam a pressão marata sobre as fronteiras portuguesas e britânicas; por outro lado, a pressão de ambas as partes para o apoio e auxílio das forças europeias punham Goa e Bombaim numa situação delicada, dado que tanto Portugueses como Britânicos pretendiam manter uma política de neutralidade, evitando imiscuir-se nos antagonismos regionais. No caso do Estado da Índia, tal política externa impunha-se, perante o quadro político indiano e as próprias limitações defensivas portuguesas. De facto, para além da ameaça protagonizada por várias forças locais, e de forma concreta pelos Maratas, as características do Estado da Índia a partir da segunda metade de Seiscentos eram contrastantes com as do início do século, pois o Estado não tinha as capacidades humanas, materiais e financeiras de outrora. Deste modo, a política militar deu progressivamente lugar à política diplomática, cujo objectivo passava por explorar as oposições regionais, nomeadamente entre Maratas e Mogóis, e assim manter incólumes as possessões portuguesas[19].

Neste artigo pretendemos analisar a sucessão de acontecimentos que conduziram aos confrontos militares entre Portugueses e Britânicos na

---

[16] Vejam-se Jean SUTTON, *The East India Company's Maritime Service 1746-1834. Masters of the Eastern Seas*, Woodbridge, Boydell Press, 2010, e W. S. DESAI, *Bombay and the Marathas up to 1774*, New Deli, Munshiram Manoharlal, 1970, pp. 47-48.

[17] Luís Frederico Dias ANTUNES, «Província do Norte», in Maria de Jesus dos Mártires Lopes (coord.), *Nova História da Expansão Portuguesa*, Vol. V («O Império Oriental, 1660-1820»), Tomo 2, Lisboa, Estampa, 2006, pp. 221-222.

[18] Ernestina CARREIRA, «Aspectos Políticos», in Maria de Jesus dos Mártires Lopes (coord.), *Nova História da Expansão Portuguesa*, Vol. V («O Império Oriental, 1660-1820»), Tomo 1, Lisboa, Estampa, 2006, pp. 29-30.

[19] L. F. D. ANTUNES, art. cit., pp. 223 e 226.

região fronteiriça de Bombaim-Salsete nos anos de 1716 e 1722. Esses conflitos ter-se-ão começado a desenhar, no limite, logo em 1661, com a entrega da ilha à Coroa inglesa e, depois, com o auto de entrega de 1665, que gerou diversas interpretações sobre os direitos consagrados a Portugueses e Britânicos, tanto no rio, como nos portos adjacentes. A partir desse momento, sucederam-se tensões e antagonismos de variada ordem, provocados por leituras diferentes dos acordos celebrados e dos direitos outorgados no tempo da governação portuguesa[20], que marcaram indelevelmente o relacionamento luso-britânico na região e subsistiram até à perda portuguesa dos territórios da Província do Norte, conquistados pelos Maratas em 1739.

Em termos gerais, podemos identificar quatro tipos de antagonismo anglo-português durante as três décadas finais de Seiscentos: 1) a territorialidade, devido à questão da legitimidade da posse de terras e suas respectivas rendas; 2) a tributação, devido à cobrança de taxas alfandegárias em zonas-chave da circulação comercial da região, como Taná, Caranjá ou Bandorá; 3) a religião, por causa de um conflito previsível entre os interesses da presença religiosa portuguesa no terreno e a política de liberdade de culto que os britânicos pretendiam instituir junto das populações locais; 4) o comércio, caracterizado pelos vários bloqueios comerciais portugueses, contrastantes com uma política britânica que promovia a atracção de comerciantes para Bombaim[21].

Sublinhe-se que a questão territorial encerrava em si uma componente religiosa. Os jesuítas estantes em Bandorá foram dos principais visados pela política de confisco de terras. Do ponto de vista da política religiosa inglesa, esses arrestos inseriam-se no antagonismo inglês ao catolicismo e visavam, ao mesmo tempo, instituir na ilha a liberdade de culto para hindus e muçulmanos. Deste modo, a política de liberdade religiosa promovida pelo poder britânico foi um aspecto crucial na atracção de mercadores e trabalhadores de diversos ofícios, provenientes de várias partes da Índia, inclusive da Província do Norte, o que possibilitou o crescimento económico e comercial de Bombaim que a capacitou para competir com os grandes centros económicos da região portuguesa, como Baçaim e Chaul. A liberdade de culto proclamada pelo novo poder era, pois, selectiva, pois excluía os jesuítas, por motivos político-financeiros, e contestava algumas práticas católicas ligadas à acção jesuítica, mas incluía as diferentes expressões religiosas indianas, quer muçulmanas quer hindus, por razões económicas. Segundo refere G. Ames, a passagem de muitos habitantes das regiões portuguesas para a Bombaim britânica também se ficou a dever à lei de 1559 sobre os órfãos gentios de Goa, lei que estipulava a entrega dos jovens órfãos ao Colégio de São Paulo, da Companhia de Jesus, com vista à sua conversão. Em algumas das leis que lhe sucederam, aplicáveis aos demais territórios dependentes do

[20] Veja-se J. Gerson da Cunha, *The Origin of Bombay*, New Deli, Asian Educational Services, 1993.

[21] G. Ames, «The Role of Religion», cit., pp. 325 e 339.

Estado da Índia, ficaria igualmente previsto o confisco dos bens das famílias que oferecessem resistência àquela determinação[22].

Ressalve-se, contudo, que, apesar dos focos de conflito que marcaram a cadência relacional entre os dois poderes durante os primeiros decénios de vizinhança, existiram momentos e fases de cooperação comercial, militar e administrativa e, por isso, as questões fracturantes foram, por norma, delimitadas ao espaço ou à situação em contenda, não se propagando às outras esferas de interacção e, muito menos, ao seu relacionamento geral. O problema comercial acabou por ser paradigmático do que afirmamos, dado que, por vezes, o lado português executava o bloqueio comercial num determinado ponto de passagem, mas não impedia que, noutro local, o tráfego comercial fluísse livremente. A situação em Bombaim tinha como paralelo o da cidade de Madrasta, onde, apesar do enquadramento ser necessariamente diverso, também se verificava esta dicotomia relacional[23].

Para explicar este quadro de coexistência, podemos salientar dois pontos que nos parecem particularmente relevantes. Em primeiro lugar, as ordens emanadas das estruturas políticas europeias na Índia, como os Conselhos de Bombaim, Surrate, Baçaim e Goa, concentravam-se, de forma pragmática, em situações específicas. Essas estruturas procuravam agir e decidir sobre problemas individuais e concretos, abstendo-se de assumir posições extremadas e agressivas, de impacto regional, dado que, na sua maioria, não era do interesse das entidades locais – nem, muito menos, do interesse de Lisboa e Londres –, que eclodisse um confronto anglo-português na região. Em-segundo lugar, a coexistência explica-se também pela diferente repercussão que as directrizes emanadas dos poderes políticos regionais, de Goa e Surrate, tiveram nas respectivas estruturas locais, em Baçaim e em Bombaim, que, regendo-se e defendendo os seus interesses, procuraram contornar o que era veiculado pelas autoridades políticas (aspecto visível sobretudo no lado português, com a resistência de jesuítas[24] e de alguns oficiais do Estado, como o capitão-geral do Norte Bartolomeu de Melo)[25].

---

[22] *Idem*, p. 334; *Idem*, «Serving God, Mammon, or Both? Religious Vis-a-Vis Economic Priorities in the Portuguese *Estado da India*, c.1600-1700», *The Catholic Historical Review*, 86, n.º 2, 2000, pp. 193-216.

[23] Em termos religiosos, se, por um lado, era permitida a prática do culto católico, a cargo dos padres capuchinhos franceses, por outro lado, existia uma preocupação, por exemplo, com o envolvimento dos soldados e oficialato britânico com a comunidade portuguesa, nomeadamente a criação dos filhos resultantes dessas uniões sob a fé católica. Vejam-se J. S. Cummins (ed.), *The Travels and Controversies of Friar Domingo Navarrete, 1618-1686*, Vol. I, Cambridge, Cambridge University Press, 1962, p. 297; Lotika Varadarajan (trad.), *India in the Seventeenth Century: memoirs of François Martin (1670-1694)*, Vol. I, Parte 2, New Deli, 1981, pp. 81-82; F. Penny, *The Church in Madras in the 17th and 18th centuries*, Vol. I, London, 1904-22, pp. 72-73.

[24] Cf. BRITISH LIBRARY [BL], *India Office Record* [IOR], H/60, fls. 121-133 (Resposta preliminar da East India Company ao memorial do enviado português a 29 de Julho de 1723, 11 de Agosto de 1723); BL, IOR, H/60, fls. 173-189 (Resposta da EIC ao memorial apresentado pelo enviado português a 17 de Março de 1724, Londres, 2 de Abril de 1724).

[25] Cf. ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO [AHU], *Conselho Ultramarino*, Índia, Cx. 77, Doc. 48C (Carta do vice-rei para o rei, 13 de Janeiro de 1721); BIBLIOTECA NACIONAL DE

O controlo da navegação no rio de Maim[26]

As primeiras duas décadas de Setecentos foram marcadas pelo forte antagonismo entre os dois lados e caracterizaram-se, segundo Ernestina Carreira, por «alianças paralelas e (…) negociações discretas com os inimigos do outro»[27], num quadro de rivalidade agudizado pela predominância do poder marata na região.

O relacionamento anglo-português em Bombaim no século XVIII centrou-se, particularmente, num grande ponto de dissensão: o controlo da navegação em torno do rio de Maim (designado pela documentação britânica por *Mahim*), ou seja, a quem competia a cobrança dos direitos de circulação e tributação sobre as embarcações e seus bens – se a Maim, detida pelos britânicos, se a Bandorá (*Bandra*), sob o domínio português. O antagonismo gerado em torno desta questão e a consequente escalada de tensões desembocaram no confronto directo entre as forças portuguesas e britânicas, tanto em terra como no próprio rio, num conflito ímpar na região entre as duas entidades europeias.

Na sua essência, os objectivos britânicos na empresa para além do cabo da Boa Esperança passaram pela penetração no comércio indiano e asiático, tendo os Britânicos, para isso, de combater a concorrência da Companhia neerlandesa, numa primeira fase, no Sudoeste Asiático e, posteriormente, mais na costa do Coromandel, numa rivalidade que reflectia os conflitos militares experimentados no continente europeu. A política britânica até então adoptada em toda a região asiática – exceptuando o período em que Sir Josiah Child assumiu o cargo de governador em Surrate, durante grande parte da década de 1680[28] – baseava-se numa postura não bélica e de enten-

---

PORTUGAL [BNP], *Manuscritos*, Cód. 10730 («Discurso Apologético e Compêndio Histórico das insolências da Companhia Anglicana em Bombaim contra o direito irrefragável da Real Coroa de Portugal no Estado da Índia», documento não foliado). Este documento não tem autor nem data, inferindo-se pelo seu conteúdo e informações narradas que é da década de 1720, provavelmente de 1723.

[26] O poder português e os jesuítas de Salsete designavam este rio como de Bandorá, e não de Maim, distanciando-se da toponímia habitual, de modo a realçar as suas pretensões.

[27] Vejam-se E. CARREIRA, art. cit., p. 56; Miriam DOSSAL, «Continuity and Change: the Portuguese presence in British Bombay, c. 1660-1860», in A. R. Disney e E. Booth (ed.), *Vasco da Gama and the linking of Europe and Asia*, Deli and Oxford, Oxford University Press, 2000, pp. 403-418.

[28] Sir Josiah Child foi governador em 1681-1683 e 1686-1688 e vice-governador em 1684--1686 e 1688-1690. Durante o seu governo, a Companhia Inglesa passou a adoptar uma estratégia que privilegiava as fortificações, com o necessário aumento do seu número e das receitas obtidas, e a forte oposição aos mercadores privados e poderes locais que pusessem em causa os privilégios da Companhia. Esta postura britânica mais ofensiva provocou o antagonismo do império mogol e consequente confronto militar anglo-mogol entre 1686 e 1690. A posterior subjugação inglesa ao Aurangzeb, imperador mogol, conduziu ao abandono desta atitude ofensiva durante as décadas ulteriores. Vejam-se D. K. BASSET, art. cit., pp. 102-106; Kirti CHAUDHURI, *The Trading World of Asia and the English East India Company, 1660-1760,* Cambridge, Cambridge University Press, 1978, pp. 96-97 e 115-117.

dimento com as autoridades asiáticas, que procurava afastar-se a todo o custo do envolvimento em confrontos militares. Não era tanto a assunção de uma doutrina antibélica, como sobretudo uma abordagem pragmática à diferença entre as avultadas despesas e os ganhos reais de uma política militar ofensiva[29]. Os pressupostos da Companhia britânica passavam pela sua instalação, de forma pacífica, no subcontinente indiano, como mercadores, perspectiva que se foi modificando progressivamente ao longo do século XVIII, altura em que as suas intenções de conquista territorial da Índia alteraram o paradigma de actuação da Companhia[30]. Não obstante, as oposições entre os dois lados foram geridas de forma prática, para evitar que degenerassem num confronto armado, como era repetidamente expresso tanto nas missivas portuguesas como nas britânicas[31]. As primeiras décadas do governo britânico em Bombaim foram, deste modo, marcadas por momentos de tensão e algumas contendas com as forças portuguesas, nomeadamente apreensão de embarcações e algumas trocas de tiros, mas sempre em situações muito concretas e fugazes, sem continuidade espacial, apesar dos estilhaços diplomáticos que delas resultavam.

No entanto, e ao contrário do que fariam prever as contidas escaramuças do passado, o primeiro quartel de Setecentos ficou indelevelmente marcado pelo confronto directo e prolongado em torno de um curso de água e dos direitos reclamados por cada uma das partes. Este choque verificou-se de forma mais aguda em dois momentos principais, em 1716 e 1722, cuja importância e impacto ecoaram para além do Índico.

A geografia do rio de Maim

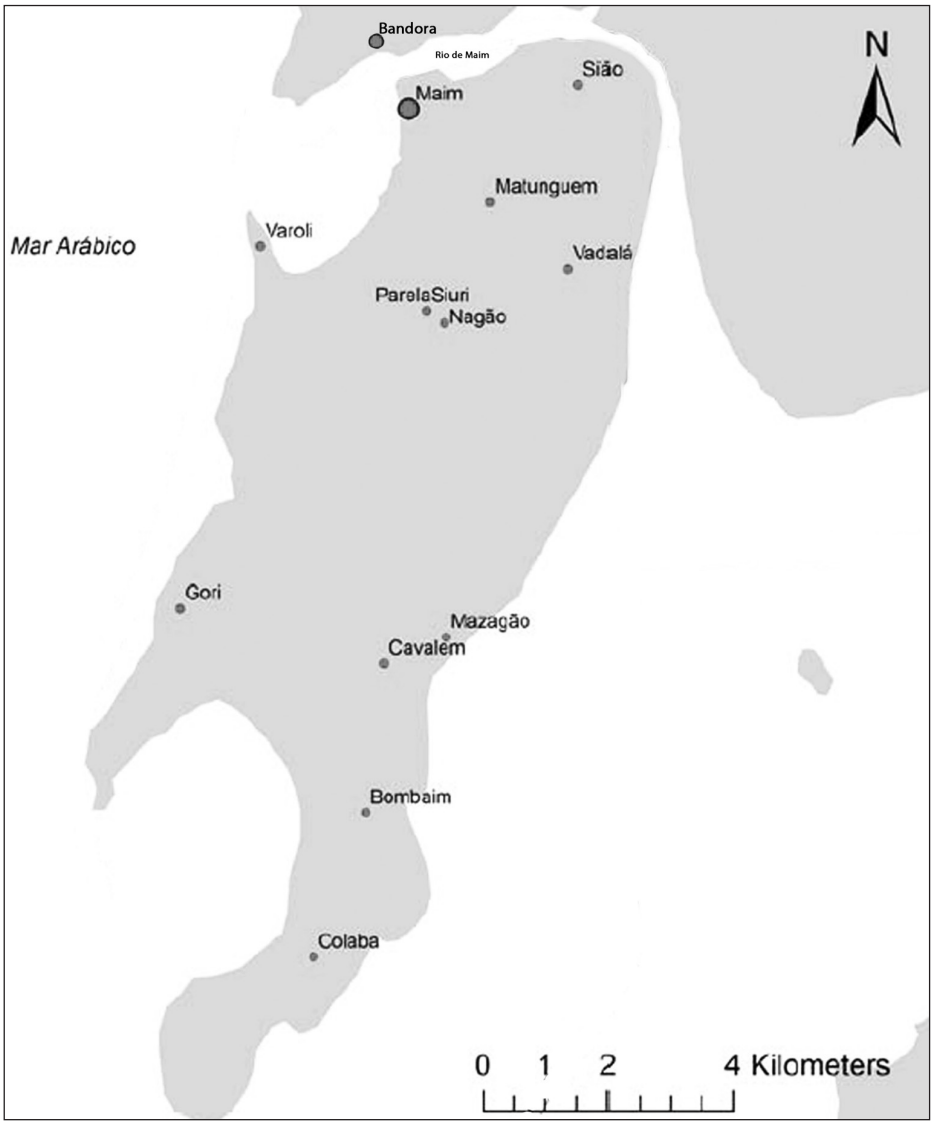
O rio de Maim constituía a fronteira natural que separava o território de Bombaim, sito na margem sul, da região de Salsete, na margem norte. A relevância estratégica do rio era inequívoca, dado que não só possibilitava a ligação entre essas duas zonas, como dava acesso ao mar Arábico, onde desembocava, proporcionando ainda a ligação com o interior do território

[29] Veja-se P. J. MARSHALL, art. cit., p. 281.

[30] K. CHAUDHURI, op. cit., pp. 111-117.

[31] Confrontem-se, como um entre vários exemplos possíveis, com as directrizes emitidas pelo Conselho de Bombaim em 1681, no contexto do apresamento de embarcações inglesas no rio de Maim e da mobilização de forças portuguesas para aquela zona. Entre as várias ordens formuladas, exortava-se ao membro do Conselho destacado a acompanhar de perto os acontecimentos em Maim: «be careful that you give no occasion of offense to the Portuguese, but only stand on the defensive party (…) and resist any attempt they shall offer to make on this Island» (BL, IOR, G/2, Parte VI, fl. 13 (Conselho de Bombaim, 15 de Maio de 1681). Dias mais tarde, essa posição não ofensiva era reforçada: «(…) not to give the Portuguese any the least occasion of offense, but only stand on the defensive party» acrescentado para que se fizesse o possível «(…) that they should know it's not for want of courage we are so (…) and have submitted to so many abuses and indignities from the, for although want of orders is the cause we right not wrongs (…)» (BL, IOR, G/2, Parte VI, fl. 18 (Conselho de Bombaim, 6 de Junho de 1681).

indiano, através do denominado rio de Bombaim (a este da ilha), cuja nascente se situava no coração da Província do Norte. O rio de Maim era, assim, um percurso usual das embarcações «que de ordinário fazem sua de rota para o Norte»[32], e, tal como o rio de Bombaim, uma via de circulação dos produtos que saíam e entravam na ilha de Salsete e, a partir dela, no resto do



Mapa 1 – Bombaim e o rio de Maim.
André Teixeira, *Baçaim e o Seu Território: Política e Economia (1534-1665)*

[32] Cf. BNP, *Manuscritos*, Cód. 10730.

subcontinente indiano. Afirmava-se na época que do porto de Bandorá saía para as aldeias do Norte todo o provimento de peixe seco «de que ordinariamente são faltas e em nenhuma outra parte abundantes»[33]. A alternativa fluvial não era a mais prática, dado que obrigaria as embarcações em «grande detrimento em dar a volta a toda a ilha, saindo pela baía ou Barra grande [de Caranjá (*Karanjah*), no Sudeste da ilha]»[34].

No extremo oeste do rio, onde ele desaguava no mar Arábico, situava-se a barra de Varoli (*Worli*), na qual os britânicos possuíam um baluarte, com soldados e manchuas de guerra. Também eram seus a fortaleza de Maim e o forte de Sião (*Sion*), ambas aldeias costeiras da margem sul do rio. Na outra margem, em frente a Sião, localizava-se a pequena aldeia de Colem e, no lado oposto a Maim, ficava Bandorá, importante aldeia da região sul de Salsete. Acrescente-se que o rio era bastante estreito em dois locais: entre Maim e Bandorá e entre Sião e Colem. No primeiro local, o rio «só tem de largura um tiro de artilharia e por isso ainda que com bastante fundo, capaz somente de embarcações pequenas»[35]; no segundo, seria ainda mais estreito. A morfologia do próprio rio aumentava, por conseguinte, as hipóteses de antagonismo entre as duas potências europeias.

Jesuítas em Bandorá

O poder dos missionários religiosos na Província do Norte, em particular o dos jesuítas, era predominante. Os jesuítas eram encarados como os principais dinamizadores da influência portuguesa na região, a partir de Goa e Baçaim, por vezes em detrimento dos próprios oficiais do Estado[36]. Na aldeia de Bandorá, os missionários jesuítas tinham uma forte presença, sendo seus uma igreja dedicada a Santo André e o importante Colégio de Santana, com alguma artilharia e presídio. Esse era, assim, um dos seus principais espaços de actuação na ilha de Salsete, a par de Taná (*Tannah)* e Corla (*Kurla*).

Bandorá havia sido doada aos jesuítas pelo Colégio de São Paulo de Goa (que a havia recebido em testamento de uma foreira portuguesa em finais de Quinhentos[37]) e estava subordinada à importante residência de Taná, que, por sua vez, se encontrava sob dependência de Baçaim (*Bassein*), a base das missões da Companhia de Jesus no Norte[38].

---

[33] *Ibidem*.

[34] *Ibidem.*

[35] *Ibidem.*

[36] A. Teixeira, op. cit., p. 320.

[37] *Idem*, p. 325. Segundo os dados de Bocarro, única base possível, em 1634 existiriam na Província do Norte cerca de 75 jesuítas, possuindo Baçaim cerca de 600 conversos de várias origens (A. B. Bragança Pereira (ed.), *Arquivo Português Oriental*, Tomo 4, Livro 2, Parte 1, Bastorá, Tip. Rangel, 1936, pp. 103-206).

[38] John Correia-Afonso, S.J., *The Jesuits in India, 1542-1773*, Anand, Gujarat Sahitya Prakash, 1997, pp. 31-32 e 118.

No campo espiritual, a presença jesuíta em Bombaim tinha sido, no entanto, residual, dado que a ilha era controlada pela Ordem Franciscana, que ali detinha algumas igrejas e capelas. Os jesuítas haviam tido apenas uma capela na aldeia de Parela (originalmente franciscana), localizada no extremo norte da ilha, a cerca de quatro quilómetros de Bandorá, e que fora confiscada pelos Britânicos no final de Seiscentos[39]. Em contraste, os domínios territoriais naquela ilha conferiam aos jesuítas o estatuto de importante força económica na região e grandes senhores fundiários, possuidores de parcelas de terreno não só em Salsete, mas também em algumas aldeias de Bombaim, como Maim, Parela (*Parel*), Vadala (*Wadala*), Nagão (*Naigaon*) e Matuguem (*Matunga*). O rendimento que delas provinha destinado às várias missões jesuíticas do império mogol, do Japão, ou aos colégios de Chaul e Goa. Além dessas parcelas de terrenos nas aldeias, os jesuítas possuíam várias outras fazendas, hortas e palmeiras.

Esta forte presença económica na região tornou-os um dos principais grupos visados, a par de outros grandes foreiros laicos, de medidas implementadas pela governação britânica com o objectivo de desestruturar o sistema de exploração fundiária, que remontava ao início da presença portuguesa e que havia sido responsável pela emergência desta elite local, laica e religiosa. Foi assim que, entre 1667 e 1672, grande parte das possessões jesuíticas foi confiscada, sob a alegação de pertencer à Coroa inglesa. Foram depois restituídas mediante a celebração de um acordo colectivo entre o «Povo de Bombaim» e a EIC[40]. Contudo, em 1690, foram apreendidas de vez, incluindo as aldeias de Parela e Vadala, sob a justificação de que os jesuítas não tinham prestado o auxílio militar devido aquando da invasão mogol[41], bem como de que as terras haviam sido de novo conquistadas e, por isso,

---

[39] *Idem*, p. 197; Charles J. Borges, «Jesuit Economic Interests in the Portuguese Province of the North till the mid-18th century», *Mare Liberum*, n.º 9, Lisboa, CNCDP, 1995, p. 50; Dauril Alden, *The Making of an Enterprise. The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond 1540-1750*, Stanford, Stanford University Press, 1996, pp. 393-394.

[40] Júlio Firmino Biker (ed.), *Collecção de Tratados e concertos de pazes que o Estado da Índia fez com os Reis e Senhores com quem teve relações nas partes da Ásia e África Oriental desde o princípio da conquista até ao fim do século xviii*, Tomo III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1883, pp. 120-128.

[41] A animosidade mogol contra a presença portuguesa justificava-se pelas características desta última. Em contraponto com os móbeis exclusivamente mercantis das outras potências europeias, a presença portuguesa era caracterizada pelo controlo marítimo e pelo estabelecimento nas principais praças mercantis, além de proselitismo religioso, o que permitia ao Estado da Índia afirmar-se política e militarmente. As relações com o império mogol foram, contudo, pautadas pela paz, pelo menos até ao surgimento do poder marata. Por outro lado, a limitação de recursos militares forçava Goa a uma estratégia de «duplicidade vigilante», ou seja, de cooperação simultânea com os Maratas, por recear a sua pressão militar terrestre, e com os Mogóis, para evitar o crescimento dos primeiros. Vejam-se Jorge Manuel Flores, *As Relações entre o Estado da Índia e o Império Mogol*, tese de doutoramento (policop.), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2005, e L. F. D. Antunes, art. cit., pp. 211-214.

estavam isentas das capitulações acordadas[42]. A despeito da justificação baseada no direito sobre a terra e na ausência de ajuda de defesa territorial, semelhantes medidas visavam, de uma forma clara, subtrair aquelas fazendas e aldeias ao domínio jesuíta, de modo a diminuir o poder e a influência da ordem na ilha, numa perspectiva não só socioeconómica, mas também religiosa.

Dissensões em torno de taxas alfandegárias no rio de Maim

As divergências relativas aos direitos alfandegários cobrados às embarcações britânicas foram uma constante desde o início da presença do poder britânico em Bombaim, recaindo nomeadamente sobre a taxação efectuada pelas alfândegas de Taná, Caranjá, Versava (*Versova*) e Trambai (*Trombay*)[43], o que gerou o apresto mútuo de embarcações[44], num confronto que não teve, apesar de tudo, consequências graves no relacionamento anglo-português.

No entanto, os direitos alfandegários no rio de Maim encerravam um potencial de divergência diferente do gerado pelos outros portos, pois se associavam ao problema da posse territorial de Maim e do seu mandovim (alfândega). A aldeia de Maim, tal como Sião e Vadala, não fizera parte do auto de entrega de 1665, dado que o vice-rei português, António de Melo e Castro, recuperara habilmente a situação geográfica de inícios do século XVI, quando essas aldeias eram ilhas autónomas, de modo a restringir o território a ceder aos Britânicos. Contudo, a situação morfológica de meados do século XVII era bastante diferente, estando aquelas ilhas somente separadas por um pequeno curso de água, que se passava a pé, razão pela qual toda essa região não reconhecida no auto de entrega foi ocupada após a tomada de posse britânica, não obstante os protestos de Goa, cuja débil sustentação jurídica fez com que acabasse por se resignar à perda das aldeias[45].

O governo britânico, apesar da posse territorial de Maim, respeitou os direitos sobre o mandovim da aldeia, na posse de Francisco Murzelo

---

[42] Cf. AHU, *Conselho Ultramarino*, Índia, Cx. 67, Docs. 31 e 61.

[43] Os directores queixavam-se de que os Portugueses os impediam de passar livremente nos rios de Taná e Caranjá em direcção a terra e que impunham direitos de 10%, 12% e 14% sobre as mercadorias, posteriormente aumentados para 25% e 30%. Por vezes, eram mesmo impedidos de passar as suas provisões. Para além do mais, contestavam o direito português à cobrança nesses portos, por o considerarem contrário ao artigo 11.º do tratado de 1661, que cedia a ilha de Bombaim.

[44] Charles FAWCETT, *The English Factories in India 1670-77*, Oxford, Clarendon Press, 1936, pp. 22 e 158-159; *Idem*, *The English Factories in India 1678-84*, Oxford, Clarendon Press, 1954, pp. 22 e 144; BL, IOR, H/ 2, pp. 116 e 145-147; BL, IOR, G/2, fls. 19-20 e 56-57 (Conselho de Bombaim, 15 de Janeiro e 12 de Abril de 1675); BL, IOR, G/2, fls. 35 e 39-40 (Conselho de Bombaim, 22 de Fevereiro e 5 de Março de 1675); BL, IOR, G/7, fl. 56 (Carta de Bombaim, 18 de Janeiro de 1675); BL, IOR, G/7, fls. 62 e 65-66 (Cartas de Bombaim, 2 e 26 de Outubro e 4 de Novembro de 1676); BL, IOR, G/9, Parte I, fls. 49, Parte II, fls. 11 e 13 (Cartas de Bombaim, 23 de Novembro de 1680 e 1 de Janeiro de 1681).

[45] P. NOBRE, *A Entrega de Bombaim*, cit., pp. 109-112.

Coutinho[46]. Os Britânicos terão exercido jurisdição sobre aquele foro apenas entre 1667-72[47] e 1681-84, período que mediou a morte de Francisco Coutinho e a nova mercê régia do vice-rei português. De facto, o poder britânico tomou posse daquela alfândega após a morte de Francisco Murzelo Coutinho, último possuidor da ordem das vidas aforadas, que não tinha deixado descendência que pudesse requerer a renovação da mercê, nem transferido esse direito para outro parente. Em 1684, o novo vice-rei Francisco de Távora aforou a nova mercê por três novénios a António Camelo de Abreu. Este vassalo viria a falecer em 1700, muito antes do término da sua mercê. Uma vez mais, o governo de Bombaim aproveitou a situação e tomou posse do foro, agora de forma definitiva.

Foi portanto entre 1681 e 1682 que se verificou um relevante choque anglo-português em torno dos direitos alfandegários cobrados em Maim, tendo o capitão-geral do Norte proibido, sob pena de grave castigo, que as embarcações pagassem imposto em Maim, ordenando que a tributação fosse executada em Versavá e Bandorá. O barco de transporte que fazia a ligação Maim-Bandorá foi apreendido, impedindo-se assim a passagem de pessoas para a ilha britânica, bem como a saída de embarcações com mercadorias destinadas a Bombaim[48], como já havia sido feito em anos anteriores, o que punha a ilha em sérias dificuldades de abastecimento[49]. Estas medidas geraram a reacção da Companhia, que mobilizou um navio de guerra, como forma de coagir as embarcações a prestar pagamento no porto de Maim[50]. A Companhia realçava, contudo, que essas directrizes deviam ser executadas «with as little violence as possible, and if opposition was offered, it should be resisted, with the best courage and resolution you are capable [of], taking great care that they give you first a just and lawful occasion of defending yourselves»[51]. Eram inevitáveis a reacção e a mobilização, para defender os interesses britânicos e marcar uma posição de força. Existiu, no entanto, uma notória preocupação de conservar uma postura defensiva, pois não se pretendiam antagonizar as forças portuguesas nem, sobretudo, causar um rompimento com Goa. A mesma postura foi mantida, até meados

---

[46] O mandovim havia sido aforado em três vidas a Manuel Luís Coutinho em 1576, sendo o referido Francisco Murzelo Coutinho, seu neto, a última vida desse foro, até 1682, data da sua morte.

[47] Durante o ano de 1667, várias propriedades e outros direitos adquiridos foram confiscados pelo governador régio, que os reclamava como posse da Coroa inglesa. Muitas dessas propriedades foram restituídas cinco anos mais tarde, num acordo estabelecido entre o povo e o governo de Bombaim.

[48] Cf. BL, IOR, G/9, fls. 78 e 8 (Cartas de Bombaim, 8 e 13 de Setembro de 1681).

[49] F. C. Danvers (ed.), *Report to the Secretary of State for India in Council on the Portuguese Records relating to the East Indies contained in the Archivo da Torre do Tombo and the Public Libraries at Lisbon and Evora*, London, India Office, Eyre & Spottiswoode, 1892, pp. 360-361.

[50] Cf. BL, IOR, G/9, fls. 44-45; BL, IOR, G/19, fls. 24 e 26; BL, IOR, G/9, fl. 37 (Comissão para o capitão Adderton); BL, IOR, G/19, fls. 15-16 (Carta do capitão Nicolls, 16 de Maio de 1681, e carta de Day, 17 de Maio de 1681).

[51] Cf. BL, IOR, G/19, fl. 31 (Carta de Surrate, 2 de Agosto de 1681).

de Setecentos, no relacionamento com os outros poderes asiáticos, com a justificação de que a ilha não possuía as defesas estruturais nem os efectivos militares para assumir uma posição de confronto e ruptura, que só viriam a suceder na segunda metade do século XVIII. O campo português assumiu a mesma posição, patente em movimentações militares cujo intuito era fazer valer as pretensões portuguesas com o mínimo de hostilidade possível.

As duas partes chegariam a um entendimento em Fevereiro de 1682. Nele terá desempenhado um importante papel o padre jesuíta Superior de Bandorá Francisco Viegas, que serviu de intermediário entre o capitão-geral do Norte e o governo de Bombaim[52].

Os confrontos de 1716

Com a posse do mandovim de Maim, o governo britânico começou ali a erguer uma fortaleza, para exercer um maior controlo sobre a alfândega e consequente navegação no rio adjacente. A intenção de erguer a fortaleza já havia sido demonstrada em anos anteriores, embora não tivesse ido avante. Contudo, no início de Setecentos, a edificação do forte foi consumada, não obstante a oposição demonstrada pelo Conselho do Estado e pelo general das fortalezas do Norte, Manuel de Sousa de Menezes[53]. Este havia escrito ao governador de Bombaim, instando-o a pôr termo às suas intenções, tendo os conselheiros do Estado proposto a mobilização de homens e armas e o embargo comercial à ilha. Defendiam os conselheiros que aquela terra era da pertença portuguesa e que, para além de se dever impedir a construção de um forte, se devia pedir a restituição daquela zona[54], recuperando as reivindicações do século anterior relativas aos direitos territoriais da Coroa portuguesa sobre o espaço.

O dealbar do século XVIII foi, contudo, marcado por um conflito estranho às questões alfandegárias, ainda no palco do eixo Maim-Bandorá, cuja importância estratégico-geográfica magnetizava os choques de variada índole entre Britânicos e Portugueses[55]. O grande foco de oposição, no entanto, perma-

---

[52] Cf. BL, IOR, G/9, fls. 6-7 (Carta de Bombaim, 4 de Fevereiro de 1682).

[53] P. S. S. PISSURLENCAR (ed.), *Assentos do Conselho do Estado (1618-1750)* [ACE], Bastorá-Goa, Arquivo Histórico do Estado da Índia, 1953-57, Vol. V, Doc. 37, pp. 118-119 (Proposta que mandaram fazer os senhores governadores em Concelho de Estado, 31 de Outubro de 1701).

[54] *Idem*, pp. 119-121.

[55] Nos primeiros dois anos de Setecentos, o general do Norte fez dois bloqueios, de passageiros e mercadorias, à ilha. Numa primeira ocasião, pelo confronto entre embarcações e a apreensão de um barco português e respectiva mercadoria; num segundo momento, sob a justificação de que as embarcações inglesas auxiliavam os inimigos maratas e omanitas. Cf. J. CAMPBELL, *Bombay Gazetteer – Material Towards a Statistical Account of the Town and Island of Bombay*, Vol. I, Mumbai, Government Central Press, 1893, pp. 126-127 (Carta do vice-governador e Conselho de Bombaim para o Court of Directors, 16 de Fevereiro de 1700) e pp. 129-130 (Carta do vice-governador e Conselho de Bombaim para Surrate, 23 de Janeiro e 5 de Fevereiro de 1701).

necia centrado nos direitos de circulação no rio de Maim. O ponto de divergência já não girava em torno da legitimidade da posse territorial de Maim e do seu mandovim, como acontecera anteriormente, mas sim no entendimento que se fazia do foral daquela aldeia. Os Britânicos defendiam a legitimidade da posse do território e alfândega de Maim, com todos os direitos que se cobravam nela às embarcações que entravam e saíam não só das terras portuguesas, mas também das aldeias circunvizinhas e fronteiras a Maim, direitos que diziam estar consagrados no foral do rei português sobre aquele mandovim. Com isto, incluíam os portos de Turumbá, Versavá e Bandorá[56]. A posição de Goa era diversa, pois defendia que os direitos das embarcações do rio de Maim eram da pertença daquele mandovim, pela doação feita por D. Sebastião ao colégio da Companhia de Jesus ali estante. Acrescentavam ainda que, no caso do foral de Maim, como os territórios de Salsete e Bombaim eram, ao tempo, da pertença da mesma Coroa, não se duvidava de que, no presente, aqueles direitos ficassem na pertença dos ditos religiosos[57].

À questão do foral acrescentavam-se diferentes leituras dos acordos celebrados entre as duas Coroas. A posição do vice-rei, do Conselho do Estado e, posteriormente, do enviado português a Londres, António Galvão de Castelo Branco[58], baseava-se no auto de entrega de 1665, que afirmavam estar em vigor e no qual eram declarados: a liberdade de navegação da Coroa portuguesa na baía da zona de Baçaim[59]; o direito português decorrente de outras possessões do País na dita baía; a liberdade comercial e de navegação sobre as restantes ilhas da jurisdição de Baçaim; o impedimento do governo britânico de impor qualquer tributo alfandegário sobre as actividades estrangeiras nessas ilhas, permanecendo «a passagem, e trato livre assim para as nossas terras, como para as demais partes como até agora se fazia»[60]. Esses artigos consagravam os direitos reclamados por Goa e contornavam o artigo 11.º do tratado de 1661, que entregava a ilha de Bombaim «com todos os seus direitos, proveitos, territórios e quaisquer pertenças, e o domínio tanto útil como directo, pleno e absoluto, e o supremo governo de mesmo porto e ilha e das sobreditas coisas com os seus direitos reais, livre, plena, integral e absolutamente»[61], facto que garantia a legitimidade das reivindicações britânicas. Neste sentido, a legalidade e, consequentemente, a aplicabilidade

---

[56] Cf. BL, IOR, H/60, fls. 93-11 («President Boone remarques on the Portuguese envoy Memorial», 16 de Agosto de 1723); BL, IOR, H/60, fl. 21 (Conselho de Bombaim, 26 de Setembro de 1716).

[57] Cf. ACE, V, Doc. 133, pp. 361-364 (Proposta para o Conselho do Estado, 27 de Agosto de 1722).

[58] Cf. BL, IOR, H/60, fls. 173-189 (Resposta da EIC ao memorial apresentado pelo enviado português a 17 de Março de 1724, Londres, 2 de Abril de 1724).

[59] Por baía de Baçaim, entendia-se a zona costeira ao mar Arábico entre Baçaim e Bombaim.

[60] J. F. Biker, op. cit., pp. 32-49 («Auto da entrega da Ilha de Bombaim na conformidade do artigo ix do Tratado de 23 de Junho de 1661»).

[61] *Idem*, p. 208 («Paz e Confederação entre Portugal e Inglaterra»).

do auto de entrega eram postas em causa pelo governador britânico e pelo Conselho de Bombaim, assim como pelos directores da EIC, que faziam notar como o então vice-governador inglês, Humphrey Cooke, tinha sido forçado a aceitar aquele acordo, pelas precárias condições em que as suas forças se encontravam; para além disso, o monarca inglês havia rejeitado o auto de 1665 e reconhecido como válido apenas o artigo 11.º do tratado entre as duas Coroas[62].

Em 1716, todos esses antagonismos eclodiram num violento confronto entre os dois lados, um confronto como até então, em mais de meio século, não houvera. A razão subjacente, nomeadamente a coerção britânica sobre as embarcações portugueses em Bandorá para que pagassem direitos em Maim, não era nova. A ela se acrescentava a imposição de um tributo sobre a pesca no rio – sem o pagamento do qual esta era impedida –, que fora aplicado aos colis portugueses[63]. Estas acções motivaram, naturalmente, vários protestos das autoridades portuguesas, que as apontavam como contrárias às capitulações[64]. Um dos capitães do general do Norte apelidou os Britânicos como uns dos «maiores inimigos do Estado da Índia e que nesta consideração lhes devia fazer todas as hostilidades possíveis, menos a de guerra aberta»[65]. Aquele general, em carta ao Conselho do Estado, terá acrescentado que, para além das questões alfandegárias que dividiam os dois lados, os Britânicos recebiam nas suas terras escravos, abunhados (lavradores de estrato inferior) e colis foragidos das terras portuguesas, cuja restituição depois recusavam[66].

A inflexibilidade de posições originou uma escalada de tensões e a mobilização de homens e artilharia para as margens do rio, nomeadamente nas aldeias de Bandorá e Maim. O ponto de ruptura verificou-se quando uma pequena embarcação de mercadores parou na barra de Bandorá para pagar as taxas, tendo a Companhia enviado uma manchua de guerra para dali retirar a embarcação. Contudo, no regresso ao porto de Bombaim, a manchua da Companhia cruzou-se, ainda no rio de Maim, com manchuas de guerra portuguesas, «que dispararam sobre eles alguns tiros de mosqueteria, a que logo responderam todas as suas fortalezas»[67], não só contra as mesmas

---

[62] Cf. BL, IOR, H/60, fls. 121-133 («Resposta preliminar [haveria se ser entregue uma versão um pouco diferente a 18 de Setembro de 1723] da United East India Company ao memorial do enviado português a 29 de Julho de 1723», 11 de Agosto de 1723); BL, IOR, H/60, fls. 173-189 («Resposta da EIC ao memorial apresentado pelo enviado português a 17 de Março de 1724», Londres, 2 de Abril de 1724).

[63] Os colis eram pescadores hindus, com forte presença no Norte de Bombaim, nomeadamente em Mazagão.

[64] Cf. FILMOTECA ULTRAMARINA PORTUGUESA [FUP], 1-1-8, do Arquivo Geral e Histórico da Índia Portuguesa [AHEI], *Reis Vizinhos* [*RV*], n.º 8, fls. 47v-48v (Carta do vice-rei da Índia para o presidente inglês, Goa, 23 de Novembro de 1716).

[65] Cf. BNP, *Manuscritos*, Cód. 10730.

[66] *Ibidem*.

[67] *Ibidem*.

embarcações, como contra o colégio, a igreja e a povoação de Bandorá[68]. Esta ofensiva, reforçada com bombas e granadas, manteve-se durante cerca de duas semanas. Os Portugueses procuraram ripostar, «ainda que com desigualdade tão conhecida entre a nossa e sua artilharia, pelo número, pelo calibre, pelos artilheiros…»[69]. O Conselho de Baçaim decidiu acudir com três embarcações equipadas de artilharia e homens, sob o comando do cabo-maior Bernardo Teixeira, capitão-mor da Saibana[70].

Em finais de 1716, o governador de Bombaim e o general do Norte português, D. João Fernandes de Almeida, chegaram a um entendimento sobre as causas em disputa, tendo acordado quatro pontos para um novo acordo de paz[71]. Nele se consagrava o seguinte: os navios britânicos receberiam licença franca para passarem nos portos e demais possessões marítimas portuguesas, apenas pagando direitos sobre as fazendas que desembarcassem, sendo o mesmo aplicado às embarcações portuguesas em jurisdição britânica (artigo 1.º); Bombaim era obrigada a restituir todos os soldados, escravos e abunhados portugueses, com excepção dos considerados criminosos (artigo 2.º); os Britânicos eram impedidos de proibir a pesca no rio de Maim aos colis, devendo estes satisfazer a pensão de peixe que de costume pagavam ao capitão de Maim (artigo 3.º); os Portugueses comprometiam-se a pagar os direitos pertencentes ao mandovim de Maim (artigo 4.º).

O 1.º e o 4.º artigos eram os mais ousados e geraram uma forte controvérsia no seio do governo português da Índia, por marcarem um recuo da posição oficial de Goa perante os direitos que disputava com Bombaim. De facto, a isenção de pagamento de direitos das embarcações britânicas em portos, rios, cais e estreitos portugueses significava uma excepção à norma praticada, com impacto bem diferente para Portugueses e Britânicos. Estes eram os que mais beneficiavam, em virtude do maior controlo de Goa sobre os portos asiáticos, quando comparada com Bombaim. Por outro lado, o artigo 4.º significava o reconhecimento português dos direitos britânicos sobre o mandovim de Maim, direitos recusados antes dos confrontos, o que pode ser entendido como uma aceitação de que os seus argumentos não eram válidos, deitando igualmente por terra a reivindicação ancestral do direito de posse da Coroa portuguesa sobre a aldeia. O Conselho de Bombaim, por seu lado, congratulava-se com este entendimento, sublinhando a importância do artigo 4.º, que conferia à Companhia britânica os direitos sobre a tributação de Bandorá e de várias aldeias da ilha de Salsete[72].

---

[68] Cf. BL, IOR, H/60, fls. 93-111 («President Boone remarques on the Portuguese envoy Memorial, 16 August 1723»).

[69] Cf. BNP, *Manuscritos*, Cód. 10730.

[70] Cf. ACE, V, Doc. 115, p. 300 («Proposta feita pelo Ill.mo Senhor Governador Arcebispo Primaz D. Sebastião de Andrade Pessanha», 24 de Fevereiro de 1717).

[71] Cf. AHU, *Conselho Ultramarino*, Índia, Cx. 79 (documento sem data e não foliado).

[72] Cf. BL, IOR, H/60, fls. 21-22 (Conselho de Bombaim, 7 de Janeiro de 1717).

Refira-se, no entanto, que esse acordo foi realizado pelo general do Norte D. João Fernandes de Almeida sem ouvir o governo de Goa, o que originou a demissão do oficial militar e a sua substituição por Bartolomeu de Melo e Sampaio. A análise dos conselheiros do Estado mostrou-se, porém, favorável ao acordo. Os conselheiros referiram, entre outras razões, que o estabelecido no artigo 4.º já estava incluído no artigo 11.º do tratado de 1662[73]. Por conseguinte, o vice-rei acabou por ordenar ao general do Norte a aplicação do novo acordo[74].

Não obstante as directrizes de Goa, Bartolomeu de Melo representou junto do governador as dificuldades e inconveniências que encerravam as capitulações efectuadas pelo seu antecessor. Opunha-se em concreto ao artigo 1.º, afirmando que «os Ingleses vão sempre a ganhar com pouca utilidade nossa porque eles só têm nesta costa o porto de Bombaim para as nossas embarcações, e nós, de Goa até Diu, possuímos mais de 15 onde se podem recolher as suas». Bartolomeu de Melo acrescentava que os portos portugueses ficariam igualmente prejudicados pela isenção concedida, dado que era costume todas as embarcações pagarem direitos, mesmo que nada desembarcassem, sendo tal aspecto ainda mais prejudicial no porto de Taná, «pelo grande desejo que os Ingleses têm de navegar para aquele rio para comerciar com a terra firme, cousa que nunca se lhes permitiu e agora se lhes concede com isenção de pagar os direitos costumados naquele passo». Por fim, apontava que, com esse novo acordo, as embarcações portuguesas que fossem comerciar em Bombaim teriam de pagar a totalidade dos direitos sobre as fazendas desembarcadas, o que não sucedia até então, dado que apenas pagavam direitos sobre as fazendas vendidas. Quanto ao artigo 4.º, afirmava que a entrega total dos direitos sobre o mandovim de Maim era altamente prejudicial aos interesses da Coroa portuguesa, pois tornava tributárias dos Britânicos as aldeias portuguesas que ali pagavam direitos. Apontava ainda que a omissão das questões relativas à circulação no rio de Maim poderia resultar em novos conflitos[75].

O tratado de paz, apesar da discordância e resistência do general do Norte, foi ratificado pelo vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses e pelo seu sucessor, o arcebispo primaz D. Sebastião de Andrade Pessanha, suspendendo-se a sua execução até à ratificação final dos monarcas europeus[76]. Durante esse hiato, eclodiram novos antagonismos e trocaram-se acusações recíprocas de incumprimento dos pontos acordados: o governador britânico

---

[73] Cf. ACE, V, Doc. 116, pp. 301-303 («Proposta feita pelo Ill.mo Senhor Governador Arcebispo Primaz D. Sebastião de Andrade Pessanha», 5 de Março de 1717).

[74] Cf. ACE, V, Doc. 117, pp. 303-306 («Proposta feita pelo Ill.mo Senhor Governador Arcebispo Primaz D. Sebastião de Andrade Pessanha», 24 de Abril de 1717); FUP, 1-1-8, do AHEI, *RV*, n.º 8, fls. 56-57 (Carta do governador da Índia para o general de Bombaim, Goa, 4 de Maio de 1717).

[75] Cf. BNP, *Manuscritos*, Cód. 10730.

[76] Cf. ACE, V, Doc. 121, p. 317 («Proposta feita pelo Ill.mo Senhor Governador Arcebispo Primaz D. Sebastião de Andrade Pessanha», 1 de Outubro de 1717).

recusou a entrega dos corumbins e escravos portugueses e acusou os Portugueses de incumprimento do acordo, porque os rendeiros dos mandovins de Versavá, Turumbá e Bandorá cobravam direitos às embarcações britânicas e, como tal, não concediam a livre passagem acordada[77]; a acção de resistência dos jesuítas, que se afirmavam senhores das aldeias, foi por várias vezes denunciada[78]; posteriormente, o padre superior de Bandorá foi incriminado de se isentar dos pagamentos devidos ao mandovim de Maim, conforme havia sido tratado[79].

Contudo, até àquela data, não havia chegado resposta da Europa relativamente aos artigos acordados e, portanto, estes não estavam oficialmente em execução, apesar da boa vontade do vice-rei português em aplicá-los até à chegada de uma resposta oficial, por ser uma «discizão [que] há-de vir de tão longe, e a utelidade hé reciproca»[80]. Mesmo sem haver um vínculo oficial, o vice-rei dera ordens para o cumprimento das capitulações, apesar da forte resistência do general do Norte, como já vimos, e, sobretudo, das instâncias locais, que, a julgar pelas queixas do governador britânico, procuraram contornar o acordo, que encaravam como prejudicial aos seus interesses.

O mesmo entendimento terá tido o monarca português, que, em 1720, se recusou ratificar o acordo, afirmando que tudo deveria permanecer como havia sido acertado na altura da entrega da ilha[81]. O vice-rei, em resposta, sublinhou que o acordo «nunca teve efeito algum», e destacou o papel do general do Norte, que impediu as pretensões britânicas de tomarem para si o que fora acordado, enquanto esperava pela resposta de Lisboa, o que fez com que a situação permanecesse «no estado em que antes estava[m]»[82].

Cooperação em tempos de antagonismo

A solução para os confrontos de 1716, os primeiros entre Portugueses e Britânicos com uma dimensão superior às escaramuças ocasionais, acabou por ser adiada. As razões subjacentes ao choque entre os dois povos não foram resolvidas e, por conseguinte, não se chegou a um entendimento. Os Britânicos, que procuravam alterar o *status quo* vigente havia mais de 50 anos, esbarraram na inflexibilidade do monarca português. O vice-rei e o governador, não obstante, aceitavam as suas pretensões, o que ilustra, por

---

[77] *Idem,* p. 318.

[78] Cf. BL, IOR, H/60, fl. 23 (Conselho de Bombaim, 7 de Dezembro de 1717).

[79] Cf. FUP, 1-1-8, do AHEI, *RV*, n.º 8, fl. 70v (Carta do governador da Índia para o general de Bombaim, Goa, 3 de Maio de 1718).

[80] Cf. FUP, 1-1-8, do AHEI, *RV*, n.º 8, fls. 64v-65 (Carta do governador da Índia para o general de Bombaim, Goa, 5 de Novembro de 1717).

[81] Cf. AHU, *Conselho Ultramarino*, Índia, Cx. 77, Doc. 48C (Carta do rei para o vice-rei, 5 de Abril de 1720).

[82] Cf. *Ibidem* (Carta do vice-rei para o rei, 13 de Janeiro de 1721).

si só, um entendimento diferente da legitimidade dos direitos pertencentes à Coroa portuguesa entre as altas esferas de governação.

Este antagonismo ficaria suspenso durante seis anos, pois a pressão marata de Canoji Angriá originou a união militar anglo-portuguesa, no combate a este poderoso inimigo asiático. Sublinhe-se que as tentativas de entendimento militar entre Portugueses e Britânicos foram uma constante ao longo de Setecentos, não sendo os Maratas o foco exclusivo das atenções anglo-portuguesas, pois, em 1704, Goa havia procurado a aliança com Britânicos, e também com Neerlandeses, para combater a presença francesa na região do Canará[83], transpondo para a Ásia o quadro de alianças que se experimentava na Europa no contexto da Guerra de Sucessão Espanhola.

Foi, no entanto, o Angriá quem potenciou a cooperação militar anglo-portuguesa. Já em 1712, Goa havia procurado, sem sucesso, a aliança com os Britânicos[84], os quais chegaram pouco depois a um acordo de paz separado[85]. O entendimento anglo-marata, contudo, durou pouco tempo, e no Verão de 1713 as posições voltaram a afastar-se. Foi neste contexto de oposição anglo-marata que se integrou a proposta de aliança feita cinco anos mais tarde, então pelos Britânicos. A aliança ia ao encontro das pretensões do vice-rei, mas foi recebida com extrema cautela pelo Conselho do Estado de Goa, que alegou a pouca firmeza que podia haver da parte da Companhia, «por ter mostrado a experiência que com este mesmo inimigo tem muitas vezes anteposto ao seu capricho as suas conveniências; e logo que o Angriá lhe oferecesse algumas que os satisfizesse, se poderiam apartar da união, deixando-nos sós neste empenho»[86].

O entendimento não se concretizou, possivelmente pela pressão imposta pelos Omanitas[87]. Contudo, em meados de 1721 foi Goa que procurou a cooperação britânica[88], ao que não terá sido alheia a rivalidade entre os Maratas e os Sidis, que contribuía para diminuir a pressão omanita sob a Província do Norte[89]. Dava-se assim seguimento às directrizes de Lisboa, que ordenou, em carta de Setembro de 1719, que, «havendo ocasião em que os Ingleses se queiram unir com as nossas forças para destruir este inimigo, a

---

[83] Cf. ACE V, Doc. 64, pp. 182-184 (Conselho do Estado, Goa, 18 de Novembro de 1704).

[84] Cf. AHU, *Livro dos Segredos*, n.º 2, Doc. 90, fl. 18 (Carta do vice-rei, D. Rodrigo da Costa, para o general do Norte, Luís de Melo de Sampaio, Goa, 25 de Maio de 1712).

[85] As suspeitas que se levantaram de um acordo de paz isolado dos Britânicos provocaram a retaliação dos Portugueses, que aplicaram restrições à passagem de mercadorias para Bombaim. Cf. AHU, *Livro dos Segredos*, n.º 2, Doc. 177, fl. 39v, e Doc. 178, fl. 40 (Cartas do vice-rei, Vasco Fernando César de Meneses, para o general do Norte, Manuel de Sousa de Meneses, Goa, 6 de Maio e 18 de Junho de 1713, respectivamente).

[86] Cf. ACE, V, Doc. 124, pp. 324-326 (Proposta para o Conselho do Estado, 15 de Novembro de 1718).

[87] W. S. Desai, op. cit., p. 68.

[88] Cf. BL, IOR, H/60, fl. 25 (Conselho de Bombaim, 10 e 23 de Fevereiro de 1720); BL, IOR, H/60, fl. 25 (Conselho de Bombaim, 27 de Setembro de 1721).

[89] Cf. ACE, V, Doc. 124, pp. 325-326 (Proposta para o Conselho do Estado, 15 de Novembro de 1718).

não perca, pondo todo o empenho e a maior eficácia para que se consiga»[90]. Acordou-se, portanto, a suspensão das divergências anglo-portuguesas até ao final da campanha de Colaba, que iria reunir o esforço conjunto das duas potências. Em virtude desse pacto, retiraram-se os soldados portugueses de Bandorá e as embarcações de guerra do rio de Maim.

Assinado em Julho de 1721, o acordo estipulava uma aliança ofensiva e defensiva em toda a Ásia, com excepção do império mogol, da Pérsia, da Arábia e da China, que começaria contra o Angriá[91], com o qual não se faria uma paz separada e cujos portos tomados seriam distribuídos igualmente[92]. A acção militar, levada a cabo em Dezembro de 1721, visou atacar Colaba, centro do poder de Canoji Angriá, contudo, o auxílio posterior de Bagi Rau, *peshwa* marata, forçou os Portugueses a procurar um entendimento[93]. O vice-rei firmaria um acordo separado com o Angriá, tendo como mediador o referido *peshwa*. O facto foi contestado pelo governador britânico[94], o que adicionou um novo foco de tensão ao conturbado relacionamento anglo-português, que haveria de se extremar novamente em 1722.

As hostilidades de 1722

Foi neste clima de pragmatismo e calculismo estratégico que as divergências que opunham Portugueses e Britânicos foram suspensas, em prol de uma ameaça mais premente, como era a da Confederação Marata. Após a campanha conjunta em Colaba, os antagonismos reacenderam-se. No entanto, já anteriormente, em 1720, as dissensões entre Goa e Bombaim se tinham exacerbado, em virtude da expulsão dos párocos portugueses da ilha britânica[95]. Havia vários anos que os Britânicos tinham a intenção de substi-

---

[90] Cf. ACE, V, Doc. 127, pp. 332-344 (Proposta para o Conselho do Estado, Goa, 9 de Agosto de 1721).

[91] Alexandre Lobato, *Relações Luso-Maratas (1658-1737)*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1965, pp. 63-64.

[92] Cf. BL, IOR, P/5, Março e Junho de 1721.

[93] A. Lobato, op. cit., pp. 66-67, 72; W. S. Desai, op. cit., p. 73.

[94] Cf. BL, IOR, H/60, fl. 25 (Conselho de Bombaim, 9 de Janeiro de 1722); W. S. Desai, op. cit., p 76.

[95] O Padroado Português do Oriente afirmava que todo o território asiático era, em potência, da sua pertença, considerando que a perda de soberania política não significava a perda da soberania espiritual, pertencente à Sé de Goa. Neste sentido, o facto de Bombaim (tal como Ceilão ou Cochim) não estar sob o domínio português não implicava que o Padroado perdesse o seu poder e primazia religiosa naquele espaço. Contudo, esta posição não era naturalmente aceite por Britânicos e Neerlandeses, nem mesmo pela Santa Sé e, em 1720, a Propaganda Fide nomeou como bispo de Bombaim um carmelita italiano, substituindo os párocos portugueses por clérigos daquela ordem e adicionando, à divisão política, a divisão espiritual, neste caso entre fiéis do Padroado e fiéis da Propaganda. A posição de Londres, que tendeu para a neutralidade, era que, nas capitulações, apesar de ser permitido o exercício livre da religião católica, nada era referido acerca da manutenção de párocos portugueses, eleitos e nomeados pelo rei português, acrescentando Londres que aqueles tinham sido substituídos por outros, designados

tuir os religiosos portugueses[96], para eliminar uma força político-social preponderante na região, que acusavam de incentivar os fiéis a contrariarem as ordens britânicas e de conluiar com Canoji Angriá[97]. A decisão de expulsar os padres originou o bloqueio comercial português entre finais de 1720 e Janeiro seguinte[98]. A resposta britânica foi o confisco dos bens e fazendas portugueses. Sentiu-se a tensão aumentar, mas estes acontecimentos não originaram conflitos militares imediatos.

A retoma da coerção britânica para pagamento de direitos no rio de Maim, em Agosto de 1721, reacenderia o velho problema de navegação e alfândega não resolvido aquando dos conflitos de 1716. Desse modo, paralelamente à união de esforços militares contra o inimigo marata e o consequente acordo de paz português com o Angriá[99], as atenções militares concentraram-se novamente em torno do rio de Maim, o que originou o apresto mútuo de uma embarcação e dos seus tripulantes, posteriormente libertados[100]. O governador britânico de Bombaim vincou de novo o direito do mandovim de Maim sobre os portos de Bandorá e da ilha de Salsete, de acordo com o foral de Maim, no seu artigo 11.º. O vice-rei português reconheceu que o rio de Maim passara a ser comum às duas potências, mas reafirmou que os direitos das embarcações de Bandorá pertenciam ao seu mandovim, e acrescentou que o foral de Maim fora aplicável apenas enquanto as terras pertenceram à mesma Coroa[101].

Perante a recusa portuguesa de pagar tributos na alfândega de Maim, e no sentido de forçar a aplicação do que entendiam ser os seus direitos, os Britânicos puseram uma manchua de guerra ao longo do rio, obrigando as embarcações a pagar os tributos na margem britânica do curso fluvial, impediram o comércio de Caranjá, enquanto não fossem ressarcidos dos «excessos cometidos»[102], e, ao que tudo indica, terão forçado as embar-

---

pelo papa, pelo que se satisfizera com isso a obrigação de manter o culto católico. Cf. Paulo Varela Gomes, «"Bombay Portuguese". Ser ou não ser português em Bombaim no século xix», *Revista de História de Ideias*, n.º 28, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias, 2008, pp. 573-574; Ernest R. HULL, *Bombay Mission – history, with a special study of the Padroado question*, Mumbai, Examiner Press, 1927, p. 27.

96 Num despacho de 21 de Fevereiro de 1715, era apontado que, para se prevenir a grande influência que os padres portugueses gozavam em Bombaim, se devia encorajar e recompensar a vinda de clérigos de outras ordens. Cf. J. Campbell, op. cit., p. 528, em nota.

97 *Idem*, pp. 152-153; S. M. Edwards, *The Gazetteer of Bombay City and Island*, Vol. I, Mumbai, Time Press, 1909, pp. 92-93.

98 Cf. ACE, V, Doc. 126, pp. 329-332 (Proposta para o Conselho do Estado, Goa, 14 de Janeiro de 1721).

99 Cf. BL, IOR, H/60, fl. 25 (Conselho de Bombaim, 15 de Fevereiro de 1722).

100 Cf. FUP, 1-1-8, do AHEI, *RV*, n.º 8, fls. 116v-117 (Carta do vice-rei da Índia para o general de Bombaim, Goa, 2 de Marco de 1722).

101 Cf. ACE, V, Doc. 133, pp. 361-364 (Proposta para o Conselho do Estado, Goa, 27 de Agosto de 1722).

102 Cf. ACE, V, Doc. 129, pp. 350-352 (Proposta para o Conselho do Estado, Goa, 26 de Março de 1722).

cações que ali passavam a prestar tributos na ilha de Nevem (*Hog*), acção apontada como contrária ao capítulo 1.º da entrega da ilha[103]. Entre meados de Março e Abril, a fortificação de Maim foi reforçada com «seis peças de vinte e quatro» direccionadas para a aldeia de Bandorá, tendo o forte de Sião ordens para disparar sobre qualquer galveta que passasse em direcção à aldeia de Colem, de forma a obrigar as embarcações a ir ao porto de Maim. Este posicionamento ofensivo britânico conduziu à mobilização e reforço militar dos postos portugueses no Sul de Salsete, nomeadamente nos pontos-chave que eram as aldeias de Bandorá e Colem[104].

Goa ordenou que se respondesse na mesma moeda às acções britânicas, nomeadamente aos aprestos, sendo que, caso os Britânicos agravassem a sua conduta, o «Estado [devia] opor-se-lhe com todo o vigor»[105]. Saliente-se que, apesar desta forte tomada de posição, o Conselho do Estado recusou implementar o embargo comercial à ilha[106], pelo menos numa fase inicial, pois Bombaim apontaria posteriormente o bloqueio comercial português como um dos factores responsáveis pelas dificuldades de abastecimento da ilha. A escalada de tensões e o reforço posicional[107] resultaram numa confrontação efectiva em Junho, a pretexto da entrada em Bandorá de sete embarcações carregadas de madeira que não tinham passado pela alfândega de Maim. De acordo com o Conselho do Estado goês, os Britânicos atacaram uma pequena galveta saída de Bandorá, o que desencadeou a consequente retaliação daquele forte[108]. Já para o Conselho de Bombaim e os directores da EIC, o início dos disparos dos fortes britânicos fora uma resposta à iniciativa portuguesa[109]. Independentemente de quem tenha desencadeado hostilidades, estas duraram alguns dias, entre 16 e 24 de Junho, e envolveram os fortes de Maim, Sião e outros pequenos postos militares, além dos de

---

[103] *Ibidem*.

[104] Cf. BNP, *Manuscritos*, Cód. 10730.

[105] *Ibidem*.

[106] Cf. ACE, V, Doc. 130, pp. 357-361 (Proposta para o Conselho do Estado, Goa, 11 de Abril de 1722).

[107] Num parecer para o Reino, lamentavam-se os poucos efectivos à disposição do general do Norte, que se encontrava a defender as terras fronteiras à ilha de Bombaim com 300 dos 800 homens constantes do regimento de Goa. Cf. AHU, *Conselho Ultramarino*, Índia, Cx. 117 (Parecer para o Reino [documento sem data e não foliado]). De facto, a falta de capitais e de meios humanos foi uma condicionante latente no Estado da Índia que, entre outros factores, potencializou uma política de miscigenação e de alianças estratégicas com os potentados locais, assim como o recrutamento de efectivos militares locais. Cf. Francisco Bethencourt, «Low Cost Empire. Interaction between the Portuguese and Local Societies in Asia», in Ernst van Veen e Leonard Blussé (ed.), *Rivalry and Conflict – European Traders and Asian Trading Networks in the 16th and 17th Centuries*, Leiden, CNWS Publications, 2005, pp. 108-130.

[108] Cf. ACE, V, Doc. 132, pp. 357-361 (Proposta para o Conselho do Estado, Goa, 22 de Agosto de 1722).

[109] Cf. BL, IOR, H/60, fls. 69-71 (Resposta do major Stanton ao memorial do enviado português, 1724[?]); BL, IOR, H/60, fls. 121-133 (Resposta preliminar [haveria de ser entregue uma versão um pouco diferente a 18 de Setembro de 1723] da United East India Company ao memorial do enviado português a 29 de Julho de 1723, 11 de Agosto de 1723).

Bandorá e Colem. Situação similar ocorreria no mês seguinte, pois a 4 de Julho uma manchua de guerra britânica forçou uma galveta portuguesa a pagar taxas na alfândega de Maim e, perante a resistência daquela, foram disparados tiros de canhão, desde o forte de Maim e das outras fortificações, contra a aldeia de Bandorá, ataque continuado até ao dia 6 de Julho[110]. Os dois ataques originaram algumas baixas e danos de estruturas em ambas as margens, sendo os relatos das duas partes contraditórios e alvo de mútua contestação.

Dias mais tarde, teve lugar uma forte expedição britânica ao interior de Salsete, com o objectivo de abrir passagem pelo rio de Turumbá para as provisões provenientes de Galiana e outros locais e, assim, abastecer a ilha de Bombaim, muito necessitada de bens, em virtude do bloqueio de mercadorias e pessoas[111]. Nesta investida, os britânicos terão entrado no forte dos Reis Magos, em Taná, e incendiado várias embarcações e casas, nomeadamente nas coluarias (povoações de colis) adjacentes a Taná e nas pequenas ilhas de Sevem (*Butcher Island*) e Nevem (também referida pelos Portugueses como ilha das Patecas), na jurisdição de Caranjá. O porto de Colem foi atacado, e o seu posto militar, destruído. A ilha de Elefante (*Elephanta Island*) foi ocupada, tendo nela sido erguidas fortificações, com o intuito de «impedir a comunicação das nossas terras com a nossa fortaleza de Caranjá e a navegação das galvetas por aqueles rios»[112].

O testemunho de um capitão britânico envolvido nestas movimentações defendia semelhantes acções pela necessidade premente de abastecimento, sendo as investidas e os incêndios justificados como manobras necessárias para diminuir a força portuguesa, que, afirmava o capitão, tinha desígnios de invadir Bombaim. A entrada na aldeia de Colem era legitimada pela presença de uma forte bateria que dali disparava contra as embarcações britânicas, naquele que era o único local de passagem durante a monção. O capitão recusava a autoria da entrada forçada e a consequente pilhagem e incêndio do Forte dos Reis Magos e atribuía as acções praticadas nas aldeias de Sevem e Nevem aos sipaios[113], que classificava como ingovernáveis, assegurando que pusera cobro às suas iniciativas quando as descobrira. Apontava, de igual modo, que as movimentações na ilha de Elefante tinham sido praticadas sem as ordens do governador britânico e que o oficial responsável fora posteriormente suspenso[114].

---

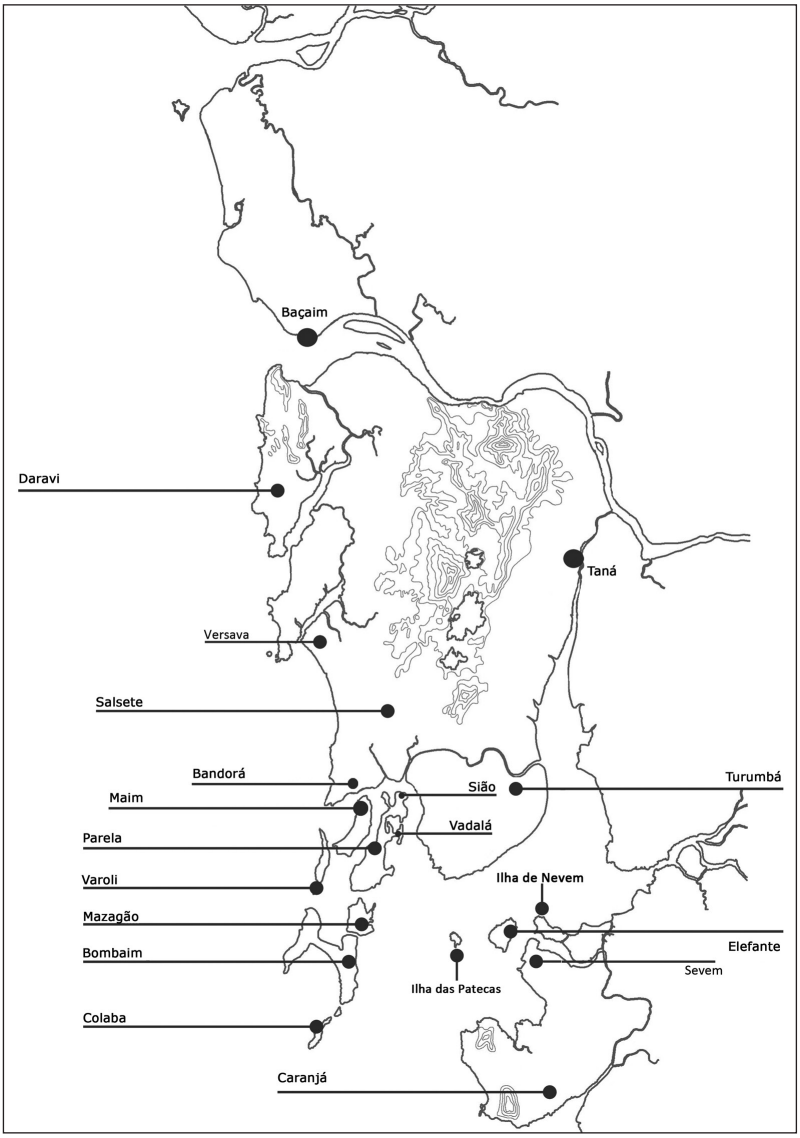
[110] Cf. BL, IOR, H/60, fls. 73-74 (Memorial apresentado pelo enviado português em Londres).

[111] Cf. BL, IOR, H/60, fls. 69-71 (Resposta do major Stanton ao memorial do enviado português, 1724(?).

[112] Cf. ACE, V, Doc. 132, pp. 357-361 (Proposta para o Conselho do Estado, Goa, 22 de Agosto de 1722); BL, IOR, H/60, fls. 73-74 (Memorial apresentado pelo enviado português em Londres).

[113] Corpo militar auxiliar, composto maioritariamente por soldados não só hindus, mas também muçulmanos.

[114] Cf. BL, IOR, H/60, fls. 169-172 (Testemunho do capitão Jonathan Stanton à Companhia Inglesa, 25 de Março de 1724).



Mapa 2 – O distrito de Baçaim e a ilha de Bombaim. Projecto «Bombaim antes dos Ingleses: a marca portuguesa no território da península de Bombaim», Centro de Estudos de História da Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2004-2007[115]

[115] Atente-se que, não obstante a toponímia contextualizar a época em análise, o mapa, em particular no caso da ilha de Bombaim, remete-nos para meados do século XVI, antes do assoreamento da região, composta por pequenas ilhas, realidade da qual, como ilustrámos no início, os Portugueses procuraram tirar partido de forma a limitar o espaço concedido aos Ingleses.

Perante estas ofensivas, a opinião do Conselho do Estado de Goa foi unânime na estratégia a adoptar perante embarcações com bandeira inglesa: todas deviam ser aprestadas e trazidas para Goa. Contudo, quanto à condução de hostilidades militares, as opiniões divergiram largamente: num sentido, defendeu-se que, perante as limitações de meios e homens, seria aconselhável não se romper em toda a linha, mas somente naquela região em particular; noutra perspectiva, recomendou-se a aplicação de uma guerra defensiva, que passaria pelo encerramento de qualquer comunicação terrestre ou marítima com Bombaim, perante a ameaça marata sobre as terras de Damão[116].

O alinhamento adoptado foi o primeiro: fez-se um forte reforço de homens e meios, destacando-se manchuas de guerra, para impedir o comércio e a navegação britânicos[117]. Investiram territorialmente sobre a aldeia de Varoli[118], onde incendiaram casas, embarcações e quartéis, danificando toda a artilharia e saqueando a fortaleza. O plano inicial seria a tomada do forte, fazendo-se ali presídio e controlo das faxinas da baía, queimando-se a terra circundante e impedindo-se a ligação com a aldeia de Maim, contudo, a falta de efectivos no momento do desembarque impossibilitou a concretização desses intentos[119]. As rivalidades na região perdurariam, ao longo daquele ano de 1722[120], sem a confrontação militar dos meses anteriores.

De um modo geral, as discordâncias entre ambos os lados mantiveram-se até à perda da Província do Norte, para os Maratas, em 1740, não obstante entendimentos ocasionais, quer na Índia, quer no restante contexto asiático. De facto, em 1723, um ano a seguir aos confrontos, o vice-rei português e o governador britânico chegaram a um consenso temporário[121], acordando esperar por uma decisão definitiva oriunda da Europa[122], o que não invalidou que, em meados de Março, o bloqueio comercial se mantivesse,

---

116 Cf. ACE, V, Doc. 132, pp. 357-361 (Proposta para o Conselho do Estado, Goa, 22 de Agosto de 1722).

117 O general do Norte pediu a Goa novos socorros de gente e munições, «porque de tudo se achava falta aquela província com notório excesso, destacando Manuel Freire de Andrade como capitão-mor de Salsete, juntamente com 400 sipais gentios; foram destacadas igualmente 50 embarcações, ordenando-se ao padre superior de Bandorá para reunir 30 galvetas na Coluaria de Dandem, situada na costa contrária da aldeia de Bandorá e, por isso, fora do alcance inglês». Cf. BNP, *Manuscritos*, Cód. 10730.

118 Para esta ofensiva, terão embarcado em Bandorá, a 8 de Setembro, 800 soldados em 24 galvetas, sob o comando do sargento-mor do Norte, José de Miranda. Cf. *Ibidem*.

119 Cf. *Ibidem*.

120 Cf. ACE, V, Doc. 135, pp. 369-372 (Proposta para o Conselho do Estado, Goa, 15 de Dezembro de 1722).

121 Cf. BL, IOR, E/4/449, fls. 501-502 (Carta do Conselho de Bombaim para a EIC, 15 de Abril de 1723).

122 Cf. NA, SP 89/30, fl. 247 (Carta de William Cayley para o visconde Townshend, Lisboa, 25 de Julho de 1723).

apesar de ser salientado que eram os portugueses, «very poor for want of selling their provisions to the English», os principais prejudicados [123].

Em Londres, António Galvão de Castelo Branco apresentou dois memoriais de protesto contra as acções dos Britânicos e reiterando a defesa dos direitos portugueses no rio de Maim, assim como a cobrança de direitos nos outros portos em disputa. O Court of Directors da EIC[124], em resposta, acusou o vice-rei de se unir ao Angriá contra os Britânicos, por albergar nos seus portos algumas embarcações do marata, em Fevereiro de 1722. Apontou, também, que o acordo celebrado entre as duas partes em 1716 devia ser cumprido, dado que a Coroa britânica não se havia oposto e os portugueses se tinham feito representar pelos poderes do vice-rei e do capitão-geral do Norte. Esperava, por isso, que Jorge I exigisse compensações dos danos sofridos pela Companhia. Por fim, salientou o forte poder e influência dos jesuítas, afirmando que novas querelas poderiam eclodir, caso estes assim o entendessem, dado que tinham capacidade de influenciar a população e também Goa, a quem haviam persuadido a desrespeitar o acordo de 1716[125].

O assunto passaria para Lisboa, para onde a Coroa britânica destacou um enviado extraordinário, James Dormer, com instruções de pedir a reparação dos danos ocorridos[126]. Um ano mais tarde, em 1726, comissários de ambas as partes reuniam-se para chegar a um entendimento[127], não obstante circularem várias notícias oriundas da Índia de que o assunto já teria sido resolvido pelos poderes asiáticos[128]. Independentemente dos entendimentos na Europa e na Ásia, as dissensões iriam persistir até ao final da presença portuguesa naquelas partes, como atestam as recorrentes reclamações britânicas ao longo da década de 1730[129].

---

[123] Cf. BL, IOR, E/4/449, 497-500 (Carta do Conselho de Bombaim para a EIC, 22 de Março de 1723).

[124] O Court of Directors era composto pelos grandes investidores da Companhia e tinha funções legislativas e controladoras sobre o ramo executivo daquela, composto por vários *committees*.

[125] Cf. BL, IOR, H/60, fls. 121-133 (Resposta preliminar da United East India Company ao memorial do enviado português a 29 de Julho de 1723, 11 de Agosto de 1723); BL, IOR, H/60, fls. 173-189 (Resposta da EIC ao memorial apresentado pelo enviado português a 17 de Março de 1724, Londres, 2 de Abril de 1724).

[126] Cf. NA, SP 89/32, fl.14 (Carta do duque de Newcastle [secretário de Estado britânico] para James Dormer [brigadeiro], Londres, 30 de Julho de 1725).

[127] Cf. NA, SP 89/33, fl. 89 (Carta de James Dormer para o duque de Newcastle, Lisboa, 23 de Maio de 1726).

[128] Cf. NA, SP 89/33, fl. 276 (Thomas Burnett [enviado de Londres] para o duque de Newcastle, Lisboa, 20 de Dezembro de 1726).

[129] Cf. BL, IOR, E/4/450, fls. 400-402 (Carta do Conselho de Bombaim para a EIC, 30 de Janeiro de 1732); NA, SP 89/37, fl. 127 (Carta de lorde Tyrawly [enviado de Londres] para o duque de Newcastle, Lisboa, 6 de Março de 1734); NA, SP 89/36, fl. 122 (Carta do Court of Directors da EIC para o duque de Newcastle, Londres, 5 de Junho de 1735); NA, SP 89/39, fl. 11 (Carta de lorde Tyrawly para o duque de Newcastle, Lisboa, 20 de Abril de 1736).

Nesses anos, a cooperação anglo-portuguesa reacender-se-ia, no contexto da ofensiva final e decisiva dos Maratas à Província do Norte. Foi um período de constantes confrontos, em que, por diversas vezes, os Britânicos auxiliaram militarmente as forças portuguesas. Em 1730, aqueles reportavam o envio de 700 homens para Taná, a um custo de cerca de cinco mil libras[130]. Alguns anos depois, despacharam 350 homens para Bandorá, a um custo de quatro mil libras[131]. O auxílio intensificou-se a partir de 1737[132], uma vez que os interesses britânicos ficariam mais bem salvaguardados com «uns fracos vizinhos portugueses invés dos mais problemáticos Maratas»[133]. Mau grado este auxílio, tanto o vice-rei como o general do Norte acusaram os Britânicos de assistirem por vezes os Maratas com munições[134] ou de os avisarem sobre os reforços militares portugueses[135].

Tal facto evidencia a ambiguidade política britânica na região, característica constante desde o início da sua presença em Bombaim. A mesma estratégia foi praticada pelo poder português, o que impôs um forte pragmatismo na condução da sua estratégia relacional com os Britânicos. Assim sendo, o posicionamento estratégico português foi de uma grande flexibilidade, de adequação a cada caso problemático, o que redundou, por exemplo, na aplicação de restrições ao abastecimento da ilha de Bombaim e, em paralelo, na fluida cooperação comercial noutras regiões indianas, numa dicotomia entre antagonismo e cooperação que se estendeu a vários outros domínios e regiões da Índia.

Apesar deste pragmatismo e da gestão cautelosa das tensões, a confrontação militar acabaria por suceder, em dois momentos. Outras situações e contextos, também delicados, como a posse da terra ou o exercício da religião, não desencadearam semelhante conclusão. Não significa isso que a questão tributária fosse de maior importância, mas apenas que conjunturas como a proximidade fronteiriça, propícia à troca de salvas, assim o proporcionavam. Pode-se argumentar, também, que a consolidação militar britânica, nomeadamente em Maim, possibilitou uma maior assertividade da Grã-Bretanha na defesa dos seus interesses. No lado português, a recente expulsão de Bombaim dos párocos do Padroado também terá contribuído para uma menor tolerância à oposição britânica. O confronto foi, portanto, um breve parêntesis, no conturbado e multifacetado relacionamento anglo-português na região, que, apesar de nunca ter sido totalmente resolvido, não voltaria a suceder. Os tiros de Maim ouviram-se em Londres e Lisboa,

---

130 Holden Furber, *Bombay Presidency in the Mid-Eighteenth Century*, London, Asian Publishing House, 1965, p. 421.

131 D. Alden, op. cit., p. 591.

132 Cf. ACE, V, pp. 401-402, 406, 423-424, 437-440, 443-445; AHU *Conselho Ultramarino*, Índia, Cx. 86 (documento sem data e não foliado).

133 D. Alden, op. cit., 591.

134 Cf. ACE, V, p. 447 (Conselho do Estado de Goa, Goa, 18 de Novembro de 1737).

135 Cf. ACE, V, p. 457 (Conselho do Estado de Goa, Goa, 11 de Dezembro de 1737).

sem consequências de maior no relacionamento e na aliança entre as duas Coroas, cujo entendimento e acordo não obstou, no entanto, que as dissensões perdurassem no tempo e se esfumassem apenas com o recuo territorial português.

Fontes Manuscritas

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO [AHU]

Conselho Ultramarino, Índia, Cxs. 67, 77, 79, 86 e 117.
Livro dos Segredos, n.º 2.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL [BNP]

Manuscritos, Cód. 10730.

BRITISH LIBRARY [BL]

India Office Record, E/4/449 e E/4/450; G/2, G/7, G/9 e G/19; H/2 e H/60; P/5.

FILMOTECA ULTRAMARINA PORTUGUESA [FUP]

1-1-8 do Arquivo Geral e Histórico da Índia Portuguesa, *Reis Vizinhos*, n.º 8.

NATIONAL ARCHIVES [NA]

East Indies, IV e VII
State Papers, 89/30, 89/32, 89/33, 89/36, 89/37 e 89/39.

Bibliografia

ALDEN, Dauril, *The Making of an Enterprise. The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond 1540-1750*, Stanford, Stanford University Press, 1996.

AMES, Glenn J., «Serving God, Mammon, or Both? Religious Vis-a-Vis Economic Priorities in the Portuguese *Estado da India*, c. 1600-1700», *The Catholic Historical Review*, 86, n.º 2, 2000, pp. 193-216.

AMES, Glenn J., «The Role of Religion in the Transfer and Rise of Bombay, c. 1661-1687», *The Historical Journal*, Vol. 46, n.º 2, Jun. 2002, pp. 317-340.

ANTUNES, Luís Frederico Dias, «Província do Norte», in Maria de Jesus dos Mártires Lopes (coord.), *Nova História da Expansão Portuguesa*, Vol. V («O Império Oriental, 1660--1820»), Tomo 2, Lisboa, Estampa, 2006.

BASSET, D. K., «Early English Trade and Settlement in Asia, 1602-1690», in J. S. Bromley (ed.), *Britain and the Netherlands in Europe and Asia*, London, Macmillan, 1968, pp. 83-109.

BETHENCOURT, Francisco, «Low Cost Empire. Interaction between the Portuguese and Local Societies in Asia», in Ernst van Veen e Leonard Blussé (ed.), *Rivalry and Conflict – European Traders and Asian Trading Networks in the 16th and 17th Centuries*, Leiden, CNWS Publications, 2005.

BIKER, Júlio Firmino (ed.), *Collecção de Tratados e concertos de pazes que o Estado da Índia fez com os Reis e Senhores com quem teve relações nas partes da Ásia e África Oriental desde o princípio da conquista até ao fim do século XVIII*, Tomo III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1883.

BORGES, Charles J., «Jesuit Economic Interests in the Portuguese Province of the North till the mid-18th century», *Mare Liberum*, n.º 9, 1995.

BRUCE, John, *Annals of the Honourable East India Company, from their establishment by the charter of Queen Elizabeth, 1600, to the union of the London and English East-India Companies, 1707-08*, Vol. 1, s.l., Black, Parry and Kingsbury, 1810.

CAMPBELL, J., *Bombay Gazetteer – Material Towards a Statistical Account of the Town and Island of Bombay*, Vol. I, Mumbai, Government Central Press, 1893.

CARREIRA, Ernestina, «Aspectos Políticos», in Maria de Jesus dos Mártires Lopes (coord.), *Nova História da Expansão Portuguesa*, Vol. V («O Império Oriental, 1660-1820»), Tomo 1, Lisboa, Estampa, 2006.

CHAUDHURI, Kirti, *The Trading World of Asia and the English East India Company, 1660-1760,* Cambridge, Cambridge University Press, 1978.

CORREIA-AFONSO, John, S. J., *The Jesuits in India, 1542-1773*, Anand, Gujarat Sahitya Prakash, 1997.

COUTO, Dejanirah, «Em Torno da Concessão e da Fortaleza de Baçaim (1529-1546)», *Mare Liberum*, n.º 9, Lisboa, CNCDP, 1995.

CUMMINS, J. S. (ed.), *The Travels and Controversies of Friar Domingo Navarrete, 1618-1686*, Vol. I, Cambridge, Cambridge University Press, 1962.

CUNHA, J. Gerson da, *The Origin of Bombay*, New Deli, Asian Educational Services, 1993.

DANVERS, F. C. (ed.), *Report to the Secretary of State for India in Council on the Portuguese Records relating to the East Indies contained in the Archivo da Torre do Tombo and the Public Libraries at Lisbon and Evora*, London, India Office, Eyre & Spottiswoode, 1892.

DESAI, W. S., *Bombay and the Marathas up to 1774*, New Deli, Munshiram Manoharlal, 1970.

DODWELL, H. H., (ed.), «The British India, 1487-1858», in *The Cambridge History of India*, Vol. V, Cambridge, Cambridge University Press, 1929.

DOSSAL, Miriam, «Continuity and Change: the Portuguese presence in British Bombay, c. 1660-1860», in A. R. Disney e E. Booth (ed.), *Vasco da Gama and the linking of Europe and Asia*, New Deli and Oxford, Oxford University Press, pp. 403-418.

EDWARDS, S. M., *The Gazetteer of Bombay City and Island*, Vol. I, Mumbai, Time Press, 1909.

FAWCETT, Charles, *The English Factories in India, 1670-77*, Oxford, Clarendon Press, 1936.

FAWCETT, Charles, *The English Factories in India 1678-84*, Oxford, Clarendon Press, 1954.

FELNER, Rodrigo José de Lima (ed.), *Subsídios para a História da Índia Portuguesa,* Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1868.

FLORES, Jorge Manuel, *As Relações entre o Estado da Índia e o Império Mogol*, tese de doutoramento (policop.), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2005.

FOSTER, William, *The English Factories in India 1655-60*, Oxford, Clarendon Press, 1923.

FURBER, Holden, *Bombay Presidency in the Mid-Eighteenth Century*, London, Asian Publishing House, 1965.

GENSE, J., *How Bombay was ceded*, Mumbai, D. B. Taraporevala Sons & Co., 1940.

GOMES, Paulo Varela, «"Bombay Portuguese". Ser ou não ser português em Bombaim no século XIX», *Revista de História de Ideias*, n.º 28, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias, 2008.

GORDON, Stewart, «The Marathas, 1600-1818», in *The New Cambridge History of India*, Vol. II-4, Cambridge, Cambridge University Press, 1993.

HULL, Ernest R., *Bombay Mission – history, with a special study of the Padroado question,* Mumbai, Examiner Press, 1927.

LOBATO, Alexandre, *Relações Luso-Maratas (1658-1737)*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1965.

MARSHALL, P. J., «The English in Asia to 1700», in Nicholas Canny (ed.), *The Oxford History of the British Empire*, Vol. 1 («The Origins of the Empire»), Oxford, University Press, 1998, pp. 264-285.

NOBRE, Pedro, *A Entrega de Bombaim ao Reino Unido (1661-1668) – um processo político-diplomático*, dissertação de mestrado (policop.), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2008.

NOBRE, Pedro, «Convenção de Goa», in *Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa*, Centro de História de Além-Mar [Consultado a 20 de Fevereiro de 2012]. Disponível em http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/.

PENNY, F., *The Church in Madras in the 17th and 18th centuries,* Vol. I, London, 1904-22.

PEREIRA, A. B. Bragança (ed.), *Arquivo Português Oriental*, Tomo 4, Livro 2, Parte 1, Bastorá, Tip. Rangel, 1936.

PISSURLENCAR, P. S. S. (ed.), *Assentos do Conselho do Estado (1618-1750)*, Bastorá-Goa, Arquivo Histórico do Estado da Índia, 1953-1957.

SUTTON, Jean, *The East India Company's Maritime Service 1746-1834. Masters of the Eastern Seas*, Woodbridge, Boydell Press, 2010.

TEIXEIRA, André, *Baçaim e o Seu Território: Política e Economia (1536-1661)*, tese de doutoramento (policop.), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2010.

VARADARAJAN, Lotika (trad.), *India in the Seventeenth Century: memoirs of François Martin (1670-1694)*, Vol. I, Parte 2, New Deli, 1981.

Recensões

Francisco Contente Domingues, *A Travessia do Mar Oceano – a viagem ao Brasil de Duarte Pacheco Pereira em 1498*, Lisboa, Tribuna da História, 2012, 101 pp. ISBN 9789898219374.

Quantas vezes já nos deparámos, enquanto conferencistas, com o eterno problema prático e ético de querermos «acertar» a produção de um texto que se destinará ao ouvido e, se possível, posteriormente, também à leitura? Géneros aparentemente espontâneos, como discursos, lições e outras intervenções académicas, engrossam uma longa lista de modalidades da dita «produção científica», cuja retórica (com os seus efémeros correlatos, voz, tónica, interpretação, estilo) nem sempre se dispõe a um convívio pacífico com a chamada «prosa científica», assente em valores e paradigmas não só diferentes, como opostos, com as suas ferramentas *sui generis*, como a citação, as notas de rodapé, a bibliografia, etc. Escrevemos para um público ouvinte ou para um leitor? O discurso obedecerá, afinal, a que «norma»? Se calhar, e ultimamente cada vez mais, numa sinestesia geral do *modus operandi* moderno, obedecerá a um *powerpoint*, que revoluciona mas também reposiciona os meios (*media*) que privilegiam, ao conteúdo, a forma em que ele se apresenta.

Esta introdução «genológica» surge a propósito de uma notável e – como agora já fica a notícia – também notada obra de Francisco Contente Domingues, cuja brevidade (reparemos no binómio e na diferença entre uma «obrinha» e um «opúsculo», quando se trata, ao fim de contas, em termos técnicos, de uma obra de pequena dimensão) está inversamente correlacionada com a gravidade da mesma, e que é uma versão (re?)escrita de suas provas de agregação.

O nome da editora é igualmente sugestivo: Tribuna da História, cuja colecção «Navios e Oceanos» já incluía títulos, que, tal como a iniciativa, deviam ter sido notados anteriormente. Tribuna: um termo polissémico (lugar alto, púlpito de tribunal, assento, i.e. um lugar específico num recinto público – por exemplo, num estádio) que apresenta conotações históricas várias, perfeitamente compagináveis com o género académico que está na base e no propósito da obra lançada. Há júri (jurados), há público que «torce» a favor ou contra (para apontar algumas das similitudes mais evidentes), e há, sobretudo, uma arguição. A eloquência (pois «arte de falar em público» é igualmente uma acepção em sentido figurado do termo «tribuna») associa-se a uma capacidade de «defender» um tema, cujo magistério se encontra vinculado aos mestres da palavra, e faz parte da(s) sua(s) prova(s). Há que provar, no caso específico, uma aptidão: a capacidade acreditada através de um discurso, que deve ser regido pela mesma lógica de qualquer trabalho científico, i.e. prova de uma tese.

Está mais do que provado que Francisco Contente Domingues, cujo perfil académico carece de uma apresentação nestas páginas ou noutras que tratem temas como a história da expansão portuguesa e europeia, historiografia ibérica, história da ciência, náutica, construção e arqueologia navais, cartografia aplicada, etc., é das autoridades mais categorizadas para se pronunciar sobre o *Esmeraldo de situ orbis*, e que decerto devemos ouvir com toda a atenção. O Professor probo e aprovado é portanto chamado à barra do depoimento.

Ora, o tema do cativante trabalho do ilustre docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa é apenas uma pequena passagem de Duarte Pacheco Pereira, que, como um *leitmotiv*, surge repetidíssimas vezes citada (e relembrada) nas «tocatas e fugas» deste verdadeiro discurso sinfónico. Para não a perdermos da vista, fique aqui também citada, como um mote: «[no ano] de mil quatrocentos e noventa e oito, donde nos Vossa Alteza mandou descobrir a parte ocidental, passando além a grandeza do mar oceano, onde é achada e navegada uma tão grande terra firme…».

Desde que foi descoberto e publicado em 1892 o manuscrito, a obra de Duarte Pacheco Pereira suscitou o mais vivo interesse dos especialistas dos vários campos que o próprio Francisco Contente Domingues cultiva. Comecemos pelo dos historiadores. A data, anterior ao «descobrimento» de Pedro Álvares Cabral, e a referência a uma viagem transoceânica não registada pela historiografia resultam numa consequência bombástica: o Brasil (pelo menos a parte das Américas que mais tarde pertenceria à Coroa portuguesa) fora «achado» mais cedo do que se pensava. Mas o acerto cronológico é transcendido pela sua repercussão. Em 1922, Jaime Cortesão avança a ideia de que «a ausência da informação acerca desta navegação dever-se-ia a uma "política de sigilo severíssimo" – ideia que posteriormente desenvolve em termos que ainda nos nossos dias continua a suscitar grande controvérsia»[1]. Qual é a posição de Francisco Contente Domingues? O autor, que dedicou, aliás, brilhantes estudos à tese de Cortesão[2], tem a sorte de não ficar mal interpretado pela imprensa, quando assinala ao grande público a existência de uma forte ligação entre a viagem cabralina e a do *Aquiles Lusitano*[3]. Tal como Pierre Chaunu, que ao falar sobre os grandes descobrimentos geográficos desdobra o complexo fenómeno em dois conceitos interligados, i.e. descobrimento e exploração do território, Francisco Contente Domingues encontra uma «ferramenta mental» particularmente feliz quando discerne entre «chegar» e «saber lá voltar», ou seja a utilidade prática da navegação realizada. A reinterpretação do conceito de «descobrir», neste caso, coloca fora do âmbito de interesse toda e qualquer especulação que *a posteriori* possa tecer-se à volta do significado duma viagem, não negada, mas tão-só relegada para um segundo plano. O próprio Duarte Pacheco Pereira não se considerava descobridor do Brasil (o Brasil que efectivamente possa ter pisado), isentando-se da «construção» desse espaço, tanto para os efeitos da sua concepção e organização, como para o seu aparente mapeamento ou reconhecimento. Por conseguinte, não existe motivo por que lhe devamos atribuir algo de que não foi autor.

Seguindo a lógica formal, Francisco Contente Domingues opera a partir de uma pergunta que, apesar de evidente, nunca tinha sido claramente formulada até ao momento: que terá pensado o navegador sobre a terra que visitou e sobre a importância da sua viagem? Dessa maneira, Contente Domingues começa a separar o que o tempo baralha, varrendo as suas fronteiras num único conjunto do conhecimento. Ao isolar duas realidades diacrónicas, a do «Brasil» actual, e a de Duarte Pacheco Pereira, «de acordo com a sua própria mundividência» (p. 13), abre as portas a uma reinterpretação de textos e passagens coligadas ao citado, em que reside a outra viragem metodológica, que, à falta de algo melhor, chamaria macrofilológica. Trata-se de elucidar o contexto, a começar

---

[1] Filipe Nunes de Carvalho, «Jaime Cortesão, historiador dos descobrimentos: primeiros passos», *Mare Liberum*, n.º 4, Dez. 1992, p. 20.

[2] «A política de sigilo e as navegações portuguesas no Atlântico», *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Angra do Heroísmo, Vol. 45, n.º 1, 1987, pp. 189-220, e *Colombo e a política de sigilo na historiografia portuguesa*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1992.

[3] Entrevista por Frederico Carvalho: «O caso Pacheco Pereira», *O Público*, 14 Out. 2012. Cf. também comentários no outro lado do Atlântico, como, por exemplo, João Pereira Coutinho: «Quem descobriu o Brasil?», *Folha de São Paulo Ilustrada*, 23 Out. 2012 [Consultados a 15 de Janeiro de 2013, nas suas edições electrónicas].

pelo do capítulo segundo do Livro I – documento publicado em anexo, com os itálicos que introduz ao texto emprestado da edição crítica de Joaquim Barradas de Carvalho do *Esmeraldo de situ orbis*, alargando progressivamente a sua leitura para campos textuais e conceptuais.

Num artigo publicado ainda em 1964 na *Revista de História* da USP[4], Joaquim Barradas de Carvalho lança-se a solucionar o enigma da palavra «*Esmeraldo*» do título da obra, e cita Lindolfo Gomes, que, numa das mais curiosas etimologias já sugeridas, julga ser possível deduzir «*Esmeraldo*» de «ex-me eraldo», que decorreria, por sua vez, de «eis me heraldo» (*sic*). O título da obra significaria, portanto, «eis-me pregoeiro do que existe». Brincando com essa expressão, poder-se-ia dizer que Francisco Contente Domingues não é pregoeiro (sobretudo) do que já não se sabia, mas do que se sabe, num saber/conhecimento/informação compartimentado pelos domínios de vários especialistas, utilmente conjugado sob uma nova sinergia, para profícua reflexão[5]. É precisamente nisso que reside a mais-valia do seu aporte.

Citando livremente outros estudos de Joaquim Barradas de Carvalho[6], sabemos que, embora ao longo da obra de Duarte Pacheco Pereira se empregue mais de uma dúzia de vezes a palavra «mapa» para referir extratextos que estão em falta no manuscrito, não estamos diante de um «atlas». O que não invalida poder associar o seu livro a representações gráficas de outros, para reconhecer por eles e nos seus traçados a «mundivisão» do *Aquiles Lusitano*. Sabemos – e, mais uma vez, é Barradas de Carvalho que não se cansa de dizê-lo em praticamente todos os passos da sua obra[7] – que o *Esmeraldo* «combina livro de cosmografia e regimento de navegação», sendo, de facto, «um livro de geografia e de cosmografia», «um livro de cosmografia e de marinharia». Ora, Francisco Contente Domingues faz a exegese do texto sob o ponto de vista da geografia, da cosmografia e da marinharia, e o seu exercício da hermenêutica plural é coroado de êxito talvez também no campo dos emergentes *visual studies*, no sentido de vir a encontrar na iconografia, perfil e desenho do mapa-mundo de Lopo Homem (de 1519) os elementos que podem explicar o emaranhado de um «olhar» experimentalista e de uma «visão» especulativa. Com um vasto domínio das crónicas e a aplicação da mais moderna literatura secundária internacional sobre estas matérias, o autor consegue tirar novas conclusões: foi a terra que «circum-fechava» o globo que Duarte Pacheco Pereira julgou «descobrir» na sua viagem, de acordo com os seus pressupostos livrescos. Por essa viagem e, paradoxalmente, graças ao seu «empirismo», Pacheco Pereira reafirmou uma «mundividência» «presa a uma leitura convencional das fontes de que se serviu, por isso fechada à eclosão da novidade radical que alguns já aceitavam, ou seja, a existência de um quarto continente. E com ela certificou um erro» (p. 78). Eis, em síntese, o «grão» da tese inovadora.

Mas quais serão as conclusões que todos nós, não especialistas destas matérias, podemos tirar, sobretudo da «atitude» do seu autor? Quem escreve estas linhas confessa – e provavelmente não ficaria só ou mal acompanhado na sua opinião – que estava convencido de ter sido dito já e «arrumado» todo e qualquer aspecto que se relacionasse

---

[4] «A decifração de um enigma: o título *"Esmeraldo de Situ Orbis"*». Disponível em http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/058/A004N058.pdf [Consultado a 13 de Junho de 2013].

[5] No *koiné* grego existe uma meticulosa separação das diferentes formas do «saber», que vão desde a informação, a inteligência natural, até à abstracção, ou à capacidade de vermos com panopticidade. Refiro-me a uma capacidade de ver integrados saberes «analíticos».

[6] *Revista da História*, n.º 70, 1967.

[7] De que existe uma edição de 1971 com o mesmo título. Estas peças são acessíveis também na rede (agradeço aqui a indicação a Tiago C. P. dos Reis Miranda): http://revhistoria.usp.br/index.php?searchword=Barradas+de+Carvalho&ordering=&searchphrase=all&option=com_search&lang=en [Consultado a 13 de Junho de 2013].

directa ou indirectamente com o *Esmeraldo de situ orbis*. A partir da «obra da sua vida», como Luís de Albuquerque qualificou o empenho com que tratava o *Esmeraldo* Joaquim Barradas de Carvalho, o livro encontrara «o seu Leitor», que, de mãos copiosas e generosas, semeara uma dúzia de trabalhos filológicos sobre Duarte Pacheco Pereira, publicara a edição crítica e enquadra-a em sínteses de maior voo. Mesmo assim, e apesar de não se terem encontrado novos documentos que arrojassem nova luz sobre o *Esmeraldo*, sempre encontramos métodos e raciocínios diferentes, que introduzem novas achegas ou reinterpretações possíveis. O método muito me cheira a seguir o caminho aberto pelo nosso saudoso mestre Luís de Albuquerque, cuja lógica interpretativa me disponho a celebrar reencontrada neste trabalho de seu excelente discípulo. A elegância da escrita não fica aquém da liberalidade com que Francisco Contente Domingues trata outros intérpretes, quando, por exemplo, desbloqueia uma certa quarentena em que ficaram isoladas algumas das afirmações mais assisadas de Alfredo Pinheiro Marques, ou quando admite que, em dado aspecto, podia «assistir toda a razão a [Jaime] Cortesão». Esse reconhecimento em relação a alguém cujo ponto de vista, tese ou «agenda» pode ser rejeitado ou reapreciado no seu conjunto, é de um *fair play* científico praticado hoje por menos que poucos. O método filológico, uma sombra fecunda de uma outra escola, a italiana de Luciana Stegagno Picchio, mas, e em primeiro lugar, de Carmen Radulet, entre as grandes senhoras presentes-ausentes da historiografia portuguesa, é outro aspecto que merece destaque. Gostei pessoalmente menos daquele Francisco Contente Domingues que prefere citar os «clássicos» da história da cartografia anglo-saxónica aos da nacional; que prefere o inglês ao português (Marica Milanese não aparece citada; Joaquim Alves Gaspar, só em inglês). Admito, no entanto, que esta atitude seja também pedagógica.

Já agora, qual o ensinamento que mais devemos reter da sua lição? Provavelmente, em vez de ficarmos ruborizados, temos de assumir que a nossa própria concepção do mundo pode mudar, e que aquela resposta que formulámos já uma vez, ou de outras formas e em outros foros, pode dar precedência a novas e diferentes reelaborações. Além disso, talvez também devamos aprender a assumir uma atitude de maior prudência na avaliação da produtividade académica: porque um ensaio numa revista especializada e um livro, por magro que pareça, têm impactos completamente distintos[8]. Para o autor, que assídua e assumidamente critica o pós-modernismo, e prefere o estudo aprofundado das fontes à aridez dos postulados teóricos, não existe uma posição mais adequada. Concluamos, com a filípica de Pacheco, e sua mais famosa frase feita: «A experiência é madre de todas as cousas.»

István Rákóczi
(Universidade Eötvös Loránd, Budapeste)

[8] Refiro-me aqui a «Passando além a grandeza do mar oceano: a viagem de Duarte Pacheco Pereira em 1498», *Stvdia*, n.º 58/59, 2001/2002, pp. 113-129.

Nuno VILA-SANTA, *D. Afonso de Noronha, Vice-Rei da Índia. Perspectivas Políticas do Reino e do Império em Meados de Quinhentos*, Lisboa, CHAM, 2011, 202 pp. ISBN: 9789898492074.

A virada da primeira para a segunda metade do século XVI foi crucial para o império português. Os desafios eram enormes e exigiam respostas imediatas; além disso, era necessário escolher onde empregar os recursos humanos e financeiros. Num cenário até havia pouco tempo inimaginável, o monarca português, a par das questões internas ao reino ou mesmo europeias, era obrigado a tomar posição sobre acontecimentos que ocorriam por todo o globo, do Ocidente ao Oriente; eram, enfim, as exigências de um império global ainda em formação. Nesse contexto, três áreas exigiram especial atenção: a região de Marrocos, o Índico e o Brasil.

No Marrocos, a crescente afirmação do poder dos Sáadidas em face do sultão de Fez e a presença turca foram uma constante fonte de preocupações, requerendo um empenho ainda maior da Coroa e o seu constante envio de homens e suprimentos, situação que levaria a uma redefinição da presença portuguesa na região, com o abandono de parte das cidades conquistadas.

No Oriente, no momento da morte do vice-rei D. João de Castro, em 1548, levantam-se questões fundamentais: a ameaça turca, a luta pelo território em torno de Goa, o problema do abastecimento da pimenta para a Carreira da Índia – que desembocaria na chamada «guerra da pimenta» –, a política para o Ceilão e, um pouco depois, os novos desafios do Extremo Oriente, como, por exemplo, o cerco de Malaca, em 1551, e o estabelecimento dos Portugueses em Macau, em 1555.

No Brasil, a década de 1540 foi marcada pela crescente resistência indígena contra a presença portuguesa – com ataques por toda a costa, de Pernambuco a São Vicente, inclusive com a destruição da capitania da Baía e a morte do seu donatário –, obrigando a uma nova orientação da Coroa, que, em 1548, com a instituição do Governo-Geral e o envio do primeiro governador, Tomé de Souza, assumiria um papel preeminente na região, até então relegada aos donatários.

Esse é o grande pano de fundo do trabalho aqui resenhado, o livro de Nuno Vila-Santa intitulado *D. Afonso de Noronha, Vice-Rei da Índia. Perspectivas Políticas do Reino e do Império em Meados de Quinhentos*, editado pelo Centro de História de Além-Mar, em 2011.

O livro cruza aspectos biográficos de D. Afonso de Noronha, incluindo as estratégias da sua família no intrincado jogo de poder da corte, com o estudo da atuação desta perso-nagem em duas áreas do império. Trata-se, assim, do período em que ele foi capitão de Ceuta, em Marrocos, entre 1538 e 1549, vice-rei do Estado da Índia entre 1550 e 1554, e novamente capitão de Ceuta, de 1557 a 1564.

Relacionando, dessa forma, a ação do indivíduo com as grandes questões geopolíticas do período, o livro traz uma contribuição valiosa para o estudo do império português e de seus agentes. Soma-se ao movimento historiográfico que tem procurado trazer de volta para a história a ação dos homens, em graus variados na hierarquia social, que, mesmo enquanto agentes da Coroa, tinham seus próprios interesses, nem sempre os mesmos da monarquia, mas também não necessariamente opostos. A obra contribui, assim, para uma melhor compreensão do império português em sua totalidade histórica.

Resgata-se o papel dos indivíduos (que muitas vezes acabava escondido debaixo do estudo das grandes estruturas), sem, contudo, voltar aos estudos de tipo laudatório muito em voga em meados do século XX e, em muitos casos, ligados aos interesses de Estado.

Neste sentido, a trajetória de D. Afonso de Noronha é emblemática. Em um momento crucial para o império, a Coroa, ciente da impossibilidade material e humana, tem de optar entre dois «modelos» de expansão imperial, o «velho», ligado ao espírito cruzadís-

tico de continuar a reconquista contra o infiel no Marrocos, e o «novo», mais comercial, da expansão para o Oriente, exemplificado no título adotado por D. Manuel de «senhor da navegação, da conquista e do comércio». A Coroa opta por priorizar o segundo, sem, contudo, abandonar completamente o primeiro.

D. Afonso de Noronha, primeiramente capitão de Ceuta e figura central do projeto português no Marrocos, é conduzido ao posto de vice-rei da Índia, sendo depois reconduzido ao Marrocos, novamente como capitão de Ceuta, o que lhe causaria certo desgosto; afinal, depois do vice-reinado, ele próprio se julgaria «digno de mais do que do cargo de mero capitão de Ceuta» (p. 151). Tal trajetória de D. Afonso de Noronha poderia ser vista como representativa do choque entre essas duas opções. A própria ação de Noronha na região norte-africana terminaria simbolicamente, depois da tentativa abortada de conquista da região do Seinal, última esperança para a manutenção de Arzila e Alcácer-Ceguer, que acabariam abandonadas em 1550, sinalizando a nova orientação da Coroa, ou, nas palavras do autor, que o «Marrocos viesse a ser a zona do Império sacrificada em prol das restantes» (p. 37). Daí ser também emblemática a escolha do comandante da fracassada conquista do Seinal para o mais importante posto do império, o de vice-rei da Índia (p. 56).

Resumidamente, tal embate, que, de certa maneira, começaria com a decisão de D. João III de abandonar parte das cidades conquistadas em Marrocos, dando prioridade à conquista do Oriente e à ocupação do Brasil (a criação do Governo-Geral ocorre 1548 e a fundação de Salvador em 1549), não sem um grande debate de «opinião pública»[1], teria como desfecho a tragédia de D. Sebastião em Alcácer-Quibir em 1578. Porém, a presença portuguesa no Marrocos só seria encerrada definitivamente com o abandono de Mazagão e a transferência da sua população para o Norte do Brasil, já no período pombalino[2].

Se, como vimos, a saída de D. Afonso de Noronha no Marrocos era marcada pela retirada das forças portuguesas, a chegada ao Oriente era marcada por outro signo. Ainda que as dificuldades fossem muitas, Portugal continuaria a se impor, derrotando as armas turcas, como na batalha naval de 1554 (p. 92), e, ainda que com derrotas e fracassos pontuais, se manteria como a grande força marítima, controlando parte importante dos principais pontos estratégicos do Índico e estendendo sua penetração até ao Extremo Oriente, até às primeiras décadas do século XVII, quando, com a chegada dos novos rivais europeus, especialmente os Holandeses, o quadro se alteraria.

Qual o balanço do período de governo de D. Afonso de Noronha? Seria este marcado pela chamada «crise» de meados de Quinhentos? Seria possível definir dessa forma um «período recheado de vitórias militares» (p. 17)? Naquela que é provavelmente a melhor parte do livro, Nuno Vila-Santa questiona até que ponto se pode falar em tempos de «crise» nesse período e também acaba por chamar a atenção para, em palavras minhas, um abuso do termo «crise». Afinal, a «crise» de meados de Quinhentos teria ocorrido em um período posterior ao governo de D. João de Castro (1545-1548), que também governara «num tempo de "crise" político-militar, bem semelhante à que o Noronha enfrentou nos anos de 1551-1552» (pp. 135-136) e anterior à «crise» de 1565-1575.

Analisando a questão do ponto de vista político-militar, econômico-financeiro e dos «valores», o autor mostra as dificuldades de um império ainda em conformação e os dilemas de um vice-rei que «tencionava, para além de ser o agente de uma política cen-

---

[1] Sobre o debate, veja-se Maria Leonor García da CRUZ, *As controvérsias ao tempo de D. João III sobre a política portuguesa no Norte de África*, separata de *Mare Liberum*, n.º 13, Lisboa, CNCDP.

[2] Sobre o tema, entre outros, veja-se Laurent VIDAL, *Mazagão, La città che attraversò l'atlantico*, Milano, Bruno Mondadori, 2006.

tralizadora ao serviço do rei» (p. 135), governar não «à Nuno da Cunha», concentrado na administração do Estado, como o rei lhe indicara, mas «à D. João Castro», ou seja, obtendo uma série de vitórias militares.No fundo, a questão central era definir a estratégia adequada para impor o domínio militar português, garantindo o controle do comércio em benefício da Rota do Cabo, articulando ainda os objetivos da Coroa com os interesses particulares dos próprios portugueses que andavam pelo Oriente. Tarefa complexa, pois tais interesses nem sempre andavam no mesmo sentido. Daí as constantes oposições encontradas pelos governadores do Estado da Índia, percebidas na correspondência enviada ao monarca e representativas desse choque de interesses.

O ambiente de «crise» revelado na documentação estudada pelo autor, como, por exemplo, nas cartas de D. Afonso de Noronha e de outros oficiais e fidalgos, refletiria as clivagens entre o vice-rei ansioso por «que o monarca o investisse de maiores poderes», para, em sua perspectiva, superar as dificuldades, e os que ansiavam por maior liberdade de ação (p. 135), fato que pode ser exemplificado na incapacidade do vice-rei «para conter os abusos» dos capitães de Ormuz, Diu, Baçaim, Malaca e Sofala (p. 134).

Retomando o balanço do governo de D. Afonso de Noronha, Nuno Vila-Santa mostra que, do ponto de vista militar, após, por exemplo, a vitória contra a armada de Seydi Ali Reis, em 1554, e a conquista de Damão, em 1559, a situação «estava bem mais consolidada no final do vice-reinado de D. Afonso de Noronha do que à morte de D. João de Castro» (p. 139).

Apenas no que toca a questão econômica, para o autor, poder-se-ia pensar em um quadro de «crise», embora Vila-Santa considere «tratar-se de uma conjuntura decorrente dos ciclos económicos, a qual foi superada a curto trecho pelas políticas de Francisco Barreto» (p. 139).

Por fim, do ponto de vista dos «valores», no sentido que Diogo do Couto destaca em seus trabalhos, com todo o conjunto de abusos, prepotências e corrupção, Nuno Vila-Santa aponta corretamente que tais problemas já estavam presentes desde o começo da conquista do Oriente e que «uma certa nostalgia da fase inicial do Estado da Índia» teria contribuído para «acentuar essa imagem» (p. 136), a qual, portanto, deve ser matizada.

Nuno Vila-Santa conclui que a «crise», tanto para o governo de D. João de Castro, como para D. Afonso de Noronha, «teve um claro sentido: o da maturação, reformulação e afirmação de novos rumos». Concordamos com o autor que é preciso matizar a imagem de «crise» de meados de Quinhentos, e talvez também a de outros períodos, e recordamos que o desmoronamento do grande império oriental português no século XVII também levou os contemporâneos e, mais tarde, a própria historiografia a procurar as causas do que parecia ser um processo de decadência sem remissão. Cada período de dificuldades, inevitáveis naquele quadro, é lido, muitas vezes, como o princípio do fim. Se lembrarmos que Martim Afonso de Sousa, antecessor de D. João de Castro no governo do Estado da Índia, dizia a D. João III que «a Índia, Senhor, se não pode suster sem duas coisas: paz com nossos vizinhos e guerra com os que não são»[3], talvez possamos entender que os possíveis períodos de «crise» fossem, na verdade, épocas de relativa normalidade, condicionadas pela maior ou menor quantidade de vitórias ou de derrotas – não apenas militares – dos Portugueses no Oriente.

RODRIGO RICUPERO
(Universidade de São Paulo)

[3] «Carta para o Rei, datada de Cochim, 24 de Dezembro de 1536», in Luís de ALBUQUERQUE (org.), *Martim Afonso de Sousa*, Lisboa, Alfa, 1989, p. 48.

Andrea DORÉ, *Sitiados. Os cercos às fortalezas portuguesas na Índia*, São Paulo, Alameda, 2010, 329 pp. ISBN: 9788579390104.

Para um velho cultor dos estudos luso-asiáticos, é um recrescido prazer constatar o incremento, em quantidade e qualidade, que nos últimos anos tais estudos têm tido no Brasil. No que toca ao presente livro, cabe até perguntar se fora do Brasil poderia este tema ter sido abordado com a mesma sensibilidade.

Em Portugal, a gesta da presença portuguesa na Ásia suscitou grande interesse na segunda metade do século XIX e nos começos do XX; foi então que se publicaram fontes históricas tão importantes como as *Lendas da Índia* de Gaspar Correia e a imponente coletânea documental das *Cartas de Affonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam*, para apenas citar os dois exemplos mais salientes. No entanto, foi sobretudo a faceta heróica da expansão portuguesa no Índico que mereceu as atenções; afora a publicação de fontes, em boa hora inspirada pelo positivismo então em voga, o que na época se escreveu deixa bastas vezes ressumar um fervor nacionalista em princípio pouco compatível com o rigor objetivo da ciência histórica. É verdade que muitos autores – honra lhes seja – souberam separar as duas cousas: caso típico é o de Henrique Lopes de Mendonça, por um lado autor da letra do que é hoje o hino nacional português e de um drama histórico-patriótico, *Os Órfãos de Calecut*, por outro continuador de Raimundo António de Bulhão Pato, na publicação da documentação reunida nas já citadas *Cartas* de Albuquerque. Em Goa, que tinha ao tempo uma vida cultural muito mais pujante do que seria de esperar de um minúsculo território português encravado na Índia imensa, publicou-se também muita coisa; mas aí foi a história local o que mais prendeu as atenções, perdendo muitas vezes de vista a grande rede marítima portuguesa, que abraçava as costas do Índico, do cabo da Boa Esperança ao Japão, de que Goa era apenas um arrimo, e, do ponto de vista económico, não o principal.

Com a publicação da monumental tese de Vitorino Magalhães Godinho, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, a perspetiva alargou-se subitamente, mas a atenção fixou-se, de uma forma quiçá demasiado exclusiva, sobre o aspeto económico da empresa, até aí descurado. Foi só nos anos mais recentes que a história luso-oriental, impulsionada *inter alia* pelos sucessivos Seminários Internacionais de História Indo-Portuguesa, celebrados alternadamente na Índia e em Portugal, com uma digressão em 2000 pela Bahia, conheceu novos desenvolvimentos e principiou a refrescar a sua metodologia. Se os estudos de caso, material indispensável para futuras sínteses, começaram a abundar, como visão de conjunto apenas nos parece de citar a de Sanjay Subrahmanyam, publicada originalmente em inglês, mas logo traduzida em português e em francês.

O presente livro de Andréa Doré adota uma perspetiva assaz diferente, que por assim dizer se situa a meio caminho entre a história e a fenomenologia, e é sobretudo aí que reside a sua originalidade.

Adiantámos há pouco que nos parece difícil que fora do Brasil tivesse o tema sido versado com a mesma sensibilidade. É que em parte alguma senão no Brasil se sente experimentalmente o contraste entre uma expansão paulatina, por lenta infiltração num sertão de que o horizonte era quase o infinito, e o acanhado ambiente das praças de armas em que uma expansão célere e guerreira assentou a presença portuguesa no Oriente, estribou a sua rede mercantil e conseguiu, por vezes, o milagre de um arraigamento cultural, como sucedeu em Goa ou em Timor. Talvez que não pudesse ser de outro modo, numa Ásia, já nesse tempo, em franco contraste com a América, a roçar o limiar do superpovoamento. Dificilmente o poderia ter sido num oceano Índico que, desde o século XIV, se tornara na prática um lago muçulmano e de Sofala a Maluco jurava sobre o mesmo Alcorão, em que os recém-chegados por força que, além de concorrentes comerciais, haviam de ser olhados

como elemento perturbador de um sistema comercial assente numa solidariedade religiosa em que jamais se poderiam integrar. Para cúmulo, animavam o belicismo os sonhos manuelinos de recuperação de Jerusalém, de subjugação do Egito, de destruição da Meca e de império universal, para apenas falar das utopias mais flagrantes. E, por detrás de tudo, uma nobreza que nem se esquecera ainda das suas origens guerreiras e apenas aos poucos se adaptava à mercancia, nem se libertara inteiramente da estrutura clânica da sua classe. Se a isso juntarmos a lógica inelutável de um sistema em boa parte ainda redistributivo, estaremos aptos a compreender a ânsia com que anelavam por novos feitos de guerra com que lustrar o nome de sua linhagem, obter do soberano novas benesses e favores e, com estes, dar se possível origem a novas casas nobres. É verdade que, se em vez de compararmos o que entretanto se passava no Brasil a este rosto oficial da expansão portuguesa na Ásia, o compararmos aos seus subprodutos, nomeadamente à proliferação de colónias informais de mercadores, quando não de corsários portugueses e outros *bandeirantes do mar*, ao longo das costas do golfo de Bengala, dos mares da Insulíndia e do Extremo Oriente, o contraste é bem menos nítido. De qualquer modo, vista agora a meio milénio de distância, a aventura luso-oriental afigura-se-nos claramente um sonho impossível, no tempo longo sem futuro, uma empresa de antemão condenada ao malogro. Por isso não hesitámos em classificar de miraculoso o enraizamento da cultura portuguesa em Goa, em Damão e em Timor, como a sobrevivência de comunidades crioulas em Ceilão, na Malásia, no Sião ou no Camboja. De uma perspetiva histórica global, são, se não curiosidades fósseis, pelos menos pequenos caprichos da história universal, a demonstrar que não são apenas os grandes espaços, os movimentos seculares e as linhas de força dominantes o que a rege – havendo assim, para nosso bem, um lugar ao sol para os pequenos, um campo de ação para o esforço individual e, sobretudo, um espaço possível para a liberdade humana.

Se, porém, afastarmos de nós a lupa e contemplarmos de longe a Terra em que vivemos, veremos claramente que o futuro de Portugal era o Brasil e que a velha Lusitânia, antes de se tornar no mero subúrbio da Europa que hoje é, era já, para utilizarmos uma metáfora usurpada à linguagem dos correios, a *posta restante*; ou, se preferirmos uma imagem de lagar, o bagaço que restou depois de espremido o Brasil, que, esse sim, era o sumo aproveitável. É por isso que a história dos Portugueses no Oriente é também, estranhamente, pelo menos em certa medida, uma história brasileira. Se isso não bastasse para justificar que se cultivasse no Brasil, restar-nos-ia ao menos a máxima lapidar de Terêncio, exarada por escrito uns 160 anos antes de Cristo: *homo sum et nihil humani a me alienum puto,* «sou homem, e nada do que é humano reputo como me sendo alheio».

No seu estudo, Andrea Doré privilegia como fonte histórica os relatos dos viajantes não portugueses, como Ludovico de Varthema, Casali, Sassetti, Federici, etc. Como todas as metodologias, esta tem vantagens e inconvenientes: a vantagem de topar com informações sobre o quotidiano, que aos escritores portugueses pareciam demasiado óbvias para merecerem registro, e com uma visão exterior, e por conseguinte mais descomprometida, das pessoas e das cousas; mas o inconveniente de uma subjetividade que, pelo menos, se manifesta na seleção dos factos a exarar por escrito.

É daí, sobretudo, que decorrem as observações críticas que podemos tecer à obra. Com respeito às próprias fontes, notaríamos que conviria não esquecer que *Il Milione* de Marco Polo é apenas a tradução trecentista de um original francês redigido na última década da centúria anterior, acessível na edição crítica de Pauthier, pelo que pouco interesse reveste discutir um título que se deve ao tradutor, não ao autor da obra. Com respeito a Varthema e à historicidade do seu relato, tivemos já ocasião de notar, na versão francesa das edições Chandeigne em que colaborámos, que a situação é relativamente simples: o livro compõe-se essencialmente da relação de quatro viagens, de que duas, a viagem do Mediterrâneo à Índia e as andanças no Malabar, tirante ocasionais exageros e pequenas

fantasias, são autênticas, e as outras duas, as viagens ao Irão e à Insulíndia, que regurgitam de incongruências, manifestamente imaginárias; como já no século XVI notaram os nossos cronistas, foram certamente redigidas com base no que o autor ouviu de diversas bocas e não resistiu à tentação de passar para a primeira pessoa do singular. Quanto às cartas recopiadas no *Códice Riccardiano 1910* de Florença, embora citando a sua edição crítica e anotada por Carmen Radulet e pelo modesto autor destas linhas, Andrea Doré esquece a carta mais recente, datada de 1513, e uma breve relação sobre o Preste João em que aflora todo o maravilhoso medieval que a autora crê ausente desse *corpus*. Uma pequena observação ainda sobre o relato de uma viagem a Diu publicado por Ramusio em 1550, mas raramente citado pela nossa historiografia: *comito* em italiano, que significa «cabo da chusma de remadores de uma galé ou navio semelhante», diz-se *comitre* em português.

Como não poderia deixar de suceder numa obra que abarca mais de um século de história, escaparam aqui e além à autora pequenos lapsos ou erros de perspetiva. Quando se fala do empenhamento das repúblicas italianas no comércio do Levante na Baixa Idade Média, há que referir sobretudo Veneza, Génova e Pisa; Florença, que só ganhou acesso ao mar quando se apoderou da última, pairava ainda distante, a não ser como centro bancário, em que os diretos intervenientes na aventura se podiam eventualmente, como em Milão, abastecer de capitais contraindo empréstimos. Tampouco há que designar por antonomásia Veneza por «república dos doges», pois havia também doges em Génova! O ano de 1622, em que se perdeu Ormuz, marca, de facto, um rude golpe nas finanças do Estado Português da Índia, mas está longe de assinalar o seu fim, quanto mais não seja porque os interesses portugueses no golfo Pérsico se transferiram em parte para Mascate. Entre os que nas naus da Carreira da Índia se faziam à vela para o Oriente, havia, de facto, sobretudo militares assoldados pela Coroa, de que alguns não retornavam, casando nas Índias e integrando aí a classe dos *casados*; mas, embora a viagem custasse uma fortuna, havia também passageiros que a pagavam do seu bolso, e é talvez daí que nos advêm os relatos de alguns viajantes que possuímos, o que há que examinar caso a caso.

De qualquer modo, as relações dos viajantes carecem de ser cotejadas com as fontes portuguesas, sob pena de se incorrer em erros crassos. O que Federici diz da redução de direitos alfandegários de que gozavam os casados de Cochim nada tem a ver com a política fiscal do Estado da Índia, que ao tempo não tinha ainda alfândega em Cochim, nem cobrava aí quaisquer taxas, rendas ou direitos: a aduana pertencia ao rei local que, *sponte sua*, para estimular o estabelecimento de tratantes no seu porto, lhes concedia uma redução de 50 % nos direitos a pagar. Como Diogo do Couto narra em pormenor, Goa viu nesse privilégio uma incómoda concorrência à sua alfândega, onde os direitos eram mais elevados, e ao seu trato, e não sossegou enquanto não obteve do rajá do Perumpadapunadu a sua abolição e o estabelecimento de uma aduana portuguesa na cidade; mas tudo o que alcançou foi uma sedição em que mercadores privados, portugueses e nativos, unidos na defesa do comum interesse, juntaram 15 000 homens em pé de guerra, que obrigaram o capitão português a fugir de Cochim de Baixo (o pequeno enclave cedido aos portugueses em 1504) e a refugiar-se em Mattancheri, nos domínios do rajá, após o que o vice-rei teve de arrepiar caminho e repor o *status quo ante*.

Seja como for, a síntese de Andrea Doré prima pela originalidade da perspetiva em que se situa: a visão do «império» (se assim se pode chamar à rede das posições portuguesas no Índico, incluindo as fortalezas fixas e essa espécie de fortalezas flutuantes que eram os vasos de guerra) como *espaço de reclusão*, tão acanhado como constantemente ameaçado do exterior. Como todas as tentativas de síntese sobre matéria ainda não totalmente analisada, há que reconhecer que envolve uma certa dose de subjetividade; por isso, mais que como um manual de História, há que encarar este livro preferentemente como um grande ensaio, o que naturalmente lhe não diminui os méritos, mas obriga o leitor a

vê-lo numa certa predisposição, a aceitar a subjetividade característica do género, que é o que lhe confere o caráter pioneiro e o interesse. Obriga-o, sobretudo, a ver nele não uma história sistematicamente contada, como num manual escolar, mas antes uma reflexão sobre uma certa faceta da realidade histórica, que conscientemente assume, desde a partida, as suas limitações estruturais.

Não é demais repetir que o *império* não é senão uma das três vertentes da presença portuguesa no Oriente, de que as outras duas, divergentes no espaço geográfico em que se desenrolam, nas causas e na cronologia, nos métodos e nas consequências, são a diáspora informal de aventureiros, mercenários e mercadores privados, e a explosão missionária desencadeada pela chegada dos primeiros jesuítas em 1542.

Há, pois, que ler este livro como aquilo que é: como um ensaio sobre a primeira vertente, que apenas de passagem aflora as outras duas. É como tal que ele assume todo o seu interesse.

Luís Filipe F. R. Thomaz
(Universidade Católica Portuguesa/Centro de Estudos de História Religiosa)

Bernardino de Escalante, Juan González de Mendoza y Fernán Méndez Pinto, *Viajes y crónicas de China en los Siglos de Oro*, edición dirigida por María José Vega; estudio preliminar de Lara Vilà; ediciones y notas de Lara Vilà, Marcela Londoño e Iván Teruel, Córdoba, Editorial Almuzara/Fundación Biblioteca de Literatura Universal, 2009, 1375 pp. ISBN 9788492573066.

Há quase seis décadas, Charles R. Boxer reuniu e analisou em *South China in the Sixteenth Century* três importantes narrativas de autores peninsulares que visitaram o Império Celeste no terceiro quartel de Quinhentos: *Algumas coisas sabidas da China*, também dito *Tratado* de Galiote Pereira, testemunho redigido na sequência de um cativeiro nas províncias chinesas de Fujian e Guangxi entre 1549 e 1552; o *Tratado em que se contam muito por extenso as coisas da China* do dominicano português frei Gaspar da Cruz (Évora, 1569-1570); e a *Relación verdadera de las cosas del reino de Taibin, por otro nombre China*, escrita pelo agostinho espanhol Martín de Rada após uma viagem das Filipinas ao Fujian, em 1575[1]. Nessa colectânea preparada para a Hakluyt Society, Boxer jogou com dois critérios fundamentais. Por um lado, apresentar as três fontes nucleares que haviam sido manipuladas, directa ou indirectamente, pelo também agostinho espanhol Juan González de Mendoza para compor a *Historia de las cosas más notables, ritos y costumbres del gran reino de la China* (Roma, 1585), o primeiro *best-seller* sobre o mundo chinês e um dos mais influentes livros da proto-sinologia europeia dos séculos XVI e XVII. Por outro lado, tomar como referência algumas das primeiras traduções em língua inglesa de textos modernos relativos à China, tal como foi o caso do *Tratado* de Galiote Pereira, editado na *History of Travel* de Richard Willes, em 1577, e do livro de Gaspar da Cruz, que Samuel Purchas veio a integrar, em 1625 e em versão parcial, no livro I do volume III da antologia *Purchas his Pilgrimes*. Vale acrescentar que a *Historia de China* de González de Mendoza conhecera, cerca de um século antes, uma reedição assinada por George Thomas Staunton

[1] Charles R. Boxer, *South China in the Sixteenth Century*, London, Hakluyt Society, 1953.

e Richard Henry Major e baseada na tradução publicada por Robert Park em 1588[2]. Vale também acrescentar que, no mesmo ano em que publicou *South China in the Sixteenth Century*, Boxer deu à estampa o texto português do *Tratado* de Galiote Pereira, sendo o respectivo estudo introdutório, assim como parte essencial das anotações, retomados na edição da Hakluyt Society[3].

A hoje já clássica solução editorial proposta por Charles Boxer na sua colectânea de 1953 ocorre-nos de imediato à lembrança ao compulsarmos o conteúdo e os propósitos enunciados pelos editores de *Viajes y crónicas de China en los Siglos de Oro*. Ainda que a dívida para com o historiador inglês não seja confessa, dificilmente se pode evitar a associação com o seu livro, notando a reunião, num mesmo volume, de três dos mais importantes títulos que divulgaram em língua castelhana os conteúdos informativos sobre a China na transição do século XVI para o século XVII. De facto, neste *Viajes y crónicas de China*, uma equipa de filólogos da Universitat Autònoma de Barcelona e da Universitat de Girona, coordenada por Maria José Vega, introduz, transcreve em ortografia moderna e anota, sucessivamente, o *Discurso de la navegación que los Portugueses hacen a los reinos y provincias del Oriente, y de la noticia que se tiene de las grandezas del reino de la China* de frei Bernardino de Escalante (Sevilha, 1577), o texto parcial da *Historia del gran reino de la China* de Juan González de Mendoza e o texto integral da *Historia Oriental de las peregrinaciones de Fernán Méndez Pinto*, correspondente à tradução da *Peregrinação* de Mendes Pinto feita por Francisco de Herrera Maldonado, publicada pela primeira vez em Madrid em 1620. Acrescente-se que o *Discurso de la navegación a Oriente* de Escalante fora publicado pela mesma editorial andaluza em 2008, com estudo introdutório e notas assinadas por Lara Vilà Tomàs[4], trabalho esse em boa medida recuperado para a edição que agora nos ocupa. Para um enquadramento mais geral deste projecto, anote-se também que, entre os mais recentes títulos divulgados pela colecção «Biblioteca de Literatura Universal», em que se insere *Viajes y crónicas de China*, se encontra *Los Lusíadas. Poesías. Prosas* de Luís de Camões, edição essa da obra camoniana introduzida por um longo ensaio da autoria de Helder Macedo[5].

Lara Vilà assina o igualmente extenso estudo prévio de *Viajes y crónicas de China*, intitulando-o «Viajes y crónicas de Oriente en el siglo de los descubrimientos: China en el imaginario y en la política europea del quinientos». Dividida em oito pontos, esta introdução vem acrescida de uma bibliografia com as principais fontes e estudos críticos relativos à literatura histórico-geográfica sobre a China e a presença ibérica nos mares da Ásia no século XVI. Junta-se-lhe ainda uma cronologia sumária, disposta entre o início da *Pax Mongolica c.* 1240 (datação que remete para a garantia, inscrita por esses anos na *Pratica della mercatura* do florentino Francesco Balducci Pegolotti, de que a estrada de Tana ao

---

[2] Juan González de Mendoza, *The History of the great and mighty kingdom of China and the situation thereof. Compiled by the Padre Juan Gonzalez de Mendoza. And now reprinted from the early translation of R. Parke*, edited by Sir George T. Staunton, with an introduction by R. H. Major, 2 vols., London, Hakluyt Society, 1853-1854.

[3] C. R. Boxer, «A Portuguese Account of South China in 1549-1552», *Archivum Historicum Societatis Iesu*, Vol. 22, 1953, pp. 57-92.

[4] Bernardino de Escalante, *Navegación a Oriente y noticia del reino de la China*, edición, estudio introductorio y notas de Lara Vilà, Córdoba, Editorial Almuzara/Fundación Biblioteca de Literatura Universal, 2008.

[5] Luís Vaz de Camões, *Los Lusíadas. Poesías. Prosas*, coordinación de Elena Losada Soler; introducción de Helder Macedo; traducción de «Los Lusíadas» de Benito Caldera; anotaciones a «Los Lusíadas» de Elena Losada Soler e Isabel Soler; traducción de la «Lírica» de Camões de Lamberto Gil; traducción y presentación de «Filodemo» y «Cartas» de Elena Losada Soler, Madrid/Córdoba, Espasa Calpe/Editorial Almuzara, 2007.

Cataio era segura dia e noite), e a edição, em 1615, da crónica da missão jesuíta da China de Matteo Ricci, traduzida e adaptada por Nicolas Trigault. Trata-se de um texto de fôlego, que busca sintetizar o demorado processo de construção da imagem da China na Europa, conferindo os escritos mais representativos e ensaiando sínteses sobre a evolução dos respectivos modelos de representação – em particular, sobre aqueles que se terão individualizado ao longo do século XVI e ajudam a justificar a apresentação conjunta de textos em vários sentidos tão distintos como os de Escalante, González de Mendoza e Mendes Pinto.

No primeiro ponto da sua introdução, Vilà recupera as aquisições do Ocidente euro-mediterrânico dos períodos clássico e medieval sobre os espaços do Oriente. São destacadas as novidades sobre a China que os inquéritos desencadeados por viajantes como Giovanni da Pian del Carpine, Willem van Ruysbroek, Marco Polo ou Odorico da Pordenone sobrepuseram às vagas geografias asiáticas do Preste João ou de São Tomé, mas cujo legado se cristalizaria naquela imagem por demais idealizada de um império inacessível que o século XVI europeu recebeu em herança (pp. XIII-XXIV). No ponto seguinte, é sumariada a expansão portuguesa pelos mares da Ásia e a disputa luso-castelhana pelo assentamento das respectivas zonas de influência no Atlântico e na margem oriental do Pacífico, até aos primeiros desembarques portugueses nas costas chinesas, em 1513-1514 (pp. XXV-XXX). A crónica político-diplomática descrita por Vilà é escorreita, se bem que destoe a referência insistente à «Escola de Sagres» e a recriação novelesca da figura do Infante D. Henrique rodeado de cosmógrafos, instrumentos e obras científicas no seu promontório inóspito, fidelíssima à melhor tradição da leitura apologética e heróica da empresa dos Descobrimentos cultivada pelo discurso historiográfico português dos séculos XVIII e XIX (Francisco José Freire, António Ribeiro dos Santos, cardeal Saraiva…), entre a interiorização de um demorado processo de decadência e a invenção programática de uma lenda que a resgatasse.

Os terceiro e quarto pontos deste estudo introdutório estão centrados na apresentação das primeiras notícias sobre o Oriente e a China difundidas em Portugal – ou a partir de Portugal e das suas redes ultramarinas – entre o início do século XVI e o início da década de 1570, quando se publica o *Tratado* de frei Gaspar de Cruz. No essencial, Lara Vilà fá-lo recorrendo, alternadamente, aos estudos que Charles Boxer e Donald F. Lach dedicaram à produção e circulação de informações relativas a estes objectos na Europa moderna[6], assim como à bibliografia de referência assinada por investigadores portugueses desde a edição da *Suma Oriental* de Tomé Pires preparada por Armando Cortesão em 1944[7]. Também não esquece a antologia anotada de fontes relativas aos contactos portugueses com a China que Raffaella D'Intino publicou em 1989, reunindo e retomando estudos parcelares sobre algumas dessas mesmas fontes publicados desde o início do século XX por investigadores como Donald Ferguson, Ernst Arthur Voretzsch, T'ien-tsê Chang (Tianze Zhang), Albert Kammerer, George Le Gentil, José Maria Braga ou Georg Schurhammer, para além de Boxer e A. Cortesão[8]. Apesar da abrangência das leituras e do inegável esforço de actualização, entre a mais recente bibliografia aqui consultada registamos a ausência da versão impressa da tese de doutoramento que Rui Manuel Loureiro dedicou à presença da China na cultura portuguesa do século XVI, pesquisa central para estas maté-

---

[6] Donald F. LACH, *Asia in the Making of Europe*, 4 vols., Chicago, The University of Chicago Press, 1965-1970; Donald F. LACH, *China in the eyes of Europe. The Sixteenth Century*, Chicago/London, The University of Chicago Press, 1968.

[7] Armando CORTESÃO, *The Suma Oriental of Tomé Pires and the Book of Francisco Rodrigues*, 2 vols., London, Hakluyt Society, 1944.

[8] *Enformação das cousas da China. Textos do século XVI*, introdução e leitura da Raffaella D'Intino, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

rias publicada em 2000[9]. Tal lacuna é tanto mais surpreendente quanto Vilà manuseia os principais trabalhos de edição de fontes sobre a China preparados por Loureiro ao longo das duas últimas décadas.

A reconstituição aqui proposta do pioneiro noticiário português sobre a China, com a identificação dos principais agentes responsáveis pela recolha, transmissão e divulgação em Portugal e na Europa desse saber, é feita com recurso a uma selecção de exemplos relativamente consensual: das cartas de Afonso de Albuquerque a D. Manuel, sobre a navegação de Malaca à China, remetidas a partir de 1512, às sínteses geoantropológicas de Duarte Barbosa e Tomé Pires; das chamadas cartas dos cativos de Cantão (1534-1536), Cristóvão Vieira e Vasco Calvo, ao *Tratado* de Galiote Pereira; dos capítulos competentes das crónicas de Fernão Lopes de Castanheda e João de Barros, ao referido livro de frei Gaspar. O essencial dos respectivos conteúdos informativos – assim como alguns detalhes sobre o jogo intertextual que se conhece bem existir entre narrativas como as de Galiote e Cruz, por exemplo – é apresentado lado a lado com uma listagem razoavelmente exaustiva da correspondência mercantil e diplomática, assim como das relações de viagem, crónicas régias, textos de matéria médica ou das escassas obras de carácter doutrinário que fizeram ecoar para públicos muito diversos os dados sobre o distante mundo chinês que a Europa foi acumulando neste período (pp. XXX-LVIII).

Em todo este seu exercício de síntese, Lara Vilà insiste em associar a aparente falta de visibilidade dos tópicos chineses ao condicionalismo imposto por uma persistente *política de sigilo* praticada pela Coroa portuguesa. Fazendo-o, volta a transpor para este objecto específico uma interpretação que fez escola numa certa historiografia da expansão portuguesa, a qual, desde logo, tanto carece de demonstração objectiva para outras tipologias que não aquelas estritamente técnicas (cartas de marear, livros de marinharia e afins), como desvaloriza a importância da circulação em manuscrito, que se sabe ter sido um veículo determinante durante as primeiras décadas do século XVI para os conteúdos em análise[10].

Da leitura destas páginas, comentamos apenas mais duas interpretações seguidas pela autora. Por um lado, aquela que a faz ver na edição lisboeta do *Livro de Marco Paulo*, concretizada por Valentim Fernandes em 1502, os mesmos propósitos de propaganda régia explícitos nas missivas coevas de D. Manuel ao papa e a monarcas europeus, trazendo o relato oficial das descobertas e as perspectivas comerciais e religiosas abertas a Oriente (p. XXXI). Ora, sendo certo que essa obra também promove o prestígio de um monarca que esboça um desígnio imperial[11], não podemos deixar de observar o desajuste efectivo que existe entre a equação essencialmente livresca oferecida pelo editor morávio de Marco Polo e o que então já circulava nos meios mercantis portugueses ou italianos sobre a Ásia marítima. Por outro lado, na listagem das fontes principais e secundárias que nos oferece – e que acima sumariámos –, Vilà declina a apresentação da generalidade das fontes produzidas no âmbito da acção missionária da Companhia de Jesus (p. XLII, n. 51).

---

[9] Rui Manuel LOUREIRO, *Fidalgos, Missionários e Mandarins – Portugal e a China no Século XVI*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000.

[10] Ver R. M. LOUREIRO, op. cit., pp. 446-447; Francisco Roque de OLIVEIRA, *A construção do conhecimento europeu sobre a China. Impressos e manuscritos que revelaram o mundo chinês à Europa culta*, tese de doutoramento, Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, 2003, pp. 303-306. [Consultado a 29/12/2012.] Disponível em http://ddd.uab.cat/pub/tesis/2003/tdx-1222103-160816/tdx.html

[11] Ver José da Silva HORTA, «O *Marco Paulo* (1502) de Valentim Fernandes: a representação dos povos não-cristãos na construção de uma imagem do poder manuelino», in Maria Adelina Amorim, Maria José Craveiro e Maria Lúcia Garcia Marques (coord.), *Homo viator: estudos de homenagem a Fernando Cristóvão*, Lisboa, Edições Colibri, 2004, pp. 109-134 (116-118).

Neste caso, trata-se de uma opção particularmente problemática, dadas não apenas a importância e a repercussão dos materiais jesuítas sobre a China a partir da década de 1540, mas também, mais uma vez, a extensão do diálogo intertextual que estas mesmas fontes mantiveram, desde esse momento, com boa parte das demais fontes que versaram os assuntos chineses, fossem elas laicas ou vindas de outros âmbitos missionários.

O quinto ponto da explanação introdutória de *Viajes y crónicas de China* sintetiza a aí designada «visão espanhola» da China, produto da recolha sistemática de informações sobre o império Ming que os agentes espanhóis em Castela, no México e nas Filipinas desencadearam na sequência da fixação dos homens de Miguel López de Legazpi nesse arquipélago, a partir de meados da década de 1560, assim como do novo cenário geopolítico que a união das Coroas peninsulares veio criar na Ásia depois de 1580. A relação destas notícias está longe de ser exaustiva, mas não só consegue assinalar os principais documentos, como evidenciar a sua tipologia muito diversa: do reconhecimento dos litorais de Fuzhou a Cantão, feito por Andrés de Mirandaola, em 1569, à *Relación* de Martín de Rada, passando pela *Verdadera relación de la grandeza del reino de China* de Miguel de Luarca, texto de 1575-1576 até certo ponto sobreponível ao de Rada e que, tal como este ou o *Tratado* de Gaspar de Cruz, veio a constituir uma das fontes principais utilizadas por González de Mendoza para a composição da sua *Historia de China*. Em todo este processo, Vilà destaca o relevo que a preparação e difusão de textos sobre a China e a Ásia Oriental conheceram nos meios espanhóis da década de 1580, a começar pela ressonância internacional conseguida por González de Mendoza a partir do caminho aberto por Bernardino de Escalante, em 1577. Associa ainda a esta conjuntura a publicação – tardia – da obra de Fernão Mendes Pinto, ressalvando que a respectiva redacção acontecera bastante antes da primeira edição, em 1614 (pp. LVIII-LXIV).

Nesta leitura, adquire especial significado a tese segundo a qual os textos de Bernardino de Escalante, Juan González de Mendoza e do próprio Fernão Mendes Pinto constituem, simultaneamente, o ponto de confluência e o patamar de divulgação em larga escala do vasto cabedal informativo de procedência portuguesa sobre a China, saber esse que, mercê das contingências do segredo de Estado que atrás comentámos, até então haveria permanecido oculto à generalidade dos leitores europeus. Com isto vem ainda a ideia – diga-se que muito mais comum no domínio dos estudos literários do que na historiografia[12] – de que essa China recuperada das fontes ou dos circuitos portugueses de comunicação noticiosa correspondia a uma visão utópica e maravilhosa do país, presa ao longo de todas essas décadas à herança de Marco Polo, pese embora o conhecimento directo do terreno no qual assentava o corpo substantivo do legado luso. Assim sendo, as obras de Escalante ou González de Mendoza mais não tinham feito que fixar um «paradigma ibérico» de leitura do Oriente e do mundo chinês, o qual, com os seus resquícios de medievalidade, cedo cederia passo ao paradigma «más real y menos idealista» das fontes jesuítas, progressivamente configurado ao longo das últimas décadas do século XVI em escritos como a *Historia del principio y progresso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales* de Alessandro Valignano (1583) ou a própria história da missão da China de Matteo Ricci. A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, conclui-se, como que encerra o

---

[12] Ver, *inter alia*, Raffaella D'INTINO, «A utopia chinesa de Fernão Mendes Pinto», *Oceanos*, n.º 7, 1991, pp. 67-71; Raffaella D'INTINO, «A imagem da China nas informações portuguesas do século XVI», *Oceanos*, n.º 14, 1993, pp. 28-30; Ana Paula LABORINHO, «China: maravilhoso e utopia nos relatos dos viajantes portugueses quinhentistas», in Ana Teresa Falcão, Maria Teresa Nascimento e Maria Luísa Leal (org.), *Literatura de viagem: narrativa, história, mito*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, pp. 169-183. Cf. João Carlos Firmino Andrade de CARVALHO, «Da retórica como máquina de prodígios», in João Carlos Carvalho e Ana Alexandra Carvalho (coord.), *Retóricas*, Lisboa, Edições Colibri, 2005, pp. 85-159 (130-131).

exercício de síntese «más libresco o textual» oferecido por Escalante e González de Mendoza, se bem que o livro de Mendes Pinto aparente assentar – crê ainda Vilà – sobre uma experiência de viagem que qualquer destes dois autores espanhóis teria compensado com recurso à leitura de textos alheios (pp. LVII-LVIII, LXIV-LXVI).

Sabemos que boa parte desta arrumação das notícias quinhentistas sobre a terra e a gente da China segue de muito perto outras propostas de leitura, a mais recente das quais pela mão de Manel Ollé[13] – autor que Lara Vilà demonstra haver adoptado uma e outra vez. É possível que o arranjo esquemático de uma obra tão influente como a de Donald Lach, tratando em três capítulos separados os materiais portugueses anteriores a 1550, o livro de González de Mendoza e as suas fontes e, finalmente, os escritos dos jesuítas, tenha ajudado a fixar esta interpretação[14]. Por outro lado, é também conhecido o lastro de toda uma plêiade de historiadores – sobretudo anglo-saxónicos – que teimaram em considerar que nada de importante se tinha publicado na Europa sobre a China entre o relato de Marco Polo e o de González de Mendoza[15]. Mas, seja de onde for que venha a influência mais ou menos remota para esta proposta de distribuição dos textos, importará desde já matizar os aspectos que atrás salientámos da síntese ensaiada por Vilà.

Em primeiro lugar, a generalidade da heterogénea literatura sobre a China acumulada nos meios portugueses desde o início do século XVI destaca-se pela referida dimensão empírica e pela concomitante desatenção às referências livrescas, o que quer dizer que mesmo o mais laudatório dos retratos de uma alteridade como a chinesa – que, de resto, também não foram unânimes – encontra demasiados problemas em ser associado às prerrogativas do género utópico ou aos cânones dos *Mirabilia*[16]. Em segundo lugar, a clivagem proposta entre um paradigma «utópico» (ibérico) e um paradigma «realista» (jesuíta) não resiste demasiado a uma efectiva análise intertextual: apenas a título de exemplo, tomem-se os conteúdos chineses da citada *Historia del principio y progresso* de Valignano e veja-se como é profundo aí o diálogo com as fontes portuguesas não jesuítas que a precederam[17]. Isto, pensamos, vem confirmar o que já dissemos sobre a profunda imbricação de todos estes discursos, ao mesmo tempo que baralha qualquer ideia que se possa ter sobre a suposta auto-suficiência informativa de uma categoria isolada de agentes de escrita. Finalmente, julgamos estar demonstrado que os capítulos da *Peregrinação* nos quais Fernão Mendes Pinto encerrou a descrição da geografia, das instituições e dos costumes da China correspondem, no essencial, à manipulação extensiva de um reduzido número de fontes portuguesas, o que faz da sua viagem pelo interior desse país pouco mais do que uma genial ficção[18]. Assim sendo – e ao invés do que Vilà sugere –, a autoridade de peregrino

---

[13] Manel OLLÉ, *La invención de China. Percepciones y estrategias filipinas respecto a China durante el siglo XVI*, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2000, pp. 67-75; Id., «La imagen española de China en el siglo XVI», in Carlos Martínez-Shaw e Marina Alfonso Mola (ed.), *La ruta española a China*, Madrid, Ediciones El Viso, 2007, pp. 81-96; Id., «The Jesuit portrayals of China between 1583-1590», *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, Vol. 16, 2008, pp. 45-57 (47-48).

[14] Ver, *inter alia*, D. F. LACH, *China in the eyes of Europe*, pp. 730 e ss.

[15] Ver C. R. BOXER, *South China*, pp. LXIII-LXIV.

[16] Ver Vitorino Magalhães GODINHO, *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar – séculos XIII-XVIII*, Lisboa, Difel, 1990, pp. 585-587; R. M. LOUREIRO, op. cit., pp. 666-667; F. R. de OLIVEIRA, *A construção*, cit., p. 808.

[17] Ver F. R. de OLIVEIRA, *A construção*, cit., pp. 953-966.

[18] Ver R. M. LOUREIRO, op. cit., pp. 656-668; F. R. de OLIVEIRA, «Viagem ao trono do mundo. Inquérito sobre as fontes escritas e cartográficas da pretensa peregrinação de Fernão Mendes Pinto através da China em 1542-1544», *Zhongguo Yanjiu – Revista Portuguesa de Estudos Chineses*, Vol. 1, n.º 2, 2007, pp. 225-264.

reclamada por Fernão Mendes será o último dos argumentos fiáveis para distinguir a sua prosa daquela China de gabinete composta por Escalante e González de Mendoza.

Nos derradeiros três pontos da sua introdução, Lara Vilà aborda, sucessivamente, os contextos de publicação dos livros de Bernardino de Escalante e Juan González de Mendoza, assim como da tradução espanhola da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Lembrando a flagrante dependência de fontes portuguesas detectável quer no *Discurso de la navegación a Oriente*, quer na *Historia del gran reino de la China*, reafirma o seu juízo sobre as perspectivas que tal movimento editorial franqueou para a difusão em larga escala da importante tradição de textos sobre a Ásia Oriental de proveniência portuguesa. Reafirma também a perspectiva que acabámos de comentar segundo a qual aqui se cristalizou uma visão utópica ou idealizante do Oriente e da China, cujo remate Vilà encontra no presumível reflexo da própria obra de Marco Polo – com a sua China de maravilha – na *Peregrinação* (pp. LXXI, LXV, LXXX-LXXXI).

À parte esta questão de fundo, a restante leitura cumpre de forma cabal a função de introduzir a colectânea. Nesse sentido, são relativamente marginais pequenas falhas detectadas, como é o caso, por exemplo, do reconhecimento da dívida que a suposta carta ou *Relación* da China endereçada pelo capitão Diego de Artiela a Felipe II em 1573 – e integrada no livro de Escalante – tem para com João de Barros (pp. LXX-LXXI). Apesar de tudo, o mesmo pode ser dito sobre a ausência de uma referência mais clara ao peso que os projectos arquitectados nesses anos pelos vários poderes de Manila para a conquista espiritual e militar da China tiveram na preparação da *Historia* de Juan González de Mendoza (p. LXXII). Contudo, não podemos evitar uma nota de estranheza: certamente por lapso, mas, em todo o caso, ao invés do que deveria ocorrer, não encontramos creditados os dois principais estudos de investigadores portugueses que, de modo directo ou indirecto, tanto sustentaram o ponto em que Vilà anota o teor do livro de González de Mendoza e a selecção de conteúdos que este operou a partir dos textos que teve ao seu dispor, como a síntese que nos dá do arranjo interno da *Peregrinação*, da biografia de Fernão Mendes Pinto, da tipologia da sua obra ou das fontes que manuseou para a composição dos capítulos sobra a China (pp. LXXIV-LXXXI)[19]. Uma vez que pelo menos uma dessas duas investigações vinha sendo citada para amparar as observações dos pontos anteriores sobre a generalidade das fontes portuguesas que fizeram a reportagem da China até ao *Tratado* de Gaspar da Cruz, mais surpreende este esquecimento quando os objectos de análise são as obras de González de Mendoza e Mendes Pinto.

Como começámos por dizer, a anotação do *Discurso de la navegación* de frei Bernardino de Escalante incluída em *Viajes y crónicas de China en los Siglos de Oro* retoma o trabalho que Lara Vilà preparara para a edição autónoma deste mesmo título, no ano anterior. Com as suas quase duas centenas e meia de notas, cumpre os requisitos essenciais da anotação deste tipo de textos para um público diversificado, focado no esclarecimento da toponímia e antroponímia, sem esquecer a contextualização histórica das passagens mais

---

[19] Ver João David Pinto-Correia, «Fernão Mendes Pinto e o seu contributo para a cultura e a literatura portuguesa», in João Medina (org.), *História de Portugal*, Vol. 4, Amadora, Ediclube, 1994, pp. 349-372 (357-358); F. R. de Oliveira, *A construção*, cit., pp. 857-886, 910-911, 1310-1316 e 1318. Ver também João David Pinto-Correia, *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto – Apresentação crítica, antologia e sugestões para análise literária*, Lisboa, Edições Duarte Reis, 2002, pp. 53-58; F. R. de Oliveira, «Una especie de invisibilidad. Limitaciones de la divulgación internacional de la literatura de los Descubrimientos portugueses y el ejemplo del saber geográfico sobre la China», in Víctor Navarro Brotóns e William Eamon (ed.), *Más allá de la Leyenda Negra: España y la Revolución Científica*, Valencia, Instituto de Historia de la Ciencia y Documentación «López Piñero»/Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2007, pp. 105-119 (112-119).

relevantes e a anotação de algumas das intertextualidades mais salientes, em particular no que respeita aos materiais tomados de empréstimo de João de Barros e Gaspar da Cruz. No conjunto, este exercício vem preencher uma lacuna flagrante no mercado editorial, considerando que qualquer das últimas reedições desta obra optara pela versão fac-similada da edição *princeps* de 1577 e acrescentara um muito reduzido número de anotações ao texto propriamente dito. Além de ter tido presente esses contributos anteriores devidos a Carlos Sanz[20] e Lourdes Díaz-Trechuelo[21], Lara Vilà soube integrar as principais indagações sobre a figura e a obra de Escalante entretanto oferecidas, com destaque para aquelas dadas por José Luis Casado e Geoffrey Parker[22] e Raquel Martín Polín[23]. Para as importantes questões lexicais, além de uma dívida perene para com as anotações que Charles Boxer incluiu em *South China in the Sixteenth Century* ou para com o consagrado glossário *Hobson-Jobson*, destaca-se o aproveitamento de um estudo recente de José Ramón Carriazo Ruiz[24].

María José Vega assina a nota introdutória à *Historia del gran reino de la China* de Juan González de Mendoza, sendo que a respectiva tarefa de edição coube a Marcela Londoño Rendón, investigadora de quem há pouco tivemos um estudo sobre Francisco de Herrera Maldonado, facto que assinalamos aqui porquanto releva para a compreensão da confluência de interesses existente entre todos aqueles envolvidos na preparação deste tríptico[25]. Foi tomada como referência a edição de Valência de 1585, que segue os moldes da edição *princeps* romana do mesmo ano, uma vez que o livro de González de Mendoza conheceu um segundo e definitivo formato a partir da edição de Madrid do ano seguinte. Esta opção é aceitável se se considerar que os editores da colectânea optaram por transcrever apenas a primeira (e a mais breve) das duas partes desta *Historia*, correspondente à súmula geoantropológica ou descrição geral do país, deixando de lado as três narrativas autónomas que compõem a segunda parte, a última das quais foi substancialmente ampliada a partir da edição de Madrid de 1586: o texto que trata da jornada chinesa de Martín de Rada, em 1575; o que descreve a viagem à China dos franciscanos Pedro de Alfaro e Agustín de Tordesillas, em 1579; e o que reformula a redacção do *Itinerário* da primeira volta ao mundo dada por Martín Ignácio de Loyola entre 1581 e 1584, onde se insere a descrição de uma viagem ao Fujian feita por este outro franciscano do *Patronato* em 1582. De qualquer modo, seria obrigatório alertar o leitor para o facto de se estar a oferecer uma versão parcial da *Historia del gran reino de la China*, o que não é feito nem na

---

[20] Carlos Sanz, «Introducción», in Bernardino de Escalante, *Primera historia de la China de Bernardino de Escalante. Sevilla, 1577*, Madrid, Librería General Victoriano Suárez, 1958, pp. xi-xxxix.

[21] Lourdes Díaz-Trechuelo, «La obra de Bernardino de Escalante», in Bernardino de Escalante, *Discvrso de la navegacion que los portugueses hacen à los Reinos y Provincias del Oriente, y de la noticia que se tiene de las grandezas del Reino de la China,* edición facsímil de la *princeps*, Salamanca, Universidad de Cantabria/Ayuntamiento de Laredo, 1991, pp. 13-55.

[22] José Luis Casado Soto y Geoffrey Parker, «Bernardino de Escalante y su obra», in Bernardino de Escalante, *Diálogos del Arte Militar*, Salamanca, Universidad de Cantabria/Ayuntamiento de Laredo, 1992, pp. 7-27.

[23] Raquel Martín Polín, «Estudio preliminar», in Bernardino de Escalante, *Diálogos del Arte Militar*, Madrid, Ministerio de Defensa, 2002, pp. 23-76.

[24] José Ramón Carriazo Ruiz, «Bernardino de Escalante, *Discurso de la navegación*… (Sevilla, 1577): nota léxica», in Luis Santos Río *et al*. (ed.), *Palabras, normas, discurso: en memoria de Fernando Lázaro Carreter*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2005, pp. 239-246.

[25] Marcela Londoño Rendón, «La biblioteca oriental de Francisco de Herrera Maldonado», *Studia Aurea*, Vol. 4, 2010, pp. 105-137.

introdução geral à antologia, nem sequer na nota específica à edição da obra de González de Mendoza.

A transcrição dos trechos seleccionados da *Historia del gran reino de la China* é pontuada por menos de meia centena de anotações, sobretudo toponímicas, cerca de metade das quais concentrada no primeiro dos seus três livros. Tal parcimónia traz consigo algumas opções surpreendentes, como a de atender à explicação sobre a ilha de Hainão, mas deixar em claro «Cansi», «Suntien», «Quinsay», «Taybím» ou «Chincheo». Mas, mais do que isso, não encontramos qualquer nota relevante dedicada à maior parte daquelas questões cujo esclarecimento se nos afigura essencial que tivesse sido feito, pensando no leitor não especialista, primeiro destinatário de uma edição modernizada como esta: por exemplo, tudo o que respeita às unidades de medida, peso ou capacidade chinesas, às designações provinciais, à hierarquia urbana, às cerimoniais religiosas, à história dinástica, ao governo imperial, ao funcionalismo público, ao sistema judicial, aos sistemas de escrita, ensino e exames, à tipologia das embarcações ou ao ritual das embaixadas. Percebe-se que muitas das escassas notas seguem os critérios da anterior edição modernizada desta *Historia*, dada na «Biblioteca de Viajeros Hispánicos» das Ediciones Miraguano-Polifemo, em 1990, mas que não se cita[26]. Seja como for, o resultado é por demais insuficiente e contrasta com o trabalho prévio dedicado ao livro de Bernardino de Escalante. Esta falta de anotação satisfatória é tanto mais de estranhar quanto existem competentes edições anotadas de qualquer uma das duas principais fontes explícitas desta primeira parte da *Historia* de González de Mendoza – os livros de Gaspar da Cruz e Martín de Rada[27]. A exemplo do que foi feito para as anotações do livro de Bernardino de Escalante, estas facilmente poderiam ter sido aproveitadas para aqui, tal como o deveria ter sido algum dos vários glossários, dicionários e enciclopédias de referência sobre os costumes da China tradicional[28].

A extensão e o conteúdo incomparável da *Peregrinação* de Fernão Mendes fazem necessariamente da edição da versão espanhola deste livro oferecida em *Viajes y crónicas de China en los Siglos de Oro* a parte mais preciosa de todo o projecto editorial. Iván Teruel Cáceres introduz, transcreve e anota a tradução de Francisco de Herrara Maldonado que sustentou o notável sucesso editorial que a obra de Mendes Pinto conseguiu um pouco por toda a Europa ao longo dos séculos XVII e XVIII. É tomada como referência uma das seis edições espanholas de Seiscentos, publicada em Valência por Bernardo Nogués, em 1645. Boa parte das notas de rodapé reserva-se para a identificação das principais diferenças existentes entre a edição *princeps* portuguesa de 1614 e o texto traduzido – melhor dito, recriado – pelo cónego Herrera Maldonado. As demais anotações centram-se no esclarecimento de questões toponímicas e de algum do léxico exótico que corre ao longo do texto, num exercício que, no fundamental, sumariou a lição oferecida para estes casos na edição inglesa da *Peregrinação* publicada por Rebecca Catz, em 1989[29].

---

[26] J. González de Mendoza, *Historia del Gran Reino de la China*, Madrid, Miraguano Ediciones/Ediciones Polifemo, 1990.

[27] Além da edição de ambos os textos por Charles Boxer, em 1953, e da também referida edição do *Tratado* de frei Gaspar por Raffaella D'Intino, em 1989, veja-se: Frei Gaspar da Cruz, *Tratado das coisas da China (Évora, 1569-1570)*, introdução, modernização do texto e notas de Rui Manuel Loureiro, Lisboa, Edições Cotovia, 1997 (reedição: Lisboa, Sociedade Editora de Livros de Bolso, 2010).

[28] Ver, *inter alia*, Jacques Pimpaneau, *Chine, culture et tradition*, nouvelle édition revue, Arles, Editions Philippe Picquier, 2004.

[29] F. M. Pinto, *The Travels of Mendes Pinto*, edited and translated by Rebecca D. Catz, Chicago, University of Chicago Press, 1989.

Na sua nota introdutória, Teruel pormenoriza os critérios de regularização e modernização do texto que adoptou, marcando distância em relação à generalidade das opções ortográficas, de pontuação ou de transcrição de nomes próprios seguidas por José Agustín Mathieu, em 1982, na única edição moderna deste texto existente até ao momento[30]. Na mesma oportunidade, analisa os mecanismos de adaptação e reelaboração da obra seguidos por Herrera Maldonado, para o que parte das pistas deixadas pelo próprio tradutor espanhol na célebre «Apología en favor de Fernán Méndez Pinto, y desta *Historia Oriental*» inserta como prólogo à edição de 1620. Qualquer destas duas frentes de leitura introduz novas e pertinentes achegas ao estudo do complexo produto literário servido por Francisco de Herrera Maldonado a partir do original de Fernão Mendes Pinto, ao mesmo tempo que, como se disse, não esquece o esclarecimento das regras seguidas para o tratamento do texto clássico (ao invés do que atrás sucedera com os livros de Escalante e González de Mendoza, transcritos sem o necessário preâmbulo filológico). Aproveitando uma observação deixada por Marcelino Menéndez y Pelayo e recuperada mais recentemente por Luisa Trías Folch[31], Teruel evoca as coincidências que se registam entre os preceitos de tradução e o inconfundível estilo gongórico da versão que Herrera Maldonado deu dos *Diálogos morais* de Luciano de Samósata (Madrid, 1621) e o que o mesmo Herrera aplicou na *Peregrinação*. Em qualquer caso, nesta leitura introdutória nota-se desde logo a ausência de uma indicação essencial: a que diz respeito ao interesse específico pelas coisas chinesas que ocupou Herrera Maldonado na mesma altura em que traduziu Mendes Pinto, e manifestada através da edição do seu *Epitome historial del reino de la China* (Madrid, 1620). Por outro lado, na transcrição da obra propriamente dita, não entendemos a exclusão – aliás não explicada pelos editores – quer da apologia em favor de Mendes Pinto, quer da lista dos autores que escreveram sobre a Índia Oriental, a China e o Japão, correspondente ao longo apêndice com mais de 70 entradas compilado por Herrera e que, tal como a apologia, consta da generalidade das edições espanholas do século XVII da *Peregrinação*, incluindo as de 1620 e 1645[32].

Como também dissemos, a maior parte das anotações introduzidas por Iván Teruel cobre a toponímia das deambulações de Mendes Pinto tratada por Rebecca Catz – ainda que também seja verdade que Teruel o faça sobretudo para a geografia mais facilmente reconhecível, omitindo a generalidade das conjecturas ensaiadas por Catz e pelos anteriores estudiosos desta obra para os (muitos) topónimos mais problemáticos. No trabalho de Teruel, nota-se ainda uma economia excessiva no esclarecimento da generalidade das vozes estrangeiras que ocorrem no texto, começando pelos orientalismos ou os pretensos orientalismos em que a prosa de Fernão Mendes é fértil. Numa colectânea que pretende destacar os conteúdos alusivos à China, mais surpreende esta prática ao longo dos 48 capítulos da *Peregrinação* que trazem a jornada terrestre do narrador através do império chinês e a síntese, em disfarçado jeito tratadístico, da natureza e da sociedade sínicas (*Peregrinação*, caps. LXXIX-CXXVII).

Aceitamos que uma anotação exaustiva da *Peregrinação* não coubesse nos propósitos editoriais de uma colectânea como esta. Para se obterem resultados inovadores, o nível de especialização requerido para a abordagem do texto integral de Mendes Pinto reclamaria o trabalho de uma equipa pluridisciplinar (e até internacional), à semelhança da

---

[30] F. M. PINTO, *Las peregrinaciones*, introducción y notas de José Agustín Mathieu, Madrid, Alfaguara, 1982.

[31] Luisa TRÍAS FOLCH, *La Peregrinación, de Fernão Mendes Pinto*, Madrid, Editorial Síntesis, 2003, p. 54.

[32] Ver Francisco Leite de FARIA, *As muitas edições da «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1992, pp. 62-69; F. R. de OLIVEIRA, *A construção*, cit., pp. 939-941 e 1344-1348.

opção seguida na edição coordenada por Jorge Santos Alves e publicada já depois desta dirigida por María José Vega e confiada a Iván Teruel[33]. Essa não tinha de ser a meta da presente edição, repetimos. Por outro lado, reconhecemos que os leitores de língua espanhola ganharam aqui uma edição bem mais fiável da versão de Herrera Maldonado – em bom rigor, ganharam duplamente, uma vez que se publicaram não apenas os capítulos da *Peregrinação* relativos à China, como até certo ponto seria de esperar à vista da drástica abreviação atrás imposta à *Historia* de Juan González de Mendoza, mas a obra integral de Fernão Mendes Pinto, com a vasta viagem de Alfama à ilha de Kyūshū e volta. No entanto, não deixa de ser paradoxal que não tenha sido feita uma anotação integrada dos conteúdos chineses dos livros de Mendes Pinto, González de Mendoza e Escalante. Já sabemos que esta tarefa até seria facilitada, atendendo ao uso que os três autores fizeram de um punhado de fontes comuns sobre a China de matriz portuguesa, a começar pelo *Tratado* de Gaspar de Cruz, também ele empregue e reempregue por Fernão Mendes para a sua elucubração chinesa. Essa coordenação das tarefas de edição de cada uma das três obras reunidas em *Viajes y crónicas de China en los Siglos de Oro* teria tornado mais coerente o muito trabalho por certo despendido na preparação desta volumosa colectânea.

A influência global que a China alcançou neste início do século XXI explica, em grande medida, a redobrada atenção que os investigadores vêm dedicando aos agentes e às informações europeias que substituíram os paradigmas de percepção medieval dos confins orientais da Eurásia pela complexidade dos discursos proto-antropológicos e proto-sinológicos ensaiados no dealbar da época moderna. Para a concretização deste exercício, a indagação aprofundada das fontes ibéricas é tanto mais necessária quanto sabemos que o essencial da imagem renascentista da China assentou em fontes portuguesas e que estas, por seu turno, sustentam boa parte do conteúdo das obras escritas em castelhano que projectaram, para públicos mais amplos, esses primeiros registos noticiosos sobre o mundo chinês. Na perspectiva do contributo espanhol para este processo de difusão de conhecimentos, as súmulas monográficas de Bernardino de Escalante e Juan González de Mendoza adquirem uma importância equivalente àquela que tem o *Tratado* de frei Gaspar da Cruz, seu discreto precursor português[34]. Daí que faça todo o sentido agrupá-las numa colectânea como esta, tal como se entende que esta selecção tenha sido alargada de modo a incluir a ficção de Fernão Mendes Pinto, traduzida e sancionada por Francisco de Herrera Maldonado como matéria verídica nessa época em que a Espanha – ou uma certa Espanha – sonhou o seu próprio projecto asiático. Charles R. Boxer, na obra pioneira em que reuniu algumas das primeiras narrativas portuguesas e espanholas quinhentistas sobre a China, e que começámos por referir, deixou um exemplo que subsiste para quem se entusiasma em dar a conhecer esta riquíssima herança informativa. *Viajes y crónicas de China en los Siglos de Oro* ensaiou replicar a fórmula, o que é arrojado e se saúda. A nosso ver, faltou-lhe sobretudo um trabalho editorial que tanto tivesse harmonizado o tratamento dos três textos selecionados, como incluído contributos não circunscritos ao domínio dos estudos literários, começando por uma sólida base sinológica, tal como o tema escolhido reclamava.

FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA
(Centro de Estudos Geográficos,
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território,
Universidade de Lisboa)

---

[33] F. M. PINTO, *Fernão Mendes Pinto and the Peregrination: studies, restored Portuguese text, notes and indexes*, directed by Jorge Santos Alves, 4 vols., Lisboa, Fundação Oriente/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.

[34] Ver, *inter alia*, M. OLLÉ, «La imagen española», p. 92.

Binu John MAILAPARAMBIL, *The Ali Rajas of Cannanore and the Political Economy of Malabar (1663-1723)*, Leiden and Boston, Brill, 2012, xx + 258 pp. ISBN: 9789004180215.

The current volume under review, published in the "TANAP Monographs on the History of Asian-European Interaction" Series, is an unapologetic politico-economic narrative set in a distinct "autonomous", micro-regional Braudelian framework. Rejecting "anachronistic", "highly essentializing" approaches in both Indian and Kerala historiography stressing the "great traditions" of both Islam and textual Brahmanism, the book assumes "an emphatically regional point of view", emphasizing "relatively enduring, regional 'little' tradition[s]" and "far more important regional agencies" (pp. 7, 11). The unwavering focus is on the northern Malabar (Kerala) theater or more specifically Kolathunadu and its most important politico-economic actors. This so-called "perennial nuclear micro-region"[1] with its core around the leading port-town of Cannanore (Kannur) and its surrounding feeder ports was the domain of the Kolaswarupam (popularly known as the Kolathiris), one of the four major political houses in Malabar, claiming suzerainty over a larger area located between the kingdoms of the Keladi Nayakas of Kanara (Ikkeri) and the Zamorins or *Samudris* of Calicut (Kozhikode).

An important case study of cross-cultural encounters in the early modern "Age of Contained Conflict" (Sanjay Subrahmanyam) or "Balance of Blackmail" (Ashin Das Gupta),[2] the central theme of Mailaparambil's work is the multi-dimensional interaction between the main actors in the realm, namely: 1) the Arackal Ali Rajas, the most prominent maritime merchants in pre-colonial Malabar dominating the Mappila Muslim traders in and around Cannanore; 2) the Kolathiris, the traditional claimants to political power in Kolathunadu; and: 3) the local representatives of the Dutch East India Company (VOC after its Dutch abbreviation). The Ali Rajas, the Kolathiris and the VOC were the main contenders in a complex struggle for power shaped by both "internal" dynamics and "external" forces.

The chronological point of departure of Mailaparambil's micro-regional analysis is the Dutch conquest of the Portuguese Fort St. Angelo at Cannanore in 1663. Somewhat less obvious is the study's terminal point of 1723. By this time, Mailaparambil asserts, the evolution of the historical forces, which were constantly structuring and restructuring the relations between the local power groups in Cannanore, reached a critical juncture (p. 3). Expanding maritime trade opportunities, promoted to a great extent by the ongoing competition among the various European trading companies for Malabar pepper, opened up new opportunities for local "men of prowess". The open conflict, which erupted between the Ali Raja and the Kolathiri factions in 1721, was the culmination of the mounting pressures within the power structure of Kolathunadu. Centrifugal forces operating within the Kolaswarupam gained considerable strength, while the intensifying competition to gain

---

[1] The term "perennial nuclear region" was coined by the British geographer O. H. K. Spate for South Asia, reminiscent of the "physiographic macroregions" suggested for China by the American anthropologist G. William Skinner. See O. H. K. SPATE, *India and Pakistan: A General and Regional Geography*, London, Methuen and Co., 1954, pp. 148-151; G. W. SKINNER, *The City in Late Imperial China*, Stanford, Stanford University Press, 1977. Neither of these terms are used by the author.

[2] A. Das GUPTA, "Europeans in India Before the Empire", in U. Das Gupta (ed.), *The World of the Indian Merchant 1500-1800: Collected Essays of Ashin Das Gupta*, New Delhi, Oxford University Press, 2001, pp. 229-230; Sanjay SUBRAHMANYAM, *The Political Economy of Commerce: Southern India 1500-1650*, Cambridge and New York, Cambridge University Press, 1990, p. 254.

access to the surplus generated by maritime trade also set off similar tendencies within "Mappiladom" and the "informal" state of the Ali Raja among rival Mappila groups from neighboring ports such as Dharmapatanam (pp. 144-145, 155, and 176-177). From a broader perspective, alternative and more meaningful terminal points for Kerala present themselves in the form of the centralizing regional "military-fiscal states" or "sultanist regimes" of Travancore under Martanda Varma (r. 1729-1758) and Mysore under Haider Ali (r. 1761-1783) and Tipu Sultan (r. 1783-1799) and their interaction with the Dutch and English East India Companies, respectively.[3]

Relying heavily on the extensive VOC repositories in the National Archives in The Hague supplemented by local sources, the work is divided into three sections. In true Braudelian fashion, the book's first section (chapters 1 and 2) assumes a *longue durée* perspective focusing on *structures* or the "limits of the possible". In Chapter One, "The Geo-Political Setting of Kolathunadu", Mailaparambil, although professing "not to champion the notion of "geographic determinism", argues that the significance of geography in the shaping of the history of Kolathunadu "can scarcely be overrated" (pp. 22-23). Most significantly, Malabar's relative isolation and Kolathunadu's narrow stretch of agricultural land produced a "region within the region", a "sub-regional *sonderweg*", or "particular micro-region" within both South India and Kerala (pp. 16-17).

Chapter Two, "The Rajas of Kolathunadu", examines the region's long-term political structures: the nature of the pre-colonial "state" and the segmented *swarupam* polity with its limited resource base and numerous co-sharers of the realm (*taravadus*, "joint households") based on the regional concept of *sakti* ("cosmic power"). As the Kolaswarupam was gradually hiving off into various lineages, new nodes of power or so-called "houses by the sea", such as the Arackal Ali Rajas, began to emerge by the middle of the sixteenth century (esp. pp. 30-32, 37-39, 46-48, 50-51).

Having established the parameters – the crucial role of maritime trade and the decentralized, pluralistic, and fissiparous nature of the Kolathunadu polity – the book's second section (Chapters Three, Four and Five) examines the interrelated histories of the most prominent rival maritime trading groups in Cannanore: the Mappila traders of Cannanore under the Arackal Ali Rajas and the Dutch East India Company.

In Chapter Three, "Lords of the Sea", Mailaparambil argues that the rise to prominence of the thalassocratic mercantile empire of the Ali Rajas, including at times the Maldives and Lakshadweep, was anything but "a bolt from the blue" in a region where geographical factors limited the agricultural surplus and maritime trade constituted the most lucrative area of resource mobilization (pp. 77-78). The Arackal Swarupam, he alleges, presents "an unique case in Indian history" and the closest example of a "maritime state" where the "hermetically defined sociological titles of 'merchants' and 'kings' lose their relevance" (pp. 1, 78-79).

Chapter Four, "Jan Company in Coromandel (1663-1723)", describes how, for a variety of reasons, the European newcomers, including the Portuguese (until 1663) and the Dutch (after 1663), were neither able to fundamentally alter nor destroy the networking system of the indigenous Mappila traders: the existence of both alternative land routes and parallel "smuggling" routes along the coast, the limited resources of men and materiel, the growing commercial activities of English and French traders, and the VOC insistence on using barter rather than ready cash blunted all such efforts (pp. 102-103).

Chapter Five, "The VOC Trade in Cannanore (1663-1723)", provides an overview of Dutch exports from and imports into Cannanore. The volume of trade in general was

---

[3] See, for example, Mark de Lannoy, *The Kulasekhara Perumals of Travancore: History and State Formation in Travancor from 1671 to 1758*, Leiden, Research School CNWS, Leiden University, 1997, esp. pp. 84-101, 116-117, and 133-137.

rather insignificant and the settlement an administrative burden. The VOC failed in realizing its primary objective of acquiring a major share of the Malabar pepper, "the bride around whom everyone dances", due to its rigid price policy, with prices fixed not locally but at Batavia, and the considerable overheads it incurred compared to local traders – what Niels Steensgaard styled "the internalization of protection costs".[4]

The book's third and final section (Chapters Six and Seven) "descends" to the level of *événéments*, divided into two subperiods set apart by the transition of power from one lineage segment (*kovilakam*) of the Kolathunadu *swarupam*, the Palli Kovilakam, to the Udayamangalam Kovilakam in 1698, leading to a new round of realignments. These events, discussed in Chapter Six, "Power Politics in Kolathunadu (1663-1697)", and Chapter Seven, "The Coast Adrift: The Ali Raja and the Rise of New Maritime Powers (1698-1723)", portray in minute detail how both the "internal" regional conditions and, less successfully, extra-regional trade relationships affected the destinies of the various political co-sharers of the Kolathunadu realm. Especially in the latter period, both the Dutch and English contributed, directly and indirectly, to the intensification of the power struggle and the strengthening of fissiparous tendencies within the Kolathunadu *swarupam* where the Ali Rajas had begun to assert a more independent status (p. 172).

Mailaparambil's overall analysis of Kolathunadu's political economy is clear and incisive. As is wont to happen, however, in his eagerness to assail what he perceives to be the two reigning paradigms in Kerala historiography, Mailaparambil's "emphatically regional point of view" falls into the mirror trap of overstating its case. Whereas he critiques these "anachronistic" and "essentializing" approaches for leading to "a serious de-contextualization of the existing early-modern regional identities" (pp. 7, 173), Mailaparambil in turn decontextualizes his own narrative by his relative neglect of cultural-religious and extra-regional agents and forces.

Thus, on the one hand, he criticizes the "pan-Islamic framework" of Stephen Dale (1980)[5] and others portraying the Mappilas as a "frontier" people characterized by a "religiously defined militancy" (pp. 7, 173). The Mappilas of Malabar in general, he asserts, and Kolathunadu in particular did not constitute one single political interest group organized under a distinct "Islamic" identity, but instead were segmented into various factions. Rather than *Fremdkörper* or foreign enclaves, the Ali Rajas and other Mappilas, hardly affected by religious consciousness, functioned as intrinsic components of the existing regional sociopolitical order. Reversing the gaze, Mailaparambil instead asserts that "it was not the Mappilas but these European company men [the English and the Dutch] who formed a 'frontier' group which remained at the periphery of the local socio-political system" (p. 177).

On the other hand, Mailaparambil denounces the "pan-Indian perspective" stressing the importance of a particular "Hindu" form of ritual kingship imbued by the Brahmin textual tradition, blaming the tendency of privileging Brahmanical scriptures and the equation of "Indian culture" with Brahmanical traditions and Sanskrit largely on European (post-)colonial Orientalist discourses on India (pp. 29-31, 188 n. 30). Though trans-regional social identities did exist and were not wholly insignificant in Malabar, they were not the dominant factors shaping the history of the region.

Mailaparambil's unapologetic emphasis on "autonomous" history and political economy comes at a certain price. While his mapping of the complex realities of Kolathunadu's

---

[4] Niels Steensgaard, *The Asian Trade Revolution of the Seventeenth Century: The East India Companies and the Decline of the Caravan Trade*, Chicago, University of Chicago Press, 1974.

[5] Stephen F. Dale, *Islamic Society on the South Asian Frontier: The Mappilas of Malabar, 1498-1922*, Oxford, Oxford University Press, 1980.

sociopolitical landscape is meticulous and provides a sharp focus to the narrative, the contours of the extra-(micro-)regional and cultural-religious "scapes" are blurry at best. Older caste members, such as the Portuguese, simply vanish from the stage, whereas "external" actors, most notably the Marathas and Mughals, make cameo appearances, at times disappearing as quickly and mysteriously as they enter the scene (pp. 148-149, 161, 164). In the case of both the Mappilas and the VOC, the micro-regional perspective is outright limiting and Mailaparambil's statements contradict his "autonomous" stance. Thus, the Mappila traders of Cannanore were part and parcel of what he styles a "Mappila system of trade", covering the entire coastal belt from Gujarat to Bengal, maintaining extensive commercial links with the "commercial world of the Indian Ocean", most notably the Arabian Sea (esp. pp. 63-79). At the same time, the Company settlement at Cannanore, "the frontier of Cochin", was on the periphery of Dutch *commandement* of Malabar, itself part of the semi-periphery of the Dutch Indian Ocean world – and (after 1679) operating on the margins of the overall calculations and decision-making process of the VOC leadership in Batavia and the Dutch Republic as Mailaparambil himself readily acknowledges (p. 85).[6]

Mailaparambil's principled neglect of extra-regional actors and outside forces flies in the face of a growing body of scholarship on the quickening pulse of "archaic globalization" in the early modern period in general and the "long eighteenth century" in particular. In fact, beyond the Kolathunadu horizon, forces were at work undermining the very foundations of Mailaparambil's "splendid isolation". After 1680, the traditional regional rivalries of India's southernmost rulers became inexorably intertwined with the pan-Indian Mughal-Maratha struggle. At the same time, intra-Asian and long-distance trade with Asia entered a new competitive phase, characterized by the diminishing importance of monopolistic commodities and monopolistic positions while European and Asian competition gained momentum, ushering into a new "age of commerce".

His "autonomous" perspective also leads Mailaparambil to overemphasize the "*sonderweg*" of Kolathunadu and the "unique case" of the Ali Rajas, straddling the spheres of *imârat* (government) and *tijârat* (trade). In the wake of Chris Bayly (1982; 1988), numerous scholars have pointed out that at least from the late sixteenth century onwards, the "portfolio capitalist", "merchant noble", or "political merchant" was a characteristic feature in the Indian politico-economic landscape as part of the "commercialization of royal power" and "politicization of merchant wealth" in the age of mercantilism.[7]

---

[6] For instance, the VOC's late seventeenth-century "pepper race" with the EIC, including a moderate, controlled dumping policy on the European market, involved largely Indonesian, not Malabar, pepper. See Femme S. Gaastra, *The Dutch East India Company: Expansion and Decline*, Zutphen, Walburg Pers, 2003, p. 133.

[7] Chris A. Bayly, *Rulers, Townsmen and Bazaars: North Indian Society in the Age of British Expansion, 1770-1870*, Cambridge and New York, Cambridge University Press, 1983, p. 460; *Idem*, *Indian Society and the Making of the British Empire*, Cambridge and New York, Cambridge University Press, 1987; C. A. Bayly and S. Subrahmanyam, "Portfolio Capitalists and the Political Economy of Early Modern India", *Indian Economic and Social History Review*, 25:4, 1988, pp. 401-424; Sinnappah Arasaratnam, *Merchants, Companies, and Commerce on the Coromandel Coast, 1650-1740*, Oxford and New York: Oxford University Press, 1986, p. 224; Tapan Raychaudhuri, *Jan Compagnie in Coromandel, 1605-1690: A Study in the Interrelations of European Commerce and Traditional Economies*, The Hague, M. Nijhoff, 1962, p. 58; H. K. S'Jacob, "State Formation and the Role of Portfolio Investors in Cochin, 1663-1700", *Itinerario*, 18:2, 1994, pp. 65-85. See also Frank Perlin's analysis of the portfolio wealth of "great households" in seventeenth- and eighteenth-centuries Maharashtra and David Washbrook's discussion of the role of "monied groups" in the pre-colonial Karnataka.

The most famous seventeenth-century examples of Indian portfolio capitalists are Mir Muhammad Sayyid Ardestani (1591-1663) or the *Mir Jumla* of Golconda; the Bijapur general and governor of the Karnataka, Muzaffar al-Din *Khan-i-Khannan* (d. 1657); the Balija Chitti merchant, Chinanna Malayya alias Astrappa Chitti (d. 1636) and his family in Senji, Tanjavur and the remnants of Vijayanagara around Pulicat; and the Gaud Saraswat Brahmin Babba Prabhu (d. 1696) in Kerala.[8]

The most fruitful comparative case study of cross-cultural interaction in the "Age of Contained Conflict", however, would be the Periya Tambi Maraikkayars. The multi-dimensional interaction between the Periya Tambis and Tamil Muslim Maraikkayars, the Tevars of Ramnad (Ramanathapuram), and the VOC in Tuticorin (Thoothukudi) closely resemble that between the Ali Rajas and Mappila Muslims, the Kolathiris, and the Dutch East India Company in Cannanore. From the 1670s onwards, the Periya Tambi Maraikkayars, formed by the Kilakkarai-based family of Shaykh Abd al-Qadir or "Citakkati", constituted the most formidable group of portfolio capitalists in the Madurai and Ramnad region.[9] The position of the Periya Tambis was comparable to that of the Ali Rajas: an ambiguous relationship with their sovereign authorities, the Tevars of Ramnad; a not undisputed position as patron of the local Maraikkayar community and client groups at Kilakkarai, Kulasekharapatnam, Kayalpatnam, and other "port-hamlets"; and, as powerful merchant-princes, the target of repeated attacks by the VOC. For all these potential insecurities, the Periya Tambis, similar to the Ali Rajas, were more than able to resist European competition until well into the eighteenth century, both in economic terms and by offsetting their control of the sea by their control of military force on land.[10]

These limitations notwithstanding, Mailaparambil's is an important contribution to the debate on the nature of the pre-colonial Indian state and the role of "new élites" (landholders, literate service gentry, merchants) in the "commercialization of royal power" and "politicization of merchant wealth", providing important insights into the inner workings of a micro-regional Indian Ocean world in its sociopolitical complexities.

Markus Vink
(State University of New York at Fredonia)

---

[8] J. N. Sarkar, *The Life of Mir Jumla, the General of Aurangzeb*, 2nd ed, New Delhi, Rajesh Publications, 1979; D. C. Verma, *History of Bijapur*, New Delhi, Kumar Bros., 1974, pp. 142-143, 146, 155, 191; S. Arasaratnam, *Merchants*, cit., pp. 222-224; T. Raychaudhuri, cit., pp. 45-74, 123-124; H. K. S'Jacob, "Babba Prabhu: The Dutch and a Konkani Merchant in Kerala", in M. A. P. Meilink-Roelofsz (ed.), *All of One Company: The VOC in Biographical Perspective*, Utrecht, HES Uitgevers, 1986, pp. 135-150.

[9] V. N. Rao, D. Shulman, and S. Subrahmanyam, *Symbols of Substance: Court and State in Nayaka Period Tamilnadu*, Delhi and New York, Oxford University Press, 1992, pp. 264-304; D. Shulman and S. Subrahmanyam, "Prince of Poets and Ports: Citakkati, the Maraikkayars and Ramnad, ca. 1690-1710", in A. L. Dallapiccola and S. Zingel-Avé Lallemant (eds.), *Islam and Indian Regions*, I, Stuttgart, Steiner, 1993, pp. 497-535; S. Bayly, *Saints, Goddesses and Kings: Muslims and Christians in South Indian Society 1700-1900*, Cambridge, Cambridge University Press, 1989, esp. pp. 71-86; S. Arasaratnam, "A Note on Periathamby Marikkar: A 17th Century Commercial Magnate", *Tamil Studies*, 11:1, 1964, pp. 51-57; L. Bes, "The Setupatis, the Dutch, and Other Bandits in Eighteenth-Century Ramnad (South India)", *Journal of the Economic and Social History of the Orient*, 44:4, 2001, pp. 540-574.

[10] Markus Vink, *Mission to Madurai: Dutch Embassies to the Nayaka Court of Madurai in the Seventeenth Century*, Delhi, Manohar Books, 2012.

H. V. Bowen, John McAleer and Robert Blyth, *Monsoon Traders. The maritime world of the East India Company*, London, Scala Publishers, 2011, 192 pp. ISBN: 9781857596755.

As befits a Scala publication, this is a sumptuously illustrated book that reads almost as if it were a museum catalogue. Given that the chief contributor to this volume, John McAleer, was at the time curator at the National Maritime Museum in Greenwich, this choice of format becomes easier to understand. Textually, the book is an amalgam of narratives focusing on the development of the East India Company from its beginnings right through to its "demise and its legacies, c. 1830-70" and transversal thematic essays on topics like encounters, diplomacy, conflict and conquest. Referencing is relatively light and in the form of endnotes, and there is a lightness and fleetingness to the text which, along with the relatively short nature of this book (under 200 pages), makes it more appealing to the general reader and less of an academic monograph.

The illustrations cover an eclectic range of portraits, oil paintings of company shipping, East India Company buildings, curios such as semi-fossilized barnacles, and cannonballs that were shot during the Second Anglo-China War (1856-60). There are battle plans, sea chests and ship pennants. All of these illustrations are provided with explanatory legends. Eagle eyes have been enlisted to decrypt the Chinese characters on painted ships (fig. 7), but also to uncover the meaning and type of reception offered Europeans bringing materials for an observatory to the Celestial Court, as expressed in a dedicatory poem sewn into the eighteenth-century *K'o-ssu silk* tapestry (fig. 40). It is a pity that the same pair of eyes could not have helped us to attribute the aforementioned painting more precisely – it simply goes under "Chinese school, 19th century" –, given the large amount of recent scholarly work on the production of locally produced applied arts and the *scholae pictorum* fostered in the Far East by leading Europeans like, albeit at an earlier moment in time, the Jesuit visitor Alessandro Valignano in Japan.[1] Is it perhaps the product of the same hand as the similarly anonymous *U.S. Clipper Ship* from around the same period housed at the Metropolitan Museum of Art in New York? Elsewhere, those eagle eyes might have been enlisted to make sense of the oriental (plausibly Armenian) merchants conversing in the shaded foreground of the view on the East-India House in 1802 (fig. 46), whose important role Margaret Makepeace's work has brought attention to.[2] Many illustrations otherwise spring from the amateurish drawings which fill the manuscript of Edward Barlow's *Journal* (1659-1703), others would seem to be objects in the collections of the Maritime Museum.

The text reads more like an extension of Anthony Farrington's *Trading Places* than a rather drier recapitulation in the manner of Kenneth Andrews' studies of the English East India Company, and the images certainly help to bring the many micro-stories to life.[3] It is helpful to have portraits of captain James Lancaster alongside an account of his 1601 voyage to the East Indies, in the same way it is helpful to see a portrait of Robert Knox

---

[1] Alexandra Curvelo, "Nagasaki, an European artistic city in early modern Japan", *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies,* issue 2, 2001, pp. 23-35.

[2] Margaret Makepeace e Vahé Baladouni, *Armenian merchants of the seventeenth and early eighteenth centuries: English East India Company sources,* Philadelphia, American Philosophical Society, 1998.

[3] Anthony Farrington, *Trading Places: the East India Company and Asia, 1600-1834,* London, British Library, 2002; Kenneth Andrews, *Trade, Plunder and Settlement: maritime enterprise and the genesis of the British Empire, 1480-1630,* Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

alongside an account of his captivity in Sri Lanka. Next to well worn stories pertaining to English stalwarts in the East like Thomas Roe, this book includes the instructions to lesser known personalities in the Company like the factor on the sixth company voyage, Lawrence Femell.

While the appeal and enjoyability of such a book immediately score many plaudits, one nevertheless wonders whether more could not be achieved with greater thoroughness and systematic handling of the various themes. Here it is always one or two examples (with respect to shipwrecks, descriptions of life on board), and then on to the next point. Similarly, while Edmund Burke is invoked in relation to his emplotting the British Empire on to the great "map of mankind", moving from India, to China, and then South Africa in scarcely more than a breath irons out much of the difference and space between these different civilisations and their respective worlds. One wonders where the new, ground-breaking research is going on in East India Company history; repeated references lead the reader to books like *Encounters: the Meeting of Asia and Europe, 1500-1800,* which in conception is a somewhat similar, glossy, image-led book.[4] There are of course the various themes constituting the transversal chapters, which harness the narrative somewhat, and here diplomacy and encounters have indeed attracted a lot of recent historiographical attention. Perhaps I felt the lack of any grating paradoxes, bones of contention, or simply comparisons – how, for example, the Honourable Company stood on various issues in relation to its rivals, the "crusading" Portuguese, or the "bureaucratic" Dutch – or the moralised debates that still get caught up today with the theme of "empire". Perhaps I felt the lack of distance the authors take from the ignorant prejudice of their subjects, when Thomas Roe criticises the lack of "civil acts, but such as straggling Christians have lately taught them" (worth comparing here with Sanjay Subrahmanyam's essay "Frank submissions: The Company and the Mughals between Sir Thomas Roe and Sir William Norris").[5]

But these complaints cannot overshadow what is a very nice book to have on one's shelf and where one's abiding pleasures draw from the intermixture of text and image and wonder at the sheer quantity of bizarre and beautiful objects that remain from a forgotten and integral part of Britain's imperial past. There is a very real danger otherwise of simply forgetting these treasures in museum vaults. Just from a superficial recent perusal of provincial museums and galleries like the Glynn Vivian Museum here in Swansea, one can be reassured that there are many more such imperial curios to draw upon for future comparison and analysis.

Stefan Halikowski-Smith
(Swansea University)

[4] Anna Jackson e Amin Jaffer (ed.), *Encounters: the Meeting of Asia and Europe, 1500-1800,* London, Victoria & Albert Museum, 2004.

[5] Sanjay Subrahmanyam, "Frank submissions: The Company and the Mughals between Sir Thomas Roe and Sir William Norris", in Huw Bowen e Nigel Rigby e Margarette Lincoln (ed.), *The Worlds of the East India Company,* Woodbridge, Boydell, 2002.

Andrea DAHER, *A Oralidade Perdida – Ensaios de história das práticas letradas*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012, 238 pp. ISBN: 9788520010792.

O livro de Andrea Daher *A Oralidade Perdida – Ensaios de história das práticas letradas* oferece um conjunto de ensaios que a autora coerentemente reescreveu em torno dessa temática. Para além de fazer o levantamento do «estado de arte» da apreensão e manipulação europeia das línguas ágrafas *brasílicas*, Andrea Daher historiografa o modo como a sua oralidade foi (trans)escrita. Através de uma ancoragem teórica consistente, a autora inscreve este ensaio na dimensão heterológica do discurso sobre o índio e em que ele fala, delimitando clara e eficazmente os seus instrumentos conceptuais. Ao longo de 238 páginas, Daher domina os instrumentos que permitem a desocultação de uma alteridade que, como refere, Michel Certeau particularizou ao desenvolver a noção de *heterologia*: «(…) no momento da separação entre um saber-dizer (escrever) sobre aquilo que o outro cala (não fala e não pode falar)»[1].

A estrutura deste livro expõe a abordagem orgânica de Andrea Daher a uma das questões que recentemente têm ocupado os estudos de cultura, em particular no âmbito dos estudos pós-coloniais: a da língua como espaço de alteridade. Recorde-se que Walter D. Mignolo, no seu trabalho *The Darker Side of the Renaissance – Literacy, Territoriality, & Colonization,* equaciona exactamente esta matéria: «(…) current discussions on colonial legacies and postcolonial theories emerge from the need to decolonize scholarship and to decenter epistemological loci of enunciation»[2]. É, deste modo, num espaço de descentração epistemológica de lugares de enunciação que Andrea Daher exercita a sua análise. A autora reequaciona, assim, um novo olhar, sem deixar de considerar os tradicionais laços entre hermenêutica e filologia, desocultando as interacções culturais das práticas semióticas por si estudadas.

Nos seus ensaios, perpassa a atenção às várias correntes que continuam a estar presentes nas abordagens à recuperabilidade do passado:

> Those who emphasized the analysis of texts and the forms and categories of representation of the observers as the essential way to deal with the history of cultural encounters met firm opposition from those who continued to believe, despite the haze of linguistic and cultural assumptions that limit observation, that other cultures existed outside the mind of the observer, and that these can be observed and understood in an admittedly imperfect approximation of a reality[3].

A coerência analítica da autora impõe-se no modo como desconstrói as representações de em uma escrita do índio. A sua estratégia desconstrutivista[4] tem implicações na forma como intui o passado, o qual surge como uma imbricada cadeia de sentidos e de significações tanto da natureza da estrutura narrativa, ou formas de narração, como de outras formas culturais.

---

[1] Andrea DAHER, *Oralidade Perdida – Ensaios de história das práticas letradas*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012, p. 17.

[2] Walter D. MIGNOLO, *The Darker Side of the Renaissance – Literacy, Territoriality, & Colonization,* Michigan, The University of Michigan Press, 2003, p. IX.

[3] Stuart B. SCHWARTZ, *Implicit Understandings – Observing, Reporting, and Reflecting on the Encounters between Europeans and Other Peoples in the Early Modern Era,* Cambridge, Cambridge University Press, 1994, p. 19.

[4] Cf. Alun MUNSLOW, *Deconstructing History,* London and New York, Routledge, 1997, pp. 67-74.

Exercita-se, neste conjunto de ensaios, aquilo que Ricoeur define como representação no contexto, seja de uma epistemologia do campo historiográfico, seja da ontologia da existência da História:

> Le mot «représentance» condense en lui-même toutes les attentes, toutes les exigences et toutes les apories liées à ce qu'on appelle par ailleurs l'intention ou l'intentionnalité historienne: elle désigne l'attente attachée à la connaissance historique des constructions constituant des reconstructions du cours du passé des événements. On a introduit plus haut cette relation sous les traits d'un pacte entre l'écrivain et le lecteur[5].

Na estrutura que concebeu para este livro, Andrea Daher tentou preservar a identidade original dos seus textos. Organizou-os, porém, em função do tópico que dá título à sua obra: *Oralidade Perdida – Ensaios de história das práticas literárias*. As cinco partes em que dividiu o seu livro revelam uma estrutura articulada, explicitada no início, quando assinala que: «[e]ste é o longo percurso a ser percorrido, no filigrana dos textos, nos ensaios deste livro, divididos em três blocos»[6]. Estes blocos são, desde logo, enunciados pela autora, quando expõe os seus objectivos:

> Em cada um desses momentos, desenham-se figuras diferentes do índio, num longo percurso que vai do *outro* como *mesmo* ou *próximo* dos jesuítas ao *outro* como diferença cultural da literatura romântica ou dos projetos civilizatórios do Império brasileiro[7].

Andrea Daher salvaguardou nesta estrutura a autonomia ensaística de cada parte, através de um percurso analítico que se amplia ao longo do texto. Alguns dos seus «estudos de caso» permitem historiar práticas literárias, vectorizar políticas de língua e desocultar representações discursivas dos índios.

Logo na primeira parte do livro, intitulada «narrativas entre escrita e oralidade», Andrea Daher expõe os seus pressupostos teóricos e conceptuais, e referencia as fontes que considera primordiais. A autora adverte o leitor para o facto de analisar alguns dos efeitos da tradição filosófica ocidental que se plasmam nos textos a que recorre. Nesse sentido, reflecte sobre dispositivos utilizados, nomeadamente retóricos, e historia as políticas de língua que foram sendo adoptadas e respectivos vectores construtivos[8].

Numa perspectiva diacrónica, a autora revisita as temáticas constitutivas da representação do índio através do olhar discursivo dos textos portugueses e franceses. Na segunda parte, intitulada «a redução à língua geral», Andrea Daher aborda aquilo que considera ser a constância da língua geral em José de Anchieta e os usos das chamadas línguas gerais, percorrendo os processos adoptados desde os intérpretes aos especialistas. Esta sua análise é dividida em subpontos em que aborda «as letras impressas na gramática e nos diálogos», as «letras impressas na alma», «a boca "infernal"», e «a boca cristã». O tópico seguinte intitula-se «os usos das línguas gerais: dos intérpretes aos especialistas». Também este surge subdividido em diferentes pontos: «línguas gerais americanas», «o pressuposto teológico da conversão na língua do catecúmeno», a «língua e convertibilidade», o «dom das línguas e projeto missionário na exegese bíblica», o «dom das línguas e projeto missionário no princípio apostólico de *acomodatio*», «os instrumentos da conversão das almas», os «especialistas das línguas gerais», as «línguas vernáculas». Esta subdivisão expõe a problematização articulada que a autora elabora face a este objecto de estudo.

---

[5] Paul Ricoeur, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Paris, Editions du Seuil, 2000, p. 359.

[6] A. Daher, op. cit., p. 34.

[7] *Idem*, p. 36.

[8] Cf. *Idem*, p. 21.

Na terceira parte, Daher prossegue esta estratégia analítica quando se debruça sobre a «inscrição da língua geral», em que deambula pela conversão dos tupinambás entre a oralidade e a escrita, destacando os «Franceses e tupinambás», o «dialogar em tupi: os *truchements* e a prática do escambo», as «conversações com os selvagens», o «discursar em tupi: a conversação do tupinambá», «o selvagem dotado de fala», «o índio do francês», «o tupi, língua deste universo», os «selvagens setentrionais e meridionais» e o «mito do bom tupinambá».

Na quarta parte da obra, Andrea Daher aborda a questão cultural do tupi, a qual é objecto de análise em dois momentos: «da língua do próximo à língua do Outro» e «a cena do índio na literatura brasileira». A digressão pelo tópico inicial atravessa «do tupi ao português», «a entrada na civilização pela língua», «o espírito da raça», «o espírito da língua» e «a presença da palavra indígena». Por seu turno, o tópico do índio na literatura brasileira é abordado nas partes «as letras de Denis», «a fidelidade do olhar para o Brasil», «as cenas da natureza brasileira», «a cena como drama em *Les Machalis*», «o índio histórico e o índio contemporâneo» e «a cena da cena primitiva».

Por último, Andrea Daher encerra o ciclo ensaístico com «as narrativas monumentalizadas», em que focaliza «a narrativa como fonte», «a narrativa fundadora», «a narrativa como resíduo». Este é o seu balanço das modalidades discursivas que analisou e entreviu. As fontes que escolheu foram, maioritariamente, os textos produzidos por missionários no Brasil:

> Esses materiais chegaram até aos dias de hoje como resíduos de práticas de representação relacionadas à conversão, marcados por modalidades de escrita, de leitura, de circulação oral e de memorização, em situações sociais cuja lógica, em muitos aspectos, resta a ser definida. Nesse sentido, estes ensaios procuraram recompor algumas estruturas das representações de uma «oralidade indígena», a partir dos usos históricos de determinadas narrativas, considerando os modelos de instituição retórica e os preceitos doutrinários da teologia – política modernos que então determinaram possíveis[9].

A análise de Andrea Daher assenta numa sólida prática interdisciplinar, a qual implica uma constante desnaturalização do conhecimento, o que permite ultrapassar o natural constrangimento inerente ao conhecimento construído em cada área disciplinar e vivenciar a abertura para uma diferenciada estruturação e representação do conhecimento do mundo[10]. A sua análise interdiscursiva funciona como um primeiro momento dessa mesma prática, pois, ao tomar os textos como discursos, isto é, como o trinómio que corporiza o texto, o seu produtor e o contexto, a linguagem ocorre sempre num contexto social específico e reflecte pressupostos, códigos, expectativas e pressões ideológicas próprias[11]. Como a autora sintetiza nas últimas páginas:

> os ensaios deste livro tiveram por princípio a saída de critérios mais usuais de classificação e de análise das obras. Foram tomadas como resíduo, tornando possível estabelecer hoje a sua normatividade através de uma perspectiva não apenas crítica, mas também morfológica, da estrutura desses discursos, e arqueológica, em seus diferentes usos e funções históricos[12].

---

[9] *Idem*, p. 219.

[10] Cf. Joe Moran, *Interdisciplinarity*, London-New York, Routledge, 2002, p. 187.

[11] Graham Allen, *Intertextuality,* London-New York, Routledge, 2000, pp. 211-212.

[12] A. Daher, op. cit., p. 237.

Em Andrea Daher assiste-se ao domínio da bibliografia nuclear, que, de um e do outro lados do Atlântico, tem vindo a ser produzida[13], seja no espaço da produção historiográfica luso-brasileira, seja no espaço francófono. Esse domínio corporiza-se no conjunto de extensas e elucidativas notas de rodapé, embora seja de lamentar a ausência de uma bibliografia final. A novidade de que se reveste esta reflexão torna-a um dos textos ensaísticos a ter em atenção por todos os que se debrucem sobre a temática. Este aspecto é tanto mais relevante, quanto o arco temporal que a autora percorre parte, como já foi referido, do século XVI e culmina no século XIX, sendo sistematicamente citadas fontes que permitem a desocultação dessa oralidade perdida.

O cotejo preciso e meticuloso do *corpus* textual produzido em língua portuguesa e francesa permite ao leitor percepcionar a evolução das práticas letradas na representação de uma outra oralidade, a do *outro*, a do índio, e, consequentemente, redesenhar o seu olhar sobre essa representação. Afinal, como refere Stuart Schwartz: «Since the understanding of the Other depended on self-perception, the implicit ethnography was really of the Self[14].» Com efeito, a própria autora recorda que:

> Não há dúvida de que todo uso crítico é, em alguma medida, monumentalizante, não fosse pela dependência da crítica em relação a uma instituição social monumentalizadora. Mas é ainda neste espaço – e apesar dele – que é possível entender a relação entre as narrativas e uma «oralidade selvagem» que esteve, até ao século XVIII, circunscrita às tópicas do testemunho ocular e auditivo, entre outras, até vir a legitimar, a seguir, o índio e a língua tupi como objetos do projeto histórico-literário triunfante, cuja condição *sine qua non* consistia em perdê-los de vez nostalgicamente, nas mais distantes origens[15].

Nestas últimas palavras de Andrea Daher, ecoa, afinal, o alerta de Fernando Catorga relativamente ao contrato celebrado por cada historiador com a responsabilidade ética e epistémica inerente ao seu ofício, isto é, a obrigação de, tanto quanto for possível, actuar como pastor e lobo dos seus fantasmas e do «ser ausente» que pretende reviver. Esta inevitável condicionalidade convida a pôr sob suspeita a memória transmitida e a transparência ontológica da sua narração:

> De acordo com um exemplo usado, algures, por Peter Burke, poder-se-á afirmar, que, ética e deontologicamente, ele [o historiador] não deve recusar partir à procura dos esqueletos escondidos nos armários da memória, apesar de saber que ao fazê-lo, corre o risco de estar a ocultar, mesmo inconscientemente, alguns dos que transporta dentro de si[16].

ANA PAULA AVELAR
(Universidade Aberta/CHAM)

---

[13] Atente-se igualmente à importância crescente que tem ganhado na academia portuguesa o estudo das práticas letradas, surgindo ainda no ano de 2011 duas teses de doutoramento, defendidas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que a elas dedicam extensa reflexão. Refiro-me aos trabalhos de Ana Rita Bernardo Leitão e Maria Adelina Amorim.

[14] S. B. SCHWARTZ, op. cit., p. 14.

[15] A. DAHER, op. cit., p. 238.

[16] Fernando CATROGA, *Memória, História e Historiografia*, Coimbra, Quarteto, 2001, pp. 65-66.

Ângela Domingues, *Monarcas, Ministros e Cientistas. Mecanismos de Poder, Governação e Informação no Brasil Colonial*, Lisboa, CHAM, 2012, 301 pp. ISBN 9789898492142.

Qual a relação entre personagens tão diversas quanto navegantes, piratas, soldados, degredados, aventureiros, colonos e missionários que se arriscaram no litoral da Terra de Santa Cruz no século XVI e governadores, potentados, viajantes, monarcas e naturalistas que viveram ou visitaram a América portuguesa durante o século XVIII e as primeiras décadas do XIX?

Em seu mais recente livro, *Monarcas, Ministros e Cientistas*, que acaba de ser publicado pelo Centro de História de Além-Mar, Ângela Domingues nos oferece uma resposta bastante original: em um mundo de grandes contrastes, cujas partes se tornavam cada vez mais interconectadas, dos sertões do Novo Mundo aos gabinetes, palácios e academias ilustradas da Europa, para todos eles o conhecimento e o acesso à informação, assim como a sua gestão e utilização de forma eficaz, consistiram em fatores decisivos nas relações de poder que travaram.

A obra consiste na reunião de 15 artigos produzidos pela autora ao longo da última década, como pesquisadora do Instituto de Investigação Científica Tropical, e são representativos da sua trajetória acadêmica e interesses de pesquisa. Não obstante a variedade de temas que abordam, todos os textos dizem respeito à América portuguesa e à produção de conhecimento sobre o seu território, sobretudo durante a segunda metade do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX. Além disso, partem do pressuposto de que o conhecimento é uma forma de poder, considerando, assim como Bernard Cohn, que a produção de saberes e a constituição de sistemas de informação foram tão importantes para a conquista e a dominação colonial quanto as armas e o uso da violência[1].

Apontando as limitações das abordagens que encaram a formação das comunidades coloniais no Atlântico Sul como extensão da história dos reinos europeus e dos seus impérios numa perspectiva das histórias nacionais, a autora concebe o espaço atlântico como via de circulação e comunicação, palco de movimentos migratórios, trocas comerciais, produção de conhecimento e formação de identidades. A coletânea em questão é, portanto, assumidamente inspirada pelas proposições, desafios e problemas lançados pela chamada *Atlantic History*[2].

O livro está organizado em duas partes. A primeira é composta por sete artigos que privilegiam a relação entre governação, informação e controle do território. A segunda apresenta oito estudos que exploram o crescente interesse despertado pela América portuguesa a partir do século XVIII e a importância estratégica desempenhada pela produção de conhecimento sobre a sua geografia, a sua natureza e as suas gentes. Esta divisão, no entanto, mostra-se um tanto frágil, na medida em que governação, informação e conhecimento são temas transversais à grande maioria dos textos, tratados pela autora como historicamente imbricados e mutuamente determinantes.

Elaborados sob a forma de artigos, os estudos reunidos no livro permitem que a sua leitura seja feita pela ordem do interesse despertado por cada um dos assuntos abordados. Por outro lado, a repetição de determinadas citações e frases em mais de um texto indica que os artigos poderiam ter sido submetidos a uma revisão mais cuidadosa. Neles, a

---

[1] Bernard S. Cohn, *Colonialism and its Forms of Knowledge: the British in India*, Princeton, Princeton University, 1996.

[2] Philip Morgan e Jack Greene (ed.), *Atlantic History. A critical appraisal*, New York, Oxford University Press, 2009.

autora refere e analisa documentação bastante diversa, como correspondência administrativa, memórias, mapas, relatos de viagem, jornais e cartas pessoais, pesquisada em arquivos e bibliotecas dos dois lados do Atlântico, notadamente portugueses, brasileiros e ingleses. Há que ressaltar ainda o diálogo constante que estabelece com a historiografia especializada em língua portuguesa, inglesa, castelhana e francesa.

Fornecendo um balanço das principais iniciativas de colonização portuguesa empreendidas na América durante a primeira metade do século XVI, os dois estudos iniciais mostram como o maior ou menor grau de sucesso daquelas era dependente das alianças firmadas com as diversas populações nativas, imprescindíveis não só como força militar e mão-de-obra, mas também como informantes. É precisamente neste sentido que a autora alude ao investimento na atividade missionária e aos esforços empregados na catequização indígena. Criticando o enaltecimento de um pretenso êxito colonizador associado ao reinado de D. João III, mais do que a um projeto estruturado e definitivo de colonização, a autora prefere referir-se aos seus avanços e recuos, concluindo, tal como Alencastro, pela existência de vários Brasis construídos de forma vacilante e marcados pela descontinuidade, a despeito das tentativas de centralização levadas a cabo no período[3].

Em relação ao século XVI, a principal contribuição de Ângela Domingues consiste na ênfase que dá ao papel desempenhado por degredados, desertores, lançados, cripto-judeus, marinheiros, náufragos, aventureiros, mercadores, missionários e colonos enquanto exploradores do território, intérpretes e *intermediários culturais*. Tais sujeitos foram, em sua maioria, homens solteiros e pobres, fugidos da justiça civil ou inquisitorial, e ainda indivíduos da pequena nobreza e religiosos, não só portugueses, mas também espanhóis, franceses, ingleses, italianos, flamengos e alemães. Muitos integraram-se nas sociedades indígenas, num processo que a autora chama de *indianização*, aprenderam as suas línguas, técnicas e códigos culturais, casaram-se e miscigenaram-se. Tanto eles quanto os seus filhos mamelucos constituíram-se em mestiços culturais capazes de transitar pelos mundos europeus e indígenas, cuja influência e prestígio mostraram-se fundamentais na realização de pactos militares e políticos em favor dos interesses portugueses ou de outras potências européias[4].

Segundo Ângela Domingues, a atuação de intermediários culturais não se restringiu aos contatos e confrontos seiscentistas. Para prová-lo, ao invés de citar o clássico exemplo dos sertanistas paulistas, mais comumente mencionado pela historiografia, nos leva até os sertões da Amazônia setecentista, para apresentar o caso dos *cunhamenas* ou *régulos do sertão*, a respeito do qual o estudo de Barbara Sommer é referencial[5]. Tratava-se de indivíduos de origens sociais ou étnicas muito diversas, inclusive religiosos e soldados, muitas vezes casados com filhas de principais indígenas, bastante práticos na região, detentores de numerosos exércitos particulares e metidos com os *descimentos* de índios do sertão, ou seja, com o apresamento indígena. Por conta do seu poderio e da sua «natureza camaleônica», ora colaborando com a Coroa, ora defendendo unicamente os seus interesses particulares, estes poderosos sertanejos eram encarados pelas autoridades coloniais do Grão-Pará a um só tempo como aliados úteis e ameaça premente, conforme revelam os estudos de caso dos governos de Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1751-1759) e Francisco Maurício de Sousa Coutinho (1790-1803).

---

[3] Luiz Felipe de ALENCASTRO, *O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul, Séculos XVI e XVII*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

[4] Alida METCALF, *Go-Betweens and the Colonization of Brazil: 1500-1600*, Austin, University of Texas Press, 2006.

[5] Barbara SOMMER, «Cracking down the *cunhamenas*: renegade Amazonian traders under pombaline reform», *Journal of Latin American Studies*, 38, 2006, pp. 767-791.

Através destes dois governadores ilustrados, a autora nos leva a percorrer as veredas da governação colonial e a desvendar os meandros da construção e manutenção dos poderes régios e locais na região. Suas respectivas administrações são representativas das inflexões tomadas pela política imperial lusitana para o conjunto da América portuguesa a partir de meados do século XVIII, que teve como diretrizes a tentativa de imposição da autoridade régia, a preocupação com a delimitação das fronteiras com o império espanhol e o interesse em fomentar a produção agrícola e o comércio colonial. Para atingir esses objetivos, as elites governativas esclarecidas das quais fizeram parte, educadas especialmente para esse fim, protagonizaram uma maior uniformização e produção de informação administrativa, com a finalidade de controlar e governar melhor os domínios portugueses. Por meio da realização de expedições científicas e do fomento a viagens exploratórias, por sua vez, buscou-se tanto a produção de conhecimento sobre o território com vistas às demarcações dos limites territoriais, quanto a inventariação científica das riquezas naturais coloniais, em prol do seu aproveitamento econômico.

Outra contribuição importante é a discussão da nem sempre lembrada questão fronteiriça com a Guiana Francesa decorrente da anexação de Caiena (1808-1817), empreendida como retaliação à invasão napoleônica do reino, questão apontada por Ciro Flamarion Cardoso em estudo precursor[6]. Em relação ao assunto, a originalidade da autora consiste em ressaltar a transplantação em 1810 de espécies vegetais da Habitatión Royale des Épiceries de Caiena, mais conhecida como Jardin La Gabrielle, para os jardins botânicos de Belém, Bahia e Rio de Janeiro, além da contratação de botânicos e jardineiros experientes, que seriam empregados na introdução e aclimatação de plantas no Brasil para fins comerciais, como o cravo e a noz-moscada. O episódio exemplifica de forma emblemática a importância progressiva que o conhecimento científico assumia no âmbito das disputas imperiais.

O crescente interesse científico, econômico e político despertado pelo Brasil no outro lado do Atlântico é indicado pela análise de diferentes jornais de cunho científico publicados em Portugal e na Inglaterra durante o período joanino, nomeadamente: o *Jornal de Coimbra* (1812-1820), o *Investigador Portuguez em Inglaterra* (1811-1819), o *Correio Braziliense* (1808-1822) e as *Philosophical Transactions*, este último publicado pela conceituada Royal Society britânica, da qual participavam diversos portugueses. Tais periódicos revelam a articulação de uma comunidade transnacional de informação e conhecimento que interligava o Novo e o Velho Mundos, assim como o seu engajamento na formulação de projetos a um só tempo científicos, civilizacionais e políticos.

Com a transferência da capital imperial para o Rio de Janeiro e a abertura dos portos em 1808, a autora assinala a adoção de uma política de fortalecimento da autoridade régia, expressa pelo esforço de controlar mais e melhor o território colonial, promover a sua «civilização» e o desenvolvimento das atividades agrícolas, comerciais e industriais, em nome do bem-comum, do progresso e da felicidade dos súditos da Coroa lusitana. Neste sentido, os imbrincamentos entre governação, conhecimento científico e exploração econômica no período joanino são discutidos através de diferentes exemplos, como a criação da Junta de Civilização e Conquista dos Índios e Navegação do Rio Doce (1808) e da Junta da Real Expedição e Conquista de Guarapuava (1809), cujos objetivos principais eram dominar os povos botocudo e kaiagang e conquistar as suas terras. Outros exemplos são as fundações das colônias sueca de Sorocaba (1810) e suíça de Nova Friburgo (1818), que visavam a incorporação de áreas marginais, através da exploração mineralógica e agrícola, respectivamente. Em muitas capitanias passava-se de uma situação polí-

[6] Ciro Flamarion CARDOSO, *Economia e Sociedade em Áreas Coloniais Periféricas: Guiana Francesa e Pará (1750-1817)*, Rio de Janeiro, Graal, 1984, p. 153.

tica e administrativa de relativa autonomia local para uma outra, de maior intromissão do poder régio, utilizando-se a civilização e o progresso como argumentos para legitimar a intervenção da Coroa.

Sem negar a historiografia que aponta que a «descoberta científica» do Brasil foi um fenômeno eminentemente do século XIX, em diversos estudos Ângela Domingues insiste que é preciso levar em consideração o enorme esforço de «reconhecimento científico» dos domíninos coloniais empreendido pelas coroas ibéricas, sobretudo a partir de meados do século XVIII. A autora ressalta a constituição de uma «elite do conhecimento» portuguesa e luso-brasileira, de formação polivalente, adquirida na Universidade de Coimbra reformada ou noutras universidades européias, no Colégio dos Nobres ou em academias militares e navais, muitas vezes apoiada pela concessão de bolsas e complementada pela experiência em outros países europeus. Em nome da monarquia portuguesa, esta elite produziu conhecimento renovado e exerceu funções administrativas nas diversas partes do império, fatores essenciais para a manutenção da soberania lusitana e a viabilização do governo à distância, tema explorado por Ronald Raminelli pela via do sistema de serviços e recompensas gerenciado pela monarquia[7].

A informação produzida era enviada para o reino sob a forma de ofícios, informações, relatórios, memórias, diários de viagem, roteiros, cartas geográficas e topográficas, esboços, desenhos, vistas e aquarelas, além da remessa de amostras de minerais, vegetais, animais vivos ou embalsamados e até mesmo de índios. Foi estabelecida uma rede de conhecimento náutico, geográfico, geológico, astronômico, botânico, zoológico, etnográfico e econômico, estruturada através de instituições como a Secretaria de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos, a Universidade de Coimbra, a Real Academia de Ciências, o Real Gabinete de História Natural e o Jardim Botânico da Ajuda. Se a primeira geração desta elite esclarecida e ilustrada esteve integrada em cargos governativos, uma segunda geração desempenhou um papel preponderante na independência do Brasil e na preservação da unidade do Estado brasileiro.

Em vários textos a autora observa que, ao mesmo tempo em que financiava e apoiava a renovação do conhecimento sobre o Brasil por esta elite, a Coroa proibia oficialmente a presença de estrangeiros no território, restringindo e controlando a sua entrada e circulação. Além disso, adotou uma política de censura e *secretismo* em relação ao conhecimento produzido por governadores, intendentes, engenheiros militares, naturalistas e exploradores, fazendo com que ficasse restrito a um número selecionado de indivíduos ligados ao exercício de cargos governativos e quase nunca fosse publicado ou divulgado, para o bem da integridade territorial. Esta política de sigilo, estrategicamente assumida pela Coroa em função da competição imperial, teria contribuído para a defasagem do conhecimento sobre a América portuguesa por parte de «outros europeus», como muitos viajantes ingleses que ainda se valiam dos relatos quinhentistas e seiscentistas para obter informação sobre o Brasil. Tais fatores também ajudam a explicar a imagem construída por diferentes viajantes estrangeiros setecentistas do Brasil como uma terra bárbara e fértil.

Diversos estudos são dedicados a analisar as representações sobre o Brasil nos relatos de viajantes estrangeiros, fontes que apresentam a vantagem de oferecer o que se poderia chamar de «olhares externos». Frequentemente acompanhadas de cartas geográficas, que cumpriam uma função descritiva e ilustrativa das viagens, muitas destas relações foram prontamente traduzidas e publicadas na Europa, contribuindo para formatar as visões sobre o Brasil, os Portugueses e os luso-brasileiros no autodenominado Velho Mundo.

---

[7] Ronald RAMINELLI, *Viagens Ultramarinas: Monarcas, Vassalos e Governo à Distância*, São Paulo, Alameda, 2008.

Um dos pontos altos da obra, aliás, consiste na recusa de Ângela Domingues em aceitar a idéia de que a emergência do projeto iluminista e a intensificação dos contatos com culturas extra-européias teriam levado a Europa setecentista a se enxergar como um todo. Para demonstrar a impropriedade desta afirmação, indica-se a existência de preconceitos nacionais nos relatos de viajantes estrangeiros, tal como o inglês Joseph Banks, que considerava que Portugueses e Espanhóis estariam numa escala civilizacional inferior ao resto da Europa, ou ainda como o francês La Barbinais, que classificava os países do Norte europeu como laboriosos e industriosos, ao passo que os ibéricos, por conta da riqueza de suas possessões ultramarinas, seriam inevitavelmente preguiçosos e indolentes. Outros exemplos significativos são os relatos dos ingleses Cook, Banks e Parkinson, que representaram os governantes coloniais como absolutos e corruptos, e os súditos da Coroa portuguesa como supersticiosos, indolentes, libertinos, pouco industriosos e incapazes de explorar convenientemente os recursos naturais e as potencialidades econômicas brasileiras. Estes relatos são emblemáticos do processo de construção discursiva da superioridade dos britânicos, que se consideravam mais civilizados e cientificamente mais evoluídos do que os ibéricos, pois estariam afastados das limitações que o catolicismo impunha ao conhecimento científico.

Segundo a autora, estes discursos refletiam em grande medida os interesses comerciais e científicos dos súditos de potências européias como Inglaterra, França e Holanda, que, diante da atitude protecionista das monarquias ibéricas em relação aos seus territórios coloniais e suas riquezas, muitas vezes tacharam-nas de incultas e atrasadas. Assim, as imagens construídas pelos viajantes estrangeiros em seus relatos eram marcadas não apenas pela sua formação, informação e interesses pessoais, mas ainda pela postura ideológica de defesa dos interesses imperialistas em torno dos produtos e do comércio coloniais, cada vez mais escudados por princípios de racionalidade. Desse modo, «os choques culturais e as fronteiras interculturais» não se restringiram ao período de chegada dos europeus à América, nem se limitaram aos contatos e confrontos verificados entre europeus e ameríndios, africanos e asiáticos, posto que incluíram os embates travados entre os próprios europeus e seus impérios.

Em *Monarcas, Ministros e Cientistas*, a informação e o conhecimento são tomados como mecanismos de poder instrumentalizados para o exercício do controle territorial, a exploração da natureza e da humanidade. A partir de uma politização do processo de construção do saber científico europeu no espaço atlântico, Ângela Domingues questiona o discurso científico ilustrado como universal, trans-histórico e neutro e, por isso, pretensamente absoluto e incontestável[8]. Muito pelo contrário, mostra como a apropriação de saberes e a produção de conhecimento pelos impérios europeus estavam estreitamente relacionadas ao controle e exploração de áreas coloniais extra-européias, observando como os limites do conhecimento eram, frequentemente, os limites da própria colonização. Para além disso, evidencia que o conhecimento foi utilizado para a dominação, a hierarquização e a exploração não somente dos povos dos territórios conquistados além-mar, mas também do interior do próprio continente europeu[9].

José Eudes Gomes
(Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

[8] Pierre Bourdieu, *Para Uma Sociologia da Ciência*, Lisboa, Edições 70, 2004.

[9] Jean-Frédéric Schaub, «Historia colonial de Europa: de civilización a barbarie», *ISTOR*, 16, 2004, pp. 45-71 [Consultado a 10/02/2013]. Disponível em http://www.istor.cide.edu/archivos/num_16/dossier2.pdf.

João Carlos GARCIA (coord.), *Cartografia do Brasil na Biblioteca Pública Municipal do Porto – catálogo*, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. CD-ROM. ISBN: 9789726341208

Em novembro de 2011, por ocasião do IV Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, organizado pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi lançado, em edição conjunta da Biblioteca Pública Municipal do Porto e da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o catálogo digital (DVD) *Cartografia do Brasil na Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Realizado sob a coordenação científica de João Carlos Garcia, o catálogo inclui a descrição bibliográfica e as imagens digitalizadas do material cartográfico relativo ao Brasil pertencente ao serviço de reservados e manuscritos da BPMP, num total de 72 documentos.

Como se divulga na contracapa do DVD, o levantamento do acervo cartográfico relativo ao Brasil realizado na BPMP

> enquadra-se num trabalho mais vasto referente a universos documentais idênticos existentes em colecções portuguesas públicas ou privadas, que tem como antecedentes três projectos: A Nova Lusitânia: imagens cartográficas do Brasil nas coleções da Biblioteca Nacional, 1700-1822 (Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001) e A Mais Dilatada Vista do Mundo: inventário da colecção cartográfica da Casa da Ínsua (Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2002), ambos coordenados por João Carlos Garcia, e o projeto SIDCarta – Sistemas de Informação para Documentação Cartográfica: a herança da Engenharia Militar Portuguesa, coordenado por Maria Helena Dias, do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa (http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/).

Estes dados são absolutamente relevantes, uma vez que não só integram o levantamento em si num trabalho e projeto mais vastos, como enquadram a própria publicação numa lógica que ultrapassa a mera catalogação dos exemplares. Na verdade, poder-se-á dizer que cada um dos projetos referidos, e suas publicações, partilha a condição de, sendo essencialmente um catálogo, ser mais do que isso.

Um conjunto diverso de razões, diferentes ao longo do tempo, dotou a cartografia portuguesa de pelo menos duas características que se mantiveram constantes ao longo dos séculos: a produção sobretudo manuscrita e a relativa dispersão dos exemplares. Estas duas características conjugadas terão inclusive, em várias épocas e circunstâncias, dado a impressão de que o universo da produção cartográfica portuguesa era menor do que é. Não é, portanto, à toa que uma das obras de referência da história da cartografia portuguesa, os *Portugaliae Monumenta Cartographica,* são, antes de tudo, um catálogo cujo principal escopo foi reunir exemplares da produção cartográfica portuguesa dispersos pelo mundo, para afirmar a grandiosidade dos mapas. Porém, a monumental obra de Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota compilou apenas mapas produzidos entre os séculos XV e XVII. Em parte, como sabemos, porque essa cronologia era a que correspondia ao interesse dos autores de afirmar, também por via da produção cartográfica, o papel de Portugal no contexto da expansão e, em parte, porque, de algum modo, eles próprios terão acreditado numa suposta decadência (qualitativa e quantitativa) da cartografia portuguesa a seguir a esse período. Desfeito o equívoco da decadência, permaneceu, contudo, o fantasma da dispersão pelos diversos acervos.

A produção cartográfica sobre a qual mais pesa o estigma da dispersão é precisamente a do século XVIII e diz respeito, sobretudo, ao Brasil. O Brasil é, com efeito, um dos

principais pólos da dispersão dos mapas, posto que muitos deles foram ali produzidos e ali permaneceram e outros tantos foram para ali transportados, com a ida da família real. Importa, aliás, referir que foi no Brasil, a partir das coleções compiladas pelos diplomatas do império e da Primeira República e reunidas na mapoteca do Itamaraty, que se começou o resgate dessa produção cartográfica do século XVIII, que teve no trabalho de Jaime Cortesão os seus fundamentos e na obra de Isa Adonias a sua imediata continuidade. Contudo, entre a publicação, em 1957, da *História do Brasil nos velhos mapas*, de Jaime Cortesão, e a edição, em 2011, do DVD de que falamos, muita coisa mudou. E mudou sobretudo nos últimos 10 a 15 anos, quando se assistiu a um renovado interesse pelo tema da cartografia, alimentado por um conjunto de exposições e publicações, boa parte das quais inseridas no âmbito das comemorações dos Descobrimentos, e a que se foram somando vários encontros científicos em Portugal, no Brasil e noutros países da América Latina (Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica; Simpósio Ibero-Americano de História da Cartografia).

Não cabe aqui fazer uma síntese dos progressos da disciplina, nem listar a sequência de nomes relevantes para tal. Importa, contudo, chamar a atenção para um aspeto fundamental desse processo, que é, precisamente, o renovado fôlego impresso quer na identificação dos acervos, quer na sua catalogação e divulgação por novos meios, especialmente digitais, em linha ou em DVD. E, aqui, é imprescindível fazer o devido elogio ao papel desempenhado por João Carlos Garcia, como instigador e como coordenador de várias iniciativas que contribuíram decisivamente para essa mudança de panorama, como são exemplo os projetos citados, nos quais se inclui esta publicação.

São dois os principais efeitos dessa releitura dos acervos. O primeiro é o próprio estabelecimento de uma nova listagem de exemplares. Por um lado, o processo de catalogação pode implicar a «redescoberta», dentro dos próprios acervos, de itens eventualmente não incluídos em listagens anteriores. Via de regra, a realização de exposições contribui para as redescobertas, como foi o caso deste catálogo. Porém, a novidade essencial da listagem dos exemplares nem é a interna, digamos, mas antes a projeção externa dos itens, no sentido em que sabemos que será apenas com a soma de todos os acervos que poderemos desvelar o verdadeiro conjunto da produção cartográfica do século XVIII. O segundo efeito, já se vê, é decorrente do primeiro, pois cada acervo trabalhado aumenta a expectativa de que outros também o sejam. Assim, é justo dizer que, entre os seus vários méritos, esta publicação suscita uma mais que desejável emulação de outras instituições, para também catalogarem e divulgarem os seus acervos. Algumas já o fizeram ou estão a fazer (a Biblioteca Nacional de Portugal, o Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, a Fundação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro), contudo, há ainda uma espécie de lista de pedidos ao Pai Natal, que inclui acervos fundamentais, como o do Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, ou do Arquivo Histórico do Exército, no Rio de Janeiro, entre vários outros. Talvez se possa sonhar com a continuação dos *Portugaliae Monumenta Cartographica* para o século XVIII, desta feita não sob a forma de uma única publicação, mas do somatório de muitas e, sobretudo, permitindo a comparação simultânea entre os diferentes exemplares, para o que a digitalização em muito contribui.

Esse é outro aspeto importante. A reprodução digital dos mapas e a sua disponibilização em linha têm, de vários modos, concorrido para mudar o panorama dos estudos de cartografia, não só em Portugal como no mundo. Lida pelos conservadores como uma estratégia de defesa e preservação dos originais, a digitalização maciça dos acervos tem ajudado a romper o secretismo com que algumas instituições tratavam as suas coleções. A possibilidade, cada vez mais recorrente, de aceder digitalmente aos acervos das grandes bibliotecas oferece aos estudos de cartografia um considerável conjunto de hipóteses de trabalho que as dificuldades de comparação dos originais tornavam impossíveis. Há, sem dúvida, determinados tipos de análise que só podem ser feitos em contacto direto com os

originais, mas há, certamente, um sem-número de outros que foram literalmente ampliados com o acesso a cópias digitais de qualidade. As deste DVD são-no, pois permitem ler sem dificuldade as legendas e as informações registadas nas cartas.

Como se disse, são 72 os documentos cartográficos tratados no catálogo. O texto introdutório e os índices (toponímico, onomástico, cronológico e topográfico) são da responsabilidade de João Carlos Garcia, coordenador científico do projeto. O catálogo propriamente dito e a descrição bibliográfica dos documentos foram feitos por Daniela Teixeira Fernandes. Importa dizer que as descrições não são apenas fichas com informação técnica, mas textos breves que contemplam uma análise de conteúdo dos elementos, quer físicos, quer humanos, figurados nas cartas, e, em vários casos, deixam apontada uma série de pistas para posteriores investigações. O DVD contém ainda um conjunto de mapas temáticos, realizados por José Flávio Morais e Castro, que fornecem uma síntese gráfica dos espaços cartografados na coleção, distribuídos pelas sucessivas cronologias.

A simples observação desses mapas temáticos confirma a preponderância da coleção oriunda da biblioteca do primeiro visconde de Balsemão, Luís Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804), no acervo cartográfico da BPMP relativo ao Brasil. Boa parte dos documentos cartográficos diz respeito, direta ou indiretamente, às demarcações e aos tratados de limites na América do Sul, o que, por si só, torna ainda mais relevante a publicação do catálogo, posto que permite uma melhor leitura de conjunto desses documentos. Mas há outros tesouros, em especial, os 18 mapas em pergaminho de João Teixeira Albernaz I incluídos em *Rezão do Estado do Brasil* (c. 1616), de Diogo de Campos Moreno, vindos da Livraria do terceiro marquês de Haliche, cujas imagens são, uma a uma, retratos sintéticos e expressivos da ocupação da costa do Brasil nos primeiros cem anos a seguir ao descobrimento do país. Urgem a sua revisitação e leitura em pormenor.

No último parágrafo da introdução, João Carlos Garcia aponta o seguinte:

> Dois aspetos importantes ficaram por desenvolver neste trabalho: por um lado, o enquadramento do documento, a relação entre cada um dos mapas e possíveis textos complementares (memórias, roteiros, missivas); por outro, a comparação entre os espécimes existentes nesta coleção, com os de outras que incluem imagens próximas, do ponto de vista cronológico, de autorias, de escalas, de tipologias, de séries. Bastaria recordar os acervos dos arquivos militares e do Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro, ou do Arquivo Histórico Ultramarino, da Direção de Infra-Estruturas do Exército Português, em Lisboa, ou da Coleção da Casa da Ínsua, no Porto. (...)

Permito-me discordar, pelo menos em parte. Não porque julgue que os aspetos referidos não sejam importantes, mas porque penso que eles não ficaram por desenvolver neste trabalho. Concordo, porém, em tudo, com a última frase do autor: «A tarefa cabe agora aos investigadores.» Convém que respondamos ao apelo.

RENATA MALCHER DE ARAÚJO
(Universidade do Algarve/CHAM)

Notícias

JOÃO DELGADO FIGUEIRA E O *REPORTORIO* DA INQUISIÇÃO DE GOA: UMA BASE DE DADOS. PROBLEMAS METODOLÓGICOS

por

Bruno Feitler*

O tribunal inquisitorial de Goa, criado pelo cardeal D. Henrique em 1560, era uma importante componente das instituições locais que tinham como objetivo normatizar a população de todo o Estado da Índia e inseri-la dentro do modelo português e católico. O estudo do Santo Ofício indiano é, contudo, dificultado pela destruição de boa parte do seu arquivo após a sua abolição definitiva em 1812. A queima dos documentos foi proposta pelo vice-rei da Índia, o conde de Sarzedas, que temia que eles pudessem servir de elemento para denegrir a imagem da monarquia ou de pessoas a ela ligadas, e foi finalmente autorizada pelo regente D. Pedro. Uma pequena parte dos documentos seguiu para o Rio de Janeiro (a correspondência recebida pelo tribunal indiano do Conselho Geral), então sede da corte, e o resto foi queimado. Outros documentos encontram-se na Torre do Tombo, no fundo do Conselho Geral do Santo Ofício, e também na Biblioteca Nacional de Lisboa[1].

Os estudos existentes sobre a fundação e a criação da Inquisição de Goa dão uma idéia geral do seu número de processos, do seu ritmo repressivo e do seu raio de ação, mas esses dados permanecem muito vagos, devido ao desaparecimento da documentação. O estudo mais sistemático sobre a atuação do tribunal goês, feito por Maria de Jesus dos Mártires Lopes, abarca apenas o século xviii, deixando o período anterior a 1700 ainda por ser explorado[2]. Porém, alguns documentos podem ajudar a dar uma imagem mais exata desta ação; dentre eles, destaca-se o Códice 203 da Biblioteca Nacional de Lisboa, intitulado *Reportorio geral de tres mil oito centos processos, que sam todos os despachados*

---

* Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A sistematização do *Reportorio* foi possível graças ao Auxílio à Pesquisa 2010/15963-0, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e à equipa do projeto, composta pelos alunos de graduação em História Ana Paula Mendonça, Felipe Melo e Juliete Anjos Sousa.

[1] José Alberto Rodrigues da Silva Tavim, «Um Inquisidor Inquirido: João Delgado Figueira e o seu *Reportorio* no contexto da documentação sobre a Inquisição de Goa», *Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Vol. 1, n.º 3, Abr.-Out. 1997, pp. 183-190; Bruno Feitler, «A delegação de poderes inquisitoriais: o exemplo de Goa através da documentação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro», *Tempo*, Vol. 12, n.º 24, 2008, pp. 127-148.

[2] Vejam-se os trabalhos de Maria de Jesus dos Mártires Lopes, «A Inquisição de Goa na segunda metade do século xviii. Contributo para a sua História», *Studia*, n.º 48, 1989, pp. 237-262; *Goa Setecentista: tradição e modernidade (1750-1800)*, Lisboa, CEPCEP/Univ. Católica Portuguesa, 1996, e «A Inquisição de Goa na primeira metade de Setecentos. Uma visita pelo seu interior», *Mare Liberum,* n.º 15, 1998, pp. 107-136. Também o artigo de David Higgs, «A Inquisição de Goa no fim do século xviii», *Ler História*, n.º 24, 1994, pp. 17-32.

neste sancto Officio de Goa & mais partes da India, do anno de Mil & quinhentos & secenta & huum, que começou o dito sancto Officio atè o anno de Mil & seiscentos & e vinte & tres, com a lista dos Inquisitores que tem sido nelle, & dos autos públicos da Fee, que se tem celebrado na dita Cidade de Goa e redigido pelo deputado e promotor João Delgado Figueira, posteriormente o décimo quarto inquisidor do Oriente, e mais tarde ainda transferido para o tribunal de Évora[3].

O documento possui 651 fólios. Depois de uma folha de rosto, feita à maneira de um livro impresso, o documento começa com uma epístola dedicada a D. Fernão Martins Mascarenhas, inquisidor-geral no momento (fols. 1-9), com uma carta ao leitor descrevendo o documento e um certificado de autenticidade passado pelos notários do tribunal goês, os padres Baltasar da Fonseca, Gaspar de Amaral, Francisco da Costa e Frei Simão da Trindade. Segue-se uma lista dos autos-da-fé (fols. 10-13); uma lista dos relaxados em ordem cronológica (fols. 14-17); uma outra, de eclesiásticos julgados pelo Santo Ofício de Goa (fols. 18-19v), e uma outra, ainda, dos casos notáveis em ordem cronológica (fols. 20-22). Vem em seguida uma lista alfabética nominal dos despachados (fols. 23-92v), divididos em homens e mulheres, e, finalmente, a parte principal do documento: uma relação dos despachados do Santo Ofício, por ano e em ordem alfabética, sem distinção de gênero (dos fls. 94 ao 650v)[4]. Dessa última parte, saem informações como nome, origem racial ou étnica, lugar de origem e de residência, profissão, delito e pena em que os réus incorreram, assim como os nomes dos pais e do eventual cônjuge.

Este projeto de pesquisa visa a sistematização das informações contidas nessa relação de despachados, de modo a disponibilizar para a comunidade acadêmica uma base de dados sobre as pessoas julgadas pelo tribunal indiano nos seus primeiros 62 anos de existência.

Muitos autores já fizeram uso do *Reportorio*, como Antônio Baião no seminal *A Inquisição de Goa*, publicado ainda na década de 1930[5]. Mais recentemente, ele foi também utilizado por Charles Amiel, James C. Boyajian, José Alberto Tavim, Ângela Barreto Xavier, Giuseppe Marcocci e Miguel Rodrigues Lourenço, em seus trabalhos sobre a Inquisição e as sociedades locais. O documento serviu assim a diversas pesquisas, porém apenas como um repositório de exemplos de onde os citados autores colheram alguns dados isolados. Apenas Charles Amiel fez um estudo mais aprofundado do documento, fornecendo algumas porcentagens (44% dos réus foram julgados por gentilidade, 18% por islamismo e 9% por judaísmo), mas uma edição sistemática do documento, com dados mais detalhados sobre os delitos ou sobre os réus, nunca chegou a ser publicada[6]. Ou seja,

---

[3] Sobre Delgado Figueira, ver também Célia Tavares, «Inquisição ao avesso: a trajetória de um inquisidor a partir dos registros da Visitação ao Tribunal de Goa», *Topoi*, Vol. 10, n.º 19, Jul.-Dez. 2009, pp. 17-30.

[4] J. A. R. da S. Tavim também faz uma descrição detalhada do documento em art. cit., p. 189.

[5] António Baião, *A Inquisição de Goa*, 2 vols., Lisboa, Academia das Ciências, 1930-1945.

[6] Charles Amiel e Anne Lima, estudo introdutório a *L'Inquisition de Goa. La relation de Charles Dellon (1687)*, Paris, Chandeigne, 1997, p. 71; Charles Amiel, «L'Inquisition de Goa», in Agostino Borromeo (org.), *L'Inquisizione*. Atti del Simposio internazionale, Città del Vaticano, 29-31 ottobre 1998, Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, 2003, p. 240; James Boyajian, *Portuguese Trade in Asia under the Habsburgs, 1580-1640*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1993; J. A. R. da S. Tavim, «A Inquisição no Oriente (século xvi e primeira metade do xvii): algumas perspectivas», *Mare Liberum*, n.º 15, 1998, pp. 17-31; Ângela Barreto Xavier, *A Invenção de Goa. Poder imperial e conversões culturais nos séculos xvi e xvii*, Lisboa, ICS, 2008; Giuseppe Marcocci, «A fé de um império: a Inquisição no mundo português de Quinhentos», *Revista de História,* n.º 164, 2011, pp. 65-100; Id., *A Consciência de Um Império. Portugal e o seu mundo (sécs. xv-xvii)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2012; e Miguel Rodrigues Lourenço,

o documento em si nunca foi analisado de modo sistemático, apesar do consenso na historiografia sobre a sua importância. José Alberto Tavim, ao relembrar que Charles Amiel chama o documento de «fonte capital para a história religiosa da Índia portuguesa», completa:

> Mas não só. Através dele traça-se um dos capítulos maiores dessa história, ainda tão esquecida, do quotidiano dos portugueses na Índia, dos outros que se «converteram», em partem ao cristianismo, e se «portugalizaram»; e dos cambiantes cultos paralelos, sempre reprimidos, mas sempre imergentes ao longo dos fólios do velho códice, ou seja, na sequência dos séculos retidos em papel[7].

O que explica que esse documento ainda não tenha sido sistematicamente estudado? O que tornou a sua sistematização difícil foi o modo escolhido por Delgado Figueira para o formatar. Em vez de simplesmente elencar as listas de autos-da-fé ou de pessoas reconciliadas na mesa, ele criou, a partir dos próprios processos, listas alfabéticas, o que faz com que, caso se busquem informações sobre um período específico, seja necessário efetuar um difícil trabalho de recomposição epocal, com colagens de partes dispersas do documento.

Delgado Figueira descreve os itens por ele elencados de modo geral como «despachados», o que daria a entender que se trata de pessoas julgadas pela Inquisição apenas por delitos de fé, ou seja, heresia, apostasia, solicitação, bigamia ou impedimento contra a fé. Mas alguns desses «despachos» referem-se a atos judiciais resultantes do privilégio jurisdicional de que gozavam os ministros e oficiais do Santo Ofício, que fazia com que os inquisidores fossem os juízes em processos cíveis e mesmo processos-crime não relacionados diretamente ao foro inquisitorial tradicional. Finalmente, Delgado Figueira também inseriu em seu elenco documentação referente à fiança paga por certos personagens em situações bastante variadas, e cujas atas poderiam estar apensas aos processos a que se referem. Manuel de Moura, por exemplo, ficara por fiador de Manuel Rodrigues, preso em Chaul por ordem do Santo Ofício, obrigando-se Moura a entregar Rodrigues ao tribunal em Goa, sob pena de cinco mil pardaus. Como o réu não fora ali entregue como prometido, Moura acabou condenado a pagar aquela soma em despacho de 3 de março de 1563[8]. Existem ao menos 11 casos desse tipo, todos ocorridos entre 1561 e 1590, o que pode ser um sinal de que esse gênero de fiança, ou seja, de método de transferência de presos para o tribunal, deixou de ser usado após aquela data.

Essa inclusão de processos despachados referentes aos privilégios de foro e às fianças, apesar de pouco numerosos, aponta para o que deve ter sido uma das preocupações metodológicas de Delgado Figueira: não tanto dar conta em detalhe das atividades do tribunal goês, mas sim recuperar nos arquivos da instituição (no chamado «secreto») tudo o que pudesse se referir a uma atividade sua, o que implicou a inserção de dados por vezes bastante incompletos e que na verdade não resultavam realmente num «despacho», ou seja, num encerramento, da parte dos inquisidores. Há vários casos de entradas (ou verbetes), com pessoas incluídas sem data específica de sentença, crime, pena, lugar de nascimento ou de moradia. Um exemplo extremo disso é o de Antônio Vaz, «língua de Damão», incluído entre os réus do ano de 1578, mas sem nenhuma outra informação sobre ele ou o delito (ou fato) pelo qual mereceu uma menção no *Reportorio*. Sabemos, assim, que ele era tra-

---

O Comissariado do Santo Ofício em Macau (c. 1582-c. 1644). A Cidade do Nome de Deus na China e a articulação da periferia no distrito da Inquisição de Goa, 2 vols., dissertação de mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007.

[7] J. A. R. da S. Tavim, «Um Inquisidor», cit., p. 190.

[8] BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL [BNP], *Reservados*, Cód. 203 (*Reportorio*), fl. 480v.

dutor em Damão, e podemos supor que o era junto ao comissário inquisitorial dessa praça portuguesa no Norte da península indiana, mas Delgado Figueira não inseriu (ou não tinha) nenhuma outra informação sobre o dito Antônio Vaz[9].

Já um caso que mostra essa variedade de tipos documentais inseridos no *Reportorio* é o verbete referente a Antônio de Sampaio, cristão-novo de Vila Viçosa julgado pelo tribunal da Inquisição de Lisboa, mas cujas instruções de execução de sentença pecuniária foram enviadas, já o processo findo, aos inquisidores de Goa em algum momento do ano de 1593. Antônio de Sampaio fora condenado pelo tribunal metropolitano em cem cruzados de multa por fautoria, isto é, por ter encoberto, de um modo ou de outro, hereges[10]. Ou seja, apesar de se referir a uma atividade do tribunal goês, não seria correto afirmar que esse verbete possa ter a mesma importância para a compreensão do seu funcionamento que um outro que descreva uma atividade penal.

Outras vezes apenas uma ou outra das informações que para nós seria essencial foi deixada de lado, como o delito ou a origem «racial» do réu, como no caso de Antônio Fernandes Mestre, relaxado em efígie junto com seus ossos, no auto-da-fé de 1 de Setembro de 1577. Apenas podemos supor que se tratou de um caso de judaísmo[11].

O mau estado e a desorganização dos arquivos, mencionados pelos notários do tribunal goês na certidão anexa ao *Reportorio*, justificaram a empreitada levada adiante por Delgado Figueira e também explicam as informações lacônicas dadas em certos casos:

> Por esta por nós assinada certificamos os padres Baltazar da Fonseca, Gaspar do Amaral, Francisco da Costa e o padre frei Simão da Trindade, notários deste Santo Ofício de Goa, que este Repertório fez o licenciado João Delgado Figueira, do Desembargo de Sua Majestade, promotor e deputado deste Santo Ofício, por o não haver neste secreto, *e estarem os feitos todos confusos*, os quais viu todos e concertou pela ordem que neste repertório vão, o que foi em muita utilidade de todos os ministros, por terem por ele presentes todos os feitos, e se poderem aproveitar deles nos exemplos necessários, e porque tudo foi feito em nossa presença, com muito trabalho e curiosidade do dito licenciado, *reformando alguns feitos que já com velhice se iam consumindo*, passamos a presente por mandado dos Senhores inquisidores, e o afirmarmos pelo juramento de nossos ofícios[12].

Esta «confusão» dos feitos, ou mau estado de conservação da documentação passados 60 anos da fundação do tribunal, surge no verbete de Belchior Rodrigues, «cujas confrontações se não sabem por se achar somente o fim do processo». Sabemos apenas que ele foi sentenciado a açoites e degredo de dois anos «para a sala», a 19 de Novembro de 1565. Infelizmente, Delgado Figueira ainda deixou de mencionar o delito pelo qual Belchior foi preso.

Apesar dessas falhas do documento, os números de casos deste tipo não são muito numerosos, não comprometendo o conjunto dos dados. É assim que contamos apenas cerca de 15 verbetes de réus sem as informações sobre o delito cometido.

Ainda pelo que toca à metodologia empregada por Delgado Figueira, o *Reportorio*, enquanto documento, apesar de fazer referência ao número total de casos elencados, não tinha como objetivo dar lugar a quantificações de delitos, de lugares de origem dos réus

---

[9] BNP, *Reservados*, Cód. 203, fl. 108v.

[10] BNP, *Reservados*, Cód. 203, fl. 121v. O processo dele existe: ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO [ANTT], Inquisição de Lisboa, processo 9556, e pode ser consultado no DigitArq, na seguinte referência: PT/TT/TSO-IL/028/09556 [consultado a 11/03/2013].

[11] BNP, *Reservados*, Cód. 203, fl. 107.

[12] Declaração datada de Goa, 24 de Janeiro de 1622. BNP, *Reservados*, Cód. 203, fl. 3 (itálicos meus).

ou de qualquer outra informação ali contida. O objetivo principal do documento era servir de índice da documentação armazenada nos arquivos (no «secreto») do tribunal goês, como o indica a citação acima feita da declaração dos notários do tribunal. Tanto assim é, que cada verbete do documento está identificado a um número de processo e a um número de «maço», cuja numeração se reinicia a cada letra. Esse foi o método escolhido por Delgado Figueira para organizar o *Reportorio*, o que indica que este também fora o método pelo qual a documentação fora (re)arrumada por ele no secreto. Ainda hoje os processos de habilitação a um cargo no Santo Ofício, guardados nos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, devem ser pedidos, de modo semelhante, a partir do primeiro nome do habilitando, o número de maço e o de documento[13]. Já os processos-crime dos tribunais de Lisboa, Coimbra e Évora, apesar de poderem ser pedidos unicamente a partir do seu número, o conjunto de uma dada quantidade de processos insere-se num maço, como o indicam as capilhas dos documentos que nos chegam à mesa de consulta, mas a lógica que os reúne em maço é-me desconhecida e não se percebe à vista desarmada.

Quanto ao documento que nos serve de fonte, tendo uma utilidade indexadora dos processos a partir dos nomes dos implicados, não podemos esperar que ali surjam escolhas restritas e fixas da terminologia, seja da parte de Delgado Figueira, seja dos inquisidores e notários redatores dos processos, já que não podemos saber se o que vemos no documento é uma transcrição fiel do que estava nos processos ou uma escolha do seu zeloso redator. Muito pelo contrário, se tomarmos, por exemplo, os delitos, encontramos uma grande variedade de modos de designar o que poderia ser visto como um comportamento gentílico: «gentilidades», «invocar o diabo», «sacrifício», «fazer sacrifícios ao diabo», «consultar feiticeiros», «pacto com o diabo», «adorar ao diabo», «adorar pagodes», «consultar pagodes», «tirar esmolas para os pagodes», «bruxaria», «superstições», o que não implica um abandono total do catolicismo romano, como «se fazer gentio», outra categoria que surge com bastante frequência na base. É por esta razão, ou seja, pelos limites por vezes pouco distintos que existem entre essas categorizações, mas mesmo assim significantes, que escolhemos manter na nossa base essa variedade de designações de delitos. (Notemos que vários destes delitos são aqui identificados a gentilidades por terem sido cometidos por pessoas de origem hindu recentemente convertidas, sendo pouquíssimo provável que se tratasse, por exemplo, de feitiçarias implicando hipotéticos sabás.)

Pelo que toca à ortografia dos nomes próprios e comuns, optou-se pela maior normatização e atualização possíveis, o que fez com que não se respeitasse completamente a ordem em que os nomes foram inseridos no *Reportorio*. Os Anrriques, por exemplo, foram atualizados para Henrique. Vale notar ainda que a maioria dos religiosos foi agrupada por Delgado Figueira na letra «f», por serem freires, e as pessoas reconhecidamente de extração nobre, na letra «d» (dons e donas). Na nossa base, esses indivíduos foram classificados, como os outros, a partir do nome, mantendo-se contudo, em campo específico, a informação sobre o estatuto social. A atualização ortográfica não pode, entretanto, ser total, tendo em vista o grande número de nomes de pessoas de origem sobretudo indiana e de lugares difíceis de serem identificados. Mantivemos, contudo, as apelações coevas relacionadas aos locais de origem de muitos indivíduos: «Abexim» para abissínio, «Chingala» para cingalês, «Jao» para javanês, «Pegú» para birmanês, evitando a tentação de utilizar esses apelativos como os reais locais de nascimento dessas pessoas, já que poderia acontecer de um «china» ou um «japão» ter nascido em Goa, como é o caso da escrava

[13] Metodologia idêntica à de Goa foi utilizada para catalogar os processos de habilitação das ordens militares (Cristo, Santiago e Avis), também depositados na Torre do Tombo, e cujos maços organizam-se somente a partir da primeira letra do nome do habilitando, e não pelo primeiro nome completo (Antônios, Joãos, Pedros...), como é o caso das habilitações do Santo Ofício.

Jerônima Travassos, filha de pais cristãos, julgada por culpas de mouro e de gentilidades em 1617. Ela nascera e se casara em Goa, mas foi descrita como de «casta japoa», ou seja, japonesa. Para ficarmos no exemplo japonês, dos 11 indivíduos dados como pertencentes a essa «casta», temos apenas o lugar exato do nascimento de três deles: Jerônima acima mencionada, o alfaiate André Pereira, natural de Chicongó (*sic*) no Japão, e Tomé, originário de Nagasáqui[14].

A normatização dos dados se complica ainda quando chegamos a essa questão de designação etno-social. Decidimos utilizar «etnia» para inserir esse tipo de informação, apesar de se tratar de um termo que define na verdade muito mal o que vem ali descrito muitas vezes como «casta», e que se refere, como vimos, ao lugar de origem da pessoa, mas também ao fato de ela ter alguma origem judaica (cristã-nova) ou ser mestiça. A informação é por vezes bastante vaga, quando descreve um indivíduo como «cristão/homem/mulher/moço da terra». Foram deixados na base, inclusive, dois campos para esse tipo de informação, já que muitas vezes essa informação vem sobreposta a um etnônimo. O cativo Paulo, preso por bigamia, foi descrito como «homem da terra» e «Pegú». Essa dupla definição também é comum nos casos de presos não cristãos, como o mouro faraz Beiri, julgado por sodomia, ou o gentio guzarate Calhan, banido para sempre das terras portuguesas por curar com sacrifícios[15]. Também há definições que podem nos parecer inusitadas, como a que se refere ao soldado Henrique Salgado, natural de Baçaim e descrito como mestiço e cristão-velho, ou o também mestiço e ao mesmo tempo abissínio Antônio de Morim[16]. Para completar este quadro, a inserção de dados de indivíduos de origem europeia seguia o mesmo esquema, sendo mencionada, como nos casos de castas, logo a seguir ao nome, a origem geográfica e/ou étnica das pessoas: «Flamengo cristão-velho», como no caso de Nicolau Mont, ou «português», natural de Trás-os-Montes, como André Fernandes[17]. É importante notar que os portugueses nascidos no Estado da Índia não são nunca designados como tais. Essa condição é elipsada, sendo mencionados apenas o fato de se ser cristão-velho ou novo e o lugar de nascimento, como Henrique Gomes, «solteiro, natural desta cidade, filho de Antonio Gomes e de Brites Gomes». Apenas em alguns casos menciona-se também o reino como lugar de naturalidade dos pais, como com «Ana Leal, cristã-velha, natural desta cidade, filha de Francisco Fernandes português e de Maria Leal», o que nos permite inferir com mais segurança o fato de Ana ser uma «filha da Índia», e vista pelos reinóis (como era Delgado Figueira) como fazendo parte de um outro grupo social, apesar de esse grupo não ser claramente nomeado[18].

Podemos dividir as informações contidas nos verbetes – e, assim, os dados inseridos na base informatizada – em três categorias:

1) dados pessoais e familiares do réu, ou seja, nome e eventual pseudônimo, etnia(s), se foi batizado adulto (como foi muito frequente em Goa), lugar de nascimento, casamento e moradia, estatuto social (clérigo, nobre, cativo), nomes dos pais e do eventual cônjuge;

---

[14] BNP, *Reservados*, Cód. 203, fls. 426, 159v e 630v. O lugar de origem de André Pereira pode ser um erro de interpretação do compilador. Segundo Dalgado, «Chicandono» era um «bonzo de elevada categoria, cujo ofício é receber e hospedar os visitantes dum templo ou varela». Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, New Delhi/Madras, Asian Educational Services, Vol. I, 1988 [1.ª ed. 1919], p. 272.

[15] BNP, *Reservados*, Cód. 203, fls. 587, 201v e 227v. Para uma definição de «faraz», casta inferior da região de Goa, ver S. R. Dalgado, op. cit., Vol. I, pp. 390-391.

[16] BNP, *Reservados*, Cód. 203, fls. 125 e 151v.

[17] BNP, *Reservados*, Cód. 203, fls. 545v e 110.

[18] BNP, *Reservados*, Cód. 203, fl. 110.

2) dados referentes ao processo e à sentença, quais sejam: se o réu se apresentou, se foi submetido ao tormento, a data e lugar de leitura da sentença, os nomes dos inquisidores que a lavraram, e a sua catalogação coeva (letra, maço e número); e
3) dados relativos ao delito e à sua punição, como tipo de delito (podendo chegar a três por caso), penas espirituais, corporais e pecuniárias incorridas.

Também foi criado um campo para observações, e indicado o fólio do *Reportorio* de onde a informação foi retirada. Vale ainda mencionar que a base de dados foi criada no programa *Access* e encontra-se em fase de revisão.

Finalmente, o objetivo da elaboração desta base de dados não é o de fazer um estudo sobre a realidade delituosa do tribunal indiano. Ou seja, o *Reportorio* não informa tanto, de modo direto, do nível da (má) catolicização da população local ou da quantidade de judaizantes que passaram pelo Estado da Índia, já que, como lembra Benoît Garnot, os arquivos judiciais têm, nesse aspecto, uma fiabilidade relativa. As estatísticas que se podem tirar desse tipo de documentação traduzem sobretudo processos de penalização ligados às mudanças mais ou menos visíveis das sensibilidades em relação àqueles desvios, mas não à realidade desses desvios. Assim, os números elaborados a partir das decisões dos tribunais apenas permitem que se entreveja a natureza dos processos mais tratados pela justiça, ou seja, permite que se conheçam os objetivos da repressão e da atividade judicial, mas não a realidade dos «desvios»[19].

Isto quer dizer que este tipo de trabalho quantitativo tem, em primeiro lugar, uma funcionalidade pelo que toca a instituição repressora, ajudando os historiadores a melhor entenderem a história do próprio tribunal que produziu os processos quantificados. Apesar de as estatísticas não serem fiáveis para se fazer uma história das pessoas que sofreram o peso da presença da Inquisição, a inserção dos dados presentes no *Reportorio* numa base que, como previsto, será acessível via Internet pela comunidade acadêmica (esperamos que antes do fim de 2013), será de grande utilidade pelo que toca à História Social, já que nos permitirá ter acesso, de modo mais bem organizado do que no documento original, aos dados sobre milhares de pessoas que residiram ou passaram pelas possessões portuguesas entre 1560 e 1623. Ou seja, o que se espera é que se faça um uso qualitativo de um exercício apenas aparentemente de História quantitativa.

[19] Benoît Garnot, *Histoire de la justice. France, XVI^e^-XXI^e^ siècles*, Paris, Gallimard, 2009, pp. 24-29.

O BRASIL NA MONARQUIA HISPÂNICA. CULTURA POLÍTICA, NEGÓCIOS E MISSIONAÇÃO DURANTE A UNIÃO DAS COROAS IBÉRICAS E A GUERRA DE RESTAURAÇÃO. 1580-1668

por

Ana Paula Torres Megiani*
José Manuel Santos Pérez**

Este projeto foi apresentado e aprovado dentro do Programa Conjunto USAL/USP para financiamento de convênios, na sua primeira edição, no ano de 2011. O edital pedia a formação de equipes nas duas universidades que operariam intercâmbios e seriam emissoras e receptoras de pesquisadores. Foram escolhidos quatro projetos, sendo este o único da área de Humanidades.

Os professores Ana Paula Megiani e José Manuel Santos trabalhavam há anos sobre a temática da Monarquia Hispânica e decidiram juntar esforços para essa nova empreitada, passando à efetivação das estadas de pesquisa no Brasil e na Espanha por meio de missões, necessárias para o desenvolvimento da temática e tornar menos onerosas as estadas dos estudantes de doutorado. Além disso, dentro dos objetivos das duas equipes, foram definidas a organização de encontros e a publicação dos resultados dos mesmos nas duas universidades. Assim, organizou-se uma reunião em Salamanca (fevereiro de 2012), intitulada *Investigación Brasil en el marco de la Monarquía Hispánica (1580-1640). Nuevas líneas de investigación sobre el periodo y sus consecuencias*, e o encontro da USP (agosto de 2012), chamado *O Brasil na Monarquia Hispânica (1580-1640)*, com a participação de todos os membros dos dois grupos.

Cada estadia dos membros de ambas as equipes na universidade parceira também deve ser acompanhada de etapas de investigação em arquivos, acervos e bibliotecas, possibilitando avanços nas pesquisas individuais de cada um, relatados nos encontros, que serão o material das publicações.

Antecedentes

Desde as últimas décadas do século XX, os estudos acerca do período da união das coroas ibéricas (1580-1640) vêm ganhando importantes contribuições que abriram novos caminhos para as investigações que deles decorrem. Uma das principais abordagens sobre o período, referenciada no atual contexto geopolítico mundial, aponta na direção do estudo das conexões entre o Brasil e a Coroa espanhola, cabeça da monarquia que reinava em inúmeros territórios descontínuos, desde a América até a China.

---

* Universidade de São Paulo.
** Universidad de Salamanca.

A incorporação de Portugal na monarquia hispânica em 1580, após a morte do cardeal D. Henrique, rei de Portugal, deu início a uma etapa de mudanças bastante significativas para a relação entre o que se entendia por Brasil na época e esse novo corpo político-administrativo. Aspectos administrativos, políticos, econômicos e religiosos da até então América portuguesa foram consideravelmente afetados, embora no acordo que deu início à união dos reinos, o Pacto de Tomar de 1581, estivesse garantida a autonomia de Portugal e suas conquistas em relação à Coroa espanhola.

As dinâmicas que se sucederam a partir desse momento não podem ser explicadas por uma só razão, como seja o desejo de ampliação de poder da Coroa espanhola, na altura ocupada pelo monarca Felipe II de Habsburgo. Inúmeros foram os elementos que concorreram para que se operassem mudanças no território luso-americano, as quais pretendemos investigar, na intenção de oferecer contribuições para o estudo dessa época.

Embora tenha sido ampliado o interesse pelo estudo da União Ibérica e da Guerra de Restauração, a maior parte dos trabalhos que tratam do período foi dedicada à questão das invasões holandesas (1624-25 e 1630-54) e à guerra de expulsão, que tem em Evaldo Cabral de Mello o principal nome. Por outro lado, a repartição sul, compreendida pelas capitanias de Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente, recebeu muito menos atenção dos historiadores brasileiros. Sobre essa região, as equipes brasileira e espanhola pretendem desenvolver suas pesquisas e reflexões.

Outro aspecto relevante que tem sido cada vez mais destacado pelos historiadores é que o período de 60 anos não pode ser estudado isoladamente, ou seja, como se a União Ibérica definisse balizas temporais estanques. No ano de 1640, Portugal se declara independente ao aclamar um novo rei – D. João IV de Bragança. Contudo, isso não significa o fim do processo, já que tem início uma guerra que se prolonga até 1668. Durante esses 28 anos, podemos afirmar que as atitudes da Coroa portuguesa em relação ao Brasil estavam ainda determinadas pelo processo de unificação das coroas, sendo de absoluta relevância o estudo e entendimento da desmontagem dessa formação também na América.

Devemos ainda considerar que durante os primeiros anos do século XVII criam-se diversas instituições que reforçam a estrutura institucional colonial portuguesa em Lisboa: o Conselho da Fazenda (1591) e o Conselho da Índia (criado em 1604 e suprimido em 1614). Em 1603, realizou-se a derrogação das Ordenações Manuelinas, para introduzir as chamadas Ordenações Filipinas, o código jurídico que esteve em vigor por mais tempo no Brasil. O Tribunal da Relação de Bahia foi criado no ano de 1609, durante o reinado de Felipe III, período durante o qual se preparou também a divisão administrativa do Brasil em dois estados: o estado do Brasil e o estado do Maranhão, fato ocorrido em 1621.

A incorporação do território brasileiro supõe, portanto, um importante desafio: aumenta as necessidades defensivas, mas ao mesmo tempo reforça consideravelmente a precária presença da monarquia hispânica no Atlântico Sul.

Principais objetivos da proposta

A questão do Brasil no período da União Ibérica segue necessitando da atenção dos historiadores. Apesar do que foi publicado por autores como Roseli Santaella Stella e Rafael Ruiz no Brasil, Joaquim Veríssimo Serrão em Portugal e Rafael Valladares na Espanha, permanecem abertas questões pouco exploradas, como o caso das representações (em sentido amplo, mentais e artísticas) que se produziram sobre o território da América portuguesa na corte dos Habsburgos durante o período da União Ibérica e da Restauração.

O principal objetivo deste projeto de colaboração bilateral é proceder à identificação e análise da construção dos vínculos entre o Brasil e a corte espanhola, por meio do estudo dos aparatos burocráticos centrais que atuam sobre o império, buscando entender as derivações que esta imagem teve na política para a América colonial. O problema deve ser

abordado sob um novo enfoque, levando-se em conta que a monarquia hispânica, também denominada monarquia católica ou universal a partir da integração dos territórios portugueses, passa a adotar novos procedimentos administrativos e políticos nos domínios ultramarinos, esforçando-se para integrar em um conjunto com certa coerência enormes territórios conectados por grandes rotas ultramarinas.

A propósito dos aspectos econômicos dessa relação, no século XVI o Brasil era, ao mesmo tempo, as portas e as costas do Peru. De acordo com o sistema de transportes concebido pelos Habsburgos, a prata que saía do porto de El Callao para ser levada ao Panamá, e em seguida, via Cuba, até a Espanha, não deveria passar pelo Brasil, que constituía um terreno a ser evitado. Contudo, com a União Ibérica começou-se a considerar este território de forma diferente, passando ele a se constituir como um imenso escudo de defesa das zonas de maior valor na América do Sul. Por outro lado, o trajeto podia ser utilizado como caminho de entrada ou saída das minas, fazendo de Santa Catarina e do Rio de Janeiro portos de saída da prata.

Diante dessa constatação, buscamos responder a uma série de perguntas:

- Qual o lugar do Brasil na monarquia hispânica, para além da riqueza econômica advinda da produção açucareira e de sua importância estratégica?
- Como a monarquia hispânica buscou resolver as especificidades do Brasil, que não possuía uma série de instituições de forte poder representativo da América espanhola, tais como vice-reinados, Tribunal do Santo Ofício, universidades, etc.?
- Em que medida se pode afirmar a criação, por parte da monarquia hispânica, de uma estrutura administrativa e fiscal que representasse o aumento da eficácia do controle sobre o Brasil e os mercados entre a América e a Península?
- Quais elementos dessa complexa relação, que se dá por meio da cultura política, dos negócios e da missionação, permaneceram após 1640, ao menos até o final da década de 60 do século XVII?

Metodologia

A equipe de pesquisadores brasileiros, formada por dois professores do Departamento de História da Universidade de São Paulo (Ana Paula Torres Megiani e Pedro Puntoni) e por duas estudantes de doutorado (Ana Hutz e Flávia Preto de Godoy), vem desenvolvendo suas atividades predominantemente nos seguintes arquivos espanhóis, em cujos acervos podem ser localizados documentos de extrema relevância para as etapas do projeto: Archivo e Biblioteca de la Universidad de Salamanca, Biblioteca Nacional de Madrid – Coleção Mascareñas, Real Academia de la Historia de España, Archivo General de Simancas (Valladollid), Archivo General de Indias (Sevilha), Archivo Historico Nacional de Madrid, entre outros. Os membros da equipe espanhola (José Manuel Santos Pérez, Alirio Carvalho Cardoso, Rubén Álvarez Iglesias e Ana Tereza Landolfi) fazem pesquisa nos centros brasileiros, fundamentalmente: Cátedra Jaime Cortesão da USP, Instituto de Estudos Brasileiros, Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, Arquivo do Estado de São Paulo e Arquivo e Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

A primeira etapa do projeto deverá ser concluída em agosto de 2013, sendo possível uma prorrogação por mais dois anos.

O OURO DO BRASIL (1700-1807) *

por

Leonor Freire Costa
Maria Manuela Rocha
Rita Martins de Sousa **

O Gabinete de História Económica e Social (centro de investigação do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa) desenvolveu, entre 2002 e 2010, um projecto de investigação sobre fluxos de ouro do Brasil entre 1700 e 1807, explorando de forma exaustiva documentação do Arquivo Histórico da Casa da Moeda de Lisboa. Neste sumário, noticia-se o percurso da pesquisa. Começa-se por explicitar o enquadramento do projecto nos problemas tratados na literatura internacional sobre moeda e metais preciosos. Segue-se uma descrição da fonte documental estudada. Numa última secção, apresentam-se de forma sucinta as conclusões gerais. Encaminham-se os leitores interessados nestas temáticas para a divulgação dos resultados detalhados num estudo, a editar no ano de 2013 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, intitulado *O Ouro do Brasil*.

Motivações do projecto e problemas

O papel dos metais preciosos na economia constitui um tema reiteradamente abordado pela historiografia. A investigação seminal de Hamilton sobre os fluxos da prata americana no período moderno e o impacto desta sobre os preços e salários lançou um debate que ganhou novo ímpeto com o trabalho de Michel Morineau[1]. A partir das informações contidas nas gazetas holandesas, Morineau obteve outros dados sobre as chegadas de prata a Espanha, reavaliando assim a suposta crise do século XVII na Europa. Posteriormente, a historiografia económica reconsiderou este tema no contexto do desenvolvimento da economia internacional, questionando o papel dos meios de pagamento monetários no crescimento económico. Se, por um lado, as economias que detinham o controlo das regiões mineiras não foram as que mais cresceram no século XVIII, por outro lado, a evolução para um regime monometálico consagrado pela adopção britânica do padrão-ouro é considerada uma das consequências das ligações económicas da Grã-Bretanha aos países ibéricos, precisamente os fornecedores de metais preciosos à Europa. Os custos a longo prazo desta especialização ibérica, objecto de novas perspectivas, mereceram a

---

* Esta notícia retoma informação que, no seu essencial, se encontra em «Brazilian gold in the eighteenth century: a reassessment», *Working Paper GHES*, 42, 2010. Disponível em http://ghes.iseg.utl.pt/documentos/1292247359R9vOH8il3Tg33VY2.pdf.

** Investigadoras do Gabinete de História Económica e Social (GHES). Docentes no Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa.

1 Earl J. Hamilton, *American Treasure and the Price Revolution in Spain, 1501-1650*, Cambridge, MA, Harvard University Press, 1934; Michel Morineau, *Incroyable Gazettes et Fabuleux Métaux*, Paris-Cambridge, Maison de Sciences de l'Homme-Cambridge University Press, 1985.

abordagem mais formalizada de Maurício Drelichman, que, observando o caso espanhol, reforçou a tese central de Hamilton sobre os efeitos negativos de um fácil acesso a um recurso estratégico[2]. A abundância de meios de pagamento, se bem que promovesse a procura, gerava também uma depreciação da taxa de câmbio real, que penalizava a competitividade da produção interna, criando condições para um processo de desindustrialização.

Se a maior parte da literatura tem centrado a análise na economia espanhola e na produção de prata americana, a situação de Portugal exige idêntica atenção, dada a importância dos fluxos de ouro ocorridos após a descoberta de filões na região de Minas Gerais pouco antes de 1700.

Até ao momento, a historiografia da economia portuguesa do século XVIII tem observado o período do ouro brasileiro em associação com quatro aspectos essenciais e interrelacionados:

1) **As relações externas de Portugal no século XVIII**. O tópico privilegia as relações bilaterais com a Grã-Bretanha, para sublinhar os seus efeitos no fácil acesso da Grã-Bretanha ao ouro brasileiro. O reverso deste benefício britânico seria a dependência de Portugal da importação de bens ingleses manufacturados, depois reexportados para o Brasil. As consequências para Portugal deste padrão de transacções aproximariam, assim, o caso português do espanhol.
2) **Comércio externo e prestação da economia portuguesa**. Dadas as características do padrão de trocas dominante, presume-se que a maior parte do ouro chegado do Brasil se destinava, principalmente, a suportar balanças comerciais negativas.
3) **Século de ouro e de crise financeira**: as flutuações dos fluxos de ouro ao longo do século levaram à identificação de um período de quebra a partir de 1760, que terá acarretado uma crise financeira que acabou por afectar todos os sectores da economia. Esta quebra terá suscitado uma resposta interventiva do Estado. O programa do Marquês de Pombal, promotor de um vasto conjunto de reformas económicas, visou a substituição de importações de produtos manufacturados, como consequência da escassez de meios de pagamento.
4) **O consulado pombalino e a formação de uma nova elite mercantil**. Todo o conjunto de medidas pombalinas destinadas a regular o comércio e manufacturas possibilitou a formação e consolidação de uma elite mercantil conivente com os interesses do poder central. O governo de Pombal teve a capacidade de criar um «novo» grupo económico, intrinsecamente ligado ao comércio colonial, que não sucumbiu após a queda política do ministro.

A informação sobre os fluxos de ouro que tem suportado estas leituras conta com registos da fiscalidade imposta sobre a produção de ouro no Brasil (o «quinto»), informação providenciada pelo jornalismo económico (gazetas holandesas), por relatórios diplomáticos e séries de amoedação da Casa da Moeda de Lisboa. Sublinhe-se que a análise realizada a partir destes núcleos documentais apresenta limitações. Não permite, por um lado, distinguir os montantes em função das categorias de destinatários, tendo-se assumido a porção de ouro destinada aos agentes privados como uma proporção (4/5) do metal que cabia ao rei (1/5). De resto, a maior parte dos trabalhos respeitantes à crise de meados da centúria tem ignorado a possibilidade de os montantes recebidos por cada

[2] «The Curse of Moctezuma: American silver and the Dutch disease», *Explorations in Economic History*, Vol. 43, n.º 3, 2005, pp. 349-380.

uma dessas categorias não ter tendências coincidentes. Por outro lado, as conjunturas desenhadas a partir dessas fontes secundárias têm considerado apenas os «fluxos», isto é, a historiografia tem ignorado questões e problemas que se responderiam se se atendesse à «acumulação» (formação de um *stock*) no reino deste meio de pagamento.

Este projecto de investigação começa por ter uma visão crítica do que é conhecido em vários níveis:

a) **Quantidades de ouro chegadas a Portugal no século XVIII.** Rejeita a inferência das quantidades recebidas pelos particulares a partir das estimadas para o Estado, as quais, por sua vez, têm sido tomadas como uma percentagem da produção. A circulação e os sistemas fiscais podem interferir nos quantitativos chegados a Portugal, sem que haja uma relação directa com a produção.
b) **Impactos dos fluxos de ouro na economia**: 1. Levanta a possibilidade de os circuitos do ouro terem envolvido valores suficientemente elevados para cobrir balanças negativas e comportar condições para acumulação. Rejeita a suposição apriorística de que a maior parte se drenou para o estrangeiro e de que o que ficou retido no reino teve utilizações não monetárias. 2. Considera a hipótese de as quantidades poderem ter sido desigualmente distribuídas em termos sociais, concentrando-se nas mãos de poucos, o que, por sua vez, delimita as fronteiras de um grupo mercantil que aderiria ao programa reformista de Pombal.
c) **Impactos do «ciclo» do ouro na formação de uma elite mercantil.** Pelo que ficou explícito em b), o projecto submete a novas verificações a origem da elite de negociantes pombalina, conhecida a partir da segunda metade do século. Prevê a possibilidade de muitos (e pergunta quantos) membros dessa elite estarem presentes na fase anterior de inserção no comércio colonial, cujos níveis de acumulação devem ser estudados.

Neste contexto, a investigação orienta-se de acordo com as seguintes perguntas:

a) Quanto ouro chegou a Lisboa legalmente transportado nas frotas do Brasil?
b) Que quantidades foram recebidas pelos particulares e pelo Estado?
c) As flutuações das remessas destinadas ao Estado foram coincidentes com as flutuações desenhadas pelas remessas enviadas aos particulares?
d) Que relação existiu entre evolução temporal das remessas do Estado e regimes fiscais impostos sobre a produção do ouro?
e) Que população esteve envolvida nos fluxos de ouro?
f) De que modo foram as remessas distribuídas socialmente?

A documentação

Este conjunto de perguntas encontra resposta num núcleo documental depositado no Arquivo da Casa da Moeda de Lisboa, designado «Livros de Manifestos do 1%». Trata-se dos registos de um tributo (1% *ad valorem* sobre cada remessa de ouro enviada do Brasil) cobrado de forma regular a partir de 1720[3]. Os registos contêm informação sobre as quantidades de ouro transportado, quer se tratasse de ouro em pó, barra ou amoedado; o nome dos emissores e dos receptores das remessas em Lisboa, bem como o dos procuradores designados pelos destinatários para o levantamento das remessas na Casa da Moeda

[3] Alvará de 1 de Fevereiro de 1720.

em Lisboa, sempre que essas figuras intervinham no processo; e, finalmente, as remessas destinadas ao Estado.

A notícia da existência dessa documentação foi primeiramente fornecida por Vitorino Magalhães Godinho em artigo datado de 1950[4]. Foram indicados valores globais de remessas nalguns anos, o que revela a importância dessa fonte de informação. Contudo, nenhum dos subsequentes trabalhos sobre a temática seguiu a pista. Nem mesmo as obras consagradas de Virgílio Noya Pinto e de Michael Morineau, utilizadas em larga medida pela historiografia internacional, se socorreram do potencial desses registos[5]. Mais recentemente, Paulo Lopes, fazendo uso do arquivo pessoal de Vitorino Magalhães Godinho, divulgou uma série de dados anuais sobre o valor das remessas, terminando em 1736[6]. Exigia-se um projecto de investigação que proporcionasse séries consistentes dos fluxos de ouro chegado, a partir dessa data, a Lisboa e um cadastro dos envolvidos. Neste sentido, a presente investigação procedeu ao levantamento exaustivo de todos os valores das remessas até 1807, último ano dos registos existentes. Para a análise sociológica dos grupos envolvidos nos fluxos, e dada a existência de sólidas monografias sobre a classe mercantil da segunda metade do século XVIII[7], este projecto centrou-se apenas na primeira parte do século, utilizando uma outra metodologia de recolha de dados.

Metodologia

No sentido de completar a recolha sobre os valores anuais das remessas já existente até 1736, foram recolhidos os montantes a partir desse ano e até 1807, data em que terminou o imposto de 1%, devido à partida da família real para o Brasil no ano seguinte. Sempre que na documentação se registavam as remessas de ouro em barra, pó ou ouro lavrado, a conversão do peso de ouro em réis seguiu o preço legal do ouro estipulado pela lei de 4 de Agosto de 1688, o qual não sofreu alterações até 1822: 96 000 réis por marco de ouro em pó e barra; 89 000 réis por marco de ouro lavrado. Para futuras comparações entre as séries de Noya Pinto e as fornecidas por esta investigação, tenha-se em conta que sempre que o valor está indicado em cruzados nas fontes por Noya Pinto compulsadas, o autor considerou que se tratava de uma moeda de ouro designada «cruzado novo», de 480 réis. As conversões do peso de ouro em unidade monetária devem considerar o cruzado como unidade de conta, valendo 400 réis.

Para a construção do cadastro dos agentes privados envolvidos nos fluxos de ouro, foi adoptada outra metodologia. O volume de informação contida nos registos de milhares de remessas anuais e a existência de trabalhos que procederam a um estudo prosopográfico dos negociantes da segunda metade do século XVIII permitiram que se fizesse um levantamento da informação por amostragem decenal, coligindo-se integralmente a identificação dos intervenientes nos anos de 1721, 1731, 1741, 1751 e 1761.

---

[4] Vitorino Magalhães GODINHO, «Le Portugal, les flottes du sucre et les flottes de l'or, 1670-1770», *Annales – Économies, Sociétés, Civilisations*, n.º 1, 1950, pp. 184-197. Para uma das várias edições em português, veja-se «Portugal, as frotas do açúcar e as frotas do ouro (1670--1770)», *Ensaios II,* Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1978 [1.ª ed. 1968].

[5] Virgílio Noya PINTO, *O Ouro Brasileiro e o Comércio Anglo-Português*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979; M. MORINEAU, op. cit.

[6] Paulo Alexandre MARQUES, *Minas Gerais Setecentistas: uma «sociedade aurífera»*, dissertação de mestrado, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2001.

[7] Jorge Miguel PEDREIRA, *Os Homens de Negócio da Praça de Lisboa de Pombal ao Vintismo (1755-1822). Diferenciação, Reprodução e Identificação de Um Grupo Social*, tese de doutoramento, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1995; Nuno MADUREIRA, *Mercado e Privilégios. A Indústria Portuguesa entre 1750 e 1834*, Lisboa, Estampa, 1997.

Resultados

Os resultados desta investigação constam de um livro a publicar no ano de 2013 pela Imprensa Nacional[8]. Nesta notícia, apresentam-se apenas curtos comentários relativos às tabelas que o projecto de investigação disponibiliza a todos os interessados. A convicção de que os dados têm interesse para estrangeiros convidou a que se divulgassem as bases em inglês. Os títulos das bases disponíveis na Internet serão também aqui indicados em inglês, conforme constam do *site* do Gabinete de História Económica e Social[9].

I – ***Gold fleets and shipping (1720-1808)***

O Quadro I fornece as referências arquivísticas da documentação. Esta informação é útil para análises de arqueologia naval, atendendo à identificação que se faz de cada navio das rotas. Apesar de não se tratar de um tema desenvolvido nesta investigação, a base de dados providencia informação sobre o ano de cada frota, o porto de partida (Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Grão Pará), o nome e tipo de navio, a identificação do seu capitão e a referência arquivística dos livros que registam as remessas transportadas. Note-se que cada livro corresponde usualmente a um cofre e que cada navio transportava, em geral, vários cofres.

II – ***Amounts of gold shipped (1720-1808)***

Este quadro contém três folhas. Na primeira, é indicado o total de remessas por frota, distinguindo o tipo de carga: ouro em pó, barra, lavrado ou amoedado. Nas folhas subsequentes, a informação é desdobrada em função das categorias de receptores. A segunda folha reporta-se às remessas enviadas para o Estado; a terceira, aos agentes privados.

Este quadro fornece novos dados e altera a identificação das conjunturas dos fluxos de ouro. A comparação com anteriores informações, em particular com os dados providenciados por Michel Morineau, impõe alguns comentários. As quantidades de ouro indicadas por Morineau têm sido consideradas as mais consistentes, uma vez que recolhem informação contida na imprensa económica holandesa, que, presumivelmente, traduziria também ouro que escapava ao registo oficial. Desta forma, a literatura internacional tem privilegiado o trabalho deste autor, considerando-o alternativa válida aos registos oficiais produzidos pela Casa de la Contratación sobre a prata originária da América. Com efeito, o trabalho de Morineau demonstrou que, após 1661, os registos oficiais não correspondem à prata efectivamente transportada para os particulares. A historiografia espanhola, prosseguindo esta análise, reforçou a conclusão de Morineau, provando que os registos oficiais dizem respeito apenas às quantidades contratualizadas entre o Estado e as organizações responsáveis pela fiscalidade da prata. Os monarcas espanhóis não só deixaram de obrigar ao registo das entradas de prata na Casa de la Contratación, como também prescindiram da cobrança de taxas na Carreira das Índias, contratando com o Consulado de Sevilha um rendimento anual que fez dessa instituição uma intermediária na negociação do fisco[10]. Se esta conclusão, que salienta o enviesamento da informação colhida a partir

---

[8] Leonor Freire Costa, Maria Manuela Rocha e Rita Martins de Sousa, *O Ouro do Brasil, 1700-1807*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.

[9] O acesso às bases de dados pode ser solicitado na ciberpágina do Gabinete de História Económica e Social: http://ghes.iseg.utl.pt/index.htm?no=551000100094.

[10] J. Oliva Melgar, «La metrópoli sin territorio. Crisis del comercio de Indias en el siglo xvii o pérdida del control del monopolio?», in C. M. Shaw e J. Oliva Melgar (ed.), *El Systema Atlântico*

dos registos oficiais, é válida para Espanha, não o é no caso português. Nenhuma destas opções foi tomada pelo Estado em Portugal e os registos oficiais permitem, pelo contrário, analisar criticamente as quantidades calculadas a partir da imprensa periódica, como se observa de seguida.

Os dados apresentados no Quadro II autorizam as seguintes conclusões:

a) Chegou a Portugal um total de 557 toneladas de ouro entre 1720 e 1807. Este montante representa cerca de 1/3 do total de ouro produzido nas colónias da América Latina no período colonial[11].
b) O zénite das remessas ocorreu na década de 1740, contrariamente às estimativas de Morineau, que apontavam os anos de 1730 como os de maiores chegadas.
c) De acordo com Michel Morineau, chegaram a Lisboa 650 toneladas de ouro entre 1720 e 1785. Os registos oficiais acusam uma diferença de menos 136 toneladas. Contudo, é necessário notar que a fonte fiscal observa várias remessas que ultrapassam as quantidades indicadas por Morineau. A comparação anual revela que, em 25 dos 65 anos confrontados (1720 a 1785), a fonte fiscal portuguesa regista montantes superiores aos divulgados nas gazetas holandesas[12].
d) Do total de ouro entrado em Portugal, 78% vinham já amoedados. Destaque-se que essas moedas não estavam autorizadas a circular na colónia. Isto é, o processo de produção de moeda realizado no Brasil tinha como objectivo satisfazer a procura da metrópole. Neste sentido, qualquer série de amoedação da Casa da Moeda de Lisboa subestima a oferta monetária de Portugal. Estas séries serviram de argumento para a justificação da crise de meados do século XVIII[13]; contudo, as conclusões a extrair dos dados contradizem os fundamentos dessa tese.
e) Considerando as categorias de receptores, constata-se que 22% do total das remessas tiveram como destinatário o Estado e 78%, os particulares.
f) A folha do quadro que se refere às remessas do Estado mostra que, nessa categoria, apenas 8% do ouro chegou já amoedado do Brasil. Assim, a actividade da Casa da Moeda de Lisboa respondeu essencialmente à amoedação do ouro do Estado. A série que aqui se reconstitui está longe de poder indicar níveis sequer aproximados da oferta de moeda no século XVIII[14].
g) As conjunturas das remessas distinguem-se de acordo com as duas categorias de destinatários. A organização dos dados por décadas mostra que as flutuações dos valores recebidos pelo Estado não coincidem com as dos agentes privados: para os particulares, as remessas decaem a partir de 1740; para o Estado, a década de maiores chegadas é a de 1760.
h) A natureza do ouro remetido para Lisboa (amoedado ou não) e as distintas flutuações atrás referidas sugerem que a actividade de extracção de ouro não era

---

Español (Siglos XVII-XIX), Madrid, Marcial Pons, 2005; R. ANES, *Una Contribución a la Historia de la Contabilidad: Análisis de las prácticas contables desarrolladas por la tesorería de la Casa de la Contratación de las Indias de Sevilla (1503-1717)*, Sevilla, Universidad de Sevilla, 1996.

[11] Cf. síntese de estimativas em Ward BARRETT, «World bullion flows, 1450-1800», in James D. Tracy (ed.), *The Rise of Merchant Empires. Long Distance Trade in the Early Modern World, 1350-1750*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990, pp. 228-229.

[12] Rita Martins de SOUSA, «Brazilian gold and the Lisbon Mint House (1720-1807)», *e-JPH*, Vol. 6, n.º 1, 2008, pp. 7-13.

[13] Jorge Borges de MACEDO, *A Situação Económica no Tempo de Pombal*, Lisboa, Morais Editores, 1989 [1.ª ed. 1951].

[14] Rita Martins de SOUSA, *Moeda e Metais Preciosos no Portugal Setecentista (1688-1797)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

o único factor a determinar a quantidade de ouro transportado para o reino. A fiscalidade imposta à produção aurífera, alterada em várias situações, merece ser explorada, para a explicação destas conjunturas dissonantes.

III – *Gold stock and money supply*

O Quadro III visa estimar o potencial da acumulação de ouro no reino. Contém três folhas. A primeira apresenta uma estimativa do ouro exportado por Portugal durante o século XVIII. A segunda estima o *stock* monetário de ouro em Portugal, considerando a amoedação da Casa da Moeda de Lisboa e as remessas de ouro amoedado e subtraindo o ouro exportado. A terceira folha apresenta uma nova estimativa da oferta de moeda de ouro.

A estimativa do ouro exportado por Portugal inscrita na primeira folha subtrai, ao total de remessas de ouro, os valores da balança de comércio, considerando os dois principais parceiros de Portugal (a Grã-Bretanha e a França), para os quais há dados anuais em arquivos estrangeiros. A partir de 1776, utilizam-se todas as balanças de comércio portuguesas existentes. O último quartel do século XVIII apresenta uma mudança significativa no padrão do comércio externo português, com a existência de balanças comerciais frequentemente positivas. Esta alteração permite justificar a utilização de uma fonte diferente de informação para avaliar a saída de ouro. Uma vez que se desconhecem os fluxos externos de capitais, a avaliação da acumulação de ouro (amoedado e não amoedado) pode estar sobrestimada. Contudo, os valores obtidos sugerem as seguintes conclusões:

a) 66% das 557 toneladas de ouro chegado a Lisboa foram canalizados para os mercados europeus, através, sobretudo, de negociantes ingleses. Não surpreende, pois, que parte importante da actividade de amoedação de Inglaterra estivesse assente em ouro.
b) Independentemente da larga proporção de ouro canalizado para o estrangeiro, os dados do Quadro III confirmam a acumulação verificada em Portugal. A análise centrada em *stocks* ao invés de fluxos não corrobora a tese de uma recessão em meados do século XVIII, por escassez de meios de pagamento. De 1755 a 1762, o *stock* de ouro não decresceu, antes estagnou. Além disso, as remessas para o Estado atingiram o seu ponto máximo na década de 1760, compensando o aumento da saída de ouro. Em síntese, o enquadramento económico do consulado pombalino merece ser revisto.
c) Considerando as quantidades de ouro amoedado em Lisboa e o ouro já transformado em moeda vindo do Brasil, a principal conclusão sustenta uma maior oferta de moeda em Portugal do que em Grã-Bretanha.

IV – *Private agents in gold flows (1721-1761)*

O Quadro IV é composto por seis folhas organizadas com o objectivo de fornecer informação sobre os agentes privados envolvidos nos fluxos do ouro, considerando-se uma amostra de cinco anos (1721, 1731, 1741, 1751, 1761). Como foi atrás referido, o propósito da investigação nesta vertente era a construção de um cadastro dos participantes nas relações económicas com o Brasil. A opção pela concentração da recolha de informação nesses cinco anos pretende preencher uma lacuna na literatura económica e social sobre o comércio colonial da primeira metade do século XVIII.

As primeiras cinco folhas reproduzem os registos originais, seguindo a organização da fonte documental. Cada linha destas cinco folhas refere-se a uma remessa. Os campos registados respeitam aos remetentes, receptores, procuradores, valores das remessas, tipos

de remessa (moeda ou ouro em barra ou pó) e portos de origem. Nos campos nominativos «remetentes», «receptores» e «procuradores», pode ser indicado mais de um nome por remessa, nomes esses que corresponderão a indivíduos associados à transacção. Por outro lado, os nomes podem aparecer mais de uma vez na(s) folha(s), pois cada indivíduo pode ter estado envolvido em mais de uma remessa.

A sexta folha organiza a informação das anteriores, fornecendo um cadastro dos emissores e receptores de ouro. Aqui, cada linha corresponde a um indivíduo. Os campos são os anos e as funções que os indivíduos tiveram nos fluxos, quer como emissores (função identificada pela letra «s»), quer como receptores (identificação através da letra «r»). Ficaram assim eliminados os nomes que surgiram por diferentes vezes nas folhas anteriores. Dado que cada indivíduo podia ter diversos associados em cada uma das remessas em que estava envolvido, a informação dos valores de ouro teve de ser omissa, pois não é possível conhecer qual a repartição dos montantes entre os intervenientes. Distribuir a remessa de forma equitativa pode constituir uma interpretação equívoca do registo.

Este quadro permite-nos chegar às seguintes conclusões:

a) As remessas de ouro envolveram 9218 indivíduos, emissores e/ou receptores (organizados ou não em parceria).
b) Este grupo apresenta um elevado nível de renovação: cerca de 75% dos indivíduos registados num dos anos da amostra não se encontram no ano subsequente da mesma. Todavia, e considerando que se está a lidar com uma amostra com dez anos de intervalo, é significativo que 19% do universo de indivíduos surjam em mais de um ano da amostra. Esta participação regular de alguns agentes mitiga a observação inicial de um grupo extremamente fluido e sugere a existência de uma franja que se poderá considerar uma «elite» nestes fluxos. Essa sugestão é consistente com os valores do índice de Gini.
c) A distribuição dos valores por receptor mostra uma concentração forte. O índice de Gini é superior a 0,6 em todos os anos da amostra.
d) A escala do negócio aumenta ao longo do período observado: em 1721, os receptores com remessas de valor superior a 1,8 contos de réis (3,7 kg) representavam 11,5% do universo total; em 1761, constituíam 28,5%.
e) O universo dos participantes nestes fluxos estava aberto a estrangeiros, que representavam 7% da população, apesar de um pequeno grupo deles se integrar no conjunto dos que receberam mais de 1,8 contos.
f) A mobilidade geográfica entre Portugal e Brasil está patente na folha seis. Cerca de 24% dos indivíduos estão registados como emissores e receptores no mesmo ano, o que assinala que viajaram na frota em que transportavam remessas. Esta itinerância foi uma característica relevante na organização do comércio colonial[15].

A informação proporcionada por este projecto de investigação propõe uma revisão da literatura sobre o impacto económico e social do ouro do Brasil em Portugal no século XVIII. O desenvolvimento das conclusões aqui sintetizadas justificou uma apresentação em livro. Porém, como se poderá constatar dos dados contidos nos quadros aqui referidos, muitas abordagens estão por explorar. Deseja-se que daqui partam novos programas de investigação.

---

[15] Leonor Freire COSTA, Maria Manuela ROCHA, Tanya ARAÚJO, «Capital and economic performance: trust and distrust in eighteenth century gold shipments from Brazil», *European Review of Economic History*, n.º 15, 2011, pp. 1-27.

Resumos / *Abstracts*

J. P. Losty

Identifying the artist of Codex Casatanense *1889*

Abstract

This paper examines the paintings in the Codex looking for evidence of artistic identity. The earlier idea of a European artist is rejected, but the probable European source of the compositional format in types is identified. The various styles of Indian painting current at the time of the Codex's creation are discussed and resemblances between these styles and that of the Codex painter identified. Evidence of his Indian origin is found in the artist's handling of spatial relationships, of architectural features and of the human figure. It is concluded that the painter of the Codex was a Sultanate artist trained in Gujarat or Mandu who was subsequently based in Goa.

Keywords*: painting, Sultanate, Indo-Portuguese, types.*

Resumo

O presente artigo analisa as pinturas do códice, procurando indícios para a identidade artística do seu autor. A anterior ideia de se tratar de um artista europeu é rejeitada, mas sustenta-se a probabilidade de se estar perante um formato composicional «em tipos», de origem europeia. Discutem-se os vários estilos desenvolvidos na pintura indiana à altura da criação do códice, identificando-se as suas semelhanças com as escolhas do autor. Como indícios da origem indiana do artista, salientam-se o tratamento das relações espaciais, dos elementos arquitectónicos e da figura humana. Conclui-se que o pintor do códice era um artista formado no sultanato do Guzerate ou em Mandu, e que posteriormente se teria estabelecido em Goa.

Palavras-chave: pintura, sultanato, indo-português, tipos.

Rui Manuel Loureiro

Information Networks in the Estado da Índia*, a Case Study: Was Garcia de Orta the Organizer of the* Codex Casanatense *1889?*

Abstract

Several Portuguese writers working in India during the sixteenth century on specific cultural projects were able to mobilize important information networks across maritime Asia. Outstanding examples, among many others, include Duarte Barbosa, Gaspar Correia,

Dom João de Castro and Garcia de Orta. Each one of them worked and wrote under diverse circumstances, using different methods and receiving dissimilar support from the Portuguese authorities. But they were able to muster many of the official textual resources available from the Estado da Índia, while at the same time availing themselves of the collaboration of countless European and Asian informers. The chosen case study in the present instance is Garcia de Orta, the celebrated Portuguese physician and naturalist active in India between 1534 and 1568, for he offers a remarkable example of a private enterprise of information collection. Furthermore, Orta's case is particularly noteworthy in the context of a research project dealing with the renowned manuscript Codex Casanatense 1889*, which could have been organized or ordered by none other than the Portuguese writer himself.*

***Keywords**:* Codex Casanatense*, Garcia de Orta, iconography, information networks,* Estado da Índia*, sixteenth century.*

Resumo

Diversos escritores portugueses que, ao longo do século XVI, trabalharam em projectos culturais específicos conseguiram mobilizar importantes redes de informação através da Ásia marítima. Alguns exemplos mais relevantes são Duarte Barbosa, Gaspar Correia, D. João de Castro ou Garcia de Orta. Cada um deles viveu e escreveu em circunstâncias diversas, usando diferentes métodos de trabalho e recebendo distintos apoios das autoridades portuguesas. Porém, todos conseguiram mobilizar relevantes recursos textuais disponíveis no âmbito oficial do Estado da Índia, ao mesmo tempo que reuniram notícias fornecidas por um vasto conjunto de informadores europeus e asiáticos. Garcia de Orta, o célebre médico e naturalista português que esteve activo no Oriente entre 1534 e 1568, é o caso de estudo aqui escolhido, pois configura um notável exemplo de um empreendimento privado de recolha de informações. Além do mais, o caso de Orta revela-se particularmente interessante no contexto de um projecto de investigação sobre o célebre *Codex Casanatense 1889*, já que o escritor português poderia ter sido o organizador e inspirador de tão notável colectânea iconográfica.

Palavras-chave: *Códice Casanatense*, Garcia de Orta, iconografia, redes de informação, Estado da Índia, século XVI.

Ernst van den Boogaart

Civility and sin: the survey of the peoples, polities and religions of Portuguese Asia in the Codex Casanatense

Abstract

Using a Western iconographic model for the representation of society, consisting of images of couples and customs, the Indian artist of the Codex Casanatense *presents the peoples of Portuguese Asia according to a geographic order running from West to East, and classified according to culture area and degree of civility. The presentation was based on the anthropological notion that all human beings are capable of achieving a lesser or greater mastery over nature, other human beings and themselves, but are unable to permanently*

observe the just ethical mean. Attention to variety and hierarchical order among peoples is thus combined with a discourse about underlying similarity and equality. In view of the Portuguese-Indian origin of the codex, this Western interpretation of the images needs to be complemented by an interpretation from an Indian perspective.

***Keywords**: early-modern iconography, Western representation of Asians, early-modern anthropology, concept of civility, figurational sociology.*

Resumo

Representando a sociedade através de um modelo iconográfico ocidental assente no uso de imagens de casais e costumes, o artista indiano do *Códice Casanatense* apresenta os povos da Ásia portuguesa de acordo com uma ordenação geográfica do Poente para o Nascente, classificados por áreas culturais e graus de civilidade. Esse ordenamento baseou-se na noção antropológica de que todos os seres humanos são capazes de atingir um determinado grau de domínio da natureza, dos outros seres humanos e deles próprios, mas incapazes de observar de forma constante um justo princípio ético. A atenção à variedade e à disposição hierárquica entre esses povos é assim combinada com um discurso que visa sublinhar similaridades e pontos em comum. Considerando a origem luso-indiana do códice, esta interpretação ocidental deve vir a ser complementada por uma outra, de perspectiva indiana.

Palavras-chave: iconografia moderna, representação ocidental dos povos asiáticos, antropologia moderna, conceito de civilidade, sociologia figuracional.

Ana Paula Avelar

Da representação do "outro" no Códice Casanatense*, ou como as representações visuais se aliam a uma cronística da expansão*

Resumo

Ao longo deste artigo analisam-se os desenhos policromados, inclusos no códice n.º 1889, guardado na Biblioteca Casanatense de Roma, e a sua eventual articulação com as descrições narrativas que, no início do século XVI, descrevem a presença portuguesa no Índico. Considera-se que estes desenhos não corporizam uma prática isolada de representação visual desse espaço, nomeadamente de algumas das suas comunidades humanas, mas que essa prática de representação visual é entendida em Quinhentos como um dos processos de melhor descrever aquelas novidades. Deste modo, o desenho, de certa forma, complementaria as descrições narrativas daqueles lugares. Por seu turno, a descrição do Outro é um dos tópicos narrativos nucleares dos textos que visam descrever a permanência portuguesa nos espaços asiáticos. Consequentemente, a par da análise das figurações do Outro no *Códice Casanatense*, confrontam-se os modos de representação narrativa usados na cronística portuguesa da Expansão. Evidenciam-se igualmente diferentes nexos interdiscursivos, desocultando-se processos de transmissão da imagem do(s) Outro(s), nos textos matriciais de Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros e Gaspar Correia.

Palavras-chave: cronística da Expansão, representação visual, representação narrativa, alteridade, imagiologia.

Abstract

In this article we analyze the polychromatic drawings of the codex n.1889 kept in Rome's Casanatense Library, and their supposed articulation with the narratives that describe Portuguese presence in the Indic in the early sixteenth century. In our view these drawings should not be considered an isolated practice of the visual representation of that space, namely of some of its human communities, but, instead, this visual practice should be understood as one of the main coeval practices of describing those novelties. On the other hand, the description of the Other is one of the main topics of the texts that aim to describe Portuguese presence in Asian regions. Hence we analyze the representation of the Other in the Codex Casanatense*, and we confront it with the Portuguese expansion chronicles' representation strategies. We also focus on different interdiscursive nexus in order to unveil the processes of transmission of the image of the Other(s) in Fernão Lopes de Castanheda's, João de Barros' and Gaspar Correia's matrix texts.*

Keywords*: expansion chronicle, visual representation, narrative, alterity, imagology.*

Vasco Resende

From illustration to identification: some remarks on the representation of Turko-Persian peoples in the Codex Casanatense *1889*

Abstract

The Codex Casanatense *1889 consists of a series of watercolours, unique in its genre, by an unknown artist, portraying the inhabitants of 16th century Indian Ocean. Our aim in this paper is, on the one hand, to focus on the plates illustrating characters from the Turko-Persian world while trying to understand if they display any "ethnological" intentions. On the other hand, by comparing the watercolours with information gathered from other contemporary sources, we can safely sustain that the handwritten captions were probably added at a later date by a different hand. This assertion raises many questions about the inner coherence of this outstanding work.*

Keywords*: Turko-Persian, Casanatense, watercolours, Indian Ocean, ethnology.*

Resumo

O *Codex Casanatense* 1889 consiste numa série de aguarelas, única no género, da autoria de um artista desconhecido, representando os habitantes do oceano Índico no século XVI. Neste artigo, o nosso objectivo é, por um lado, focalizar a atenção sobre as imagens que ilustram personagens oriundas do mundo turco-iraniano, tentando simultaneamente compreender se as mesmas desvelam intenções «etnológicas». Por outro lado, ao compararmos as aguarelas com a informação recolhida noutras fontes contemporâneas, podemos concluir com alguma segurança que as legendas manuscritas foram provavelmente acrescentadas por uma pluma diferente, numa data posterior. Esta afirmação levanta questões várias acerca da coerência interna desta obra excepcional.

Palavras-chave: Turco-iraniano, Casanatense, aguarelas, oceano Índico, etnologia.

Peter Mason

"Cobras da Índia de duas cabeças não fazem mal" Codex Casanatense *1889, fl. 91*

Abstract

The long, if uneven, history of alleged sightings of serpents with a head at each end of their body – known in the ancient world as amphisbaenae *– extends at least from the fifth century BC to as late as the eighteenth century AD. This shows that, in presenting an image of such a two-headed snake, the illustrator of the* Codex Casanatense *was in illustrious company.*

Keywords*:* amphisbaena, *imaginary beings, natural history illustration, India.*

Resumo

A longa e tortuosa história de alegados avistamentos de serpentes com uma cabeça em cada extremidade do corpo – conhecidas como *amphisbaenae* no mundo antigo – estende-se pelo menos do século V a.C. até ao século XVIII d.C. Ao representar essa cobra de duas cabeças, o ilustrador do *Códice Casanatense* estava portanto em ilustre companhia.

Palavras-chave: *amphisbaena*, seres imaginários, ilustração de história natural, Índia.

Vítor Serrão

O pintor Simão Rodrigues e a posse do Codex Casanatense *em 1628: fortuna, atribulações e influências artísticas*

Resumo

A partir de um desenho acrescentado ao *Códice Casanatense* com a figuração de uma criança monstruosa nascida na Mouraria em 1628, analisam-se as circunstâncias em que, depois de ter sido conservado no Colégio de São Paulo de Goa, em mãos do padre João da Costa, e de ser recuperado de um saque, o famoso álbum foi conhecido em círculos de resistência anticastelhana seduzidos pela nostalgia das glórias dos portugueses. O desenho em causa sugere que o códice tenha estado na posse do pintor Simão Rodrigues (que retratou o menino-monstro) e de um dos seus mentores iconográficos, o padre jesuíta Diogo de Areda. Analisam-se as influências exóticas e orientalizantes manifestas em pinturas da época (de artistas como André Reinoso e o próprio Simão Rodrigues), numa altura em que o culto de São Francisco Xavier, o apóstolo das Índias, se desenvolvia com força, antes mesmo da sua canonização em 1622. À luz da situação sociopolítica do tempo de Filipe III de Portugal, o prodígio da Mouraria (bem descrito no *Memoria* de Pedro Rodrigues Soares, um autor sebastianista) foi visto como sinal divino e nessa perspectiva fazia sentido a sua memorização junto aos desenhos coloridos de povos da Ásia, em contraste

com a crise da governação pró-castelhana. Integrado junto às exaltantes imagens dos povos desse Oriente, o menino-prodígio era passível de ser visto como signo do destino providencial da nação portuguesa no mundo, que urgia ser recuperado.

Palavras-chave: prodígios, criança monstruosa, pintura protobarroca, naturalismo, resistência anticastelhana, Simão Rodrigues, Pedro Rodrigues Soares, André Reinoso, padre Diogo de Areda.

Abstract

Using a drawing added to the Codex Casanatense *with the figuration of a monstrous child born in Mouraria in 1628 as a starting point, we analyze the circumstances in which, after having been kept in Saint Paul College of Goa in the hands of father João da Costa, and being retrieved from pirates, the famous album circulated in circles of anti-Castilian resistance attracted by the nostalgia of the glories of the Portuguese. The drawing in question suggests that the Codex has been in possession of the painter Simão Rodrigues (who painted the monster-child) and of one of his iconographical mentors, the Jesuit father Diogo de Areda. We analyzed the exotic and orientalizing influences manifest in contemporary paintings (of artists like André Reinoso and Simão Rodrigues himself), in a time in which the cult of St. Francis Xavier, the apostle of the Indies, was developing strongly, even before his canonization in 1622. In the light of the socio-political situation of the time of Philip the Third of Portugal, the Mouraria prodigy (well described in the* Memorial*, by Pedro Rodrigues Soares*, a Sebastianist author*) was seen as a divine warning against the pro-Castillian regime. This fortuitous confluence of circumstances would explain the occurrence of the drawing of the baby along the colorful drawings of the Asian peoples. Together with the images of the peoples of that East, evocative of former glory, the child-prodigy could be seen as a providential sign of the future restoration of the Portuguese World Empire.*

Keywords*: prodigies, monstrous child, proto-baroque painting, naturalism, anti-Castilian resistance, Simão Rodrigues, Pedro Rodrigues Soares, André Reinoso, padre Diogo de Areda.*

Andreia Martins e Pedro Pinto

Da caça de Mondragón à guarda do Estreito de Gibraltar (1508-1513): os guardiões da memória de Duarte Pacheco Pereira e a economia da mercê nos séculos XVI-XVII

Resumo

O artigo apresenta nova documentação relativa ao episódio do primeiro ataque a uma nau da Carreira da Índia, a nau de Job Queimado, e o papel desempenhado por Duarte Pacheco Pereira na perseguição do pirata Mondragón. Primeiramente, mostraremos como o pirata não chegou a ser capturado pelos portugueses. Duarte Pacheco Pereira tornou-se capitão-mor de várias armadas enviadas ao Estreito de Gibraltar. O seu desempenho no estreito nos anos de 1509, 1510, 1511 e 1513 vem complementar a lacuna documental sobre as suas actividades após a redacção do *Esmeraldo de Situ Orbis*. Em seguida, mostraremos como a documentação régia enviada por D. Manuel I a Duarte Pacheco Pereira foi preservada pelos seus descendentes e utilizada para obter da Coroa

mercês adicionais, baseadas no seu serviço, durante mais de um século. O artigo é complementado por um apêndice documental onde se apresentam as transcrições da documentação existente no Arquivo Almada Lencastre Basto, na Biblioteca Nacional de Portugal.

Palavras-chave: corso, armadas, Norte de África, carreira da Índia, economia da mercê, arquivos de família.

Abstract

The article presents new documentation regarding the episode of the first attack on a ship of the Carreira da Índia, the nau of Job Queimado, and also on the role played by Duarte Pacheco Pereira in his pursuit of the pirate Mondragón. Firstly, we shall show how the pirate Mondragón was not captured and how Duarte Pacheco became the captain of several fleets that protected the Strait of Gibraltar during the years of 1509, 1510, 1511 and 1513, thus shedding light over his activities after the writing of the Esmeraldo de Situ Orbis*. Secondly, we will discuss the use of the documents written by D. Manuel I to Duarte Pacheco in the context of those fleets and how these documents were preserved by his descendants and used to obtain further gratifications by the Portuguese Crown through the course of over a century. The paper is complemented by a transcription of the main documentation regarding the activities of Duarte Pacheco Pereira, located at the Arquivo Almada Lencastre Basto, at the Biblioteca Nacional de Portugal.*

Keywords*: privateering, fleets, Northern Africa, carreira da Índia, economy of grant, family archives.*

Rafael Valladares e António Sanchéz Martínez

Mapas para una guerra. La descripción de las costas de Portugal del Almirante Don António da Cunha e Andrada (1641-1661)

Resumo

A rebelião bragantina de 1640 provocou uma guerra entre Portugal e a monarquia espanhola, até 1668. A tática da Coroa espanhola para recuperar Portugal foi repetir a operação militar de 1580, quando Filipe II de Espanha conquistou esse reino. No entanto, Madrid atrasou o conflito, porque tinha outras prioridades. Consequentemente, alguns soldados aproveitaram a oportunidade para apresentar planos alternativos para a recuperação de Portugal. Um deles foi o projeto do almirante português António da Cunha e Andrada, apresentado duas vezes, em 1641 e em 1661, sem sucesso. A primeira parte deste artigo examina a figura de Cunha e Andrada no seu contexto histórico. A segunda parte analisa a sua *Descripción de las Costas de Portugal* como um atlas náutico corsário no contexto cartográfico do mundo ibérico no século XVII. A terceira parte é a transcrição completa do documento, com os seus 13 mapas.

Palavras-chave: António da Cunha e Andrada, Felipe IV, atlas náutico, corso, Guerra da Restauração, monarquia espanhola.

Abstract

Braganza's rebellion of 1640 provoked a war between Portugal and the Spanish monarchy until 1668. The tactic of the Spanish Crown to recover Portugal was to repeat the military operation of 1580, when Philip II conquered this kingdom. However, Madrid delayed this because of other priorities. Consequently, some soldiers took the opportunity to present alternative plans for the recovery of Portugal. One of them was the project from the Portuguese admiral António da Cunha e Andrada, presented twice, in 1641 and in 1661, without success. The first part of this article examines the figure of Cunha e Andrada in its historical context. The second part analyzes the Descripción de las Costas de Portugal *as a nautical atlas for privateers in the cartographic context of the Iberian world in seventeenth century. The third part corresponds to the transcription of the entire document with its thirteen maps.*

Keywords*: António da Cunha e Andrada, Philip IV, nautical atlas, privateering, Portuguese Restoration War, Spanish monarchy.*

Stephen C. Berkwitz

In praise of the Portuguese: images of power and religion in seventeenth-century Ceilão

Abstract

Around 1619, Alagiyavanna Mukuveṭi, a Sinhala court poet and convert to Catholicism during the expansion of Portuguese rule in Ceilão, composed a poetic work of around 189 stanzas called Kustantīnu Haṭana *(The War of Constantino). This text is noteworthy for its reliance on poetic conventions and religious ideas adopted from Sinhala Buddhist culture. This essay will examine images of power and religion in this work to gain insights into how a Buddhist convert and civil servant under Portuguese authority transformed the figure of the resident* capitão-geral *Constantino de Sá de Noronha and the religion of the Portuguese in local terms.*

Keywords*: poetry, Portuguese colonialism, Ceilão, Buddhism, conversion.*

Resumo

Por volta de 1619, Alagiyavanna Mukuveṭi, poeta da corte cingalesa e convertido ao catolicismo durante a expansão do domínio português no Ceilão, escreveu uma obra poética de cerca de 189 estrofes chamada *Kustantīnu Haṭana* (A Guerra de Constantino). Esse texto é notável pela sua dependência de convenções poéticas e ideias religiosas adoptadas a partir da cultura budista cingalesa. Este ensaio analisará as imagens de poder e religião nesse trabalho, para obter conhecimento sobre o modo como um convertido budista e servidor das autoridades portuguesas transformou a figura do *capitão-geral* residente Constantino de Sá de Noronha e da religião dos Portugueses em termos locais.

Palavras-chave: poesia, colonialismo português, Ceilão, budismo, conversão.

Pedro Nobre

As dissensões sobre o domínio da navegação no rio de Maim no contexto do relacionamento luso-britânico em Bombaim (1716-1722)

Resumo

Os antagonismos luso-britânicos que emergiram na ilha de Bombaim a partir de 1665 ganharam uma nova dimensão com os confrontos de 1716 e 1722 em torno da navegação no rio de Maim e, consequentemente, dos direitos alfandegários com ele relacionados. O facto de nessa altura também existirem outros importantes focos de divergência (sobretudo territoriais) determina uma conjuntura especialmente elucidativa das relações anglo-portuguesas naquela região indiana.

Palavras-chave: Bombaim, Salsete, Rio de Maim, jesuítas, East India Company.

Abstract

The Anglo-Portuguese opposition that arose in Bombay since 1665 reached a new dimension with the 1716 and 1722 clashes. These disputes resulted from disagreements about navigation control and custom rights on the Mahim river. Further territorial and bordering conflicts make this conjuncture particularly interesting to understand the interaction between Portuguese and Englishmen in that part of the Indian subcontinent.

***Keywords**: Bombay, Salset, Maim River, jesuits, East India Company.*

PROCEDIMENTOS EDITORIAIS

Para que melhor se compreenda a avaliação dos textos dirigidos aos AHAM, explicitam-se abaixo, com algum pormenor, os passos mais importantes de todo o processo.

1. Proposta

a) Espontânea: sem obediência a datas precisas.

Os AHAM estão sempre abertos a propostas espontâneas;

b) Em resposta a *calls for papers*, para compor dossiers temáticos;

c) Por convite de directores de dossiers temáticos ou do Conselho de Redacção (CR).

2. Agradecimento e breve explicação do processo

Realiza-se no prazo máximo de uma semana.
Da responsabilidade do secretariado do CR.

3. Primeira avaliação

Tarefa do coordenador do CR, assessorado por um segundo integrante do mesmo conselho, tendo em linha de conta a originalidade, a relevância, o rigor metodológico, a actualidade da bibliografia citada, a qualidade da redacção da proposta e a pertinência do tema escolhido para o perfil da revista.

Em caso de dúvida, o caso pode ser debatido por todo o Conselho.

Comunicações de recusa devem ser feitas até 15 dias depois de formalizada a recepção das propostas.

4. Preparação da arbitragem externa

Todas as propostas de artigos realizadas de forma espontânea ou resultantes de *calls for papers* são submetidas à avaliação científica externa de dois *referees*, em regime de duplo anonimato. As propostas resultantes de convites formalizados por directores de dossiers temáticos ou do CR são submetidas à leitura dos mesmos directores e do coordenador do CR, sendo igualmente consultado ao menos um *referee*, também em regime de duplo anonimato.

A direcção dos procedimentos de escolha dos *referees* cabe ao coordenador do CR, assessorado por outro integrante do mesmo conselho e, eventualmente, por um dos membros do Conselho Consultivo.

Os *referees* nomeados devem ser externos à direcção da revista e ao CR, e não apresentar quaisquer impedimentos de natureza ética ou profissional para uma avaliação adequada – como, por exemplo, serem integrantes da mesma instituição dos autores e terem com eles trabalhado nos últimos três anos.

Num mesmo processo, também se procura evitar a nomeação de dois *referees* da mesma instituição e, inclusive, do mesmo país.

Deve-se escolher pelo menos um avaliador cuja língua nativa seja a do texto proposto.

Prazo estimado: uma semana.

5. Certificação da ausência de marcas de autoria e preparação dos materiais necessários aos *referees*

Muito embora se peça aos autores que tenham o cuidado de omitir quaisquer elementos que possam indicar a sua identidade, o secretariado do CR procede a uma segunda despistagem desses indícios, antes da conversão dos ficheiros enviados aos AHAM num formato que garanta a integridade dos originais.

Ao secretariado do CR, cabe igualmente personalizar as fichas de avaliação.

6. Primeiro contacto com os r*eferees* escolhidos: verificação de disponibilidade

Os *referees* escolhidos são questionados pelo CR sobre o seu interesse pelo tema proposto e a sua disponibilidade para assumirem o compromisso de realizar a avaliação em cerca de um mês.

7. Remessa dos materiais de avaliação

Tão logo haja acordo, o secretariado do CR remete aos *referees* os materiais necessários.

8/9. Avaliação e comunicação de resultados

Feita sempre com base nos mesmos quesitos, a avaliação deve ficar concluída em cerca de dois meses.

Cabe ao coordenador do CR, assessorado por um segundo integrante do mesmo conselho, interpretar a classificação resultante das avaliações recolhidas e comunicá-la em até quinze dias aos autores das propostas.

No caso de serem necessárias alterações aos textos, estabelece-se um prazo de duas a quatro semanas para a sua entrega.

10. Últimos ajustes

A eventual permanência de aspectos menos precisos ou em desacordo com a avaliação realizada pode levar a um novo diálogo entre o coordenador do CR e os autores das propostas, para um conjunto de derradeiros ajustes.

Este último passo não deve exceder duas semanas.

EDITORIAL PROCESS

For a better understanding of the assessment process of all proposals submitted to the *Anais de História de Além-Mar – Annals of Overseas History* (AHAM), the most important steps are explained in some detail below.

1. Submissions

a) Spontaneous – not meeting any specific deadline.

The AHAM are always open to any spontaneous submissions.

b) Following a call for papers for a theme section.

c) After an invitation from either the editors of theme sections or the Editorial Board.

2. Acknowledgement and brief explanation of the process

It takes place within a week.

It is the responsibility of the Editorial Board.

3. First assessment

Conducted by the coordinator of the Editorial Board, assisted by a second member of the same board; it takes into account the submission's originality, relevance, methodological rigour, the up-to-date nature of the works cited, the quality of writing, and the pertinence of the theme proposed to the AHAM.

In case of doubt, all members of the Board may be asked to intervene.

Refusals shall be communicated to the authors within 15 days after the formal acknowledgment of a submission.

4. Preparing external arbitration

Both spontaneous submissions and those that result from a call for papers are submitted to an external, double-blind scientific assessment conducted by two referees. Submissions that result from invitations either from the editors of theme sections or from the Editorial Board are read by the same editors and by the coordinator of the Editorial Board, with at least one referee also being consulted (equally under a double-blind process).

The coordinator of the Editorial Board is responsible for leading the process of choosing the referees, being assisted by another member of the same Board and possibly by a member of the Advisory Board.

The appointed referees should neither be part of the journal's editorial team nor of the Editorial Board, nor have any ethical or professional constraint that may hinder an adequate assessment (e.g. belong to the same institution as the authors or have worked with them during the previous three years).

The appointment of two referees from the same institution and even from the same country, in the same evaluation, should also be avoided.

The native language of at least one of the referees should be the same as of the text submitted.

Estimated time: one week.

5. Certification of the absence of marks of authorship and preparation of the materials needed by the referees

Even though we ask authors to omit any elements that may reveal their identity, the secretariat of the Editorial Board conducts a second screening looking for such clues, before converting the files sent to the AHAM to a format that guarantees the integrity of the originals.

The secretariat of the Editorial Board is also in charge of customising the assessment forms.

6. First contact with the selected referees – checking their availability

The Editorial Board asks the selected referees about their interest in the proposed theme and their availability to take the commitment of carrying out the assessment in about a month.

7. Sending the material for assessment

As soon as an agreement is reached, the secretariat of the Editorial Board sends the necessary material to the referees.

8/9. Assessment and communication of results

Always based on the same queries, the assessment should be complete in two months.

The coordinator of the Editorial Board, assisted by a second member of the same board, interpreters the results of the assessments and communicates them to the authors of the submissions. When changes to the text are deemed necessary, a deadline of two to four weeks is set.

10. Final adjustments

Any aspects that may be either less precise or not according to the assessment could lead to a new dialogue regarding some final adjustments between the coordinator of the Editorial Board and the authors of the submissions.

This last step should not take longer than two weeks.

NORMAS PARA ELABORAÇÃO E APRESENTAÇÃO DE TEXTOS

Submissão e formatação: directrizes gerais

- Todos os textos devem ser submetidos por *e-mail* para o endereço dos AHAM (anais.cham@fcsh.unl.pt), em ficheiros *Microsoft Windows* ou compatíveis, em folhas de formato A4, com margens de 2,5 cm, espaço duplo e letra *Times New Roman* em tamanho 12.
- As propostas de artigo devem ser entregues livres de marcas de autoria, acompanhadas por um resumo de até 100 palavras, em português e inglês; de quatro a seis palavras-chave, nas mesmas línguas, e de uma breve nota curricular, com endereço institucional e contacto *e-mail* actualizados, em ficheiro separado.
- Os subtítulos de divisões do texto devem ser grafados a negrito.
- O uso de itálico restringe-se a expressões estrangeiras e a destaques realizados em citações.
- No caso de os artigos integrarem palavras em outros alfabetos ou com sinais diacríticos, os autores devem providenciar o respectivo *software* de leitura, no acto de entrega do texto.
- Gráficos e imagens devem ser entregues em ficheiros separados, em formato JPEG, GIF ou TIF, em alta resolução (mínimo de 200 dpi).
- Tabelas, gráficos ou figuras devem ser numerados, ter um título e, sempre que provenham de outra fonte, tê-la claramente nomeada.
- Devem ser indicados no texto os locais de inserção de todos os gráficos, tabelas ou imagens.
- Cabe exclusivamente aos autores assegurarem que as imagens têm as autorizações exigidas pela legislação vigente em matéria de direitos de autor.

Línguas de publicação e questões de estilo

- Apenas serão considerados para publicação artigos escritos em português, espanhol, francês ou inglês.
- Para cada uma das línguas de publicação devem seguir-se as normas ortográficas vigentes e as regras de estilo mais indicadas.
- Nomes próprios e apelidos de origem europeia citados no corpo do texto têm a sua grafia modernizada.
- Em cada circunstância, o tipo de aspas recomendado (angulares rectas, curvas ou plicas) varia de acordo com a língua de redacção. Em textos escritos em português, os AHAM recomendam de um modo geral o uso de aspas angulares rectas ou francesas (« »), e aspas curvas ou inglesas (“ ”) em situações de aspas dentro de aspas.

Citações

- Tendo até três linhas, as citações figuram no corpo do texto, entre aspas. Tendo maior extensão, destacam-se em parágrafo próprio, tamanho 11, com recuo de 1,25 cm à esquerda e espaço simples, sem aspas.
- A introdução de palavras ou termos no corpo das citações assinala-se entre parênteses rectos ([ ]).
- Omissões de trechos de citações identificam-se por reticências, entre parênteses curvos.

– Citações em línguas estrangeiras devem fazer-se no original, disponibilizando-se em nota a respectiva tradução para a língua do texto, sempre que o original seja em língua diversa das admitidas pelos AHAM (português, espanhol, francês ou inglês).

Transcrição de manuscritos

– Tanto é aceitável o estrito respeito pela grafia dos textos manuscritos, como a sua modernização ou, ainda, uma via intermédia, expressas pelos autores as normas de transliteração.

– Aconselha-se a indicação de uma ou mais referências bibliográficas a este respeito.
Por exemplo:

Walter W. Greg, «The rationale of copy-text», in J. C. Maxwell (ed.), *The Collected Papers of Walger W. Greg*, Oxford, Clarendon Press, 1966, pp. 374-391.

José Honório Rodrigues, *Teoria da História do Brasil (Introdução Metodológica)*, 5.ª ed. atualizada, São Paulo, Companhia Editora Nacional; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1978, Cap. 13 («Crítica de textos e a edição de documentos históricos»), pp. 378-404.

P.e Avelino de Jesus da Costa, *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, 3.ª ed. muito melhorada, Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.

Gabriel Audisio et Isabelle Rambaud, *Lire le français d'hier. Manuel de paléographie moderne XVe-XVIIIe siècle*, 3e éd. revue et augmentée, Paris, Armand Colin, 2005.

Notas de rodapé e referências

– Identificadas com algarismos indo-arábicos, as notas de rodapé devem ser escritas em letra de tamanho 10 e espaço simples.

– Fontes e documentos inéditos referem-se de acordo com os critérios que a seguir se utilizam:

a) primeira ocorrência:

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO [ANTT], *Instrumentos de Descrição*, Liv. 399 (Chancelaria da Ordem de Cristo).

BIBLIOTECA DA AJUDA [BA], Cód. 54-VI-1 a 5 («Catálogo de marcas de água consoante os documentos existentes na Biblioteca da Ajuda», de Jordão Apolinário de Freitas).

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL [BNP], *Reservados*, Cód. 864, fls. 302-304 (Lista do auto da fé celebrado na Igreja de Santo Antão de Évora, 26 de Janeiro de 1716). [Consultado em 20/03/2012]. Disponível em http://purl.pt/15393/2/cod-864/cod-864_item2/index.html.

ARCHIVIO SEGRETO VATICANO [ASV], *Archivio Consistoriale*, Acta Camerarii, Vol. 9, fl. 63.

HISTORICAL ARCHIVES OF GOA [HAG], *Monções do Reino*, n.º 6-B, fl. 27 (Carta do rei [Filipe II] para o vice-rei, D. Martim Afonso de Castro, Lisboa, 23 de Março de 1605).

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO [AHU], *Conselho Ultramarino*, São Tomé, Cx. 14, doc. 1 (Ofício do capitão-mor Vicente Gomes Ferreira, para o Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar, Martinho de Melo e Castro, São Tomé, 26 de Fevereiro de 1772).

b) ocorrências seguintes:

BA, Cód. 54-VI-2, fl. [8].

BNP, *Reservados*, Cód. 864, fl. 303.

HAG, *Monções do Reino*, n.º 6-B, fl. 27.

AHU, *Conselho Ultramarino*, São Tomé, Cx. 14, doc. 1.

– As referências bibliográficas dispõem-se nos rodapés, respeitando os critérios plasmados nos seguintes exemplos:

a) primeira ocorrência:

J. P. Oliveira MARTINS, *Portugal em África*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1891.

José Júlio RODRIGUES, *Les colonies portugaises*, Lisbonne, Imprimerie Nationale, 1888 (Extrait des *Bulletins de la Société Royale de Géographie d'Anvers*).

Gilberto FREYRE, *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, 25.ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1987.

C. R. BOXER, *The Portuguese Seaborne Empire 1415-1825*, [2nd ed.], Manchester, Carcanet/ Calouste Gulbenkian Foundation, 1991.

C. R. BOXER, *Fidalgos no Extremo Oriente 1550-1770. Factos e Lendas de Macau Antigo*, trad. Teresa e Manuel Bairrão Oleiro, Macau, Fundação Oriente/ Museu e Centro de Estudos de Macau, 1990, pp. 10-21.

Francisco BETHENCOURT e Kirti CHAUDHURI (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, Vol. 1 («A Formação do Império, 1415-1570»), [Lisboa], Círculo de Leitores, 1998.

A. J. R. RUSSEL-WOOD, «Men under stress: the social environment of the *Carreira da Índia* (1550-1750)», in Luís de Albuquerque e Inácio Guerreiro (eds.), *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, Lisboa, 1985, pp. 19-35.

Jean AUBIN, «Un Voyage de Goa à Ormuz en 1520», *Modern Asian Studies*, Vol. 22, N.º 3 (1988), pp. 417-432.

Jean AUBIN, «Deux Chrétiens au Yémen Tāhiride», *Journal of the Royal Asiatic Society*, Third Series, Vol. 3, N.º 1 (April, 1993), pp. 33-52.

Fernando BOUZA ÁLVAREZ, «Entre dos reinos, una patria rebelde. Fidalgos *portugueses* en la Monarquía Hispánica después de 1640», *Estudis: Revista de historia moderna*, n.º 20 (2004), pp. 83-104. [Consultado em 20/03/2012]. Disponível em http://centros.uv.es/web/departamentos/D235/data/informacion/E129/PDF118.pdf

b) ocorrências seguintes:

J. P. O. MARTINS, op. cit., pp. 117-120.

F. BETHENCOURT e K. CHAUDHURI (dir.), op. cit., Vol. 2, p. 203.

A. J. R. RUSSEL-WOOD, art. cit., p. 20.

F. BOUZA ÁLVAREZ, art. cit., p. 90.

G. FREYRE, op. cit., *passim*; C. R. BOXER, *Fidalgos*, cit., p. 39, e J. AUBIN, «Deux Chrétiens», cit., pp. 30-31.

– No fim dos artigos, deve figurar a relação integral da bibliografia citada, disposta alfabeticamente pelos apelidos dos autores.

GUIDELINES FOR THE PREPARATION AND SUBMISSION OF MANUSCRIPTS

Submission and formatting: general guidelines

- All manuscripts should be submitted by e-mail to the AHAM (anais.cham@fcsh.unl.pt) in Microsoft Windows or compatible files. The text should be written on A4-size pages with 2.5-cm margins, using double-spaced Times New Roman, size 12 pt.
- Submissions should be sent without any authorship marks, together with an abstract of up to 100 words in Portuguese and English, four to six keywords in the same languages, and a brief CV with up-to-date professional and e-mail addresses in a separate file.
- The subtitles of the divisions of the text should be written in bold.
- The use of italics is limited to foreign words or phrases and to highlights in quotations.
- Whenever needed, authors should provide with their texts the appropriate software for reading other alphabets or diacritic signs.
- Graphs and images should be submitted in separate files (JPEG, GIF or TIF format) and in high resolution (minimum 200 dpi).
- Tables, graphs, and figures should be numbered, have a title, and if applicable, have their source clearly indicated.
- The place where all graphs, tables and images are to be inserted should be indicated in the text.
- It is solely the authors' responsibility to get all the necessary authorisations required by copyright law for the use of images.

Languages and style

- Only submissions written in Portuguese, Spanish, French, or English will be considered for publication.
- Standard spelling and the most appropriate style should be used for each of the languages of publication.
- The spelling of given names and surnames of European origin should be modernised when mentioned in the body of the text.
- In each case, the recommended type of quotation marks (angle quotes, double quotes, or single quotes) varies with the language used. In texts written in Portuguese, AHAM generally recommends the use of angle quotes or French quotation marks (« »), along with double quotes or inverted commas (“”) when there is a quotation within a quotation.

Quotations

- Up to three lines, quotations are included in the body of the text inside quotation marks. With a greater length, they are set off in a separate paragraph and written in single-spaced Times New Roman, size 11 pt, with a 1.24 cm left margin and no quotation marks.
- The introduction of words or phrases inside quotations is placed inside square brackets ([ ]).
- The elimination of words or phrases from quotations is marked with ellipsis inside round brackets.

– Quotations in foreign languages should be presented in the original, and only translated to the language of the text in a note if the original is not in one of AHAM's languages of publication (Portuguese, Spanish, French, or English).

Transcription of manuscripts

– Authors could either strictly respect the spelling of manuscript texts, modernise it, or adopt an intermediate approach, mentioning the transliteration rules.

– We recommend that authors refer to one or more sources on this subject. For instance:

Walter W. Greg, "The rationale of copy-text", in J. C. Maxwell (ed.), *The Collected Papers of Walger W. Greg*, Oxford, Clarendon Press, 1966, pp. 374-391.

José Honório Rodrigues, *Teoria da História do Brasil (Introdução Metodológica)*, 5.ª ed. atualizada, São Paulo, Companhia Editora Nacional; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1978, Cap. 13 ("Crítica de textos e a edição de documentos históricos"), pp. 378-404.

P.e Avelino de Jesus da Costa, *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, 3.ª ed. muito melhorada, Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.

Gabriel Audisio et Isabelle Rambaud, *Lire le français d'hier. Manuel de paléographie moderne XV^e^-XVIII^e^ siècle*, 3e éd. revue et augmentée, Paris, Armand Colin, 2005.

Footnotes and bibliographical references

– All footnotes should be written in single-spaced Times New Roman, size 10 pt, and numbered consecutively (1, 2, 3, etc).

– Unpublished sources and documents are referred to according to the following criteria:

a) First reference:

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO [ANTT], *Instrumentos de Descrição*, Liv. 399 (Chancelaria da Ordem de Cristo).

BIBLIOTECA DA AJUDA [BA], Cód̀s. 54-VI-1 a 5 ("Catálogo de marcas de água consoante os documentos existentes na Biblioteca da Ajuda", de Jordão Apolinário de Freitas).

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL [BNP], *Reservados*, Cód. 864, fls. 302-304 (Lista do auto da fé celebrado na Igreja de Santo Antão de Évora, 26 de Janeiro de 1716). [accessed 20/03/2012]. Available http://purl.pt/15393/2/cod-864/cod-864_item2/index.html.

ARCHIVIO SEGRETO VATICANO [ASV], *Archivio Consistoriale*, Acta Camerarii, Vol. 9, fl. 63.

HISTORICAL ARCHIVES OF GOA [HAG], *Monções do Reino*, n.º 6-B, fl. 27 (Carta do rei [Filipe II] para o vice-rei, D. Martim Afonso de Castro, Lisboa, 23 de Março de 1605).

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO [AHU], *Conselho Ultramarino*, São Tomé, Cx. 14, doc. 1 (Ofício do capitão-mor Vicente Gomes Ferreira, para o Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar, Martinho de Melo e Castro, São Tomé, 26 de Fevereiro de 1772).

b) Subsequent references:

BA, Cód. 54-VI-2, fl. [8].

BNP, *Reservados*, Cód. 864, fl. 303.

HAG, *Monções do Reino*, n.º 6-B, fl. 27.

AHU, *Conselho Ultramarino*, São Tomé, Cx. 14, doc. 1.

– Bibliographical references are presented in footnotes respecting the criteria illustrated in the following examples:

a) First reference:

J. P. Oliveira Martins, *Portugal em África*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1891.

José Júlio Rodrigues, *Les colonies portugaises*, Lisbonne, Imprimerie Nationale, 1888 (Extrait des *Bulletins de la Société Royale de Géographie d'Anvers*).

Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, 25.ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1987.

C. R. Boxer, *The Portuguese Seaborne Empire 1415-1825*, [2nd ed.], Manchester, Carcanet/ Calouste Gulbenkian Foundation, 1991.

C. R. Boxer, *Fidalgos no Extremo Oriente 1550-1770. Factos e Lendas de Macau Antigo*, trad. Teresa e Manuel Bairrão Oleiro, Macau, Fundação Oriente/Museu e Centro de Estudos de Macau, 1990, pp. 10-21.

Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, Vol. 1 ("A Formação do Império, 1415-1570"), [Lisboa], Círculo de Leitores, 1998.

A. J. R. Russel-Wood, "Men under stress: the social environment of the *Carreira da Índia* (1550-1750)", in Luís de Albuquerque e Inácio Guerreiro (eds.), *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, Lisboa, 1985, pp. 19-35.

Jean Aubin, "Un Voyage de Goa à Ormuz en 1520", *Modern Asian Studies*, Vol. 22, Nº 3 (1988), pp. 417-432.

Jean Aubin, "Deux Chrétiens au Yémen Tāhiride", *Journal of the Royal Asiatic Society*, Third Series, Vol. 3, Nº 1 (April, 1993), pp. 33-52.

Fernando Bouza Álvarez, "Entre dos reinos, una patria rebelde. Fidalgos *portugueses* en la Monarquía Hispánica después de 1640", *Estudis: Revista de historia moderna*, n.º 20 (2004), pp. 83-104. [accessed 20/03/2012]. Available http://centros.uv.es/web/departamentos/D235/data /informacion/E129/PDF118.pdf

b) Subsequent references:

J. P. O. Martins, op. cit., pp. 117-120.

F. Bethencourt e K. Chaudhuri (dir.), op. cit., Vol. 2, p. 203.

A. J. R. Russell-Wood, art. cit., p. 20.

F. Bouza Álvarez, art. cit., p. 90.

G. Freyre, op. cit., *passim*; C. R. Boxer, *Fidalgos*, cit., p. 39, e J. Aubin, "Deux Chrétiens", cit., pp. 30-31.

– All works cited should be listed alphabetically by the authors' surname at the end of the manuscript.